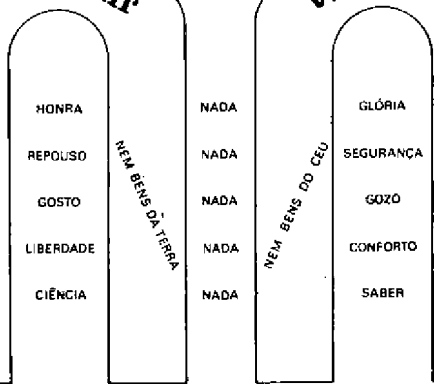
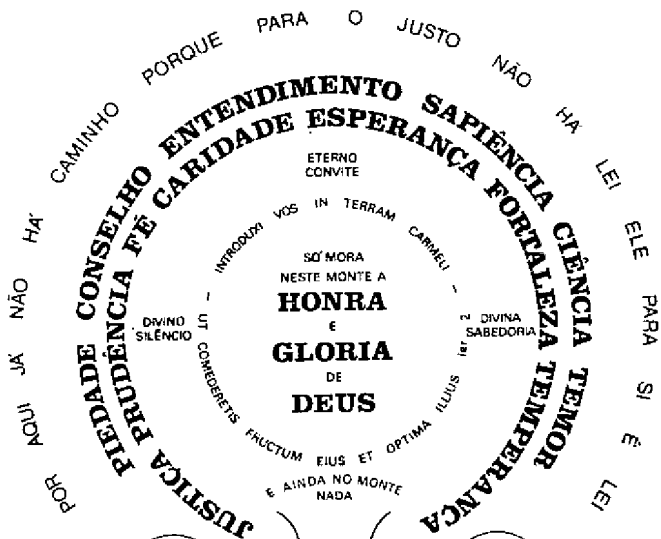


INTIMIDADE DIVINA



PARA VIR A GOSTAR, A SABER, A POSSUIR, A SER TUDO, NÃO QUEIRAS NEM GOSTAR, NEM SABER, NEM POSSUIR, NEM SER NADA. DEVES PROSSEGUIR O TEU CAMINHO SEM GOSTAR, SEM SABER, SEM POSSUIR; DEVES IR POR ONDE NADA É

MONTE DA PERFEIÇÃO

<http://alexanmacalica.blogspot.com.br>

P. GABRIEL DE S.ta M. MADALENA
O. C. D.

INTIMIDADE DIVINA

*MEDITAÇÕES SOBRE A VIDA INTERIOR
PARA TODOS OS DIAS DO ANO*

Segunda edição

Traduzida da 12.^a edição italiana

Edições Carmelitanas — R. de Gondarém, 508
Foz do Douro — PORTO

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

CENSURA ORDINIS

Nihil obstat quominus imprimatur

Porto, 16-7-67

Fr. Fernando Villabona, O. C. D.

Fr. Benedito Arbeloa, O. C. D.

IMPRIMI POTES

Porto, 16-7-67

Fr. Angelo M.^a de S. José, O. C. D.

Delegado Provincial

NIHIL OBSTAT

Portalegre, 21-7-67

P. Manuel Rodrigues Martins

IMPRIMATUR

21-7-67

+ Augustinus, Ep. Port. — C. Albi

APRESENTAÇÃO

O extraordinário êxito alcançado pela obra Intimità divina entre o Clero, Religiosos, almas consagradas a Deus no mundo, Acção Católica e simples fiéis, constituiu digna coroa para a vida do Autor, empenhado em procurar a união íntima com Deus pelo apostolado da difusão da vida interior.

O saudoso Padre Gabriel de S.ta Maria Madalena entrou na Ordem dos Carmelitas Descalços aos dezasseis anos, em 1910 no Carmelo de Bruges, Bélgica.

A guerra mundial de 1914-18 obrigou-o a prosseguir os seus estudos de filosofia e teologia na Irlanda. Foi ordenado sacerdote em 1919. De 1919 a 1926, enquanto ensinava filosofia na Casa de estudos que a Ordem possui em Courtrai (Bélgica), teve ensejo de aperfeiçoar os seus estudos na Universidade de Lovaina, depois veio para Roma onde frequentou o Instituto Pontifício «Angelicum».

De 1926 a 1936 foi o educador espiritual dos jovens teólogos do Colégio Internacional de Santa Teresa em Roma, onde ao mesmo tempo ensinou teologia. Desde 1931 até à sua morte (15 de Março de 1953), dedicou-se principalmente aos estudos de teologia espiritual. Neste último período, os seus dotes excepcionais de professor e de mestre de espírito foram-se afirmando progressivamente quer em conferências acerca da espiritualidade carmelitana, feitas em Roma e nas cidades principais da Itália, quer em numerosas publicações sobre S.ta Teresa de Jesus, S. João da Cruz, S.ta Teresa do Menino Jesus e S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus.

Era membro da Academia romana de S. Tomás de Aquino e Consultor da Sagrada Congregação dos Ritos.

Pela palavra e mais ainda pelos seus escritos, este grande religioso e insigne mestre espiritual tornou-se um ardoroso animador do movimento espiritual em Itália.

Em 1941 fundou a revista Vita Carmelitana que em 1947 passou a intitular-se Rivista di vita spirituale e que desde então continua a difundir essa doutrina de vida da qual hoje, mais do que nunca, as almas sentem imperiosa necessidade.

O P. Gabriel conhecia profundamente as exigências espirituais do nosso tempo e compreendia também a missão característica do Carmelo na Igreja, que é a de conduzir as almas a uma vida de íntima união com Deus mediante a prática da oração mental.

Daí lhe veio a ideia de uma Obra que, inspirando-se nos grandes mestres do Carmelo, expusesse toda a doutrina da vida espiritual em forma de meditações simples mas substanciais, iniciando as almas na oração mental.

A Intimità divina pretende, por conseguinte, ordenar as meditações quotidianas «de tal maneira que, no curso de um ano, passem pelos olhos da alma os problemas mais fundamentais da vida espiritual e todas as realidades sobrenaturais da vida espiritual com que a vida interior nos põe em contacto». (Prefácio).

Para realizar o seu plano, o P. Gabriel solicitou a colaboração das Carmelitas Descalças do Carmelo de S. José de Roma. Com este objectivo facilitou-lhes todo o vastíssimo material de que dispunha (as suas publicações, os textos das suas conferências, instruções, práticas, etc.); em seguida traçou todo o plano da obra e dirigiu a sua redacção.

Esta colaboração solicitada às suas filhas espirituais do Carmelo foi verdadeiramente providencial.

Após o súbito desaparecimento do insigne mestre, as Carmelitas, em posse de todos os seus manuscritos, puderam levar a feliz termo a publicação da Obra do venerando Padre.

A primeira edição de Intimità divina, rapidamente esgotada, foi acolhida com verdadeiro entusiasmo pelas almas espirituais. Foi pedida a sua tradução em várias línguas. (1)

Numerosíssimas cartas de Prelados, Reitores de Seminários, Superiores e Superioras de casas religiosas, Sacerdotes e leigos, atestam o bem que as almas recebem desta publicação.

Nas sucessivas edições foi simplificado o calendário das meditações, omitindo-se a divisão em meses e seguindo unicamente a ordem das semanas litúrgicas. Por conseguinte, as meditações das festas fixas foram reunidas no fim do volume. (2)

Completo-se o ciclo das meditações para as semanas depois da Epifania.

As alterações para a adaptação à nova estrutura da Obra, foram reduzidas ao mínimo indispensável. O programa, a disposição da matéria, e o texto, permanecem totalmente invariáveis.

(1) A Obra está actualmente impressa em francês, inglês, espanhol, alemão, polaco, flamengo, português, eslavo e japonês. Estão em preparação as traduções: chinesa, malbárica, croata, húngara e vietnamítica.

(2) Exceptuam-se as meditações das festas seguintes: Imaculada, Natal e Epifania que foram intercaladas no decurso das semanas litúrgicas.

Oxalá que esta nova edição de Intimità divina suscite em muitas almas a necessidade duma vida interior profunda e as conduza à íntima união com Deus, fonte de um apostolado verdadeiramente fecundo na Igreja.

P. BENJAMIM da SS.ma Trindade, O. C. D.

Roma, festa de Santa Ana, 26 de Julho de 1955

A D V E R T Ê N C I A

Salvo algumas excepções, os textos da Sagrada Escritura e dos principais autores carmelitas foram tirados das seguintes obras:

- BIBLIA SAGRADA.* Traduzida da Vulgata e anotada pelo P. Matos Soares.
- S. JOAO DA CRUZ - *OBRAS ESPIRITUAIS.* Carmelo de S. José - Fátima.
- S.ta TERESA DE JESUS - *OBRAS.* Edição do P. Silvério de S.ta Teresa.
- S.ta TERESA DO MENINO JESUS - *MANUSCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS.* Apostolado da Imprensa - Porto.
HISTOIRE D'UNE AME,
Cap. XII *CONSEILS ET SOUVENIRS - LETTRES - NOVISSIMA VERBA.* Carmel de Lisieux.
- IR. ISABEL DA TRINDADE - *SOUVENIRS.* Carmel de Dijon.

PREFACIO

A oração mental é um meio indispensável à vida interior e, normalmente, é a sua respiração espontânea. Ordinariamente, porém, tal não se verifica, se a alma não se esforçar por se aplicar a ela durante certo tempo; por outras palavras, é preciso aprender a fazer oração.

Para ensinar às almas este piedoso exercício, foram surgindo os métodos de meditação. Existem vários — e todos eles têm o seu valor — entre eles o método teresiano, assim chamado por ter a sua origem nos ensinamentos de Santa Teresa de Jesus, fundadora das Carmelitas Descalças e grande mestra de vida espiritual.

Há dez anos expusemos este método num opúsculo intitulado *Pequeno catecismo da vida de oração* (1) que foi traduzido nas principais línguas europeias e também em algumas asiáticas. É apenas uma exposição do método teresiano, extraído das obras dos numerosos escritores carmelitas que trataram desta matéria. A sua vasta difusão mostrou que tal método corresponde às necessidades e aos desejos de muitos.

Por isso, julgámos oportuno dar um passo em frente, oferecendo às almas de vida interior uma colecção de temas de meditação para todos os dias do ano, baseada no conceito teresiano da oração mental e no seu método correspondente.

(1) P. Gabriele de S. M. Maddalena: *Piccolo Catechismo della vita di orazione*, quarta edição, Carmelo de S. José — Roma, 1957. Traduzido para flamengo, francês, inglês, alemão, português, chinês, japonês, e coreano.

A noção que nos deixou Santa Teresa da oração mental é bem conhecida. Na sua *autobiografia* escreveu que «é um trato amigável no qual a alma fala muitas vezes intimamente com Aquele de quem se sabe amada». (8, 5). Santa Teresa salienta especialmente a índole, a tonalidade afectiva da oração mental: é um «trato amigável», ou seja, uma troca de «mútua benevolência» entre a alma e Deus, em que se «fala intimamente» com Deus — sabe-se que a intimidade é fruto do amor — e fala-se com Aquele cujo amor se conhece. Cada um dos elementos desta definição contém a ideia do amor; mas no fim, a Santa lembra que a alma deve também «conhecer», dar-se conta da existência do amor de Deus para com ela. É este precisamente, segundo Santa Teresa, o papel do entendimento na oração.

Pôr isso, ainda segundo Santa Teresa, na oração mental há-de existir o exercício da inteligência e o da vontade: a inteligência procura compreender que Deus ama a Sua criatura e deseja ser amado por ela; a vontade, respondendo ao convite divino, ama. Isto é tudo. Não pode ser mais claro o conceito da oração. Mas como pô-lo em prática? Eis o papel do *método*.

Para compreender bem a estrutura do método tereciano é necessário ter presente a definição da oração acima exposta. Vê-se então que, mediante esse método, esta se realiza plenamente. Em suma, trata-se duma conversa afectuosa com o Senhor depois de termos visto o muito que Ele nos ama.

Para falar intimamente com Deus é preciso o contacto com Ele e, para isso, servirá a «preparação», que consiste em pôr-se mais formalmente na presença de Deus orientando-se para Ele por meio de um bom pensamento.

A fim de se convencer do amor que Deus lhe tem, a alma escolhe como tema de reflexão uma verdade de fé, apta a manifestar esse amor; por isso recorre à *leitura* de um texto apropriado.

Todavia não basta ler; é necessário aprofundar, e isto faz-se por meio da reflexão, ou seja, da *meditação*.

Todas as verdades reveladas podem manifestar o amor de Deus para comigo, o que se procura compreender, reflectindo sobre o tema escolhido na *leitura*.

Servimo-nos dos bons pensamentos colhidos no «ponto» da meditação para nos persuadirmos desse amor, de tal modo que nasçam espontâneamente no coração e venham talvez aos lábios, palavras de affecto.

Deste modo principiamos o *colóquio* com Deus, afirmando-Lhe de mil maneiras (empregando as que nos vêm mais espontâneamente) que O amamos, que O queremos amar, que queremos progredir no Seu santo amor, que queremos provar-Lhe o amor por obras, fazendo a Sua santa vontade.

Eis-nos assim chegados ao centro, ao *âmago da oração*.

Para muitas almas isto basta. Mas há quem goste de maior variedade, e esta, que para alguns facilita muito o prolongamento do colóquio com Deus, é-lhe oferecida mediante as três restantes partes do método que são *facultativas*.

A *acção de graças*, na qual, depois de ter repetido ao Senhor que O amamos, Lhe manifestamos o nosso reconhecimento pelos benefícios dEle recebidos e Lhe damos graças por eles.

O *oferecimento*, com o qual, conscientes do muito que recebemos procuramos agradecer ao Senhor, da

melhor maneira possível, apresentando-Lhe algum bom propósito, o que aliás é muito útil sempre que terminamos a oração.

A *petição*, pela qual, convencidos da nossa pequenez e fragilidade imploramos o auxílio de Deus.

Eis aqui todo o método teresiano composto de sete partes:

Duas *introdutivas*: a preparação (presença de Deus) e a leitura.

Duas *substanciais*: a meditação e o colóquio.

Três *facultativas*, para prolongar mais fàcilmente o colóquio: a acção de graças, o oferecimento e a súplica.

* * *

As meditações aqui publicadas são baseadas neste método.

Começa-se com a *presença de Deus*, isto é, com um bom pensamento que põe a alma em contacto com Deus e a orienta para Ele.

A *leitura* faz-se, lendo o «ponto» da meditação. E como muitas pessoas de vida interior fazem meditação duas vezes por dia, cada meditação tem dois pontos.

Então a alma põe-se a *reflectir*, servindo-se livremente do texto já lido. Duma maneira espontânea passará assim ao *colóquio* que, segundo o conceito teresiano, é o *centro* da oração mental.

É especialmente neste ponto que as nossas meditações querem vir em auxílio das almas. Por tal motivo quisemos dar aos «colóquios» uma forma bastante ampla. No entanto a alma servir-se-á deles duma maneira muito livre, escolhendo o que corresponde às suas necessidades actuais. A fim de tornar os colóquios mais

eficazes, compusemo-los servindo-nos de preferência de expressões belíssimas e cheias de fogo de almas santas e ardentes. Muitas vezes, porém, foi necessário introduzir nos textos alguma ligeira modificação precisamente para melhor os acomodar a uma forma íntima de colóquio. No entanto indicamos sempre entre parêntesis a respectiva fonte (¹).

Nos colóquios não há só expressões de amor; alternam-se petições, acções de graças, etc., com aspirações da alma para Deus, que se concretizam em propósitos.

Desejamos que estas meditações assim compostas sirvam para ajudar eficazmente as almas a aplicarem-se à oração mental segundo o conceito e o método teresiano.

* * *

A espiritualidade teresiana é a espiritualidade da intimidade divina, porque procura alimentar nas almas o ideal de intimidade com Deus e encaminhá-las para a sua realização. Tal finalidade atinge-se principalmente por meio da oração mental, a qual, por isso, se deve acomodar a esta grande e sublime aspiração.

E este é precisamente o «tom» que procurámos dar às nossas meditações, as quais se publicam sob o título de «*Intimità divina*» para indicar que o seu objectivo

(¹) Não obstante as modificações introduzidas, para não tornar pesadas as citações, não pomos o habitual cfr; usamos apenas este sinal nos casos em que os colóquios, em lugar de serem tirados dos textos dos Santos, são simplesmente inspirados neles.

é ajudar as almas, na medida do possível, a conseguir este grandioso fim.

A espiritualidade teresiana é também doutrinal. Teresa de Jesus, a grande «mestra de vida espiritual», desejou e procurou sempre que a vida ascética e mística das almas que lhe eram confiadas tivesse como base uma doutrina sólida; por isso a Santa amava tanto a teologia. Eis a razão que nos moveu a elaborar estas meditações sobre uma base teológica. Procurámos ordená-las de maneira que, no curso do ano, fossem passando sob os nossos olhos os problemas fundamentais da vida espiritual, todas as realidades sobrenaturais com que a vida interior nos põe em contacto.

Iniciando a nossa série de meditações com o princípio do ano litúrgico, distribuimos a matéria do seguinte modo:

Dezembro — O ideal: a santidade, a intimidade com Deus, o apostolado.

Janeiro — Jesus: a Sua Palavra, a Sua Obra, as nossas relações com Ele. A Igreja. Os Sacramentos.

Fevereiro e Março — A purificação interior e o exercício da abnegação. A Paixão de Jesus.

Abril — A vida de oração.

Mai — A Virgem. O Espírito Santo.

Junho — Jesus Eucaristia. O Sagrado Coração de Jesus. A Santíssima Trindade.

Julho — As perfeições divinas. As virtudes teologais.

Agosto e Setembro — As virtudes morais. Os dons do Espírito Santo. As bem-aventuranças.

Outubro e Novembro — O apostolado. A união com Deus.

Queremos fazer notar um último ponto. A espiritualidade teresiana é a espiritualidade da intimidade divina, por isso o espírito que deve impregnar os exercícios destinados a consegui-la é o *espírito de amor*. Quisemos também ter em conta esta faceta particular do espírito carmelitano.

Nem todos os livros de meditação são apropriados para as almas sequiosas de intimidade divina, justamente por estarem demasiado impregnados do espírito de temor. Não negamos que o temor seja proveitoso para certas almas; contudo, existindo tantos livros desse género, pareceu-nos útil compor um manual de meditações em que, juntamente com o amor, se respire sobretudo um temor filial e reverencial, sem negarmos que o temor da pena devida pelo pecado pode ser muito salutar. Por esta mesma razão nos detivemos em argumentos positivos das virtudes e do progresso espiritual, de preferência aos negativos dos vícios e pecados.

Que o Espírito Santo, que é o Espírito de Amor se digne habitar em nossas almas para as submeter cada vez mais ao Seu influxo e governo e acenda em nós, «com uma abundantíssima efusão» de graça, o amor de caridade para podermos penetrar na intimidade divina. E Maria Santíssima, Mãe do amor formoso, cuja alma cheia de graça foi sempre movida pelo Espírito Santo, nos alcance deste divino Espírito que também nós, dóceis aos Seus chamamentos, realizemos, com a prática assídua e eficaz da oração mental, o belo ideal de íntima união com Deus.

Roma, festa do Sagrado Coração, 1952

P. GABRIEL DE S.ta M. MADALENA, O. C. D.

ABREVIATURAS

Ep. = Epistola
Ev. = Evangelho

BR. = Breviário Romano
MR. = Missal Romano

J. C. = S. JOAO DA CRUZ

AM. = Avisos e Máximas espirituais: I = Ditos de luz
II = Pontos de amor
III = Outros avisos

AR. = Avisos a um religioso
C. = Cântico espiritual
Ct. = Cautelas
CV. = Chama Viva
N. = Noite escura
S. = Subida do Monte Carmelo

T. J. = S.ta TERESA DE JESUS

A. = Avisos para as suas monjas
Cam. = Caminho da perfeição
Ex. = Exclamações da alma a Deus
Fd. = Fundações
M. = Moradas (Castelo interior)
P. = Pensamentos sobre o amor de Deus
RE. = Relações espirituais
Vi. = Vida

T. M. = S.ta TERESA MARGARIDA DO CORAÇÃO DE JESUS

Sp. = Espiritualidade de S.ta Teresa Margarida do
Coração de Jesus

T. M. J. = S.ta TERESA DO MENINO JESUS

CL. = Conselhos e Lembranças

H. = História duma alma (Capítulo XII)

M. = Manuscritos autobiográficos:

A = dedicado à M. Inês de Jesus

B = Carta à Ir. Maria do Sagrado Coração

C = dirigido à M. Maria de Gonzaga

NV. = Novíssima Verba (os algarismos árabes indicam os dias; e os romanos, os meses)

I. T. = IRMA ISABEL DA TRINDADE

I = O Céu sobre a terra (primeiro retiro)

II = Último retiro (os dias são indicados pelos algarismos árabes)

EL. = Elevação da SS.ma Trindade

PARA TODOS OS AUTORES:

Cart. = Cartas

N. S. — Além das particularidades indicadas acima, os números romanos indicam os Livros ou as Moradas (Castelo interior); o primeiro número árabe, o capítulo; os outros, os versículos ou os parágrafos.

Do I Domingo do Advento ao V depois da Epifania

O IDEAL: A SANTIDADE, A INTIMIDADE
COM DEUS, O APOSTOLADO — O MIS-
TÉRIO DA INCARNAÇÃO — JESUS:
A SUA PESSOA, A SUA
OBRA, AS NOSSAS RELAÇÕES
COM ELE — A IGREJA
— OS SACRAMENTOS

1. O SENHOR VEM DE LONGE

I DOMINGO DO ADVENTO

O Senhor está prestes a chegar. Ponho-me na Sua presença para sair ao Seu encontro com todo o ardor da minha vontade.

1 — «Eis o nome do Senhor que vem de países distantes... Olhando ao longe, vejo o poder de Deus que aí vem... Ide ao Seu encontro e dizei-lhe: Declarai-nos se Vós sois Aquele que há-de reinar...» diz a liturgia do dia; depois como que em resposta, faz-nos este convite: «Vinde, adoremos o Rei, o Senhor que está para chegar!...» (BR.)

Esta vinda foi esperada durante séculos e séculos, anunciada pelos profetas, desejada pelos justos que não puderam contemplar a sua aurora. Em cada novo Advento, a Igreja comemora e renova esta espera, manifestando as suas ânsias pelo Salvador que há-de vir. Porém, o antigo anelo que unicamente se fundava na esperança, transformou-se em desejo confiante, que se apoia na consoladora realidade da redenção já efectuada. Cumprida esta historicamente, há dezanove séculos, deve actualizar-se e renovar-se todos os dias, na alma cristã, como uma realidade cada vez mais profunda e completa. O espírito litúrgico do Advento, ao comemorar a grande expectativa dos séculos que invocaram o Redentor, quer preparar-nos para a celebração do mistério do Verbo feito carne, mediante a esperança íntima e pessoal duma nova vinda de Cristo a cada uma das nossas almas. Vinda que se realiza por meio da graça e que, à medida que esta se desenvolve e amadurece, se torna mais abundante e mais avassaladora a ponto de transformar a alma num *alter Christus*. O

Advento é tempo de esperança, tempo de anelante aspiração pelo Redentor. «Mandai, ó céus, lá do alto o vosso orvalho e que as nuvens chovam o justo!» (BR.)

2 — Na Epístola do dia, (Rom. 13, 11-14), S. Paulo exorta-nos: «É já hora de nos levantarmos do sono». No Advento, «primavera» da Igreja, devemos despertar para dar novos frutos de santidade; e desde já o Apóstolo nos indica qual deve ser o fruto principal do Advento: «Deixemos, pois, as obras das trevas e revestimo-nos das armas da luz... Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo». Se as nossas almas se encontram um pouco adormecidas no serviço do Senhor, é justamente o momento de despertar para uma vida nova, de nos despojarmos generosamente das nossas misérias e fraquezas, a fim de «nos revestirmos de Jesus Cristo», ou seja, da Sua santidade. Para nos ajudar a alcançar este fim, Jesus estimula-nos por meio da lembrança da Sua doce vinda como Redentor e vem ao nosso encontro com a Sua graça: é a misericórdia infinita que desce até nós.

Por outro lado a Igreja, no Evangelho de hoje, (Lc. 21, 25-33), oferece à nossa consideração a vinda final de Jesus Cristo como Juíz supremo: «Então verão o Filho do Homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade». Vinda de amor a Belém, vinda de graça às nossas almas, vinda de justiça no fim dos séculos; tríplice vinda de Cristo, síntese do Cristianismo, convite a uma espera vigilante e confiada: «Olhai e levantai as vossas cabeças, porque está próxima a vossa redenção».

Colóquio — Meu Deus, Verbo do Pai, que Vos fazeis carne por nosso amor e tomais um corpo mortal a fim

de poder sofrer e imolar-Vos por nós, quisera preparar-me para a Vossa vinda com os ardentes desejos dos profetas e justos, que no Antigo Testamento suspiraram por Vós, único Salvador e Redentor. «Enviai, Senhor, Aquele que deveis enviar... Vinde e libertai-nos segundo a Vossa promessa». Eu quisera manter a minha alma num contínuo Advento, isto é, numa aspiração constante, numa incessante expectativa deste grande mistério, em que o Verbo incarna para nos mostrar os abismos da Vossa misericórdia redentora e santificadora.

Ó meu dulcíssimo Salvador, Vós vindes ao meu encontro com o Vosso amor infinito, e com a abundância da Vossa graça: são torrentes de misericórdia e caridade com que quereis invadir a minha alma para a atrair a Vós. Vinde, ó Senhor, vinde! Também eu quero correr ao Vosso encontro com amor; infelizmente, porém, o meu amor é tão limitado, tão débil, tão imperfeito: tornei-o forte e generoso para que eu seja capaz de me vencer a mim próprio, e de me dar totalmente a Vós. Sim, o meu amor tornar-se-á forte, porque «está fundado na íntima certeza de ser pago com o amor de um Deus. Ó Senhor, já não posso duvidar, pois de tantos modos me demonstrastes para que não me ficasse nenhuma dúvida desse amor. Apoiado ao Vosso o meu fraco amor torna-se forte da Vossa fortaleza. Será grande coisa, ó Senhor, à hora da morte ver que vamos ser julgados por Aquele a quem temos amado sobre todas as coisas. Poderemos ir seguras do pleito das nossas dívidas» (T. J. Cam. 40, 7, 8).

Concedei-me, ó Senhor, esse amor que tão ardentemente desejo, não só para me livrar um dia do Vosso rosto severo de Juíz, mas também e sobretudo para corresponder de algum modo à Vossa caridade infinita!

Ó Senhor, não permitais que me tenha sido dado em vão aquele excessivo amor que Vos levou a incarnar para minha salvação! A minha pobre alma tem necessidade de Vós e por Vós suspira como por médico compassivo, o único que pode curar as suas feridas e levantá-la do desânimo e da tibieza em que jaz, infundindo-lhe novo vigor, novo ardor e nova vida. Vinde, Senhor, vinde!

Estou disposto a acolher a Vossa obra com um coração humilde e dócil, pronto a deixar-me curar, purificar e moldar por Vós. Com a Vossa ajuda, quero fazer todos os sacrifícios, quero renunciar a tudo aquilo que possa retardar em mim a Vossa obra redentora.

Excitai, Senhor, o Vosso poder e vinde. Vinde e não tardeis.

2. CHAMAMENTO À SANTIDADE

Ponho-me na presença de Jesus Sacramentado, considerando-O como Redentor e Santificador da minha alma.

1 — «Onde abundou o pecado superabundou a graça». (Rom. 5, 20). Com a queda de Adão, o pecado destruiu o plano divino da santificação do homem. Os nossos primeiros pais, criados à imagem e semelhança de Deus, colocados num estado de graça e de justiça, elevados à dignidade de filhos de Deus, foram precipitados num abismo de miséria, arrastando consigo todo o género humano. Durante séculos e séculos o homem geme sob o seu pecado: já não pode chamar a Deus com o doce nome de Pai, nem sequer ousa pronunciar o Seu nome e olha para o Altíssimo com um sentimento de terror:

Ele é o Deus forte e terrível, o Deus justo e vingador. O pecado cavou um abismo insuperável entre o homem e Deus, e o homem geme para além do abismo, absolutamente incapaz de se levantar.

Para conseguir o que o homem não pode, para destruir o pecado e restituir a graça ao gênero humano, é-lhe prometido um Salvador. Deus misericordiosíssimo «amou de tal modo o mundo que lhe deu Seu Filho unigénito» (*Jo. 3, 16*) para sua salvação. O Verbo, esplendor do Pai e figura da Sua substância, far-se-á carne para destruir o pecado e restituir-nos a graça, para que «possamos ainda chamar-nos e ser na realidade filhos de Deus (cfr. *I Jo. 3, 1*).

Deus quer «que todos nos salvemos, para isso nos deu o Seu Filho e com Ele e por Ele todos os meios necessários à nossa salvação, de tal forma que, se uma alma não se salva, será unicamente por sua culpa.

2 — Jesus não Se contentou com destruir o pecado e merecer apenas a graça suficiente para nos salvar; fez muito mais por nós e Ele mesmo o quis revelar: «Eu vim para que tenham vida e estejam na abundância» (*Jo. 10, 10*).

Esta plenitude de vida é a plenitude da graça e da vida sobrenatural, da qual brota a santidade.

A santidade não está reservada a um pequeno número de almas. O bom Jesus, com a Sua Encarnação e Morte na cruz, mereceu para todos os que haviam de crer nEle, não só os meios de salvação, mas também os de santificação. Ele, o Santo por excelência, veio para nos santificar e para nos ensinar: «Sede, pois, perfeitos como também vosso Pai celestial é perfeito» (*Mt. 5, 48*).

Jesus não propôs este programa de santidade a um grupo escolhido de pessoas, nem o reservou aos Seus Apóstolos ou aos Seus íntimos, mas proclamou-o perante a multidão que O seguia. S. Paulo recolheu-o de Seus lábios e anunciou-o aos gentios: «Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (I Tess. 4, 3). E em nossos dias, a Igreja, por boca do grande Papa Pio XI, inculcou-o repetidas vezes ao mundo moderno. Cristo «chamou toda a humanidade ao mais alto cume da santificação... Há quem diga que a santidade não é uma vocação comum; pelo contrário, é uma vocação comum a todos, e todos a ela são chamados... e Jesus Cristo propôs-Se a todos como modelo a imitar». Mais ainda: «Ninguém julgue que... (a santidade) é somente apanágio de um grupo de homens escolhidos entre muitos e que os outros se podem limitar a um grau inferior de virtude. Como é evidente, absolutamente todos, sem excepção alguma, estão compreendidos nesta lei».

Portanto, Jesus não vem só para me salvar, mas também para me santificar. Logo, Jesus também me chama à santidade, e foi Ele que me mereceu todas as graças necessárias para a alcançar.

Colóquio — «Pesa-me, meu Deus, de ser tão ruim e tão pouco capaz no Vosso serviço! Sim, bem sei que a falha está em mim se não me fizerdes as mesmas mercês que a meus antepassados (os santos). Lastima-me ver a minha vida, Senhor, quando a comparo com a sua e não o posso dizer sem lágrimas... Quando considero a glória que tendes preparada, meu Deus, para os que perseveraram em fazer a Vossa vontade, quando medito nos trabalhos e dores com que a ganhou o Vosso Filho e quão mal a tínhamos merecido, e quando penso no

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

muito que Ele merece que não se desagradaça a grandeza de amor que tão custosamente nos ensinou a amar, aflige-se a minha alma. Como é possível, Senhor, que se esqueça tudo isto e que tão olvidados estejam de Vós os homens, quando Vos ofendem? Ó Redentor meu, como é possível que assim se esqueçam de si mesmos? Oh! Como é grande a Vossa bondade se apesar disso Vos lembrais de nós! E, tendo nós caído, por Vos ferirmos com um golpe mortal, Vós esquecido disto nos tornais a dar a mão e nos despertais de frenesi tão incurável para que Vos procuremos e Vos peçamos saúde! Bendito seja tal Senhor! Bendita tão grande misericórdia! Ó alma minha, bendiz para sempre a tão grande Deus! Como é possível voltarmo-nos contra Ele?» (T.J. *Fd.* 4, 7; *Ex.* 3, 1).

Todavia, Senhor, mesmo sabendo o muito que Vos custou esta minha pobre alma, quantas vezes Vos ofendi, resisti à Vossa graça; quantas vezes fui infiel ao Vosso amor e insensível ao Vosso apelo a uma vida mais perfeita, à santidade!

Vós, que sois o meu Deus, tudo me destes e Vós mesmo Vos entregastes por mim: não é, pois, demais que vos dê em troca tudo o que tenho e tudo o que sou para corresponder ao Vosso amor. Sim, já compreendo; não Vos contentais que só pense em salvar a minha alma... como tão pouco Vos contentastes em adquirir os meios necessários para me salvar, mas quisestes adquirir também os necessários à minha santificação. Vós já ganhastes e pagastes tudo... portanto, se eu não me santificar, será unicamente por minha culpa.

Mas como poderá, Senhor, uma alma tão fraca e miserável como a minha, tão cheia de defeitos, de egoísmo, de mesquinhez, aspirar a um ideal tão elevado como é o da santidade? Oh! sim, as minhas pre-

tensões seriam certamente temerárias, se Vós não tivésseis manifestado que esta é a Vossa vontade. Vós mesmo a impusestes como um preceito: «Sede, pois, perfeitos como também vosso Pai celestial é perfeito» (Mt. 5, 48).

Senhor, eu Vos peço, repeti vigorosa e eficazmente à minha alma este sublime convite à santidade para que, penetrada e movida por ele, se anime enfim a maior generosidade, a mais firmes e decididos propósitos, a uma maior confiança na Vossa misericordiosa acção redentora e santificadora.

3. A SANTIDADE, PLENITUDE DE GRAÇA

Aproximo-me de Jesus, «fonte de vida e de santidade», com vivos desejos de beber nesta fonte inexaurível.

1 — Se Jesus veio para nos santificar a «todos», se a vontade de Deus é que «todos» sejam santos, a santidade não poderá consistir em dons extraordinários da natureza e da graça, que dependem sòmente da liberalidade de Deus.

A santidade deve consistir em algo que todas as almas de boa vontade, ainda as mais humildes e simples, possam alcançar, amparadas com o auxílio divino. A santidade é a perfeição da vida cristã. Consiste no pleno desenvolvimento, em nós, da vida sobrenatural, cujos princípios são a graça santificante, as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo.

O baptismo depositou em nós este gérmen de santidade, que é a graça, gérmen capaz de se converter em frutos preciosos de vida sobrenatural, para

a alma que secunda com empenho o seu desenvolvimento.

A graça, elevando-nos ao estado sobrenatural, torna-nos capazes de entrar em relações com a Santíssima Trindade, quer dizer, de conhecer e amar a Deus como Ele é em Si mesmo, e como Ele Se conhece e ama. É, portanto, uma nova vida de conhecimento e de amor que a graça gera e alimenta em nós, vida que é uma participação da vida divina. E o que haverá de mais santo e mais santificante do que estas relações íntimas com a Santíssima Trindade? A tais alturas nos eleva a graça, dom concedido a todos os baptizados.

2 — É necessário que a vida sobrenatural, que brota da graça, penetre toda a nossa vida humana, para que assim fique sobrenaturalizada em todas as suas actividades, em todos os seus pormenores e em todo o seu conjunto. À medida que a graça cresce e frutifica na nossa alma, exerce um influxo cada vez mais amplo e mais profundo; e quando este influxo se estender efectivamente a toda a nossa actividade, orientando-a toda para glória de Deus e unindo-nos totalmente a Ele, por meio da caridade, então teremos chegado à plenitude da vida cristã, à santidade.

A graça é um dom totalmente gratuito que Deus nos concedeu pelos méritos infinitos de Jesus. Jesus, morrendo na cruz, mereceu-no-la, não numa medida limitada mas numa medida superabundante. Ele, diz S. João, está «cheio de graça... e todos nós participamos da sua plenitude, graça sobre graças» (Jo. 1, 14 e 16). Precisamente por este motivo, todos podemos ser santos.

O que não significa, no entanto, que todos sejamos

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

chamados ao mesmo grau e à mesma forma de santidade. Junto dos «grandes» santos, aqueles que tiveram uma grande missão a cumprir e receberam para isso dons especiais de natureza e de graça, encontraremos sempre outros santos mais humildes, mais escondidos, que se santificaram na sombra e no silêncio.

A santidade não consiste na grandeza das obras realizadas ou dos dons recebidos, mas no capital de amor e de graça que a alma acumula, correspondendo fielmente aos convites divinos.

A uma tal santidade também eu posso aspirar, sem receio algum de temeridade ou ilusão.

Colóquio — Ó meu dulcíssimo Salvador, não apenas para algumas almas privilegiadas, mas também para mim, quisestes merecer aquela plenitude da vida da graça que é a santidade. Sim, reconheço-o: aquele amor infinito que Vos levou a incarnar por nós, a fazer-Vos um de nós, Vós que sois Deus, a sofrer até morrer na cruz, derramando todo o Vosso preciosíssimo Sangue, aqueles méritos infinitos que dessa forma adquiristes para nós, são mais que suficientes para merecer não só a salvação, como também a santificação de todo o género humano.

E então, porque são tão poucos os que realmente se santificam? Porque me encontro ainda tão atrasado no caminho da santidade? Eu que recebi de Vós não só a graça do santo Baptismo, mas também a de tantas e tantas confissões e comunhões, não deveria já ter aumentado proporcionalmente o meu capital de graça, eu que recebi tantas graças actuais, tantas inspirações e solicitações do Vosso amor infinito que me chamou a um estado de consagração?

Ó meu Senhor, fazei-mo compreender: Vós que me criastes sem mim, não me salvareis nem me santificareis sem mim. Vós merecestes tudo quanto é necessário para a minha santificação e muitíssimo me destes já, mas não me santificarei se não cooperar com a Vossa obra.

Só Vós sois santo e só Vós me podeis santificar. E contudo, exigis de tal maneira a minha livre cooperação que, se eu a recusasse, não me santificaria, apesar da Vossa onnipotência e do Vosso amor infinito.

Portanto, ó Jesus, pela minha indolência, pelo meu pouco amor, pela minha frieza, posso tornar vãos para a minha alma os Vossos méritos infinitos, todo o Vosso Sangue derramado sobre a cruz. Como pode uma pobre criatura, que tudo deve ao seu Deus, atrever-se a dificultar e impedir a Vossa acção na sua alma? Eu, uma pequenina formiga, terei a coragem de o fazer? Não o permitais, ó Senhor, não o permitais nunca e persegui-me com a Vossa graça a fim de que a ela me renda totalmente.

Para demonstrar a sinceridade dos meus sentimentos quero, com a Vossa ajuda, ser generoso, vencer-me naquilo que mais me custa e dizer-Vos o meu «sim» ainda que isso muito repugne à minha má natureza. Assisti-me com o Vosso auxílio onnipotente, socorrei e sustentai os meus pobres esforços, pois bem sabeis que sou a própria fraqueza. Deixai, ó Senhor, que aproxime os meus lábios daquela fonte de água viva que jorra de Vós, fonte de vida e de graça, de força e de santidade, para que assim dessedentado, possa recomeçar com novo ardor o caminho que me mostrais.

4. A CARIDADE, ESSÊNCIA DA SANTIDADE

Ponho-me na presença de Deus, considerando que Ele é a caridade infinita: «Deus caritas est».

1 — «Sede, pois, perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito» (Mt. 5, 48). Para imitar a Deus é necessário saber quem é Deus e qual a Sua máxima perfeição. E isto no-lo revela a Sagrada Escritura: «Deus caritas est» (I Jo. 4, 16). Não diz que em Deus há caridade, mas que Deus é caridade, ou seja, tudo o que há em Deus é amor, Deus é essencialmente amor. O amor, mesmo o amor humano, é uma «vontade que tende para o bem»; amar é «querer bem», é o acto pelo qual a vontade se inclina para o bem. Tratando-se de Deus, o Ser infinito, o Seu amor é uma vontade infinita do bem dirigida para um bem infinito, que é o próprio Deus e que, portanto, Deus possui e no qual Se compraz. Este amor, que é Deus, é pois um amor infinito de complacência no Seu Bem infinito; todavia o Seu abraço estende-se às criaturas que Ele criou, a fim de lhes comunicar esse Seu Bem, a Sua felicidade. Por isso, a caridade infinita, que é Deus, também se derrama sobre as criaturas, chamando-as à existência num acto de amor, não para se deter no bem limitado que está nelas, mas para as levar ao Bem infinito, para as conduzir à Trindade, isto é, cria-as para a Sua glória.

Também nós, pobres criaturas, somos chamados a participar nesta sublime vida de amor que é Deus, e para tal fim nos foi concedida a graça. «Sede, pois, imitadores de Deus como filhos muito amados; e andai no amor», exorta-nos S. Paulo a este propósito (Ef. 5, 1 e 2).

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

À semelhança de Deus, a nossa vida sobrenatural deve ser essencialmente amor, ou seja, desejo do bem, amor de benevolência para com Deus, amando este Bem infinito, e amando por Ele e nEle todas as criaturas.

2 — A caridade é tão essencial na vida sobrenatural, que da sua presença ou ausência, depende, para o cristão, o estado de vida ou de morte. Quem não tem caridade também não possui a graça santificante, pois ambas são absolutamente inseparáveis: «aquele que não ama, permanece na morte» (I Jo. 3, 14). Pelo contrário, quem possui a caridade, possui a graça, logo, participa da vida de Deus: «quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele» (ib. 4, 16); e, como ensina S. Tomás, «a caridade... une de tal maneira o affecto do homem a Deus, que o homem já não vive para si mesmo, mas para Deus» (II.^a - II.^{ae}, q. 17, a. 6. ad 3).

Três são as virtudes teologais infundidas em nós ao mesmo tempo que a graça santificante: fé, esperança e caridade. As três têm Deus por objecto, mas destas, «a maior é a caridade» (I Cor. 13, 13). Maior, porque sem caridade não pode existir vida cristã; maior, porque a caridade jamais desaparecerá, visto ser a força unificadora que nos une a Deus, porque é uma participação daquela caridade infinita que é o próprio Deus. Por isso, ao fariseu que Lhe perguntava qual era o primeiro mandamento da lei, Jesus respondeu: «Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todo o teu espírito. Este é o máximo e o primeiro mandamento» (Mt. 22, 37 e 38).

Quando a caridade for perfeita em nós, manter-nos-á plenamente unidos a Deus e orientará para Ele todas as nossas actividades: porque, na medida em que uma

alma é dominada pela caridade, nessa medida atinge a maturidade da vida sobrenatural, é mais ou menos santa.

Colóquio — Ó meu Deus, fazei-me compreender, ao menos um pouco, o mistério da Vossa caridade infinita. Vós sois todo caridade, em Vós tudo é caridade. A caridade é o Vosso Ser, a Vossa essência, a Vossa vida. Vós sois aquela caridade suma com a qual *ab aeterno* Vós Vos amais e Vos comprazeis em Vós mesmo. Vós, ó Pai, amais o Verbo, que é a figura da Vossa substância; Vós, ó Verbo, amais o Pai do qual procedeis; e esta mútua caridade, com a qual Vos amais, é tão perfeita, que forma uma outra pessoa: a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo.

«ó alma minha! Considera o grande deleite e amor que tem o Pai em conhecer a Seu Filho e o Filho em conhecer a Seu Pai: contempla o ardor com que o Espírito Santo se une a Eles e como nenhuma das Três Pessoas se pode apartar deste amor e conhecimento, porque são uma mesma coisa; conhecem-se, amam-se e umas com as outras se deleitam. Pois, que necessidade há do meu amor? Para que o quereis, meu Deus? Que ganhais com isso?» (T.J. Ex. 7, 2).

Contudo, Trindade Santíssima, Vós que sois tudo, pois sois a caridade infinita e *ab aeterno* gozais do amor recíproco das Vossas divinas Pessoas, quisestes, num dado momento, difundir o Vosso amor, comunicarnos a nós, ínfimas criaturas, o Vosso Bem infinito. Por amor nos tirastes do nada; o Vosso amor é o nosso primeiro princípio, é o primeiro princípio de todas as coisas: dele tudo recebe a vida; ele é a causa da nossa existência; e nós, semelhantes a pequeninos peixes,

nadamos e vivemos no oceano do Vosso amor infinito.

Mas que proveito, Senhor, tirais de nós, pobres criaturas? Vós que possuís todo o amor, toda a felicidade, toda a glória? Ah! compreendo: Vós criastes-nos para nos comunicar o Vosso Bem infinito, para nos reconduzir ao seio daquela caridade infinita que sois Vós próprio e da qual recebemos a vida. Criastes-nos para a glória da Santíssima Trindade, para nos comunicardes a Vossa vida de infinito amor e nos associardes a ela.

«Ó Deus meu, misericórdia minha, que farei para que não desfaça as grandezas que Vós tendes para comigo?... Ó Senhor, como são suaves os Vossos caminhos! Mas quem caminhará sem temor? Temo estar sem Vos servir e quando Vos vou a servir não encontro coisa que me satisfaça para pagar algo do muito que Vos devo. Parece que me quisera empregar toda nisto mas, quando bem considero a minha miséria, vejo que não posso fazer nada que seja bom, se Vós não mo concedeis» (T.J. Ex. 1, 2 e 1).]

Com efeito, como poderei, sem o Vosso auxílio, conquistar este tão precioso tesouro da caridade? Meu Deus, se quereis que toda a minha vida se torne caridade, é absolutamente necessário que Vós, que sois a própria caridade, transformeis a minha pobre alma. A minha miséria: o egoísmo, o amor próprio, a sensualidade, a frieza, a avareza, a indolência... tudo são obstáculos que se opõem ao triunfo da Vossa caridade em mim. Concedei-me a graça de remover com generosidade estes obstáculos, para que a Vossa caridade infinita possa invadir completamente este meu nada.

5. SANTIDADE E VONTADE DE DEUS

Ponho-me na presença de Jesus Sacramentado, pedindo-Lhe a graça de fazer penetrar na minha alma estas Suas palavras: «Aquele que faz a vontade de meu Pai... entrará no Reino dos céus» (Mt. 7, 21).

I — O caminho que conduz à santidade e, por conseguinte, a Deus, não pode ser traçado senão pelo próprio Deus, pela *Sua vontade*. Jesus proclamou-o com energia: «Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos céus» (Mt. 7, 21). E para mostrar que as almas que Lhe estão mais unidas e que Ele mais ama são justamente aquelas que fazem a vontade de Deus, não hesita em dizer: «Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe» (Mt. 12, 50).

Foi na escola de Jesus que se inspiraram os santos; S.ta Teresa de Ávila, depois de ter experimentado as mais sublimes comunicações místicas, não hesita em afirmar: «É claro que a suma perfeição não está nos regalos interiores nem nos grandes arroubamentos nem visões, nem no espírito de profecia, mas sim em ter a nossa vontade tão conforme com a de Deus, que não entendemos Ele querer alguma coisa sem que a queiramos com toda a nossa vontade e tomemos tão alegremente o saboroso como o amargo» (Fd. 5, 10).

Santa Teresa do Menino Jesus faz-lhe eco, dizendo: «A perfeição consiste em fazer a vontade do bom Deus, em ser o que Ele quer que sejamos».

O verdadeiro amor de Deus consiste em aderir perfeitamente à Sua santa vontade, não querendo fazer nem

ser na vida senão aquilo que o Senhor quer de cada um de nós, a ponto de nos tornarmos, por assim dizer, «uma viva vontade de Deus».

Vista a esta luz, a santidade é acessível a toda a alma de boa vontade. Uma alma que leva vida humilde e escondida, pode conformar-se com a vontade divina tanto ou melhor ainda que o grande santo que recebeu de Deus uma missão exterior e foi enriquecido de graças místicas. Quanto mais as almas fazem a vontade de Deus e gozam em a fazer tanto mais perfeitas são.

2 — Para chegar à santidade importa que a nossa conformidade com a vontade de Deus seja verdadeiramente total: é necessário, pois, que não haja na alma a menor discordância com a vontade divina e que nas suas acções ela seja unicamente movida por essa vontade. «O estado desta divina união consiste em ter a alma, quanto à vontade, com total transformação na vontade de Deus, de forma a não haver nela coisa contrária à vontade de Deus, mas que, em tudo e por tudo, o seu movimento seja somente vontade de Deus» (J.C. S. I, 11, 2).

O móbil de todas as nossas acções é o amor. Este, porém, pode ser amor de nós mesmos, amor das criaturas ou amor de Deus. Enquanto existir na alma qualquer coisa contrária à vontade divina, ou seja, algum apego desordenado ao próprio eu ou às criaturas, esta agirá muitas vezes, não sob o impulso do amor de Deus, mas pelo desejo da própria satisfação ou pelo amor desordenado às criaturas. Andará assim fora da vontade de Deus. Não só o pecado, mas até a mais pequena imperfeição ou apego deliberado, são contrários à vontade de Deus e impedem a alma de agir movida unicamente pela divina vontade.

Pelo contrário, quando a alma não tem nenhum apego e, totalmente livre do seu amor próprio e das criaturas, adere só a Deus, é levada a agir movida pela vontade de Deus; e vive assim, momento a momento, segundo o beneplácito divino. Essa alma foi transformada, perdeu a sua vontade na de Deus; doravante está perfeitamente unida ao próprio Deus: tal é a essência e o cume da santidade.

Colóquio — Ó meu Deus, Vós fizestes-me compreender que a Vossa santa vontade é a única coisa necessária, é o meu único e maior tesouro. Que pode haver nesta vida de mais belo e seguro, de mais perfeito e de mais santo do que fazer a Vossa vontade? Destes-me uma vontade livre, e que melhor uso poderei fazer dela do que empregá-la em aderir ao Vosso divino querer? Ainda que eu pudesse levar a cabo as maiores obras, realizar as mais belas empresas, se não coincidissem plenamente com a Vossa divina vontade não teriam valor eterno e estariam, por isso, destinadas a perecer; ao passo que as mais insignificantes acções realizadas segundo a Vossa vontade têm um valor imperecível.

Sinto o meu nada, Senhor, experimento a fraqueza da minha pobre vontade, que ora se volta para um bem, ora para outro, julgando verdadeiro bem aquilo que na realidade é imperfeição, defeito, mal. Mas a Vossa vontade é indefectível e não pode querer senão o que é verdadeiro, o sumo bem; e portanto só deseja o meu bem, a minha salvação, a minha santificação. Não há coisa mais vantajosa para mim do que consagrar a minha vontade à Vossa, meu Deus.

«Agora, ó meu Deus, livremente Vos dou a minha vontade... Cumpra-se em mim, Senhor, a Vossa vontade

sempre e como quiserdes. Se me quereis com trabalhos, dai-me força e que venham! Se me quereis entre perseguições e enfermidades, desonras e necessidades, não voltarei as costas, ó meu Pai!» (T.J. *Cam*, 32, 4 e 10).

Quantas vezes eu Vos ofereci a minha vontade, protestando não querer outra coisa! Muitas vezes, porém, voltei a retirar esta minha oferta, e nas minhas acções, nos meus trabalhos, nas minhas obras de apostolado, em vez de me deixar guiar pela Vossa vontade, deixei-me levar mais ou menos pelo meu amor próprio e pela minha satisfação pessoal! Como estou longe, Senhor, de ter perdido a minha vontade na Vossa! Como estou ainda preso aos meus pontos de vista e aos meus gostos! Quantas coisas há ainda em mim que são contrárias à Vossa vontade; dai-me luz para as conhecer e força para me libertar delas. Confesso que todas as vezes que me afasto, embora levemente, da Vossa vontade para seguir a minha, sinto remorsos, sinto diminuir a paz da minha alma. Só na Vossa vontade está o meu bem, a minha paz, a minha salvação, a minha santificação.

Escutai, Senhor, a minha pobre oração: eu Vos ofereço de novo a minha vontade; aceitai-a, conservai-a prisioneira a fim de que jamais possa retomar esta minha oferta.

Com Santa Teresa do Menino Jesus dir-Vos-ei: «Não quero ser santa a meias, não tenho medo de sofrer por Vós; só receio uma coisa, é guardar a minha vontade, tomai-a, pois, eu escolho tudo o que Vós quiserdes» (*M. A.* pg. 25).

6. A SANTIDADE E OS DEVERES DE ESTADO

Ponho-me na presença de Deus com vivos desejos de que me ajude a conhecer e a cumprir a Sua santa vontade.

1 — Jesus disse: «Se me amais, observai os meus mandamentos... Se observardes os meus preceitos, permaneceréis no meu amor, como eu observei os preceitos de meu Pai e permaneço no Seu amor» (Jo. 14, 15; 15, 10).

A perfeição da caridade consiste na perfeita conformidade com a vontade divina; esta vontade divina está expressa, sobretudo, nos mandamentos de Deus e nos preceitos da Igreja; e, além disso, de um modo mais concreto e pormenorizado, nos deveres do meu estado e nas diversas circunstâncias da vida. Os meus *deveres de estado*, em especial, determinam como devo comportar-me na existência quotidiana a fim de viver constantemente segundo a vontade divina: deveres indicados pela Regra e leis do meu Instituto, pelas ordens dos superiores, pelo trabalho que a obediência me impõe, se sou religioso; pelo ministério das almas, se sou sacerdote; pelas exigências concretas da minha vida de família, da minha profissão, do meu ambiente social, dos meus deveres de bom cidadão, se sou simples leigo.

A vontade de Deus também vem ao meu encontro através das *circunstâncias da vida*, desde as maiores até às mais pequenas e insignificantes: saúde ou doença, pobreza ou riqueza, securas ou consolações interiores, êxitos ou contradições, desgraças, separações, lutos. E de quando em quando, segundo as circunstâncias, Deus apresenta-nos particulares deveres de caridade, de paciência, de actividade ou de renúncia, de desapego, de

submissão, de generosidade, de sacrifício. Tudo é permitido por Deus, tudo é ordenado por Ele para a minha santificação: «Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus» (Rom. 8, 28), porque «tudo é graça» (T.M.J. NV. 5-VI).

2 — «A santidade consiste, pròpriamente na conformidade com a vontade divina, expressa num contínuo e exacto cumprimento dos deveres do próprio estado» (Bento XV).

Esta fórmula vem confirmar que a santidade não consiste em coisas extraordinárias, mas que se reduz *essencialmente à linha do dever*: está ao meu alcance.

O cumprimento dos meus deveres deve ser exacto e constante. *Exacto*, sem negligência, sempre solícito em agradar a Deus em cada acção e para ir ao encontro da Sua santa e santificante vontade. Eis porque é necessário habituar-me a ver em cada um dos meus deveres a expressão da vontade divina; tudo será então um motivo para mergulhar no amor de Deus e intensificar a minha união com Ele. *Constante*, isto é, cumprimento fiel dos meus deveres não só nos dias de fervor, mas também quando me encontro triste, cansado, árido de espírito: para ser constante devo ser generoso. «É necessária uma virtude fora do comum para cumprir com exactidão invulgar, ou melhor, para cumprir sem a inexactidão, a negligência e o descuido, tão habituais e frequentes, mas com atenção, piedade e fervor íntimo de espírito, todo o conjunto de coisas comuns que enchem a nossa vida quotidiana» (Pio XI).

Esta constante e generosa fidelidade nem sempre nos será fácil, mas sem me deixar desanimar pelas quedas, «recomeçarei» cada dia com plena confiança

de que o Senhor tornará finalmente eficazes os meus pobres esforços.

Colóquio — Apesar da minha miséria, Senhor, sinto renascer em mim, cada vez mais vivo e forte, o desejo de tender à santidade. Quero ser santo, não para minha satisfação pessoal, nem para atrair a estima ou os louvores dos outros, mas só porque Vós o quereis, Vós que nos dissestes: «Sede santos, porque eu sou santo» (*Lev.* 19, 2). Portanto quero ser santo unicamente para ir ao encontro da Vossa vontade, dos Vossos desejos, para Vos dar prazer e glória, para corresponder ao Vosso amor infinito, para Vos dar todo o amor que me exigis e de que me quereis tornar capaz. E Vós fazeis-me compreender que a santidade não reclama de mim grandes coisas exteriores, mas apenas um amor forte e generoso que me permita cumprir perfeitamente a Vossa santa vontade.

Meu Deus, quando penso que Vós, Criador e Senhor do universo, Vos dignais manifestar-me a Vossa vontade, a mim que, na Vossa presença, sou menos que um vermezinho, fico cheio de confusão. Um Rei, tão grande e onnipotente, que fala ao último dos Seus escravos com a mesma bondade com que falaria a um filho querido! Sim, meu Deus, Vós me falais e manifestais a Vossa vontade através dos Vossos mandamentos, através dos deveres do meu estado e de todas as circunstâncias da minha vida. Tudo quanto me rodeia: cada incidente, cada acontecimento, cada pena, cada alegria... tudo é expressão da Vossa vontade e me indica, a cada momento, o que quereis de mim.

Como eu quereria, Senhor, ter um profundo espírito de fé que me ajudasse a reconhecer em cada

circunstância, uma mensagem da Vossa vontade divina!

Sim, até nos momentos mais difíceis, nas situações mais penosas, sois Vós que vindes ao meu encontro e me pedis um acto particular de caridade, de paciência, de mansidão, de humildade, de renúncia a mim mesmo. Como muda assim, ó meu Deus, o aspecto da minha vida! As criaturas, as circunstâncias, as causas, os motivos humanos desaparecem, e já não vejo senão a Vós, a Vossa santa vontade, que incessantemente me rodeia e me convida a uma maior generosidade.

Vistos a esta luz, tanto os deveres mais difíceis e penosos à natureza como aquele bendito «terrível dia a dia», tudo se torna amável e doce, tudo parece fácil e suave; a cada instante, em cada ocasião, não tenho outra coisa a fazer, senão dizer um «sim» generoso à Vossa dulcíssima e amabilíssima Vontade.

Suplico-Vos, Senhor, a fidelidade necessária para perseverar com humilde constância neste caminho de contínua adesão à Vossa vontade. Com o Vosso auxílio quero fazer deste exercício o centro da minha vida interior.

Voltarei a cair, meu Deus? Sim, caírei ainda porque sou a própria fraqueza; mas sei que Vós sereis mais diligente em levantar-me do que eu fácil em cair. O meu propósito e a minha constância consistirão em «recomeçar» cada dia, cada instante, humilhando-me profundamente pela minha miséria e tornando a levantar-me com plena confiança na Vossa vontade que quer a santificação da minha alma.

7. O MONTE DA PERFEIÇÃO

«Quem subirá ao monte do Senhor?» (Sal, 23, 3). Peço ao meu Deus que me permita aproximar do monte santo onde Ele habita, onde só reina a Sua honra e a Sua glória.

1 — S. João da Cruz deixou-nos um gráfico que resume e exprime sinteticamente toda a vida espiritual. É o esboço de um monte cujo cimo representando o estado de perfeição, é figurado por um círculo; a subida é simbolizada por três caminhos que se dirigem para o centro do círculo mas só um, o mais estreito, o atinge: é o caminho do «nada», quer dizer, da abnegação total; esse leva directamente ao centro do círculo onde está escrito: «só mora neste monte a honra e a glória de Deus».

A este supremo cume chega a alma que, dominada pela caridade perfeita, adere totalmente à vontade divina, só por ela é movida e, por consequência, tende unicamente para a glória da Trindade Sacrossanta: «Já por aqui não há caminho, que para o justo não há lei...», está escrito à volta do círculo. Com efeito, a alma dominada completamente pelo amor de Deus, não tem já necessidade do estímulo de uma lei externa para cumprir o seu dever, que a obrigue a permanecer no bom caminho; a vontade divina converteu-se espiritualmente no único «princípio de actividade» que a move e dirige em todos os seus actos. Por isso o Santo diz que, neste estado, das duas vontades — humana e divina — se fez uma só, e esta vontade única é a vontade divina convertida em vontade da alma que, perdendo-se naquela, abandonou qualquer outra escolha.

Todas as virtudes infusas, os dons e os frutos do

Espírito Santo florescem abundantemente nesta alma, permitindo-lhe saborear a intimidade com Deus num «eterno banquete, num divino silêncio, numa divina sabedoria».

Deste modo, através do áspero caminho do «nada», a alma chega ao «tudo» imenso do seu Deus, único tesouro no qual se perde.

2 — O único caminho capaz de conduzir ao cume da perfeição é o áspero caminho do nada, que abandona as duas estradas cómodas do espírito imperfeito, que terminam a meio do monte, impedindo a subida. O espírito imperfeito é aquele que está «apegado» aos bens da terra, ou mesmo aos bens espirituais, amados desordenadamente em vista da própria satisfação.

Para sair do «caminho do espírito imperfeito», é necessário, portanto, não amar nada que não esteja em plena conformidade com a vontade de Deus. Com efeito, todo o objecto amado por si mesmo e não segundo a vontade divina, converte-se para nós em fonte de preocupações, de desejos, de agitação, de ânsias, atormentando o nosso coração e impelindo-nos a agir em busca da nossa satisfação. Quantos «princípios de acção» diferentes da vontade de Deus numa alma apegada às coisas criadas! Essa alma encontra-se precisamente nesses «caminhos de imperfeição» que jamais a conduzirão ao termo. Por isso, ao lado desses versos, está escrito: «nem bens da terra, nem bens do céu» e portanto *nada*. Alguns versos inscritos na base do monte insistem sobre este conceito fundamental: «Para vir a gostar, a saber, a possuir, a ser *tudo*, não queiras nem gostar, nem saber, nem possuir, nem ser *nada*. Deves prosseguir o teu caminho sem *gostar*. sem *saber*,

sem *possuir*; deves ir por onde nada és». É o caminho árido e desolado da purificação do sentido e do espírito que aniquila a alma a fim de a dispôr para o encontro profundo com Deus, para o «tudo» da plena conformidade da sua vontade com a vontade divina.

Colóquio — Eis-me aqui, ó meu Deus, ao pé do monte sublime da perfeição! Como poderei resistir a um tão áspero e longo caminho?

Para encorajar a minha pusilanimidade preciso de pensar que o Vosso amado Filho desceu à terra para me mostrar e preceder neste único caminho que a Vós conduz. Ele próprio nos disse: «Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me» (Mt. 16, 24). Não é porventura este o caminho do *nada*? E com as Suas palavras: «Sede pois perfeitos como também vosso Pai celestial é perfeito» (Mt. 5, 48), não me convida também a alcançar aquela suma perfeição onde só se busca a honra e a glória de Deus?

Se Vós, Senhor, me chamais à santidade, Vós mesmo estais pronto a dar-me as graças necessárias para a alcançar, ou antes, sois Vós que, com o Vosso divino socorro, sempre me precedeis e docemente me impelis. Por isso, conVosco, todas as coisas, mesmo as mais difíceis, se tornarão fáceis e suaves.

«Ó Senhor meu, como mostrais que sois poderoso!... Porque sobre toda a razão natural fazeis as coisas tão possíveis que dais bem a entender que não é mister mais do que amar-Vos de veras e deixar tudo por Vós, para que façais tudo fácil.

«Vem bem aqui o dizer que fingis tornar trabalhosa a Vossa lei, porque eu não o vejo, nem sei como é estreito o caminho que a Vós leva. Caminho real, vejo que é, e

não senda; quem na verdade se mete nele, vai mais seguro, porque muito longe estão os recifes e despenhadeiros para cair, quero dizer, as ocasiões de Vos ofender... O que Vos ama de verdade, Bem meu, seguro vai por largo caminho real, longe está o despenhadeiro. Mal vai a tropeçar, já Vós lhe dais a mão; não basta uma queda, nem muitas para se perder, se Vos tem amor a Vós e não às coisas do mundo, porque vai pelo vale da humildade. Não posso entender porque é que temem meter-se ao caminho da perfeição... Os olhos em Vós, e não haja medo de que Vos escondais, Sol da justiça, nem que nos deixeis caminhar de noite para que nos percamos, se primeiro não Vos deixamos nós.

«Não temamos andar entre leões sempre prontos a devorar-nos, que são as honras e deleites e coisas semelhantes a que se chama no mundo contentamento, pois parece que o demónio nos faz temer até aranhas!... Mil vezes me espanto e dez mil quereria faltar-me de chorar!

«Vós ó Senhor misericordioso e onnipotente, dignai-Vos abrir-nos os olhos e não permitais que se tornem a cegar os meus! Amen» (T.J. Vi. 35, 13-15).

8. O SENHOR VIRA DEPRESSA

II DOMINGO DO ADVENTO

Ponho-me diante de Jesus Sacramentado para ouvir o Seu duplo convite à confiança e à penitência de que nos fala a liturgia de hoje.

1 — Depois de termos considerado o sublime programa de santificação a que todos devemos tender, é

muito consolador meditar nos magníficos textos da liturgia de hoje: são um convite à plena confiança no auxílio divino. «Depressa virá a tua salvação; porque te consumes de tristeza?... Salvar-te-ei e livrar-te-ei, não temas... Como uma mãe consola seus filhos, assim eu vos consolarei a vós, diz o Senhor». (BR.) O Senhor não nos quer na ansiedade e no desânimo. Se Ele nos propõe um caminho sublime de santidade, não nos deixa sós, mas está connosco para ser o nosso auxílio e sustentáculo.

A Missa do dia põe em evidência como Jesus não vem somente para o povo de Israel, para um número escasso de eleitos, mas para todos, até mesmo para os gentios. «Eis que o Senhor vem para salvar as nações» (Intr.). Confiemos, portanto, e alegremo-nos conforme os desejos de S. Paulo: «o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e de paz na vossa fé, para que abundeis na esperança» (Ep.: Rom, 15, 4-13). E para que a nossa esperança em Cristo seja estimulada também por factos concretos, o Evangelho (Mt. 11, 2-10) descreve-nos a grandeza das Suas obras: «os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados».

Não há miséria material ou moral que Jesus não possa curar; pede-nos apenas que Lhe vamos ao encontro com um coração dilatado pela fé, pela confiança absoluta no Seu omnipotente amor misericordioso.

2 — No Evangelho de hoje Jesus apresenta-nos a figura forte e austera do Baptista: «Que fostes vós ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento?... Um homem vestido de roupas delicadas?»

Se queremos preparar os nossos corações para a

vinda do Senhor, devemos calcar aos pés os bens terrenos, como João Baptista que, despojando-se de tudo, se retirou para o deserto a fim de se entregar a uma vida de penitência. O seu exemplo convida-nos a retirar-nos para o deserto interior do nosso coração, longe das criaturas, para esperar a vinda de Jesus num inteiro recolhimento, silêncio e solidão — tanto quanto nos permitam os deveres do nosso estado. E devemos perseverar nesta atitude mesmo no meio da aridez e do desânimo: «Eis que aparecerá o Senhor — canta o ofício do dia — e não faltará à Sua palavra: *se demora, espera-O*, pois que virá e não tardará» (BR.).

Ao recolhimento interior unamos um maior espírito de penitência, de mortificação. Examinemos com que generosidade praticamos as penitências e as mortificações prescritas pelas nossas regras, ou as que livremente nos impusemos com a aprovação dos nossos confessores ou superiores. Se neste ponto reconhecemos que fizemos pouco, será conveniente propor fazermos alguma mortificação especial: na comida, no descanso, no vestuário, nalgum trabalho pesado ou pouco agradável à natureza...

Se queremos saborear as doces alegrias do Natal, devemos saber preparar-nos para elas com aquelas disposições que a Igreja hoje nos convida a pedir: «Nós Vos suplicamos, Senhor, que... nos ensineis a desprezar as coisas da terra e a amar as do céu» (MR.).

10 [Colóquio — Ó Verbo, meu Salvador, como posso duvidar de que vindes a este mundo para me salvar e santificar? Porque não irei eu a Vós com plena e íntima confiança, quando nada poupastes para me testemunhar o Vosso amor infinitamente misericordioso? A Vossa Incarnação, os Vossos vagidos de recém-nascido,

a Vossa vida humilde e oculta, o Vosso apostolado, os Vossos milagres, a Vossa dolorosa Paixão, a Vossa Morte, todo o Vosso Sangue derramado, não bastarão para me fazer acreditar no Vosso amor e abrir o meu coração à mais inteira confiança?

«Ó Jesus, repito-Vos cheia de confiança a humilde oração do publicano; mas imito sobretudo o procedimento de Madalena, a sua admirável, ou melhor, a sua amorosa audácia que encanta o Vosso coração... Sim, bem o sinto, mesmo que me pesassem na consciência todos os pecados que se podem cometer, iria, com o coração despedaçado de arrependimento, lançar-me nos Vossos braços, pois sei com quanto carinho amais o filho pródigo que volta a Vós» (T.M.J. M.A. pg. 317).

Com esta confiança, ó meu Jesus, quero voltar a seguir o meu caminho e recomeçar os meus pobres esforços.

Vós me chamais, neste Advento, a um maior recolhimento interior, a um mais profundo silêncio interno e externo, para escutar a Vossa voz e preparar-me para a Vossa vinda. Fazei que emudeçam em mim a contínua tagarelice das coisas vãs, as vozes discordantes da natureza, do amor próprio, da susceptibilidade, a gritaria louca das fantasias, imaginações, pensamentos, preocupações inúteis.

Reconheço que o meu entendimento e o meu coração se assemelham frequentemente a um mar encapelado em que as ondas se sucedem sem descanso, com um ruído ensurdecedor; contudo, se quizerdes, bastará um sinal Vosso para fazer voltar a calma, para fazer calar todas as coisas.

Mas Vós fazeis-me compreender que o silêncio interior exige desapego de nós mesmos e das criaturas,

exige mortificação interna e externa. Sim, por Vosso amor, quero mortificar a minha curiosidade: a curiosidade dos olhos, dos ouvidos, do pensamento, da fantasia.

Quero também fazer calar as minhas paixões e para isso proponho mortificar o meu corpo com mais generosidade.

Ó Verbo eterno, meu Salvador, atraí a Vós todas as minhas potências, fixai em Vós o meu olhar interior para que eu possa procurar e escutar só a Palavra eterna do meu eterno Deus.

9. A IMACULADA CONCEIÇÃO (1)

Ponho-me na presença de Maria Imaculada, minha doce Mãe, e escuto o seu apelo: «Vinde a mim todos os que me amais e dir-vos-ei quantas coisas Deus fez na minha alma» (BR.).

1 — A festa da Imaculada Conceição harmoniza-se perfeitamente com o espírito do Advento; enquanto a alma se dispõe para a vinda do Redentor, é justo pensar naquela, «a toda pura», que foi Sua Mãe. A própria promessa do Salvador está unida, ou antes, incluída, na promessa desta Virgem singular. Depois de ter amaldiçoado a serpente enganadora, Deus proclamou: «Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará a cabeça» (*Gén.* 3. 15). E eis que a Virgem anunciada avança, «branca como a neve, resplandecente como o sol, cheia de graça e bendita entre todas as mulheres» (BR.).

(1) Transferir esta meditação segundo o calendário do ano.

Em vista do sublime privilégio que fará dEla a Mãe do Verbo Incarnado, Maria — única entre todas as criaturas — foi preservada do pecado original. Apesar disso, não vejamos somente na Imaculada, a preservação do pecado original, a ausência absoluta da mais tênue sombra de imperfeição, mas vejamos também o aspecto positivo deste mistério que, desde o primeiro momento da sua existência, fez dEla a cheia de graça.

Os teólogos ensinam que Maria Santíssima começou a sua carreira espiritual com uma graça muito mais abundante e perfeita do que aquela que os maiores santos alcançaram no fim da vida. Se considerarmos que, durante toda a sua existência, a Santíssima Virgem correspondeu sempre dum modo pleno e total a todos os movimentos da graça e a qualquer chamamento divino, podemos adivinhar com que incessante e rapidíssimo progresso cresceram nEla a caridade e a graça, a ponto de a converterem na criatura mais santa, mais totalmente unida a Deus e mais transformada nEle.

2 — S. João da Cruz, ao descrever as maravilhas do estado de união perfeita com Deus, apresenta-nos a Virgem Imaculada como o seu protótipo e modelo: «Tais eram as obras da gloriosíssima Virgem nossa Senhora, que, estando desde o princípio elevada a este alto estado de união, nunca teve impressa na alma forma de qualquer criatura, nem por ela se moveu, mas sempre a sua moção foi do Espírito Santo» (S. III, 2, 10).

Vemos, por conseguinte, realizarem-se plenamente em Maria as duas condições essenciais do estado de união. A primeira — prévia e negativa — requer que na vontade da alma não haja nada que seja contrário à vontade divina; nenhum apego que a faça prisioneira das

criaturas, de sorte que estas dominem de algum modo sobre o seu affecto, levando-a a agir por amor das mesmas criaturas: tudo isto deve ser eliminado. A segunda condição — positiva e construtiva, e consequência da primeira — consiste em que a vontade humana em tudo e por tudo, seja movida unicamente pela vontade de Deus. De tal modo isto se realizou na alma puríssima da Imaculada, que nEla jamais existiu a mínima sombra de apego às criaturas, «nunca teve impressa na alma forma de qualquer criatura, nem por ela se moveu», mas, totalmente dominada pelo amor divino, agia somente sob o impulso e a «moção do Espírito Santo».

Assim a Imaculada apresenta-se-nos como a Esposa puríssima do Espírito Santo, não só em relação à sua maternidade divina, mas ainda em relação a toda a sua vida, movida exclusivamente pelo Seu impulso.

Colóquio — Ó Maria, Mãe de Deus e minha Mãe, quanta luz e quanto conforto recebo da vossa doce imagem! Vós, a mais bela, a mais santa, a mais pura de todas as criaturas, vós, a «cheia de graça», tão «cheia de graça que merecestes trazer em vós o Autor e a fonte de toda a graça, não desdenhais apresentar-vos a mim, pobre criatura, que conheço o pecado e as suas misérias, como modelo de pureza, de amor, de santidade!

Se os privilégios da vossa Imaculada Conceição e da vossa divina Maternidade são inimitáveis, vós os ocultais sob as aparências de uma vida tão simples e humilde que não temo aproximar-me de vós, nem pedir-vos que me leveis pela mão para me ajudardes a subir convosco o monte da perfeição. Sim, vós sois a Rainha do céu e da terra, mas sois mais Mãe que Rai-

nha, pois vós mesma me animais a recorrer a vós, dizendo: «ó filho, escuta-me: felizes os que seguem os meus caminhos... aquele que me achar, encontrará a vida e alcançará o favor do Senhor» (MR.). E eu respondo com o grito da Igreja: «Atraí-me, ó Virgem Imaculada, correrei atrás de vós, ao odor dos vossos perfumes».

Sim, atraí-me, Mãe Imaculada, atraí-me sobretudo com o luminoso encanto da vossa pureza sem mancha. Como me sinto impuro e maculado pelas coisas terrenas, perante vós que sois puríssima, tão desprendida de tudo, tão esquecida de vós mesma que nada vos moveu a agir senão a vontade divina, a moção do Espírito Santo!

Se vos vejo sempre dócil e pronta a responder ao mínimo chamamento divino, embora oculto sob as circunstâncias mais humanas e comuns; se vos oiço repetir docemente o vosso «sim», *ecce ancilla Dómini... fiat*, em todos os acontecimentos da vossa vida, grandes ou pequenos, alegres ou penosos, é justamente porque sois a Puríssima. Nenhuma sombra de criatura, de interesse, de afecto humano, toca ao de leve o vosso coração e por isso nada pode impedir o vosso rápido voo para Deus.

Ó Virgem Imaculada, ainda que eu seja tão pertinaz, tão preguiçoso e avaro em dar-me a Deus, tão mergulhado nas coisas da terra, fazei-me compreender como deve ser puro o meu coração para nunca recusar nada ao Senhor e poder repetir sempre convosco o meu dócil e pronto *fiat*.

Iluminai a minha alma com a luz que irradia da vossa resplandecente pureza, para que não fique escondido em mim nenhum apego, nenhum afecto terreno, impedindo-me uma vida de autêntica e plena consagração a Deus.

Confio-vos especialmente o meu voto de castidade; guardai-o e fazei que eu seja puro não só de corpo, mas também de alma e coração. Com a vossa ajuda, minha Mãe, estou disposto a renunciar a qualquer affecto, por mínimo que seja, que me possa prender às criaturas; quero que o meu coração seja todo para Deus, para Ele quero guardar todas as suas palpitações em espírito de total castidade.

10. CHAMAMENTO A INTIMIDADE DIVINA

Recolho-me na presença do meu Deus que vive em mim pela graça, com o vivo desejo de me pôr em contacto com Ele.

1 — «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará e nós viremos a ele, e faremos nele morada» (Jo. 14, 23).

Este é o grande mistério da «inabitação» divina que o próprio Jesus nos revelou, assegurando-nos que Deus Uno e Trino não está longe da alma que O ama, mas que, pelo contrário, vive nela e nela tem a Sua morada.

A doutrina católica ensina-nos que Deus está necessariamente presente em todas as Suas criaturas. Com efeito, para que estas existam, têm necessidade não só de serem criadas por Deus, mas também de ser conservadas por Ele na existência; Deus conserva-as operando nelas, isto é, comunicando-lhes continuamente o ser; e como Ele opera mediante a Sua substância, está presente onde quer que opera, portanto, em todas as criaturas. Desta maneira Deus está presente em toda a parte, mesmo na alma dos pagãos e pecadores.

Mas para a alma revestida da graça santificante e da caridade, há uma presença de Deus particularíssima que foi prometida por Jesus e que se chama *inabitação*. «Diz-se que as Pessoas divinas *inabitam* na alma porque estão presentes, de um modo insondável nas criaturas dotadas de inteligência e podem ser possuídas por estas, mediante o conhecimento e o amor, mas de um modo que transcende toda a natureza criada e que é todo íntimo e singular» (*Enc. Mystici Corporis*); ou seja, na alma em graça, as três Pessoas divinas tornam-Se presentes a fim de serem conhecidas pela fé, amadas pela caridade, e também para Se manifestarem a ela, através da íntima iluminação dos dons do Espírito Santo.

2 — A SS.^{ma} Trindade está presente na alma em estado de graça para a convidar a viver em sociedade, em íntima amizade com as Três Pessoas divinas. É sempre Jesus que no-lo diz da maneira mais clara e autorizada: «Permanecei em mim e eu em vós» (Jo. 15, 4); «Eu em vós e o Pai em mim, para que sejais perfeitos na unidade» (cfr. ib. 17, 23); «como Tu, Pai, o és em mim, e eu em Ti, para que também eles sejam um em nós» (ib. 17, 21); mas onde está o Pai e o Filho não pode faltar o Espírito Santo, e Jesus disse expressamente: «O Espírito de verdade... habitará convosco e estará em vós» (ib. 14, 17).

A cada alma em estado de graça pode portanto repetir-se, com toda a verdade, esta frase que tanto impressionava a Ir. Isabel da Trindade: «O Pai está em ti, o Filho está em ti, o Espírito Santo está em ti».

Deus está em ti como Pai e como doce Hóspede, convida-te a viver não só para Ele, mas *com Ele, nEle*;

está em ti para Se manifestar à tua alma, como o amigo se manifesta ao amigo, segundo a palavra de Jesus: «o que me ama... eu o amarei e me manifestarei a ele. Já não vos chamarei servos... chamei-vos amigos» (Jo. 14, 21; 15, 15). Deus — Pai Filho e Espírito Santo — dirige-te o convite para viveres com Ele, oferece-te a Sua amizade.

Que dom imenso! «Se conhecêssemos o dom de Deus!» (Jo. 4, 10).

5 [Colóquio — Ó meu Deus, Trindade adorada, fazei-me conhecer o Vosso dom, o dom imenso de habitardes na minha pobre alma, Vós, Uno e Trino, imenso e omnipotente!

«Ó Deidade eterna, ó alta e eterna Deidade, ó Sumo e eterno Pai, ó Fogo que sempre ardeis!... Quem manifesta a Vossa bondade e grandeza? O dom que haveis concedido ao homem. E que dom lhe haveis concedido? Destes-Vos a Vós mesmo, Deus Trindade eterna. E como e onde Vos destes? No estábulo da nossa humanidade que se tornou estábulo de animais, isto é, de pecados mortais...» (S.ta Catarina de Sena).]

46 [«Ó meu Senhor e meu Bem, não posso dizer isto sem lágrimas misturadas de íntima alegria. É possível, Senhor, que queirais estar assim connosco?... Se não é por nossa culpa, podemos gozar conVosco como Vós folgais connosco, pois dizeis que Vos deleitais em estar com os filhos dos homens! Oh! Senhor meu, que é isto? Sempre que oiço esta palavra, dá-me grande consolação. Será possível, Senhor, que haja alma que chegue a ponto de Vós lhe fazerdes mercês e regalos semelhantes, que entenda que Vós folgais com ela e que Vos torne a ofender depois de tantos favores e tão gran-

des mostras de amor, do que se não pode duvidar, pois se vêem claramente as obras? Sim, ó Senhor! Sou eu esta alma que Vos ofendi, não só uma, mas muitas vezes.

«Se eu então entendera como agora que neste pequenino palácio da minha alma cabia tão grande Rei, não Vos teria deixado tantas vezes só, algumas teria ficado conVosco e procuraria que não estivesse tão suja. Como me admira ver que Vós, meu Deus, que podeis encher mil mundos e muitos mais com a Vossa grandeza, Vos encerrais em coisa tão pequena! É que, na verdade, como sois Senhor do mundo, tendes conVosco a liberdade e como nos amais, fazeis-Vos à nossa medida» (T.J. Vi. 14 10; *Cam*, 28, 11).

Deus meu, Trindade Santíssima, jamais fecharei os meus ouvidos ao Vosso amoroso chamamento: não quero que sejais na minha alma o «grande Esquecido»; ajudai-me a fixar em Vós todas as minhas potências, a inteligência e mais ainda a vontade, a fim de viver em contínua e perfeita união conVosco. Que só a Vós busque, que nunca o meu olhar de Vós se afaste, que em Vós e conVosco eu sofra, reze e trabalhe.

Ó Trindade eterna, meu doce amor! Ó Pai, atraí-me com a força da Vossa onnipotência; ó Filho, iluminai-me com o esplendor da Vossa sabedoria; ó Espírito Santo, inflamai-me com o ardor da Vossa Caridade!

11. À PROCURA DE DEUS

Recolho-me no santuário íntimo da minha alma para aí procurar Deus que vive em mim pela graça.

1 — «O reino de Deus está dentro de vós» (Lc. 17, 21), diz-nos o Senhor; S.ta Teresa de Ávila comenta: «A alma, para falar a seu Eterno Pai e gozar da Sua companhia não precisa de ir ao céu... Para ir em busca d'Ele, não precisa de asas, basta pôr-se em soledade e olhá-IO dentro de si mesma» (Cam. 28, 2).

Mas se Deus está em nós, porque nos é tão difícil encontrá-IO, reconhecer a Sua presença? Eis como responde S. João da Cruz: «É de notar que o Verbo Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, essencial e presencialmente está escondido no íntimo ser da alma. Portanto, à alma que O tem de achar, convém sair de todas as coisas segundo a afeição e a vontade, e entrar em sumo recolhimento dentro de si mesma, sendo-lhe todas as coisas como se não fossem... Deus está portanto escondido na alma e ali O há-de buscar com amor o bom contemplativo» (C. 1, 6).

A resposta é clara: Deus está em nós, mas está *escondido*. Para O buscar é preciso sair de todas as coisas segundo o afecto da vontade. «Sair» na terminologia do Santo, significa *desprender-se, privar-se, renunciar, aniquilar-se, morrer* espiritualmente a si mesmo e a todas as coisas. É o caminho do nada, do desapego total: é a morte do homem velho, condição indispensável para a vida em Deus. Também S. Paulo disse: «Estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Col. 3, 3).

A busca amorosa de Deus escondido em nós, vai

a par com esta morte para o mundo e para nós mesmos. Quanto mais se morre, mais se encontra a Deus.

2 — S. João da Cruz prossegue: «Quem quiser achar uma coisa escondida, há-de entrar muito escondidamente até ao esconderijo onde ela está; e quando a acha, fica também escondido como ela. Sendo, pois, o teu Esposo amado, tesouro escondido no campo da tua alma, pelo qual o sábio mercador deu todas as suas coisas, convirá que tu, para O achares, *olvides todas as tuas e, afastando-te de todas as criaturas*, te escondas no retiro interior do teu espírito» (C. 1. 9). É um novo convite ao desprendimento — *esquecer, afastar-se* de todas as coisas — *para penetrar* nas profundezas da alma, no esconderijo onde Deus Se oculta.

Vivemos demasiado à superfície, muitas vezes levamos dentro de nós um mundo de tendências, de imperfeições, de paixões ardentes que nos arrastam para as criaturas e nos incitam a dar-lhes o nosso coração, a colocar nelas a nossa esperança, a buscar a nossa consolação na sua lembrança. E vivemos neste mundo superficial que nos absorve a ponto de esquecermos essa vida mais profunda, totalmente interior, na qual poderia estar a alma em íntima união com o seu Deus. Dir-se-ia que o Senhor nos espera no fundo da nossa alma, mas nós não chegamos lá, embebidos como estamos nos «nossos negócios» aos quais prestamos toda a nossa atenção. (1)

(1) Cfr. P. Gabriele di S. M. Maddalena: *L'Unione con Dio secondo S. Giovanni della Croce*, 3.^a edição, Carmelo S. José — Roma 1961.

Colóquio — «Ó meu Deus, fizestes-me compreender ser eu mesmo o aposento em que Vós morais e o esconderijo onde Vos ocultais. Coragem, alma minha, alegra-te ao considerar que o teu sumo Bem, o objecto da tua esperança, está perto de ti e que tu não podes estar sem Ele. Que outra coisa posso desejar e buscar fora de mim. Ó meu Senhor e meu Deus, se Vos dignastes estabelecer o Vosso reino e a Vossa morada dentro da minha própria alma? Aqui, pois, no mais íntimo santuário do meu coração, Vos quero amar, desejar e adorar; não mais sairei de mim para Vos encontrar» (cfr. J.C. C. 1, 7 e 8).

As coisas exteriores, as criaturas, as suas palavras poderão talvez falar-me de Vós, mas não são Vós, e, por isso, me cansam e distraem, enquanto que, no pequeno céu da minha alma, posso achar-Vos tal como sois em toda a Vossa essência, substância e caridade.

Estou certo, ó meu Deus, de que para Vos achar é necessário *sair* de todas as coisas: sair do borbórinho e confusão da vida exterior, do barulho das coisas do mundo, da curiosidade que me arrasta para fora de mim para ver, ouvir e saber. *Sair*, quanto à vontade, de todo este mundo exterior que tenta continuamente atrair a minha atenção, os meus pensamentos e os meus afectos. Ajudai-me a impor silêncio às minhas curiosidades inúteis, à minha excessiva loquacidade, ajudai-me a passar pelo meio das vicissitudes da vida terrena, dos seus encantos aparentes, dos seus negócios e da sua vertiginosa actividade, sem que os meus olhos e o meu coração fiquem presos neles, buscando alguma satisfação, conforto ou interesse pessoal.

Sair de todas as coisas é como que morrer, morrer para a vida superficial, para a vida puramente humana.

para o homem velho com todas as suas paixões. Sair é desprender-se, desapegar-se de tudo para Vos procurar só a Vós! Acaso esta «saída» não se identifica com a «subida» íngreme do monte da perfeição e com o caminho estreito do «nada» que conduz ao «tudo» da vida de perfeita união conVosco?

Que luz nova, meu Deus! Esta subida e este monte de perfeição e até o cume resplandecente onde a alma se une perfeitamente a Vós, tudo se encontra, não fora, mas dentro de mim: o cume é o esconderijo onde estais oculto e para Vos encontrar tenho de me esconder conVosco, caminhando sempre pela senda do «nada», do total desprendimento de todas as coisas.

Será muito afastar-se de tudo, deixar tudo para Vos encontrar, ó meu Deus? No meio da minha fraqueza uma coisa me consola: saber que neste duro caminho de renúncia total não estou só: Vós estais sempre comigo.

Ó Pai, sede a minha fortaleza; ó Verbo, sede a minha luz; ó Espírito Santo, sede o meu amor!

Ó Trindade Santíssima, Vós sois o meu grande tesouro; para o encontrar é bem pouco vender todas as coisas da terra!

12. PROCURAR DEUS NA ORAÇÃO

Esquecendo preocupações e cuidados terrenos, escondo-me no pequeno céu da minha alma para me pôr em íntimo contacto com Deus.

1 — «Tu, porém, quando oraes, entra no teu quarto e, fechada a porta, em segredo ora a teu Pai» (Mt. 6, 6).

A solidão exterior, o retirar-se materialmente do ruído, das ocupações e preocupações desta vida, é um grande meio, indispensável até certo ponto para uma vida interior séria.

Toda a regra de vida religiosa, mesmo a de um simples Instituto secular, prescreve determinadas horas de oração, durante as quais devemos suprimir decididamente qualquer ocupação e retirarmo-nos para a solidão a fim de retemperar o espírito num contacto mais directo e mais intenso com Deus.

Sem estes «compassos de espera», é ilusão pretender viver, não só uma vida séria, mas até a vida interior mais elementar.

Deve suspender-se, por conseguinte, nesses tempos, qualquer actividade, por importante e urgente que seja, para se concentrarem as forças na actividade suprema da oração. São horas sagradas, das quais uma alma consagrada a Deus não pode subtrair, por iniciativa própria, nem sequer uma mínima parte, sob pena de ver estiolar a sua vida espiritual. Pode aplicar-se aqui aquela sublime sentença de Jesus: «Buscai em primeiro lugar o reino Deus» (Mt. 6, 33). E já sabemos que este reino está dentro de nós e que, para o encontrar, temos necessidade absoluta destes momentos de retiro, de solidão, de total evasão das criaturas, dos negócios e das ocupações. Nestes momentos podemos e devemos «sair» efectivamente de todas as coisas e «afastar-nos» de todas as criaturas para procurar Deus escondido em nós.

2 — Quando a samaritana perguntou em que lugar Deus devia ser adorado, Jesus respondeu-lhe: «Deus é espírito e em espírito e verdade é que O devem adorar os que O adoram» (Jo. 4, 24). Com isto o divino Mestre

dá-nos a entender que o espírito interior é mais necessário que o «lugar» de oração, porquanto somente dele pode brotar a «verdadeira adoração» a Deus que é «espírito e verdade». E, se bem que o retiro e a solidão material tenham grande importância para a oração, não serão suficientes se não forem acompanhados do recolhimento interior.

S. João da Cruz diz «...cerrando a porta atrás de ti (a saber, *a tua vontade a todas as coisas*) ora em segredo a teu Pai» (C. 1, 9).

Não se trata só de cerrar a porta material da própria habitação, senão que se deve *cerrar a vontade a todas as coisas*, ou seja, como diz ainda o Santo, cerrar «todas as tuas potências a todas as criaturas» (ib. 1, 10).

Para achar Deus na oração é mister iniciá-la com um decisivo acto da vontade: pôr de lado todas as coisas, todos os cuidados e preocupações humanas com o fim de concentrar em Deus só, as potências da alma.

S.ta Teresa de Jesus exorta-nos a «que este bocadinho de tempo que nós determinamos dar-Lhe, Lho demos com o pensamento livre e desocupado de outras coisas e com toda a determinação de nunca mais Lho tornarmos a tirar, por mais trabalhos, contradições e securas que daí nos advenham» (Cam. 23, 2).

Muitas vezes damos à oração o tempo prescrito, porém não damos o coração que permanece preso às preocupações terrenas; retiramo-nos para a capela, para o quarto, mas não sabemos fugir aos pensamentos e aos cuidados da vida e, por isso, não podemos chegar ao íntimo esconderijo onde Deus Se oculta.

Colóquio — Meu Deus, ensina-me a buscar-Vos na oração, a pôr o meu coração em contacto com o Vosso,

a saber afastar-me, não só materialmente, mas também espiritualmente, de todas as coisas da terra. Quantas vezes estou de joelhos, mas o meu espírito continua a vaguear pelos caminhos do mundo!

Ó Trindade Santíssima, Vós estais no fundo da minha alma para Vos manifestardes a mim na intimidade da oração; estais aí para me atrairdes ao esconderijo secreto onde Vos ocultais, mas não o podeis fazer porque o meu espírito permanece fora, imerso nas coisas e preocupações humanas.

Se em consequência da minha fraqueza natural, das lacunas da minha pobre natureza humana, nem sempre me é possível fazer parar o movimento do meu pensamento, é-me no entanto sempre possível procurar-Vos com o coração, com a vontade. E isto é precisamente o que Vós me pedis.

Fazei-me compreender que a essência da oração «não está em pensar muito, mas em amar muito» (T. J. M. IV, 1, 7). Ajudai-me a desprender o coração das criaturas para que, na oração, eu possa livremente empregá-lo a procurar-Vos e a amar-Vos, só a Vós. Fazei, Senhor, que a minha vontade se decida a deixar tudo para se ocupar unicamente de Vós: dai-me a força de resistir, de continuar a buscar-Vos, não obstante as penosas divagações do pensamento, as securas, as impaciências... «O reino dos céus adquire-se à força» (Mt. 11, 12). Com estas palavras quereis dizer-me, ó meu Deus, que para conquistar também esse reino dos céus que está dentro de mim, isto é, para Vos encontrar dentro de mim, é necessário fazer-me violência.

Quando Vós mesmo, Senhor, me atraís, desaparecem todas as dificuldades; mas quando Vos ocultais, a minha pobre alma vagueia inquieta, sem saber a que agarrar-

-se e basta-lhe a mais leve recordação ou memória das criaturas para se distrair. Ó meu Deus, vinde fixar em Vós a minha mente e o meu coração!

«Ó meu Deus! Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente, para me fixar em Vós, imóvel e pacífica, como se a minha alma estivesse já na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de Vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me faça penetrar mais na profundidade do Vosso mistério! Pacificai a minha alma, fazei nela o Vosso céu, a Vossa morada querida, e o lugar do Vosso repouso. Que eu nunca Vos deixe só!... mas que aí permaneça com todo o meu ser, bem desperta na minha fé, sempre em adoração, toda entregue à Vossa acção criadora» (I.T. *El.*).

13. PROCURAR DEUS NOS DEVERES QUOTIDIANOS

Ó minha alma, encerra-te no teu interior e permanece ali no esquecimento de todas as coisas, buscando a Deus com o afecto do coração.

1 — «Tudo o que fizerdes em palavras ou por obra, fazei tudo em nome do Senhor Jesus Cristo, dando por Ele graças a Deus Pai» (Col. 3, 17). Não apenas nas horas de oração, mas sempre, em todos os actos e ocupações da vida, é necessário buscar a Deus; foi neste sentido que Jesus disse: «importa orar sempre» (Lc. 18, 1). Há ocupações e contactos com as criaturas que são exigidos pelas obrigações do próprio estado: são manifestações da vontade de Deus e portanto não se

deve pensar que para procurar a Deus seja necessário subtrair-se a elas.

Se nos soubermos regular pela medida exacta requerida pela vontade divina, estas ocupações e contactos não poderão nunca, por si, constituir um obstáculo à união da alma com Deus. Mas é essencial permanecer sempre no âmbito da vontade de Deus; por outras palavras, nos nossos contactos com as criaturas e em todas as actividades havemos de ter uma única intenção: o cumprimento do nosso dever. Quando, pelo contrário, o «afecto» da vontade pára em tais coisas, buscando nelas alguma satisfação pessoal, como por exemplo, satisfazer a curiosidade ou necessidade natural de afecto, fazer-se valer, procurar a estima dos outros, etc., então sai da senda da vontade de Deus e o coração apega-se às criaturas, encontrando assim um obstáculo real, e o maior, para a contínua busca de Deus. Por isso S. João da Cruz exige «sair de todas as coisas segundo a afeição da vontade» (C. 1, 6). Muito mais que a separação e o afastamento material do mundo, é necessário o desapego do coração.

2 — «Quer coma ou beba, fale ou trate com os homens, ou faça qualquer outra coisa, sempre ande desejando a Deus e unindo a Ele o afecto do coração. Isto é muito necessário para a *solidão interior*, e requer que a alma não tenha nenhum pensamento que não seja dirigido a Deus» (J.C. AR. 9).

Para poder buscar a Deus e viver em união com Ele, ainda no meio dos negócios e contactos com o mundo, é necessária a *solidão interior*, ou seja, a «cela interior» de que fala S.ta Catarina de Sena: o desprendimento será sempre a pedra fundamental sem a qual

a própria solidão e cela material seriam inúteis. Um coração não completamente desapegado encontrará sempre e em toda a parte alguma coisa capaz de o desviar da busca de Deus, de o prender, de o tornar mais ou menos prisioneiro das criaturas, de o encher de afectos e desejos terrenos. Pelo contrário, com o desapego, a alma consegue a grande e suprema liberdade de poder buscar a Deus e tender para Ele através de todas as criaturas. Torna-se capaz, em qualquer ocupação ou actividade, de andar *desejando a Deus e unindo a Ele o afecto do coração*.

Nesta vida a busca de Deus e a união com Ele realizam-se mais por meio da vontade do que por meio do entendimento. Até nos casos em que o dever — seja estudo, trabalho, ensino ou apostolado — exige uma intensa aplicação da mente e uma notável entrega de si mesmo às obras, a alma pode permanecer orientada para Deus com o afecto do coração, ou seja, com o «desejo da caridade» que incessantemente a convida a buscar a Deus, a Sua vontade e a Sua glória. Se nos impele a caridade de Cristo nada poderá separar-nos de Cristo.

Colóquio — Como o veado sequioso deseja a fonte de água viva, assim a minha alma Vos deseja a Vós, ó meu Deus. A minha alma tem sede de Vós, a Vós só deseja, quer e procura.

«Ó piedoso e amoroso Senhor da minha alma, Vós também me dissestes: 'Vinde a mim todos os que tendes sede e eu vos darei a beber'. Ó vida que a dais a todos, não me negueis a mim esta água dulcíssima que prometeis aos que a querem. Eu a quero, Senhor, e a peço e venho a Vós. Não Vos escondais, Senhor, de mim. Sabeis a minha necessidade e que ela é a verdadeira me-

dicina da minha alma chagada por Vós... Ó fontes vivas das chagas do meu Deus que manareis sempre com grande abundância para nosso mantimento, que seguro andará pelos perigos desta miserável vida o que procurar sustentar-se deste divino licor!» (T.J. *Ex.* 9, 1 e 2).

Só Vós, Senhor, podeis dessedentar a minha alma sequiosa de verdade suprema, de caridade infinita e de beleza eterna. Quando o meu coração se detém nalguma coisa criada, buscando nela alguma satisfação, quando se deixa aprisionar por algum affecto terreno, mesmo ligeiro, quando se entrega indiscretamente aos negócios e cuidados da vida, depressa se retirará fatigado, cansado, vazio e oprimido. Ó Senhor, criai em mim um coração puro e recto, que sempre e em todas as coisas Vos procure a Vós; ordenai em mim a caridade para que os meus affectos e desejos se orientem continuamente para Vós.

«Quem se poderá libertar dos modos e termos baixos se não o levantais para Vós em pureza de amor, Deus meu? Como se elevará para Vós o homem gerado e criado em baixezas, se Vós o não levantardes, Senhor, com a mão com que o fizestes? Não me tirareis, Deus meu, o que uma vez me destes em Vosso único Filho, Jesus Cristo, em quem me destes tudo quanto quero; por isso folgarei, pois não tardareis, se eu confiar. Com que dilacções esperas, ó alma minha, se desde já podes amar a Deus em teu coração?

«O céu é meu e minha a terra; minhas são as gentes, os justos são os meus e meus os pecadores, os anjos são meus e a Mãe de Deus e todas as coisas são minhas; e o próprio Deus é meu e para mim, porque Cristo é meu e todo para mim. Que pedes, pois, e buscas, alma minha? Tudo isto é teu e tudo para ti.

«Não te rebaixes nem atentes nas migalhas caídas da mesa do teu Pai; sai de ti e gloria-te da tua glória; esconde-te nela e goza, e alcançarás o que pede o teu coração» (J.C. *Oração da alma enamorada*).

14. A VIRGEM DA INCARNAÇÃO

Aproximo-me de vós, Virgem Maria, com vivos desejos de penetrar no segredo da vossa vida interior para que sejais para mim luz e modelo.

1 — «Parece-me que a atitude da Virgem durante os meses que decorreram entre a anunciação e o Natal, é o modelo das almas interiores, dos seres que Deus escolheu para viverem *dentro de si*, no fundo do abismo sem fundo» (I.T. I, 10). Se a vida de Maria Santíssima foi sempre toda recolhida e concentrada em Deus, foi-o certamente duma forma especialíssima no período em que, à sombra da virtude do Altíssimo, o Verbo estava no seu seio.

O Arcanjo Gabriel encontrara Maria na solidão e no recolhimento. «E *entrando* onde ela estava» diz o Evangelho (Lc. 1, 28); «*entrando*», o que supõe que Maria estivesse «*encerrada*» no seu retiro. Em nome de Deus, o Anjo revela-lhe o que se cumprirá nela: «O Espírito Santo descera sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. E por isso mesmo o Santo que há-de nascer de ti será chamado Filho de Deus» (ib. 35). Desde aquele instante Deus tornou-Se presente em Maria de um modo singularíssimo; é uma presença não só por essência, ciência e potência como em todas as criaturas; não só por graça, como na alma

dos justos; mas o Verbo de Deus está em Maria por «presença corporal», como diz S.to Alberto Magno.

Maria, se bem que permanecendo na sua humildade, tem perfeita consciência das «grandes coisas» que se operam nEla, como o testemunha o sublime cântico do *Magnificat*. No entanto, esconde em si o grande mistério, ocultando-o até a S. José e vive recolhida no íntimo do seu espírito, adorando e meditando: «Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração» (Lc. 2, 19).

2 — A nenhuma criatura Se entregou Deus tanto como a Maria, mas também criatura alguma compreendeu como Maria, a grandeza do «dom» divino, nem houve uma guarda e adoradora tão amorosa e fiel como Ela. Assim no-la apresenta a Irmã Isabel da Trindade: «Se conhecesses o dom de Deus! Há uma criatura que conheceu este dom de Deus e não perdeu a mais pequenina parcela dele;... é a Virgem fiel, aquela 'que guardava todas as coisas no seu coração'... O Pai, inclinando-Se sobre esta criatura tão bela, tão alheia à sua própria beleza, quis que fosse no tempo a mãe dAquele de quem Ele é o Pai na eternidade. Então o Espírito de Amor, que preside a todas as operações de Deus, interveio; a Virgem disse o seu *fiat*: 'Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra', e operou-se o maior dos mistérios. Com a descida do Verbo, Maria ficou para sempre a 'presa' de Deus.

«Com que paz e recolhimento Maria se ia prestando a todas as coisas! Até as acções mais banais eram divinizadas por Ela, porque através de tudo a Virgem permanecia a adoradora do dom de Deus!... Isto não a impedia de se entregar também à acção exterior, quando

se tratava de exercer a caridade: o Evangelho diz-nos que Maria percorreu a toda a pressa as montanhas da Judeia para ir ter com a sua prima Isabel. Nunca a inefável visão que dentro de si contemplava diminuiu a sua caridade exterior porque, segundo diz um piedoso autor, 'se a contemplação se dirige para o louvor e para a eternidade do seu Senhor, possui a unidade e não a perderá'» (I.T. I, 10).

Colóquio — Quanto me agrada contemplar-vos assim, ó Maria, profundamente recolhida na adoração do mistério que se opera em vós. Vós sois o primeiro templo da Santíssima Trindade, vós a primeira adoradora do Verbo incarnado, vós o primeiro tabernáculo da Sua santa humanidade.

«Ó Maria, templo da Santíssima Trindade! Maria, portadora do fogo divino, Mãe de misericórdia, de vós brotou o Fruto da vida, Jesus. Vós, ó Maria, sois a nova planta donde recebemos a flor aromática do Verbo Unigénito, Filho de Deus, pois em vós, terra frutífera, foi semeado este Verbo...

«Ó Maria, carro de fogo, vós levastes o fogo escondido e oculto debaixo da cinza da vossa humanidade. Se vos contemplo, ó Maria, vejo que a mão do Espírito Santo imprimiu em vós a Trindade, formando em vós o Verbo incarnado, Filho Unigénito de Deus. Vejo, ó Maria, que este Verbo que vos foi dado permanece em vós» (S.ta Catarina de Sena).

«Ó Maria, depois de Jesus, e indubitavelmente à distância que separa o infinito do finito, vós sois o grande louvor de glória da Santíssima Trindade. Vós fostes sempre pura, imaculada, irrepreensível aos olhos de Deus três vezes santo. A vossa alma é tão simples e

seus movimentos tão profundos que nem se notam. A vossa vida pode resumir-se nestas palavras do Evangelho: 'guardava todas estas coisas em seu coração'. Vós vivestes no íntimo do vosso coração e em tal profundidade que o olhar humano não vos pode seguir. Ao ler no Evangelho que 'fostes à pressa às montanhas da Judeia' para ir cumprir um dever de caridade junto da vossa prima Isabel, vejo-vos passar tão formosa, tão tranquila, tão majestosa, tão recolhida dentro de vós com o Verbo de Deus. A vossa oração como a do Senhor, foi sempre esta: 'Ecce! Eis-me aqui!' Quem? 'A escrava do Senhor', a última das Suas criaturas: vós, a Sua Mãe!

«Vós fostes tão sincera na vossa humildade, porque sempre estivestes esquecida, ignorada, liberta de vós mesma. Por isso pudestes cantar: 'O Onnipotente fez em mim grandes coisas: Todas as gerações me chamarão bem-aventurada'». (I.T. II, 15).

Ó minha Mãe, ensinai-me o segredo da vossa vida interior; ensinai-me a viver recolhido com Deus, presente na minha alma; ensinai-me o vosso silêncio, comunicai-me o vosso espírito de adoração. Junto de vós, na vossa escola, quero ser também eu o pequeno templo da divindade. Ajudai-me a desprender-me das criaturas para viver em amorosa e silenciosa adoração da Trindade, oculta no íntimo esconderijo da minha alma.

15. O SENHOR ESTÁ PERTO

III DOMINGO DO ADVENTO

O Senhor aproxima-Se cada vez mais da minha alma, convidando-me com a Sua graça; também eu quero aproximar-me dEle, reavivando os meus desejos e a minha fé.

1 — «Nós Vos esperamos, Senhor; o Vosso nome e a Vossa memória são o desejo da nossa alma. Minha alma deseja-Vos de noite e o meu espírito busca-Vos desde a manhã» (BR.).

Se tu também, alma consagrada, te preparas para comemorar a Encarnação do Verbo por meio desta vigilante e amorosa espera, ressoará hoje mais jubilosa que nunca, aos teus ouvidos, a boa nova: «o Senhor está perto, vinde, adoremo-IO!» Toda a liturgia deste dia te convida a gozar da proximidade do Redentor: «alegrai-vos incessantemente no Senhor, outra vez vos digo, alegrai-vos... o Senhor está perto!» Assim começa a Santa Missa de hoje e o mesmo repete a Epístola (Fil. 4, 4-7). O motivo da alegria é só este: «O Senhor está perto!» Para a alma que, com sinceridade e empenho, com vivo desejo e amor, espera e procura somente a Jesus, um só pode ser o motivo da sua alegria: saber que Jesus está perto, cada vez mais perto. Também S. Paulo nos exorta a não ter outros desejos: «o Senhor está perto, não vos inquieteis com nada... A paz de Deus, que está acima de todo o entendimento, guarde os vossos corações».

Quanto mais a alma concentra em Deus os seus desejos e afectos, tanto mais livre se sente das preocupações terrenas; já não se perturba com coisa alguma, porquanto sabe que uma só coisa é necessária: «buscar a Deus» e em Deus achará tudo o que precisar. Por

isso, a proximidade do Senhor é para ela fonte, não só de viva alegria, mas também de paz: nEle tem tudo, Deus lhe basta.

2 — «O Senhor está no meio de vós»: é a segunda alegre mensagem da liturgia do dia que nos é dirigida no Evangelho de hoje (*Jo. 1, 19-28*), pela boca do Baptista. «No meio de vós está quem vós não conheceis». João dirigia estas palavras aos judeus que não conheciam Jesus, o qual, apesar de não Se lhes ter manifestado com milagres, já vivia entre eles há trinta anos. O Baptista — homem de fé — apontava-O com plena certeza.

As suas palavras também valem para nós, também no meio de nós Jesus está presente, presente nos Seus tabernáculos pela Eucaristia, presente nas nossas almas pela graça. Mas quem O conhece? Sòmente o que crê. Reaviva, pois, a tua fé, porque na medida em que acreditares, acharás e conhecerás a Jesus. Às vezes Ele esconde-Se do teu olhar interior, parecendo que já não Se quer deixar encontrar nem sentir; é então o momento de redobrar a fé, de caminhar «em fé nua». «Bem-aventurados os que não viram e creram» (*Jo. 20, 29*). Tal foi a fé de S. João Baptista que não tinha visto os milagres de Jesus e, apesar disso, acreditara. Tal foi a fé de Maria Santíssima a que alude a antífona das Vésperas de hoje: «Bem-aventurada sois, ó Maria, porque crestes no Senhor: tudo o que foi dito se cumprirá em Vós». Também a Virgem viveu de fé; teve de *crer* nas palavras do Anjo e, ao aceitar ser Mãe de Deus, teve de ir ao encontro de um mistério que não compreendia. Maria, porém, acreditou e, devido à Sua fé, cumpriram-se nEla as palavras de Deus. O mesmo

te acontecerá a ti: se tens fé em Deus e nas Suas promessas, verás que se cumprirão as tuas esperanças e poderás realizar o teu ideal de íntima união com Deus.

Colóquio — «Minha alma suspira por Vós, ó meu Deus, que sois o Deus forte, o Deus vivo. A Vós venho e por Vós suspiro desde a aurora. O meu espírito tem sede de Vós e a minha carne deseja-Vos como a terra árida e ressequida. Vós sois Aquele que busco, ó Senhor, sem Vós o mundo não é mais do que um deserto abrasado pelo sol e pela sede onde nada é capaz de me satisfazer. Só Vós sois a minha salvação, o meu refúgio, o meu Salvador e Redentor. Por Vós suspiro noite e dia e a Vós dirijo constantemente os meus desejos e afectos. Como os olhos da escrava estão postos nas mãos da sua senhora, assim os meus se levantam, buscando sempre o Vosso rosto. Mostrai-me a Vossa face, ó Senhor, e com o Vosso olhar iluminai o meu caminho, sede Vós a minha luz e a minha força.

«Vinde, Senhor, não tardeis; despertai o Vosso poder e vinde salvar-nos. Vinde, como haveis prometido e sede a nossa salvação. Vós sois o nosso Salvador e fazeis desaparecer todas as nossas iniquidades, lançando no fundo do mar todos os nossos pecados. Descereis como a chuva sobre o veio e nos trareis a justiça e a paz... Vós sois o meu Guia e o meu Pastor, ensinar-me-eis Vossos caminhos e andarei pelas Vossas veredas. A Vossa próxima vinda enche-me de alegria e a minha alma exulta em Vós, meu Deus e meu Salvador. Vós me alegrais com tudo o que fazeis e regozijo-me nas Vossas obras. Quão maravilhosas são as Vossas obras e quão grande é a Vossa misericórdia!» (BR.).

Creio em Vós, confio em Vós, meu Deus e Salvador.

Procuro-Vos, mas sei que já estais perto de mim, que estais em mim. Perto de mim, escondido na Eucaristia, em mim pela graça. Ó Senhor, fazei que eu Vos conheça! Não permitais que me aconteça o mesmo que aos judeus: vivíeis no meio deles e eles não Vos conheciam. Que a minha alma esteja sempre vigilante na fé; aumentai a minha fé, já que ela é a luz pela qual Vos posso conhecer na terra. Eu sei e creio que estais em mim, Senhor, embora não Vos sinta. Porém, se quiserdes, podeis iluminar a minha alma com a Vossa luz e fazer-me conhecer a Vossa divina e misteriosa presença.

«Vós sois aquela luz que ultrapassa toda a luz, com a qual dais aos olhos da inteligência luz sobrenatural com tanta abundância e perfeição, que clarificais a luz da fé. A minha alma tem vida pela fé e nela Vos recebe e conhece. Na luz da fé adquiro a sabedoria na Sabedoria do Verbo. Na luz da fé sou forte, constante e perseverante. Esta luz não me deixa desfalecer no caminho; ensina-me a senda; sem ela andava nas trevas. Portanto peço-Vos, ó Senhor, que me ilumineis com a luz santíssima da fé» (S.ta Catarina de Sena).

16. A GUARDA DOS SENTIDOS

Na Vossa presença, ó meu Deus, recolho os meus sentidos e potências, apartando-os de toda a ocupação exterior para os fixar em Vós.

1 — Para viver uma vida interior séria, concentrada na busca de Deus, é preciso impedir que o mundo exterior penetre na alma, enchendo-a de distrações e ruídos;

por isso se devem vigiar atentamente as portas. Com efeito, os sentidos são essas portas abertas às coisas terrenas: pela vista entram as imagens, pelo ouvido os rumores, e assim sucessivamente. De modo que sem uma prudente mortificação dos sentidos, a alma, templo vivo da Santíssima Trindade, torna-se semelhante a um mercado aberto a todo o negócio e ao vai-vém de toda a espécie de notícias e rumores. Jesus poderia então dirigir-nos as palavras com que admoestou os profanadores do templo: «Não façais da casa de meu Pai, casa de negócio» (Jo. 2, 16).

Templo da Trindade pelo baptismo, a alma consagrada é-o duplamente em virtude dos seus votos ou promessas, e está também duplamente obrigada a guardar o recolhimento do seu espírito, para fazer dele, com toda a verdade, «uma casa de oração». «Basta ter as portas de fora fechadas [os sentidos] — dizia S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus — para que a alma e o coração não possam ir para lado algum fora do seu centro que é Deus. O seu programa era: «Fixarei o meu olhar no coração e levantarei o coração a Deus» (Sp. pg. 275 e 273). (1)

(1) Santa Teresa Margarida do Sagrado Coração de Jesus, Carmelita Descalça que morreu aos 23 anos de idade no Carmelo de Florença a 7 de Março de 1770, foi de uma singular e profundíssima vida interior, que se pode sintetizar no lema: «abscondita cum Christo in Deo». Verdadeira alma contemplativa, soube unir maravilhosamente, ao ofício de Maria, o de Marta, desenvolvendo uma surpreendente actividade no cuidado das doentes de que esteve encarregada quase sempre na comunidade. P. Gabriele di S. M. Maddalena: «La spiritualità di S.ta Teresa Margherita Redi Cuore di Gesù», Livreria Fiorentina, 1950.

A mortificação dos sentidos não é exercício próprio de espíritos mesquinhos e tímidos, nem sequer é exclusiva de cartuxos ou freiras de clausura, mas é um exercício indispensável a todos, para levar a alma a recolher-se e a concentrar-se em Deus.

2 — S. João da Cruz ensina como usar os sentidos externos de modo a não perturbarem o recolhimento da alma: «não se devem empregar totalmente as potências e os sentidos nas coisas, mas unicamente o que se não pode escusar, e o resto deve-se deixar desocupado para Deus» (AM. II, 38). A alma não poderá receber dano algum se se servir dos sentidos na medida requerida pelo dever, isto é, aquela que é precisamente indicada pela vontade de Deus. Mas, diz o Santo, «se se lhe oferecer o gosto de ouvir coisas que não importam para o serviço e honra de Deus, nem o queira saborear nem as queira ouvir; e se lhe der gosto olhar para coisas que não ajudem mais para ir para Deus, nem queira o gosto nem ver tais coisas» (S. I. 13, 1).

Isto significa que deve abster-se do uso dos sentidos em tudo aquilo que não é requerido pelo dever ou que não pode servir para elevar o espírito ao Senhor. Nem sempre será possível, sobretudo para quem tem um contínuo contacto com o mundo, ater-se estritamente a esta regra, quer para não se tornar desagradável aos outros, quer para evitar excentricidades inúteis; por isso o Santo acrescenta: «... enquanto o puder evitar de boamente; porque se não puder, basta que não queira saboreá-lo, ainda que estas coisas passem por si» (ib). Por outras palavras, é indispensável aprender a passar por cima destas coisas — imagens, notícias, etc., — sem se deter no seu gosto, impedindo que os sentidos sejam dominados

em absoluto por elas e conservando sempre aquela liberdade interior que permite à alma elevar-se a Deus através de todas as coisas. Usar dos sentidos só o necessário «e o resto deve-se deixar desocupado para Deus».

Colóquio — Guardai, Senhor, os meus sentidos para que nunca me separe de Vós. Com o Vosso auxílio, vigiarei atentamente as portas da minha alma, observando com o maior cuidado as regras da modéstia inerente ao meu estado. Porei como sentinela dos meus sentidos o espírito de mortificação, exercitando-me em não querer ver, escutar, nem tratar senão aquilo que é necessário ao cumprimento dos meus deveres. «Mas se Vós mesmo, Senhor, não guardais a minha casa, em vão estarei vigilante» (cfr. *Sal.* 126). Por isso Vos peço com todo o coração: «refreai e moderai a minha língua, guardai a minha vista, a fim de que não se nutra da vaidade. Dignai-Vos Senhor Deus, Rei do céu e da terra, dirigir, santificar, reger e governar o meu coração e o meu corpo, os meus sentidos, as minhas palavras e os meus actos na Vossa lei e no cumprimento dos Vossos mandamentos, para que agora e sempre mereça, com o Vosso auxílio ser livre e salvo de todo o mal» (BR.).

Colocai, Deus meu, uma sentinela nos meus olhos, nos meus ouvidos, na minha boca, em todos os meus sentidos, e que esta sentinela seja o Vosso amor. Não permita o Vosso amor que os meus sentidos se entretenham com coisas inúteis, supérfluas ou curiosas; não permita o Vosso amor que eu deixe entrar no santuário da minha alma, o ruído, as imagens, as notícias vãs das coisas da terra.

O Vosso amor seja o peso que me arrasta continuamente para Vós; e que assim, o meu olhar procure

sempre a Vossa face; os meus ouvidos, a Vossa palavra; e todos os meus sentidos corram para Vós, a fim de Vos procurar, gozar e possuir só a Vós... Seja o Vosso amor o íman que atrai para Vós todos os meus sentidos e potências. Enchei-os todos com a Vossa beleza, com a Vossa palavra, com o conhecimento dos Vossos mistérios de tal maneira que, quando a necessidade os obrigar a olhar para as criaturas, não se sintam à vontade e estejam ansiosos por voltar depressa a recolher-se para se fixarem em Vós.

Se porventura alguma vez, por minha fraqueza e miséria, não fôr fiel ao recolhimento dos meus sentidos, deixando-os vaguear longe de Vós, no meio das coisas do mundo, então eu Vos peço, Senhor, vinde depressa em meu auxílio. «Não permitais que eles se percam e dignai-Vos chamá-los Vós mesmo como o bom Pastor chama, com o seu silvo, as ovelhas dispersas no vale. Vós, mais que qualquer outro pastor, emitis um silvo tão suave e tão forte que os sentidos, apenas o ouvem, não sabem mais resistir-lhe e, abandonando as coisas exteriores entre as quais se haviam perdido, entram imediatamente no santuário da alma onde Vós os esperais e donde Vós os chamais. Ó doce Pastor da minha alma, não me negueis nunca esta misericórdia tão necessária à minha fraqueza» (cfr. T.J. M. IV, 3, 2).

17. O SILÊNCIO INTERIOR

Ó Senhor, fazei calar em mim todas as vozes do mundo, das criaturas e do meu eu, para que possa escutar só a Vossa voz.

1 — A Sagrada Escritura diz: «No muito falar não faltará pecado. O que é considerado no falar sentirá males» (*Prov.* 10, 19; 13, 3).

O programa de vida da alma consagrada, embora viva no mundo, deve reservar sempre um lugar à prática do silêncio; e se, por exigência dos deveres do próprio estado fosse absolutamente impossível fixar determinadas horas, é indispensável ater-se ao princípio: falar o menos possível com as criaturas, para falar o mais possível com Deus. É pois necessário habituar-se a controlar as suas palavras a fim de evitar a demasiada loquacidade, as tagarelices inúteis, as conversações facilmente prolongadas e as excessivas confidências com as criaturas. Tanto para o uso dos sentidos como para o uso da palavra, a norma é a mesma: falar só na medida requerida pelo dever, pela caridade; e se é lícito fazê-lo para buscar um justo alívio, é necessária uma certa moderação, não ultrapassando os limites razoáveis.

Não basta o silêncio exterior; é mister unir-lhe o interior, o silêncio dos sentidos internos. Fazer calar a memória, a fantasia, a sensibilidade, as recordações, os pensamentos, as previsões inúteis.

«Se alguém, pois, julga que é religioso, não refreando a sua língua... a sua religião é vã». (*Tgo.* 1, 26): o que se deve entender, segundo S. João da Cruz, «não menos da língua interior que da exterior» (*Ct.* 9).

2 — Eis como Deus fala à alma desejosa de intimidade divina: «Escuta, ó filha, e vê, inclina o teu ouvido, esquece-te do teu povo e da casa de teu pai» (*Sal.* 44, 11). Isto mesmo comenta a Ir. Isabel da Trindade: «Para ouvir [a Deus] é necessário esquecer a casa paterna, quer dizer, tudo aquilo que pertence à vida natural. Esquecer o seu povo é mais difícil, porque este povo é todo este mundo que faz, por assim dizer, parte de nós mesmos: a sensibilidade, as recordações, as impressões, etc... o eu, numa palavra. É necessário esquecê-lo, abandoná-lo, e quando a alma realizou esta rotura, quando está livre de tudo isso, o Rei enamora-se da sua beleza» (II, 10).

A beleza da alma recolhida está na unidade do seu espírito, não já dividido e dissipado pelas criaturas, mas inteiramente concentrado em Deus. Então Ele compraz-Se nela e comunica-Se-lhe com frequência, transformando o seu recolhimento, isto é, o seu «silêncio», tornando-o divino, «pois o seu conhecimento, é em silêncio divino» (*J.C. AM.* I, 26).

Este silêncio total — externo e interno — põe portanto a alma em condições de conhecer e escutar a Deus que vive nela: «o Pai, disse uma palavra que foi Seu Filho, e di-la sempre no eterno silêncio, e no silêncio ela há-de ser ouvida pela alma», ensina S. João da Cruz (*AM.* II, 21); e a Ir. Isabel da Trindade exclama: «Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-Vos». Esta é a ocupação fundamental da alma que aspira a ser «perfeito louvor de glória» à Santíssima Trindade: viver interiormente num silêncio constante para escutar e adorar a Deus presente em si e, exteriormente, ser e fazer só aquilo que a palavra divina lhe vai indicando a cada momento.

Colóquio — Meu Deus, ensina-me o segredo do silêncio que leva ao silêncio interior.

Quantas vezes tenho experimentado, quando me entrego às criaturas perdendo-me em conversas inútilmente prolongadas, que o meu espírito se seca, se dissipa e fica vazio; e se depois me quero recolher em oração, sinto-me incapaz de concentrar as minhas potências interiores para as fixar em Vós, incapaz de fazer calar esse pequeno mundo de impressões, de palavreado, de fantasias, de pensamentos inúteis, que me arrasta continuamente para as criaturas!

Sinto, Senhor, que quereis de mim maior fidelidade ao silêncio, maior cuidado em evitar expandir-me com as criaturas. Sim, meu Deus, quero calar-me com as criaturas a fim de escutar a Vossa voz, que fala no silêncio.

«Mas quando discuto com o meu eu e me ocupo da minha sensibilidade, quando corro atrás dum pensamento inútil, dum desejo qualquer, disperso as minhas forças, a minha alma não está toda dirigida para Vós, ó Deus, a minha lira não vibra em uníssono e Vós, ó Mestre, ao tocá-la, não podeis fazer sair dela harmonias divinas. Há aí muito de humano, é uma dissonância. Se guardo ainda qualquer coisa no meu reino interior, cujas potências não estão 'encerradas' em Vós, meu Deus, não posso ser um perfeito louvor de glória... porque a unidade não reina em mim e em vez de continuar o meu louvor através de todas as coisas com simplicidade, é necessário que reuna sem cessar as cordas do meu instrumento um pouco perdidas por todos os lados» (I.T. II, 2).

Ajudai-me, Senhor, a realizar esta bela unidade interior que recolhe no silêncio todas as minhas potên-

cias e as concentra em Vós, que torna a alma atenta a todas as Vossas palavras, capaz de perceber a mais pequena inspiração e moção do Espírito Santo.

Desde manhã que me chamais, ó Senhor, e chamais aos meus ouvidos para que Vos escute como a um Mestre (cfr. Is. 50, 4); mas a Vossa palavra é suave como um sussurro e ressoa sem ruído; é pois necessário um profundo silêncio para poder ouvi-la. Ó Verbo incarnado, que um dia, só com o aceno da Vossa mão, fizestes calar os ventos e aplacar as ondas do lago de Genezaré, dignai-Vos repetir esse gesto na minha alma e voltará a bonança e o silêncio.

«Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-Vos, quero tornar-me perfeitamente dócil para aprender tudo de Vós» (I.T. EI).

18. PROCURAR DEUS NA FÉ

Recolho-me na presença de Deus, vivo na minha alma, para aprender a procurá-LO através da luz da fé.

1 — «É necessário que, o que se aproxima de Deus, creia» (*Hebr.* 11, 6), ensina S. Paulo, e define a fé como sendo «o fundamento das coisas que se esperam e uma demonstração das que não se vêem» (*ib.* 1). No céu conheceremos a Deus com a luz da glória e nesta vida com a luz da fé.

Não devemos basear a nossa vida interior, a nossa busca de Deus, no sentimento, nas consolações espirituais, mas num intenso exercício das virtudes teologais. S. João da Cruz fala assim à alma que procura a Deus: «ouve uma palavra cheia de substância e de verdade

inacessível: busca-O em fé e em amor, sem te querereres satisfazer em coisa alguma» (C. 1, 11). É preciso aprender, portanto, a buscar a Deus, renunciando a todo o gosto, consolação e satisfação, mesmo espiritual; é preciso aprender a caminhar pela senda da «fé nua». A fé, melhor que qualquer outro conhecimento ou raciocínio, põe a alma em contacto directo com Deus; porque sòmente a fé «é meio próximo e proporcionado para a alma se unir com Deus; porque é tal a semelhança entre a fé e Deus que não há outra diferença senão ser Deus visto ou «rido» (J.C. S. II, 9, 1). A fé põe-nos diante de Deus como Ele é; não no-lO faz ver, mas acreditar, e assim põe a nossa inteligência em contacto com Ele. «Por meio da fé manifesta-Se Deus à alma em divina luz, que excede todo o entendimento. Portanto, quanto mais fé a alma tem, mais unida está com Deus» (ib.). A fé une a alma com Deus, ainda que esta não experimente consolação alguma. Muitas vezes Deus priva a alma de todo o gosto espiritual para que se exercite mais na fé e nela cresça.

2 — A fé e o amor «são os moços de cego, que te guiarão por onde não sabes, até ao recôndito de Deus» (J.C. C. 1, 11). A fé é a adesão obscura, mas firme, à palavra divina que nos revela a grandeza suprema do nosso Deus, tão sublime, tão onnipotente, mas também tão bom e misericordioso. A fé diz à alma cristã: tu és o templo de Deus vivo; e quanto mais viva é a sua fé, tanto mais crê naquelas palavras de Jesus: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23). Pela fé, a alma crê no amor infinito de Deus que Se digna debruçar-Se sobre a Sua criatura

a fim de fazer nela uma morada, convidando-a a viver em íntima união com Ele. «Nós conhecemos e cremos na caridade que Deus tem por nós» (I Jo. 4, 16). Este é o grande acto da nossa fé pelo qual, embora os nossos sentidos nada vejam e experimentem, caminhamos com a segurança de quem vê. «Quando a alma sabe crer nesse 'tão grande amor' que está sobre ela, pode dizer-se dela como de Moisés se disse: que ele 'era inabalável na sua fé, como se já tivesse visto o invisível'. Já não pára nos gostos ou nos sentimentos; pouco lhe importa sentir ou não sentir Deus, pouco lhe importa que Ele lhe dê alegria ou sofrimento: crê no seu amor» (I.T. I, 6).

«Sei em quem pus a minha confiança (II Tim. 1, 12); este é o grito da alma que crê sem hesitar e persevera na busca de Deus não obstante a obscuridade e a aridez. Para chegar, contudo, a esta fé inabalável, é necessário exercitar-se nela e pedi-la: «eu creio, auxilia a minha incredulidade, aumenta a minha fé» (Mc. 9, 23; Lc. 17,5).

Colóquio — Dai-me, Senhor, uma fé pura, ardente e forte, que me ampare e guie na Vossa contínua procura e que me faça aderir a Vós com plena segurança ainda que permaneçais escondido aos meus olhos.

Só a fé pode fazer com que eu Vos conheça tal qual sois. Vós sois infinito, onnipotente e misericordioso e assim Vos manifesta a fé. Vós sois uno e trino e assim Vos vê a minha alma, pela fé. A fé abraça-Vos tal qual sois, com toda a Vossa divindade, os Vossos mistérios, as Vossas obras, e tudo me convida a acreditar; de maneira que, na fé, Vos encontro todo inteiro, e com um acto de fé, até sem Vos ver, Vos possuo tal como sois. É certo que a fé Vos apresenta secreto e enco-

berto, e só me permite olhar-Vos «por um espelho, em enigma» (*I Cor.* 13, 12); porém é certo que não me engana, porquanto me propõe crer em Vós tal como Vós mesmo Vos haveis revelado. Como não hei-de crer, Senhor, na Vossa palavra, se nos falastes não só pela boca dos profetas, mas também pela boca de Jesus, o Vosso Verbo incarnado? Se a fé me propõe mistérios e maravilhas que o meu pobre espírito não pode compreender, nem por isso me perderei. Haverá algum mistério que se compare ao da Vossa infinita caridade, que me amou desde toda a eternidade, que me criou num acto de amor, que me remiu com o Sangue do Vosso unigénito Filho, e converteu a minha pobre alma em templo da Santíssima Trindade? «Mas só pela Vossa palavra eu creio com toda a certeza. Creio em tudo o que disse o Filho de Deus; nada mais verdadeiro que este Verbo de verdade» (S. Tomás).

«Ó Senhor, bem longe de me espantar diante das Vossas obras, elas são para mim mais um motivo para Vos louvar. Quanto mais estas obras são dificultosas de entender, mais devoção me inspiram e tanto mais quanto mais dificultosas são... Assim, quanto mais as verdades da fé ultrapassam a ordem natural tanto mais firmemente creio nelas e me dão maior devoção. Todas, todas as grandezas que Vós fizerdes ficam explicadas para mim por serdes todo-poderoso; neste ponto jamais tive dúvida» (T.J. Vi. 28, 6; 19, 9).

Com esta viva fé, ó Senhor, quero procurar-Vos e incessantemente aderir a Vós, mesmo que essa fé seja «nua» e despojada de toda a consolação. «Nada me poderá atemorizar, nem o vento nem a chuva, e se as nuvens sombrias vêm esconder-Vos, ó Jesus, não mudo de lugar, sabendo que para além das nuvens, o

sol continua sempre a brilhar, que o seu resplendor não se poderá eclipsar um só instante» (T.M.J. M.B. pg. 238).

19. PROCURAR DEUS NO AMOR

Ajudai-me, Senhor, a concentrar em Vós todos os meus afectos para que o meu coração Vos procure só a Vós.

1 — A fé «são os pés com que a alma vai a Deus e o amor é o guia que a encaminha» (J.C. C. 1, 11). A fé segue a caridade; ambas vão nesta vida, por assim dizer, a par: uma apoia-se na outra e uma progride com o progresso da outra; uma e outra mergulham cada vez mais a alma em Deus. A alma que, com todas as suas forças, crê que Deus é verdadeiramente Deus, que é o Ser supremo a quem todos pertencemos e que merece todo o nosso amor, amá-LO-á também com todas as suas forças, e nela se cumprirá aquilo que diz S. João da Cruz: «merecerá que o amor lhe descubra o que a fé em si encerra» (ib.). A fé faz-nos crer na grandeza, na misericórdia e na caridade infinitas de Deus, mas é o amor que no-las faz saborear e quase experimentar. Isto realiza-se especialmente na oração contemplativa, na qual Deus atrai a alma para Si. Mesmo prescindindo destes momentos privilegiados, havemos de exercitar-nos sempre na caridade para caminharmos até Deus «com passos de amor».

O próprio Jesus nos exigiu o exercício desta virtude no mais alto grau: «amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças» (Mc.

12, 30). S. Paulo exorta-nos: «Andai no amor» (*Ef. 5, 2*), e S. Tomás ensina que «o amor é a vida da alma». No entanto, o amor, que pertence à virtude da caridade, é de pura benevolência para com Deus; a sua pureza é a condição da sua intensidade; assim, este amor deve consistir apenas no desejo de agradar a Deus e de fazer a Sua vontade sem buscar satisfações pessoais. (1).

2 — O amor com que devemos ir a Deus não consiste no sentimento, mas sim num acto da vontade. Amar é «querer bem»; amar a Deus é «querer bem a Deus». O bem que podemos desejar a Deus é aquele que o próprio Jesus nos ensinou a pedir ao Pai celeste: «Santificado seja o Vosso nome; seja feita a Vossa vontade». Sendo Deus o Bem infinito de quem tudo depende, o bem que Ele deseja e Lhe agrada não é outro senão a Sua glória e o cumprimento da Sua santa vontade.

Portanto amamos a Deus na medida em que nos aplicamos a cumprir a Sua vontade, sem preocupação alguma pessoal ou busca de nós mesmos. S. João da Cruz ensina que, se a alma procurasse em Deus gosto e suavidade, «já não amaria a Deus puramente sobre todas as coisas» (*Cart. 11*), pois que com Ele amaria também a sua própria satisfação e teria o coração dividido entre o amor de Deus e o amor de si mesma e já não seria capaz «de pôr nEle toda a força da vontade! Portanto, conclui o Santo, «há-de conservar essa fome e sede de Deus só, sem querer satisfazer-se com outra coisa» (*ib.*). A alma que, momento a momento

(1) Cfr. P. Gabriele di S. M. Maddalena: *L'Union con Dio secondo S. Giovanni della Croce*, pg. 63 e 64.

e em todas as suas acções, não procura mais que cumprir a vontade de Deus, procura realmente a Deus no amor e une-se verdadeiramente a Ele, se bem que não sinta suavidade alguma. Mas sendo sempre verdade que «se a alma busca a Deus, muito mais a busca o seu Amado» (J.C. CV. 3, 28), por vezes Ele atrai-a a Si, fazendo-a saborear a doçura do Seu amor, o gozo e a alegria de ser toda Sua. Porém, mesmo então, a alma não poderá deter-se em tais consolações para se satisfazer a si mesma, mas aceitando-as humildemente, aproveitá-las-á para se dar a Deus com maior decisão e generosidade.

Colóquio — Concedei-me, Senhor, este amor puro e forte que só a Vós procura, por meio de uma contínua e generosa adesão à Vossa santa vontade. A Vossa vontade seja meu alimento e minha bebida, como o era para Jesus; fazei que sinta, como Jesus, fome e sede sòmente do Vosso divino querer e aplique toda a minha fé a conhecê-lo e todo o meu amor a cumpri-lo em todas as circunstâncias da minha vida.

Se aprendo a ver com os olhos da fé, os meus deveres, as minhas obrigações de cada dia me apresentarão, a cada instante e sob diversos aspectos, a Vossa santa vontade: a Vossa vontade pede-me aquele trabalho, aquele serviço, aquelas práticas de piedade, aqueles actos de caridade. E, se souber fazer isto com fidelidade e constância, saberei «buscar-Vos no amor» e não tardareis a deixar-Vos encontrar pela minha alma.

Mas, ó Senhor, como é débil o meu amor, como é fraco, como fácilmente se detém perante as dificuldades, desfalece na prova e se assusta na aridez!

«Como poderei ter um amor digno de Vós, meu Deus, se Vós não o reforçais com o amor que Vós mesmo me tendes? Só o amor dá valor a todas as coisas e o mais necessário é que seja tão grande que nada o estorve para amar. Mas eu não tenho senão palavras, pois não valho para mais. Valham-me meus desejos, meu Deus, perante o Vosso divino acatamento e não olheis meu pouco merecer. Que mereçamos todos amar-Vos, Senhor! Já que se há-de viver, viva-se para Vós, acabem-se os nossos desejos e interesses. Que maior coisa pode haver do que merecer contentar-Vos?... Eu desejo, Senhor, contentar-Vos. Mas o meu contentamento, bem o sei, não está em nenhum dos mortais. Sendo assim, não me culpareis o meu desejo. Vedes-me aqui, Senhor! Se é necessário sofrer para Vos prestar algum serviço, não recuso quantos trabalhos me possam vir na terra... Mas que farei para poder contentar-Vos, ó minha alegria e meu Deus! Já que não Vos sirvo em nada, com alguma coisa tenho de me consolar, pois se, nas grandes coisas, Vos servira, não faria caso das ninharias. Bem-aventurados aqueles que Vos servem com obras grandes! Se o desejo e a inveja que lhes tenho me fossem tomados em conta, não ficaria muito atrás em contentar-Vos; mas não valho nada, Senhor meu. Ponde Vós em mim o valor pois tanto me amais!» (T.J. *Et.* 5, 2; 15, 3 e 2; *Vi.* 39, 13).

Na minha fraqueza, Senhor, não ousou pedir-Vos para fazer grandes coisas, nem quero tão pouco pedir-Vos consolações ou suavidade. Quero apenas que me concedais poder manifestar-Vos o meu amor, saber «procurar-Vos no amor» fazendo em cada momento a Vossa vontade.

20. PROCURAR DEUS NAS CRIATURAS

Prostrado aos pés de Jesus sacramentado, peço-Lhe que me ensine como procurá-LO e encontrá-LO nos meus irmãos.

1 — As relações impostas pelo dever para com o próximo não podem distrair a alma da busca de Deus se ela aprendeu a olhar as criaturas com olhar sobrenatural, isto é, com um profundo espírito de fé. Iluminada por esta luz, a alma busca e descobre Deus presente, não só em si, mas também em todas as criaturas, e mais especialmente no seu semelhante.

«As criaturas são como um sinal da passagem de Deus, pelo qual se descortinam a grandeza, o poder, a sabedoria e outras virtudes divinas», pois cada uma delas foi criada por Deus «por Sua Sabedoria... que é o Verbo, Seu Unigénito Filho» (J.C. C. 5, 3 e 1). Se isto é assim àcerca de todas as criaturas, mesmo das inanimadas, é-o particularmente àcerca do homem a quem Deus quis criar expressamente à Sua imagem e semelhança» (Gen. 1, 26). A alma que vive de fé, ao tratar com o seu próximo fá-lo sempre em relação a Deus e, em vez de parar nas aparências exteriores, em todos vê, serve e ama primeiro a Deus. Os homens de qualquer raça, nação, partido ou classe social, têm para ela uma só face: a imagem de Deus; um só nome: filhos de Deus.

Por desgraça, os vícios, os pecados, os defeitos mais ou menos arraigados podem desfigurar com maior ou menor intensidade a imagem divina impressa no homem; mas esta imagem permanece e o espírito de fé sabe encontrá-la. De resto, também os que vivem longe de Deus, são sempre Seus filhos, se não efectivamente pela

graça, ao menos por vocação à graça, quer dizer, são sempre capazes de ser elevados ao estado sobrenatural. Vendo Deus em tudo, nenhuma criatura pode distrair a alma do recolhimento e busca de Deus.

2 — Só quando as relações com o próximo permanecem num plano puramente humano, podem perturbar de diversas maneiras, o recolhimento interior. Em primeiro lugar porque a alma facilmente se prenderá às criaturas; não sabendo ver nelas a Deus, parará nas suas qualidades humanas, no sentimento de simpatia e de afecto que elas despertam em si; procurará nelas o conforto e a satisfação da necessidade de amar e ser amada. Desta forma as criaturas chegarão a invadir e preocupar, em maior ou menor grau, a inteligência e o coração, roubando ao espírito a preciosa liberdade de permanecer orientado para Deus e recolhido n'Ele. Até nos momentos em que não é preciso tratar directamente com o próximo, a alma fica preocupada e como que prisioneira, e portanto incapaz — mesmo nas horas de oração — de recolher-se em Deus.

Por outro lado, se nas criaturas não vemos mais que pessoas humanas que nos estorvam com os seus caprichos e exigências, que nos assediam às vezes de manhã até à noite sem nos permitirem um momento de respiração e de paz, que nos incomodam com os seus defeitos, etc., as relações com elas — mesmo se nos são exigidas pelos nossos deveres — fatigar-nos-ão, aborrecer-nos-ão e muitas vezes seremos tentados a libertar-nos delas, ainda que sob o pretexto de defender o nosso recolhimento interior. Pelo contrário, quando a alma permanece fixa no olhar simples da fé, cada criatura será para ela um mensageiro divino que lhe traz Deus e

que para Deus a conduz. E assim, através das criaturas visíveis, vai para Deus invisível e trata com Ele.

Colóquio — Quanto quereria, Senhor, aprender a descobrir e reconhecer a Vossa face em cada uma das criaturas! Criastes todos os homens à Vossa imagem e semelhança e, por isso, todos têm uma «impressão» e forma Vossas. Ensinai-me a não parar nessas aparências humanas que tão facilmente atraem o meu coração, fazendo desviar para uma simples criatura, os affectos que, em virtude da minha consagração, deveriam ser reservados só para Vós, meu Deus. Quando os meus olhos e o meu coração se prendem às criaturas, buscando nelas satisfação, gosto e compreensão, perdem-se, distraem-se, atormentam-se e voltam cada vez mais fatigados e abatidos porque depois de muito ter procurado e amado, não encontram nada que possa satisfazer a sua necessidade infinita de amor.

Oh! sim, enquanto não compreender e souber olhar o meu próximo com aquele único, simples e profundo olhar da fé que em tudo me faz descobrir-Vos, ó meu Deus, o contacto com as criaturas — mesmo no cumprimento do meu dever — constituirá sempre um obstáculo, um impedimento, para o meu recolhimento interior.

Dai-me, ó meu Deus, aquele olhar limpo e puro de que fala o Evangelho, capaz de ultrapassar o opaco invólucro da carne, para contemplar a Vossa imagem impressa em todos os homens. Não farei mais distinção entre as aparências mais ou menos simpáticas e atraentes ou mesquinhas, antipáticas e repugnantes: tudo isto desaparecerá e em cada pessoa reconhecerei a Vossa face, amar-Vos-ei e servir-Vos-ei, ó meu Deus! Porque me queixo então de que as minhas relações necessárias

com o próximo e o serviço que lhe devo prestar me distraem de Vós? Porventura não me diz a fé que, tratando com meus irmãos, trato conVosco e que, servindo-os, Vos sirvo também? Acaso não disse Jesus: «Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes» (Mt. 25, 40)? Assim como habitais na minha alma, habitais em cada alma em graça e se, infelizmente, nem todos os homens nela vivem, todos, no entanto, estão aptos a recebê-la, todos são objecto do Vosso amor misericordioso, todos são chamados, por vocação, a ser templos da Santíssima Trindade. Se desejo encontrar-Vos em mim, Senhor, porque não saberei procurar-Vos igualmente nos meus irmãos?

Purificai, ó meu Deus, o meu olhar tão obscurecido pelas aparências humanas e tornai-o capaz de Vos descobrir e encontrar em todas as criaturas.

21. PROCURAR DEUS NO MEIO DA ACTIVIDADE

Deixo toda a actividade externa para me recolher aos pés de Jesus e peço-Lhe que me ensine a permanecer nesta atitude interior, mesmo no meio das minhas ocupações.

1 — S. João da Cruz dá à alma que quer chegar depressa ao santo recolhimento, este conselho: «jamais te movas a coisa alguma, por boa e cheia de caridade que te pareça... sem ordem da obediência» (Ct. 11).

Desta maneira a alma está certa de se mover unicamente na vontade de Deus; e a vontade de Deus não pode permitir que as ocupações impostas por ela — por absorventes e urgentes que sejam — dificultem ou dimi-

nuam o recolhimento da alma. «Trabalhando só por obediência e com obediência, na qual Deus é quem manda, não me parece que Ele possa destruir a Sua obra», isto é, a união íntima entre Si, e a alma, afirma S.ta Teresa Margarida (*Sp.* pg. 237). Quando a actividade externa é regulada em tudo pela obediência, não só diminui o perigo de agir por amor próprio ou de se expor temerariamente às distrações, mas em toda a ocupação há a certeza de abraçar a santa vontade de Deus. Quem abraça a vontade de Deus não pode correr o perigo de se separar d'Ele, de desviar o espírito duma contínua orientação para Ele.

A união da alma com Deus, mais que na consciência da oração, realiza-se no cumprimento perfeito da Sua santa vontade.

2 — «É mister andar de sobreaviso a fim de não se descuidar de tal maneira nas obras — embora sejam de obediência e caridade — que não acuda muitas vezes interiormente ao seu Deus» (T.J. *Fd.* 5, 17). Esta é a segunda condição para que a actividade exterior não perturbe o recolhimento interior.

«Nada farei com pressa ou perturbação», era o propósito contínuo de S.ta Teresa Margarida que, no meio de uma surpreendente actividade, mantinha «uma atitude sempre pacífica e tranquila, dando a impressão de que, em todos os seus actos, tinha o pleno domínio de si mesma» (*Sp.* pg. 273 e 277). Isto significa ter sempre plena posse de si e da própria actividade, evitando o perigo de se deixar dominar e arrastar pela acção. Quem se atira de cabeça para a acção, sem cautela, verá bem depressa fugir-lhe a alma das mãos: perderá a calma, agitar-se-á e tornar-se-á incapaz de se

recolher — e isto tanto mais quanto a acção se tornar absorvente e exigente.

Jesus repreendeu Marta, não por se entregar ao trabalho, mas porque o fazia com afã: «Marta, Marta, andas inquieta com muitas coisas» (Lc. 10, 41). O Senhor quer a acção, mas não quer a inquietação, porque mesmo na acção, a alma deve atender à única coisa necessária, ou seja, à união com Ele. Por isso, logo que a alma vê que começa a perder a sua calma interior, é necessário que interrompa, ao menos por instantes, se puder, a sua actividade e se retire ao seu interior com Deus. Estes breves momentos de pausa, frequentemente repetidos, habituá-la-ão pouco a pouco a manter-se calma e recolhida em Deus, mesmo na actividade.

Colóquio — Ó Senhor, prostrado a Vossos pés, à luz da Vossa divina presença, quero examinar com sinceridade as minhas ocupações para ver se estão reguladas em tudo pela santa obediência.

Vós fazeis-me entender que, quando actuo só por iniciativa pessoal sem um verdadeiro motivo de obediência ou caridade, é muito fácil que as minhas acções me afastem de Vós; afastam-me ou porque emprego nelas o tempo que deveria dedicar à oração, ou porque, agindo segundo a minha razão, não faço muitas vezes mais do que seguir o meu amor próprio, a minha tendência natural para a actividade, a minha maneira de ver, a minha vontade. Nestes casos, estou unido não à Vossa vontade, mas à minha, não a Vós, mas ao meu amor próprio.

Meu Deus, eu Vo-lo peço, livrai-me de tão grande perigo. Cansar-me e sofrer para fazer a Vossa vontade, para me unir a Vós, isto sim, com a Vossa ajuda, quero

sempre fazê-lo, ó Senhor; mas cansar-me e sofrer para fazer a minha vontade, para seguir o meu amor próprio, seria verdadeiramente uma insensatez, tanto mais que a minha alma o pagaria bem caro. Guardai-me, ó meu Deus, de semelhante loucura e não permitais que, por minha cegueira, consuma as minhas forças num fim tão vão e com prejuízo para a minha vida interior.

Dai-me, Senhor, a «paixão» da Vossa vontade para que não saiba querer nem fazer senão o que Vós quereis, o que me pedem os preceitos e desejos dos meus superiores ou o conselho de quem dirige a minha alma. Tudo o resto já não deve existir em mim, pois só Vos quero a Vós e a Vossa vontade.

Meu Deus, ajudai-me a não me deixar dominar e arrastar pela acção. Ajudai-me, Senhor da paz, a manter-me sempre calmo e recolhido na Vossa presença, mesmo no meio da actividade mais intensa. Só esta constante calma e paz interior me permitirão conservar, unidas num único feixe, as potências da minha alma para as manter fixas em Vós, apesar das múltiplas exigências da actividade exterior. Ó meu Jesus, não é porventura isto o que querieis dizer ao falardes a Madalena do *unum necessarium*? «Como o compreendeu bem esta grande santa! O olhar da sua alma, iluminado pela luz da fé, tinha-Vos reconhecido sob o véu da humanidade e, no silêncio, na unidade das suas potências, escutava as palavras que lhe dizíeis; podia cantar: 'a minha alma está sempre nas minhas mãos' e também esta breve palavra: 'Nescivi! nada mais sei!' Sim, nada mais sabia senão Vós, Deus meu! Podiam fazer barulho e agitar-se à sua volta: Nescivi! Podiam acusá-la: Nescivi!» (I.T. II, 2). E ainda quando, por necessidade, se devia afastar dos Vossos pés e ocupar-se

das coisas terrenas, o seu coração permanecia fixo em Vós. E quando depois de Vos ter encontrado ressuscitado a mandastes deixar-Vos para correr a anunciar aos apóstolos a Vossa ressurreição, a sua alma ficou imóvel, numa atitude calma, sempre recolhida e concentrada em Vós. Com a Vossa ajuda possa eu, Senhor, viver assim!

22. EIS QUE VEM O SALVADOR IV DOMINGO DO ADVENTO

Ponho-me aos pés de Jesus, meu Salvador, pedindo-Lhe que prepare Ele próprio o meu coração para a Sua próxima vinda.

1 — «Juntai todas as gentes, anunciai aos povos e dizei-lhes: eis que vem Deus, nosso Salvador» (BR.). A mensagem torna-se cada vez mais premente: dentro de poucos dias o Verbo de Deus feito carne manifestar-Se-á ao mundo. É preciso, pois, preparar um coração digno dEle.

A Encarnação do Verbo é a maior prova do infinito amor de Deus pelos homens; bem a propósito nos recorda a liturgia de hoje aquelas grandiosas palavras: «eu amei-te com um amor eterno, por isso, compadecido de ti, te atraí a mim» (Jer. 31, 3). Sim, Deus amou o homem desde toda a eternidade e para o atrair a Si não hesitou enviar-lhe o «Seu Filho em carne semelhante à do pecado» (Rom. 8, 3). É preciso ir ao encontro do amor que está prestes a aparecer, «incarnado», no doce Menino Jesus, com o coração todo cheio de amor, dilatado pelo amor; um amor fiel nas grandes e pe-

quenas coisas, amor engenhoso que de tudo se vale para corresponder ao amor infinito de Deus. «Amor com amor se paga!» é o lema que fez os santos, que estimulou uma multidão de almas a uma maior generosidade.

Prepara-te para o Natal com este amor e nele permanece fiel porque, como diz S. Paulo na Epístola de hoje, «o que se requer dos dispenseiros é que eles se encontrem fiéis» (I Cor. 4, 1-5).

2 — «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas; todo o vale será cheio e todo o monte e colina será arrasado». No Evangelho de hoje (Lc. 3, 1-6) eleva-se mais uma vez a voz do Baptista, o grande pregador do Advento que nos convida a preparar «os caminhos do Senhor».

É sobretudo um convite à humildade da qual João é arauto e modelo. Se bem que, por testemunho do próprio Jesus ele seja «mais do que profeta... entre os nascidos das mulheres não veio ao mundo outro maior» (Mt. 11, 9 e 11), João não se considera mais que uma simples «voz que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor»; e declara baptizar unicamente na água, pois virá um Outro que baptizará no Espírito Santo, um Outro de quem se declara indigno de «desatar a correia dos sapatos» (Jo. 1, 23 e 27). A propósito da vinda do Salvador, acrescenta ainda: «convém que ele cresça e que eu diminua» (Jo. 3, 30). A liturgia de hoje recolhe todos estes magníficos testemunhos do Baptista, como para nos dar uma ideia concreta dos sentimentos de profunda humildade com que devemos aplanar, no nosso coração, «os caminhos do Senhor». Se os vales, ou sejam, as nossas deficiências, podem ser cheias pelo amor,

os montes e colinas, ou sejam, as vãs pretensões do orgulho, deverão ser abatidas pela humildade. Um coração cheio de amor próprio e de soberba, não pode estar cheio de Deus e nele ficará muito pouco lugar para o doce Menino de Belém.

Colóquio — Ó Deus imenso, onnipotente e eterno, como podíeis dar maior prova do Vosso infinito amor por nós, pobres criaturas, do que dando-nos o Verbo, o Vosso Unigénito?

Por nós quisestes revestir de carne humana, semelhante à do pecado, Aquele que é o esplendor eterno, a imagem perfeita da Vossa substância!

«Ó bondade, superior a toda a bondade, só Vós sois sumamente bom! Vós nos destes o Verbo, Vosso Unigénito Filho, a fim de que vivesse connosco, em contacto com o nosso ser de corrupção e de trevas. Qual é a causa deste dom? O Amor. Porque Vós nos amastes antes que existíssemos.

«Ó eterna grandeza! Ó grandeza de bondade! Vós Vos abaixastes e fizestes pequeno para fazer o homem grande. Para qualquer lado que me volte, nada mais encontro que o abismo e o fogo da Vossa caridade» (S.ta Catarina de Sena).

«Quando penso em Cristo devo sempre lembrar-me... do Vosso grande amor, ó Pai, que em Jesus quisestes dar-nos um penhor de tal amor. Amor gera amor: ainda que esteja muito no princípio e eu muito ruim, procuro ter bem presente esta verdade e despertar-me para amar. Quando Vós, ó Senhor, me fizerdes a mercê de me imprimirdes no coração este amor, tudo se me tornará fácil e poderei em breve passar às obras sem nenhum trabalho. Meu Deus dai-me este amor — pois

sabeis o muito que me convém — pelo amor que nos tivestes e pelo Vosso glorioso Filho que, tão à Sua custa, no-lo mostrou» (T.J. Vi. 22, 14).

O amor encherá os vales do meu coração e a humildade aplanará as colinas e os montes. Destruí, ó Senhor, com a chama ardente do Vosso amor todo o meu orgulho, soberba e vaidade, arrancai, com a força do Vosso braço onnipotente, toda a fibra do meu coração que não seja Vossa ou que esteja envenenada pelo amor próprio. Também eu quero diminuir ó Senhor, para que possais crescer em mim, para que no dia do Vosso nascimento possais encontrar o meu coração completamente vazio e livre e portanto pronto para uma total invasão do Vosso amor.

23. CONVITE AO APOSTOLADO

Ponho-me na presença de Jesus, Cabeça do Corpo Místico que é a Igreja, para que me ensine a colaborar com Ele na salvação das almas.

1 — As palavras do Baptista «preparai o caminho do Senhor» (Lc. 3, 4), encerram implicitamente um convite ao apostolado, àquele apostolado que João exercia, preparando os corações dos seus irmãos para a vinda e obra do Messias.

Tal convite é-nos dirigido não só pelo Baptista mas ainda por Jesus que quis fazer de cada cristão um colaborador da Sua obra redentora.

É claro que Jesus, com os Seus méritos infinitos, mereceu só Ele, o imenso e precioso capital de graça, necessário para remir e santificar o género humano

inteiro; e todavia não dispensou a nossa humilde colaboração, mas quis positivamente «ter necessidade de nós». Pio XII, na Encíclica sobre o «Corpo Místico de Cristo», ensina: «vê-se claramente que os cristãos têm absoluta necessidade da ajuda do divino Redentor... e, todavia, deve-se admitir que também Cristo precisa dos Seus membros... isto, na verdade, não por causa da Sua indigência ou fraqueza, mas antes porque Ele mesmo assim o dispôs para maior glória da Sua Esposa imaculada».

A Esposa de Cristo é a Igreja e a Igreja é a «sociedade» dos seus fiéis, portanto, somos nós, são as nossas almas. Jesus de nenhum modo precisava de nós e como só Ele nos mereceu a graça, também só Ele podia aplicá-la directamente a cada alma. «Ele poderia por Si mesmo, distribuí-la a todo o género humano, mas quis fazê-lo por meio de uma Igreja visível, na qual os homens se reunissem, a fim de cooperarem todos com Ele para comunicarem mutuamente os divinos frutos da redenção» (ib.). Jesus, pois, na Sua infinita bondade, quis associar-nos a Ele para nos dar a honra e a alegria de sermos Seus colaboradores na maior obra que se realiza no mundo: a salvação das almas.

2 — Se Jesus, no Seu infinito amor por nós, quis associar-nos à Sua obra redentora, reservando nela um lugar para a nossa actividade, podemos afirmar que na economia actual da redenção, a nossa colaboração é necessária. Portanto, para levar a Sua obra a termo, *Jesus tem necessidade de nós*. Devemo-nos sentir, por isso, santamente orgulhosos, sem contudo esquecer que sobre nós cai uma grave responsabilidade: a salvação dos nossos irmãos depende também da generosidade com que nós colaborarmos na obra de Cristo. «Mistério certa-

mente terrível e nunca suficientemente meditado: que a salvação de muitos *depende* das orações, das mortificações voluntárias ordenadas para este fim pelos membros do Corpo Místico de Cristo e da colaboração dos pastores e dos fiéis» (*Myst. Corp.*). Mistério «terrível» precisamente pela responsabilidade que nos impõe, e «nunca suficientemente meditado», porque é necessário estarmos profundamente convencidos de que a «salvação de muitos depende» também de nós, da nossa colaboração. Se esta realidade deve incitar o mais simples fiel a um generoso apostolado, quanto mais uma alma consagrada a Deus! Esta alma deixou tudo para se dar toda a Ele; por conseguinte, os seus interesses hão-de ser, de um modo particularíssimo, os interesses de Deus. Esta alma é esposa de Cristo e como tal está obrigada a colaborar na obra do seu divino Esposo: a salvação das almas e a glória do Pai celeste.

As almas são o «património» da esposa de Cristo, salvá-las é sua «paixão»; o bem e a expansão da Igreja são os seus «interesses»; ela vive só para Jesus e para a Sua obra.

Colóquio — «Ó Senhor, Vós inspirastes-me um tão vivo desejo de não Vos ofender mesmo nas mais pequeninas coisas e de evitar, tanto quanto possível, a mínima imperfeição, que só por este motivo, se outros não houvesse, queria fugir dos homens e muito invejo aqueles que vivem ou viveram nos desertos. Entretanto queria atirar-me para o meio do mundo para conseguir que ao menos mais uma só alma Vos louvasse. Lamento que a minha fraqueza me impeça de o fazer e invejo aqueles que podem elevar a voz para dizer a todos quem sois Vós.

«Tende compaixão de mim, meu Deus, ordenai de modo a que eu possa cumprir em algo os meus desejos, para Vossa honra e glória. Não Vos recordeis do pouco que mereço e da baixeza da minha natureza! Não fostes Vós, Senhor, poderoso para fazer que o grande mar se retirasse, e o grande Jordão deixasse passar os filhos de Israel?

«Alargai, Senhor, o Vosso poderoso braço; resplandeça a Vossa grandeza em coisa tão baixa, para que entendendo o mundo que nada posso, Vos louvem a Vós. Custe-me o que custar, pois isso quero, e daria mil vidas, se tantas tivera, para que uma só alma Vos lembrasse um pouco mais. Dá-las-ia por bem empregadas e entendo com toda a verdade que nem mereço padecer por Vós um trabalho muito pequeno, quanto mais morrer. Mas vede, Senhor, já que sois Deus de misericórdia, tende-a desta indigna pecadora, deste miserável verme que assim se atreve conVosco!

«Vede, Deus meu, os desejos e as lágrimas com que isto Vos suplico e olvidai os meus pecados por quem sois, e tende lástima de tantas almas que se perdem e favorecei a Vossa Igreja. Não permitais, Senhor, mais danos na cristandade; dai luz a tantas trevas!» (T.J. M. VI, 6, 3 e 4; *Cam.* 3, 9).

Concedei-me, Senhor, também a mim, um vivo amor pelas almas, acendei em mim uma ardente sede da sua salvação e a graça de fazer com que gaste as minhas pobres forças para colaborar na Vossa obra redentora.

24. APOSTOLADO INTERIOR

Ponho-me aos pés de Jesus, dulcíssimo Salvador e Redentor nosso, para que me ensine como colaborar com Ele na salvação das almas.

1 — O apostolado, considerado na sua totalidade, compreende tudo aquilo que nós podemos fazer, em união com Cristo, para difundir a vida sobrenatural nas almas. O apostolado é sempre uma colaboração com Jesus e só alcança a sua finalidade quando contribui para comunicar e desenvolver a graça divina nas almas. A doutrina católica indica, como meios fundamentais dessa nossa colaboração com Cristo, a oração e o sacrifício; também a Encíclica «*Mystici Corporis*» fala primeiro das «orações e mortificações voluntárias» e depois da actividade externa dos pastores e dos fiéis. A colaboração com Jesus para a salvação das almas tem o seu centro profundo na oração e no sacrifício, visto serem estes os dois meios principais com que Jesus remiu o mundo.

Com efeito, Jesus salvou-nos não só com a actividade externa da pregação, do ensino, da instituição e administração dos Sacramentos, mas também com a obediência e silêncio da Sua vida oculta, com a oração de que tantas vezes nos fala expressamente o Evangelho e, sobretudo, com o sacrifício da cruz, no qual culminou toda a Sua obra redentora. «Nela — diz S. João da Cruz — fez maior obra que em toda a Sua vida tinha feito com milagres e obras... que foi reconciliar e unir o género humano, pela graça, com Deus» (S. II 7, 11). Na primeira linha, pois, está o «apostolado interior» da oração e imolação; sobre ele se funda o apostolado exterior da acção, tirando dele a sua força e eficácia.

2 — O apostolado não consiste em fazer em ponto pequeno, tudo o que Jesus fez em ponto grande pela salvação do mundo, mas em «tomar parte» na Sua obra. Quanto mais a nossa acção participar no que há de mais profundo na obra de Cristo, tanto mais será eficaz; isto realiza-se mediante a oração e o sacrifício abraçados com generosidade e constância, pela salvação das almas, em união com o sacrifício de Cristo. Esta é a razão porque a Igreja — mesmo reconhecendo a urgência do apostolado exterior — continua a querer e manter aquela forma de vida contemplativa que se dedica ao apostolado interior: «as ordens religiosas dedicadas à contemplação são, de certo modo, *necessárias* à Igreja» afirmou Pio XII ⁽¹⁾.

Mas, para que o apostolado interior possa ser realmente o mais fecundo, a alma que a ele se dedica deve alimentar em si uma viva chama apostólica, como queria S.ta Teresa, que não hesitava em dizer a suas filhas: «Quando as vossas orações, desejos, disciplinas e jejuns não se empregarem nisto que digo [a salvação das almas], pensai que não fazeis nem cumpris o fim para que vos juntou aqui o Senhor» (*Cam.* 3, 10).

⁽¹⁾ Discurso de S. S. Pio XII no Congresso Internacional dos Estados de Perfeição, 8 de Dezembro de 1950.

O Concílio Vaticano II não hesitou em confirmar as palavras de Pio XII, dizendo: «Os Institutos que se ordenam exclusivamente à contemplação, de tal modo que os seus membros se ocupam só de Deus no silêncio e na solidão, em oração continua e alegre penitência, dentro do Corpo Místico de Cristo, em que 'todos os membros... não têm a mesma função' (Rom. 12, 4), embora seja urgente a necessidade do apostolado, conservam sempre a parte mais excelente» (Decreto *Perfectae Caritatis*).

O ideal apostólico há-de impelir a alma a abraçar com plena generosidade uma vida de contínua imolação escondida, que fará dele um meio poderoso de salvação para os seus irmãos, e que deve, por outro lado, estimulá-la a progredir rapidamente no caminho da santidade para se tornar depressa digna de alcançar de Deus todas as graças que deseja para a Igreja. «E por eles eu me santifico a mim mesmo para que eles também sejam santificados na verdade» (Jo. 17,19); este deve ser o lema de uma alma de vida interior. Quanto mais santa é uma alma, tanto maior será a influência que exerce na Igreja.

Colóquio — «Ser Vossa esposa, ó Jesus... ser, pela união conVosco a mãe das almas, já me devia bastar... Contudo sinto em mim outras vocações, sinto a vocação de guerreiro, de sacerdote, de apóstolo, de doutor, de mártir; enfim, sinto a necessidade, o desejo de realizar por Vós, Jesus, todas as obras mais heróicas... Sinto na alma a coragem de um Cruzado, quereria morrer num campo de batalha em defesa da Igreja... Quereria iluminar as almas como os Profetas, os Doutores... Quereria percorrer a terra, pregar o Vosso nome e plantar no solo infiel a Vossa cruz gloriosa... Mas acima de tudo quereria, ó meu Bem Amado Salvador, quereria derramar o sangue por Vós até à última gota... O martírio, eis o sonho da minha juventude! Mais uma vez, sinto que o sonho é irrealizável, pois não poderia limitar-me a desejar um só género de martírio... Para me satisfazer precisaria de todos...

«Ó meu Jesus! que responderéis a todas as minhas loucuras?... Existirá acaso alma mais pequenina, mais impotente do que a minha?! Contudo exactamente por causa da minha fraqueza, tivestes por bem, Senhor,

satisfazer as minhas aspiraçoezinhas infantis, e quereis agora, satisfazer outras aspirações mais vastas do que o universo...

«Compreendo que só o Amor fazia agir os membros da Igreja, que se o amor viesse a extinguir-se, os Apóstolos deixariam de anunciar o Evangelho, os Mártires se recusariam a derramar o sangue... Compreendi que o Amor englobava todas as vocações, que o Amor era tudo, que se estendia a todos os tempos e a todos os lugares... numa palavra, que era Eterno!...

«Ó Jesus, meu Amor... a minha vocação... encontrei-a finalmente, a minha vocação é o Amor! Sim, encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes Vós quem mo deu... no coração da Igreja, minha mãe, serei o Amor... Assim serei tudo, assim será realizado o meu sonho» (T.M.J. M.B. pg. 230 e seg.).

Ó Senhor, só o amor dará valor à minha oração e eficácia às minhas pobres obras, só ele me tornará generoso para abraçar todo o género de mortificações e penitências que o fiel cumprimento da minha regra continuamente me oferece e exige, para aceitar todas as ocasiões de sacrifício que as circunstâncias concretas da minha vida me apresentem. Dai-me Senhor, eu Vos peço, este amor para que, no seio da Igreja e em união conVosco, possa exercer um fecundo e eficaz apostolado. «É mais precioso diante dEle e da alma um pouquinho deste puro amor, e aproveita mais à Igreja, embora pareça que não faz nada, que todas essas obras juntas» (J.C. C. 29, 2). Como quereria, ó meu Deus, possuir este «puro amor»! Como desejo despojar-me generosamente de todo o egoísmo, de todo o amor próprio e esquecer-me totalmente de mim para chegar a conseguir esse amor tão eficaz para a Igreja e para as almas!

25. A ACÇÃO APOSTÓLICA

Ponho-me na presença de Jesus para aprender com Ele, primeiro e único Apóstolo, quais os requisitos que deve ter a minha acção para que possa realmente ajudar as almas.

1 — Nos três anos da Sua vida pública, Jesus exerceu, em larga escala, o apostolado exterior; a Sua actividade, porém, nunca esteve separada da união íntima com o Pai, antes brotava dela. Esta união não se limitava apenas às horas de oração, mas era união permanente, indissolúvel, de todos os instantes da Sua vida. Se esta união substancial com Deus só podia existir em Cristo em razão da união hipostática e da união beatífica de que gozava, nós devemos, porém, tanto quanto é possível a uma simples criatura, esforçar-nos por imitar esta atitude de Jesus: viver continuamente unidos a Deus, trabalhando pelos irmãos. Desta forma a vida interior é a alma do apostolado, pois só quem vive unido a Deus pode exercer uma acção verdadeiramente eficaz, e ser assim portadora de graça para as almas, Jesus assim o proclamou: «como a vara não pode de si mesma dar fruto se não permanecer na videira, assim também vós se não permanecerdes em mim» (Jo. 15, 4).

A união com Deus, a união com Jesus, é condição preliminar e indispensável para a eficácia de qualquer actividade apostólica. Esta união realiza-se por meio da graça santificante, cresce com o uso fervoroso dos sacramentos, com a prática generosa das virtudes, estabelece-se mais directamente e fortalece-se na oração, consolida-se e conserva-se através do recolhimento e do desapego. Quanto mais aumenta a união com Deus, mais a acção que dela deriva, produzirá fruto nas almas.

Uma actividade apostólica meramente externa, quer dizer, que pretendesse — até nos casos considerados como urgentes — descuidar os exercícios da vida interior, a oração e a busca da união com Deus, condenar-se-ia por si mesma a permanecer infecunda.

2 — A obra apostólica de Jesus, toda impregnada de sacrifício, culminou no supremo sacrifício da cruz; do mesmo modo a nossa actividade apostólica, para ser fecunda, deve mergulhar as suas raízes no terreno fértil da imolação. Já de si, o apostolado requer sacrifício, quer pelas fadigas que impõe, quer pela convivência contínua com pessoas de mentalidade, gostos e costumes diferentes, quer por se expor a possíveis falhas, troças e insucessos. O apóstolo deve ir ao encontro de tudo isto com um coração generoso, convicto de que é precisamente do sacrifício, abraçado em união com Jesus Crucificado, que brotará a força fecundante das suas obras. Além disso, para que o apostolado externo seja verdadeiramente sobrenatural, exige a *recta intenção*, isto é, toda a obra deve ser realizada só para a glória de Deus, conforme a vontade de Deus, em dependência dos superiores do próprio Instituto e da jerarquia eclesiástica. Para chegar a semelhante pureza de intenção, o apóstolo deve morrer dia a dia ao seu amor próprio, à vanglória, à tendência para atrair os louvores dos outros ou para se comprazer nos êxitos; morrer ainda aos seus pontos de vista e iniciativas pessoais, aos seus interesses. Trata-se, portanto, de uma verdadeira imolação do *eu*, que dará frutos de apostolado na proporção da sua profundidade. «Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica infecundo, mas se morrer produz muito fruto» (Jo. 12, 24 e 25).

Colóquio — Ó Jesus, fazei-me compreender que as obras mais belas do apostolado são uma vã agitação, se não derivam de uma profunda vida interior. Só Vós sois a verdadeira vide por onde circula a seiva divina da graça e só os sarmentos em Vós inseridos a poderão comunicar às almas, produzindo nelas frutos de graça. Pura ilusão a minha se, deixando-me prender pela urgência da obra, me entrego a ela, esquecendo-me de alimentar e consolidar a minha união conVosco. Não cesseis de recomendar-me esse doce aviso que tenho impresso profundamente na minha alma: «Sem mim nada podereis fazer... só o que está comigo dará fruto». Ó vã agitação, ó inútil movimento de tantas das minhas obras empreendidas como actividade puramente humana, como se o seu fruto dependesse apenas da minha indústria e capacidade! Ó meu Deus, preservai-me de tanta insensatez; não, não quero desperdiçar as minhas energias nem perder assim o meu tempo. Não valia a pena consagrar-me a Vós e dedicar-me a uma vida de apostolado, se o meu trabalho se reduzisse a uma actividade meramente humana, que poderia ser exercida por qualquer profissional ou trabalhador. Também os que não acreditam em Vós se dedicam a obras sociais: abrem escolas, hospitais, publicam livros e jornais, fazem propaganda...; o que deve distinguir a minha actividade da sua é o espírito interior que a anima: espírito de união conVosco, espírito de oração e sacrifício. Só este tem o grande poder de transformar a pobre acção humana, em acção sobrenatural, em apostolado. Fazei ó Senhor, que o meu trabalho brote de um vigoroso sarmento profundamente inserido em Vós, que esteja sempre embebido em oração e em sacrifício.

Ó meu Jesus, fazei-me compreender quanto me é ne-

cessário morrer a mim próprio, a fim de alcançar aquela total pureza de intenção que deve animar o verdadeiro apóstolado. Quantas vezes julgo ser movido pelo zelo da Vossa glória e pelo bem das almas! E, pelo contrário, ao menos em grande parte, talvez seja movido pelo meu orgulho que quer aquela iniciativa, aquela obra, porque nelas encontra uma satisfação para a sua natural tendência para a acção, para o desejo secreto de ser visto e de se tornar importante, para o desejo de aplausos e de sucessos! E não é porventura por estes motivos que resisto muitas vezes à obediência, aos desejos e até à vontade expressa dos meus superiores, julgando-me incompreendido por eles e, por conseguinte, autorizado a seguir o meu parecer em vez do seu?

Ó Senhor, todos estes possíveis desvios do meu eu, vistos assim à Vossa luz, como me parecem feios, mesquinhos, detestáveis e profundamente indignos de uma alma a Vós consagrada! Mas ainda que desperte em mim um sentimento de horror, não Vos peço, ó meu Deus, que diminuais a Vossa luz, antes Vos suplico que a torneis cada vez mais penetrante, a fim de poder ver claro na minha alma e, com a ajuda da Vossa graça omnipotente, combater com energia estas baixas tendências do meu eu, que, semelhantes a traças roedoras, ameaçam danificar e destruir o meu apóstolado. Dai-me a pureza de intenção, dai-me a humildade de coração, dai-me verdadeiro amor do próximo! Atraí-me a Vós, ó meu Deus, e só a Vós buscarei!

26. O MISTÉRIO DA INCARNAÇÃO

22 DE DEZEMBRO

Ponho-me na presença de Jesus, com o ardente desejo de penetrar aquele infinito mistério de amor divino que levou um Deus a fazer-Se «um de nós».

1 — Deus é caridade e tudo o que opera dentro e fora de Si é obra de amor. Sendo o Bem infinito nada pode amar fora de Si com o desejo de aumentar a Sua felicidade, como acontece connosco; Ele tem *tudo* em Si. Por isso, em Deus, amar, isto é, querer as criaturas, não é mais do que expandir para fora de Si o Seu Bem infinito, as Suas perfeições, é comunicar aos outros o Seu Ser, a Sua felicidade: «*Bonum diffusivum sui*», como diz S. Tomás. Assim Deus amou o homem com amor eterno e, amando-o, chamou-o à existência, dando-lhe a vida natural e a vida sobrenatural. Amando-nos, Deus não só nos tirou do nada, mas ainda nos escolheu e nos elevou à dignidade de Seus filhos, destinados a participar na Sua vida íntima, na Sua eterna bem-aventurança. Este foi o primeiro plano da caridade infinita de Deus para com o homem; mas quando o homem pecou, Deus, que o havia criado por um acto de amor, quis remi-lo por um acto de amor ainda maior. Eis porque o mistério da Incarnação se nos apresenta como a manifestação suprema da excessiva caridade de Deus para com o homem: «Nisto se manifesta a caridade de Deus para connosco, em que Deus enviou o Seu Filho Unigénito ao mundo para que por Ele tenhamos a vida. A caridade está... em que Ele foi o primeiro que nos amou e enviou o Seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (I Jo. 4, 9 e 10). De-

pois de ter dado ao homem a vida natural e de o ter destinado à vida sobrenatural, que mais poderia dar-lhe do que dar-Se a Si próprio, o Verbo feito carne, para o salvar?

2 — Deus é caridade, por isso não é para admirar que a história da Sua obra em favor do homem seja um poema de amor, e de amor misericordioso. O primeiro canto deste poema era o nosso destino eterno para a visão e gozo da vida íntima de Deus. O segundo canto exprime, de um modo mais comovedor ainda, a sublimidade da Sua misericórdia: é o Mistério da Incarnação.

O pecado dos nossos primeiros pais destruíra o primeiro plano da nossa elevação ao estado sobrenatural: tínhamos caído nesse plano sem que da nossa parte houvesse possibilidade de reparação. Deus podia perdoar tudo; mas à Sua Santidade e justiça infinitas convinha exigir uma reparação adequada, de que o homem era absolutamente incapaz.

Foi então que se realizou a obra mais sublime da misericórdia de Deus: uma Pessoa da Santíssima Trindade, a segunda, veio fazer por nós o que nós não podíamos realizar. E eis que o Verbo, o Unigénito de Deus «por nós homens e por nossa salvação desceu do céu e incarnou» (Credo). O amor misericordioso de Deus chega assim ao cume da sua manifestação: pois, se não há maior ingratidão e maior miséria que o pecado, também não pode haver amor mais sublime que aquele que se debruça sobre tanta ingratidão e tanta abjecção, para a reconduzir ao primitivo esplendor. E Deus faz isto, não por meio de um profeta ou do mais sublime dos anjos, mas fá-lo em pessoa: toda a Santíssima Trindade opera a Incarnação, cujo termo é a união

de uma natureza humana com a Pessoa do Verbo. Nisto se manifesta e resplandece toda a imensidade do amor, da misericórdia de Deus para com os homens.

Colóquio — «Ó meu Deus, tornai-me digna de conhecer o mistério da caridade ardente que está em Vós, isto é, a obra sem par da Incarnação, que pusestes como princípio da nossa salvação. Este benefício inefável produz em nós dois efeitos: o primeiro, é encher-nos de amor; o segundo, dar-nos a certeza da nossa salvação. Ó caridade inefável! Verdadeiramente nada há de maior do que um Deus Criador universal que Se faz criatura para me tornar semelhante a Ele! Ó amor entranhável, quisestes aniquilar-Vos por mim; tomastes a forma vil de servo para me dardes um ser quase divino. Todavia, quando tomastes a minha natureza, não diminuistes a Vossa substância nem perdestes a mínima parcela da Vossa divindade; o abismo da Vossa humilíssima Incarnação faz-me dizer e incita-me a prorromper nestas palavras: Vós, o incompreensível, fizestes-Vos compreensível por mim! Vós, o incriado, fizestes-Vos criado! Vós, o intangível, fizestes-Vos tangível!

«Ó feliz culpa! Não por ti, mas pela piedade de Deus merecestes que se nos manifestassem as mais ocultas profundezas da caridade divina. Na verdade, maior caridade não se pode imaginar. Ó amor infinito e inefável! Bendito sejais Vós, Senhor, por me dardes a conhecer a obra da Incarnação. Como é glorioso saber e entender isto, e ver que nascestes para mim! Este entender certamente está cheio de toda a suavidade e deleite. Ó Deus maravilhoso, que admiráveis são as coisas que por nós fizestes! Fazei-me digna, ó Deus incriado, de conhecer a profundidade do Vosso amor e

o abismo da Vossa ardentíssima caridade, que nos comunicastes mostrando-nos Jesus Cristo nesta Incarnação» (B. Ângela de Foligno).

Deixai-me dizer, ó Senhor, que a minha mente e o meu coração se perdem perante o abismo da Vossa caridade. Mistério em que me perco sem chegar a ver-lhe o fundo. Fazei que eu creia firmemente, indefectivelmente, na Vossa excessiva caridade; que eu possa dizer com toda a convicção: conheci e acreditei na caridade de Deus por mim! E, quanto mais forte for a minha convicção, tanto maior será a minha entrega à Vossa caridade, ao Vosso infinito amor misericordioso.

Esta caridade imensa, esta misericórdia inefável do Vosso Verbo Incarnado, inclina-se indistintamente sobre todos os homens e também sobre mim; o Vosso amor cerca-me, alimenta-me, dá-me vida e transporta-me para Vós, meu Deus! Ó Senhor, que o Vosso amor tome posse da minha alma, ou antes, dai-me a graça de conhecer e crer nesse amor que desde o primeiro instante da minha existência me rodeia e me invade.

27. O VERBO FEZ-SE CARNE

23 DE DEZEMBRO

Ó Jesus, Verbo eterno, deixai-me penetrar mais profundamente no sublime mistério da Vossa Incarnação para que o meu coração viva sempre prisioneiro do Vosso amor infinito.

1 — O Verbo é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. No seio da única natureza divina há três Pessoas, três termos subsistentes. Também nós somos

«subsistentes»; a «subsistência» é o que nos permite dizer «eu» e atribuir a este eu as acções diversas que realizamos. Em Deus, na natureza divina, há três *Termos* que podem dizer «eu» em relação às operações divinas, operações que são comuns aos três porque procedem de uma só natureza possuída por todas as três Pessoas divinas. O Verbo possui a natureza divina como o Pai e o Espírito Santo; possui as mesmas propriedades divinas de infinidade, eternidade, onipotência, onisciência, etc.; todas as grandezas e perfeições divinas são do Verbo, como são das outras duas Pessoas. O Verbo opera as mesmas acções divinas que o Pai e o Espírito Santo: acções íntimas de conhecimento e amor que constituem a própria vida da Santíssima Trindade; acções exteriores de criação e conservação das criaturas, etc.. O Verbo é Deus! S. João evangelista, ao iniciar o seu Evangelho e antes de falar do nascimento temporal de Jesus, apresenta-nos a geração eterna do Verbo existente *ab aeterno* no seio do Pai, em tudo igual ao Pai, mas distinto d'Ele. «No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus» (1, 1). O Verbo é a única palavra do Pai que exprime *todo* o Pai; o Pai, dando-Lhe toda a Sua essência e natureza divinas, comunica-Lhe igualmente toda a acção divina. Eis, portanto, o Verbo *causa* eficiente e princípio de toda a vida natural e sobrenatural. «Todas as coisas foram feitas por Ele, e nada do que foi feito, foi feito sem Ele»; mas o Verbo, esplendor do Pai, não só é vida, senão também luz, luz que revela aos homens as grandezas e mistérios de Deus: «nEle estava a vida, e a vida era a luz dos homens» (Jo. 1, 3-4). Vida natural, vida de graça, luz, conhecimento de Deus; tudo nos vem do Verbo que é Deus com o Pai e o Espírito Santo.

2 — «O Verbo fez-Se carne». Sendo Deus, o Verbo é eterno e imutável e continua a ser necessariamente sempre o que era: *manet quod erat*. Isto porém não impede que Ele, juntamente com o Pai e o Espírito Santo crie no tempo uma natureza humana, que, em vez de ter um *eu* limitado e fraco como o nosso, fique totalmente sob o governo do Seu *eu* divino. Assim o fez: a natureza humana por Ele assumida é a mesma natureza que a nossa, mas, em lugar de pertencer a um *eu* humano, pertence a um *eu* divino, à Pessoa subsistente do Verbo; e, por conseguinte, as operações e paixões desta natureza humana são também as do Verbo. O Verbo, depois da Incarnação, tem uma *dupla natureza*: a natureza divina, única, que possui em comum com o Pai e com o Espírito Santo; a natureza humana, que é da mesma qualidade e tem as mesmas propriedades que a nossa.

O Verbo ficou sendo o que era e, todavia, apesar de ser Deus, não desdenhou assumir a natureza humana decaída pelo pecado, «mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-Se semelhante aos homens, e sendo reconhecido por condição como homem» (*Fil. 2, 7*). Tudo isto fez a imensa caridade de Deus, que, cheio de misericórdia para com a Sua pobre criatura sepultada no abismo do pecado, não hesitou em decretar a Incarnação redentora do Seu Unigénito Filho. Desta maneira o Verbo eterno vem a nós como o bom pastor que abandona tudo para descer ao vale em busca da ovelha perdida. Este é o fruto do grande amor com que Deus nos amou!

Colóquio — «Ó Verbo divino, Vós sois a águia adorada que amo e me atrai! Sois Vós que descendo até

à terra de exílio, quisestes sofrer e morrer a fim de atrair as almas até ao seio da eterna Morada da Trindade bem-aventurada, sois Vós que, voltando para a inacessível Luz que será para sempre Vossa mansão, continuais ainda no vale de lágrimas, escondido sob a aparência duma hóstia branca...

«Ó Jesus! deixai-me no excesso do meu reconhecimento, deixai-me dizer-Vos que o Vosso amor vai até à loucura... Como quereis que perante esta loucura, o coração não se me atire para Vós? Como poderia a minha confiança ter limites?... Ah! por Vós, bem sei, também os Santos cometeram loucuras, realizaram grandes coisas porque eram águias... Jesus, sou demasiado pequena para realizar grandes coisas... A minha loucura consiste em pedir às Águias minhas irmãs, que me obtenham o favor de voar até ao Sol do Amor com as Vossas próprias asas, ó Águia Divina...

«Por tanto tempo quanto quizerdes, ó meu Bem-Amado, permanecerei sempre com os olhos fixos em Vós; quero ser fascinada pelo Vosso olhar divino, quero tornar-me a presa do Vosso Amor» (T.M.J. M.B. pg. 240).

Sim, meu Jesus, desejo ardentemente tornar-me a «presa» do Vosso amor, desejo que ele me invada, me purifique e me transforme para que Vós possais gozar, realizando plenamente em mim, a Vossa misericordiosa obra redentora e santificadora.

Vindes a nós para nos curar das nossas misérias e nos transformar de filhos do pecado em filhos de Deus. Quantas vezes, porém, a Vossa infinita caridade é forçada a parar diante de corações ingratos que Vos fecham as portas! «Viestes para o que era Vosso, e os Vossos não Vos receberam» (cfr. Jo. 1, 11). Não Vos

recebem aqueles que não crêem no Vosso amor, aqueles que desconfiam da Vossa misericórdia infinita, aqueles que não têm confiança em Vós. E assim, a caridade sem limites que Vos fez descer do céu até nós e não achou inconveniente em que Vós, Verbo eterno, assumísseis a nossa pobre natureza humana, encontra um obstáculo ao seu curso nessa mesma criatura que viestes beneficiar.

Ó Verbo eterno, Salvador meu, que eu não ponha mais obstáculos à Vossa obra! Que a minha alma se abra de par em par à invasão do Vosso infinito amor misericordioso; que Vós possais realizar totalmente em mim o Vosso ofício de Salvador e Santificador.

28. REALIZA-SE O GRANDE MISTÉRIO 24 DE DEZEMBRO

Ó Verbo Incarnado, meu Salvador, mostrai-me as lições cheias de sabedoria encerradas no mistério da Vossa Incarnação.

1 — Entre todas as obras que Deus realizou no tempo e fora de Si, a maior é a Incarnação redentora do Verbo, porque tem por termo, não uma simples criatura, por mais sublime que seja, mas o próprio Deus, o Verbo eterno, que assume no tempo uma natureza humana. Maior, porque sendo a suprema manifestação do amor misericordioso de Deus, é, entre todas, a que mais O glorifica, glorificando-O precisamente em relação à caridade que é a essência de Deus. Maior, por último, pelo bem imenso que traz aos homens; a salvação, a santificação, a felicidade eterna de todo o género hu-

mano dependem da Incarnação do Verbo, de Jesus Verbo Incarnado. Deus Pai «escolheu-nos antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados... predestinou-nos para sermos Seus filhos adoptivos por (meio de) Jesus Cristo... NEle temos a redenção... a remissão dos pecados, segundo as riquezas da Sua graça... Deus convivificou-nos em Cristo... e nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus com Jesus Cristo» (Ef. 1, 4-11; 2, 5-6). Jesus, o Verbo incarnado, é a única fonte da nossa salvação e da nossa santidade; sem Ele o homem não poderia chamar Deus pelo doce nome de Pai, não poderia amá-LO como um filho ama o seu pai, não poderia nunca esperar ser admitido à Sua intimidade; não haveria nem graça nem visão beatífica de Deus. Sem Jesus o homem ficaria prisioneiro dentro dos limites de uma vida puramente humana, privado de todo o horizonte sobrenatural para o tempo e para a eternidade.

2 -- A Incarnação do Verbo, a maior obra de Deus, destinada a iluminar e salvar o mundo inteiro, realiza-se na obscuridade, no silêncio, no meio das circunstâncias mais humildes e mais humanas. O edito de César obriga Maria e José a deixarem a sua casinha de Nazaré e ei-los a caminho, a pé como os mais pobres, apesar do estado de Maria que está prestes a ser Mãe. Não se julgaram autorizados a atrazar a viagem, não fizeram objecções, obedeceram com prontidão e simplicidade. Quem manda é um homem, mas o seu profundo espírito de fé descobre na ordem do Imperador pagão a vontade de Deus. E vão confiados na divina Providência; Deus sabe, e Deus providenciará: «todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus» (Rom. 8, 28). Em Belém não há lugar para eles,

não lhes resta senão abrigarem-se numa gruta dos arredores. A miséria daquele refúgio de animais não os apoquentam nem escandaliza: sabem que o Menino que vai nascer é o Filho de Deus, mas sabem igualmente que as obras de Deus são bem diferentes das dos homens! E se Deus quer que a Sua maior obra se realize ali, naquela miserável gruta, na mais extrema pobreza, Maria e José nada têm a replicar. Bastaria um pouco de espírito humano para se perturbarem, para duvidarem, para se desorientarem... Maria e José são profundamente humildes, por isso, são dóceis e cheios de fé em Deus. E Deus, conforme o Seu costume, serve-Se de tudo o que é humilde e desprezível aos olhos do mundo para realizar a mais grandiosa das Suas obras: a Encarnação do Verbo.

Colóquio — Ó meu Deus, que luminoso e sublime contraste! Vós, o Verbo eterno, o Verbo Encarnado, fonte de vida, de salvação, de graça e santidade; Vós a luz e redenção da humanidade inteira, ides manifestar-Vos ao mundo! Toda a criação deveria exultar, a natureza inteira vibrar de gozo e todos os homens correr ao Vosso encontro, pois sois o seu Deus, seu Rei e Salvador. E, no entanto, quereis nascer no escondimento, na solidão, no silêncio, tudo foi predisposto por Vós para tal fim. «Quando tudo repousava num profundo silêncio e a noite estava no meio do seu curso, a tua Palavra onipotente, do céu, do teu trono real, lançou-se no meio da terra» (*Sab.* 18, 14). Ó meu Deus Vós vindes do céu para salvar o mundo, e o mundo que é Vosso e obra das Vossas mãos, não tem sequer um albergue para Vos oferecer. Qual é a criança que não tem uma casa para nascer, ainda que seja miserável e pobre? A humilde

casa de Nazaré estava pronta para Vos acolher: Maria tinha-a preparado com tanto amor! Mas Vós nem mesmo isso quisestes e dispusestes as coisas de maneira a não terdes onde reclinar a cabeça. Belém está cheia de hóspedes e para todos há qualquer canto; só para Vós, Hóspede real, Criador e Rei do universo, não há lugar. Deste modo vindes a nós qual mísero peregrino que anda errante pelos caminhos sem saber onde passar a noite. Ninguém sabe da Vossa passagem, ninguém suspeita da Vossa iminente chegada, ninguém pode supor que aquela humilde jovem de Nazaré está para dar ao mundo o seu Salvador, o seu Rei, o seu Deus. Só Maria e José O conhecem e O adoram em silêncio. Nada os perturba: os seus corações estão firmes na fé, ancorados na mais plena confiança: estão seguros de Vós e das Vossas promessas.

Ó Verbo incarnado, gravai profundamente no meu coração esta lição e fazei-me compreender os misteriosos caminhos do Vosso amor. Vindes para me salvar e santificar, mas quereis realizar em mim a Vossa obra, servindo-Vos das circunstâncias e dos acontecimentos mais humildes, comuns e insignificantes; dai-me a humildade, a fé e a confiança cega de Maria e José para que saiba reconhecer e adorar a Vossa obra, saiba aderir a ela com docilidade e amor, e compreender que gostais de rodear as Vossas obras de humildade, silêncio e mistério.

29. APARECEU O SALVADOR

25 DE DEZEMBRO

Eis-me aos pés do meu Deus feito carne, feito Menino por meu amor. Adoro, agradeço, amo.

1 — Deus é caridade, Deus amou-nos com amor eterno! «Foi como se Deus dissesse: o homem não me ama porque não me vê, quero deixar-me ver por ele para assim me fazer amar. O amor de Deus para com o homem era muito grande e assim tinha sido *ab aeterno*; mas este amor não se havia mostrado ainda... Só apareceu verdadeiramente quando o Filho de Deus Se fez ver como uma criancinha num estábulo, sobre umas palhas» (S.to Afonso).

Eis o mistério do Natal; eis o grito jubiloso de S. Paulo: «A graça de Deus, nosso Salvador, apareceu a todos os homens... Apareceu a bondade e o amor de Deus nosso Salvador pelo homem» (*Ep.* I e II Missa: *Tit.* 2, 11-15; 3, 4-7). Esta é a feliz nova, a «grande alegria» que o Anjo leva aos pastores: «nasceu-vos hoje na cidade de David um Salvador que é Cristo Senhor» (*Ev.* I Missa *Lc.* 2, 1-14).

Na liturgia de hoje sucedem-se os textos num tom de júbilo crescente para cantar ao doce Menino Jesus, o Verbo incarnado, vivo, palpitante no meio de nós: «A quem vistes, pastores? Dizei-nos e anunciai-nos: quem é que apareceu na terra? Vimos o Menino e exércitos inteiros de Anjos louvavam em coro o Senhor» (*BR.*). «Alegrem-se os céus e a terra na presença do Senhor!» (*MR.*). O nosso Deus está aqui, no meio de nós, feito um de nós: «Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um filho... e o seu nome é: Admirável, Deus, Príncipe da

Paz, Pai do século futuro!... Exulta filha de Sião, canta filha de Jerusalém!... Engrandeei o Senhor, habitantes da terra! Vinde, ó gentes, e adorai o Senhor» (BR.). Levantai-vos, vinde, adorai, escutai, regozijai-vos: Jesus, o Verbo do Pai, diz-nos esta admirável palavra: Deus vos ama!

2 — As três Missas do Natal colocam-nos perante um quadro majestoso: a comovente descrição do nascimento de Jesus enquanto homem, alterna-se com a outra sublime do nascimento eterno do Verbo no seio do Pai, sem que faltem alusões ao nascimento de Cristo nas almas por meio da graça. Mas este triplice nascimento não é mais do que uma única manifestação de Deus-amor. Ninguém neste mundo podia conhecer o amor de Deus, mas o Verbo, que está no seio do Pai, conhece-O e pode revelar-no-IO. O Verbo fez-Se carne e revelou-nos o amor de Deus; por Ele, a Sua incompreensível e invisível caridade tornou-se evidente, palpável, no doce Menino que do presépio nos estende os braços. O Prefácio de hoje declara-nos expressamente: «Eterno Deus, pelo mistério da Incarnação do Verbo um novo raio do Vosso esplendor brilhou aos olhos da nossa alma para que, conhecendo a Deus visivelmente, sejamos por Ele arrebatados ao amor das coisas invisíveis». Sim, esse Menino «envolto em panos e deitado numa mangedoura», é o nosso Deus que Se tornou sensível e visível, o nosso Deus que nos manifesta do modo mais concreto a Sua infinita caridade. Não é possível contemplar o pequenino Jesus sem ficar preso, arrebatado pelo amor infinito que no-IO deu; o Menino Jesus revela-nos o amor de Deus da maneira mais clara e comovente. S. Paulo, na Epístola (*Heb. 1, 1-11*) da terceira

Missa diz: «Deus, ùltimamente, falou-nos por meio do Seu Filho... resplendor da Sua glória, figura da Sua substância». Jesus, Verbo incarnado, no Seu silêncio de Menino impotente, fala-nos e revela-nos a substância de Deus: a caridade de Deus.

Colóquio — Ó poderosa e eterna Trindade! Ó doce e inefável Caridade! Quem não se inflamará à vista de tanto amor? Que coração resistirá ao fogo da Vossa caridade?

«Ó abismo de caridade! Tão enamorado estais das criaturas que até parece não poderdes viver sem elas! E, apesar de tudo, sois o nosso Deus; Vós não precisais de nós. O nosso mal nenhum dano podia ocasionar-Vos, sendo Vós a soberana e eterna bondade. Portanto, quem Vos impele a uma tão grande misericórdia? O amor. Porque Vós não tendes qualquer obrigação para connosco nem necessidade alguma de nós. Ó Deus infinito, quem Vos traz até mim, pobre criatura? Ninguém fora de Vós mesmo, ó Fogo de amor! Só o amor Vos impeliu e só o amor Vos estimula sempre.

«Vós, suma doçura, dignastes-Vos unir-Vos com a nossa amargura; Vós, esplendor, com as trevas; Vós, sabedoria, com a ignorância; Vós, vida, com a morte; Vós, infinito, connosco, finitos» (S.ta Catarina de Sena).

Ó doce Verbo incarnado, ó amabilíssimo Menino Jesus, eis-me finalmente a Vossos pés: deixai-me contemplar-Vos, permiti que eu me sacie da Vossa beleza, da Vossa bondade, da Vossa imensa caridade. O Vosso amor infinito apresenta-se-me vivo e palpitante, neste terne Menino que me sorri e me estende os Seus bracinhos e este Menino sois Vós mesmo, ó meu Deus! Como poderei agradecer-Vos tanto amor? Como poderei pagar-Vos?

«Sendo grande e rico, Vos fizestes pequenino e pobre por nós, quisestes nascer fora de casa, num estábulo, ser enfaixado com paninhos e alimentado com leite virginal, ser deposto numa mangedoura entre o boi e o jumento. 'Hoje brilha para nós o dia da redenção nova, da reparação antiga, da felicidade eterna; hoje os céus destilam mel por todo o mundo'. Abraça, pois, agora, alma minha, esse divino presépio, aproxima os teus lábios dos pézinhos do Menino e beija-os. Medita, além disso, na vigília dos pastores, contempla as falanges angélicas, une-te com elas para tomares a tua parte na celeste melodia cantando com a boca e com o coração: Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade» (S. Boaventura).

30. ACREDITAR NO AMOR

26 DE DEZEMBRO

Ó dulcíssimo Menino Jesus, fazei-me penetrar no abismo do Vosso infinito amor, a fim de crer nele com todas as minhas forças.

1 — Na criação Deus amou-nos tanto que nos fez à Sua imagem e semelhança, na redenção amou-nos até Se fazer Ele mesmo semelhante a nós. O Natal é a festa do amor por excelência, do amor que se revela, não nos sofrimentos da cruz, mas na amabilidade de um Menino, nosso Deus, que nos estende os braços para nos fazer compreender que nos ama.

Se a consideração da justiça infinita nos pode mover a maior fidelidade no serviço de Deus, quanto mais o não fará a consideração do Seu infinito amor! Santa Teresa

do M. Jesus dizia: «Sou de natureza tal que o temor me faz recuar; com o amor não avanço apenas, mas voço» (M. A. pg. 206).

E Jesus, o Deus Menino, está aqui no meio de nós, para trocar a lei antiga do temor pela nova lei do amor.

Para correrem pelo caminho dos mandamentos divinos as nossas almas têm necessidade de se dilatar na convicção da infinita caridade de Deus para conosco; por isso nos queremos abismar na contemplação do mistério natalício. Com efeito, ao vermos Jesus, o Verbo eterno, fazer-Se Menino por nós e, desde o primeiro instante da Sua vida terrena, abraçar inteiramente as nossas misérias, a ponto de não ter por berço senão uma mangedoura, por leito umas palhas e por agasalho uns míseros paninhos, não poderemos mais duvidar do Seu amor. Deus amou-nos! Jesus ama-nos! Sim, repetamos sem cessar: «Nós conhecemos e cremos na caridade que Deus tem por nós» (I Jo. 4, 16). Senhor, eu creio no Vosso amor por mim! Senhor, aumentai a minha fé.

2 — «Deus é caridade». É imenso o tesouro que encerram estas palavras, tesouro que Deus descobre e revela à alma que se concentra toda na contemplação do Verbo incarnado. Enquanto não se compreende que Deus é amor infinito, infinita benevolência que Se dá e estende a todos os homens para lhes comunicar o Seu bem e a Sua felicidade, a vida espiritual permanece em gérmen, não está ainda desenvolvida, nem é ainda profunda. Só quando a alma, iluminada pelo Espírito Santo penetra no mistério da divina caridade, a sua vida espiritual atinge a plenitude, a maturidade.

Não poderemos compreender melhor o amor infinito

do nosso Deus senão aproximando-nos da pobre mangedoura onde Ele jaz feito carne por nosso amor. «As virtudes e os atributos divinos conhecem-se através dos mistérios do Homem-Deus», ensina S. João da Cruz (cfr. C. 37, 2) e entre estes atributos o primeiro é sempre a caridade, pois constitui a própria essência divina. Da contemplação amorosa e silenciosa de Jesus Menino, nasce facilmente em nós um *sentido* mais do que nunca profundo e penetrante do Seu amor infinito; não só cremos, mas experimentamos de certo modo, que Deus nos ama. Então a vontade aceita plenamente o que a fé lhe ensina, aceita-o com amor, com todas as suas forças e a alma lança-se totalmente a acreditar nesse amor infinito. Deus é caridade: esta verdade fundamental de toda a vida cristã penetrou profundamente na alma. Ela sente-a e vive-a porque, por assim dizer, quase a palpou no seu Deus incarnado. Quem crê assim no Amor infinito, saberá dar-se a Ele sem medida, saberá dar-se totalmente.

Colóquio — Senhor, eu creio no Vosso amor por mim! Como poderei agora duvidar?

«Vós descestes das grandes alturas da Vossa divindade ao lodo na nossa humanidade, porque a baixeza da minha inteligência não podia nem compreender nem olhar para a Vossa altura. Para que a minha pequenez pudesse ver a Vossa grandeza, fizestes-Vos Menino, encerrando a grandeza da Vossa divindade na pequenez da nossa humanidade. E assim Vos manifestastes a nós, no Vosso Unigénito Filho e pude conhecer-Vos a Vós, abismo de caridade! Envergonha-te, envergonha-te, cega criatura tão honrada e exaltada pelo teu Deus, pois ainda não reconheces que Deus, pela Sua inestimável caridade,

desceu da altura da Sua divindade à baixeza da lama da tua humanidade. Ó amor inestimável, ó amor inestimável! Que dizes tu, alma minha? Digo-Vos, Pai eterno, e Vos suplico, benigníssimo Deus, que nos comuniquéis, e a todos os Vossos servos, o fogo da Vossa caridade» (S.ta Catarina de Sena).

Ó Deus, como tenho necessidade de conhecer o Vosso amor infinito! Conhecer para crer, crer para amar, amar para me dar totalmente a Vós sem reserva, como Vos destes todo a mim.

Como eu quereria, ó meu Deus, corresponder ao Vosso dom! Mas Vós, que sois tudo, tudo me destes, enquanto que eu, que sou nada, nada Vos posso dar.

Como sou lento, preguiçoso e avaro em dar-Vos este nada, como procuro poupar-me, dar-me com medida, com prudência... Oh! O Vosso amor não conheceu medida, não calculou a distância infinita entre o Criador e a criatura, mas ultrapassou e cumulou essa distância, unindo indissolúvelmente a natureza humana à Pessoa divina do Verbo! Como é verdade que o amor não conhece barreiras e que tudo vence e sofre para conseguir o seu fim! Ó doce Menino Jesus, meu Deus e Salvador, fazei-me compreender cada vez melhor a grandeza e profundidade do Vosso amor; fazei-me penetrar neste abismo sem limites, cujo fundo criatura alguma jamais alcançará! À medida que vou entrando nele, sinto nascer em mim uma nova força, um novo impulso, que me obriga irresistivelmente a dar-me todo a Vós. Vós sabeis que necessidade tenho de que esta força e este impulso cresçam e se robusteçam em mim, para que seja verdadeiramente generoso e esteja sempre disposto para qualquer sacrifício e qualquer entrega. Ó Senhor, que eu compreenda a Vossa infinita caridade,

que tenha nela uma fé inabalável, que nada mais recuse ao Vosso amor: eis o presente que Vos peço, no dia da Vossa Natividade.

31. CORRESPONDER AO AMOR

27 DE DEZEMBRO

Recolho-me diante da pobre mangedoura, contemplo o Menino Jesus, pedindo-Lhe que me ensine a corresponder ao Seu amor.

1 — Para assumir a natureza humana e unir-se a ela, o Verbo eterno escondeu a Sua divindade, majestade, poder e sabedoria infinitas: é um Menino que não sabe falar, que não se pode mexer e que em tudo depende e tudo espera da Sua Mãe, criatura Sua.

Meditemos neste mistério para o aplicar à nossa pobre vida! O amor verdadeiro vence qualquer obstáculo, aceita qualquer condição e sacrifício para poder unir-se àquele que ama; se queremos unir-nos a Deus, temos de percorrer um caminho semelhante ao que o Verbo percorreu para Se unir à natureza humana: caminho de prodigioso aniquilamento, de infinita humildade. Diante de nós abre-se o caminho do «nada», da abnegação total. «Tudo, nada; tudo, nada». É a canção de embalar que S. João da Cruz entoava ao seu Deus humanado: «para chegar a possuir tudo, não queiras possuir algo em nada» (S. I, 13, 11). Ante os infinitos abatimentos do Verbo eterno que Se fez carne, não nos deve parecer demasiado duro ou exigente este caminho. Para corresponder ao Seu infinito amor e demonstrar-Lhe o nosso, tomemos a decisão de nos despojarmos genero-

samente de tudo o que pode retardar a nossa união com Ele: despojemo-nos sobretudo do nosso amor próprio, orgulho, vaidade, pretensão de fazer valer os nossos direitos, os nossos pontinhos de honra. Que flagrante contraste entre estas vãs exigências do nosso eu e a comovedora humildade do Verbo incarnado! «*Sic nos amantem, quis non redamaret?*» Quem não pagará com amor a quem tanto nos ama? (*Adeste fideles*).

2 — Jesus, por nosso amor, não só Se «despojou», por assim dizer de toda a Sua grandeza e majestade, mas abraçou as maiores privações desde o primeiro instante da Sua vida terrena. «Despojemo-nos nós» também voluntariamente por Seu amor: despojemo-nos das riquezas, do apego ao nosso bem-estar material, das comodidades, do supérfluo. O voto ou a promessa de pobreza obriga-nos já a este desapego; como poderíamos levar tranquilamente uma vida cômoda, quando o nosso Deus quis abraçar tanta pobreza e desconforto? Considera em que condições está o Menino Jesus: palhas ásperas, roupa insuficiente, um estábulo de animais por casa, uma manjedoura por berço... Diante do presépio sentimos que o caminho do nada não exige demais. «Não andar buscando o melhor das coisas temporais, senão o pior e desejar entrar com toda a desnudez e vazio, e pobreza por Cristo, em tudo quanto há no mundo» (J.C. S. I, 13, 6).

Se queremos corresponder ao amor infinito de Jesus, despojemo-nos generosamente de tudo, por Ele, não só dos bens materiais, mas também de todo o apego às criaturas, porque, como ensina S. João da Cruz, «amar é trabalhar em despojar-se e desnudar-se por Deus de tudo o que não é Deus» (S. II 5, 7). O caminho do nada

conduz rapidamente a Belém, ali onde Deus Se uniu à humanidade da forma mais íntima e pessoal e onde Deus nos espera para Se unir às nossas almas.

Colóquio — Concedei-me, dulcíssimo Jesus, que eu possa pagar, ao menos um pouco, o Vosso infinito amor. Sendo Deus, por meu amor Vos fizestes homem; sendo Senhor rico e todo-poderoso Vos fizestes escravo, pobre, pequena criança impotente. Oh! fazei que, por Vosso amor, eu saiba seguir com coragem e generosidade o caminho do nada, do despojamento total.

Por meu amor, despojastes-Vos da Vossa majestade e grandeza, ocultastes todo o sinal da divindade, fizestes-Vos pequenino para serdes «meu», a fim de que eu pudesse não só conhecer-Vos, mas ter-Vos todo comigo, possuir-Vos *todo*; não só em Belém me dais toda a Vossa divindade e humanidade, mas também cada dia na Eucaristia. E eu, miserável criatura, tão amada e favorecida por Vós, não serei capaz, por Vosso amor e para me tornar todo Vosso, de me despojar do meu amor próprio?

«Oh! que grande poder e amor me mostrais fazendo-Vos pequenino, querendo calar-Vos e ter necessidade de tudo como as outras crianças! O primeiro som que emitistes foi um gemido, como diz o sábio, para me mostrardes a minha miséria: *Primam vocem omnibus emisi, plorans*. Não quereis alimentar-Vos senão do leite que recebeis como dom do eterno Pai; sim, do mesmo modo a alma não se deve nutrir senão do alimento que vem de Vós. Mas antes de tomardes este alimento quereis dar-mo a mim. E que alimento me dais? O da humildade e pobreza, quando reclinais os Vossos delicados membros no presépio, sobre o feno e pousais

sobre uma pedra a Vossa cabeça» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

Ó Deus, riqueza eterna, riqueza infinita, a que estado Vos reduzistes por meu amor! E eu que Vos prometi pobreza, estou tão longe ainda de ser verdadeiramente pobre, de praticar com fervor esta virtude que tanto amais!

Ó Senhor, doce Verbo incarnado, eu quero corresponder ao Vosso infinito amor, quero provar com obras que deveras Vos amo. Que farei por Vós, dulcíssimo Jesus? Por Vosso amor me despojarei de tudo o que não sois Vós, porque só por Vós clamo, só a Vós desejo e porque quero tornar-me semelhante a Vós! Vós, que sendo Deus Vos fizestes carne, fazei que eu de soberbo me torne humilde; Vós que sendo dono e Senhor do universo Vos fizestes pobre e indigente, fazei que eu, de afeiçoado às minhas comodidades, me torne amante da verdadeira pobreza. A humildade e a pobreza introduzir-me-ão no caminho do nada e assim, vazio de mim mesmo e de todas as coisas, poderei finalmente amar-Vos com todas as minhas forças, poderei dizer-Vos com sinceridade: Senhor, eu Vos amo mais do que a mim mesmo e do que a todas as coisas!

32. GLÓRIA A DEUS

28 DE DEZEMBRO

Uno-me em espírito ao coro dos Anjos que cantam a glória do Senhor sobre a gruta de Belém.

1 — O Verbo fez-Se carne para a nossa salvação e felicidade. Contudo, o fim primário da Encarnação, como o de todas as obras de Deus, é a Sua glória, porque Ele, Bem único e absoluto, não pode querer nada que não seja para a Sua glória! Ao enviar o Seu Filho Unigénito para salvar os homens, quis glorificar a Sua infinita bondade, quis glorificar-Se a Si mesmo na obra da nossa salvação, operada por meio deste acto supremo do Seu amor misericordioso. A obra da criação glorifica a Deus na Sua sabedoria e onnipotência; a obra da Encarnação glorifica-O na Sua caridade. E como Deus não podia manifestar maior misericórdia e maior caridade que dando o Seu Filho para a salvação dos homens, assim nenhuma obra pode glorificá-LO mais do que a Encarnação do Verbo. Por isso, no nascimento do Redentor, os Anjos cantaram «Glória a Deus no mais alto dos céus». A Igreja recolheu este cântico e amplificou-o naquele «Glória» que se repete em todas as Missas festivas: «Nós Vos louvamos, nós Vos bendizemos, nós Vos glorificamos, nós Vos damos graças por Vossa imensa glória». Nunca como nas festas do Natal se sente tanto a necessidade de repetir este cântico, mais com o coração do que com os lábios. A alma sente-se então levada a louvar o seu Deus imenso, tão grande, tão formoso, mas ao mesmo tempo tão bom, tão misericordioso, tão cheio de caridade. Não basta cantar; a alma quereria transformar-se num incessante «louvor da Sua glória».

2 — Fomos predestinados em Cristo «para servirmos de louvor à Sua glória» (*Ef. I, 11 e 12*). Todo o cristão é por si mesmo um testemunho da glória de Cristo: a sua elevação à ordem sobrenatural, a sua santificação, a sua felicidade eterna, têm como fim supremo a glória d'Aquele que o remiu. O cristão, e com maior razão a alma consagrada, deve comportar-se de modo que todas as suas obras e toda a sua vida sejam um louvor de glória à Santíssima Trindade, a Cristo Senhor nosso. Nestes dias a Igreja apresenta-nos as «primícias» destes «verdadeiros cristãos» que, com as obras e até com a morte, cantaram a glória do Redentor: vêmo-los seguindo o Menino Jesus, quais anjos da terra a unirem seus cânticos aos anjos do céu. S.to Estêvão, o proto-mártir, ensina-nos que a alma fiel e amante deve estar disposta a dar tudo, a dar-se a si mesma e até a própria vida, pela glória do seu Deus. S. João Evangelista, «o bem-aventurado apóstolo a quem foram revelados os segredos celestes» e que penetrou mais que nenhum outro no mistério de Deus-Caridade, diz-nos que o amor do próximo «é o preceito do Senhor e que, se é observado, ele só basta» (*BR.*) para glorificar a Deus que é amor infinito.

Os Santos Inocentes (os primeiros tenros rebentos da Igreja), demonstram que a voz da inocência é um hino de glória a Deus, muito semelhante ao dos anjos: «Da boca das crianças e meninos de peito fizestes sair um louvor perfeito». E este hino torna-se mais forte e eloquente quando se une ao sacrifício do sangue: «Os Inocentes Mártires confessaram a glória de Deus, não falando, mas morrendo» (*BR.*). Seja também a nossa vida um hino de louvor a Deus «não com as palavras, mas com as obras».

Colóquio — «Ressoe alto a minha voz: que eu Vos contemple com um espírito atento, ó meu Deus e que com palavras celebre o Vosso louvor porque é justo que a criatura louve o seu Criador, já que nos criastes e remistes para que Vos louvásemos, embora não tenhais necessidade alguma do nosso louvor. Vós sois força incompreensível que de ninguém precisa, mas que a Vós mesmo bastais. Sois grande, ó Senhor meu Deus, grande é o Vosso poder e inumeráveis são as obras da Vossa sabedoria. Grande sois, Senhor meu Deus, e digno de todo o louvor. Que a minha alma Vos ame e Vos cante a minha língua, que de Vós escreva a minha mão, toda a minha vida se empregue nestes santos exercícios. Com o suavíssimo manjar, me saciais continuamente a fim de que cante com voz forte, cante do íntimo do meu coração e com todas as minhas forças, cante com doce alegria e com ardentíssimo ânimo, cante e Vos louve, meu Deus!

«Bendiz ao Senhor, alma minha, e tudo o que está em mim bendiga o Seu santo nome. Bendiz ao Senhor, alma minha e nunca esqueças os Seus infinitos benefícios. Louvemos aquele Deus que os Anjos louvam e as Dominações adoram, reverenceiam e temem as Potestades, Aquele em cuja honra cantam sem cessar os Querubins e Serafins: Santo, Santo, Santo! Unamos as nossas vozes às dos Anjos e Santos e louvemos ao Senhor tanto quanto pudermos» (S.to Agostinho).

Sim, meu Deus, meu Redentor e Salvador, eu quero louvar-Vos eternamente e, até que chegue o momento de cantar a Vossa glória com os Anjos e Santos no céu, quero começar a cantá-la aqui na terra, não só com a língua mas também com as obras e toda a minha vida. «Para ser um louvor da Vossa glória, devo amar-

-Vos com um amor puro e desinteressado, sem me procurar a mim próprio na doçura deste amor. Devo amar-vos acima dos Vossos dons, mesmo que nada tivesse recebido. Ora, como desejar e querer efectivamente o Vosso bem, senão cumprindo a Vossa vontade, pois que esta vontade ordena todas as coisas para a Vossa maior glória? Devo, portanto, abandonar-me plenamente, apaixonadamente a essa vontade, e não querer outra coisa senão o que Vós quereis» (I.T. I, 10). E quando a Vossa vontade e a Vossa lei me pedirem que eu me sacrifique pelo Vosso amor, pela Vossa glória, fazei que não volte atrás, mas que esteja sempre pronto a dar-me totalmente, até ao supremo sacrifício.

33. PAZ AOS HOMENS

29 DE DEZEMBRO

Ponho-me aos pés do Menino Jesus para meditar, no recolhimento, o cântico dos Anjos: «Paz na terra aos homens de boa vontade (Lc. 2, 14).

1 — Em Belém os Anjos anunciam duas coisas: glória a Deus e paz aos homens; uma corresponde à outra. Ninguém dá tanta glória a Deus como esse Menino que jaz sobre a palha: só Ele, porque é o Verbo eterno, Lhe pode tributar um louvor perfeito, infinito, digno dEle. E ninguém mais que Jesus Cristo pode trazer aos homens a paz, reparando a ofensa do pecado, reconciliando o homem com o seu Criador e estabelecendo entre eles um novo pacto: o Criador torna-Se Pai e o homem Seu filho.

Na nossa vida quotidiana verifica-se uma coisa se-

melhante: quem guarda a lei divina goza de paz; mas também podemos dizer: quem guarda a lei divina dá glória a Deus. A paz dos homens corresponde perfeitamente à glória de Deus. Trata-se, porém, daquela paz que vem só de Jesus, da Sua graça e que em vão procuraremos noutra lugar.

«A paz é a tranquilidade da ordem». A ordem é estabelecida pela lei, pela vontade divina: quem respeita plenamente esta ordem possui a plenitude da paz interior; quem se afasta por pouco que seja, desta ordem, perde a sua paz nessa mesma proporção. A paz é o refrigério e o descanso da alma no meio das lutas e dores da vida; mas não devemos lutar para a conquistar e possuir só por isso, devemos querê-la sobretudo porque a ela corresponde a glória de Deus.

2 — Os Anjos prometem a paz «aos homens de boa vontade». A vontade é «boa» quando é recta, dócil, decidida. *Recta*, ou seja, orientada sincera e totalmente para o bem. *Dócil*, sempre disposta a seguir qualquer indicação divina. *Decidida*, pronta a aderir à vontade de Deus, mesmo quando se interponham obstáculos e dificuldades e se exijam sacrifícios. Através das circunstâncias da vida, mesmo as mais insignificantes, o Senhor solicita continuamente a nossa generosidade, a nossa abnegação: temos de nos entregar sem hesitações, certos de que, se Deus nos pede alguma coisa, dará igualmente a força para a realizar. Tal foi a conduta dos pastores: logo que ouviram as palavras do anjo, deixaram tudo, rebanho e descanso, e «foram com grande pressa e encontraram... o menino deitado na manjedoura» (Lc. 2, 16). Foram os primeiros a achar Jesus e a saborear a Sua paz.

S.ta Teresa de Jesus diz: «A santa paz consiste em conformar-se em tudo com a vontade de Deus, de maneira que não haja divisão entre Deus e a alma e não reine entre eles senão uma só vontade, não por palavras e desejos, mas posto em obra; de maneira que, em entendendo que serve mais a seu Esposo numa coisa, não escuta as razões que lhe dará o entendimento, nem os temores... mas deixa operar a fé sem olhar ao proveito nem ao descanso» (P. 3, 1).

Esta é a perfeita «boa vontade». Maria e José são os modelos insuperáveis: não obstante a obscuridade do mistério e os graves sacrifícios, aderiram com total abandono ao plano divino e tiveram a grande alegria de acolher nos seus braços o Rei dos céus. A uma maior boa vontade, corresponde uma maior união com Deus, a paz e a alegria.

Colóquio — Como eu Vos agradeço, ó Jesus pela alegria infinita que dais ao Vosso divino Pai, suprimindo assim a incapacidade e a insuficiência destas pobres criaturas! Vós sois o louvor perfeito da Santíssima Trindade, o esplendor da Sua glória; graças e louvores Vos sejam dados, ó Senhor. Vós podíeis glorificar o Pai sem cuidar de nós, que O tínhamos ofendido: que necessidade tem Deus do nosso bem e da nossa felicidade? Mas, cheio de misericórdia, quisestes glorificar o Vosso Pai, precisamente dando-nos a salvação e a paz. Oh! Quanto desejo esta paz que viestes trazer ao mundo! Só Vós ma podeis dar, só Vós podeis pacificar plenamente o meu pobre coração tantas vezes em luta entre as exigências do Vosso amor divino e a violência das minhas paixões e atractivos do mundo.

Dai-me, ó Senhor, a Vossa paz; que ela estabeleça

em mim o Vosso reino e me converta em louvor de glória do Vosso santo Nome. Mas Vós quereis que, esperando tudo da Vossa graça e da Vossa misericórdia, continue a trabalhar assiduamente para obter este Vosso grande dom.

Vós me dareis a paz se virdes em mim «boa vontade»; vontade sincera que adere com rectidão ao bem, sem duplicidade, sem hipocrisias, sem segundas intenções ou compromissos. Ó Senhor, dai-me esta vontade recta que por coisa alguma se afasta do bem e da verdade; e se a verdade me fere e põe a descoberto as minhas misérias, dai-me a coragem de a amar e de a aceitar em toda a sua integridade e de agir em conformidade com ela. Queria, Senhor, ter uma vontade dócil ao Vosso menor sinal, semelhante a uma ligeira embarcação à vela que obedece dócilmente a qualquer sopro do vento. Mas a minha vontade é ainda tão tenaz, tão obstinada, tão difícil de dobrar e está tão presa às suas posições! Tornai-a maleável Vós, ó doce Jesus, que do céu Vos inclinastes para a terra para cumprir a vontade do Vosso Pai.

Dai também forças à minha vontade para que saiba vencer toda a cobardia, toda a hesitação e dúvida especialmente quando tiver que vencer dificuldades e sacrifícios. Ó Senhor, queria ter uma vontade recta e decidida para ir até Vós direito e veloz com uma seta, uma vontade dócil como a onda do vento, a fim de seguir fielmente qualquer indicação do Vosso querer divino. Então já não haveria divisão alguma entre a minha vontade e a Vossa, mas haveria perfeita união e perfeita paz. Que ideal altíssimo, ó Jesus, destes ao homem por Vós remido! Ele estava no pecado e, portanto, tão longe de Vós como o está a culpa, da per-

feição infinita; pelos Vossos preciosos méritos, não só foi levantado do abismo em que jazia, mas chamado à união com Deus. Por Vossa mediação, o Senhor e o Juíz torna-Se Pai, Amigo, Esposo da alma de boa vontade.

Ó Jesus, quanto nos destes, quanto me destes! A Vós seja dado louvor eterno!

34. SINAL DE CONTRADIÇÃO DOMINGO DENTRO DA OITAVA DO NATAL (1)

Perante Jesus o mundo divide-se: amigos e inimigos. Ó Senhor, que eu seja dos primeiros e dos mais amantes!

1 — A Missa de hoje é um eco do Natal; mas, enquanto recorda a sua suavidade e alegria, reveste-se também de uma nota de profunda tristeza. O Evangelho (Lc. 2, 33-40) transporta-nos de repente a quarenta dias depois do nascimento de Jesus, quando Ele é apresentado no templo, e refere-nos a profecia de Simeão: «Eis que este Menino está posto para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo de contradição».

O Filho de Deus faz-Se homem para todos os homens, traz e oferece a todos a salvação; muitos, porém, não O receberão. É o grande mistério da liberdade humana. Deus põe diante de Si a criatura inteligente e livre: oferece-lhe todos os tesouros de salvação e de santidade encerrados nos méritos infinitos de Jesus Cristo; o homem é livre para os aceitar ou recusar. Eis

(1) Transferir esta meditação segundo o calendário do ano.

a nossa tremenda responsabilidade. Jesus veio para nos salvar, para nos santificar, para Se dar todo às nossas almas: está pronto a fazê-lo, deseja fazê-lo e todavia não o fará se nós não aceitarmos *livremente* o Seu dom infinito, se não correspondermos às Suas solicitações amorosas com o dom insignificante mas *livre* da nossa vontade. «Deus não força a nossa vontade, toma o que Lhe damos, mas não Se dá de todo até que de todo nos demos a Ele» (T.J. Cam. 28, 12).

A profecia de Simeão dirige-se depois directamente à Virgem Mãe: «Uma espada trespassará a tua alma». A visão sangrenta do Calvário cruza-se, de súbito, com a visão do Natal, lembrando-nos que o terno Menino de Belém é o Cordeiro divino que deve ser imolado para a salvação do mundo.

2 — Entre todos os que se achavam no templo quando o Menino Jesus aí foi apresentado só duas pessoas reconheceram o Salvador: o velho Simeão e a profetiza Ana. De Simeão foi dito que «era justo e temente [a Deus] e esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo encontrava-se nele» (Lc. 2, 25); de Ana que «não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia com jejuns e orações». Estas são as características das almas bem dispostas a aceitar a obra redentora de Jesus: recitidão de espírito e de vontade, desejo sincero de Deus, recolhimento, oração, mortificação. Quanto mais profundas forem estas disposições, mais aberta estará a alma á acção divina; a luz do Espírito Santo faz-lhe reconhecer em Jesus o seu salvador, o seu santificador, e Jesus pode cumprir plenamente nela a Sua obra. A estas almas se aplicam, dum modo particular, as magníficas palavras de S. Paulo na Epístola de hoje (Gál. 4, 1-7):

«e porque vós sois filhos, Deus mandou aos vossos corações o Espírito de Seu Filho, que clama; Abba, Pai».

A cada cristão, a cada um dos remidos com o Sangue de Jesus, diz o Apóstolo: «Já não és servo mas filho; e, se és filho, também és herdeiro por Deus»; infelizmente nem todos os cristãos vivem como verdadeiros filhos de Deus: no baptismo receberam «a adopção de filhos», mas não sabem corresponder com as obras a este imenso dom gratuito, fruto dos méritos de Jesus.

Quando, pelo contrário, a alma secunda generosamente a acção divina, esta acção invade-a e o Espírito Santo, o Espírito de Jesus, grita do fundo do seu coração: «Abba, Pai!»

Colóquio — Meu Deus, que grande responsabilidade têm os homens em face dos Vossos imensos benefícios, da Incarnação do Vosso Unigénito Filho, que Se fez homem para nossa salvação.

«Ai! como aos que são desagradecidos condenará a grandeza da mercê! Remediai-o Vós, meu Deus!... Filhos dos homens, até quando sereis duros de coração e o endurecereis contra este mansíssimo Jesus? Que é isto? Porventura prevalecerá a nossa maldade contra Ele? Não, que se acaba a vida do homem como a flor do feno, e há-de vir o Filho da Virgem a dar aquela terrível sentença... Bem-aventurados os que naquele temeroso momento se alegrarem conVosco, ó Deus e Senhor meu!

«Ó Senhor meu! como ousa pedir-Vos mercês quem tão mal Vos tem servido e não tem sabido guardar o que lhe tendes dado? Como podeis confiar em quem muitas vezes tem sido traidor! Pois que farei, Consolação dos desconsolados e Remédio de quem se quer

remediar conVosco? Será porventura melhor calar-me com minhas necessidades esperando que Vós as remediéis? Não, por certo, pois Vós, Senhor, sabendo que são muitas e que alívio é para nós o contar-Vo-las, mandais que Vos peçamos, que Vós não deixareis de dar.

«Que poderá pedir uma coisa tão miserável como eu? Dai-me, Deus meu, com que Vos dê, como dizia S.to Agostinho, para pagar alguma coisa do muito que Vos devo! Lembrai-Vos de que sou criatura Vossa e conheça eu quem é o meu Criador para que O ame» (T.J. Ex. 3, 1 e 2; 5, 1 e 2).

Mas, infelizmente, Senhor, sou eu que não recordo, que não correspondo suficientemente aos Vossos dons infinitos!

Vós, doce peregrino de amor, estais à porta e esperais! Quantas portas em Belém se fecharam à Vossa passagem: não havia lugar para Vós e só se encontrou aberta uma miserável choupana. Aliás não é o meu coração mais pobre, imundo e indigno do que aquele refúgio de animais? E todavia, se eu Vo-lo abrir, Vós não desdenhareis fazer nele a Vossa morada e encontrar aí o Vosso repouso, como fizestes na gruta onde nascestes. Ó meu Jesus, concedei-me a graça de Vos abrir totalmente o meu coração, de corresponder à Vossa graça com toda a força da minha vontade, de Vos entregar toda a minha liberdade, pois que já não quero nem desejo mais que uma só liberdade: a liberdade de Vos amar com todas as forças e de me dar totalmente a Vós. Quanto nos amastes, Senhor, e como são poucos aqueles que Vos amam! Fazei ao menos que esses poucos sejam verdadeiramente fiéis e que entre eles possa eu estar também.

35. FAÇAMOS RENDER O TEMPO 31 DE DEZEMBRO

Neste último dia do ano, recolho-me aos pés do Menino Jesus para considerar o valor do tempo à luz da eternidade.

1 — O tempo passa e não volta mais. Deus assinou a cada um de nós um tempo determinado para realizar o plano divino nas nossas almas: dispomos desse tempo e não de outro. O tempo mal empregado está perdido para sempre. Assim é a nossa vida: um contínuo fluir, um incessante correr de tempo que já não volta: na eternidade, ao contrário, estaremos fixos, permaneceremos estáveis no grau de amor que tivermos alcançado, agora, no tempo; se este grau for grande seremos estabelecidos eternamente num grande grau de amor e de glória; mas se este grau for pequeno não teremos outro em toda a eternidade. Terminado o fluir do tempo, já não é possível progresso algum. «Logo, enquanto temos tempo, façamos bem a todos» (Gál. 6, 10). «Trata-se de dar a cada instante o máximo de amor, de fazer eterno o instante que foge, dando-lhe o valor da eternidade» (Ir. Carmela do Espírito Santo, o.c.d.) (1) Eis o melhor modo de empregar o tempo que o Senhor nos concede. A caridade permite-nos aderir com docilidade e amor à vontade de Deus e assim, no fim da vida, teremos realizado o plano divino sobre a nossa alma, teremos alcançado o grau de amor que Deus espera de cada um de nós, com que O amaremos e glorificaremos eternamente.

(1) Carmelita descalça no mosteiro de S. José, Roma, falecida a 23 de Julho de 1949.

2 --- O aumento da caridade depende dos actos meritórios, ou seja, das obras feitas sob o influxo da caridade. Toda a obra merece um aumento de caridade, que será concedido à alma ou imediatamente ou no fim da vida, conforme a alma tiver posto nos seus actos todo o amor de que é capaz, ou, pelo contrário, os tiver feito um pouco à força, com descuido e negligência. No primeiro caso o aumento da caridade é semelhante aos juros que são imediatamente adicionados ao capital e que por isso rendem com ele; no segundo caso é semelhante aos juros que não são adicionados ao capital e não o aumentam, se bem que sejam propriedade de quem os adquiriu.

Para que o mérito das nossas boas obras — isto é, o aumento da caridade merecido por elas, — se conceda imediatamente à alma, é essencial que tais obras sejam realizadas com todo o amor, isto é, com toda a boa vontade e generosidade de que a alma é capaz: então é como se a alma se abrisse para receber o aumento de amor merecido, e este, com efeito, junta-se imediatamente ao capital da caridade que ela possui, aumentando-lhe automaticamente o grau e a intensidade.

Para crescer no amor sômente dispomos da breve jornada desta vida terrena e, se queremos aproveitar o mais possível, devemos aplicar-nos a realizar as nossas boas obras «com todo o coração», vencendo a inércia e a preguiça naturais. O amor crescerá então sem medida, e a alma poderá dizer ao Senhor como S.ta Teresa do M. J.: «o Vosso amor cresceu comigo e agora é um abismo cuja profundidade não posso sondar» (*M. B.* pg. 313). Apressemos-nos a fim de que tenhamos tempo, porque logo «vem a noite e ninguém pode trabalhar» (*Jo. 9, 4*).

Colóquio — Considerando, Senhor, o ano que passou, que Vós me destes para crescer no Vosso amor, não posso deixar de lamentar-me a mim mesmo e de repetir-Vos: quão pouco Vos amei, meu Deus, e que mal empreguei o meu tempo!

«Ó que tarde se incendiaram os meus desejos e que cedo andastes Vós, Senhor, granjeando e chamando para que toda me empregasse em Vós! Porventura, Senhor, desamparastes o miserável ou afastastes o pobre mendigo quando se queria chegar a Vós? Porventura, Senhor, têm termos as Vossas grandezas ou as Vossas magníficas obras? Ó Deus meu e misericórdia minha! Como as podereis agora mostrar em Vossa serva! Poderoso sois, ó meu Deus. Agora poder-se-á entender se minha alma se engana a si mesma, vendo o tempo que perdeu e como num instante Vós podeis, Senhor, fazer com que o torne a ganhar. Parece que desatino, pois o tempo perdido, costumam dizer, não se pode tornar a recuperar.

«Bendito seja o meu Deus! Ó Senhor! Confesso o Vosso grande poder. Se sois poderoso, como sois, que há de impossível ao que tudo pode?

«Vós bem sabeis, meu Deus, que no meio de todas as minhas misérias nunca deixei de conhecer o Vosso grande poder e misericórdia. Valha-me, Senhor, isto em que não Vos ofendi. Tende-o em conta. Recuperai, Deus meu, o tempo perdido, dando-me graça para o presente e para o porvir, para que apareça diante de Vós com vestes de boda. Se o quiserdes, podê-lo-eis» (T.J. *Ex.* 4).

Da minha parte, Senhor, não vejo melhor modo de recuperar o tempo perdido do que aplicar-me com todas as forças ao exercício do amor. Sim, o meu amor au-

mentará se eu souber cumprir por Vós todos os meus deveres e todas as minhas boas obras «com todo o coração» ou seja, «com toda a boa vontade». Mas eu sou tão débil e fraco, tão indolente e inclinado a fugir do esforço, a evitar, ou pelo menos a diminuir o sacrifício...; a minha natureza tende sempre ao mais fácil, ao menos custoso e facilmente cai na negligência e na indolência. Ajudai-me, Vós Senhor, e robustecei o meu amor com a força onipotente do Vosso. Já que é tão pouco o que posso fazer por Vós, ao menos que o faça com todo o amor de que me tornastes capaz.

36. OITAVA DO NATAL 1 DE JANEIRO

Aproximo-me de Vós, divino Menino, ansioso por recolher na minha alma as primeiras gotas do Vosso Sangue Preciosíssimo.

1 — A antífona do *Magnificat* das primeiras vésperas sintetiza maravilhosamente o espírito da festa de hoje: «Pelo imenso amor com que nos amou, Deus enviou Seu Filho revestido de carne semelhante à do pecado». A consideração do amor infinito de Deus, que iluminou e dominou todas as festas do Natal, junta-se agora a visão do Filho de Deus, enviado à terra à semelhança de homem pecador; é a característica desta solenidade. Para nos transformar de pecadores em filhos de Deus, o Unigénito do Pai quis primeiro transformar-Se num de nós, assumindo a nossa carne de pecado e suportando todas as suas consequências, mesmo as mais humilhantes. A lei da Circuncisão não podia de

modo algum atingir Jesus, o Filho de Deus, o Santo por excelência; mas Jesus quer submeter-Se a ela como o último dos filhos de Abraão, porque, como ensina S. Paulo, «ele deveu em tudo ser semelhante a seus irmãos para expiar os pecados do povo» (*Hebr.* 2, 17). O rito legal realizado talvez por S. José na intimidade da família, fez correr da carne imaculada de Jesus as primeiras gotas do Seu Sangue precioso. Oito dias depois do Seu nascimento, Jesus inicia assim a Sua missão cruenta de Redentor; ainda não fala, o mundo ainda não O conhece e Ele derrama já o Seu Sangue pela salvação do mundo.

Contemplando-O, aprendemos que as obras valem mais que as palavras, e que quanto mais sacrifício custam, tanto mais são prova de verdadeiro amor. Toda a obra, para ser fecunda, deve ter o seu batismo de sangue.

2 — A comemoração da Circuncisão de Jesus coincide com o começo do ano civil: as primeiras gotas do Seu Sangue vêm selar e consagrar cada ano novo, de modo a torná-lo verdadeiramente o *annus Domini*, o ano do Senhor. O tempo é de Deus, a nossa vida é de Deus e é de Cristo, que tudo remiu e santificou com o Seu Sangue.

Comecemos o ano circuncidando os nossos corações porque, como ensina S.to Ambrósio, «aquele que se circuncida nos seus vícios é julgado digno do olhar do Senhor... vede como toda a lei antiga foi figura do futuro; assim também a Circuncisão significa purificação dos pecados» (*BR.*).

Ano novo, vida nova; vida nova porque, circuncidando nós o «homem velho» com os seus vícios e as suas

paixões, crescerá em nós o «cristão»; criatura nova, purificada com o Sangue de Cristo, vivificada e alimentada com a Sua graça, de modo que não mais vivamos nós, mas que Cristo viva em nós. O ano que hoje começa só tem valor se, dia após dia, a graça triunfar cada vez mais em nós, fazendo crescer nas nossas almas a vida de Cristo.

Outra lição da festa de hoje é a humilde submissão de Jesus à vontade de Seu Pai manifestada através da lei; vejamos nisto um convite a aderir dócilmente à vontade de Deus, qualquer que ela seja. Nenhum de nós pode saber o que nos espera neste ano novo; mas Deus sabe: a Sua vontade já preparou o nosso caminho e todas as particularidades da nossa vida estão já decididas na Sua mente. Disponhamo-nos a aceitar e abraçar com coragem e prontidão todo o querer divino, toda a permissão divina, certos de que só na santa e santificante vontade de Deus encontraremos a nossa paz e a nossa santificação.

Colóquio — «Ó Verbo Incarnado, com oito dias apenas, e já me dais o Vosso Sangue! e que me preparais com o Sangue?... A obediência. Três coisas me mostrais nesta Vossa Circuncisão: obediência a Deus, docilidade a Maria, justiça para conosco» (S.ta M. Madelena de Pazzi).

Permiti, ó Jesus, que as primeiras gotas do Vosso Sangue inocente caiam sobre a minha pobre alma para a purificar e inebriar. Compreendo-o bem: desde os primeiros dias da Vossa vida Vos apressastes a derramar o Vosso Sangue porque logo nos quisestes mostrar que éreis o nosso Salvador e Redentor. Este derramamento de Sangue não Vos era necessário por serdes

o Filho de Deus e Santo da santidade do Vosso Pai; era-o para mim, pobre criatura nascida no pecado. Por mim Vos quisestes humilhar a ponto de obedecer à lei estabelecida para os homens pecadores. Ó meu Senhor, ensinai-me a ser humilde e obediente. Vós, Cordeiro inocente que tirais os pecados do mundo, não Vos envergonhastes de receber o golpe da Circuncisão; e eu, que sou pecador, ainda pretendo que me considerem como justo? Queixar-me-ei se for julgado imperfeito e procurarei esconder os meus defeitos sob o manto de falsas desculpas? Vós ensinai-me que de nenhum modo poderei ser Vosso discípulo, nem tornar-me semelhante a Vós, se não aceitar humilhar-me conVosco. Ensinai-me também a obedecer, a submeter-me a todas as vontades do Pai celeste e a todos os sacrificios que Ele me impuser.

«Quero considerar este novo ano como uma página em branco que o Vosso Pai me apresenta e na qual irei escrevendo, dia a dia, o que dispôs o Seu divino beneplácito. Desde já escrevo no alto da página com absoluta confiança: *Domine, fac de me sicut vis*; Senhor, fazei de mim o que Vos aprouver. E no fundo da página ponho já o meu *Amen*, assim seja, a todas as alegrias, a todas as dores, a todas as graças, a todas as fadigas que me preparastes e que, dia após dia, me ireis revelando. Fazei que o meu *Amen* seja o *Amen* pascal, seguido sempre do *alleluia* pronunciado com todo o coração, na alegria de uma completa doação. Dai-me o Vosso amor e a Vossa graça e serei bastante rica» (Ir. Carmela do Esp. Santo o.c.d.).

37. O NOME DE JESUS

2 DE JANEIRO (1)

Fazei-me compreender, ó Jesus, os mistérios e os tesouros encerrados no Vosso dulcíssimo Nome.

1 — Esta solenidade é um complemento da cerimónia da Circuncisão, em que foi posto ao Menino o nome de Jesus. Mas, enquanto que na Circuncisão considerámos sobretudo a humilhação do Filho de Deus, a Igreja convida-nos hoje a meditar e a celebrar as glórias do Seu Nome. Glórias que, como nos ensina S. Paulo, brotam dos Seus prodigiosos aniquilamentos: «Irmãos: Cristo humilhou-Se a Si mesmo, foi obediente até à morte e morte de cruz. Por isso também Deus O exaltou e Lhe deu um Nome que está acima de todo o nome; para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho» (*Fil.* 2, 8-10). Assim canta a Igreja no Offício do dia, convidando todos os seus filhos a prestar reconhecida e devota homenagem Aquele que por nós tanto Se humilhou.

Respondendo a tal convite, o coração de cada cristão deve exaltar o Nome santíssimo do seu Salvador, o que equivale a exaltar a Sua própria Pessoa, porque o Nome de Jesus exprime todo o Seu Ser: é o Salvador, o Redentor. Este Nome bendito foi imposto pelo próprio Deus, que o revelou a Maria e a José pela boca do Anjo: «Ao qual porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados». (*Mt.* 1, 21). Este Nome exprime e sintetiza os grandes mistérios da In-

(1) Transferir esta meditação segundo o calendário do ano.

carnação e da Redenção; está no centro do universo como um ponto de contacto, como um ponto de ligação entre Deus e toda a humanidade. Só por meio de Jesus e em nome de Jesus pode o homem chegar a Deus: «por que, sob o céu, nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual nós devamos ser salvos» (Ep.: Act. 4, 8-12).

2 — A Missa de hoje, retomando o pensamento de S. Paulo, oferece-nos um quadro grandioso da glória devida ao nome bendito de Jesus: «Ao nome de Jesus se dobre todo o joelho no céu, na terra e no inferno, e toda a língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai» (Intr.).

A Igreja triunfante, militante e padecente, está prostrada em adoração; parece que todo o mundo se cala e interrompe por um momento o seu curso, para ouvir esse Nome santíssimo em que está toda a glória de Deus e toda a salvação da humanidade. Verdadeiramente «nem a língua poderá dizer nem a pena exprimir» os preciosos tesouros encerrados no Nome de Jesus. Não há cântico mais suave nem som mais agradável nem pensamento mais doce do que o de Jesus Filho de Deus» (BR.). «O teu nome é como o óleo derramado», diz a Sagrada Escritura (*Cant.* 1, 2), e S. Bernardo comenta: «O óleo, de facto, ilumina, nutre e unge... Aplica agora isto mesmo ao nome do Esposo: prégado, ilumina, meditado nutre, invocado unge e suaviza... todo o alimento da alma é árido se não for regado com este óleo; é insípido, se não for condimentado com este sal. Se escreves, a nada me sabe se não leio Jesus; se falas ou disputas, não me agrada se não mencionas Jesus. Jesus é mel para a boca, melodia para o ouvido, júbilo para o coração. Mas é também medicina» (BR.).

Bendigamos e invoquemos com amor este dulcíssimo nome em que está toda a nossa esperança e salvação, a nossa vida e a nossa glória. Só quem ama pode penetrar nas misteriosas doçuras que nele se encerram; só quem ama é capaz de o louvar eficazmente, não só com palavras, mas também com obras, dando-Lhe testemunho com toda a sua vida: «Ó Jesus, que Vos cantem as nossas vozes, Vos exprimam os nossos costumes, Vos amem os nossos corações, agora e por toda a eternidade» (BR.).

Colóquio — «Ó Nome glorioso, nome gracioso, nome amoroso e virtuoso! Por Vós se perdoam as culpas, por Vós se vencem os inimigos, por Vós se curam os doentes, por Vós os que sofrem são consolados nas adversidades; Vós sois a honra dos crentes, o Mestre dos prégadores, o alívio dos que trabalham, o amparo dos fracos; com todo o ardor do Vosso fogo alimentam-se os desejos santos, pedem-se os auxílios necessários, inebriam-se as almas contemplativas e são glorificados na glória celeste os que triunfaram. Pelo Vosso nome santíssimo, ó dulcíssimo Jesus, fazei-nos também reinar com os bem-aventurados, Vós que os glorificais a todos, Vós que triunfais glorioso com o Pai e o Espírito Santo em unidade e trindade perfeita por todos os séculos dos séculos.

«Ó nome de Jesus exaltado acima de todo outro nome, ó nome de triunfo! Ó gozo dos anjos, ó terror do inferno! Em Vós está toda a esperança de perdão, de graça, de glória! Ó nome dulcíssimo, Vós concedeis o perdão aos culpados, reformais os costumes, encheis os que temem, de divina doçura, afastais de nós os fantasmas medonhos! Ó nome glorioso! Por Vós se revelam os mistérios da vida eterna, as almas inflamam-se em

amor divino, fortificam-se nas batalhas e são libertadas de todos os perigos! Ó nome desejável, nome deleitável, nome admirável, nome venerável! Por meio dos Vossos dons e graças elevais pouco a pouco o pensamento dos fiéis às alturas celestes, de tal sorte que todos os que participam e penetram na piedade da Vossa inefável grandeza, conseguem, pela Vossa virtude, a salvação e a glória» (S. Bernardino de Sena).

Ó Senhor, o Vosso nome é bom, fazei que a sua bondade me torne capaz a mim indigna criatura, de O amar e louvar de todo o coração.

Quero que cada uma das minhas obras comece e termine em Vosso nome; que todos os meus afectos, desejos, empresas, alegrias, dores, levem o seu selo; mas peço-Vos sobretudo que Vos digneis imprimir o Vosso nome no meu coração e no meu espírito para que sempre Vos ame e pense em Vós.

38. JESUS MEDIADOR 3 DE JANEIRO

Concedei-me, Senhor Jesus, a graça de penetrar no grandioso mistério encerrado na Vossa Encarnação.

1 — As festas natalícias concentram os nossos olhares em Jesus, revelando-nos um pouco o grande «mistério, escondido desde o princípio dos séculos em Deus» (Ef. 3, 9), mistério que agora vamos considerar sumariamente para admirar melhor as suas «insondáveis riquezas».

Entre Deus e o homem há uma distância infinita, um abismo insuperável, a rotura de todas as relações

de amizade: é a tremenda consequência do pecado. Mas eis entre Deus e o homem, o doce Infante de Belém; de súbito a situação muda completamente de aspecto: a distância é cumulada e sobre o abismo ergue-se uma ponte maravilhosa que une a terra ao céu, que restabelece as relações de intimidade entre Deus e os homens. Esta ponte é Jesus que, «único Mediador entre Deus e os homens, une de modo deveras admirável, a terra ao céu» (*Myst. Corp.*). Na Sua função de Mediador, Ele está verdadeiramente «no meio», entre a Divindade e a humanidade: a Sua mediação tem todos os títulos para ser perfeitamente agradável a Deus, porque Ele mesmo é verdadeiro Deus e tem igualmente todos os requisitos para satisfazer plenamente as dívidas da humanidade pecadora, por Ele ser também verdadeiro homem, representando como tal todo o gênero humano.

Toda a divindade que Jesus possui como Verbo, encontra-se com a humanidade que Ele possui como homem; não só se encontra, mas abraça-se, mais ainda, une-se com ela numa única Pessoa — a Pessoa do Verbo Incarnado, Jesus Cristo nosso Senhor. NEle e por Ele todos os homens são admitidos de novo à amizade com o Pai celestial; nEle todos podem reencontrar o caminho para chegar à união com a Trindade.

O Pai eterno dignou-Se revelar este admirável mistério a S.ta Catarina de Sena: «Eu desejo que olhes para a ponte que construí no meu Unigénito Filho e observes a Sua grandeza que vai da terra ao céu, pois nEle a grandeza da divindade está unida à terra da vossa humanidade. Isto foi necessário para refazer o caminho que estava interrompido e para permitir chegar, através das amarguras deste mundo, à vida eterna» (Diálogo).

2 — «Foi do agrado [do Pai] que residisse nele toda a plenitude e que por ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, pacificando pelo Sangue da sua cruz, tanto as coisas da terra como as coisas do céu» (Col. 1, 19-20). A obra de Jesus Mediador completa-se no Calvário onde Ele derrama todo o Seu Sangue, preço do nosso resgate; mas esta obra inicia-se em Belém onde o Verbo dá, por assim dizer, esse inefável «passo de gigante» que O faz descer do céu à terra e que, de verdadeiro Deus, O faz também verdadeiro homem.

O terrível abismo que o pecado tinha causado entre Deus e os homens é superado por este Menino que, no Presépio, nos estende os braços. Tudo aquilo que o pecado danificara e destruíra, é assim, por vontade de Deus, salvo e «restaurado em Cristo» (Ef. 1. 10). Oh! como à ternura se une uma imensa admiração, como surge espontaneamente a necessidade de louvar e adorar, quando se contempla Jesus Menino a esta luz!

Esta graça que Adão havia recebido directamente de Deus, recebêmo-la nós só por meio de Jesus Mediador; tudo o que de sobrenatural chega às nossas almas, vem-nos sempre das Suas mãos. E se quisermos alcançar a Deus, não temos outro meio senão agarrar-nos a Jesus, passar através dEle — nosso Mediador, nossa ponte, nosso caminho. O próprio Jesus disse: «Eu sou o caminho. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim será salvo» (Jo. 14, 6; 10, 9). Eis a única condição, o caminho único de salvação e santidade.

Colóquio — «Ó Divindade eterna, ó excelso e eterno Pai, vejo em Vós um amor inestimável... vejo o amor que Vos obrigou a abrir os olhos da Vossa piedade para connosco, desgraçados e miseráveis, mandando-nos o

Verbo, Vosso Unigénito Filho, Verbo, palavra incarnada, velado com a nossa miserável carne, vestido da nossa mortalidade. E Vós, ó Jesus Cristo, reconciliador, reformador e Redentor nosso, Vos fizestes mediador, Verbo, amor; e a grande guerra que o homem tinha com Deus transformou-se em grande paz; punistes no Vosso corpo, a nossa iniquidade e a desobediência de Adão, fazendo-Vos obediente até à morte ignominiosa da cruz!...

«Para qualquer lado que me volte, encontro o Vosso amor inefável; e não me posso desculpar de não amar, visto que só Vós, Deus e Homem, sois aquele que me amou sem ser amado por mim; porque eu não existia e Vós me fizestes. Tudo quanto eu quero amar encontro em Vós, menos o pecado... Se quero amar a Deus, tenho a Vossa inefável Divindade; se quero amar o homem, Vós sois homem...; se quero amar o Senhor, Vós regatastes-me com o preço do Vosso Sangue, tirando-me da servidão do pecado. Vós sois Senhor, Pai e Irmão nosso pela Vossa benignidade e caridade sem medida... Vós Deidade, suma sabedoria, eu ignorante e mísera criatura; Vós a suma e eterna bondade. Eu sou morte e Vós sois vida; eu trevas e Vós luz; eu estultícia e Vós sabedoria; eu finita e Vós infinito; eu doente e Vós médico; eu frágil pecadora que nunca Vos amei; Vós beleza puríssima e eu vilíssima criatura. Vós, atraístes-me por um amor inefável, e atraís-nos a todos por graça e não por obrigação, se nos quisermos deixar atrair por Vós, isto é, se a nossa vontade não se revoltar contra a Vossa» (S.ta Catarina de Sena).

«Ó Cristo Deus, doce amante dos homens, eu Vos invoco, rogo e suplico a fim de que caminhe por Vós, chegue a Vós, descanse em Vós que sois o Caminho, a Verdade e a Vida; sem Vós ninguém chega ao Pai» (S.to Agostinho).

39. JESUS, PRIMOGÉNITO DE TODAS AS CRIA-
TURAS
4 DE JANEIRO

Dai-me luz, ó Senhor Jesus, para descobrir a Vossa inefável grandeza de Filho de Deus, através da Vossa humilde aparência de Menino.

1 — «Ele (Jesus) é a imagem do Deus invisível, Primogénito de toda a criatura porque nEle foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis... Tudo foi criado por Ele e para Ele; e Ele é antes de todas as coisas e todas as coisas subsistem nEle» (Col. 1, 15-17). Neste texto de S. Paulo está sintetizada a infinita grandeza de Jesus. Como Verbo, Ele é a imagem substancial e perfeitíssima do Pai, tendo a mesma natureza que Ele e dEle procedendo por geração eterna. Como Verbo, é o primogénito de todas as criaturas porque foi gerado pelo Pai antes de toda a criação; além disso, o Pai criou todas as coisas por meio dEle, Seu Verbo, Sua Sabedoria infinita. «É pois de saber — escreve S. João da Cruz — que só com esta figura de Seu Filho olhou Deus todas as coisas que foi dar-lhes o ser natural, comunicar-lhes muitas graças e dons naturais... Vê-las... era fazê-las... no Verbo, Seu Filho» (C. 5, 4). O Verbo, porém, não é só o primogénito de todas as criaturas, mas sendo Deus como o Pai, é também seu Criador, de sorte que «nada do que foi feito, foi feito sem Ele» (Jo. 1, 3).

Todas estas grandezas que pertencem por natureza ao Verbo convertem-se em razão da Sua Encarnação e portanto da união hipostática, em grandezas de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem; com efeito S.

Paulo afirma que «Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (Col. 2, 9).

Jesus quis ocultar no aniquilamento do presépio estes infinitos esplendores da Sua divindade, mas nós, guiados pelo amor e pela fé, não queremos demorar a conhecê-los e a exaltá-los.

2 — Jesus é o primogênito, é a fonte do nosso ser não só na ordem natural, ou seja, no que diz respeito à nossa criação, mas também e particularmente na ordem sobrenatural, isto é, quanto à vida da graça; com efeito «só com esta figura de Seu Filho deixou as criaturas vestidas de formosura, comunicando-lhes o ser sobrenatural. Isto foi quando Se fez homem, exaltando-O em formosura de Deus» (J.C. C. 5, 4).

O Verbo incarnou precisamente para nos comunicar o ser sobrenatural; Jesus veio fazer de nós filhos de Deus. Ele, o Filho único de Deus por natureza, tornou-Se assim o primogênito de muitos irmãos que nEle e por Ele foram feitos filhos de Deus pela graça. Este é o admirável e misterioso plano da nossa elevação ao estado sobrenatural: «Bendito Deus Pai... que nos abençoou com toda a bênção espiritual do céu em Cristo... nos predestinou para sermos Seus filhos adoptivos por Jesus Cristo... por Sua livre vontade» (Ef. 1, 3 e 5).

Deus Pai quis, desde toda a eternidade, elevar os homens à dignidade de filhos Seus e por isso, a par da vida natural, deu aos nossos primeiros pais a vida sobrenatural que eles perderam pelo pecado. Mas Deus tinha já previsto e permitido esta queda, tendo unicamente em vista um plano mais grandioso que o primitivo, que manifestaria de um modo insuperável a Sua caridade e misericórdia infinitas: a Encarnação do Seu Uni-

gênito, a fim de que, por Seu intermédio, «recebêssemos a adopção de filhos» (Gál. 4, 5).

Neste plano maravilhoso contemplamos dois sublimes mistérios: Jesus, enquanto homem, primogênito de todas as criaturas, mesmo na ordem sobrenatural; nós, filhos do pecado, tornados nEle e por Ele filhos adoptivos de Deus.

Colóquio — Pai eterno, «Senhor, Deus meu, tendes feito muitas obras maravilhosas, e não há quem Vos seja semelhante nos Vossos desígnios para connosco. Bom é louvar o Senhor e cantar Salmos em Vosso nome, ó Altíssimo: anunciar pela manhã a Vossa misericórdia e a Vossa fidelidade durante a noite. Porque me alegras, Senhor, com as Vossas obras e eu exulto com as obras das Vossas mãos. Quão magníficas são Vossas obras, ó Senhor! Quão profundos são os Vossos pensamentos!» (Sal. 39, 6; 91, 2-6).

Que obra haverá mais esplêndida que a Encarnação do Vosso Unigênito, que obra-prima mais sublime que Cristo Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, «no qual estão encerrados todos os tesouros da sabedoria e da ciência»? (Col. 2, 3).

Ó Jesus, Vós fazeis-me conhecer que sois verdadeiramente o Homem-Deus, e manifestais-Vos à minha alma com tal majestade que não posso duvidar da Vossa infinita grandeza. Ó Senhor Jesus, quem poderá compreender de veras a Vossa majestade de Senhor absoluto do céu e da terra?

«Esperança minha, Cristo Deus, doce amante dos homens, luz, caminho, vida, salvação, honra e glória de todos os Vossos servos, Vós viveis eternamente, reinando agora e por todos os séculos... Vós sois o meu

Deus vivo e verdadeiro, o meu Pai Santo, o meu piedoso Senhor, o grande Rei, o bom Pastor, o meu único Mestre e o melhor auxiliador; o meu guia para a Pátria, o meu recto caminho... a minha vítima imaculada, a minha santa redenção, a minha firme esperança, a minha caridade perfeita, a minha verdadeira ressurreição, a minha vida eterna. Eu Vos desejo, dulcíssimo e formosíssimo Senhor!...

«Ó esplendor da glória do Pai, que Vos sentais sobre os Querubins e prescruais os abismos, luz verdadeira, luz que alumia, luz que não se apaga, na qual os anjos desejam fixar-se, eis o meu coração diante de Vós; dissipai as suas trevas para que seja inundado abundantemente pelos esplendores do Vosso santo amor.

«Entregai-Vos Vós mesmo a mim, ó meu Deus; entregai-Vos Vós mesmo a mim porque Vos amo; e se é pouco fervoroso este meu amor, concedei-me a graça de mais Vos amar.

«Não posso medir quanto me falta do Vosso amor para que seja o que deve ser, para que a minha vida corra ao Vosso amplexo e não se afaste dele, a fim de que se esconda na luz da Vossa Face; isto sei, Senhor, que fóra de Vós tudo é mal para mim, não sòmente fora de mim, mas até dentro de mim mesmo. Toda a abundância que não é o meu Deus, é para mim indigência e miséria» (S.to Agostinho).

40. JESUS REI UNIVERSAL 5 DE JANEIRO

Ó Senhor, as Vossas grandezas são inexauríveis; tornai-me capaz de Vos adorar e amar dum modo digno da Vossa infinita majestade.

1 — Jesus é o nosso tudo e, justamente por isso, é também o nosso Rei. Ele próprio o proclamou: «Sou rei» (Jo. 18, 37); «foi-me dado todo o poder no céu e na terra» (Mt. 28, 18).

Pio XI, na sua Encíclica *Quas primas* ensina que «Jesus é Rei por direito de natureza e de conquista». Por direito de natureza: «Ele tem o poder sobre as criaturas, não arrebatado pela violência nem recebido doutrém; possui-o pela própria natureza e essência, isto é, o principado de Cristo funda-se naquela admirável união chamada união hipostática. Donde se segue que Cristo não só deve ser adorado pelos anjos e pelos homens como Deus, mas também que a Ele, como Homem, os Anjos e os homens devem estar sujeitos e obedecer». Cristo, enquanto Homem, participa plenamente da realidade e soberana majestade de Cristo enquanto Deus, posto que, como Homem e como Deus, Cristo é uma só Pessoa, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Ele está no vértice da criação; princípio, fim, rei de todas as coisas, Ele tem «a primazia em todas as coisas» (Col. 1, 18).

«Apesar disso, que coisa mais bela e suave haverá, do que pensar que Cristo reina sobre nós não só por direito natural, mas também por direito de conquista, em virtude da Redenção! Prouvera a Deus que os homens esquecidos recordassem quanto custámos ao nosso divino Salvador. Não a preço... de ouro ou prata fostes

resgatados..., mas pelo preço do Sangue precioso de Cristo. Já não seremos mais nossos, porque Cristo nos comprou» (*Quas primas*). Jesus tem, pois, todos os direitos de reinar sobre nós; por conseguinte, é preciso que Ele reine: *oportet illum regnare!* (I Cor. 15, 25).

2 — Desde toda a eternidade Deus Pai viu em Cristo — o Seu Unigénito feito Homem para a redenção da humanidade pecadora — a obra prima das Suas mãos e, por isso, decretou que toda a criação fosse feita para Ele, Lhe fosse dada como Seu apanágio real. S. Paulo declara que Deus colocou Cristo «à sua direita, acima de todo o principado e potestade e virtude e dominação — ou seja, acima das jerarquias angélicas — e acima de todo o nome que é nomeado, não só neste século, mas também no futuro» (*Ef. 1, 20 e 21*). Eis Cristo Rei sobre os anjos criados também para a Sua glória.

Quanto aos homens, devemos repetir com o Apóstolo que fomos eleitos e predestinados em Cristo «para servirmos de louvor à Sua glória» (*ib. 1, 12*). Como os anjos, também nós fomos criados para glória de Cristo, Rei, universal, e como no céu os anjos cantam os Seus louvores, assim nós devemos glorificá-lo na terra.

Glorificar a Jesus como nosso Rei é o mesmo que reconhecer os Seus soberanos direitos sobre nós e viver dócilmente sujeitos ao Seu suavíssimo império.

O Seu reino é um reino de amor: Por amor, ou seja, para nos salvar, desceu dos céus, fez-Se um de nós; pelo mesmo motivo morreu na Cruz, derramando todo o Seu Sangue. Jesus reina do presépio, Jesus reina do alto da cruz: Ele, que pela Sua natureza era nosso Se-

nhor absoluto, quis conquistar os nossos pobres corações por um preço tão elevado. Não resistamos à doce violência do Seu infinito amor: demo-nos inteiramente a Ele, para que reine na nossa inteligência, na nossa vontade e nos nossos corações.

Colóquio — «Meu Senhor e meu Rei! quem soubera representar a majestade que tendes! É impossível deixar de ver que sois grande Imperador. Espanta-me ver esta majestade, porém, mais me espanta, Senhor meu, ver com ela a Vossa humildade e o amor que mostrais a uma criatura como eu.

«Passado o primeiro sentimento de temor que nasce à vista de tanta grandeza, posso tratar e falar conVosco como quiser... Vejo que, embora sejais Deus, posso tratar conVosco como com um amigo, porque entendo que não sois como os que na terra temos por senhores, que põem todo o seu senhorio em autoridades postiças... O Vosso reino, ó Rei da glória e Senhor de todos os reis... não tem fim e não são necessários terceiros para chegar a Vós. Ao divisar a Vossa pessoa, logo se vê que só Vós mereceis que Vos chamem Senhor, segundo a majestade que mostrais; não há mister de acompanhamento nem de guarda para que conheçam que sois Rei» (T.J. Vi. 37, 6 e 5).

Fazei, Senhor, que a minha alma sempre Vos reconheça como seu Rei e soberano Senhor; tudo recebi de Vós, como não compreender então que tendes sobre mim todos os direitos? Contudo, Vós sois um Rei que parece não ter em conta os seus direitos soberanos. Seria necessário que, para conquistar o meu coração, Vos abatêsseis até ao aniquilamento de Belém, Vos humilhásseis até à morte de Cruz e derramásseis por mim

todo o Vosso Sangue? O meu coração, todo o meu ser, toda a minha vida já Vos pertenciam, porque Vós sois o meu Criador e eu fui criado para a Vossa glória. Mas quisestes esquecer os Vossos direitos e viestes a mim como um mendigo, à procura do meu pobre coração.

Ó Jesus, como poderei ainda resistir em face do Vosso infinito amor? Tomai o meu coração e todo o meu ser, e fazei de mim um louvor vivo da Vossa glória.

41. A EPIFANIA

6 DE JANEIRO

Ó pequenino Jesus, em Vós reconheço o Rei dos céus e da terra: fazei que eu Vos possa adorar com a fé e o amor dos Magos.

1 — «Hoje o mundo reconheceu Aquele que a Virgem deu à luz... Hoje refulge a festa da Sua *manifestação*» (BR.). Hoje Jesus manifesta-Se ao mundo como Deus.

O Intróito da Missa introduz-nos directamente neste espírito, apresentando-nos Jesus na majestade real da Sua divindade: «Eis que veio o soberano Senhor: Ele tem nas Suas mãos o ceptro, o poder e o império». A Epístola (Is. 60, 1-6) prorrompe num hino de glória anunciando a vocação dos gentios à fé; também eles reconhecerão e adorarão em Jesus o seu Deus. «Levanta-te e resplandece, Jerusalém, porque veio a tua luz... E as nações caminharão à tua luz e os reis ao resplendor da tua aurora... Todos virão de Sabá trazendo ouro e incenso e publicando os louvores do Senhor». Já não se vê, à volta do presépio, a humilde presença dos pastores, mas o faustoso cortejo dos Magos que vieram do Oriente

como representantes dos povos pagãos e de todos os reis da terra, para prestarem homenagem ao Deus Menino.

Epifania (ou Teofania) quer dizer «manifestação de Deus»; e esta manifestação de Deus vemos-a realizada em Jesus que hoje Se manifesta ao mundo como seu Deus e Senhor. Já um primeiro prodígio, o da nova estrela aparecida no Oriente, revelara a Sua divindade; mas à recordação deste milagre que ocupa o primeiro lugar na liturgia deste dia, a Igreja junta mais dois: a água convertida em vinho nas bodas de Caná, e o Baptismo de Jesus no rio Jordão, enquanto uma voz, vinda do céu, atesta: «Este é o meu Filho muito amado». «Três milagres ilustraram o santo dia que hoje celebramos», canta a Antífona do *Magnificat*: três milagres que devem dispor-nos para reconhecer e adorar com fé viva, no Menino Jesus, o nosso Deus, o nosso Rei.

2 — «Vimos a Sua estrela no Oriente e viemos com presentes adorar o Senhor». Nestes versículos da Missa de hoje está sintetizada a conduta dos Magos. Ver a estrela e pôr-se a caminho foi obra de um momento. Não duvidaram porque a sua fé era firme, segura e inteira. Não hesitaram perante a fadiga da longa viagem, porque o seu coração era generoso. Não deixaram para mais tarde, porque a sua alma estava pronta.

No céu das nossas almas também aparece frequentemente uma estrela: uma inspiração íntima e clara de Deus, que nos convida a um acto de generosidade, de desprendimento, a uma vida de maior intimidade com Ele. Devemos saber sempre seguir a nossa estrela com a fé, com a generosidade e com a prontidão dos Magos. Seguida assim, conduzir-nos-á sem dúvida ao encontro do Senhor, far-nos-á achar Aquele que procuramos.

Os Magos perseveraram na sua busca mesmo quando a estrela desapareceu aos seus olhos; da mesma forma devemos nós perseverar no bem mesmo através das trevas interiores: é a prova da fé, que somente se pode superar com um intenso exercício de fé pura e nua. Sei que Deus assim o quer, sei que Deus me chama e isto basta: *Scio cui credidi et certus sum* (II Tim. 1, 12); sei quem é aquele em quem acreditei e aconteça o que acontecer nunca poderei duvidar dEle.

Com estas disposições vamos com os Magos ao presépio. «E assim como aqueles ofereceram, dos seus tesouros, místicos dons ao Senhor, saibamos nós também tirar dos nossos corações dons dignos de Deus» «BR.).

Colóquio — «Ó Jesus, eu Vos adoro porque sois o Senhor meu Deus. Sois um Deus grande e Rei de todos os reis. Nas Vossas mãos estão todos os confins da terra e Vós contemplais os cimos dos montes. Vosso é o mar e Vós sois Aquele que o fez e sob as Vossas mãos se formou a terra... E nós somos o Vosso povo e as ovelhas da Vossa mão» (cfr. Sal. 94). Sim, ó Jesus, eu sou uma ovelha Vossa, uma criatura Vossa e alegre-me por reconhecer o meu nada diante de Vós. Mas mais contente fico, amabilíssimo Menino, ao reconhecer e adorar em Vós o meu Deus e o meu Criador. Como eu queria que todos os povos Vos reconhecessem tal qual sois e que todos se prostrassem diante de Vós, adorando-Vos como seu Deus e Senhor!

Ó Senhor, Vós o podeis, mostrai a todos a Vossa divindade e como um dia conduzistes até Vós, os Magos do Oriente, congregai agora também, ao redor do Vosso presépio, todos os povos e todas as nações.

Mas Vós dais-me a entender que quereis a minha

pobre colaboração para a vinda do Vosso reino; Vós quereis que eu reze, sofra e trabalhe pela conversão dos que estão perto e dos que estão longe. Quereis que também eu leve ao Vosso presépio os presentes dos Magos: o incenso da oração, a mirra da mortificação e do sofrimento generosamente abraçado por Vosso amor, o ouro da caridade; caridade que faça o meu coração todo e exclusivamente Vosso, caridade que me obrigue a trabalhar, a dar-me pela conversão dos pecadores e dos infiéis e pela maior santificação dos Vossos eleitos.

Ó meu dulcíssimo Rei, criai em mim um coração de apóstolo. Como eu quereria trazer hoje aos Vossos pés os louvores e as adorações sinceras de todos os homens da terra!

Mas, ó Jesus, ao pedir-Vos que Vos manifesteis ao mundo, peço-Vos também que Vos manifesteis cada vez mais à minha pobre alma. Que brilhe também para mim hoje a Vossa estrela e me indique o caminho que a Vós conduz; que o dia de hoje seja igualmente para mim uma verdadeira Epifania, uma nova manifestação ao meu entendimento e ao meu coração. Quem mais Vos conhece, mais Vos ama, ó Senhor; e eu só desejo conhecer-Vos para Vos amar e me dar a Vós com uma generosidade cada vez maior.

42. A SAGRADA FAMÍLIA

1.º DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA (1)

Peço a Maria Santíssima que me admita na humilde casa de Nazaré para considerar a vida admirável que Jesus aí leva.

1 — Hoje — e pela última vez no ciclo do ano litúrgico — a Igreja apresenta-nos o mistério da vida humilde e escondida de Jesus. Um sentido de profunda intimidade e de ternura caracteriza a festa de hoje e transparece na liturgia: «... é doce para nós recordar a casinha de Nazaré e a vida modesta que ali se leva... Nela aprende Jesus o humilde ofício de José, e, na sombra cresce em idade, mostrando-Se feliz por partilhar o trabalho de carpinteiro. 'Que o suor banhe os meus membros — diz Jesus — antes que sejam banhados com a efusão do meu sangue, e esta pena sirva de expiação para o género humano'» (BR.). Eis-nos dentro da casinha de Nazaré; à vista de tanta humildade, que oculta a infinita grandeza de Jesus, digamos também nós com o texto sagrado: «Vós sois verdadeiramente um Rei escondido, ó Deus Salvador, Rei de Israel» (ib.).

A liturgia de hoje salienta sobretudo um dos aspectos típicos da vida humilde deste Deus escondido: a obediência. «Mesmo sendo Filho de Deus,... aprendeu a obedecer;... humilhou-se a Si mesmo, fazendo-Se obediente até à morte» (BR.): esta é a obediência que acompanhou Jesus desde Belém até ao Calvário. Mas o Evangelho de hoje (Lc. 2, 42-52) quer especialmente sublinhar a obediência de Jesus em Nazaré e fá-lo com

(1) Transferir esta meditação segundo o calendário do ano.

uma frase realmente bela: «era-lhes submisso». Perguntemos com S. Bernardo: «Quem obedece? A quem obedece?» E o Santo responde-nos: «Um Deus aos homens; sim, Deus, a quem estão sujeitos os anjos, está sujeito a Maria, e não só a Maria, mas também a José. Que um Deus obedeça a uma mulher é uma humildade sem exemplo. Homem, aprende a obedecer; pó da terra, aprende a humilhar-te; pó, aprende a submeter-te. Um Deus sujeita-Se aos homens e tu, procurando dominar os homens, pões-te acima do teu Autor?»

2 — «Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?» Jesus, tão humilde, tão submisso, não hesita em responder deste modo a Maria que docemente O repreende por Se ter demorado no templo sem o seu conhecimento nem o de José, enquanto eles, angustiados, há três dias O andavam procurando.

Estas são as primeiras palavras de Jesus que nos refere o Evangelho e por Ele pronunciadas para declarar a Sua missão e afirmar a supremacia dos direitos de Deus. Apenas adolescente, Jesus ensina-nos que primeiro devemos ocupar-nos de Deus e das coisas de Deus; que é necessário dar sempre a Deus o primeiro lugar e a primeira obediência, ainda que seja preciso sacrificar os direitos da natureza e do sangue. Não é virtude, antes é muitas vezes pecado, aquela condescendência para com os parentes e amigos que nos faz descurar ou simplesmente retardar o cumprimento da vontade de Deus.

Dar a primazia aos deveres para com Deus não significa, porém, descuidar os que temos para com o próximo. Também para estes e particularmente para os que dizem respeito à família, a festa deste dia chama

a nossa atenção. Hoje, com efeito, a Igreja convida-nos a modelar a nossa vida de família — quer seja família natural ou religiosa, quer de qualquer outro agrupamento — segundo o exemplo da família de Nazaré e na Epístola (Col. 3, 12-17) mostra-nos as virtudes que com esse fim devemos praticar: «Revesti-vos de entranhas de misericórdia, de benignidade, de humildade, de modestia, de paciência; sofredendo-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente».

Colóquio — Ó Jesus, como gosto de Vos contemplar pequenino na pobre casinha de Nazaré junto de Maria e de José! Na Vossa vida, tão singela e humilde, em tudo semelhante à de qualquer Menino da Vossa idade, Vós, esplendor do Pai, não quisestes coisa alguma que Vos distinguisse entre os filhos dos homens; Vós, sabedoria incriada, quisestes aprender de Maria e de José criaturas Vossas, as coisas mais elementares e simples da vida. José ensinava-Vos a manejar os instrumentos de trabalho, e Vós observáveis com atenção, aprendíeis e obedecíeis; Maria ensinava-Vos os hinos sagrados e narrava-Vos as Escrituras e Vós, que sois o único verdadeiro «Mestre» e a mesma verdade, escutáveis em atitude de humilde discípulo. Nenhum dos Vossos conhecidos ou compatriotas podiam supor quem Vós éreis realmente: todos Vos tomavam por filho do carpinteiro e não faziam mais caso de Vós que dum pequeno aprendiz de oficina.

Só Maria e José sabiam, conheciam por revelação divina que Vós éreis o Filho do Altíssimo, o Salvador do mundo e sabiam-no mais pela fé que pela experiência. A Vossa conduta habitual ocultava aos seus olhos a Vossa grandeza e a Vossa divindade, de tal maneira

que, quando, sem darem por isso, ficastes no templo entre os doutores, não puderam compreender o motivo dessa estranha atitude.

Isso, porém, não passou de um instante porque depressa voltastes à Vossa humilde vida oculta: viestes com eles e éreis-lhes sujeito. E assim, dia após dia, até à idade dos trinta anos.

Ó meu dulcíssimo Senhor, fazei que ao menos eu possa imitar um pouco a Vossa infinita humildade. Vós que, sendo Criador, quisestes obedecer às Vossas criaturas, ensinai-me a baixar a minha soberba cabeça e a obedecer voluntariamente aos meus superiores. Vós que descestes do céu à terra, concedei-me a graça de me humilhar e descer de uma vez, do pedestal do meu orgulho. Como suportar, meu Deus e Criador, ver-Vos fazer tão pequeno e humilde, quando eu, nada e pecado, me sirvo do que recebi para me elevar acima dos outros e preferir-me ainda aos que me são superiores?

43. JESUS, A VERDADEIRA VIDE

Fazei-me compreender, ó Senhor, as íntimas e profundas relações que quisestes estabelecer entre Vós, nosso Redentor, e nós, Vossos remidos.

1 — Jesus é o único «Mediador entre Deus e os homens» (I *Tim.* 2, 5); não Se contentou, todavia, com ficar separado de nós, Seus remidos, mas quis que toda a nossa redenção se realizasse nEle, mediante uma estreitíssima união entre Ele e nós. Este é o grande mistério da nossa incorporação em Cristo, revelado por Ele próprio aos Seus Apóstolos na noite anterior à

Sua Paixão: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai o agricultor... Permaneci em mim e eu em vós. Como a vara não pode de si mesma dar fruto se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim» (Jo. 15, 1-4).

Jesus afirma categoricamente que não existe redenção nem vida sobrenatural, nem vida da graça, senão para quem vive nEle, enxertado nEle, como no sarmento não há vida nem há frutos senão quando está unido ao tronco. Eis a estreitíssima conexão que Jesus quis estabelecer entre Ele e nós, conexão indispensável para a nossa salvação e santificação. Nem sequer o mínimo grau de graça nos pode vir sem a mediação de Cristo, tal como a mais pequenina gota de seiva não pode chegar ao ramo se este está separado da árvore.

Por outro lado Jesus diz-nos que, permanecendo nEle, não temos apenas a vida sobrenatural, mas que nos tornamos objecto de cuidados particulares do Pai celestial que é o «agricultor» desta mística videira. Com efeito, o Pai celeste reconhece-nos como Seus filhos adoptivos, ama-nos e cuida de nós na medida em que nos vê em Cristo, Seu único Filho muito amado. A graça da adopção abrange somente aqueles que o Pai encontra estreitamente unidos ao Seu Filho como sendo «parte viva» dEle, como o sarmento é parte viva da videira.

2 — «Permaneci em mim». Não se pode permanecer senão onde já se está. Jesus diz-nos para «permaneceremos» nEle porque estamos enxertados nEle, o que é um facto já consumado, merecido para todos os homens pela Sua morte de cruz e operado individualmente para cada um de nós no momento do Baptismo. Cristo, a

preço do Seu sangue, enxertou-nos em Si, portanto «estamos» nEle, mas compete-nos a nós «permanecer» nEle do modo mais pleno e vital.

Se para sermos enxertados em Cristo é suficiente o Baptismo e se basta um só grau de graça para permanecer nEle como sarmentos vivos, não devemos contentar-nos com isto. Devemos ter consciência do imenso dom recebido, procurando que a nossa inserção em Cristo se torne cada vez mais profunda; devemos viver desta união com Cristo e fazer dela o centro, o sol da nossa vida interior. Não foi por acaso que Jesus disse: «permanecei em mim»; quis assim indicar-nos que a nossa vida nEle requer a nossa colaboração pessoal: devemos aplicar todas as nossas forças, a nossa mente, a nossa vontade, o nosso coração, a querer viver nEle e dEle. Quanto mais nos esforçarmos por permanecer em Cristo, tanto mais mergulharemos nEle o nosso pequeno sarmento e Ele, com maior abundância, nos comunicará a seiva da graça.

«Permanecei em mim e eu em vós»; na medida em que nós, por meio da fé, da caridade e das boas obras permaneceremos estreitamente unidos a Cristo, permanecerá Ele em nós, comunicando-nos continuamente nova vida de graça. Assim seremos não só sarmentos vivos, mas ricos de frutos, frutos de santidade destinados a alegrar o coração de Deus porque Jesus disse: «Nisto é glorificado meu Pai, em que vós deis muito fruto» (Jo. 15, 8).

Colóquio —«Ó alta e eterna Trindade, Deidade, Amor, nós somos árvores de morte e Vós árvore de vida. Deus infinito, que espectáculo ver, à Vossa luz, a árvore pura da Vossa criatura! Pureza suprema, Vós

destes a esta árvore os seus ramos, isto é, as potências da alma: a memória, o entendimento e a vontade. A memória devia reter-Vos, o entendimento conhecer-Vos, a vontade amar-Vos... Mas esta árvore caiu, tendo perdido a inocência pela desobediência e de árvore da vida ficou convertida em árvore da morte, produzindo só frutos de morte.

«Eis porque, ó alta e eterna Trindade, ébria e louca de amor pela Vossa criatura, vendo que esta árvore não podia dar outros frutos senão de morte, porque estava separada de Vós que sois a Vida, lhe destes o remédio com aquele mesmo amor com que a tínheis criado, enxertando a Vossa Divindade na árvore morta da nossa humanidade. Ó doce e suave enxerto... Quem Vos obrigou a dar-lhe assim a vida, tendo-Vos essa criatura feito tanta injúria? Sòmente o amor e assim, por este enxerto, ficou destruída a morte.

«Não basta à Vossa caridade ter feito com ela esta união? Não, Vós, o Verbo eterno, regastes esta árvore com o Vosso Sangue. Este Sangue fá-la germinar com o seu calor, se o homem, com o seu livre arbítrio se enxerta em Vós, se conVosco une e liga o seu coração e o seu afecto, ligando e atando este enxerto com a faixa da caridade e seguindo a Vossa doutrina. Sim, por Vós, que sois Vida, produzimos frutos de vida, se nos queremos enxertar em Vós. Quando estamos enxertados em Vós, então os ramos que Vós destes à nossa árvore, dão o seu fruto» (S.ta Catarina de Sena).

Ó Jesus, quanto me conforta pensar que o meu desejo de união conVosco não é uma vã quimera, mas é já uma realidade: sim, pois quisestes enxertar-me em Vós como o sarmento no tronco, para que eu não viva senão por esta união conVosco. Fazei que a minha alma

permaneça cada vez mais intimamente ligada a Vós e se abra cada vez mais para acolher a seiva vital da graça que Vós produzis em mim, Vosso ramo!

44. O CORPO MÍSTICO DE CRISTO

Concedel-me, ó Espírito Santo, a «abundância de uma perfeita inteligência para conhecer o mistério de Cristo Jesus» (Col. 2, 2).

1 — «Eu sou a videira e vós as varas» (Jo. 15, 5). Nestas palavras de Jesus, que indicam a nossa união com Ele, funda-se a doutrina do Corpo Místico de Cristo. Sômente a comparação foi mudada: em vez duma única videira, fala-se de um só corpo cuja cabeça é Jesus e cujos membros somos nós. É a genial comparação de S. Paulo que repete, sob outra forma, o que Jesus já tinha dito. «Assim como o corpo é um e tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, embora sejam muitos, são contudo um só corpo, assim é também Cristo... Vós sois o corpo de Cristo e membros [unidos] a membro» (I Cor, 12, 12 e 27).

A identidade do pensamento é evidente: assim como os sarmentos formam uma só coisa com o tronco donde nascem, vivendo da mesma seiva, como os membros do corpo humano constituem um único corpo e participam duma mesma vida, assim nós, incorporados em Cristo, formamos com Ele um único corpo e vivemos da Sua vida: este é o Corpo Místico que — como ensina S. Paulo — é a Igreja (Col. 1, 24).

E deste Corpo é Cristo a Cabeça: «Cristo é a cabeça da Igreja, Seu corpo, do qual Ele é o Salvador» (Ef. 5, 23); Ele foi constituído pelo Pai «Cabeça de toda a

Igreja que é o corpo... e o complemento dEle» (ib. 1, 22). Um só corpo, uma só vida, e esta vida vai da Cabeça a cada um dos membros: «Jesus Cristo faz viver a Igreja da Sua própria vida sobrenatural, fazendo penetrar por todo o seu corpo a Sua divina virtude e alimentando e mantendo cada um dos seus membros... como a vide nutre e faz frutificar os sarmentos que lhe estão unidos» (*Myst. Corp.*).

Eis novamente confirmado, como o cristão vive em Cristo e da vida de Cristo.

2 — A nossa união com Cristo, Cabeça do Corpo Místico, não deve ser entendida no mesmo sentido da união existente entre os vários membros de um corpo físico: com efeito, se bem que incorporados nEle, cada um de nós mantém «integralmente a própria personalidade» (*Myst. Corp.*). Mas também não deve ser considerada como uma simples união moral como a que existe, por exemplo, entre os membros de uma mesma sociedade. Não; é qualquer coisa de muito mais profundo; é uma união misteriosa, e nesse sentido é chamada *mística*, mas *real* e *vital*. União que provém da presença, em todas as partes do corpo da Igreja, de «um princípio interno que existe e age vigorosamente em todo o conjunto e em cada uma das partes e é tão excelente que supera imensamente, por si mesmo, todos os vínculos de unidade... não é uma coisa de ordem natural, mas sobrenatural, algo em si mesmo infinito e incriado, isto é, o Espírito divino que, como diz o Angélico, sendo único e idêntico em número, enche e une toda a igreja» (ib.).

O Espírito Santo, «a alma da Igreja» (ib.) é o vínculo que íntima e realmente, une e vivifica todos os membros de Cristo, difundindo neles a graça e a cari-

dade. Ele foi «comunicado à Igreja numa efusão copiosíssima, a fim de que, dia a dia, cada um dos seus membros se torne mais semelhante ao Redentor» (ib.). Não se trata portanto de uma união simbólica, metafórica, mas de uma união real, de uma realidade que supera todas as outras «como a graça supera a natureza e como as coisas imortais transcendem as caducas» (ib.). Realidade tão grande que não só abrange a vida terrena do cristão, mas que, conservada por ele, permanece eternamente como única fonte da sua felicidade, pois «a graça é semente da glória».

Somos membros de Cristo: é esta a nossa grandeza e a nossa glória, que ultrapassa infinitamente toda a dignidade e grandeza terrenas.

Colóquio — «Ó dilecto Esposo e amoroso Verbo, de um modo só por Vós conhecido e só por Vós mesmo compreendido, gerais o corpo da Santa Igreja... Com o Vosso Sangue formais um corpo bem organizado e bem composto, e desse corpo Vós sois a Cabeça; na sua formosura se comprazem os Anjos, se admiram os Arcanjos, se enamoram os Serafins e todos os espíritos angélicos se maravilham e se nutrem ainda todas as almas bem-aventuradas da Pátria celestial. E a Santíssima Trindade nela Se compraz numa forma não compreendida por nós» (S.ta Maria Madalena de Pazzi).

Eis, Senhor, diante de Vós uma pobríssima criatura: frágil e débil, inclinada ao mal, capaz de todo o pecado, criatura vã semelhante ao feno do campo que hoje existe e amanhã desaparece; mísera criatura que por si mesma não tem nem pode fazer bem algum. E Vós, ó Jesus, verdadeiro Filho de Deus, imagem do Pai, princípio e fim de todas as coisas, Rei do universo, Salvador do mundo,

desceis até mim, tomais esta pobre criatura e a unis tão intimamente a Vós que a tornais um membro Vosso. Como tal me comunicais a Vossa vida, e me fazeis viver a Vossa própria vida. Ó Senhor, beleza e santidade infinitas, como podeis suportar ter como membro Vosso uma criatura tão miserável e indigna? Não só o suportais, mas até o quereis e me dizeis: «Permanece em mim».

Porque não aceitar, Senhor, o Vosso convite e a Vossa ordem, se Vós mesmo me quisestes inserir no Vosso Corpo místico? Ó Senhor, pudesse eu compreender a grandeza e o valor do dom infinito que me ofereceis, e o que significa viver em Vós e de Vós, como o sarmento vive na videira e como o membro vive no corpo! Que me falta, ó Senhor, para a minha santificação, para a minha vida de união conVosco? Vós destes-me muito mais do que quanto eu jamais poderia desejar.

Fazei-me sentir, ó Senhor, a profunda realidade deste grande mistério que tão intimamente me une a Vós. Fazei que essa realidade domine, dirija e ilumine toda a minha vida; que perante ela tudo o resto desapareça, que nada procure e deseje fora dela e que a vaidade das coisas terrenas já não me atraia nem engane. Fazei que eu sinta viva e profundamente o dever e a doce necessidade de ser digno membro Vosso e que as minhas acções e a minha vida sejam tais que Vos honrem, ó minha dulcíssima Cabeça.

45. «EU SOU A VIDA»

Ó Jesus, fonte de vida, infundi cada vez mais a Vossa vida na minha alma.

1 — Jesus anunciou assim a Sua missão: «Vim para que tenham a vida e a tenham em abundância» (Jo. 10, 10). E qual é a vida que Ele nos dá? É a vida da graça, uma participação da vida divina.

Jesus é o Verbo Incarnado, e enquanto Verbo possui por natureza a vida divina do mesmo modo e na mesma medida que o Pai: «Como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim deu ao Filho ter vida em Si mesmo» (Jo. 5, 26).

Esta plenitude da vida divina reflecte-se na Humanidade de Cristo em virtude da união hipostática. Posta em contacto directo com a Divindade, a quem está pessoalmente unida, a Humanidade santíssima de Jesus fica inundada pela vida divina, recebendo dela a máxima participação por meio duma «tal plenitude de graça que não é possível conceber maior» (*Myst. Corp.*). A graça santificante que invade a alma de Cristo, é tão completa, perfeita, intensa, superabundante, que os teólogos não hesitam em chamá-la «graça infinita». Em Cristo, afirma S. Paulo, «foi do agrado (do Pai) que residisse toda a plenitude» (Col. 1, 19) e S. João apresenta-no-lho «cheio de graça e de verdade» (Jo. 1, 14). Jesus, porém, não quis reservar unicamente para Si estas imensas riquezas: Ele quis ter irmãos com quem as partilhasse; por este motivo abraçou a Sua dolorosíssima Paixão e, morrendo sobre a cruz, mereceu para nós, membros Seus, a graça que Ele possuía com tanta plenitude. Cristo tornou-se assim para nós, a fonte, a única fonte de graça e de vida sobrenatural: Ele está de tal modo «cheio de graça

e de verdade» que «todos nós participamos da Sua plenitude» (Jo. 14 e 16). Eis como chega até nós a vida divina: do Pai ao Verbo, do Verbo à Humanidade que Ele assumiu na Sua Encarnação; desta Humanidade, que é a santa Humanidade de Cristo, às nossas almas.

2 — Como tudo quanto existe fora de Deus, também a graça é criada por Deus. Jesus, enquanto Deus, isto é, como Verbo, é, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, o Criador da graça. Mas agora consideramos Jesus como nosso Redentor, como Homem, e como tal Ele é o Mediador da graça, ou seja, Aquele que no-la mereceu e no-la dispensa. Com efeito, Jesus, mediante o tesouro infinito da graça que possui, pôde merecê-la também para nós. E não só a mereceu de uma vez para sempre, morrendo por nós na Cruz, mas continuamente a aplica às nossas almas e a produz em nós; a graça é infundida e desenvolve-se em nós pela Sua acção viva e actual. Deste modo Jesus dá-nos a vida, é para nós vida e única fonte da nossa vida sobrenatural. Por este motivo a graça de Jesus chama-se «graça capital», ou a graça da Cabeça que a merece e a distribui aos membros.

Eis duas preciosas consequências práticas. Quem deseja ter a graça, a vida sobrenatural, deve ir a Cristo, ser incorporado nEle e viver nEle: «Aquele que tem o Filho, tem a vida — ensina o Evangelista — aquele que não tem o Filho, não tem a vida» (I Jo. 5, 12).

A graça que santifica as nossas almas é, na sua essência, idêntica à que adorna a alma santíssima de Jesus (cfr. S. Tomás III^a, q. 8, a. 5); sem dúvida que, em medida e perfeição, são imensamente diferentes, mas a natureza é a mesma. Portanto, a graça tem em nós

o mesmo poder santificador e as mesmas tendências que possuí na alma de Jesus: tende a santificar-nos fazendo-nos viver em união com Deus e para a Sua glória. De maneira que Jesus, ao dar-nos a graça, comunicou-nos verdadeiramente a Sua vida e depositou em nós o gérmen da Sua santidade, e nós podemos viver uma vida semelhante à Sua.

Colóquio — Ó Jesus, como é doce para mim contemplar a Vossa Humanidade santíssima repleta de todos os tesouros da vida divina! Fixar o meu olhar directamente sobre a Vossa Divindade de Verbo eterno é muito difícil para mim, mas considerá-la unida à Vossa Humanidade é mais simples e fácil; nisto descansa o pensamento, não cessando de admirar a Vossa grandeza. Ó Jesus, a Vossa alma está tão rica de graça, tão luminosa e tão cheia de vida divina, que nela se reflecte plenamente a Vossa glória de Filho Unigénito do Pai; e a Vossa Humanidade apresenta-se-me como a única medianeira e fonte de toda a graça, de toda a vida divina que pode ser comunicada aos homens. Eis que contemplo esta Humanidade tão santa, tão gloriosa, tão unida a Deus, despedaçada no duro tormento da Cruz: tudo o que é glória está escondido e nada mais se vê senão dor, morte, aniquilamento total. Mas das feridas sangrentas, brota uma abundante fonte de vida: com a Vossa morte, ó Jesus, merecestes comunicar-nos a Vossa graça e Vós mesmo Vos transformastes, para nós, em única fonte de vida.

Corro para Vós, ó Jesus, e aproximo-me de Vós como o sequioso corre e se aproxima da nascente de água. «Dai-me a beber, Senhor, a Vossa água e jamais terei sede, porque a água que Vós me derdes virá a ser, em

mim, uma fonte que brota para a vida eterna» (cfr. Jo. 4, 13 e 14). Ó Jesus, os Vossos Apóstolos, não querendo de nenhum modo abandonar-Vos, diziam-Vos um dia: «Tu tens palavras de vida eterna» (ib. 6, 69); oh! bem mais que palavras de vida, Vós tendes, ou melhor, sois a mesma vida e no-la comunicais!

Mas permiti-me, ó Jesus, uma pergunta: se a graça santificante que me vem de Vós e vivifica a minha alma é, quanto à sua natureza, a mesma que inunda a Vossa alma santíssima, porque sou ainda tão diferente de Vós e estou tão longe da santidade?

Compreendo-o: se gratuitamente me dais a graça, não quereis que ela cresça em mim sem o concurso da minha livre e boa vontade. Muitas vezes se levanta em mim uma dura luta entre as exigências da Vossa graça e as da minha natureza corrompida, e quantas vezes, infelizmente, a natureza se sobrepõe à graça! Ó Senhor, dai-me forças para me vencer e para me negar a mim mesmo, custe o que custar. Que a Vossa graça, a Vossa vida, triunfe em mim para glória Vossa, para glória da Vossa obra redentora.

«Todo o meu espírito, todo o meu coração, todo o meu corpo, toda a minha vida, vivam para Vós, minha doce vida! Amar-Vos-ei, Senhor, minha força; amar-Vos-ei e viverei, não para mim, mas para Vós» (S.to Agostinho).

46. A INFLUÊNCIA DE JESUS

Ó Jesus, fazei-me compreender como a minha alma se encontra sempre sob a influência poderosa e santificante da Vossa Humanidade santíssima.

1 — «Saía dEle uma virtude que os curava a todos» (Lc. 6, 19), diz o Evangelho, falando de Jesus e dos ruidosos milagres que realizava. Ao contacto da Sua mão os cegos viam, os surdos ouviam, os mudos recuperavam a fala; era tão grande o poder que dEle emanava, que bastou à pobre hemorroissa tocar a fimbria da Sua veste para se sentir instantâneamente curada. E com a mesma facilidade com que curava os corpos, purificava e santificava as almas, perdoando os pecados. «Que coisa é mais fácil dizer: 'são-te perdoados os pecados', ou dizer: 'levanta-te e caminha?' Pois, para que saibais que o Filho do Homem tem poder sobre a terra de perdoar pecados, (disse ao paralítico): Eu te digo, levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa» (Lc. 5, 23 e 24). Perdoar pecados pertence só a Deus. Se, portanto, Jesus, homem visível, diz de Si que tem o poder de perdoar os pecados, afirma ser Deus e que a Sua Divindade opera na Sua Humanidade. A Sua santíssima Humanidade, cheia de graça e de força, é o instrumento de que a Sua Divindade Se serve para derramar em torno de Si toda a graça e toda a vida.

Como um dia nas terras da Palestina, assim hoje, que está gloriosa no céu, a santíssima Humanidade de Jesus continua a emanar o mesmo poder e a mesma força; e esse poder investe as nossas almas, influi interiormente nelas, transforma-as, santifica-as. «O influxo interior de que provém a graça às nossas almas pertence... a Cristo, cuja Humanidade, precisamente por estar uni-

da à Divindade, tem a virtude de justificar» (S. Tomás, III.^a, q. 8, a. 6, co.).

2 — Na obra redentora e santificadora de Jesus distinguimos duas fases. A primeira, dolorosa, viveu-a aqui na terra e terminou com a Sua morte na Cruz, pela qual nos mereceu a graça. A segunda, gloriosa, iniciou-se com a Sua Ressurreição e ainda perdura, porque Jesus continua a distribuir às nossas almas a graça que nos mereceu no Calvário. «A cada um de nós foi dada a graça na medida do dom de Cristo» (Ef. 4, 7). É Jesus quem, dia a dia, aplica a graça a cada um de nós, a faz crescer e desenvolver em nós; vivemos constantemente sob a Sua influência. «Assim como a cabeça dirige os membros — diz o Concílio de Trento — como a videira derrama a sua seiva em todos os sarmentos, assim Jesus Cristo exerce a cada instante o Seu influxo sobre todos os justos. E este influxo precede, acompanha e coroa as suas boas obras, tornando-as agradáveis e meritórias diante dEle» (Sess. VI; can. 16).

Jesus, diz S. Paulo, «está sempre vivo para interceder por nós» (cfr. *Hebr.* 7, 25); vivo no Santíssimo Sacramento do Altar, vivo no céu onde está sentado glorioso à direita do Seu Pai, mostrando-Lhe os estigmas sangrentos da Sua Paixão; não só intercede continuamente por nós, «mas Ele próprio escolhe, determina e distribui a cada um as graças, conforme a medida do seu dom» (*Myst. Corp.*). Ele é, pois, não só no sentido mais pleno, mas também no sentido mais actual, a fonte de toda a nossa vida. «Cristo é a nossa vida» (cfr. *Col.* 3, 4) exclama S. Paulo porque, como explica S. Tomás, «Ele é o motor da nossa vida».

Colóquio — Quanto amo, ó Senhor, a Vossa santíssima Humanidade! Não Vos fizestes Homem, ó Verbo eterno, precisamente para estardes mais perto de nós, para nos animardes a ir até Vós sem receio, para nos conduzirdes ao Vosso Pai? Como poderei, pois, ó Jesus, deixar-Vos ou esquecer-Vos voluntariamente ainda que por pouco tempo?

«Ó Senhor da minha alma e meu Bem, Jesus Crucificado, de onde me vêm a mim todos os bens senão de Vós? Com tão bom Amigo presente, com tão bom Capitão, que fostes o primeiro no padecer, tudo se pode sofrer. Sois auxílio e força, nunca faltais, sois amigo verdadeiro. Reconheço claramente que, para contentar a Deus e para que nos faça grandes mercês, quer que seja por mãos da Vossa Humanidade sacratíssima, ó Cristo, na qual o Pai disse ter a Sua complacência. Bem-aventurado quem de verdade Vos amar e sempre Vos trazer consigo! Desde que estiver conVosco encontra toda a sorte de bens» (T. J. Vi. 22, 3-7).

Ó Jesus, dulcíssimo Redentor meu, se não pude seguir-Vos pelos caminhos da Palestina, se não posso ver-Vos no céu onde estais sentado, glorioso, à direita do Vosso Pai, sempre intercedendo por mim, posso, porém, desejar encontrar-Vos vivo e palpitante no Santíssimo Sacramento do altar. Imenso dom me fizestes ao deixar-me, na Eucaristia, a Vossa santíssima Humanidade! É verdade que, como Deus, posso encontrar-Vos em toda a parte, mas como Homem, como meu Redentor, encontro-Vos na Hóstia consagrada; sim, a minha pobre natureza precisa de Vos encontrar também assim, na integridade da Vossa Pessoa de Homem-Deus, precisa de se aproximar de Vós e de Vos possuir não só espiritualmente, mas também como realidade física. Penso sobretudo naqueles preciosos momentos em que, recebendo-Vos sa-

cramentado, a Vossa Humanidade santíssima Se acha em contacto físico e directo com a minha alma. Então já não toco só a fímbria da Vossa veste como a pobre hemorroissa, mas a minha humanidade toca a Vossa Humanidade e não só a toca senão que se nutre dela, porque Vós vindes a mim como alimento. Ó Jesus, se era tão poderosa a influência da Vossa Humanidade que curava e justificava todos aqueles que se aproximavam de Vós, o que não poderá operar em minha alma, nesses instantes de contacto tão íntimo e profundo? Ó Jesus, perdoai os meus pecados, curai, purificai e santificai a minha alma; concedei-me disposições de humildade profunda, de fé viva, de amor ardente, que me tornem capaz de receber a plenitude do Vosso influxo divino.

47. O ESPÍRITO DE JESUS

Concedei-me, ó Jesus, que contemple a Vossa alma, templo preferido do Espírito Santo e fazei que, à Vossa semelhança possa eu ser também um templo digno dEle.

1 — Embora a graça seja igualmente criada pelas três Pessoas da Santíssima Trindade, sem nenhuma diferença ou distinção, todavia costuma-se atribuir a sua difusão nas almas à terceira Pessoa, ou seja, ao Espírito Santo, ao qual se refere, por apropriação, tudo quanto se relaciona com a obra da santificação. Neste sentido, aquele imenso dom de graça que inunda a alma de Cristo, há-de atribuir-se também à obra do Espírito Santo. A alma de Jesus está adornada com todos os dons sobrenaturais precisamente porque o «Espírito Santo habita em Cristo com tal plenitude de graça, que não é possível

conceber uma maior» (*Myst. Corp.*). A plenitude da graça, dom criado, corresponde à plenitude do Espírito Santo, dom incriado. Jesus que, «único entre todos, recebeu este Espírito sem medida» (ib.), «Ele recebeu aquele imenso capital de graça que Lhe permitiu merecer a graça para todos nós.

A alma de Jesus é tão bela, tão santa e está tão intimamente unida à Divindade, que o Espírito Santo «põe as Suas delícias em habitar nela como no Seu Templo preferido» (ib.). E habita aí com tal plenitude e domínio, que inspira, dirige e guia todas as acções de Jesus; por isso o Espírito Santo, «é chamado com toda a propriedade, Espírito de Cristo, isto é, Espírito do Filho» (ib.). Várias vezes se diz no Evangelho que Jesus agia «conduzido pelo Espírito» (*Lc. 4, 1*). Isto acontecia não só em determinadas circunstâncias, mas sempre: a alma santíssima de Cristo não era movida senão pelo impulso do Espírito Santo.

2 — Com a Sua Paixão e morte, Jesus não só nos mereceu a graça, mas também o Espírito Santo, que já tinha prometido aos Apóstolos e que, depois de subir ao céu, enviou sobre eles no dia de Pentecostes. Ainda agora recebemos o Espírito Santo na dependência de Jesus: é sempre Ele que, do céu, juntamente com o Pai, no-IO manda, de forma que este divino Espírito nos «é distribuído pela plenitude do mesmo Cristo segundo a medida do dom de Cristo» (*Myst. Corp.*). Não recebemos o Espírito Santo senão enquanto estamos unidos a Cristo, e Ele, por Sua vez, une-nos a Cristo. Com efeito, como diz S. Paulo, «se algum não tem o Espírito de Cristo, este não é dEle. Se, pois, Cristo está em nós, ... o espírito vive pela justificação» (*Rom. 8, 9 e 10*).

Viver em Cristo é viver no Espírito Santo: ser membro do Seu Corpo místico é ser templo do Espírito Santo; e esta graça que Cristo nos mereceu e dispensa às nossas almas é, ao mesmo tempo, difundida em nós pelo Espírito Santo. Todo o aumento de graça em nós, provém juntamente da acção criadora do Espírito Santo e da acção mediadora de Cristo. «Cristo está em nós pelo Seu Espírito que nos comunica, e por Ele opera em nós, de modo que tudo o que o Espírito Santo realiza em nós, é também realizado por Cristo» (*Myst. Corp.*).

Colóquio — Ó Jesus, sois tão rico, tão divino e omnipotente que os Vossos dons não se limitam a coisas criadas, por mais sublimes que possam ser, mas têm o seu ponto culminante no Dom criado, no dom do Espírito Santo.

Ó Jesus, compreendo bem que o Espírito de Amor, o Amor substancial que procede do Pai e do Filho, é o Vosso Espírito, porque assim convém à Vossa dignidade de Homem-Deus. Mas que a mim, indigníssima criatura, quisésseis dar este divino Espírito, é um mistério tão sublime que me perco em face dele. Compreendo que também este dom o devo a Vós, meu dulcíssimo Redentor.

Oh! se ao menos eu pudesse agir de modo a que o Vosso Espírito, o Espírito Santo, não encontrasse na minha pobre alma um templo muito indigno d'Ele!

O Vosso Espírito está em mim, porque mO destes; mas não me pode invadir completamente, nem conduzir-me rapidamente à santidade, nem lançar-me em Deus, porque, ordinariamente, em vez de docilidade, encontra em mim resistência. Ó meu Jesus, não permitais que eu resista ao Vosso Espírito, não permitais que O contriste com a minha cegueira e dureza.

«Ó poder do Pai eterno, ajudai-me; sabedoria do Filho, iluminai os olhos do meu entendimento; doce clemência do Espírito Santo, inflamai-me e uni a Vós o meu coração... Confesso, doce, eterna bondade de Deus, que a clemência do Espírito Santo e a Vossa ardente caridade querem unir e inflamar em Vós o meu coração e os corações de todas as criaturas racionais... Vós ardeis com o fogo do Vosso Espírito, consumis e arrancais até às raízes todo o amor e affecto carnal dos corações dessas novas plantas que Vos dignastes enxertar no Corpo místico da Santa Igreja... Dignai-Vos, ó Deus, transplantar-nos dos affectos mundanos ao jardim do Vosso amor e dai-nos um coração novo com a clara noção da Vossa vontade para que, desprezando o mundo, a nós mesmos, o nosso amor próprio, e cheios do verdadeiro fervor do Vosso amor... somente Vos sigamos com pureza imaculada e fervorosa caridade!...

«Ó Espírito Santo, vinde ao meu coração, pelo Vosso poder atraí-o a Vós, ó Deus verdadeiro; concedei-me caridade com temor... aquecei-me e inflamai-me com o Vosso dulcíssimo amor» (S.ta Catarina de Sena),

48. VIVER EM CRISTO

Fazei-me compreender, ó Senhor, a doçura e a responsabilidade do grande dever que me impoendes, comunicando-me a Vossa vida: morrer a mim mesmo, para viver unicamente em Vós.

1 — «Quem não renascer por meio da água e do espírito, não pode entrar no reino dos céus» (Jo. 3, 5). Não podemos chegar a Deus e ao Seu reino senão por meio de Cristo e incorporados n'Ele: esta incorporação

efectuou-se em nós «pela água e pelo Espírito Santo» no dia abençoado do nosso baptismo. Jesus dizia a Nicodemos: «é necessário nascer de novo»; e trata-se verdadeiramente de um novo nascimento, já que, por meio do baptismo, recebemos um novo germen de vida. Antes do Sacramento existe em nós uma vida puramente humana; depois do Sacramento possuímos uma participação da vida divina; incorporados em Cristo na qualidade de membros Seus, recebemos o Espírito Santo que derrama em nós a graça de Cristo. «Todos os que fostes baptizados em Cristo, escrevia S. Paulo aos Gálatas, vos revestistes de Cristo» (3, 7). No dia do nosso baptismo nascemos em Cristo e nEle fomos constituídos uma «nova criatura», nascida não da carne, mas do Espírito, nascida «não do sangue nem da vontade do homem», mas unicamente «de Deus» (Jo. 1, 13).

Nascidos em Cristo, devemos também viver em Cristo e caminhar em Cristo, segundo a exortação do Apóstolo: «guiai-vos por Ele, arraigados e sobreedificados nEle» (Col. 2, 6 e 7). O baptismo fez-nos nascer em Cristo; os outros sacramentos são destinados não só a restaurar, mas também a fortificar, enraizar e edificar a nossa vida em Cristo.

2 — «ó Deus, fazei que nos tornemos *participantes da divindade* dAquele que Se dignou revestir-Se da nossa humanidade». Bem podemos dizer que esta oração, repetida pela Igreja no Ofertório de todas as Missas, foi antecipadamente ouvida, já que desde o dia do nosso baptismo nos tornámos participantes da dignidade de Cristo. Mas este dom que nos foi dado sem mérito algum nosso, exige a nossa correspondência.

«Reconhece, ó cristão, a tua dignidade! — exclama

S. Leão — tornado participante da natureza divina, não queiras com um indigno teor de vida, voltar à antiga baixaza. Lembra-te de que Cabeça e de que Corpo és membro».

Tudo o que é pecado, defeito ou negligência voluntária, desonra a Cristo, nossa Cabeça e contrista o Espírito Santo que mora em nós. A alma consagrada a Deus não pode contentar-se com evitar o pecado, deve preocupar-se com fazer crescer em si a vida de Cristo. Na vida natural crescemos sem o concurso da nossa vontade, mas não acontece assim na vida da graça: sem a nossa cooperação, esta pode permanecer ainda em nós num estado inicial, vinte, trinta, cinquenta anos depois do nosso baptismo e de centenas de confissões e comunhões. E então, que monstruosa desproporção! Adultos e talvez velhos segundo a natureza e crianças ainda segundo a graça.

É necessário crescermos em Cristo e que Cristo cresça em nós. A frase do Baptista torna-se o nosso programa de vida: «convém que Ele cresça e que eu diminua» (*Jo. 3, 30*); estas são as exigências do desenvolvimento da graça em nós: fazer morrer o «homem velho», com os seus maus hábitos, defeitos e imperfeições, a fim de que a vida de Cristo cresça em nós até à idade perfeita.

Colóquio — «Ó Senhor meu, como de todos os bens que nos fizestes nos aproveitamos mal! Vós, buscais modos e invenções para nos mostrardes o amor que nos tendes; nós, como mal experimentados em Vos amar, temo-lo em pouca conta. Mal exercitados nisto, os pensamentos se nos vão para onde estão sempre e deixam de pensar nos grandes mistérios do Vosso amor infinito.

«Que miserável é a sabedoria dos mortais e incerta a sua providência! Provede Vós, pela Vossa Providência, os meios necessários para que a minha alma Vos sirva mais ao Vosso gosto do que ao seu... Morra já este eu, e viva em mim Aquele que é maior do que eu e melhor para mim do que eu própria, para que Vos possa servir. Que Ele viva e me dê vida; que Ele reine e seja eu Sua escrava, porquanto minha alma não quer outra liberdade.

«Como será livre aquele que estiver separado de Vós, Sumo Bem? Que maior e mais miserável cativo do que a alma estar desligada da mão do Seu Criador? Ó meu Deus, ditosos aqueles que se virem presos com os fortes grilhões e cadeias dos benefícios da misericórdia de Deus, e incapazes de se poderem libertar!... Ó livre arbítrio, quão escravo és da tua liberdade se não vives cravado com o temor e o amor de quem te criou!» (T. J. P. 1, 4; Ex. 17, 3 e 4).

Ó Senhor, ao pensar que possuo o terrível poder de paralisar em mim a acção da graça, a acção do Espírito Santo, sinto que a maior misericórdia que me podeis fazer é exactamente a de cativar a minha liberdade com o Vosso amor, tornando-a para sempre Vossa prisioneira. Ó meu Jesus, eu vo-lo peço, tirai-me a liberdade de frustrar a Vossa graça, de viver de um modo puramente humano, como se em mim não palpitasse um germen de vida divina. Oh! Reconheço que sou um grande distraído, um grande esquecido; sou superficial, deixo-me prender por uma multidão de afazeres, de coisas materiais, exteriores, e esqueço as realidades sobrenaturais que não vejo, que não impressionam os meus sentidos e que, todavia, são as mais belas e verdadeiras.

Ó Senhor, só o Vosso amor pode ter o poder de vencer a grande mobilidade da minha mente e do meu coração, para os fixar em Vós, de tal modo que eu viva mais interior que exteriormente, mais de Vós e da Vossa graça que do meu eu e das coisas terrenas.

49. O PRIMEIRO MILAGRE DE JESUS II DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA

O Jesus, dignai-Vos renovar hoje em mim o grande milagre que um dia realizastes em favor dos esposos de Caná.

1 — Encerrado o ciclo da infância de Jesus, a liturgia começa a falar da Sua vida pública. Depois da Epifania recordou-nos o baptismo do Salvador nas águas do Jordão, facto que assinalou o princípio do Seu apostolado, e hoje fala-nos do Seu primeiro milagre destinado, como a Epifania e o Baptismo, a manifestar ao mundo a Sua glória de Filho de Deus.

«Naquele tempo celebraram-se umas bodas em Caná da Galileia e encontrava-se lá a mãe de Jesus e também Jesus...» (Jo. 2, 1-11), diz o Evangelho de hoje. Logo em primeiro plano, junto do Senhor, encontramos a Virgem na sua função maternal de Medianeira de todas as graças; o milagre de Caná, o primeiro milagre de Jesus, realiza-se precisamente pela sua intercessão que é tão poderosa que faz antecipar a hora de Cristo. «Ainda não chegou a minha hora», tinha respondido o Senhor a Sua Mãe. Perante esta resposta de Jesus, aparentemente negativa, Maria não se perturba nem insiste; segura do seu Filho e cheia de confiança amorosa n'Ele, diz aos servos: «Fazei tudo o que Ele vos disser».

Jesus é vencido pela humildade, pela delicadeza, pela fé e abandono confiante de Sua Mãe e para nos mostrar quanto Ela é poderosa sobre o Seu Coração divino, condescende; o milagre realiza-se.

Junto à de Maria podemos admirar também a fé e a pronta obediência dos servos que, seguindo o conselho de Maria, executam imediatamente as ordens de Jesus, enchem de água as talhas e delas tiram vinho. Nem um momento de dúvida, nem um protesto, mas uma obediência simples como a das crianças. Aprendamos a crer e a obedecer, aprendamos a valer-nos da poderosa intercessão de Maria.

2 — «A água tinha-se convertido em vinho». O milagre que Jesus operou em Caná, continua a renovar-se sobre os nossos altares, de um modo muito mais admirável: um bocado de pão e um pouco de vinho transformam-se no Corpo e no Sangue de Cristo, e esse Corpo e esse Sangue são-nos oferecidos como alimento das nossas almas. Eis porque o *Communio* da Missa de hoje contém o texto do Evangelho onde se fala da água mudada em vinho. Sim, para nós também Jesus guardou «o bom vinho até agora»; é o vinho precioso da Eucaristia que inebria as nossas almas com o Seu Corpo e com o Seu Sangue.

Mas também podemos pensar noutra maravilhosa transformação que Jesus realiza em nossas almas por meio da graça: a água da nossa pobre natureza humana torna-se participante da natureza divina, é mudada no vinho nobilíssimo da vida do próprio Cristo. O homem torna-se membro de Cristo, filho adoptivo de Deus, templo do Espírito Santo. E hoje, a Virgem ensina-nos o modo como podemos e devemos favorecer em nós esta

preciosíssima transformação: «Fazei tudo o que Jesus vos disser», repete-nos igualmente como aos servos do banquete de Caná. Maria convida-nos a seguir e a pôr em prática todos os ensinamentos e preceitos de Jesus que nos mostram o caminho para chegar a uma total transformação nEle. Com um coração humilde e dócil, com fé viva e plena confiança, entreguemo-nos a Jesus pelas mãos de Maria.

Colóquio — Como me anima, ó Senhor, encontrar hoje junto de Vós a Vossa dulcíssima Mãe! Perto de Maria, sob o Seu olhar maternal, protegido pela sua poderosa intercessão, tudo se torna mais fácil e simples. Que bem fizestes, ó Jesus, em dar-nos a Vossa doce Mãe, em dar-nos uma Mãe para a vida espiritual! Quero seguir o precioso conselho de Maria e fazer tudo o que Vós, Senhor, me disserdes, tudo aquilo que quiserdes de mim.

Queria imitar a obediência pronta e cega dos servos do banquete: obedecer assim, sempre, a todos os Vossos ensinamentos, conselhos e preceitos, obedecer-Vos também na pessoa dos meus superiores, embora eu não veja a oportunidade das suas ordens e disposições, embora me venham pedir coisas difíceis ou que me pareçam absurdas. Mas queria ainda mais imitar o abandono da Vossa Mãe que com tanta delicadeza Vos confia o seu desejo de ajudar os esposos na dificuldade em que se encontram. Não se perturba pela Vossa aparente recusa, não insiste na sua súplica, nada pede; mas está segura, plenamente segura de que o Vosso Coração, infinitamente bom e terno para com todas as misérias, proverá com abundância.

Ó Senhor, com esta confiança e este abandono quero

hoje mostrar-Vos a minha indignação. Não a vedes? A minha alma, como as talhas do banquete, está cheia da água fria e insípida da minha miséria, das minhas fraquezas que não chego a vencer completamente. Posso também dizer como o Salmista: «As águas chegaram-me ao pescoço» (*Sal.* 68, 2) e têm-me submerso e quase afogado na incapacidade e na impotência. Eu creio, Senhor, creio que se Vós quiserdes, podeis mudar toda esta água no vinho preciosíssimo do Vosso amor, da Vossa graça, da Vossa vida. Sois tão poderoso e tão misericordioso que não Vos assusta a minha miséria, por grande que seja, porque diante de Vós, que sois infinito, é sempre pouca coisa. Como as gotas de água lançadas no cálice durante a Missa se convertem juntamente com o vinho, no Vosso Sangue, assim, ó Senhor, tomai a minha miséria, mergulhai-a no Vosso Coração, fazei-a desaparecer em Vós.

50. «EU SOU A VERDADE»

Ó Jesus, Verbo Incarnado, luz e esplendor do Pai, instrui e ilumina a minha alma.

1

1 — Jesus veio para nos dar a vida e veio também para nos ensinar o caminho que conduz à vida; Ele, fonte de vida, é igualmente Mestre de vida.

Assim O apresentou o Pai celeste ao mundo, desde o princípio do Seu apostolado. O Espírito Santo, que em forma de pomba desceu sobre Ele imediatamente depois do Seu baptismo, e a voz que se ouviu do céu: «Este é o meu Filho amado no qual pus as minhas complacências» (*Mt.* 3, 17), são, por assim dizer, as cre-

denciais que garantem o Seu ensino e constituem a sua razão de ser. Quem não acreditará nas Suas palavras, se Ele é o Filho de Deus e se o Espírito Santo está com Ele? Dois anos mais tarde, no Tabor, renova-se a mesma apresentação, a mesma voz e as mesmas palavras: «Este é o meu Filho dilecto»; mas depois é-nos feita a recomendação explícita: «ouvi-O» (ib. 17, 5) que põe ainda em evidência a Sua função de Mestre.

O próprio Jesus Se revelou como Mestre, como único Mestre: «Vós me chamais Mestre... e dizeis bem, porque o sou» (Jo. 13, 13); «nem sejais chamados mestres, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo» (Mt. 23, 10). Quando Jesus afirmou ser a vida, afirmou também ser a «Verdade»; assim, diante de Pilatos que O interrogava àcerca da Sua origem e da Sua missão, declarou: «Nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade» (Jo. 18, 37). Quem escuta as Suas palavras, escuta a verdade: «se vós permanecerdes na minha palavra... conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres» (Jo. 8, 31 e 32).

2 — O homem pode ser mestre, mas também pode não o ser, todavia permanece sempre homem. Jesus, ao contrário, é Mestre por natureza, precisamente porque é o Verbo Incarnado. Deus é Verdade, e toda a verdade que há no Pai comunica-se ao Verbo e chega até nós por meio de Cristo. Jesus é Mestre enquanto Verbo, palavra substancial do Pai e por isso, contém e manifesta toda a verdade, toda a sabedoria, toda a ciência que pode existir; assim Ele mesmo é a verdade, a sabedoria, o esplendor, a luz do Pai. Eis porque Jesus pôde dizer que é o único Mestre. Os outros mestres só conhecem uma parte da verdade, Jesus não só conhe-

ce toda a verdade, mas, como Verbo, é a Verdade. Os outros mestres ensinam verdades superiores a eles e que existem fora deles, conhecendo-as, portanto, imperfeitamente; Jesus, ao contrário, ensina a verdade que Ele próprio é por natureza e por conseguinte, o Seu ensino é, de um modo absoluto, único e infalível. Por este motivo Jesus pôde afirmar: «Eu vim ao mundo como uma luz para que todo o que crê em mim não fique nas trevas» (Jo. 12, 16); e mais explicitamente ainda: «Eu sou a luz do mundo» (Jo. 8, 12). Só Jesus pôde declarar-Se luz do mundo, porque só o Verbo é luz, é a Palavra de Deus.

O ensino de Jesus não se reduz, pois, a meras palavras humanas, por mais sublimes e elevadas que possam ser, mas reflecte a palavra do próprio Deus: é a esta palavra que Ele nos convida a abrir o espírito e o coração.

Colóquio — «Ó divino Pai, diante de nós, Vossos filhos, colocastes aberto o livro da vida que é Jesus Cristo, Deus e Homem, no qual se encontram abundantemente todas as coisas que podemos desejar saber. Lendo nele, ficaremos cheios da verdadeira ciência e acharemos a doutrina necessária para nós e para os outros. Mas para isso, alma minha, debes ler neste livro da vida, não a correr, ou ligeiramente, mas devagar, com atenção; serás então inflamada pelo amor divino e reconhecerás a verdade.

«Acima de tudo, ó minha alma, esforça-te por conhecer deveras a Deus e a ti mesma, o que não conseguirás senão lendo, contemplando e operando no livro da vida, Cristo Senhor nosso» (B. Ângela de Foligno).

Ó Jesus, luz verdadeira, dissipai as trevas da minha

ignorância, as trevas que nascem da minha malícia, e fazei que procure e ame a verdade com um coração sincero, porque a verdade sois Vós, Verbo encarnado.

Vós sois a única luz que ilumina o meu caminho, o único Mestre que guia os meus passos. Eu tenho necessidade de Vós, Verdade eterna, para me livrar da escravidão de tantas fraquezas, misérias e paixões que tanto me cegam os olhos do espírito e me impedem de aderir totalmente ao bem e à verdade que me ensinais.

A Vossa verdade diz-me que Vós sois Aquele que é e eu aquele que não é; só Vós valeis e eu não tenho valor algum; Vós sois o Tudo e eu o nada, e se em mim há qualquer coisa de bom, tudo, absolutamente tudo, é dom Vosso.

Ó Jesus, fazei que eu saiba procurar e amar a Vossa verdade, mesmo quando me castiga, mesmo quando é para mim uma espada de dois gumes que põe a nu as minhas misérias, os meus defeitos, os meus erros. Fazei que a Vossa verdade penetre todo o meu ser e o meu agir; fazei que eu saiba rejeitar com coragem toda a luz que não venha de Vós.

Ó meu único Mestre, fazei-me compreender a vaidade de toda a ciência, de todo o pensamento que não seja um reflexo da Vossa verdade. Imergi, ó Senhor, a minha alma na Vossa luz, penetrai a minha inteligência e o meu coração com a Vossa verdade; uni-me a Vós, ó Verdade eterna! Ó Jesus, Verbo Encarnado, Palavra encarnada do meu Deus, instruí a minha alma, quero aprender tudo de Vós, «quero passar a minha vida a escutar-Vos» (I. T. *El*).

51. A DOUTRINA DE JESUS

O Senhor, venho prostrar-me aos Vossos pés ansioso por escutar a Vossa doutrina que é doutrina de vida eterna.

1 — As verdades que Jesus ensina são tão importantes e tão essenciais, que conhecê-las ou ignorá-las, aceitá-las ou rejeitá-las é questão de vida ou de morte. A Sua doutrina não é facultativa, é de tal maneira necessária que, sem ela, não se pode chegar à vida eterna. «Todo o que crê nele tem a vida eterna... quem não crê, já está condenado porque não crê no nome do Filho Unigénito de Deus» (*Jo. 3, 16 e 18*). Perante a verdade que Jesus nos ensina, todas as outras verdades são deficientes.

E porque a Sua doutrina é absolutamente indispensável, Jesus, para ajudar a fraqueza da nossa fé, provou com milagres a sua veracidade. Aos judeus obstinados e cegos que não queriam acreditar n'Ele, dizia: «As obras que meu Pai me deu que cumprisse, estas mesmas obras que eu faço, dão testemunho de mim» (*Jo. 5, 36*). E quando os discípulos de João Baptista Lhe foram perguntar se Ele era o Messias em quem deviam crer, Jesus respondeu simplesmente: «Ide e contai a João o que ouvistes e vistes. Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam» (*Mt. 11, 4 e 5*). O Evangelho, ao narrar os prodígios operados por Jesus, quase sempre conclui com expressões semelhantes a estas: «e os seus discípulos creram nele» (*Jo. 2, 11*); «todos se admiraram e louvaram a Deus» (*Mt. 2, 12*). Jesus é o único Mestre que pode garantir com milagres a verdade da Sua doutrina.

2 — Jesus quer que a Sua doutrina seja de tal maneira compreendida por todos, até pelos simples e ignorantes, que disse que vinha particularmente evangelizar os pobres. Jesus não é um Mestre que procura a glória ou os aplausos, mas unicamente o bem dos Seus discípulos; usa uma linguagem simples que todos podem entender e serve-Se das coisas mais humildes e comuns para ensinar as verdades mais sublimes. Assim, por exemplo, toma como ponto de partida a água do poço para falar da água viva da graça, ou das vinhas dos campos para explicar o mistério da nossa união com Ele, verdadeira Vide. Jesus não espera que O venham procurar, pelo contrário, é um Mestre que vai à procura dos discípulos, procurando-os por toda a parte: no banco dos recebedores de impostos, nas casas ou reuniões dos publicanos, pelos caminhos, pelas praças, pelos campos; ensina nas sinagogas e sob o pórtico do templo, como na barca de Pedro ou nas verdejantes encostas dos montes; recebe de noite a Nicodemos e pára à beira do poço de Sichar, de propósito, para esperar pela Samaritana.

Jesus expõe a Sua doutrina adaptando-a à mentalidade e às necessidades, não só das turbas da Palestina, mas também de todas as gerações futuras; por isso a Sua palavra é sempre viva e actual, correspondendo às necessidades de todos os tempos e de todas as pessoas.

Em face da Sua doutrina formaram-se dois grupos. O dos corações soberbos e obstinados, que nem sequer quiseram crer nos mais ruidosos milagres e dos quais Jesus disse: «Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não teriam culpa, mas agora não têm desculpa do seu pecado» (Jo. 15, 22); e o dos corações rectos, sincera-

mente desejosos da verdade, que acolheram a Sua palavra com fé e amor. Jesus alegrou-Se por causa deles e disse: «Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelaste aos pequeninos» (Mt. 11, 25).

Colóquio — «Ó Senhor, Deus meu! Como tendes palavras de vida em que todos os mortais acharão o que desejam, se o quiserem procurar! Mas que admira, Deus meu, que olvidemos Vossas palavras com a loucura e enfermidade que causam as nossas más obras?... Que é isto, Senhor? Que grande cegueira! Buscamos a felicidade onde é impossível encontrá-la. Não vedes, Senhor, que não nos entendemos nem sabemos o que desejamos, nem atinamos no que pedimos? Dai-nos luz, Senhor! Olhai que é mais necessária que ao cego de nascença, pois este desejava ver a luz e não podia e nós, Senhor, não queremos vê-la.

«Só Vós, Senhor, nos ensinais a verdade, nos mostrais o caminho da salvação. Oh! desventurados de nós! Bem o sabemos e cremos, mas com o costume tão grande de não considerar estas verdades, são-nos já tão estranhas que nem as conhecemos nem as queremos conhecer.

«Fazei, ó Senhor, que as Vossas palavras não se apaguem mais do meu espírito» (T.J. Ex. 8, 1 e 2; 13, 2).

Não permitais, ó Jesus, que me deixe atrair pelas máximas e doutrinas que não procedem de Vós.

De que me servirá conhecer todas as ciências, se não Vos conhecer a Vós e a verdade que me viestes ensinar? Fazei, ó Jesus, que me não satisfaça com um conhecimento superficial, mas dai-me a luz e a inteligência necessárias para penetrar o mais profundo signi-

ficado dos Vossos ensinamentos. Compreende-se melhor a Vossa palavra com humildade, amor e vivo desejo de Vós, do que com raciocínios e subtis investigações. Criai em mim, ó Senhor, um coração recto, humilde, sincero, capaz de amar e penetrar as Vossas divinas palavras.

Eis que ponho a minha alma diante de Vós, ó doce Mestre, como se expõe um tecido aos raios do sol; de joelhos, aos pés do sacrário, na oração e no recolhimento, Vós me instruireis melhor do que muitos livros sábios. Mas do Vosso livro, ó Senhor, do Vosso Evangelho não quero jamais separar-me; «nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre alminha. Ali encontro constantemente novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos» (T.M.J. M.A. pg. 213).

Concedei-me, Senhor, a compreensão do Vosso Evangelho e da Vossa palavra e serei verdadeiramente sábio!

52. JESUS REVELA-NOS O PAI

Ó Jesus, Vós sois o Verbo que nos revela o Pai; por isso só Vós me podeis ensinar quem é o meu Deus. Falai, ó Senhor, que o Vosso servo escuta.

1 — «A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti como um só Deus verdadeiro» (Jo. 17, 3), afirmou Jesus. E S. João Evangelista observa: «Ninguém jamais viu a Deus; o Unigénito, que está no seio do Pai, ele mesmo é que o deu a conhecer» (1, 18). Só Jesus, Filho de Deus, nos pode fazer conhecer Deus; sòmente Ele, na Sua qualidade de Verbo, é por natureza, o Revelador de Deus.

Do mesmo modo que a nossa palavra exprime o nosso

pensamento, assim o Verbo, Palavra substancial do Pai, exprime o Pai, revela a natureza de Deus. O Verbo, ao incarnar, permanece o que é, continua portanto a ser a Palavra, o esplendor, o revelador de Deus; incarnando, não faz mais do que tornar-Se sensível aos homens, acessível à nossa capacidade humana, mas de modo algum diminui a Sua qualidade de Verbo.

Mesmo quando Jesus não fala, só com a Sua Pessoa ou com qualquer dos Seus actos, nos mostra e revela Deus. Mais de uma vez, lamentando não ser compreendido, Jesus repetiu: «se me conhecêsseis a mim, certamente conheceríeis também meu Pai» (Jo. 8, 19; 14, 7). E a Filipe, que durante a última ceia Lhe rogava que Lhes mostrasse o Pai, respondeu num tom de doce repreensão: «Há tanto tempo que estou convosco e ainda não me conheceis? Filipe, quem me vê, vê também o Pai... não credes que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?» (ib. 14, 9 e 10).

Jesus é «a imagem do Deus invisível» (Col. 1, 15): basta olhá-LO com fé e amor para conhecer a Deus. De nenhum outro mestre e de nenhum outro modo poderemos chegar a esse conhecimento, indispensável para a vida eterna: «Ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (Mt. 11, 17).

2 — O homem pode, com a sua razão e subindo das coisas criadas à sua causa primeira, conhecer a existência de Deus como Criador e Senhor do universo, todavia é sempre um conhecimento mediato, indirecto, e muito imperfeito, fruto de grandes esforços e muitas vezes viciado por muitos erros.

Há contudo outras verdades divinas absolutamente inacessíveis à inteligência humana como, por exemplo,

a Trindade de Deus, a Encarnação do Verbo, a Paternidade divina a nosso respeito, a nossa incorporação em Cristo e a nossa elevação ao estado sobrenatural. Estas verdades, que são as mais profundas e reveladoras de Deus e da Sua vida íntima e que, ao mesmo tempo, dizem respeito ao nosso destino supremo, nunca as poderíamos conhecer se Jesus as não tivesse vindo revelar. E Ele revelou-no-las com a maior autoridade: «Eu digo o que sei e dou testemunho do que vi... Eu digo o que vi em meu Pai... Vós não conheceis o Pai mas eu conheço-o porque sou dEle» (cfr. *Jo.* 3, 11; 18, 38; 7, 28 e 29). Na parábola do filho pródigo e da ovelha perdida, nas suas comovedoras expressões sobre a bondade do Pai celestial que «faz nascer o sol sobre bons e maus» (*Mt.* 5, 45), que «sustenta as aves do céu e veste os lírios do campo» (cfr. *ib.* 6, 26-30), Jesus revela-nos a misericórdia infinita, a paternal providência de Deus que nos acolhe e alimenta como Seus filhos. Mas revela-a mais ainda com as Suas obras: com a Sua solicitude para com todas as misérias materiais e espirituais, com o amor que O leva constantemente a procurar almas para salvar, até dar a vida por elas. A boa nova trazida por Jesus ao mundo, consiste sobretudo nesta revelação de Deus, caridade infinita, de Deus, nosso Pai amantíssimo, e sobre esta revelação está baseado todo o Novo Testamento e toda a vida cristã.

Colóquio — «Ó Jesus Cristo, Filho de Deus, Verbo e sabedoria do Pai, Vós sois o livro da Vida: Vós aparecestes neste mundo para nos instruídes com a Vossa vida, morte e doutrina... Ó Deus incriado, fazei-me digna de conhecer como este Vosso Filho nos revelou o Seu Pai» (B. Ângela de Foligno).

Ó Jesus, também eu Vos peço com o Apóstolo S. Filipe: «Mostrai-me o Pai», mas acrescento: mostrai-mo em Vós, porque o Pai está em Vós e Vós nEle, de tal modo que, olhando para Vós, veja e encontre o Vosso Pai. A Vossa Humanidade é um véu que esconde e encobre a divindade do Pai, divindade que é também Vossa, pois sois Deus como o Pai e o Espírito Santo. Vós sois o Verbo, ó Jesus, mas Verbo Incarnado, e poderíamos dizer que na Vossa carne está escrita a Palavra do Pai, para que eu a leia em Vós, único verdadeiro livro da Vida. Com todo o Vosso Ser, com a Vossa Pessoa, com as Vossas acções e palavras me revelais Deus; e sempre e de todos os modos me repetis algo de grande: Deus é Amor. A vida eterna é conhecer-Vos, ó Jesus, e por Vós, conhecer a Deus; este conhecimento, só Vós mo podeis dar, só de Vós posso aprendê-lo; como é, pois, necessário e como desejo que Vós me ensineis! «Ó Senhor e meu verdadeiro Deus! Quem não Vos conhece não Vos ama. Oh! Que grande verdade esta! Mas que dor, que dor, Senhor, dos que não Vos querem conhecer!» (T.J. Ex. 14, 1). Ó Jesus, que os mundanos não se preocupem com Vos conhecer a Vós e ao Vosso Pai, é certamente deplorável, mas que uma alma a Vós consagrada proceda desta forma ou se contente só com Vos conhecer superficialmente, é uma enormidade inacreditável.

Ó Senhor, revelai-Vos à minha pobre alma, pois quero conhecer-Vos: conhecer-Vos para Vos amar, para Vos servir, para ordenar a minha vida conforme os Vossos desejos. «Ó Deus, porventura aqui na terra, quando alguém se casa não quer primeiro saber com quem, quem é e o que tem? E nós que já estamos desposadas, não procuraremos... conhecer quem é o nosso Esposo, quem é Seu Pai, qual a terra para onde nos vai levar,

quais são os bens que nos promete dar, qual a Sua condição, como melhor O poderíamos contentar, em que Lhe daremos prazer e estudar como havemos de tornar a nossa condição conforme à Sua? Pois, Esposo meu, em tudo hão-de fazer menos caso de Vós que dos homens?» (T. J. *Cam.* 22, 7 e 8).

53. JESUS MESTRE DE SANTIDADE

Tenho sempre necessidade de Vós, ó Mestre divino, porque só Vós sois santo e me podeis ensinar o verdadeiro caminho da santidade.

1 — O conhecimento de Deus, no qual, segundo Jesus disse, consiste a vida eterna, não é aquele que se limita a iluminar o entendimento, mas aquele que, movendo a nossa vontade a amar a Deus já conhecido, regula toda a nossa vida de modo a agradar-Lhe. Por isso Jesus, depois de nos fazer conhecer o Pai celeste, ensina-nos o que devemos fazer para Lhe agradar: «Sede perfeitos, como também Vosso Pai celestial é perfeito» (*Mt.* 5, 48). O Mestre divino, com esta breve fórmula, revela-nos duas grandes verdades: o modelo de toda a santidade é Deus porque só Deus é a plenitude da perfeição sem sombra alguma de defeito ou falta; a vontade de Deus a nosso respeito é que também nós sejamos perfeitos, e sê-lo-emos na medida em que procurarmos copiar em nós a mesma perfeição de Deus.

Mas como pode uma pobre criatura humana imitar a perfeição de Deus? Jesus, nossa vida e nosso mestre, dá-nos esta possibilidade. A graça, juntamente com as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo, que Jesus nos mereceu e continuamente nos dá, eleva-nos do plano

humano e transporta-nos ao plano sobrenatural e divino, fazendo-nos participar da natureza divina, da vida divina. A fé torna-nos participantes da verdade de Deus, do conhecimento que Ele tem de Si mesmo e de todas as coisas; a caridade torna-nos participantes do amor infinito com que Deus Se ama a Si próprio e ama as Suas criaturas.

Todavia nós não podemos ver a perfeição e a santidade de Deus porque Ele «habita numa luz inacessível que não foi nem pode ser vista por nenhum homem» (I Tim. 6, 16); Jesus porém, revela-no-la em Si mesmo, nas Suas obras e nas Suas palavras.

Jesus é o Mestre perfeito de santidade. Ensina-nos que Deus nos quer santos, mostra-nos em Deus o ideal supremo e infinito da santidade e move-nos a encaminhar-nos para este sublime ideal.

2 — Jesus, ao dizer-nos «sede perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito» propõe-nos um modelo de perfeição que nunca poderemos esgotar: a perfeição dos maiores santos é nada em comparação com a perfeição de Deus. Jesus ensina-nos, portanto, a não nos comprazermos nem contentarmos com a perfeição atingida, com os nossos progressos e com os nossos esforços; são sempre um nada perante o ideal altíssimo que nos propõe. E por isso ensina-nos a nunca parar, a nunca dizer «basta» porque enquanto pudermos progredir, não progredimos ainda bastante. Com efeito, quem poderá, por exemplo, chegar a ser tão justo como Deus ou tão misericordioso como Ele? Enquanto estivermos na terra, a nossa santidade consiste em tender continuamente para a perfeição de Deus; «tendei sem preguiça, tendei sem interrupção», diz-nos S.to Agostinho.

Entre as infinitas perfeições de Deus, Jesus revelou-nos dum modo particular o Seu amor; e, por isso, convidando-nos a imitá-IO, pede-nos sobretudo um intenso exercício de amor para com Deus e para com o próximo. O preceito do amor, como o de tender à perfeição, não tem limites, pois por muito que amemos a Deus, não chegaremos nunca a amá-IO como Ele é amável e quanto Ele merece, e por muito que amemos o próximo, jamais O amaremos como Deus o ama.

Por conseguinte, Jesus convida-nos a elevarmo-nos a uma perfeição, a uma santidade que não tem limites e exige de nós um incessante caminhar, progredir e ascender. Tudo quanto somos capazes de fazer será sempre muito pouco, um nada, em comparação com este ideal tão alto; mas o Senhor contenta-Se com este pouco se nele pusermos toda a nossa boa vontade.

Colóquio — Ó meu divino Mestre, que ideal tão sublime de perfeição apresentais à minha alma! Sim, com a Vossa ajuda quero percorrer esse caminho, com o único fim de seguir os Vossos ensinamentos, fazer a vontade de Deus, dar prazer ao Pai celeste. Mas se, comparando-me aos santos me vejo tão defeituoso, que será se puser a minha miséria diante da infinita perfeição de Deus? E, contudo, não há dúvida, ó Jesus, as Vossas palavras ressoam na minha alma, límpidas e claras: «Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito».

E então nada me parece melhor do que imitar o gesto genial e audaz de S.ta Teresa do Menino Jesus. Em vez de desanimar, dir-Vos-ei com ela: «Ó Senhor, não poderias inspirar-me desejos irrealizáveis, posso portanto aspirar à santidade apesar da minha pequenez;

crescer, é impossível, tenho de me suportar tal como sou, com todas as imperfeições, mas quero encontrar maneira de chegar ao Céu por um caminhito direito, muito curto, um caminhito inteiramente novo. Estamos num século de invenções, agora já se não tem o trabalho de subir os degraus da escada, nas casas ricas o ascensor substituiu-as vantajosamente. Também gostaria de encontrar um ascensor para me elevar até Vós, ó Jesus, pois sou muito pequena para subir a difícil escada da perfeição... O ascensor que me deve elevar até ao Céu, são os Vossos braços, ó Jesus! Para isso não preciso de crescer, ao contrário, é preciso que continue pequena, que o seja cada vez mais» (T.M.J. M.A. pg. 249).

Ó Jesus, os Vossos braços são o Espírito Santo que me enviastes e a graça que me destes, graça santificante e graça actual, mediante a qual sustentais continuamente os passos de quem em Vós confia. Tenho de reconhecer que, se tantas vezes desanimo e acho tão difícil e pesado o caminho da perfeição e páro pensando que aquele esforço, aquele acto generoso ultrapassa as minhas forças, é porque me esqueço de recorrer a Vós, de me lançar nos Vossos braços, de implorar o Vosso auxílio. Ó doce Mestre, Vós que nunca nos abandonais, e estais sempre disposto a socorrer-nos na medida em que recorrermos a Vós, ensinai-me a refugiar-me continuamente em Vós com plena confiança, implorando o Vosso auxílio em todas as dificuldades.

54. AS EXIGÊNCIAS DA DOCTRINA DE CRISTO

Ó Jesus, fazei-me compreender e dai-me força para pôr em prática os Vossos ensinamentos.

1 — Convidando-nos a imitar a santidade do Pai celeste, Jesus empenha-nos numa profunda luta contra o pecado que se opõe directamente à infinita perfeição de Deus e que é para Ele a maior ofensa. Em todos os Seus ensinamentos inculca-nos um profundo ódio ao pecado e, sobretudo, ao orgulho, à hipocrisia, à malícia consciente e obstinada, que constituem um estado de completa opposição a Deus; eis porque Ele, tão misericordioso com os pecadores, lança estas palavras de fogo contra os fariseus: «Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados... Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação ao inferno?» (Mt. 23, 27 e 33). Descreve-nos depois a fealdade do pecado e põe a claro os efeitos desastrosos que produz no homem, reduzindo-o a um estado de extrema miséria moral: eis o filho pródigo que, por ter abandonado o pai, ficou reduzido a «guardar porcos» (Lc. 15, 15).

«Todo o que comete o pecado — disse Jesus — é escravo do pecado» (Jo. 8, 34); o escravo do pecado não pode ser servo de Deus; por isso o Mestre insiste: «Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há-de odiar um e amar o outro» ou viceversa (Mt. 6, 24).

Jesus, nosso Salvador, veio para destruir o pecado e destrói-o com a Sua morte; e com a Sua morte mostra, duma maneira clara, a enorme malícia do pecado. O pecado é tão inimigo de Deus e possui uma força tão terrivelmente destruidora, que foi a causa da morte do divino Mestre.

2 — O pecado mortal opõe-se tão completamente a Deus, que O afasta da alma que o comete; mas em si mesmo, qualquer pecado, ainda que venial, qualquer defeito ou falta, está sempre em contraste com a santidade infinita de Deus.

Por outro lado, a nossa natureza, ferida pelas consequências do pecado original, traz em si o gérmen do pecado sob a forma de tendências ou também de maus hábitos. Por isso, se quisermos seguir Jesus que nos apresenta a perfeição do Pai celestial como norma da nossa vida, devemos empenhar-nos numa luta sem tréguas contra o pecado, para o destruir em nós pela raiz, em todas as suas formas, por mais leves que sejam. É precisamente isto que nos ensina Jesus nestas breves palavras: «nega-te a ti mesmo». Trata-se de negar o nosso eu com todas as suas inclinações e hábitos defeituosos e de o negar continuamente. Um trabalho assim exige muita fadiga e é penoso; no entanto é indispensável para chegar à santidade. Jesus disse: «Que estreita é a porta, e que apertado é o caminho que conduz à vida e quão poucos são os que acertam com ele» (Mt. 7, 14). Na medida em que soubermos avançar por este caminho de total renúncia de nós mesmos, aproximar-nos-emos da perfeição infinita de Deus. Por este motivo todos os mestres espirituais insistem muito no desprendimento, no despojamento e renúncia de nós mesmos e fazem deste trabalho a base indispensável de toda a vida espiritual; eis porque S. João da Cruz propõe à alma que quer chegar à união com Deus, o áspero caminho do «nada».

Mas Jesus, o Mestre divino, foi o primeiro que nos indicou a necessidade absoluta de passar por este caminho: «Se alguém quer vir após de mim negue-se a si mesmo» (Mt. 16, 24).

Colóquio — Eu Vos suplico, ó Jesus, que infundais na minha alma um ódio profundo e sincero ao pecado, a toda a espécie de pecado, de modo que esteja realmente disposto a preferir todo o género de sofrimentos e até a própria morte, a qualquer ofensa a Deus. Fazei-me compreender, ó divino Mestre, que o mal, que o único e verdadeiro mal que me pode acontecer e do qual devo pedir incessantemente que me livreis, é o pecado, por ele ser a tal ponto Vosso inimigo, que Vos flagelou e coroou de espinhos, pregou na cruz, fez derramar todo o Vosso Sangue e morrer no meio de atrozes tormentos. Ó Jesus, Vós que nos ensinastes a pedir ao Pai celeste: «livrai-nos do mal», interponde a Vossa poderosa Intercessão, mostrai ao Vosso e nosso Pai as chagas ainda sangrentas da Vossa Paixão e alcançai para mim e para todos os Vossos fiéis, a libertação do terrível mal do pecado. Ó Jesus, farei ainda distinção entre pecado grave e pecado venial, entre pecado e imperfeição?

«Mas que pode haver de pequeno, sendo contra tão grande Majestade e vendo que nos está a ver? Isto a mim parece-me pecado premeditado e como quem diz: 'Senhor, embora Vos pese, eu farei isto. Bem vejo que o vedes e sei e entendo que não o quereis; mas antes quero seguir o meu capricho e apetite do que a Vossa vontade'. Ó Senhor livrai-me dos pecados de advertência por pequenos que sejam» (T.J. Cam. 41, 3).

Com a Vossa ajuda, ó Jesus, quero levar até ao fim a luta contra o pecado, procurando vencer em mim todas as tendências, inclinações e maus hábitos. Isto reclama uma constante renúncia de mim mesmo, mas com o Vosso auxilio estou pronto a empreendê-la. É

verdade que se trata de negar o meu eu, mas com o fim de agradar a Deus: dizer *não* à minha má natureza para preferir a santa vontade do Pai celestial, as Suas inspirações e os Seus desejos. Trata-se de morrer para mim mesmo a fim de viver para Vós, ó Jesus! E se verdadeiramente Vos amo, como poderei achar muito dura esta renúncia total? Oh! fazei que eu possa dizer com S. Paulo: «tudo julgo perda e vaidade, tudo considero esterco, a tudo renuncio para ganhar a Cristo e viver nEle» (cfr. *Fil.* 3, 7-9).

55. O PODER DO DIVINO MESTRE

Ó Jesus, peço-Vos não só que me instruais, mas também que leveis a minha alma a aceitar e a pôr em prática a Vossa palavra.

1 — Jesus não só nos comunica a verdade, mas também nos ajuda a aceitá-la. Todo o mestre tem este dever, mas só o pode cumprir exteriormente, procurando tirar os erros da inteligência do seu aluno e apresentando-lhe a verdade dum modo fácil e convincente. Jesus faz muito mais: a Sua acção é muito mais íntima e profunda; Ele é o único Mestre capaz de agir directamente na alma dos Seus discípulos, no seu entendimento e na sua vontade. Jesus move interiormente as nossas almas a aceitar os Seus ensinamentos e a pô-los em prática.

As verdades por Ele ensinadas são mistérios divinos e portanto não as podemos controlar pelo raciocínio humano; para as admitir, a nossa mente precisa duma luz e duma força novas, sobrenaturais; a luz e a força da fé. A fé vem-nos de Jesus que não só no-la

mereceu juntamente com a graça, as outras virtudes infusas e os dons, como também continuamente no-la obtém e a produz em nós. «Ele é ainda o autor da nossa fé... Infunde nos fiéis a luz da fé» (*Myst. Corp.*). Por conseguinte, ao mesmo tempo que nos revela as verdades eternas, Jesus infunde nas nossas almas a luz da Fé até produzir em nós, por meio dos dons do Espírito Santo, uma ciência profunda, misteriosa, que nos dá a intuição e o sentido das coisas divinas. De igual modo, Jesus age na nossa vontade por meio da virtude da caridade com a qual nos inclina a amá-lo, a amar o Pai celestial e a pôr em prática os Seus ensinamentos. Enquanto nos instrui, Jesus acende em nós o fogo do amor divino, como sucedeu com os discípulos de Emaús que, depois de terem ouvido as Suas explicações, diziam: «Não é verdade que nós sentíamos abrasar-se-nos o coração quando ele nos falava?» (*Lc. 24, 32*).

2 — «Jesus — escreve S.ta Teresa do Menino Jesus — não precisa de livros nem de doutores para instruir as almas; Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras... Nunca O ouvi falar, mas sei que está em mim, a cada instante, que me guia e inspira o que devo dizer ou fazer. Descubro exactamente na hora em que preciso delas, luzes que nunca antes vira» (*M. A. pg. 214*). Jesus instrui interiormente as almas que sabem ouvi-lo e fá-lo sobretudo por meio do Seu Espírito, o Espírito Santo, segundo Ele mesmo prometeu aos Apóstolos: «O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos revelará tudo o que vos tenho dito» (*Jo. 14, 26*). Do céu, Jesus, juntamente com o Seu Pai, continua a mandar o Espírito Santo às nossas almas; e este divino Espírito

faz-nos entender o profundo significado da doutrina do Salvador, sugere-nos as aplicações práticas aos casos concretos da nossa vida quotidiana.

Além disso Jesus instrui-nos através do magistério da Igreja, à qual confiou o dever de guardar e transmitir integralmente a Sua doutrina a todos os fiéis.

Aceitando Jesus como nosso Mestre, devemos aceitar ao mesmo tempo toda a Sua doutrina: a palavra escrita do Santo Evangelho, a palavra viva da Igreja, a misteriosa e escondida palavra interior com que instrui individualmente as nossas almas, fazendo-nos ver claramente o modo como nos devemos comportar na vida. Mas para que esta doutrina constitua para nós um tesouro, não basta escutá-la, é mister penetrar a palavra de Jesus, para o que se requer silêncio e recolhimento interior; devemos por isso imitar a SS.^{ma} Virgem que «conservava e meditava no seu coração» (cfr. Lc. 2, 19), tudo aquilo que via e ouvia do Seu divino Filho.

Colóquio — Ó Jesus, como tenho necessidade de que exerçais sobre mim o Vosso poder de Mestre divino! Amo vivamente a Vossa doutrina, a Vossa palavra e, contudo, quantas vezes essa palavra divina não produz em mim o fruto desejado! Porquê, Senhor? Por que razão, depois de Vos escutar na oração e de ter tomado a resolução de pôr em prática quanto nela Vos dignastes fazer-me compreender, me esqueço de tudo no momento próprio e me deixo arrastar pelas fraquezas de sempre? Talvez seja porque não sei guardar e aprofundar a Vossa palavra no recolhimento interior, antes a deixo abafar por tantas distrações e preocupações inúteis, como o lavrador negligente deixa abafar a boa semente no meio das ervas daninhas. Oh! se nos casos difíceis, se quando de-

vo pôr em prática os Vossos ensinamentos eu soubesse voltar-me para Vós, Mestre divino, sempre presente e operante em mim com a Vossa graça! Se soubesse lançar-me, ainda que por um instante, aos Vossos pés e pedir a Vossa ajuda, que grande vantagem não tiraria!

Bem o sei, Vós estais sempre pronto a receber-me e a infundir em mim um maior espírito de fé, para que eu possa considerar tudo à Vossa luz e julgar as coisas e as circunstâncias segundo o seu valor eterno; estais sempre pronto a acender no meu coração um maior fogo de caridade e a conduzir-me assim suavemente à prática do bem que me ensinais.

Os homens cansam-se tanto a procurar mestres famosos, não reparando em despesas, viagens, sacrifícios, a fim de os consultar ainda que por breves momentos, e eu, que tenho sempre comigo, sempre ao meu alcance o Mestre divino, não saberei aproveitar-me dEle? Ó Jesus, ciência e sabedoria infinitas, que não desdenhais baixar até mim para serdes o meu Guia e Mestre, fazei que eu não seja tão insensato que me esqueça de Vós! Que eu sempre escute a Vossa palavra, sempre busque a Vossa luz e a Vossa força.

56. JESUS ACOLHE A TODOS III DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA

Ó divino Salvador, também eu sou um pobre leproso; acolhei-me: «Se quiserdes, podéis curar-me!»

1 — O Evangelho de hoje (Mt. 8, 1-13), apresenta-nos dois milagres de Jesus, que são profundas lições de humildade, de fé e de caridade.

Eis a fé humilde do leproso: «Senhor, se tu queres,

podes curar-me». Tão certo está de que Jesus o pode curar, que não vê outra condição para a sua cura senão a Sua vontade. A fé cristã não se perde em subtis raciocínios, é duma lógica simplicíssima: Deus pode fazer tudo o que quer; basta pois que o queira. E o leproso nem sequer insiste para que Jesus queira; quem vive de fé sabe que a vontade de Deus é sempre o melhor para nós, ainda que nos deixe no sofrimento, e portanto, em vez de insistir, prefere abandonar-se ao divino beneplácito.

Vem depois o centurião; o soberbo e poderoso soldado romano não se envergonha de ir pessoalmente suplicar a Jesus, um galileu, pelo seu servo paráltico; Jesus, comovido por este acto de humildade e caridade, responde imediatamente: «Eu irei e o curarei». Então o centurião replica: «Eu não sou digno que entres na minha casa; dize, porém, uma só palavra, e o meu servo ficará curado»; a humildade torna-se ainda mais profunda e a fé atinge o máximo; não é necessário que o Senhor Se desloque, o Seu poder é tão grande que basta uma palavra Sua pronunciada à distância para realizar qualquer milagre. O próprio Jesus «admirou-se» e disse: «Em verdade vos digo: não achei fé tão grande em Israel». Não é isto uma queixa do Salvador contra aqueles que vivem tão perto dEle, talvez em Sua casa, recebendo continuos benefícios, e cuja fé é muitas vezes fraca e por isso ineficaz?

2 — Segundo a lei hebraica, os leprosos viviam separados da sociedade e ninguém podia aproximar-se deles; dos pagãos também se devia fugir porque não pertenciam ao povo eleito. Jesus infringe a velha lei e em nome da caridade universal acolhe e limpa o leproso, ouve o centurião estrangeiro e cura o servo pagão. En-

sina assim a não fazer acepção de pessoas e a não desprezar os pecadores e infiéis, mas a acolher todos com amorosa benevolência. Jesus ensina-nos a não fechar mas a abrir bem as portas a todos e a todos beneficiar sem diferença de partidos ou ideias; todos são, como nós, filhos de Deus e, assim como a todos se estende a misericórdia do Pai celeste, também a todos se deve estender a nossa caridade. Esta ideia predomina na Epístola de hoje (Rom. 12, 16-21) em que S. Paulo nos exorta ao exercício da caridade, particularmente para com aqueles que nos são contrários. «Não torneis a ninguém mal por mal... Tanto quanto depende de vós tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos... Antes, se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer... Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem».

Jesus venceu o mal, tanto físico como moral, com a misericórdia, com o amor, curando e fazendo bem a todos. Esta deve ser a nossa tática; qualquer que seja o mal que nos rodeia e faz sofrer, nunca o venceremos com discussões, contendas ou posições tomadas e defendidas à força; mas somente com uma delicada caridade capaz de compreender por intuição, a mentalidade, os gostos, as necessidades dos outros, de intervir no momento oportuno, de condescender, de se sacrificar sempre pelo bem de qualquer pessoa, embora nos seja hostil.

Colóquio — «Ó grande Deus, como é fraca a nossa fé!... Porque segundo a nossa maneira de ser, se não nos dão o que queremos — com este livre arbítrio que temos — não admitiremos o que Vós nos dais, ainda que seja melhor... Não, meu Deus, não; não quero ter mais confiança em coisa que eu possa querer para mim!

Escolhei Vós para mim o que quiserdes, que isso quero eu, pois todo o meu bem está em Vos contentar. E se Vós, Deus meu, me quisésseis contentar a mim, cumprindo tudo o que pede o meu desejo, vejo que iria perdida» (T. J. *Cam.* 30, 2; *Ex.* 17, 2).

Ó meu Jesus, confio em Vós e abandono-me a Vós, disponde da minha pessoa, da minha saúde e de todas as minhas coisas como sabeis ser melhor para o meu proveito espiritual. Uma só coisa Vos peço com insistência: curai esta minha pobre alma. Também eu sou espiritualmente um pouco leproso e um pouco paralítico: o meu amor próprio, a minha vaidade tentam sempre manchar e danificar o pouco bem que pratico; a preguiça e a inércia procuram paralizar os meus esforços para a perfeição. Eis-me aqui, Senhor, aos Vossos pés, necessitado da Vossa intervenção, como o leproso e o servo paralítico. Também eu creio que, se quiserdes, podeis curar-me.

«Ainda que miserável, firmemente creio que podeis o que quereis e quanto maiores maravilhas oiço de Vós e considero que podeis fazer ainda mais, mais se fortalece a minha fé e com maior determinação creio que Vós o fareis» (T. J. *Ex.* 4, 2).

Eu Vos peço, dulcíssimo Jesus, um pouco da Vossa caridade tão plena, tão universal, tão benévola para com todos. Bem conheceis, Senhor, as dificuldades que às vezes encontro no exercício desta virtude, especialmente com aquelas pessoas que tanto contrastam com o meu modo de pensar e agir. Ó Senhor, enchei o meu coração de bondade cordial e sincera para com eles. Só a caridade que vem de Vós me dará forças para superar todos os obstáculos resultantes da diversidade de temperamentos, de educação e pontos de vista,

para me sacrificar generosamente por quem me faz sofrer e para continuar a rodear de benevolência aqueles que me repelem.

Ó Jesus, que viestes à terra para acender o fogo da caridade, acendei em mim um vivo amor para com o meu próximo.

57. «EU SOU O CAMINHO»

Ó Jesus, meu doce Mestre, tomal-me pela mão e guia-me para o Pai: só Vós sois o caminho da salvação e da santidade.

1 — Jesus não é só o Mestre que nos ensina a tender à perfeição do Pai celeste; é o modelo vivo dessa perfeição. Os homens, por muito santos que possam ser, são sempre, por sua natureza, tão limitados e imperfeitos que não podem servir-nos de modelos completos, e a Deus, que é a mesma santidade, não O podemos ver. Mas eis que o Filho de Deus, Sua imagem viva, ao fazer-Se homem, incarna em Si a perfeição infinita do Pai. Em Jesus vemos, conhecemos, palpamos, por assim dizer, a santidade de Deus; a perfeição divina que escapava à nossa experiência, que era inacessível aos nossos sentidos, encontramos-a viva, concreta, tangível, em Cristo Senhor. O Pai apresentou-O ao mundo como o Seu Filho muito amado em quem Se compraz, precisamente porque vê nEle a imagem perfeita de Si mesmo, de todas as Suas infinitas perfeições. Por isso no-IO dá não só como Mestre, mas também como modelo, pois desde toda a eternidade nos «predestinou para sermos conformes à imagem de Seu Filho» (Rom. 8, 29). O próprio Jesus Se declarou nosso único modelo: «Eu

sou o caminho... ninguém vai ao Pai senão por mim» (Jo. 14, 6); com o Seu exemplo mostra-nos como, na terra, nos poderemos aproximar da perfeição divina. E disse-nos expressamente que devíamos imitá-lo: «Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais vós também» (ib. 13, 15); «Aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração» (Mt. 11, 29). Imitando Jesus, imitamos o Pai celeste; esforçando-nos por praticar as virtudes como Ele as praticou, aproximamo-nos da infinita perfeição de Deus; conformando-nos à imagem de Cristo, conformamo-nos à imagem de Deus.

2 — Nos Actos dos Apóstolos diz-se que Jesus «começou a fazer e a ensinar» (1, 1): todas as Suas acções são um modelo das nossas; as virtudes que nos propõe, praticou-as Ele primeiro em sumo grau e de modo perfeitíssimo. E depois de ter agido, ensinou-nos a fazer como Ele: a Sua doutrina diz-nos, com efeito, qual deve ser a nossa conduta para que seja semelhante à Sua. Por isso toda a tradição cristã proclama que o caminho da santidade é a imitação de Cristo. S. João da Cruz ensina: «Primeiro tenha um habitual desejo de imitar a Cristo em todas as coisas, conformando-se com a Sua vida, a qual deve considerar para saber imitar e haver-se em tudo como Ele se haveria» (S. 1, 13, 3).

Mas não se trata de uma imitação puramente externa e material das acções de Jesus, é necessário também estudar e penetrar as íntimas disposições da Sua alma para as tornar nossas, segundo o conselho de S. Paulo: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que houve em Jesus Cristo» (Fil. 2, 5). Desta maneira a imitação de Jesus colhe n'Ele o que há de mais profundo

e vital na Sua vida, isto é, as íntimas disposições que constituem o princípio interior de todas as Suas acções. Por outro lado esta imitação é acessível a todos em qualquer estado e condição de vida, enquanto a imitação material das acções de Jesus nunca pode ser completa, variando sempre segundo as circunstâncias em que cada um se encontra.

Colóquio — Ó Jesus, verdade eterna, qual é a Vossa doutrina? Qual é a senda por onde nos convidais e por onde nos convém ir ao Pai? Não vejo outro caminho senão aquele que Vós calceastes com as verdadeiras e reais virtudes do fogo da Vossa caridade. Vós, Verbo eterno, o regastes com o Vosso Sangue: é este o caminho.

«Ó doce e amoroso Verbo, Vós dissestes-me: 'Eis que eu te preparei o caminho e abri a porta com o meu Sangue; não sejas portanto negligente em segui-lo. Toma o caminho traçado por mim, eterna Verdade, e marcado pelo meu Sangue. Ânimo, pois, alma minha, levanta-te e segue o teu Redentor, porquanto ninguém pode ir ao Pai senão por Ele. Ó doce Cristo, ó Cristo amor, Vós sois o caminho e a porta por onde nos convém entrar para chegar ao Pai» (S.ta Catarina de Sena).

Ó Jesus, Vós sois verdadeiramente o meu modelo e o meu caminho! Tudo quanto nos revelastes da santidade infinita do Pai, tudo quanto nos ensinastes, vejo-o incarnado na Vossa vida, nas Vossas acções; que bom Mestre sois, e como Vos adaptais à minha fraqueza, que não só precisa de saber, mas de ver concretamente o que deve fazer! Se me custa humilhar-me, eis que Vos apresentais diante de mim reduzido a uma criancinha impotente e pobre, reclinada numa mangedoura, numa gruta de animais, ou então mostrais-me os longos anos

passados na oficina de Nazaré, as humilhações nos tribunais e sobre a cruz; se me repugna a obediência, vejo-Vos, meu Deus, obedecer a Maria e a José, Vossas criaturas, obedecer e submeter-Vos como um manso cordeiro, aos juizes e verdugos; se me é difficil praticar a caridade fraterna, só tenho que Vos contemplar rodeando dos mais amorosos carinhos os pecadores mais obstinados e os Vossos acérrimos inimigos. Em Vós, ó Jesus, encontro tudo: encontro a vida, a doutrina, o exemplo. Em Vós posuo e vejo o meu Deus; em Vós tenho o Mediador que me conduz a Deus, o Mestre e o Modelo da santidade.

Permiti-me dizer-Vos, ó Jesus, que, como o Pai Se compraz em Vós, também Vós sois para mim, miserável criatura Vossa, o único objecto das minhas complacências: tudo quanto procuro, encontro em Vós, só Vós me bastais.

Fazei, ó Senhor, que a Vossa doce imagem esteja sempre impressa no meu espírito e no meu coração, e que o meu olhar interior esteja sempre dirigido para Vós, já que em tudo posso conformar-me conVosco, meu Mestre, meu Modelo, meu Caminho!

58. «EU ESTOU NO PAI»

Deixai-me penetrar, ó Jesus, nas intimas disposições da Vossa alma, em constante união pessoal com o Pai.

1 — O que mais nos interessa em Jesus são as Suas intimas disposições para com Deus, as Suas relações com Ele. Jesus é o Filho de Deus: eis toda a Sua grandeza, a Sua santidade. Ele é o único Filho de Deus por natureza; mas à Sua imagem e por Sua mediação, nós somos filhos de Deus pela graça. Ele tor-

nou-nos participantes, por meio da graça, da filiação divina que só a Ele pertence por natureza; por isso, a exemplo Seu, toda a nossa grandeza e santidade consiste em viver plenamente como filhos de Deus. Devemos pois procurar reproduzir em nós, tanto quanto é possível à nossa condição de criaturas, a atitude interior de Jesus para com o Pai celeste.

Encontramos, em primeiro lugar, uma atitude, ou melhor, um estado de íntima união; Jesus afirma: «O Pai está em mim e eu no Pai» (Jo. 10, 38). Diz isto enquanto Verbo: é a união substancial, incomunicável, do Verbo com o Pai, que ninguém nunca poderá imitar. Mas di-lo também enquanto homem; com efeito, como tal, todo o Seu affecto está concentrado no Pai e dominado pelo Pai, toda a Sua alma tende para Ele, procurando agradar-Lhe. Esta união de Jesus com o Seu divino Pai é modelo da nossa, porque também nEle é união de graça. A graça em Jesus é «infinita», como gostam de dizer os teólogos e, por isso, distingue-se da nossa; mas a graça que nós possuímos também nos torna capazes de viver com o espírito voltado para o Pai e o affecto concentrado nEle. Jesus dá-nos disso o exemplo e pede para nós esta íntima união: «Sejam todos um, como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós» (Jo. 17, 21).

2 — A Alma de Jesus está totalmente mergulhada na Santíssima Trindade; o Seu entendimento humano goza da visão beatífica e nesta visão vê a Deus cuja natureza possui: conhece a pessoa do Verbo como sujeito de toda a Sua actividade humana, vê o Pai de quem Se sente Filho, vê o Espírito Santo que habita nEle; no Seu Coração existe pois uma caridade criada, incomen-

surável como a graça de que está adornada a Sua Alma e esta caridade sobe incessantemente num movimento rapidíssimo para o Pai celeste, para transbordar depois sobre as nossas almas. Jesus trabalha na oficina de Nazaré, percorre os caminhos da Palestina, prega, instrui, discute com os fariseus, cura os doentes; entretém-Se com as multidões, ocupando-Se de todos; e no entanto, no íntimo da Sua Alma, continua a viver esta vida maravilhosa de união com as divinas Pessoas.

Pela graça, a nossa alma torna-se templo da Santíssima Trindade; as três Pessoas divinas estão realmente presentes em nós e oferecem-Se e dão-Se a nós para serem conhecidas, amadas e possuídas logo desde o início da vida terrena. Pela fé podemos conhecê-las, pela caridade podemos amá-las e viver em união com Elas. Foi precisamente para nos tornar capazes desta vida de íntima união com Deus, que Jesus nos mereceu e continuamente nos comunica a graça e a caridade numa medida e perfeição infinitamente inferiores, mas de natureza idêntica à graça e à caridade que inundam a Sua Alma. E enquanto Jesus, pela visão beatífica, vê Deus face a face, nós conhecemo-IO tal como Ele é, pela fé.

Assim podemos participar na vida interior de Cristo, toda imersa na Santíssima Trindade, segundo 'a frase de S. Paulo: «A nossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Col. 3, 3). E com S.ta Teresa Margarida podemos aspirar a «competir, pela fé, tanto quanto é possível a uma criatura, com a vida e as acções internas e escondidas do entendimento e da vontade, isto é, com os sublimes conhecimentos e affectos da Humanidade santíssima de Jesus Cristo, unida hipostaticamente ao Verbo» (Sp. pg. 374).

Colóquio — Ó Jesus, que imenso tesouro está escondido nas Vossas palavras: «Como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós!» Não, não Vos contentais com que, ao imitar-Vos, paremos no aspecto exterior da Vossa vida, mas quereis muito mais, quereis que procuremos imitar também, tanto quanto for possível ao nosso estado de simples criaturas, a Vossa vida interior, as Vossas íntimas relações com o Pai, a Vossa incessante união com Ele. Se não o tivésseis dito, só o pensar nisto seria loucura e vã temeridade; mas Vós o dissestes, e essas Vossas palavras são particularmente sagradas, já que fazem parte da Vossa última oração ao Pai, oração que constitui o Vosso testamento espiritual.

Vós, Homem Deus, unido indissolúvelmente ao Pai, por natureza, e eu sempre unido a Deus, pela graça; a Vossa Alma santíssima sempre imersa na visão beatífica da Santíssima Trindade, e eu, sabendo pela fé que a Santíssima Trindade vive em mim; sob a moção do Espírito Santo, um infinito amor de caridade sobe continuamente do Vosso Coração para o Pai, e em mim a chama da caridade, acesa e infundida pelo divino Paráclito, não espera senão crescer, desenvolver-se e ser arrebatada pelo Espírito Santo e consumida no Seu foco de amor, para subir ao Pai, à Trindade Santíssima.

Com a Vossa graça, ó Jesus, posso viver em Vós, e Vós em mim. Mas não vivo só em Vós, pois onde Vós estais, ó Verbo, está também o Pai e o Espírito Santo. Desta maneira me levais, ó Cristo, a viver na Trindade, e a minha pobre vida humana fica escondida conVosco em Deus. Ó Senhor, não permitais que eu me deixe absorver pelos negócios e pela actividade exterior, por bons que sejam, a ponto de esquecer ou descuidar esta

vida maravilhosa de união com Deus, à qual me chamais e convidais. No segredo do meu coração, escondida de todo o olhar humano, vive em mim a Santíssima Trindade: oh! que eu saiba viver com Ela! Que eu saiba calar-me, recolher-me, esconder-me com Deus escondido em mim! Que eu saiba, como verdadeiro filho, viver sempre em união com o meu Pai: sempre a Seus pés para amar, adorar, escutar a Sua divina palavra.

59. A ORAÇÃO DE JESUS

O Jesus, deixai-me penetrar no santuário da Vossa Alma santíssima e revelai-me o segredo da Vossa oração.

1 — Embora Jesus, pela visão beatífica e pela plenitude da caridade, estivesse sempre indissolúvelmente unido ao Pai, quis, no entanto, dedicar-Lhe dum modo exclusivo, uma parte do tempo que era dedicado à sua actividade humana: o tempo da oração. A oração dedicou especialmente os longos anos decorridos em Nazaré e os quarenta dias passados no deserto; depois, durante a Sua vida apostólica, Jesus costumava consagrar-lhe, geralmente, a noite, ou parte dela. O Evangelho nota-o expressamente nos momentos mais solenes da Sua vida: antes da escolha dos doze Apóstolos, quando Jesus «se retirou para o monte a orar e passou toda a noite em oração a Deus» (Lc. 6, 12), antes da confissão de Pedro e da transfiguração (Lc. 9, 18 e 28), na última Ceia, no Getsemani, no Calvário, etc.. Além disso, interrompia frequentemente a Sua actividade apostólica e «retirava-se para lugares desertos e fazia oração» (Lc. 5, 16); muitas vezes, antes de fazer algum milagre, levantava os olhos ao céu, em atitude de invocar o Pai; finalmente, ao

cair da tarde, «despedidas as turbas, subiu só a um monte para orar» (Mt. 14, 23).

Não podemos imaginar uma oração mais íntima e profunda que a de Jesus; só no céu, onde nos será concedido também a nós ver a Deus face a face, poderemos compreendê-la e participar nela verdadeiramente. Entretanto, neste mundo, podemos imitar o procedimento de Jesus: saber interromper qualquer trabalho, mesmo apostólico, para dedicar à oração o tempo devido, e nesse tempo deixar tudo para nos concentrarmos só em Deus.

2 — Só a oração de Jesus é perfeito louvor e adoração da Santíssima Trindade, perfeita acção de graças e impetração sempre eficaz porque só Ele pode oferecer à Santíssima Trindade homenagens infinitas. A nossa oração não vale senão na medida em que a unirmos à de Jesus e procurarmos que seja um eco, um prolongamento da Sua.

Mas a oração de Jesus completa-se no sacrifício, pois a ele se une e nele culmina: sacrifício das noites passadas em vigília, sacrifício do jejum e da penitência que, por quarenta dias, acompanha a Sua oração no deserto, sacrifício de uma vida fatigante, sem ter sequer onde reclinar a cabeça. O sacrifício vai crescendo progressivamente até chegar ao máximo na agonia do horto e sobre a Cruz, onde a oração se torna oferta total e cruenta pela glória do Pai e salvação das almas.

Também a nossa oração deve ser impregnada, alimentada de sacrifício, de oferta real e generosa de nós mesmos juntamente com Cristo, até nos transformarmos com Ele e nEle em hóstias de louvor e propiciação. Enquanto estivermos neste mundo, a oração, a própria

contemplação, não pode ser só gozo de Deus, mas deve andar sempre unida ao sacrifício: só assim é verdadeira. A oração, a contemplação autêntica impele a alma à generosidade e dispõe-na a abraçar, por Deus, qualquer trabalho e fadiga, a dar-se totalmente a Ele; neste mundo, o dom de si mesmo, realiza-se sempre no sacrifício.

Santa Teresa de Jesus ensina que o fim das graças contemplativas é exactamente o de «fortalecer a nossa fraqueza para podermos imitar nosso Senhor no muito padecer» (M. VII, 4, 4).

Colóquio — Ó Jesus, que diferença entre a minha oração e a Vossa! A Vossa tão profunda, tão intensa; a minha tão superficial, distraída, apressada. Infelizmente, quantas vezes me deixo arrastar pelo zelo do trabalho e absorver pela actividade, a ponto de não ser capaz de os interromper!

Mas Vós fazeis-me compreender como é vã a minha agitação, como são estêreis as minhas obras quando não estão impregnadas, embebidas de oração, de união com Deus.

E ensinai-me com o Vosso exemplo, que se quero viver deveras unido a Deus e alimentar a minha união com Ele, tenho absoluta necessidade destas pausas, de interromper qualquer ocupação para concentrar n'Ele todas as minhas potências. Ó Senhor, para seguir o Vosso exemplo, quero ser fiel em deixar tudo, no tempo determinado, para me recolher na oração. Vós subíeis de preferência às alturas para fazer oração, ensinando-me assim que, para bem orar, convém que nos desprendamos das coisas baixas da terra e nos elevemos acima das preocupações e pensamentos humanos. Quan-

do a alma sabe recolher-se assim na solidão, elevando-se acima das criaturas e de si mesma, unicamente desejosa de se encontrar conVosco, ó Senhor, Vós não tardais a deixar-Vos encontrar por ela.

Ó meu Deus, Trindade Santíssima, fazei que ao menos nas horas de oração eu saiba tomar consciência da Vossa presença na minha alma e tornar actual a minha união conVosco. Que ao menos nessas horas não Vos deixe sozinho no fundo do meu coração, mas saiba entrar em mim mesmo, «voltar a casa», e fechar-me no templo da minha alma onde Vós me esperais.

Ensinai-me e concedei-me, ó Jesus, aquela oração profunda que mergulha a alma em Deus e a inflama e fortifica pelo contacto vivo com Ele. Desejo também participar na Vossa oração, única adoração digna de Deus; por isso, ó doce Senhor, tomai a minha pobríssima oração, uni-a à Vossa, e oferecei-a Vós mesmo à Santíssima Trindade. Somente deste modo poderei chegar a ser também um daqueles «verdadeiros adoradores... em espírito e verdade» (Jo. 4, 23) que o Pai procura e deseja.

E para que a minha oração seja realmente semelhante à Vossa, ensinai-me ainda a alimentá-la com o sacrifício real e generoso: renúncia a uma hora de descanso, desapego das criaturas, silêncio, recolhimento interior; cumprimento fiel dos meus deveres; pequenas mortificações voluntárias; aceitação plena e alegre de toda a Vossa vontade, de todas as circunstâncias permitidas por Vós.

Fazei, ó Senhor, que todos os dias acabe a minha oração com disposições de maior generosidade, pronto a abraçar, por Vosso amor, todos os sacrifícios que encontrar no meu caminho.

60. JESUS E A VONTADE DO PAI

O Jesus, ensinai-me a seguir-Vos na Vossa vida de total e perfectíssima adesão à vontade do Pai.

1 — Cristo, «entrando no mundo diz: Não quiseste hóstia, nem oblação, mas formaste-me um corpo... Eis que venho para fazer, ó Deus, a tua vontade» (*Hebr.* 10, 5, 7). Esta é a disposição íntima e constante de Jesus perante a vontade do Pai. Aos Apóstolos que O convidam a tomar um pouco de alimento, o divino Mestre responde: «Eu tenho um manjar para comer que vós não sabeis... A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra» (*Jo.* 4, 32 e 34). O que Jesus deseja, o que O satisfaz, é unicamente cumprir a vontade de Seu Pai: nela está sempre fixo o Seu olhar interior e não faz a menor acção nem pronuncia uma palavra que não seja conforme à vontade do Pai. A vontade humana de Jesus está transformada e perdida na de Deus do modo mais pleno e perfeito, não agindo senão sob o Seu impulso. «Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou... Não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou» (*Jo.* 6, 38; 5, 30). Assim nos revela o próprio Jesus as disposições da Sua alma, o motivo profundo das Suas acções, a regra que O guia em toda a Sua vida até ao momento da Sua Paixão dolorosíssima em que, sentindo as repugnâncias da Sua natureza humana, repete: «Pai, não se faça a minha vontade, mas a Tua» (*Lc.* 22, 42).

2 — Também para nós, filhos adoptivos de Deus, o caminho da santidade, a regra da nossa conduta deve ser a vontade do Pai celeste. Devemos «alimentar-nos»,

como Jesus, desta vontade santa e santificante, alimentar-nos dela a cada instante, não procurando nem desejando senão viver e fazer dela o único grande móbil de acção da nossa vida. «É necessário chegar à plena conformidade do nosso querer com o de Deus, de modo que — como ensina S. João da Cruz — nem no nosso pensar, nem no nosso agir haja alguma coisa contrária à vontade divina» (cfr. S. I, 11, 2).

A conformidade com a vontade de Deus e o desenvolvimento da graça em nós são os dois elementos constitutivos da santidade, da vida de união com Deus, elementos que vão a par, porque um condiciona o outro: a uma maior conformidade da vontade corresponde uma graça maior. Jesus disse: «Se alguém me ama guardará a minha palavra... e nós viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23).

O cumprimento da palavra, ou seja, da vontade de Deus manifestada nos mandamentos, é a condição para viver em graça e gozar, portanto, da inabitação da Santíssima Trindade nas nossas almas. A vida da graça cresce e desenvolve-se em nós na medida em que a conformidade com o querer divino se torna mais completa e se observam não só os preceitos graves, mas as mínimas particularidades da Lei de Deus, se excluem não só os pecados mortais, mas também os veniais e até a mais pequena imperfeição voluntária. Cresce e desenvolve-se igualmente quando se procura o divino beneplácito em todas as coisas e se abraça tudo aquilo que Deus quer ou permite a nosso respeito. Em troca, a Santíssima Trindade dá-*Se* cada vez mais à alma e faz nela a Sua morada duma forma cada vez mais plena e profunda, tornando assim possível à alma uma maior união com Ela.

Jesus dizia também: o Pai «está comigo e não me deixa só *porque* eu sempre faço aquilo que é do Seu agrado» (Jo. 8, 29).

Colóquio — Ó Jesus, como quisera compreender um pouco a Vossa união estreitíssima com a vontade do Pai!

União profunda, inalterável, porque, como Deus, não podeis ter outra vontade senão a do Pai e como homem, a Vossa vontade não depende de um *eu* humano, mas pertence directamente à Vossa pessoa divina. Semelhante união só em Vós se pode dar, que sois o Verbo Incarnado e, apesar disso, quanto mais a contemplo, mais me sinto impellido a reproduzir em mim alguns dos Seus traços. Sois Vós mesmo, ó Jesus, quem me inspira este desejo, Vós que quisestes fazer-Vos nosso irmão e nosso modelo precisamente para que fôssemos semelhantes a Vós. Não fostes porventura Vós quem nos ensinou a dizer ao Pai celeste: «seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu»? Oh! sim! como esta divina vontade se realizou perfeitamente no céu da Vossa Alma santíssima, assim se realize no pequeno céu da minha alma.

«Ó bom Mestre, Vós sabeis que não há nada mais vantajoso para mim do que consagrar a minha vontade ao Vosso Pai; e, sabendo que por este caminho se pode ganhar o coração do Vosso Pai, mo ensinai e me ensinai o modo de O servir. Assim Vós próprio Vos fizestes meu intermediário e em meu nome Lhe dissestes: seja feita a Vossa vontade.

«Ó divino Pai, depois que o Vosso Filho, juntamente com a vontade de todos, Vos consagrou também a minha, não é razoável que eu não mantenha a Sua palavra...

«Ó Senhor, que força não tem junto de Vós o dom da vontade! Se se fizesse com a generosidade com que

deveria ser feito, não poderia deixar de Vos atrair a Vós, o Omnipotente, a fazer uma só coisa com a nossa fraqueza, transformando-nos em Vós, a criatura no Criador... Ó meu Deus, quanto mais vedes que o dom da nossa vontade se manifesta não com palavras de cortezia, mas com obras, tanto mais nos atraís a Vós, elevando a alma acima de si mesma e de todas as coisas terrenas... E não contente com a terdes unido a Vós próprio, fazendo-Vos uma só coisa com ela, começareis a pôr nela as Vossas delícias, a descobrir-lhe os Vossos segredos...

«Neste momento, ó meu Deus, livremente e sem reserva alguma, Vos consagro a minha vontade» (cfr. T. J. Cam. 32, 1-4).

61. AS OBRAS DE JESUS

Concedei-me, dulcíssimo Jesus, a graça de agir como Vós que para cumprirdes unicamente a missão do Vosso Pai, Vos deixastes em tudo dirigir por Ele.

1 — «As obras que meu Pai me deu para cumprir, estas obras... eu faço. — Importa que eu faça as obras d'Aquele que me enviou» (Jo. 5, 36; 9, 4). Jesus não tem outro intuito que não seja o de cumprir a missão confiada pelo Pai para a Sua própria glória e redenção da humanidade. Arde em desejo — «*desiderio desideravi*» (Lc. 22, 15) — de realizar até ao fim essa obra, e com este vivo desejo vai ao encontro da Paixão e abraça a Cruz.

Deus confiou a cada um de nós uma parte na grande obra redentora de Jesus: almas consagradas a Deus, somos chamados expressamente a colaborar na obra de

Cristo. Acima de tudo devemos colaborar com a graça, para que os frutos da Redenção sejam plenamente aplicados às nossas almas: esta é a obra da nossa santificação pessoal. Mas não basta. Somos chamados a santificar-nos para santificar; cada um de nós tem uma missão para o bem e para a santificação das outras almas: trata-se de colaborar com Cristo para fazer chegar ao maior número possível de almas os frutos da Redenção. Esta é a obra que o Pai celeste nos confia; devemos entregar-nos a ela com os mesmos sentimentos de Jesus: dedicação total, generosa, exclusiva e capaz de abraçar também os maiores sacrifícios. Cada uma das nossas acções tem apenas valor enquanto nos leva à realização desta empresa; tudo o que não serve para a nossa santificação ou para a santificação dos outros, é inútil, é perder tempo, e por conseguinte deve ser corajosamente eliminado.

Repitamos, do mesmo modo, com Jesus: convém que eu cumpra a obra que o Pai me confiou.

2 — «Não estou só, porque o Pai está comigo... O meu Pai opera... e eu opero também... Julgo segundo o que ouço [de meu Pai]... Nada faço de mim mesmo, mas como o Pai me ensinou assim falo» (Jo. 16, 32; 5, 17-30; 8, 28).

Jesus não só Se dá completamente à missão confiada pelo Pai, mas, ao cumprir tal missão e em cada um dos seus pormenores, age sempre em união com o Pai, numa perfeita harmonia com Ele, sempre sob a Sua dependência, seguindo unicamente quanto dEle ouve ou nEle vê. As acções de Jesus não fazem mais do que traduzir, de um modo humano e tangível, a obra incessante e invisível do Pai: «Tudo o que fizer o Pai, o faz igualmente

o Filho» (ib. 5, 19). «As coisas que eu digo — afirma Jesus — digo-as como o Pai me disse» (ib. 12, 50).

Toda a alma em graça pode dizer: não estou só, porque a Santíssima Trindade está comigo; em mim está o Pai, o Filho e o Espírito Santo. À semelhança da de Jesus, a nossa atitude deve ser: agir em contínua dependência de Deus presente em nós. Escutar a Sua voz íntima, o movimento interior da graça e, segundo esta, agir; procurar julgar segundo os juízos de Deus, ver à Sua luz todas as coisas e depois agir de tal forma que as nossas acções estejam sempre em harmonia com o olhar, os desígnios e o beneplácito de Deus. Também nós deveríamos poder dizer em cada uma das nossas acções: nada faço por mim só, actuo segundo o que Deus me inspira interiormente e segundo aquilo que mais Lhe agrada. Todas as obras, ainda as maiores, que se afastam desta norma de conduta, são sobrenaturalmente vãs e estéreis.

Colóquio — Ó Jesus, ponho a minha pobre alma diante da Vossa: dignai-Vos infundir-lhe os Vossos sentimentos de zelo pelas obras do Pai, de entrega completa e incondicional à missão dEle recebida. Como eu queria cumprir com o Vosso próprio zelo e amor a pequeníssima parte que me foi designada na Vossa grandiosa obra redentora! Mas preciso que me ensineis em que deve consistir este zelo para ser verdadeiro e fecundo.

Fazei-me compreender que antes de tudo devo empenhar-me na minha própria santificação, em corrigir os meus defeitos e em vencer as minhas más inclinações; este é o primeiro campo onde devo exercitar o meu zelo. Depois ensinai-me a dar-me com generosidade pelo bem das almas: oração e sacrifício são as grandes

armas que me mostrais, as mesmas que Vós usastes. Mas não Vos contentais que pense vagamente em ajudar as almas que estão longe, quereis que me ocupe primeiro, concretamente, do bem daqueles que vivem junto de mim. Ó Jesus, dai-me zelo e força para me sacrificar com generosidade a favor do meu próximo, dai-me força para renunciar aos meus gostos e comodidades, para me adaptar aos gostos dos outros, para me pôr à sua disposição, ao seu serviço. Ó Jesus, doce e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao Vosso, pois só com humildade, doçura e paciência poderei realizar um verdadeiro apostolado.

Dizeis-me ainda que o Vosso zelo não quer obras puramente humanas, empreendidas mais por inclinação natural à acção do que por moção da graça. Ó Jesus, assim como em todas as Vossas obras Vós dependíeis do Pai, agindo segundo o que nEle víeis ou dEle ouvíeis, fazei também que as minhas obras dependam da luz e da inspiração divina. Esta luz, esta inspiração, sois Vós que ma dais, Vós que, como Verbo, estais em mim juntamente com o Pai e o Espírito Santo. E porque sois Verbo, Palavra do Pai, não podeis permanecer mudo, estais em mim para que eu Vos escute. «Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-Vos» (I. T. El.), a fim de agir segundo os Vossos ensinamentos. Ó Verbo, Vós sois a luz com a qual tudo devo julgar e considerar; sois a palavra que deve dirigir todas as minhas acções. Vós sois o Mestre interior sempre disposto a instruir-me contanto que eu Vos escute! Oh! sim, fazei que mesmo no meio da actividade, a minha alma saiba permanecer à escuta da Vossa voz interior. Eu não estou só porque Vós estais sempre comigo, dentro de mim; fazei que nunca

actue como se estivesse só, mas ajudai-me a agir sempre conVosco, sempre dependendo da Vossa luz, da Vossa palavra.

Ó Jesus, assim como Vós sempre olháveis e escutáveis o Pai, assim quero sempre olhar-Vos e escutar-Vos e agir segundo aquilo que em Vós vejo e de Vós ouço.

62. JESUS E A GLÓRIA DO PAI

Ó Jesus, infundi em mim o Vosso amor e o Vosso zelo pela glória do Pai e ensinai-me a desprezar e a fugir de toda a glória pessoal.

1 — «Honro o meu Pai... Não busco a minha glória... Eu não recebo a glória dos homens» (*Jo.* 8, 49 e 50; 5, 41).

É evidente que Jesus só procura a glória do Pai e, para glorificar o Pai, escolheu para Si a humilhação mais profunda, até se tornar o «opróbrio dos homens e a abjecção da plebe» (*Sal.* 21, 7). Belém, Nazaré, o Calvário são as três grandes etapas da vida humilde e escondida de Jesus, que oculta aos olhos dos homens a Sua glória de Filho de Deus. Mas também na vida pública, onde mais se manifesta a Sua divindade, Jesus procura fugir o mais possível da glória dos homens. Muitas vezes, depois de ter operado um milagre, impõe silêncio; aos três apóstolos testemunhas da Sua transfiguração, ordenou «que a ninguém contassem o que tinham visto, senão quando... tivesse ressuscitado dos mortos» (*Mc.* 9, 8); e depois da primeira multiplicação dos pães, «sabendo que o viriam arrebatam para o fazerem rei, retirou-Se de novo ele só para o monte» (*Jo.* 6, 15).

A glória de Jesus é a de ser Filho de Deus: não quer outra. Aceitar alguma outra seria, por assim dizer,

renunciar a esta glória essencial, e por isso declara: «Se me glorifico a mim mesmo, não é nada a minha glória; meu Pai é que me glorifica» (Jo. 8, 54). Jesus sabe que depois da Sua morte será glorificado como Filho de Deus e Salvador do mundo, mas quer também que esta glória sirva para a glorificação do Pai: «Pai, é chegada a hora, glorifica a Teu Filho para que Teu Filho Te glorifique a Ti» (Jo. 17, 1).

2 — O cristão, à semelhança de Jesus, deve procurar somente a glória de Deus, e não deve querer para si outra glória senão a de filho de Deus, irmão de Jesus Cristo e membro do Seu Corpo Místico.

É necessário vigiar com cuidado o instinto do orgulho, que nos leva a buscar nas nossas acções, ainda as mais espirituais e santas, um pouco de satisfação, de louvor, de glória pessoal. Se procuramos glorificar-nos a nós próprios, mesmo em coisas pequenas, a nossa glória é vã; eleva-nos diante dos homens, mas rebaixa-nos diante de Deus, diminui-nos e pode mesmo pôr em perigo a nossa glória de filhos de Deus.

A complacência e a busca da glória humana, dificultam e cegam no caminho do espírito. Aos fariseus soberbos e presunçosos dizia Jesus: «Como podeis crer, vós que recebeis a glória uns dos outros e não buscais a glória que só de Deus vem?» (Jo. 5, 44). Somente uma profunda humildade nos permitirá vencer as lisonjas do orgulho, fazer calar as vozes interiores do louvor e da vã complacência de nós mesmos, buscar unicamente e em todas as coisas a glória de Deus. Voltando o nosso olhar para a atitude interior de Jesus, S. João da Cruz estimula-nos a renunciar a tudo o que não seja puramente a glória e honra de Deus: «Renun-

cie a qualquer gosto que se lhe ofereça... não sendo puramente para honra e glória de Deus, e fique vazio dele por amor de Jesus Cristo, que não teve nesta vida outro gosto, nem quis ter, senão o de fazer a vontade de Seu Pai» (S. I, 13, 4).

Colóquio — Dai-me, Senhor, o Vosso amor pela glória do Pai, fazei que também eu, embora pobre e miserável criatura, possa servir em alguma coisa o meu Deus e dar-Lhe glória.

«Ó Senhor, sede Vós servido que venha algum tempo em que eu possa pagar alguma coisa do muito que Vos devo! Ordenai Vós, Senhor, conforme fordes servido, que esta Vossa serva Vos sirva em alguma coisa. Quantas outras mulheres fizeram coisas heróicas por Vosso amor! Eu não sirvo para mais que para falar e assim não quereis, Deus meu, pôr-me em obras, porque tudo se vai em palavras e desejos; e ainda para isto não tenho liberdade porque então faltaria em tudo. Fortalecei Vós a minha alma e disponde-a primeiro, ó Bem de todos os bens e Jesus meu, e ordenai logo o modo como fazer alguma coisa por Vós, para que não haja de sofrer a pena de receber tanto e não pagar nada! Custe o que custar, Senhor, não queirais que apareça diante de Vós com as mãos tão vazias, pois conforme as obras se há-de dar o prêmio! Eis aqui, Senhor, a minha vida, a minha honra e a minha vontade! Tudo Vos dei, meu Senhor, disponde de mim, conforme à Vossa vontade. Bem vejo, meu Senhor, o pouco que posso, mas unida a Vós, tudo poderei, porque Vós não me deixais. Se Vos apartais, por um pouco que seja, serei precipitada na miséria» (T. J. Vi. 21, 5).

Vós, Senhor, fazeis-me compreender que para tra-

balhar pela Vossa glória e pela do Vosso Pai é preciso que eu esteja desprendido de todo o desejo de glória pessoal; de contrário, julgarei trabalhar por Deus quando na realidade, não farei senão servir o meu «eu».

Ó Jesus, Vós sabeis que para mim é este o maior perigo e o que mais temo nas minhas boas obras, especialmente nas minhas obras de apostolado. Por isso Vos suplico que useis de todos os meios para dele me afastardes; e se estes meios forem a humilhação, o insucesso, a crítica, não olheis à repugnância do meu orgulho, às minhas lágrimas; mandai-me tudo isso com abundância, pois de nenhum modo quero ser usurpador da Vossa glória nem arruinar com o meu orgulho as Vossas obras.

63. A TEMPESTADE ACALMADA IV DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA

Eu Vos adoro, Senhor, escondido na barquinha da minha alma: se estiverdes comigo, nada temerei.

1 — Na liturgia de hoje, e particularmente no Evangelho (Mt. 8, 23-27), Jesus aparece como o dominador dos elementos, o vencedor de todas as tempestades.

«E eis que se levantou no mar uma grande tempestade, de modo que as ondas alagavam a barca». Podemos pensar nas perseguições que desde há séculos têm caído sobre a barca de Pedro, a Igreja, ou também nas provas que Deus permite a cada alma. Em todo o caso, o espírito de fé diz-nos que qualquer luta ou tempestade da vida é sempre querida, permitida ou pelo menos não impedida por Deus: «tudo é graça» (T. M. J.

NV. 5-VI), tudo é fruto do Seu amor infinito. Deus não é um tirano que nos esmaga, mas um Pai que nos prova unicamente porque nos ama: se permite a dor, as tempestades interiores ou exteriores, individuais ou sociais, é só para tirar delas um maior bem. A virtude e o bem fortalecem-se nas dificuldades; o esforço feito para reagir leva-nos a ultrapassarmo-nos, o que não aconteceria em tempo de plena calma.

Jesus dorme tranquilamente no fundo da barca e os discípulos assustados acordam-no, gritando: «Senhor, salva-nos, que perecemos!»; e Ele responde-lhes em tom de censura: «Porque temeis, homens de pouca fé?»

Quando no meio das provações nos assustamos e desanimamos, no fundo é sempre por falta de fé. Ainda quando Deus Se esconde e tudo parece ruir e nos sentimos horrivelmente sós, é absolutamente certo que Ele jamais nos abandona, se não formos nós os primeiros a abandoná-lo. Em vez de perder a paciência ou de cair no desespero, é o momento de intensificar a nossa fé, de fazer actos enérgicos desta virtude: «Conto com Ele — dizia S.ta Teresa do M. Jesus —. Poderá o sofrimento atingir as barreiras da capacidade humana, mas tenho a certeza de que o Senhor nunca me há-de largar da Sua mão» (H.).

2 — Os Apóstolos só foram salvos quando recorreram a Jesus: enquanto lutaram e se cansaram sós, nada conseguiram. Muitas vezes não chegamos a poder dominar certas lutas interiores precisamente porque trabalhamos sós, mas o Senhor quer fazer-nos experimentar que o nosso esforço não é suficiente sem a Sua intervenção e por isso deixa-nos na tempestade até que recorramos a Ele com plena confiança. Deus quer certa-

mente os nossos esforços, mas não quer que fundemos neles toda a nossa esperança. Eis a causa de tantas faltas de progresso no caminho da santidade: contar excessivamente com os nossos recursos pessoais e pouco com a ajuda de Deus. É preciso estarmos bem convencidos de que «a nossa capacidade vem de Deus» (II Cor. 3, 5); devemos ter menos confiança em nós mesmos e mais confiança em Deus. Jesus pode tudo e a confiança faz milagres. «A alma alcança d'Ele tanto quanto espera» (J.C. N. II, 21, 8).

Mas podemos ainda considerar outro género de tempestades: as provocadas pelas dificuldades que muitas vezes encontramos na convivência com o próximo. O remédio é-nos dado por S. Paulo na Epístola (Rom. 13, 8-10): «A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor mútuo». O amor tudo vence: o amor de Deus vence as tempestades interiores; o amor do próximo que ama os irmãos por amor de Deus, vence as tempestades que nascem de divisões, incompreensões, choques de temperamentos. Se de certas pessoas não recebemos mais que amarguras e ofensas, sigamos o precioso conselho de S. João da Cruz: «aonde não há amor, ponha amor e tirará amor» (Cart. 22).

Colóquio — «Senhor meu, como sois um amigo verdadeiro e poderoso que podeis quanto quereis e nunca deixais de amar a quem Vos ama! Louvem-Vos todas as criaturas, Senhor do mundo! Quem desse vozes para dizer quão fiel sois a Vossos amigos! Todas as coisas faltam, Vós, Senhor de todas elas, nunca faltais. Pouco é o que deixais padecer a quem Vos ama. Que delicada, doce e saborosamente os sabeis tratar! Oh! Quem nunca se tivesse detido a amar ninguém senão a Vós!

Parece, Senhor, que se provais com rigor a quem Vos ama é para que, no extremo do trabalho se entenda o maior extremo do Vosso amor. Deus meu, quem tivesse entendimento e letras e novas palavras para encarecer Vossas obras como as entende a minha alma! Falte-me tudo, Senhor meu, mas se Vós não me desamparais, eu não Vos faltarei a Vós! Levantem-se contra mim todos os letrados, persigam-me todas as coisas criadas, atormentem-me os demónios, não me falteis Vós, Senhor, que eu já tenho experiência do lucro com que deixais a quem só em Vós confia!...» (T.J. Vi. 25, 17).

Despojai-me, Senhor, de toda a confiança nas minhas forças e fazei-me compreender que sem Vós nada posso: fazei-mo compreender também na prática, ainda que isso seja para mim doloroso e humilhante. Não, Senhor, não quero mais fiar-me em mim mesmo, mas quero pôr só em Vós toda a minha confiança. Com o Vosso auxílio continuarei a esforçar-me por praticar a virtude, por progredir nos Vossos caminhos, mas sempre com o olhar fixo em Vós, Sol divino, já que só Vós podeis fecundar os meus pobres esforços e fazer amadurecer os frutos da virtude. E no meio das tempestades refugiar-me-ei em Vós, invocar-Vos-ei com toda a força do meu coração e da minha fé, certo de que me concedereis aquela paz e aquela vitória que em vão procuraria longe de Vós.

64. JESUS E OS HOMENS

Ó Jesus, ensina-me a amar os meus irmãos como Vós os amais.

1 — Apesar da Alma santíssima de Jesus estar sempre imersa na mais íntima união com a Santíssima Trindade e, portanto, na mais profunda contemplação, Ele não permanece estranho às coisas da terra, nem alheio às necessidades dos homens. Porque Jesus veio precisamente por eles, para os salvar, para os conduzir ao Pai, entrega-Se-lhes com a máxima solicitude e dedicação. A mesma caridade que O une ao Pai, desce, através do Pai, aos homens que Jesus ama ternamente e quer remir porque são criaturas de Seu Pai, porque quer restaurar nelas a imagem e semelhança do Pai, segundo a qual foram por Ele criadas. Jesus manifestou da maneira mais comovedora a Sua terna solicitude para com os homens, comparando-Se ao bom pastor: «Eu sou o bom pastor, conheço as minhas (ovelhas) e as minhas conhecem-me. Como o Pai me conhece, assim eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas minhas ovelhas» (Jo. 10, 14 e 15). Jesus compara a Sua união de conhecimento e afecto para connosco à Sua união com o Pai; trata-se apenas de uma certa semelhança, no entanto Jesus gosta de falar dela. Ele vê e conhece o Pai no esplendor da Sua glória, mas vê e conhece também cada um de nós na realidade da nossa pobreza, das nossas dores e desejos; Ele ama o Pai e dá-Se totalmente para Sua glória; ao mesmo tempo ama-nos a cada um de nós e dá-Se todo para a nossa salvação; assim Jesus vê-nos e ama-nos unicamente no Pai e em relação a Ele. Por este motivo nos amou tanto e tanto fez por nós: o Seu

amor infinito ao Pai fez d'Ele o bom Pastor que dá a vida pelas Suas ovelhas.

2 — O recolhimento, o desejo de íntima união com Deus, o amor e a contemplação de Deus não nos devem tornar estranhos aos nossos irmãos, nem nos devem impedir de sentir as suas necessidades e sofrimentos, de nos darmos a eles com verdadeira caridade sobrenatural na medida requerida pelos deveres do nosso estado. Não há género de vida, mesmo a vida mais contemplativa, que exclua o dever e a necessidade de se ocupar do próximo: se as obras externas são reduzidas ao mínimo, é preciso concentrar as forças na oração e na imolação apostólicas.

O amor de Deus, se é verdadeiro e profundo, não fecha a alma em si mesma, mas leva-a sempre, de uma ou outra forma, a dedicar-se a todos os que pertencem a Deus, porque são Suas criaturas, Seus filhos, objecto do Seu amor.

Jesus, sendo Deus, não Se manteve afastado dos homens, mas aproximou-Se deles a ponto de querer sentir e experimentar em Si todas as suas misérias, até a própria tentação, «excepto o pecado» (*Hebr.* 4, 15); quis partilhar com eles uma vida de privações, de fadigas, de dura pobreza, de dor. Também nós, se queremos chegar a uma efectiva caridade fraterna, devemos sentir as dores, a pobreza, as necessidades materiais e espirituais do nosso próximo, compadecendo-nos dele e socorrendo-o. Devemo-nos sacrificar a nós mesmos, as nossas comodidades, o nosso bem-estar, para nos darmos aos outros. Contudo só poderemos fazer isto se o nosso amor ao próximo for semelhante ao de Jesus, quer dizer, se proceder do nosso amor a

Deus. Sômente quem ama por amor de Deus, pode ter uma caridade fraterna forte e constante que nunca desfalece.

Colóquio — Ó Jesus, como não me hei-de comover em face das Vossas solícitudes, do Vosso terno amor por nós, pobres criaturas? Vós que gozais da visão contínua da Santíssima Trindade e achais nela toda a Vossa felicidade e glória, não quisestes que essa felicidade e essa glória fossem só Vossas, mas quisestes tornar-nos participantes delas. Vejo-Vos partilhar connosco a nossa vida humana cheia de miséria e sofrimento para que, ao tornardes-Vos semelhante a nós na dor, fôssemos nós semelhantes a Vós na glória.

Os homens não Vos compreenderam nem corresponderam ao Vosso amor... cravaram-Vos na cruz; e Vós continuais a amá-los porque não o fazeis por interesse próprio, mas exclusivamente para glória da Santíssima Trindade. Ó Jesus que por amor do Vosso Pai tanto nos amastes e Vos destes todo a nós, fazei que por Vosso amor e para Vossa glória eu saiba amar os meus irmãos e dar-me a eles com plena generosidade.

«Ó Jesus meu, que grande é o amor que tendes aos filhos dos homens! O maior serviço que se Vos pode fazer é deixar-Vos a Vós por seu amor e lucro; e então sois possuído mais inteiramente. Embora não se satisfaça tanto a vontade em gozar, a alma goza em Vos contentar e vê que, enquanto vivemos nesta mortalidade, os gozos da terra são incertos, ainda que pareçam dados por Vós, se não vão acompanhados de amor do próximo. Quem não o amar não Vos ama, Senhor meu, pois com tanto Sangue vemos demonstrado o amor que tendes aos filhos de Adão» (T.J. Ex. 2, 2).

Ó Jesus, fazei que, tal como Vós, eu possa viver continuamente unido a Deus, embora permanecendo unido aos irmãos; que possa guardar o equilíbrio perfeito entre uma vida de contínuo recolhimento, de oração, de contemplação, e uma vida toda dedicada ao serviço do meu próximo.

65. VIVER CRISTO

Ó Jesus, dignai-Vos imprimir na minha pobre alma os traços da Vossa semelhança para que a minha vida seja um reflexo da Vossa.

1 — A imitação de Jesus não pode limitar-se a um aspecto particular da Sua vida, mas há-de levar-nos a viver Cristo, a assemelhar-nos totalmente a Ele. O princípio vital da nossa semelhança com Cristo é a graça: quanto mais graça recebermos, mais semelhantes nos tornaremos a Ele. A tendência principal da Alma de Cristo é uma caridade imensa que O impele a dar-Se totalmente pela glória do Pai e pela redenção dos homens. Idêntica tendência se desenvolve nas nossas almas à medida que a graça cresce em nós e que vivemos sob o influxo de Jesus de quem deriva a graça; e tanto mais quanto as nossas almas são dirigidas pelo mesmo impulso divino que dirigia a Alma de Jesus, ou seja, o Espírito Santo. Cada alma será portanto um *alter Christus* na medida em que recebe o influxo de Cristo, a Sua graça, as Suas virtudes, os dons do Espírito Santo e sobretudo a moção deste divino Espírito que a incita a dar-se totalmente para a glória de Deus e bem do próximo. Mas para que isso se realize dum modo total, temos de morrer continuamente a nós mesmos, «trazendo sem.

pre em nosso corpo a mortificação de Jesus... para que também a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal» (II Cor. 4, 10 e 11). Jesus viveu de mortificação para nos salvar e nós devemos viver de mortificação para que Cristo viva em nós e nós vivamos em Cristo. «Para mim o viver é Cristo» (Fil. 1, 21), é o grito do Apóstolo, que de tal maneira viveu a Sua vida que podia dizer: «Vivo, já não eu, mas é Cristo que vive em mim» (Gál. 2, 20).

2 — «Meu Deus, não quero senão aspirar a tornar-me uma perfeita cópia Vossa; e como a Vossa vida outra coisa não foi senão uma vida escondida de humilhação, de amor e sacrifício, assim quero que seja a minha daqui por diante» (T.M. Sp. pg. 324). A aspiração e o propósito de S.ta Teresa Margarida deve ser a de toda a alma que deseja realmente «viver Cristo». A Santa não pretende ser uma cópia de Jesus, separada dEle, Modelo divino, mas quer viver com Ele, por Ele e nEle - a Sua mesma vida. Trata-se de imitar Jesus, de se conformar e identificar com Ele por meio da graça e do amor, até ser, como se exprime Isabel da Trindade, «uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o Seu mistério» (El.).

Assim como o nome de *cristão* é um prolongamento do nome de Cristo, assim a vida do cristão deve ser um prolongamento da Sua vida. Já S. Paulo dizia: «completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo» (Col. 1, 24). A paixão de Jesus é perfeitíssima em si mesma, assim como a Sua vida, e não há nada a acrescentar aos Seus méritos infinitos; todavia Ele quer continuar a viver e sofrer em nós, membros do Seu Corpo Místico, para perpetuar até ao fim dos séculos

a Sua missão salvífica, ou seja, para aplicar os frutos da Sua Redenção a cada alma que vem a este mundo. Mas são poucas as almas de quem Jesus pode dispor para estes Seus fins altíssimos. Demo-nos, pois, totalmente a Ele para que na nossa humanidade Ele possa continuar a imolar-Se pela glória do Pai e salvação das almas, a adorar o Pai, a amar os homens, a fazer sentir a todos as solitudes do Seu coração cheio de misericórdia. Entreguemo-nos a Ele «para que a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal».

Colóquio — «Ó meu Cristo amado, crucificado por amor, queria ser uma esposa para o Vosso coração; queria cobrir-Vos de glória, queria amar-Vos... até morrer de amor!... Mas sinto a minha impotência e peço-Vos que me revistais de Vós, que identifiqueis a minha alma com todos os movimentos da Vossa alma; submergi-me, invadi-me, substitui-me por Vós, a fim de que a minha vida não seja senão uma irradiação da Vossa. Vinde a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador.

«Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, descei sobre mim para que se faça na minha alma como que uma encarnação do Verbo, que eu seja para Ele uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o Seu mistério» (I. T. EI).

Ó Jesus, este é também o meu grande desejo: ser um prolongamento da Vossa Humanidade a fim de que Vos digneis servir-Vos de mim com a mesma liberdade com que Vos servieis da Humanidade por Vós assumida. Agora Vós, glorioso no céu, podeis continuar a adorar o Pai, a interceder por nós, a distribuir a graça às nossas almas, a amar, a oferecer por nós os méritos da

Vossa Paixão, mas já não podeis sofrer. Sofrer é a única coisa impossível para Vós, glorioso e onnipotente; é a única coisa que Vós não tendes e que eu Vos posso dar. Pois bem, ó Jesus, eu Vos ofereço esta minha pobre humanidade para poderdes continuar em mim a Vossa Paixão para glória do Pai e salvação do mundo. Ó Jesus, renovai em mim o Vosso mistério de amor e de dor, continuai a viver em mim com a Vossa graça, com a Vossa caridade, com o Vosso Espírito. Como que-riera que a minha humilde vida fosse um reflexo da Vossa, exalasse o perfume das Vossas virtudes e sobretudo a doçura da Vossa caridade!

Vós bem sabeis que o mundo, para se converter, mais do que de palavras, precisa de santos nos quais reconheça e experimente o Vosso amor, a Vossa bondade infinita, nos quais Vos torne a encontrar, ó Jesus. Ainda que tão miserável, ó Senhor, também eu quero ser do número destes Vossos fiéis discípulos a fim de que Vós, por meu intermédio, continueis a conquistar almas para glória da Santíssima Trindade. Ó Jesus, dai-nos muitos destes santos e sobretudo fazei que deste número sejam os Vossos sacerdotes.

66. JESUS É O NOSSO TUDO

Ó Jesus, meu Deus e meu Redentor, fazei-me compreender como Vós sois o meu tudo e como em Vós encontro tudo o que a minha alma precisa.

1 — Jesus é ao mesmo tempo verdadeiro Homem e verdadeiro Deus. Como Homem, Jesus é o nosso Caminho: veio buscar-nos pela mão para nos reconduzir à casa paterna. É a fonte da nossa vida porque nos

mereceu a graça e a toda a hora no-la continua a dispensar, é o Mestre que nos ensina o caminho para ir a Deus, é o Modelo que nos mostra, com o Seu exemplo, como se deve viver como filhos de Deus. E tendo-nos feito participantes, pelos Seus merecimentos, daquela vida divina que Ele, como Verbo, possui em toda a plenitude, tornou-nos dignos de ser readmitidos na intimidade da família de Deus. Na Sua última oração, como que resumindo a Sua obra de Redentor, Jesus diz ao Pai: «Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, para que sejam um, como também nós somos um» (Jo. 17, 22). Sim, Ele deu-nos a Sua graça e o Seu Espírito, e comunicou-nos a Sua glória de Filho de Deus fazendo de nós verdadeiros filhos de Deus e templos do Espírito Santo.

Em Jesus, único e perfeito Mediador entre Deus e os homens, encontramos tudo aquilo de que podemos necessitar para a nossa santificação e para a nossa vida de união com Deus, com a Trindade.

Somos de Cristo, vivemos nEle, «o qual foi feito por Deus sabedoria para nós, e justiça e santificação e redenção» (I Cor. 1, 30).

2 — Como Deus, Jesus é o nosso *Fim*. Jesus é o Verbo Incarnado e como Verbo é em tudo igual ao Pai e ao Espírito Santo; portanto é o nosso princípio, como o Pai e o Espírito Santo, o Criador de quem procede toda a vida natural e sobrenatural. E sendo o nosso princípio, é também o nosso último fim, o nosso *Termo* para o qual, nesta vida, devemos tender pela fé, pelo amor, pelo serviço generoso e constante, para depois O podermos gozar eternamente no céu, juntamente com o Pai e o Espírito Santo. Se, como Homem, Jesus nos mereceu e dis-

pensa a graça, como Verbo Ele cria-a em união com as outras Pessoas da Santíssima Trindade; se, como Homem, mereceu e a toda a hora obtém que o Espírito Santo nos seja enviado, como Verbo, Ele, em união com o Pai, manda-O realmente às nossas almas, já que o divino Espírito procede dEle como do Pai.

Em Jesus temos, pois, o nosso Mediador e o nosso Deus. Por conseguinte, quando Ele, como Mediador, nos toma pela mão, também nos atrai a Si como Deus; e quando nos unimos a Ele como Homem, ficamos ao mesmo tempo unidos a Ele como Verbo-Deus. Podemos preferir, é verdade, fixar o nosso olhar sobre a humanidade de Jesus ou sobre a Sua divindade, mas uma ou outra sempre as contemplaremos no Verbo. Ir a Jesus é ir ao Verbo, e ir ao Verbo, ao Filho, é praticamente ir ao Pai, à Santíssima Trindade. Eis a razão porque S.ta Teresa sustenta com tanto ardor que nunca nos devemos separar de Cristo. «Por esta porta [Jesus] temos de entrar... Não queiramos outro caminho, por aqui vamos seguros. Deste Senhor nos vêm todos os bens» (Vi. 22, 6 e 7). E S. Paulo repete: «Vós estais cheios nele» de todos os bens; «Cristo é tudo em todos» (Col. 2, 10; 3, 11).

Colóquio — Ó Jesus, meu Deus e meu tudo! . Vós sois todo para mim e eu quero ser todo Vosso e consagrar-me totalmente ao Vosso amor e ao Vosso serviço.

«Já vejo, Esposo meu, que Vós sois todo para mim; não o posso negar. Por mim viestes ao mundo, por mim passastes tão grandes trabalhos, por mim sofrestes tantos açoites, por mim ficastes no Santíssimo Sacramento... Vejo claramente que, se queremos que a Soberana Majestade de Deus nos mostre os Seus segredos, temos

que entrar por Vós, Jesus, única porta, único guia... Quem Vos deixa não acertará no caminho.

«Sem Vós que sou eu, Senhor? Que valho se não estou unida a Vós? Onde vou parar se me desvio um pouco de Vós?

«Bem-aventurada a alma que Vos possui e Vos leva sempre consigo! Que outra coisa poderemos nós desejar quando temos em Vós um amigo tão afeiçoado que nunca nos abandona? Senhor meu, Misericórdia minha e meu Tesouro, que outro bem se pode desejar mais nesta vida, fora o de estar tão unido a Vós que já não seja possível divisão alguma? Que pode haver de difícil quando se está na Vossa companhia? Que coisa não se poderá fazer por Vós, tendo-Vos assim tão perto? Ajudada e protegida por Vós nunca mais Vos abandonarei.

«Que mais poderei fazer pelo meu Amado? Sim, meu Deus, em que coisa Vos posso ser útil? Que mais pode fazer por Vós esta alma que teve a triste habilidade de Vos ofender se não aproveitar as graças que Lhe destes? Que se pode esperar dos seus serviços? E supondo que, ajudada pela Vossa graça, possa fazer alguma coisa, que mais será senão a obra de um minúsculo verme? E que interesse poderá despertar num Deus tão poderoso? Só o amor pode dar direito a pensar que este verdadeiro Amante, meu Esposo e meu Bem, precisa de nós...

«Mas se vindes a mim, Senhor, como duvidar de que não Vos possa servir muito? Daqui em diante, Senhor, quero esquecer-me de mim própria e só pensar em que melhor Vos poderei servir e não ter outra vontade fora da Vossa. O meu querer não é poderoso: só Vós podeis tudo, meu Deus! Desde este momento quero fazer o que posso, que é determinar-me e pô-lo por obra» (cfr. T. J. P. 4, 8-11; Vi. 22, 6 e 7; M. VI, 7, 6).

67. A IGREJA

Ó Jesus que me destes a Igreja por Mãe, fazel que a ame com verdadeiro coração de filho.

1 — Jesus amou-nos tanto que quis permanecer no meio de nós até ao fim dos séculos; permaneceu connosco na Eucaristia, para ser o companheiro da nossa peregrinação, o alimento das nossas almas; permaneceu connosco na Sua Igreja, para ser o nosso guia, o nosso pastor e mestre. Jesus preparou o primeiro núcleo da Igreja com a Sua pregação, com a escolha e formação dos Apóstolos e, por último, deu-lhe a vida, morrendo por ela na Cruz. «A Igreja — observam os Santos Padres — nasceu na Cruz, do lado aberto do Salvador, à maneira de uma nova Eva, mãe de todos os viventes» (*Myst. Corp.*). Jesus, ao derramar por ela o Seu Sangue, santificou-a, comunicou-lhe os Seus poderes e constituiu-a Sua esposa, colaboradora e continuadora da Sua obra de santificação e de governo das almas. Jesus agora já não vive connosco no Seu *Corpo físico*, pois está sentado glorioso no céu à direita do Pai, mas vive connosco no Seu *Corpo místico*, a Igreja, Sua esposa e nossa mãe. Jesus vive na Igreja como Cabeça, porque é sempre Ele quem a governa invisivelmente mediante o Seu Espírito, o Espírito Santo; vive na Igreja como sustentáculo e vivificador porque é sempre Ele que lhe comunica a vida, que solicita do Eterno Pai, escolhe e dispensa a cada um dos seus membros as graças «segundo a medida do dom de Cristo» (*Ef. 4, 7*). A Igreja vive unicamente pela vida que Cristo lhe comunica; é santa pela santidade que Ele lhe participa, é mãe das almas pelos poderes e fecundidade que lhe derivam da sua

união com Ele. A união de Cristo com a Sua Igreja é tão íntima e vital, que esta pode ser considerada um prolongamento Seu. «Ele — ensina Pio XII — de tal maneira sustenta a Igreja e de tal maneira vive, de certo modo, na Igreja, que esta subsiste quase como uma segunda pessoa de Cristo» (*Myst. Corp.*). Por isso, tal como vamos buscar Jesus na Eucaristia para nos unirmos a Ele e nos alimentarmos da Sua carne imaculada, assim devemos ir procurar Jesus na Igreja, para sermos guiados e governados por Ele, vivificados pela Sua graça e alimentados pela Sua doutrina. Como não podemos cá na terra alcançar maior união com Deus do que aproximando-nos da Eucaristia, tão pouco podemos ter maior certeza de vivermos segundo o Seu espírito e de sermos guiados e ensinados por Ele, senão unindo-nos à Igreja e seguindo as Suas directivas.

2 — Ser «filho da Igreja» é o título mais glorioso para um cristão, depois do de «filho de Deus»; estes dois títulos não podem separar-se, mas um deriva do outro pois, como diz S. Cipriano, «não pode ter a Deus por Pai quem não tiver a Igreja por Mãe». Jesus quer salvar-nos e santificar-nos, mas quer fazê-lo por intermédio da Igreja. Deu por nós a Sua vida, derramou por nós o Seu Sangue, pôs à nossa disposição os Seus méritos preciosíssimos, deu-nos a Eucaristia, deixou-nos o património da Sua doutrina, porém quis que a Igreja fosse a única depositária e dispenseira destes bens infinitos, de modo a terem de recorrer a ela todos aqueles que pretendem usufruí-los. Vamos pois à Igreja cheios de confiança filial, certos de encontrar nela Jesus que nos santifica, nos alimenta, nos instrui, nos governa e dirige por meio dos Seus representantes. Se o pen-

samento de ser filhos da Igreja não faz vibrar os nossos corações, se o nosso amor à Igreja é fraco, se o nosso recurso a ela é pouco confiante, tudo isso provém da falta de espírito de fé: não chegámos a compreender suficientemente que a Igreja é Jesus que continua a viver no meio de nós para nos santificar, sustentar e conduzir à bem-aventurança eterna. «Nada — exclama Pio XII — se pode imaginar de mais glorioso, de mais nobre, nada sem dúvida de mais honroso do que pertencer à Igreja santa, católica e romana, pela qual nos tornamos membros de um único e venerando corpo [o Corpo místico de Cristo], somos guiados por uma única e excelsa Cabeça [Jesus Cristo], somos repletos de um único Espírito divino [o Espírito Santo], somos alimentados neste desterro por uma só doutrina e um mesmo Pão angélico, até que nos encontremos a gozar de uma única e sempiterna bem-aventurança nos céus» (*Myst. Corp.*). Amemos a Igreja «imagem perfeitíssima de Cristo» (*ib.*), amemos a Igreja esposa puríssima de Cristo e nossa Mãe, e assim como Ele a amou até «a adquirir com o próprio Sangue» (*Act. 20, 29*), amemo-la nós também com obediência e devoção filiais, com dedicação plena ao seu serviço para a sua glória e para a sua defesa.

Colóquio — «Ó Cristo, Senhor nosso, Vós transmitistes à Vossa Igreja o poder soberano que recebestes. Em virtude da Vossa dignidade, constituíste-la esposa e rainha. Ao seu poder soberano submetestes o universo inteiro. Decretastes no céu que os homens reconheçam o juízo da Igreja. Ela é a mãe de todos os viventes, e tanto mais digna quanto mais numerosos são os seus filhos.

«Todos os dias ela Vos gera, no Espírito, novos filhos. O mundo inteiro está coberto pelos sarmentos desta videira. Os ramos, sustentados pela árvore da cruz, sobem até ao reino dos céus.

«A Vossa Igreja, ó Cristo, é a cidade forte construída sobre um monte visível a todos os olhares e que a todos alumia. O seu fundador e ao mesmo tempo o seu primeiro cidadão, sois Vós, Jesus Cristo, Filho de Deus e Senhor nosso.

«Nós Vos pedimos, ó Rei eterno dos espíritos, Cristo Senhor, que estendais as Vossas mãos poderosas sobre a Vossa Igreja santa e sobre o povo santo que é sempre Vosso: defendei-o, guardai-o, conservai-o, combatei, desafiái, submetei todos os seus inimigos; vencei os que lutam a favor de uma potência invisível, como vencestes os nossos inimigos.

«Concedei à Vossa Igreja ser viva e pura, ter os santos anjos ao seu serviço, a fim de que Vos possa louvar com a pureza dos seus cânticos. Nós Vos pedimos por todos os membros desta Igreja; concedei a todos a reconciliação, o perdão e a remissão de todos os pecados: fazei que não pequem mais; sede a sua defesa; afastai deles toda a tentação; tende compaixão dos homens, das mulheres e das criancinhas; mostrai-Vos a todos e que o Vosso conhecimento esteja escrito em seus corações» (da Liturgia antiga).

68. O SACERDÓCIO

Senhor, concedei santos sacerdotes à Vossa Igreja.

1 — A Igreja, Corpo místico de Cristo, não deve ser considerada como uma coisa puramente espiritual que não se pode tocar nem ver; é um corpo concreto, visível nos seus membros, e estes são os fiéis, reunidos sob a direcção dos pastores. «Como num só corpo temos muitos membros e nem todos os membros têm a mesma função» (Rom. 12, 4), assim na Igreja há membros de importância diversa e com diferentes ofícios; há os simples fiéis e há os pastores, isto é, os sacerdotes propostos por Cristo para guias das almas. Dizer que Jesus nos santifica e governa por meio da Igreja, equivale a dizer que Ele nos santifica e governa por meio do sacerdócio, cuja cabeça são os Bispos e o Papa. Todos os poderes conferidos por Jesus à Sua Igreja foram colocados nas mãos dos sacerdotes por Ele escolhidos e tirados do meio do povo para os constituir Seus ministros: «Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a Vós... O que Vos ouve a mim ouve, e o que vos despreza, a mim despreza» (Jo. 20, 21; Lc. 10, 16). Todo o valor e excelência do sacerdócio reside nesta investidura por parte de Cristo, neste cargo de Seu representante e ministro. Disto devem estar conscientes os eleitos do Senhor, para viverem à altura da sua vocação. «Os sacerdotes — diz S. Pio X — devem ser santos na sua qualidade de amigos e representantes de um Deus santo». Os fiéis também devem disto estar conscientes a fim de verem e venerarem nos sacerdotes a própria pessoa de Cristo.

«Nós desempenhamos as funções de embaixadores

de Cristo, como exortando-Vos Deus por meio de nós», escrevia S. Paulo aos cristãos de Corinto (II, 5, 20), declarando-lhes o sentido exacto da sua autoridade sacerdotal. E S.ta Catarina de Sena exortava os seus discípulos a não verem nos sacerdotes senão a sua qualidade de «dispenseiros do Sangue do Cordeiro humilde e imaculado», não pondo os olhos nos defeitos que neles poderiam achar. O sacerdote continua sendo um homem falível, capaz de errar, mas isso não obsta a que seja o ungido do Senhor, marcado para sempre com o Seu sinete, dotado do poder de consagrar o Corpo de Cristo, de administrar os sacramentos em nome de Deus.

2 — Sem o sacerdócio não teríamos a Eucaristia nem a consolação inefável de ouvirmos dizer em nome de Deus: «são-te perdoados os teus pecados» (Mt, 9, 2). Sem o sacerdócio as igrejas estariam desertas, as escolas laicizadas, os esposos privados das bênçãos de Deus e os moribundos dos últimos auxílios, as criancinhas abandonadas ao mal e toda a humanidade sepultada na sua miséria, sem ter quem se esforçasse por levantá-la, para a reconduzir a Deus, para implorar a Deus em seu nome e em seu proveito. Jesus, único Mediador entre Deus e os homens, quis instituir o sacerdócio, a fim de perpetuar entre nós, de um modo visível, a Sua obra de mediação, de salvação, de santificação. O sacerdote acompanha-nos em todas as épocas da nossa vida: acolhe-nos recém-nascidos na pia baptismal, administra-nos os sacramentos, inicia-nos no conhecimento das coisas de Deus, indica-nos o caminho do bem, abençoa os nossos ideais, sustenta os nossos passos, conforta-nos na última agonia. Labor tantas vezes escondido na sombra, muitas vezes desconhecido

e nunca devidamente estimado; contudo preciosíssimo e indispensável. Por consequência, o dever do reconhecimento pelo dom do sacerdócio impõe-se a todo o cristão: dever de reconhecimento primeiro para com Jesus que o instituiu, mas depois também para com os que cumprem essa missão sublime. Este reconhecimento há-de manifestar-se não só no reverente respeito e na filial docilidade ao ministro de Deus, mas também na oração e no trabalho assíduo a favor do sacerdócio. O próprio Jesus no-lo ensinou: «Rogai ao Senhor da messe, que mande operários para a sua messe» (Mt. 9, 38). «Que oração — comenta Pio XI — pode existir mais agradável ao Coração santíssimo do Redentor?... Pedi e ser-vos-á concedido; pedi bons e santos sacerdotes e não os negará o Senhor à Sua Igreja» (*Ad Catholici Sacerdotii*). A oração devemos juntar as obras que «visam a proteger, promover e ajudar as vocações sacerdotais» (ib). Bem-aventuradas as famílias às quais foi concedida a honra de darem a Deus um sacerdote; bem-aventurados todos aqueles que, com a oração, o sacrifício e as obras contribuem para a formação de santos sacerdotes.

Colóquio — «Senhor meu, não olheis para os meus pecados, mas escutai a Vossa serya pela clemência da Vossa inestimável caridade. Quando Vos afastastes de nós, não nos deixastes órfãos, mas deixastes o Vosso Vigário e os Vossos ministros que nos dão o Baptismo do Espírito Santo; e não somente uma vez, mas sempre, em virtude do Vosso poder santo, lavam do pecado as nossas almas.

«Fazei pois, ó Piedade eterna, que o Vosso Vigário e os Vossos ministros tenham fome de almas, ardam

em santo zelo pela Vossa honra e se aproximem de Vós só, porque Vós sois a suprema e eterna bondade.

«Santificai ainda, ó Deus eterno, estes Vossos servos, para que Vos sigam só a Vós, de coração simples e vontade perfeita; não olheis para a minha miséria, mas plantai-os no jardim da Vossa vontade.

«Confesso Deus eterno, que o Vosso braço é poderoso e forte para libertar a Igreja e o Vosso povo, para o arrancar das mãos do demónio e fazer cessar as perseguições da santa Igreja. Confesso que a sabedoria do Vosso Filho, o qual é uma só coisa conVosco, pode iluminar os olhos do meu entendimento bem como os do Vosso povo e dissipar as trevas da Vossa doce Esposa, a Igreja.

«Suplico-Vos portanto e conjuro o Vosso poder, ó Pai eterno, a sabedoria do Vosso unigénito Filho e a clemência do Espírito Santo, fornalha e abismo de caridade, para que seja feita misericórdia ao mundo e lhe seja transmitido o calor da caridade com paz e união na santa Igreja. Ah! ai de mim! não tardeis mais: rogo-Vos que a Vossa infinita bondade Vos obrigue a não fechar os olhos da Vossa misericórdia sobre a Vossa santa Esposa, Jesus doce, Jesus amor» (S.ta Catarina de Sena).

69. OS SACRAMENTOS

Ó Jesus, que com tanta abundância me concedeis a Vossa graça, fazei que ela em mim não seja vã.

1 — Assim como o corpo humano é dotado de órgãos capazes de «prover à vida, à saúde e ao incremento

de cada um dos membros, de igual modo o Salvador do género humano... dotou de maneira admirável o Seu Corpo místico de sacramentos, pelos quais os membros, através de ininterruptos graus de graça, fossem sustentados desde o berço até ao derradeiro alento» (*Myst. Corp.*). A Igreja, Corpo místico de Cristo, é um Corpo vivo, dotado de órgãos capazes de propagar, conservar e alimentar a vida de todos os seus membros. Esta força vital provém-lhe da Sua divina Cabeça e é constituída pela graça, que Ele, Redentor amabilíssimo, um dia lhe mereceu, morrendo sobre a cruz e que difunde a toda a hora, mediante os sacramentos, em cada um dos Seus membros. Efectivamente, «quando com o rito exterior, a Igreja administra os sacramentos, é Ele quem produz o efeito interior» (ib.). Jesus, autor e senhor da graça — criada por Ele como Deus e merecida como homem — pode dispensá-la como quer e a quem quer, mesmo sem ser através dos sacramentos; contudo Ele quer comunicá-la normalmente por este meio, dando-nos assim um sinal sensível que mais nos certifique de a termos recebido. Não devemos porém esquecer que, se o rito externo do sacramento é indispensável para receber a graça correspondente, esta é sempre produzida por Jesus que, cooperando com os Seus ministros, intervém com o Seu poder santificador todas as vezes que estes administram um sacramento. Isto demonstra a profunda e inseparável união de Cristo com a Sua Igreja; Ele quer servir-Se da sua obra exterior para a santificação das almas, mas reserva para Si o poder de vivificar e tornar eficaz essa obra. Quando recebemos um sacramento não é apenas o sacerdote que atende ao bem da nossa alma, mas com ele está Jesus cuja acção omnipotente penetra e vivifica as fibras mais

Íntimas do nosso espírito. Eis porque os sacramentos, administrados a sujeitos capazes de recebê-los, têm por si mesmos uma eficácia infalível: neles opera a acção do próprio Deus.

2 — Os sacramentos actuam *«ex opere operato»*, quer dizer, produzem sempre a graça que significam, precisamente porque neles intervém a acção omnipotente de Cristo. Este é o motivo profundo da grande estima e do grande respeito que devemos ter por eles. A frequência e a facilidade com que determinados sacramentos se podem receber, faz com que muitas vezes nos aproximemos deles com descuido, com pouca atenção, e talvez, até com aquela despreocupação com que se tratam as coisas de pouco valor. Isto provém da falta de compreensão e de estima, da falta de espírito de fé. Quão necessário é renovarmos, reactivarmos a nossa fé, pormo-nos actual e sinceramente na presença do Senhor, e deste modo abrirmos a nossa alma de par em par à Sua acção! Aproximar-se de um sacramento significa aproximar-se de Cristo, pôr-se em contacto com Ele para receber a efusão da Sua graça e acolher de novo a comunicação da Sua vida divina. «É verdade — ensina Pio XII — que os sacramentos possuem uma virtude intrínseca, enquanto são acções do próprio Cristo, que difunde e comunica a graça da Cabeça divina aos membros do Seu Corpo Místico; mas para ter a devida eficácia, exigem uma boa disposição da nossa alma» (*Med. Dei*). Por outras palavras, cada vez que nos aproximamos de um sacramento, Jesus oferece-nos infalivelmente o dom da Sua graça, mas esta produzirá em nós o seu efeito santificante só em proporção da intensidade das nossas boas disposições. Tal como a

mais fecunda semente lançada em terreno inadequado, pouco ou nenhum fruto produz, assim a graça divina, embora santificante, por natureza, só frutifica em nós na medida da nossa boa vontade. Oh! como Jesus deseja que a graça, derramada com profusão mediante os sacramentos, encontre em nós corações bem dispostos, abertos à sua invasão, dóceis às suas moções!

Todo o sacramento nos traz um dom de graça santificante: ou a primeira graça ou o aumento da mesma; além disso oferece-nos a «graça sacramental» que lhe é própria. São, pois, riquezas imensas de auxílios divinos, possibilidades ilimitadas de santidade colocadas à nossa disposição. Procuremos com todas as nossas forças que dons tão grandes não permaneçam estéreis!

Colóquio — «Ó Verbo humanado, destes-nos os sacramentos que contêm o vigor do Vosso Sangue e da Vossa Paixão. Por meio deles a nossa alma é lavada no Sangue, embelezada pelo Sangue, alimentada com o Sangue.

«O Vosso sagrado Lado é a fonte da água e do Sangue, fonte donde brotam a água do baptismo e o sangue dos sacramentos. Banhamo-nos na água desta fonte ao receber o santo Baptismo e, por este banho, tornamo-nos capazes da glória de Deus e dos Seus dons. Bebemos o Sangue desta fonte mediante os santos sacramentos, em particular a confissão e o Sacramento do altar, pelos quais a alma se alimenta e nutre, refugiando-se, ó Cristo, na fonte do Vosso sagrado Lado.

«Oh! que grande é a dignidade dos sacerdotes! Eles são ministros desta fonte, banham-nos com a água do baptismo e nutrem-nos depois com o Vosso Sangue! Oh! que grande dignidade é a sua! São eles, Senhor, os Vossos secretários e tesoureiros porque, administran-

do-nos a Vossa palavra, nos manifestam os Vossos segredos e administrando-nos os sacramentos, distribuem-nos os Vossos tesouros» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó dulcíssimo e bom Jesus, Pai das luzes, de quem nos vem todo o dom perfeito, olhai-nos com misericórdia, a nós que Vos confessamos, a nós que verdadeiramente sabemos que nada podemos fazer sem Vós. Já que Vos destes como preço do nosso resgate, concedei-nos, embora indignos de tão alto preço, que nos rendamos à Vossa graça, inteiramente, perfeitamente e em tudo; de tal maneira que, feitos semelhantes à imagem da Vossa Paixão, recuperemos também a imagem da Vossa divindade que perdemos ao pecar» (S. Boaventura).

70. O VÍNCULO DA PERFEIÇÃO V DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA

Deus meu, fazei que acima de tudo eu deseje e busque a perfeição do amor.

1 — A Epístola de hoje (Col. 3, 12-17) chama a nossa atenção para o dever fundamental do cristão: a caridade. Pouco valem todos os programas e propósitos de vida espiritual, se não estão animados pelo amor e não conduzem à perfeição do amor. Pouco valem o desprendimento, a mortificação, a humildade e todas as outras virtudes se não dispõem o coração para uma caridade mais profunda, mais plena, mais expansiva. «Sobretudo — recomenda S. Paulo — tende caridade que é o vínculo da perfeição».

Não somente amor para com Deus, mas também amor para com o próximo; mais ainda, é pròpriamente

sob este aspecto que o Apóstolo, na Epístola do dia, fala da caridade, mostrando com grande subtileza como todas as nossas relações com o próximo devem ser inspiradas pelo amor. «Como escolhidos de Deus, santos e amados, revesti-vos de misericórdia, de benignidade, de humildade, de modéstia, de paciência; sofrendo uns aos outros e perdoando-Vos mutuamente se algum tem razão de queixa contra o outro». A característica dos eleitos de Deus, dos Seus amados e santos, é exactamente o amor fraterno; sem este distintivo Jesus não nos reconhece por Seus discípulos, o Pai celeste não nos ama como a Seus filhos, nem nos introduzirá no Seu reino. A vida espiritual requer o uso de muitos meios, comporta o exercício de muitas virtudes, mas é preciso estarmos atentos para não nos perdermos e não pararmos em particularidades, esquecendo o mais pelo menos, isto é, esquecendo o amor que deve ser o fundamento e o fim de tudo. Para que serviria a vida espiritual e a própria consagração a Deus, para que serviriam os votos religiosos se não ajudassem as almas a tender ao amor perfeito?

Eis o amor perfeito que o Apóstolo nos pede que tenhamos para com o próximo: misericórdia, compaixão; perdão recíproco, cordial, que não dá lugar a divisões ou atritos, que supera os contrastes e esquece as ofensas; caridade longânime que suporta qualquer sacrifício e vence qualquer dificuldade para estar em paz com todos, porque todos formamos em Cristo «um só corpo» porque todos somos filhos do mesmo Pai celeste.

Uma semelhante caridade fraterna é a garantia mais certa duma vida espiritual a caminho da santidade.

2 — A Epístola apresenta-nos o ideal da vida cristã, ideal de amor que deve unir todos os fiéis num só cora-

ção; o Evangelho (Mt. 13, 24-30) mostra-nos o terreno prático em que se há-de viver este ideal.

«O Reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas veio o seu inimigo e semeou cizânia no meio do trigo». No mundo, que é o Seu campo, semeou Deus o bem a mãos cheias, semeou graça e amor, semeou desejos de doação total, ideais de vida apostólica, de vida religiosa, de vida santa. Mas no meio de tanto bem veio o inimigo semear o mal. Porque permite Deus isto? Para joeirar os Seus servos, tal como se joeira o grão, a fim de os pôr à prova.

As vezes escandalizamo-nos ao reparar que o mal se insinua até nos melhores ambientes, vendo que até entre os amigos de Deus, entre os que deveriam servir de edificação aos outros, há alguns que se comportam indignamente; então, cheios de zelo, como os servos da parábola, quereríamos dar remédio e arrancar a cizânia: «Queres que vamos e a arranquemos?» Porém Deus responde-nos: «Não, para que talvez não suceda que, arrancando a cizânia, arranqueis juntamente com ela o trigo».

A cizânia é poupada não porque seja boa, mas em atenção ao trigo; assim Deus poupa os maus e não os tira do meio de nós para o bem dos Seus escolhidos. Ao pedir-nos que suportemos com paciência determinadas situações, tão inevitáveis quanto deploráveis, Deus pede-nos certamente um dos maiores actos de caridade, de compaixão, de misericórdia. Deus não diz que pacifiquemos com o mal, com a cizânia, mas que a suportemos com a paciência com que Ele mesmo a suporta. Porventura não houve um traidor no colégio apostólico? E contudo, Jesus qui-lo entre os Seus íntimos e com que

amor o tratou! A maior caridade é a exercida em favor daqueles que, pela sua má conduta nos proporcionam muitas ocasiões de perdoar, de pagar o mal com o bem e de sofrer injustiças por amor de Deus. Além disso devemos considerar que, se é impossível a cizânia converter-se em trigo, é sempre possível, no entanto, que os maus se convertam em bons. Acaso não se converteram a Madalena, o bom ladrão e o próprio Pedro que havia negado a Jesus? Este é um dos motivos mais fortes que nos devem impelir à bondade para com todos. O amor, quando é perfeito, permite-nos viver ao lado dos maus sem asperezas, sem contendas, sem sofrer a sua influência, mas pelo contrário, fazendo-lhes bem.

Colóquio — Ó Senhor Jesus, que sendo nobilíssimo, formosíssimo, inocentíssimo, amastes esta criatura baixíssima, feíssima e cheia de deformidades causadas pelo pecado, ensinai-me a imitar a Vossa imensa caridade, a fim de amar com um affecto sincero e cordial o meu próximo, embora cheio de culpas e defeitos, não excluindo sequer os que levam uma vida reprensível.

«Ensinai-me a amar a todos por Vosso amor, e então nunca me faltarão motivos de grande benevolência, ainda que tivesse de tratar com pessoas rudes, néscias ou cheias de quaisquer outras imperfeições. Só pondo os olhos em Vós, Senhor Deus, objecto de amor infinito, poderei superar todos os aborrecimentos e dificuldades que encontro nos contactos com o próximo.

«Ó Jesus que Vos adaptastes à minha miséria fazendo-Vos homem e revestindo-Vos da minha frágil natureza, ensinai-me a adaptar-me ao meu próximo suportando com paciência os seus defeitos e engenhando-me

por corrigir os meus e por suprimir da minha conduta tudo quanto possa desagradar aos outros» (Ven. João de J. Maria, o.c.d.).

Ó Senhor, quão longe estou ainda da verdadeira caridade e humildade! Vós me ensinai que não é grande virtude conviver com os bons e mansos; isto agrada naturalmente a todos e cada um de boa vontade está em paz e ama mais aqueles que pensam como ele. Mas ao contrário, é uma grande graça, virtude varonil e digna de muito louvor o saber viver em paz com os obstinados, os perversos, os indisciplinados e com aqueles que nos são contrários.

«Concedei-me, Senhor, eu Vo-lo rogo, esta graça, sem a qual não poderei conservar longo tempo a paz com o próximo, mas estarei sempre pronto a irar-me e indignar-me. Oh! como deveria antes corrigir-me a mim mesmo do que melindrar-me com as faltas alheias! Como deveria suportar os defeitos dos outros, se quero que por minha vez me suportem!» (cfr. *Imit.* II, 3, 2).

71. O BAPTISMO

Ó Deus, que sem merecimento nenhum da minha parte me fizestes Vosso filho, concedei-me que viva dum modo digno desta filiação divina.

1 — A Igreja, mãe zelosa pela salvação de seus filhos e solícita por os arrancar à escravidão de Satanás, para os fazer templos vivos do Altíssimo, não espera que o batizando esteja em situação de compreender o valor do baptismo para lho administrar, mas apressa-se a conferir-lho logo nos primeiros dias da sua

existência. O baptismo é assim o único sacramento que se recebe sem o concurso da própria vontade e sem a colaboração das disposições pessoais. A Igreja contudo, receando que o dom de Deus venha a frustrar-se por causa da inconsciência de quem o recebe, quer que os padrinhos se responsabilizem por ele, em nome do recém-nascido. Chegado este ao uso da razão, têm o dever sacrossanto de lhe fazer conhecer, apreciar e viver este grande sacramento. Eis portanto que aquele conhecimento e aquelas disposições que não pudeste levar pessoalmente à pia baptismal, estás obrigado a cultivá-los durante a vida toda, para viver duma forma digna do carácter recebido, para não impedir o desenvolvimento da graça baptismal, mas sim para favorecer o seu pleno florescimento. Deves viver conscientemente o teu baptismo, ou seja, deves viver de acordo com aqueles pedidos, renúncias e promessas formuladas pelos padrinhos em teu nome. Por ti pediram a fé, por ti renunciaram a Satanás, às suas obras e a todas as suas pompas, por ti declararam que desejavam receber o baptismo, a fim de que tu entrasses a tomar parte na grande e santa família de Deus. Deus, por meio da Igreja, livrou-te das cadeias do pecado, acolheu-te em Seus braços e colocou sobre ti o sinal indelével de filho Seu. O decorrer dos anos, as vicissitudes da vida, a falta de correspondência à graça e até os mais graves pecados — se tiveste a desgraça de os cometer — jamais poderão destruir em ti o carácter de filho de Deus. Pensa na honra, na grandeza, na felicidade de ser eternamente filho de Deus! «Considerai que amor nos mostrou o Pai [em querer] que sejamos chamados filhos de Deus e que o sejamos [na realidade]» (I Jo. 3, 1); e isto não só sem merecimento algum da nossa

parte, mas antecipando-Se a qualquer desejo ou petição, unicamente pela Sua bondade infinita.

2 — O baptismo é o princípio e a causa de toda a tua vida cristã, de todas as demais graças que recebeste e receberás até à morte. Mais ainda: transpondo os limites desta vida terrena, o baptismo é a causa e o princípio da tua glória eterna. Isto foi prefigurado no vestido branco e na vela acesa que te entregou a Igreja na sagrada fonte: «Recebe a veste cândida que hás-de levar imaculada ao tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que tenhas a vida eterna. Toma a lâmpada ardente e guarda irrepreensível o teu baptismo... a fim de que, quando o Senhor vier para as bodas, possas sair ao Seu encontro juntamente com todos os santos do céu e viver na eternidade» (*Rit. Rom.*). Estas palavras — tão profundas e significativas — deveriam estar gravadas na tua mente e no teu coração, para te chamarem continuamente ao dever de conservar a graça baptismal. Com o decorrer dos anos, outros deveres e outras obrigações se acumularam sobre os teus ombros, reclamando o teu tempo e a tua atenção; obrigações e deveres sagrados, porque unidos ao teu estado de vida e, por isso, queridos por Deus; entretanto não deves esquecer que o dever primordial é sempre aquele que é imposto pelo santo baptismo: conservar intacta a veste da graça. Ainda que pesem sobre ti outras obrigações urgentes: obrigações de família, de apostolado, de ministério ou de vida religiosa, lembra-te de que, primeiro e acima de tudo, tens o grave compromisso de viver o teu baptismo.

Se no início da tua vida cristã não te fosse administrado o baptismo, hoje não poderias alimentar-te do

Corpo do Senhor, não poderias ser apóstolo, não poderias estar consagrado a Deus pela profissão religiosa, não poderias ser Seu ministro: tudo isto deriva daquele primeiro elo de graça santificante. E se hoje não te preocupasses com viver o teu baptismo segundo a perfeição requerida pelo teu actual modo de vida, vã seria a tua piedade, vã as tuas comunhões, vã a tua actividade apostólica, vã finalmente a tua consagração a Deus e vão o teu próprio ministério.

Recorda as palavras que a Igreja, no dia longínquo do teu baptismo, pronunciou sobre tí: «Sai dele, espírito imundo, e deixa o lugar ao Espírito Santo Consolador... E sê tal na tua conduta que possas ser sempre templo de Deus» (*Rit. Rom.*).

Colóquio — «Conservai sem mancha, eu Vo-lo suplico, Senhor, o culto da minha fé e fazei que, até ao meu último suspiro, sinta o testemunho da minha consciência. Fazei que possua sempre — eu, baptizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — aquilo que professei no símbolo da minha regeneração.

«Fazei que Vos adore a Vós, nosso Pai e ao Vosso Filho juntamente conVosco; que seja digno do Espírito Santo, que de Vós procede e do Vosso único Filho. Tenho em verdade uma testemunha digna de fé para garantir o que creio, e é Aquele que disse: 'Pai, tudo o que Me pertence é Teu, e tudo o que Te pertence é Meu,' Jesus Cristo, meu Senhor que habita em Vós e que, sempre Deus, vem de Vós, está perto de Vós e é bendito pelos séculos dos séculos» (S.to Hilário).

«Renuncio a Satanás! Eis, ó Deus, a promessa do meu baptismo: promessa solene feita em presença da Igreja, promessa tão categórica que ninguém pode

dispensar-me dela, promessa escrita pela mão dos anjos e segundo a qual serei julgado na hora da morte.

«Quero, Deus meu, renovar hoje esta promessa com mais fervor e empenho. Por isso, de todo o coração e com todas as forças, renuncio a ti, ó Satanás; renuncio a ti, ó pecado abominável; renuncio a ti, ó detestável mundo!

«A Vós me entrego, ó meu Senhor Jesus Cristo, inteiramente e para sempre. Quero abraçar a Vossa santa doutrina com a fé, as Vossas santas promessas com a esperança, os Vossos divinos mandamentos e conselhos com o amor e a caridade. Quero seguir-Vos como minha Cabeça, como um membro que vive da Vossa vida» (S. João Eudes).

72. O CRISMA

Ó Espírito Santo confirmai de novo o que em mim operastes e fazei-me capaz de viver como verdadeiro soldado de Cristo.

1 — O baptismo é o sacramento da *iniciação* cristã, quer dizer, introduz-nos na Igreja, a grande família de Deus e infunde em nós a graça santificante pela qual nos tornamos filhos do Altíssimo e irmãos de Jesus Cristo. O crisma é o sacramento da *confirmação*, ou seja, *confirma-nos* e fortalece-nos na vida cristã para a qual o baptismo nos gerou. Se o baptismo é o nascimento para a vida cristã, a confirmação é a passagem para a vida cristã adulta. «A confirmação — diz o catecismo — faz-nos perfeitos cristãos e soldados de Jesus Cristo, dando-nos a abundância do Espírito Santo, isto é, da Sua graça e dos Seus dons, os quais nos *confirmam*

ou fortalecem na fé e nas outras virtudes contra os inimigos de Cristo».

Pelo baptismo somos consagrados templos do Espírito Santo, no crisma este divino Espírito vem a nós com maior plenitude, armando-nos *cavaleiros* de Cristo, aptos para combater em defesa da fé e da Igreja. Deste sacramento temos grande necessidade, sobretudo hoje, em que, multiplicando-se cada vez mais os inimigos de Deus bem como as ciladas e seduçõs do mal, é preciso grande coragem, e por vezes até heroísmo, para resistir firmes na fé e na moral católica. Imprimindo em nossas almas o carácter de «soldados» de Cristo, a confirmação infunde em nós a força correspondente e confere-nos o direito de receber, no momento próprio, as graças actuais necessárias para nos mantermos fiéis a Deus, apesar de todas as dificuldades e lutas que possamos encontrar; nisso precisamente consiste «a graça sacramental do crisma». Pode portanto dizer-se que, pelo menos virtualmente, o crisma é o sacramento que consagra os heróis do dever, que consagra os mártires, ou seja, que confere ao homem a força para viver e professar abertamente a sua fé, ainda à custa de grandes sacrificios, inclusive o da vida, se for necessário. Quando a pusilanimidade e o respeito humano intentam arrastar-te, repete a ti próprio as palavras audazes de S. Francisco de Assis: «Cavaleiro de Cristo, tens medo?», e a memória da tua solene consagração como cavaleiro de Cristo, realizada no feliz dia da tua confirmação te dará força para reagir e vencer.

2 — Falando do Crisma, S.ta Teresa do Menino Jesus escreve: «Tinha-me preparado com todo o cuidado para receber a visita do Espírito Santo, não com-

preendia que se não desse grande atenção à recepção deste sacramento de amor... Como os Apóstolos esperava com alegria a visita do Espírito Santo. Alegrava-me intensamente com o pensamento de em breve ser perfeita cristã» (T.M.J. M.A. pg. 88). Infelizmente raras são as almas que como esta santa jovem podem afirmar que se prepararam com verdadeira compreensão para receber este sacramento. Bem poucos pensam no Espírito Santo — o grande dom incluído que Se dá à alma para ser o seu Paráclito, ou seja, o conforto, amparo e guia — ou se pensam é tão superficialmente e tão de fugida que o crismando não tem a possibilidade de aprofundar este inefável mistério. Procuremos suprir, ao menos agora, a falta de preparação com que fomos um dia receber o Crisma. Meditemos na bela oração que o Bispo recitou ao impor-nos as mãos: «Ó Deus... mandai-lhes do alto dos céus o Autor dos sete dons, o Vosso Espírito Santo Paráclito; o Espírito de sabedoria e de entendimento; o Espírito de conselho e de fortaleza; o Espírito de ciência e de piedade. Enchei-os com o Espírito do Vosso temor e marcai-os com o sinal da cruz de Cristo para a vida eterna» (*Rit. Rom.*). O Espírito Santo baixou sobre nós com a abundância dos Seus dons. Ele confirmou-nos na fé, conferiu-nos a força necessária para viver como perfeitos cristãos, em total harmonia com as santas exigências da lei de Deus. «Recebereis a virtude do Espírito Santo, que descera sobre vós e me sereis testemunhas em Jerusalém... até às extremidades da terra» (*Act. 1, 8*), disse Jesus aos Apóstolos ao anunciar-lhes a vinda do divino Paráclito. Esta virtude recebemo-la nós também no dia do crisma e se nem sempre demos testemunho de Cristo com a nossa conduta, não foi por defeito do sa-

cramento, mas pela nossa falta de correspondência à graça por ele conferida. Se fomos fracos em lutar contra as paixões, contra o mundo, contra o demônio, foi porque não soubemos aproveitar a graça da fortaleza que o Espírito Santo nos concedeu no santo crisma.

Supliquemos a este divino Espírito que perdoe a nossa negligência e nos ajude a compensar de futuro as faltas do passado.

Colóquio — «Conheci-Vos, verdadeiro e único Deus, Espírito Santo que procede do Pai e do Filho, com Eles consubstancial e coeterno, Paráclito e Advogado nosso, que desceste em forma de pomba sobre Nosso Senhor Jesus Cristo e apareceste em línguas de fogo sobre os Apóstolos; Vós que desde o princípio ensinastes com o dom da Vossa graça todos os santos e eleitos de Deus e abristes a boca aos profetas, para que nar-rassem as maravilhas do reino de Deus; Vós que sois adorado e glorificado juntamente com o Pai e com o Filho por todos os santos de Deus. Também eu, filho da Vossa escrava, glorifico com o coração o Vosso nome porque me iluminastes. Vós sois a luz verdadeira; claridade verídica, fogo de Deus e mestre dos espíritos, que nos ensinai toda a verdade com a Vossa unção; Vós Espírito de verdade, sem o qual é impossível agrada-r a Deus, porquanto Vós mesmo sois Deus de Deus e luz de luz, isto é, procedeis de modo inefável do Pai das luzes e de Seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual sois glorificado e reinai, consubstancial a Eles, igual e coeterno, existente na essência duma indivisível Trindade.

«Ó Espírito Santo, saciai-me na torrente da Vossa

doçura, para que mais nada queira saborear da envenenada doçura do mundo» (S.to Agostinho).

«Ó Espírito Santo, amor infinito, que procedeis do Pai e do Filho, dai-me o espírito de adopção, ensinai-me a agir sempre como verdadeiro filho de Deus. Habitai em mim, fazei que eu habite em Vós, a fim de Vos amar como Vós me amais. Sem Vós nada sou: *sine tuo numine nihil est in homine...* Eu nada valho, mas conservai-me unido a Vós e enchei-me do Vosso amor para que permaneça, com a Vossa ajuda, unido ao Pai e ao Filho» (Dom C. Marmión).

73. A PENITÊNCIA (1)

Ó Jesus, Vós que ides em busca do filho pródigo, não desprezeis o meu coração contrito e humilhado, mas purificai-o no banho salutar do Vosso preciosíssimo Sangue.

1 — A graça, embora concedida com tanta abundância no baptismo e na confirmação, ainda que por si mesma tenha uma virtude santificadora infalível, não constrange o homem a praticar o bem, não o santifica sem a sua cooperação voluntária. O homem é sempre livre de corresponder ou não ao dom divino, e infelizmente tem sempre a triste possibilidade de resistir à graça, condescendendo com o mal e faltando assim aos seus deveres de filho de Deus e de soldado de Cristo. Prevendo exactamente estes possíveis desvios e

(1) Não falamos aqui da Eucaristia, tratando dela amplamente na IV parte. Quanto à Penitência, o assunto é completado pela meditação N.º 104: «A confissão».

quedas, Jesus instituiu um sacramento especial que tem o fim de curar as feridas do pecado, restabelecer na graça os pecadores e confirmar nela os fracos. «Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados» (Jo. 20, 23), disse o Senhor ao conferir aos Apóstolos, e aos seus sucessores o formidável poder de perdoar os pecados em Seu nome: poder que não deu aos anjos e nem sequer a Maria Santíssima, mas que reservou aos Seus ministros.

«Quem pode perdoar os pecados senão Deus?» (Mc. 2, 7), perguntavam-se os escribas escandalizados ao verem Jesus absolver os pecadores. Com uma atitude semelhante, oscilando entre a incredulidade e o escárnio, olha ainda hoje o mundo o sacramento da penitência, não sabendo nem querendo reconhecer no sacerdote o ministro de Deus. Mas para quem tem fé não há talvez outro sacramento que mova tanto à piedade, à devoção, ao reconhecimento, como este. Grandes são os sacramentos com que Jesus nos eleva à dignidade de filhos de Deus e de Seus cavaleiros; infável é o sacramento com o qual, sempre que o quisermos, nos alimenta com a Sua Carne imaculada; mas não é porventura mais comovedor ainda o sacramento da penitência, por meio do qual Jesus vai em busca do cristão que O traíu, do soldado que desertou das Suas fileiras, do filho que depois de ter comido à Sua mesa, se retirou para comer as bolotas dos animais imundos? Em vez de Se irritar e de rejeitar aquele que tão mal correspondeu aos Seus imensos dons, Jesus institui de propósito um sacramento para lhe oferecer o Seu perdão, a Sua misericórdia, e para sarar essa alma que, já revestida da veste nupcial da graça e regenerada no Seu preciosíssimo Sangue, caiu no pecado, tornando-se Sua inimiga.

2 — Se bem que o sacramento da penitência seja somente necessário para perdoar os pecados mortais, contudo a Igreja recomendou e louvou sempre o seu uso frequente mesmo para aqueles que apenas têm de se acusar de simples faltas veniais. «Recomendamos encarecidamente — diz Pio XII — o piedoso uso, introduzido na Igreja por inspiração do Espírito Santo, da confissão frequente, mediante a qual se aperfeiçoa o conhecimento exacto de si próprio, cresce a humildade cristã, se extirpam os maus costumes, se resiste à negligência e torpor espirituais, se purifica a consciência, se fortalece a vontade, se procura a salutar direcção da consciência e se aumenta a graça em virtude do mesmo sacramento» (*Myst. Corp.*). A confissão frequente foi sempre considerada, pela genuína tradição católica, uma escola de perfeição e um meio efficacíssimo, não só para corrigir os defeitos e más tendências, como também para crescer na virtude. Quando o penitente, vendo no confessor a própria pessoa de Jesus Cristo, lhe descobre as suas faltas e fraquezas com humilde sinceridade, acompanhando a acusação com verdadeiro arrependimento e vivo desejo de se emendar, o sacramento produz nele efeitos maravilhosos. Não só lhe são perdoadas as suas infidelidades e recebe um aumento de graça santificante, como ainda lhe é dada generosamente a «graça sacramental» que lhe garante o auxílio divino para corrigir os seus pontos fracos, para vencer as tentações a que está mais exposto e para superar as dificuldades especiais que encontra na prática da virtude.

· Não há melhor medicina para os males e doenças do espírito do que a confissão frequente bem feita, isto é, a confissão humilde, sincera e dolorosa das próprias

fraquezas. Jesus espera-nos neste sacramento do Amor misericordioso, não somente para lavar as nossas almas com o Seu preciosíssimo Sangue, mas para as fortalecer neste banho salutar, para as robustecer e premunir contra os ataques futuros da tentação e do mal. Todos os méritos da Paixão de Jesus, todo o valor infinito do Seu Sangue são aplicados à nossa alma na confissão, e nós sairemos deste sacramento tanto mais renovados, santificados e fortalecidos no bem, quanto mais nos aproximarmos dele com um coração contrito e humilhado.

Colóquio — «Alma minha, se tu pecaste e ficaste ferida, eis o teu Deus, eis o teu Médico pronto para te curar. A Sua onipotência permite-Lhe absolver-te num momento de todos os teus pecados; a Sua bondade e misericórdia movem-no a perdoar-te.

«Acaso te enchas de medo, por Ele ser o teu juiz? Mas confia, ó minha alma, porque se é o teu juiz, é também o teu defensor. É o teu defensor para te desculpar e justificar, se te arrependeres; é o teu juiz, não para te condenar, mas para te salvar, se te humilhares. A Sua misericórdia é infinitamente maior do que todas as tuas iniquidades. Digo-te isto, não para que, permanecendo no teu pecado, te tornes indigna da Sua piedade, mas para que, apartando-te do mal, não desesperes da Sua clemência e perdão» (B. Luís de Blois).

«Ó fonte de amor, ó meu amantíssimo Senhor Jesus Cristo, Vós transbordais de tanta e tão inefável bondade, que sempre amando-nos, nos prevenis; se Vós procuramos, logo Vos apresentais e nos saís ao encontro; Vós amais, e a Vossa imensa caridade estende-se até aos Vossos inimigos. A nenhum recusais dar-Vos a Vós mesmo;

a nenhum desprezais, mas a todos chamais e recebeis com rosto amigo. A Vossa caridade é tão imensa e exuberante, que convidais à penitência aqueles que jaziam miseravelmente no pecado e muitas vezes, embora se revoltem, obrigai-os a regressar.

«Dignai-Vos, pois, ajudar-me ó misericordiosíssimo Senhor Jesus Cristo, fogo e luz de amor; acendei e iluminai o meu coração duro e rebelde ao Vosso amor, de tal maneira que, com o Vosso auxílio, me arrependa, por Vosso amor, dos meus pecados; que eu faça penitência deles, que me dê com um coração puro, humilde e amante à prática das obras que Vos são agradáveis, a fim de que prevenido, acompanhado e seguido pela Vossa graça, viva do Vosso amor na vida presente e, acabada esta, obtenha, pela Vossa misericórdia, a vida eterna, para Vos amar na glória» (Ven. Raimundo Jordão). (1)

74. A UNÇÃO DOS ENFERMOS

A Vossa graça, Senhor, purifica-me de toda a culpa, para me poder apresentar imaculado na Vossa presença.

1 — Dum modo muito expressivo, a unção dos enfermos é definida «*sacramentum exeuntium*» (Conc. Trid.), quer dizer, o sacramento dos que estão prestes a partir deste mundo para entrar na eternidade. A vida cristã, iniciada no baptismo, aperfeiçoada com a confirmação, alimentada pela Eucaristia e restaurada pela penitência, encerra-se e, por assim dizer, coroa-se

(1) Antigo autor conhecido na literatura ascética sob o pseudónimo de «Idiota».

com a unção dos enfermos que, completando a obra de purificação da alma e fortalecendo-a contra as dificuldades do último instante, a prepara para comparecer na presença de Deus. Com efeito o fruto particular deste sacramento, como ensina o Concílio de Trento, «é a graça do Espírito Santo, cuja unção tira os resíduos do pecado, alivia e conforta a alma do enfermo, avivando nele uma grande confiança na misericórdia divina, para suportar mais corajosamente os sofrimentos da doença e resistir mais facilmente às tentações do demónio». A unção dos enfermos também tem, sem dúvida, o poder de «apagar os pecados veniais e mortais que o doente, contrito, não pode confessar» (Catec. S. Pio X); todavia a sua graça particular não consiste nisso, que é antes o efeito próprio do sacramento da penitência, mas em destruir as últimas consequências do pecado, curando a alma de toda a languidez e fraqueza produzida nela pelos pecados cometidos durante toda a vida e já perdoados pela confissão. Assim como o crisma confirma e aperfeiçoa a graça recebida no baptismo, do mesmo modo a unção dos doentes aperfeiçoa a purificação da alma já realizada pela penitência. «Ó Redentor nosso — ora a Igreja ao administrar a unção aos enfermos — curai, pela graça do Espírito Santo, as doenças deste enfermo, sarai as suas feridas e perdoai-lhe os seus pecados; fazei cessar todas as dores da sua alma e do seu corpo, e dai-lhe uma *perfeita saúde espiritual e corporal*». A perfeita saúde da alma, quer dizer, a remissão total não só dos pecados, mas de todas as suas consequências, é o fruto da unção dos enfermos, pela qual o moribundo, aliviado de todo o peso das faltas cometidas, pode ir serenamente ao encontro da hora derradeira.

2 — A unção dos enfermos, ensina S. Tomás, é o último sacramento e, de certo modo, a «consumação» de toda a obra purificadora da alma, que prepara o homem para a participação da glória.

O moribundo que recebe este sacramento com as devidas disposições, obtém a remissão plenária de todos os seus pecados e da pena que lhes é devida, de sorte que pode passar directamente deste desterro para a glória eterna, sem ter de esperar no Purgatório. No entanto, apesar de ser este o fruto normal da unção dos enfermos, poucos são os que, na prática, o conseguem inteiramente, e isto por falta das necessárias disposições. Não há talvez sacramento de adultos que seja tão incompreendido como o da unção dos enfermos, recebido à pressa, com frequência de improviso, de todo ou quase inconscientemente, o que tem como consequência a anulação de grande parte dos seus preciosos frutos. Porém, quão necessário seria procurar, nos limites do possível, que os doentes se preparassem para o receber a tempo, com plena consciência e profunda piedade, a fim de que se aproveitassem plenamente da grande graça que ele oferece! (1) O receio de impressionar o enfermo ou familiares não deve impedir-nos de cumprir, com caridade e delicadeza, este piedoso serviço, serviço do qual um dia todos nós precisaremos, e ditosos de nós se acharmos quem no-lo saiba prestar

(1) Para combater a ideia de que este sacramento se deve receber só nos últimos momentos, o Concílio Vaticano II prefere chamá-lo «Unção dos enfermos», e ensina que «é tempo oportuno para a receber quando o fiel começa, por doença ou por velhice, a estar em perigo de morte». (Constituição S. Liturgia n.º 73).

no momento oportuno! Além disso, os preconceitos que muitas vezes o povo tem contra este sacramento, podem ser dissipados fazendo-lhe recordar que não se ordena somente à saúde da alma, mas também à do corpo quando ela entra nos desígnios de Deus e pode aproveitar ao bem do espírito. O mais importante é assegurar aos moribundos a perfeita tranquilidade de consciência, a consolação e o auxílio divino nos penosos sofrimentos e duros combates da agonia para que, enfrentando valorosamente os últimos assaltos do inimigo, aceitando a morte com resignação, como vinda das mãos de Deus e abandonando-se confiadamente à Sua divina misericórdia, possam chegar enfim à Pátria celestial. Então se cumprirá neles a comovedora oração da Igreja: «Parte, alma cristã, deste mundo, em nome de Deus Pai que te criou, em nome de Jesus Cristo que por ti morreu, em nome do Espírito Santo que te foi dado» (*Rit. Rom.*).

Colóquio — «Vós nos mitigastes o terror da morte, Senhor; do termo desta vida fizestes o princípio da vida verdadeira. Deixais repousar durante algum tempo os nossos corpos, só durante algum tempo; logo os despertareis com a trombeta final. A fim de que nos conserve, nos confiais à terra plasmada pelas Vossas mãos; depois retomareis os nossos restos mortais para os vestirdes de beleza imortal.

«Para nos salvardes da maldição do pecado, fizestes-Vos por nós maldição e pecado. Preparastes a nossa Ressurreição quando abalastes as portas do inferno e aniquilastes com a Vossa morte aquele que possuía o império da morte.

«Aos que tinham medo, lhes destes o sinal da cruz,

para aniquilar o inimigo e nos garantir a vida, ó Deus eterno, a quem desde o seio de minha mãe fui oferecido, ó Deus, a quem amei com todas as minhas forças.

«Colocai a meu lado um anjo de luz que me conduza ao lugar do refrigerio donde emana a fonte que sacia, junto dos santos Padres, ó Mestre.

«Vós destes o paraíso ao homem que foi crucificado conVosco e que implorara o Vosso perdão. Lembrai-Vos também de mim no Vosso reino, pois conVosco estou crucificada porque macerei a minha carne com o Vosso temor e tremi perante o Vosso juízo. Que abismo não me separa dos Vossos escolhidos! Não Vos lembreis mais dos meus pecados e se faltei devido à fragilidade da minha natureza, por palavra, por obra ou por pensamento, perdoai-me, pois tendes o poder de perdoar os pecados sobre a terra. Que ao depor a veste do corpo, seja minha alma encontrada sem culpa. Ainda mais: dignai-Vos receber em Vossas mãos a minha alma sem culpa e sem mancha como oferenda agradável» (S.ta Macrina).

75. A VOCAÇÃO

Deus meu, fazei que ao privilégio do Vosso chamamento eu corresponda com um coração profundamente humilde e plenamente generoso.

1 — Num sentido amplo, pode chamar-se «vocação» a todo o convite dirigido por Deus às almas; falamos assim de «vocação à vida cristã». «Bendito o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo... — exclama S. Paulo — ele mesmo nos escolheu antes da criação do

mundo para sermos santos e imaculados diante dele. O qual nos predestinou para sermos seus filhos adoptivos» (Ef. 1, 3-5). Eis a vocação altíssima de todo o cristão, vocação pela qual nunca renderemos ao Senhor as devidas graças e à qual jamais corresponderemos suficientemente. Porém, ao lado desta, que é a vocação universal de todos os cristãos, outras há mais específicas, que designam um chamamento divino a um estado de vida diferente do ordinário, próprio dos casados ou daqueles que aspiram ao matrimónio e é particularmente neste sentido mais restrito que se usa o termo «vocação». Diz-se que uma pessoa tem «vocação» quando é chamada pelo Senhor a um estado de vida «superior» ao ordinário; estado que estabelecerá relações especiais entre ela e Deus, transformando-a numa pessoa «consagrada», isto é, reservada só para Deus. Exactamente por isso, Deus pede às almas «chamadas» que renunciem à vida do século na qual os indivíduos contraem laços que geram entre eles uma profunda união e pertença mútua. Em vez de ligar a sua vida à de outra criatura, a alma consagrada liga-se a Deus mediante o vínculo puríssimo da castidade perfeita; deste modo ela não se pertence mais nem a si mesma nem às criaturas, mas unicamente a Deus. Esta total «pertença» a Deus é precisamente a característica da alma consagrada quer a sua consagração seja a sacramental e carismática do sacerdócio, quer a proveniente da profissão religiosa ou de um voto privado de castidade perfeita. E não só é a sua característica, mas também a sua glória e o motivo profundo da sua dignidade, porque tanto quanto Deus é superior à criatura, assim é superior a honra de Lhe pertencer comparada com a honra de pertencer a uma criatura.

2 — A vocação, isto é, o chamamento à consagração a Deus, é um *privilégio*: privilégio devido não ao mérito de quem é chamado, mas unicamente ao beneplácito divino. Deus escolhe a quem quer, quando quer e como quer. «Nem todos compreendem esta palavra — disse Jesus, falando da castidade perfeita — mas [sòmente] aqueles a quem foi concedido» (Mt. 19, 11); e foi-lhes concedido só porque assim aprouve a Deus, porque assim Ele o quis. «Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi a vós» (Jo. 15, 16). Na raiz de toda a vocação há uma eleição divina, eleição totalmente gratuita, devida sòmente ao Seu amor. Todo o que é chamado há-de justamente considerar-se um *privilegiado* de Deus, mas um privilegiado sem merecimento algum pessoal, unicamente porque assim o quis o Altíssimo nos imprescrutáveis desígnios da Sua vontade. Todo o que é chamado pode e deve pensar que Deus poderia chamar outros bem mais merecedores, bem mais virtuosos, muito melhor dotados do que ele; e em face deste mistério da eleição divina, que recai sobre a sua pequenez, só lhe resta abismar-se na gratidão e na humildade. Juntamente com Maria, a grande predilecta de Deus, toda a alma consagrada pode entoar o seu *Magnificat*: «A minha alma glorifica o Senhor; e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador. Porque lançou os olhos para a baixeza da sua escrava» (Lc. 1, 46-48). O olhar de Deus que pousa com particular amor sobre uma criatura, é a história de toda a vocação. Essa criatura é pobre, é fraca, é miserável; não importa. Deus bem sabe de que barro a formou; Ele volve os Seus olhos para a sua pobreza, atraindo-a para Si. «Eu ameí-te com amor eterno, por isso, compadecido de ti, te atraí a mim» (Jer. 31, 3).

A escolha de Deus é absolutamente livre e não pode

ser determinada nem pelos méritos, nem pelas qualidades das criaturas; por outro lado, Ele, Sabedoria e Onnipotência infinitas, não precisa dos dotes das Suas criaturas e nem sequer os procura, antes pelo contrário, a eleição recal frequentemente sobre os mais fracos, sobre aqueles que o mundo despreza. Deus só procura corações capazes de se darem a Ele com plena generosidade e sem nenhuma reserva.

Colóquio — «Ó Bondade infinita, Vós nos escolhestes para criaturas Vossas antes de nos terdes infundido o ser e por isso bem pudestes dizer: 'Não fostes vós que me escolhestes, porque sendo nada, não tínheis poder para escolher, fui eu que vos escolhi a vós'.

«Escolhestes-nos, fazendo-nos criaturas Vossas e criando-nos à Vossa imagem e semelhança, movido apenas pela Vossa bondade. Escolhestes-nos com nova eleição no santo baptismo, fazendo-nos Vossos filhos, visto que nós, gerados no pecado, não podíamos aspirar a tanta honra, se Vós não nos tivésseis chamado a tal estado.

«Sempre e só pela Vossa bondade, ó meu Deus, me escolhestes a mim e a tantas outras criaturas a fim de que nos consagrássemos inteiramente a Vós; escolhestes-nos de muitos modos, com inspirações interiores e por mil caminhos. Elegestes-nos especialmente para nos tornardes capazes de Vós, para nos fazerdes conhecer e participar do Vosso próprio ser.

«Ó grandeza da criatura por Vós escolhida! A que sublime e alto estado foi chamada e quão grande é a sua vileza, quando, em lugar de corresponder à Vossa eleição, não resiste ao pecado!

«Ó doce Esposo, constantemente quero pedir-Vos esta

graça; que todas as almas por Vós escolhidas tenham luz e perfeito conhecimento do seu estado e renunciem de bom grado a si mesmas para se darem ao Vosso serviço.

«Oh! quão necessário é dirigir-Vos esta súplica, Senhor meu! Oh! quão necessário é que nos concedais esta graça para que os Vossos eleitos Vos sirvam com perfeição!» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Venho, venho a Vós, ó Jesus amantíssimo, a quem amei, a quem busquei, a quem desejei sempre. Venho pela Vossa doçura, pela Vossa piedade, pela Vossa caridade; venho com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças. Sigo-Vos porque me chamastes. Não queirais mortificar-me, agi comigo segundo a Vossa mansidão e segundo a grandeza da Vossa misericórdia» (S.ta Gertrudes).

76. CORRESPONDENCIA À VOCAÇÃO

Ó Senhor que incessantemente me chamais, atraindo-me a Vós, fazei que eu responda à Vossa voz com renovada generosidade.

1 — Deus chama, contudo não força ninguém; deixa ao homem a plena liberdade de dar o seu consentimento e de aceitar o Seu divino convite. «Se queres ser perfeito... vem e segue-me» (Mt. 19, 21), diz o Senhor a toda a alma escolhida, deixando-lhe, como ao jovem do Evangelho, a responsabilidade de responder ou não à Sua chamada. Porém, quando Deus chama, é terrível fechar o coração à Sua voz e rejeitar o Seu convite. Quem ousará afastar de si o olhar de predilecção que

o Altíssimo Ihe dirigiu, chamando-o em Seu seguimento?

A voz divina que chama, deve responder a voz da criatura, que com humildade e alegria, com reconhecimento e gratidão pronuncia o seu *sim* pleno e total: *Ecce venio*, «Eis-me que venho para fazer, ó Deus, a Tua vontade» (*Hebr.* 10, 7). À escolha de Deus, que primeiro foi ao seu encontro, deve seguir-se a escolha da criatura, que por sua vez escolhe a Deus como sua única porção, única posse e único amor, acima de tudo e de todas as afeições terrenas. «O que ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim» (*Mt.* 10, 37): Deus, nosso Criador e Senhor absoluto, tem pleno direito de nos pedir a renúncia aos afectos mais santos, de exigir que por Seu amor abandonemos pai e mãe, irmãos e irmãs, casa e bens. De resto, se Deus estabeleceu que «o homem deixe seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher» (cfr. *Gen.* 2, 24), porque se há-de pensar que seja exagerado fazer o mesmo quando se trata de dar-se não a uma criatura, mas ao Criador?

O primeiro dever que se impõe à alma chamada por Deus, é pois, o de renunciar aos afectos, aos bens, aos prazeres terrenos, a fim de O seguir livre de qualquer prisão. Na prática, a medida da renúncia efectiva não será igual para todos: exige-se muito mais ao religioso do que ao simples sacerdote, à monja de clausura do que à alma consagrada a Deus no mundo; mas sob o ponto de vista do affecto, a renúncia, ou melhor, o desapego do coração há-de ser igual para todos e só será suficiente quando for total e sem reserva alguma.

2 — Para corresponder à vocação não basta deixar o mundo e entrar no seminário ou em religião, não basta

ser ordenado sacerdote ou emitir os votos; é preciso procurar, dia a dia, viver à altura da própria vocação, quer dizer, adaptar cada vez mais a própria vida às exigências do chamamento divino. Tudo no homem é progressivo, tudo em nós, enquanto vivemos na terra, é susceptível de aperfeiçoamento. Neste sentido pode afirmar-se que também a consagração a Deus, ainda que se torne estável pelas Ordens sagradas ou pelos vínculos dos votos, está sujeita a progresso, isto é, deve tornar-se cada vez mais profunda e perfeita. Em geral, quando a alma se liga a Deus, muito embora tencionando sinceramente dar-se a Ele de maneira definitiva, não realizou ainda a consagração plena e total; na prática, essa alma não está ainda toda «consagrada», existem nela tendências, movimentos, afectos que se furtam ao perfeito domínio de Deus; há ainda muito de egoísmo, de humano, que não está submetido inteiramente ao Senhor nem totalmente «consagrado»: não está inteiramente sacrificado ao Amor e empenhado no Seu serviço. Pois bem, cada dia que passa deve marcar um progresso na realização da própria vocação, até que não fique na alma uma só fibra que não seja inteiramente de Deus.

De resto, a vocação não é algo de estático, nem sequer da parte de Deus, já que Ele, adaptando-Se à nossa natureza, chama a alma de um modo progressivo, ou seja, ao primeiro convite, se ela for fiel, outros se seguirão mais prementes e concretos, que obrigam a alma cada vez mais intensamente. No fundo, trata-se dum só chamamento — chamamento ao sacerdócio, à vida religiosa, à consagração a Deus no mundo — que, através das diversas circunstâncias da vida e, sobretudo, das novas ocasiões de sacrifício, Deus dirige à alma de

um modo cada vez mais preciso e determinado, fazendo-lhe ver melhor até onde há-de levar o dom de si mesma para atingir a plenitude da sua consagração. Se a alma é fiel e corresponde com generosidade ao progressivo chamamento divino, Deus não cessará de lhe dirigir novos convites, que lhe abrirão horizontes cada vez mais vastos e luminosos, a fim de a fazer viver a sua consagração numa juventude perene de fervor e de amor.

Colóquio — «Possuo-Vos por amor, ó Jesus amantíssimo, e nunca mais Vos largarei. Ó Verbo de Deus, amor e vida vivificante, vivificai-me, reparando em mim tudo o que perdi por falta de amor. Ó Deus que me criastes, criai-me novamente no Vosso amor. Ó Deus que me remistes, supri Vós mesmo o que em mim decaíu no amor, remindo-me de novo. Ó Deus que me comprastes com o Sangue de Cristo, santificai-me na caridade. Ó Deus amoroso que me adoptastes por filha, sustentai a minha alma segundo a generosidade do Vosso coração. Ó Deus que me escolhestes para Vós e não para outrém, fazei que eu não seja de mais ninguém, mas somente a Vós pertença. Ó Deus que me amastes gratuitamente e gratuitamente me escolhestes, fazei que eu Vos ame com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

«Ó meu Irmão e Esposo Jesus, Rei supremo, ponde um sinal sobre a face da minha alma para que nada escolha neste mundo, nada deseje, nada ame fora de Vós. Que a tudo e a todos Vos prefira a Vós por amor, e por amor Vos sirva.

«Que em Vós, a quem desejo amar sobre todas as coisas, encontre tudo, e por amor saiba manter sempre aquilo que prometi.

«Fazei que eu seja admitida no número das virgens prudentes e que permaneça à espera da Vossa vinda com a lâmpada acesa e cheia de azeite, para que me não perturbe a Vossa chegada súbita, mas que, alegre e segura, siga o cortejo das virgens que me precederam. Ó Cordeiro sem mancha, permiti que eu não seja excluída da sala do banquete, como as virgens loucas, mas seja admitida com as prudentes no Vosso séquito, pelo mérito duma perfeita fidelidade» (S.ta Gertrudes).

ADVERTÊNCIA — *Nos anos em que os domingos depois da Epifania são seis, para o VI domingo tomar a meditação n.º 357: «o grão de mostarda».*

Do Domingo da Septuagésima ao Sábado Santo

**A PURIFICAÇÃO DOS SENTIDOS E O
EXERCÍCIO DA ABNEGAÇÃO
A LUTA CONTRA O PECADO
A PAIXÃO DE JESUS**

77. NOVO PROGRAMA
DOMINGO DA SEPTUAGÉSIMA

Senhor, aproximo-me de Vós com o vivo desejo de aprender a corresponder aos Vossos convites.

1 — O tempo da Septuagésima pode ser considerado como o vestíbulo da Quaresma, tempo clássico da reforma espiritual; por isso a liturgia apresenta-nos hoje o programa do que devemos fazer para nos dispormos para uma nova e séria conversão a fim de ressuscitarmos depois com Cristo na próxima Páscoa. A Colecta da Missa, lembrando-nos que somos pecadores, convida-nos a sentimentos de profunda humildade: «para que nós, que justamente somos afligidos por nossos pecados, sejamos misericordiosamente livres». O primeiro passo para a conversão é sempre o reconhecer humildemente que temos dela necessidade. O tímido deve tornar-se fervoroso, o fervoroso chegar à perfeição e o perfeito deve atingir o heroísmo da virtude. Quem poderá dizer que já não precisa de fazer algum progresso na virtude e na santidade? Cada novo progresso realiza uma nova conversão a Deus, *conversio ad Deum*. Na sua Epístola, (I Cor. 9, 24-27; 10, 1-5), S. Paulo estimula-nos a este contínuo esforço espiritual: para chegar à santidade, à glória do céu, nunca devemos deixar de correr e lutar como os jogadores que lutam e se cansam no estádio «para alcançarem uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível. Quanto a mim — diz o Apóstolo — corro... combato, não como quem açoita o ar, mas castigo o meu corpo e o reduzo à escravidão». Eis o primeiro ponto do programa: luta generosa para nos vencermos a nós próprios, para vencer o mal e conquistar o bem;

abnegação do próprio corpo pela mortificação física. O prêmio será só para quem se cansa e luta: corramos, portanto, também nós, de modo a alcançar o prêmio.

2 — O Evangelho (*Mt. 20, 1-6*), apresenta-nos a segunda parte do programa deste tempo litúrgico: não permanecer ocioso, mas trabalhar assiduamente na vinha do Senhor. A primeira vinha que devemos cultivar é a nossa alma; Deus vem-nos ao encontro com a Sua graça, mas não quer santificar-nos só: espera a nossa colaboração. Neste domingo renova-se para cada alma o grande apelo à santidade; Deus vai amorosamente à procura dos filhos dispersos e ociosos e repreende-os docemente: Porque estais aqui sem fazer nada? «Deus — diz S.ta M. Madalena de Pazzi — chama a diversas horas porque são diversos os estados das criaturas; e nesta variedade bem se descobre a grandeza de Deus e a Sua benignidade que nunca cessa — qualquer que seja o tempo ou estado em que nos encontremos — de nos chamar com as Suas divinas inspirações». Felizes aqueles que desde a sua juventude ouviram e seguiram o apelo divino! Porém, todas as horas são de Deus, e Deus passa e chama até à última hora. Que consolação e, ao mesmo tempo, que estímulo, responder finalmente ao chamamento do Senhor! «Oxalá que ouçais hoje a Sua voz! Não endureçais os vossos corações» (*Sal. 94, 7 e 8*).

Além da vinha da nossa alma, devemos considerar a vinha da Igreja, onde tantas almas esperam ser conquistadas para Cristo. Ninguém pode julgar-se dispensado de pensar no bem dos outros; por humilde que seja o nosso lugar no Corpo Místico de Cristo, todos somos Seus membros e, por consequência, cada um de nós

deve cooperar para o bem alheio. Para todos existe a possibilidade duma acção apostólica eficaz através do exemplo, da oração e do sacrifício. Se até agora temos feito pouco, ouçamos hoje a palavra de Jesus: «Ide vós também para a minha vinha». Vamos e abracemos com generosidade o trabalho que o Senhor nos apresenta. Nada nos deve parecer demasiadamente custoso quando se trata de ganhar-Lhe almas.

Colóquio — Abençoi, Senhor, este novo período litúrgico que hoje começa e fazei que, penetrando no seu espírito, me disponha, com a Vossa ajuda, para uma séria reforma da minha vida espiritual. Concedei-me humildade sincera para reconhecer as minhas misérias e saber ver-me tal como sou diante de Vós, sem me deixar enganar pela falsa luz proveniente do meu amor próprio que pretende fazer-me passar por melhor do que sou. Se em frente de Vós quero considerar a minha miséria, não é para desanimar. «No meio das minhas tribulações invoco-Vos, meu Deus, e Vós do Vosso templo santo ouvis sempre a minha oração... Vós sois a minha força, ó Senhor, o meu amparo, o meu refúgio e o meu libertador. Sois o meu auxílio no tempo das tribulações; aquele que Vos conhece espera em Vós porque nunca abandonais quem Vos procura. Das profundezas chamei por Vós, ó Senhor, Senhor ouvi a minha voz. Se julgais as nossas iniquidades, quem poderá subsistir? Mas perto de Vós está a misericórdia; por causa da Vossa Lei confio em Vós, Senhor!» (cfr. Missa do dia).

Infundi em mim, ó Jesus, nova força a fim de recommençar com mais coragem a marcha que me deve levar à conquista da incorruptível coroa da santidade. «Para

vencer a repugnância da minha natureza, prometo-Vos declarar uma guerra sem tréguas contra mim mesmo; as armas para o combate serão: a oração, a presença de Deus e o silêncio. Mas, ó meu Amor, Vós conheceis bem a minha incapacidade no manejo destas armas. Não obstante, armar-me-ei com as armas duma confiança absoluta em Vós, paciência, humildade e conformidade ao Vosso querer divino, unidas a uma summa diligência... E quem me ajudará a combater numa guerra contínua contra tantos inimigos que pelejam contra mim? Ah! bem vejo que Vós, ó meu Deus, quereis ser o meu capitão e, arvorando o estandarte da cruz, amorosamente me dizeis: — Vem após mim e não duvides» (T.M. Sp. pg. 323 e 324).

Ó meu Senhor, já não quero opôr mais resistência ao Vosso convite. Fazei que esta seja para mim a hora decisiva em que responda com plena generosidade e perseverança, ao Vosso chamamento. Chamais-me e eu vou: vou à Vossa vinha, ó Senhor, mas se não me acompanhais e amparais no trabalho, não conseguirei fazer nada. Vós que me chamais, ajudai-me a fazer aquilo que me pedis.

78. NECESSIDADE DA PURIFICAÇÃO INTERIOR

Purificai, Senhor, a minha alma, para que possa ser totalmente invadida pela Vossa luz e pelo Vosso amor.

1 — S. João da Cruz compara a alma a uma vidraça iluminada pelo sol; «se a vidraça tem alguma mancha ou névoa, o sol não a poderá iluminar e transformar totalmente em luz...; mas tanto menos a esclarecerá quanto menos limpa ela estiver... assim, se ela estiver

totalmente limpa e pura, de tal maneira a transformará e iluminará o raio, que parecerá o próprio raio» (S. II, 5. 6). Deus é o sol divino que brilha sobre as nossas almas, desejoso de as invadir e penetrar até as transformar na Sua luz e no Seu amor; mas, para o realizar, espera que a alma se decida a libertar-se de toda a «mancha de criatura», isto é, das manchas do pecado e dos apegos desordenados. Assim que Deus encontra uma alma limpa de pecado mortal, investe-a logo com a Sua graça; este dom preciosíssimo não é mais que o princípio da grande transformação que o Senhor nela quer operar. E quanto mais se purifica de todo o pecado, de todo o apego, mesmo leve, e de toda a imperfeição, ou seja, à medida que conforma a sua vontade com a de Deus, não só nas coisas que obrigam gravemente, mas também nas pequenas e de maior perfeição, tanto mais apta se torna para ser totalmente penetrada e transformada pela divina graça.

A graça, dom de Deus que torna a alma participante da natureza divina, é difundida na alma em proporção do seu grau de pureza interior, o qual corresponde sempre ao grau de conformidade com a vontade de Deus. Portanto, a alma desejosa de ser totalmente invadida e transformada pela graça divina, deve na prática como ensina S. João da Cruz, tender a conformar-se plenamente ao querer de Deus «de forma a não haver nela coisa contrária à vontade de Deus, mas que, em tudo e por tudo, o seu movimento seja somente vontade de Deus» (S. I, 11, 2).

2 — Deus não só investe a alma com o raio da Sua divina graça, mas Ele próprio, Uno e Trino, faz nela a Sua morada, segundo a promessa de Jesus: «Se al-

guém me ama... viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23).

Ainda que possuas um só grau de graça, Deus habita em ti, convidando-te a viver numa união real com Ele; contudo, Deus não Se entrega a ti completamente, nem te consoma na Sua unidade, nem te transforma todo nEle enquanto encontrar em ti alguma coisa, por mínima que seja, contrária ao Seu querer. Até a mais pequenina imperfeição é contrária à vontade de Deus, porque Deus não pode querer a menor imperfeição e menos ainda pode admitir à perfeita união com Ele uma alma que conserva alguma coisa, embora leve, contrária à Sua perfeição infinita. A base de toda a união perfeita é sempre a conformidade total da vontade e do affecto. Enquanto amares e quiseres, ainda que seja em coisas mínimas, o que Deus não pode amar nem querer, a tua vontade não está plenamente conforme à vontade de Deus; estas duas vontades — a tua e a de Deus — não podem tornar-se uma só, «a qual é vontade de Deus, e esta vontade de Deus, é também vontade da alma» (J.C. S. I, 11, 3).

E enquanto não chegares a esta perfeita união de vontade com a vontade divina, Deus, embora morando em ti, não Se comunicará totalmente à tua alma. Por isso S. João da Cruz ensina que: «a disposição para esta união está na pureza e no amor, que é desnudez e resignação perfeita em tudo só por Deus». E quando a alma está assim disposta, Deus concede-lhe «esta sobrenatural mercê de todas as coisas de Deus e da alma serem uma só coisa em transformação participante; e a alma mais parece Deus que alma, é até Deus por participação, embora na verdade tenha o seu ser natural distinto do de Deus como antes, ainda que

esteja transformada; assim como a vidraça o tem do raio, estando por ele iluminada» (S. II, 5, 8 e 7).

Colóquio — Ó meu Deus, para que grandezas me criastes!

Criastes-me para Vos conhecer, amar, servir, não como servo, mas como filho, como amigo, vivendo na Vossa intimidade, sentando-me à Vossa mesa, gozando da Vossa presença. Ó Jesus, Vós mesmo dissestes: «Já não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai» (Jo. 15, 15).

Vós me revelastes o grande mistério de um Deus que Se digna amar-me como filho, que Se digna estabelecer a Sua morada na minha alma e me convida à mais íntima amizade e união com Ele. Vós mesmo pedistes para mim esta união na última Ceia: «como Tu, Pai, o és em mim, e eu em Ti, que também eles sejam um em nós» (Jo. 17, 21). Ser uma só coisa com Deus, ser consumado na união da Trindade sacrossanta, ó Jesus, como é sublime o ideal que me propões e elevado o convite que me fazeis! Sim, as Vossas palavras são também para mim, criatura cheia de miséria e pecado. E então porque pararei, entretenendo-me com as coisas baixas e vãs desta vida terrena? Porque quererei contentar-me e rastejar pela terra como um réptil quando Vós me chamais a voar como as águias e para isso me dais asas? Só, nada posso e em vão lutarei para me libertar do pecado, para me desprender das criaturas e de mim próprio; todos os meus esforços seriam vãos, pois a minha natural fraqueza arrasta-me constantemente para baixo. Mas a Vossa graça e o

Vosso amor, ó meu Deus, são as asas que me podem levantar até à união perfeita conVosco. Em face deste ideal, como poderei achar duro recomeçar, e levar até ao fim, um trabalho sério de purificação e despojamento total?

Ó Senhor, fazei-me compreender que «o verdadeiro amor consiste em despojar-se de tudo o que não sois Vós» (cfr. J.C. S. II, 5, 7). De tudo, e não apenas de algumas coisas: de tudo, porque o amor é por sua natureza totalitário; de tudo, porque uma perfeita união exige um perfeito acordo de vontades, desejos e affectos.

Meu Deus, que purificação tão profunda me é necessária para que Vós me possais unir conVosco, perfeição infinita!

79. OS APEGOS VOLUNTÁRIOS

Ó Senhor, ponho-me na Vossa presença, pedindo-Vos que ilumineis a minha alma para poder ver quais são os obstáculos à minha união conVosco.

1 — «Para a alma chegar a unir-se perfeitamente a Deus por amor e vontade, tem primeiro de carecer de todo o apetite de vontade, por mínimo que seja» (S. I, 11, 3). Na linguagem de S. João da Cruz, os *apetites* são as inclinações ou affectos desordenados às criaturas, inclinações, por conseguinte, mais ou menos contrárias, segundo a sua gravidade, à vontade de Deus, o qual quer que nos amemos a nós mesmos e a todas as criaturas na medida por Ele determinada, sempre em ordem a Ele e não para a nossa satisfação egoísta. Quando estas inclinações ou apetites são admitidos vo-

luntariamente, mesmo em coisas leves, dão sempre origem a pecados veniais ou, pelo menos, a imperfeições deliberadas. A alma que admite voluntariamente essas faltas, ainda que levíssimas, tem a vontade manchada com coisas opostas à vontade de Deus e, por isso, não pode haver perfeita união entre a sua vontade e a vontade de Deus. E se, além disso, estas inclinações defeituosas são habituais, e a alma não se esforça por se corrigir, então constituem um maior obstáculo para a divina união e assim, diz o Santo, «não somente impedem a divina união, mas o avançar na perfeição» (ib.). E dá alguns exemplos destes «hábitos imperfeitos» não mortificados: o costume de falar demais, a curiosidade não refreada, o apego a coisas pequenas, como a objectos, a pessoas, a certos manjares, etc., aos quais a alma não se decide a renunciar; assim também o apego à própria comodidade, a certas satisfações sensíveis, a pequenas vaidades, a tolas complacências consigo mesma, ao próprio parecer e a pontos de honra. É um viveiro de «apetites», de inclinações desordenadas, das quais a alma não se liberta precisamente por estar «apegada» àquele pouco de satisfação egoísta, que encontra nestas misérias; está «apegada» e por isso não se decide a renunciar totalmente a elas. São estes os «apetites voluntários habituais» dos quais diz S. João da Cruz: «basta um só que se não vença, para impedir a alma» (ib.).

Quando, pelo contrário, se trata de inclinações defeituosas, que procedem apenas da fraqueza humana e que não passam de «primeiros movimentos» em que a vontade «nem antes nem depois» toma parte, mas logo que os adverte, procura reprimi-los, então esses movimentos «não impedem o poder-se chegar à divina união»

(ib. 2). O que conta é a vontade e esta deve estar completamente livre do menor apego.

2 — «Qualquer destas imperfeições a que a alma tenha apego e hábito é maior dano para crescer e ir adiante na virtude, do que se caísse cada dia em muitas imperfeições e pecados veniais isolados, que não procedem do hábito ordinário» (J. C. S. I, 11, 4). Não são tanto as chamadas quedas esporádicas, de surpresa ou de fragilidade, que impedem a alma de progredir, como as pequenas, as mínimas faltas veniais e também as simples imperfeições provenientes de apegos habituais e voluntários que a alma não procura destruir até ao fundo. Por pequenos que eles sejam, são sempre laços que a prendem à terra. «Porque tanto se me dá que uma ave esteja presa por um fio delgado ou grosso, pois mesmo que seja delgado, tão presa estará a ele como ao grosso, enquanto o não quebrar para voar... e assim a alma que tem apego a alguma coisa, por mais virtude que possua, não chegará à liberdade da união divina» (ib.).

No que diz respeito à renúncia, ao desprendimento, S. João da Cruz tem uma palavra apenas: renunciar a tudo, desprender-se de tudo. Se isto nos parece muito, pensemos que é pura doutrina evangélica, nada mais do que Jesus nos propõe com o Seu: «Nega-te a ti mesmo» (Mt. 16, 24). Com estas palavras pede-nos a renúncia, não só a qualquer coisa, mas a tudo o que nos pode impedir de O seguir. «Porque o que quiser salvar a sua alma, perdê-la-á; e o que perder a sua alma por amor de mim, achá-la-á... Por isso, se a tua mão ou o teu pé te escandaliza, corta-o e lança-o fora de ti» (ib. 16, 25; 18, 8).

Desta forma Jesus ensina-nos que, para a salvação e santificação da nossa alma, devemos saber renunciar a tudo aquilo que nos possa ser um obstáculo e que, precisamente neste profundo negar-se e «perder-se» a si mesmo em tudo, mesmo naquilo que nos é mais querido, até a vida terrena, se for necessário, está o caminho da salvação e da santidade.

Colóquio — «Tarde Vos amei, ó Beleza sempre antiga e sempre nova, tarde Vos amei! Estáveis dentro de mim e eis que eu Vos estava procurando fora, atirando-me àvidamente sobre todas estas coisas tão belas, que criastes. Estáveis comigo e eu não estava conVosco; entretinham-me longe de Vós as criaturas que, se não tivessem consistência em Vós, nem sequer existiriam. Vós, porém, chamastes e gritastes até romper a minha surdez. Brilhastes e cintilastes até fazer desaparecer a minha cegueira. Derramastes a Vossa fragância e eu a respirei; agora suspiro por Vós. Saboreei-Vos e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e ardo agora em desejos da Vossa paz» (S.to Agostinho).

Dai-me luz, ó meu Deus, para descobrir em mim tudo o que me impede de chegar até Vós. Dai-me luz para reconhecer todos os apegos que ainda me têm prisioneiro das criaturas e de mim mesmo, e sobretudo aqueles que mais Vos desagradam por procederem directamente do meu orgulho e do meu amor próprio. No segredo do meu coração ensinai-me com doçura e suavidade, e mostrai-me claramente que ainda estou longe de ter a vontade em tudo e por tudo conforme à Vossa vontade. Amo e quero ainda tantas coisas e tantas imperfeições que Vós de nenhum modo podeis amar nem querer porque são contrárias à Vossa perfeição infinita

Dai-me forças para começar contra elas uma luta corajosa e constante. Bem sabeis, Senhor, a grande necessidade que tenho da Vossa ajuda, porque estou excessivamente apegado a mim mesmo para ser capaz de lutar contra os meus affectos desordenados e renunciar a tantas pequenas satisfações que tão avidamente busca o meu egoísmo. Amo-me demasiadamente para arrancar de mim tudo o que me separa de Vós. Eis, Senhor, que me apresento a Vós como o doente ao cirurgião; enterrai o ferro na minha alma, enterrai-o tanto quanto for necessário para destruir tudo o que Vos desagrada e que Vós não podeis querer em mim.

80. A ESSÊNCIA DO DESAPEGO

Fazei-me compreender, Senhor em que consiste aquele desapego total que pedis à alma que quer chegar à união conVosco.

1 — «A alma não tem mais que uma vontade, e se a embaraça e emprega em algo, não fica livre, só e pura, como se requer para a divina transformação» (S. I, 11, 6). Esta doutrina de S. João da Cruz está em perfeita harmonia com o máximo preceito dado por Jesus: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento» (Lc. 10, 27).

Se o coração está ocupado por affectos desordenados ao próprio eu ou às criaturas, é evidente que não pode amar a Deus com todas as suas forças pois estas estarão divididas entre Deus e o eu, entre Deus e as criaturas. Portanto, para cumprir o preceito da caridade proposto

por Jesus a todos os cristãos, é necessária a renúncia radical a qualquer afecto que não esteja conforme à vontade de Deus ou que não esteja de acordo com o Seu amor. O desapego total é a consequência lógica do preceito de Jesus e o meio indispensável para o cumprir com perfeição.

Eis porque S. João da Cruz insiste: se a alma quer chegar à posse de Deus, deve despojar-se de tudo o que não é Deus, e por isso deve renunciar a qualquer satisfação, a qualquer afecto que não conduza a Deus. Este é o significado das sentenças: «Para chegar a gostar de tudo [isto é, para gostar a Deus, que é tudo], não queiras ter gosto [quer dizer, não procures satisfação desordenada] em nada. Para chegar a possuir tudo, não queiras possuir algo em nada... Quando reparas em algo, deixas de arrojarte ao todo» (S. I, 13, 11 e 12). Quando a alma pára nalguma criatura ou em si mesma com afecto desordenado, interrompe a sua marcha para Deus: o nada das criaturas impede-a de chegar ao todo de Deus.

2 — A essência do desapego total não consiste propriamente na separação material e efectiva das coisas e das criaturas, o que de resto, não é possível dum modo absoluto neste mundo. Nem sequer os que vivem no claustro ou no deserto podem fugir de certas relações com o próximo nem despreocupar-se das coisas indispensáveis à vida. Além disso, seja para onde for, cada um leva sempre consigo a própria pessoa, o próprio eu; todavia, o desapego de si mesmo é sempre o ponto de partida. Este nunca poderá ser um desapego material, mas só afectivo, espiritual.

A doutrina do desapego total não exige, portanto, que

todos abandonem materialmente todas as coisas, mas que cada um, mesmo permanecendo no seu ambiente de vida, saiba manter o coração livre de todo o apego. «Para entrar nesta divina união, tudo quanto vive na alma, quer seja pouco ou muito, pequeno ou grande, há-de morrer e de tudo a alma há-de ficar sem cobiça e tão desprendida como se isso nada fosse para ela, nem ela para isso» (S. I, 11, 8).

No entanto será impossível chegar a este desapego afectivo, ou seja, a esta morte de todos os afectos desordenados a si mesmo e às criaturas, se não se praticar, pelo menos em certa medida, o desapego efectivo, material. Quem não sabe renunciar a relações inúteis com as criaturas, a coisas supérfluas, unicamente para a própria satisfação e comodidade, nunca chegará ao desprendimento interior. E, por outro lado, quem, consagrando-se a Deus, já se separou materialmente das pessoas queridas ou renunciou efectivamente a tantas coisas, não pode pensar ter feito tudo, mas deve sempre vigiar para manter a alma livre de todo o apego. Em suma, quer se viva no mundo ou num deserto, quer se possua muito ou pouco, é sempre necessário tender para a essência do desapego, isto é, para o desapego do coração e do espírito.

É isto o que nos ensina S. Paulo: «os que têm mulheres, sejam como se as não tivessem...; e os que compram, como se não possuíssem; e os que usam deste mundo, como se dele não usassem» (I Cor. 7, 29 e 30).

Colóquio — Ó Senhor porque motivo me há-de assustar o desprendimento total, sendo ele o único meio para finalmente chegar a amar-Vos com todo o meu coração, com toda a minha alma, com todas as minhas forças

e sendo o caminho que me conduz à união conVosco, beleza e caridade infinitas, Deus-Trindade, princípio e fim de todas as coisas?

«Oh! ditosa renúncia a coisas tão pequenas e tão baixas que me leva a tão alto estado! Vós me amais, meu Deus e para aqueles que Vos amam, o Vosso amor não é certamente pouca coisa. Porque não Vos amarei também com todas as minhas forças? Olhai que bela troca dar-Vos o meu amor pelo Vosso. Vejo que podeis tudo e eu não posso nada senão o que Vós me fazeis poder. Mas que é isto que faço por Vós, meu Senhor e Criador? É tanto como nada, uma determinaçãozita. Pois, se pelo que é nada, quer Vossa Majestade que mereça o tudo, não seja eu tão desatinada que não Vos queira escutar!» (T.J. Cam. 16, 10).

Ó Senhor, com a Vossa ajuda quero pôr imediatamente mãos à obra e não recusar nenhum sacrifício nem poupar nenhuma fibra do meu coração para me desprender totalmente daquilo que ainda me prende à terra. Estes sacrifícios, estes desapegos custam à minha pobre natureza, mas Vós fazeis-me compreender que, embora façam sangrar o meu coração, são sempre nada comparados ao tesouro imenso que me proporcionam: a conquista de Vós mesmo, meu Deus, que sois o Tudo.

Não, não permitais, Senhor, que por minha cobardia se detenha ainda o meu coração entre as coisas terrenas; não permitais que os meus afectos estejam ainda divididos, embora levemente, entre Vós que sois o Tudo e as criaturas que são o nada; entre Vós que sois o meu Deus, e o meu egoísmo que é somente miséria e pecado. Pensarei talvez «que é pequeno bem procurar este bem de nos darmos ao Todo sem fazermos partilhas?» (ib. 8, 1). Oh! como desejo, Senhor, esta graça soberana do

desapego total, que me dará a liberdade de Vos amar com todas as minhas forças!

E se Vós, Senhor, já me concedestes a graça de renunciar às coisas terrenas e abandonar a vida do mundo para me consagrar ao Vosso serviço, como deve ser grande o meu reconhecimento! Mas não permitais, eu Vo-lo peço, que eu seja tão cego que, por ter abandonado o mundo, creia não me restar doravante mais nada a fazer. Que erro seria se, depois de ter deixado o mais, me apegasse ao menos, a ridículas ninharias indignas de uma alma a Vós consagrada!

81. O CAMINHO DO NADA

Mostrai-me, Senhor, o caminho estreito que conduz à verdadeira vida, à união conVosco.

I — Se queres entrar decididamente no caminho do desapego total, o único que nos leva com segurança à união com Deus, tens de «pôr o machado à raiz da árvore», quer dizer, debes ferir e arrancar a raiz dos teus apegos, que é uma desordenada tendência para gozar, para procurar a tua satisfação em ti mesmo, no teu amor próprio ou também nas outras criaturas. Na verdade foste criado para gozar, mas para gozar de Deus. Porém, Deus escapa aos teus sentidos, ao passo que o teu eu e as coisas terrenas tão perto estão de ti... Eis que em vez de te servires das criaturas para subir ao Criador, páras a procurar nelas a tua felicidade. E páras com um affecto desordenado e, por umas migalhas de satisfação, ligas o teu coração à terra, tornando-te incapaz de chegar à união com Deus, única

fonte da verdadeira felicidade. A tendência desordenada para gozar é aquela que, em vez de fixar em Deus os teus desejos e os teus afectos, os dirige para as criaturas. Eis a raiz de todo o apego, por mínimo que seja.

Para mortificar profundamente essa tendência desregrada, S. João da Cruz ensina-te: «renuncie a qualquer gosto que se ofereça aos sentidos não sendo puramente para honra e glória de Deus, e fique vazio dele por amor de Jesus Cristo, que não teve nesta vida outro gosto, nem quis ter, senão o de fazer a vontade de Seu Pai» (S. I 13, 4). Não pretende o Santo que vivas sem o menor gosto ou a menor satisfação — o que é impossível, pois o homem foi criado para a felicidade — mas ensina-te a renunciar a todos estes gostos que não agradam a Deus e a pôr, ao contrário, os teus gostos e a tua satisfação unicamente em cumprir a vontade de Deus, em dar-Lhe prazer, em dar-Lhe glória. Assim foi a vida de Jesus, que podia dizer: «Eu faço sempre aquilo que é do agrado de meu Pai» (Jo. 8, 29).

2 — Se aquele teu modo de agir ou falar agrada ao teu amor próprio, mas compreendes que não pode agradar a Deus, debes renunciar a ele; se aquela conversa, aquela amizade, aquela comodidade te agrada, mas duvidas que dê gosto a Deus, debes deixá-la; se a tua vontade te incita a fazer uma coisa, ainda que levemente contrária à vontade de Deus, debes abster-te dela. Estes são os casos em que S. João da Cruz repete sem reticências: nada, nada, nada. Nada às satisfações do orgulho e do egoísmo, nada às satisfações dos sentidos e nem sequer às do espírito ou da vontade própria quando não estão de acordo com a vontade de Deus. Não há outra escolha: ou viver para o «eu» ou viver para Deus.

Se tu, ainda que em pequenas coisas, ages pela satisfação egoísta de desabafar o teu amor próprio ferido, manifestando com qualquer impaciência o mau humor contra o próximo, é claro que antes preferes agir para satisfação do teu eu, do que para dar gosto a Deus que, evidentemente, só ama a virtude e nunca o que é defeituoso.

Em resumo, deves sempre substituir a tendência para procurar a tua satisfação, pela tendência para procurar a satisfação e o gosto de Deus. É neste sentido que S. João da Cruz te propõe o desapego, não como fim em si mesmo, mas como meio para te unires a Deus; não para te deixar no vazio, mas para te lançar em Deus. É sempre esta a linha de conduta dada por Jesus. «Nega-te a ti mesmo», diz-nos Ele; mas para quê? Para ir após Ele, para O seguir até à união perfeita com Ele. O fim é a união, o caminho é a abnegação e o desapego total e não devemos esquecer que precisamente deste caminho disse Jesus: «Que estreita é a porta, e que apertado o caminho que conduz à vida» (Mt. 7, 14).

Colóquio — «Criastes-me, ó Senhor, para Vós, para Vos amar e gozar de Vós, Bem infinito, Beleza inefável; não permitais, pois, que me desvie do fim sublime a que me destinastes, perdendo-me no meio das miseráveis satisfações que as criaturas vãs e caducas me podem oferecer.

«Ó meu Senhor, que mal usei das criaturas! Perdoai-me, Senhor! Não quero mais servir-me de coisa alguma a não ser para Vossa glória e segundo a Vossa vontade santíssima, imitando o exemplo do Vosso Filho Jesus.

«Ó meu Deus, se no passado vivi longe de Vós, que

sois o meu Princípio, o meu Fim e o meu Supremo Bem, se me voltel para mim mesmo e para as criaturas, preferindo a sua vontade e a minha à Vossa, agora prometo-Vos querer renunciar, para sempre e inteiramente, ao mundo e a mim mesmo, convertendo-me e dando-me todo e para sempre a Vós. Ó meu Deus, dou-me a Vós como meu Princípio: apoderaí-Vos totalmente de mim. Que eu permaneça sempre em Vós. Sede o princípio e o fim de todas as minhas acções. Ó meu Deus, dou-me a Vós como a meu Fim, meu Centro, meu supremo Bem. Atraí-me a Vós. Que eu tenda continuamente para Vós e que Vós sejais sempre toda a minha delícia, toda a minha glória, todo o meu tesouro e o meu tudo» (S. João Eudes).

Ensinaí-me, Senhor, a usar das coisas, a tratar com as criaturas com pureza de intenção, sem querer tirar delas alguma satisfação egoísta.

«Parece grande rigor dizer que não tenhamos prazer em nada? Mas porque não se dizem os gostos e deleites que traz consigo esta contradição e o que se ganha com ela ainda nesta vida?» (T. J. Cam. 12, 3). Sim, ó Senhor, compreendo a Vossa palavra. Terei de renunciar à minha vontade e a tantas pequenas satisfações pessoais; em troca, porém, terei a alegria de fazer a Vossa vontade, de Vos dar prazer e satisfação, a Vós, meu Deus, que sois o meu Tudo.

82. REGRAS DO DESAPEGO

Ó Senhor, a minha cegueira e a minha fraqueza têm ainda necessidade da Vossa luz e da Vossa força, para empreender com generosidade o caminho do nada.

1 — Jesus disse: «O reino dos céus é semelhante a um homem negociante que busca boas pérolas; e, tendo encontrado uma de grande preço, vai, e vende tudo o que tem e a compra» (Mt. 13, 45). A pérola de grande preço é a união com Deus, e se queres conseguí-la deves vender *tudo* quanto tens, ou seja, desprender-te de todo o apetite desordenado. Eis porque S.ta Teresa de Jesus, falando do desprendimento, pôde afirmar que «praticado com perfeição é *tudo*» (Cam. 8, 1). É verdade que a vida espiritual não se reduz nem termina só no desapego, mas praticado este com perfeição, fá-la chegar ao seu fim: a união com Deus. Sòmente o Senhor pode conduzir-te a esta união, mas Ele só o fará se tu, como o negociante do Evangelho, *venderes tudo*, ou seja, renunciarees ao mínimo apego que ainda te liga a ti mesmo ou às criaturas.

Eis as regras de ouro que te propõe S. João da Cruz para levar a cabo este desapego total: «Procura sempre inclinar-te não ao mais fácil, senão ao mais difícil: não ao mais saboroso, senão ao mais insípido; não ao mais gostoso, senão ao que dá menos gosto; não ao que é descanso, senão ao trabalhoso; não ao que é consolo, senão antes ao desconsolo; não ao mais, senão ao menos; não ao mais alto e precioso, senão ao mais baixo e desprezível; não ao que é querer algo, senão a não querer nada» (S. I, 13, 6). Fazendo assim, pouco a pouco te habituarás a contrariar a tendência

desordenada de gozar, que é a raiz de todos os apegos. Trata-se de ir contra a corrente: é pois um trabalho áspero e duro que só se pode realizar com força de vontade; é necessário agir em sentido contrário à natureza, esforçar-se exactamente por fazer aquilo que repugna à natureza. Mas para a alma enamorada de Deus, este trabalho é doce; sabe que tudo o que recusa a si mesma o dá ao Senhor, e que quando tiver chegado a negar-se em tudo, a *vender* tudo, o próprio Deus lhe porá nas mãos a pérola preciosa da união divina.

2 — «Convém abraçar estas obras de coração e procurar ajustar a vontade nelas, operando-as *ordenada e discretamente*» (S. I, 13, 7). S. João da Cruz pede à alma que quer entrar no caminho do nada, duas coisas: em primeiro lugar, decisão e generosidade, porque quem não tem a coragem de se negar em tudo, nunca chegará ao total desprendimento e, por conseguinte, à união com Deus. Mas, ao mesmo tempo, pede também «*ordem e discrição*». O Santo não pretende que sempre e em todas as coisas escolhas o mais difícil, penoso e fatigante — o que não seria sequer possível, tanto por causa das circunstâncias inerentes ao próprio estado, como por causa das forças físicas que sempre têm necessidade de um certo alívio — mas pede-te que estejas sempre disposto a esta escolha, ou pelo menos a cultivar esse desejo. Pede-te que cries em ti a inclinação e o hábito de realizar aquilo que é contrário às tuas tendências, de modo que, quando se te apresentar alguma ocasião oportuna, não recues perante a repugnância da natureza. Sobretudo no começo da vida espiritual, é necessário proceder com discrição e guiar-se pelos conselhos do confessor e dos superiores, particu-

larmente no que diz respeito à mortificação corporal. Mas o que importa acima de tudo é que estejas bem decidido a fortalecer a tua vontade neste exercício de renúncia, que não pares nunca por cobardia e quando, por dever ou por conveniência, tiveres de te conceder certos alívios, que o faças sempre com desprendimento, isto é, mantendo a tua vontade desprendida do gosto e do prazer que aí poderia encontrar.

É claro que, se não te fortificares contra os teus apegos e não resolveres fazê-los morrer todos, de uma vez para sempre, nunca chegarás à meta. Trata-se de uma verdadeira morte das satisfações egoístas e terrenas, mas desta morte surgirá a vida. Jesus disse: «Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo, mas se morrer produz muito fruto... E quem aborrecer a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna» (Jo. 12, 24 e 25).

Colóquio — Ó Senhor, à luz dos Vossos ensinamentos, até o caminho áspero e duro do desapego total se torna atraente e tudo me convida a empreendê-lo com coragem. Contudo Vós sabeis como sou fraco e como, por natureza, fujo espontaneamente de tudo o que é difícil, fatigante e desagradável; Vós sabeis como a minha natureza tende sempre ao menor esforço, ao que é mais fácil, mais agradável e de maior consolação. Mas o Vosso amor, ó meu Deus, é onipotente e Vós que me criastes do nada por amor, podeis também, com esse mesmo amor, mudar os meus gostos e as minhas tendências. Sim, só o Vosso amor me pode lançar neste caminho e dar-me coragem para empreender esta profunda reforma de mim mesmo. Só o Vosso amor, ó Senhor, é o peso que me arrasta para a renúncia total. Só

o Vosso amor me atrai e será a minha recompensa. Mas Vós, ó meu Deus, dignai-Vos atrair-me cada vez mais poderosamente, porque a minha fraqueza tende sempre a fazer-me parar, a deter-me; é precisamente isto que eu temo.

«Mas, ó Senhor, porque deverei queixar-me dos meus temores e desanimar por me ver fraca? Fazei-me compreender que devo procurar fortalecer-me na humildade, entendendo claramente o pouco que posso fazer por mim mesma e que se Vós não me favoreceis, não sou nada. Quero pois confiar na Vossa misericórdia e desconfiar de todo das minhas forças convencida de que a minha fraqueza provém de me apoiar nelas. Ensinai-me a não me admirar das minhas lutas porque quando uma alma quer dar-se à mortificação, tudo se lhe torna penoso. Quer renunciar aos regalos? Sente pena. Deixar as honras? Que tormento! Sofrer uma má palavra? Torna-se-lhe um suplício intolerável; enfim, nunca lhe faltam tristezas até à morte. Quando se determinar a morrer ao mundo, ver-se-á livre destas penas» (cfr. T.J. P. 3, 12).

Vós morrestes por mim, Senhor, fazei que eu saiba, por Vosso amor, morrer a mim mesmo, aos meus gostos, às minhas satisfações. Morrer a mim próprio para viver para Vós, para chegar à união conVosco.

83. A NOITE DOS SENTIDOS

Aumentai, Senhor, o meu desejo de chegar até Vós, para que tenha coragem de suportar, por Vosso amor, a total purificação da minha sensibilidade.

1 — «Para chegar à divina união com Deus, é necessário à alma passar por esta noite escura da mortificação dos apetites e negação dos gostos em todas as coisas» (S. I, 4, 1). S. João da Cruz chama «noite escura» à mortificação total dos sentidos porque, quando a alma renuncia a todo o affecto desordenado às coisas e a qualquer gosto que nelas possa encontrar, os sentidos ficam «às escuras e sem nada» (ib. 3, 1).

Precisamente para te ajudar a entrar nesta noite, através da qual se chega à união com Deus, o Santo ensina-te a contrariar a tua tendência desordenada para as satisfações sensíveis.

É evidente que, embora estejas disposto a mortificar seriamente os teus sentidos, nem sempre te poderás abster de ver coisas agradáveis, de ouvir notícias interessantes, de tomar alimentos saborosos, etc. Semelhantes satisfações ser-te-ão às vezes impostas pelas necessidades da vida, outras pelos deveres do teu estado, ou ainda pelos teus superiores. Apesar disso é absolutamente necessário que, também nestes casos, a tua alma permaneça completamente livre de todo o apego às coisas e satisfações sensíveis. Para tal fim «procura, e isto será suficiente, não saborear o gosto daquelas percepções sensíveis, mas quanto antes mortifica-o e esvazia os sentidos, deixando estes, por assim dizer, às escuras de tudo» (cfr. ib. 13, 4).

Por outras palavras, não deves parar a gozar egois-

tamente aquilo que agrada aos teus sentidos; mas debes procurar elevar logo o teu coração para Deus, oferecendo-Lhe o gosto que podes experimentar, e que Ele permite para refazer as tuas forças, para que possas retomar com maior vigor o exercício da mortificação. Deste modo, até os alívios e alegrias naturais servem para ir a Deus e crescer no Seu amor. S.ta Teresa do Menino Jesus chamava a isto «gozar por amor».

É o mesmo nos ensina S. Paulo quando diz: «Alegrai-vos sinceramente no Senhor» e «ou comais, ou bebais... fazei tudo para glória de Deus» (Fil. 4, 4; I Cor. 10, 3). Mas se, pelo contrário, páras no gosto das coisas sensíveis nunca entrarás na noite dos sentidos.

2 — «A alma entra ordinariamente nesta noite sensitiva de duas maneiras: uma activa, outra passiva. Activa é o que a alma pode fazer e faz da sua parte... Passiva é aquela em que a alma não faz nada, mas Deus é quem opera nela e ela fica-se como paciente» (J. C. S. I, 13, 1). O modo activo compreende tudo aquilo que podes fazer por tua própria iniciativa para te libertares de todo o affecto e apego às criaturas. Por exemplo, está nas tuas mãos, applicares-te ao exercício da pobreza, da mortificação corporal, da penitência, da castidade, virtudes que despojam a alma dos bens terrenos e das satisfações dos sentidos. Se queres fazer tudo o que está em teu poder para entrar na noite, pratica com generosidade estas virtudes, com os olhos sempre postos em Jesus, Modelo divino que quis preceder-nos em tudo.

Mas por muito que faças, os teus esforços não serão nunca capazes de destruir por completo as últimas raízes dos teus apetites. Se te examinas atentamente,

verás como até no próprio exercício da mortificação voluntária pode entrar um pouco de complacência nas coisas escolhidas, a teu gosto, à tua vontade. Para que a tua purificação seja completa, terá de intervir a mão de Deus, que te introduzirá passivamente na noite do sentido. Ele fá-lo por meio das provas e das contrariedades externas e internas. Então já não deves tanto agir, mas padecer; deves ser como um doente diante do cirurgião, deves aceitar com docilidade e humildade tudo quanto Deus permite, sem procurar fugir da prova nem procurar abreviá-la ou diminuí-la.

S. João da Cruz, na *Subida do Monte Carmelo*, apresenta a alma que, «com ânsias em amor inflamada, canta a ditosa ventura de ter passado pela noite escura». Com efeito, ser introduzida na noite passiva é uma das maiores graças que a alma pode receber, porque dessa maneira o próprio Deus a prepara e dispõe para a união com Ele. Se queres alcançar esta graça, faz da tua parte o que pudes para entrar na noite activa, ou seja, exercita-te na renúncia e no desprendimento total.

Colóquio — Ó Senhor, dignai-Vos vir ao meu encontro com a Vossa graça e inflamai-me no Vosso amor, a fim de que eu saiba penetrar com decisão nessa noite escura que me preparará para a união conVosco. A noite não agrada à minha natureza, que ama a luz, o dia pleno e radioso. Mas se Vós me ajudais, porque não deverei aceitar por Vosso amor que os meus sentidos sejam privados de toda a satisfação, que sejam introduzidos na escuridão, quando afinal só se trata de renunciar ao encanto de coisas que nada são e nada valem, para poder em troca gozar de Vós, em quem está toda a luz, toda a alegria, todo o deleite? Ó Senhor,

não saberei suportar por Vosso amor um pouco de escuridão, de frio, de privações, de nudez, de pobreza? Oh! quantas vezes, infelizmente, sou ainda tão cego que prefiro a migalha de satisfação que me dão as criaturas, e que se desvanece como a sombra diante do sol, à satisfação menos sensível, mas muito mais profunda, verdadeira e duradoura, que encontra em Vós aquele que firmemente decidiu pôr só em Vós todo o seu deleite.

«Ó Senhor, Pai clementíssimo, acolhei, eu Vos peço este Vosso filho pródigo! Já sofri bastante, bastante tempo fui escravo dos Vossos inimigos que Vós calcais aos pés e ludíbrio de falsas lisonjas. Compreendo que devo voltar a Vós; fazei que, batendo, encontre a porta aberta; ensinai-me o caminho para chegar até Vós. O meu único recurso é a minha vontade; tudo quanto sei é que devo desprezar os bens instáveis e caducos, e procurar em troca os eternos e permanentes.

«Longe, Senhor, longe do coração do Vosso servo, que se confessa diante de Vós, longe o pensamento de que qualquer alegria poderá fazê-lo feliz. Há, com efeito, uma alegria que não se concede aos ímpios, mas àqueles que desinteressadamente Vos honram, e Vós sois a sua alegria. A vida bem-aventurada é esta: gozar em Vós, de Vós e por Vós; é esta e não outra. Quem pensa que existe outra, vai atrás de uma alegria diferente, mas não verdadeira» (S.to Agostinho).

84. A SEMENTE DIVINA

DOMINGO DA SEXAGÉSIMA

Eis-me aqui, Senhor, na Vossa presença; que o meu coração seja o bom terreno, pronto a receber e fazer frutificar a Vossa divina palavra.

1 — Jesus, o divino semeador, vem hoje espalhar a boa semente na Sua vinha, a Igreja; Ele mesmo quer preparar as nossas almas para uma nova florescência de graça e virtude.

«A semente é a palavra de Deus». O Verbo, Palavra eterna do Pai, incarna, faz-se homem, chama-se Jesus Cristo e vem espalhar no coração dos homens a palavra divina, que não é outra coisa senão um reflexo de Si mesmo. A palavra de Deus não é um som que fere o ar e se perde imediatamente como a palavra dos homens; mas é luz sobrenatural que ilumina sobre o verdadeiro valor das coisas, é graça que dá capacidade e força para viver segundo a luz de Deus. É, portanto, semente de vida sobrenatural, de santidade, de vida eterna. Esta semente nunca é estéril em si mesma, encerra sempre uma poderosa força vital, capaz de produzir não só algum fruto de vida cristã, mas abundantes frutos de santidade. Esta semente não é confiada a um agricultor inexperiente que, por sua incapacidade, pode arruinar a melhor sementeira; é o próprio Jesus, o Filho de Deus, o semeador.

Porque motivo a semente não dá sempre os frutos desejados? Porque frequentemente o terreno que a recebe não tem as disposições necessárias. Deus não cessa de espalhar a Sua semente no coração dos homens, de convidá-los, solicitá-los para o bem com a Sua luz

e Seus apelos, de distribuir a Sua graça por meio dos sacramentos; mas tudo isto será vão e estéril se o homem não oferece a Deus um terreno — ou seja, um coração — preparado e bem disposto. Deus quer que nos salvemos e santifiquemos, mas não força ninguém: respeita a nossa liberdade.

2 — O Evangelho de hoje (Lc. 8, 4-15), apresenta quatro categorias de pessoas que recebem de modo diverso a semente da palavra divina, e compara-as ao caminho pisado, ao chão pedregoso, ao solo espinhoso e, finalmente, à boa terra.

Caminho pisado: almas inconstantes, abertas, como o caminho, a qualquer distração, ruído e curiosidade; abertas à passagem de qualquer criatura e afecto terreno. Logo que a palavra de Deus chega ao seu coração, imediatamente o inimigo, encontrando livre o acesso, arrebatada-a, impedindo-a de germinar.

Chão pedregoso: almas superficiais, nas quais o bom terreno se reduz a uma leve camada, que o vento das paixões levará bem depressa juntamente com a boa semente. Estas almas entusiasmam-se facilmente, mas não sabem perseverar, «no tempo da tentação, voltam atrás». Não sabem perseverar porque não têm a coragem de abraçar as renúncias e os sacrifícios necessários para se manterem fiéis à palavra de Deus, para pô-la em prática em todas as circunstâncias. O seu fervor é fogo de palha que cessa e se extingue com a mais pequena dificuldade.

Solo espinhoso: almas preocupadas com as coisas terrenas, com os prazeres, os negócios, os interesses materiais. A semente germina, mas logo os espinhos a sufocam, roubando-lhe o ar e a luz. Os excessivos

cuidados das coisas temporais acabam por abafar os direitos do espírito.

A boa terra, enfim, é comparada por Jesus «àqueles que, tendo ouvido a palavra com um coração recto e bem disposto, a conservam e dão fruto pela perseverança». Coração bom e recto é aquele que dá sempre a Deus o primeiro lugar, que busca primeiro o reino de Deus e a Sua justiça. A semente da palavra divina, das inspirações e da graça dá fruto abundante na medida das boas disposições que encontrar em nós: recolhimento, seriedade e profundidade de vida interior, desapego, busca sincera das coisas de Deus, além e acima de todas as coisas terrenas. E depois, «perseverança», porque sem ela é impossível que a palavra de Deus produza em nós o seu fruto.

Colóquio — Ó Jesus, Semeador divino, com quanta razão podeis queixar-Vos do terreno árido e infecundo do meu pobre coração!

Quantas sementes divinas de santas inspirações, de luzes interiores, de graça, espalhastes na minha alma! Quantas vezes me atraístes a Vós com apelos particulares e quantas vezes, depois de Vos ter seguido algum tempo, fiquei parado! Ó Senhor, pudesse eu ao menos compreender o motivo profundo da minha esterilidade espiritual, da minha leviandade e inconstância no bem. Faltar-me-á talvez a Vossa luz? Não, porque de mil modos e continuamente ensinai e admoestais a minha alma. Oh! se tantas almas que vivem no erro, que não Vos conhecem, tivessem recebido só uma centésima parte da luz que me concedestes e continuais a conceder-me, quantos frutos de bondade não teriam já colhido!

Faltar-me-á então a Vossa força? Mas a Vossa graça não é acaso, força para mim?

Compreendo-o, Senhor! Não me falta nem a Vossa luz nem a Vossa força; o que me falta é só a perseverança. A perseverança que sabe suportar fielmente as tentações, as dificuldades, as obscuridades; que sabe enfrentar com coragem o sacrifício e a austeridade da vida cristã.

Sacrificar-se e negar-se um dia, é fácil. Sacrificar-se e negar-se sempre, todos os dias, toda a vida, é duro. Não é talvez por isto, ó Senhor, que — como Vós o dissestes — o coração dá bom fruto pela perseverança?

Ó Jesus, Vós que suportastes com paciência invencível a Vossa acerbíssima Paixão e morte, dai-me paciência para sustentar a luta contra as minhas paixões, contra o meu egoísmo. Paciência para abraçar com perseverança todas as renúncias exigidas pelo desapego total, paciência para saber viver sem gostos e satisfações pessoais, paciência para suportar tudo o que me desgosta, me fere, me contraria e desagrada ao meu amor próprio.

Ó Senhor, Vós sabeis que desejo a purificação total porque desejo a união conVosco, mas não me podeis purificar inteiramente enquanto eu não aceitar com paciência a Vossa obra: as provações, as humilhações, os desapegos que me preparais. Ó Jesus, divino Paciente, dai-me a Vossa paciência e fazei que eu também seja conVosco paciente e humilde.

85. POBREZA EVANGÉLICA

Ó Jesus, que por meu amor quisestes abraçar uma vida pobríssima, fazei que eu possa compreender o grande valor da pobreza.

1 — Um dia, um escriba, aproximando-se de Jesus, disse-Lhe: «Mestre, eu seguir-te-ei para onde quer que fores». E Jesus respondeu-lhe: «As raposas têm as (suas) covas e as aves do céu os (seus) ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça» (Mt. 8, 19 e 20). Jesus põe imediatamente diante de quem O quer seguir, o quadro da Sua vida extremamente pobre e privada do menor conforto, pois quem não está disposto a partilhar com Ele, pelo menos em certa medida, a Sua pobreza terrena, não poderá ter parte nas Suas riquezas eternas. Ninguém, com efeito, pode servir ao mesmo tempo a dois senhores: «Não podeis servir a Deus e à riqueza» (Mt. 6, 24). Se estás apegado às riquezas, às comodidades, ao bem-estar material, em vão procurarás dar a Deus todo o teu coração; ele ficará sempre escravo dos bens terrenos. Precisamente por isto, o jovem rico, depois de ter perguntado a Jesus o que devia fazer para alcançar a vida eterna, quando Lhe ouviu dizer: «Vai, vende quanto tens e dá-o aos pobres», retirou-se triste «porque tinha muitos bens». Era um jovem bom: desde a sua infância tinha observado os mandamentos e desejava sinceramente a vida eterna, tanto que «Jesus, pondo nele os olhos, mostrou-lhe afecto» (Mc. 10, 21 e 22); todavia, o apego aos seus bens impediu-o de seguir Jesus. É a história de muitas almas que, depois de terem caminhado muito tempo no serviço de Deus, páram e voltam atrás, porque não

têm coragem para se desprenderem dos bens terrenos. Jesus, comentando o facto, voltou-se para os apóstolos, dizendo: «Mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino de Deus» (ib. 24 e 25). Considera que com estas palavras, Jesus não quer aludir somente a quem é «rico» porque possui muito, mas sobretudo a quem é «rico» porque está apegado ao que possui.

2 — As riquezas não são, por si mesmas, um obstáculo à salvação eterna e à santidade, mas podem sê-lo quando o homem se torna escravo delas. E para ser escravo dos bens terrenos, não é preciso possuir muito, basta possuir «com apego» alguma coisa, mesmo de pouco ou nenhum valor. Os Apóstolos eram pobres e possuíam bem pouco; não obstante, quando Jesus os convidou a segui-Lo, pediu-lhes que abandonassem ainda aquele pouco. O que liberta a alma da escravidão dos bens terrenos não é tanto a pobreza material como a «pobreza de espírito», ou seja, a pobreza dos afectos, dos apegos até dos mais pequenos.

S. João da Cruz ensina que só esta pobreza é «noite para a alma», isto é, que só ela a faz penetrar na noite dos sentidos: «Porque não tratamos aqui da carência das coisas, porque isso não despe a alma, se delas tem apetite; senão da desnudez do gosto e apetite delas, pois é o que deixa a alma livre e vazia delas, mesmo que as tenha» (S. I, 3, 4). Por isso diz o Santo: «NÃO andar buscando o melhor das coisas temporais, senão o pior»; esta é a pobreza material, boa e até necessária dentro de certos limites, mas não suficiente; e a seguir acrescenta: «e *desejar* entrar em toda a desnudez e vazio e pobreza por Cristo em tudo quanto há no mundo»

(ib. 13, 6); esta é a pobreza espiritual que, libertando a alma de todo o desejo e affecto aos bens terrenos, aperfeiçoa e dá valor à pobreza material. Porque, se depois de ter renunciado ao supérfluo, ao bem-estar e às comodidades da vida, lhes ficas apegado com o affecto do coração, bem pouco te aproveitará a renúncia material: «Porque as coisas deste mundo não ocupam a alma nem lhe causam dano, pois não entram nela, mas só a vontade e o appetite delas que moram nela» (ib. 3, 4).

Colóquio — «Ó benigníssimo Senhor Jesus Cristo, riquíssimo em amor, aprendi por experiência que nada há mais penoso neste mundo do que deixar-se abrasar por desejos terrenos, pois o amor das riquezas é fome insaciável que tortura muito mais a alma com o ardor do desejo do que lhe causa refrigério, depois de alcançado aquilo que se desejou.

«A aquisição das riquezas é causa de grandes canseiras, a sua posse produz grandes temores, a sua perda ocasiona graves amarguras. Quem as ama não pode amar-Vos, Senhor, pois sendo elas caducas, cairá na perdição; quem nelas se apoia com amor, com elas acabará tristemente. Quem as encontra, perde a paz; se está acordado, pensa como aumentá-las; se dorme, sonha com ladrões; durante o dia está ansioso e aflito; durante a noite teme e assim é sempre infeliz» (Ven. R. Giordano).

Ó Senhor como seria infeliz, se o amor dos bens terrenos me impedisse de Vos seguir de mais perto! Oh! como é diferente a minha vida da Vossa! Que diversidade de gostos, de desejos! Vós, o Rei do céu e da terra, que podíeis rodear-Vos de esplendores, por-

que toda a riqueza foi por Vós criada, que podíeis ter uma multidão de servos às Vossas ordens, nada quisestes e escolheste, como Vossa primeira morada, um estábulo de animais, e como última, uma dura cruz. E eu, que sou pó e cinza, e não tenho direito algum a possuir, porque não tenho nada por mim mesmo, mas tudo me vem da Vossa liberalidade, porque terei a pretensão duma vida cómoda e tantos desejos de bem-estar material?

Não permitais, Senhor, que o amor aos bens temporais se levante como um obstáculo e um muro de divisão entre Vós e eu. A união de amor exige semelhança; o amor, ou encontra, ou torna semelhantes os que se amam. Eu Vos amo, Senhor, mas ainda é fraco o meu amor; fortalecei-o Vós, para que seja capaz de combater qualquer apego que me impeça de Vos seguir mais de perto e de me assemelhar a Vós.

86. A POBREZA VOLUNTÁRIA

Dignai-Vos, Senhor, mostrar-me os tesouros escondidos na pobreza voluntária e os deveres que dela derivam.

1 — S. Tomás diz que, para chegar à perfeição da caridade, é necessário desapegar o mais possível o coração das coisas do mundo, a fim de concentrar em Deus todos os nossos afectos. «Assim, quem possui as coisas temporais é atraído a amá-las pelo facto de as possuir... Eis porque o primeiro requisito para adquirir a caridade perfeita é a pobreza voluntária, quer dizer, viver sem possuir nada como próprio, segundo o que o Mestre diz em S. Mateus: 'Se queres ser perfeito vai,

vende o que tens, dá-os aos pobres, vem e segue-me» II^a II^{ae} q. 186, a. 3).

Isto exercita-se de modo particular na vida religiosa pelo voto de pobreza. Mas as almas consagradas a Deus que vivem no mundo, se querem tender à perfeição, devem também abraçar a pobreza voluntária. A Igreja impõe-na como obrigação a todos os Institutos seculares; visto que o estado de perfeição requer um sério compromisso de pobreza, os membros de tais Institutos devem emitir «um voto ou promessa de pobreza, pela qual não podem usar livremente dos bens temporais» (Const. Apost. *Provida Mater Ecclesia*). A essência da pobreza voluntária consiste exactamente nesta renúncia ao uso *livre e independente* dos bens temporais. Com efeito, só quem renuncia a usar livremente dos bens terrenos pode, como diz S. Tomás, viver «sem possuir nada como próprio», e deste modo alcançar a liberdade necessária para seguir a Jesus no caminho da perfeição.

2 — Se fizeste profissão de pobreza voluntária, reflecte que perdeste a liberdade de usar a teu gosto das coisas temporais. Mesmo que as Regras do teu Instituto permitam possuir determinados bens, não podes usar deles como dono: o voto de pobreza tirou-te esse poder. Por teu arbitrio não podes, portanto, dispor de nada, nem sequer das coisas necessárias à vida, mas deves em tudo regular-te pelas normas das tuas Constituições e depender dos teus superiores.

Nem todas as regras das várias Ordens, Institutos religiosos ou Institutos seculares são igualmente severas àcerca do uso dos bens temporais: algumas, muito rigorosas, proíbem o uso livre até das coisas mais pe-

quenas de valor apreciável; outras, não tão severas, dão mais liberdade. Mas se queres praticar o teu voto com perfeição, adopta a regra de *não usar nem dispor nunca de nada com espírito de propriedade*. Quanto mais souberes viver realmente como se nada possuísses, nem sequer um livro, um vestido, ou um pedaço de pão, mais te assemelharás a Jesus e mais livre te sentirás para O seguir até seres admitido entre os Seus íntimos.

Outra consequência que deriva do voto ou da promessa de pobreza voluntária, é a de abraçar espontaneamente, por amor de Deus, condições de vida semelhantes às dos verdadeiros pobres. O pobre vê-se obrigado a prescindir das comodidades, deve poupar, tem de trabalhar para viver. Tu, por exercício de virtude, deves renunciar espontaneamente e de boa vontade ao supérfluo e às comodidades, não deves desperdiçar nada, e deves além disso sujeitar-te a uma vida de trabalho contínuo. E isto não por espírito de avareza nem por amor ao lucro, mas por puro exercício de virtude. Se, pois, alguma vez te vier a faltar alguma coisa necessária, dá graças a Deus que assim te oferece uma bela ocasião de viveres como verdadeiro pobre.

Colóquio — Ó Senhor, como são grandes os tesouros encerrados na santa pobreza!

«A pobreza é um bem que encerra em si todos os bens do mundo; é grande senhorio. É assenhorearmos outra vez de todos os bens do mundo porque nada se nos dá deles. Que se me dá a mim dos reis e senhores, se não quero as suas riquezas, se para os contentar posso vir a descontentar-Vos nalguma coisa, ó meu Deus? E que se me dá das suas honras, se tenho entendido que, para um pobre, o ser muito honrado

está em ser verdadeiramente pobre?... A verdadeira pobreza, aquela que é abraçada por Vosso amor, ó Senhor, traz consigo uma honra que não há quem lhe resista, porque não cuida senão de Vos contentar a Vós» (T. J. *Cam.* 2, 5 e 6).

Bendito sejais, Senhor, por me terdes concedido abraçar a santa pobreza que me livra de todo o cuidado material e me liberta de toda a escravidão terrena! Desta maneira poderei eu, miserável criatura, ter a grande honra de só a Vós servir, Rei do céu e da terra.

Fazei, Senhor, que guarde intactos os doces laços da santa pobreza, que me arrancam da terra para me ligar a Vós. Fazei que, segundo os compromissos abraçados na minha profissão, a pobreza seja realmente «o escudo da minha bandeira que de todas as maneiras quero guardar: na casa, no vestido, nas palavras e muito mais no pensamento» (ib. 8). Sim, também no pensamento, para que os meus desejos não voltem, nem por um instante ao que deixei por Vosso amor.

Compreendo e confesso, meu Deus, que todas as vezes que me queixei de alguma privação ou incómodo, que lamentei não ser melhor tratado, que desejei uma vida mais cómoda, todas as vezes que fui exigente, me afastei do ideal e da prática efectiva da pobreza voluntária. E assim me afastei também de Vós e voltei à escravidão das coisas materiais. Que loucura, Senhor, dividir o coração entre Vós, riqueza infinita, e as miseráveis nulidades das coisas terrenas!

87. O ESPÍRITO DE POBREZA

Ó Jesus, eu Vos contemplo, no monte, ensinando às turbas o espírito de pobreza. Também eu me aproximo com o desejo de Vos ouvir.

1 — «E Jesus, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo: 'Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus'» (Mt. 5, 3).

Assim começa o sermão da montanha e depois, em diversas ocasiões, Jesus explica como se deve entender a pobreza de espírito. «Não queirais entesourar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem e onde os ladrões os desenterram e roubam, mas entesourai para vós tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem a traça os consomem, e onde os ladrões não os desenterram nem roubam. Porque onde está o teu tesouro aí está também o teu coração» (ib. 6, 19-21).

Considera que Jesus dirigiu estas lições não só aos Apóstolos mas também aos discípulos e às turbas que O seguiam. Isto demonstra que, se nem todos devem fazer o voto de pobreza — a vida de família não o permite — todos, porém, estão obrigados a adquirir e praticar «o espírito de pobreza», quer dizer, a chegar ao desprendimento efectivo dos bens da terra, não pondo neles o seu tesouro nem os procurando com avidez e espírito de cobiça. Aqueles que têm o dever de administrar os bens e aumentá-los por meio de um trabalho honesto, como os pais e as mães de família, devem fazê-lo com ordem, ou seja, evitando que os negócios e os interesses materiais os impeçam de atender aos negócios da alma e aos deveres para com Deus. «Pois que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier

a perder a sua alma?» (Mt. 16, 26). E a quem possui pouco e vive com dificuldades materiais, o espírito de pobreza pede que aceite serenamente e com paciência a própria condição de vida, vendo nela um convite a imitar mais de perto a vida de Jesus pobre. Pondera, além disso, que quando o divino Mestre disse: «Vende quanto tens e dá-o aos pobres», quis unir o exercício da pobreza com a prática da caridade. O espírito de pobreza, desapegando o teu coração dos bens terrenos, deve tornar-te generoso para com os necessitados.

2 — «Não andeis inquietos nem com o que vos é preciso para alimentar a vossa vida, nem com o que vos é preciso para vestir o vosso corpo. Porventura não vale mais a vida que o alimento e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provisão nos celeiros, e contudo vosso Pai celeste as sustenta... E porque vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo... Se pois, Deus veste assim uma erva do campo que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?» (Mt. 6, 25-30). Jesus não te proíbe tomar providências para o dia de amanhã, antes te diz pela boca do Apóstolo: «Se alguém não quer trabalhar, também não coma» (II Tess. 3, 10). O que Jesus não quer é aquela ânsia que te engolfa por completo nos negócios temporais e que demonstra não só apego desordenado às coisas da terra, mas até pouca confiança na divina Providência. O divino Mestre faz-te observar que se Deus te deu o essencial, quer dizer, a vida e o corpo, também te dará o acessório, ou seja, os meios para conservar a vida e o corpo, que são os alimentos e o vestuário.

O espírito de pobreza não será em ti durável nem profundo se não se baseia na confiança na divina Providência. Só confiando sinceramente em Deus e na Sua palavra, que nunca falhará, terás a coragem de pôr de lado toda a preocupação excessiva das coisas temporais. E então se cumprirá em ti a palavra de Jesus: «Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas de acréscimo» (Mt. 6, 33).

Em qualquer estado e no exercício de qualquer profissão, a principal preocupação do cristão deve ser a de servir a Deus e tender para Ele; tudo o mais é secundário. Santa Teresa de Jesus dizia às suas filhas: «Já que deixais as rendas, deixai o cuidado do necessário à vida senão tudo vai perdido... Não falem nós a Deus, e não haja medo que Ele nos falte» (Cam. 2, 1 e 2).

Colóquio — «Ó Senhor, eu considero a santa pobreza um grande tesouro em que nenhuma coisa é preparada pela indústria humana, mas tudo é disposto pela Vossa Providência divina... Por isso quero pedir-Vos que me façais amar de todo o coração o tesouro da santa pobreza, o qual é tão nobre que Vos tem por servidor, a Vós, ó sumo Deus» (cfr. S. Francisco de Assis).

Ó Senhor, curai-me da minha excessiva inquietação pelas necessidades da vida. No silêncio do meu coração parece-me ouvir ressoar a Vossa doce censura: «Os gentios é que procuram todas estas coisas. Vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas» (Mt. 6, 32).

Ó Senhor, conheceis as minhas necessidades e não sois para mim um estranho; sois um Pai e como tal Vos obrigastes a prover às minhas necessidades. Fortifical, Senhor, a minha fé na Vossa palavra. Fazei

que a minha confiança seja semelhante à de S. Francisco de Assis que se sentia tão seguro de Vós, que não hesitou em restituir a seu pai não só o dinheiro mas também os vestidos, indo depois pelo mundo privado de tudo, mais contente e confiado na sua pobreza que os ricos nas suas riquezas. Ó ditosa pobreza que tem a Deus por servidor! Porque Vós, Senhor, não abandonais quem em Vós confia, mas antes Vos comprazeis em ser generoso e liberal com aquele que deixou tudo por Vosso amor e Se entregou por completo à Vossa Providência celeste.

Ó Jesus, se não posso materialmente deixar todos os bens e negócios terrenos, fazei que ao menos saiba deixar todo o cuidado e preocupação exagerada. Fazei que a minha única preocupação seja a de Vos amar e servir com todas as minhas forças, de procurar a Vossa amizade, a Vossa intimidade, a união conVosco. Um dia dissestes a S.ta Catarina de Sena: «Tu, pensa em mim e Eu pensarei em ti». Dignai-Vos também repetir-me esta palavra; fixai-a no meu espírito e no meu coração, a fim de que nenhum cuidado das coisas materiais seja capaz de me distrair de Vós.

88. A CASTIDADE

Ó Jesus, lírio puríssimo, amante das virgens, fazei-me compreender a beleza da castidade perfeita.

1 — «Não sabeis que sois templos de Deus e que o espírito de Deus habita em vós? Se alguém violar o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque é santo o templo de Deus que vós sois» (I Cor. 3, 16 e 17).

A graça do baptismo consagrou o corpo do cristão, fazendo-o templo de Deus vivo e membro de Cristo. Daqui a obrigação de respeitar este corpo, obrigação que exige de todo o cristão a virtude da castidade, praticada segundo o seu estado. O pecado impuro profana o corpo, templo de Deus e faz dos membros de Cristo «membros de uma prostituta» (I Cor. 6, 15).

Fora do matrimónio, a continência absoluta, ou seja, a abstenção de todo o prazer sensual, é exigida a todos indistintamente; no matrimónio requiere-se a castidade conjugal que limita o prazer ao próprio fim do matrimónio. Tal como a pobreza liberta da escravidão dos bens terrenos e regula o seu uso, assim a castidade liberta da escravidão dos sentidos e modera o seu uso.

Por isso, a virtude da castidade não está reservada às almas consagradas a Deus, mas é um sério dever para todo o cristão; e não basta a castidade do corpo, é necessária também a castidade dos pensamentos, dos desejos, do coração, porque Jesus disse: «as coisas que vêm do coração é que mancham o homem. Do coração saiem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios» (Mt. 15, 18 e 19).

Para ser casto de corpo é pois necessário ser casto de coração. Jesus inculcou-nos insistentemente esta pureza interior: «O teu olho é a lucerna do teu corpo. Se o teu olho for são todo o teu corpo será luz. Mas se o teu olho for defeituoso, todo o teu corpo estará em trevas» (Mt. 6, 22 e 23).

2 — «O que está sem mulher, está cuidadoso das coisas que são do Senhor, como há-de agradar a Deus... E a virgem cuida das coisas que são do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito» (I Cor. 7, 32 e 34)

A castidade perfeita, escolhida como estado de vida e abraçada como voto, livra de todos os cuidados e preocupações inevitáveis da vida conjugal e que dividem o coração entre Deus e os afectos humanos.

Jesus disse haver alguns que renunciavam a formar uma família «por amor do Reino dos Céus» (*Mt.* 19, 12). O valor essencial do voto de castidade consiste precisamente nesta renúncia que a criatura se impõe livremente para se dar a Deus por completo, alma e corpo, coração e espírito: tudo é reservado e consagrado a Ele só.

Quem se une em matrimónio, torna-se colaborador de Deus na transmissão da vida natural a outros seres; e quem, mediante o voto de castidade se consagra ao Senhor, torna-se Seu colaborador na comunicação da vida da graça aos homens. A pessoa consagrada a Deus renuncia à fecundidade material em vista de outra fecundidade muito superior: a espiritual. A paternidade ou maternidade natural é substituída por uma paternidade ou maternidade sobrenatural. Santa Teresa do Menino Jesus exprimia desta maneira a sua vocação ao Carmelo: «Ser Vossa esposa, ó Jesus, ser, pela união conVosco, mãe das almas!» (*M. B.* pg. 230).

Esta é a fecundidade das almas virgens, «casta geração», que Jesus chama à renúncia total dos prazeres lícitos do matrimónio, para fazer delas os Seus mais íntimos colaboradores na obra da redenção e santificação do mundo. O voto de castidade não encerra as almas numa vida estéril, mas, unindo-as totalmente a Deus, abre-lhes a sublime fecundidade do apostolado. «A virgindade perpétua é uma hóstiã pura oferecida a Deus, uma vítima santa; é uma flor que traz honra e alegria à Igreja e é uma grande fonte de força» (Pio XII, *Aloc. Set.* 1951).

Colóquio — «Ó Senhor, toda a minha esperança está fundada na Vossa misericórdia. Dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes. Ordenastes-me a continência. Alguém afirmou que não se pode ser casto sem o dom de Deus; mas é já sabedoria o saber de quem provém este dom. A continência recolhe-nos e reduz-nos àquela unidade da qual nos afastámos por nos termos dado a muitas coisas. Pouco Vos ama aquele que, ao mesmo tempo, ama outra criatura sem ser por Vós. Ó amor que sempre ardeis e nunca vos extinguis! Ó caridade, ó meu Deus, inflamai-me! Ordenais-me a continência: dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes» (S.º Agostinho).

Ó Jesus, fazei-me compreender claramente que para o homem não há maior honra do que aquela que lhe fazeis quando, livrando-o das «tribulações da carne» (I Cor. 7, 28), o convidais a dar-se totalmente a Vós pelo vínculo da castidade perfeita. Ó vínculo santo que unes a Deus, pureza infinita, uma criatura saída da lama, e a elevas tão alto que a fazes participar do esplendor imaculado da virgindade divina. Ó vínculo santo, que estabelece uma união indissolúvel entre Deus e o homem, e apresentas as almas «como virgens puras a um único esposo, Cristo» (cfr. II Cor. 11, 2) a fim de que sejam Suas esposas na fé e no amor.

Ó Jesus, Esposo das almas virgens, Vós que disestes: «Nem todos compreendem esta palavra, mas somente aqueles a quem foi concedido» (Mt. 19, 11), fazei-me compreender cada vez melhor o valor imenso da castidade perfeita. Que dom mais sublime poderia pedir-Vos eu, e poderíeis Vós dar-me?

Ó Jesus, que, chamando-me à castidade perfeita, me livrastes dos cuidados da família e dos afectos terrenos,

fazei que eu não me encerre egoistamente em mim mesmo, mas que partilhe conVosco, do modo mais directo e intenso, as Vossas solitudes, a Vossa vida de imolação e sacrifício pela salvação dos homens e pela glória do Pai. Vós me quereis virgem porque me chamais a ser Vosso íntimo colaborador na sublime obra da Redenção, e na medida em que me der a Vós com dedicação generosa e plena, me concedereis o dom da fecundidade espiritual. Ó Jesus, estreitai os vínculos da minha união conVosco para que, por meio dela, eu me torne capaz de gerar muitas almas para o Vosso amor e para a Vossa graça!

89. A MODÉSTIA

Ó Jesus, Esposo das virgens, mostrai-me como Jeve viver uma alma consagrada a Vós.

1 — A castidade perfeita supõe um domínio absoluto do espírito sobre a matéria. Tal domínio é, porém, contrariado em nós, pelas tendências desordenadas aos prazeres sensíveis; também as almas consagradas a Deus levam o tesouro da castidade em «*vasis fictilibus*» (II Cor. 4, 7), quer dizer, no vaso frágil dum corpo de carne que sente a inclinação para as satisfações dos sentidos. O voto de castidade não liberta a alma destas tendências e por isso não a dispensa duma vigilância contínua: «O que fez a Deus voto de pureza total, deve lutar com a oração e penitência para alcançar a suprema vitória» (Pio XII). Com a oração, porque sem Deus ninguém pode ser casto; com a penitência e mortifi-

cação, porque é necessário sujeitar o corpo às exigências do espírito.

A modéstia é um exercício particular de mortificação destinado a *moderar* e regular toda a actividade interior e exterior do homem, em conformidade com a sua vocação. S. Paulo recomenda esta virtude a todos os cristãos: «A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens» (*Fil.* 4, 5); mas de maneira especial estão obrigadas a ela as almas consagradas porque, sendo chamadas — pelo seu estado de vida — a conservar intacto o tesouro da castidade, têm necessidade de um mais assíduo e delicado exercício de *moderação* dos sentidos. Exactamente como aquele que, possuindo tesouros materiais de grande valor, toma todas as medidas e precauções para os defender dos ladrões. «Irmãos, sede sóbrios e vigiai», exorta-nos S. Pedro (I, 5, 8), porque o inimigo do bem está sempre à espreita.

Consagrando a Deus o corpo, o voto de castidade consagra também a Deus os sentidos, que devem por isso, estar livres das coisas vis da terra, para se ocuparem totalmente no serviço divino.

2 — Quanto mais uma pessoa aspira a uma total doação a Deus e mais visa à união com Ele, tanto mais a sua atitude deve ser informada por uma perfeita modéstia. Modéstia no rosto, no andar, nos gestos, no trato: «Em todas as coisas que fizerdes e tratardes, sede modestas», ensina S.ta Teresa de Jesus às suas filhas; e S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus «de tal forma refreava e guardava as suas potências e sentidos que evitava todo o olhar ou palavra que de algum modo não tivesse relação com Deus» (*Sp.* pg. 272). É a regra de ouro de S. João da Cruz: usar dos senti-

dos *unicamente para o serviço e honra de Deus e para elevar o coração para Ele* (cfr. S. I, 13, 4), o que na prática significa usar dos sentidos só na medida requerida pelo cumprimento dos próprios deveres ou por um honesto e justo alívio e «o resto deve-se deixar desocupado para Deus» (J.C. AM. II, 38). Portanto, guardar a vista e os ouvidos de todas aquelas imagens, curiosidades e notícias que os embaraçam inútilmente, com perigo de fazer chegar à alma impressões menos puras e santas.

Quem, sem necessidade, quer ver tudo, ouvir tudo, provar tudo, é semelhante àquele que deixa as portas da própria casa abertas a qualquer invasão. Os sentidos são as portas da alma; importa guardá-los para não pôr em perigo o tesouro da castidade.

A modéstia, porém, não é só uma arma defensiva da castidade, é também o baluarte de toda a vida interior: somente a alma que sabe guardar os seus sentidos, é capaz de se recolher no seu interior para viver em intimidade com Deus. A modéstia, desviando os sentidos das coisas terrenas, concentra-os e fixa-os em Deus: «Faremos morrer em nós a curiosidade dos nossos olhos e desviando-os de todas as coisas inúteis, fixá-los-emos em nós próprios, nos movimentos do nosso coração e no Coração de Jesus» (T.M. Sp. pg. 261). Este é o valor positivo da modéstia. Só quem ama muito o Senhor é capaz de se impôr uma tal disciplina.

Colóquio — «Ó meu Deus, auxílio, defesa e doce esperança minha, fazei que Vos ame ardentemente! Fazei que Vos abrace, ó Sumo Bem, sem o qual não há bem algum para mim; fazei que me deleite em Vós, fonte de perfeição, sem a qual nada há perfeito.

«Abri os meus ouvidos à Vossa palavra mais penetrante que uma espada de dois gumes, e que eu ouça a Vossa voz. Iluminai os meus olhos, ó luz incomparável, e fazei-o com tanta força que não se voltem mais para as vaidades terrenas, mas Vos procurem unicamente a Vós, ó Bem invisível. Criai em mim um olfacto novo, ó perfume suavíssimo da minha vida, para que eu corra atrás da fragância dos Vossos aromas. Sarai o meu gosto, Senhor, a fim de que eu conheça e saboreie a Vossa imensa doçura, aquela doçura que reservastes aos que estão cheios do vosso amor. Dissipai e destruí com a Vossa doçura, a minha concupiscência para que eu não deseje outra coisa fora de Vós, nem seja seduzido e enganado pelas vaidades mundanas, a ponto de considerar amargo o doce e doce o amargo, trevas a luz e luz as trevas. Livrai-me das armadilhas tecidas pelo inimigo das nossas almas, que enche o mundo com as suas insídias.

«Eis, dulcíssimo Senhor meu, que o mundo está cheio dos laços das concupiscências. E quem poderá fugir a todos eles? Certamente só aquele a quem Vós tirardes a soberba dos olhos, a concupiscência da carne, a irreverência e a obstinação do espírito. Oh! como é feliz aquele que recebe de Vós esta graça, porque com ela passará ileso pelo meio de tantos inimigos!» (S.to Agostinho).

Ó meu dulcíssimo Senhor, de todo o coração renovo diante de Vós a consagração dos meus sentidos. Consagro-Vos os olhos para que não procurem senão o Vosso rosto e não vejam senão aquilo que a Vós conduz; consagro-Vos a língua para que seja digna de cantar os Vossos louvores e nunca pronuncie uma palavra que Vos desagrade; consagro-Vos os ouvidos para que só escutem a Vossa voz e o que é necessário para o Vosso

serviço, consagro-Vos o olfacto, o gosto, o tacto para que se deleitem unicamente em Vós, ó Esposo das virgens! Com S.ta Inês quero repetir: «Amando-Vos, ó meu Cristo, sou casta, tocando-Vos, sou pura, possuindo-Vos, sou virgem!» (BR.).

90. A CASTIDADE DO CORAÇÃO

Ó Senhor, ensina-me como deve ser puro o meu coração para ser admitido à Vossa intimidade.

1 — O coração da pessoa consagrada a Deus deve ser «um jardim fechado, uma fonte selada» (*Cant.* 4, 12) porque não deve admitir affecto algum que não seja de Deus ou ordenado a Deus. É evidente que isto não exclui nem o amor do próximo em geral, nem o affecto devido à própria família, mas sim tudo quanto é amor puramente natural. Por outras palavras, os affectos de uma alma consagrada a Deus devem ser todos sobrenaturalizados, ou seja, deve amar as criaturas por Deus, porque são Suas e Lhe pertencem. Quando, pelo contrário, nos seus affectos se deixa guiar por motivos humanos: simpatia, interesse, desejo de saciar o coração com alguma gota de amor sensível, então não ama as criaturas em ordem a Deus, mas por si mesma, pela satisfação que encontra nelas; o seu amor não é sobrenatural, mas humano. E os affectos humanos devastam o coração consagrado a Deus como as pequenas raposas de que fala o Cântico devastam os vinhedos.

Depois de ter quebrado, por amor de Deus, os vínculos sagrados do sangue, depois de ter renunciado a uma família própria, é grande insensatez deixar prender

o coração por criaturas que não têm sobre ele direito algum, por afectos que nada têm de sagrado. Perante eles é preciso responder com a fortaleza de Inês: «Deus pôs um sinal na minha face para que não admita outro amor fora do Seu. Só nEle tenho a minha fé» (BR.),

«É para lastimar — escreve S. João da Cruz — ver como algumas almas... carregadas de riquezas... espirituais... por não terem ânimo para acabar com algum gostinho, ou apego, ou afeições, nunca adiantam nem chegam ao porto da perfeição... Farta razão de dor é que lhes haja Deus feito quebrar outras cordas mais grossas de afectos... e porque se não desprenderam duma ninharia... deixam de caminhar a tanto bem» (S. I. 11, 4 e 5).

2 — Deus é cioso do coração que Lhe é consagrado, e não o admite à Sua intimidade enquanto o achar ocupado por qualquer affecto que o impeça de concentrar nEle todo o amor de que o tornou capaz. «Deus — diz S.ta Teresa de Jesus — não quer forçar a nossa vontade, toma o que Lhe damos, mas não Se dá a Si de todo, até que de todo nos demos a Ele» (Cam. 28, 12). «Deus não quer um coração dividido: quer tudo ou nada» (T.M. Sp. pg. 187).

Enquanto não se chega ao dom total do coração, será impossível gozar da intimidade divina.

«Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus» (Mt. 5, 8), disse Jesus. Esta visão, este gozo de Deus é de certo modo antecipado cá na terra, para aqueles que sabem reservar para Ele a integridade, a pureza do coração. S. Tomás escreve: «Um coração livre de pensamentos e afectos alheios a Deus, é como um templo consagrado ao Senhor, onde já neste mundo O

podemos contemplar» (*Coment. a S. Mt.*). O coração puro é semelhante ao olhar limpo e claro que sabe compreender a Deus e penetrar na profundidade dos Seus infinitos mistérios. Por isso os teólogos ensinam que à «bem-aventurança dos limpos de coração» corresponde o dom do entendimento, por meio do qual o Espírito Santo torna a alma capaz de «*intus legere*», de ler dentro, isto é, de penetrar na Divindade. Quem mais ama, mais deseja conhecer a pessoa amada, não só exteriormente, mas também intimamente, até ter entrada nos seus pensamentos, nos seus segredos, renunciando gostosamente a qualquer outra satisfação para conseguir o seu fim.

Se queres conhecer a Deus, se queres entrar na Sua amizade íntima e profunda, debes oferecer-Lhe um coração puro, vazio de todo o afecto humano. «Não tenhas presente em ti as criaturas se queres guardar na tua alma clara e simples a imagem de Deus, mas esvazia e alheia delas o espírito... e andarás na luz divina» (*J.C. AM. I, 25*).

Colóquio — Ó Jesus, doçura inefável, convertei-me em amargura todas as consolações da terra, porque não quero que as criaturas tenham sequer um átomo do meu coração. Se soubesse que uma só fibra do meu ser vibrava por um afecto humano, estaria pronto a arrancá-la e a lançá-la para longe de mim a preço de qualquer sofrimento.

Mas Vós sabeis como é grande a minha fraqueza e como nos momentos de desânimo, de solidão e de abandono, sinto a tentação de ir procurar um pouco de afecto, de compreensão, nas criaturas. «Oh! então, eu Vos peço, fazei que só encontre amargura nas ami-

zades da terra, de outra forma, com um coração como o meu, deixar-me-ei prender e cortar as asas» (cfr. T.M.J. M.A. pg. 91).

Ó Senhor iluminai o meu coração nas suas pregas mais recônditas, nos seus mais íntimos esconderijos, e se neles encontrardes algum fio de affecto que não seja para Vós, mostrai-mo e dai-me a graça de o quebrar para sempre.

Vós quereis tudo e eu quero dar-Vos tudo. De resto, ao dar-Vos todo o meu coração, não faço mais do que devolver-Vos o que é Vosso, porque de Vós o recebi, e porque não seria capaz de amar se não tivésseis infundido em mim uma centelha da Vossa caridade infinita. Ó Senhor, é muito justo que esta centelha volte para Vós e seja empregada em amar-Vos, amor infinito, que me tirastes do nada e me fizestes capaz de corresponder ao Vosso amor. O meu amor insignificante, elevando-me até Vós e pondo-me em contacto com a fornalha imensa da Vossa caridade, crescerá desmedidamente e poderá espalhar-se pela terra, abrangendo, na benevolência de um amor puro e sobrenatural, todas as criaturas, para as conduzir a Vós, seu princípio e seu fim.

Ó Jesus, guarda das virgens, guardai o meu coração e tornai-o tão puro e transparente, que seja digno de ver o esplendor da Vossa face.

Não Vos conheço ainda, Senhor meu, porque, querendo ainda amar e gozar as criaturas, o meu olhar interior não tem a limpidez necessária para Vos contemplar. E porque não Vos conheço, não Vos amo quanto deveria e pouco gozo de Vós. Vede, pois, como é grande a minha necessidade! Vinde Vós purificar o meu coração a fim de que possa conhecer-Vos plenamente e, conhecendo-Vos, verdadeiramente Vos possa amar com todas as minhas forças.

91. A PREDIÇÃO DA PAIXÃO DOMINGO DA QUINQUAGÉSIMA

Ó Jesus, dai-me luz para compreender o mistério e o valor do sofrimento cristão.

1 — Aproximando-se a Quaresma, tempo em que predomina a lembrança das dores de Jesus, o Evangelho de hoje (*Lc. 18, 31-43*) anuncia-nos já a Sua Paixão. A predição é clara: «O Filho do Homem será entregue aos gentios, e será escarnecido e açoitado e cuspidos; e, depois de o açoitarem, o matarão, e ressuscitará ao terceiro dia», todavia, como já de outras vezes sucedera, os Apóstolos «nada compreenderam e este discurso era para eles obscuro». Não compreenderam porque concebiam a missão de Jesus como a de um conquistador terreno, que havia de restabelecer o reino de Israel; não sonhando mais do que com triunfos e preocupados como estavam em ocuparem os primeiros lugares do novo reino, qualquer alusão à Paixão os alarmava e escandalizava.

Para os que só pensam na prosperidade e glória terrenas, a linguagem da cruz é incompreensível. Para aqueles que têm uma visão material das coisas, é muito duro entender o seu significado espiritual e particularmente o significado do sofrimento. Já S. Paulo dizia que Cristo crucificado era «escândalo para os judeus e loucura para os gentios» (*I Cor. 1, 23*). E Jesus, repreendendo S. Pedro que ao primeiro anúncio da Paixão tinha exclamado: «Deus tal não permita, Senhor; não te sucederá isto», dissera com energia: «Retira-te de mim, Satanás... porque não tens a sabedoria das coisas de Deus, mas das coisas dos homens» (*Mt. 16, 22 e 23*).

Para a sabedoria dos homens o sofrimento é loucura incompreensível, assustadora, a ponto de os fazer perder toda a confiança em Deus e de os levar a murmurar contra a Providência divina. Para a sabedoria de Deus, porém, o sofrimento é antes um meio de salvação e redenção. E assim como foi necessário que «Cristo padecesse para entrar na sua glória» (cfr. *Lc.* 24, 26), do mesmo modo é necessário que o cristão passe pelo crisol da dor a fim de chegar à santidade e à vida eterna.

2 — Só depois da descida do Espírito Santo os Apóstolos compreenderam plenamente o significado da Paixão de Jesus e, longe de se escandalizarem, tiveram como a maior honra, seguir e pregar a Cristo crucificado.

O olhar humano não tem luz para compreender o valor da cruz; é necessária uma nova luz, a luz do Espírito Santo. Não é sem razão que no Evangelho deste dia, logo após a profecia da Paixão, se narra a cura do cego de Jericó. Perante o mistério da dor, somos sempre um pouco cegos: quando o sofrimento nos fere no que temos de mais querido, de mais íntimo, é fácil perdermo-nos e andarmos às apalpadelas como os cegos, na incerteza, nas trevas. A Igreja convida-nos a renovar hoje a oração do cego, tão cheia de fé: «Jesus, filho de David, tem piedade de mim».

O mundo admira-se frequentemente dos sofrimentos dos bons, e em vez de os animar quando recorrem a Deus, procura afastá-los dEle, infundindo-lhes desconfiança e falsos temores. As nossas próprias paixões e a tendência inata para gozar, gritam tantas vezes dentro de nós querendo, sob mil pretextos, impedir-nos de seguir Jesus crucificado. Permanecemos firmes na fé como

o pobre cego que, sem se importar com a multidão que o impedia de se aproximar de Jesus, sem se deter perante as censuras dos discípulos, que o queriam fazer calar, «cada vez gritava mais», repetindo a sua prece.

Do fundo dos nossos corações elevemos ao Senhor o nosso grito: «De profundis clamo ad te, Dómine; Dómine, audi vocem meam» (Sal. 120). Não peçamos para nos livrar do sofrimento, mas antes para sermos iluminados sobre o seu valor: «Senhor, que eu veja!». Apenas o cego recuperou a vista, correu atrás de Jesus «glorificando a Deus!». A luz sobrenatural que pedimos ao Senhor dar-nos-á a força de O seguirmos, levando após Ele a nossa cruz.

Colóquio — «Ó Filho do Pai Eterno, Jesus Cristo, Senhor nosso, verdadeiro Rei de tudo! Que deixastes no mundo que possamos herdar de Vós, nós, os Vossos descendentes? Que possuístes, Senhor meu, senão trabalhos e dores e desonras e nem sequer tivestes mais do que um madeiro para passar o trabalhoso trago da morte? Enfim, Deus meu, os que quisermos ser Vossos verdadeiros filhos e não renunciar à herança, não nos convém fugir ao padecer! Vossas armas são as cinco chagas!... E essas chagas devem ser a minha divisa, se quero herdar o Vosso Reino! Não é com descansos, nem regalos, nem honras, nem riquezas que se há-de ganhar o que Ele comprou com tanto sangue. Ó gente ilustre! Abri por amor de Deus os olhos! Vede que os verdadeiros cavaleiros de Jesus Cristo e os príncipes da Sua Igreja, um S. Pedro, um S. Paulo, não levaram o caminho que levais. Pensais porventura que há-de haver novo caminho para vós? Não o acrediteis» (T.J. *Fd.* 10, 11).

Ó meu Jesus a cruz é o Vosso estandarte, seria por isso bem vergonhoso para mim pedir-Vos que me livrásseis dela. De um só mal Vos suplico ardentemente me livreis: de todo o pecado deliberado, por pequeno que ele seja. Tende-o sempre longe de mim, ó Senhor, pelos méritos da Vossa santíssima Paixão. Mas para os outros males: sofrimentos do corpo e do espírito, dores físicas e morais, peço-Vos luz e força. Luz, para entender o significado escondido que têm nos planos da Vossa Providência divina, luz para crer firmemente que tudo — quer seja amargura ou prova, pena ou perturbação — está ordenado por Vós para meu maior bem. Força, para não me deixar impressionar pelas falsas máximas do mundo, ou desviar por uma vã miragem de felicidade terrena; força para abraçar com coragem e com amor qualquer género de sofrimento.

92. A MORTIFICAÇÃO CORPORAL

Ó Jesus crucificado, fazei que o meu amor por Vós, me leve a querer crucificar a minha carne conVosco e por Vós.

1 — Em consequência do pecado original, o homem perdeu o domínio do espírito sobre os sentidos e sobre a carne; daqui procedem todas as más inclinações que o arrastam para baixo. S. Paulo confessa-o humildemente: «Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem... que eu não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero» (*Rom.* 7, 18 e 19).

É certo que Deus nos concede a graça de triunfar das nossas más inclinações. O nosso esforço, que deve consistir na mortificação voluntária, é porém, neces-

sário: «Os que são de Cristo, crucificaram a sua carne com os vícios e concupiscências» (Gál. 5, 24). A mortificação corporal não tem por objecto impor ao corpo incómodos e privações pelo gosto de o fazer sofrer, mas para disciplinar e vencer qualquer tendência que se oponha à vida da graça. O Apóstolo adverte: «Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas se, pelo espírito, fizerdes morrer as obras da carne, vivereis» (Rom. 8, 13).

Trata-se de pôr freio para prevenir quedas, podar ramos inúteis e daninhos a fim de evitar desvios, dirigir para o bem forças que, abandonadas a si próprias, podem arrastar ao pecado. Neste sentido, a mortificação, embora não sendo um fim em si mesma, nem sequer o elemento principal da vida cristã, ocupa nela um lugar fundamental e é um meio estritamente indispensável, enquanto torna possível a vida do espírito. Ninguém se pode subtrair a esta lei sem ver fechar-se o acesso à salvação eterna, à santidade. S. Paulo que tanto tinha feito e sofrido por Cristo, não se julgava dela dispensado e dizia: «Castigo o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que não suceda que tendo pregado aos outros, eu mesmo venha a ser réprobo» (I Cor. 9, 27).

2 — S.ta Teresa de Jesus adverte que «a oração para ser verdadeira se há-de ajudar com isto [mortificação], pois regalo e oração são incompatíveis» (Cam. 4. 2). Seria ilusão pensar que se pode chegar a um trato íntimo com Deus sem um exercício de séria mortificação física. A tal propósito convém vigiar para que o amor ao próprio corpo e ao bem-estar físico não faça pôr de lado toda a prática de penitência, sob o pretexto de não querer arruinar a saúde. Na realidade

há muitas mortificações corporais que, sem causar o mínimo dano, têm a grande vantagem de manter vivo o espírito de generosidade através da aceitação voluntária de um pouco de sofrimento físico. Para sermos generosos neste ponto, «temos de procurar tirar de nós o amor [desordenado] 'ao próprio corpo» (T.J. *Cam.* 10, 5), ou seja, a preocupação exagerada com a saúde, pondo de lado todo o requinte na comida, no vestuário, no repouso e na comodidade. «O nosso corpo tem isto de mau; quanto mais o regalamos, mais necessidades descobre... Como não lhe faltam pretextos, por pouca que seja a necessidade engana a pobre alma para que não possa medrar» (ib. 11, 2).

Quem deseja progredir no caminho da santidade e da união com Deus, deve estar disposto a dar tudo, mesmo na ordem física, até «deixar a pele — como dizia S. João da Cruz — e tudo o mais por Cristo». O Santo, porém, ensina que nesta matéria é necessário depender sempre dos superiores ou do confessor: «a penitência corporal, sem obediência — diz ele — não é mais que penitência de animais» (N. I, 6, 2), porque pospõe a obediência — «que é a penitência da razão e da discricção» (ib.), e por isso sacrifício mais aceite e agradável a Deus — a um exercício material.

Colóquio — «Esta Vossa serva, Deus meu, não pode já sofrer tantos trabalhos como os que lhe vêm por se ver sem Vós! Se hei-de viver, suplico-Vos que não me deis descanso nesta vida, porque não o quero. Quereria antes ver-me livre porque o comer me mata e o dormir me atormenta. Lamento que se me passe o tempo da vida em regalos, enquanto que nada já me pode regalar fora de Vós. Parece-me viver contra a

natureza, pois já não quero viver em mim senão em Vós» (T.J. Vi. 16, 4).

Ó Senhor, suplico-Vos que me ajudeis a libertar-me da escravidão do corpo! Ensinai-me a dominar as suas injustas exigências e a mortificar as suas pretensões. Não permitais que este invólucro de carne que me foi dado a fim de Vos servir sobre a terra, se converta em obstáculo e me detenha no dom generoso e total de mim mesmo.

Como estou longe, ó meu Deus, da austeridade e mortificação dos santos! «Pensarei que eram de ferro e não delicados como eu? Ó Senhor, ajudai-me a compreender que em começando a vencer este meu miserável corpo, ele me deixará em paz e já não me cansará tanto» (T.J. Cam. 11, 4). E porque me deverei assustar com o temor de perder a saúde?

A saúde e a doença, a vida e a morte, tudo está nas Vossas mãos, meu Deus, tudo depende de Vós. Quero pois deixar-Vos todo o cuidado, reservando para mim uma só preocupação, a de Vos amar e servir com todas as minhas forças. Ajudai-me a dominar o meu corpo, a tornar-me senhor dele, de maneira a alcançar aquela liberdade admirável de espírito, que permite à alma dar-se imperturbavelmente ao exercício duma profunda vida interior.

93. EM UNIÃO COM JESUS CRUCIFICADO

Ó Jesus, ponho-me nos pés da Vossa cruz para que me façais compreender como é necessário sofrer para ser semelhante a Vós.

1 — Para a alma que aspira à união com Deus, a penitência não é só um meio de sujeitar a carne ao espírito, mas é também um meio de se assemelhar a Cristo crucificado, para reproduzir e prolongar no próprio corpo, a Sua Paixão. «O amor iguala e assemelha» (J.C. S. I, 4, 4): quem ama deveras, deseja espontaneamente participar nos sofrimentos da pessoa amada; assim acontece com os verdadeiros amantes do Crucificado. S.ta Maria Madalena de Pazzi exclamava: «Sob uma cabeça coroada de espinhos e crucificada, não se concebe um membro delicado, nem junto de um esposo que sofre, uma esposa não mortificada». Para uma esposa é uma honra poder partilhar em tudo a vida do seu esposo; para uma alma consagrada a Deus é uma honra poder partilhar, por pouco que seja, na Paixão de Cristo e gloriar-se disso: «Longe de mim o gloriar-me senão da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo por quem o mundo está crucificado para mim e eu crucificado para o mundo» (Gál. 6, 14).

Se a mortificação do espírito é certamente mais importante que a do corpo, não devemos esquecer que Jesus, para salvar o mundo, quis abraçar uma e outra do modo mais total. Toda a Sua vida foi cruz e martírio e terminou no sacrifício do Calvário, onde a imolação espiritual e física chegou ao máximo. Quanto à mortificação da sensibilidade, diz S. João da Cruz, «é certo que Ele morreu ao sensitivo, espiritualmente em Sua vida, e

naturalmente em Sua morte; porque... em vida não teve onde reclinar a Sua cabeça e na morte ainda menos... Donde — conclui o Santo — todo o espírito que quer caminhar por doçuras e facilidades e foge de imitar a Cristo, não o teria por bom» (S. II, 7, 10 e 8).

2 — S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus escreveu estas palavras: «Lembra-te que ao entrar na religião pretendeste exprimir em ti a vida do Crucificado» (*Sp.* pg. 127). Exprimir a vida do Crucificado significa viver a Sua Paixão e associar-se aos Seus sofrimentos com as Suas mesmas intenções: a glória do Pai e a salvação das almas. «Completo na minha carne o que falta ao sofrimento de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja» (*Col.* 1, 24). Eis um outro motivo que impeliu os santos a uma generosa mortificação corporal. Nada falta à Paixão de Cristo: «Tudo está consumado» (*Jo.* 19, 30), disse Ele próprio do alto da cruz; tudo se cumpriu nEle, nossa Cabeça, mas deve cumprir-se ainda em nós, Seus membros. Jesus quer continuar em nós a Sua Paixão para nos associar à Sua obra redentora, para nos fazer Seus colaboradores na mais sublime das Suas obras: a salvação das almas. Jesus, que tudo podia fazer sozinho, quis precisar de nós para aplicar a tantas almas os méritos infinitos da Sua Paixão.

Portanto, a mortificação, o sofrimento, mesmo físico é uma exigência da vida de união com Cristo, e quanto mais generosa for, tanto mais a alma participará intimamente da vida interior e da actividade apostólica de Jesus. Não se pode ser íntimo de Cristo se não se sofrer com Ele e se não se subir com Ele para a cruz. «Que Cristo crucificado lhe baste e com Ele sofra e descanse» (*J.C. AM.* II, 13).

O sofrimento só tem valor sobrenatural quando se sofre com Cristo e por Cristo: é Jesus que santifica a dor; longe d'Ele a dor não vale nada e não serve para nada. Mas abraçada por Seu amor, transforma-se em moeda preciosa, capaz de santificar as almas, torna-se um prolongamento da Sua Paixão.

Colóquio — «Ó paixão desejada! E quem é aquele que Vos deseja, que Vos ama e se gloria de Vós? Ó verdade eterna, Vós dizeis-me que não é desejada nem amada por quem se ama a si próprio, mas antes por quem se despojou de si e revestiu de Vós, Cristo crucificado, e com a Vossa luz, descobre no alto da cruz a grandeza da Vossa caridade! Ó agradável e tranquila paixão que, na tranquilidade da paz, fazeis correr a alma sobre as ondas do mar tempestuoso! Ó paixão deleitável e dulcíssima! Ó riqueza da alma, ó verdadeira alegria, ó glória e bem-aventurança nossa, a alma que se gloria em Vós alcança o Vosso fruto. Ó Verbo, a alma que se refugiou na Vossa Paixão, está morta quanto à sensibilidade e por isso saboreia o affecto da Vossa caridade.

«Ó meu Deus, meu amor, uma coisa Vos pergunto: quando o mundo jazia enfermo, mandastes-lhe o Vosso Filho Unigénito por médico... e agora, que meio empregareis para ressuscitar outra vez o mundo, sepultado novamente na morte? Vejo que chamais Cristos aos Vossos servos e por meio deles quereis expulsar a morte e restituir a vida ao mundo. Mas de que maneira? É necessário que eles caminhem varonilmente pela senda do Verbo, com solicitude e desejo ardente, buscando a Vossa honra e a salvação das almas; para isso devem suportar pacientemente penas, tormentos, opróbrios,

repreensões... Ó maravilhoso Remediador, dai-nos, portanto, muitos destes Cristos que vivam continuamente em vigília, em lágrimas, em oração pela salvação do mundo» (S.ta Catarina de Sena).

Vós conheceis, Senhor, o profundo desejo do meu coração: assemelhar-me e unir-me a Vós, para viver unicamente da Vossa vida. Se não são para mim os sublimes estados de oração, os vôos de espírito, a cruz é certamente para mim. Vós ma ofereceis e eu quero abraçá-la com todo o meu coração. O que mais facilmente se encontra ao meu alcance, o que encontro cada dia, o que é mais conforme e proporcionado à minha miséria, sinto que é precisamente o sofrimento porque não existe nenhuma vida humana sem dor. Pois bem, ó Senhor, fazei que em todo o sofrimento físico ou moral, eu saiba reconhecer e abraçar a Vossa cruz, a fim de poder associar-me intimamente à Vossa Paixão para a salvação das almas. Agora que estais glorioso à direita do Pai, não podeis já sofrer na Vossa humanidade glorificada; dignai-Vos, portanto, sofrer em mim, servindo-Vos da minha carne miserável para continuar a Vossa obra redentora.

94. AS CINZAS

Ponho-me na Vossa presença, ó Senhor, para que a Vossa luz me ilumine acerca das verdades eternas e desperte em mim sinceros desejos de conversão.

1 — «És pó e em pó te hás-de tornar» (*Gen. 3, 19*)
Estas palavras pronunciadas pela primeira vez por Deus e dirigidas a Adão em consequência do pecado cometido,

repete-as hoje a Santa Igreja a cada um dos cristãos para nos lembrar duas verdades fundamentais: o nosso nada e a realidade da morte.

O pó — a cinza que o sacerdote põe sobre a tua cabeça — que não tem consistência alguma bastando um leve sopro de vento para o dispersar, manifesta claramente o nada do homem. «A minha vida é como nada diante de ti» (*Sal.* 38, 6), exclama o Salmista. Como é necessário ao teu orgulho, à tua soberba, compreender esta verdade, compreender que tudo é «nada» em ti! Tirado do nada pelo poder criador de Deus, pelo amor infinito que quis comunicar-te o Seu ser e a Sua vida, já não podes, por causa do pecado, voltar a unir-te eternamente com o teu Deus, sem passar pela tenebrosa realidade da morte. Consequência e castigo do pecado, a morte é, em si mesma, amarga e dolorosa; Jesus, porém, que em tudo quis fazer-Se semelhante a nós, sujeitando-Se à morte, dá ao cristão a força de a aceitar por amor. De qualquer modo, a morte é certa, e tu deves considerá-la não para te perturbares, mas para te estimulares ao bem. «Em todas as tuas obras lembra-te dos teus novíssimos e nunca jamais pecarás» (*Ecli.* 7, 40). O pensamento da morte recorda-te a vaidade das coisas terrenas e a rapidez da vida — «tudo passa, Deus não muda» — e por isso estimula-te a não te prenderes a nada, a desprezar qualquer satisfação terrena para procurares a Deus só. O pensamento da morte faz-te compreender que «tudo é vaidade excepto o amar e servir somente a Deus» (*Imit.* I, 1, 4).

«Lembra-te que só tens uma alma, que morrerás uma só vez... e darás de mão a muita coisa» (T.J. A. 68), isto é, deixarás passar todas aquelas coisas que não valem para a eternidade. Para a eternidade só

tem valor o amor, a fidelidade a Deus: «Ao entardecer desta vida examinar-te-ão no amor» (J.C. AM. I, 57).

2 — Toda a liturgia de hoje é um convite à penitência. Durante a imposição das cinzas canta-se: «Trocamos as vestes por cinza e cilício; jejuemos e chorremos na presença do Senhor». É o convite à penitência corporal, particularmente prescrita para este tempo, seguido imediatamente do convite à conversão: «Emendemo-nos dos pecados que cometemos». O fim da penitência física é a penitência espiritual, ou seja, a humildade, o reconhecimento das próprias culpas, a compunção do coração, a reforma da vida.

Este é o pensamento dominante do dia. Na Epístola (Joel 2, 12-19) lemos: «Agora, pois, diz o Senhor, convertei-vos a mim de todo o vosso coração, com jejuns, com lágrimas e com gemidos. E rasgai os vossos corações e não os vossos vestidos». A compunção, a conversão do coração está em primeiro plano porque, se a penitência corporal não vem de um coração contrito, não tem valor algum. E, por outro lado, a penitência corporal dispõe a alma à conversão, por ser um meio para chegar a ela. «Ó Deus, — canta-se no prefácio do tempo — pelo jejum corporal reprimis os vícios, elevais o espírito e concedeis a virtude e o prémio». Quem deseja chegar ao fim — que é a renovação do espírito — deve abraçar de boa vontade o meio que a ele conduz, isto é, a penitência corporal. Estes dois elementos nunca podem separar-se: a compunção do coração valoriza a penitência do corpo, e esta auxilia e exprime a compunção do coração.

O Evangelho (Mt. 6, 16-21) diz-nos depois que toda a penitência deve ser realizada com sinceridade, sem

vã ostentação e com alegria: «Quando jejuais, não queirais fazer-vos tristes como os hipócritas; porque eles desfiguram os seus rostos para mostrar aos homens que jejuam». A vaidade e a soberba tornam inúteis e até pecaminosas, mesmo as mais austeras práticas de penitência: destroem-lhes a substância e o valor, reduzem-nas a um mísero invólucro externo privado de todo o conteúdo. Por isso quando mortificas o teu corpo, procura mortificar ainda mais o teu amor próprio.

Colóquio — «Ó Jesus, que longa é a vida do homem, embora se diga que é breve! Breve é, meu Deus, para ganhar com ela a vida que não se há-de acabar; mas muito longa para a alma que deseja ver-se em Vossa presença!

«Alma minha, quando te entranhares neste sumo Bem, entenderes o que Ele entende, amares o que Ele ama e gozares o que Ele goza, então entrarás em teu descanso; a tua vontade perderá a sua inconsistência, não mais estará sujeita a mudanças... e não deixarás de O gozar juntamente com o Seu amor... Bem-aventurados os que estão inscritos no livro desta vida! Mas tu, alma minha, se o estás, porque estás triste e me conturbas? Espera em Deus, a quem de novo confessarei os meus pecados e de quem proclamarei as misericórdias. De tudo isto farei um cântico de louvor com suspiros incessantes a Vós, meu Salvador e meu Deus. Poderá ser que venha algum dia em que Vos cante a minha glória e não esteja compungida a minha consciência, onde já cessaram todos os suspiros e medos... Ó Senhor, antes quero viver e morrer a preterir e esperar a vida eterna, do que possuir todas as criaturas e todos os seus bens, que hão-de acabar. Não

me desampareis, Senhor, porque em Vós espero que não seja confundida a minha esperança. Sirva-Vos eu sempre e fazei de mim o que quiserdes!» (T.J. *Ex.* 15, 1; 17, 5 e 6).

Se o pensamento das minhas infidelidades me atemoriza, lembrar-me-ei, ó Senhor, de que, «pesando-nos de Vos ter ofendido, não Vos recordareis das nossas culpas e maldades. Oh! que piedade tão sem medida! Que mais queremos? Quem não teria vergonha de Vos pedir tanto? Agora é tempo de aceitar o que Vós nos dais, ó piedoso Senhor e Deus meu. Vós quereis a nossa amizade. Quem Vo-la negará quando Vós não negastes derramar todo o Vosso Sangue e perder a vida por nós? Olhai que é nada o que pedis e que para nosso proveito devemos fazê-lo» (ib. 14, 3).

95. A MORTE

Ó Senhor que me criastes para Vós, fazei que eu viva e morra por Vosso amor.

1 — Também hoje, quinta-feira depois das Cinzas, encontramos na liturgia um apelo ao pensamento da morte: «Põe em ordem as coisas da tua casa, porque vais morrer e não viverás» (Ep.: *Is.* 38, 1-6). A Igreja quer tornar-nos familiar o pensamento da morte, a fim de que «não sejamos apanhados de improviso e, procurando tempo para fazer penitência, não nos suceda não o obter» (MR.).

Na verdade, Jesus, no Evangelho falou da morte que chega inesperadamente como um ladrão, na hora em que menos se espera; mas para o cristão vigilante

que põe em prática o «estote parate» (Lc. 12, 40), a morte não será repentina, isto é, encontrá-lo-á sempre pronto «com os rins cingidos e a lâmpada acesa», à semelhança daqueles servos fiéis que esperam o seu senhor «para lhe abrir apenas chegue e bata» (ib. 35 e 36). Então não haverá choros, não haverá temores e ansiedades, porque aquele que está sempre à espera do Senhor, não receia abrir-Lhe quando Ele chega, mas vai ao Seu encontro com alegria, acolhe-O com grande amor, dizendo-Lhe com todo o ímpeto da alma o seu último: «Ecce venio», eis que venho (Sal. 39, 8). De resto, a morte é a *última*, mas não a única vinda do Senhor na vida do cristão; é precedida de muitas outras que têm por fim preparar esta última, para que seja, no sentido pleno, uma vinda de graça. Desde o dia do baptismo até ao fim da vida, há uma contínua sucessão de vindas, de visitas do Senhor; cada sacramento recebido, cada inspiração, cada aumento de graça, é uma nova visita divina à alma, mediante a qual Deus Se apodera dela, estabelecendo aí a Sua morada dum modo cada vez mais íntimo e profundo. Aquele que nunca tardou em abrir o coração a todas estas vindas do Senhor, que sempre acolheu com fidelidade e com amor as Suas visitas, seguindo dócilmente os impulsos da graça, não tem nada a temer no momento da Sua última vinda. Então as dulcíssimas palavras de Jesus lhe soarão aos ouvidos: «Servo bom e fiel... entra no gozo do teu Senhor» (Mt. 25, 21).

2 — Falando das pessoas que chegaram à transformação do amor em Deus, S. João da Cruz explica que a sua morte é causada mais pelo ímpeto do amor divino do que por causas naturais. «Ainda que morram

enfermas ou em idade avançada, não é isso que lhes arranca a alma, senão um ímpeto e encontro de amor muito mais subido que os passados e mais poderoso e valoroso, pois pode 'romper a teia' [do corpo] e levar consigo a joia da alma» (CV. 1, 30). É a considerada «morte de amor», morte preciosa e feliz, verdadeiro encontro nupcial da alma com Deus que a introduz directamente na visão beatífica do Céu. É a morte das almas santas, às quais só a prisão no invólucro do corpo impede de ver a Deus face a face. Todavia, ao lado desta morte de amor tão gloriosa e feliz, pode dizer-se que há uma outra muito mais modesta e humilde à qual todos podemos aspirar contanto que amemos sinceramente a Deus e a Sua santa vontade. Como a essência da santidade consiste em cumprir com amor todo o querer divino, mesmo quando nos impõe grandes sacrifícios e duras renúncias, assim a essência de uma morte santa consiste em nos submetermos com amor a esse supremo sacrifício, aceitando-o de bom grado, como última expressão da vontade de Deus. Quanto mais profunda e plena for a resignação e o amor com que a alma aceitar a morte, tanto mais se lhe poderá chamar uma morte de amor, exactamente por ser abraçada por amor de Deus.

Deus é o Senhor absoluto da nossa vida; como devemos viver por Seu amor, procurando conformar-nos em todas as coisas com a Sua santa vontade, de modo que esta seja em tudo e por tudo a norma suprema do nosso agir, assim devemos saber morrer por Seu amor, aceitando das Suas mãos a morte na hora e nas circunstâncias por Ele estabelecidas. «Se vivemos, vivamos para o Senhor — exclama S. Paulo — e se morremos, morramos para Ele; quer vivamos, quer morramos,

somos do Senhor» (Rom. 14, 8). Quer na vida quer na morte, somos de Deus, e sendo dEle, nada mais devíamos desejar senão viver e morrer segundo a Sua santa vontade. Quando uma alma, durante toda a sua vida se esforçou por cumprir a vontade de Deus com o máximo de amor, pode ter plena confiança de que o Senhor lhe fará a graça suprema de aceitar também a morte com grande amor.

Colóquio — «Ó Jesus agonizante sobre a cruz, sede o meu modelo na hora da morte. Se bem que Vós sejais o autor e restaurador da vida, quisestes submeter-Vos à morte, aceitando-a de todo o coração para expiar os meus pecados. Vós que nada devíeis à morte, Vós fonte de vida e de imortalidade, na qual e pela qual todas as criaturas vivem, quisestes sujeitar-Vos à morte para Vos fazerdes semelhante a mim e santificardes a minha morte.

«Ó morte, quem daqui em diante poderá temer-te, já que o Autor da vida te traz no seio e nele, sem dúvida, não pode ser mortal, mas sim vital? Eu te abraço, te aperto no Coração do meu divino Salvador e aí, como um pintainho debaixo das asas da galinha, esperarei em paz os teus ataques, bem seguro de que o meu clementíssimo Jesus me dulcificará as tuas amarguras e me defenderá dos teus rigores.

«Ó Jesus, quero empregar todas as minhas forças a submeter-me desde já a todas as circunstâncias e dores da minha morte; desde já, de todo o coração, quero aceitar a morte no lugar, hora e maneira que Vos aprouver estabelecer. Sei muito bem que me é necessário sofrer e ser triturado nos dentes da tribulação, das dores, das privações, das desolações e das

penas para me tornar pão digno de servir no Vosso celeste banquete, ó Cristo, no dia da Ressurreição universal. Sei muito bem que se o grão de trigo não apodrecer e não morrer debaixo da terra, não produz a espiga; por isso, de todo o coração, aceito o aniquilamento da morte para me tornar um homem novo, não já mortal e corruptível, mas imortal e glorioso» (S. Francisco de Sales).

96. A PROVA DE AMOR

Ó Jesus crucificado, dignai-Vos fazer-me compreender como a Cruz é a maior prova de amor.

1 — A cruz de Jesus é, depois da Incarnação, a maior prova de amor que Ele deu aos homens; assim, também para nós a mortificação, o sofrimento abraçado espontaneamente por Seu amor, é a mais bela prova de amor que Lhe podemos dar. Trata-se, com efeito, de renunciar livremente à nossa satisfação, a um prazer nosso, para nos impormos, por amor de Deus, qualquer coisa que nos desagrada e contraria; isto demonstra, evidentemente, que preferimos antes agradecer a Deus do que a nós próprios. Cada acto de mortificação voluntária, quer física quer moral, diz a Deus, não com as palavras, mas com os factos: Senhor, eu Vos amo mais do que a mim mesmo! E como a alma enamorada deseja vivamente dar provas do seu amor, vigia incessantemente para não perder nenhuma ocasião de renúncia.

É neste sentido que S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus se propunha «nunca perder nenhuma

ocasião que se lhe apresentasse de padecer o mais que pudesse, sempre em silêncio entre si e Deus»; e, na realidade, punha todo o empenho em «estar em todo o tempo e ocasião em qualquer sofrimento ou pena corporal para nunca satisfazer no modo ou na substância, algum apetite ou desejo, se bem que mínimo e inocente, e em encontrar maneira de tornar penosa e molesta ao corpo até a mais pura e inevitável necessidade» (*Sp.* pg. 129 e 131). O seu ardente amor a Deus encontrava assim um desabafo neste generoso e assíduo exercício de mortificação.

Com uma outra expressão, S.ta Teresa do Menino Jesus chamava a este exercício: «deitar flores», quer dizer, valer-se das menores ocasiões de sofrimento para dar a Deus uma prova de amor. E sabendo que o valor da mortificação depende das boas e generosas disposições com que se realiza, a Santa dizia: «cantarei, cantaréi mesmo quando tiver de ir colher as flores ao meio dos espinhos» (*T.M.J. M.A.* pg. 91).

2 — O valor da mortificação voluntária consiste muito mais na boa vontade com que se exercita, do que na intensidade do sofrimento que alguém se impõe, se bem que também este possa contribuir para isso, no sentido de que uma mortificação maior requer uma maior boa vontade.

A medida do sofrimento deve ser sãbiamente proporcionada e limitada, segundo as forças físicas de cada um; mas o que nunca deve ser limitado é o amor, o espírito de generosidade com que praticamos todos os actos de renúncia. Sob este aspecto vale muito mais uma leve mortificação executada com todo o amor de que uma alma é capaz, do que uma dura penitência

praticada materialmente, sem espírito interior. Portanto, antes de fazer um acto de mortificação — sobretudo se se trata de certas práticas habituais como as que se usam nos Institutos religiosos — é necessário despertar a boa vontade, o desejo sincero de sofrer de bom grado alguma coisa por amor de Deus, para que não suceda realizar actos mais ou menos mecânicos e, por isso, de pouco ou nenhum valor.

A contemplação amorosa do Crucifixo era a alma de todas as austeridades de S.ta Teresa Margarida: «Este Deus humilhado e paciente, sempre presente ao seu pensamento, era quem lhe dava a força interior para vencer qualquer grande dificuldade e quem lhe fazia abraçar espontaneamente tantas canseiras e obras de caridade e mortificação, tornando-a insaciável no padecer» (*Sp.* pg. 126).

Contemplando o Crucifixo, a alma sente que, por mais que se mortifique por Seu amor, são nada os seus sacrifícios e as suas renúncias e, em lugar de conceber sentimentos de vanglória pelas mortificações praticadas, sente a necessidade de se humilhar e de se esforçar cada vez mais: «Ame muito o sacrifício — ensina S. João da Cruz — e tenha-o por pouco para cair em graça ao Esposo, que por si não hesitou em morrer» (*AM.* II, 15).

Colóquio — «Sim, meu bem Amado, como Vos manifestarei o meu amor pois o amor se prova pelas obras? Não tenho outro processo para Vos provar o meu amor senão atirar flores, isto é, não deixar escapar nenhum sacrificiozinho, nenhum olhar, nenhuma palavra, valer-me de todas as mais pequeninas coisas e fazê-las por amor... Quero sofrer por amor e mesmo gozar por amor,

assim lançarei flores diante do Vosso trono, não hei-de encontrar nenhuma que não desfolhe diante de Vós... e ao lançar as minhas flores, cantarei, cantarei, mesmo quando tiver de ir colher as flores ao meio dos espinhos e o meu canto será tanto mais melodioso quanto maiores e mais dilacerantes forem os espinhos» (T.M.J. M.A. pg. 236).

«Ó Senhor, disponde de mim como Vos aprouver, pois com tudo fico contente, contanto que Vos siga pelo caminho do Calvário e quanto mais o achar espinhoso e encontrar mais pesada a cruz, tanto mais consolada ficarei, pois desejo amar-Vos com amor paciente, com amor morto, quer dizer, todo abandonado a Vós, e com amor operante... Senhor meu, Vós na cruz por mim e eu na cruz por Vós. Oh! se eu pudesse chegar a compreender como é doce e quanto vale o sofrimento: sofrer e calar-me por Vós, ó Jesus! Ó querido sofrimento, ó bom Jesus!» (T.M. Sp. pg. 325 e 361). Sim, querido sofrimento porque me permitis dar ao meu Deus provas de amor, porque na obscuridade da fé, em que devo viver cá na terra, me dás a certeza de amar não só com palavras, mas com amor forte, efectivo. Ó Jesus, compreendo agora porque S.ta Teresa de Ávila Vos pedia uma coisa apenas: «Ou morrer ou padecer» e dizia não ter outro motivo para viver senão o de sofrer por Vosso amor (Vi. 40, 20).

Ó Senhor, pudesse também eu ter um amor tão forte, tão verdadeiro, tão ardente! Concedei-mo Vós que tudo podeis dar-me e que podeis num instante transformar numa fornalha de caridade este meu coração tão árido e tão frio.

97. O ESPÍRITO DE MORTIFICAÇÃO

Volto aos Vossos pés, ó Jesus crucificado, com o vivo desejo de compreender mais profundamente o espírito de mortificação.

1 — O espírito de mortificação não se limita à mortificação física, mas abrange também a renúncia do *eu*, da vontade, da inteligência. Assim como no nosso corpo e nos nossos sentidos existem tendências desordenadas para o prazer material, também no nosso eu existem inclinações desordenadas para a afirmação de nós mesmos. O amor próprio e a estima da própria excelência são por vezes tão grandes, que levam inconscientemente o homem a fazer do seu próprio eu o centro do mundo.

O espírito de mortificação só é completo quando, sem descuidar a mortificação do corpo, procura mortificar acima de tudo o amor próprio em todas as suas múltiplas manifestações. O fariseu que jejuava pontualmente, mas que tinha o coração inchado pela soberba e reduzia a sua oração a um louvor de si mesmo e desprezo do próximo, não possuía o espírito de mortificação e por isso não foi justificado perante Deus. De pouco servirá impor-se algumas mortificações corporais, se depois não se sabe renunciar ao modo pessoal de ver as coisas a fim de se adaptar aos outros, se não se sabe condescender com quem nos é contrário, suportar tranquilamente um agravo, uma palavra injuriosa ou calar uma resposta mordaz.

«Porque não havemos de mortificar o interior [ou seja o amor próprio, a vontade, o juízo] quando esta mortificação torna mais perfeitas e meritórias todas as

outras e nos ajuda a praticá-las com maior paz e suavidade?» — pergunta S.ta Teresa de Jesus — (*Cam.* 12, 1). Enquanto a mortificação não atinge o amor próprio, fica a meio caminho e não alcança o seu fim.

2 — O verdadeiro espírito de mortificação abrange em primeiro lugar todas as ocasiões de sofrimentos físicos ou morais permitidos pela Divina Providência. Os sofrimentos provenientes das doenças, a fadiga e o esforço exigido pelo cumprimento do próprio dever ou uma vida de trabalho intenso, as privações impostas por um estado de pobreza, são óptimas penitências físicas. Uma alma que gosta de se deixar guiar em tudo pela Divina Providência, não procurará fugir-lhes nem mitigá-las, mas abraçá-las-á integralmente como Deus as pôs no seu caminho. Será absurdo não querer aceitar uma só destas ocasiões providenciais de sofrimento, para ir à busca de mortificações voluntárias escolhidas por si própria. Assim também para quem abraçou a vida religiosa, não seria razoável deixar o mínimo exercício imposto pela Regra, para fazer uma penitência da sua própria vontade.

O mesmo acontece no campo moral. Não te sucede por vezes também a ti fugir duma pessoa antipática que o Senhor pôs a teu lado, ou ainda procurar todos os meios para evitar uma humilhação, uma obediência que te custa? Deste modo foges das melhores ocasiões para negar e mortificar o teu amor próprio; e embora queiras substituí-las por outras, nunca serão tão eficazes como as que o próprio Deus te havia preparado. Com efeito, nas mortificações permitidas pela Providência, não entra a tua vontade nem o teu gosto, e ferem-te justamente onde mais precisas e onde tu não con-

seguírias nunca chegar com as mortificações voluntárias.

Para chegar à santidade não se pede a todos uma determinada medida de penitência voluntária — a qual varia segundo a inspiração do Espírito Santo, o parecer dos superiores e as forças físicas de cada um — mas de todos se exige um recto e profundo espírito de mortificação, que saiba abraçar generosamente qualquer ocasião de renúncia, preparada ou permitida por Deus.

Colóquio — Ó Senhor que procurastes adoradores em espírito e verdade, preservai-me, eu Vos peço, daquele espírito farisaico que tanto combatestes sobre a terra e que é tão contrário a Vós, que sois a Verdade e a Simplicidade infinitas. Fazei que, enquanto mortifico o meu corpo, saiba ainda mais mortificar o meu orgulho, ou antes, mortificai-o Vós mesmo.

Vós que conheceis todos os esconderijos do meu coração e os movimentos mais ocultos do meu egoísmo, preparai-me o remédio que julgardes mais eficaz para tudo purificar, curar e transformar. Só Vós sabeis onde se esconde o micróbio mais nocivo e só Vós podeis destruí-lo. Mas, infelizmente, quantas vezes nas diversas circunstâncias da minha vida eu não soube reconhecer a Vossa mão nem a Vossa obra, e procurei esquivar-me de tantos modos aos sofrimentos físicos e morais, às mortificações, às humilhações, às contrariedades que Vós mesmo me tínheis preparado!

Como sou cego, ó Senhor, e quão pouco reconheço os Vossos caminhos, tão diferentes e tão distantes das minhas curtas vistas humanas! Dai-me, ó meu Deus, um olhar sobrenatural que saiba julgar os acontecimentos à Vossa luz, que saiba discernir o significado

profundo do sofrimento que pondeis no meu caminho. Eu vo-lo peço, intensificai tanto mais esta luz, quanto mais as contrariedades que me preparais ferirem o meu eu, o meu orgulho, os meus pontos de vista, os meus direitos, porque sobretudo então sou terrivelmente cego e, andando às apalpadelas na escuridão, rejeito o remédio que me ofereceis. Faltar-me-ão, Senhor, os meios indispensáveis para levar a cabo a mortificação do meu próprio eu, tão néscio e soberbo? Mas nada Vos pode faltar, a Vós que sois o Tudo e cuja misericórdia infinita supera imensamente a minha miséria. Confesso, Senhor, que muitas vezes me perdi como a ovelha que, abandonando o seu pastor, tomou um caminho errado; mas quero voltar mais uma vez e volto com plena confiança, na certeza de que nunca Vos cansais de esperar e perdoar. Eis-me aqui, ó Senhor, ponho-me nas Vossas mãos! Mortificai-me, purificai-me como Vos aprouver, porque onde Vós feris, todo o mal se cura, onde Vós mortificais, surge a vida.

98. O GRANDE COMBATE

I DOMINGO DA QUARESMA

Ó Jesus retiro-me conVosco ao deserto; ensina-me como devo lutar contra a triplice concupiscência da carne, do orgulho, da avareza.

1 — Ao começar hoje o tempo estritamente quaresmal, a Igreja convida-nos para a grande luta, luta decisiva contra o pecado, que nos deve conduzir à ressurreição pascal. O modelo é Jesus que, embora isento do fogo da concupiscência, quis *por nós*, ser tentado

pelo demónio, para «se compadecer das nossas enfermidades» (*Hebr.* 4, 15).

Depois de quarenta dias de jejum rigoroso, quando sente o estímulo da fome, Jesus é tentado por Satanás a converter as pedras em pães. Não é possível abraçar um regime de séria penitência ou mortificação, sem experimentar os incómodos que dele derivam; mas então é o momento de resistir às vozes insinuantes que nos aconselham maior condescendência para com as exigências físicas, respondendo com Jesus: «Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (*Mt.* 4, 1-11). A vida do homem, depende muito mais da vontade de Deus do que do alimento material; só quem estiver convencido desta verdade, terá coragem para se sobrepor às privações, confiando na Divina Providência para o seu sustento.

Jesus foi depois tentado de orgulho: «Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo... e os seus anjos te tomarão nas mãos». Um milagre semelhante teria atraído a admiração e o entusiasmo do povo, mas Jesus sabe que o Pai escolheu para Ele outro caminho bem diferente: não triunfos, mas humilhações, cruz, morte; não quer sair deste caminho e repele resolutamente a orgulhosa proposta. O melhor meio para vencer as tentações de orgulho e vaidade é escolher expressamente o que nos humilha e nos faz desaparecer aos olhos dos outros.

O demónio volta de novo à carga e tenta Jesus de avareza: «Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares», mas Ele responde: «O Senhor teu Deus adorarás e a Ele só servirás». Quem tem o coração fortemente ancorado em Deus, nunca se deixará desviar do Seu serviço pela sedução e cobiça dos bens terrenos. Mas se

falta esta forte adesão a Deus, quantas vezes a tentação de avareza conseguirá fazer desviar mesmo aqueles que, por vocação particular, deveriam servir a Deus só!

2 — Jesus foi tentado porque quis. Nós somos tentados sem o querer e até muitas vezes contra a nossa vontade. A tentação de Jesus foi puramente exterior, não achando n'Ele ressonância alguma; em nós, pelo contrário, a natureza, ferida pela tríplice concupiscência da carne, do orgulho e da avareza, não só pode ser facilmente presa dos assaltos do demónio, mas ela mesma é fonte de múltiplas tentações. Não podemos, portanto, viver sem tentações e a nossa virtude não consiste em estar isento delas, mas em saber vencê-las. É uma luta à qual ninguém se pode subtrair, e Deus quis que ela fosse para nós o penhor da vida eterna: «Bem-aventurado o homem que sofre a tentação porque, depois que tiver sido provado, receberá a coroa da vida» (Tgo. 1, 12).

Aprendamos de Jesus como nos devemos comportar nas tentações. Acima de tudo devemos ter uma grande confiança em Deus. Jesus não procurou remediar a Sua fome, não quis impôr-Se aos homens por meio de um ruidoso milagre, nem aceitou reinos ou riquezas, porque, tendo plena confiança em Seu Pai, tudo tinha totalmente confiado aos Seus cuidados — a Sua vida, a Sua missão e a Sua glória. Quem confia plenamente em Deus e está certo da Sua Divina Providência, não se deixará facilmente atrair pelas vãs lisonjas do demónio, do mundo e da carne, pois sabe que só Deus lhe pode dar o verdadeiro bem, a verdadeira felicidade.

Além disso devemos cultivar a confiança em Deus

no momento da tentação. Se Deus permite que sejamos tentados, não permite, porém, que o sejamos acima das nossas forças e em cada tentação dá-nos uma graça actual suficiente para a vencer. Por isso, em vez de nos deixarmos perturbar pela violência da luta, aguardemos confiadamente a graça que Deus nos oferece e procuremos fazê-la nossa, mediante a oração humilde e confiante.

Colóquio — «Senhor, Pai e Deus, vida pela qual todos vivem e sem a qual tudo se deve considerar morto, não me abandoneis ao pensamento maligno e à soberba dos meus olhos; afastai de mim a concupiscência, e não permitais que seja vítima dum ânimo irreverente e insensato; mas tomai posse do meu coração a fim de que pense sempre em vós... Agora, ó Redentor, eu Vos suplico, ajudai-me a fim de que não caia em frente dos meus adversários, preso nos laços que armam a meus pés, para derrubar a minha alma; mas salvai-me, força da minha salvação, para não ser motivo de escárnio para os Vossos inimigos que Vos odeiam. Levantai-Vos, ó Senhor meu Deus, minha fortaleza; e os Vossos inimigos serão dispersos e fugirão da Vossa face aqueles que Vos odeiam. Como a cera se derrete ao fogo, assim desaparecerão os pecadores da Vossa face; e eu me esconderei em Vós e gozarei com os Vossos filhos, saciado de todos os Vossos bens. Vós, ó Senhor Deus, Pai dos órfãos, e Vós, Mãe dos desamparados, estendei as Vossas asas para que, debaixo delas, nos refugiemos, para nos salvarmos dos inimigos» (S.to Agostinho).

Sim, meu Deus e Salvador, confio em Vós! E sobretudo no momento da luta, quero refugiar-me em Vós com redobrada confiança porque «Vós sois o meu de-

fensor... e me livrareis dos laços dos caçadores e de toda a calamidade. Como um escudo me cercará a Vossa fidelidade e não temerei os terrores nocturnos nem as setas que voam de dia, nem a peste que vagueia nas trevas, nem o assalto e o demónio do meio-dia... Vós sois, Senhor, a minha esperança e Vós, ó Altíssimo, o meu refúgio! Mandastes aos Vossos anjos que me guardassem em todos os Vossos caminhos e eles me levarão nas suas mãos para que os meus pés não tropecem nalguma pedra» (cfr. *Sal.* 90, 2-12).

99. A CONVERSÃO

O Senhor, que me criastes para Vós, fazei que com todas as minhas forças tenda para Vós, meu último fim.

1 — Lemos na Epístola da Missa do tempo (*Ez.* 34, 11-16): «Isto diz o Senhor Deus: visitarei as minhas ovelhas e as livrarei de todos os lugares por onde tinham andado dispersas no dia de neblina e de escuridão... e as introduzirei na sua terra e apascentá-las-ei sobre os montes de Israel... Eu as levarei a pastar nas pastagens mais férteis». É o programa de quanto o Senhor quer realizar em favor das nossas almas neste santo tempo da Quaresma, para nos levar a uma vida de maior perfeição e de mais profunda intimidade com Ele. Estende-nos a mão não só para nos arrancar dos perigos, mas também para nos ajudar a subir para lugares mais elevados onde Ele próprio nos alimentará.

O ponto de partida, que da tua parte tornará possível a realização deste plano divino, é uma nova conversão. Deves recolher as tuas forças, os teus desejos,

os teus affectos que tão facilmente se dispersam e se detêm nos vales humanos, para os reunir num só feixe, fazendo-os *convergir* todos em Deus, teu único e último fim. Deste modo a tua *conversão* quaresmal deve consistir numa generosa determinação de te pões mais decididamente no caminho da perfeição. Quer dizer, trata-se de um novo *propósito de santidade*. O desejo de santidade é a mola da vida espiritual; quanto mais intenso e real for em ti este desejo, mais te levará a entregares-te totalmente a ele. Procura nesta primeira semana da Quaresma despertar e robustecer o teu propósito de santidade. Se outros esforços feitos no passado, falharam, ou não atingiram plenamente o fim, não é motivo para desanimar. «*Nunc coepi*» — comecei agora, ou antes, começo agora, repete humildemente e a experiência dos teus insucessos te fará pôr só em Deus a tua confiança.

2 — S. Tomás ensina que na consecução «do fim não se deve pôr medida alguma» (II^a II^{ae}, q. 184, a. 3, co.). A santidade é o fim da vida espiritual e por isso não a deves propor a ti mesmo sob uma forma diminuída, reduzida, mas em toda a sua amplidão. Amplidão que te fala de união íntima com Deus e conformidade plena com a vontade divina, de tal maneira que esta seja o único móbil de todas as tuas acções. Amplidão que te fala de invasão plena da graça porque quando a alma estiver totalmente purificada de tudo aquilo que é contrário à vontade de Deus, «comunica-lhe Deus o Seu ser sobrenatural de tal maneira que parece o mesmo Deus e tem o que tem o mesmo Deus» (J.C. S. II, 5, 7). A santidade é plenitude de amor e de graça, é transformação em Deus por amor, é deificação por graça.

A que grau de amor e de graça deverás tu chegar? Isto depende em primeiro lugar dos desígnios de Deus sobre a tua alma e depois, da tua colaboração. Ora, da tua parte, o segredo para alcançar a meta é não parares nunca; primeiro porque por muito que cresças no amor, nunca poderás amar a Deus como Ele merece e depois porque ignoras o grau de santidade a que Deus te chama. Além disso, Deus não Se deixa vencer em generosidade; e quanto mais te deres a Ele pelo exercício de um amor intenso, tanto mais Ele se dará a ti pela graça.

A medida para amar a Deus é amá-IO «sem medida». E se no amor não deves pôr medida, também não deves pô-la na tua «conversão». «Diz o Senhor: convertei-vos a mim de todo o coração» (Joel. 2, 12); eis a condição indispensável para amar a Deus com todo o coração. São raros os casos em que esta conversão total se realiza num instante por um toque especial da graça; em geral só se atinge através duma quotidiana e progressiva conversão. E se na conversão, como em toda a obra da santificação, a iniciativa é sempre de Deus que te previne com a Sua graça, requere-se também a tua colaboração; por isso cada dia deves aplicar-te com renovado esforço «a converter-te a Deus de todo o coração». Que seja este o teu programa quaresmal.

Colóquio — «Ó Senhor da minha alma e meu único Bem, porque não quereis que em se determinando uma alma a amar-Vos, fazendo o que pode para deixar tudo e melhor se empregar neste Vosso amor, logo goze de ver-se na posse deste amor perfeito? Disse mal; havia de dizer queixando-me: porque não quero eu? Sim,

toda a culpa é minha de não gozar logo de tão grande dignidade!... Em chegando a ter com perfeição o Vosso amor, terei ao mesmo tempo todos os bens. Mas eu, ó Senhor, sou tão avara e tardia em dar-me de todo a Vós que não acabo de me dispor para o receber... Se este tesouro não me é dado por junto é porque também eu, ó Senhor, não me dou de todo a Vós.

«Ó meu Deus, concedei-me a graça e o ânimo para me determinar a procurar este bem com todas as minhas forças. Se persevero nele, Vós, que não negais a ninguém o Vosso auxílio, pouco a pouco me ireis fortalecendo o ânimo para que saia com vitória. Sim, ó Senhor, preciso de ânimo, porque são muitas as coisas que o demônio me põe diante para que não comece este caminho» (T.J. Vi. 11, 1-4).

Concedei-me, ó Senhor Jesus, pelos méritos infinitos da Vossa Paixão, que me converta a Vós de todo o meu coração. Não permitais que desanime perante o constante renascer das minhas tendências egoístas, perante a luta incessante que tenho de suportar contra elas. Fazei-me compreender bem que, se quero converter-me inteiramente a Vós, não devo ser indulgente com as minhas fraquezas, com os meus defeitos, com o meu egoísmo, com o meu amor próprio. Fazei-me compreender que tudo há-de ser sacrificado ao Vosso amor, e quando estiver sacrificado, ainda terei de dizer: sou um servo inútil, ó Senhor, porque tudo é nada em comparação com o amor que Vós mereceis, ó infinitamente amável.

100. O PECADO

Ó meu Jesus crucificado, fazei-me compreender a grande malícia do pecado.

1 — A essência da perfeição cristã consiste na união com Deus por meio da caridade. Mas, enquanto a caridade, conformando a nossa vontade com a vontade divina, nos une a Deus, o pecado grave, opondo-se directamente à vontade de Deus, produz o efeito contrário. Por outras palavras, a caridade é a força que une o homem a Deus, e o pecado é a força que o separa de Deus. O pecado grave é assim o maior inimigo da vida espiritual, pois não só atenta contra ela, mas destrói-a nos seus elementos constitutivos, caridade e graça. E esta destruição, esta morte espiritual é a inevitável consequência do pecado, acto com que o homem se separa voluntariamente de Deus, única fonte de vida, de caridade e de graça. Como o ramo não pode viver separado do tronco, assim a alma não pode viver separada de Deus.

Se Deus, como causa de todo o ser, está sempre presente na alma do pecador — do mesmo modo como está presente em todas as coisas — contudo não está como Pai, como Hóspede, como Trindade que Se oferece à alma como objecto de conhecimento e amor. Assim a alma, criada para ser templo da SS.ma Trindade, tornou-se voluntariamente incapaz de viver em sociedade com as três Pessoas divinas, fechou ela própria o caminho para a união com Deus e, por assim dizer, constrange Deus a cortar as relações de amizade com ela. E tudo isto por ter preferido o bem limitado e caduco duma criatura miserável, duma satisfação

egoísta, dum prazer terreno, ao sumo Bem que é Deus. Eis a malícia do pecado que repudia o dom divino, que traiçoa o Criador, o Pai, o Amigo. «Oh! não entendermos que o pecado é uma guerra aberta de todos os nossos sentidos e potências da alma contra Deus! O que mais pode, mais traições inventa contra o seu Rei!» (T.J. Ex. 14, 2).

2 — Se quisermos compreender melhor a malícia do pecado mortal, devemos considerar os seus efeitos desastrosos. Um só pecado transformou Lúcifer, num instante, de anjo de luz em anjo das trevas, em inimigo eterno de Deus. Um só pecado destituiu Adão e Eva do estado de graça e de amizade com Deus, privando-os de todos os dons sobrenaturais e preternaturais, condenando-os à morte e, com eles, toda a humanidade. Um só pecado bastou para cavar um abismo entre Deus e os homens, para impedir ao género humano toda a possibilidade de união com Deus.

Porém, mais que tudo isto, a Paixão de Jesus diz-nos a grande malícia e a força destruidora do pecado. Os membros dilacerados de Cristo e a Sua dolorosíssima morte de cruz dizem-nos que o pecado é uma espécie de deicídio. Por causa dos nossos pecados, Jesus, o mais formoso dos filhos dos homens, tornou-Se «desprezado, o último dos homens, um homem de dores... Foi ferido por causa das nossas iniquidades» de tal modo que «desde a planta do pé até ao alto da cabeça não há nele nada são» (Is. 53, 3-5; 1, 6). O pecado martirizou Cristo e conduziu-O à morte, mas no entanto, Cristo foi para a Paixão e para a morte «porque ele mesmo quis» (ib. 53, 7), porque com a Sua morte quis destruir o pecado e restabelecer o homem na amizade divina.

Jesus, nossa Cabeça, convida-nos a nós, Seus membros, a associarmos-nos à Sua obra destruidora do pecado: destruí-lo em nós até às suas mais profundas raízes, ou seja, nas suas más tendências, e destruí-lo também nos outros membros. Esta é uma lei de solidariedade, pois que o mal de um é o mal do outro porque cada pecado pesa sobre todo o mundo e tenta deslocar o seu eixo de Deus. Por isso cada cristão — especialmente a alma consagrada a Deus — deve sentir-se profundamente interessado nesta luta contra o pecado e deve combatê-lo com os meios apropriados: com a penitência, com a oração expiatória e sobretudo com o amor. O amor de caridade, se é perfeito, destrói melhor o pecado que o fogo do purgatório, mesmo sem manifestação externa. Eis porque todos os santos puderam converter tantas almas; Deus serviu-Se do fogo da sua caridade para destruir o pecado nos pecadores.

Colóquio — «Ó meu Deus e minha verdadeira fortaleza, que é isto, Senhor, que para tudo somos cobardes, excepto para ser contra Vós? Aqui se empregam todas as forças dos filhos de Adão! Se a razão não estivesse tão cega, não bastariam as forças de todos juntos para se atreverem a tomar armas contra o seu Criador e sustentar guerra contínua contra quem os pode afundar nos abismos, num momento. Mas, como está cega, ficam como loucos que buscam a morte, porque na sua imaginação parece-lhes ganhar com ela a vida... Ó Sabedoria inacessível! Como foi necessário todo o amor que tendes às Vossas criaturas para poderdes sofrer tanto desatino e aguardar a nossa cura e procurá-la de mil maneiras com meios e remédios!

«É coisa que me espanta quando considero como falta

o esforço para nos irmos à mão em coisa muito leve e como verdadeiramente nos convencemos que não podemos, embora queiramos, afastar-nos duma ocasião ou de um perigo onde se perde a alma, e que tenhamos esforço e ânimo para acometer uma tão grande Majestade como sois Vós. Que é isto, meu Bem, que é isto? Quem me dá estas forças?...

«Oh! Senhor! que dureza, que desatino, que cegueira! Que nos dê pena perder uma coisa, uma agulha... e que não a tenhamos de perder esta Águia real que sois Vós, ó Deus de glória! Que é isto? Eu não o entendo. Remediai, Deus meu, tão grande desatino e cegueira!... A perda de tantas almas angustia-me tanto que não caibo em mim. Ó Senhor, elevando a minha voz, suplico-Vos que me deis meios para poder alguma coisa a fim de ganhar ao menos alguma alma para o Vosso serviço, e que algo possa a minha oração, já que não sirvo para mais nada... Julgo que para remédio de uma só alma das muitas que se perdem, daria mil vidas!... Parece-me, ó Senhor, que apreciáis mais uma alma que por nossa indústria e oração Vos ganhemos mediante a Vossa misericórdia, que todos os serviços que Vos possamos fazer» (T.J. *Ex.* 12, 1 e 2; 14, 4; *Cam.* 1, 2; *Fd.* 1, 7).

101. O PECADO VENIAL

Inflamai-me, Senhor, com o Vosso santo zelo para que não tolere em mim a mínima coisa que Vos desagrade.

1 — Ainda que em matéria mais leve, também o pecado venial, tal como o mortal, é contrário à vontade

de Deus, e por isso, embora não destrua a caridade, opõe-se-lhe, diminuindo o seu ímpeto e vigor, e impedindo o seu desenvolvimento. Este é o desastroso efeito dos pecados veniais deliberados, isto é, dos que se cometem conscientemente, sabendo que desagradam a Deus.

Quando estes pecados veniais se cometem habitualmente, diminuem a tendência da alma para Deus aumentando, pelo contrário, a tendência para a satisfação egoísta de si própria, para as criaturas. E assim a alma perde pouco a pouco o fervor, perde a sensibilidade quanto à ofensa de Deus e chega a um estado de tibieza, caracterizado por uma certa indiferença pelo pecado venial, indiferença que a põe em perigo de ofender a Deus também em matéria grave. Neste sentido, o pecado venial pode ser comparado a uma doença subtil, insidiosa, — uma espécie de tuberculose espiritual — que lenta, mas fatalmente, vai minando o organismo. Não é raro o caso de almas que, dando-se no princípio a Deus com fervor sincero, passado algum tempo, cedem ao egoísmo, à preguiça, ao próprio comodismo, não sabendo impor-se esforços generosos para continuar pelo caminho empreendido, vão caindo em negligências contínuas, indolências, omissões voluntárias e actos de preguiça. A sua vida espiritual reduz-se a uma espécie de letargia, que ainda não é a morte, mas já não tem a frescura e o vigor de uma vida sã e robusta. Falta o fervor da caridade, diminuído por contínuas e deliberadas condescendências com o pecado venial.

Santa Teresa de Jesus, pondo-nos de sobreaviso contra semelhante estado, ensina: «Quando não vos doer algo a falta que fizerdes, temei, porque o pecado, mesmo que seja venial, vos há-de chegar à alma... Por amor de

Deus, tende nisto grande vigilância para que nunca vos descuideis em cometer um só pecado venial [com adverteência] por pequeno que seja... Que pode haver de pequeno, sendo contra tão grande Majestade?» (P. 2, 5 e 20; *Cam.* 41, 3).

2 — Bem diferentes são os pecados veniais que nos escapam, cometidos por fragilidade ou inadvertência. Muitas vezes, a alma não quisera ceder de maneira alguma, mas porque é ainda fraca, cai no momento da tentação, sobretudo se é apanhada de surpresa; contudo, logo que se apercebe, sente uma dor sincera, arrepende-se imediatamente, pede perdão ao Senhor e, levantando-se, põe-se de novo a caminho. Tais pecados não causam grande dano à alma, são antes indício da sua fraqueza e falta de maturidade espiritual. Todavia, se a alma sabe humilhar-se sinceramente em tais quedas, tira delas uma grande vantagem, particularmente uma consciência mais profunda da sua miséria, que a levará a desconfiar totalmente das suas forças para pôr só em Deus toda a sua confiança. Experimentará praticamente a profunda realidade das palavras de Cristo: «Sem mim nada podeis fazer» (Jo. 15, 5). Não é raro que o Senhor permita essas quedas, exactamente para dar à alma este conhecimento prático do seu nada e firmá-la na humildade que é a base de toda a vida espiritual.

S.ta Teresa do Menino Jesus, falando destas faltas, julgava poder afirmar que «não desagradam ao Senhor» justamente porque não procedem da má vontade que consciente e friamente comete o pecado, mas antes, da fraqueza da natureza humana.

Por causa da nossa fraqueza é impossível não cair

todos os dias em pequenas faltas veniais de surpresa ou fragilidade, mas o que importa é detestá-las imediatamente e repará-las com generosidade. Quanto aos pecados veniais deliberados, devemos estar decididos a não os cometer nunca por todo o ouro do mundo.

Colóquio — «Peccavi, Domine, miserere mei! Perdoai, ó Pai, perdoai a esta miserável ingrata. Confesso que a Vossa bondade me conservou Vossa esposa, apesar de Vos ter sido sempre infiel com os meus defeitos. Peccavi, Domine, miserere mei. E tu que fazes, alma minha? Não sabes que Deus está continuamente olhando para ti? Não podes esconder-te aos Seus olhos pois nada Lhe está oculto... Ó Deus eterno, ó piedoso e misericordioso Pai, tende piedade e misericórdia de nós, porque estamos cegos e sem a verdadeira luz, sobretudo eu, mísera e miserável... Ó Vós, verdadeiro Sol, entrai na minha alma e enchei-a da Vossa luz. Dissipai as suas trevas e dai-lhe luz; destruí o gelo do amor próprio e infundi-lhe o fogo da Vossa caridade... Peccavi, Domine, miserere mei» (S.ta Catarina de Sena).

«Apraza-Vos, ó Senhor, que eu tema somente o que Vos ofende e entenda que me pode vir maior dano dum pecado venial deliberado que de todo o inferno junto» (T.J. Vi. 25, 20). Com efeito, o verdadeiro mal, o único que devo temer, não são nem as tentações, nem as provações, nem as contrariedades internas ou externas, nem a perda dos bens materiais ou da saúde corporal; mas o verdadeiro mal é o que de algum modo pode servir de obstáculo à minha união conVosco, meu sumo Bem! E este mal pode ser causado por um só pecado venial cometido deliberadamente. Ó Jesus, eu Vos suplico pelos méritos da Vossa Paixão, livrai-me de tantos

males e tirai-me a triste possibilidade de Vos ofender e se, por causa da minha natural fraqueza, não posso ver-me isento de todas as faltas, fazei que estas nunca sejam fruto da minha má vontade. Fazei que as minhas quedas sirvam só para me humilhar, e jamais para Vos ofender.

«Ó Jesus, bem sabeis que pelas minhas imperfeições me deixo muitas vezes distrair um pouco da minha única ocupação de Vos amar... não podendo pairar como as águias, ocupo-me ainda com bagatelas da terra. Todavia depois destas faltas, volto-me para Vós, ó meu Bem-Amado e gemo como a andorinha e conto-Vos em pormenor as minhas infidelidades julgando, em temerário abandono, adquirir assim mais império, atrair mais plenamente o Vosso amor, já que não viestes chamar os justos, mas os pecadores» (T.M.J. M.B. pg. 238).

102. A IMPERFEIÇÃO

Fazei-me compreender, ó meu Deus, como é necessário que a alma seja pura para se unir a Vós, perfeição infinita.

1 — Assim como o pecado venial inclui sempre uma transgressão mais ou menos leve, de uma lei de Deus, a imperfeição é a omissão de um bem melhor ao qual não se está obrigado por lei nenhuma, mas que seria conveniente realizar. Quando, por exemplo, se me apresenta claramente a possibilidade de realizar uma acção melhor, que é conveniente e proporcionada ao meu estado, às minhas possibilidades actuais, que está em harmonia com os meus deveres e para a qual posso razoavelmente julgar-me inspirado pelo Espí-

rito Santo, e todavia recuso deliberadamente cumpri-la, não posso fazê-lo sem cometer uma verdadeira imperfeição. Neste caso a minha *recusa* em cumprir um acto melhor não pode ser considerada boa, nem ser justificada pelo pensamento de que, não existindo nenhuma lei ou preceito que me imponha aquela acção melhor, possa omiti-la só para usar da minha liberdade. Isto seria um *abuso* da liberdade que me foi dada por Deus unicamente para me tornar capaz de aderir ao bem, sem me deixar influenciar pelas paixões. Com efeito, a *recusa* do melhor inclui sempre, em última análise, uma falta de generosidade, motivada por um pouco de egoísmo, preguiça, mesquinhez, apego à minha comodidade, e tudo isto é evidentemente contrário à perfeição.

Considerada assim, é claro que a imperfeição voluntária nunca pode estar de acordo com a vontade de Deus, porque também ela, como o pecado, se opõe à caridade, a qual tende para a plena conformidade com a vontade divina. Eis, pois, como é importante para a alma que busca a união com Deus, eliminar da sua conduta qualquer imperfeição voluntária. É propriamente neste sentido que S. João da Cruz recomenda: «Para chegar a alma a unir-se perfeitamente a Deus por amor e vontade... é preciso que, advertida e conscienciosamente não consinta, com a vontade, em imperfeição», e ensina que basta o apego a uma imperfeição voluntária e habitual para impedir «não somente a divina união, mas até o avançar na perfeição» (S. I, 11, 3).

2 — Querendo descer a casos concretos, podem considerar-se outros géneros de imperfeições, acima de tudo, a transgressão de uma lei que de per si não obriga sob pecado, como são em geral as Constituições e Esta-

tutos das várias Ordens e Institutos religiosos. A este propósito deve notar-se que se não existe um motivo razoável, proporcionado e suficiente para faltar a uma destas leis, a sua transgressão, pode, muito facilmente, chegar a pecado venial por falta de um fim moralmente bom. De facto, como ensina S. Tomás, o homem é obrigado a agir sempre por um motivo racional, por um fim bom. Se o fim é viciado, como seria, por exemplo, transgredir a lei do silêncio, do recolhimento ou da modéstia religiosa por curiosidade, por comodidade própria, etc., a acção torna-se por isso mesmo pecaminosa e geralmente tratar-se-á de «pecados, ao menos leves, de preguiça espiritual, de inconstância, de ingratidão e de uma certa dureza de coração, que não aprecia devidamente o auxílio que Deus nos dá para realizar obras melhores» (*Salmant.*). Outro género de imperfeição é deixar incompleto um acto substancialmente bom, diminuindo-o, por exemplo, por um pouco de mesquinhez ou por não empregar nele toda a boa vontade cu entusiasmo de que somos capazes.

No fundo, qualquer género de imperfeição voluntária, deriva sempre da falta de esforço, de vigor, de entusiasmo, na vida espiritual. É sempre o egoísmo que, duma forma ou doutra, tira qualquer coisa a Deus para satisfazer o próprio eu. Somos muito calculistas, temos medo de dar demais, e assim o egoísmo corta-nos as asas e impede-nos de chegar à união plena com Deus.

Colóquio — Concedei-me, ó meu Deus, uma caridade forte, generosa, capaz de destruir inteiramente o meu egoísmo. Oh! Como compreendo que é exactamente este egoísmo a causa de tantas das minhas pequenas

infidelidades, de tantas imperfeições em que habitualmente caio e que não procuro corrigir sob o pretexto de que não são pecados!

Mas tais faltas não são sem importância para uma alma que, estando-Vos consagrada, tem o dever de tender à perfeição, para uma alma que Vós chamastes à santidade, que Vós convidastes à plena união conVosco. Como poderei pretender unir-me a Vós, Perfeição infinita, eu, que admito voluntariamente na minha vida tantas e tantas imperfeições? Como poderá a minha vontade estar em tudo conforme à Vossa, quando quero e amo o que Vós não quereis nem de modo algum podeis amar?

Ó Senhor, como sinto o peso do meu egoísmo que me arrasta para baixo, que quereria alcançar o máximo com o menor esforço, que foge quanto pode da fadiga, da renúncia, da entrega total e generosa! Como sinto o peso da carne, que procura sempre reduzir um pouco a medida da minha doação, que deixa para amanhã o que me custa ou me repugna, que me apresenta mil pretextos para me subtrair a um acto de generosidade!

Sim, ó Senhor, sinto tudo isto, e Vós sabeis melhor do que eu até onde chegam os expedientes e os compromissos do meu egoísmo. Mas também sabeis que Vos quero amar com todo o coração, que quero dar-me inteiramente a Vós; sabeis que, embora ineficazes, os meus pobres desejos são sinceros. Pois bem, dai-me Vós um amor real, operante, capaz de vencer todas as resistências do egoísmo e de lhe derrubar todos os planos. Vós que sois caridade infinita, fogo consumidor, infundi na minha alma uma centelha do Vosso amor, a fim de que destrua e queime as minhas tendências egoístas. Se o egoísmo é o peso que tenta afrouxar o meu ímpeto

para Vós, fazei que o Vosso amor seja um peso ainda mais forte que me arraste incessantemente para Vós por meio duma entrega total, sem reserva e sem medida.

103. O EXAME DE CONSCIÊNCIA

Projectai, Senhor, sobre a minha alma um raio da Vossa luz para que eu possa ver-me como Vós próprio me vedes e me julgais.

1 — Para assegurar à vida espiritual um desenvolvimento ordenado e progressivo, é necessário *tomar consciência das próprias posições*, ou seja, dos nossos pecados, dos pontos fracos, das más inclinações, assim como dos progressos realizados, dos bons resultados obtidos, das tendências para o bem. Esta tomada de consciência do próprio estado interior faz-se precisamente por meio do *exame de consciência* que, sob este ponto de vista, constitui um dos mais importantes exercícios da vida espiritual, visto ter por fim ajudar a alma a eliminar tudo o que pode impedir ou retardar o seu caminho para Deus e estimulá-la a acelerar o passo para Ele. Como não é possível fazer guerra a um inimigo desconhecido nem se pode conquistar uma região ignorada, não se pode combater o mal em nós, se primeiro o não conhecemos, nem conquistar a santidade sem ter estudado o plano mais apto para a alcançar. Por outras palavras, o exame de consciência alcança o seu fim quando a alma que o pratica pode dizer a si própria: estas são as inclinações que devo vigiar mais para não cair em pecado, estes são os pontos fracos que devo

reforçar e, por outro lado, são estas as tendências boas que devo cultivar, as virtudes em que devo principalmente exercitar-me. Deste modo a alma poderá formular propósitos bem determinados, que serão depois objecto particular de exames ulteriores.

É claro que primeiro deverão ser bem conhecidas e combatidas as tendências que podem conduzir ao pecado mortal; mas depois também aquelas que levam ao pecado venial ou às simples imperfeições voluntárias. Tudo o que é falta voluntária vai sendo eliminado progressiva mais decididamente por uma alma que pretende chegar à união com Deus.

2 — Nos seus exames de consciência uma alma de vida interior — supondo que já está livre do pecado mortal — em vez de andar à procura de todas as faltas cometidas, deverá fixar a sua atenção no grau de voluntariedade que nelas encontrar, ainda que se trate de simples imperfeições, porque são as faltas deliberadas que propriamente impedem o progresso espiritual e a união com Deus. A alma deverá procurar com todo o cuidado a causa e o motivo de tais faltas; e assim dar-se-á muitas vezes conta de que as suas culpas externas são de diversos géneros — por exemplo, faltas de caridade, de paciência, de obediência, de sinceridade — mas que todas provêm de uma causa única, por exemplo, do orgulho, da preguiça, que é a sua raiz comum. Os nossos esforços hão-de ser orientados precisamente contra estas últimas raízes dos nossos pecados e imperfeições; é necessário combatê-los directamente, não só procurando refreá-los pela mortificação, mas também desenvolvendo em nós as virtudes contrárias. Trata-se, por outras palavras, da luta contra o defeito

ou paixão dominante; luta importantíssima porque, procurando destruir o mal pela raiz, acaba por eliminar muitas faltas actuais.

Quando a alma não tiver que repreender-se de pecados e imperfeições pròpriamente deliberados, deve voltar a sua atenção para os semi-deliberados, dos quais, embora tendo uma semi-consciência ou consciência confusa, não consegue ainda libertar-se, apesar dos sinceros e repetidos propósitos de se corrigir. Nestes casos, além de continuar a combater contra as raízes das próprias faltas, é muito útil reforçar cada vez mais o propósito de se vencer, porque à medida que a vontade está decidida a corrigir-se, as faltas que lhe escapam perdem a voluntariedade e por isso tornam-se mais leves, além de que muitas vezes não são senão resíduos puramente naturais de hábitos contraídos, mas já detestados.

Outro ponto importante que não se deve perder de vista no exame de consciência é o de vigiar e manter esta tendência para a santidade, o desejo de fazer sempre o que agrada mais a Deus, porque este é o segredo da vida espiritual, da generosidade. É também um excelente método examinar-se mais sob o ponto de vista de Deus que do nosso, ou seja, perguntar a si próprio se o Senhor pode estar contente connosco e qual será o Seu juízo àcerca da nossa conduta.

Colóquio — «Ó Deus da minha alma, quem sou eu e como sou? Haverá culpa que não esteja nas minhas acções ou, se não nas minhas acções, nas minhas palavras e se não nas minhas palavras, na minha vontade? Mas Vós, Senhor, sois bom e está cheia de misericórdia a Vossa dextra.

«Ó Médico da minha alma, revelai-me os frutos da minha confissão. Confesso-me, porque a confissão das minhas misérias acorda o meu coração, para que não adormeça; e embora dizendo: *não me sinto capaz*, desperto de novo no amor da Vossa misericórdia e na doçura da Vossa graça, pela qual todo o espírito enfermo se sente forte e se torna consciente da sua fraqueza.

«Amar-Vos-ei, Senhor, darei graças e exaltarei o Vosso nome porque me perdoastes tantas más acções. Por obra da Vossa graça e da Vossa misericórdia derretestes como gelo os meus pecados. Obra da Vossa graça é também todo o mal que não pratiquei. Qual era o pecado que eu não seria capaz de cometer, eu que amei a culpa por si mesma? E confesso que todos os pecados me foram perdoados, tanto aqueles que espontâneamente cometi, como aqueles que, com a Vossa ajuda, não cometi» (S.to Agostinho).

Ó meu Deus que criastes a luz com um só acto da Vossa vontade e a luz existiu, pronunciai de novo a Vossa onnipotente palavra criadora «*fiat lux*», e far-se-á luz na minha alma; e na Vossa luz poderei então ver-me tal qual sou diante dos Vossos olhos. Mas a luz não me basta a mim tão débil e fraco; preciso de força, ó Senhor; preciso duma vontade forte e decidida para detestar toda a espécie de mal, para detestar o meu egoísmo, o meu orgulho, a minha preguiça, para renovar e reforçar o propósito de me vencer por Vosso amor. Sim, ó Senhor, quero vencer-me com a Vossa ajuda, não pela vã satisfação de me sentir melhor, mas apenas para Vos dar prazer, para evitar a mais pequena coisa que Vos possa desagradar, para crescer no Vosso amor e para avançar sempre mais na minha união conVosco. Ó meu Deus, Perfeição infinita, envolvi e penetrai a

minha alma com o reflexo da Vossa santidade e como o sol ilumina, purifica e fecunda a terra com os seus raios, iluminai, purificai e santificai Vós também todo o meu ser. Ensinai-me a olhar-me em Vós, a conhecer-me em Vós, a considerar as minhas misérias à luz das Vossas perfeições infinitas, a abrir de par em par a minha alma à invasão da Vossa luz purificadora e santificadora.

104. A CONFISSÃO

Aos pés da Vossa cruz confesso os meus pecados, ó Jesus, e imploro sobre mim a efusão do Vosso Sangue, para que purifique a minha alma.

1 — A confissão é o sacramento do Sangue de Cristo com o qual Deus — segundo a expressiva afirmação de Santa Catarina de Sena — «nos preparou um banho para lavar as nossas almas da lepra do pecado». Se só os pecados mortais são matéria *necessária* deste Sacramento, os veniais já são matéria suficiente, e toda a tradição católica insiste na oportunidade de recorrer à confissão frequente, ainda que seja só para pecados veniais. Mas aquele que, seguindo esta directiva, pratica a confissão semanal, deve vigiar atentamente para que este acto, longe de se tornar um hábito maquinal, seja verdadeiramente um *acto vital* que o torne capaz de aproveitar plenamente de todas as graças oferecidas por este sacramento.

«Não desprezeis o Sangue de Cristo!», exclama S.ta Catarina de Sena e, na verdade, quem o aprecia, não se aproximará irreflectidamente da confissão. Para este fim, é útil pensar que a absolvição é a efusão do

Sangue Precioso que, inundando e penetrando a alma, a purifica do pecado, lhe restitui a graça santificante, se a tiver perdido, ou lha aumenta se já a possui. Esta remissão do pecado e produção da graça, é o fruto da acção de Jesus, expressa pela fórmula que o sacerdote pronuncia em Seu nome: «Eu te absolvo...». Nesse momento é Jesus que age na alma, quer perdoando o pecado, quer produzindo ou aumentando a graça. E convém recordar que a eficácia da absolvição não se limita apenas aos pecados cometidos, mas estende-se igualmente ao futuro, premunindo a alma contra as recaídas, dando-lhe força para resistir às tentações e pôr em prática os seus bons propósitos, e isto por meio da graça sacramental. Deste modo, o Sangue de Cristo não é só medicina para o passado, é também um preservativo e um tónico para o futuro. A alma que nele mergulha, como num banho salutar, ganha novo vigor e, pouco a pouco, sentirá extinguir-se a força das paixões.

Daqui a importância da confissão frequente para uma alma que, desejando unir-se a Deus, deve aspirar necessariamente à purificação total.

2 — Quando uma alma só tem que submeter ao tribunal da penitência pecados veniais, não se deve preocupar com a integridade da acusação — como, ao contrário, é exigido para os pecados mortais; — assim, não é necessário que enumere todas as faltas veniais que lhe escaparam durante a semana, mas é muito mais proveitoso fixar a sua atenção primeiro sobre as deliberadas, e depois sobre as semi-deliberadas, embora não passem de simples imperfeições, e manifeste não só o seu aspecto externo, mas também o seu motivo interno. Se bem que isto não seja, por si mesmo, indispensável para

a validez da confissão, é porém certo que, quanto mais a acusação põe a nu a raiz do mal, tanto mais vantagens tirará a alma, quer pelo acto de humildade realizado, quer pelo incitamento para um mais profundo arrependimento, e também para um mais vivo desejo de se corrigir, que lógicamente derivam da consideração dos motivos, bem pouco nobres, dos quais em geral provêm as nossas faltas. Além disso, uma semelhante acusação permitirá ao confessor conhecer melhor os pontos fracos do penitente e indicar-lhe depois os remédios mais aptos, coisa particularmente importante quando à confissão vai unida a direcção. Todavia, mais do que com a acusação, a alma deve preocupar-se com a dor dos seus pecados, por serem uma ofensa a Deus, Bondade infinita; que seja uma dor *ex amore*, proveniente do amor, ou seja, o arrependimento de um filho que se aflige mais com o desgosto causado do que com o pensamento da sua vergonha e dos castigos merecidos. A dor é tão necessária para a validez do Sacramento que, se faltasse, a absolvição seria nula, e por outro lado, quanto mais perfeita é a dor, mais a absolvição destrói, não só o pecado, mas também a pena temporal por ele contraída. Quanto mais o penitente se aproximar da confissão com um coração contrito, tanto mais o Sangue de Jesus o purificará, renovarà, enriquecerà de força, de caridade e de graça.

Colóquio — «Jesus doce, Jesus amor! Para nos vestir da vida da graça, Vos despojastes da vida do Vosso corpo; sobre o lenho da santa cruz estendestes o Vosso corpo, como um cordeiro sacrificado, derramando sangue por todos os lados. E no Sangue nos tornastes a criar para a vida da graça.

Ó doce Jesus, a minha alma deseja ardentemente ver-se toda banhada e mergulhada no Vosso Sangue... Porque no Sangue encontro a fonte de misericórdia; no Sangue a clemência; no Sangue o fogo; no Sangue a piedade; no Sangue fez-se justiça de nossas culpas; no Sangue saciou-se a misericórdia; no Sangue dissolve-se a nossa dureza; no Sangue as coisas amargas convertem-se em doces e os grandes pesos em leves. E já que no Vosso Sangue, ó Cristo, amadurece a virtude, inebriai e mergulhai no Vosso Sangue a minha alma, a fim de que se revista de reais e verdadeiras virtudes» (S.ta Catarina de Sena).

Ó Jesus, se uma só gota do Vosso preciosíssimo Sangue tem o poder de apagar todos os pecados do mundo, que não poderá operar em mim quando o deramais com tanta abundância sobre a minha pobre alma no momento da absolvição? Ó Jesus, avivai a minha fé, e fazei-me conhecer profundamente o valor imenso do Sacramento do Vosso Sangue. É o Vosso Sangue que me lava dos pecados, que me purifica das impurezas, que sara e vivifica a minha alma. Oh! Fazei que este banho salutar penetre em todo o meu ser e o renove inteiramente na Vossa graça, no Vosso amor!

Concedei-me, Senhor, pelos méritos da Vossa Paixão, a graça de levar sempre ao tribunal da Penitência um coração verdadeiramente humilde e contrito, uma dor cada vez mais perfeita das minhas culpas e um ódio cada vez mais sincero e profundo a tudo quanto seja ofensa Vossa. Só assim o Vosso Sangue precioso, não encontrando em mim nenhum afecto ao pecado, poderá penetrar inteiramente na minha alma, poderá limpá-la, renová-la e vivificá-la totalmente. Ó Jesus, fazei que o Vosso Sangue produza em mim todos os seus frutos!

105. A TRANSFIGURAÇÃO

II DOMINGO DA QUARESMA

Ó Jesus, fazei que a Vossa graça triunfe em mim até me tornar digno de participar na Vossa gloriosa Transfiguração.

1 — A alma de Jesus pessoalmente unida ao Verbo, gozava da visão beatífica, cujo efeito conatural é a glorificação do corpo. Este efeito não se manifestou em Jesus porque, durante os anos da Sua vida terrena, quis assemelhar-Se a nós o mais possível, revestindo-Se de «uma carne semelhante à do pecado» (*Rom.* 8, 3). Contudo, para confirmar na fé os Apóstolos, abalados pelo anúncio da Sua Paixão, Jesus, sobre o Monte Tabor, permitiu que por instantes alguns raios da Sua alma bem-aventurada transparecessem no Seu corpo, e então Pedro, Tiago e João viram-no transfigurado: «O seu rosto ficou refulgente como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a neve». Os três ficaram extáticos, porém Jesus apenas lhes tinha mostrado um raio da Sua glória, porque nenhuma criatura humana teria podido suportar a visão completa.

A glória é o fruto da graça; a graça que Jesus possui em medida infinita redundando numa glória infinita que O transfigura todo. Alguma coisa de semelhante nos acontece também a nós: a graça transforma-nos, transfigura-nos «de claridade em claridade» (*II Cor.* 3, 18), até que um dia, no céu, nos introduzirá na visão beatífica de Deus. Assim como a graça transfigura, o pecado, com a sua opacidade, desfigura aqueles que são suas vítimas.

O Evangelho de hoje (*Mt.* 17, 1-9) mostra a íntima relação entre a Transfiguração e a Paixão de Jesus.

Moisés e Elias, presentes no Tabor ao lado do Salvador, falavam com Ele e, como especifica S. Lucas, falavam precisamente da Sua próxima Paixão, «da sua saída que Ele estava para cumprir em Jerusalém» (Lc. 9, 31).

O divino Mestre queria assim ensinar aos Seus discípulos que era impossível, tanto para Si como para eles, chegar à glória da Transfiguração sem passar através do sofrimento; é a lição que dará mais tarde aos dois discípulos de Emaús: «Porventura não era necessário que o Cristo sofresse tais coisas, e que assim entrasse na sua glória?» (Lc. 24, 26). O que o pecado desfigurou não pode voltar à sua primitiva beleza sobrenatural senão pelo sofrimento purificador.

2 — Extasiado perante a visão do Tabor, Pedro exclama com o seu ardor habitual: «Bom é nós estarmos aqui» e oferece-se para fazer três tendas: uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias. Mas a sua proposta é interrompida por uma voz do alto: «Este é o meu filho dilecto em quem pus toda a minha complacência: ouvi-O!» e a visão desaparece.

As consolações espirituais nunca são um fim em si mesmas, e não devemos desejá-las nem procurar detê-las para nosso gozo. A alegria, mesmo espiritual, não deve ser nunca procurada por si própria; como no céu a alegria será uma consequência necessária da posse de Deus, assim na terra deve ser unicamente um meio para nos entregarmos com maior generosidade ao serviço de Deus. A Pedro que pede para ficar sobre o Tabor, na doce visão de Jesus transfigurado, responde o próprio Deus, convidando-o antes a ouvir e a seguir os ensinamentos do Seu amado Filho. E bem depressa

o apóstolo ardente saberá que seguir a Jesus significa levar a cruz e subir com Ele ao calvário.

Deus não nos consola para nos regalar, mas sim para nos encorajar, para nos tornar fortes e generosos no sofrimento abraçado por Seu amor.

Desaparecida a visão, os apóstolos ergueram os olhos e não viram mais nada «*nisi solum Jesum*», excepto Jesus só, e com «Jesus só» desceram do monte. Eis o que nós devemos procurar sempre e o que nos deve bastar: Jesus só, Deus só. Tudo o resto — consolações, ajudas, amizades mesmo espirituais, compreensão, estima, apoio dos superiores — pode ser bom na medida em que Deus no-lo permite gozar, e Ele serve-Se disto frequentemente para amparar a nossa fraqueza; mas quando, através das circunstâncias, a mão divina nos priva de tudo isso, não devemos desanimar nem perturbar-nos. É precisamente nestas ocasiões que nós podemos testemunhar a Deus — com factos e não com palavras — que Ele é o nosso *Tudo* e que Ele *só, nos basta*. É este um dos mais belos testemunhos que pode prestar a Deus uma alma amante: ser-Lhe fiel, confiar nEle, perseverar no propósito de uma entrega total, ainda quando Ele, retirando todos os Seus dons, a deixa sòzinha, na escuridão, talvez na incompreensão, na amargura, na solidão material e espiritual, unida à desolação interior. É agora o momento de repetir: «Jesus só» e de descer com Ele do Tabor, para O seguir com os Apóstolos até ao Calvário, onde Ele agonizará abandonado não só dos homens, mas também de Seu Pai.

Colóquio — «Só a Vós amo, meu Deus, só a Vós sigo, só a Vós procuro, só a Vós estou pronto a servir... quero estar sòmente à Vossa disposição. Ordenai, eu Vos peço.

mandai tudo aquilo que quiserdes, mas curai, abri os meus olhos, a fim de que eu veja os Vossos sinais; curai-me todo a fim de que eu Vos reconheça. Dizei-me para que lado devo dirigir a minha atenção a fim de que eu Vos veja; e espero que saberei fazer tudo o que me mandardes...» (S.to Agostinho).

Sim, ó Jesus, que eu Vos siga somente a Vós e não Vos siga só sobre o Tabor, mas sobretudo sobre o Calvário. O Tabor é luz, é esplendor que me atrai; eu quisera, embora por um instante apenas, entrever a Vossa face, ó meu Deus! O Calvário é noite, é solidão, é dor tenebrosa que me amedronta, mas nas trevas ergue-se uma Cruz, e sobre a Cruz eu Vos contemplo, crucificado por amor. Entrevejo a Vossa face, não transfigurada pela glória, mas desfigurada pela dor, fruto dos nossos pecados!

Ó Jesus, destruí em mim o pecado, esse pecado que desfigurou a Vossa Face, esse pecado que desfigurou a minha alma, criada à Vossa imagem e semelhança. Mas para que se realize esta destruição, é necessário que eu participe do Vosso Calvário, da Vossa Cruz: dignai-Vos, pois, Senhor, associar à Vossa Paixão todos os sofrimentos, pequenos e grandes, da minha vida, a fim de que, por eles, eu seja purificado, e esteja disposto a subir de claridade em claridade até me transfigurar totalmente em Vós.

A luz, a glória do Tabor encorajam-me; obrigado, Senhor, por me terdes concedido, ainda que por breves instantes, contemplar o Vosso esplendor, gozar das Vossas divinas consolações; assim fortalecido e animado, descerei do monte para só a Vós seguir até ao Calvário.

106. A HUMILDADE

Ó Jesus, que tanto Vos humilhastes por nós, ensinai-me a praticar a verdadeira humildade.

1 — A caridade é a essência da perfeição cristã, porque só a caridade tem o poder de unir o homem a Deus, seu último fim. Mas da nossa parte — pobres, miseráveis criaturas que Deus quer elevar até à união com Ele — a caridade será verdadeiramente o último fundamento da vida espiritual? Não, existe qualquer coisa de mais profundo ainda, que é, por assim dizer, o *fundamento* da caridade: a humildade. A humildade está para a caridade como os alicerces para o edifício. Cavar os alicerces de uma casa não é ainda construir a casa, e no entanto é um trabalho preliminar, indispensável: a condição *sine qua non*. Quanto mais profundos e bem traçados forem os alicerces, tanto mais o edifício poderá subir em altura e mais garantias dará de solidez. Só um tolo «edifica a sua casa sobre areia» com a inevitável consequência de a ver bem depressa ruir; o homem sábio constrói «a casa sobre rocha» (Mt. 7, 24-26) e então, apesar das ameaças das águas e dos ventos, a casa não cai, porque os seus alicerces estão sólidamente construídos.

A humildade é a rocha sólida e firme sobre a qual toda a alma cristã deve levantar o edifício da sua vida espiritual: «Se quereis que o vosso edifício se eleve sobre um bom alicerce — ensina S.ta Teresa de Jesus às suas filhas — procurai ser as últimas em tudo [ou seja, exercitai-vos muito na humildade] e vireis assim a pôr pedras tão fortes que impedirão que o vosso Castelo desabe» (cfr. M. VII, 4, 8).

A humildade cava os alicerces da caridade, isto é, esvazia a alma do orgulho, da soberba, do amor desordenado de si mesma e da própria excelência, para dar lugar ao amor de Deus e do próximo. Quanto mais a humildade desembaraça a alma das vãs e orgulhosas pretensões do eu, tanto mais lugar dá a Deus. «E quando [o homem espiritual] ficar reduzido a nada, que será a suma humildade, ficará feita a união espiritual entre a alma e Deus» (J.C. S. II, 7, 11).

2 — A alma que deseja chegar às sublimes alturas da união com Deus, deve procurar o caminho dum profunda humildade, pois, como ensina o divino Mestre, só «quem se humilha será exaltado» (Lc. 18, 14).

Quanto mais alto é o ideal de santidade a que aspiras, quanto mais elevada é a meta para a qual te diriges, tanto mais deves descer, ou melhor, escavar em ti mesmo o fértil abismo da humildade. «Abyssus abyssus invocat» (Sal. 41, 8); o abismo da humildade chama o abismo da misericórdia infinita, das graças e dons divinos; com efeito, «Deus resiste aos soberbos e dá a graça aos humildes» (I *Ped.* 5, 5). Humilha-te, portanto, sob a poderosa mão de Deus, reconhece sinceramente o teu nada, toma consciência da tua miséria e, se queres gloriar-te, gloria-te somente — como S. Paulo — das tuas enfermidades, pois só na tua fraqueza, humildemente reconhecida, opera e triunfa a graça e a virtude divina (cfr. II *Cor.* 12, 9). Se pertences ao número daquelas almas boas, sinceramente desejosas de progredir no caminho da perfeição, mas que confiam demasiado nas suas próprias forças e iniciativas pessoais, podes aplicar a ti com muito proveito, o precioso aviso que S.ta Teresa do Menino Jesus dava a uma no-

viça: «Segundo vejo, vai errada no caminho, e nunca poderá chegar ao termo da viagem pois quer subir ao cimo de um monte e Deus quer vê-la descer... O próprio Jesus Se encarregará de encher a sua alma consoante a vá esvaziando das suas imperfeições (CL.).

O ideal sublime da união com Deus ultrapassa totalmente a nossa capacidade de criaturas fracas. Se podemos aspirar a ele, não é porque contemos lá chegar com os nossos esforços e iniciativas, mas porque confiamos em que o próprio Deus, segundo a Sua promessa, virá buscar-nos pela mão. Mas Deus não toma pela mão a alma soberba; inclina-Se apenas para os humildes, e quanto mais humilde encontra uma alma, tanto mais a eleva para Si. A humildade cava na alma a capacidade para receber a abundância dos dons divinos.

Colóquio — «Ó meu Deus, Vós fizestes-me compreender até que ponto devo *descer* para que o meu coração, pobre de forças e rico de miséria, Vos possa servir de morada: devo fazer-me pobre a ponto de não ter onde repousar a cabeça. O meu coração não está inteiramente vazio de mim mesma e por isso me ordenais que desça. Sim, quero descer muito fundo, para que Vós possais reclinar no meu coração a Vossa cabeça divina e para que Vos sintais amado e compreendido! Ó doce Hóspede divino, Vós conheceis a minha miséria e por isso vindes a mim com a intenção de encontrar uma *tenda vazia*, um coração inteiramente vazio de si. Não me pedis outra coisa» (cfr. T.M.J. *Cart.* 116 e 144).

Ó Senhor, ajudai-me a escavar na minha pobre alma esse abismo de humildade que atrai o abismo da Vossa misericórdia infinita. Ajudai-me a descer enquanto o

meu orgulho gosta de subir. Ajudai-me a reconhecer, a confessar humildemente o meu nada e a minha fraqueza, enquanto o meu orgulho tanto gosta de me fazer passar por melhor do que sou. Ajudai-me a gloriar-me das minhas enfermidades, enquanto o meu orgulho tende continuamente a gloriar-se daquilo que não é meu, mas puro dom Vosso. Meu Deus, como é verdade que a graça percorre um caminho oposto ao da natureza! Dai-me forças para empreender com coragem este caminho, para ir contra a corrente lamacenta e traiçoeira do meu orgulho. Como poderei fazê-lo se Vós não me ajudardes? Mas eu confio em Vós, ó Senhor, pois sei que estais sempre pronto a socorrer o fraco que a Vós recorre e em Vós confia; que se a minha soberba é grande, a Vossa misericórdia é infinita e a Vossa onipotência invencível; que, se «alguém está sem vigor e necessita de amparo, com falta de forças e abundância de miséria, não só ponde os Vossos olhos sobre ele, mas o levantais da sua abjecção e miséria e exaltais a sua cabeça» (cfr. *Eclí.* 11, 12 e 13).

Ó Senhor, quem estará mais «cheio de miséria» do que eu, que ainda não venci o meu orgulho? E então, quem precisará mais do que eu do Vosso socorro?

107. O NOSSO LUGAR

Ó meu Deus, fazei que eu Vos conheça e me conheça a mim! Conheça que Vós sois Aquele que é e eu aquele que não é.

1 — Entre todas as criaturas, com quem mais gostamos de nos comprazer e para as quais a nossa natureza

se sente mais atraída, o nosso eu ocupa sem dúvida o primeiro lugar. Não há pessoa, embora pouco dotada de dons e qualidades, que não ame a própria excelência, e não procure de qualquer modo fazê-la brilhar aos seus próprios olhos e aos dos outros. Com este fim somos muitas vezes levados espontâneamente a exagerar o nosso valor e, por consequência, a mostrar exigências e pretensões que nos tornam altivos, arrogantes e muito difíceis nas nossas relações com os outros. A humildade é a virtude que mantém nos seus justos limites o amor da própria excelência; e enquanto este nos impele a pôr-nos em evidência, isto é, a ocupar um lugar superior àquele que nos compete, a humildade é a virtude que nos faz ficar no *nosso lugar*. A humildade é a verdade, porque tende a pôr na verdade tanto a nossa inteligência, fazendo-nos reconhecer o que na realidade somos, como a nossa vida, levando-nos a ocupar, perante Deus e os homens, o lugar que nos pertence e não outro.

A humildade far-te-á reconhecer que, diante de Deus, não és senão uma pequena criatura Sua, em tudo dependente dEle, quer na tua existência quer nas tuas obras. Tendo recebido de Deus a vida, nem um instante podes existir independentemente dEle; criou-te com a Sua acção criadora e mantém-te na vida com a Sua acção conservadora. Assim nem sequer podes realizar o acto mais insignificante sem o concurso de Deus, à semelhança de uma máquina, ainda a mais perfeita, que não pode fazer o mais pequeno movimento se não é posta em acção pelo artista que a fabricou. É bem verdade que, ao contrário da máquina, as tuas acções não são nem mecânicas, nem forçadas, mas conscientes e livres; todavia, nem um dedo podes mover sem o concurso do Artista divino.

Por conseguinte, tudo o que possuis na ordem do ser — qualidades, dotes, capacidade, etc., — e tudo quanto adquiriste com o teu trabalho, nada é teu, mas tudo, de uma maneira ou de outra, é dom de Deus, é acção realizada com a ajuda divina. «Que tens tu que não recebeste? E se o recebeste, porque te glorias, como se não o tiveras recebido?» (I Cor. 4, 7).

2 — Na ordem sobrenatural, onde tudo depende da graça, verifica-se do modo mais exacto a palavra de Jesus: «Sem mim nada podeis fazer» (Jo. 15, 5). Ainda que, pelo Baptismo, a graça santificante nos tenha elevado à ordem sobrenatural, e as virtudes infusas tenham tornado as nossas faculdades capazes de produzir actos sobrenaturais, todavia, adverte S. Paulo, «ninguém pode dizer: 'Senhor Jesus', senão pelo Espírito Santo» (I Cor. 12, 3). Isto é, mesmo para fazeres o mais pequeno acto sobrenatural, precisas do auxílio de Deus, precisas de que a graça actual te previna com as suas inspirações e te acompanhe na acção até a realizares plenamente.

O maior teólogo, que estudou a fundo a doutrina católica, precisa tanto do auxílio da graça actual para a pôr em prática nos mínimos pontos, para fazer um só acto de amor de Deus, como o camponês que apenas sabe o seu catecismo. Mesmo o santo, que recebeu tantos favores e luzes divinas, que já chegou ao heroísmo das virtudes, não pode fazer o mais pequeno acto de virtude sem o auxílio da graça actual. Compreendes assim como deve ser grande a tua dependência de Deus. Por isso, estás muito longe da verdade quando, confiado na tua ciência e longa prática de vida espiritual, julgas que as tuas luzes ou as tuas virtudes te bastam para

agir como bom cristão. Não, S. Paulo lembra-te que «*sufficiencia nostra ex Deo est*», a nossa capacidade vem de Deus (II Cor. 3, 5). Sem Deus nada de bom podes pensar, nem dizer, nem querer, «porque Deus é que opera em nós o querer e o executar, segundo o seu beneplácito» (Fil. 2, 13).

Portanto, conatural e próprio à tua natureza limitada e além disso, ferida pelo pecado original, só tens uma coisa: a capacidade de faltar aos teus deveres, de falhar, de pecar. Tira de ti o que é de Deus e verás como, por ti mesmo, nada és ou ainda menos que nada, pois o nada não pode ofender a Deus e tu, pelo contrário, possuis esta triste possibilidade.

Colóquio — «Ó Pai omnipotente, Deus verdade, Deus amor, concedei-me a graça de entrar na cela do conhecimento próprio, reconhecendo que eu não existo por mim mesma, mas que todo o ser e a bondade que há em mim procedem unicamente de Vós. Mostrai-me os meus defeitos para que saiba destestar a minha malícia, e assim fugirei do amor próprio e encontrar-me-ei vestida com a veste nupcial da divina caridade que é necessária para ser admitida às núpcias da vida eterna» (S.ta Catarina de Sena).

«Fazei, ó meu Deus, que eu aprenda a conhecer-me profundamente! Que eu me persuada verdadeiramente de que nada sou e de que Vós sois tudo. Que não me considere nada mais do que aquele nada que sou: e que nunca mais faça nada para mim mas tudo para Vós. Que nenhuma criatura pense mais em mim, nem fale mais de mim, nem faça nada por mim, nem me dê mais nada, mas tudo faça por Vós e tudo Vos dê a Vós. Que o meu nada se reduza a nada aos olhos de todas as cria-

turas e aos Vossos olhos, meu Deus. E que Vós, o Tudo, sejais tudo em tudo e por tudo» (S. João Eudes).

Descobri-me, ó Senhor, o meu nada, mas descobri-o de forma que não só o compreenda, mas que também tenha dele uma convicção prática e profunda. Vós sabeis como isto é difícil para a minha natureza soberba! Se a minha inteligência não pode resistir à evidência da verdade e deve necessariamente admitir que nada sou, nada tenho e nada posso sem Vós, na prática o meu eu procura sempre atribuir a si e arrogar-se alguma coisa comprazendo-se nela como se fosse sua. Ajudai-me, Senhor, a vencer este orgulho porque, Vós bem vedes que é o ladrão dos Vossos dons, e torna infecunda a minha vida, impedindo-me de receber a abundância das Vossas graças.

Fazei, Senhor, que eu reconheça o meu nada, pois quanto mais o reconhecer com simplicidade e humildade de coração, mais Vos agradará serdes o meu Tudo. Vós o tudo e eu o nada; Vós aquele que é, e eu aquele que não é! Glorificai-Vos, portanto, no meu nada! Neste nada triunfe o Vosso amor e a Vossa graça, mas triunfe também a Vossa misericórdia, pois eu sou um nada que pecou. *Peccavi, Domine, miserere mei!*

108. HUMILDADE E CONFIANÇA

«Do mais profundo do meu nada clamei a Vós, Senhor. Senhor ouvi a minha voz... eu confio em Vós».

1 — A humildade cristã não deprime, mas eleva, não abate, mas encoraja, pois quanto mais revela à alma o seu nada, a sua abjecção, mais a lança em Deus, cheia de confiança e abandono. O próprio facto de que

em tudo — no ser e no agir, quer na ordem natural, quer na sobrenatural — dependemos d'Ele e nada podemos fazer sem Ele, manifesta-nos que Deus quer amparar-nos continuamente com o Seu socorro, com a Sua graça. Por conseguinte, as relações de uma alma humilde com Deus serão as de um filho que tudo espera confiadamente de seu pai. Foi esta a lição que Jesus quis dar aos apóstolos quando Lhe perguntaram quem seria o maior no reino dos céus: «Em verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus. Todo aquele, pois, que se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos céus» (Mt. 18, 3 e 4).

Tornar-se pequenino — explica S.ta Teresa do Menino Jesus — «é reconhecer o seu nada, esperar tudo do bom Deus, como uma criança espera tudo de seu pai... Mesmo entre os pobres dá-se à criança o que lhe é necessário, mas assim que cresceu o seu pai já não quer alimentá-la e diz-lhe: 'Agora trabalha, já te podes bastar a ti mesma'. Foi para não ouvir isso que eu não quis crescer, sentindo-me incapaz de ganhar a minha vida, a *vida eterna do céu!*» (NV. 6, VIII).

Para a alma que, reconhecendo humildemente a sua indigência, se volta para Deus com plena confiança, Deus é um pai terníssimo que Se compraz em cumulá-la dos Seus dons e em fazer por ela o que ela sòzinha não pode fazer. Então quem é mais pequeno — isto é, aquele que está mais convencido do próprio nada — torna-se o maior, porque tem ao seu dispor a grandeza de Deus.

2 — Deus não introduz as almas numa vida espiritual mais elevada nem as admite a uma maior intimidade com Ele, enquanto as não achar completamente despo-

jadas de toda a confiança em si mesmas. Quando uma alma, esquecendo praticamente o seu nada, confia, por pouco que seja, nas suas forças, na sua ciência, nas suas iniciativas, nas suas virtudes, Deus abandona-a a si própria; os insucessos que se seguirão, as recaídas, a infecundidade das suas obras, porão a descoberto a sua insuficiência. E quanto mais a alma for tenaz em fiar-se em si própria, tanto mais o Senhor lhe prolongará esta experiência prática do seu nada.

S.ta Teresa de Jesus, falando da sua conversão definitiva e total, confessa que o que a impedia de vencer os últimos obstáculos, era precisamente um resto de confiança que ainda tinha em si mesma: «Suplicava ao Senhor que me ajudasse; mas devia faltar, ao que parece, o não pôr de todo a confiança em Sua Majestade e perder de todo a que punha em mim» (Vi. 8, 12). A confiança em Deus cresce na mesma proporção que a desconfiança em si, e torna-se total quando a alma, tendo compreendido a fundo o seu nada, perdeu toda a confiança nos seus recursos pessoais. Então a alma experimenta a realidade daquelas palavras de Jesus: «Depois de terdes feito tudo o que vos foi mandado, dizei: 'somos servos inúteis'» (Lc. 17, 10); e embora se tenha exercitado muito na vida interior, na oração, nas virtudes, sabe que não pode contar com as suas forças, sabe que, apesar de ter trabalhado pela glória de Deus, não pode contar com as suas obras; por isso, confia única e totalmente na misericórdia e na graça de Deus: «*Non habeo fiduciam nisi in tua misericórdia*». A sua confiança está nos méritos infinitos de Jesus, no amor misericordioso do Pai celeste e na obra da graça; esta confiança torna-a mais do que nunca corajosa e ousada, porque sabe que com Deus tudo pode.

«O que agrada a Jesus — diz a Santa de Lisieux — é ver-me amar a minha pequenez e a minha pobreza, é a esperança cega que tenho na Sua misericórdia. Eis o meu único tesouro» (*Cart.* 176).

Colóquio — «Reconheço-o, ó Senhor, sou muito fraco e todos os dias faço disso uma nova experiência. Mas dignai-Vos ensinar-me aquela ciência que me faz gloriar-me das minhas fraquezas. Esta é uma grande graça e só nela encontro a paz e o descanso do coração, porque já compreendi o Vosso carácter; dais como Deus, mas que-reis a humildade do coração» (cfr. T.M.J. *Cart.* 87 e 140).

Ó Senhor, a Vossa luz penetra na minha alma e faz-me compreender como os meus caminhos estão longe dos Vossos! Em vez de me aborrecer com as minhas misérias, em vez de me abater com as minhas quedas e com os meus fracassos, em vez de pretender o êxito em tudo e realizar grandes coisas, devo aceitar humildemente ver-me tão fraco, tão indigente e tão necessitado do Vosso auxílio.

Ó meu Deus, como é doce, para uma alma que Vos ama, precisar tanto de Vós a ponto de nada poder fazer sem Vós! É doce, porque isto me diz que quereis continuamente intervir na minha pobre vida, que quereis amparar-me continuamente com a Vossa graça, que da Vossa parte jamais me abandonareis. Para me comunicardes a abundância dos Vossos divinos favores somente esperais que me ponha diante de Vós na atitude confiante de uma criancinha que, não podendo contar com as suas forças e com os seus recursos, tudo espera de seu pai. Esperais que eu, convencido profundamente do meu nada, aceite e goste de me sentir nada, a fim de que Vós sejais o meu Tudo.

Despojai-me, Senhor, despojai-me de todo o resto de confiança em mim próprio. Se o homem é semelhante à erva do campo, que hoje nasce e amanhã não existe, haverá maior loucura do que contar com a força de um pouco de erva? Peço-Vos, Senhor, curai-me de tamanha insensatez e ponde-me na verdade. Vós que sois a verdade, santificai-me na verdade, na verdade do meu nada.

Só Vós sois bom, ó meu Deus, e só Vós me podeis fazer bom; só Vós sois justo e só Vós me podeis justificar; só Vós sois santo e só Vós me podeis santificar. Quanto menos posso esperar de mim, mais posso e quero esperar de Vós; de Vós espero a boa vontade e a constância, a força e a paciência, a pureza e a bondade, a virtude e a santidade. De mim nada e de Vós tudo. Ó Senhor, apressai-Vos em vir em meu socorro: o meu nada chama por Vós, a minha miséria suspira por Vós.

109. HUMILDADE NAS QUEDAS

«Sou miserável e pobre, ó Senhor socorrei-me... A sombra das Vossas asas me refugio» (Sal. 39, 18; 56, 2).

1 — Se consideras a tua miséria sem elevares os olhos para Deus, Pai das misericórdias, facilmente te sentirás oprimido e desanimado. Se te examinares com atenção verás que o desânimo procede sempre de duas causas intimamente unidas entre si: a primeira é que, tendo contado com as tuas forças, o teu orgulho fica ferido e desiludido pelo fracasso sofrido, e a outra é que, não tendo contado com Deus, não pensaste em

recorrer a Ele. E como não soubestes recorrer a Ele para conseguir um bom êxito no bem, também não soubeste recorrer a Ele quando caíste no mal. Em suma, agiste só: procuraste o êxito sozinho, caíste só, e foi só que consideraste a tua queda. O resultado desta conduta não pode ser senão o desânimo; com efeito, como poderás ter forças para te levatares, quando por falta de forças te encontras por terra? Deus, porém, não te quer ver agir sozinho. «Ai do que está só, porque quando cair não tem quem o levante» (*Ecl.* 4, 10). Ai do homem que assenta os seus propósitos sobre as próprias forças; quando cair não terá ao seu dispor a força de Deus para se levantar e permanecerá assim na sua miséria, humilhado e confuso.

Do mesmo modo que não deves formular bons propósitos sem contar com o auxílio de Deus para os cumprir, assim não deves considerar as tuas quedas sem ao mesmo tempo considerar a misericórdia divina, porque se só Deus te pode conceder a vitória no bem, só Ele te pode ajudar a sair do mal.

Eis porque todos os santos ensinaram que o conhecimento próprio nunca deve estar separado do conhecimento de Deus e vice-versa. S.ta Teresa de Jesus diz: «A alma que se exercita no próprio conhecimento, deve voar algumas vezes a considerar a grandeza e a majestade do seu Deus. Aqui achará a sua baixeza melhor que em si mesma e ficará mais livre de sevandijas», ou seja, das próprias misérias (*M.* I, 2, 8).

2 — «A verdadeira humildade não inquieta nem desassossega nem alvoroa a alma, por grande que seja; mas vem com paz, gozo e sossego... dilata-a e torna-a apta para melhor servir a Deus». Ao contrário, a humil-

dade do demônio «tudo perturba, tudo alvoroça, toda a alma revolve e é muito penosa. Creio que pretende o demônio que pensemos ter humildade e — se pudesse — ao mesmo tempo que isto, que desconfiássemos de Deus» (T.J. *Cam.* 39, 2).

A falta de confiança e a perturbação diminuem a capacidade de amar, e o fim do demônio é deter as almas no caminho do amor. Deste modo tenta especialmente as almas que não cederiam nunca a tentações abertas de pecado. Neste caso é preciso reagir, recordando que, segundo ensina S.ta Teresa do Menino Jesus, «o que ofende a Jesus, o que Lhe fere o coração, é a falta de confiança» (T.M.J. *Cart.* 71).

A desconfiança da misericórdia de Deus, mesmo depois de quedas graves, nunca é indício de verdadeira humildade, mas sim de orgulho dissimulado e de tentação diabólica. Se Judas tivesse sido humilde, em vez de desesperar, teria sabido como Pedro pedir perdão e chorar os seus pecados. A humildade é a virtude que nos faz permanecer no nosso lugar; ora, o nosso lugar diante de Deus é o de filhos fracos e miseráveis, mas confiantes. Quando, depois de tantos propósitos, te vês cair nas mesmas faltas; quando, depois de tantos esforços, não consegues ainda vencer certos defeitos, superar certas dificuldades e, de um ou outro modo, te encontras ainda muito longe daquilo que deverias e quererias ser, recorre ao remédio infalível da humildade. «A humildade — diz S.ta Teresa de Jesus — é o unguento das nossas feridas» (M. III, 2, 6). Embora te sintas esgotado de forças, embora te julgues incapaz de tudo e te vejas sempre por terra, impotente para te levantares, ainda te resta uma possibilidade: a de te humilhares. Humilha-te, humilha-te com sinceridade e com confiança;

a humildade suprirá todas as tuas misérias, curará todas as tuas chagas, porque atrairá sobre elas a misericórdia divina.

Colóquio — «Ó Senhor, já não me admiro de nada, não me aflijo ao ver que sou a própria fraqueza, antes pelo contrário, é nela que me glorio e conto descobrir em mim cada dia novas imperfeições.

«Que ilusão!... não queríamos cair nunca? Que importa, meu Jesus, se caio a cada instante por aí vejo a minha fraqueza e isso é para mim um grande ganho. Por aí Vós vedes o que posso fazer e sereis então mais tentado a levar-me nos braços... Se o não fazeis, é porque Vos agrada ver-me caída por terra... não vou inquietar-me então, mas estenderei sempre para Vós os meus braços suplicantes e cheios de amor! Não posso crer que me abandoneis.

«Oh! não, nem sempre sou fiel, mas não desanimo nunca, abandono-me nos Vossos braços e como uma gotinha de orvalho, abismo-me cada vez mais no Vosso cálice, ó divina Flor dos campos, e aí encontro tudo o que perdi e muito mais ainda.

«Ó Senhor, quando cometo uma falta que me entristece, sei bem que esta tristeza é a consequência da minha infidelidade. Mas não quero parar nela, quero correr para Vós e dizer-Vos: Meu Deus, sei que mereci este sentimento, e no entanto permiti que Vo-lo ofereça como uma prova que me enviais por amor. Lamento o que fiz, mas sinto-me contente por ter este sofrimento para Vos oferecer.

«Sou feliz por me sentir assim imperfeita e por ter tanta necessidade da Vossa misericórdia! Quando se aceita com doçura a humilhação de ter sido imperfeita,

a Vossa graça volta imediatamente» (T.M.J. M.C. pg. 274; *Cart.* 122; NV. 3-VII; 2-IX).

110. AS HUMILHAÇÕES

Ó Jesus que Vos humilhastes por mim até à abjecção, ensina-me a humilhar-me por Vosso amor.

1 — São muitos os que querem ser humildes, mas a poucos agrada serem humilhados; muitos pedem a Deus, com fervorosas orações, a humildade, mas bem poucos pedem a humilhação, e no entanto sem humilhação é impossível conseguir a humildade, porque assim como o estudo é o meio para adquirir a ciência, a humilhação é o meio para adquirir a humildade.

Enquanto desejares a humildade sem saberes aceitar as humilhações, não podes pensar que estás no caminho da verdadeira humildade; mesmo que sejas capaz de te portares humildemente em certas ocasiões, no fundo será mais uma humildade superficial e aparente do que real e profunda. A humildade é a verdade; portanto convence-te de que, não tendo de teu senão o pecado, por direito de justiça apenas te pertence a humilhação e o desprezo. Se realmente estivesses convencido disto, acharias muito justo que todos te humilhassem, te maltratassem, te desprezassem. E de facto que honra e atenções merece quem ofendeu o seu Criador, se um só pecado, embora venial, é mais deplorável e merece maior desprezo do que a maior miséria humana?

Profundamente persuadidos disto, os santos nunca achavam duras demais as humilhações que padeciam, mas sempre as achavam muito inferiores às que verdadeiramente julgavam merecer. «Nunca ouvi dizer mal

de mim — dizia S.ta Teresa de Jesus — que não visse que ficavam aquém; porque ainda que não fosse nas mesmas coisas, tinha ofendido a Deus em muitas outras e parecia-me que tinham feito muito em deixar aquelas» (Cam. 15, 3).

«Tem, pois, paciência nas tuas humilhações, porque como com o fogo se prova o ouro, assim se prova o homem no crisol da humilhação» (cfr. *Ecli.* 2, 4 e 5). Se sentes o peso da tua soberba e desejas sinceramente livrar-te dele, aceita em paz as humilhações e por meio delas o Senhor esmagará o teu orgulho.

2 — Em vez de procurares humilhações por iniciativa própria, dispõe-te a aceitar bem as que te são impostas contra o teu gosto. Porque nas humilhações impostas por ti mesmo, fàcilmente se pode mesclar um orgulho subtil, como seria, por exemplo, o de querer ser tido por humilde. Tal perigo não existe nas humilhações que, contra a tua vontade, te vêm dos outros. Também neste caso é necessário aceitar voluntariamente a humilhação a fim de produzir o seu fruto. Com efeito, não é a humilhação em si mesma que te faz humilde, mas o acto de vontade com que a aceitas. Diz S. Bernardo que há muita diferença entre ser humilhado e ser humilde. Pode-se afirmar que todos, de um ou outro modo, encontram humilhações na vida, porém poucos são os que se tornam humildes, precisamente porque são poucos os que aceitam a humilhação e se lhe submetem com paciência.

De que te serve receber humilhações, se em lugar de as aceitar, reages contra elas, repelindo-as com ressentimento e com despeito, e te irritas contra quem tas proporciona?

A humilhação não pode ser agradável à nossa natureza orgulhosa e susceptível e, todavia, apesar de sentires o seu amargor, deves esforçar-te por aceitá-la de boa vontade, repetindo no teu coração: foi bom para mim, Senhor, teres-me humilhado. Se, não obstante todas as repugnâncias e ressentimentos da tua natureza, te sujeitas à humilhação por um acto de vontade e protestas a Deus que queres estar contente e saboreá-la até ao fundo, chegarás pouco a pouco a ser humilde. O pão duro e amargo das humilhações tornar-se-á doce e suave, mas só se alcança esta suavidade depois de um longo exercício. De resto, o que importa não é a suavidade, mas sim a vontade de aceitar tudo quanto nos humilha. «Deixa-te ensinar, deixa-te mandar, deixa-te sujeitar e desprezar e serás perfeito» (J.C. AM. II, 33).

Colóquio — «Ó Senhor, que injúria se poderá fazer a uma pessoa como eu que mereci ser atormentada pelo demónio por toda a eternidade? Se me tratam mal neste mundo, não é porventura com justiça? Verdadeiramente, ó Senhor, destas pequenezas nada tenho a ofender-Vos... Reconheço-me tão culpada diante de Vós, que vejo que me tratam ainda bem demais aqueles que me injuriam, quando por não conhecerem quem sou, como Vós me conheceis, julgam ofender-me» (cfr. T.J. Cam. 36, 2).

Meu Deus, é bem verdade que eu, pecador, só tenho direito à humilhação, à injúria, ao desprezo e, todavia, como sou renitente e exageradamente sensível a tudo quanto fere o meu orgulho! Vós sabeis, ó meu Deus, como desejo ser despojado da minha soberba: sim, posso dizer que, com a ajuda da Vossa graça, a detesto e nada em mim me parece mais odioso. Contudo

ainda não sei aceitar o remédio que Vós me ofereceis. Como terei a coragem, Senhor, de Vos pedir humilhações, quando tantas vezes as rejeitei, transformando este remédio em ocasiões de novos actos de orgulho?

Quantas vezes, em lugar de ver nas humilhações um remédio oferecido por Vós para curar a minha soberba, o meu olhar se deteve nas criaturas de que Vos servistes para me humilhar e me irritei contra elas, indignando-me e revoltando-me como se se tratasse duma injustiça! Como sou cego, Senhor, como estou longe dos Vossos caminhos! Vinde encher de luz a minha alma, vinde introduzir-me na verdade, vinde reconduzir-me ao bom e seguro caminho das humilhações.

Não Vos peço humilhações especiais, mas peço-Vos que disponhais o meu coração para aceitar bem aquelas que no Vosso amor e na Vossa misericórdia infinita, desde toda a eternidade pusestes no meu caminho. Preparastes o remédio apropriado à minha soberba; se até hoje tantas vezes recusei aproximá-lo dos lábios, ajudai-me agora a não deixar escapar a mínima gota. Estou doente, Senhor, e como o doente deseja o remédio que o cura e o toma ainda que seja amargo, assim eu, amparado pela Vossa graça, quero aceitar, quero sorver até à última gota cada humilhação. Mas ajudai-me Vós, ó dulcíssimo Jesus que quisestes conhecer a humilhação, pois sem Vós não sei senão faltar aos meus propósitos.

III. A HUMILDADE DO CORAÇÃO

Ó Jesus manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao Vosso.

1 — Só uma vez Jesus disse expressamente: aprendei de mim, e disse-o a propósito da humildade: «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração» (Mt. 11, 29). Sabendo bem como seria difícil à nossa natureza orgulhosa, a prática da verdadeira humildade, parece ter querido dar-nos assim um particular estímulo. O Seu exemplo, as Suas inauditas humilhações que O tornaram «o opróbrio dos homens e a abjecção da plebe» (Sal. 21, 7), que por nós O «fizeram» pecado (II Cor. 5, 21) e que O carregaram com todas as nossas iniquidades até ao ponto de ser «contado entre os maus» (Mc. 15, 28), são o maior estímulo e o maior convite à prática da humildade.

Jesus fala-nos directamente da humildade do coração porque toda a virtude, toda a reforma de vida, para serem sinceras devem provir do coração, de onde vêm os pensamentos e as acções. Uma atitude exterior, um modo de falar humilde, são vãos sem a humildade de coração e são muitas vezes a máscara de um orgulho refinado e por isso mais perigoso. «Purificai primeiro o que está dentro — dizia Jesus condenando a hipocrisia dos fariseus — para que também o que está fora fique limpo» (Mt. 23, 26). E S. Tomás ensina que «da disposição interior para a humildade procedem certos sinais nas palavras, nos gestos, nas acções, mediante os quais se manifesta no exterior o que está escondido no interior» II^a II^{ae}, q. 161, a. 6, co.).

Se queres, pois, ser verdadeiramente humilde, exer-

cita-te acima de tudo na humildade do coração, aprofundando cada vez mais o conhecimento sincero do teu nada e da tua pequenez. Aprende a reconhecer sinceramente os teus defeitos, as tuas faltas, sem as queres atribuir senão à tua miséria, e reconhece o bem que está em ti como puro dom de Deus, nunca o julgando propriedade tua.

2 — A humildade do coração é uma virtude difícil e fácil ao mesmo tempo; difícil, porque contraria o orgulho que nos leva a exaltar-nos; fácil, porque não precisamos de ir longe procurar-lhe as causas, já que as temos — e com que abundância! — em nós próprios, na nossa miséria. Para sermos humildes, porém, não basta sermos miseráveis; só é humilde quem reconhece sinceramente a própria miséria e age em consequência.

Como o homem é soberbo por instinto, não pode chegar a este reconhecimento sem a graça de Deus. Mas como Deus não recusa a ninguém as graças necessárias, dirige-te a Ele e, com confiança e constância, pede-lhe a humildade do coração. Pede-lha em nome de Jesus que tanto Se humilhou para glória do Pai e para tua salvação, «pede em seu nome e receberás» (cfr. Jo. 16, 24). Se apesar do desejo sincero de te tornares humilde, sentes, muitas vezes, agitarem-se em ti movimentos de orgulho, de vã glória, de vã complacência, em vez de desanimares, reconhece-os como fruto da tua má natureza e serve-te deles como de um novo motivo para te humilhares.

Lembra-te, além disso, de que podes praticar sempre a humildade do coração, mesmo quando não puderes fazer actos particulares e exteriores de humildade, quando ninguém te humilha, quando até pelo contrário, és

alvo da confiança, da estima, do louvor dos outros. S.ta Teresa do Menino Jesus dizia em tais circunstâncias: «Isto não poderia inspirar-me vaidade, pois tenho continuamente presente no pensamento, a lembrança do que sou» (*M.C.* pg. 297); e tu pensa que «não és mais santo por ser louvado ou mais pecador por ser censurado» (*Imit.* II, 6, 3). Assim quanto mais te exaltarem, mais te deves humilhar em teu coração. Praticada desta maneira, a humildade do coração far-te-á conceber tão baixo conceito de ti mesmo, que jamais serás capaz de preferir-te a alguém, pois todos julgarás melhores do que tu, mais dignos de estima, de respeito, de consideração; assim estarás em paz, nunca sendo perturbado pelo desejo de superar os outros nem pelas humilhações recebidas. A paz interior é fruto da humildade, pois Jesus disse: «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas» (*Mt.* 11, 29).

Colóquio — Ó Jesus, manso e humilde de coração, curai-me do orgulho, fazei o meu coração humilde, infundi em mim um pouco da Vossa tão profunda humildade. Como poderei eu, com a minha vontade soberba, tornar humilde o meu coração? Bem sabeis que um pobre não pode enriquecer-se a si próprio e que um soberbo não pode dar humildade ao seu coração. Só a Vossa infinita bondade poderá dar remédio à soberba.

«E o remédio é este: fixar os olhos em Vós, ó Verbo incarnado pendente da Cruz. Pois ao verdes uma alma humilhada olhar-Vos assim, depressa sereis movido a olhá-la também. Fazei com o Vosso olhar o que faz o raio de sol sobre a terra, o qual, com o seu calor, a vai secando e dispondo, a fim de que frutifique. Fazei

Vós assim, ó Verbo que secais a alma com o raio do Vosso olhar, atraíndo a Vós toda a soberba que nela reside para a consumirdes com o Vosso calor. Ninguém pode adquirir a humildade se não fixar em Vós o olhar, ó Verbo na cruz» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó Verbo, Vós humilhastes-Vos até à morte de cruz, até quererdes ser tratado como o último dos homens pelos pecadores, pelo demónio, pelo Espírito Santo, pelo Vosso eterno Pai. E tudo isto para glorificar o Pai, para reparar a ofensa cometida pelo nosso orgulho contra o Pai, para confundir e destruir a nossa altivez, para nos ensinar a detestar a vaidade e a amar a humildade. Oh! como na verdade se pode dizer que a soberba desonra e desagrada gravemente a Deus pois para reparar tal desonra foi necessário que Vós, Filho de Deus, fosseis tão humilhado! Oh! como na verdade se pode dizer que a vaidade é uma coisa monstruosa, já que para aniquilá-la quisestes ser reduzido a um tão ínfimo grau de abjecção! Oh! como devemos acreditar que a humildade é um tesouro realmente precioso e uma jóia agradabilíssima aos olhos de Deus! Foi para nos fazer amar esta virtude, para nos estimular a imitar-Vos no seu exercício e nos merecer a graça de a praticar que Vós, Seu divino Filho, quisestes ser tão humilhado» (S. João Eudes).

112. O PODER DE JESUS

III DOMINGO DA QUARESMA

Ó Jesus, Fortaleza divina, venho a Vós para procurar apoio para a minha fraqueza, para a minha enfermidade.

1 — Desde o primeiro Domingo da Quaresma, a Igreja tem-nos apresentado Jesus em luta contra o demónio. Enquanto então no-IO apresentava em humilde atitude de defesa perante as tentações do maligno, hoje mostra-no-IO em atitude de ataque e de vitória estrondosa.

Eis um pobre possesso, diz o Evangelho (Lc. 11, 14-28), «que era mudo»; Jesus com um só acto do Seu poder divino, expulsou o demónio e, logo depois de ter saído o demónio, «o mudo falou e as multidões ficaram maravilhadas». Mas o inimigo, querendo vingar-se da derrota, insinua aos fariseus uma abominável calúnia: «Ele expele os demónios em virtude de Beelzebub, príncipe dos demónios». Jesus é acusado de estar endemoninhado, de ter recebido do demónio o poder de libertar o possesso. O Senhor quer então desmascarar completamente o inimigo e com lógica cerrada responde que Satanás não poderia ter-lhe dado semelhante poder porque nesse caso estaria a cooperar na destruição do seu próprio reino. Não, não podia ser assim: Jesus expulsa os demónios «em nome de Deus», isto é, pela virtude divina. Se Satanás é forte e os seus satélites lutam com ele para reinar sobre o homem, Jesus é-o ainda mais e há-de vencê-lo, arrebatando-lhe a presa. Ele veio para destruir o reino de Satanás e para instaurar o reino de Deus.

Deus permite ainda hoje que o demónio trabalhe e

procure arrastar os indivíduos e a sociedade para o mal, mas sabemos que Jesus, morrendo sobre a cruz, derramou já o Seu Sangue, preço da nossa vitória. Este preço está à nossa disposição: com a virtude de Cristo, com a graça de Cristo, todo o cristão será capaz de vencer qualquer ataque do inimigo. Não nos deixemos atemorizar pelos triunfos do mal; não são mais que triunfos aparentes, pois Jesus é o mais forte, o único e supremo vencedor.

2 — Para fazer nossa a vitória de Cristo sobre o mal, é evidentemente necessária a nossa colaboração. E o próprio Jesus, no Evangelho de hoje, apresenta-nos dela variados aspectos.

«Todo o reino dividido contra si mesmo será derrubado»; o Senhor afirma assim que a união é o segredo da vitória. Acima de tudo, união com Ele, porque sem Ele nada podemos fazer; e depois, união com o próximo. Se queremos trabalhar para o triunfo do bem, colaboraremos — com um só coração e uma só alma — com os nossos superiores e com os nossos irmãos. Na luta pelo bem podíamos, muitas vezes, fazer muito mais se, renunciando aos pontos de vista pessoais, soubéssemos trabalhar de perfeito acordo. Poderá talvez ser necessário renunciar a ideias, a planos, a meios em si mesmos melhores, mas não nos deixemos enganar, o melhor é sempre a união. A divisão nunca levará à vitória.

«Quem não é por mim, é contra mim», acrescenta Jesus. O cristianismo não admite indiferentes; quem não alinha decididamente nas fileiras de Cristo, quem não trabalha com Ele na difusão do Seu reino, só por esse facto se opõe a Ele, se opõe ao bem, é inimigo de Cristo e agente do mal. Omitir o bem que se podia e

devia fazer é já fazer o mal e consentir no seu progresso.

A primeira condição para alcançar vitória sobre o mal é a colaboração activa na obra de Cristo em união com os irmãos. A segunda é a vigilância. Jesus adverte-nos de que o inimigo do bem está à espreita e que, mesmo depois de ter abandonado uma alma, está pronto a voltar, mais forte do que antes, «com outros sete espíritos piores do que ele», se a encontrar vazia e disposta para as suas emboscadas. O grande meio para impedir o progresso do mal é vigiar em oração, encher o coração de Deus para que nele já não haja lugar para o inimigo. E já não há lugar quando a alma está totalmente unida a Deus mediante a aceitação e o cumprimento da Sua palavra, da Sua vontade. Jesus responde à mulher que louva a Sua Mãe: «Bem-aventurados antes os que ouvem a palavra de Deus e a guardam». Sim, Maria Santíssima é bem-aventurada por ter dado a vida ao Redentor, mas é-o muito mais por Lhe estar perfeitamente unida no cumprimento da Sua palavra. Esta bem-aventurança não é exclusivamente de Maria, mas é oferecida a todas as almas de boa vontade e é a maior garantia da vitória sobre o mal. Quem está unido a Deus torna-se forte da Sua própria fortaleza.

Colóquio — «Os meus olhos estão sempre voltados para Vós, ó Deus, pois podeis tirar do laço os meus pés. Olhai para mim e tende piedade de mim, porque eu vejo-me só e aflito. Guardai a minha alma e livrai-me; não seja eu confundido por ter recorrido a Vós» (Sal. 24, 15-20).

«Ó Trindade eterna, ó alta e eterna Trindade, Vós nos destes o Vosso doce e amoroso Verbo. Ó doce e

amoroso Verbo, Filho de Deus, assim como a nossa natureza é fraca e inclinada para todo o mal, assim a Vossa é forte e inclinada para todo o bem, pois Vós a recebestes do Vosso Pai eterno e onnipotente. Vós, doce Verbo, fortalecestes a nossa natureza fraca, unindo-Vos a ela. A nossa natureza é fortificada por essa união, pois a nossa fraqueza desaparece em virtude do Vosso Sangue. Somos também fortificados pela Vossa doutrina porque o homem que a segue na verdade e se reveste perfeitamente dela, torna-se tão forte e apto para o bem, que quase nem sente a rebelião da carne contra o espírito e pode vencer todo o mal. Vós, ó Verbo eterno, tirastes a fraqueza da nossa natureza com a fortaleza da natureza divina que recebestes do Pai e nos destes por meio do Sangue e da doutrina.

«Ó Sangue dulcíssimo, Vós fortificais a alma, Vós a iluminais, a tornais angélica, a cobris de tal modo com o fogo da Vossa caridade que, esquecendo-se em tudo de si mesma, nada pode ver fora de Vós.

«Ó doutrina de verdade, tanta força infundis à alma revestida de Vós que nem as adversidades nem as penas ou tentações a farão jamais desfalecer, mas em cada batalha obtém esmagadora vitória. Que miserável sou, porque não Vos segui, ó verdadeira doutrina, por isso sou tão fraca que a menor tribulação me abate!» (S.ta Catarina de Sena).

113. O ÚLTIMO LUGAR

Ó Jesus que dissestes: «Não vim para ser servido, mas para servir» (cfr. Mt. 20, 28), ensinaí-me a amar o último lugar.

1 — Jesus mostrou-nos, não só com palavras, mas também com o exemplo, que não veio para ser servido mas sim para servir e quis reservar este exemplo para a véspera da Sua Paixão como para no-lo deixar em testamento juntamente com os Seus últimos e mais preciosos ensinamentos. Antes de instituir a Eucaristia, «começou a lavar os pés aos discípulos» como qualquer escravo e quando acabou, disse: «Dei-vos o exemplo a fim de que façais o mesmo que eu fiz» porque «o servo não é maior que o seu Senhor, nem o enviado maior que quem o envia» (Jo. 13, 15-16). A lição é clara: se queres ser verdadeiro discípulo de Jesus, tens de te humilhar como Ele; e repara que não se trata apenas de te humilhares diante de Deus, mas também diante do próximo. Considerares-te como servo nas tuas relações com Deus não é difícil, mas considerares-te servo e proceder como tal nas relações com o próximo, é mais difícil. Muito mais difícil ainda é deixares-te tratar como servo, isto é, sem atenções, sem consideração alguma, pelos que te são inferiores. E no entanto, sendo infinitamente superior a todos, Jesus quis ser tratado não apenas como servo, mas até como escravo e malfeitor.

Assim como a humildade te coloca, perante Deus, num lugar de inferioridade, de dependência absoluta, do mesmo modo te faz tomar «o último lugar» perante o próximo. «Ai de vós, que gostais de ter as primeiras cadeiras nas sinagogas» (Lc. 11, 43) disse Jesus aos

fariseus, condenando a «caça» aos primeiros lugares, ofícios e cargos honrosos, e acrescentou: «Quando fores convidado, vai tomar o último lugar» (Lc. 14, 10). Tanto quanto depende de ti, procura escolher sempre o último lugar onde quer que te encontres, mas fá-lo com simplicidade e naturalidade de modo que ninguém repare e te venha convidar para subires ao primeiro lugar. Espera só de Deus esse convite, não nesta vida, mas na outra.

2 — Durante a última ceia Jesus quis ainda dar aos Apóstolos uma outra lição de humildade: enquanto discutiam sobre qual deles deveria ser considerado o maior, o Senhor disse-lhes: «O que entre vós é o maior, faça-se como o mais pequeno, e o que governa seja como o que serve» pois também eu «estou no meio de vós como um que serve» (Lc. 22, 26-27). Quando Jesus fala das nossas relações com o próximo, insiste sempre em que cada um tome o lugar de servo e se considere servo dos outros. Foi o que disse também ao propor-nos uma criancinha como modelo de perfeição. «Se alguém quer ser o primeiro, será o último de todos e o servo de todos» (Mc. 9, 34); e repetiu-o ao advertir os Seus discípulos para que não imitassem a conduta soberba dos fariseus: «o que entre vós for o maior será vosso servo» (Mt. 23, 11). Torna-se evidente que, para os discípulos de Cristo, o lugar de honra, o lugar privilegiado, é o lugar de servo. O Divino Mestre insiste em que os que ocupam os primeiros lugares sejam os mais solícitos em se fazerem servos de todos.

Sendo assim, se tens alguma autoridade sobre o teu próximo, pensa que não te foi dada para tua honra, mas para o serviço dos outros. Se, porém, nada te distingue

do nível comum, não procures evidenciar-te; se o teu lugar é o de inferior, ocupa-o de boa vontade, não procurando nunca sair dele. Confiando-te um lugar humilde, o próprio Deus tomou a Seu cuidado fazer-te praticar a humildade; é esta uma das maiores graças que Ele te pode conceder, procura corresponder-Lhe, exercitando-te muito nesta virtude.

«A única coisa por ninguém invejada é o último lugar — dizia S.ta Teresa do Menino Jesus — e só nele não há vaidade e aflição de espírito» (CL.).

Colóquio — «Ó Senhor Jesus, quando éreis peregrino sobre a terra, dissestes: 'Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis o repouso das vossas almas'. Sim ó poderoso Monarca dos céus, a minha alma encontra o repouso vendo-Vos revestido da forma e da natureza de escravo, abaixar-Vos até lavar os pés dos Vossos apóstolos. Lembro-me então destas palavras que pronunciastes, para me ensinar a praticar a humildade: 'Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais vós também. O discípulo não é maior que o seu Mestre... Se compreendeis estas coisas, bem-aventurados sereis, se as praticardes.' Compreendo, Senhor, estas palavras saídas do Vosso Coração manso e humilde e quero praticá-las com o auxílio da Vossa graça.

«Quero abaixar-me humildemente e submeter a minha vontade à dos outros, sem os contradizer em nada e sem examinar se têm ou não o direito de mandar. Ninguém, ó meu Bem-amado, tinha esse direito sobre Vós e, no entanto, obedecestes não somente à SS.ma Virgem e a S. José, mas também aos Vossos carrascos.

«Ó Senhor, para me ensinardes a humildade não

podíeis ter-Vos abaixado mais; também eu quero, para corresponder ao Vosso amor, pôr-me no último lugar, partilhar as Vossas humilhações a fim de ter parte conVosco no reino dos céus.

«Eu Vos suplico, ó meu divino Jesus, enviai-me uma humilhação cada vez que eu tentar elevar-me acima dos outros.

«Mas, Senhor, Vós conheceis a minha fraqueza; todas as manhãs faço o propósito de praticar a humildade e à noite reconheço que cometi ainda muitas faltas de orgulho. À vista disto tenho vontade de desanimar; mas sei que o desânimo é também orgulho; quero portanto, ó meu Deus, fundar a minha esperança só em Vós: já que podeis tudo, dignai-Vos fazer nascer na minha alma a virtude que desejo» (T.M.J. — *Oração*).

114. A VIDA ESCONDIDA

Ó Jesus, Deus escondido, ensinaí-me o segredo da vida oculta.

1 — Durante a Sua vida terrena, Jesus comprazeu-Se em esconder a divindade sob as aparências humanas. Salvo raras excepções, sobretudo nos trinta anos que precederam a Sua vida apostólica, nunca deixou transparecer nada da Sua grandeza, sabedoria e onnipotência infinitas. Mais tarde, nos anos da vida pública, quis adaptar-se à maneira tão imperfeita de viver e agir dos Seus apóstolos, Ele que lhes era infinitamente superior. Jesus é verdadeiramente o Deus escondido e ensina-nos, com o Seu exemplo, o valor da vida escondida.

Se queres imitar profundamente a humildade de Jesus, deves participar na Sua vida oculta, encobrendo como Ele, tudo quanto possa atrair a atenção e o louvor dos outros, escondendo tudo o que te possa singularizar ou fazer notar, fugindo, tanto quanto te for possível, de qualquer sinal de distinção. «*Ama nesciri et pro nihilo reputari*» — ama o viver desconhecido e ser tido por nada (*Imit.* I, 2-3) porque assim serás mais semelhante a Jesus «que, sendo Deus, quis tomar a forma de escravo e ser semelhante, no Seu exterior, a um homem qualquer» (cfr. *Fl.* 2, 6 e 7). O próprio Jesus nos ensinou a prática da vida escondida insistindo em que façamos o bem em segredo, sem ostentação, só para agradar a Deus. Ensina-te assim a guardar segredo sobre a tua vida interior e as tuas relações com Ele: «quando quiseres orar, entra no teu quarto e fecha a porta». Ensina-te ainda a ocultar aos outros as tuas mortificações e penitências: «quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto»; ensina-te a não pones em evidência as tuas boas obras: «quando deres esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a direita», porque todos os que fazem «as suas boas obras diante dos homens para serem vistos por eles... já receberam a sua recompensa e não terão a recompensa do Pai celeste» (cfr. *Mt.* 6, 1-18).

2 — «Agir pura e unicamente para agradar a Deus, sem nunca querer... o testemunho de olhares humanos», foi o programa de S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus, a Santa da vida escondida (*Sp.* pg. 369). Querendo reservar unicamente para Deus o dom completo de si mesma, esforçou-se tanto quanto pode, por esconder aos olhos das criaturas a riqueza da sua vida

interior, o heroísmo das suas virtudes, de modo que a sua vida foi a plena realização do lema «viver só com Deus só». A alma que procura ainda a aprovação, o louvor e a estima das criaturas, não vive só com Deus só, a sua vida interior não poderá ser profunda, nem as suas relações com Deus muito íntimas. Esta alma vive ainda à superfície. E assim preocupada com as aparências externas, com o que os outros poderão pensar ou dizer dela, facilmente se deixará arrastar, na sua maneira de proceder, pelo respeito humano, pelo desejo de conquistar a benevolência e a estima alheias. Por isso, na sua conduta, faltará frequentemente à simplicidade, à pureza de intenção, talvez mesmo à sinceridade. O sobrenatural está nela ainda demasiado mesclado de humano para que possa dominar a sua vida e, de facto, age muitas vezes, não para agradar a Deus e para Lhe dar glória, mas para agradar aos homens, para conquistar-lhes o afecto e alcançar uma posição mais ou menos honrosa.

Quando «nos surpreendermos a desejar o que brilha — dizia S.ta Teresa do Menino Jesus — enfileiremos humildemente entre os imperfeitos e consideremo-nos almas fracas que Deus deve amparar a cada instante» (CL.). E a própria Santa fazia para si este pedido: «Ó Jesus fazei que eu seja calcada aos pés, esquecida como um grão de areia» (M. pg. 321).

Colóquio — «Ó Jesus que dissestes: 'O meu reino não é deste mundo', mostrais-me que a verdadeira sabedoria consiste em querer ser ignorada e tida por nada, em colocar a própria alegria no desprezo de si mesma. Ah! queria que o meu rosto como o Vosso, ó Jesus, estivesse verdadeiramente oculto, que sobre a terra

ninguém me conhecesse. Tenho sede de sofrer e de ser esquecida...

«Vós não quisestes nem beleza nem esplendor, mas a Vossa face estava como que escondida e os homens não fizeram caso dela. Também eu desejo, como Vós, não ter esplendor nem beleza, ser desconhecida de toda a criatura.

«Sim devo guardar tudo para Vós com um cuidado cioso. Como é bom trabalhar só por Vós, ó Jesus! Para Vós só! Então o coração fica cheio e sentimo-nos leves! Fazei que ninguém pense em mim, que a minha existência seja, por assim dizer, ignorada de todos; não desejo senão uma coisa: ser esquecida e tida por nada. Sim, desejo ser esquecida e não só das criaturas, mas também de mim mesma; quereria ser de tal modo reduzida a nada que já não tivesse mais desejo algum. A Vossa glória, ó meu Jesus, eis tudo! A minha, abandono-a a Vós» (T.M.J. M.A. pg. 182; NV. 5-VIII; Cart. 84 e 81).

Ó Senhor, ser esquecido pelas criaturas, trabalhar sem que o meu trabalho seja reconhecido, viver no silêncio e na obscuridade de uma vida humilde em que nada sobressai, em que nada é digno de atenção, eis o que mortifica a fundo o meu orgulho. Eis, ó Senhor, uma cura enérgica para o meu desejo inato de me fazer valer.

Senhor, confesso-o, e Vós já o sabeis, estou muito longe de desejar como os santos, o esquecimento e a indiferença das criaturas, eu que tantas vezes me sirvo espontaneamente de pequenos artifícios para me fazer notar, para me pôr em evidência. Sabeis, ó meu Jesus, que estou doente, e sabeis que me quero curar, modelando a minha vida pelo exemplo da Vossa. Só para ser

semelhante a Vós posso aceitar e amar a vida escondida. Só para merecer o Vosso amor, os Vossos olhares, a Vossa intimidade posso renunciar à benevolência e à estima das criaturas. Aumentai, pois, ó Jesus, o meu desejo de viver só para Vós e será doce, para mim, o viver ignorado dos homens.

115. ESCONDER-SE DE SI MESMO

Ó Jesus que, inteiramente esquecido de Vós, Vos consagrastes à glória do Pai, ensinaí-me a esquecer-me de mim.

1 — Para entrar na plenitude da vida escondida, não basta ocultar-se aos olhos dos outros, é necessário também ocultar-se de si mesmo, isto é, esquecer-se de si, evitando toda a preocupação e retorno egoísta sobre si mesmo. Podemos estar preocupados connosco de uma maneira material e grosseira, mas também o podemos estar sob o ponto de vista espiritual. Preocupar-se demais com o próprio progresso espiritual, com as consolações que Deus concede ou não, com o estado de aridez em que nos encontramos, etc., é muitas vezes indício de um subtil egoísmo espiritual, é indício de uma alma mais preocupada consigo do que com Deus. É o momento de aprender a esquecer-se, a esconder-se de si mesma, não querendo examinar demais o que se passa no seu interior, não lhe dando muita importância e renunciando também à satisfação de querer dar-se conta do próprio caminho interior. É bom saber que não é raro Deus permitir estados penosos e obscuros precisamente porque quer que a alma viva escondida de si mesma. Era este o programa de S.ta Teresa Margarida que não só pretendia por assim dizer, «viver

invisível e despercebida» entre as suas irmãs, mas ainda «viver, de certo modo, oculta e ignorada de si própria, morrer a si própria sem o saber e sem saborear prazer algum nessa morte mística, espiritual, sepultando subtilmente em Cristo todo o pensamento e toda a reflexão sobre si própria, mesmo espiritual e eterna». É o propósito explícito do completo esquecimento de si que inclui também a renúncia à satisfação espiritual de ter consciência da própria imolação. Mas para evitar este debruçar-se sobre si, a alma deve necessariamente polarizar noutra parte todas as suas aspirações; por isso o exercício *negativo* de não pensar mais em si, deve ir a par com o *positivo* que é *centrar-se* em Cristo, «sepultar em Cristo» todo o pensamento, toda a preocupação, mesmo espiritual, consigo própria. Ninguém conseguirá deixar de se preocupar consigo mesmo se não se fixar no objecto do seu amor. S.ta Teresa Margarida esqueceu-se totalmente de si, sepultando «em Cristo», seu único Amado, o seu pensamento.

2 — A alma esquecida totalmente de si é também totalmente desinteressada. Já não serve a Deus com espírito mercenário, olhando mais para a recompensa que há-de receber do que para a Sua glória, mas «serve-O *gratuitamente*, como os grandes senhores servem os reis», segundo a bela expressão de S.ta Teresa de Jesus (*Cart.*) Tal deve ser a atitude da alma de vida interior que, tendo sido chamada por Deus à Sua intimidade, não há-de agir como mercenária, mas como filha, como esposa. Eis um dos frutos mais preciosos da vida oculta.

S. João da Cruz ensina que: «Agrada mais a Deus uma obra, por pequena que seja, feita às escondidas e

sem desejo que se saiba, do que mil feitas com desejos de que os homens as saibam porque, quem trabalha por Deus com amor puríssimo, não somente não se lhe dá que os homens O vejam, mas nem mesmo faz as obras para que Deus as saiba e mesmo que nunca Ele as viesse a saber, não deixaria de prestar-Lhe os mesmos serviços e isto com a mesma alegria e pureza de amor» (AM. I, 20). O mesmo delicado pensamento encontramos em S.ta Teresa do Menino Jesus: «Se, o que é impossível, o bom Deus não visse as minhas boas obras, não me afligiria. Amo-O tanto que quererá poder dar-Lhe prazer pelo meu amor e pelos meus pequenos sacrifícios ainda que Ele não soubesse que eram meus» (CL.).

Esta absoluta pureza de intenção faz com que a alma trabalhe unicamente por Deus e nunca pelo seu próprio interesse, mesmo espiritual. Certamente Deus recompensará as boas obras, mas este cuidado deve ser totalmente abandonado ao Seu beneplácito, enquanto a alma se ocupa só em dar-Lhe prazer. A vida oculta culmina assim num sublime desinteresse, não só no que se refere às recompensas e louvores humanos, mas também às consolações espirituais. É então que a alma procura só a Deus e Deus só lhe basta. E se Deus, parecendo não dar conta do seu amor e dos seus serviços, a deixa na aridez e no abandono, não se preocupa nem se detém por isso, porque o único motivo que a impele a agir é contentar somente a Deus.

Colóquio — Ó meu Deus, ensina-me a esquecer-me de mim, a lançar em Vós toda a preocupação, todo o cuidado excessivo comigo mesmo. Porque quero servir-Vos, Senhor? Porque quero amar-Vos e progredir no caminho da santidade? Talvez para minha satisfação,

para meu interesse ou vã complacência? Oh! que mesquinha seria uma vida espiritual com fins tão baixos e tão vãos! Não, meu Deus, Vós criastes-me para a Vossa glória, peço-Vos humildemente que me deixeis viver só para a Vossa glória, acima de todo o interesse e satisfação pessoal.

Não é já bastante grande a honra que me fazeis, permitindo que uma criatura tão vil e miserável como eu possa dirigir a sua vida para a Vossa glória? Que um pobre verme, como eu sou, possa glorificar-Vos, Deus altíssimo, perfeição infinita? Que procuro eu ainda além disto, Senhor? Valerá mais contentar a criatura ou o Criador, contentar-me a mim mesmo ou ao meu Deus? Senhor, quero servir-Vos e contentar-Vos só a Vós, quero dar-Vos gosto só a Vós, pondo nisso o meu gosto e o motivo da minha alegria. Compreendo que, se me conduzis por um caminho árido e obscuro, se permitis que muitas vezes as trevas se tornem mais densas em torno de mim é porque me quereis ensinar a servir-Vos com pureza de intenção, procurando unicamente a Vossa satisfação e não a minha. Se permitis que continue a exercitar-me na vida interior, na prática da virtude, sem ver nenhum resultado, se mantendes escondidos os meus pobres progressos, é porque me quereis estabelecer na humildade. Se tivesse mais luz, se o trabalho da Vossa graça fosse mais manifesto em mim, talvez me vangloriasse, me viesse a comprazer em mim, o que impediria o meu ímpeto para Vós, único objecto das minhas complacências.

Que admirável sois, ó Senhor, nos Vossos caminhos! Bendita seja esta obscuridade interior que me livra dos perigos do orgulho espiritual. Não, meu Deus, não Vos peço que mudeis o meu caminho; rogo-Vos, pelo con-

trário, que me continueis a conduzir assim, por um caminho de completo escondimento, não só aos olhos dos outros, mas também aos meus. Se, pela Vossa graça, há em mim algo de bom, que isso sirva para alegrar os Vossos olhos e não os meus que, comprazendo-se vãmente, poderiam arruinar tudo num instante. Guardai-me, Senhor, à sombra das Vossas asas, ensinai-me a servir-Vos desinteressadamente, por puro amor; ensinai-me a esquecer-me de mim, a sepultar em Vós toda a preocupação comigo mesmo, a confiar com pleno abandono, a minha alma nas Vossas mãos. Ei-la, Senhor, eu vo-la entrego para que a guardeis; quero perdê-la em Vós e em Vós hei-de novamente encontrá-la revestida da Vossa beleza.

116. ESCONDER-SE COM CRISTO EM DEUS

Ó Jesus, ajudai-me a esconder-me das criaturas para penetrar mais na Vossa intimidade divina.

1 — Quando se fala da vida oculta de Jesus não se deve entender apenas o Seu viver escondido aos olhos dos homens, encobrendo-lhes a Sua divindade e fugindo da Sua glória; mas, ultrapassando as relações externas com as criaturas é necessário penetrar no segredo do Seu Coração onde, oculta a todo o olhar humano, se desenvolve uma vida escondida muito mais sublime. É a Sua vida interior, vida de relações íntimas com a Trindade. A alma santíssima de Jesus, unida pessoalmente ao Verbo, goza incessantemente da visão beatífica: vê o Verbo como sujeito de toda a Sua actividade, vê o Pai como fonte do Seu Ser, vê o Espírito Santo

que habita nela como «no Seu templo preferido» e que, revestindo-a com a chama do Seu amor, a leva para Deus no pleno cumprimento da Sua vontade. Exteriormente, Jesus vive com os homens, trata com eles como se fosse um deles, mas a Sua verdadeira vida, a vida de Filho de Deus, vive-a — oculta a todo o olhar humano — com a Trindade, na Trindade. Eis a finalidade da imitação da vida oculta de Jesus: participar na Sua vida interior, ou seja, esconder-se «com Cristo em Deus» a fim de penetrar com Ele no santuário da Trindade sacrossanta. Era o que exprimia S.ta Teresa Margarida no seu ardente desejo de «imitar, pela fé, quanto é possível a uma criatura, a vida e a actividade interna e oculta da Humanidade santíssima de Jesus Cristo, unida hipostaticamente ao Verbo» (Sp, pg. 374).

A prática da vida oculta tem, portanto, dois aspectos. O primeiro, negativo e sobretudo exterior, que consiste em esconder-se aos olhos dos outros e também aos próprios, isto é, em morrer para a glória e para as honras terrenas; o segundo, positivo e todo interior, que consiste em concentrar-se em Deus, numa vida de íntimas relações com Ele. O primeiro aspecto é a condição e a medida do segundo: quanto mais a alma souber esconder-se das criaturas — e também de si mesma — tanto mais será capaz de viver «com Cristo em Deus», segundo a bela expressão de S. Paulo: «Estais mortos — mortos ao mundo e às suas vaidades — e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Col. 3,3).

2 — «Meu Deus... agora e para sempre quero encerrar-me no Vosso amantíssimo Coração, como num deserto, para aí viver em Vós, conVosco e para Vós, esta vida escondida de amor e de sacrifício». Assim

concretizava S.ta Teresa Margarida o seu ideal de vida escondida com Cristo.

A alma que se exercitou longamente na parte exterior e negativa da vida escondida, ou seja, que com fidelidade constante soube esconder-se aos olhos das criaturas, está livre e pronta para se esconder com Cristo em Deus. Essa alma não gasta já as suas energias a procurar a estima e as satisfações humanas; sob este ponto de vista, as criaturas tornaram-se para ela um nada e pode bem dizer que «as coisas criadas, quer suas quer dos outros, não lhe causam mais aborrecimento e enfado do que se não existissem» (T.M. Sp. pg. 373). Conseguiu pois a liberdade soberana do espírito, que lhe permite concentrar-se totalmente em Deus. Exteriormente, a sua conduta não tem nada de extraordinário, pelo contrário, o cuidado que põe em se esconder aos olhos dos outros fá-la passar muitas vezes despercebida. Muitos a terão por uma pessoa de pouco valor, mas no íntimo do seu coração desenvolve-se uma vida interior riquíssima, só por Deus conhecida. Unida a Jesus, nEle, com Ele e por Ele, participa da Sua vida trinitária. Isto significa atingir a plenitude, o fim da vida cristã, por que exactamente a graça foi-nos dada para nos fazer participar da natureza, e portanto, da vida divina, da vida do próprio Deus-Trindade. Foi para isto que o Verbo incarnou. Jesus, morrendo sobre a cruz, mereceu-nos a graça, enxertou-nos em Si, para nos reconduzir conSigo ao seio da Trindade, donde nos tínhamos afastado pelo pecado. Podemos assim, não pelos nossos méritos nem pela nossa capacidade, mas só por estarmos enxertados em Cristo, penetrar com Ele e por Ele — nosso Mediador, nossa Ponte, nosso Caminho — na vida íntima de Deus, na vida trinitária. A fé e a •

caridade que Jesus nos mereceu juntamente com a graça, tornam-nos capazes de entrar em relações com as três Pessoas divinas, de modo que podemos realmente viver «escondidos com Cristo em Deus».

A vida escondida em Deus é o grande atractivo das almas interiores e, para chegar a vivê-la, sentem-se felizes em se ocultarem aos próprios olhos e aos dos outros, fugindo de toda a sombra de glória terrena. Ditoso escondimento que introduz a alma na «*vita abscondita cum Christo in Deo*»!

Colóquio — «Sim, ó Jesus, nada mais pretendo que tornar-me uma perfeita cópia Vossa, e porque a Vossa vida não foi senão uma vida oculta de humilhação, de amor, de sacrifício, também doravante assim deve ser a minha. Por isso quero encerrar-me no Vosso amabilíssimo Coração, de uma vez para sempre, como num deserto, a fim de aí viver em Vós, conVosco e para Vós esta vida escondida de amor e de sacrifício. E já que inspirastes ao meu coração este desejo de me tornar, tanto quanto possível, em tudo semelhante a Vós, para isso tenderão todos os meus esforços e farei por Vos imitar particularmente nas virtudes que mais agradam ao Vosso amabilíssimo Coração: humildade... e pureza de intenção, tanto no interior como no exterior, agindo sempre com espírito de simplicidade» (T.M. Sp. pg. 324).

Ó Jesus, dignai-Vos abrir também para mim o Vosso dulcíssimo Coração e deixai-me refugiar nele para viver conVosco escondido em Deus. A vida exterior, a vida de esplendor e glória terrenas já não tem atractivo algum para mim; porventura não é tudo vaidade, não é tudo uma fugaz sucessão de circunstâncias que em breve não mais existirão? A única vida que me atrai e que

permanecerá para sempre acima de toda a contingência terrena, é a da íntima união com Deus. É este o grande tesouro que me ofereceis pelos méritos da Vossa Paixão. Contemplo-Vos na cruz, ó Jesus, com o peito rasgado pela lança, como que a dizer-me que a Vossa morte me abriu as portas do Vosso Coração para me admitirdes no santuário da Vossa vida interior. A Vossa morte, com efeito, enxertou em Vós a minha pobre vida humana, para a tornar participante da Vossa vida divina, vida de íntimas relações com a Santíssima Trindade. Esta sim, é a vida verdadeira, vida perene, vida eterna. É a esta vida que eu aspiro, não pelos meus méritos, mas pelos méritos da Vossa Paixão. Ó Jesus, fazei que eu só procure a minha alegria, a minha felicidade nesta participação da Vossa vida interior e que ponha nela toda a minha glória.

Sim, fazei que toda a minha glória esteja no interior, no segredo da minha vida escondida conVosco em Deus.

117. A GLÓRIA VERDADEIRA

Ó Jesus que por meu amor aceitastes a desonra da morte de cruz, ensinai-me em que consiste a verdadeira glória e fazei que, por Vosso amor, eu saiba vencer os meus pontos de honra.

1 — S.ta Teresa de Jesus ensina: «Qualquer pessoa que sinta em si algum ponto de honra, se quer aproveitar, creia-me e dê de mão a este apego» porque «se há pontos de honra nunca se há-de medrar muito nem chegar a gozar o verdadeiro fruto da oração» que é a intimidade com Deus. A Santa faz notar que o motivo porque muitas pessoas, há muito exercitadas na vida

espiritual e beneméritas por tantas boas obras «rastejam ainda por terra» e não conseguem elevar-se mais alto, é precisamente por estarem detidas por estes «pontos de honra; e o pior é que não querem entender que os têm porque o demónio algumas vezes lhes faz entender que são obrigadas a tê-los» (Vi. 31, 20: *Cam.* 12, 5).

O apego aos pontos de honra resume-se, na prática, a pequenas ou grandes susceptibilidades para afirmar a própria personalidade, para defender a própria estima, o próprio modo de pensar. Concretiza-se em muitas manobras, mais ou menos conscientes e mesquinhas, para conquistar ou conservar, perante os outros, certas posições privilegiadas e honrosas, para fazer triunfar as próprias razões que sempre se julgam boas — a própria capacidade, as próprias obras, os próprios méritos, que se acham sempre grandes e dignos de consideração. Tudo isto permanece mais ou menos disfarçado pelo facto de que cada um tem, ou crê ter, a intenção de agir em vista do bem e por isso julga legítimo o seu proceder; no entanto não se repara em que, com a desculpa de defender o bem, de impedir o escândalo, de sustentar obras boas, na realidade se defende o amor próprio; isto é tão verdade que, apresentando-se uma ocasião e em igualdade de circunstâncias, não se cansarão tanto a defender a honra e as obras dos outros, como a defender a sua honra e as suas obras.

Uma alma que se deixa dominar por semelhantes preocupações está, como diz S.ta Teresa de Jesus, ligada à terra por «uma cadeia que não há lima que a quebre, a não ser Deus, por meio da oração e fazendo nós muito da nossa parte» (Vi. 31, 20).

2 — Para ver se estamos verdadeiramente desapegados destes pontos de honra não devemos basear-nos em certos desejos que às vezes se apresentam bem numerosos durante a oração e pelos quais nos parece que estamos dispostos a suportar qualquer humilhação e desprezo; mas temos de examinar qual é, no momento crítico, a nossa conduta diante de tudo o que fere o nosso amor próprio. Então não será difícil constatar que «por pouco que nos toquem na honra, não o suportamos, nem parece que o havemos de suportar» (T.J. *Cam.* 16, 11). Estas reacções mais ou menos vivas, da nossa susceptibilidade, dizem-nos claramente que ainda estamos muito longe de ter calcado aos pés os pontos de honra; e tomar consciência desta deficiência será o ponto de partida para nos corrigirmos, porque o maior obstáculo para a aquisição das virtudes é justamente crer que já as adquirimos e que, portanto, já não precisamos de nos exercitar nelas.

«Deus nos livre — exclama S.ta Teresa de Jesus — de pessoas que O querem servir e se lembram da própria honra» (ib. 12, 7). Seria querer servir ao mesmo tempo dois senhores e dois senhores tão incompatíveis, como são Deus e o nosso amor próprio. Tudo quanto uma alma faz para servir o seu eu, para defender a sua honra, é subtraído ao serviço de Deus, à busca pura e sincera da Sua honra e da Sua glória. Embora às vezes nos pareça ter bons direitos a fazer valer, se não lhes sabemos renunciar, pelo menos no que se refere à nossa pessoa, não alcançaremos nunca aquela liberdade de espírito necessária para mergulhar numa profunda vida interior. As preocupações inerentes à defesa dos nossos direitos, desviar-nos-ão do nosso ideal de união com Deus, far-nos-ão perder a paz interior, envolver-nos-ão

em muitas intrigas demasiado humanas, que serão ocasião de frequentes faltas contra a caridade e contra a justiça nas nossas relações com o próximo, porque é muito difícil, para não dizer impossível, defender os nossos próprios direitos sem ofender, pouco ou muito, os direitos alheios.

Colóquio — «Ó Senhor, Senhor! Não sois Vós o nosso Modelo e Mestre? Pois em que estive a Vossa honra, Honrador nosso? Oh! Senhor, não a perdestes, por certo, em ser humilhado até à morte, se não que a ganhastes para todos... Praza a Vós, Deus meu, que não se perca alguma alma por guardar estes negros pontos de honra. Oh! Se se entendesse em que está a honra... Todo o dano, Senhor, nos vem de não ter os olhos postos em Vós, e assim damos mil quedas e tropeçamos e erramos o caminho.

«Ó meu Deus, procuramos juntar-nos conVosco por união; queremos seguir os conselhos de Cristo carregado de injúrias e de falsos testemunhos, e queremos muito inteira a nossa honra e crédito. Não é possível lá chegar, pois não vão pelo mesmo caminho. Vós, ó Senhor, unis-Vos à alma que se esforça e não teme perder os seus direitos» (T.J. *Cam.* 36, 5 e 6; 16, 11; *Vi.* 31, 22).

Ó Jesus, concedei-me a graça de fazer consistir a minha honra sòmente em me unir intimamente conVosco, em me tornar o mais que puder semelhante a Vós que, sendo Deus e tendo direito a ser tratado e honrado como Deus, quisestes ser tratado como o último dos homens. Não quisestes para Vós outro direito senão cumprir a vontade do Pai, morrer sobre a cruz pela Sua glória e pela nossa salvação. Perante o Vosso exemplo, como compreendo melhor a mesquinhez do nosso amor próprio

que, para defender uns direitos ridículos, se perde em tantas intrigas, em tantas vãs contendias... Ó Senhor, porque deverei limitar-me a rastejar pela terra entre as silvas espinhosas das minhas paixões, quando Vós me criastes para voar pelos céus? Oh! ajudai-me Vós a desembaraçar-me destas tolas pretensões do meu eu que, semelhantes a pesado lastro, tentam constantemente arrastar-me para baixo; ajudai-me, Senhor, a fim de que, livre de tão grande peso, possa finalmente levantar um voo decisivo para Vós, meu Deus!

118. NÃO SE DESCULPAR

Ó Jesus, que quisesstes calar-Vos diante daqueles que Vos condenavam à morte, ensinai-me a arte de não me desculpar.

1 — Em presença de qualquer defeito, culpa ou erro pessoal, o nosso eu busca instintivamente uma desculpa; é a tática do orgulho, que não quer reconhecer as suas culpas e se engenha por as encobrir sob um pretexto mais ou menos falso, encontrando sempre maneira de as atribuir a outras pessoas ou às circunstâncias. Tal foi a conduta de Adão e Eva depois do pecado e tal é o comportamento instintivo de todo o homem quando cai nalguma falta. Mas isto traz um grande dano à alma, porque é impossível corrigir-se de defeitos que não se querem reconhecer; é necessário, por isso, ter coragem para derrubar as engenhosas mas inconsistentes construções do amor próprio, para pôr a nu os nossos próprios defeitos e enfrentá-los tal como são, sem os atribuir aos outros mas sim a nós próprios. «Quando caímos nalguma falta — dizia S.ta Teresa do Menino Jesus — não devemos atribuí-la às causas físicas, como

à doença ou ao mau tempo, mas reconhecer que esta queda provém da nossa imperfeição, sem nunca desanimarmos. Não são as ocasiões que tornam o homem fraco, mas descubrem o que ele é» (CL.)

Desculpar as próprias faltas pode satisfazer o orgulho, mas na realidade, é cegar-se voluntariamente, é tornar-se incapaz de entender a verdade da própria situação e assim a pobre alma não só não pode avançar, mas está condenada a andar às apalpadelas na escuridão, sem possibilidade de saída. Pelo contrário, reconhecer sinceramente as próprias culpas é já dar o primeiro passo para se corrigir. Todavia, não basta não se desculpar diante dos outros, quer dizer, depois de ter reconhecido diante de Deus as nossas culpas, é necessário também reconhecê-las diante dos homens, para aceitar humildemente a correção e reparar o mau exemplo que porventura se deu. Por outro lado, bem pouco valeria aceitar em silêncio uma acusação, uma repreensão, se a alma não renunciasse, mesmo à custa de lutas e esforços, a desculpar-se interiormente.

2 — Muitas vezes ressententes-te com as correções, porque não as achas inteiramente proporcionadas aos teus defeitos, às tuas faltas. E não pensas que isto é uma consequência inevitável das limitações humanas; só Deus que lê no coração, pode julgar com perfeita justiça as nossas acções; os homens só vêem o exterior e, ainda quando têm a obrigação de nos corrigir, nem sempre chegam a conhecer exactamente a nossa falta podendo enganar-se por excesso ou por defeito. Se apenas queres aceitar as observações que correspondem perfeitamente aos teus defeitos, estarás exposto muitas vezes a desculpar-te, a protestar, a apresentar as tuas razões, e

se não puderes fazê-lo exteriormente, fá-lo-ás sem dúvida no teu interior, perdendo assim todo o benefício que poderias tirar das correcções que então recebeses.

S.ta Teresa de Jesus convida as almas que querem chegar à união com Deus, a uma grande generosidade neste ponto, isto é, a aceitar sem se desculpar, qualquer correcção ou repreensão, mesmo que não seja de todo merecida ou até completamente injusta. «É uma grande humildade — diz a Santa — ver-se condenar sem culpa e calar; é a perfeita imitação do Senhor que tomou sobre Si as nossas culpas. O verdadeiro humilde deve desejar ser tido em pouco, perseguido e condenado sem culpa, ainda em coisas graves. Porque, se quer imitar o Senhor, em que melhor o pode fazer do que nisto? Aqui não são necessárias forças corporais nem ajuda de ninguém, senão de Deus». E acrescenta com muito acerto: «Bem vistas as coisas, nunca nos culpam sem razão e seria mentira dizer que não temos pecado... Ainda que não seja naquilo em que nos culpam, nunca estamos de todo sem culpa como estava o bom Jesus» (*Cam.* 15, 1-4).

«Jesus calava-se» (*Mt.* 26, 63) diz o Evangelista, apresentando-nos o Senhor acusado nos tribunais. A alma que aspira à união íntima com Jesus deve saber unir-se ao Seu silêncio diante das acusações, mesmo as mais injustas. E se motivos particulares — como evitar o escândalo ou desgostar o próximo — exigem que se desculpe, fá-lo-á somente quanto é necessário com muita medida e ponderação, para não perder a graça da humilhação.

Colóquio — Peço-Vos, Senhor, que a Vossa luz seja para mim tão abundante, que faça dissipar todas as

desculpas com que o meu amor próprio quer encobrir as minhas faltas, os meus defeitos, como o sol dissipa o nevoeiro. Peço-Vos que me façais reconhecer bem todos os meus defeitos e que eu saiba julgá-lo como Vós os julgais. Dominai o meu coração a fim de que não vá em busca de raciocínios maliciosos para procurar desculpas para as minhas faltas. Se por minha fraqueza, caio tão facilmente, farei que ao menos saiba confessá-lo humildemente diante de Vós e dos homens.

Libertai a minha consciência da máscara das culpas vãs e complacentes que me impedem de me ver como Vós me vedes, como Vós me conheceis, como realmente sou diante de Vós. E depois, ó Senhor, dai-me a humildade necessária para aceitar com boa disposição a correcção alheia. Apagai com a Vossa doçura a minha susceptibilidade, tão fácil de se acender e ressentir e concedei-me a graça de imitar a Vossa mansidão e humildade perante os tribunais.

«Ó Senhor meu, quando penso de quantas maneiras padeceste e como nenhuma mereceis, não sei o que diga de mim, nem onde estou quando me desculpo. Já o sabeis, meu Bem, que, se tenho algo de bom, não é dado por outras mãos senão pelas Vossas. E será possível querer eu que alguém faça bom conceito de coisa tão má, tendo-se dito tanto mal de Vós que sois o Bem sobre todos os bens? Não se pode sofrer! Nem quisera eu sofrêsseis Vós, que haja em Vossa serva coisa que não contente os Vossos olhos. Pois olhai, Senhor, que os meus estão cegos e se contentam com muito pouco. Dai-me Vós luz e fazei que, com verdade, deseje que todos me aborreçam, pois tantas vezes também eu Vos tenho deixado a Vós, que me amais com tanta fidelidade!

«Que é isto, meu Deus? Que se nos dá de ser muito culpadas por todas as criaturas, se diante de Vós estamos sem culpa?» (T.J. *Cam.* 15, 5 e 6).

119. A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES IV DOMINGO DA QUARESMA

O Jesus, verdadeiro pão de vida eterna, sacia a minha fome.

1 — O domingo de hoje é uma pausa de santa alegria, de alívio espiritual que a Igreja, como uma boa mãe, nos oferece no meio das austeras práticas quaresmais, como para nos refazer as forças. «Alegra-te, Jerusalém — canta o Intróito da Missa — juntai-vos em grande festa, vós todos os que a amais. Rejubilai de alegria, vós que estivestes em dor. Exultai e saciai-vos da abundância do seu gozo». E quais são estes gozos? O Evangelho do dia (*Jo.* 6, 1-15), responde-nos com a narração da multiplicação dos pães, o grande milagre mediante o qual Jesus quer preparar a multidão para o anúncio de um milagre muito mais estrondoso, a instituição da Eucaristia, em que Ele, o Mestre, Se tornará nosso pão, «pão descido do céu» (*Jo.* 6, 41) para alimento das nossas almas. Eis o motivo da nossa alegria, eis a fonte das nossas delícias: Jesus é o pão da vida, sempre à nossa disposição, sempre pronto para nos saciar a fome.

Mas Jesus, embora apreciando melhor do que nós os valores espirituais, não esquece nem despreza as necessidades materiais do homem. O Evangelho de hoje apresenta-no-lo rodeado por uma multidão que O tinha seguido para ouvir os Seus ensinamentos; Jesus pensa

na fome daquela gente e, para prover a essa fome, realiza um dos mais ruidosos milagres: cinco pães e dois peixes, abençoados por Ele, chegam para saciar cinco mil homens, sobrando ainda doze cestos.

Jesus sabe que quando o homem está atormentado pela fome, pelas necessidades materiais, é incapaz de atender às coisas do espírito. A caridade exige-nos também esta compreensão das necessidades materiais do próximo, compreensão efectiva que se traduz em acção eficaz. «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano e algum de vós lhes disser: 'ide em paz...' porém não lhes der as coisas necessárias ao corpo, de que lhes aproveitará?» (Tgo. 2, 15 e 16).

Os apóstolos tinham proposto ao Mestre que despedisse a multidão «para que, indo às aldeias, comprasse de comer» (Mt. 14, 15). Jesus não aceitou a proposta e quis providenciar pessoalmente. Procura também tu, tanto quanto puderes, nunca despedir o próximo necessitado sem lhe ter prestado a tua ajuda.

2 — Antes de fazer o milagre, Jesus pergunta a Filipe: «Onde compraremos nós pão para dar de comer a esta gente?», e observa o Evangelista: «Dizia, porém, isto, para o experimentar, porque sabia o que havia de fazer». Não há circunstância difícil na nossa vida cuja solução Deus não conheça; desde a eternidade previu todos os casos, mesmo os mais complicados, e tem pronto o remédio. Todavia, em circunstâncias difíceis, talvez nos pareça que Deus nos deixa sós como se a solução dependesse de nós, mas fá-lo unicamente para nos provar. Ele quer que, medindo a sós as nossas forças perante as dificuldades, tenhamos plena consciência da

nossa impotência e insuficiência e, por outro lado, quer que nos exercitemos na fé, na confiança nEle. Na realidade, o Senhor nunca nos abandona se não somos nós os primeiros a deixá-LO; apenas Se esconde, escondendo também a Sua acção: é então o momento de crer, crer fortemente e esperar com humilde paciência, com plena confiança.

Os apóstolos avisam Jesus de que um rapaz tem cinco pães e dois peixes: bem pouca coisa, mesmo nada, para saciar a fome de cinco mil homens; mas o Senhor pede aquele nada e serve-Se dele para operar o grande milagre. É sempre assim: Deus omnipotente que tudo pode fazer e criar do nada, quando Se encontra diante da Sua criatura livre, não quer agir sem o seu concurso. É bem pouco o que o homem pode fazer, mas aquele pouco Deus quere-o, pede-o, exige-o como condição da Sua intervenção. Sòmente o Senhor te pode santificar, como só Ele podia multiplicar as poucas provisões do rapaz e, no entanto, pede a tua cooperação. Também tu, como o rapaz do Evangelho, dá-Lhe tudo quanto possuis, ou seja, apresenta-Lhe todos os dias os teus propósitos sempre renovados, com constância e amor e Ele também operará para ti um grande milagre, o milagre da tua santificação.

Colóquio — «Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que, sobre a cruz, com os braços abertos, bebestes o cálice de inenarráveis dores para a redenção de todos os homens, dignai-Vos hoje vir em meu auxílio. Eis-me aqui: pobre, venho a Vós que sois rico; miserável, apresento-me a Vós que sois misericordioso. Ah! fazei que não me afaste de Vós vazio e desiludido. Faminto, venho a Vós, não permitais que volte em jejum; esfo-

meado, aproximo-me, que eu não me retire sem ter sido por Vós saciado; e se antes de comer suspiro, concedei-me que depois dos suspiros eu possa ser alimentado» (S.to Agostinho).

Sim, tenho fome de Vós, pão verdadeiro, pão vivo, pão da vida. Vós conheceis a minha fome, fome da alma e fome do corpo e a esta e àquela quisestes prover. Com a Vossa doutrina, com o Vosso Corpo e com o Vosso Sangue, saciai abundantemente o meu espírito, sem medida alguma, excepto aquela que eu mesmo Vos dou com a frieza do meu amor, com a pobreza do meu coração. Preparastes-me uma mesa tão rica e abundante que não se pode exprimir, bastando aproximar-me dela para ser alimentado. Não só me acolheis, mas até Vos fazeis o meu alimento, a minha bebida, Vos entregais todo a mim: todo na Vossa divindade, todo na Vossa humanidade.

E depois, pela Vossa bondade infinita, preparastes também uma mesa para o meu corpo; com a Vossa providência o alimentais, vestis, conservais na vida como os lírios do campo e os passarinhos do céu. Vós conheceis as minhas necessidades, as minhas angústias, as minhas preocupações pelo passado, pelo presente, pelo futuro e a tudo providenciais com amor paternal. Ó Senhor, porque não confiar em Vós, porque não lançar em Vós todos os meus cuidados, na certeza de que tudo podeis remediar? Entrego-Vos, pois, a minha vida: a vida do corpo, a vida terrena, com todas as suas necessidades, com todos os seus trabalhos, e a vida do espírito com todas as suas exigências, as suas ânsias, com toda a sua fome de infinito. Só Vós podeis fazer-me feliz, só Vós podeis realizar o meu ideal de santidade. de união conVosco.

120. O VALOR DA OBEDIÊNCIA

Ó Jesus obedientíssimo, fazei-me compreender o valor da obediência.

I — «O Senhor — ensina S. João da Cruz — prefere de ti o menor grau de obediência e sujeição a todos esses serviços que pensas fazer-Lhe» (AM. I, 13). Porquê? Porque a obediência te faz renunciar à tua vontade para aderir à de Deus, expressa nas ordens dos superiores, e é precisamente na completa conformidade da tua vontade com a vontade divina que consiste a perfeição da caridade, que consiste a essência da união com Deus. A caridade será perfeita em ti quando em todas as tuas acções te regulares, não segundo as tuas inclinações e desejos pessoais, mas segundo a vontade de Deus, com a qual deves conformar a tua. Este é o estado de união com Deus, pois a alma «que totalmente tem a vontade conforme e semelhante à divina, totalmente está unida e transformada em Deus» (J.C. S. II, 5, 4).

Podes encontrar a vontade de Deus expressa nos Seus mandamentos, nos preceitos da Igreja, nos deveres do teu estado; além disso fica-te ainda um vasto campo de acção em que podes escolher livremente; todavia nem sempre te será fácil conhecer, com certeza, o que Deus quer de ti. Pelo contrário, através da voz da obediência, a vontade divina toma uma forma clara, precisa, manifesta-se abertamente, não havendo já perigo de errar. Com efeito, «não há poder que não venha de Deus» (Rom. 13, 1); portanto, obedecendo aos teus legítimos superiores, podes estar certo de obedecer a Deus. O próprio Jesus, ao confiar aos Seus discípulos a missão de evangelizar todas as gentes, disse: «o que

vos ouve, a mim ouve e o que vos despreza, a mim despreza» (Lc. 10, 16); ensina-nos assim que os superiores eclesiásticos O representam e nos falam em Seu nome. De resto, S. Tomás demonstra que em toda a autoridade legítima — ainda que seja de ordem natural, por exemplo, de ordem civil ou social — existe uma manifestação da vontade divina, desde que ordene dentro dos justos limites do seu poder. Neste sentido o Apóstolo não hesita em dizer: «servos, obedeei aos vossos senhores... como a Cristo... fazendo de coração a vontade de Deus» (Ef. 6, 5 e 6).

2 — Um dos maiores obstáculos para a plena conformidade da tua vontade com a de Deus, é o apego ao teu querer, aos teus desejos, às tuas inclinações. Ora, a obediência, pedindo-te que te regules pelo querer de outrém, é o melhor exercício para te habituares a negar a tua vontade, a desprender-te dela e a unir-te à vontade divina, manifestada através das ordens dos superiores. E quanto mais estrita é a forma de obediência a que estás sujeito, quer dizer, quanto mais tende a abranger não só algum aspecto particular, mas toda a tua vida, mais intenso será este exercício e mais te conformará com a vontade de Deus. É este o grande valor da obediência; conformar a vida do homem com a vontade de Deus, dar ao homem, em todas as circunstâncias, a possibilidade de regular a sua conduta, não segundo a sua vontade, tão débil, frágil, sujeita ao erro, tão limitada e cega, mas segundo a vontade de Deus, tão boa, perfeita e santa, que jamais pode errar, nem querer o mal, mas só o bem, e não o bem transitório que hoje existe e amanhã desaparece, mas o eterno e imprecível.

A obediência leva-te a fazer esta feliz troca: deixar a tua vontade para abraçar a de Deus. É este o motivo pelo qual os santos corriam ao encontro da obediência: conta-se de S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus que «não sòmente voava na execução das ordens, mas até gozava extremamente e exultava em obedecer» (Sp. pg. 74). Se custa à natureza negar a própria vontade, renunciar a um projecto, a um plano, a um trabalho muito do nosso gosto, não é nesta renúncia que a alma de vida interior fixa o olhar, mas sofrendo e lutando para se vencer a si própria, lança-o para mais longe: fixa-o na vontade de Deus, que se lhe apresenta escondida na voz da obediência e para essa vontade tende com todas as suas forças, porque abraçar a vontade de Deus é abraçar o próprio Deus.

Colóquio — «Oh! como é doce e gloriosa esta virtude da obediência, que encerra todas as outras virtudes! Nascendo da caridade, nela se apoia o rochedo da nossa santa fé; é uma rainha, e quem a toma por esposa não sente nenhum mal, mas só paz e quietação. As ondas do mar tempestuoso não a podem prejudicar, porque navega na Vossa vontade, meu Deus... Não há desejo algum que não seja satisfeito, porque a obediência fá-la desejar sòmente a Vós, ó Senhor, que podeis, sabeis e quereis realizar os seus desejos. Oh! obediência, que navegas sem fadiga e chegas sem perigo ao porto de salvação! Ó Jesus, vejo a obediência conformar-se conVosco, e conVosco a vejo subir para a barquinha da santíssima cruz. Concedei-me, pois, Senhor, esta santa obediência, unvida de verdadeira humildade, recta, sem curva alguma, que traz consigo a luz da graça divina. Concedei-me esta pérola escondida e calcada

pelo mundo, que se humilha a si mesma, submetendo-se, por Vosso amor, às criaturas» (S.ta Catarina de Sena).

Ó Senhor, só tenho uma vida, e de que modo poderei empregá-la melhor para Vossa glória e para a minha santificação do que pondo-a directamente sob a obediência? Só assim terei a certeza de não perder o tempo e de não me enganar, porque entregar-se à obediência é entregar-se à Vossa vontade. Se a minha vontade é tão defeituosa, a Vossa é santa e santificante; se a minha vontade possui o triste poder de me fazer errar, a Vossa tem o grande poder de santificar a minha pobre vida, de santificar todas as minhas acções, mesmo as mais simples e indiferentes, desde que sejam realizadas sob o Vosso impulso. Ó Senhor, o desejo de viver totalmente segundo a Vossa vontade impele-me para a obediência, faz-me amar e abraçar esta virtude, apesar do meu grande amor à liberdade e à independência.

Ó santa e santificante vontade do meu Deus, quero amar-te sobre todas as coisas, quero abraçar-te em cada instante da minha vida, nada quero fazer sem ti, fora de ti.

121. «VEM E SEGUE-ME»

Ó Jesus, que por nós Vos fizestes obediente até à morte de cruz, ensina-me a seguir o Vosso exemplo.

1 — Ao jovem que desejava alcançar a perfeição, Jesus disse: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres [é o conselho da pobreza evangélica]... depois vem e segue-me» (Mt. 19, 21) e este, ensina S. Tomás, é o conselho da obediência voluntária. Com efeito, seguir Jesus significa imitar as Suas vir-

tudes, e entre elas está em primeiro lugar a obediência. Jesus veio ao mundo para cumprir a vontade do Seu Pai: «Eis que venho, ó Deus, para fazer a Tua vontade» (*Hebr.* 10, 7), e muitas vezes, durante a Sua vida, o afirmou expressamente: «Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquêle que me enviou» (*Jo.* 6, 38); assim declara que a Sua comida, o Seu sustento, o fulcro da Sua vida, consiste precisamente em cumprir a vontade de Seu Pai (cfr. *Jo.* 4, 34).

Jesus quis também concretizar a Sua dependência do Pai celeste, sujeitando-se àquelas criaturas que, segundo a ordem natural, tinham alguma autoridade sobre Ele, como homem. Assim viveu trinta anos sujeito em tudo a Maria e a José, reconhecendo na sua autoridade, a autoridade do Pai. «Era-lhes submisso» (*Lc.* 2, 51), diz o Evangelho, resumindo nestas breves palavras o longo período de vida privada do Salvador. Depois, durante a Sua vida pública e sobretudo durante a Sua paixão, deu sempre exemplo de obediência à autoridade constituída, tanto religiosa como civil, submetendo-Se mesmo aos juizes e aos verdugos, fazendo-Se «obediente até à morte e morte de cruz» (*Fil.* 2, 8). Vindo ao mundo por obediência, Jesus quis viver na obediência e por obediência abraçou a morte, repetindo no horto das oliveiras: «Pai... não se faça a minha vontade, mas a Tua» (*Lc.* 22, 42). Seguir Jesus na vida perfeita significa, portanto, abraçar voluntariamente uma vida de total dependência e S. Tomás, apoiando-se neste argumento, conclui que a obediência faz parte da essência do estado de perfeição.

2 — Seguir Jesus significa realizar plenamente o Seu convite: «Se alguém quer vir após de mim, negue-se

a si mesmo» (Mt. 16, 24). Ora, a maior renúncia que o homem pode fazer é a da sua liberdade, submetendo-se em tudo à obediência. De facto, não há nada que o homem ame tanto, como a liberdade da própria vontade, porque por ela se torna também senhor dos outros, pode usar e gozar das outras coisas, e é ainda senhor dos seus actos. E assim como o homem, abandonando as riquezas e os parentes, renuncia a eles, do mesmo modo, perdendo a liberdade da própria vontade, pela qual é senhor de si, renuncia a si mesmo» (S. Tomás: *A perf. da vida esp.*). Por este motivo, o voto de obediência é o maior e mais meritório sacrifício que o homem pode oferecer a Deus.

O sacrifício da obediência consiste em se deixar guiar por outrém na sua própria vida. Todo o homem é livre, recebeu de Deus a liberdade e por isso tem o direito de se governar a si mesmo segundo o seu juízo e a sua maneira de ver; ora, quem promete obediência, renuncia *livremente* a este seu direito, oferecendo-o *livremente* em holocausto para o serviço, para o culto, para a glória de Deus. Como no holocausto do povo eleito a vítima era totalmente consumida em honra de Deus, sem que parte alguma fosse poupada, assim também o voto de obediência imola todo o homem em honra de Deus. Deste modo a obediência sacrifica até ao fundo, a nossa personalidade, ou melhor, sacrifica tudo quanto há nela de egoísmo, tudo o que é apego à maneira de ver, às inclinações, às exigências pessoais; neste sentido nada pode ajudar-nos mais a libertar-nos do nosso amor próprio, a despojar-nos de nós mesmos, do que a obediência. Mas ao mesmo tempo, bem longe de destruir a personalidade, a obediência emprega-a de um modo mais belo, mais elevado e glorioso, ou seja,

fá-la renunciar a si mesma para aderir totalmente a Deus, à santa e santificante vontade de Deus.

Colóquio — «Ó Jesus, Vós que fostes obediente até à morte, não haveis de querer que uma alma que Vos ama vá por outro caminho diferente do Vosso» (T.J. *Fd.* 5, 3). Também eu estou decidido a seguir-Vos, a percorrer atrás de Vós o caminho da santa obediência, caminho escavado na dura rocha dos Vossos exemplos, da Vossa humilíssima submissão, dos Vossos inefáveis aniquilamentos. «Vós, sendo Deus a quem se submetem os anjos, a quem obedecem os principados e potestades, estáveis sujeito a Maria, e não somente a Maria, mas também a José por causa de Maria. Que um Deus obedeça às criaturas, é uma humildade sem igual. Ó Senhor, Vós abaixais-Vos e eu hei-de exaltar-me? Alma minha, se recusas imitar o exemplo de um homem não será certamente indigno de ti seguir o teu Criador. Se não podes talvez segui-LO aonde quer que vá, digna-te pelo menos segui-LO até onde Ele quis descer por ti» (cfr. S. Bernardo).

Sim, ó Jesus dai-me forças para Vos seguir pelo caminho da obediência; dai-me um profundo espírito de fé para saber ouvir sempre, na voz da obediência, a Vossa voz, a Vossa vontade. «Ensinai-me, ó Senhor, a abandonar-me confiadamente às Vossas palavras: 'Quem vos ouve, a mim ouve'. Ensinai-me a esquecer a minha própria vontade; tendes em tanto apreço esta minha sujeição porque é fazer-Vos senhor do livre arbítrio que me destes. É este o dom que desejo oferecer-Vos em toda a sua plenitude, sem reserva alguma. Fazei que eu seja fiel a este propósito e então, umas vezes esmagando-me a mim mesma, outras vezes com mil batalhas,

chegarei a conformar-me com o que me mandam; em suma, com custo ou sem custo, acabarei por me submeter. Bem sei, ó Senhor, que não deixareis de me ajudar; e por ter eu sujeitado a minha vontade e razão por Vosso amor, me fareis senhor delas. Então, já senhora de mim mesma, poderei consagrar-me a Vós com perfeição, dando-Vos uma vontade pura para que a junteis com a Vossa» (cfr. T.J. *Fd.* 5, 12).

122. A LIVRE IMOLAÇÃO DA LIBERDADE

Ó Jesus, Cordeiro divino imolado voluntariamente pela glória do Pai, fazei-me compreender o grande valor da imolação voluntária.

1 — O voto de obediência foi magnificamente definido como sendo «a livre imolação da liberdade» (Pio XII *Congr. de Relig.* Dez. 1950). Esta definição põe em evidência o conceito de imolação *livre*, o que bem mais que uma passividade, supõe uma intensa e nobre actividade, que consiste na renúncia *voluntária* da própria vontade, para se submeter *voluntariamente* à vontade de Deus, expressa nas ordens dos superiores. Estamos, pois, bem longe do conceito duma obediência mecânica, material, talvez forçada, suportada necessariamente, pela qual o homem age como uma máquina, ou como um criado que se sujeita ao patrão, só porque não pode deixar de o fazer. Neste caso tem só o nome e a aparência externa de obediência, mas na realidade falta-lhe o conteúdo interior, o acto formal que consiste na renúncia livre do próprio querer, para aderir à vontade de Deus, manifestada nas ordens dos superiores. Só em virtude deste duplo elemento: *livre renúncia de si e livre*

adesão à vontade divina, a obediência é um perfeito holocausto, tão agradável e precioso aos olhos de Deus, que «vale mais que as vítimas» (I Re. 15, 22). Se este duplo elemento interior vier a faltar, o acto externo de obediência, poderá ser suficiente para não faltar ao voto ou à promessa feita, mas perde o seu profundo valor e não será nunca um meio para desprender o homem da sua vontade e para o lançar na vontade de Deus.

Quando te contentas com uma obediência material, forçada, não realizas o acto interno de renúncia a ti mesmo; ainda que exteriormente te conformes com a ordem recebida, conservas porém interiormente a tua vontade, e nem podes dizer que imolaste a tua liberdade, nem sequer que abraçaste livremente a vontade divina. Uma tal obediência é um contra-senso para uma alma que aspira à união com Deus, é pretender chegar ao fim sem empregar os meios, é trocar a moeda preciosa da verdadeira obediência por uma vil moeda de estanho. S.ta Teresa de Jesus ensina: «a obediência é o caminho mais breve e o meio mais eficaz para chegar ao ditoso estado de união com Deus» (*Fd.* 5, 11). Trata-se apenas da obediência que é «livre imolação da liberdade», para não querer outra liberdade senão a de fazer a vontade de Deus.

2 — Uma «livre imolação» exige sempre consciência e conhecimento claro da parte de quem a realiza; assim deve ser também o acto de obediência. Se fizeste voto ou promessa de obediência, deves procurar manter sempre vivo em ti, o sentido da responsabilidade do compromisso tomado.

Ao pronunciares a fórmula da tua profissão, tiveste a intenção de oferecer a tua vontade em holocausto ao

Senhor, para te deixares guiar por aquele que O representa; por isso, em presença das diversas ordens da obediência — principalmente diante daquelas que mais se opõem à tua maneira de ver ou que, por qualquer motivo, te são mais difíceis — debes vigiar para que não te aconteça retomar na prática, o que ofereceste com voto; seria cometer uma rapina no holocausto. A tua vontade está consagrada e sacrificada no altar do Senhor, já não é tua, portanto não tens a liberdade de a retomar. Pelo contrário, debes usar dela para viveres, para actualizares dia a dia a tua oferenda, ou seja, para renovares continuamente, perante qualquer disposição da obediência, a imolação da tua liberdade. Bendita obediência, que te permite realizar o teu holocausto! «Porque se de outra maneira dais ao Senhor a vossa vontade — escreve S.ta Teresa de Jesus às suas filhas — é mostrar-Lhe a jóia, ir-Lha a dar e rogar-Lhe que a tome, e quando estende a mão para nela pegar, torná-la a guardar muito bem guardada» (*Cam. 32, 7*). Infelizmente isto é sempre possível; mesmo tendo sacrificado com voto a tua vontade, esta permanece todavia nas tuas mãos, e depende da tua própria vontade seres fiel ao voto feito. Portanto é necessário que estejas bem decidido a vencer as tuas repugnâncias para abraçares a vontade de Deus expressa nas ordens dos superiores.

«A obediência é o peso dos fortes» (Pio XII, aos *Carm. Desc. Set. 1951*), porque requer força para se renunciar a si mesmo; mas este peso, esta renúncia, é suave para a alma enamorada da vontade de Deus que sempre encontrará no Seu amor, a força para se negar.

Colóquio — Ó Senhor, poderá haver ideal maior e mais belo do que chegar a conformar totalmente a

minha vontade com a Vossa de modo que já não seja a minha, mas a Vossa vontade que me dirija, guie e governe em todos os meus movimentos, em todas as minhas acções?

Oh! como é sublime o estado de perfeita conformidade com a Vossa vontade divina! Mais uma vez me repetis que «para adquirir este tesouro não há melhor meio do que cavar na mina da obediência e extraí-lo à viva força. Quanto mais cavar, mais acharei; quanto mais me sujeitar aos homens por Vosso amor, não querendo outra vontade senão a dos superiores, mais me farei senhora da minha, a fim de a conformar com a Vossa. Esta é a verdadeira união conVosco, meu Deus, esta é a união que desejo, e não uns embevecimentos muito regalados a que se dá o nome de união e não são união, senão quando procedem desta. Vós fazeis-me compreender bem que, se eu tiver pouca obediência e muita vontade própria, a união não será com a Vossa vontade, mas com o meu amor próprio. Praza a Vós, Senhor, que eu ponha em prática o que me fazeis a graça de entender» (cfr. T.J. Fd. 5, 13).

Ó Senhor, Vós sabeis muito bem que desagrada à minha vontade submeter-se, renunciar a si mesma para se sujeitar à vontade alheia; existe em mim um amor tão forte à liberdade, à independência, que me inclina a procurar mil pretextos e maneiras para fugir à necessidade de obedecer. Contudo, Vós sabeis também que não há coisa no mundo que mais ame, procure e deseje do que a Vossa vontade. E para viver segundo a Vossa vontade, para ter a certeza e a alegria de agir sempre em conformidade com a Vossa vontade divina, estou pronto a fazer, com o Vosso auxílio, qualquer sacrifício, a imolar inteiramente a minha liberdade. Ó

Senhor, aumentai o meu amor à Vossa santa vontade, acendei em mim a paixão da Vossa vontade, e então crescerá na minha alma o amor à obediência, canal de ouro através do qual chega até mim o tesouro preciosíssimo da Vossa vontade.

123. OBEDIÊNCIA SOBRENATURAL

Ó Jesus, ensinaí-me a ver-Vos só a Vós nos meus superiores.

1 — Eis uma lição magnífica de S. João da Cruz: «Não consideres nunca o teu superior menos que Deus, seja ele quem for, pois o tens em Seu lugar» (Ct. 12). Se não tens este olhar sobrenatural que te faz ver Deus na pessoa do superior, a tua obediência não poderá ser sobrenatural. Para o ser, é necessário seres impellido por este único motivo: obedeço porque o meu superior representa Deus, fala-me em Seu lugar; o meu superior é Cristo: «*Hic est Christus meus*».

Não deves obedecer pela confiança humana na pessoa do teu superior: porque é inteligente, prudente, capaz, porque te compreende e aprecia, etc.; isto é obediência humana, fruto da prudência humana, é um acto capaz, porque te compreende e aprecia, etc.; isto é obedecer porque o que te mandaram é o mais perfeito; este não é ainda o verdadeiro motivo da obediência, que consiste unicamente em obedecer porque Deus quer tudo o que o superior ordena. Só há uma excepção: se o superior mandasse cometer um pecado, coisa que Deus certamente não poderia querer, ou se as suas ordens não estivessem de acordo com a regra e estatutos a que te

submeteste, pois tais ordens, não seriam legítimas. Quanto ao resto, não deves pôr nenhuma reserva na tua obediência. Nunca deves hesitar, temendo que o superior te peça uma acção menos perfeita, porque, mesmo que ele te ordenasse uma coisa objectivamente menos perfeita que outra (por exemplo, repousar em vez de trabalhar), para ti seria a mais perfeita pelo simples facto de que, se o superior te ordenasse seria precisamente isso e não outra coisa o que Deus queria de ti nesse momento. Pode muito bem acontecer que vejas, em abstracto, a possibilidade de fazer uma coisa mais perfeita do que a que te é mandada, e que o teu modo de pensar seja melhor que o do superior, mas em concreto não há dúvida: não há para ti nada de mais perfeito do que fazer o que Deus te manda por meio do superior.

2 — Se não deves basear a tua obediência num motivo de confiança humana nas qualidades do teu superior, deves no entanto baseá-la na confiança sobrenatural, ou seja, na confiança no governo sobrenatural do Senhor através dos superiores que Ele te deu. E se alguma vez te encontrares diante de superiores menos rectos, menos virtuosos, não tens motivo para temer: a fé ensina-te que Deus domina e governa tudo e que não há vontade humana que possa subtrair-se à Sua divina vontade. Ainda que o superior se enganasse ou te ordenasse uma coisa em si boa ou indiferente, mas por um motivo menos recto, Deus saberia sempre valer-Se dos seus erros para o bem da tua alma, e servir-Se-ia das suas intenções pouco rectas, para te levar a fazer o que Ele quer de ti. Uma coisa é certa: Deus governa-te por meio dos teus superiores e estes não são independentes

de Deus, mas o próprio Deus serve-Se deles como de instrumentos que pode manejar à Sua vontade. Recorre, pois, ao teu superior com toda a confiança porque, recorrendo a ele, recorres a Deus, obedecendo-lhe, obedeces a Deus. Uma semelhante obediência é inteiramente sobrenatural e põe-te em contacto directo com a vontade de Deus.

Procedendo doutra maneira te «farás tanto dano que virás a mudar a obediência de divina em humana... E a tua obediência será vã ou tanto mais infrutuosa, quanto mais te agravares com a índole adversa do teu prelado ou com a sua boa e agradável índole te alegrares. Porque — adverte S. João da Cruz — por ter o demónio feito com que considerassem as coisas desta forma, pondo os olhos nestas coisas acerca da obediência — arruinou na perfeição a muitíssimos religiosos, e suas obediências são de muito pouco valor aos olhos de Deus» (Ct. 12).

Se queres que a tua obediência tenha todo o seu valor, fixa o teu olhar unicamente em Deus, «a quem serves no teu superior» (ib.).

Colóquio — Ó Senhor, aumentai o meu espírito de fé, para que Vos possa ver sempre vivo na alma dos meus superiores, para que diante deles eu saiba repetir espontânea e sinceramente: «*hic est Christus meus!*» É somente através da obediência, que me será possível uma vida de contínua intimidade conVosco. Se no sacramento do altar Vos encontrais vivo e palpitante sob o véu das espécies eucarísticas, sempre pronto a acolher e a alimentar a minha alma, também Vos posso encontrar, embora de maneira diferente, escondido na pessoa dos meus superiores, através dos quais me falais, sempre

pronto a esclarecer as minhas hesitações, a manifestar-me a Vossa santa vontade, a dirigir-me, a guiar-me pelo caminho que desde toda a eternidade, escolheste para a minha santificação.

Porque me detenho então, Senhor, nas aparências humanas dos meus superiores? Isto só me serve de impedimento para Vos encontrar na sua pessoa, para reconhecer na sua, a Vossa vontade. Ajudai-me, Deus meu, a ultrapassar todas as facetas humanas da obediência, a fim de me pôr em contacto conVosco, com a Vossa divina vontade. Assim como na Eucaristia não me devo deter nas espécies criadas do pão e do vinho, do mesmo modo na obediência não devo parar na pessoa do superior, mas considerar só a Vossa vontade que se manifesta através das aparências duma ordem, duma autoridade humana. Ó Jesus, que grande mistério! A Eucaristia dá-me o Vosso Corpo, o Vosso Sangue, a Vossa divindade: eis o poder do sacramento por Vós instituído; a obediência dá-me a Vossa vontade, põe-me em comunhão com ela; eis o poder da autoridade por Vós constituída.

Ó Senhor, depois de ter compreendido esta verdade tão profunda, ousarei ainda discutir e hesitar perante as ordens dos meus superiores? «Não seria coisa estranha que estando-me Vós a dizer claramente que vá fazer uma coisa que Vos interessa não quisesse obedecer sob pretexto de fazer outra coisa mais a meu gosto? Bela maneira de avançar no amor de Deus! Seria atar-Vos as mãos parecendo que não me podeis fazer aproveitar senão por um caminho!» (cfr. T.J. *Fd.* 5, 5). Não, Senhor, não; seguir-Vos-ei para toda a parte para onde me quiserdes conduzir por meio da santa obediência.

124. OBEDIÊNCIA CEGA

Ó Jesus, que por meu amor quiseistes sujeitar-Vos às Vossas criaturas, ensinai-me a obedecer cegamente.

I — Quando se vê Deus no superior obedece-se sem discussões, sem raciocínios inúteis sem demora alguma: «*Christus jubet, sufficit*», Cristo me manda, isto me basta. Com efeito, que andarei ainda a procurar, quando sei que as ordens dos meus superiores são as ordens do próprio Deus? Mesmo se o que me ordenaram me é difícil e penoso, o saber com certeza que é precisamente isso que o Senhor quer de mim, dar-me-á a força de o empreender com prontidão, sem opor a mínima resistência.

Pode haver casos em que exista um motivo razoável para pensar que uma dada ordem nos foi imposta sem considerar elementos, que não sendo tomados em conta, poderão trazer consequências penosas para o próprio superior; então é bom, e até pode ser obrigatório, fazer-lhos notar. Assim também não há nenhuma imperfeição em pedir explicações quando a ordem não parece clara ou nos põe em sério embaraço; mas é preciso fazê-lo com humildade, sem insistência e sempre dispostos a aceitar a decisão do superior. Fora disto, devemos estar bem decididos a não querer raciocinar, nem discutir acerca das ordens recebidas, a não querer indagar os motivos que possam ter levado o superior a dar uma determinada ordem. Se nos pomos a raciocinar sobre a obediência, criaremos inumeráveis obstáculos para obedecer; é preciso, por conseguinte, saber cortar imediatamente com todo o raciocínio, mesmo interior, para fazer dele um belo sacrifício ao Senhor. Pior ainda seria comunicar aos outros os nossos raciocínios, criticar

as disposições dos superiores, etc.; desse modo criaríamos também dificuldades à obediência dos outros.

Se queres dar toda a tua personalidade ao Senhor, tens de renunciar totalmente à tua maneira de ver que, por boa que possa ser, será sempre infinitamente inferior à de Deus; Deus far-te-á agir segundo a Sua maneira de ver por meio das ordens dos superiores.

2 — Dizer que o superior nos manifesta a vontade de Deus, não quer dizer que tudo quanto ele pensa, diz e quer, também Deus o pensa, diz e quer. Não, por certo. Sòmente quando o superior, como tal, dá uma ordem legítima, esta ordem é seguramente a manifestação da vontade de Deus. A obediência cega é aquela que, ultrapassando todo o juízo ou parecer pessoal, adere às ordens dos superiores, unicamente porque nelas reconhece a vontade divina. É cega porque cega o entendimento, não lhe permitindo ter em conta o próprio juízo, examinar os motivos do superior, discutir a ordem recebida. É cega porque se apoia unicamente num motivo de fé, já que pela fé sabemos que a vontade de Deus chega até nós através dos superiores. E como a fé é um conhecimento «obscuro», pode dizer-se que a obediência condicionada por ela está «privada de luz natural» e portanto, cega; por outras palavras: é uma obediência que não se baseia na racionalidade dos motivos humanos, mas exclusivamente neste motivo de fé: quem escuta os superiores, escuta a Deus. «O que vos ouve, a mim ouve» (Lc. 10, 16).

Nos casos em que o parecer do súbdito for melhor que o do superior, a obediência cega não consiste em negar o próprio juízo até afirmar o contrário — o que não seria conforme à verdade — mas simplesmente em

renunciar a regular-se segundo o próprio parecer e em julgar que é preciso *obedecer* porque Deus, sem dúvida, quer de nós o que o superior ordenou e não o que nos parece melhor, embora o seja.

Quem, sob o pretexto do mais perfeito, sai do caminho da obediência, deixa o caminho seguro da vontade de Deus pelo caminho perigoso e cheio de ciladas da vontade própria; e é certo que uma alma consagrada não pode fazer nada agradável a Deus fora da santa obediência. «As acções do religioso — diz S. João da Cruz — não são dele, mas da obediência, e se delas te apartares, delas te pedirão contas como se fossem perdidas» (Ct. 11).

Colóquio — «Ó Senhor, quão diferentes são os Vossos caminhos das nossas grosseiras imaginações! Como é verdade que não quereis outra coisa de uma alma que já está determinada a amar-Vos e toda entregue nas Vossas mãos, senão que obedeça e se informe bem do que é mais serviço Vosso e isso deseje! Não é mister andar à busca de caminhos nem de os escolher, pois a sua vontade já é Vossa. Vós, Senhor meu, tomais o cuidado de guiá-la por onde mais aproveite. Ainda que o superior não ande com o cuidado de que nos aproveite à alma... Vós, ó meu Deus, o tendes e a ides dispendo e às coisas que se tratam de maneira que — sem entender como — nos achamos tão avantajados no espírito e com tão grande aproveitamento que nos deixa espartadas» (T.J. *Fd.* 5, 6).

«Ó Senhor, de quantas inquietações nos livramos ao fazer o voto de obediência... Sendo a vontade dos superiores a minha única bússola, estou sempre segura de seguir pelo recto caminho, não temo enganar-me mesmo

que pareça certo que os superiores se enganam. Mas quando deixo de olhar a bússola infalível, a minha alma perde-se em caminhos áridos onde em breve lhe falta a água da graça. Ó Jesus, a obediência é a bússola que Vós me destes para me guiar com segurança até à eterna praia. Quanto me é agradável fixar nela o meu olhar e executar em seguida a Vossa vontade!» (cfr. T.M.J. M.C. pg. 264).

Ó Senhor, quero entregar-me à obediência com uma confiança inabalável na Vossa providência divina que tudo governa, tudo guia e dirige infalivelmente para bem da minha alma. Quero entregar-me à obediência sem a mínima hesitação, porque, abraçando-me a ela, abraço-me a Vós e à Vossa vontade.

125. DIFICULDADES DA OBEDIENCIA

Ensinai-me, ó Jesus, o segredo da obediência humilde que se submete a qualquer superior e a qualquer ordem.

1 — Apesar da obediência ser tão preciosa que conforma toda a vida com a vontade de Deus, apresenta no entanto as suas dificuldades; estas derivam em grande parte do facto da obediência não nos vir imediatamente de Deus, mas através dos Seus representantes. Acontece assim que muitas vezes nos esquecemos de ver Deus nos superiores e de reconhecer neles a Sua autoridade. Quando, por exemplo — o que sucede facilmente na vida religiosa — nos acontece ter como superior um antigo colega ou porventura um antigo discípulo, mais novo e menos experiente do que nós, de quem conhecemos muito bem as lacunas e os defeitos, podemos ser tentados a não ter bastante estima pela sua auto-

ridade, a não dar bastante valor às suas ordens. Então a vida de obediência torna-se particularmente difícil, custa a submeter-se, não se recorre ao superior com confiança filial e, o que é pior, julga-se ter razão. Existe, pelo contrário, um grande erro de perspectiva, esquece-se que o superior, quem quer que seja, reveste uma autoridade que vem de Deus, e que lhe é dada unicamente porque foi chamado para tal ofício. Esta autoridade é invariável e tem o mesmo valor, tanto no superior ancião como no que é jovem, tanto no experimentado e virtuoso como naquele que o é menos. No fundo, se nos encontramos nesta dificuldade, devíamos acusar a nossa falta de espírito sobrenatural, de espírito de fé. Julgamos as coisas espirituais com uma maneira de ver natural, sob o ponto de vista dos valores humanos e assim é-nos impossível entrar na vida de obediência pois esta é, pelo contrário, toda baseada em valores e motivos sobrenaturais. É preciso saber fugir das considerações humanas sobre a pessoa do superior, do pensamento das suas qualidades ou dos seus defeitos, do que foi no passado, etc., para ver nele unicamente o representante de Deus, a autoridade divina. É verdade que isto pode talvez requerer uma luta e um esforço verdadeiramente grande que, todavia, é absolutamente necessário empreender, se não se quer perder o fruto da vida de obediência. É certo que quanto mais nos esforçarmos por considerar nos superiores a autoridade que vem de Deus, tanto mais a nossa obediência será perfeita e meritória e o próprio Deus Se encarregará de nos guiar através do seu governo.

2 — Muitas vezes, para não dizer sempre, a falta de espírito sobrenatural une-se à falta de humildade.

Custa ao amor próprio depender de outrém e submeter-se: custa sujeitar as próprias coisas ao governo de uma outra pessoa e entregar-se às suas decisões. Custa sobretudo quando o superior pode parecer-nos, ao menos sob certos aspectos, como que inferior a nós, inferior em idade, em cultura, em experiência, em capacidade; e eis que o «eu» ferido no seu orgulho, recalitra fortemente, mascarando a própria resistência com mil desculpas. Todavia ainda nisto há um grande erro, porque, admitindo também que na realidade possam existir algumas destas inferioridades, não devemos parar nelas, mas somente no facto de que, apesar das nossas comparações, o superior é sempre superior porque Deus assim o constituiu. Superior, porque Deus o propôs para nosso governo; superior, porque Deus lhe deu a missão de nos dirigir em Seu lugar; as suas qualidades ou deficiências pessoais não afectam em nada a superioridade que Deus lhe conferiu. Certamente o superior, por seu lado, deve esforçar-se por adquirir, quando não as possui, as virtudes e a capacidade necessárias para o exercício do cargo que desempenha, mas isto é negócio seu; da nossa parte — isto é, da parte dos súbditos — há só uma coisa a fazer: submeter-se com humildade filial, deixar-se guiar, deixar-se governar. É uma questão de humildade, porque no fundo, humilhar-se quer dizer abaixar-se, pôr-se no próprio lugar, e o lugar de súbdito em face do superior é sempre o de uma humilde dependência. Consideremos a obediência de Jesus e veremos nEle esta atitude de humildade levada ao máximo: sendo Deus «aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens,... humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz» (Fil. 2, 7 e 8).

O que é para nós abaixar-nos submeter-nos e depender dos superiores em comparação com os profundos aniquilamentos de Jesus que, sendo Deus, Se quis fazer homem, quis viver como um homem qualquer, submetendo-Se às Suas próprias criaturas?

Persuadamo-nos de que, se a nossa obediência é defeituosa, é quase sempre por falta de humildade.

Colóquio — «Meu doce Salvador, poderei ver-Vos obediente às Vossas criaturas, por nosso amor e recusar eu sê-lo por Vosso amor, àqueles que Vos representam? Poderei ver-Vos obediente por meu amor até à morte, à morte de cruz, sem abraçar amorosamente esta virtude e a cruz na qual Vós a consumastes?

«Quero esforçar-me o mais que puder, por imitar os Vossos exemplos, obedecendo, por Vosso amor, a todas as criaturas, superiores, iguais ou inferiores, em todas as coisas, sem réplica, murmuração ou demora, mas alegre e amorosamente. Por isso não quero indagar por que motivo me é ordenada esta ou aquela coisa, muito menos quero considerar o modo como me é mandada ou a pessoa que ma ordena, mas na ordem quero considerar só a Vossa vontade, deixando-me, a exemplo Vosso, mover em qualquer direcção, por qualquer pessoa, em coisas agradáveis ou desagradáveis, convenientes ou impróprias. Não importa! Faça de mim a obediência o que quiser.

«Ó Jesus, que à custa da Vossa vida quisestes reparar a desobediência de Adão e a minha, ó Jesus, que mediante a Vossa morte me adquiristes a graça de saber obedecer, não quero já a vida senão para Vo-la sacrificar mediante uma contínua e perfeita obediência» (S. Francisco de Sales).

«Senhor, é verdade que Vós quereis infundir a obediência nos nossos corações, mas o que Vos impede é o não quereremos reconhecer que Vós falais e operais nos superiores; e é ainda o estarmos apegados à própria vontade» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

126. JESUS PERSEGUIDO

I DOMINGO DA PAIXÃO

Ó Jesus, introduzi-me no mistério da Vossa Paixão, associai-me a ela, para que depois possa participar na Vossa Ressurreição.

I — Hoje começa o «Tempo da Paixão», tempo especialmente consagrado à lembrança e à contemplação amorosa das dores de Jesus. A cruz e as imagens cobertas, a supressão do *Glória* na Missa e nos responsórios do Ofício Divino, são sinais de luto com que a Igreja comemora a Paixão do Senhor. Nos seus sermões quaresmais o Papa S. Leão exorta-nos a participar na «cruz de Cristo, para que também nós façamos alguma coisa que nos una ao que Ele fez por nós, como diz o Apóstolo: 'Se sofremos com Ele, com Ele seremos glorificados'». Não se trata só de meditar nas dores de Jesus, mas de tomar parte nelas, «trazer» a Sua Paixão no nosso coração e no nosso corpo (cfr. II Cor. 4, 10), porque só assim poderemos participar nos seus frutos. Eis porque a Igreja, no Ofício litúrgico do tempo, repete com maior insistência o convite: «quando ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações». Nestes dias a voz do Senhor faz-se ouvir não por meio de palavras, mas com o testemunho eloquente dos factos, com o grande acontecimento da Paixão, que é o mis-

tério mais convincente do Seu amor infinito para conosco. Abramos, pois, o nosso coração às sublimes lições da Paixão: aprendamos quanto Jesus nos amou e quanto O devemos amar. Aprendamos também que se O quisermos seguir, é necessário sofrer, levar a cruz com Ele e atrás dEle. Ao mesmo tempo abramos o coração à mais viva esperança, porque na Paixão de Cristo está a nossa salvação. Na Epístola de hoje (*Hebr.* 9, 11-15), S. Paulo apresenta-nos a figura majestosa de Cristo, Sumo Sacerdote que, «com o Seu próprio Sangue entrou uma só vez no Santo dos Santos [isto é, no céu], depois de ter adquirido uma redenção eterna». A Paixão de Jesus remiu-nos, abriu-nos de novo a casa do Pai e é a razão da nossa esperança.

2 — O Evangelho do dia (*Jo.* 8, 46-59), apresenta-nos o quadro das hostilidades cerradas dos judeus, prelúdio claro da Paixão de Jesus. Aqueles corações endurecidos não querem admitir de modo algum a missão do Salvador e inventam mil maneiras de combaterem os Seus ensinamentos, para O difamarem entre o povo, apresentando-O como um mentiroso, um endemoninhado; por fim o seu ódio chega a tal ponto, que decidem lapidá-lo: «então pegaram em pedras para Lhe atirarem». A morte de Jesus já estava decretada pelos judeus, mas não tendo chegado ainda a hora estabelecida pelo Pai, «Jesus escondeu-Se e saiu do templo.

Este trecho evangélico permite-nos considerar a conduta de Jesus em presença dos Seus perseguidores: mansidão, zelo pelas suas almas, desinteresse pessoal e total abandono a Deus. S. Gregório Magno escreve: «Considerai, amados irmãos, a mansidão do Senhor. Ele, que tinha vindo perdoar os pecados, dizia: 'Quem de

vós me arguirá de pecado?' Ele que podia, em virtude da Sua divindade, justificar os pecadores, não desdenha demonstrar que não é pecador» (BR.).

Seguem-se as calúnias: «és um samaritano e tens demónio». O Mestre divino responde, mas sempre docemente e só o necessário para dar testemunho da verdade: «Eu não tenho demónio, mas honro o meu Pai e vós a mim desonrastes-me». Quanto ao resto, depõe a Sua reputação e a Sua causa nas mãos de Deus: «Eu não busco a minha glória; há quem tome cuidado dela e quem fará justiça». Entretanto, através do debate, não cessa de instruir e iluminar as inteligências para as arrancar ao erro; sempre esquecido de Si, pensa no bem das almas. Assim, nestas difíceis circunstâncias, Jesus dá-nos preciosos ensinamentos: «O que é de Deus ouve as palavras de Deus. Quem guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente». Recolhamos da boca do Mestre perseguido estes avisos e guardemo-los ciosamente no nosso coração. Ainda hoje o mundo está cheio de inimigos de Cristo que combatem a Sua doutrina, que desprezam a Sua Paixão. Ao menos nós, acreditemos nEle e sejamos Seus amigos fiéis.

Colóquio — «Louvado sejas, Deus misericordiosíssimo, que sendo nós miseráveis, desterrados, prisioneiros e condenados, quisestes remir-nos e exaltar-nos por meio da Paixão, da dor, do desprezo e da pobreza do Vosso Filho. Corro para a Vossa Cruz, ó Cristo, para a dor, para o desprezo, para a pobreza, e com todas as minhas forças desejo transformar-me em Vós, ó Deus-Homem padecente, que tanto me amastes que quisestes sofrer uma vergonhosa e horrenda morte, com o fim único de me salvar e de me dar o exemplo de

como hei-de suportar as adversidades por Vosso amor. É perfeição e verdadeiro sinal de amor conformar-me conVosco, ó Crucificado, que por minhas culpas quisestes morrer cruelmente, entregando-Vos como vítima aos mais dolorosos tormentos. Ó meu Deus padecente, só lendo no livro da Vossa vida e morte me será dado conhecer-Vos e penetrar no Vosso mistério. Dai-me, pois, um profundo espírito de oração, uma oração devota, humilde, atenta, feita não apenas com a boca, mas também com o coração e a mente, a fim de poder compreender as lições da Vossa Paixão!

«Vejo, neste livro, a infinita bondade e piedade pelas quais preferistes tomar sobre Vós a nossa condenação, o nosso desprezo e a nossa dor, antes que deixar-nos em tão miserável estado. Vejo a Vossa infinita bondade, diligência e cuidado que tivestes para nos salvar e reconduzir à pátria do céu. Vejo a infinita sabedoria com a qual, de modo infalível, nos remistes, salvastes e exaltastes, por misericórdia, sem fazer injúria à justiça. E assim, enquanto morriéis penosamente, vivificáveis todas as coisas e destruíeis a morte universal.

«Além disso, no livro da Cruz vejo a Vossa infinita mansidão, pois sendo amaldiçoado, não amaldiçoáveis nem Vos vingáveis, mas perdoáveis e abriéis as portas do céu àqueles mesmos que Vos crucificavam» (cfr. B. Ângela de Foligno).

127. O VALOR DO SOFRIMENTO

Ó Jesus crucificado, ensinal-me a ciência da cruz, ensinal-me o valor do sofrimento.

1 — A Paixão de Jesus ensina-nos concretamente que, na vida cristã, é necessário ter forças para abraçar a dor por amor de Deus. Esta lição é dura e repugna à nossa natureza, tão inclinada ao prazer e à alegria. É uma lição que nos vem de Jesus, Mestre de verdade e vida, Mestre amantíssimo das nossas almas, que só quer o nosso verdadeiro bem. Portanto, se Ele nos ensina a sofrer, quer dizer que no sofrimento se encerra um grande tesouro. O sofrimento, em si, é um mal e não pode ser amado; se Jesus quis abraçá-lo tão plenamente e no-lo propõe, convidando-nos a estimá-lo e a amá-lo, é unicamente em vista de um bem superior que só por meio dele pode ser alcançado: o bem sublime da redenção e santificação das nossas almas.

Ainda que o homem, sendo um ser composto, esteja por sua mesma natureza, sujeito à dor, Deus, mediante os dons preternaturais, tinha querido que os nossos primeiros pais fossem isentos dela; com o pecado esses dons ficaram para sempre perdidos e o sofrimento entrou inevitavelmente na nossa vida. A imensa soma de dores que atormentam a humanidade é consequência da desordem produzida pelo pecado e não somente pelo pecado original, mas também pelos pecados actuais.

Todavia a Igreja canta: *«felix culpa»!* Porquê? Porque o amor infinito de Deus tudo transforma e sabe lidar do duplo mal do pecado e do sofrimento, o bem imenso da redenção do género humano. Jesus, tomando sobre Si os pecados dos homens, assumiu igualmente

as suas consequências, ou seja, a dor; e esta dor, abraçada por Ele, durante toda a Sua vida, especialmente na Sua Paixão, tornou-se o instrumento da nossa redenção. A dor, consequência do pecado, tornou-se em Jesus e com Jesus, o meio para destruir o próprio pecado. Eis porque o cristão não pode considerar o sofrimento só como um peso indesejável que deve necessariamente suportar, mas — e muito mais — como um meio de redenção e santificação.

2 — O sofrimento é um sentimento desagradável que experimentamos perante uma coisa — situação, circunstância, etc., — que não corresponde às nossas tendências, exigências, aspirações, que não se harmoniza com elas nem as favorece, antes as contraria e embaraça. Todos os homens estão sujeitos ao sofrimento, mas só o cristão possui o segredo de o fazer entrar na sua vida, sem que ele destrua a harmonia e a felicidade que são possíveis neste mundo. Este segredo consiste em saber harmonizar todo o género de sofrimento com as próprias aspirações, as quais, para um cristão, não podem limitar-se a um ideal de felicidade terrena. Esta harmonia é possível porque o que é contrário e inconveniente sob um ponto de vista, é muitas vezes conveniente visto sob outro. Assim, por exemplo, o sofrimento físico — fome, frio, doença, etc. — embora sendo inconveniente para o corpo, pode ser muito útil para atingir um bem moral ou sobrenatural, tal como a aquisição da virtude, o progresso na santidade, etc...

Se, considerados sob um ponto de vista puramente humano, certos sofrimentos parecem completamente inoportunos e inconvenientes, nunca o são vistos sobrenaturalmente. «Tudo concorre para o bem daqueles que

amam a Deus» (Rom. 8, 28), e até as maiores calamidades, privadas ou sociais, podem tornar-se um meio precioso e eficaz de elevação. Qualquer sofrimento, portanto, pode harmonizar-se com os ideais supremos do cristão: a salvação eterna, a santidade, a glória de Deus, o bem das almas. Mas isto não é possível sem o amor; só será possível em proporção do amor. Únicamente o amor de Jesus pôde transformar a cruz, horrível instrumento de tortura, em instrumento efficacíssimo da glória de Deus e salvação da humanidade. O mesmo se dará connosco: a caridade, o amor de Deus e das almas, tornar-nos-ão capazes de abraçar qualquer dor, harmonizando-a com as nossas mais elevadas aspirações. Deste modo o sofrimento encontra lugar — e um lugar muito importante — na nossa vida, sem destruir a harmonia e a serenidade, sem oprimir o espírito, mas dilatando-o num movimento cada vez mais amplo, num amor cada vez maior. Assim, mesmo sofrendo, pode-se ser feliz. Eis como Jesus transformou a dor, eis o valor que lhe conferiu a Sua Paixão.

Colóquio — «Ó Senhor, custa-Vos saciar-nos de tristezas, mas Vós sabeis que é o único meio para nos preparardes para Vos conhecermos como Vós Vos conheceis, para nos tornarmos semelhantes a Vós.

«Sabeis, ó Senhor, que se me désseis só uma sombra de felicidade me apegaria a ela com toda a energia e toda a força do meu coração; esta sombra Vós ma recusais... quero dar-Vos tudo, não quero dar à criatura nem um átomo do meu amor.

«A vida passa tão depressa que realmente vale mais uma belíssima coroa no céu com um pouco de sofrimento do que ter uma ordinária sem sofrimento. Quando penso

que por um sofrimento suportado com alegria Vos amarei melhor por toda a eternidade, quando penso que se Vós me dêsseis o universo inteiro com todos os seus tesouros, isso não seria comparável ao mais leve sofrimento! Cada novo sofrimento, cada angústia do coração é como uma leve brisa que Vos traz, ó Jesus, o perfume da alma que Vos ama; então Vós sorris amorosamente e logo preparais uma nova amargura, encheis o cálice até à borda, pensando que quanto mais a alma cresce no amor, mais deve crescer também no sofrimento.

«Que privilégio me fazeis, enviando-me uma tão grande dor! Ah! a eternidade não seria assaz longa para Vos agradecer. Porquê tanta predilecção? É um segredo que me revelareis na minha Pátria, no dia em que enxugardes todas as lágrimas dos nossos olhos.

«Sois Vós, ó Senhor, que vindes mendigar esta tristeza, esta prova... Tendes necessidade dela para as almas, para a minha alma. Ó Jesus, fizestes-me compreender que era pela cruz que me querieis dar almas e o meu gosto pelo sofrimento cresceu à medida que o sofrimento aumentava.

«Sim, sou feliz, por não me libertardes dos sofrimentos deste mundo. O sofrimento unido ao amor é a única coisa desejável neste vale de lágrimas» (T.M.J. *Cart.* 32, 50, 23, 40, 58, 224; *M. A.* pg. 178).

128. A PACIÊNCIA

Ó Jesus manso e divino Paciente, ensinai-me o segredo da verdadeira paciência.

1 — A paciência é a virtude que nos faz aceitar, por amor de Deus, com generosidade e paz, tudo quanto desagrade à natureza, sem nos deixarmos abater pela tristeza que facilmente nos invade quando nos encontramos diante de coisas desagradáveis.

A paciência é um aspecto particular da virtude da fortaleza, a qual nos impede de nos desviarmos do caminho recto por temor das dificuldades que nele se encontram. Não há vida sem dificuldades, e estas são habitualmente maiores e mais frequentes para aqueles que querem empreender grandes coisas. As grandes obras, as grandes virtudes, as virtudes heróicas, desabrocham sempre no meio das dificuldades. Em face delas a fortaleza tem uma dupla acção: *enfrentar* e *suportar*. Muitas dificuldades são superadas e vencidas com um acto de coragem; outras, ao contrário, são impossíveis de eliminar, sendo então necessário aprender a *suportá-las*. É este o papel da paciência. Tarefa árdua porque é mais fácil enfrentar directamente um obstáculo do que suportar dificuldades e sofrimentos inevitavelmente ligados à vida e que, com o andar do tempo, tentam enfraquecer a nossa coragem e fazer-nos cair na tristeza.

Só fixando o olhar em Jesus, o divino Paciente, se aprende a praticar a paciência. Quando O vemos vir ao mundo para nos salvar, viver desde o primeiro instante da Sua existência terrena, no meio de incómodos, privações, pobreza, e mais tarde no meio de incompreensões, de perseguições, feito objecto do ódio dos

Seus concidadãos, caluniado e perseguido de morte, atraído por um amigo, processado e condenado como um malfeitor, o nosso espírito sente-se abalado e compreende que não podemos ser Seus discípulos senão percorrendo o Seu mesmo caminho. Se Jesus, inocentíssimo, suportou tanto por nosso amor, não saberemos nós, pecadores, e portanto merecedores de sofrimento, suportar alguma coisa por Seu amor? Por muito dolorosa que seja a nossa vida, sê-lo-á sempre bem pouco, mesmo nada em comparação com os sofrimentos infinitos de Jesus, porque Jesus na Sua Paixão, não abraçou a dor de uma só vida ou de muitas vidas humanas, mas a dor de toda a humanidade.

2 — Quem quer tornar-se paciente deve possuir, acima de tudo, em face da dor, um profundo olhar de fé, que lhe faça compreender que tudo quanto acontece na vida é permitido por Deus unicamente para seu bem. É certo que muitas vezes o sofrimento, as dificuldades se nos apresentam através de causas segundas; mas que importa isso quando sabemos que tudo nos vem do nosso bom Pai celestial que Se serve destas circunstâncias dolorosas para nos fazer avançar na virtude? Uma alma que só quer viver de Deus, não pára nunca a considerar as causas humanas dos seus sofrimentos, mas, em face delas, repete com simplicidade: *Dominus est!* É o Senhor! E tudo aceita das Suas mãos.

Isto, porém, não impede que se sinta, e talvez profundamente, o peso do sofrimento — também Cristo o sentiu na Sua agonia no horto — mas ajuda-nos a não nos perturbarmos, a não perdermos a paz e a serenidade, o domínio de nós mesmos e, portanto, a paciência.

Começa-se a exercitar a paciência, procurando su-

portar sem murmurar, mas com resignação, os incômodos e sofrimentos quotidianos sabendo que a divina Providência não permite provação alguma que não seja para nós uma fonte de bens. Ao princípio, e ainda durante muito tempo, a alma sentirá uma grande repugnância pelo sofrimento, contudo, se se esforçar por o abraçar com constância, com paz, com submissão à vontade divina, pouco a pouco, através deste penoso exercício, começará a experimentar um grande proveito espiritual, sentir-se-á mais desprendida das criaturas e de si própria e mais perto de Deus. Então chegará espontaneamente a dar valor ao sofrimento e depois, ao experimentar a sua fecundidade espiritual, acabará por amá-lo.

Mas não tenhamos ilusões: o amor ao sofrimento é o vértice da paciência, é o fruto da paciência perfeita; para chegar a tais alturas, deve começar-se por um exercício muito mais humilde: aceitar em paz, sem se lamentar, tudo o que faz sofrer.

Colóquio — Ó Jesus, por Vosso amor e com a Vossa ajuda, quero sofrer em paz todas as contrariedades da vida. «Os Vossos pensamentos não são os nossos pensamentos, os Vossos caminhos não são os nossos caminhos. Vós apresentais-nos às vezes um cálice tão amargo que a nossa débil natureza mal o pode suportar. Não quero retirar os lábios do cálice preparado pelas Vossas mãos. Vós me ensinai o segredo de sofrer em paz. Quem diz *paz* não diz *alegria*, ou pelo menos *alegria* sentida; para sofrer em paz basta aceitar com gosto tudo o que Vós quereis.

«Para ser Vossa esposa é necessário assemelhar-me a Vós. Vós estais todo coberto de sangue e corado de

espinhos. Vós quereis tornar-me semelhante a Vós; porque terei medo de não levar a cruz sem fraquejar? Vós, no caminho do calvário, caístes três vezes e eu, pobre criatura, não deverei ser semelhante a Vós? Não quereis cair cem vezes se necessário for para provar o meu amor, tornando-me a levantar com mais forças do que antes da queda?

«É extremamente consolador pensar que Vós, o Deus forte, conhecestes as nossas fraquezas, tremestes à vista do cálice amargo, esse cálice que antes desejáveis tão ardentemente beber.

«Quanto me custa dar-Vos, ó Jesus, o que pedis! Mas que felicidade isso custar-me! Longe de me queixar das cruces que me mandais, não posso compreender o amor infinito que Vos levou a proceder assim comigo. Ó Senhor, não quero perder a provação que Vós me enviais; é uma mina de ouro a explorar. Eu, grão de areia, quero pôr mãos à obra sem alegria, sem coragem, sem força, e todos estes títulos facilitar-me-ão a empresa; quero trabalhar por amor.

«Apesar da prova que me tira todo o gozo, posso exclamar: 'Senhor, encheis-me de alegria com tudo o que fazeis!' Pois existirá acaso alegria maior do que a de sofrer por Vosso amor?... Quanto mais o sofrimento é íntimo e menos aparece aos olhos das criaturas, mais Vos agrada, ó meu Deus; mas se por impossível, Vós houvésseis de ignorar o meu sofrimento, mesmo então ficaria contente por o possuir, se com ele pudesse impedir ou reparar uma só falta» (T.M.J. *Cart.* 63, 57, 59; *M.C.* pg. 257).

129. A CRUZ QUOTIDIANA

Ó Jesus crucificado, pelos méritos da Vossa cruz ensinai-me a levar todos os dias a minha cruz.

1 — «O que não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim» (Mt. 10, 38). Com estas palavras o divino Mestre declara expressamente que levar a cruz é uma condição indispensável para ser Seu discípulo. A palavra *cruz*, porém, não deve fazer-nos pensar somente em sofrimentos especiais — os quais, embora não estejam excluídos, não são, em geral, coisas de todos os dias — mas leva-nos antes a pensar naqueles incômodos ordinários e quotidianos que não faltam nunca em nenhuma forma de vida e que devemos procurar abraçar como outros tantos instrumentos de progresso e fecundidade espiritual.

Muitas vezes é mais fácil aceitar num ímpeto de generosidade grandes sacrifícios, grandes sofrimentos, que se nos apresentam só uma vez, do que certos sofrimentos pequenos, insignificantes, de todos os dias, intimamente ligados ao próprio estado de vida e ao cumprimento do próprio dever; sofrimentos que se apresentam diariamente, sempre sob a mesma forma, com a mesma intensidade e insistência em situações invariáveis e que duram longo tempo. São incômodos físicos derivados de falta de saúde, de restrições econômicas, ou também de fadiga, de excesso de trabalho ou de preocupações; são talvez sofrimentos morais, resultantes da divergência no modo de ver, de contrastes de temperamento, de incompreensões, etc.. Tudo isto constitui essa cruz concreta e real que todos os dias Jesus nos apresenta, convidando-nos a levá-la após Ele.

Humilde cruz de cada dia que não exige gestos de heroísmo, mas diante da qual devemos todos os dias repetir o nosso *sim*, dobrando dócilmente os ombros para levar o seu peso com generosidade e amor. O valor, a fecundidade dos nossos sofrimentos quotidianos consiste precisamente nisto, nesta aceitação sem reserva que nos faz recebê-los como Deus no-los apresenta, sem procurar evitá-los nem diminuir-lhes o peso. «Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado» (Mt. 11, 26).

2 — Jesus dá aos nossos sofrimentos o nome de cruz, porque cruz significa instrumento de salvação e Ele quer que o nosso sofrimento não seja vão, mas que se torne uma *cruz*, isto é, um meio de elevação, de santificação. De facto qualquer sofrimento se transforma em cruz desde o momento em que o aceitamos das mãos do Senhor, aderindo à Sua vontade que quer servir-se dele para nosso proveito espiritual. Se isto é verdade para os grandes sofrimentos é também muito verdade para os pequenos; todos entram no plano divino, todos — ainda os mais pequenos — foram predispostos por Deus desde a eternidade para a nossa santificação. Aceitemo-los com serenidade sem nos deixarmos perturbar pelas coisas que nos desagradam; mantenhamo-los no lugar que devem ter e que têm realmente no plano divino, ou seja, o de instrumentos para podermos realizar o nosso ideal de santidade, de união com Deus. Se estas contrariedades são um mal, porque nos fazem sofrer, são um bem, porque nos dão ensejo de praticar a virtude, porque nos purificam e nos aproximam do Senhor.

Mas para se poder levar a cruz não basta compreender o seu valor, é necessária também a força. Se nos

deixarmos guiar por Jesus. Ele no-la dará certamente, e através das lutas e dos sofrimentos quotidianos, levar-nos-á pelo caminho que Ele escolheu àquele grau de santidade que fixou para cada um de nós. É preciso ter uma confiança ilimitada, ir para a frente com os olhos fechados, abandonando-se totalmente; é preciso aceitar a cruz que o Senhor nos oferece e levá-la com amor. Se, com o auxílio da graça, soubermos santificar assim os pequenos e grandes sofrimentos diários, sem perder a serenidade e a confiança, chegaremos à santidade. Muitas almas desanimam perante o sofrimento e procuram evitá-lo porque não têm bastante confiança no Senhor, não crêem que *tudo*, até nos mínimos pormenores, foi disposto por Ele para o nosso verdadeiro bem. Todo o sofrimento, grande ou pequeno, esconde uma graça de redenção, de santificação; esta graça será nossa, desde que aceitemos sofrer com espírito de fé e por amor de Deus.

Colóquio — «Bem vejo, ó Jesus, meu doce Capitão, que elevais o estandarte da Vossa cruz e amorosamente me dizeis: 'Toma a cruz que te apresento e, ainda que te pareça muito pesada, vem após mim e não duvides'. Para corresponder ao Vosso convite, prometo-Vos, ó meu celeste Esposo, não fazer mais resistência ao Vosso amor. Vejo que Vós caminhais para o Calvário e eis que a Vossa esposa está pronta a seguir-Vos.

«E como a esposa não pode agradar ao esposo se não trabalha com especial cuidado por se tornar semelhante a Ele, por isso, ó meu Esposo Jesus, proponho agora e para sempre procurar imitar-Vos com toda a diligência e crucificar-me toda conVosco... Devo ima-

ginar que o meu calvário é o claustro, a observância regular a minha cruz, os meus pregos os três votos. Toda a minha consolação só de Vós, Senhor, a desejo, não na terra, mas no céu; pouco me interessa viver feliz, contanto que viva como religiosa. De boa vontade Vos entrego o meu coração para que seja objecto de aflicção, tristeza ou trabalho. Gozo em não gozar, porque o jejum desta vida deve preceder o banquete da eternidade que me espera.

«Tudo é pouco, meu Deus, para Vos conquistar a Vós, em quem está todo o bem; nenhuma fadiga me deve parecer dura, nem devo voltar para trás perante as dificuldades que poderei encontrar; mas quero abraçar com prontidão todas as amarguras e toda a espécie de cruces» (cfr. T.M. Sp.).

«Que fazeis Vós, Senhor, que não seja para maior bem da alma que entendeis que já é Vossa e que se põe em Vosso poder para Vos seguir por onde quer que fordes até à morte da cruz, determinada a ajudar-Vos a levá-la e a não Vos deixar nunca só?... Quero fiar-me na Vossa bondade... Guiai-me por onde quiserdes; já não sou minha senão Vossa. Fazei de mim, Senhor, o que quiserdes, contanto que não Vos ofenda. Quero padecer, ó Senhor, pois Vós padecestes também» (cfr. T.J. Vi. 11, 12).

130. SOFRIMENTO E ABANDONO

Ó Senhor, ensina-me a sofrer com simplicidade, sem inúteis retornos sobre mim mesmo, a abandonar-me à Vossa vontade divina.

1 — O segredo para aprender a sofrer virtuosamente está, em grande parte, em esquecer-se e abandonar-se; esquecer-se de si mesmo e das próprias dores e abandonar-se a Deus.

Quem se dobra sobre os próprios sofrimentos, concentrando sobre eles a sua atenção, torna-se incapaz de os suportar com serenidade e coragem. «A cada dia basta o seu cuidado» (Mt. 6, 34), disse Jesus; esforcemo-nos, pois, por suportar em paz, dia a dia, momento a momento, aquelas penas e aquelas cruces que Deus põe no nosso caminho, sem pensar quanto sofreremos ontem, sem nos preocuparmos com o que sofreremos amanhã. Ainda que o sofrimento seja intenso, não o encareçamos, não lhe demos excessiva importância, não nos deixemos prender pela tendência um pouco doentia de acariciarmos o nosso sofrimento, de nos determos a contemplá-lo, a analisá-lo e a pesá-lo sob todos os aspectos. Deste modo viríamos a paralizar o nosso espírito de sacrifício, a nossa capacidade de aceitação e de acção, tornando-nos muitas vezes inúteis a nós mesmos e aos outros. Quem é muito sensível e anda muito ocupado com os próprios sofrimentos torna-se muitas vezes insensível e indiferente perante os sofrimentos dos outros. Para reagir contra estas tendências de egoísmo que foram justamente definidas como «o caruncho da aflição cristã» (P. Faber), é preciso esquecer-se de si, sair de si próprio e do círculo dos próprios sofrimentos e ocupar-se antes dos dos outros, esforçando-se por os aliviar. Este

é um meio efficacíssimo para encontrar, nos momentos de desânimo, a força de levar a própria cruz. Devemos pensar sempre — como é verdade — que não estamos nunca sós a sofrer, que se os nossos sofrimentos são grandes, não falta nunca quem os tenha maiores; devemos pensar que as nossas penas são uma gota em comparação com o mar de dores no qual navega a humanidade e são quase nada em comparação com a Paixão de Jesus.

Quem se ocupa demais com o que sofre, acaba por exacerbar as próprias dores, por se afogar nelas, matando em si todo o ímpeto generoso. Quem, ao contrário, sabe esquecer-se de si, mantém-se em equilíbrio, sempre capaz de pensar mais nos outros do que em si mesmo, sempre aberto à caridade e à generosidade para com Deus e para com o próximo. A alma simples, esquecida de si, é a que sabe sofrer com maior coragem, tirando maior proveito para a própria santificação.

2 — Apesar de todos os esforços para se lançar para além das próprias dores, para esquecer as próprias penas, pode haver momentos de angústia tão profunda, de trevas tão cerradas que a pobre alma não sabe como sair delas, sobretudo quando o horizonte em vez de aclarar, se torna mais escuro e ameaçador. Nestes casos só nos resta dar um salto na escuridão, abandonando-nos totalmente nas mãos de Deus. Somos tão pobres e fracos que temos sempre necessidade de um ponto de apoio; embora a alma se esqueça e *desocupe* de si, tem necessidade de alguém que a ampare e pense nela. Este alguém é Deus que nunca Se esquece de nós, que conhece a fundo o nosso sofrimento, sabe as nossas necessidades, vê a nossa fraqueza e está

sempre pronto para socorrer aqueles que se refugiam nEle. Podemos, é verdade, procurar um pouco de conforto e de ajuda também junto das criaturas, mas não nos iludamos: nem sempre nos compreenderão, nem sempre poderão estar à nossa disposição. Mas se nos voltarmos para Deus, não ficaremos nunca desiludidos; ainda que Ele não mude a nossa situação, nem nos tire as nossas penas, interiormente, porém, se bem que de um modo escondido e silencioso, confortará o nosso coração, dando-nos a força de prosseguir o caminho.

«Descarrega sobre o Senhor os teus cuidados e Ele te sustentará» (Sal. 54, 23). Eis a atitude de abandono que devemos ter nos momentos de sofrimento e que devemos reforçar quanto mais este se tornar profundo. A um maior sofrimento deve corresponder um maior abandono a Deus e então não andaremos perdidos.

Muitas almas exageram os seus sofrimentos, dramatizam-nos, porque não sabem ver neles a mão paternal de Deus, porque não acreditam bastante na Sua divina Providência e, por consequência, não sabem abandonar-se a ela com plena confiança. Se a nossa vida, com todas as circunstâncias, por mais penosas que sejam, não estivesse nas mãos de Deus, teríamos razão para temer, mas como tudo está *sempre nas Suas mãos*, não devemos ter receio, não devemos atemorizar-nos. A alma que está segura de Deus e se abandona a Ele, sabe manter-se tranquila ainda nas maiores dores, sabe enfrentar com simplicidade os momentos trágicos, sabe sofrer com serenidade e coragem, porque está sempre amparada por Deus.

Colóquio — «Ó Senhor, fazei que a minha alma corra continuamente para Vós, sem descanso, olhando sempre

para Vós só. Consolada ou desolada, corra sem se deter em coisa nenhuma, corra tão depressa que não tenha tempo de olhar nem de ver as coisas da terra por o seu passo ser rapidíssimo. Portanto, por Vosso amor, longe de mim o gozo, o repouso, a confiança nos juízos dos homens, nas suas aprovações, as apreensões pelo mal estar físico, pelas tristezas morais, pelos acontecimentos prósperos ou adversos. Longe de mim, em suma, tudo o que não é Deus.

«As minhas penas, reconheço-o, foram permitidas e queridas por Vós, meu Senhor, para me ensinardes, apesar de tudo, a ter confiança.

«Ó Senhor, sede o meu único amparo nas apreensões, nas fraquezas, nas angústias; sede o meu único confidente, ou melhor, a minha confiança. Hóspede divino, que residis em mim, sobre o trono do meu coração, habitai nele como Senhor; a Vós pertence o domínio, o amor, o governo de todo o meu ser!

«Porque perturbar-me ou temer ainda? Tudo é Vosso, ó Deus e Vós tomais cuidado e providenciais às minhas necessidades. Vós sois amor infinito e amais a obra das Vossas mãos mais do que ela mesma sabe e pode amar-se. Quem ousará duvidar do Vosso poder, do cuidado previdente e afectuoso que prodigalizais às Vossas criaturas, da eternidade e da eficácia do Vosso amor?

«Creio que Vós fazeis tudo e permitis tudo para meu bem e minha salvação e abandono-me à Vossa conduta com confiança, com amor, sem ânsias, apreensões, ou cálculos» (B. M. Teresa de Soubiran).

131. AS SETE DORES DE MARIA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Ó Maria, acolhei-me junto à cruz e fazel-me participar convosco da Paixão de Jesus.

1 — A primeira declaração explícita da parte que Maria Santíssima havia de ter na Paixão de Jesus, encontramos-na na profecia do velho Simeão: «uma espada trespassará a tua alma» (Lc. 2, 35); profecia que teve a sua plena realização no Calvário. «Sim, ó Mãe bem-aventurada — comenta S. Bernardo — verdadeiramente uma espada trespassou a vossa alma. Porque só passando por ela pôde penetrar na carne do vosso Filho. Depois que o vosso Jesus entregou o espírito, a lança cruel, abrindo-Lhe o lado, não chegou à Sua alma, mas trespassou a vossa. Com efeito, a Sua alma já lá não estava, mas a vossa não podia desprender-se dali» (BR.). Bela interpretação que nos faz compreender como Maria, enquanto Mãe, esteve intimamente associada à Paixão do Filho.

O Evangelho não nos diz que Maria tivesse estado presente nos momentos gloriosos da vida de Jesus, mas diz-nos que esteve presente no Calvário: «estavam de pé junto à cruz de Jesus Sua Mãe e... Maria, mulher de Cléofas e Maria Madalena» (Jo. 19, 25). Ninguém a tinha podido impedir de correr ao lugar onde o seu Filho havia de ser justicado; o seu amor dá-lhe coragem para «estar» ali, direita, de pé, junto à cruz, para assistir à dolorosíssima agonia e morte dAquele a quem amava sobre todas as coisas, pois era ao mesmo tempo seu Filho e seu Deus. Do mesmo modo que um dia aceitou ser sua Mãe, agora aceita vê-lo martirizado dos pés à cabeça, aceita ver que lho arrancam por uma morte cruel.

E não só aceita, mas oferece. Jesus tinha ido espontaneamente para a Paixão, e Maria oferece voluntariamente o seu Filho dilecto para glória da Santíssima Trindade e salvação dos homens. O sacrifício de Jesus torna-se por isso o sacrifício de Maria, não só porque Maria oferece juntamente com Ele e nEle o Filho que lhe pertence, mas porque, com este oferecimento, a Virgem realiza o holocausto mais completo de si mesma, pois Jesus é o centro de todos os seus affectos, de toda a sua vida. Deus que lhe dera este Filho divino, pede-lhO agora no Calvário e Maria oferece-lhO com todo o amor do seu coração, com a mais inteira conformidade com a vontade divina.

2 — A liturgia de hoje põe nos lábios da Virgem dolorosa estas comovedoras palavras: «Ó vós que passais no caminho, parai e vede se há dor semelhante à minha dor» (MR.). Sim, a sua dor é incomensurável, mas o seu amor é muito maior, tão grande que pode conter todo aquele mar de dor; de nenhuma criatura, como de Maria, se pode dizer que o seu amor é mais forte que a morte, pois, de facto, tornou-a capaz de suportar a dolorosíssima morte de Jesus.

«Quem poderá ficar impassível ao contemplar a Mãe de Cristo sofrendo com o Filho?», canta o *Stabat Mater*, e prossegue: «Ó Mãe... fazei-me sentir a veemência da vossa dor, a fim de que chore convosco. Fazei que eu leve no meu coração as chagas de Cristo, fazei-me participante da Sua Paixão, fazei que eu seja inebriado pela cruz e pelo Sangue do vosso Filho». Respondendo ao convite da Igreja, contemplemos e compadeçamo-nos das dores de Maria, peçamos-lhe a grande graça de com Ela tomarmos parte na Paixão de Jesus. Lembremo-nos

de que esta participação não deve ficar no campo do sentimento — embora sejam sentimentos bons e santos — mas deve conduzir-nos à verdadeira *compaixão*, isto é, a *sofrer juntamente* com Jesus e Maria. Para esse fim nos são dados os sofrimentos que encontramos na nossa vida.

A visão da Senhora ao pé da cruz torna-nos menos dura e amarga a lição da cruz; o seu exemplo maternal dá-nos coragem para sofrer, torna mais suave o caminho do Calvário. Vamos pois com Maria ao encontro de Jesus Cristo no Calvário, saiamos com Ela ao encontro da cruz e, amparados por Ela, abracemos voluntariamente essa cruz para a oferecermos ao Pai com a do seu Filho.

Colóquio — «Ó Maria, santa Mãe de Jesus crucificado, disse-me alguma coisa da Sua Paixão, porque entre todos os que estiveram presentes e mais que todos eles, a sentistes e vistes, pois a contemplastes com os olhos do corpo e da mente e a considerastes com toda a atenção, já que tanto O amáveis» (B. Ângela de Foligno).

«Ó Maria, deixai-me estar convosco junto à cruz; deixai-me contemplar convosco a Paixão do vosso Jesus; deixai-me participar da vossa dor e do vosso pranto. Ó Mãe Santa, gravai profundamente no meu coração as chagas do Crucificado, deixai-me sofrer com Ele e associar-me ao Seu e ao vosso padecimento» (cfr. *Stabat Mater*).

«Ó Rainha das virgens, vós sois também Rainha dos mártires; foi o vosso coração que a espada trespassou, já que em vós tudo se passa no interior...

«Oh! como vos vejo bela, quando, durante o vosso longo martírio, vos contemplo tão serena, envolvida numa espécie de majestade que irradia ao mesmo tempo

força e doçura! Vós tinheis aprendido do próprio Verbo como devem sofrer aqueles a quem o Pai escolheu como vítimas, a quem quis associar à grande obra da redenção, aqueles que 'Ele conheceu e predestinou para serem semelhantes ao Seu Cristo', crucificado por nosso amor.

«Vós estais aí, ó Maria, ao pé da cruz, de pé, forte e corajosa; e o Mestre diz-me: 'Eis aí a tua Mãe'. Dá-vos a mim por Mãe! Agora que Ele voltou para o Pai, que me deixou em Seu lugar sobre a cruz, para que eu sofra em mim 'aquilo que falta à Sua Paixão pelo Seu Corpo que é a Igreja', vós, ó Virgem, permaneceis aí para me ensinardes a sofrer como Ele, para me repetirdes, para me fazerdes ouvir os últimos cânticos da Sua alma que só vós, Sua Mãe, pudestes entender» (I.T. II, 15).

Ó Mãe dulcíssima, para que o meu desejo de sofrer não seja vão, ajudai-me a reconhecer, em todos os sofrimentos quotidianos, a cruz do vosso Jesus e a abraçá-la com amor.

132. O AMOR A CRUZ

Venho junto de Vós, ó meu Deus crucificado, com o desejo de penetrar mais profundamente no mistério da cruz.

1 — A cruz é o sofrimento visto à luz sobrenatural como instrumento de salvação e santificação, portanto como instrumento de amor. Vista a esta luz, a cruz torna-se amável: é o grande meio da nossa santificação. A nossa união com Deus não é realizável senão através do sofrimento. S. João da Cruz demonstrou como a alma deve ser purificada, *limada* até ao fundo, para chegar já nesta vida à união com Deus. É necessária uma obra de mortificação total, para arrancar todos os

nostros apegos, porque há em nós numerosas resistências que impedem que sejamos totalmente movidos por Deus; não é possível que tudo isto se faça sem sofrimento. Mas não basta o *sofrimento activo*, quer dizer, não bastam as mortificações e penitências que nos impomos por nossa própria iniciativa; é necessário sobretudo o *sofrimento passivo*, ou seja, é necessário que o próprio Senhor nos faça sofrer, não só no corpo, mas também no espírito; precisamente porque estamos tão *cheios de ferrugem* e de misérias, a nossa total purificação não é possível se Deus não intervém com a Sua acção. Introduzir-nos no sofrimento passivo é, portanto, uma das maiores obras da Sua misericórdia, uma das maiores provas do Seu amor; quando Deus age assim numa alma, é sinal que quer elevá-la a uma alta perfeição. É nestes sofrimentos passivos, purificadores que se realiza, de modo particular, o conceito da cruz. Na *Chama viva de amor* (II estrofe), S. João da Cruz pergunta porque são tão poucas as almas que chegam à plenitude da vida espiritual. E responde: não é porque Deus queira reservar este estado a alguma alma privilegiada, mas porque encontra poucas almas dispostas a aceitar um profundo trabalho de purificação; por conseguinte, deixa de as purificar, e as almas condenam-se à mediocridade, não caminham nem avançam. É impossível unir-se a Deus sem estes sofrimentos espirituais, sem suportar este peso de Deus. Só através do sofrimento e da desolação interior as potências da alma se dilatam e esta se torna capaz de abraçar o próprio Deus.

2 — «Ó almas que quereis andar seguras e consoladas nas coisas do espírito se soubésseis quanto vos convém padecer, sofrendo, para chegar a essa segurança

e consolo!» (J.C. CV. 2, 28). Todavia o sofrimento é necessário não só para o bem espiritual da alma, mas também para que esta possa glorificar a Deus e demonstrar-Lhe o seu amor; com efeito, não se trata de chegar à perfeição para gozar dela — porque a alma perfeita nunca pensa em si — mas para se dedicar totalmente à glória de Deus. É neste sentido que está escrito no cimo do *Monte da Perfeição*: «só mora neste monte a honra e a glória de Deus». Como a cruz de Jesus foi o grande meio pelo qual Ele deu ao Pai a glória que o homem pecador Lhe negara, assim deve acontecer com a nossa cruz: por meio do sofrimento devemos expiar e reparar as nossas culpas e as dos outros, para dar a Deus toda a glória que Lhe é devida.

Além disso, assim como a cruz de Jesus foi a prova suprema do Seu amor por nós, do mesmo modo a nossa cruz é a mais bela prova do nosso amor para com Ele. O facto de Jesus, Filho de Deus, ter vindo à terra para morrer na cruz por nós, manifesta-nos o Seu infinito amor e assim, ao abraçarmos o sofrimento por Ele, demonstraremos a realidade do nosso amor para com Deus. Por isso a cruz é instrumento e obra de amor: do amor de Deus para connosco e do nosso amor para com Deus. Quanto mais Deus nos santifica, mais nos demonstra o Seu amor e nos dá meios de O glorificarmos. Deus santifica-nos por meio da cruz, da grande cruz de Jesus à qual devemos juntar a nossa pequena cruz. Quanto mais o Senhor, através do sofrimento, nos faz participar da Paixão de Cristo, tanto mais nos santifica e nos ama. Também neste sentido os sofrimentos são uma prova do Seu amor para connosco.

Se compreendessemos tudo isto, como amaríamos a cruz!

Colóquio — «Ó Senhor, o caminho da cruz é o que reservais aos Vossos amados: porque aqueles a quem muito quereis, levais por caminho de trabalhos e quanto mais os amais, maiores eles são... porque só admitis à Vossa intimidade as almas amantes de padecimentos. Se me perguntásseis se antes quero ficar na terra até ao fim do mundo com todos os trabalhos que nele há e depois subir um pouquinho mais alto na glória, ou sem trabalho algum ir já gozar duma glória um pouco mais baixa, de boa vontade tomaria sobre mim todos os trabalhos, a fim de gozar um pouquinho mais, por entender melhor as Vossas grandezas... Pois vejo que quem mais Vos entende, mais Vos ama e Vos louva.

«De penas que se acabam não quero fazer caso, quando sobrevier um maior serviço a prestar, quando se tratar de Vos honrar, a Vós que tanto passastes por nós.

«Se quero saber, meu Deus, como Vos haveis com quem Vos pede deveras para cumprir em si a Vossa vontade, devo perguntá-lo ao Vosso glorioso Filho que Vo-lo disse quando da Sua oração do Horto... Vós cumpriste-o bem nEle, dando-Lhe trabalhos, dores, injúrias e perseguições até que se Lhe acabou a vida com morte de cruz. Eis o que destes Àquele a quem mais amáveis. São estes os Vossos dons neste mundo. Dais-no-los conforme ao amor que nos tendes: aos que mais amais, dais mais destes dons, àqueles que menos amais, dais menos e conforme o ânimo que vedes em cada um e o amor que Vos temos. Quem Vos amar muito, verá que pode padecer muito por Vós, quem Vos amar pouco, pouco» (T.J. *Cam.* 18,1 e 2; *Vi.* 37, 2; *Cam.* 3, 6; 32, 6 e 7).

Ó meu Deus, aumentai o meu amor, dilatai o meu

pobre coração e tornai-o capaz de sofrer muito por Vós. Sim, quero aceitar o sofrimento de boa vontade para Vos testemunhar com os factos a realidade do meu amor.

133. O TRIUNFO DE JESUS II DOMINGO DA PAIXÃO

Ó Jesus, quero seguir-Vos no Vosso triunfo para Vos acompanhar depois até ao Calvário.

1 — A Semana Santa começa com a lembrança da entrada triunfal do Senhor em Jerusalém, no domingo que precede a Sua Paixão. Jesus, que sempre Se tinha oposto a toda a manifestação pública e que fugira quando as multidões quiseram fazê-lo rei (cfr. Jo. 6, 15), deixa-Se hoje levar em triunfo. Só agora, que Se dirige para a morte, aceita ser aclamado publicamente como Messias porque, morrendo sobre a cruz, será de um modo mais pleno, o Messias, o Redentor, o Rei, o Vencedor. Aceita ser reconhecido como Rei, mas um Rei que reinará pela cruz, que triunfará e vencerá por meio da morte de cruz. A mesma multidão exultante que hoje O aclama, O amaldiçoará dentro de poucos dias e O conduzirá ao Calvário; assim, o triunfo de hoje dará mais publicidade e realce à Paixão de amanhã.

Jesus entra triunfalmente na cidade santa, mas é para aí sofrer, para morrer. Isto explica o duplo significado da procissão dos Ramos: não se trata só de acompanhar Jesus em triunfo, mas de O acompanhar à Paixão, prontos a partilhá-la com Ele, procurando — segundo a exortação de S. Paulo (Ep.: *Fil.* 2, 5-11),

fazer nossos os sentimentos de Jesus, sentimentos de humildade e de imolação total que nos devem conduzir como Ele e com Ele «até à morte e morte de cruz». As palmas, os ramos de oliveira bentos que hoje nos entrega o sacerdote, não têm só um significado festivo, mas «simbolizam a vitória que Jesus alcançará sobre o príncipe da morte» (MR.). Devem significar também a nossa vitória; também nós devemos merecer a palma da vitória, vencendo primeiro o mal que existe em nós, nas nossas más tendências e depois o mal que está à nossa volta. Quando recebermos o ramo bento renovemos a nossa promessa de querer vencer com Jesus, mas não nos esqueçamos de que Ele venceu sobre a cruz.

2 — Jesus consente em ser levado em triunfo, mas como é humilde e manso no Seu triunfo! Ele sabe que no meio do povo gritando hossanas se escondem os Seus inimigos que, com malignas insinuações, conseguirão converter aqueles «hossana» em «crucifige»; sabe-o e podia impor-Se-lhes com o poder da Sua divindade, podia desmascará-los públicamente, frustrando os seus planos. Jesus não quer vencer e reinar pela força, mas pelo amor, pela doçura. Muito a propósito nota o Evangelista: «Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei vem a ti, manso, montado sobre um jumento» (Mt. 21, 5). Com esta mesma mansidão, Ele, o Inocente, o único verdadeiro Rei e Vencedor, consentirá em aparecer como um réu, condenado e vencido, como um rei de comédia. E assim atrairá tudo a Si, quando for levantado sobre a cruz.

Enquanto o cortejo prossegue triunfante, Jesus vê desenhar-Se a Seus pés o panorama de Jerusalém. E — nota S. Lucas (19, 41-44) — «quando chegou perto,

ao ver a cidade, chorou sobre ela, dizendo: 'Se ao menos neste dia tu conhecesses ainda o que te pode trazer a paz!... Os teus inimigos não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo da tua visita'. Jesus chora a obstinação da cidade santa que, por não O ter reconhecido como Mestre, por não ter aceitado o Seu Evangelho, será destruída pela raiz. Jesus é verdadeiro Deus, mas é também verdadeiro homem e, como tal, vibra de comoção e de dor pela triste sorte que Jerusalém preparou para si com a sua obstinada resistência à graça. Ele já caminha para a Paixão e morrerá também pela salvação de Jerusalém; contudo Jerusalém não será salva porque não quis, «porque não conheceu o tempo da sua visita». É esta a história de tantas almas que resistem à graça, é este o motivo do sofrimento mais profundo e mais íntimo do Coração dulcíssimo de Jesus. Ao menos tu, alma piedosa, dá ao Senhor a alegria de te ver aproveitar plenamente os méritos da Sua dolorosíssima Paixão, de todo o Seu Sangue derramado. Quando resistes aos convites da graça, resistes à Paixão de Jesus e impedes que ela te seja aplicada em toda a sua plenitude.

Colóquio — «Ó Jesus, contemplo-Vos na Vossa entrada triunfal em Jerusalém, quando, prevendo a turba que estava para vir ao Vosso encontro, montastes num jumentinho e destes exemplo de admirável humildade no meio dos aplausos do povo que acorria ao Vosso encontro, que cortava ramos de árvores e atapetava o caminho com os seus mantos. E enquanto a multidão cantava hinos de louvor, Vós, esquecendo a Vossa dor, choráveis sobre Jerusalém. Levanta-te agora, alma minha, escrava do Salvador, junta-te ao cortejo das filhas

de Sião para ver o teu Rei. Acompanha o Senhor do céu e da terra, sentado num jumentinho, segue-O sempre com ramos de oliveira e de palmas, com obras de piedade e virtudes vitoriosas» (cfr. S. Boaventura).

Ó Jesus, como é amargo o Vosso pranto sobre a cidade que não Vos quer reconhecer! E quantas almas, como Jerusalém, se perdem por resistir obstinadamente à graça! Por elas Vos peço com todas as minhas forças. «É aqui, meu Deus, que deve manifestar-se o Vosso poder e resplandecer a Vossa misericórdia!... Oh! que difícil coisa eu Vos peço, meu verdadeiro Deus: que queirais a quem Vos não quer, abraís a quem Vos não chama, deis saúde a quem gosta de estar enfermo e anda procurando a enfermidade!... Vós dizeis, Senhor meu, que vindes chamar os pecadores. Eis aqui, Senhor, os verdadeiros pecadores! Não olheis para a nossa cegueira, meu Deus, senão para o muito Sangue que derramou por nós o Vosso Filho. Resplandeça a Vossa misericórdia em tanta maldade e vendo, Senhor, que somos criaturas Vossas, derramai sobre nós a Vossa bondade e misericórdia» (T.J. *Ex.* 8, 2 e 3).

Ó Jesus, ainda que resistamos à graça, é verdade que Vós sois sempre o vencedor, a Vossa vitória sobre o príncipe da morte foi completa, salvastes e remistes a humanidade. Mas Vós sois o bom Pastor que reconhece e ama uma a uma as Suas ovelhas e a todas quer salvar. Ao Vosso Coração amantíssimo não basta ter merecido a salvação para todo o rebanho, mas deseja ardentemente que cada ovelha aproveite desta salvação... Ó Senhor, dai-nos portanto uma boa vontade capaz de acolher o Vosso dom, a Vossa graça; fazei que a Vossa Paixão não seja vã para nós.

134. A CEIA DE BETÂNIA SEGUNDA-FEIRA SANTA

Ó Senhor, antes que o Vosso Corpo seja desfigurado pela Paixão, quero prestar-Lhe, com Maria de Betânia, as minhas humildes e devotas homenagens.

1 — Eis a cena comovedora apresentada pelo Evangelho da Missa de hoje (*Jo. 12, 1-9*): «Seis dias antes da Páscoa Jesus foi a Betânia... e deram-Lhe lá uma ceia; e Marta servia... então tomou Maria uma libra de bálsamo feito de nardo puro de grande preço, e ungiu os pés de Jesus e enxugou-Lhe os pés com os seus cabelos». Marta, como de costume, anda atarefada no serviço; Maria, ao contrário, ocupa-se só de Jesus e, para O obsequiar, não Lhe parece demais derramar sobre a Sua Pessoa um vaso inteiro de unguento precioso... Alguns convidados murmuram: «Para que foi este desperdício de bálsamo? Não se poderia ter vendido e dado aos pobres?»; estavam irritados contra ela (cfr. *Mc. 14, 4 e 5*). Maria, porém, não responde nem se desculpa; toda ocupada com o seu Mestre adorado, continua o seu gesto de devoção e amor.

Maria é o símbolo da alma enamorada de Deus, que se Lhe entrega exclusivamente consumando por Ele tudo o que é, tudo o que possui; é o símbolo daquelas almas que, deixando total ou parcialmente a actividade externa, se dedicam antes ao serviço directo de Deus, para se darem a uma vida de mais íntima união com Ele. E quem não compreende, murmura, como se fosse desperdício consumir por Deus aquilo que não se julgaria desperdício se fosse consumido em obras. Se tudo o que somos e temos é dom de Deus, será realmente um desperdício usar dos Seus dons para os sacrificar

Únicamente em Sua honra, suprimindo assim a indiferença de tantas criaturas, que não têm sequer um pensamento para Ele?

O dinheiro, o tempo, as forças e ainda a vida humana, que se imolam no serviço directo do Senhor, não são valores perdidos, mas valores empregados no que pode existir de mais grandioso. A esmola aos pobres é um dever, mas o amor para com Deus, o culto de Deus, é uma obrigação ainda mais grave. E se deveres urgentes de caridade exigem às vezes que abandonemos o serviço de Deus para nos dedicarmos ao serviço do próximo, não devemos por isso inverter os papéis: Deus deve ter sempre o primeiro lugar.

Além disso é o próprio Jesus que toma a defesa de Maria: «Deixai-a, que ela reserve este perfume para o dia da minha sepultura». Em nome de todas as almas amantes, Maria preceitou ao santíssimo Corpo de Jesus, antes que fosse desfigurado pela Paixão, a última homenagem de um amor ardente e devoto.

2 — No Evangelho de S. João diz-se expressamente que as murmurações contra o gesto de Maria foram provocadas por Judas Iscariotes. Ao lado da figura de Maria, a fidelíssima, a sinistra figura do traidor adquire um realce mais tenebroso ainda; materialmente faz parte dos doze, mas espiritualmente há muito que está separado deles. Desde o ano anterior, quando o Mestre anunciara a Eucaristia, Judas estava perdido e já então Jesus dissera referindo-Se a ele: «Não fui eu que vos escolhi a vós os doze? E contudo um de vós é um demónio» (Jo. 6, 71). Sim, Judas fora escolhido por Jesus com um amor de predilecção, fora admitido entre os Seus mais íntimos e, como os outros onze, tinha

recebido a grande graça do apostolado. Ao princípio devia ter sido fiel, depois o apego aos bens terrenos e a cobiça do dinheiro começou a invadi-lo, até arrefecer totalmente o seu amor para com o Mestre, a ponto de o transformar de apóstolo em traidor. Jesus, na Sua presciência divina, tudo tinha previsto e, não obstante, porque Judas ao princípio fora digno da Sua confiança, admitira-o igualmente no colégio apostólico; e mesmo depois, quando já começara a prevaricar, continuou a tratá-lo como aos outros, demonstrando-lhe o mesmo amor, a mesma estima.

Situação muito penosa para o Coração sensibilíssimo de Jesus; contudo, Ele não quis evitá-la a fim de nos ensinar com quanto amor, com quanta paciência e delicadeza devem ser tratados os inimigos, mesmo os mais obstinados. Quantas vezes o Mestre terá querido iluminar aquele espírito entenebrecido? Com certeza terá pensado de um modo especial em Judas quando pregava sobre o desprendimento dos bens terrenos: «Não podeis servir a Deus e à riqueza... Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma?» (Mt. 6, 24; 16, 26); todavia estas palavras que deveriam ter para o traidor o significado de um chamamento amoroso, não conseguiram abalá-lo. Judas representa aquelas almas que receberam de Deus graças de predilecção, mas que, pelas suas infidelidades, se tornaram indignas delas. Alma consagrada, ao menos tu sê fiel à tua vocação e, para isso, não permitas que o mais pequeno apego se enraíze no teu coração.

Colóquio — Eis, Senhor, dois caminhos muito opostos e contraditórios: o caminho da fidelidade e o caminho da traição; a fidelidade amorosa de Maria de Betânia,

a traição horrível de Judas. Como quereria, ó Senhor, possuir para Vós um coração como o de Maria. Como quereria que em mim estivesse inteiramente morto e destruído o traidor! Mas Vós dizeis-me: «vigiai e orai para que não entreis em tentação» (Mc. 14, 38). Oh! como tenho necessidade de vigiar e orar para que o inimigo não venha semear no meu coração o gérmen venenoso da traição! Fazei, Senhor, que eu Vos seja fiel, fiel a todo o custo, fiel nas coisas grandes e pequenas, a fim de que as raposas dos pequenos apegos não possam invadir nem devastar a vinha do meu coração.

«Senhor Jesus, se quero meditar piamente na Vossa Paixão, a primeira cena que se me apresenta é a perfídia do traidor. Estava cheio de tanto veneno de engano que Vos traiu a Vós, seu Mestre e Senhor, tão inflamado pelo fogo da avareza que Vos vendeu por dinheiro, ó bom Deus, entregou o Vosso Sangue preciosíssimo por vil moeda; foi tanta a sua ingratidão que perseguiu até à morte quem o tinha elevado à dignidade excelsa de Apóstolo... Ó Jesus, que excessiva foi a Vossa bondade para com o discípulo endurecido! Se bem que fosse tão grande a impiedade do traidor, impressiona-me infinitamente mais a Vossa dulcíssima mansidão, ó Cordeiro de Deus.

Esta doçura é para nós um exemplo. Eis aqui, ó Senhor, o homem a quem admitistes a partilhar as Vossas confidências, o homem que parecia tão unido a Vós, o Vosso Apóstolo, o Vosso íntimo, o homem que saboreou o Vosso pão, o homem que na santa Ceia comeu conVosco as doces iguarias... e este homem dirigiu contra Vós, seu Mestre e seu Deus, o golpe da iniquidade. E apesar disso, mansíssimo Cordeiro, não duvi-

dastes entregar-Vos à boca maliciosa que Vos beijou no momento da traição. Como aos outros Apóstolos, destes-lhe tudo, tudo o que teria podido abrandar a dureza de um mau coração» (cfr. S. Boaventura).

Ó Jesus, pelo atroz sofrimento causado por tão infame traição ao Vosso Coração, peço-Vos que me concedais a graça de uma piedade íntegra, total, amorosa e devota.

135. O MANSO CORDEIRO TERÇA-FEIRA SANTA

Ó Jesus, concedel-me a graça de penetrar no abismo de dor, aberto pelo pecado no Vosso dulcíssimo Coração.

1 — Na Epístola da Missa do dia, Jeremias (11, 18-20) fala-nos simbolicamente do Salvador paciente: «Eu era como um manso cordeiro que é levado a ser vítima». Esta frase exprime a atitude de Jesus perante as amarguras da Sua Paixão, amarguras que Ele já conhecia uma a uma nos seus pormenores mais concretos, que já tinha experimentado em Seu coração e que não O tinham abandonado nem sequer um instante ao longo da Sua existência terrena. Se na sua realidade histórica e material, a Paixão do Senhor se cumpriu em menos de vinte e quatro horas, na sua realidade espiritual durou toda a Sua vida.

Jesus sabia o que O esperava e o Seu coração sofria indizíveis angústias; contudo não só aceitou, mas até desejou ardentemente aquela hora, «a Sua hora», e entregou-Se nas mãos dos Seus inimigos com a mansidão de um cordeiro que é conduzido ao sacrifício. «Deixei a minha casa — diz-nos ainda pela boca de Jeremias — ... entreguei a minha alma amada nas mãos dos

meus inimigos» (BR.). Judas traiçooou-O, os Seus inimigos arrastaram-nO aos tribunais, condenaram-nO à morte, despedaçaram-Lhe o corpo de uma forma horrenda, mas Jesus, mesmo na Paixão, continua sempre Deus, o Mestre, o Senhor: «Tenho poder para dar a minha vida e para de novo a reassumir», canta a liturgia nas Vésperas de hoje... (BR.). Jesus entregou-Se à Paixão «porque quis» (Is. 53, 7), e qui-lo porque, como Ele próprio disse, «este é o mandamento que recebi do meu Pai» (Jo. 10, 18).

Porém, desejando-a, experimentou toda a sua amargura: «Rodearam-me dores de morte... sofri contumélias e terrores daqueles que eram meus amigos... Ó Deus de Israel, por Vós sofro este opróbrio e a vergonha sobre o meu rosto» (BR. e MR.). Procuremos penetrar nestes sagrados textos que hoje a liturgia nos apresenta a fim de nos fazer compreender alguma coisa da Paixão dolorosíssima de Cristo.

2 — Na Missa de hoje lê-se a «Paixão» escrita por S. Marcos (14, 1-72; 15, 1-46), o discípulo de Pedro. Nenhum outro evangelista descreveu tão minuciosamente a negação de Pedro: é a humilde confissão que o chefe dos Apóstolos faz pela boca do seu discípulo. Durante a última Ceia, quando Jesus predisse aos Apóstolos que naquela noite O iriam abandonar, Pedro protestou com toda a vivacidade do seu carácter ardente: «Ainda que todos se escandalizem a Teu respeito, eu não (me escandalizarei)». Em vão o Mestre lhe predisse a sua deserção, designando os seus mais pequenos pormenores: «Nesta mesma noite, antes que o galo cante a segunda vez, me negarás três vezes»; a demasiada confiança em si mesmo tinha-o tornado cego, impedindo-o

de acreditar nas palavras de Jesus e também de duvidar das suas forças: «Ainda que me seja preciso morrer contigo, não Te negarei»; Pedro era sincero na sua afirmação, mas pecava por presunção; não tinha ainda feito a experiência prática da miséria e da fraqueza humanas, pelas quais nem o homem mais corajoso, sem o auxílio da graça divina, pode manter-se fiel ao dever. No Getsemani fará a sua primeira experiência quando também ele, como os outros, não for capaz de velar «uma hora» com o Mestre, e fará a segunda quando, no momento da prisão de Jesus, fugir cheio de medo. Mas estas duas experiências não bastarão para abalar a sua presunção: será necessária uma terceira, a mais dolorosa.

No pátio do palácio de Caifás — onde tinha ido, passado o primeiro susto, ver em que paravam as coisas — Pedro é reconhecido por uma criada como sendo discípulo de Jesus, mas levado pelo temor de se ver envolvido no processo, nega imediatamente, dizendo: «Eu não O conheço». Uma vez caído não é capaz de se levantar e, novamente interrogado, nega uma segunda e uma terceira vez. «Imediatamente o galo cantou e voltando-Se o Senhor, olhou para Pedro»; aquele canto e muito mais aquele olhar cheio de amor e de dor, fazem-no cair em si, «e tendo saído para fora, chorou amargamente» (Lc. 22, 62). A venda da presunção caiu-lhe dos olhos e Pedro que realmente ama a Jesus, reconhece a sua fraqueza e a sua culpa. O amor e o olhar do Mestre salvaram-no. E agora que Pedro já não se fia em si, Jesus poderá fiar-se nele e confiar-lhe o Seu rebanho. Enquanto uma alma confiar em si, não está madura para a sua santificação nem para cooperar eficazmente na santificação dos outros.

Colóquio — «Ó Deus da minha alma! Que pressa nos damos em ofender-Vos e como Vós Vo-la dais maior em perdoar-nos! Mas que dizeis, Senhor! 'Cercaram-me as dores da morte'. Oh! que grave coisa é o pecado, pois bastou um para matar um Deus com tantas dores! E que cercado estais delas ainda hoje, meu Deus! Onde podereis ir que não Vos atormentem? De todas as partes os mortais Vos cobrem de feridas.

«Ó cristãos, tempo é de defender o Vosso Rei e de O acompanhar em tão grande soledade. Como são poucos os vassallos que Vos ficaram fiéis!... E o pior é que se mostram amigos e Vos vendem em segredo. E quase não encontrais em quem Vos fiar.

«Ó Amigo verdadeiro, como Vos paga mal quem Vos é traidor!

«Ó cristãos verdadeiros, vinde chorar com o Vosso Deus, pois não são só por Lázaro aquelas piedosas lágrimas, mas por aqueles que não haviam de querer ressuscitar ainda que Vós os chamásseis. Então, meu Deus, tínheis presente as culpas que cometi contra Vós. Acabadas sejam já, com as minhas sejam acabadas as de todos! Ressuscitai a estes mortos. Seja a Vossa voz, Senhor, tão poderosa que embora não Vos peçam a vida, lha deis. Não Vos pediu Lázaro que o ressuscitásseis, por uma mulher pecadora o fizestes. Eis aqui uma outra, meu Deus, e muito maior. Resplandeça a Vossa misericórdia: eu, embora miserável, Vo-lo peço pelos que não querem pedir» (T.J. Ex. 10).

136. O HOMEM DAS DORES QUARTA-FEIRA SANTA

Ó Jesus padecente, fazei que eu possa ler na Vossa Paixão o Vosso amor para comigo.

1 — A Missa de hoje contém duas lições de Isaías (62, 11; 63, 1-7; 53,1-12), que esboçam de forma impressionante a figura de Jesus, o Homem das dores. É Cristo paciente que Se apresenta ao nosso olhar coberto com a viva púrpura do Seu Sangue e chagado da cabeça aos pés. «Porque é, pois, vermelho, o teu vestido e as tuas roupas como as dos que pisam num lagar? — Eu pisei sôzinho no lagar e nenhum homem dentre os povos estava comigo». Jesus pisou sôzinho o lagar da Sua Paixão. Pensemos na agonia no horto, quando a veemência da dor empurpurou todos os Seus membros com um suor de sangue. Recordemos o momento em que Pilatos, depois de O ter mandado açoitar, O apresentou à multidão, dizendo: «Eis o homem». Jesus apareceu então com a cabeça coroada de espinhos e as carnes dilaceradas pelos açoites; o encarnado vivo do Seu Sangue confundia-se com o vermelho do manto de púrpura, com que O tinham vestido os soldados para fazerem dEle um Rei de comédia. Enquanto Cristo Se entregava pelos homens derramando o Sangue pela sua salvação, eles abandonavam-nO: «Eu olhei em roda e não houve quem me acudisse; busquei e não houve quem me ajudasse». Onde estão os doentes por Ele curados, os cegos que ao contacto das Suas mãos recuperaram a vista, os mortos ressuscitados, os milhares de pessoas saciadas por Ele com o pão do milagre, todos quantos experimentaram de mil maneiras a Sua bondade? Diante de Jesus vê-se uma multidão enfu-

recida a gritar: «Crucifige, crucifige! Mesmo os Apóstolos, os Seus mais íntimos, O abandonaram, e até um deles O traiu: «Se me tivesse ultrajado um inimigo, eu o teria suportado... mas eras tu, meu companheiro, meu amigo e meu familiar, com quem vivia em doce intimidade» (Sal. 54, 13-15). A este texto que hoje, como em todas as quartas-feiras do ano, se lê nos salmos de Tércia e que exprime tão bem a amargura de Jesus em face da traição e do abandono dos Seus, corresponde este responsório de Matinas: «Em troca do meu amor combatem-me sem motivo. E retribuem o mal pelo bem e o ódio em troca do meu amor» (BR.).

Contemplando Jesus na Sua Paixão, cada um de nós pode exclamar: «dilexit me, et tradidit semetipsum pro me», amou-me e entregou-Se a Si mesmo por mim (Gal. 2, 20); e depois é bom perguntarmo-nos a nós mesmos: como respondi ao Seu amor?

2 — Ninguém mais do que Jesus teria tido direito ao reconhecimento e à fidelidade dos homens, pois ninguém como Ele os beneficiou; todavia ninguém como Jesus saboreou a amargura da ingratidão e da traição.

Comparemos por um instante o prólogo do Evangelho de S. João em que Jesus nos é apresentado na Sua majestade divina, no Seu esplendor eterno de Verbo, de «luz verdadeira que veio iluminar o mundo», com a lição de Isaías (2.^a lição da Missa), que nos descreve o estado de opróbrio e de ignomínia a que O reduziu a Sua Paixão, e compreenderemos mais profundamente duas grandes verdades: a imensa caridade com que Jesus nos amou e a enorme gravidade do pecado.

É dEle, do Filho de Deus, que está escrito: «não tem beleza nem esplendor; vimo-lo e não tinha aparência

do que era e por isso não fizemos caso dele. Ele era desprezado e o último dos homens, um homem de dores... e o seu rosto estava encoberto». Não tem esplendor, Ele que é o esplendor do Pai; procura esconder o rosto, Ele cuja face constitui a bem-aventurança dos anjos e dos santos; está tão desfigurado que parece um leproso, tão desprezado que «nenhum caso fizeram dEle». A este estado o reduziram os nossos pecados: «Verdadeiramente Ele foi o que tomou sobre Si as nossas fraquezas e Ele mesmo carregou com as nossas dores [enfermidades e dores, consequência do pecado]... Ele foi ferido por causa das nossas iniquidades, foi despedaçado por causa dos nossos crimes... O Senhor carregou sobre Ele a iniquidade de todos nós». Mas também O pôs nesse estado o Seu amor por nós, amor que O fez abraçar livremente a Paixão e tendo-a abraçado «porque quis», não fugiu dos Seus inimigos, mas entregou-Se espontaneamente nas suas mãos.

Recordemos o momento em que Jesus, depois de ter lançado por terra, com o Seu poder divino, os soldados que vinham capturá-Lo, e de ter afirmado que, se quisesse, podia dispor de legiões de anjos para Sua defesa, Se deixa prender e atar sem opor a menor resistência. Recordemos ainda como, já prisioneiro e condenado, não hesita em dizer ao governador romano: «Tu não terias poder algum sobre mim se te não fosse dado do alto» (Jo. 19, 11). Jesus é a vítima que vai espontaneamente para o sacrifício, a vítima que Se imola por amor e com plena liberdade. O máximo amor e a máxima liberdade porque são o amor e a liberdade de um Deus.

Colóquio — «Em que estado Vos imagino, ó doce Jesus, ó bom, dulcíssimo e amantíssimo Jesus! Marti-

rizaram-Vos com múltiplas feridas de açoites e de pregos, coroaram-Vos de espinhos. Quantos são, ó bom Jesus, aqueles que Vos ferem! Fere-Vos o Vosso Pai que não Vos perdoou, mas Vos entregou como vítima por todos nós. Vós mesmo Vos feris, oferecendo a Vossa alma à morte, esta alma que ninguém Vos poderia arrancar se Vós não quisésseis. E fere-Vos além disso o discípulo que Vos traíu com um beijo. Ferem-Vos os judeus com pontapés e bofetadas e ferem-Vos os gentios com açoites e com pregos. Ah! quantas pessoas, quantas humilhações, quantos verdugos!

«E quantos são os Vossos traidores! O Pai celestial entregou-Vos por todos nós; e Vós mesmo Vos entregastes, como S. Paulo jubilosamente canta: 'Amou-me e entregou-Se a Si mesmo por mim'.

«A troca é verdadeiramente maravilhosa. Entregou-Se a Si mesmo o Senhor pelo servo, Deus pelo homem, o Criador pela criatura, o Inocente pelo pecador. E Vós entregastes-Vos nas mãos daquele traidor, do falso discípulo. O traidor entregou-Vos aos judeus. Os maus judeus entregaram-Vos aos gentios para serdes escarnecido, cuspidos, flagelado, crucificado. Tínheis dito e predito estas coisas: já se cumpriram. E consumadas todas elas, eis que Vos crucificaram e puseram entre malfeteiros. Bastava que Vos tivessem ferido! Mas acrescentaram outras maldades à dor das Vossas chagas e deram-Vos — a Vós, abrasado pela sede — vinho e mirra misturados com fel.

«Eu choro por Vós, meu Rei, Senhor e Mestre, meu Pai e Irmão, Jesus amantíssimo» (S. Boaventura).

137. O DOM DO AMOR QUINTA-FEIRA SANTA

Concedei-me, ó Jesus, a graça de penetrar na imensidade daquele amor que Vos levou a dar-nos a Eucaristia.

1 — «Tendo Jesus amado os Seus... amou-os até ao fim» (Jo. 13, 1-15) e nas últimas horas passadas entre os Seus quis dar-lhes a prova máxima do Seu amor. Foram horas de doce intimidade, mas também de penosíssima angústia: Judas já tinha combinado o preço da venda infame; Pedro vai negá-lo, todos O abandonarão dentro de breves instantes. A instituição da Eucaristia aparece assim como a resposta de Jesus à traição dos homens, como o dom máximo do Seu amor infinito em troca da máxima ingratidão: é o Deus misericordioso que persegue a criatura rebelde, não com ameaças, mas com as mais delicadas invenções da Sua imensa caridade. Jesus já tinha feito e sofrido tanto pelo homem pecador e eis que no momento em que a malícia humana vai atingir o fundo do abismo, Ele, esgotando os recursos do Seu amor, oferece-Se ao homem não só como Redentor, que morrerá por ele na cruz, mas também como alimento que o nutrirá com a Sua Carne e com o Seu Sangue. Ainda que a morte, dentro de poucas horas, O arrebate da terra, a Eucaristia perpetuará a Sua presença viva e real até à consumação dos tempos. «Ó louco de amor pelas criaturas! — exclama S.ta Catarina de Sena — tudo quanto tendes de Deus e tudo quanto tendes de homem no-lo deixastes em alimento para que, enquanto somos peregrinos nesta vida, não desfaleçamos de fadiga, mas sejamos fortificados por Vós, ó alimento celestial».

A Missa de hoje é, de um modo muito particular, a comemoração e a renovação da última Ceia, na qual todos somos chamados a participar. Entremos na Igreja e coloquemo-nos em torno do Altar, como se entrássemos no cenáculo e estivéssemos reunidos à volta de Jesus. Aqui, como os Apóstolos em Jerusalém, encontramos o Mestre vivo no meio de nós e Ele próprio, na pessoa do Seu ministro, renovará mais uma vez o grande milagre que muda o pão e o vinho no Seu Corpo e no Seu Sangue, dizendo-nos depois: «Tomai e comei... tomai e bebei».

Pensemos que foi o próprio Jesus que cuidou dos preparativos para a última ceia e para isso quis escolher «uma grande sala» (Lc. 22, 12), encarregando os Apóstolos de a adornarem convenientemente. Também o nosso coração tem de ser um «grande» cenáculo, tornado espaçoso e dilatado pelo amor, para que Jesus nele possa celebrar dignamente a Sua Páscoa.

2 — Na última Ceia Jesus deixa-nos, juntamente com o Sacramento do amor, o testamento do amor. Testamento vivo e concreto do Seu admirável exemplo de humildade e caridade, no lava-pés, testamento oral no anúncio do Seu «mandamento novo». O Evangelho da Missa de hoje apresenta-nos Jesus lavando os pés aos Apóstolos e termina com estas palavras: «Dei-vos o exemplo para que, como vos fiz, assim façais vós também».

É um convite urgente à caridade fraterna, que deve ser o fruto da nossa união com Jesus, o fruto da nossa Comunhão eucarística. Ele disse expressamente na última Ceia: «Dou-vos um mandamento novo: que assim como eu vos amei, vos ameis também uns aos

outros» (Jo. 13, 34). Se não podemos imitar o amor de Jesus até dar o nosso corpo em alimento aos irmãos, podemos imitá-lo dando-lhes a nossa assistência amorosa, não só nas coisas fáceis, mas também nas difíceis e repugnantes. O Mestre, lavando os pés aos Seus Apóstolos, ensina-nos até onde devemos baixar-nos para prestar serviço ao nosso próximo, mesmo o mais humilde e desprezível.

O Mestre que, com contínuos testemunhos de amor, vai ao encontro dos homens ingratos e dos Seus traidores, ensina-nos que a nossa caridade não é semelhante à Sua, se não sabemos pagar o mal com o bem, se não sabemos perdoar tudo, chegando a fazer bem a quem nos faz mal. Dando a vida pela salvação dos Seus, o Mestre diz-nos que o nosso amor não é perfeito se não sabemos sacrificar-nos generosamente pelos outros. O Seu «mandamento novo» que propõe o amor de Jesus como medida do nosso amor fraterno, abre vastos horizontes ao exercício da caridade. Trata-se de uma caridade que não tem limites. Se há um limite, é o de dar, como o Mestre, a vida pelos outros, porque «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos» (Jo. 15, 13).

Jesus inculca-nos a perfeição da caridade fraterna na própria noite em que institui a Eucaristia porque quer ensinar-nos que a perfeição da caridade deve ser, ao mesmo tempo, o fruto do sacramento eucarístico e a nossa resposta a este imenso dom.

Colóquio — «Ó Senhor, Senhor! A casa da minha alma é pequena e estreita para que venhais a ela: alargai-a Vós. Está em ruínas: restaurai-a Vós. Há nela coisas que ofendem os Vossos olhos: sei-o e confesso-o.

Mas quem poderá limpá-la? A quem senão a Vós poderei dizer: limpai-me, Senhor, dos pecados ocultos?» (S.to Agostinho).

«Ó bom Jesus, para nos dardes ânimo e nos exercitardes no amor, Vos determinastes a ficar connosco, embora prévisseis a sorte que teríeis entre os homens, as desonras e ultrajes que deveríeis sofrer. Ó eterno Pai, como quisestes consentir que o Vosso Filho ficasse entre nós a padecer de novo cada dia? Valha-me Deus, que grande amor o do Filho e que grande amor o do Pai!

«Ó Eterno Pai, como quereis ver cada dia o Vosso Filho em tão ruins mãos? Como pode a Vossa piedade cada dia — sim, digo cada dia — ver as injúrias que Lhe fazem? E quantas não se fazem hoje a este Santíssimo Sacramento! Em quantas mãos inimigas não O haveis de ver!

«Ó Pai Eterno, olhai que não são para olvidar tantos açoites e injúrias e tão gravíssimos tormentos que o Vosso Filho sofreu durante a Sua vida terrena. Será preciso que faça ainda mais para Vos contentar? Não fez Ele já tudo? Não tinha Ele já pago bastante pelo pecado de Adão?

«Ó Pai Santo que estais nos céus, se o Vosso Filho não deixou de nos dar a nós, pobres pecadores, um dom tão grande como a Santíssima Eucaristia, não permitais, ó misericordiosíssimo Senhor que seja tão maltratado! Ele deixou-Se ficar entre nós de um modo tão admirável que podemos oferecê-LO em sacrifício quantas vezes quisermos. Então que este augustíssimo sacrifício faça parar a maré dos pecados e desacatos que se cometem nos lugares onde este SS.mo Sacramento reside». (cfr. T.J. Cam. 33, 2 e 3; 3, 8; 35, 3).

138. O MISTÉRIO DA CRUZ SEXTA-FEIRA SANTA

Ó meu Deus permiti-me penetrar conVosco na espesura do mistério da cruz.

1 — O dia de Sexta-feira Santa, mais que qualquer outro, convida-nos a penetrar profundamente na «espesura dos trabalhos e dores do Filho de Deus» (cfr. J.C. C. 36, 12), não só com a consideração teórica da mente, mas ainda mais com a disposição prática da vontade de abraçar de bom grado o sofrimento para nos associarmos e assemelharmos ao Crucificado. Sofrendo com Ele, compreenderemos melhor os Seus sofrimentos, entenderemos melhor o Seu amor por nós, «porque o mais puro padecer traz mais íntimo e puro entender» (ib, 36, 12) e «ninguém sente mais profundamente em seu coração a Paixão de Cristo do que quem já sofreu alguma coisa parecida» (*Imit.* II, 12, 4). Acompanhemos o Senhor com estas disposições no último dia da Sua vida terrena.

O martírio atroz que dentro de poucas horas despedaçará o Seu Corpo, ainda não começou, e contudo, a agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras, assinala um dos momentos mais dolorosos da Sua Paixão e mais reveladores das acerbíssimas penas do Seu espírito. A Sua santíssima Alma está imersa numa indizível angústia, é o abandono e a desolação extrema, sem o menor conforto nem de Deus nem dos homens. O Salvador sente sobre Si o peso enorme de todos os pecados da humanidade. Ele, inocentíssimo, vê-Se coberto dos mais execrands delitos, tornado como que inimigo de Deus, objecto da Sua justiça infinita que nEle punirá todas as nossas iniquidades. Enquanto Deus, Jesus nunca

deixou de estar unido ao Pai, ainda nos momentos mais dolorosos da Sua Paixão, mas enquanto homem sentiu-Se como que abandonado por Ele, «ferido por Deus e humilhado» (Is. 53, 4). Isto explica o íntimo drama do Seu espírito — drama muito mais doloroso que os terríveis sofrimentos físicos que O esperam — a cruel agonia que Lhe fez suar sangue, e ainda a Sua queixa: «a minha alma está numa tristeza mortal» (Mt. 26, 38).

Se antes havia desejado ardentemente a Paixão, agora, que a Sua humanidade se encontra diante da dura realidade do facto, privada do socorro sensível da Divindade, a qual parece não só retirar-Se, mas indignar-Se contra Ele, Jesus geme: «Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice!» Mas o grito angustioso da natureza humana perde-se imediatamente na perfeita conformidade da vontade de Cristo com a vontade do Pai: «Todavia não como eu quero, mas sim como Tu queres» (ib. 26, 39).

2 — A agonia do horto segue-se o beijo traidor de Judas, a prisão, a noite decorrida entre os interrogatórios dos sacerdotes e os insultos dos soldados, que Lhe dão bofetadas, que Lhe cospem no rosto, que Lhe tapam os olhos, enquanto lá fora, no átrio, Pedro O nega. Ao amanhecer recomeçam os interrogatórios e as acusações, depois principiam as idas de um tribunal para outro: de Caifás para Pilatos, de Pilatos para Herodes, de Herodes outra vez para Pilatos; em seguida a horrível flagelação e coroação de espinhos; finalmente, vestido como rei de comédia, o Filho de Deus é apresentado à multidão que grita: «Faze morrer este e solta-nos Barabás»; a população pede a grandes vozes: «Crucifica-O, crucifica-O!» (Lc. 23, 18-21). Carregado com o madeiro

do suplício, Jesus é arrastado até ao Calvário e crucificado entre dois ladrões. Estas dores físicas e morais atingem tal intensidade que o Senhor, agonizando sobre a cruz, lança um grito de desolação: «Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?» (*Mt.* 27, 46).

Estamos novamente em presença do drama íntimo que dilacera a alma de Cristo e acompanha, num rápido crescendo, a intensificação dos Seus sofrimentos físicos. No discurso da última Ceia, falando Jesus da Sua próxima Paixão, dissera aos Apóstolos: «Eis que vem a hora em que sereis espalhados... e em que me deixareis só, mas eu não estou só, porque o Pai está comigo» (*Jo.* 16, 32). A união com o Pai é tudo para Jesus: é a Sua vida, a Sua força, o Seu conforto e a Sua alegria; se os homens O abandonam, o Pai está sempre com Ele e isso Lhe basta. Por isso podemos compreender melhor a intensidade do Seu sofrimento quando, durante a Paixão, o Pai Se retira dEle. No entanto, na Sua agonia e na Sua morte de cruz, Jesus é sempre Deus e como tal está sempre indissolúvelmente unido ao Pai. Mas Ele quis tomar sobre Si a pesada carga dos nossos pecados e estes erguem-se como uma barreira de divisão moral entre Ele e o Pai. A Sua Humanidade, conquanto unida pessoalmente ao Verbo, está privada, por um milagre, de toda a consolação e apoio divinos; sente, pelo contrário, pesar sobre Si a maldição devida ao pecado: «Cristo — diz S. Paulo — remiu-nos da maldição... feito maldição por nós» (*Gál.* 3, 13). Chegamos ao mais profundo da Paixão de Jesus, às amarguras que Ele abraçou pela nossa salvação. E contudo, mesmo no meio de tão cruéis tormentos, a queixa de Jesus harmoniza-se com a expressão do abandono total: «Pai, nas Vossas mãos encomendo o meu espírito» (*Lc.* 23, 46). Deste

modo Jesus, que quis saborear até ao fundo como é amargo para o homem sofrer e morrer, ensina-nos a superar e dominar as inquietações e angústias produzidas pela dor e pela morte com actos de plena submissão à vontade de Deus e de confiante abandono nas Suas mãos.

Colóquio — «Ó Cristo, Filho de Deus, contemplando a dor imensa que suportastes por nós sobre a cruz, parece ouvir-Vos dizer à minha alma: 'Não foi por engano que te amei!' Estas palavras abrem os meus olhos e vejo claramente tudo quanto fizestes por mim, em virtude deste amor. Vejo quanto sofrestes na vida e na morte, ó amantíssimo Homem-Deus por causa deste amor profundo e invencível. Sim, ó Senhor, Vós não me amastes por engano, mas com um amor perfeitíssimo e verdadeiro. E em mim vejo o contrário, pois amo-Vos com tibieza e sem vontade, e conhecê-lo é para mim uma pena insuportável.

«Ó Mestre, Vós amastes-me sem engano; eu, ao contrário, pecadora, nunca Vos amei senão com um amor imperfeito. Nunca quis ouvir falar das dores que Vós sofrestes voluntariamente na cruz e por isso Vos servi com negligência e sem verdade.

«O Vosso amor, Deus meu, acende em mim um desejo ardente de não querer fazer nada que seja ofensa Vossa, de querer abraçar a dor e o desprezo que Vós suportastes, de ter constantemente fixa na mente a Vossa Paixão e morte, na qual está a nossa verdadeira salvação e a nossa vida.

«Ó Senhor, ó Mestre e Médico eterno, o Vosso Sangue é o remédio que nos ofereceis gratuitamente para curar as nossas almas e ao passo que a Vós Vos custou

a dolorosíssima Paixão e a Morte da cruz, a mim não me custou nada, senão dispor-me a recebê-lo; e Vós imediatamente mo dais e curais todas as minhas enfermidades. Ó meu Deus, já que estais disposto a libertar-me e a curar-me contanto que eu Vos mostre com lágrimas e arrependimento os meus males e as minhas enfermidades; Senhor, já que a minha alma está enferma, eis que Vos mostro os meus pecados e as minhas desgraças. Não pode haver pecado nem doença da alma e do espírito a que Vós não tenhais dado remédio suficiente e não tenhais satisfeito com a Vossa morte!

«Por isso toda a minha saúde e a minha alegria estão em Vós, ó Cristo crucificado; onde quer que me encontre não quero jamais tirar o meu olhar da Vossa cruz» (B. Ângela de Foligno).

139. A VITÓRIA DA CRUZ SABADO SANTO

Ó Jesus crucificado por meu amor, descobri-me a vitória obtida pela Vossa morte.

1 — Apenas Jesus deu o último suspiro «o véu do templo rasgou-se... a terra tremeu e partiram-se as pedras, abriram-se as sepulturas e muitos corpos... ressuscitaram», de tal maneira que os presentes «tiveram grande medo e diziam: 'na verdade este era o Filho de Deus'» (Mt. 27, 51-54). Jesus quis morrer na ignomínia mais completa, aceitando até ao fim os escárneos e os irónicos desafios dos soldados: «Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo» (Lc. 23, 39). Mas logo que Jesus expirou, a Sua divindade manifestou-se de forma tão poderosa que se impôs mesmo aos que até àquele momento tinham

troçado dEle. A morte de Cristo começa agora a manifestar-se tal qual é na realidade: não uma derrota, mas uma vitória, a maior vitória que o mundo conhece: vitória sobre o pecado, vitória sobre a morte, consequência do pecado, vitória que dá aos homens a vida da graça.

Ontem, apresentando a cruz à nossa adoração, a Igreja cantava: «Eis o madeiro da Cruz do qual esteve suspensa a salvação do mundo!», e depois do triste alternar dos *impropérios*, entoava um hino em louvor da cruz: «Canta, ó língua, o glorioso combate, celebra o nobre triunfo sobre a cruz, pelo qual o Redentor do mundo venceu morrendo». Deste modo, a consideração e a compaixão dos sofrimentos do Senhor alterna com hinos de vitória. Morte e vida, morte e vitória, são termos contraditórios entre si, todavia vemos que em Jesus estão tão estreitamente unidos que o primeiro foi a causa do segundo. S. João da Cruz, depois de ter descrito a agonia de Jesus na cruz, afirma: «E nela fez maior obra que em toda a Sua vida tinha feito com milagres e obras, quer na terra quer no céu, que foi reconciliar e unir o género humano, pela graça, com Deus. E isto foi no dia e na hora em que este Senhor esteve mais aniquilado em tudo; a saber: quanto à reputação dos homens, porque, como O viam morrer, antes faziam escárneo do que O estimavam; quanto à natureza, pois nela Se aniquilava, morrendo; e quanto ao amparo e consolo espiritual do Pai, pois naquela altura O desamparou». E conclui: «Para que o bom espiritual entenda o mistério da porta e do caminho de Cristo para se unir a Deus, e saiba que quanto mais se aniquilar por Deus... tanto mais se une a Deus e maior obra faz» (S. II, 7, 11).

2 — «Em paz durmo e descanso»; assim começam as Matinas do Sábado Santo, aludindo à paz do sepulcro, onde depois de tantos tormentos, descansa o Corpo santíssimo de Jesus. De facto o dia de hoje é o mais indicado para nos recolhermos no silêncio e na oração junto do sepulcro do Senhor.

Depois da morte de Jesus, aterrorizados pelo terramoto e pelas trevas, todos tinham abandonado o Calvário, excepto o grupo dos mais fiéis: Maria Santíssima e João que nunca se tinham afastado da cruz, Maria Madalena e outras piedosas mulheres, «que tinham seguido Jesus desde a Galileia subministrando-lhe o necessário» (Mt. 27, 55). O Senhor expirou já, mas eles não podem separar-se do Mestre adorado, objecto de todo o seu amor e de todas as suas esperanças. O que os detém irresistivelmente junto daquele Corpo desfalecido é o seu amor. Tal é a característica da verdadeira fidelidade: perseverar mesmo nos momentos mais obscuros e difíceis quando tudo parece estar perdido, quando o amigo, em vez de triunfar, fica reduzido ao fracasso e à mais profunda humilhação. Ser fiéis a Deus quando tudo corre bem, quando a Sua causa triunfa, é fácil, mas ser fiéis na hora das trevas, quando Ele permite a vitória momentânea do mal, quando nos parece que tudo o que era bom e santo está irremediavelmente arruinado e submerso, é duro e é a prova mais certa de um verdadeiro amor.

Entretanto, dois discípulos, José de Arimateia e Nicodemos, encarregaram-se da sepultura: o sagrado Corpo é descido da cruz, envolvido num lençol com aromas e depois depositado no «sepulcro novo» que José tinha aberto numa rocha (Mt. 27, 60). Em união com a Virgem que sem dúvida esteve presente à cena para receber

em Seus braços o martirizado Corpo do Seu divino Filho, aproximemo-nos também nós daqueles sagrados despojos; fixemos uma vez mais o nosso olhar naquelas chagas, naquelas feridas, naquele Sangue que tão eloquentemente nos falam do amor infinito de Jesus para conosco. É verdade que essas chagas já não são dolorosas, mas sim gloriosas, e que amanhã, com a Páscoa, celebraremos a grande vitória que elas obtiveram; apesar de glorificadas, aquelas chagas são e serão eternamente o sinal indelével da caridade excessiva com que Cristo nos amou.

Que o Sábado Santo, dia de transição entre as angústias de Sexta-feira Santa e a glória da Ressurreição, seja um dia de recolhimento e oração junto do Corpo inanimado de Jesus: abramos o nosso coração, purifiquemo-lo no Seu Sangue para que, todo renovado no amor e na pureza, possa rivalizar com o «sepulcro novo» e nele oferecer um lugar de paz e de repouso ao Mestre tão amado.

Colóquio — «Avé, ó Cruz, nossa única esperança! Tu aumentas a graça aos justos e perdoas as culpas aos pecadores. Ó Árvore gloriosa e refulgente, adornada com a púrpura do Rei, nos teus braços esteve suspenso o preço da nossa Redenção, em ti está a nossa vitória e o nosso resgate» (cfr. BR.).

«Ó Cristo, mais uma vez fixo o meu olhar no Vosso rosto esvaído e, não sem lágrimas, levanto os meus olhos para as Vossas chagas e para as Vossas feridas, não sem comoção elevo o meu coração contrito e considero quantas tribulações encontrastes, para me procurardes, para me salvardes.

«Ó bom Jesus, com quanta liberalidade nos destes,

sobre a cruz, tudo o que tínheis! Aos que Vos crucificaram, destes a Vossa oração afectuosa, ao ladrão o Paraíso, à Mãe o filho, o filho à Mãe, aos mortos a vida, às mãos do Pai a Vossa alma; oferecestes a todo o mundo um sinal do Vosso poder e para remir o escravo destes não algumas gotas, mas todo o Vosso Sangue, aquele Sangue que corria de tantas e tão profundas feridas... Ó suavíssimo Senhor e Salvador do mundo, como Vos agradecerei dignamente?

«Ó bom Jesus, Vós inclinais a cabeça coroada, trespassada por muitos espinhos, convidando-me ao beijo da paz e pareceis dizer-me: 'Eis como estou desfigurado, dilacerado, morto. Sabes porquê? Ó ovelha perdida, para te tomar e reconduzir aos pastos celestiais do Paraíso. Paga-me com a mesma moeda... Contempla-me na minha Paixão. Ama-me. Eu dei-me a ti, dá-te tu a mim...' Ó Senhor, enternecido à vista das Vossas chagas, quero que reineis sobre mim, dolorido como Vos vejo; quero colocar-Vos como um selo sobre o meu coração e como um sinal no meu braço, a fim de me conformar conVosco e com o Vosso martírio em todos os pensamentos do meu coração e em todas as obras do meu braço.

«Ó dulcíssimo e bom Jesus! Já que Vos destes por nós como preço de resgate, concedei-nos, ainda que não sejamos dignos de tanto valor, que nos submetamos à Vossa graça, inteiramente, perfeitamente e em tudo» (cfr. S. Boaventura).

**Do Domingo da Ressurreição à Festa
da SS.ma Trindade**

4 VIDA DE ORAÇÃO: ORAÇÃO VOCAL E MENTAL.
DESENVOLVIMENTO DA ORAÇÃO CONTEM-
PLATIVA. ORAÇÃO LITÚRGICA - NOSSA
SENHORA: OS SEUS PRIVILÉGIOS
E AS SUAS VIRTUDES - O ESPÍ-
RITO SANTO E A SUA
ACÇÃO EM NÓS

140. A PÁSCOA DO SENHOR DÓMINGO DA RESSURREIÇÃO

Ó Jesus, fazel-me digno de participar no gozo da Vossa Ressurreição.

1 — «Este é o dia que o Senhor fez: exultemos e alegremo-nos nele» (BR). É o dia por excelência, o dia mais alegre de todo o ano, porque nele «Cristo, a nossa Páscoa, foi imolado». Também o Natal é festa de alegria, mas ao passo que a alegria natalícia tem uma nota inconfundível de doçura, a alegria pascal é dominada pela nota do triunfo: é o gozo pelo triunfo de Cristo, pela Sua vitória. A liturgia da Missa indica-nos as duas características da alegria pascal: alegria na verdade (Ep.: I Cor. 5, 7 e 8), alegria na caridade (Postcom.).

Alegria na verdade, segundo a vibrante exortação de S. Paulo: «celebremos a festa não com fermento velho..., mas com os ázimos da pureza e da verdade». Há neste mundo muitas alegrias efêmeras, baseadas em fundamentos frágeis e inconsistentes, mas a alegria pascal é a alegria de possuir a verdade que Cristo trouxe ao mundo e confirmou com a Sua Ressurreição. A Sua Ressurreição diz-nos que a nossa fé não é vã, que a nossa esperança não se funda num morto, mas num vivo, no *vivo* por excelência, cuja vida é tão poderosa que pode vivificar, no tempo e na eternidade, todos aqueles que acreditam nEle: «Eu sou a Ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá» (Jo. 11, 25). Alegria na verdade, porque só as almas sinceras e rectas, que procuram com amor a verdade e agem segundo a verdade, podem gozar plenamente da Ressurreição. Alma sincera é aquela

que se reconhece tal qual é, com os seus defeitos, com as suas deficiências, com a sua necessidade de conversão, e que, justamente pela consciência da sua miséria, está sinceramente decidida a querer purificar-se do velho fermento das paixões, para se renovar inteiramente em Cristo ressuscitado.

Mas a verdade deve operar-se na caridade: «*veritatem facientes in caritate*» (Ef. 4, 15), e por isso é mais oportuna que nunca a oração que o Postcommunio nos põe nos lábios: «Infundi em nós, Senhor, o espírito da Vossa caridade; e fazei, pela Vossa bondade, que... vivamos sempre unidos em perfeita concórdia». Não pode existir verdadeira alegria pascal onde não houver concórdia e benevolência mútuas.

2 — O Evangelho (Mc. 16, 1-7) apresenta-nos as piedosas mulheres, as fidelíssimas, que ao alvorecer do Domingo correm ao sepulcro e que no caminho perguntam preocupadas umas às outras: «Quem nos há-de revolver a pedra da boca do sepulcro?» Mas esta preocupação, aliás bem justificada pelo tamanho e peso da pedra que fechava o túmulo, não as faz desistir do seu intento porque estão inflamadas no desejo de encontrar Jesus. E eis que, ao chegarem, vêem a pedra removida e, entrando no sepulcro, encontram um anjo que lhes dá a grande nova: «Ressuscitou; não está aqui». Por alguns momentos Jesus não se deixa ver nem encontrar, mas pouco depois, quando as mulheres, conforme a ordem recebida do anjo, vão dar a novidade aos discípulos, Ele aparecer-lhes-á, dizendo: «Eu vos saúdo!» (Mt. 28, 9), e a sua alegria é então plena.

Também nós temos o desejo ardente de encontrar o Senhor. Certamente há já muitos anos que nos puse-

mos à Sua procura e talvez o nosso desejo tenha sido acompanhado de sérias preocupações: Como farei para remover os obstáculos, para tirar da minha alma as pedras que me impedem de encontrar o Senhor, de me entregar inteiramente a Ele, de O fazer triunfar em mim? Mas porque desejávamos encontrar o Senhor, sustentados pela Sua graça, pudemos superar tantos obstáculos e a divina Providência ajudou-nos a remover muitas pedras, a vencer muitas dificuldades. Todavia a busca de Deus é progressiva e deve continuar por toda a vida; por isso, como as piedosas mulheres, devemos ter sempre a santa preocupação de encontrar o Senhor. Esta preocupação tornar-nos-á laboriosos e diligentes nessa procura e, ao mesmo tempo, confiantes na ajuda divina, porque é certo que onde as nossas forças não podem chegar, o Senhor providenciará, fazendo Ele por nós aquilo que nós não podemos fazer.

A Páscoa marca em cada ano uma renovação na nossa vida espiritual, na busca de Deus. Cada ano retomamos o nosso caminho em direcção a Ele «*in novitate vitae*» (Rom. 6, 4).

Colóquio — «Senhor Jesus, Jesus piedoso, Jesus bondoso, que Vos dignastes morrer pelos nossos pecados e ressuscitastes para a nossa justificação, eu Vos rogo, pela Vossa gloriosa Ressurreição, que me ressusciteis do sepulcro dos meus vícios e pecados para que eu mereça participar verdadeiramente na Vossa Ressurreição.»
} Dulcíssimo Senhor que subistes ao céu triunfante na Vossa glória e estais sentado à direita do Pai, Rei poderosíssimo, atraí-me para as alturas até Vós, a fim de que eu corra ao odor do Vosso perfume e não desfaleça enquanto Vós me levais e conduzis. Atraí a boca

da minha alma sequiosa para a fonte divina da eterna saciedade; atraí-me do abismo para a fonte viva, para que dela beba segundo a minha capacidade e dela sempre viva, ó meu Deus, minha vida.

«Revesti, ó Senhor, eu Vos peço, revesti o meu espírito de penas como as da águia para que voe e não desfaleça; que voe e chegue até aos esplendores da Vossa glória, a fim de que aí seja apascentado com os Vossos segredos, à mesa dos celestes cidadãos, no lugar da Vossa páscoa, perto duma abundantíssima fonte; repouse em Vós, ó Senhor, o meu coração; coração semelhante a um grande mar agitado por ondas tumultuosas.

«Preciosíssimo, desejadíssimo, amabilíssimo Senhor, quando Vos verei? Quando comparecerei diante da Vossa face? Quando serei saciado com a Vossa beleza? Quando me levareis deste cárcere tenebroso a fim de confessar o Vosso nome sem ser confundido?... Que farei eu, miserável, oprimido pelo peso das cadeias da minha mortalidade? Que farei?... Enquanto estamos no corpo peregrinamos para o Senhor. Não temos aqui morada permanente, mas procuramos a cidade futura, porque a nossa pátria está nos céus.

«Ó Senhor, concedei-me a graça de aderir a Vós enquanto trazer consigo estes frágeis membros, pois quem adere ao Senhor é um espírito com Ele» (S.to Agostinho).

141. FICAI CONNOSCO
SEGUNDA-FEIRA DE PASCOA

Ó Jesus, doce peregrino, não me abandoneis, tenho necessidade de Vós.

1 — Deus criou-nos para Si e não podemos viver sem Ele. Temos necessidade, temos fome e temos sede dEle, o Único que pode encher o nosso coração. A liturgia pascal está toda impregnada desta ânsia de Deus, desta ânsia das alturas, e apresenta-no-la como sinal da nossa participação no mistério pascal: «Se ressuscitastes com Cristo buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado à dextra de Deus, afeiçoi-vos às coisas que são lá de cima, não às que estão sobre a terra» (Col. 3, 1 e 2). Quanto mais a alma se renova na ressurreição de Cristo, mais sente a necessidade de Deus e das coisas celestes e cada vez se desprende mais das coisas da terra para se voltar para as do céu.

Como a fome física é indício de um organismo são e cheio de vida, assim a fome espiritual é indício de uma vida espiritual eficiente e em contínuo desenvolvimento. A alma que não sente a necessidade de Deus, de O procurar e encontrar, a alma que não vibra e não sofre com a ânsia desta procura, não tem em si os sinais da ressurreição. É uma alma morta, ou pelo menos desfalecida e tornada insensível pela tibieza. O *aleluia* pascal é um grito de triunfo pela Ressurreição de Cristo sendo, ao mesmo tempo, um convite urgente à nossa Ressurreição. Semelhante a uma trombeta de guerra o *aleluia* chama-nos ao combate do espírito, convida-nos a sacudir-nos, a renovar-nos, a participar

cada vez mais profundamente na Ressurreição de Cristo. Quem, por muito adiantado que esteja nos caminhos do espírito, pode gloriar-se de ter realizado totalmente a sua própria ressurreição?

2 — Na Missa deste dia lê-se o bellissimo Evangelho dos discípulos de Emaus (*Lc.* 24, 13-35), no qual encontramos esta súplica premente: «Fica connosco porque faz-se tarde e o dia declina».

Ficai connosco, Senhor! É o grito da alma que, tendo encontrado o seu Deus, não quer separar-se mais d'Ele. Também nós, como os discípulos de Emaús, andamos à procura do Senhor; toda a nossa vida é um contínuo peregrinar para Ele, e muitas vezes também nós estamos tristes porque não conseguimos encontrá-LO, porque não compreendemos os Seus caminhos misteriosos, quase nos parece que Ele nos abandonou. «Nós esperávamos que Ele fosse o que havia de resgatar Israel e agora...» diziam os dois discípulos desiludidos com a morte de Jesus, não reparando em que, precisamente quando estavam prestes a perder toda a esperança, Jesus encontrava-Se muito perto deles, feito seu companheiro de viagem. Assim acontece também connosco: ainda que oculto na obscuridade da fé, Deus aproxima-Se das nossas almas e faz-Se companheiro do nosso caminho, mais ainda, vive em nós pela graça. É verdade que cá na terra Ele não Se manifesta na claridade do «face a face» reservado para a eternidade e apenas podemos vê-LO «como por um espelho, em enigma» (*I Cor.* 13, 12); todavia, Deus deixa-Se reconhecer. Como aos discípulos de Emaús, também a nós a Sua presença se revela de um modo obscuro, sim, mas inconfundível, naquele ardor tão peculiar que só Ele sabe despertar nos nossos

corações: «Não é verdade que nós sentíamos abrasar-se, -nos o coração, quando ele nos falava?» A alma que, mesmo uma só vez, tiver encontrado assim o Senhor, não apenas fora, mas dentro de si, vivo e operante no seu coração, não pode deixar de exclamar: «Ficai comigo!»

Este grito, porém, já foi ouvido, é já uma realidade permanente, pois Deus está sempre na alma em graça. Deus está sempre connosco, mesmo quando O não sentimos, mesmo quando não damos conta da Sua presença. Deus está ali, Deus fica connosco; compete-nos ficar com Ele. E se em certos momentos Ele Se deixa reconhecer pela alma, fá-lo para a convidar a viver com Ele, na Sua intimidade. Peçamos-Lhe, pois, com ardor: ensinai-nos, ó Senhor, a ficar conVosco, a viver conVosco.

§ *Colóquio* — «Ó Esperança minha, meu Pai e Criador, meu verdadeiro Senhor e Irmão, quando considero o que Vós dizeis, isto é, que as Vossas delícias são habitar com os filhos dos homens, muito se alegra a minha alma. Ó Senhor do céu e da terra, onde estará o pecador que depois destas palavras ainda possa desconfiar? Não haverá, porventura, Senhor, com quem Vos deleiteis, que seja preciso buscar um vermezinho tão repelente como eu?... Oh! grandíssima misericórdia! Ó favor infinitamente superior aos nossos méritos!

§ «Alegra-te, alma minha... e pois que o Senhor Se deleita contigo, que todas as coisas da terra não sejam bastantes para te impedirem de te deleitares e alegrares nas Suas grandezas.

«Ó Senhor, não quero amar o mundo nem coisa que lhe pertença; fora de Vós não acho contentamento em

parte alguma: parece-me antes que tudo é pesadíssima cruz...

«Ó meu Deus, a única coisa que temo — e com razão — é que Vós me deixeis. Sei onde chega a minha fortaleza e pouca virtude e o pouco que posso fazer se Vós não continuais a dar-me força e a ajudar-me para que não Vos deixe... Parece-me, ó Senhor meu, impossível deixar-Vos... Mas como tantas vezes Vos deixei, não posso senão temer, sabendo que bastava que Vos apartásseis um pouco de mim para que caísse por terra. Bendito sejais para sempre, ó Senhor, porque embora eu Vos deixasse a Vós, não me deixáveis Vós de todo a mim, dáveis-me a mão para que logo pudesse tornar-me a levantar... Ó Senhor, Vós conheceis tudo, lembrai-Vos da minha fraqueza e não me deixeis só» (cfr. T.J. *Ex.* 7, 1 e 3; *Vi.* 6, 9).

142. «A QUEM PROCURAS?»

Ó Senhor, fazei que eu Vos procure só a Vós e que, procurando-Vos, Vos possa encontrar.

1 — Nas Missas da semana da Páscoa, o Evangelho conta as várias aparições de Jesus ressuscitado. A primeira, e uma das mais comoventes, foi a Maria Madalena (*Jo.* 20, 11-18). Também neste episódio Maria Madalena aparece com a sua característica de alma inteiramente presa pelo amor de Deus. Chegada ao sepulcro, apenas «viu a pedra tirada», um só pensamento a preocupou: «levaram o Senhor do sepulcro», quem O tiraria, onde O terão posto? E di-lo a todos os que encontra, supondo em todos uma ânsia igual à sua:

di-lo a Pedro e a João que corre a avisar, di-lo aos Anjos e, finalmente, a Jesus. As outras mulheres, tendo visto o sepulcro aberto, entraram nele para verem o que tinha acontecido. Maria, porém, corre a levar a notícia aos Apóstolos. E depois volta: que fará junto do sepulcro vazio? Não o sabe, é o amor que a conduz e mantém ali onde foi colocado o corpo do Mestre que ela quer encontrar a todo o custo.

Vê os Anjos, mas não se admira nem se assusta como as outras mulheres; está de tal maneira tomada pela dor, que no seu espírito não há lugar para outras emoções. E quando os Anjos lhe perguntam: «Mulher, porque choras?», só tem uma resposta: «levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram». Pouco depois Jesus dirige-lhe a mesma pergunta e Maria, sempre com aquela ideia fixa, não O reconhece, mas julgando que era o hortelão, diz-lhe: «Senhor, se tu o tiraste, diz-me onde o puseste e eu o levarei». A preocupação de encontrar Jesus domina-a de tal maneira que nem sequer sente a necessidade de O nomear, parece-lhe que todos devem pensar n'Ele, que todos a entendem imediatamente, como se todos estivessem num estado de espírito semelhante ao seu.

Quando o amor e o desejo de Deus tomaram posse plena de uma alma, já não há nela lugar para outros amores, outros desejos ou outras preocupações. Todos os seus movimentos são orientados para Deus e, através de todas as coisas, a alma não faz senão procurar a Deus só.

2 — «Se a alma busca a Deus, muito mais a busca o seu amado» (J.C. CV. 3, 28). Maria procurou-O com grande amor e eis que o próprio Senhor a procura e

a procura chamando: «Maria!» Ainda que ressuscitado e glorioso, Jesus é sempre o Bom Pastor que conhece as Suas ovelhas, conhece-as uma a uma e as «chama pelo seu nome... e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a sua voz» (Jo. 10, 3 e 4). Chamada pelo seu nome, Maria reconhece o Senhor e exclama: «Rabboni!, Mestre».

Maria está mais uma vez aos pés de Jesus, o seu lugar preferido. O nosso pensamento revê-a na mesma atitude que em Betânia enquanto Marta se afadiga a preparar o jantar; revê-a em casa de Simão o leproso, quando, no Sábado antes da Paixão, quebra o vaso de perfume precioso aos pés de Jesus e depois os banha com as suas lágrimas e os enxuga com os seus cabelos; revê-a aos pés da cruz, não querendo separar-se do divino Crucificado. É sempre o mesmo amor ardente que a leva a esquecer-se e a despreocupar-se de tudo. Maria procura só o Senhor, quere-O só a Ele, o resto não lhe interessa, não lhe diz respeito. Queria abraçar mais uma vez aqueles pés benditos e ficar-se ali em amorosa contemplação, mas Jesus diz-lhe suavemente: «Não me toques».

Sem dúvida, o Senhor revela-Se e dá-Se à alma que O procura, mas ao mesmo tempo permanece sempre Deus, o Altíssimo, o Inacessível: «Não me toques». Ainda que admitida à intimidade divina, a alma não deve perder o sentido da transcendência de Deus, da distância infinita que existe entre a criatura e o Criador, entre aquela que não é e Aquele que é. Quanto mais a alma se aproxima de Deus, tanto mais se dá conta desta infinita distância e, juntamente com o amor e a confiança, nasce nela um profundo sentimento de reverência em face da suprema majestade de Deus.

«A quem procuras?» Alma devota, é a ti, como a Maria Madalena, que Jesus hoje dirige esta pergunta. Poderás responder-Lhe que O procuras a Ele só? Antes de aparecer às outras mulheres piedosas, Jesus apareceu a Maria «que amava muito». Se queres encontrar depressa o Senhor, ama-O e procura-O com um grande amor.

Colóquio — «Ó Senhor Jesus Cristo, que boa e feliz coisa e quão desejável é sentir a violência do Vosso amor! Ah! Inflamai cada dia o meu peito com os raios de um tão grande amor, sarai as trevas do entendimento, iluminai os recônditos do coração, enriquecei a mente, inflamai-a e alegrai-a, fortalecei a alma! Oh! quão doce é a Vossa misericórdia, quão grande é a suavidade do Vosso amor, ó Senhor Jesus Cristo, que dais abundantemente o amor de cuja suavidade gozam aqueles que nada mais amam e nem sequer desejam pensar em nada fora de Vós! Antecipando-Vos, convidais-nos ao Vosso amor, arrebatais-nos e atraís-nos, tanta é a violência do Vosso amor. Não há nada que mais convide, arebate e atraia a amar do que antecipar-se-nos alguém no amor; porque o ânimo que antes estava entorpecido, quando se sente já amado, excita-se; e se já ardia, quando se sabe amado com um amor preveniente, muito mais se acende.

!?) «Ó amabilíssimo Senhor Jesus Cristo, se bem que me tivésseis amado indizivelmente, eu, ímpio pecador, encerrando no peito um coração de pedra e de ferro, não reconheci em mim o Vosso ardente amor. Embora desejasse o Vosso amor eu, porém, não quis amar-Vos. Dignai-Vos agora dar-me ajuda, ó piíssimo Senhor Jesus Cristo, e com a veemência do Vosso dulcíssimo amor,

obrigai a minha alma rebelde a amar-Vos para que Vos sirva pacificamente e obtenha a vida sempiterna do amor» (Ven. R. Giordano).

143. A ÁGUA VIVA

O Jesus, a minha alma tem sede de Vós, fonte de água viva. Que eu me aproxime de Vós e beba.

1 — Jesus afirmou, por várias vezes, que é uma fonte de água viva para todos aqueles que acreditam nEle, e convidou as almas a aproximarem-se da Sua nascente, porque — como disse à samaritana — «o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede» (Jo. 4, 13). Mas o convite mais solene a dessedentar-se na Sua fonte, foi feito por Jesus no último ano do Seu ministério, dirigindo-Se à multidão que enchia o templo por ocasião da festa dos Tabernáculos... De pé, no meio da multidão, dizia em alta voz: «Se alguém tem sede, venha a mim e beba. O que crê em mim... do seu seio correrão rios de água viva» (Jo. 7, 37 e 38). A sede de que fala Jesus é a sede da verdade e da justiça, a sede da paz e da felicidade verdadeiras; é sobretudo a sede de Deus, a necessidade, o desejo vivo e ardente dEle.

Quem procurou dessedentar-se nas torrentes das coisas da terra, experimentou que estas não bastam à sua sede, e se lhe deram algumas gotas de verdade, de justiça, de paz e de alegria, deixaram-no ainda mais sedento que antes, e então compreendeu que só Deus é a fonte que pode dessedentá-lo. Mas qual é a água de que Jesus Se declara a fonte e que promete a todos?

É a água vivificante da graça, única capaz de apagar a nossa sede de infinito, pois que, tornando-nos participantes da natureza divina, nos permite entrar em relações íntimas com Deus e viver com a Trindade que habita na nossa alma, numa palavra, nos abre as portas da intimidade divina.

«A graça do Espírito Santo — ensina S. João Crisóstomo — quando entrou numa alma e aí se estabeleceu, jorra com mais força que qualquer outra fonte; não cessa mais, não seca, não se esgota nunca. E o Salvador, para exprimir este dom inexaurível, esta energia infalível, chama-lhe fonte e torrente, e chama-lhe também água que jorra, para indicar a sua força e o seu ímpeto». A força da graça é tão grande que é capaz de lançar a alma em Deus, de a conduzir à intimidade e à união divinas, primeiramente aqui na terra, pela fé e pelo amor, e depois no céu, pela visão beatífica.

2 — A mortificação liberta a alma de todo o obstáculo que poderia retardar o desenvolvimento da graça e, por consequência, o amor e o ímpeto da própria alma para Deus; a oração, por sua vez, que consiste essencialmente num contacto íntimo com Deus, alimenta este amor e este ímpeto.

A mortificação prepara o terreno para o encontro amoroso com Deus, a oração realiza este encontro e, pondo a alma em contacto actual com Deus, fonte de água viva, dessedenta-a e restaura-a. Neste sentido, os santos, e particularmente os santos contemplativos, viram sempre na água viva, prometida por Jesus, não só a graça santificante, mas também as graças particulares de luz e de amor que são uma consequência

daquela e que a alma alcança sobretudo durante a oração, nos momentos de íntimo contacto com Deus. Trata-se de uma luz e de um amor que não são apenas fruto da actividade da alma, mas que o próprio Deus, mediante a actuação dos dons do Espírito Santo, infunde nela: por meio deles a alma adquire um «sentido» totalmente novo de Deus. Não se trata de ideias novas ou de conceitos novos, mas antes de um conhecimento experimental que deriva do amor e particularmente do amor que o próprio Deus desperta na alma; trata-se de um «sentido» profundo da Divindade, pelo qual a alma se dá conta, não por raciocínios ou demonstrações, mas por via de experiência, que Deus é muito diferente de todas as criaturas, é o único, é tão grande que merece verdadeiramente todo o afecto do seu coração. Este modo novo de conhecer a Deus, esta experiência nova de Deus e das coisas divinas, é na verdade uma água viva que dessedenta a alma. É a água viva da oração que, logo após a acção divina, se torna ainda mais profunda, mais íntima, mais contemplativa; é a água viva da contemplação. A contemplação é um dom de Deus. Ele, como diz S.ta Teresa de Jesus, «dá-a quando quer e como quer» (Vi. 34, 11). Oferece-a a todos, ao menos de uma certa forma, todavia só a concederá de facto àquelas almas que se aplicam com generosidade à mortificação e à oração.

Colóquio — «Ó verdade, luz da minha alma, não permitais que me falem as minhas trevas. Deixei-me cair nelas e achei-me na escuridão. Mas também ali, sim, também ali eu Vos amei. Errei e lembrei-me de Vós. Ouvi dentro de mim a Vossa voz que me convidava a voltar. Ouvi-a com dificuldade por causa do

barulho das paixões rebeldes. E eis que regresso sequioso e anelante à Vossa fonte. Que ninguém me detenha. Que eu beba e viva...

«Como o veado deseja a fonte das águas, assim a minha alma suspira por Vós, Senhor! A minha alma tem sede de Vós, ó Deus, fonte viva; quando irei e comparecerei na Vossa presença? Ó fonte viva, veia das águas dos vivos, quando irei às águas da Vossa doçura, desta terra deserta, impraticável e árida, para ver o Vosso poder e a Vossa glória e para que a minha sede se sacie nas águas da Vossa misericórdia? Tenho sede, Senhor, tenho sede de Vós, fonte viva...

«Ó fogo que sempre ardeis e que não Vos extinguis nunca, acendei-me! Ó luz que brilha sempre e que nunca Vos apagais, iluminai-me! Oh! se me fosse dado inflamar-me em Vós, ó fogo sagrado! Quão docemente ardeis, quão secretamente resplandeceis, de que maneira desejável abrasais! Ai daqueles que não ardem em Vós, que não são iluminados por Vós, ó Luz verdadeira que iluminais todo o homem, ó Luz que de Vós encheis o mundo!

«Eu Vos dou graças, ó meu Iluminador e Libertador, pois me destes luz e eu Vos conheci. Tarde Vos conheci, ó verdade antiga, tarde Vos conheci, ó verdade eterna! Vós estáveis na luz e eu estava nas trevas; não Vos conhecia porque não podia ser iluminado sem Vós, e não há luz sem Vós!» (S.to Agostinho).

144. DEUS CONVIDA A TODOS

Ó Senhor, corro ao Vosso convite, venho à Vossa fonte; dai-me de beber.

1 — Comentando o convite de Jesus: «Se alguém tem sede, venha a mim e beba» (*Jo. 7, 37*), S.ta Teresa de Avila diz: «Olhai que o Senhor convida a todos e pois qua Ele é a mesma verdade, não há que duvidar. Se não fora geral este convite não nos chamaria a todos... Mas como disse a todos, sem condição, não lhes faltará esta água viva» (*Cam. 19, 15*). Não é portanto fora de propósito que uma alma de vida interior aspire à contemplação; antes é lógico, pois que o Senhor oferece-a a todos e a contemplação é um grande meio para nos introduzir na intimidade divina, para nos fazer compreender e saborear a grandeza infinita de Deus, para nos enamorar dEle e nos tirar toda a sede das coisas terrenas. Se Jesus ofereceu a todos esta água viva, se esta água viva é assim tão preciosa, porque não hei-de desejá-la?

Porém a Santa ensina-nos a desejá-la sem pretensões, com humildade e com pleno abandono à vontade divina. Efectivamente, só Deus é o Senhor dos Seus dons sobrenaturais e a Ele compete distribuí-los às nossas almas na forma, na medida e no tempo que Ele entender. «O Senhor — diz a Santa — dá-os quando quer, como quer e a quem quer, e não faz agravo a ninguém» (*M. IV, 1, 2*). Não devemos, por conseguinte, ter qualquer pretensão a este respeito, como se pudéssemos exigir de Deus o favor da contemplação; isto seria expor-nos a ilusões e a desilusões. Por outro lado, seria um verdadeiro pecado de orgulho intrometer-se nas dis-

posições divinas. Quando uma alma é verdadeiramente generosa em dar-se a Deus, Ele, que nunca Se deixa vencer em generosidade, não lhe negará pelo menos algumas gotas daquela água viva que ofereceu a todos.

2 — «Deus não força ninguém — diz S.ta Teresa de Jesus — antes dá de beber de muitas maneiras aos que O querem seguir para que nenhum vá desconsolado nem morra de sede» (*Cam.* 20, 2). Isto faz-nos compreender que há muitas formas e muitos graus de contemplação. Para melhor no-lo fazer entender a Santa compara a contemplação a «uma fonte caudalosa donde saem vários arroios, uns pequenos, outros grandes e algumas vezes, poçazinhas...» (*ib.*). O Senhor convida a todos, e dará de beber a todos; mas não nos revela em que espécie de arroio cada um de nós será chamado a beber, não nos diz em que momento da nossa vida beberemos, e muito menos é obrigado a fazer-nos beber de preferência no arroio grande do que no pequeno. Houve santos que, como Teresa de Jesus, beberam em grande abundância, e houve outros que, como Teresa de Lisieux, só tiveram à sua disposição algumas pequenas poças; no entanto uns e outros atingiram igualmente a santidade. Como há muitos arroios que brotam da mesma fonte e, embora de tamanho diferente, contêm a mesma qualidade de água, assim há muitas formas de contemplação: algumas são suaves, outras áridas, umas chegam a uma grande clareza e inefável doçura enquanto outras são obscuras e até penosas, mas nem por isso menos úteis à alma. Ainda que haja mais e menos, trata-se essencialmente da mesma água vivificante que faz mergulhar a alma em Deus, que a faz penetrar o mistério divino, que a faz compreender o tudo de Deus

e o nada da criatura, que lhe abre o caminho da intimidade divina, que a conduz à santidade.

Sim, Deus dá «quando quer, como quer e a quem quer», e isto quanto à forma e à medida da contemplação, mas também quanto ao tempo em que há-de ser concedida; tudo depende unicamente de Deus. Todavia S.ta Teresa assegura-nos que Deus nunca recusa esta água viva a quem «a procura como deve»; portanto há uma parte nossa que consiste em nos dispormos de modo que Deus não nos considere indignos dos Seus dons. (1).

Colóquio — «Ó piedoso e amoroso Senhor da minha alma, Vós também dissestes: 'Vinde a mim todos os que tendes sede e eu vos darei de beber'.

«Oh! como as nossas almas têm grandíssima necessidade desta água! Sei, meu Senhor, que a Vossa bondade no-la dará. Vós mesmo o dissestes e as Vossas palavras não podem faltar. Conhecendo a nossa fraqueza providenciastes como quem sois. Mas não dissestes: 'venham uns por este caminho e outros por aquele'. Antes foi tão grande a Vossa misericórdia que não impediu a ninguém de vir beber a esta fonte de vida. Bendito sejais para sempre! Com quanta razão mo podíeis impedir a mim!... Mas já que não me mandastes que deixasse este caminho quando o comecei, nem permitistes que me lançassem nas profundezas, é bem

(1) Para maior desenvolvimento deste tema pode consultar-se a obra póstuma do P. Gabriel de S.ta M. Madalena: *La via dell'orazione*, Carmelo de S. José — Roma.

certo que não afastareis ninguém; antes chamais, em alta voz, a todas as almas.

23 «Ó Senhor, falando à samaritana dissestes que quem bebesse desta água não teria mais sede. Oh! como são verdadeiras estas palavras pronunciadas por Vós que sois a mesma Verdade! A alma que bebe desta água não terá mais sede das coisas desta vida mas cada vez arde mais no desejo das coisas da outra vida, e suspira por elas com tais ânsias que não se podem comparar com nenhuma sede natural. E com quanta sede deseja ter esta sede! É uma sede que traz consigo satisfação que mata aquela outra sede, porque enquanto destrói o affecto das coisas terrenas, sacia a alma com as celestiais. Meu Deus, uma das maiores mercês que podeis fazer a uma alma, quando quereis dessedentá-la, é de a deixar com a mesma necessidade. Cada vez que bebe desta água deseja com maior ardor voltar a beber dela...

24 «E esta água é tão poderosa para acender sempre mais o fogo do Vosso amor! Ó meu Deus! Como isto é maravilhoso! Um fogo que ao contacto com a água se acende mais; uma água que reaviva nas almas o fogo do amor!

25 «Ó Senhor, dai-me a beber desta água e não terei mais sede! Mas, Senhor meu, porque não me é dado engolfar-me nesta água viva a ponto de se me acabar a vida? Ó Vós que a prometeis, dai-nos a Vossa graça por quem sois para a buscarmos como se deve buscar!» (cfr. T.J. Ex. 9, 1; Cam. 20, 1 e 2; 19, 2-15).

145. A NOSSA PREPARAÇÃO

Ó Senhor, tornai-me generoso e fiel no Vosso serviço para que não ponha mais obstáculos à Vossa acção em mim.

1 — A fonte de água viva da qual brotam a experiência amorosa de Deus e a luz contemplativa, não é outra coisa senão a operação do Espírito Santo que age nas almas mediante a actuação dos dons. E como todos nós recebemos no baptismo os dons do Espírito Santo, que são disposições sobrenaturais que nos tornam capazes de acolher as moções divinas, é claro que se Deus no-los concedeu, não foi para os deixar inactivos, mas para os pôr em acto. Por isso a sua actuação não pode considerar-se um facto extraordinário, mas conatural, de tal modo que a experiência amorosa de Deus e a luz contemplativa que deles derivam não podem ser estranhas ao pleno desenvolvimento da graça. Por outras palavras, se uma alma se abre generosamente à acção da graça e se lhe corresponde com plena boa vontade, pode-se pensar com razão que o Senhor não lhe negará pelo menos alguma gota de água viva, ou seja, algum conhecimento contemplativo. S.ta Teresa afirma-o enèrgicamente e diz a este respeito: «Não tenhais medo de morrer de sede neste caminho; nunca falta a água da consolação» (*Cam.* 20, 2). Mas devemos compreender que o «caminho» de que fala a Santa, é o da doação total, da generosidade que não conhece limites, que nunca diz «isto é demais», da generosidade que se dá sem calcular e que persevera apesar das asperezas do caminho, da aridez interior e das dificuldades externas.

Se é justo que a alma que se sente chamada à

intimidade divina aprecie e deseje a contemplação, não é fora de propósito que procure preparar-se para a receber. Deus não concede esta graça a muitas almas porque não as encontra convenientemente dispostas. É necessário, pois, trabalhar, para não sermos privados dela por nossa culpa. E se tivermos feito tudo o que depende de nós para nos dispoormos o melhor possível, não devemos temer que o nosso esforço se perca. De um modo ou de outro, mais cedo ou mais tarde, o Senhor sempre nos dará de beber.

2 — Teresa de Jesus, falando da atmosfera espiritual em que habitualmente desabrocha a contemplação, propõe, acima de tudo, um intenso exercício das virtudes, particularmente do desapego total e da humildade profunda. É preciso notar que não se contenta com um exercício feito de qualquer forma, mas exige que seja plenamente generoso e, muitas vezes, até verdadeiramente heróico. O motivo é este: a contemplação é um dom gratuito de Deus, portanto exige generosidade da nossa parte; as almas pouco generosas jamais a conhecerão. É sempre o grande princípio inculcado pela Santa: «Deus não força ninguém; toma o que Lhe damos, mas não Se dá a Si de todo, até que de todo nos demos a Ele» (*Cam.* 28, 12).

Além desta atmosfera de generosidade, é ainda necessária uma diligente e constante aplicação ao recolhimento e à oração. Quanto mais a alma souber recolher-se em Deus, tornando cada vez mais íntima e profunda a sua oração e o seu contacto vital com Ele, tanto mais estará apta a receber as moções divinas. Eis, em síntese, qual deve ser a nossa preparação: por um lado, um intenso exercício de mortificação, de abnegação,

de desapego (1) — e esta é a prática das virtudes — e por outro, uma intensa aplicação à vida de oração.

Preparando-nos para a contemplação, não pretendemos fazer dela o fim da nossa vida sobrenatural. O fim é sempre o amor, já que a santidade consiste essencialmente na perfeição da caridade. Contudo, a contemplação é um meio muito poderoso para nos fazer chegar em breve à plenitude do amor e é por isso que nós a desejamos. A nossa vida é um caminhar para Deus, um contínuo tender, um contínuo orientar das nossas energias para Ele. Feliz a alma que é fortemente atraída para o Senhor! O seu passo torna-se mais ágil e rápido. É precisamente esta a grande ajuda que nos vem da contemplação. E assim compreendemos que nos devemos preparar para ela, não para gozar as suas doçuras, mas para entrar em cheio no caminho da intimidade divina, no caminho do amor perfeito, pois que nada é capaz de nos orientar totalmente para Deus e para a Sua glória como aquela experiência amorosa e aquela luz contemplativa que constituem a essência da contemplação.

Colóquio — «Meu Deus, se quereis entrar numa alma para Vos regalardes e a cumulardes de bens, não tendes outro caminho senão este: que a alma esteja só, pura e com grande vontade de Vos receber. Se Vos pomos muitos tropeços e não fazemos nada para os tirar, como haveis de vir a nós? Como queremos que nos façais grandes mercês?

(1) Este assunto foi desenvolvido amplamente na primeira parte da Obra; aqui refere-se sobretudo à oração.

«Que pretensões as nossas! Ainda estamos em mil embaraços e imperfeições, as virtudes ainda não sabem andar, porque ainda há pouco começaram a nascer — e praza a Vós, meu Deus, que estejam ao menos começadas! — e não temos vergonha de querer gostos na oração e de nos queixarmos de aridez!

«Ó Senhor, Vós sabeis melhor do que eu o que me convém; não sou eu que Vos hei-de aconselhar o que me haveis de dar, pois podeis dizer-me, com razão, que não sei o que peço. Toda a minha pretensão, ao começar a ter oração e ao preparar-me para receber os Vossos dons, há de ser trabalhar, determinar-me e dispor-me com quanta diligência puder, a conformar a minha vontade com a Vossa, meu Deus. Vós fazeis-me compreender que nisto consiste a maior perfeição que se pode alcançar. Quanto mais perfeita for esta conformidade, mais receberei de Vós e mais adiantada estarei neste caminho» (T.J. Vi. 8, 9; M. II, 7 e 8). Ajudai-me, Senhor, a formular generosos propósitos a fim de que saiba dar-me a Vós sem reserva alguma, sem divisão alguma. É isto o que esperais de mim; depois vireis Vós completar a Vossa obra.

Ω «Sou Vossa, meu Deus! Fazei de mim o que quiserdes e levai-me por onde Vos aprouber. Se, com o Vosso auxílio, for verdadeiramente humilde e desprendida de tudo, não deixareis de me conceder a graça da oração e muitas outras ainda superiores a todos os meus desejos» (T.J. M. IV, 2, 10).

146. A ORAÇÃO

Aproximo-me de Vos, Senhor, para Vos pedir o verdadeiro espírito de oração.

1 — A oração consiste essencialmente num contacto íntimo com Deus, em que a alma procura a Sua presença para se entreter amigável e afectuosamente com Ele. É o filho que deseja entreter-se com o seu Pai, é o amigo que deseja entreter-se com o Amigo. A oração, em si mesma, é uma coisa totalmente íntima e interior: «Para mim — dizia S.ta Teresa do Menino Jesus — a oração é um movimento do coração, é um simples olhar para o céu, é um grito de reconhecimento e de amor tanto no meio da prova como no meio da alegria» (M.C. pg. 294). É neste sentido que devemos entender a tradicional definição de oração «*elevatio mentis ad Deum*», elevação do espírito para Deus; e não só do espírito, mas também, e sobretudo, do coração. Elevação que pode consistir num silencioso movimento do espírito, ou também se pode exprimir num grito, numa súplica, num colóquio, verificando-se então os outros aspectos da oração: «*pia locutio ad Deum*, «*petitio decentium a Deo*», ou seja, uma conversa piedosa com Deus, um confiante pedido das Suas graças.

Qualquer que seja a forma que tome, a verdadeira oração não tem nada de complicado e de constrangido: é a respiração da alma que ama o seu Deus, é a atitude habitual do coração que tende para Deus, que O procura, que quer viver com Ele, que sabe que todo o bem e toda a ajuda lhe vêm dEle. E assim, espontaneamente, sem mesmo reflectir nisso, a alma passa da simples elevação a Deus, à oração de súplica ou ao colóquio íntimo, para depois voltar ao ímpeto do coração,

a um olhar para o céu. Entendida desta maneira, a oração é sempre possível em qualquer circunstância e no meio de qualquer ocupação; ainda mais, para uma alma que ama verdadeiramente o Senhor, seria impossível interrompê-la, como seria impossível deixar de respirar. Deste modo compreende-se como todos, mesmo até os que vivem entre os afazeres do mundo, podem cumprir a palavra do Evangelho: «Importa orar sempre» (Lc. 18, 1). A única condição necessária é um coração que ame, e quanto mais este amor for forte e vigoroso, tanto mais a oração será profunda e contínua.

2 — Embora a oração seja uma coisa tão simples, nem sempre é fácil rezar e rezar bem. É uma arte que se aprende, estudando as várias formas e os vários métodos de oração, mas sobretudo aplicando-se com diligência à própria oração. A essência da oração é sempre o movimento interior, a elevação do coração e do espírito para Deus, no entanto as formas são variadas. Há a oração vocal e a mental, a oração discursiva e a afectiva, a oração privada e a litúrgica. Servir-nos-emos de uma ou de outra conforme o que é requerido pelos nossos deveres — todos os cristãos, por exemplo, são obrigados a certas orações vocais e litúrgicas, como a recitação das orações da manhã e da noite, a assistência à Santa Missa nos Domingos e nos dias de festa de preceito, etc. — e depois destas podemos escolher livremente segundo o atractivo do momento, as circunstâncias particulares ou as necessidades em que nos encontramos. Todas as formas são boas e podem servir para alimentar o nosso amor a Deus, porque nos põem realmente em contacto com Ele. É este o ponto que devemos sempre vigiar,

porque nele está a substância da oração; se esta substância viesse a faltar, a forma não serviria para nada e o Senhor poderia dizer de nós: «Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim» (Mt. 15, 8).

Todavia, uma alma que aspira à intimidade divina, orientar-se-á espontaneamente para uma forma de oração toda interior, que facilita o contacto íntimo com Deus, a união silenciosa e profunda. Assim, todas as suas formas de oração assumirão esta particular característica de interioridade. E então, através da oração vocal e litúrgica e da oração mental, a alma encaminha-se e dispõe-se para um contacto cada vez mais íntimo com Deus, até que o próprio Deus, por meio da experiência amorosa e da luz contemplativa, a introduza numa oração mais profunda capaz de a mergulhar nEle.

Colóquio — «Fazei, ó bom Jesus, que a minha alma voe a toda a hora para Vós, e que a minha vida inteira não seja senão um contínuo acto de amor. Fazei-me compreender que qualquer obra que não Vos honra, é obra morta. Fazei que a minha piedade não seja já um hábito rotineiro, mas um contínuo ímpeto do coração.

«Bondade suprema, ó meu Jesus, peço-Vos um coração enamorado de Vós que nenhum espectáculo possa distrair. Fazei que, indiferente a tudo o que acontece no mundo e desejoso só de Vós, eu ame quanto Vos diz respeito, mas sobretudo Vos ame a Vós, meu Deus. E o meu espírito, Senhor, oh! o meu espírito! Fazei que, fervoroso em procurar-Vos, saiba encontrar-Vos, suma Sabedoria» (S. Tomás).

Ó Senhor, dai-me um coração que Vos ame; dai-me um coração que Vos procure sem cessar, um coração que só anseie por Vós e nada mais deseje senão unir-se intimamente a Vós.

«Ó Senhor, que a minha alma suspire e se apaixone por Vós, Deus vivo, que o meu coração e os meus sentidos gritem, desejosos de Vós. Como o pássaro encontra um abrigo e a andorinha o seu ninho, assim eu quero habitar perto dos Vossos altares, ó Senhor dos exércitos, meu Rei e meu Deus. Felizes aqueles que habitam na Vossa casa! podem cantar continuamente os Vossos louvores» (cfr. Sal. 83, 1-5). Também eu, desde manhã até à noite, quero entoar no templo do meu coração, hinos de louvor e de amor, a Vós, Deus altíssimo, que Vos dignais habitar em mim. Se a língua se cala ou está empregada em outras conversas, se o corpo e o espírito estão ocupados no trabalho, o coração está sempre livre para Vos amar e para tender para Vós a cada momento e em cada acção. Peço-Vos, portanto, Senhor, esta grande graça: que no íntimo do meu espírito eu Vos vá sempre procurando e unindo a Vós o afecto do meu coração.

147. FRUTOS PASCAIS

DOMINGO IN ALBIS

Ó Jesus, aproxima-me de Vós, como Tomé. Fazei que eu não seja incrédulo, mas fiel.

1 — A liturgia de hoje dirige-se de modo particular aos neo-baptizados que uma semana depois da Páscoa depunham as vestes brancas recebidas na fonte sa-

grada. A eles é dirigida a afectuosa recomendação de S. Pedro que lemos no Intróito da Missa: «Como crianças recém-nascidas desejai o leite puro, espiritual». Ouvimos nestas palavras o eco da solicitude maternal da Igreja para com os seus filhos que ela regenerou em Cristo, e sobretudo para com os que acabam de nascer. Mas esta solicitude é também para nós, pois que, embora tenhamos sido baptizados logo após o nascimento, pode bem dizer-se que cada ano, pela Páscoa, ressurgindo em Cristo, renascemos nEle para uma vida nova. Devemos, por isso, também nós ser semelhantes a «crianças recém-nascidas» nas quais não há malícia, nem fraude, nem orgulho, nem presunção, mas tudo é candura e simplicidade, confiança e amor. É um belo convite àquela infância espiritual que Jesus nos propõe como condição indispensável para alcançar a salvação: «se vos não converterdes e vos não tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus» (Mt. 18, 3). Cada onda de graça ao purificar e sarar a nossa alma do pecado e das suas raízes, faz-nos renascer para uma vida nova em Cristo, vida inocente e pura, que suspira somente pelo «leite puro, espiritual», da doutrina de Cristo, do Seu amor e das Suas graças. Mas hoje a Igreja quer orientar de modo particular os nossos desejos para a fé: a fé que nos faz aderir a Jesus para sermos por Ele instruídos, alimentados e guiados para a vida eterna. Aqui também vem a propósito a palavra do Mestre que meditámos na semana passada: «O que crê em mim, do seu seio correrão rios de água viva... que jorra para a vida eterna» (Jo. 7, 38; 4, 14). Aproximemo-nos de Jesus com a fé simples e sincera das crianças e Ele nos dará a abundância da Sua graça, penhor da vida eterna.

2 — O Evangelho deste dia (Jo. 20, 19-31), tem uma virtude muito particular para nos confirmar na fé.

A dúvida de S. Tomé confirma-nos na fé porque, como diz S. Gregório, «foi mais útil para nós a sua incredulidade do que a fé dos outros apóstolos». Se ele não tivesse duvidado, nenhum homem teria metido o dedo «nas chagas dos cravos e a mão no lado» do Senhor. Jesus teve piedade da pouca fé do Apóstolo e também da nossa; e deixou-Se não somente ver como já tinha feito aos outros, mas também tocar, permitindo a Tomé, o incrédulo, o que não tinha consentido a Maria Madalena, a fidelíssima. Disto deduzimos a conduta de Deus: não nega consolações sensíveis e sinais mais ou menos palpáveis da Sua presença a almas ainda titubeantes na fé, mas conduz muitas vezes por caminhos completamente obscuros aqueles que se deram a Ele de modo irrevogável e com cuja fé sabe que pode contar. Deus é Pai, a cada alma que O procura com sinceridade não nega quanto é necessário para sustentar a sua fé, mas recusa muitas vezes aos mais fortes o que concede aos mais fracos. É esta a lição que Cristo nos dá: «bem-aventurados os que não viram e creram». Felizes aqueles que, para acreditarem em Deus, não precisam de ver ou de tocar, não têm necessidade de sinais sensíveis, mas podem afirmar sem reticências: «*Scio cui credidi*» (II Tim. 1, 12), sei em quem pus a minha confiança e estou seguro dEle. Uma fé assim é mais meritória para nós porque, fundando-se só na palavra de Deus, é totalmente sobrenatural. É mais honrosa para Deus, porque Lhe dá pleno crédito, sem exigir nenhuma prova, mas persevera também no meio da obscuridade e dos factos mais desconcertantes, quando parece que o céu está fechado e o Senhor está surdo aos nossos gemidos.

Uma fé tão forte é certamente fruto da graça de Deus, mas devemos preparar-nos para a receber, quer pedindo-a com a oração, quer exercitando-nos na própria fé.

Colóquio — Ó meu Deus, dai-me um coração puro e simples, sem malícia, sem fingimento. «Ó Senhor, concedei-me verdadeira pureza e simplicidade: nos olhos, nas palavras, no coração, nas intenções, nas obras e em todo o interior e exterior. Mas quereria saber, Senhor meu, o que impede em mim estas virtudes. Dir-to-ei a ti, minha alma, porque não posso fazê-lo compreender aos outros. Sabes que coisa o impede? O mínimo olhar que não seja segundo Deus, todas as palavras que não sejam proferidas ou para louvar a Deus ou para conforto do próximo. E sabes como expulsas do coração estas virtudes? Expulsa-las todas as vezes que não tens a pura intenção de honrar a Deus e de ajudar o teu próximo; expulsa-las também quando queres andar encapotando, cobrindo e desculpendo as tuas culpas, não pensando que Deus vê tudo e vê o teu coração. Ó Senhor, dai-me verdadeira pureza e simplicidade, porque não podeis encontrar o Vosso repouso na alma que delas está privada» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

Ó Senhor, purificai o meu coração e os meus lábios com o fogo da Vossa caridade, a fim de que Vos ame e Vos procure com a pureza e a simplicidade de uma criança. Mas dai-me também a fé simples das crianças, fé sem sombras, sem hesitações, sem raciocínios inúteis; fé recta e pura que se contenta com a Vossa palavra, com o Vosso testemunho e nele descansa sem querer outra coisa.

«Ó Senhor, que me importa sentir ou não sentir, estar nas trevas ou na luz, gozar ou sofrer, quando posso recolher-me na luz criada em mim pela fé? Devo antes sentir uma espécie de vergonha ao fazer distinção entre estas coisas; e quando me sinto ainda abalada por elas, devo desprezar-me profundamente pelo meu pouco amor e olhar imediatamente para Vós, Mestre divino, para que Vós me liberteis. Vós ensinai-me que devo exaltar-Vos acima das doçuras e das consolações que vêm de Vós, e devo estar resolvida a ultrapassar tudo para me unir a Vós» (cfr. I.T. II, 4).

148. A ORAÇÃO VOCAL

Senhor, ensinai-me a orar!

1 — Quando os Apóstolos pediram a Jesus: «Senhor, ensina-nos a orar» (Lc. 11, 1), Ele ensinou-lhes simplesmente uma oração vocal: o *Pater noster*. Trata-se, sem dúvida, da fórmula mais sublime que existe e que encerra toda a essência da mais elevada oração mental. Todavia Jesus propô-la como fórmula de oração vocal: «Quando orardes, dizei» (ib. 2). Isto é suficiente para entender o valor e a importância da oração vocal, oração acessível a todos, mesmo às crianças, aos ignorantes, aos doentes, aos fatigados... Por isso é necessário compreender bem que a oração não consiste só na repetição material de uma fórmula; se fosse assim, haveria uma recitação, mas não uma oração, pois que a oração exige sempre um movimento, uma elevação da alma para Deus. Foi neste sentido que Jesus intruiu os Seus discípulos: «Quando orares, entra no teu quarto

e fechada a porta, em segredo ora a teu Pai... Nas vossas orações não queirais usar muitas palavras como os pagãos» (Mt. 6, 6-7). É interessante ver como em S. Mateus estas prescrições, que dizem respeito às disposições externas e internas para uma oração bem feita, precedem precisamente o ensino do *Pater noster*.

Portanto, para que a oração seja realmente oração, é necessário antes de tudo recolher-se na presença de Deus, aproximar-se dEle, tomar contacto com Ele; só com estas disposições as palavras pronunciadas com os lábios serão a expressão da devoção interior e poderão sustentá-la e alimentá-la. Infelizmente, como somos levados a atender mais ao lado material que ao espiritual das coisas, é muito fácil que na oração vocal nos contentemos com uma recitação mecânica, sem nos preocuparmos com dirigir o coração para Deus. Devemos por isso vigiar e reagir sempre. Uma oração vocal feita só com os lábios, dissipa e cansa em vez de recolher a alma em Deus e não se pode verdadeiramente dizer que seja um meio para nos unir mais a Ele.

2 — S.ta Teresa de Jesus, desejosa de educar e de dispor as almas para o trato íntimo com Deus, orienta para este fim a oração vocal e diz a propósito: «recomendo-vos que unais sempre a oração mental à vocal» (Cam. 22, 3). E explica assim o seu pensamento: «Se, falando, estou perfeitamente a entender e a ver que falo com Deus, pondo nisto mais advertência do que nas palavras que digo, juntas estão a oração mental e a vocal» (ib.). A Santa não quer de maneira nenhuma descurar a exactidão da recitação — o que tem muita importância, particularmente na oração litúrgica, como no Ofício divino — mas quer dizer que o ponto funda-

mental está sempre em atender a Deus. Sobretudo quando se trata de orações vocais demasiado longas, é quase impossível atender ao sentido de todas as palavras que se pronunciam, mas não é impossível recitá-las mantendo-se na presença de Deus. Segundo as disposições do momento, poderá alimentar-se o desejo de O louvar ou de se unir a Ele, de suplicar de um modo geral o Seu auxílio ou de Lhe pedir uma graça particular. Poderá ainda bastar um pensamento genérico sobre o significado das fórmulas que se recitam, ou ainda um simples olhar para Deus a quem dirigimos a nossa oração. Em resumo, trata-se não só de recitar, mas de estar com Deus. Por isso a Santa insiste: «É bom que estejais olhando com quem falais e quem sois, ao menos para falar com cortezia» (ib.); e isto, conclui, é já fazer oração mental. Não se trata de uma oração mental intensa como aquela que se faz no tempo que lhe é exclusivamente reservado, sem preocupação alguma de recitação vocal; todavia, é já oração mental porque o espírito e o coração estão orientados para Deus e, mesmo durante a recitação, procuram o contacto íntimo com Ele.

Praticada assim, a oração vocal tem um grande valor; primeiro, porque é feita do modo mais conveniente e respeitoso para com a majestade de Deus, e depois porque habitua gradualmente a alma à oração mental, ao trato íntimo com Ele.

Colóquio — «Nunca permitais, Senhor, que se tenha por bom que quem for falar conVosco o faça só com a boca. Como se pode suportar isto?

«Não há razão para que, por serdes Vós tão bom, seja eu descomedida, falando conVosco com menos consi-

deração e respeito do que se falasse com um homem qualquer. Ao menos para Vos agradecer a bondade que usais comigo, suportando na Vossa presença um ser tão repugnante como eu, é bom que procure conhecer quem é Vossa Majestade.

«Ó Imperador meu, sumo Poder, suma Bondade, a mesma Sabedoria, sem princípio e sem fim! Vós, cujas obras não têm termo: são infinitas sem se poderem compreender, um pélago sem fundo de maravilhas, uma formosura que contém em si todas as formosuras, Vós sois a mesma Fortaleza! Oh! valha-me Deus! Quem tivera aqui juntas toda a eloquência e sabedoria dos mortais para saber bem, como aqui se pode saber, — que tudo é não saber nada — para dar a entender alguma das muitas coisas que podemos considerar para conhecer algo do que sois, meu Senhor e meu Bem?

«Sim, devemos aproximar-nos de Vós pensando e entendendo (ao chegar junto de Vós) com quem vamos falar ou com quem estamos falando. Em mil vidas como as nossas não acabaríamos de entender como Vós merecis ser tratado, meu Deus, diante de quem tremem os Anjos... Se temos de falar a um príncipe não o devemos fazer com descortezia... Mas, meu Esposo, há-de fazer-se menos caso de Vós que dos filhos dos homens? Não sei compreender como a oração seja bem feita quando apartamos o pensamento de Vós, não entendendo com quem falamos. Porventura não é obrigação, quando se reza, rezar com advertência?» (T.J. *Cam.* 22, 1-8; 24, 6).

149. A LEITURA MEDITADA

Ó Senhor, ensinaí-me a procurar-Vos, mesmo quando tenho o coração árido e o espírito distraído.

I — A oração vocal bem feita é o modo mais simples de nos entretermos com Deus. Mas, ao progredir na vida espiritual, é lógico que a alma sinta necessidade duma oração interior, mais íntima, orientando-se assim, espontâneamente, para a oração mental. Se se apodera dela o atractivo divino, infundindo-lhe uma certa devoção sensível, a alma não tem dificuldade nenhuma em se recolher em Deus e este exercício torna-se-lhe fácil e suave. Mas sucede-lhe exactamente o contrário se a alma é abandonada a si mesma e isto com tanta maior intensidade quanto a excessiva mobilidade da sua fantasia a torna quase incapaz de fixar o pensamento num assunto determinado. S.ta Teresa nota que não são poucos aqueles que sofrem destas contínuas divagações, que «vão para aqui e para ali sempre com desassossego: é a sua mesma natureza ou Deus que o permite» (*Cam.* 19, 2).

Todos os que se encontram em semelhantes condições, são facilmente tentados a abandonar a oração mental, pois se lhes tornou tão pesada que mantê-la é empresa quase impossível. A Santa, porém, é de outro parecer e ensina com insistência que também estas almas podem aplicar-se a ela com fruto, se bem que devam fazê-lo de um modo um pouco particular que consiste em servir-se da leitura. «O livro — diz ela — ajuda muito a recolherem-se, é-lhes necessário; portanto, leiam, embora seja pouco» (*Vi.* 4, 8).

Não se trata certamente de passar o tempo da ora-

ção mental em contínua leitura, mas de se servir de um livro devoto do qual se tira, de tempos a tempos, um bom pensamento que sirva para se recolher em Deus, para se pôr em contacto com Ele. S.ta Teresa do Menino Jesus, que sofria habitualmente de aridez, serviu-se muito deste método. «Nesta impotência — diz ela — a *Sagrada Escritura* e a *Imitação* acodem em meu auxílio; nelas encontro alimento sólido e absolutamente puro. Acima de tudo é o Evangelho que me ocupa durante as minhas orações, nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre alminha. Ali encontro constantemente novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos!» (M.A. pg. 213).

2 — S.ta Teresa de Jesus — que antes de ser elevada aos altos estados de contemplação, conheceu durante muito tempo a aridez e o tormento dos pensamentos importunos durante a oração — confessa: «Estive mais de cartoze anos que não podia ter sequer meditação sem me servir do livro... Com este começava a recolher os pensamentos perdidos e mergulhava na oração com prazer... Muitas vezes, em abrindo o livro, não era preciso mais. Umaz vezes lia pouco, outras muito, conforme a mercê que o Senhor me fazia» (Cam. 17, 3; Vi. 4, 9).

Acima de tudo é importante escolher um livro próprio para despertar a devoção, como são de modo geral os escritos dos Santos. Habitualmente será preferível um livro já lido, cuja eficácia experimentámos e no qual talvez tenhamos assinalado as passagens que mais nos impressionaram, pois com um livro novo encontrarmos-nos um pouco desorientados e até expostos à tentação de ler por curiosidade. Também é necessário

evitar a escolha de autores demasiado especulativos e recorrer antes aos mais práticos, mais afectivos, pois não se trata de instruir-se ou de estudar, mas de *fazer oração*, a qual consiste muito mais no exercício do amor do que no trabalho do espírito. Ler-se-á só aquilo que for suficiente para pôr a alma em estado de se entreter com Deus. Portanto, logo que o que tivermos lido — e pode ter sido só uma frase — suscite em nós bons pensamentos e santos affectos capazes de ocupar devotamente o nosso espírito, é preciso suspender a leitura e voltarmo-nos directamente para o Senhor para meditar na Sua presença os pensamentos lidos, para saborear em silêncio a devoção que nos despertou no coração, ou para Lhe dirigir os affectos que a leitura nos inspirou. Mais ou menos como fazem os pássaros quando bebem: inclinam a cabeça para a água, sorvem uma gota, e depois, levantando o bico para o céu, engolem-na pouco a pouco; depois recomeçam. Assim também nós: inclinamos a cabeça para o livro devoto para recolher alguma gota de devoção, e depois levantamo-la para Deus, deixando que o nosso espírito fique todo impregnado por ela. Desta maneira não será difficil que a oração, iniciada com a leitura, termine num colóquio íntimo com Deus.

Colóquio — Ó Senhor, ensinaí-me a procurar-Vos! Não Vos escondais dos meus olhos porque eu tenho necessidade de Vos encontrar, de falar conVosco, de me aproximar de Vós, Amor infinito, para ser inflamado e atraído por Vós.

«Portanto eu, cinza e pó, hei-de falar-Vos, meu Senhor? Sim, deste vale de lágrimas, deste lugar de exílio, atrevo-me a levantar os olhos e a fixá-los em Vós, Bor-

dade suprema! E como os servos e as servas fiéis esperam atentamente o mais leve sinal dos seus senhores, assim eu tenho os olhos fixos nas Vossas mãos, Senhor, suplicando-Vos que useis de misericórdia para comigo.

«Ó bom Deus, tende misericórdia de mim que sou obra das Vossas mãos. Visto que só por mim sou incapaz de formular um bom pensamento, que tudo o que tenho me vem de Vós e que nem sequer posso invocar dignamente o Vosso nome sem o auxílio do Espírito Santo, peço-Vos que seja do Vosso agrado enviar-me o Vosso Espírito a fim de que lá do alto dos céus brilhem sobre mim os raios da Vossa luz. Vinde, Espírito dulcíssimo; vinde, Pai dos pobres; vinde, Dispensador das graças; vinde, Luz dos corações; vinde, Consolador incomparável, doce Hóspede e Refrigério das nossas almas. Vós sois repouso na fadiga, orvalho no estio, consolação no pranto. Ó luz beatíssima, enchei todos os recônditos do meu coração» (cfr. S. Pedro de Alcântara).

Ó Senhor, iluminai o meu entendimento, porque sem a Vossa luz, sem o Vosso Espírito, até os livros mais devotos me deixarão frio e árido e serão incapazes de me falar de Vós. Quando, porém, Vós vindes em meu auxílio e me concedeis a Vossa graça interior, então tudo se ilumina com uma luz nova e até as palavras mais simples servem para alimentar a minha alma. Concedei-me, pois, ó Senhor, esta graça, sem a qual nenhuma leitura, por mais sublime que seja, pode inspirar-me devoção, nenhum raciocínio, por mais elevado que seja, pode mover o meu coração a amar-Vos e a minha vontade a praticar o bem.

150. A MEDITAÇÃO

Infundi em mim, ó Senhor, um vivo espirito de piedade, a fim de aprender a tratar conVosco com affecto filial.

1 — A doutrina de S. João da Cruz e de S.ta Teresa de Jesus oferece-nos um método de meditação particularmente apto para conduzir as almas à intimidade com Deus e para as preparar para a contemplação.

S. João da Cruz indica-nos a nota distintiva desse método: «O fim — diz ele — da meditação e discurso nas coisas de Deus, é auferir algum conhecimento e amor de Deus» (S. II. 14, 2). Vemos imediatamente que o acento não é posto sobre o trabalho da inteligência, sobre o «conhecimento especulativo» de Deus e das verdades da fé, mas sobre o «conhecimento amoroso», o qual se apoia no pensamento, porém num pensamento affectuoso, penetrado de amor, que brota de um coração amante. Quem ama uma pessoa consegue conhecê-la e compreendê-la muito melhor e com mais facilidade do que quem a estuda, talvez mais minuciosamente, mas sem amor.

S.ta Teresa de Jesus fala de modo semelhante e afirma que a oração consiste «não em pensar muito, mas em amar muito» (M. IV, 1, 7). O pensamento é sempre subordinado ao amor; evidentemente, na meditação pensa-se, não para termos mais conhecimentos, mas sim para nos pormos em estado de amar mais o Senhor. Por isso o trabalho da mente deverá servir sobretudo para nos darmos conta do amor de Deus por nós, reflectindo sobre as suas várias manifestações. Pode bem dizer-se que não há mistério divino ou verdade de fé que, de um modo ou de outro, não nos fale da excessiva caridade do

Senhor. Quanto mais estivermos convencidos deste amor, mais adquiriremos um «conhecimento amoroso» de Deus, ao mesmo tempo que nos sentiremos cada vez mais impedidos a amar Aquele que tanto e primeiro nos amou. Assim a meditação, ou seja, o discurso da inteligência, introduzir-nos-á espontâneamente no exercício do amor. Por conseguinte, na nossa oração, não daremos o lugar principal às reflexões e aos raciocínios, por mais sublimes e elevados que possam ser, mas servir-nos-emos destes enquanto forem necessários para despertar em nós o amor, para nos porem e manterem em exercício actual de amor.

2 — Se na meditação não devemos dar ao pensamento o lugar principal, também não devemos cair no excesso oposto, isto é, em descurar o esforço e a aplicação necessária. Eis a conduta que se deverá ter: antes mesmo de ler o ponto da meditação, a alma terá o máximo cuidado de se pôr bem na presença de Deus, procurando, com um acto decisivo da vontade, afastar todo o pensamento estranho, toda a preocupação, toda a pressa.

Como a oração mental consiste num trato íntimo com o Senhor, é claro que não se poderá tratar intimamente com Ele, se Ele estiver longe da nossa mente e do nosso coração. É verdade que Deus nos está sempre presente, mas nós nem sempre Lhe estamos presentes a Ele. É portanto necessário estabelecer contacto com o Senhor, pôr-se perto dEle, e isto faz-se precisamente quando tomamos consciência da Sua presença. Cada um fará este exercício do modo que julgar ser mais fácil: ou considerando a Santíssima Trindade presente no seu coração, ou Jesus presente nos sacrários

das nossas igrejas, ou representando-se interiormente um episódio particular da vida ou da Paixão do Salvador... E assim, na presença de Deus, sob o Seu olhar, começará pausadamente a leitura do ponto de meditação e aplicar-se-á a reflectir com calma e suavidade, não como se raciocinasse consigo mesmo, mas muito mais como se conversasse com o Senhor, em cuja presença se encontra. Quanto mais a alma se habituar a reflectir assim, como se tratasse e desenvolvesse com Deus o tema da sua meditação, tanto mais esta atingirá o seu fim, que não é outro senão ajudá-la a entreter-se com o Senhor, a conversar afectuosamente com Ele, como o filho conversa com o pai, como o amigo se entretém com o amigo. Em tudo isto é certamente necessário aplicação e esforço, mas estes devem ser mais orientados a manterem a alma em vivo contacto com Deus, do que a fixá-la num raciocínio abstracto e cerrado. Os pensamentos obtidos na meditação — a cujo texto a alma pode voltar sempre que sentir necessidade — servir-lhe-ão para alimentar esse contacto e para lhe dar um assunto de conversa com o Senhor. Resumindo, o trabalho da inteligência não deve fazer-nos esquecer que a essência da oração consiste num trato íntimo com Deus, trato em que, mais do que pensar, é preciso amar.

Colóquio — «Ensinai-me, Senhor, a meditar. Ensinai-me a fazer oração, já que eu não sei fazer nem uma coisa nem outra como convém e só de Vós o posso aprender. Dai-me ouvidos para Vos escutar na leitura e na meditação, dai-me língua para Vos falar na oração. Infundi em mim o Vosso divino Espírito para que me ensine sobre o que devo reflectir, o que devo dizer e pedir e de que modo o devo pedir para o obter.» Que

o Espírito Santo me ensine a gemer na Vossa presença, que forme em mim aqueles santos gemidos que Vós sempre ouvis e nunca rejeitais. Inspirai-me, Senhor, um grande amor pela Vossa verdade e doutrina, para que estudando-as, eu as entenda e saboreie. Abri-me a inteligência, abri-me o coração e tornai-me fiel para acreditar naquilo que me ensinais e para praticar aquilo que me mandais» (autor antigo).

Mas sobretudo, Senhor, fazei que a meditação dos Vossos mistérios sirva para me inflamar no Vosso santo amor, para me tornar mais capaz de Vos amar, mais disposto a entregar-me com generosidade ao Vosso serviço. Ensinai-me a meditar não só com a mente, mas sobretudo com o coração. Ensinai-me a meditar com ânimo devoto e amante e então a meditação acrescentará novas centelhas de amor ao amor do meu coração e — como espero pela Vossa graça — nascerá em mim uma chama cada vez mais forte e ardente, cada vez mais capaz de purificar a minha alma e de me lançar amorosamente no cumprimento da Vossa vontade. Como seria feliz, Senhor, se pelo sopro potente do Espírito Santo, esta chama se ateasse num incêndio de amor divino! A minha frieza, a minha mesquinhez, o meu egoísmo, tornaram-me indigno e incapaz, mas Vós, que sabeis suscitar até das pedras, filhos de Abraão, quebrai o meu coração tão duro e frio e despertai nele a chama viva do Vosso amor.

«Ó Deus eterno, Vós sois a bondade eterna e infinita, e ninguém Vos pode compreender nem conhecer plenamente se Vós não Vos dais a conhecer. E dais-Vos tanto a conhecer quanto o vaso da nossa alma estiver disposto a receber. Ó dulcíssimo amor, nunca Vos amei em todo o tempo da minha vida... Mas a minha alma

sempre Vos deseja e quanto mais Vos possui, mais Vos procura, e quanto mais Vos deseja, tanto mais Vos encontra e saboreia, ó sumo e eterno Fogo, Abismo de caridade» (S.ta Catarina de Sena).

151. O TRATO ÍNTIMO COM DEUS

Ó Senhor, não recuseis admitir-me à Vossa intimidade, ainda que eu seja muito indigno.

I — A meditação, como também a leitura meditada, é um meio para chegar ao centro da oração que, segundo S.ta Teresa de Jesus, consiste num «trato de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com quem sabemos que nos ama» (Vi. 8, 5). Pouco importa chegar lá através da meditação ou da leitura, ou ainda por meio da recitação lenta e devota de uma oração vocal: todos os caminhos são bons e o melhor para cada um será aquele que o conduzir mais rapidamente ao fim, isto é, ao trato íntimo com Deus. Chegada assim ao centro da oração, a alma deve aprender a perseverar aí, ou seja, a entreter-se «num trato íntimo de amizade com o Senhor». Também aqui o modo variará conforme o atractivo e as disposições pessoais que muitas vezes podem mudar, segundo os dias e as circunstâncias. Por vezes, logo que a alma penetrou suficientemente na consideração do amor de Deus por ela, sente-se levada a exprimir-Lhe a sua gratidão, o seu desejo de Lhe corresponder e inicia espontâneamente uma conversação íntima com o Senhor. Declara-Lhe todo o seu reconhecimento, promete-Lhe ser mais generosa em dar-se a Ele, pede perdão de o não ter sido no passado; passa depois a propósitos práticos e pede-Lhe ajuda para poder man-

tê-los firmemente. Trata-se naturalmente de um colóquio íntimo inteiramente pessoal e espontâneo, sem qualquer preocupação de forma e de ordem, que provém unicamente da superabundância do coração. É este um dos modos em que, suspensa a leitura ou a meditação que despertaram nela tão bons afectos, a alma «para a tratar a sós com Deus», voltando ao livro ou à reflexão só quando tiver necessidade de procurar novos argumentos e afectos com que alimentar o seu colóquio com o Senhor. Pode dizer-se que se trata de um verdadeiro colóquio, porque não é só a alma que fala, mas o próprio Deus lhe responde, não por palavras sensíveis, mas enviando-lhe graças de luz e de amor com as quais entende melhor os caminhos de Deus e se sente mais inflamada para prosseguir generosamente. Por isso é bom que a alma não se exceda em palavras no seu colóquio, mas que o suspenda frequentemente e se ponha inteiramente à escuta para perceber os movimentos da graça que são justamente a resposta de Deus.

2 — Não devemos julgar que, para tratar intimamente com Deus e manifestar-Lhe o próprio amor, seja sempre necessário fazê-lo com palavras. Muitas vezes — e isto acontece espontaneamente com o progresso da vida espiritual — a alma prefere calar-se para fixar imperturbável o seu olhar no Senhor, para O escutar a Ele, o Mestre interior, e O amar em silêncio. A manifestação do seu amor torna-se assim menos impetuosa e menos viva, mas ganha em profundidade o que perde em emoção e em exterioridade. A alma exprime o seu amor mais tranquilamente, mas o movimento da sua vontade para Deus é muito mais decidido e mais sério. Postos de parte os raciocínios e as palavras, a alma

concentra-se toda num olhar de intuição amorosa sobre Deus, olhar que, muito melhor do que o raciocínio e os colóquios ardentes, a faz penetrar nas profundidades dos mistérios divinos. Antes de chegar a este ponto a alma leu, meditou, analisou: agora, ao contrário, como que saboreando o fruto dos seus esforços, pára a contemplar a Deus em silêncio e amor. O seu colóquio torna-se assim um colóquio silencioso, contemplativo, segundo a noção tradicional de «contemplação» entendida como *«simplex intuitus veritatis»*, ou seja, como um simples olhar que penetra a verdade. Repitamo-lo, não é um olhar especulativo, mas um olhar amoroso que mantém a alma em íntimo contacto com Deus, num verdadeiro comércio de amizade com Ele: quanto mais a alma O contempla, mais se enamora dEle e mais sente a necessidade de concentrar o seu amor numa generosidade total. Por outro lado, o Senhor responde também à busca e ao amor da alma e deixa-Se encontrar e sentir, iluminando-a com a Sua luz e atraindo-a mais fortemente a Si com a Sua graça.

Nem sempre a alma conseguirá perseverar longamente neste olhar contemplativo, neste colóquio silencioso. Será necessário voltar frequentes vezes à reflexão, à expressão verbal dos seus afectos e assim, sobretudo quando não está ainda habituada a este modo de oração, será até bom que o faça com uma certa frequência para evitar cair no vago ou em distrações. Todavia deve ter sempre presente que ganha mais nestas pausas silenciosas aos pés do Senhor do que em mil raciocínios e palavras.

12. 05. 13

Colóquio — «Ó Senhor, fazei que o fim da minha oração seja ter o coração ocupado em Vos amar. Já

que não encontro meio mais apto ao exercício do amor do que este íntimo recolhimento feito em silêncio e com desapego de todas as criaturas, eu Vos peço, Deus meu, que me tireis antes a vida do que me priveis deste contacto interior conVosco, que é o meu pequeno paraíso na terra» (cfr. S. Leonardo de Porto Maurício).

«Ó Senhor, Vós não lucráis nada em estar em nossa companhia e no entanto amais-nos a ponto de dizerdes que as Vossas delícias são estar connosco. Porque nos amais tanto, que Vos dais a Vós próprio de preferência a conceder-nos aquilo que Vos pedimos? Doravante não quero possuir mais nada, pois posso possuir-Vos, ó meu Deus, e posso assim tratar tão intimamente conVosco. Adornar-me-ei com as jóias das virtudes e convidar-Vos-ei para o tálamo do meu coração onde repousarei conVosco. [Bem sei que Vós não pedis nem quereis outra coisa senão visitar a minha alma; nela desejais entrar e há muito tempo que bateis, por isso lamento ter estado privado por tanto tempo dum tão grande bem. Aproximar-me-ei de Vós no segredo do meu coração e dir-Vos-ei: Sei que Vós me amais mais do que eu me amo a mim mesmo, não pensarei mais em mim; mas só de Vós me aproximarei e Vós tereis cuidado de mim. Não posso atender a mim e a Vós: e por isso, Vós pensareis em mim e nas minhas enfermidades para as curar, e eu, em troca, na Vossa bondade para me deleitar. Se bem que eu ganhe imenso conVosco sem que Vós lucreis nada comigo, sei que apesar disso, Vós Vos comprazeis mais em estar comigo e de melhor vontade me ajudais do que eu estou conVosco a gozar da Vossa bondade. Como pode isto acontecer? A resposta é que eu me quero mal e Vós me quereis bem... Se eu quisesse, ó Senhor, recordar todos os sinais do Vosso

afecto, não o conseguiria, porque, ainda que eu tivesse todas as línguas dos homens e dos anjos, não conseguiria exprimir nem os bens da natureza, nem os bens da graça, nem os bens da glória que provêm de Vós... Como poderei, ó Senhor, pensar ou meditar noutra coisa além do Vosso amor? Que haverá de mais doce que o Vosso amor? Porque desejo outra coisa? E porque não fico para sempre unido e preso pelo amor? O Vosso amor envolve-me e eu ainda não compreendo o que é o Vosso amor» (cfr. S. Boaventura).

152. ORAÇÃO DE RECOLHIMENTO

Ó meu Deus, que eu possa encontrar-Vos em mim, no pequeno céu da minha alma.

1 — S.ta Teresa de Jesus aconselha vivamente às almas interiores uma outra espécie de oração, muito simples e proveitosa: a oração de recolhimento. O fundamento desta oração é a presença divina nas nossas almas; *presença de imensidade*, pela qual Deus está em nós como Criador e Conservador, de um modo de tal forma real e essencial que «nEle temos a vida, nos movemos e existimos» (Act. 17, 28); de maneira que, se Ele deixasse de estar presente em nós, deixaríamos de existir; *presença de amizade*, pela qual Deus está também presente na alma em graça como Pai, como Amigo, como doce Hóspede que a convida a viver em companhia das três Pessoas divinas: com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. É esta a consoladora promessa de Jesus à alma que O ama: «Se alguém me ama... meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23).

A oração de recolhimento consiste em tomar consciência desta grande realidade: Deus está em mim, a minha alma é o Seu templo, na intimidade deste templo recolho-me para O adorar, para O amar, para me unir a Ele. «Ó alma formosíssima entre todas as criaturas — exclama S. João da Cruz — que tanto desejas saber o lugar onde está o teu Amado, a fim de O buscares e de te unires a Ele... é coisa de grande contentamento e alegria ver que... está tão perto de ti que está em ti». (C. 1, 7 e 8). A alma que tem o sentido desta presença de Deus em si, possui um dos meios mais eficazes para fazer oração. «Pensais que importa pouco a uma alma distraída entender esta verdade [ou seja, que Deus está nela] e ver que para falar a seu eterno Pai não precisa de ir ao céu, nem para se consolar com Ele é mister falar em voz alta? Por muito baixo que fale, está tão perto que a ouvirá; nem é preciso asas para ir em busca dEle, basta pôr-se em solidão e olhá-LO dentro de si mesma» (*Cam.* 28, 2).

2 — Se bem que a oração de recolhimento seja a mais elevada entre as orações activas, S.ta Teresa faz notar que depende de nós alcançá-la, «porque isto não é uma coisa sobrenatural, [ou seja, um recolhimento passivo que é unicamente fruto da moção divina], senão que está no nosso querer e podemos fazê-lo com o favor de Deus» (ib. 29, 4).

É pois importante saber o que a alma tem a fazer para chegar a tal oração, e isto reduz-se a duas coisas: «recolher todas as suas potências e entrar dentro de si com o seu Deus» (ib. 28, 4). Os sentidos, a imaginação, a inteligência, tendem espontâneamente para as coisas externas em que muitas vezes se dispersam;

a alma deverá, com um acto de vontade decidido e prolongado, retirar-se do mundo exterior para se concentrar dentro de si, no pequeno céu onde habita a SS.ma Trindade. Este exercício, sobretudo nos começos, requer esforço e energia e não será logo suave; «a alma, porém — ensina a Santa — procure acostumar-se, embora a princípio tenha trabalho porque o corpo reclama os seus direitos». Mas depois, pouco a pouco, «se se esforça, ver-se-á claramente o ganho...» (ib. 7), o recolhimento tornar-se-á fácil e gostoso, os sentidos obedecerão prontamente e, se não ficar totalmente livre das distrações, ser-lhe-á menos fatigante vencê-las.

Deste modo a alma pode concentrar-se toda em Deus presente nela, e ali, aos Seus pés, poderá entreter-se conforme for do agrado do seu coração. Não será difícil conseguir passar todo o tempo da oração em actos de fé, de amor, de adoração, não se saciando nunca de admirar, de contemplar o grande mistério da inabitação da SS.ma Trindade no seu pobre coração e de apresentar às três Pessoas divinas as suas humildes homenagens. Mas se isto não lhe bastar, poderá aplicar-se ainda a outros exercícios: «Recolhida em si mesma — diz a Santa — a alma pode pensar na Paixão e representar ali o Filho e oferecê-lo ao Pai e não cansar o entendimento andando a buscá-lo no monte Calvário, no Horto ou atado à coluna»; ou ainda, mais simplesmente, entretenha-se com o Hóspede divino «como com um Pai, com um Irmão, com um Mestre, com um Esposo, umas vezes de uma maneira, outras vezes de outra... Conte-lhe os seus trabalhos e peça-lhe remédio para eles, reconhecendo que não é digna de ser Sua filha» (Cam. 28, 4, 3 e 2). «Quem — conclui a Santa — puder encerrar-se deste modo no pequeno céu da alma,

onde habita Aquele que o fez... creia que leva excelente caminho e não deixará de beber da água da fonte» (ib. 5).

Colóquio — «Ó Senhor, concedei-me a graça de me saber recolher no pequeno céu da minha alma, onde pusestes a Vossa morada. Aqui, ó Mestre divino, Vos deixais encontrar e fazeis-Vos sentir mais perto que noutro lugar e preparais a alma para entrar mais rapidamente na Vossa intimidade. A alma entende então que todas as coisas criadas não são senão um jogo e parece que súbitamente se ergue acima de todas elas e deixa tudo como faz aquele que se esconde numa fortaleza para fugir ao golpes do inimigo. Ó meu Deus, se eu procurasse lembrar-me muitas vezes de que Vós habitais na minha alma, creio que seria impossível entregar-me com paixão às coisas do mundo, porque comparadas com Aquele que trago em mim, me apareceriam em toda a sua baixeza.

«Ajudai-me, ó Senhor, a retirar os meus sentidos das coisas exteriores, tornai-os dóceis às ordens da minha vontade para que, quando desejo estar conVosco, eles se recolham espontâneamente, semelhantes às abelhas que se abrigam na colmeia para fabricarem o mel» (cfr. T.J. *Cam.* 28, 4-10).

«Eis, Senhor, que dizeis à minha alma: 'o meu reino está dentro de ti'. Grande contentamento é para mim saber que não Vos afastais nunca de mim e que eu não posso viver sem Vós. Que mais desejas, ó minha alma, que mais procuras fora de ti mesma, quando dentro de ti possuis as tuas riquezas, os teus deleites, a tua satisfação, a tua fartura e o teu reino, isto é, o Amado que tu desejas e buscas?» (cfr. J.C. C. 1, 7 e 8).

«Ó meu Deus, Vós estais em mim e eu em Vós. Encontrei o meu céu na terra, porque o céu solta Vós, Senhor, e Vós estais na minha alma. Aqui Vos encontro sempre, mesmo quando o sentimento não adverte a Vossa presença, Mas Vós mesmo estais aqui e aqui me agrada tanto procurar-Vos. Oh! que eu nunca Vos deixe só» (cfr. I.T. Cart.).

153. A ARIDEZ

Ó Senhor, ajudai-me a ser fiel para que o espírito de oração não se extinga em mim por minha culpa.

1 — Habitualmente, nos princípios de uma vida espiritual mais intensa, a alma goza de um fervor sensível que lhe torna fáceis e saborosos os exercícios espirituais. Os bons pensamentos, os affectos, os ímpetos do coração, surgem espontâneos. Recolher-se a sós com Deus na oração é para ela uma alegria e o tempo que nela emprega passa rapidamente; não é raro que a presença de Deus se torne quase sensível. Semelhante facilidade encontra também a alma na prática da mortificação e das outras virtudes. Mas, habitualmente, este estado não dura muito e num certo momento a alma vê-se privada de todo o conforto sensível. Esta supressão da devoção sensível constitui o estado da aridez que pode depender de causas diversas.

Às vezes pode depender da infidelidade da alma que pouco a pouco se relaxou, permitindo-se pequenas satisfações — passatempos, curiosidades, egoísmo ou amor próprio — a que já tinha renunciado. Se as almas soubessem os bens de que se privam com tal conduta,

fariam todos os sacrifícios para não se deixarem cair em tais fraquezas. O hábito da mortificação adquirido com tantos esforços, perde-se facilmente e então tornamo-nos escravos das próprias paixões. O amor próprio que não estava morto, mas apenas adormecido, retoma vigor e assim pode tornar-se não só a causa de muitas imperfeições voluntárias que já estavam vencidas, mas também de pecados veniais deliberados e pode, enfim, arrastar para a tibieza uma alma que já caminhava no fervor. Uma alma infiel, recadada na mediocridade, não pode, na sua oração, dizer ao Senhor que O ama e que deseja progredir no amor e muito menos pode saborear a alegria de quem tem consciência de amar verdadeiramente o seu Deus. Cai inevitavelmente na aridez. Neste estado o único remédio é voltar ao fervor primitivo. Custar-lhe-á certamente muito, mas longe de desanimar, a alma deve recomeçar quanto antes. Aliás o Senhor gosta tanto de perdoar!

2 — Outras vezes, pelo contrário, a aridez provém de causas físicas ou morais absolutamente independentes de nós. Indisposição, mal-estar, cansaço, opressão motivada por dolorosas preocupações ou por trabalho excessivo, são outras tantas causas que podem fazer desaparecer qualquer sinal de conforto espiritual e muitas vezes sem que seja possível remediá-las. Trata-se então de uma prova que pode prolongar-se, mas na qual temos o direito de ver a mão de Deus que tudo dispõe para o nosso bem e não pode deixar de nos conceder graça suficiente para tirarmos proveito deste nosso sofrimento. Embora não sentindo já nenhuma consolação nem atractivo para a oração, que a alma se aplique *por dever*, procurando dar remédio à sua incapacidade por qualquer

meio. «Se alguém não pode fazer oração mental — ensina a propósito S.ta Teresa de Jesus — dê-se à oração vocal, à leitura, aos colóquios com Deus e nunca deixe de consagrar à oração o tempo estabelecido» (Cam. 18, 4).

Se, apesar de tudo, a alma não consegue comover o seu coração, ame o Senhor apenas com a vontade. Esta, mediante tal exercício que requer grande esforço, fortalecer-se-á e, ainda que a alma não dê conta disso, torná-la-á capaz de um amor mais efectivo, mais generoso. Trata-se, é verdade, de um amor privado de sentimento, mas é preciso recordar que a substância do amor não está no *sentir* mas sim no *querer* a todo o custo, agradar à pessoa amada. Aquele que, para agradar a Deus, persevera na oração embora nela não encontre nenhuma consolação e sinta até repugnância, dá-Lhe uma bela prova de amor verdadeiro. O progresso na vida espiritual não se mede pela consolação que a alma experimenta. Isto não é de modo nenhum requerido porque a verdadeira devoção consiste unicamente na prontidão da vontade no serviço de Deus. E a vontade pode estar muito pronta e decidida a servir o Senhor, embora esteja árida e deva lutar contra muitas repugnâncias sensíveis.

Colóquio — «Olhai, Senhor meu Deus, Vós que sois santo, e vede a minha aflicção. Tende piedade deste Vosso filho que gerastes não com poucas dores e não considereis os meus pecados de modo que esqueçais que sou propriedade Vossa. Qual é o pai que não liberta o filho e qual é o filho que não é corrigido pela piedosa mão do pai? Ó Pai e Senhor, se bem que seja pecador, não posso deixar de ser Vosso filho porque Vós me

gerastes e regenerastes. Poderia uma mãe esquecer o filho das suas entranhas? Mesmo que ela o esquecesse, Vós, ó Pai, prometestes não o esquecer. Eu grito e Vós não me ouvis; estou dilacerado pela dor e não me consolais. Que direi e que farei eu, miserável? Assim, privado da Vossa consolação, estou bem longe dos Vossos olhos.

«Ó Senhor Jesus, onde estão as Vossas antigas misericórdias? Continuareis irado contra mim? Aplacai-Vos, Senhor, eu Vos suplico e não me volteis a Vossa face... Confesso que pequei, mas a Vossa misericórdia supera todas as minhas ofensas.

«Chora, alma minha, geme, miserável e chora, pois que o teu Esposo, Jesus Cristo, te abandonou. Senhor omnipotente, não Vos ireis contra mim, pois não poderei suportar mais a Vossa cólera. Tende piedade de mim para que eu não caia no desespero. Se eu cometi aquilo que me torna digno de condenação, Vós não omitistes o que pode salvar os pecadores.

«Muito espero, Senhor, da Vossa bondade, pois que Vós mesmo me ensinai a pedir, a procurar, a bater; e por isso, ensinado pelas Vossas palavras, eu peço, procuro e bato. E vós, ó Senhor, que mandais pedir, fazei que eu receba; Vós que aconselhais a procurar, fazei que eu encontre; Vós que ensinai a bater, abri a quem bate, e fortalecei-me, pois estou enfermo, reconduzi-me, pois estou perdido, ressuscitai-me, pois estou morto e dignai-Vos dirigir e governar todos os meus sentidos, pensamentos e acções conforme o Vosso beneplácito, para que eu viva por Vós e a Vós me entregue inteiramente» (S.to Agostinho).

154. O BOM PASTOR

II DOMINGO DEPOIS DA PASCOA

Venho a Vós, ó Jesus, meu bom Pastor, conduzi-me às pastagens da vida eterna.

1 — Na doce figura do Bom Pastor, a liturgia de hoje resume tudo o que Jesus fez pelas nossas almas.

O pastor é tudo para as suas ovelhas: a sua vida, o seu alimento, a sua guarda, estão inteiramente nas suas mãos e se o pastor é bom, sob a sua protecção nada têm a temer e nada lhes faltará.

Jesus é o Bom Pastor por excelência: Ele não só ama, alimenta e guarda as Suas ovelhas, mas dá-lhes a Sua própria vida e dá-lha à custa da Sua. Mediante a Encarnação, o Filho de Deus veio à terra em busca dos homens que, semelhantes a ovelhas perdidas, se afastaram do redil e se perderam no vale tenebroso do pecado. Vem como pastor amantíssimo que, para melhor socorrer o Seu rebanho, não hesita em partilhar a sua sorte. A Epístola do dia (I Ped. 2, 21-25), apresenta-no-lo assim, carregando os nossos pecados para nos curar pela Sua Paixão. «Foi Ele mesmo que levou os nossos pecados em Seu corpo, sobre o madeiro da cruz a fim de que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; éreis como ovelhas desgarradas, mas agora vos convertestes ao Pastor e bispo das vossas almas». «Eu sou o Bom Pastor — disse Jesus — e dou a vida pelas minhas ovelhas». No ofício do tempo pascal a Igreja canta repetidas vezes: «Ressuscitou o Bom Pastor, que deu a vida pelas suas ovelhas e se dignou morrer pelo seu rebanho». Como poderia sintetizar-se melhor toda a obra da Redenção? Esta surge ainda mais grandiosa quando da boca de Jesus ouvimos dizer: «Eu

vim para que elas tenham vida e estejam na abundância» (Jo. 10, 10). Na verdade Ele podia repetir a cada um de nós: «que coisa poderia eu fazer por ti que não tivesse feito?» (cfr. Is. 5, 4). Oh! se a nossa generosidade em nos darmos a Ele não tivesse limites, como não teve a Sua ao dar-Se a nós!

2 — Jesus diz ainda: «Eu conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me, como o Pai me conhece, assim eu conheço o Pai» (Jo. 10, 11-16). Ainda que não se trate de igualdade, mas de simples semelhança, quão reconfortante e quão glorioso é para nós ver como Jesus gosta de comparar as Suas relações conosco às Suas relações com o Pai! Na última Ceia também disse: «Como o Pai me amou, assim eu vos amei», e ainda: «Como Tu, Pai o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós» (Jo. 15, 9; 17, 21). Isto mostra-nos como, entre nós — as ovelhas — e Jesus — o Bom Pastor — não existe só uma relação de conhecimento, mas também de amor, de comunidade de vida, semelhante à que existe entre o Pai e o Filho. Chegamos a estas relações com o nosso Deus — tão profundas que nos fazem participar da Sua própria vida íntima — mediante a graça, a fé e a caridade que o Bom Pastor nos mereceu, dando a Sua vida por nós.

Entre o Bom Pastor e as Suas ovelhas estabelece-se assim uma íntima relação de conhecimento amoroso, tão íntima, que o Pastor conhece uma a uma as Suas ovelhas e as chama pelo nome e elas conhecem a Sua voz e seguem-no dócilmente. Cada alma pode dizer: Jesus conhece-me e ama-me, não de um modo genérico e abstracto, mas concreto, nas minhas necessidades, nos

meus desejos, na minha vida. Para Ele, conhecer-me significa fazer-me bem, envolver-me cada vez mais com a Sua graça, santificar-me. Porque me ama, Jesus chama-me pelo meu nome. Chama-me quando, na oração, me abre novos horizontes de vida espiritual, ou me faz conhecer melhor os meus defeitos, a minha miséria. Chama-me quando me repreende ou me purifica por meio da aridez e quando me consola e encoraja, infundindo-me novo fervor. Chama-me, quando me faz sentir a necessidade de maior generosidade, quando me pede sacrifícios ou me concede alegrias e, mais ainda, quando desperta em mim um amor mais profundo por Ele. Perante os Seus apelos, a minha atitude deve ser a da ovelha dedicada que reconhece a voz do seu Pastor e O segue sempre.

Colóquio — «Ó Senhor, Vós sois o meu Pastor e nada me falta; em verdes pastos me fazeis recostar, conduzis-me junto das águas para descansar, reconfortais a minha alma e guiais-me por veredas rectas. Ainda que eu andasse por um vale tenebroso, não temeria males, porque Vós estais comigo; a Vossa vara e o Vosso báculo são o meu conforto. Preparastes uma mesa para mim à vista dos meus adversários; ungis com óleo a minha cabeça e o meu cálice transborda»
17 (Sal. 22). Ó Senhor, meu Bom Pastor o que poderíeis ter feito por mim que não tendes feito? O que poderíeis dar-me, que não me tendes dado? Vós mesmo Vos fizestes meu alimento e minha bebida. E que alimento mais delicioso e salutar, mais nutritivo e mais fortificante poderia eu encontrar do que o Vosso Corpo e o Vosso Sangue?
19 «Ó benigníssimo Senhor Jesus Cristo, meu doce Pas-

tor, que Vos darei por tudo o que Vós me destes? Que Vos darei eu pelo dom que me fizestes de Vós mesmo? Ainda que eu me pudesse dar a Vós mil vezes, isso nada seria, porque nada sou comparado conVosco. Vós, tão grande, amastes-me gratuitamente a mim, tão pequeno, tão mau e tão ingrato. Sei, Senhor, que o Vosso amor tende para o imenso, o infinito, porque Vós sois imenso e infinito. Por favor, dizei-me, Senhor, o modo como Vos devo amar. O meu amor não é gratuito, mas é devido... Ainda que eu não possa amar-Vos quanto devo, Vós apreciáis o meu fraco amor. Poderei amar-Vos mais, quando Vos dignardes fazer crescer a minha virtude; mas nunca Vos darei quanto mereceis. Dai-me, portanto, o Vosso ardentíssimo amor para que por ele, com a Vossa graça, Vos ame, Vos agrade, Vos sirva, cumpra os Vossos preceitos, não seja separado de Vós, nem no tempo presente nem no futuro, mas conVosco permaneça unido no amor pelos séculos eternos» (Ven. R. Giordano).

155. ARIDEZ E PROGRESSO

Ó Senhor, ajudai-me a procurar-Vos e a unir-me a Vós através da aridez e da impotência do meu espirito.

1 — Mesmo sem a intervenção das causas físicas ou morais de que já falámos, pode passar-se de um estado de fervor sensível para a mais absoluta aridez. Isto dá-se por obra directa de Deus que põe a alma na impossibilidade de fazer oração com a ajuda da imaginação e de se exercitar, como antes, em actos de amor sensível. Na realidade, ao passo que anteriormente a alma meditava ou se entretinha afectuosa-

mente com Deus, com facilidade e com gosto, agora já não é capaz de nada; é-lhe impossível associar duas ideias. Pensamentos ou leituras que antes a impressionavam, deixam-na agora totalmente indiferente e o coração permanece duro e frio como uma pedra. Embora vigie cuidadosamente para se manter fiel à mortificação e à generosidade ou intensifique a sua preparação para a oração, suplicando fervorosamente a Deus que a ajude, não consegue tirar do seu coração nem uma gota de devoção. A pobre alma aflige-se e assusta-se julgando que, por causa de alguma culpa sua, o Senhor a abandonou. E não sabe que esta espécie de aridez esconde uma grande graça de Deus, graça de purificação e de progresso no caminho espiritual.

De facto, por meio da aridez, o Senhor pretende libertá-la das ninharias da sensibilidade para a transportar ao plano mais puro e mais sólido da vontade. Quando sentia na oração grande conforto, a alma, sem dar por isso, prendia-se um pouco a essas consolações sensíveis e assim amava e procurava a oração, não puramente por Deus, mas também por si mesma. Estando agora privada de todo o gosto da oração, aprenderá a praticá-la apenas para agradar a Deus. Além disso, não encontrando nenhum apoio nos belos pensamentos e nas doces emoções, aprenderá a prosseguir unicamente à custa da vontade, exercitando-se em actos de fé e de amor, totalmente áridos, mas tanto mais meritórios quanto mais voluntários. Deste modo o seu amor a Deus tornar-se-á mais puro porque mais desinteressado, mais sólido porque mais voluntário.

2 — Por meio da aridez a alma progride também na humildade. A sua incapacidade para meditar, para

fixar a atenção, para despertar bons sentimentos no seu coração, convence-a cada vez mais do seu nada, faz-lhe tocá-lo com a mão, de modo que já não necessita de esforços e raciocínios para compreender que sem a ajuda de Deus não pode fazer nada. E assim, pouco a pouco, vai-se despojando do seu amor próprio, do sentimento de confiança nas suas próprias forças que, mais ou menos secretamente, se tinham insinuado na alma quando tudo lhe era fácil e agradável na vida de oração.

Ao mesmo tempo, vendo-se diante do Senhor tão pobre e miserável, nasce nela um sentimento de maior respeito, de maior reverência perante a infinita Majestade de Deus. Quando, na oração, conseguia entreter-se intimamente com Ele, talvez se esquecesse um pouco da distância infinita que separa Deus da Sua criatura. É verdade que Deus gosta de que O tratemos com grande confiança e convida-nos, de mil maneiras, à Sua intimidade; todavia Ele permanece sempre o Inacessível e nós, o nada, a miséria. Por isso é muito proveitoso este sentimento de maior reverência que se desenvolve na alma através da experiência do próprio nada e que sempre — mesmo nos momentos de maior intimidade amorosa — lhe permitirá aproximar-se de Deus com verdadeira humildade de oração.

Se, portanto, na sua oração, a alma não souber fazer outra coisa senão humilhar-se diante do Senhor, reconhecendo o seu próprio nada, mostrando-lhe a sua impotência e incapacidade e, por outro lado, adorar a Sua infinita grandeza, terá empregado muito bem o seu tempo. É certo que neste estado de aridez, sobretudo quando é mais atormentada por distrações, a alma tem sempre a impressão de adiantar pouco na oração; mas que não se perturbe porque — como diz S. Pedro

de Alcântara — «diante de Deus fez muito aquele que fez o pouco de que é capaz. Não é difícil permanecer longo tempo na oração quando se têm consolações, mas sim quando a devoção sensível é pouca. É então que a oração se torna mais meritória e aumentam a humildade, a paciência e a perseverança».

Colóquio — «Ó Senhor, seja bendito o Vosso nome por todos os séculos, pois determinastes que eu sofresse esta tribulação. Eu não posso evitá-la e por isso recorro a Vós para que me ajudeis a convertê-la em bem. Ó Senhor, estou profundamente aflito, o meu coração não tem repouso e está atormentado por esta dura prova. Que Vos direi então, ó Pai amantíssimo? Estou esmagado pelas angústias, salvai-me, Senhor! Isto acontece-me para que Vos seja dada glória, porque serei muito humilhado e depois Vós me libertareis. Dignai-Vos, Senhor, livrar-me, pois eu sôzinho, miserável como sou, que posso fazer e onde posso ir sem Vós?

«Dai-me uma vez mais a graça da paciência; ajudai-me, Senhor e não terei medo em qualquer provação, por mais grave que seja. Entretanto que direi eu em tão grandes angústias? Senhor, seja feita a Vossa vontade. Mereci ser atormentado e oprimido e é-me útil sofrer. Agrade-Vos ao menos que eu suporte com paciência esta provação, para que a tempestade passe e venha a bonança» (*Imit.* III, 29, 1 e 2).

«Ó Jesus, nas minhas relações conVosco, nada. Só aridez. Contudo sou muito feliz, por sofrer o que Vós quereis que sofra. Fico muito satisfeita por não fazerdes cerimónia comigo, mostrais assim que eu não sou para Vós uma estranha.

«Ó Senhor, fazei que as minhas trevas Vos sirvam

para alumiar as almas. Se for essa a Vossa vontade, consinto em caminhar toda a minha vida na senda escura em que ando, contanto que chegue um dia ao termo da montanha do amor.

«Sim, sou feliz por não ter consolação alguma porque acho que assim o meu amor não é como o amor das noivas da terra que estão sempre a olhar para as mãos dos seus noivos, para ver se lhes trazem algum presente, ou então para o seu rosto para nele surpreenderem um sorriso de amor que as extasie. Ó Jesus, quero amar-Vos só por Vós. Não desejo amor sensível, mas que ele seja sentido só por Vós» (T.M.J. *Cart.* 51, 90, 93, 89).

156. DECISÃO ENÉRGICA

Ó Jesus, tornai-me perseverante em procurar-Vos e em servir-Vos, apesar de todas as dificuldades que possa encontrar.

1 — S.ta Teresa ensina que quem deseja entregar-se com fruto à oração, deve tomar uma decisão firme e enérgica de não parar no caminho empreendido. Trata-se de se dar à oração, não por um período de tempo, mas sempre, todos os dias, toda a vida, sem se deixar desviar por razão alguma. «Venha o que vier, suceda o que suceder, trabalhe-se o que se trabalhar, murmure quem murmurar, quer se lá chegue, quer se morra no caminho... Tenda-se sempre para o fim» (*Cam.* 21, 2). E o fim, é bom recordar, é a água viva prometida por Jesus àqueles que têm sinceramente sede dEle e do Seu amor.

Sem uma decisão forte e enérgica, a alma encontrará muitas vezes motivos razoáveis para deixar a oração.

Por um lado, a aridez que experimenta, poderá fazer-lhe pensar que perde tempo ao dedicar-se a um exercício do qual lhe parece não tirar nenhum fruto e que por isso talvez seja melhor ocupar o seu tempo nas obras. Nem será difícil que as muitas ocupações de que por vezes está sobrecarregada a façam supor ainda mais legítima a sua atitude. Outras vezes o sentimento da sua miséria — sobretudo a consideração da sua pouca fidelidade à graça — far-lhe-á pensar que é indigna da intimidade divina e que por isso é inútil insistir na oração. Mas é claro que todos estes pretextos são sugestões do inimigo que, ora sob o aspecto de zelo pelas obras exteriores, ora sob o de falsa humildade ou de perda de tempo, faz todo o possível para desviar as almas da oração. Nenhuma tentação — declara a Santa — «é mais grave» do que esta e, por meio dela, «é grande dano o que o demónio nos causa» (cfr. Vi. 7, 11; 8, 7). E por isso insiste: «quem tiver começado a fazer oração, não a deixe mais, não obstante as faltas em que venha a cair. Com a oração poderá levantar-se mais rapidamente e sem ela será muito mais difícil. Não se deixe tentar pelo demónio a deixá-la, sob pretexto de humildade» (ib. 8, 5).

2 — Mesmo que a alma tenha caído no estado de aridez por culpa própria, não deixe a oração, mas persevere nela apesar da violência que terá de fazer e as vivas repugnâncias que terá de vencer. «Se nela persevera apesar das tentações, dos pecados e quedas de toda a espécie em que a precipite o demónio, tenho por certo — diz S.ta Teresa — que o Senhor a conduzirá ao porto de salvação» (Vi. 8, 4). Aceite o tormento de ter de passar o tempo da oração numa completa aridez,

e mais ainda, com a pena de se sentir tão diferente de Deus e tão indigna d'Aquela em cuja presença se encontra. Aceite as censuras da consciência pelas suas infidelidades e ofereça tudo ao Senhor em expiação das faltas cometidas e para obter a graça de se emendar. Não se canse de repetir, com um coração sincero, a oração do publicano: «Meu Deus, tende piedade de mim, pecador!» (Lc. 18, 13); e Deus, que tanto ama aquele que reconhece humildemente a própria miséria, não deixará de vir em seu auxílio. Mas é preciso saber esperar com paciência a hora estabelecida por Ele. S.ta Teresa de Jesus passou cerca de dezoito anos em semelhante estado de aridez: «Muitas vezes — diz ela própria — não sei que penitência grave se me poderia oferecer que eu a não fizesse de melhor vontade que recolher-me a fazer oração... era tão insuportável a força que me fazia o demónio para que não fosse à oração... que era preciso ajudar-me de todo o meu ânimo...» Mas conclui: «por fim ajudava-me o Senhor»! (Vi. 8, 7). Era este o prémio da sua fidelidade.

Por isso a Santa tem toda a autoridade proveniente da experiência para insistir em que nunca, por motivo algum, se deixe a oração, recomendando-o com toda a energia: «não vos fiqueis no caminho, mas pelejai como fortes até morrer na demanda, pois não estais aqui para outra coisa» (Cam. 20, 2).

Também à oração se podem aplicar estas palavras de Jesus: «O Reino dos céus tem sido objecto de violência e os violentos apoderam-se dele à força» (Mt. 11, 12).

Colóquio — «Ó Senhor, eu sei que para que seja verdadeiro o amor e para que dure a amizade há-de haver igualdade de condição. A Vossa já se sabe que

não pode ter defeito, a minha é viciosa, sensual, ingrata, por isso não posso amar-Vos quanto mereceis.

«Ó bondade infinita do meu Deus, vejo quem sois Vós e vejo-me a mim desta sorte! Ó delícia dos anjos, toda eu quando Vos vejo, me quereria desfazer em amar-Vos! Como é certo suportardes Vós a quem não sofre que estejais com ele! Que bom amigo sois, Senhor meu! Como o ides enchendo de regalos, e suportando, e esperando que se faça à Vossa condição, e entretanto Vós lhe suportais a sua! Tomais em conta os momentos em que Vos ama e com um pouco de arrependimento olvidais o que Vos ofendeu. Tenho visto isto claramente por mim e não compreendo, Criador meu, como o mundo todo não procura chegar-se a Vós por meio desta particular amizade. Os maus — que não são da Vossa condição — devem aproximar-se de Vós para que os façais bons, contanto que suportem que estejais com eles, ao menos alguns momentos em cada dia, embora eles não estejam conVosco senão com mil cuidados e pensamentos do mundo... Por este esforço que fazem em querer estar em Vossa companhia — olhai a que nestes princípios não podem mais e algumas vezes nem depois — forçais Vós os demónios para que não os acometam e que cada dia tenham menos força contra eles, dando-lhes força para vencer. Sim, ó Vida de todas as vidas, não matais nenhum daqueles que se fiam de Vós e Vos querem por amigo» (T.J. Vi. 8, 5 e 6).

| Ó Senhor, concedei-me também a mim a santa audácia de perseverar sempre na oração, apesar das dificuldades interiores e exteriores, apesar da aridez, das impotências, apesar das minhas faltas de correspondência à graça... Vós dareis remédio a todos os meus males.

157. ARIDEZ E CONTEMPLAÇÃO

O Senhor, atraí-me a Vós pelo caminho que quiserdes e como quiserdes. Só Vos peço a graça de saber seguir-Vos sempre.

1 — A aridez que provém de Deus não tem só a vantagem de nos fazer progredir na virtude, mas também a de nos introduzir numa oração mais elevada. S. João da Cruz ensina que, mediante esta espécie de aridez o Senhor convida a alma a uma forma de oração mais simples e mais profunda a que chama «contemplação inicial». Para que se possa distinguir esta aridez da proveniente de outras causas, dá-nos três sinais. Eis o primeiro: como a alma «não encontra gosto nem consolo nas coisas de Deus, tão pouco o encontra em alguma coisa criada» (N. I, 9, 2). Quando a aridez provém de faltas cometidas, a alma também perde o gosto pelas coisas de Deus, mas então vai à procura de consolações humanas, e neste caso, embora não sinta já alegria em estar com o Senhor, não se volta para as criaturas, antes permanece firme na decisão de manter o seu coração desprendido delas. O segundo sinal é que, apesar da sua aridez, a alma «traz ordinariamente a memória em Deus com solicitude e cuidado penoso, pensando que não serve a Deus» (ib. 3); por outras palavras, a alma sofre com a sua insensibilidade espiritual, receia não amar o Senhor, não O servir, e no entanto, continua a procurá-LO com a ansiedade de quem não consegue encontrar o seu tesouro. Continua sempre ocupada de Deus, se bem que de um modo negativo e penoso, semelhante àquele que experimenta quem sofre a ausência de uma pessoa amada. Pelo contrário, quando a aridez é culpável, particular-

mente se provém dum estado de tibieza habitual, a alma já não se preocupa nada com não amar a Deus; tornou-se indiferente. O último sinal consiste «em não poder já meditar nem discorrer no sentido da imaginação, como costumava, por mais que faça da sua parte» (ib. 8). A alma quereria meditar, aplica-se a isso, esforça-se o mais que pode e todavia, não consegue nada. Quando este estado é contínuo — se fosse pouco duradouro poderia provir de causas físicas ou morais — e, embora alternando entre dias de maior ou menor intensidade, tende a invadir toda a alma, de modo a tornar-se-lhe impossível a meditação, então é o caso de ver em tal aridez o chamamento do Senhor a uma oração mais profunda.

2 — Mergulhando a alma na aridez, o Senhor quer elevá-la, de um modo muito humano e baixo de tratar com Ele, a um modo mais sobrenatural. Na meditação, a alma ia para Deus pelo trabalho da sua inteligência, meio ótimo, mas sempre muito limitado e inadequado para nos fazer conhecer a Deus que, sendo infinito, supera imensamente a capacidade da nossa inteligência. Ora Deus, pondo a alma na aridez, torna-lhe impossível a meditação obrigando-a, por assim dizer, a ir para Ele por outro caminho.

Segundo S. João da Cruz, este caminho é o da contemplação inicial, que consiste em começar a conhecer a Deus, não só com a inteligência, mas também pela experiência do amor. Experiência que não comunicará à alma novas ideias de Deus, mas que lhe dará o «sentido» das Suas grandezas. De facto, já vimos que no meio da aridez, nasce nela uma pena que a atormenta por não amar já o Senhor, por não O sentir, pena que

não existiria se não tivesse adquirido um sentido profundo das grandezas de Deus e de quanto Ele é digno de ser amado. Tal sentimento não é fruto de raciocínios — que agora a alma não está em estado de fazer — mas da sua experiência de amor. De facto, ainda que não se aperceba disso, ama a Deus muito mais do que antes, e a melhor prova é a grande pena que a atormenta pelo temor de não O amar. E assim através desta penosa experiência de amor, que consiste na preocupação de não amar e não servir o seu Deus, nasce na alma o conhecimento contemplativo, ou seja, o «sentido» de Deus. Trata-se de um conhecimento que, na verdade, não é nada reconfortante, mas que todavia é preciosíssimo, porque, melhor que qualquer meditação, infunde-lhe o «sentido» da Divindade e enamora-a cada vez mais daquele Deus de quem compreende melhor agora a infinita amabilidade. Estas vantagens são tão preciosas que, para as obter, a alma não só deve abraçar com coragem a aridez que o Senhor lhe envia, mas reconhecer nela uma das maiores misericórdias que Ele lhe pode fazer.

3 Colóquio — «Ó Jesus, como é amarga e pesada a vida quando Vos ocultais ao nosso amor. Que fazeis então, ó meu doce amigo? Não vedes as minhas angústias e o peso que me oprime? Onde estais? Porque não vindes consolar-me, já que eu não tenho outro amigo fora de Vós?

«Mas se Vos agrada deixar-me neste estado, ajudai-me a aceitá-lo por Vosso amor. Fazei que Vos ame tanto, que sofra por Vós tudo o que quiserdes, mesmo as penas da alma, a aridez, as angústias, a frieza aparente... Ah! é uma dura prova de amor

amar-Vos sem sentir a doçura deste amor, é um martírio!

«Ó Jesus, há muitos que Vos servem quando Vós os consolais, mas há poucos que Vos façam companhia quando dormis sobre as ondas, ou sofreis no jardim da agonia! Quem Vos quererá servir unicamente por Vós mesmo? Oh! fazei que possa ser eu!

«O santo Evangelho ensina-me que Vós deixais as ovelhas fiéis no deserto. Como é eloquente esta Vossa maneira de proceder! Estais *seguro* delas, não poderão fugir porque são escravas do amor, por isso lhes tirais a Vossa presença sensível para levar as Vossas consolações aos pecadores, ou antes, se as conduzis ao Tabor é só por alguns instantes. Ó Senhor, fazei de mim o que Vos aprouver. Se me parece que me esqueceis, pois bem, sois livre, porque já não sou minha, mas Vossa. Mais depressa Vos cansareis de me fazerdes esperar do que eu de Vos esperar» (cfr. T.M.J. *Cart.* 32, 73, 144, 121, 81).

Ó meu Deus, só Vos peço uma coisa: que nesta aridez o meu amor cresça e que eu permaneça fiel a todo o custo. Que quanto menos sinta que Vos amo, tanto mais Vos ame com a realidade dos factos; quanto menos o meu amor me dê alegria, tanto mais eu Vos dê glória. E se, para crescer no amor, me for necessário sofrer, bendita seja essa prova pois me feris para me instruir, me mortificais para me sarar e me dar mais vida.

158. ATENÇÃO AMOROSA A DEUS

Ó Senhor, que a Vossa presença seja luz e força para a minha alma, seja amparo e apoio para a minha oração.

1 — Se, através da aridez, Deus convida a alma a uma oração mais simples e mais profunda, seria absurdo querer constrangê-la a continuar na meditação que, de resto, já não conseguiria fazer. A alma deve ser encorajada a deixá-la sem escrúpulo para se aplicar a permanecer tranquila na presença de Deus, atenta a Ele num simples olhar de fé e de amor. Esteja ali a fazer-Lhe companhia, satisfeita por estar com Ele, mesmo que não tenha qualquer sentimento da Sua presença. E verá que, pouco a pouco, se habituará a esta nova maneira de fazer oração e dará conta de estar em contacto com Deus de um modo, em substância, melhor que o primeiro.

Não se perturbe, pensando que já não é capaz de amar. Na verdade, já não é capaz de amar sensivelmente, como no tempo em que se comovia ao pensar no amor de Deus por ela. Lembre-se de que o amor de caridade sobrenatural não é amor sensível, é amor de vontade e este não é preciso senti-lo. O amor sobrenatural consiste só numa íntima decisão da vontade pela qual a alma dá a Deus a preferência sobre todas as criaturas e quer consagrar-se totalmente ao Seu serviço. Este é o amor verdadeiro que conduz ao «sentido de Deus».

S. João da Cruz ensina que, exactamente neste período de contemplação obscura e inicial que se realiza através das penas da aridez purificadora, começa a nascer na alma aquilo que ele chama *amor infuso pas-*

sivo, ou seja, aquele amor pelo qual vai a Deus, não só por decisão da sua vontade, mas também secretamente atraída por Ele. E assim se explica como o amor da alma, embora não seja sentido, é na realidade mais forte do que antes e impele-a a dar-se a Deus com uma decisão cada vez maior: é o próprio Deus que, atraindo-a ocultamente a Si, desperta nela o amor. Quando a alma, na oração, sofrendo pela sua impotência e aridez, receia não amar, examine-se com calma sobre este ponto, isto é, veja se, apesar de todas as dificuldades que experimenta, continua decidida a dar-se totalmente ao Senhor. E, para tornar mais concreta esta decisão, aplique-a às várias circunstâncias da sua vida, em particular àquelas que mais lhe custam. Porque está privada do sentimento do amor, a alma deve esforçar-se por dar a Deus provas concretas de amor que são as obras, as virtudes praticadas para Lhe agradar.

2 — Tratando-se aqui de contemplação inicial, a alma não deve ser totalmente passiva, mas exige-se sempre dela uma certa aplicação que deve consistir em manter-se em disposições aptas para acolher a acção divina. A este respeito ensina S. João da Cruz: «aprenda pois o espiritual a estar com *advertência amorosa* em Deus, com sossego de entendimento... embora lhe pareça que não faz nada» (S. II, 15, 5). De facto, se se contentar com manter-se na presença de Deus num olhar de fé e de amor, a sua *atenção amorosa* irá encontrar-se com o *conhecimento amoroso* que o próprio Deus lhe vai comunicando e assim, unindo-se «notícia com notícia e amor com amor» (J.C. CV, 3, 34), tirará o máximo fruto da oração.

Este conhecimento amoroso que Deus lhe incute é fraco, delicado, e não procede nunca por via de conceitos claros e distintos, mas consiste num «sentido» geral e obscuro de Deus, que enamora a alma secretamente, sem o concurso do sentimento. Por isso, sobretudo nos princípios, não dá conta disso e, habituada como estava a proceder por via de raciocínio e de affectos sensíveis, tem a impressão de já não fazer nada. Muitas vezes quer voltar à meditação em que sentia que fazia alguma coisa. Mas S. João da Cruz põe-na de sobreaviso nesse caso: apesar dos seus esforços não alcançaria nada e o único resultado seria perturbar a acção de Deus em si. Não quer isto dizer que não deva mais servir-se de qualquer bom pensamento ou de um pouco de meditação. Uma alma atenta e delicada adverte quando, embora encontrando-se em aridez, está na presença de Deus e isto lhe basta para fazer oração; e quando, ao contrário, divaga inútilmente e tem necessidade de qualquer bom pensamento para se recolher em Deus.

Colóquio — «Meu Deus, meu Deus, porque me desamparastes? Estais longe das minhas preces e das palavras do meu clamor. Meu Deus, clamo durante o dia, não me ouvís; de noite, e não me prestais atenção. Mas Vós morais no lugar santo, ó louvor de Israel. Em Vós esperaram nossos pais, esperaram e Vós os livrastes; a Vós clamaram, foram salvos, em Vós esperaram e não foram confundidos. Eu, porém, sou um verme e não um homem... derramei-me como a água, e todos os meus ossos se desconjuntaram. O meu coração tornou-se como cera, derrete-se dentro das minhas entranhas. A minha garganta secou-se como barro cozido, e a minha

língua pegou-se ao meu paladar» (Sal. 21, 2-16). Eu quereria cantar-Vos louvores, mas a minha voz extingue-se-me na garganta. Ó Senhor, quase não tenho coragem de levantar os meus olhos para Vós e, no entanto, é grande o meu desejo de Vos amar. Quereria dizer-Vos que Vos amo, mas não me atrevo, porque o meu coração é de pedra, frio e árido como o mármore. Que farei então, Senhor, em tanta aridez? Mostrar-Vos-ei a minha miséria, apresentar-Vos-ei o meu nada, as minhas impotências, a minha incapacidade e dir-Vos-ei: recordai-Vos, Senhor, de que eu sou o miserável e Vós o misericordioso, eu o doente e Vós o médico. Ó Senhor, que a consideração do meu nada não me acabrunhe, mas me lance em Vós com humildade e confiança, com reverência e abandono. Ó Senhor, que eu me conheça, que eu Vos conheça. Que eu me conheça para me desprezar e Vos conheça para Vos amar e bendizer eternamente.

Ainda que eu seja terra árida e desolada, ainda que no meu coração não haja nem uma centelha de devoção, mesmo assim quero ficar na Vossa presença, junto de Vós, para Vos dizer que, apesar de tudo, não desejo e não quero senão a Vós. «Ó Senhor, quando me encontro em tanta aridez, incapaz de rezar ou de praticar a virtude, é então o momento de procurar pequenas ocasiões, *nadas*, que Vos dão prazer. Por exemplo, um sorriso, uma palavra amável quando teria vontade de não dizer nada ou de mostrar um ar aborrecido. Quando não tenho ocasiões, quero ao menos dizer-Vos que Vos amo, não é difícil, e isto aumenta o fogo do amor. Ainda mesmo que me pareça extinto este fogo, quero lançar nele algumas palhinhas, pequeninos actos de virtude e de amor e estou segura de que, com a Vossa ajuda, se reacenderá» (T.M.J. Cart. 122).

159. CONDUTA PRÁTICA

Ó Senhor, que a Vossa luz me guie sempre para que não me engane no caminho.

1 — Neste período de transição entre a meditação e a contemplação, é muito importante que a alma compreenda bem em que consiste aquela «atenção geral e amorosa em Deus» de que fala S. João da Cruz, para saber como se comportar e tirar delas os melhores frutos. Para o Santo, este novo método de fazer oração resulta de um exercício das virtudes teologais, ajudadas por um oculto e delicado influxo dos dons do Espírito Santo. Por outras palavras, da parte da alma trata-se de um exercício de fé e de amor tão intenso e simplificado que, sem recorrer à contínua repetição de actos distintos, a põe em atitude de atenção amorosa a Deus. Bem longe de estar na ociosidade, fixa em Deus o seu olhar, mediante um prolongado acto de fé e de amor. Mas não está só, neste exercício: o Espírito Santo vem ao seu encontro e, por meio de uma secreta actuação dos Seus dons, orienta-a e atraia-a para Deus, infundindo-Lhe um conhecimento amoroso dEle. E assim pode perseverar muito tempo nesta atitude verdadeiramente contemplativa e, porque é ajudada pelo Espírito Santo, «gosta de estar a sós com atenção amorosa em Deus com paz interior, quietude e descanso, sem particular consideração» (S. II, 13, 4).

Mas nem sempre o influxo dos dons do Espírito Santo na alma será tão forte e saboroso que a mantenha tão pacificamente ocupada de Deus. Muitas vezes — sobretudo no princípio — esse influxo será mais fraco e por isso mais árido e, em geral, procederá com inter-

mitências. Não será raro o caso em que a alma, para se manter recolhida em Deus, tenha de recorrer a qualquer indústria e então ser-lhe-á muito útil aplicar-se principalmente a renovar de tempos a tempos, actos de fé e de amor, já que a sua parte nesta oração consiste num intenso exercício de fé e de amor.

2 — Falando da passagem da meditação à contemplação, S. João da Cruz nota que não se realiza em todos de modo idêntico, não só porque não se efectua em todos de maneira igualmente progressiva, mas também porque Deus não tenciona pôr todas as almas no estado de contemplação. Na *Subida do Monte Carmelo* (II, 13), ensina que a alma não deve abandonar definitivamente a meditação enquanto não se tiver formado nela o hábito da contemplação e recorda, a propósito, que muitas vezes a alma se encontra em contemplação logo desde o primeiro momento da oração, ao passo que outras vezes precisa, ao princípio, de se servir de um pouco de meditação. E assim, diz expressamente: «Enquanto tirar suco e puder discorrer na meditação, não a há-de deixar a não ser quando a alma se puser na paz e quietude... da atenção amorosa em Deus» (S. II, 13, 2-4). Pode haver um período de flutuação mais ou menos longo entre a meditação e a contemplação. Ou antes, pode haver almas que Deus não afasta nunca definitivamente da oração mais ou menos meditativa.

Isto faz-nos compreender uma vez mais que o facto de ter chegado à contemplação inicial não dispensa a alma da sua actividade pessoal. Acima de tudo, deve preparar-se sempre com diligência, para a oração, recorrendo mesmo ao auxílio de um livro; se depois não conseguir concentrar-se a reflectir sobre o que leu, isto

ter-lhe-á servido ao menos para recolher o espírito em Deus. Da mesma forma, deve iniciar sempre a sua oração, colocando-se bem na presença do Senhor e depois procederá segundo a graça do momento, reconhecida a Deus quando a recolher em Si e diligente em recorrer às reflexões ou a um livro quando sentir que doutro modo divagará no vago. É preciso ter presente que, mesmo quando a alma é posta na atenção amorosa a Deus, a fantasia pode vaguear por aqui e por ali, pois que «ela — diz S. João da Cruz — até em muito recolhimento anda à solta» (S. II. 13, 3). Nem sempre isto é um indício de que se deve voltar à meditação. A alma procure antes recolher-se para além e acima de todo o movimento do pensamento e, se adverte que desta maneira está unida a Deus, mesmo em aridez, persevere assim, ainda que isso exija maior fadiga do que ocupar-se na leitura de um livro devoto.

Colóquio — «Ó Senhor, meu Deus, busco-Vos com solicitude; de Vós está sedenta a minha alma, deseja-Vos a minha carne, como terra árida e sedenta, sem água» (Sal. 62, 2).

«Quem me fará repousar em Vós? Quem conseguirá que Vós venhais ao meu coração e o inebrieis e eu esqueça os meus males e Vos abrace, meu único bem? Que sois Vós para mim? Permitti, na Vossa bondade, que eu Vos fale. Que sou eu para Vós para que me imponhais a obrigação de Vos amar e Vos inquieteis quando eu não Vos amo, ameaçando-me tantas misérias? E é talvez pequena a miséria de não Vos amar? Pobre de mim! Dizei-me, pela Vossa misericórdia, ó Senhor meu Deus, dizei-me o que sois para mim! Dizei à minha alma: *'Eu sou a tua salvação'*. Dizei-o de tal maneira

que eu ouça. Eis diante de Vós o ouvido do meu coração. Ó Senhor, abri-o e dizei à minha alma: *'Eu sou a tua salvação'*. E correrei atrás desta voz e unir-me-ei a Vós. Mas não me escondais a Vossa face...

10 «Ó Pai, eu não conheço o caminho que conduz a Vós. Ensinaí-mo, mostrai-mo, dai-me o viático. Se é com a fé que Vos encontram os que se refugiam em Vós, dai-me a fé. Se é com a virtude, dai-me a virtude. Aumentai em mim a fé, aumentai em mim a caridade» (S.to Agostinho).

Dai-me uma fé inabalável, Senhor, dai-me uma caridade ardente! A fé e o amor são os guias que me conduzirão por veredas desconhecidas até ao esconderijo onde Vos ocultais. Fazei que eu saiba caminhar em fé e em amor, e em fé e em amor saiba esperar a Vossa visita à minha alma. Ó Espírito Santo que rezais dentro de mim «com suspiros inexplicáveis» (Rom. 8, 26), vinde ajudar a minha miséria, vinde iluminar a minha fé, vinde despertar em mim a caridade. Vós que penetrais «as profundezas dos mistérios divinos» (cfr. I Cor. 2, 10), instruí-me, ensinaí-me, fazei-me conhecer o meu Deus. Vós que sois o Espírito de Amor, dai-me dEle um conhecimento amoroso, a fim de que eu permaneça totalmente orientado para Ele e todo preso pelo Seu amor.

160. VIDA DE ORAÇÃO

Ó Senhor, fazei que eu Vos procure não só em algumas horas ou momentos do dia, mas em todos os instantes da minha vida.

1 — A alma que aspira a uma vida de intimidade com Deus, não se contenta com limitar as suas relações com Ele ao tempo da oração, mas procura prolongá-las durante o dia todo. É um desejo mais que legítimo, pois aquele que ama procura ter relações cada vez mais estáveis e contínuas com a pessoa amada. Assim acontece à alma que ama a Deus: o seu desejo é realizável porque o próprio Deus está sempre connosco, está sempre presente e operante em nós. É verdade que se trata de uma presença espiritual, invisível, mas *real*, e não apenas afectiva e moral, como pode ser a presença da pessoa amada na mente e no coração daquele que ama.

Se Deus está sempre connosco, porque não podemos manter-nos em contínuo contacto com Ele? Este contacto realiza-se por meio do pensamento e do afecto, mas muito mais com este do que com aquele. Com efeito, não é possível pensar sempre em Deus porque a mente cansa-se e porque muitas ocupações exigem toda a aplicação da inteligência e esta não pode atender, ao mesmo tempo, a dois objectos diferentes. Ao contrário, o coração pode amar sempre e jamais se cansa de tender para o objecto do seu amor, mesmo quando o pensamento está ocupado noutra coisa. Como o amor sobrenatural não consiste no sentimento, mas numa íntima orientação da vontade para Deus, vemos que esta orientação é possível mesmo durante o desempenho dos deveres que absorvem toda a inteligência. Assim, a

vontade poderá reforçar a sua orientação para Deus com o desejo de cumprir todos os deveres por Seu amor, para Lhe dar prazer, para Lhe dar glória. S. Tomás ensina, a este propósito, que o coração pode tender sempre para Deus, mediante o «desejo da caridade», ou seja, mediante o desejo de O amar, de O servir, de se unir a Ele em cada acção. «A oração não é outra coisa senão um desejo do coração; se o vosso desejo é contínuo, a vossa oração é contínua. Quereis então não cessar nunca de orar? Não cesseis nunca de desejar» (S.to Agostinho).

2 — Como a oração não consiste em pensar muito, mas em amar muito, assim a vida de contínua oração consiste muito mais no amor do que no pensamento. Todavia, é necessária uma certa actividade do pensamento, quer para orientar o coração para Deus, quer para o manter em tal direcção.

A alma que se aplica bem à sua oração mental, facilmente colherá nela bons pensamentos que Lhe poderão servir durante o dia para manter o seu coração dirigido para Deus. Será pois útil que, frequentemente, entre as suas ocupações, procure despertar esses pensamentos e aplicá-los à sua vida prática.

Se na oração considerámos, por exemplo, a misericórdia infinita de Deus a nosso respeito, procuraremos que este pensamento nos acompanhe nas nossas ocupações, reconhecendo em todas as circunstâncias em que nos venhamos a encontrar, outras tantas manifestações desta misericórdia. Com efeito, tantos acontecimentos que, sob o ponto de vista humano, são desagradáveis e penosos, escondem, na realidade, verdadeiras misericórdias do Senhor que, por meio dos sofrimentos, das

fadigas e dos dissabores da vida, deseja desprender-nos das criaturas, fazer-nos praticar a virtude e progredir no bem. Por outro lado, nos nossos contactos com o próximo, procuraremos imitar a misericórdia do Senhor: «Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso» (Lc. 6, 36). Se, no entanto, a nossa oração se passar em aridez, sem nos deixar nenhum pensamento determinado, mas apenas um sentimento mais profundo do nosso nada e da infinita grandeza de Deus, faremos disso um tesouro, procurando, durante o dia, cumprir os nossos deveres em espírito de humildade e de homenagem a Deus, alegrando-nos se se nos apresentar alguma ocasião de nos humilharmos e de reconhecermos a nossa pequenez, mesmo perante as outras criaturas, e de exaltarmos as grandezas do Senhor.

Deste modo a oração não será um facto isolado no nosso dia, mas penetrá-lo-á inteiramente, dando a cada acção e circunstância, um valor de oração contínua.

Colóquio — «Ó Senhor, fazei que a minha vida seja uma oração contínua, oração a que está obrigada toda a criatura racional. Esta oração nasce do amor, é fogo e verdadeiro desejo fundado na caridade, que impele a alma a fazer tudo por Vosso amor. Despertai em mim, ó Senhor, a caridade, a fim de que eu sempre Vos deseje e, desejando-Vos, esteja continuamente em oração. Em todo o lugar e em todo o tempo, em tudo o que faço, a minha alma ora sempre diante de Vós pelo afecto da caridade» (S.ta Catarina de Sena).

«Ó meu Deus, se eu estivesse inebriado de amor por Vós, nada mais procuraria em todas as coisas senão a maneira de Vos servir com mais diligência e perfei-

ção e, negando a minha vontade em tudo e por tudo, me esforçaria com o ímpeto do coração, por fazer somente aquilo que é do Vosso agrado.

¶ «Dai-me, Senhor, tão grande fervor e tão excessivo amor, que eu não distinga entre vida e vida, estado e estado, pessoa e pessoa, tempo e tempo, lugar e lugar, mas que em toda a parte e a toda a hora me esforce por cumprir o que Vos apraz, tendendo sempre para Vós com o afecto da alma. Fazei que eu veja todas as coisas em Vós, e que em todas as coisas não veja senão a Vós, sempre ansioso, desejoso de Vos servir em tudo, todo inflamado, todo ardente de amor, que eu não procure o que me é mais fácil e suave, mas somente o que me torne mais agradável a Vós.

¶ «Concedei-me, ó Senhor, a graça de imitar os espíritos angélicos que, embora estejam connosco, não interrompem a contemplação divina. Fazei que trate e sirva os meus irmãos, considerando-Vos e vendo-Vos em cada um deles e fazei que eu preste ajuda ao próximo, oferecendo-Vos o meu coração. E quando tiver de me afastar deste nobre exercício, ajudai-me a reencontrar-Vos sem demora, fazendo todo o esforço para o conseguir, a fim de que, com o Vosso socorro, eu possa viver sempre com o coração fixo em Vós» (cfr. S. Boaventura).

161. PEREGRINOS DE DEUS
III DOMINGO DEPOIS DA PASCOA

Fazei, ó Senhor, que as coisas terrenas não prendam o meu coração e não o impeçam de aspirar ao céu.

1 — A liturgia de hoje começa a orientar o nosso pensamento para a próxima Ascensão de Jesus ao céu. «Um pouco e já não me vereis... porque vou para o Pai». O Evangelho do dia (Jo. 16, 16-22), que relata esta passagem, é tirado do discurso que o Senhor fez aos Apóstolos na tarde da última Ceia, com o fim de os preparar para a Sua partida, antes de ir para a Paixão, mas a Igreja gosta de no-lo apresentar hoje como o discurso de despedida de Jesus antes da Sua Ascensão. Uma vez cumprida a Sua missão, Ele deve regressar ao Pai que O enviou. Um dia acontecer-nos-á o mesmo a nós: a terra não é a nossa morada estável, mas só o lugar da nossa peregrinação. E Jesus disse: «Um pouco e já não me vereis; e outra vez um pouco e ver-me-eis». Estas palavras, obscuras para os Apóstolos que não as compreenderam, são hoje muito mais claras para nós. «Um pouco» quer dizer, o tempo da nossa vida — que em comparação com a eternidade é de facto muito pouco — e chegará também para nós o momento de deixarmos a terra para seguirmos Jesus até ao céu, onde O veremos na glória. E então, como disse o Senhor, «o nosso coração se alegrará, ninguém nos tirará a nossa alegria». Mas antes de chegar a este feliz fim, é preciso passar pelas adversidades, lutas e sofrimentos da vida terrena. Ainda que tudo isto seja «pouco» comparado ao «desmesurado peso de glória que nos espera» (cfr. II Cor. 4, 17), o Senhor sabe que, para nós, presos

como estamos pelas vicissitudes da vida terrena, é «muito» e penoso, e por isso nos põe de sobreaviso para que não nos escandalizemos: «Vós haveis de chorar e de gemer e o mundo se há-de alegrar». O mundo goza e quer gozar a todo o custo, totalmente imerso nos prazeres da vida presente, sem qualquer pensamento sobre o que o espera para além. E se não pode fugir aos inevitáveis sofrimentos da vida, procura abafar a dor no prazer, esforçando-se por tirar de cada instante fugitivo o maior gozo possível. Não age assim o cristão que se impõe uma vida de sacrifício e de renúncia em vista de uma felicidade ultraterrena: «haveis de estar tristes — diz Jesus — mas a vossa tristeza há-de converter-se em alegria».

2 — A Epístola (I *Ped.* 2, 11-19), exorta-nos igualmente a viver na terra com os olhos voltados para o céu: «Caríssimos— diz S. Pedro — rogo-vos que, como estrangeiros e peregrinos, vos abstenhais dos desejos carnis que combatem contra a alma». O peregrino não pode demorar-se a gozar dos alívios e alegrias que encontra no seu caminho sem comprometer o bom êxito da sua viagem e ainda sem correr o risco de não alcançar a meta. Do mesmo modo o cristão, peregrino de Deus, não pode parar nos bens terrenos; poderá sem dúvida servir-se e até gozar deles se a Providência os puser no seu caminho, mas com um coração desprendido que imediatamente os ultrapassa; nada pode embaraçar o seu passo porque tem pressa de chegar ao fim. A vida do cristão é a vida do viandante em terra estrangeira que nunca pára porque está ansioso por chegar à pátria. Muito a propósito, a Secreta da Missa põe hoje nos nossos lábios a seguinte oração: «Por estes mistérios, concedei-

-nos, Senhor, que desprezando os desejos terrenos, aprendamos a amar as coisas celestiais». Oração de que temos muita necessidade, porque as satisfações e os bens presentes, com o seu carácter concreto, podem sempre apoderar-se dos nossos sentimentos e do nosso coração, diminuindo a nossa ânsia do céu e fazendo-nos esquecer um pouco a caducidade do que é terreno.

Outra característica do peregrino é não estar satisfeito enquanto não chegar à pátria, o que lança sobre a sua vida um véu de tristeza. Também o cristão, peregrino de Deus, não pode estar plenamente satisfeito enquanto não chegar ao céu e possuir Deus. Corre suspirando por Ele, apressando o passo, confortado pela esperança de O encontrar um dia «face a face», mas essa esperança inclui um sentimento de tristeza porque espera o que não possui ainda. É a tristeza santa daqueles que procuram a Deus. Agradeçamos ao Senhor se no-la fizer experimentar: é bom sinal, é sinal de que o nosso coração está preso pelo Seu amor e de que as coisas terrenas já não podem saciá-lo. Recordemos por isso, ainda uma vez, a consoladora promessa de Jesus: «a vossa tristeza há-de converter-se em alegria».

Colóquio — «Ó deleite meu, Senhor de todo o criado e Deus meu, até quando hei-de esperar por ver a Vossa presença? Ó vida longa! Ó vida penosa! Ó vida em que não se vive! Oh! que soledade tão só, tão sem remédio! Pois, quando, Senhor, quando? até quando?... Que farei, meu Bem, que farei? Porventura desejarei não Vos desejar? Ó meu Deus e meu Criador, chagais e não pondes a medicina, feris e não se vê a chaga; matais, deixando com mais vida! Enfim, fazeis o que quereis, como poderoso que sois... Assim seja, meu

Deus, pois Vós o quereis, que eu não quero senão amar-Vos.

«Ó Criador meu! A minha grande dor faz-me queixar e dizer o que não tem remédio até que Vós o queirais. A minha alma tão encarcerada deseja a sua liberdade, desejando não sair nem um ponto daquilo que Vós quereis. Ó Glória minha, fazei que cresça a sua pena ou remediai-a de todo!

«Ó morte, morte, não sei quem te possa temer, pois está em ti a vida! Mas quem não temerá, tendo gasto parte dela em não amar o seu Deus? E se isto se deu comigo, que peço e que desejo? Porventura o castigo tão bem merecido por minhas culpas? Não o permitais Vós, meu Bem, que Vos custou muito o meu resgate.

«Ó alma minha, deixa que se faça a vontade do teu Deus, isso te convém. Serve-O e espera na Sua misericórdia, que remediará a tua pena quando a penitência das tuas culpas tiver ganho algum perdão para elas. Não queiras gozar sem padecer.

«Ó verdadeiro Senhor e Rei meu! que até nem para isto sirvo, se não me favorece a Vossa soberana mão e grandeza, porque, com ela, tudo poderei» (T.J. Ex. 6).

162. EXERCÍCIO DA PRESENÇA DE DEUS

Ó Senhor, que eu viva sempre na Vossa presença, com o olhar interior fixo em Vós.

1 — A vida de contínua oração torna-se tanto mais fácil quanto mais a alma sabe conservar durante o dia o sentido da presença de Deus. Já sabemos que Deus está sempre presente em nós, que vivemos, nos move-

mos e existimos nEle, mas enquanto nas horas de oração procuramos tomar cada vez mais vivamente consciência desta grande realidade, ao voltar às nossas ocupações, a consciência dessa presença vai-se desvanecendo pouco a pouco e muitas vezes surpreendemo-nos a agir como se Deus não estivesse presente em nós.

O exercício da presença de Deus consiste em procurar que, mesmo no meio dos nossos trabalhos, o Senhor esteja sempre presente na nossa mente e no nosso coração. Podemos fazer este exercício de diversas maneiras: servindo-nos de objectos externos, como uma imagem, um crucifixo que trazemos connosco ou temos em cima da mesa de trabalho e cuja vista nos levará muitas vezes o pensamento para Deus; ou ainda servindo-nos da imaginação para nos representarmos «interiormente» o Senhor, perto de nós, o que corresponde à realidade, porque, se a Humanidade de Jesus não nos está fisicamente presente, porém exerce sempre sobre nós um influxo, mesmo físico, na comunicação da graça. Podemos muito bem «representar-nos» esta acção de Jesus em nós como se Ele nos acompanhasse continuamente. Podemos ainda manter viva a lembrança de Deus, por meio de um pensamento de fé; por exemplo, posso cultivar o pensamento da contínua presença da Trindade em mim e procurar cumprir todas as minhas acções em homenagem aos Hóspedes divinos; ou posso ainda considerar os meus deveres como outras tantas manifestações da vontade de Deus e assim, ao cumpri-los, procuro unir-me a esta divina vontade; posso também exercitar-me em «ver» todas as circunstâncias da minha vida à luz da fé e portanto dispostas pela divina Providência para o meu bem. Isto levar-me-á a abraçar tudo de boa vontade, repetindo continuamente ao Pai

celeste: estou contente com tudo o que Vós fazeis por mim.

2 — O exercício da presença de Deus, particularmente sugerido por S.ta Teresa de Jesus aos que aspiram à intimidade divina, é aquele que se destina a manter a alma em contacto com Deus, presente nela. «No meio das ocupações devemos retirar-nos em nós mesmos, diz a Sania. Ainda que seja por um só momento, o recordar que temos companhia dentro de nós, é de grande proveito» (Cam. 29, 5). Poder-se-ia objectar que este método é mais adequado para aqueles que vivem na solidão do que para os que vivem em permanente contacto com os outros e todavia, a Santa aplica-o, de um modo muito prático e simples, aos que estão no segundo caso: «Se falar, procure lembrar-se que tem dentro de si mesmo com quem falar [ou seja, com Deus]. Se ouvir, lembre-se que deve ouvir a quem de mais perto lhe fala. Enfim, tenha em conta que pode, se quiser, não se apartar nunca de tão boa companhia... Se puder [recorde-o] muitas vezes ao dia, se não puder, sejam poucas» (ib. 7).

Qualquer profissional ou trabalhador pode adoptar este método em todas as suas relações com o próximo. E nada impede que o use também em sentido inverso, ou seja, que o aplique à presença de Deus na alma dos outros. Se, infelizmente, nem em todos os homens Deus está sempre presente pela graça, está ao menos presente pela Sua essência, isto é, como Criador e Conservador do seu ser. Assim, um professor pode considerar sempre Deus presente nos seus alunos, um médico ou uma enfermeira, nos seus doentes, um negociante ou uma costureira, nos seus clientes, ou em qualquer outra pessoa: isto inspirar-nos-á sentimentos de bene-

volência, de caridade, de respeito para com todas as pessoas com que tratamos e pode levar-nos a ocupar-nos delas e a servi-las, não só para nosso proveito ou por mero sentimento do dever, mas em homenagem e em relação a Deus, que nós reconhecemos presente nelas. Em resumo, trata-se de procurar, de servir e de amar a Deus presente nos nossos irmãos. Este exercício, unido ao que foi sugerido por S.ta Teresa, ajudar-nos-á eficazmente a manter-nos em contínuo contacto com Deus, quer O consideremos presente na nossa alma, quer na do próximo.

«Se vos acostumardes a trazer tão bom Amigo ao pé de vós — diz a Santa — e Ele vir que o fazeis com amor e andais procurando contentá-lo, não podereis, como dizem, afastá-lo de vós, nunca vos faltará» (*Cam.* 26, 1).

Colóquio — «Senhor, que este seja o meu lema: Vós em mim e eu em Vós! Como é bela esta Vossa presença em mim, no santuário interior da minha alma! Fazei que a minha contínua ocupação seja interiorizar-me para me perder em Vós, para viver juntamente con-Vosco. Sinto-Vos tão vivo na minha alma, que me basta recolher-me para Vos encontrar aqui dentro de mim; esta é toda a minha felicidade.

«Ó Senhor, que eu viva conVosco como com um Amigo. Ajudai-me a manter desperta a minha fé para me unir a Vós através de todas as coisas. Tenho o céu na minha alma, porque Vós, que saciais os bem-aventurados na visão eterna, Vos dais a mim na fé e no mistério.

«Fazei, meu Deus, que a minha alma seja um pequeno paraíso onde possais repousar com delícias; ajudai-me, por isso, a tirar dela tudo o que pode ferir o

Vosso olhar divino. Que eu viva então neste pequeno céu, sempre conVosco. Em qualquer lugar em que eu estiver, em qualquer coisa que eu faça, não me abandoneis jamais; que eu fique também sempre conVosco; que a toda a hora do dia e da noite, em toda a alegria ou provação, em todo o trabalho ou acção, eu saiba encontrar-Vos em mim.

«Ó meu Deus, Trindade SS.ma, sede a minha morada, o meu lar, a casa paterna donde nunca devo sair. Que eu permaneça em Vós, não por alguns instantes ou por algumas horas que passarão, mas dum modo permanente, habitual. Que eu reze em Vós, adore em Vós, ame em Vós, sofra em Vós, trabalhe e actue em Vós. Que eu permaneça em Vós ao apresentar-me a qualquer pessoa ou coisa, ao aplicar-me a qualquer dever, lançando-me cada vez mais nas Vossas divinas profundidades. Ó Senhor, fazei que cada dia eu avance mais neste caminho que me conduz a Vós, que me deixe deslizar por este declive com uma confiança cheia de amor» (cfr. I.T. *Cart.* e I, 1).

163. ESPÍRITO DE FÉ

Daí-me, Senhor, um espírito de fé que me permita manter-me em contacto conVosco no meio de qualquer ocupação ou circunstância do dia.

1 — São dois os obstáculos principais que nos impedem de nos mantermos em contacto com Deus no meio das ocupações quotidianas. Em primeiro lugar, o nosso olhar muito humano que nos faz considerar as pessoas e os acontecimentos quase só sob o ponto de vista terreno, material; em segundo lugar, a opacidade

das criaturas, o aspecto penoso, desconcertante e até mau de muitas situações. Enquanto permanecemos em oração, aos pés do Senhor, é-nos fácil pensar que O podemos descobrir em todas as criaturas e em todos os acontecimentos; mas quando nos encontramos em contacto com certas pessoas, com certas dificuldades, este pensamento de fé desvanece-se e dispersamo-nos em raciocínios humanos que nos fazem perder de vista Deus e a Sua acção no mundo. O grande remédio é cultivar um profundo espírito de fé.

A fé não nos faz somente conhecer Deus em Si mesmo, como Trindade, mas faz-nos também vê-LO em todas as criaturas e em todas as circunstâncias da vida, pois Ele está presente em toda a parte com a Sua acção providencial. Tal como Deus conhece as criaturas em relação a Si mesmo, assim a fé no-las mostra dependentes dEle e desse modo no-las faz ver e julgar um pouco como as vê e julga o próprio Deus. A fé diz-nos que no mundo não acontece nada, absolutamente nada que não esteja submetido ao governo divino. É verdade que Deus não quer o mal, porque não quer o pecado nem as consequências que dele derivam — como as injustiças, as lutas, as guerras, etc. — tolera-as simplesmente para deixar livres as Suas criaturas. E todavia, Deus intervém em qualquer situação — mesmo nas que são causadas pelo pecado — para fazer reentrar tudo no Seu plano divino, ordenado para a Sua glória, para a salvação e santificação das almas. O meu espírito de fé deve ser tão concreto que me torne bem convicto de que nenhum acontecimento, nem da minha vida particular, nem da vida social dos povos, escapa ao governo de Deus, governo tão sábio que tudo pode transformar e que sabe até tirar o bem do mal. Portanto, nada

posso ver separado de Deus, e em qualquer pessoa, ou em qualquer circunstância posso encontrar Deus.

2 — A alma de fé não se encontra com Deus apenas na oração, mas, vendo-O em todas as coisas, em todas O encontra e pode manter-se em contacto com Ele, mesmo no meio dos afazeres. O espírito de fé faz-lhe ultrapassar a opacidade das criaturas e dos acontecimentos humanos, pois que para além deles encontra sempre Deus. As causas segundas tornam-se-lhe transparentes, deixando-lhe ver imediatamente a Causa primeira, Deus, presente e operante em toda a parte. Saber reconhecer e encontrar o Senhor em cada criatura — mesmo naquelas que nos contrariam, ofendem e fazem sofrer — em todos os acontecimentos — mesmo nos mais desagradáveis, penosos e desconcertantes — é um dos grandes segredos da vida interior. Então o mundo torna-se um livro aberto que em cada página traz escrito, a grandes caracteres, a única palavra: *Deus*; diante de Deus, da Sua vontade, da Sua permissão, dos Seus planos, tudo se torna secundário e entende-se então como é vão fixar o olhar nas criaturas, já que estas não são — por assim dizer — senão o véu que oculta o Criador. Mas um espírito de fé tão profundo exige da nossa parte um exercício assíduo.

Nos meus encontros com o próximo — e quantas pessoas encontro durante o meu dia! — posso habituar-me a saudar o Senhor presente em cada criatura; nos deveres do meu estado, nas ordens dos meus superiores, posso ver a expressão da vontade de Deus. Em todas as circunstâncias grandes ou pequenas e até minúsculas que me ocasionam aborrecimento, incómodo, sofrimento, aumento de trabalho ou mudança de planos, devo apren-

der a ver outros tantos meios de que Deus Se serve para me fazer praticar a virtude: a paciência, a generosidade, a caridade. As horas de oração devem servir-me para ver, a esta luz sobrenatural, todos os pormenores da minha vida, para que, através deles, eu possa encontrar sempre o Senhor.

3^h *Colóquio* — «Meu Deus, a Vossa presença está em toda a parte, contém tudo, supera tudo, conduz tudo, penetra tudo, basta a tudo e dispõe tudo para tudo governar com amor e onipotência infinita. Diante da Vossa divina presença tudo o resto é nada; ela é tão grande e tão poderosa que, na realidade, absorve e faz desaparecer tudo o mais, isto é, tudo se torna nada diante de Vós.

Q2 «Ó Senhor, fazei que eu consiga subir finalmente das coisas criadas até Vós, sem me perder em vãs reflexões e distinções acerca das criaturas, mas com simplicidade e em espírito de fé, com fé viva e inabalável. Vós penetrais em toda a parte com a Vossa bondade, com o Vosso amor individual, infinito, com a Vossa onipotência. Esta verdade simplifica tudo; nela tudo se torna essencial e substancialmente uma só coisa; esta verdade ultrapassa, penetra e absorve tudo o resto, tudo o que foi criado. Meu Deus, Vós estais em tudo, que tesouro! Ó Senhor, fazei que eu me mova nesta verdade como no meu centro, como num lugar de repouso onde nada me possa impressionar ou distrair de Vós, se aí me conservar bem escondida» (cfr. B. M. Teresa de Soubiran).

Dai-me, Senhor, um olhar de fé tão límpido e penetrante que, para além das criaturas e das circunstâncias humanas, eu veja sempre a Vossa mão que tudo guia

e dirige, que continuamente me convida a seguir-Vos e a aderir a Vós. Fazei que, mais que as criaturas, Vos veja a Vós, que sois o Criador, presente e operante em todas as coisas. Fazei que eu saiba reconhecer-Vos no meu próximo, que eu saiba encontrar-Vos em qualquer acontecimento da minha vida. Fazei que as criaturas não prendam o meu olhar e o meu coração, mas que, embora ocupando-me delas conforme os meus deveres, tenda mais para Vós do que para elas, viva mais con-Vosco do que com elas. Ó Senhor, Vós sois a primeira e grande realidade, a única e absoluta realidade em que tudo tem vida e movimento! Fazei que as pequenas realidades terrenas, que de Vós tiram o ser, não se ergam de tal maneira diante dos meus olhos, que me impeçam de Vos ver e de Vos encontrar e de me unir a Vós através de todas as coisas.

164. A ORAÇÃO LITÚRGICA

Ó Jesus, Cabeça do Corpo Místico, fazei que, rezando com a Igreja, eu possa unir-me à Vossa oração.

1 — O cristão não é um ser isolado; como homem, pertence à grande família humana, e como baptizado, está enxertado em Cristo, na qualidade de membro do Seu Corpo Místico que é a Igreja. O cristão é filho de Deus e é filho da Igreja, pois é justamente no seio da Igreja que se torna filho de Deus; por isso toda a sua vida espiritual, ainda que tenha um carácter pessoal que tende ao contacto íntimo com Deus, deve também ter um carácter social, litúrgico, participando na vida da Igreja. Por outras palavras, a vida espiritual do cristão deve estar enquadrada na da Igreja, sua mãe,

deve estar associada a tudo o que a Igreja faz, em união com Cristo, Sua Cabeça, para prolongar no mundo a Sua acção santificadora.

Como a nossa vida espiritual nasce, cresce e se desenvolve no seio da Igreja, assim a nossa oração — que é a expressão mais alta da vida espiritual — deve estar inserida na oração da Igreja, ou seja, na oração litúrgica. A oração litúrgica é duma excelência muito particular porque não é propriamente a oração de cada alma, por mais sublime e elevada que seja, mas a oração que toda a Igreja dirige a Deus em união com Jesus, seu Esposo e sua Cabeça. É como um prolongamento da oração de Jesus, ou antes, é uma participação naquelas súplicas que Ele próprio, na glória do céu e na humilde solidão dos nossos altares, sempre oferece ao Pai, louvando-O em nome de todas as criaturas e intercedendo pelas necessidades de todas e de cada uma. «A sagrada liturgia é o culto público que o nosso Redentor presta ao Pai, como Cabeça da Igreja e é o culto que a sociedade dos fiéis rende à sua Cabeça e, por meio d'Ele, ao Eterno Pai» (*Enc. Mediator Dei*).

Quando sentirmos a pobreza da nossa oração pessoal, ofereçamos a Deus a grande oração de Jesus e da Igreja e associemo-nos espiritualmente a ela.

2 — A oração litúrgica, sendo a oração pública da Igreja, dá necessariamente um grande lugar aos actos de culto externo, como cerimónias, cânticos, recitações colectivas, etc., que devem ser executados com grande cuidado. Todavia, isso não seria suficiente se não fosse acompanhado pelo culto interno. «A sagrada liturgia requer que estes dois elementos — culto interno e culto externo — estejam intimamente ligados» (*Med. Dei*).

Não basta, portanto, assistir aos ritos sagrados, participar nas cerimónias, nas orações colectivas; tudo isso deve ser vivificado pela oração interior e pessoal que eleva o coração a Deus no desejo de O honrar e de se entreter com Ele. Na própria vida espiritual, cada alma tem a liberdade de dar maior lugar à oração litúrgica ou à oração pessoal, segundo a sua devoção; porém estas duas formas de oração nunca se devem contrapor ou separar, mas devem unir-se de modo que uma penetre e sustente a outra. Como a oração litúrgica deve ser vivificada pela oração pessoal, assim esta deve ser enquadrada na oração litúrgica e alimentada por ela. De facto, como verdadeiros filhos da Igreja, devemos procurar apoiar a nossa oração pessoal na liturgia. Seguindo as orações litúrgicas — ao menos através dos textos do Missal e do Vespéral festivo — poderemos sintonizar a nossa vida de oração com os grandes mistérios da vida de Cristo que a Igreja nos apresenta nos vários tempos litúrgicos, convidando-nos não só a considerar tais mistérios, mas também a associarmo-nos a eles. Assim, no Advento, a nossa oração deve centrar-se no mistério da Encarnação; na Quaresma, no da Paixão e Morte de Jesus, e assim por diante.

Deste modo, a liturgia torna-se o grande binário da nossa vida de oração e oferece-lhe um alimento deveras substancial. Assim, a oração pessoal penetra na oração litúrgica e vive-versa, visto que, depois de termos contemplado, na oração, os mistérios que a liturgia nos apresenta, voltaremos à oração litúrgica com maior capacidade para a compreender e saborear.

25

Colóquio — «Ó meu Deus, como ficaria desanimada por causa da minha fraqueza e nulidade se, para Vos

louvar, reverenciar e glorificar, não tivesse Jesus Cristo, meu único Bem, que o faz tão excelentemente! Confio-Lhe as minhas impotências e alegro-me porque Ele é tudo e eu nada... Sim, ó Jesus, em Vós eu possuo tudo, Vós sois a minha Cabeça e eu sou realmente um membro Vosso. Vós rezais, adorais, humilhai-Vos e agradeceis em mim e por mim e eu em Vós, porque o membro forma um todo com a Cabeça. A Vossa vida tão santa e tão grande, absorve a minha, tão vil e tão mesquinha» (cfr. B. M. Teresa de Soubiran).

27 [Ó Jesus que, estando à direita do Pai, intercedeis continuamente por nós, dignai-Vos absorver na Vossa grande oração, a minha tão pobre.

«Ó Jesus, concedei-me a graça de adorar o Pai 'em espírito e verdade', concedei-me a graça de O adorar por meio de Vós e em união conVosco porque só Vós sois o único Adorador em espírito e verdade» (cfr. I.T. I, 9). Só Vós sois o verdadeiro Orante cuja oração e adoração são perfeitamente dignas da Majestade infinita. Só Vós sois o louvor perfeito da SS.ma Trindade, mas a este louvor quereis associar a Igreja, Vossa Esposa e minha Mãe, quereis associar-me também a mim, Vosso membro e filho da Igreja. Fazei portanto que, participando na oração da Igreja, eu participe também na Vossa oração. Não olheis para a pobreza da minha oração pessoal, mas vede-a associada à oração sublime e incessante da Vossa Esposa, vede-a unida ao coro perenê de louvores e de súplicas que, de todos os lugares da terra, os Vossos Sacerdotes, as almas a Vós consagradas e todos os Vossos eleitos, elevam continuamente ao Vosso trono. Fazei que neste magnífico coro a minha voz não destoe. Para isso ajudai-me a rezar com verdadeiro espírito de piedade, com a alma atenta

e devota, de modo que o coração acompanhe sempre o movimento dos lábios, e que o movimento interior vivifique todos os gestos, todos os cânticos, todas as palavras.

165. A SANTA MISSA

Ó Jesus, fazei-me compreender cada vez melhor o valor e o significado do Vosso sacrifício eucarístico.

1 — O centro do culto litúrgico é a Santa Missa. Como a obra redentora de Jesus culmina no Calvário pela Sua morte na cruz, assim a acção litúrgica, que prolonga a obra de Jesus no mundo, culmina na Santa Missa, que renova e perpetua sobre os nossos altares o Sacrifício da cruz. Jesus quis que os preciosos frutos da Redenção, por Ele merecidos no Calvário para todo o género humano, fossem aplicados e transmitidos a cada fiel em particular, por meio da sua participação no Sacrifício eucarístico. Sobre os nossos altares, portanto, continua a correr aquela fonte de graça que Jesus Cristo abriu no Calvário, fonte de que todos os fiéis são obrigados a aproximar-se pelo menos uma vez por semana mediante a assistência à Missa dominical, mas da qual nos podemos aproximar também todos os dias, todas as vezes que participamos do Sacrifício do altar. A Santa Missa é verdadeiramente a «fonte da vida»; Jesus, ao oferecer-Se e ao imolar-Se continuamente sobre os nossos altares, repete-nos: «Se alguém tem sede, venha a mim e beba» (Jo. 7, 37).

«O augusto sacrifício do altar — diz a Encíclica *Mediator Dei* — não é uma pura e simples comemo-

ração da Paixão e Morte de Jesus Cristo, mas um verdadeiro sacrifício, no qual, imolando-Se de um modo incruento, o Sumo Sacerdote renova o que fez outrora na Cruz». A vítima é idêntica, assim como o Sacerdote, apenas é diferente o modo de fazer a oferta: no Calvário foi de um modo cruento, no altar é de um modo incruento. Mas se na Missa não vemos o Corpo despedaçado de Cristo e o Sangue a jorrar das Suas feridas, como Maria viu no Calvário, no entanto, em virtude da Consagração, temos realmente presente aquele mesmo Corpo e Sangue; por outro lado, realizando-se esta divina presença sob espécies distintas, é místicamente renovada a morte cruenta do Calvário, com a real separação do Corpo e do Sangue do Salvador.

2 — O melhor modo de assistir à Santa Missa é o que nos faz participar mais na acção sublime que se realiza no altar. Para isso é muito recomendável o método litúrgico que, fazendo-nos recitar as mesmas orações do sacerdote, nos permite seguir mais de perto as várias partes do Santo Sacrifício. Todavia, mais do que preocupar-se com a integridade da recitação — que é obrigatória só para o celebrante — é preciso procurar penetrar o significado das várias orações e sobretudo daquelas que acompanham os pontos principais da Santa Missa, como: o Ofertório, a Consagração e a Comunhão. O método litúrgico, porém, ainda que seja ótimo, não é o único. A Encíclica *Mediator Dei* nota expressamente que «as necessidades e as disposições das almas não são iguais em todos, nem permanecem sempre as mesmas em cada um». Não é raro o caso, por exemplo, de certas almas sentirem a necessidade de fechar o seu missal para «saborear» e «penetrar»

mais profundamente a própria substância da Missa, depois de terem seguido por muito tempo e com fruto o método litúrgico. Evidentemente, isto não é um retrocesso, mas um progresso. Em vez de atender, de uma maneira distinta, às várias cerimónias e orações, a alma sente necessidade de «se pôr em íntimo contacto com o Sumo Sacerdote» (ib.), para se associar interiormente à Sua acção, à Sua oferta e à Sua imolação. Neste caso a alma segue a Missa de um modo mais contemplativo que litúrgico, isto é, com a simples «atenção amorosa» que é característica da oração contemplativa. Sem seguir necessariamente em todas as suas partes o desenrolar do sagrado Rito, a alma fixa nele o seu pensamento e o seu coração com um olhar geral, mas tornado penetrante pelo amor. E assim, entra cada vez mais na compreensão do Santo Sacrifício, adquire dele um «sentido» cada vez mais profundo e vê despertar em si um desejo mais eficaz de se associar a ele. Contudo será sempre bom que de tempos a tempos, volte ao seu missal — particularmente para seguir a liturgia dos domingos e dias festivos — pois nele descobrirá novas luzes, novos sentidos, que a ajudarão a penetrar cada vez melhor na substância do Santo Sacrifício.

Colóquio — «Ó Pai eterno, permiti que Vos ofereça o Coração de Jesus, Vosso dilectíssimo Filho, como Ele mesmo Se oferece a Vós no Santo Sacrifício do Altar. Aceitai, se Vos aprouver, esta minha oferenda. Aceitai todos os desejos, os sentimentos, os afectos, os movimentos e os actos do Seu Coração sacrossanto: são todos meus, porque Ele os sacrifica por mim e eu protesto de futuro não querer outros desejos senão os Seus.

Recebei-os em satisfação dos meus pecados e em agradecimento por todos os Vossos benefícios. Recebei-os para me concederdes, em virtude dos Seus méritos, todas as graças que me são necessárias, principalmente a graça da perseverança final. Recebei-os como outros tantos actos de amor, de adoração e de louvor que ofereço à Vossa divina Majestade, pois que somente por eles Vós sois dignamente honrado e glorificado.

29 «Ó meu Deus, eu Vos ofereço o Vosso Filho dilecto em acção de graças por todo o bem que me fazeis, como minha súplica e minha oferta, minha adoração e meu tudo. Recebei-O, ó Pai eterno, por tudo aquilo que desejais de mim, porque não tenho mais nada para Vos oferecer que não seja indigno de Vós, a não ser Aquele de que Vós me concedeis gozar, com tanto amor. (S.ta Margarida M. Alacoque).

30 «Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que recebi dEle? Tomarei o cálice da salvação. Sim, meu Deus, tomarei o cálice purpureado do Sangue do meu Mestre e, na acção de graças, misturarei alegremente o meu sangue ao da Vitima divina; então o meu sacrificio tornar-se-á, por assim dizer, 'infinito' e poderá render-Vos, ó Pai, um magnifico louvor; então o meu sofrimento tornar-se-á uma mensagem que transmite a Vossa glória. (Ó Jesus, dignai-Vos identificar-me de tal modo conVosco, que eu possa exprimir-Vos sem cessar aos olhos do Pai. Vós dissestes quando viestes ao mundo: 'Eis que venho, ó Deus, para fazer a Vossa vontade!'. Fazei que esta oração seja um palpitar incessante do meu coração. Vós que todo Vos destes para cumprir a vontade do Pai, fazei que esta vontade seja o meu alimento e, ao mesmo tempo, a espada que me imole. E assim, juntamente conVosco, Mestre adorado,

irei contente ao encontro de qualquer imolação, alegrando-me por ter sido reconhecida pelo Pai, pois Ele me crucifica juntamente conVosco» (cfr. I.T. II, 7 e 14).

166. PARTICIPAÇÃO NA SANTA MISSA

Ó Jesus que em cada dia e em cada hora Vos imolais sobre os nossos altares, dignai-Vos associar-me ao Vosso sacrificio.

1 — A Encíclica *Mediator Dei* exorta todos os fiéis a «participarem no Sacrifício Eucarístico, não com uma assistência passiva, negligente e distraída, mas com tal atenção e fervor, que se ponham em íntimo contacto com o Sumo Sacerdote». Assistir à Missa não é suficiente, é necessário tomar parte, «participar» nela. Na Santa Missa Jesus continua a imolar-Se e a oferecer-Se por nós a Seu Pai, para atrair sobre nós as bênçãos divinas. Evidentemente, Jesus oferece-Se por meio do ministério do sacerdote, mas o sacerdote realiza a oferta em nome de todos os fiéis e juntamente com eles, como indicam as palavras do Cânon: «Pelos quais nós Vos oferecemos e eles Vos oferecem também este sacrificio de louvor». Isto quer dizer que os fiéis são convidados a oferecer, juntamente com o sacerdote, a Vítima divina, ou seja, como ensina a Enc. *Mediator Dei*, a «unir as suas intenções de louvor, de impetração, de expiação e de acção de graças às do sacerdote, ou melhor, às do próprio Sumo Sacerdote». Como Maria Santíssima não assistiu passivamente à Paixão do Seu Filho, no Calvário, mas, associando-Se às intenções dEle, quis Ela própria oferecê-lo ao Pai, assim também nós,

assistindo ao Sacrifício da Santa Missa, podemos oferecer ao Pai a Vítima divina, que é *nossa*, porque Se ofereceu e imolou por todos nós. Os nossos louvores, as nossas expiações, as nossas súplicas, são tão insignificantes, mas quando os apresentamos a Deus em união com os de Jesus e valorizados pelo Seu sacrifício, podemos pensar que Lhe serão agradáveis e serão ouvidos, graças à infinita dignidade da Vítima divina. Jesus, Cabeça do Corpo Místico, imolou-Se por nós, Seus membros e, sendo nossa Cabeça, pertence-nos, é *nosso*. É a Vítima que, embora tenha sido totalmente imolada sobre o Calvário para a nossa salvação, quer perpetuar a Sua imolação sobre os nossos altares, para que todos os dias e a todas as horas possamos encontrá-la à nossa disposição e possamos também oferecê-la ao Pai pelas nossas intenções.

2 — «Para que a oblação, pela qual os fiéis oferecem a Vítima divina ao Pai celeste, tenha o seu pleno efeito, exige-se ainda uma outra condição: é necessário que eles se imolem a si próprios como vítimas» (Enc. *Med. Dei*). Este autorizado ensinamento da Igreja exorta-nos a tomar parte na Santa Missa até nos tornarmos, «juntamente com a Hóstia imaculada, uma vítima agradável ao Pai celeste» (ib.). Jesus ofereceu-Se como vítima ao Pai, abraçando em tudo a Sua vontade até querer morrer na cruz para a Sua glória; nós oferecemo-nos como vítimas a Deus quando, ao renunciarmos a toda a nossa vontade contrária à Sua, procuramos conformar-nos em tudo com o Seu querer divino, quer por meio do cumprimento exacto dos nossos deveres, quer mediante a aceitação generosa de tudo o que Deus permite para nós. E se o dever exige sacrifício, se a vida

comporta sofrimento, todas as manhãs na Santa Missa temos a possibilidade de valorizar ao máximo os nossos sacrifícios, oferecendo-nos, como ensina a *Mediator Dei* — «juntamente com a divina Cabeça crucificada, a nós mesmos, as nossas preocupações, dores, angústias e misérias».

No Calvário, foi Jesus só, que Se imolou para a nossa salvação, mas sobre o altar quer associar-nos à Sua imolação, porque, se a Cabeça é imolada, também os membros o devem ser. Que uma pobre criatura ofereça a Deus, em expiação, os seus sacrifícios e a sua própria vida, que pode isso valer? Nada, porque somos nada. Mas se esta oferta for unida à de Jesus, então, com Ele, por Ele e nEle, torna-se uma hóstia agradável a Deus Pai. Voltando depois às nossas ocupações, a recordação da oferta ajudar-nos-á a ser generosos na aceitação dos grandes e dos pequenos sofrimentos quotidianos; e o pensamento de que, a todo o momento do dia e da noite, Jesus Se imola sobre os nossos altares, permitir-nos-á associar continuamente os nossos sacrifícios ao Seu sacrifício e estimular-nos-á a viver realmente como vítimas em união com a vítima divina. Quanta força e quanta generosidade provêm à alma através desta viva e contínua participação na Santa Missa!

Colóquio — «Ó Jesus, fazei que o Vosso sacrifício, o santo Sacrifício do altar, seja fonte e modelo do meu sacrifício, porque a minha vida deve ser também um santo sacrifício. É certo que é um sacrifício, porque a vida está entrelaçada de mortificação, de renúncias e sofrimentos... Mas para que o meu sacrifício seja «santo» como o Vosso sobre o Calvário e na Santa Missa,

é preciso que seja vivificado, oferecido e consumado no amor. Jesus, concedei-me um grande amor que valorize o meu sacrifício, que o torne fecundo para glória do Pai, para triunfo da Igreja, para bem das almas.

«Ó Jesus, ó divino Sacerdote, que Vos hei-de oferecer como matéria de sacrifício, como vítima de amor, para participar no Vosso Sacrifício? Oferecer-Vos-ei o meu coração, a minha vontade, o meu próprio amor para que seja inteiramente transformado no Vosso. Com efeito, desta perfeita docilidade, uniformidade, abandono, Vós me dais o exemplo no Vosso santo Sacrifício. Eis, portanto, a oferta que Vos faço: oferta geral, total, a todas as disposições da divina Providência, a todo o querer divino» (cfr. Ir. Carmela do Esp. S.to, o.c.d.).

«Ó meu Salvador, em honra da oblação e em união com o sacrifício que fazeis de Vós mesmo ao Pai, eu me ofereço a Vós para ser uma hóstia sangrenta da Vossa vontade, uma vítima imolada para Vossa glória e para glória do Vosso Pai. Como tal, uni-me a Vós, ó bom Jesus, atraí-me ao Vosso sacrifício, para que eu seja sacrificado conVosco e por meio de Vós. E porque é necessário que a hóstia seja sacrificada, degolada e consumida pelo fogo, fazei-me morrer a mim mesmo, isto é, aos meus vícios e às minhas paixões, a tudo o que Vos desagrada; consumi-me inteiramente no fogo sagrado do Vosso divino amor; e fazei que doravante toda a minha vida seja um contínuo sacrifício de louvor, de glória e de amor para o Vosso Pai e para Vós» (S. João Eudes).

167. O OFÍCIO DIVINO

Ó Jesus, dignai-Vos associar a minha pobre oração à oração da Igreja.

1 — A liturgia acompanha a Santa Missa com a recitação do Ofício divino que — como ensina a *Enc. Med. Dei* — é «a oração do Corpo Místico de Cristo, dirigida a Deus em nome de todos os cristãos e em seu benefício, sendo feita por sacerdotes, ministros da Igreja, e por religiosos delegados para este fim pela mesma Igreja». A grande dignidade do Ofício Divino está precisamente nisto: em ser, não uma oração privada, mas a oração pública, oficial, do Corpo Místico de Cristo, cujos membros não rezam sós, mas em união com Cristo, sua Cabeça. «O Verbo de Deus, assumindo a natureza humana, introduziu no exílio terreno o hino que se canta no céu por toda a eternidade. Ele une a Si toda a comunidade humana e associa-Se-lhe no canto deste hino de louvor» (ib.). No Ofício Divino «Jesus ora connosco como nosso Sacerdote; ora em nós como nossa Cabeça... Reconheçamos — diz S.to Agostinho — as nossas vozes nEle e a Sua voz em nós». Que grande dom! Jesus, o Filho de Deus, associa as nossas pobres e miseráveis orações à Sua grande e preciosíssima oração.

Se bem que o Ofício Divino seja obrigatório apenas para os sacerdotes e para os religiosos encarregados pela Igreja, pode dizer-se que é a oração de todo o povo cristão pois que é dirigida a Deus «em seu nome e em seu benefício». É por isso muito louvável que também os simples fiéis procurem de qualquer modo participar nela, por exemplo, pela recitação de *Vésperas* das festas, de *Laudes* e *Completas*. De resto,

a qualquer hora do dia ou da noite, podem oferecer a Deus a grande oração da Igreja pelas suas próprias intenções e necessidades, suprimindo assim as deficiências e a brevidade da sua oração pessoal. Além disso, mesmo no meio das ocupações quotidianas, podem unir-se de vez em quando, com piedosas aspirações, ao «louvor perene» que a Igreja eleva a Deus em nome de toda a cristandade.

2 — O Ofício divino compõe-se, na sua maior parte, de textos tirados da Sagrada Escritura e por conseguinte, inspirados pelo Espírito Santo. Não podemos encontrar orações mais belas e mais aptas para louvar a Majestade divina; por meio delas o próprio Espírito Santo «intercede por nós com inexplicáveis suspiros» (*Rom.* 8, 26). Por outro lado, estas orações tão ricas de doutrina e de unção, ajudam muito a alimentar a piedade pessoal. Todos estes motivos nos fazem compreender que «à excelsa dignidade desta oração deve corresponder a devoção interior da nossa alma» (*Med. Dei*), de modo que, como diz S.to Agostinho, «a nossa mente esteja em unísono com a nossa voz». O Ofício Divino, sendo a oração que a Igreja eleva a Deus juntamente com Jesus, sua Cabeça, e sendo inspirado pelo Espírito Santo, tem já por si um grande valor. Mas não tem valor para nós — para alimentar a nossa união com Deus e para atrair as bênçãos divinas — não se torna a nossa oração, se não a acompanharmos com a *nossa devoção pessoal*. Como sociedade dos fiéis, a Igreja ora com o coração dos seus filhos, ora com o *nosso* coração e quanto mais fervoroso e cheio de amor estiver esse coração, tanto mais a nossa oração — oração da Igreja — será agradável a Deus.

Embora não tendo obrigação de rezar o Ofício divino e limitando-se a recitar algumas orações extraídas do Breviário, é bom que toda a alma de vida interior procure compreender o espírito da oração litúrgica e fazê-lo seu. Espírito de louvor e de adoração, que pretende render a Deus um culto perene em união com Cristo e em nome de toda a Igreja, espírito de solidariedade com Jesus, nossa Cabeça, e com todos os fiéis nossos irmãos; espírito universal que abraça as necessidades de todo o mundo, que ora em nome de toda a cristandade. Como se alargam então os horizontes e as intenções das nossas orações! E, ao rezarmos já não nos sentimos sós, mas sim pequenos orantes junto a Jesus, o grande Orante!

Colóquio — «Ó Senhor, os Vossos ouvidos não estão voltados para a nossa boca, mas para o nosso coração; não estão abertos para a língua, mas para a vida de quem Vos louva.

«Eu canto com a voz para despertar em mim a piedade; canto com o coração para Vos agradar... Não Vos louve somente a minha voz, mas louvem-Vos também as minhas obras. Fazei que eu não deixe de viver bem, para poder louvar-Vos sem interrupção. Se algumas vezes a minha língua se deve calar, que grite a minha vida; os Vossos ouvidos estarão dirigidos para a minha voz, mas Vós os volveis para o meu coração...

«Não me quero limitar somente à voz; quando Vos louvo quero fazê-lo com todo o meu ser; cante a voz, cante a vida, cantem as acções. E se cá na terra tenho ainda de gemer, de sofrer tribulações, de ser tentado, espero que tudo isso passará e que há-de vir o dia em

que o meu louvor não terminará mais. Pode faltar-me a voz, mas nunca o affecto.

«É melhor para mim consumir as forças a louvar-Vos do que tomar alento para me louvar. Mas não é possível desfalecer, louvando-Vos. Louvar-Vos é como que tomar alimento: quanto mais Vos louvo, mais me encho de vigor, porque mais me comunicais a Vossa doçura, Vós, objecto dos meus louvores.

«Ajudai-me, pois, a louvar-Vos, não só com a voz, mas com a mente e com as boas obras, a fim de que, como me exortais nas Sagradas Escrituras, Vos possa cantar um cântico novo. Ao homem velho, um velho cântico, e ao homem novo, um novo cântico. Se amo as coisas terrenas, o meu canto é velho; para cantar o cântico novo, devo amar as coisas eternas. O Vosso amor é por si mesmo, novo e eterno; é sempre novo porque nunca envelhece. O pecado é que me faz envelhecer; renovai-me Vós, com a Vossa graça» (S.to Agostinho).

168. A GRANDE PROMESSA

IV DOMINGO DEPOIS DA PASCOA

Ó Jesus, dispõe o meu coração para receber o Espírito Santo que nos prometestes e mereceste.

1 — Desde o Domingo passado que a Igreja começou a preparar-nos para a Ascensão do Senhor; hoje, retomando o assunto, dá um passo em frente, isto é, fala-nos da vinda do Espírito Santo e para isso serve-se ainda de uma passagem do discurso de Jesus depois da última Ceia. É sempre o Senhor que fala aos Apóstolos e continua a dispor as suas almas para a partida; eles escu-

tam, tristes e pensativos, sem terem a coragem de O interrogar. E o Senhor, como uma boa mãe, quebra aquele penoso silêncio: «Vou para Aquele que me enviou; e nenhum de vós me pergunta: para onde vais?» Por isso apressa-se a consolá-los: «A vós convém que eu vá porque se eu não for, não virá a vós o Consolador; mas se eu for, eu vo-lo enviarei» (Jo. 16, 5-14). De facto, só a morte de Jesus nos pôde merecer este grande dom e só depois da Sua Ascensão ao céu, o Espírito Santo, o Enviado do Pai e do Filho, pôde descer efectivamente sobre a Igreja. Os apóstolos estão quase a perder a presença sensível, física, do Mestre adorado, mas Ele não os deixará órfãos e continuará a assistir-lhes invisivelmente por meio do Seu Espírito que prosseguirá a Sua obra. Jesus trabalhou no meio deles de um modo visível, o Espírito Santo fá-lo-á de um modo secreto, e escondido, mas nem por isso menos eficaz e menos real. Assim, o próprio Jesus diz que a acção do divino Paráclito completará a Sua: «Tenho ainda muitas coisas a dizer-Vos, mas vós não as podeis compreender agora. Quando vier porém aquele Espírito de verdade, Ele vos ensinará toda a verdade... Ele receberá do que é meu, e vo-lo anunciará». O coração dos apóstolos, ainda endurecido pelo pecado, não pode entender as verdades mais profundas; será necessário que Jesus, morrendo na cruz, destrua o pecado — o grande obstáculo à acção do Espírito Santo — e, depois de subir ao céu, nos envie o divino Paráclito, que nos mereceu pela Sua Paixão.

A descida do Espírito Santo às nossas almas é o maior fruto da Paixão de Jesus.

2 — Do Evangelho de hoje podemos tirar algumas conclusões práticas. Em primeiro lugar, devemos dis-

por-nos com ardor para o Pentecostes a fim de que se renove em nós, em toda a sua plenitude, a descida do Espírito Santo. E como o obstáculo à efusão do Espírito Santo é o pecado, a nossa preparação consiste numa particular pureza de consciência. O pecado deve ser destruído em nós, não só nas suas manifestações actuais, conquanto leves, mas também nas suas raízes mais profundas e ocultas.

Devemos além disso estar convencidos de que na alma em graça, e tanto mais quanto esta procura corresponder com fidelidade às moções divinas, nunca falta uma certa acção do Espírito Santo, porém não é necessário que esta acção seja sensível e consoladora. Na aridez e no desânimo o Espírito Santo trabalha também na alma fiel: é uma acção totalmente secreta e oculta, mas real e eficaz que tem por fim purificá-la e dispô-la para a união com Deus. A alma que está convencida disto mantém-se confiante, mesmo através das dificuldades e, se não compreende ou não vê o seu caminho, entrega-se ao Espírito Santo, que bem sabe e vê onde a quer conduzir.

Finalmente, o Evangelho de hoje convida-nos a invocar a acção do Espírito Santo sobre a Igreja e sobre todo o mundo. Sobre a Igreja, para que a governe e dirija no cumprimento da sua missão; sobre o mundo, para que o convença da verdade por ele rejeitada. «E Ele, quando vier — disse Jesus — convencerá o mundo quanto ao pecado, à justiça e ao juízo», ou seja, mostrar-lhe-á que é escravo do pecado por não ter acreditado em Cristo, far-lhe-á compreender como só nEle, o Redentor, está a justiça e a santidade e mostrar-lhe-á, por último, que o demónio, «o príncipe deste mundo», foi finalmente vencido e condenado.

Colóquio — «Ah! Ó Verbo eterno, dizei-me, eu Vos rogo: qual é a causa que impede o Espírito Santo de realizar na alma toda a Sua obra? Vós dizeis-me que o primeiro impedimento é a malícia e o segundo impedimento a vontade própria pela qual Vos queremos servir ao nosso modo. Queremos o Vosso Espírito, sim, mas queremos-lo do modo que nos agrada e quanto nos agrada e assim tornamo-nos incapazes de O receber. Outras vezes é a tibieza esse impedimento; parece-nos que Vos servimos e não vemos que nos servimos a nós. Mas Vós, Senhor, quereis ser servido sem amor próprio, com sinceridade e humildade. Por isso o Vosso Espírito só desce sobre a alma que se encontra no centro da própria humildade. Mas ai! Eu quereria saber, ó Verbo amoroso, o que devo fazer contra estes impedimentos. Que me adianta saber quais são se não puder dar-lhes remédio? O remédio para a malícia é a recta intenção e a simplicidade; o remédio para a vontade própria é uma vontade morta a ponto de não querer senão o que é a Vossa vontade; o remédio para a tibieza é o ardor da caridade que, como fogo, desce aos corações e queima toda a tibieza» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Vinde, ó Espírito Santo, santificai-me! Vinde, Espírito de verdade, enchei-me! A Vossa Sabedoria divina me estabelecerá na verdade. Tenho sede dela e quereia que a verdade reinasse na minha mente, nas minhas palavras, nos meus affectos, nas minhas acções, evitando tudo o que lhe é contrário, não só a mentira, mas também a dissimulação, a duplicidade, a falta de sinceridade comigo própria.

«Vinde, ó Espírito de paz e dai-me a Vossa paz! Aquela paz profunda que dilata a alma e a torna apta

para as Vossas operações, que acalma e domina toda a parte sensível e até a parte superior.

«Vinde, ó Espírito de caridade, abrasai-me e fazei que eu fique tão inflamada no Vosso amor, que o faça transbordar sobre todas as almas que eu quereria levar para Vós. Oh! transformai-me em amor; só assim poderei responder plenamente ao Vosso chamamento e ser útil à Igreja» (Ir. Carmela do Esp. Santo o. c. d.).

169. MARIA, GUIA E MODELO (1)

Refugio-me sob o vosso patrocínio, ó Maria, sede o guia e o modelo da minha vida interior.

1 — Mês de Maio, mês de Maria. Espontâneamente todos os corações cristãos se voltam para a Mãe celeste com o desejo de viver numa maior intimidade com Ela e de reforçar cada vez mais os vínculos que a Ela os ligam. É um grande conforto encontrar, ao longo do nosso caminho espiritual — muitas vezes penoso e cheio de dificuldades — a suave figura de uma Mãe. Está-se tão bem junto da Mãe! Com Ela tudo se torna mais fácil; o coração desanimado e cansado, o coração agitado pelas tempestades, encontra nova força e nova esperança e retoma o caminho com novas energias.

«Se os ventos das tentações se levantam — canta S. Bernardo — se te feres contra os escolhos das tribulações, olha para a estrela e chama por Maria. Nos perigos, nas angústias, nas perplexidades, pensa em

(1) Transferir estas meditações sobre N. Senhora segundo o Calendário do ano, de modo que coincidam com o mês de Maio).

Maria: invoca Maria». Em certos momentos o áspero caminho do «nada» assusta a nossa miséria e então, mais do que nunca, temos necessidade de um amparo, do amparo da Mãe. Primeiro do que nós, percorreu Maria Santíssima o caminho estreito e apertado que conduz à santidade, transportou a cruz, conheceu as ascensões do espírito através do sofrimento. Por vezes não ousamos fixar os olhos em Jesus, o Homem-Deus, porque, pela Sua divindade, sentimo-lo muito acima de nós; mas junto dEle está Maria, a Sua e nossa Mãe, criatura privilegiada, mas criatura como nós, e por isso modelo mais acessível à nossa fraqueza.

Durante este mês, Maria vem ao nosso encontro para nos tomar pela mão, para nos introduzir no segredo da Sua vida interior e tornar-se assim o modelo e a norma da nossa vida.

2 — S.ta Teresa do Menino Jesus, falando de certos sermões sobre Maria Santíssima, dizia: «Apresentam a SS.ma Virgem como inacessível, seria necessário propô-la como imitável» (NV. 23 - VIII). É verdade que Maria é inacessível nos altíssimos privilégios que coroam a sua divina maternidade, e é justo considerar tais privilégios para admirar, contemplar e louvar as grandezas da nossa Mãe e enamorarmo-nos cada vez mais dEla; mas, ao mesmo tempo, é preciso considerar Maria no quadro concreto da sua vida terrena, quadro humilde e simples que não sai fora da vida ordinária, comum a toda a mãe de família, e sob este aspecto Maria é verdadeiramente imitável. Contemplar as grandezas de Maria, estimular-nos a imitar as suas virtudes, será o programa do nosso mês de Maio. Acima de tudo queremos considerar a Virgem como modelo e ideal

das almas de vida interior. Ninguém, como Ela, compreendeu toda a profundidade da palavra de Jesus: «uma só coisa é necessária» (Lc. 10, 42), e ninguém mais do que Ela viveu esta palavra. Desde os primeiros instantes da sua vida, Maria foi toda de Deus e não viveu senão para Ele. Consideremos os anos passados à sombra do templo no silêncio e na oração, os meses vividos em Nazaré no recolhimento, adorando o Verbo Incarnado no seu seio, os trinta anos passados na doce intimidade de Jesus, seu Filho e seu Deus, a participação na Sua vida apostólica, na Sua Paixão e, finalmente, os últimos anos passados junto de João, quando, com a sua oração, Maria era o amparo da Igreja nascente. Embora mude de aspecto o ambiente em que se move e age, embora mudem as circunstâncias externas no meio das quais vive, a vida de Maria permanece imutável na sua substância, na busca interior do «único necessário», na adesão a Deus só. A sucessão dos acontecimentos e a sua própria actividade exterior não a impedem de perseverar naquela atitude de incessante oração, como no-la apresenta S. Lucas: «Maria conservava todas estas coisas [os mistérios divinos] meditando-as no seu coração» (2, 19).

Se, à imitação de Maria, o nosso coração estiver fortemente ancorado em Deus, nada o poderá distrair da sua ocupação interior: procurar o Senhor, amá-LO e viver na Sua intimidade.

Colóquio — «Ó minha alma, acaso receias aproximar-te de Deus? Ele deu-te Jesus por Mediador. Que coisa não poderá obter-te do Pai um tal Filho? O Pai, que O ama, ouvi-LO-á pelo amor que Lhe tem. E tu tens medo de te aproximar ainda dEle? Ele,

no entanto, fez-Se teu irmão, teu companheiro e quis sofrer todas as humilhações da natureza humana, excepto o pecado, justamente para Se compadecer das tuas misérias; foi Maria quem te deu este Irmão. Talvez a Sua divina Majestade te atemorize ainda, pois que, embora sendo homem, Jesus não deixa de ser Deus. Queres então um advogado junto dEle? Recorre a Maria. Maria é uma pura criatura, não só porque isenta de pecado, mas também pela sua natureza unicamente humana. Ó Maria, estou certo de que vós sereis ouvida, atendendo à deferência que mereceis; o Filho ouvir-vos-á certamente porque sois a sua Mãe e o Pai ouvirá o Filho. Eis a minha confiança inabalável, eis o motivo da minha esperança! Virgem bendita, o Anjo disse que vós encontrastes graça junto de Deus. Sempre encontrareis graça, e só de graça eu tenho necessidade e só graça Vos peço» (cfr. S. Bernardo).

«Atraí-me, ó Virgem Maria, a fim de que corra ao odor dos vossos perfumes. Atraí-me, porque estou re-tido pelo peso dos meus pecados e pela malícia dos vossos inimigos. Como ninguém vai ao vosso Filho se o Pai o não atrai, assim, de certo modo, eu ousou afirmar que ninguém vai a Ele se vós não o atraís com as vossas santas súplicas. Vós ensinai a verdadeira sabedoria, vós impetrais a graça para os pecadores, vós sois a sua advogada, vós prometeis a glória a quem vos honra, pois sois a tesoureira das graças. Vós encontrastes graça junto de Deus, ó dulcíssima Virgem, vós que fostes preservada da mancha original, cheia do Espírito Santo, e concebestes o Filho de Deus. Recebestes todas estas graças, ó humilíssima Maria, não só para vós, mas também para nós, a fim de que nos assistais em todas as nossas necessidades» (cfr. Ven. Giordano).

170. A ESCRAVA DO SENHOR

Ó Maria, que vos declarastes a escrava do Senhor, ensinai-me a pôr toda a minha vida e as minhas forças ao vosso serviço.

1 — Todos os grandiosos efeitos — de filiação divina, de participação na vida divina, de relações íntimas com a Trindade — que a graça produz nas nossas almas, vemo-los realizados em Maria, com um relevo, com uma força, com um realismo inteiramente singulares. Se, por exemplo, toda a alma em graça é filha adoptiva de Deus e templo do Espírito Santo, a SS.ma Virgem é-o por excelência e do modo mais pleno, pois que a Ela a Trindade Se comunicou no maior grau que pode ser concedido a uma simples criatura, de tal modo que — como diz S. Tomás — a dignidade de Maria toca «o limiar do infinito» (cfr. I^a, q. 25, a. 6, ad 4). Compreende-se bem isto quando se pensa que, desde a eternidade, Maria foi escolhida por Deus para Mãe do Seu Filho. Como a Encarnação do Verbo foi a primeira obra da mente de Deus, em vista da qual tudo foi criado, assim também Maria, que devia ter uma tão grande parte nesta obra, foi prevista e eleita por Deus antes de todas as criaturas. A Ela, portanto, bem justamente, se aplicam as palavras da Sagrada Escritura: «O Senhor me possuiu no princípio dos seus caminhos, desde o princípio antes que criasse alguma coisa» (*Prov.* 8, 22). E quando Adão, destituído do estado de graça, foi expulso do paraíso terrestre, um só raio de esperança iluminou as trevas da humanidade decaída: «Porei inimizades entre ti e a *mulher* — disse o Senhor à serpente —... ela te pisará a cabeça» (*Gen.* 3, 15). Eis que Maria

aparece no horizonte como filha dilecta de Deus, que nunca, nem por um instante, foi escrava do demônio, sendo sempre intacta, imaculada, toda de Deus. Filha que o Altíssimo sempre olhou com suma complacência e que quis introduzir no seio da Sua Família divina, pelos vínculos da mais estreita intimidade com as três Pessoas divinas: Filha do Pai, Mãe do Verbo incarnado, Esposa do Espírito Santo.

2 — Maria viveu a sua filiação com um profundo sentido de humilde dependência, de amorosa adesão a todas as vontades de Deus; temos disso a mais bela expressão na sua resposta à mensagem do Anjo: «Eis a escrava do Senhor» (Lc. 1, 38). Maria tem consciência da sua posição de criatura em face do Criador, e, embora Ele a tenha elevado a tão alta dignidade que «depois de Deus é a maior que se pode imaginar» (Pio XI), Ela, para exprimir as suas relações com o Senhor, não encontra nada de melhor do que declarar-se Sua «escrava». Esta palavra exprime a atitude interior da Virgem perante Deus, e não se trata de uma atitude transitória, mas permanente, habitual, de toda a sua vida, semelhante à de Jesus que disse ao vir ao mundo: «Eis que venho, ó Deus, para fazer a Vossa vontade» (Hebr. 10, 7). Assim Maria, que devia ser a imagem mais fiel de Cristo, oferece-se à vontade do Pai celeste, dizendo: «Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra». E, fiel à sua oferta, aceitará incondicionalmente não só qualquer desejo manifestado por Deus, mas também qualquer circunstância por Ele permitida. Aceitará a longa e incómoda viagem que a levará para longe da sua casa, precisamente nos dias em que havia de dar à luz o Filho de Deus. Aceitará

o humilde e pobre abrigo de um estábulo, a fuga nocturna para o Egipto, as privações e incómodos do exílio, o trabalho e a fadiga de uma vida pobre, a separação do Filho que Se afasta dEla para Se dar ao apostolado, as perseguições e as injúrias dirigidas ao seu Jesus e tão sensíveis ao seu coração materno. Aceitará enfim os opróbrios da Paixão e do Calvário, a morte do seu amado Filho. Podemos pensar que em todas as circunstâncias as suas disposições interiores serão as mesmas do dia da anunciação: «Eis a escrava do Senhor». Que exemplo para nós, de humilde dependência de Deus, de fidelidade absoluta à Sua vontade e de perseverança na vocação, apesar das dificuldades e sacrifícios que possamos encontrar no nosso caminho!

Colóquio — Ó Maria, toda pura e toda santa; paraíso de Deus, Sua filha dilecta, escolhida por Ele desde toda a eternidade para Mãe do Seu Unigénito, por Ele preservada de toda a sombra de pecado, por Ele enriquecida de toda a graça; ó Maria, como sois grande, como sois bela! «Toda sois formosa, ó Maria, e não há em vós mancha de pecado. Vós sois a glória de Jerusalém, vós sois a alegria de Israel; vós sois a honra do nosso povo» (*Tota pulchra*).

O Altíssimo olhou-vos sempre com complacência e quis dar-Se a vós de um modo singular. «O Senhor está convosco, ó Maria! Está convosco Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, Deus Trino e Uno, Deus Pai de quem sois a Filha nobilíssima; Deus Filho de quem sois a Mãe digníssima; Deus Espírito Santo de quem sois a Esposa formosíssima. Vós sois verdadeiramente a Filha da suprema Eternidade, a Mãe da suprema Verdade, a Esposa da suprema Bondade, a escrava da suprema

Trindade» (cfr. Conrado de Saxónia). Mas de todos estes títulos vós escolhestes o último, o mais humilde, o mais baixo e declarais-vos a escrava do Senhor.

«Oh! quão sublime é a vossa humildade, que não cede às seduções da glória, e na glória não conhece a altivez! Sois escolhida para ser Mãe de Deus e chamais-vos escrava! Ó Senhora, como pudestes unir no Vosso coração um conceito tão humilde de vós mesma, com tanta pureza, com tanta inocência, e sobretudo com tanta plenitude de graça? Ó Bem-aventurada, donde vos vem tanta humildade? Verdadeiramente por esta virtude merecestes ser olhada por Deus com amor especial, merecestes enamorar o Rei com a vossa beleza, atrair o Filho eterno do seio do Pai» (cfr. S. Bernardo).

Ó Maria, vós vos proclamastes escrava do Senhor, vivestes verdadeiramente como tal, sempre humildemente submissa à Sua vontade, sempre atenta aos Seus accenos, aos Seus convites. Quem melhor do que vós pode dizer com Jesus: «O meu alimento é fazer a vontade de meu Pai?» (cfr. Jo. 4, 34). Ó Maria, filha dulcíssima do Pai celeste, imprimi no meu coração um pouco da vossa docilidade, um pouco do vosso amor à santa vontade de Deus, para que possa servi-LO menos indignamente.

171. A ESPOSA DO ESPÍRITO SANTO

Ó Maria, Esposa do Espírito Santo, tornai-me dócil às Suas moções divinas.

1 — Maria Santíssima, diz S.to Agostinho, «foi a única que mereceu ser chamada mãe e esposa» de Deus. E foi Mãe de Deus porque foi esposa do Espírito Santo:

«O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra» (Lc. 1, 35), disse-Lhe o Anjo, explicando o modo misterioso e divino pelo qual se tornaria mãe e Mãe do Filho de Deus. Naquele momento o Espírito Santo que já possuía a alma de Maria desde o primeiro instante da sua imaculada concepção, desceu sobre Ela com uma plenitude tão singular que nEla formou o Corpo Santíssimo de Jesus. Justamente por isso, Maria merece o nome de esposa do Espírito Santo, pois é Sua, Seu sacrário, Seu templo.

O divino Paráclito pode bem dirigir-lhe aquelas palavras do Cântico: «Jardim fechado és, irmã minha esposa, jardim fechado, fonte selada» (4, 12). Um jardim fechado que nunca foi violado, nem por um instante, pela sombra do pecado, que nunca esteve sujeito aos ventos das paixões desregradadas, que nunca foi ocupado por qualquer affecto de criatura. «A gloriosíssima Virgem Nossa Senhora — declara S. João da Cruz — nunca teve impressa na sua alma nenhuma forma de qualquer criatura, nem por ela se moveu, mas sempre sua moção foi do Espírito Santo» (S. III, 2, 10). Cheia de graça desde o seu nascimento, Maria foi sempre a esposa fiel do Espírito Santo, atenta e dócil a todos os Seus impulsos, a todas as Suas inspirações.

Se os altíssimos privilégios de Maria lhe são reservados só a Ela, podemos no entanto imitar as suas disposições interiores procurando que o nosso coração como o seu, esteja sempre pronto e seja dócil à acção do Espírito Santo.

2 — A plena docilidade à moção do Espírito Santo é a característica do estado de união com Deus. A este estado, como ensina S. João da Cruz, Maria Santíssima

foi «levantada desde o princípio» (ib.); e isto é evidente se reflectirmos em que Maria não só foi criada em graça, mas desde o seu nascimento teve um grau de graça muito superior àquele que os maiores santos alcançam no termo da sua vida. Por isso aquele estado de perfeita união com Deus que constitui o nosso ideal e a meta de todos os nossos esforços, possuiu-o Maria logo desde o início da sua vida. Por outro lado, Maria, com a sua livre correspondência e fidelidade à graça, não fez senão progredir vertiginosamente neste altíssimo estado. Depois de Jesus, Nossa Senhora é, portanto, o modelo e o guia mais seguro para aqueles que aspiram à união com Deus; assim, a sua condição de simples criatura torna-a mais acessível a nós, mais imitável. Maria ensina-nos que o grande segredo para chegar sem demora à união com Deus é o total desapego das criaturas, principalmente daquela criatura que amamos tanto e que é o nosso «eu». Maria não vive senão para Deus; estudando a sua vida através do Evangelho, nunca a vemos movida por motivos egoístas, por interesses pessoais; é movida por um só impulso: a glória de Deus, os interesses de Jesus e das almas. Na sua condição humilde e escondida, no seu trabalho, na sua pobreza, nas privações e sofrimentos que padeceu, nunca um retorno sobre si mesma, nunca uma queixa, mas vemo-la prosseguir sempre totalmente esquecida do seu sofrimento, inteiramente entregue ao cumprimento da vontade divina. É o Espírito Santo que a guia, que a impele, que a sustenta, e o segredo de Maria é este: deixar-se em tudo reger e mover por Ele. Como foi por obra do Espírito Santo que Maria concebeu o Filho de Deus, assim todas as suas acções são concebidas por moção do mesmo Espírito divino. É precisamente nisto

que nós devemos imitar Maria: eliminar da nossa vida tudo o que é fruto do nosso egoísmo, amor próprio, orgulho, para só conceber acções movidas pela graça, sob o impulso do Espírito Santo.

Colóquio — «Ó Maria, Vós sois santa de corpo e de espírito. Vós podeis dizer de um modo muito especial: 'a minha conversação está nos céus'. Vós sois o jardim fechado, a fonte selada, o templo do Senhor, o santuário do Espírito Santo; vós sois a Virgem prudente que não só está provida de azeite, mas que dele encheu plenamente a sua lâmpada. Ó Maria, como conseguistes chegar à majestade inacessível de Deus, a não ser batendo, implorando, buscando? Sim, vós encontrastes Aquele que procuráveis e o Anjo disse-vos: 'Achaste graça diante de Deus'. Mas de que maneira vós, já cheia de graça, encontrais ainda graça? Oh! sois verdadeiramente digna de achar graça, vós que não vos contentais com a vossa plenitude, mas pedis uma superabundância de graça para a salvação do mundo! 'O Espírito Santo virá sobre ti', disse-vos o Anjo, e este precioso bálsamo derrama-se sobre vós em tal abundância que de vós transborda sobre toda a terra... Se antes o Espírito Santo estava em vós com a riqueza da graça, agora *desce* como que a significar a plenitude superabundante da graça que derrama sobre vós. Se antes a graça só enchia a Vossa alma, agora, ao contrário, invade também o vosso seio..., o poder divino torna-vos fecunda e concebereis por obra do Espírito Santo» (cfr. S. Bernardo).

Ó Maria, Esposa fidelíssima do Espírito Santo, olhai para a minha miséria, para a minha fraqueza. Deus colocou em vós a plenitude dos Seus dons para me fazer

compreender que toda a esperança, toda a graça e toda a salvação vêm de vós! Vós vedes a dureza do meu coração, vós vedes a cegueira da minha mente; ajudai-me, portanto, ó Virgem fiel, a vencer toda a resistência do meu orgulho, do meu egoísmo, da minha cobardia, a fim de que a minha alma se abra totalmente à invasão da graça, se abandone dócilmente à acção do Espírito Santo, e siga prontamente os Seus impulsos, inspirações e chamamentos.

172. A MÃE DE DEUS

Santa Mãe do meu Deus, fazei-me sentir as palpitações do vosso coração que bateu em uníssono com o coração de Deus!

1 — A maternidade divina é a fonte de todos os privilégios de Maria; Maria é a filha dilecta do Pai, preservada da culpa original, é a esposa do Espírito Santo, cuja virtude a cobriu com a Sua sombra, precisamente porque foi escolhida para Mãe do Verbo incarnado. Todas as grandezas e glórias de Maria se explicam em vista da sua maternidade divina; assim, a sua própria existência explica-se em vista da predestinação para tão alto ofício. Se Deus não tivesse determinado a Incarnação do Seu Filho no seio de uma virgem, não teríamos tido esta obra prima de graça e amabilidade que é Maria Santíssima, não teríamos tido o seu sorriso e os seus carinhos maternais. Nós, pois, honramos e amamos Nossa Senhora porque é Mãe de Deus, é Mãe de Jesus, e amando-a assim em relação a Deus, a nossa devoção para com Ela não faz senão tornar mais profundo e mais delicado o nosso amor para com Deus, para com

Jesus. «*Mater Dei, Mater Creatoris*»; assim invocamos Maria nas ladainhas: dois títulos que parecem contraditórios nos seus termos e que, no entanto, exprimem uma grande realidade, porque Maria, sendo criatura, é verdadeiramente a Mãe do seu Criador, Mãe do Filho de Deus a quem deu um corpo humano, fruto das suas entranhas e do seu sangue. Nisto se vê ainda melhor como a dignidade de Maria toca o limiar do infinito: «Deus pode fazer um mundo maior, um céu mais vasto, mas não pode fazer uma pura criatura mais excelsa que Maria, pois que, ser Mãe de Deus é a máxima dignidade que pode ser concedida a uma simples criatura» (S. Boaventura).

A quem se admira de que o Evangelho diga tão pouco sobre Maria, S. Tomás de Vilanova responde: «Que procuras mais? Basta-te saber que é a Mãe de Deus. Foi suficiente dizer «Ela: *de qua natus est Jesus*, «Ela nasceu Jesus». Sim, ó Maria, para me enamorar de vós, basta-me saber que sois a Mãe do meu Deus.

2 — Se bem que desde a eternidade Deus tenha predestinado Maria para ser Mãe do Seu Filho, não quis que o fosse inconscientemente, mas, chegada a hora de realizar o Seu plano, pediu o consentimento da humilde Virgem. A anunciação do Anjo revela a Maria a altíssima vocação que Deus lhe reserva: «Eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus» (Lc. 1, 31). Maria interroga, e o Anjo explica o mistério da maternidade divina que se operará nEla, sem lesar a sua virgindade. Que pode então fazer Maria senão aceitar? Não é a primeira vez que a sua vontade se perde na do Senhor; desde o princípio da sua existência Ela viveu no estado de per-

feita união com Deus, cuja característica é exactamente a plena conformidade da vontade humana com a vontade divina. Por isso Maria, com todo o amor da sua alma, dá o seu consentimento, diz o seu *fiat*; aceita voluntariamente o convite e voluntariamente se abandona à acção de Deus. No mesmo instante o mistério realiza-se e a Virgem torna-se portadora de Deus, presente nela não só espiritualmente — como em todas as almas em graça — mas também fisicamente. O Verbo de Deus, diz S. Pedro Damiano, está presente em Maria «por identidade» de natureza, pois que é uma só coisa com Ela, como o filho é uma só coisa com a sua mãe. Identidade de natureza pela carne e pelo sangue, pela vida do corpo que Maria comunica ao Filho; identidade de graça pela superabundância de vida sobrenatural que o Filho comunica à Mãe; identidade de afectos, de desejos, de sentimentos que o coração de Cristo imprime no coração de Maria. Tão plenamente como a Virgem ninguém pode dizer: «Vivo, já não eu, é Cristo que vive em mim» (Gál. 2, 20).

Imenso, maravilhoso mistério! E no fundo deste mistério encontramos o *sim* de uma simples criatura humana! Deus criou o homem livre e por isso, embora desejando operar nele grandes coisas, não o quer fazer sem o seu consentimento. Deus quer transformar-nos, quer santificar-nos com a Sua graça, mas, para o fazer, espera o nosso *sim*. Que ele seja pleno e total como o de Maria, e Deus realizará em nós a Sua obra.

Colóquio — «A Vós, Senhor Deus, rendo graças do mais íntimo do coração, porque por nós, tão indignos, Vos dignastes tomar a nossa natureza e, nascendo da Virgem, quistestes ser alimentado com leite, ser acolhido

no seu regaço e estar-lhe sujeito, Vós que tudo conservais e regeis. E dignastes-Vos iluminar-me, a mim miserável, de modo que eu saiba que tendes uma Mãe, e me concedestes, indigníssima criatura, que eu possa e ouse saudá-la... Oh! com quanta devoção deveria o meu coração expandir-se diante de vós, Virgem Maria! A minha boca deveria estar cheia de uma admirável doçura quando vos saúdo, doce e benigna Senhora, e bendigo o fruto do vosso ventre. Oh! Como é possível que, ao saudar-vos, não me deleite tanto que chegue a esquecer todas as coisas por vós e pelo vosso Fruto? E que podeis ouvir com mais agrado do que a saudação na qual sois reconhecida como Mãe de Deus? Vós quereis que os homens se alegrem em vós para que o seu afecto se dirija para Aquele de quem sois Mãe, pois que não quereis outra coisa senão ser reconhecida e saudada como Mãe de Deus. *Avé*, portanto, ó Maria! Verdadeiramente *Avé*! Ó admirável *Avé*, pelo qual os demónios são postos em fuga, são libertados os pecadores, são regenerados os filhos; o Anjo congratula-se convosco, ó Virgem, o Verbo incarna no vosso seio e vós tornais-vos Mãe de Deus. A vós, pois, cante *Avé* sem fim toda a criatura... Com toda a reverência, honra e devoção devemos saudar-vos, ó bem-aventurada Virgem pois vós procurais quem se aproxima de vós com reverência e devoção. A estes amais, alimentais e tomais por filhos. Oh! feliz aquele que tem a alegria de vos ter por Mãe, que vos abraça com afecto, que vos imita nas obras! Oh! feliz aquele que faz todo o possível por se conformar convosco, Mãe de Deus! Este é certamente o que, desprezando toda a criatura, só a Deus se une com singular amor e, crucificado com Cristo, anseia pela salvação das almas» (cfr. S. Boaventura).

173. A NOSSA MÃE

Ó Maria, já que sois verdadeiramente minha Mãe, fazei que eu seja vosso verdadeiro filho, digno de vós.

1 — Dando o seu consentimento para ser a Mãe do Filho de Deus, Maria unia-se por um vínculo estreitíssimo, não só com a pessoa, mas também com a obra de Jesus. Sabia que o Salvador viria ao mundo para remir o género humano; por isso, aceitando ser Sua Mãe, aceitava também tornar-se a mais íntima colaboradora da Sua missão. Efectivamente Maria, dando-nos Jesus, fonte da graça, colaborou do modo mais directo na difusão da graça nas nossas almas. «Se Jesus foi o Pai das nossas almas — diz S.to Afonso — Maria foi a Mãe, porque dando-nos Jesus, deu-nos a verdadeira vida, e oferecendo depois no Calvário a vida do Filho pela nossa salvação, gerou-nos para a vida da divina graça».

Como uma mulher — Eva — tinha colaborado na perda da graça, assim, por harmoniosa disposição da divina Providência, uma outra mulher — Maria — devia colaborar na restituição da graça. É verdade que a vida da graça nos vem de Jesus que é a sua *única fonte* e o *único Salvador*; mas como foi Maria que O deu ao mundo, e como está intimamente associada a toda a vida e a toda a obra de Jesus, pode bem dizer-se que a graça nos vem também de Maria. Se Jesus é a fonte e a nascente da graça, Maria, como gosta de dizer S. Bernardo, é o canal, o aqueduto que a conduz até nós. Como Jesus quis vir a nós por meio de Maria, assim toda a graça, toda a vida sobrenatural chega até nós por meio de Maria. «Esta é a vontade dAquele

que determinou que tenhamos *tudo* por meio de Maria» (S. Bernardo). *Tudo* o que Jesus nos mereceu em sentido próprio, de *direito*, Maria mereceu-o secundariamente por mérito de *conveniência*. Nossa Senhora é, pois, verdadeiramente, nossa Mãe: juntamente com Jesus gerou-nos para a vida da graça e com toda a verdade podemos saudá-la: «Salvé Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salvé!».

2 — Desde o momento em que se tornou a Mãe do Salvador, Maria Santíssima amou-nos tanto — diz S. Bernardino de Sena — e tanto se dedicou a cuidar da nossa salvação que «desde então nos trouxe no seu seio como amorosíssima Mãe». Mas como a obra redentora de Jesus, iniciada na Encarnação, culminou sobre o Calvário, onde, com a Sua morte, nos mereceu a graça, assim a maternidade de Maria a nosso respeito devia realizar-se aos pés da cruz. Enquanto Jesus morria nos mais atrozes tormentos, o Seu coração amorosíssimo preparava-nos um dom entre todos verdadeiramente excelente. Aqui na terra Ele não possuía nada de mais caro do que a Sua Mãe, e esta Mãe quis deixar-no-la como preciosíssima herança: «Eis a tua Mãe» (Jo. 19, 27), disse a João; e ao dá-la ao apóstolo, que naquele momento representava a humanidade inteira, as palavras de Jesus eram a expressão da grande realidade que tivera início desde o primeiro instante da Sua encarnação no seio da Virgem e que agora se cumpria ali junto à cruz: a maternidade espiritual de Maria a nosso respeito. De facto, nesse momento, juntamente com Jesus, Nossa Senhora salvava as nossas almas, oferecendo por elas a vítima divina que era sua, pois era seu Filho. Com esta oferta Maria alcançou-nos a

vida da graça, é portanto verdadeiramente a mulher que, na ordem sobrenatural, nos dá a vida: é a nossa Mãe.

«Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho Unigénito para sua salvação», diz o Evangelho (cfr. Jo. 3, 16); e da mesma forma declara S. Boaventura: «pode dizer-se que Maria amou tanto o mundo que lhe deu o seu Unigénito para que, por Ele, todos tenham a vida eterna». Eis a que preço Nossa Senhora se tornou nossa Mãe e nós nos tornámos seus filhos. E Ela, que nos gerou por tão alto preço, deseja que vivamos como seus verdadeiros filhos, dignos da vida da graça que jorrou do peito aberto do seu Jesus e do seu coração maternal trespassado pela espada da dor.

Colóquio — «Ó confiança bem-aventurada, ó refúgio seguro; vós, Mãe de Deus, sois minha Mãe! Como não hei-de ter esperança quando a minha salvação e a minha santidade estão nas mãos de Jesus, meu irmão e de Maria, minha Mãe?» (cfr. S.to Anselmo).

«Ó Maria, portadora do fogo, ó Maria, portadora da misericórdia! Maria, sois corredentora do género humano porque revestistes o Verbo com a vossa carne, e assim foi resgatado o mundo. Cristo resgatou-o com a Sua Paixão e vós com a vossa dor do corpo e do espírito» (S.ta Catarina de Sena).

«Ó Maria, vós sois aquele jardim fechado no qual está encerrado o Dador do ser; em vós está o próprio Deus, todo o céu e todas as criaturas. Mediante o sangue recebido de vós foi salvo todo o mundo. Se não fôsseis vós, ó Maria, para mim não haveria paraíso; se não fôsseis vós, para mim não haveria Deus...

«Ó Maria, quantos são os dons e as graças que

quereis dar às criaturas! E quem não desejaria receber tais dons? Mas falta a perseverança em querê-los e vós, Mãe amorosa, não concedeis dons aos vossos filhos quando vedes que os teriam em pouca conta e os deitariam fora porque sabeis que deveríeis depois dar-lhes o castigo merecido. Ó Maria, quereis dar-me os vossos dons, mas privo-me deles porque quero misturar os meus dons com os vossos. Queria as vossas graças, mas, ao mesmo tempo, quero a minha vontade e deste modo não as posso receber. Queria a vossa benevolência, mas, ao mesmo tempo, quero o amor e a particular benevolência das criaturas e não pode ser assim. Queria o vosso amor junto com o meu, mas assim não o posso ter. Queria habitar debaixo do vosso manto e também sob o manto do meu comodismo... Mas, como disse o vosso Filho, não é justo que haja membros delicados sob uma cabeça coroada de espinhos. Também não é justo que os filhos estejam com as suas comodidades debaixo do vosso manto, ó Mãe dulcíssima, que tanto vos desprezastes a vós mesma.

«Ó Maria, que vos poderei eu dar e oferecer que vos seja agradável? Se vos ofereço a minha vontade, receio que não vos agrade, porque não está conforme ao querer divino. Se vos ofereço a inteligência, não está iluminada; se vos ofereço o affecto, não é puro. Ofereço-vos o Coração do vosso Unigénito e maior dom não vos posso oferecer» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

174. VIDA MARIANA

Ó Maria, Mãe dulcíssima, quero viver convosco como um filho vive com a sua mãe.

1 — O grande lugar que Maria, na sua qualidade de Mãe, ocupa na obra da nossa santificação, justifica plenamente o desejo de uma vida de intimidade com Ela. Como o filho está de bom grado com sua mãe, assim o cristão vive com agrado com Maria e por isso se serve de pequenos meios para manter bem desperta na mente a sua lembrança. Procura, por exemplo, ter sob os olhos a sua imagem, habituando-se a saudá-la amorosamente sempre que a vê. Mas com um olhar de fé, vai muito além das imagens, vai até Maria que vive na glória e que, por meio da visão beatífica, nos vê, nos segue, conhece todas as nossas necessidades, nos socorre com o seu auxílio maternal; e assim, por meio da fé, a alma mantém-se em contínuo contacto com a SS.ma Virgem. Então, espontaneamente, multiplica durante o dia as pequenas práticas de piedade em sua honra, as invocações, as jaculatórias e tudo isto lhe serve para intensificar as suas relações com Ela. O dia de sábado, o mês de Maio, as suas numerosas festas são outras tantas ocasiões para a recordar de modo especial, para meditar nas suas prerrogativas, para contemplar as suas belezas, para se enamorar cada vez mais dEla. De facto, não é possível trazer na mente e no coração a doce figura de Maria, sem nos sentirmos movidos a amá-la, sem sentirmos a necessidade de lhe demonstrar a realidade do nosso amor, procurando dar-lhe prazer, ou seja, viver como seus verdadeiros filhos. Deste modo, a vida «mariana», isto é, a vida de inti-

midade com Maria, pode penetrar todo o conjunto da nossa vida «cristã» e conduzir-nos a uma maior fidelidade no cumprimento de todos os nossos deveres, porque nada pode agradar mais à Mãe do que ver-nos cumprir com amor a vontade do seu Filho. E, por outro lado, a vida cristã, vivida assim sob o olhar maternal de Maria, adquire aquela especial doçura e suavidade que nascem espontâneamente da companhia contínua de uma Mãe dulcíssima que nos rodeia de atenções.

2 — Outro aspecto da vida mariana é a imitação de Maria. Só Jesus é o «caminho» que nos conduz ao Pai. Ele é o único *modelo*; mas quem mais do que Maria é semelhante a Jesus? Quem mais do que Maria pode dizer que tem os mesmos sentimentos de Cristo? «Ó Senhora — exclama S. Bernardo — Deus mora em vós e vós habitais nEle. Vós O revestis com a substância da vossa carne e Ele vos reveste com a glória da Sua majestade». Permanecendo no seio puríssimo da Virgem, Jesus revestiu-a de Si, fê-la participante das Suas perfeições infinitas, infundiu-lhe os Seus sentimentos, os Seus desejos, os Seus affectos, os Seus que- rerer; e Maria que se abandonou inteiramente à Sua acção, foi totalmente transformada nEle de modo a tornar-se a Sua cópia mais fiel. «Maria — canta a liturgia — é a imagem perfeitíssima de Cristo, pintada ao vivo pelo Espírito Santo». O Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus, tomando posse inteira da alma puríssima e dulcíssima de Maria, esculpiu nela, do modo mais perfeito e delicado, todos os traços e características da alma de Cristo e por isso pode dizer-se que imitar Maria é imitar Jesus. É por esta razão que nós a escolhemos como modelo. Como não amamos Maria

por si mesma, mas em relação a Cristo, de quem é Mãe, assim não a imitamos por si mesma, mas em relação a Cristo de quem é a imagem mais fiel. Jesus é o único caminho que nos conduz ao Pai, e Maria é o caminho mais seguro e mais fácil para chegar a Jesus. Jesus, incarnando em Si as perfeições do Pai, tornou-nos possível a imitação de Deus; e Maria, recopiando em si as perfeições de Jesus, tornou-as mais acessíveis, pô-las mais ao nosso alcance. Por outro lado, ninguém mais do que Ela pode dizer-nos: «Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo» (I Cor. 4, 16). Como Jesus veio a nós por meio de Maria, assim é justo que nós vamos a Jesus por meio dEla.

Colóquio — «Ó minha Mãe dulcíssima, vós chamais-me e dizeis-me: 'Se alguém é pequeno venha a mim'. As crianças têm sempre nos lábios o nome da mãe, e em qualquer perigo, medo ou dificuldade, imediatamente a chamam. Ó Mãe dulcíssima, ó Mãe amorosíssima, vós desejais que, como uma criança, vos chame sem cessar, recorra sempre a vós... Deixai, pois, que continuamente vos invoque e vos diga: minha Mãe, minha Mãe amabilíssima. Este nome consola-me, enternece-me, recorda-me a obrigação que tenho de vos amar. Este nome anima-me a confiar em vós. Minha Mãe! Assim vos chamo, assim desejo sempre chamar-vos. Depois de Deus, sois a minha esperança, o meu refúgio, o meu amor neste vale de lágrimas. Ó minha doce Senhora e Mãe, que com o amor que mostrais aos vossos filhos arrebatais os seus corações, arrebatái também, eu vos rogo, o meu pobre coração que tanto vos deseja amar. Com a vossa beleza, ó minha Mãe, enamorastes um Deus fazendo-O baixar do céu ao vosso seio, e

eu hei-de viver sem vos amar? Não, não terei repouso enquanto não estiver certo de ter obtido um verdadeiro amor, um amor constante e terno para convosco, minha Mãe. Sim, eu quero amar-vos, Mãe dulcíssima, mas ao mesmo tempo receio não vos amar, porque oíço dizer que o amor torna os amantes semelhantes às pessoas amadas... Por isso, se me vejo tão diferente de vós, é sinal de que não vos amo? Vós tão pura e eu tão impuro! Vós tão humilde e eu tão soberbo! Vós tão santa e eu tão iníquo! Mas o que vós deveis fazer, ó Maria, já que me amais, é tornar-me semelhante a vós. Vós tendes todo o poder de mudar os corações; tomai portanto o meu e transformai-o. Fazei ver ao mundo quão grande é o vosso poder em favor daqueles que vós amais! Santificai-me, fazei-me vosso digno filho» (cfr. S.to Afonso).

175. A ORAÇÃO EFICAZ V DOMINGO DEPOIS DA PASCOA

Ó Jesus, fazei-me compreender que a minha oração é um nada se não se apoia em Vós; que a minha fé é vã se não a traduzo em obras.

1 — Mediante o Evangelho da Missa (*Jo. 16, 23-30*) — tomado ainda hoje do discurso da última ceia — a Igreja continua a preparar-nos para a Ascensão e para o Pentecostes. «Saí do Pai e vim ao mundo — diz Jesus — outra vez deixo o mundo e vou para o Pai»; eis o anúncio da Sua próxima ascensão ao céu. Chegado ao fim da Sua missão entre os homens, Jesus apresenta-a em síntese, como uma grande viagem do Pai ao mundo

e do mundo ao Pai. Isto recorda-nos o conceito de «peregrinação» que todo o cristão deve aplicar à sua vida a ponto de a considerá-la como «uma noite passada em má pousada» (T.J. *Cam.* 40, 9), com o coração voltado para a radiosa manhã da vida eterna.

«Mas vem o tempo em que não vos falarei já por parábolas, mas abertamente vos falarei do Pai». Eis o anúncio do Pentecostes: Jesus, por meio do Espírito Santo, iluminará os Seus apóstolos fazendo-lhes entender claramente os mistérios divinos, e o Pai não será mais um desconhecido para eles. Tudo o que nós podemos estudar e conhecer das coisas de Deus é letra morta enquanto o Espírito Santo não nos abrir a inteligência. Isto é mais um motivo para compreendermos quanto temos necessidade de Ele e para desejarmos a Sua vinda.

Mas o Evangelho propõe-nos também outro argumento. Jesus, que por várias vezes tinha instruído os apóstolos sobre a oração e sobre o modo de rezar, ensina-lhes agora o segredo da oração eficaz: «se pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, Ele vo-la dará». Jesus parte, mas deixa aos apóstolos o meio seguro para encontrar acesso junto do Pai: apresentar-se em Seu nome, em nome do Homem-Deus que, tendo-Se imolado para glória do Pai e para nossa salvação, merece ser sempre atendido «*pro sua reverentia*» em razão da Sua piedade (*Hebr.* 5, 7).

2 — Pedir «em nome de Jesus» significa, na prática, estarmos convencidos de que as nossas acções, como de resto todas as nossas boas obras sem nenhuma excepção, não valem nada se não se apoiam nos méritos infinitos de Jesus. Significa estarmos convencidos de que, por mais que façamos e rezemos, somos sempre «servos inúteis»

(Lc. 17, 10), que não temos em nós nenhuma suficiência, mas que toda a nossa suficiência vem do Crucificado. A primeira condição, portanto, da oração feita «em nome de Jesus», é a humildade, um sentido cada vez mais profundo e realista do nosso nada. Mas a segunda condição é uma confiança ilimitada nos méritos infinitos de Jesus, que ultrapassam todas as nossas indigências, misérias, necessidades. Não pediremos nunca demais em Seu nome; nunca seremos demasiado ousados em pedir a plenitude da graça divina sobre as nossas almas, em aspirar à santidade — escondida, sim, mas autêntica — em vista de quanto Ele mereceu por nós. Não existem infidelidades e culpas, tendências más e misérias sinceramente detestadas que o Sangue de Jesus não possa lavar, purificar, perdoar; não há fraqueza que Ele não possa sarar, fortificar, transformar. Não há criatura de boa vontade, ainda que fraca e pequena que, em nome de Jesus, não possa aspirar à santidade.

Mas requer-se uma terceira condição para que a nossa oração seja eficaz: que a nossa vida corresponda à nossa oração, que a nossa fé se traduza em boas obras. «Sede pois fazedores da palavra e não ouvintes sómente, enganando-vos a vós mesmos. Porque se alguém é ouvinte da palavra e não fazedor, este será comparado a um homem que contempla num espelho o seu rosto nativo; porque se considerou e, tendo-se retirado, logo esqueceu como era»; esta forte expressão de S. Tiago, tirada da Epístola de hoje (1, 22-27), é um chamamento insistente à concretização da vida cristã. É vã a oração, é vã a confiança em Deus, se não as acompanharmos com os nossos esforços generosos para cumprirmos todos os nossos deveres, para vivermos à altura da nossa vocação. Podemos e devemos esperar tudo do

nome de Jesus, mas Ele pede-nos um esforço contínuo para Lhe sermos totalmente fiéis.

¶ *Colóquio* — «Deus omnipotente, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Vós que sois benigno, usai de misericórdia para comigo, porque aquilo que podia encontrar de mais precioso, devotamente Vo-lo ofereci; tudo o que me foi dado encontrar de mais caro para Vós, eu Vo-lo apresentei suplicante. Nada me ficou que não tenha apresentado em holocausto à Vossa Majestade; nada mais me resta acrescentar, pois que Vos ofereci a minha esperança, enviei o meu advogado, o Vosso dilecto Filho. Enviei o Vosso glorioso Filho qual Mediador entre Vós e mim; enviei aquele Intercessor pelo qual espero obter o perdão. Enviei o Verbo que Vós enviastes para reparar a minha culpa, a Vós apresentei a Paixão que sofreu o Vosso santíssimo Filho. Esta é a Vítima santa que Vos ofereço para Vos aplacar e tornar propício. Grande, na verdade, é a minha injustiça, mas muito maior é a justiça do meu Salvador. Quanto Deus é superior ao homem, tanto a minha malícia é inferior à Sua bondade em qualidade e quantidade.

«Que culpa poderia o homem ter cometido que não tivesse sido expiada pelo Filho de Deus feito homem? Que soberba se inchou tão desmedidamente que não pudesse ser abatida por tanta humildade? Em verdade, ó meu Deus, se com uma balança se pesassem os delitos do homem pecador e a graça de Deus redentor, ver-se-ia que a diferença não é só como a distância que vai do Oriente ao Ocidente, mas como a que separa o inferno do mais alto dos céus. Ó Criador da luz, perdoai as minhas culpas pelos imensos trabalhos do Vosso amado Filho! Fazei, Senhor, que a Sua piedade vença a minha

impiedade, que a Sua modéstia satisfaça pela minha perversidade, que a Sua mansidão dome a minha irascibilidade. A Sua humildade repare a minha soberba; a Sua paciência, a minha impaciência; a Sua benignidade, a minha dureza; a Sua obediência, a minha desobediência; a Sua tranquilidade transforme a minha inquietação; a Sua doçura, a minha amargura; a Sua caridade apague a minha crueldade» (S.to Agostinho).

176. A HUMILDADE DE MARIA

Ó Maria, a mais humilde de todas as criaturas, tornai humilde o meu coração.

1 — «Numa vida obscura — diz S. Bernardo — não é difícil ser humilde, mas verdadeiramente bela e rara virtude é conservar-se assim no meio das honras». Maria Santíssima foi certamente a mulher que Deus mais honrou e que mais elevou acima de todas as criaturas, todavia nenhuma criatura se abaixou e humilhou tanto como Ela. Parece que entre Maria e Deus se estabelece uma porfia: quanto mais Deus a exalta, mais Ela se humilha. O Anjo sauda-a: «cheia de graça», e Maria «turba-se» (Lc. 1, 28 e 29). «Perturbou-se — explica S.to Afonso — porque, estando tão cheia de humildade aborrecia todo o louvor e só desejava que Deus fosse louvado». O Anjo revela-lhe a grande missão que o Altíssimo lhe confiou e Maria proclama-se «a escrava do Senhor» (ib. 38). O seu olhar não se detém na grande honra que lhe advirá por ter sido escolhida entre todas as mulheres para Mãe do Filho de Deus, mas contempla admirada o grande mistério de um Deus

que quer incarnar no seio de uma pobre criatura. Se Deus quer descer tão baixo a ponto de Se lhe dar como Filho, até onde não deverá humilhar-se a Sua pequena escrava? E quanto mais compreende a grandeza do mistério, a imensidade do dom divino, tanto mais se humilha, abismando-se no seu nada. A sua atitude é idêntica quando Isabel a saúda: «bendita és tu entre todas as mulheres» (ib. 42); estas palavras não a surpreendem porque Ela é já a Mãe de Deus, antes a mantêm fixa na sua profunda humildade: tudo atribui ao Senhor de quem canta a misericórdia, confessando como Ele Se dignou «lançar os olhos para a baixeza da sua serva» (ib. 48). Deus operou nEla grandes coisas, Ela sabe-o e reconhece-o, mas em vez de se vangloriar disso, tudo faz redundar para a Sua glória. Muito justamente exclama S. Bernardino: «Como nenhuma criatura, depois do Filho de Deus, foi elevada em dignidade e em graça, à semelhança de Maria, também nenhuma desceu tão baixo no abismo da humildade». É este o efeito que devem produzir as graças e os favores divinos: tornar-nos cada vez mais humildes e mais conscientes do nosso nada.

2 — «Se não te é possível imitar a candura de Maria — diz S. Bernardo — imita ao menos a sua humildade. Gloriosa virtude é a castidade, mas a humildade é necessária; para a primeira é feito um simples convite: 'quem pode entender, entenda'; para a segunda é dada uma ordem absoluta: 'se não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus'. Por isso premeia-se a castidade, mas exige-se a humildade; sem a virgindade podemos salvar-nos, mas sem a humildade é impossível. Sem a humildade, a própria virgindade de

Maria não teria sido agradável a Deus. Agradou a Deus pela sua virgindade, mas tornou-se Mãe pela sua humildade».

As qualidades e os dons mais belos, como a penitência, a pobreza, a virgindade, o apostolado, a própria vida de consagração a Deus e até o sacerdócio, são estéreis e infecundos, se não forem acompanhados por uma sincera humildade, mais ainda, sem humildade, podem pôr em sério perigo a alma que os possui. Lúcifer era casto, mas não era humilde, e o orgulho foi a sua ruína. Quanto mais elevado for o lugar que ocuparmos na vinha do Senhor, quanto mais alta for a vida de perfeição que professarmos, quanto mais importante for a missão que Deus nos confiar, tanto mais necessidade temos de aprofundar muito as raízes da humildade. Como a maternidade de Maria foi o fruto da sua humildade — *humilitate concepit* — assim a fecundidade da nossa vida interior e do nosso apostolado dependerá da humildade e estará sempre em proporção desta. De facto, só Deus pode realizar grandes coisas em nós e por meio de nós, mas não o fará se não nos vir verdadeiramente humildes. Só a humildade é o terreno fértil e propício para fazer frutificar os dons do Senhor e, por outro lado, é sempre a humildade que nos atrai a graça e os favores divinos. «Não há dama — diz S.ta Teresa de Jesus — que force o Rei divino a render-Se como a humildade, foi ela que O trouxe do céu às entranhas da Virgem» (*Cam.* 16, 2).

Colóquio — «Ó Virgem! Haste gloriosa! A que alturas sublimes levantais a vossa corola? Até Àquele que está sentado no trono, até ao Senhor da majestade E eu não me admiro, porque lançais profundamente na

terra as raízes da humildade. Avé Maria, cheia de graça. Vós estais verdadeiramente cheia de graça porque agradais a Deus, aos Anjos e aos homens; aos homens, pela vossa maternidade; aos Anjos, pela vossa virgindade; a Deus, pela vossa humildade. É a vossa humildade que atrai sobre vós os olhares do Senhor, d'Aquele que Se inclina sobre os humildes, enquanto olha de longe os soberbos. Como os olhares de Satanás se fixam sobre tudo o que é alto, assim os olhos do Senhor Se inclinam para tudo o que é baixo» (cfr. S. Bernardo).

Ó Mãe humilíssima, tornai-me humilde, para que o Senhor Se digne volver sobre mim os Seus olhos. Não há nada na minha alma que os possa atrair: nada de sublime, nada digno da Sua complacência, nada verdadeiramente bom e virtuoso, e se nela existe algum bem, está tão mesclado de miséria, é tão fraco e deficiente, que nem merece esse nome. Ó Senhor, o que poderá atrair a Vossa graça sobre a minha pobre alma? «Para onde voltais o Vosso olhar se não para o humilde e para o homem de coração contrito?» (cfr. Is. 66, 2). Ó Senhor, fazei que eu seja esse humilde; fazei-me humilde pelos méritos da Vossa humilíssima Mãe.

«Ó Maria, se vós não tivésseis sido humilde, não teria descido sobre vós o Espírito Santo e não vos teríeis tornado mãe...» (cfr. S. Bernardo). Assim, se eu não for humilde, o Senhor não me concederá a Sua graça, o Espírito Santo não descerá sobre mim e a minha vida permanecerá estéril e infecunda. Fazei pois, ó Virgem santa, que a vossa humildade, tão agradável a Deus, me obtenha o perdão do meu orgulho e um coração verdadeiramente humilde.

177. A FÉ DE MARIA

Ó minha Mãe, ensinal-me a crer com plena firmeza e a confiar totalmente em Deus.

1 — A Igreja, fazendo suas as palavras de S.ta Isabel, dirige a Maria este bellissimo louvor: «Bem-aventurada és tu porque creste, porque se hão-de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas» (Lc. 1, 45). Grandes coisas, de facto, se realizaram em Maria e Ela teve o grande mérito de acreditar. Segundo a palavra de Deus, anunciada pelo Anjo, acreditou que se tornaria Mãe, sem perder a virgindade; acreditou, Ela, tão humilde, que se tornaria deveras a Mãe de Deus, que o fruto do seu seio seria realmente o Filho do Altíssimo. Aderiu com plena fé a tudo o que lhe foi revelado sem sequer hesitar perante um plano que vinha perturbar toda a ordem natural das coisas: uma mãe virgem, uma criatura mãe do Criador. Acreditou quando o Anjo lhe falou, mas continuou a crer mesmo quando o Anjo a deixou só e Ela se encontrou nas humildes condições de qualquer mulher que está para ser mãe. «A Virgem — diz S. Bernardo — tão pequena aos seus próprios olhos, não foi menos magnânima na sua fé na promessa de Deus; Ela que não se considerava mais que uma pobre escrava, não teve a mínima dúvida sobre a sua vocação para este incompreensível mistério, para esta maravilhosa troca, para este insondável sacramento, e acreditou firmemente que viria a ser a verdadeira Mãe do Homem-Deus.

Maria SS.ma ensina-nos a crer na nossa vocação para a santidade, para a intimidade divina. Acreditámos nessa vocação quando Deus no-la revelou com a clareza da luz interior, confirmada pela palavra do

Seu ministro. Mas devemos continuar a crer mesmo quando nos encontramos sós, nas obscuridades, nas dificuldades que tentam abater-nos e desanimar-nos. Deus é fiel, não faz as coisas a meias: Deus levará até ao fim a Sua obra em nós, contanto que confiemos totalmente nEle.

2 — Estaria muito longe da verdade quem pensasse que, para Maria, os mistérios divinos estavam já de tal modo desvendados e a divindade do seu Jesus era tão evidente que Ela não tinha já necessidade de acreditar. Exceptuada a Anunciação e os factos que acompanharam o nascimento de Jesus, não encontramos na Sua vida, manifestações extraordinárias do sobrenatural. Ela vive de pura fé, como nós, apoiando-se na palavra de Deus. Os próprios mistérios divinos que se realizam nEla e em redor dEla, permanecem habitualmente envoltos no véu da fé, tomando exteriormente o aspecto comum das várias circunstâncias da vida ordinária e escondem-se até muitas vezes sob aspectos obscuros e desconcertantes. Assim, por exemplo, a extrema pobreza em que nasceu Jesus, a necessidade de fugir para o exílio a fim de O salvar, a Ele, o Rei do Céu, das fúrias de um rei da terra, as dificuldades para Lhe arranjar o estritamente necessário que por vezes chega até a faltar. Maria, porém, nunca duvidou de que aquele Menino fraco e impotente que precisava de cuidados maternos e de protecção como qualquer outro menino, era o Filho de Deus. Acreditou sempre, mesmo quando não compreendia. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando se deu o súbito desaparecimento de Jesus que aos doze anos ficou no templo, sem que os Seus o soubessem. S. Lucas nota que, quando o Menino explicou o motivo,

alegando a missão que Lhe havia sido confiada pelo Pai celeste, Maria e José «não entenderam o que lhes disse» (2, 50). Se Maria sabia com certeza que Jesus era o Messias, não sabia, porém, de que modo Ele iria cumprir a Sua missão; por isso, naquele momento, não entendeu a relação que havia entre a Sua demora no templo e a vontade de Deus. Contudo não indagou mais: sabia que Jesus era o seu Deus e isto lhe bastava; estava segura, totalmente segura dEle.

A alma de fé não se detém a examinar a conduta de Deus e, mesmo não compreendendo, não hesita em acreditar e em seguir cegamente as disposições da vontade divina. Detemo-nos algumas vezes na nossa vida espiritual porque desejamos compreender demais, indagar demais os desígnios de Deus sobre a nossa alma; não, o Senhor não nos pede que compreendamos, mas que acreditemos com todas as nossas forças.

Colóquio — «Ó Maria, cobri-me com a vossa sombra e eu ficarei calmo e confiante sob as vossas asas. Acompanhai-me no meu caminho e conduzi-me por atalhos secretos. O sofrimento não me poupará, mas Vós tornar-me-eis faminto dele, como de um alimento indispensável. Ó Maria, Maria! O vosso nome é mel e bálsamo para os meus lábios. Maria, Maria! Avé Maria! Quem vos pode resistir? Quem se perderá com a Avé Maria? Maria! Maria! Vós sois a Mãe dos pequenos, a saúde dos fracos, a estrela nas tempestades... Ó Maria! Maria! Se estiver sem ajuda, sem coragem, sem consolação, eu corro a vós e grito: Avé Maria! Vós sois o conforto dos escravos, a coragem dos pequenos, a fortaleza dos fracos, Avé Maria! Quando pronuncio o vosso nome, todo o meu coração fica inflamado, Avé Maria! Alegria

dos Anjos, alimento das almas, Avé Maria!» (cfr. P. Eduardo Poppe).

Sim, ó Maria, conduzi-me pelo rápido atalho da inteira confiança em Deus. Ó vós que sois bem-aventurada por terdes acreditado, aumentai a minha fé, dai-me uma fé firme, inquebrantável, invencível. Devemos à vossa fé o cumprimento das promessas do Senhor; fazei-me participar nessa fé, para que eu creia nEle, nas Suas palavras, nas Suas promessas, nos Seus convites, sem sombra de dúvida, sem hesitação, sem incerteza. A dúvida faz-me parar, a hesitação paraliza-me, a incerteza corta-me as asas... Ó Maria, fazei que eu creia totalmente para que possa dar-me totalmente a Deus, aderindo a todos os Seus planos, aceitando de olhos fechados todas as disposições da divina Providência; fazei que eu creia para que possa desafiar corajosamente a tempestade; fazei que eu creia para que possa abandonar-me plenamente à acção do Senhor e percorrer com confiança o caminho da santidade. Se vós estiverdes comigo, ó Maria, nada recearei; a fortaleza da vossa fé será o sustentáculo e o refúgio da minha, tão débil e tão frouxa.

178. A ESPERANÇA DE MARIA

Ó Maria, Mãe da boa esperança, ensinai-me o caminho da plena confiança em Deus.

1 — No *Magnificat* — o cântico que brotou do coração de Maria no encontro com a sua prima Isabel — encontramos uma expressão particularmente reveladora da atitude interior da Virgem; «A minha alma glorifica o Senhor... Porque lançou os olhos para a baixeza da

Sua escrava» (Lc. 1, 46-48). No momento em que Maria as pronunciava, estas palavras eram a declaração das «grandes coisas» que Deus havia operado nEla; mas consideradas no quadro da sua vida, exprimem-nos o constante movimento do seu coração que, consciente do seu nada, sabia lançar-se em Deus com a mais intensa esperança no Seu socorro. Ninguém mais do que Maria teve a *ciência* concreta e prática do próprio nada. Ela bem sabe que todo o seu ser, quer natural quer sobrenatural, recairia irrevogavelmente no nada, se Deus o não sustentasse a todo o instante. Sabe que tudo o que é e tudo o que tem, não é seu, mas de Deus, puro fruto da Sua liberalidade. A grande missão, os grandes privilégios recebidos do Altíssimo não a impedem de ver e de sentir a sua «baixeza». Mas isto, longe de a assustar ou desanimar — como muitas vezes nos acontece quando constatamos a nossa nulidade e miséria — serve-lhe de ponto de apoio para se lançar em Deus num rápido movimento de esperança. Quanto mais toma consciência do seu nada e da sua impotência, tanto mais a sua alma se eleva na esperança. Porque, como verdadeira pobre de espírito, não tem nenhuma confiança nos seus recursos, nas suas capacidades, nos seus méritos. Maria coloca em Deus só, toda a sua confiança. E Deus, «que enche de bens os famintos e despede vazios os ricos» (Lc. 1, 53), sacia a sua «fome», atende as suas esperanças, não só enchendo-a dos Seus dons, mas dando-Se a Ela do modo mais pleno.

2 — A esperança de Maria foi verdadeiramente *total*. Temos um exemplo típico na sua conduta para com José quando este, tendo observado nEla os sinais de uma maternidade de que ignorava a origem, pensava

«deixá-la secretamente» (Mt. 1, 19). Maria teve certamente a intuição do estado de ânimo do seu castíssimo esposo, das dúvidas que poderiam atravessar-lhe o espírito, assim como do risco que Ela própria poderia correr de vir a ser abandonada, pois que o Anjo nada lhe tinha dito que a pudesse tranquilizar sobre este ponto tão delicado. Todavia, cheia de esperança no socorro divino, não quis de modo nenhum revelar o seu segredo. «A vossa fortaleza estará no silêncio e na esperança» (Is. 30, 15), disse o Espírito Santo pela boca de Isaías, e esta sentença encontra a sua mais bela realização no comportamento de Maria. Cala-se, sem procurar justificar-se junto de José, cala-se porque está cheia de esperança em Deus e totalmente segura do Seu auxílio. O silêncio e a esperança permitem-lhe apoiar-se inteiramente em Deus e assim, forte da Sua fortaleza, permanece serena e tranquila numa situação extremamente difícil e delicada.

Também nós esperamos em Deus, mas a nossa esperança não é total como a de Maria. Exactamente por isso não chegamos a estar completamente seguros do auxílio divino e sentimos sempre a necessidade de recorrer a pequenos expedientes pessoais para encontrar alguma segurança, algum apoio humano. Mas como tudo o que é humano é instável e incerto, se nisso fundamos as nossas esperanças, continuamos sempre agitados e inquietos. A Senhora, com o seu silêncio e com a sua esperança, indica-nos o único caminho da verdadeira segurança, da serenidade e da paz interior, mesmo no meio das situações mais difíceis: o caminho da confiança total em Deus. «*In te Dómine, speravi; non confundar in aeternum*», eu esperei em Vós, Senhor e não serei confundido eternamente (*Te Deum*). Sim, Deus não desiludirá jamais a nossa esperança, e como

mandou um Anjo revelar a José o mistério da maternidade de Maria, assim encontrará sempre o modo de ajudar e de amparar uma alma que se Lhe confiou.

Colóquio — «Ó Mãe do santo amor, ó vida, refúgio e esperança nossa, Vós sabeis bem que o Vosso Filho Jesus, não contente por Se ter feito o nosso perpétuo Advogado junto do Pai eterno, quis também que vós vos empenhásseis em interceder por nós junto da divina misericórdia. Por isso me volto para vós, esperança dos miseráveis, confiando em que, pelos méritos de Jesus e pela vossa intercessão, obterei a eterna salvação. E confio tanto que, mesmo se a minha salvação estivesse nas minhas mãos, a colocaria igualmente nas vossas, pois tenho mais confiança na vossa misericórdia e protecção do que em todas as minhas obras. Mãe e esperança minha, não me abandoneis! A piedade que tendes pelos miseráveis e o poder que tendes junto de Deus, superam o número e a malícia de todas as minhas faltas. Esqueçam-se todos de mim, mas não vos esqueçais vós, Mãe de Deus onnipotente. Dizei a Deus que eu sou vosso filho, dizei-Lhe que vós me defendeis e serei salvo.

«Para me ajudardes, ó Mãe, não procureis em mim nem virtudes nem méritos; olhai sòmente, eu vos peço, para a confiança que ponho em vós e para a vontade que tenho de ser melhor. Olhai para o que Jesus fez e sofreu por mim e depois, abandonai-me, se tiverdes coração para me abandonardes. Apresento-vos todos os sofrimentos da Sua vida: o frio que sofreu no presépio, a viagem que fez ao Egipto, o Sangue que derramou, a pobreza, os suores, as tristezas, a morte que suportou por meu amor na vossa presença. E vós, por amor de Jesus, empenhai-vos em me socorrer. Ó minha Mãe,

não negueis a vossa piedade a quem Jesus não negou o Seu Sangue!

«Ó Maria, eu me confio a vós; nesta esperança vivo e nesta esperança quero e espero morrer, repetindo sem cessar: *unica spes mea Jesus, et post Jesum Virgo Maria*, a minha única esperança é Jesus, e depois de Jesus a Virgem Maria» (S.to Afonso).

179. A ASCENSAO DO SENHOR

QUINTA-FEIRA DA V SEMANA DEPOIS DA PASCOA

Ó Jesus que subis ao céu, fazei que pelo coração também eu habite no céu.

1 — A liturgia de hoje convida-nos a elevar os nossos corações ao céu para começarmos a habitar em espírito onde Jesus nos precedeu: «A Ascensão de Cristo — diz S. Leão — é a nossa elevação e o corpo tem a esperança de estar um dia onde o precedeu a sua gloriosa Cabeça» (BR.). De facto, já no discurso da última Ceia o Senhor tinha dito: «vou preparar o lugar para vós. E depois que eu tiver ido e vos tiver preparado o lugar, virei novamente, e tomar-vos-ei comigo, para que onde eu estou, estejais vós também» (Jo. 14, 2 e 3). A Ascensão é, portanto, uma festa de radiosa esperança, de suave ante-goço do céu: ao entrar nele, Jesus, nossa Cabeça, deu-nos o direito de O seguirmos um dia; assim, podemos dizer com S. Leão, «que em Cristo nós mesmos penetrámos no mais alto dos céus» (BR.). Como em Cristo crucificado morremos para o pecado e em Cristo ressuscitado ressuscitámos para a vida da graça, assim, pela Sua Ascensão, também nós subimos ao céu. Esta parti.

cipação vital nos mistérios de Cristo é a grande consequência da nossa incorporação nEle; sendo Ele a nossa Cabeça, nós, os Seus membros, estamos totalmente dependentes dEle e intimamente ligados à Sua sorte. «Deus, que é rico em misericórdia — ensina S. Paulo — pela Sua extrema caridade com que nos amou... convivi-ficou-nos em Cristo... e com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus» (Ef. 2, 4-6). O direlto ao céu foi adquirido, o lugar está pronto, compete-nos agora viver de modo a merecermos ocupá-lo um dia. Entretanto, na expectativa, devemos viver a bela prece que a liturgia nos põe nos lábios: «Deus todo-poderoso, concedei-nos a graça de também nós vivermos em espírito na morada celeste» (Colecta). «Onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração» (Mt. 6, 21), disse Jesus um dia. Se Jesus é verdadeiramente o nosso tesouro, o nosso coração não poderá estar senão no céu junto dEle. Este é o grande anseio da alma cristã, tão bem expresso no hino de Vésperas de hoje: «Ó Jesus, sede a meta dos nossos corações, sede o conforto das nossas lágrimas, sede o doce prémio da nossa vida» (BR.).

2 — Mas a par da esperança e da alegre expectativa do céu, a festa da Ascensão tem a sua nota de melancolia. Perante a partida definitiva de Jesus, os Apóstolos sentem-se tomados por uma sensação de temor, o temor de quem vê afastar-se para sempre o amigo e protector mais querido e se encontra só, em face das dificuldades da vida. O Senhor vê o estado de espírito dos Seus e mais uma vez os conforta, prometendo a vinda do Espírito Santo, o Espírito Consolador: «Ordenou-lhes — lemos na Epístola (Act. 1, 1-11) — que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai...

Vós sereis baptizados no Espírito Santo daqui a poucos dias». Ainda desta vez os Apóstolos não compreenderam. Como tinham necessidade de ser iluminados e transformados pelo Espírito Santo para ficarem aptos para a grande missão que lhes seria confiada! E de facto Jesus repetiu: «Recebereis a virtude do Espírito Santo... e me sereis testemunhas... até às extremidades da terra». De momento, porém, estão ali, junto do Mestre, medrosos, atemorizados, tal como as crianças que vêm partir a mãe para um país longínquo e desconhecido. Efectivamente, enquanto os seus olhares estão dirigidos para Ele, Jesus eleva-Se para o alto e uma nuvem esconde-O aos seus olhos. Foi preciso virem dois Anjos para os tirarem daquele abatimento e para os chamarem à realidade do facto consumado. Então, confiando na palavra de Jesus, que é doravante o seu único apoio, voltam para Jerusalém e fecham-se no Cenáculo, esperando, em oração, o cumprimento da promessa. Foi a primeira novena de Pentecostes: «perseveraram unânimemente em oração... com Maria, Mãe de Jesus» (Act. 1, 14).

Retiro, recolhimento, oração, concórdia com os irmãos, união com Maria SS.ma, eis as características da novena que nos deve preparar também a nós para a vinda do Espírito Santo.

Colóquio — «Ó meu Deus, ó meu Jcsus, Vós Vos ides e Vos separais de nós! Oh! que alegria haverá no céu! Mas nós ficamos cá na terra. Ó Verbo eterno, que Vos fez a criatura por quem fizestes tantas coisas que até agora subis ao céu para sua maior glória? Dizei-me, que Vos fez a criatura para a amardes tanto? Que lhe dais? Que exigis dela? Amais tanto a criatura que

Vós mesmo Vos dais a ela, Vós que sois tudo e fora de Vós nada mais existe. Quereis dela todo o seu querer e saber, pois que, dando-Vos isto, dá-Vos tudo o que tem. Ó Sabedoria infinita, ó Bondade suprema, ó Amor, ó Amor desconhecido, tão pouco amado e por tão poucos possuído! Ó ingratidão nossa, causa de todo o mal; ó pureza pouco conhecida e pouco desejada! Ó meu Esposo, agora que estais no céu com a Vossa Humanidade, sentado à direita do Pai eterno, criai em mim um coração puro e renovai no meu interior um espírito recto» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ai de mim, Senhor, como é longo este desterro! Passam-se grandes penas com o desejo de Vos ver. Senhor, que fará uma alma metida neste cárcere?... Desejo contentar-Vos. Vedes-me aqui, Senhor! Se é necessário viver para Vos prestar algum serviço, não recuso todos e quantos trabalhos me possam vir na terra. Mas, ai dor! ai que dor tenho de mim, Senhor meu! Eu tenho só palavras, pois não valho para mais. Valham-me meus desejos, Deus meu, diante do Vosso divino beneplácito e não olheis aos meus poucos méritos.

«Ah! miseráveis são meus serviços embora Vos fizesse muitos, ó meu Deus! Para que hei-de estar nesta miserável vida? Para que se faça a Vossa vontade. Poderá haver maior lucro, alma minha? Espera, espera, pois não sabes quando virá o dia nem a hora. Vela com cuidado, que tudo passa com brevidade, embora o teu desejo torne certo o duvidoso e longo o tempo breve. Olha que quanto mais pelejares, mais mostrarás o amor que tens ao teu Deus e mais te regozijarás com o teu Amado, em gozo e deleite que não pode ter fim» (T.J. Ex. 15).

180. O DESENVOLVIMENTO DA CARIDADE EM MARIA

Ó Maria, Mãe do amor formoso, ensinai-me o segredo de crescer continuamente na caridade.

1 — Não se deve pensar que Maria SS.ma tenha sido dispensada de qualquer actividade pessoal, de qualquer progresso, por ter sido, desde a sua origem, constituída no mais alto grau de santidade a que jamais chegou o maior santo. Pelo contrário! Esta vida foi, tanto para Ela, como para nós, o «caminho» em que se deve progredir sempre na caridade; também a Ela, como a nós, foi pedida uma correspondência pessoal à graça. É o grande mérito de Maria foi exactamente o de ter correspondido, com a máxima fidelidade, aos imensos dons recebidos. É certo que os privilégios da sua imaculada conceição, do estado de santidade em que nasceu e da sua maternidade divina foram puros dons de Deus; porém, bem longe de os receber passivamente — como um cofre recebe os objectos preciosos que aí são colocados — recebeu-os como uma pessoa livre, capaz de aderir com a própria vontade aos favores divinos, por uma plena correspondência à graça. S. Tomás ensina que, se Maria não pôde merecer a Incarnação do Verbo, mereceu, com a graça recebida, aquele grau de santidade que a tornou digna Mãe de Deus (cfr. III^a, q. 2, a. 11, ad 3), e mereceu-o justamente pela sua colaboração com a graça. Portanto, em Maria, podemos considerar um progresso na santidade, progresso que não dependeu somente da nova abundância de graça que Deus infundiu nEla em determinados momentos da sua vida — como se pensa ter acontecido no momento da Incarnação — mas também da sua actividade pessoal,

toda informada pela graça e pela caridade, por meio da qual soube fazer frutificar o tesouro que lhe foi confiado pelo Senhor. Maria é, no pleno sentido da palavra, a «Virgem fiel» que soube fazer render cem por cento os talentos que recebeu de Deus. Sim, por pura liberalidade divina e em vista da missão altíssima a que era destinada, foi-lhe concedida a medida máxima de graça, que jamais foi dada a uma simples criatura, mas Ela correspondeu também com a máxima fidelidade de que uma criatura pode ser capaz. Plenitude de graça da parte de Deus, e plenitude de fidelidade da parte de Maria, de modo que «a sua bela alma — diz S.to Afonso voava para Deus sem nunca parar e crescia sempre no Seu amor».

2 -- O aumento da graça e da caridade provém das obras meritorias, ou seja, das obras boas praticadas sob o influxo da caridade. Quando uma pessoa faz as suas boas obras «com todo o coração», o mérito que assim alcança — e que consiste sempre num aumento de graça e de caridade — é-lhe imediatamente concedido; e então a sua vida espiritual cresce logo em intensidade. Tendo presente esta doutrina, pode calcular-se em que proporção se devia ter desenvolvido na alma de Maria, o capital de caridade e de graça que Deus aí tinha colocado desde o primeiro instante da sua existência. Quando pensamos, como faz notar S. João da Cruz, que a alma da Virgem nunca foi movida nem nunca foi retardada pelo apego às criaturas — e que por isso não houve nela nem segundas intenções humanas, nem mesquinhez derivada do egoísmo — mas que agiu sempre puramente sob o impulso do Espírito Santo, devemos concluir que Maria cresceu continuamente em

graça e em caridade e que a caridade se tornou nela verdadeiramente abissal. Deste modo se explica como, já santa e estabelecida na união com Deus desde a sua concepção, pôde progredir continuamente na santidade, cujos elementos constitutivos são a graça e a caridade. O impulso generoso e fiel com que correspondia aos convites divinos, ia ao encontro de qualquer manifestação da vontade de Deus, aceitava todas as disposições da divina Providência e cumpria todos os seus deveres quotidianos, colocou-a neste magnífico estado de incessante e rapidíssimo progresso no amor. O exemplo luminoso de Maria anima-nos a entregarmo-nos com todo o coração ao serviço de Deus, a fim de que também nós possamos crescer rapidamente na caridade.

Colóquio — «Ó Maria, vós conhecestes o dom de Deus e não perdestes dele nem uma parcela; vós tão pura, tão luminosa, a ponto de parecerdes a própria luz: *Speculum justitiae*; vós, cuja vida foi tão simples, tão perdida em Deus, que de vós quase nada se pode dizer: *Virgo fidelis*, sois a Virgem fiel, aquela que guardava todas as coisas no seu coração» (I.T. I, 10).

Ó Maria, que espectáculo maravilhoso é ver a vossa alma crescer incessantemente no amor, subir sem cessar aos mais altos píncaros da santidade! Em vós não há nada que retarde a acção divina, nada que impeça o desenvolvimento da caridade. «Quem é esta que sobe do deserto, inebriada de delícias, apoiada sobre o seu amado?» (*Cant.* 8, 5). Sois vós, ó minha Mãe, vós que, conduzida pelo Espírito Santo e por Ele amparada, subis sempre de graça em graça, de virtude em virtude! Ó Mãe do amor formoso, cheia de graça, ó Virgem fiel,

ajudai-me a corresponder com fidelidade aos dons de Deus! Não permitais que a minha miséria torne a graça vã em mim. Ajudai-me, minha Mãe, a vencer as inumeráveis resistências da minha natureza fraca e cobarde, atraí-me com a suave fascinação do Vosso exemplo, a fim de que vos possa seguir com entusiasmo na via da caridade perfeita.

«Ó minha Mãe, vós que sempre ardestes em amor para com Deus, dignai-vos dar-me ao menos uma centelha desse amor. Vós pedistes ao vosso Filho por aqueles esposos a quem faltava o vinho, dizendo: *vinum non habent*, e não haviéis de pedir por mim, pobre como sou de amor de Deus, sendo tão obrigado a amá-lo? Dizei também: *amorem non habet*. E impetrai-me este amor. Outra graça não vos peço, a não ser esta. Ó Mãe, por quanto amais a Jesus, ouvi-me. Mostrai-me quanto é grande a graça que possuís junto dEle, pedindo-Lhe uma luz e uma chama divinas tão potentes que me transformem de pecador em santo e que, desapegando-me de todo o affecto terreno, me inflamem todo no divino amor. Fazei isto, ó Maria, que bem o podeis fazer, fazei-o por amor dAquele Deus que vos fez tão grande, tão poderosa e tão piedosa» (S.to Afonso).

181. MARIA E A CARIDADE FRATERNA

Ó Mãe que tanto tendes amado os homens, ensinaí-me a cumprir com perfeição o preceito da caridade fraterna.

1 — A caridade é *una* na sua essência, porque um é o seu objecto: Deus amado em Si mesmo, Deus amado no próximo. Por isso, quanto mais uma alma ama a Deus, tanto mais ama o próximo. Ora, se em Maria

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

a caridade para com Deus atingiu uma profundidade abissal, deve dizer-se que também a sua caridade para com o próximo foi imensa. É esta a propriedade do verdadeiro amor de Deus: em vez de fechar sobre si mesma a alma que o possui, abre-a de par em par para espalhar à sua volta aquela riqueza que a caridade acumulou nela. Tal foi a característica da caridade de Maria; apesar de toda tomada pelo amor do seu Deus e toda recolhida na contemplação amorosa dos mistérios divinos que se realizam em si e à sua volta, o seu recolhimento não a impede de se ocupar do próximo, mas seja em que circunstância for, vemo-la sempre atenta e aberta às necessidades dos outros. A sua própria riqueza interior impele-a a querer comunicar aos outros os grandes tesouros que possui. É nesta atitude que no-la apresenta o Evangelho quando, imediatamente após a Anunciação, empreende uma viagem «à pressa» — diz S. Lucas — para visitar Isabel. Ser-lhe-ia muito agradável ficar em Nazaré a adorar, na solidão e no silêncio, o Verbo divino incarnado no seu seio, mas o Anjo anunciara-lhe a próxima maternidade da velha prima e isto basta-lhe para se sentir no dever de ir oferecer-lhe os seus humildes serviços. Pode dizer-se que o primeiro acto da Virgem, logo depois de se tornar Mãe de Deus, foi um acto de caridade para com o próximo. Deus deu-Se a Ela como Filho e Maria que se dera a Ele como «escrava», também como «escrava» se quis dar ao próximo. Aqui mais do que nunca é evidente a estreita união que existe entre a caridade para com Deus e a caridade para com o próximo. Ao sublime acto de amor com que Maria se deu totalmente ao Senhor, pronunciando o seu «fiat», corresponde o seu acto de caridade para com Isabel.

2 — No nascimento de Jesus acontece também algo de semelhante: Maria contempla extasiada o seu divino Filho, mas isso não a impede de O oferecer à adoração dos pastores. Eis a suprema caridade de Maria para com os homens: dar-lhes o seu Jesus, logo que Este lhe é dado; não quer gozá-LO sòzinha, mas quer que todas as criaturas O gozem. E tal como O apresenta aos pastores e aos Magos vindos para O adorarem, assim O apresentará um dia aos carrascos que O hão-de crucificar. Jesus é tudo para Maria, e Maria, na sua grande caridade, não hesita em imolá-LO pela salvação dos homens. Pode pensar-se numa caridade maior, mais generosa? Depois de Jesus, ninguém mais do que Maria amou tanto os homens.

Outro aspecto da caridade de Maria para com o próximo é a sua grande delicadeza. Quando, após três dias de angustiosa procura, encontra Jesus no templo, a SS.ma Virgem que tanto havia sofrido com o Seu imprevisível desaparecimento, sabe esconder a sua dor sob a de José: «Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição» (*Lc. 2, 48*). A sua delicada caridade fê-la sentir profundamente a dor de José e antepô-la à sua, que foi certamente muito maior. Nas bodas de Caná vemos outra manifestação da delicadeza de Maria: enquanto todos estão ocupados com o festim, só Ela, tão recolhida, se apercebe do embaraço dos esposos pela falta de vinho e toma providências de uma maneira tão delicada que a coisa passa despercebida até ao chefe do banquete.

Maria ensina-nos que, quando o amor de Deus é verdadeiramente total, imediatamente se expande num amor generoso para com o próximo, pois que — diz S. Tomás — quem ama a Deus, ama todas as coisas ama-

das por Deus. Se, portanto, reconhecemos que nas nossas relações com o próximo somos pouco caridosos, pouco atentos e solícitos pelas necessidades dos outros, devemos concluir que o nosso amor para com Deus é ainda muito fraco.

Colóquio — «Com que doçura e humildade de coração, ó Maria, fostes visitar Isabel! Vós, a Soberana, ides ter com a serva; vós, a Mãe de Deus, ides a casa da mãe do percursor... E com que delicadeza, em Caná, quisestes ajudar os esposos! Tivestes piedade do seu embaraço, porque sois misericordiosa e cheia de bondade. De uma fonte de ternura que poderia brotar senão ternura? É porventura estranho que um coração cheio de bondade produza bondade? Se alguém tiver na mão, durante uma parte do dia, um fruto odorífero, não conservará nela esse perfume pelo resto do dia? De quanta virtude, ó Maria, não vos haverá enchido o coração a Bondade infinita que, por nove meses, repousou em vós? Esta Bondade, antes de tomar posse do vosso seio, invadiu o vosso coração. E quando deixou o vosso seio, jamais se afastou da vossa alma» (S. Bernardo).

Ó Virgem santa, é precisamente esta caridade, fruto da vossa íntima união com Deus, que fazeis transbordar sobre todos os homens, dignando-vos acolhê-los no amplo abraço do vosso imenso amor. A mesma caridade que toda vos inflamou de amor pelo Eterno, acendeu também em vós o amor pelos homens, pois que os olhais, não em si mesmos, mas em Deus, considerando-os como Suas criaturas, como Seus filhos. A mesma caridade que vos consagrou ao serviço do Altíssimo, consagrou-vos também ao serviço da humanidade, e assim, vós

amais todas as criaturas e me amais também a mim, embora tão miserável.

Ó Maria, é verdade que também em mim, desde o dia do meu baptismo, o Espírito Santo difundiu a Sua caridade, mas o meu egoísmo deteve o seu desenvolvimento e eu, que tão pouco amo o meu Deus, tenho também pouco amor para com o meu próximo. Vede vós, ó Mãe amorosíssima, a necessidade que tenho de dilatar o meu coração na caridade! Despertai, pois, e alimentai em mim esta virtude e fazei que, dando-me ao serviço de Deus, saiba dar-me também ao serviço do próximo, com doçura e humildade, com prontidão e generosidade.

182. NA EXPECTATIVA DOMINGO DEPOIS DA ASCENSAO

Ó Senhor, fazei que o meu coração esteja sempre dirigido para o céu onde me esperais.

1 — Este Domingo é como que um prolongamento da festa da Ascensão. O Intróito reflecte muito bem os sentimentos que deveriam ter os apóstolos nos dias que decorreram entre a partida de Jesus e a descida do Espírito Santo: «Escutai, ó Senhor, o grito das minhas invocações... Eu procuro a Vossa face, Senhor, não ma escondais». Como no dia da Ascensão, os olhares dos apóstolos estão ainda fixos no céu onde viram desaparecer o Mestre e os seus corações anseiam por Ele. Enquanto peregrinamos na terra longe do Senhor, deve ser este o contínuo suspiro das nossas almas. Na expectativa da Pátria, porém, não devemos estar

ociosos. Na Epístola de hoje (I *Ped.* 4, 7-11), S. Pedro ensina-nos o que devemos fazer para que a vida terrena seja uma verdadeira preparação para o encontro com Deus: «Vigiai na oração. Sobretudo tende perseverante entre vós mesmos a caridade mútua». Era o que faziam os apóstolos enquanto esperavam o Espírito Santo: perseveravam em oração, reunidos no Cenáculo, em fraterna concórdia. O Senhor não aprecia as orações e as ofertas de um coração que não sabe amar o próximo com sincera benevolência. Jesus disse-o expressamente: «Se estás para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares aí que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta... e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão» (*Mt.* 5, 23 e 24).

A oração não basta para atrair sobre nós as graças divinas, nem para alcançar a vida eterna: é-nos exigida a caridade fraterna que é a prova mais segura da sinceridade do nosso amor para com Deus. O Espírito Santo que é o Espírito de caridade, que é o Amor substancial, não pode invadir uma alma avara e mesquinha nas suas relações com o próximo; a falta de caridade é um dos maiores obstáculos à Sua acção, porque é directamente contrária à Sua essência. Como a água paraliza a acção do fogo, assim a falta de caridade paraliza a acção do Espírito Santo. Além disso, enquanto estivermos neste mundo, todos estamos sujeitos a cair, todos, por isso, temos necessidade de perdão, e a caridade — diz a Epístola — «cobre a multidão dos pecados».

2 — No Evangelho de hoje (*Jo.* 15, 26 e 27; 16, 1-4), encontramos outra vez a promessa de Jesus acerca da vinda do Espírito Santo: «Quando, porém, vier o Consolador que eu vos enviarei do Pai... vós dareis

testemunho de mim». Como no dia da Ascensão, a vinda do Espírito Santo é apresentada em relação com a missão dos apóstolos, que consistirá essencialmente em dar testemunho de Cristo. Lemos na Epístola da festa da Ascensão: «recebereis a virtude do Espírito Santo... e me sereis testemunhas... até às extremidades da terra», e hoje o Evangelho explica-nos em que deve consistir este testemunho que, não só os Apóstolos, mas todos os cristãos, são chamados a dar de Cristo. «Lançar-vos-ão fora das sinagogas, e virá o tempo em que todo o que vos matar julgará prestar serviço a Deus». Para dar testemunho do Pai, Jesus morreu sobre a cruz; para dar testemunho de Jesus, os Seus discípulos devem sofrer, suportar perseguições e, muitas vezes, até a morte. É impossível seguir um caminho diverso daquele que seguiu Jesus: «Se alguém quer vir após de mim... tome a sua cruz e siga-me» (Mt. 16, 24), repete-nos Ele. Um testemunho pacífico, tranquilo, que para se afirmar não precise de enfrentar perigos e muito menos de arriscar a vida, terá sempre um valor relativo e, portanto, não dá garantia alguma da sua firmeza; ao contrário, quanto mais custa, tanto mais vale e tanto mais demonstra a fidelidade de quem o dá. Dar a Cristo um testemunho pleno, não obstante as dificuldades, os sofrimentos e as lutas que se possam encontrar, é o programa do verdadeiro cristão. Mas quem nos dará coragem? A nós, como aos Apóstolos, a coragem vir-nos-á do Espírito Santo mediante o dom da fortaleza, virá também da assídua meditação dos exemplos de Jesus, e ainda da própria palavra do Salvador que, ao anunciar-nos as perseguições, declarou: «Eu disse-vos estas coisas para que vos não escandalizeis».

Colóquio — Ó Senhor, tornai-me digno de dar testemunho de Vós, não só com palavras, mas sobretudo com obras, não obstante as dificuldades e os sofrimentos que poderei encontrar. Os Apóstolos deram testemunho de Vós até enfrentarem a morte por Vosso amor, fazei que eu possa dá-lo ao menos com uma vida digna de Vós.

Para dar testemunho de Vós, ó Senhor, «quereria percorrer a terra, pregar o Vosso nome e plantar no solo infiel a Vossa cruz gloriosa, porém, ó meu Bem-Amado, uma só missão não me seria bastante, quereria ao mesmo tempo anunciar o Evangelho nas cinco partes do mundo e mesmo nas ilhas mais afastadas... quereria ser missionário não apenas durante alguns anos, mas quereria tê-lo sido desde a criação do mundo e sê-lo até à consumação dos séculos... Mas acima de tudo quereria, ó meu Bem-Amado Salvador, quereria derramar o meu sangue por Vós...

«Ao pensar nos tormentos que serão a sorte dos cristãos no tempo do Anti-Cristo, sinto o coração aos saltos e quereria que esses tormentos me estivessem reservados... Jesus, Jesus, se quisesse descrever todos os meus desejos, ser-me-ia necessário utilizar o Vosso 'livro da vida' onde estão anotadas as acções de todos os santos e essas acções quereria tê-las realizado por Vós... Os grandes feitos estão-me proibidos, não posso pregar o Evangelho, derramar o próprio sangue... mas que importa? Os meus irmãos trabalham em meu lugar; e eu, mantenho-me juntinho do Vosso trono, e amo pelos irmãos que combatem» (T.M.J. M.B. pg. 232 e 236).

Ó Senhor, concedei-me um amor verdadeiro que Vos seja sempre fiel nas pequeninas coisas, já que não me é dado fazer grandes coisas. Que eu saiba, sobretudo, dar-Vos sempre o testemunho de uma clara profissão

de fé, de uma conduta inteiramente conforme com a Vossa lei, em qualquer ambiente, em qualquer circunstância, sem me deixar jamais desviar pelos falsos respeitos humanos.

183. A ORAÇÃO DE MARIA

Ó Maria que fostes a fiel adoradora de Deus, ensinai-me a viver em oração contínua.

1 — Para compreender alguma coisa da oração de Maria é preciso procurar penetrar no santuário da sua íntima união com Deus. Ninguém como Ela viveu em intimidade com o Senhor. Intimidade de mãe, acima de tudo: quem poderá compreender as estreitas relações de Maria com o Verbo Incarnado, durante os meses em que O trouxe no seu seio virginal? Ainda que exteriormente nada a distinga das mulheres da sua condição, todavia, no segredo do seu coração, desenvolve-se a mais estreita vida de união que pode existir entre Deus e uma pura criatura. «*Omnia gloria ejus ab intus*» (Sal. 44, 14), toda a glória e grandeza de Maria está no seu interior, verdadeiro santuário que oculta o Santo dos Santos. Maria é o cibório vivo do Verbo Incarnado, cibório todo palpitante de amor, todo imerso na adoração. Trazendo em si a «fornalha ardente de caridade», como poderá Maria não ficar por ela toda inflamada? E quanto mais se inflama de amor, mais compreende o mistério de amor que se realiza em si: ninguém mais do que Ela teve o sentido da divindade de Jesus, das Suas grandezas infinitas. E do mesmo modo ninguém mais do que Ela sentiu o desejo ardente de se dar toda a Ele, de se perder nEle como uma pequena gota na

imensidade do oceano. Eis a oração incessante de Maria: adoração perene do Verbo Humanado que esconde no seu seio; união profunda com Cristo, abismando-se continuamente nEle e transformando-se nEle por amor; um contínuo associar-se às homenagens e aos louvores infinitos que do coração de Jesus sobem à Trindade, oferecendo sem cessar à Trindade estes louvores, os únicos dignos da Majestade divina. Maria viveu na adoração do seu Jesus e, unida a Ele, na adoração da Trindade.

Há um momento do dia em que nós podemos participar do modo mais pleno nesta oração de Maria, é o momento da Comunhão eucarística, em que também nos é dado estreitar Jesus vivo e verdadeiro no nosso coração. Como temos necessidade de que a SS.ma Virgem nos ensine a aproveitar deste tão grande dom, a perdermo-nos com Ela no seu e nosso Jesus até nos transformarmos nEle! Como temos necessidade de que Ela nos ensine a associarmo-nos às adorações que sobem do Coração de Jesus à Trindade e as ofereça connosco ao Pai para suprir as nossas deficiências!

2 — De Belém a Nazaré, Maria viveu durante trinta anos em doce intimidade familiar com Jesus. Jesus foi sempre o seu centro de atracção, o centro dos seus afectos, dos seus pensamentos, dos seus cuidados. Maria move-se à Sua volta, olha para Ele, procurando constantemente descobrir novos meios de Lhe agradar, de O servir e amar com a máxima dedicação. A sua vontade move-se em unísono com a vontade de Jesus, o seu coração palpita em perfeita harmonia com o dEle; Ela «participa nos pensamentos de Cristo, nos Seus mais ocultos desejos, de tal modo que se pode dizer que vive

a própria vida do Filho» (Pio X, *Ad diem illum*). Como toda a sua vida, assim a sua oração continua a ser *crístocêntrica*, mas Cristo leva-a à Trindade. Foi precisamente o mistério da Incarnação que introduziu Maria na plenitude da vida trinitária; as suas particularíssimas relações com as três Pessoas divinas iniciam-se quando o Anjo lhe anuncia que será a Mãe do *Filho do Altíssimo* por virtude do *Espírito Santo*. Ela é a filha dilecta do Pai, a esposa do Espírito Santo, a Mãe do Verbo, e estas relações não se restringem ao período em que Maria traz em si o Verbo Incarnado, mas estendem-se a toda a sua vida. Eis Maria templo da Trindade, Maria que, «depois de Jesus Cristo, e indubitavelmente à distância que vai do infinito ao finito, é o louvor de glória da SS.ma Trindade» (I.T. II, 15).

Maria é-nos apresentada como o modelo mais perfeito das almas que aspiram à intimidade com Deus, e ao mesmo tempo é para nós o guia mais seguro. Guia-nos para Jesus, ensina-nos a concentrar n'Ele todos os nossos affectos, a dar-nos totalmente a Ele até nos perdermos e transformarmos n'Ele; mas, por meio de Jesus, guia-nos também à vida de união com a Trindade. Também a nossa alma, pela graça que a reveste, é templo da Trindade, e Maria ensina-nos a viver neste templo como perpétuos adoradores das Pessoas divinas que aí habitam. «Não preciso de fazer qualquer esforço — dizia a Ir. Isabel da Trindade — para penetrar neste mistério da inabitação divina na SS.ma Virgem; parece-me encontrar aí o movimento habitual da minha alma que foi também o seu: adorar em mim o Deus escondido» (*Cart.*). Que sob a direcção de Maria nos seja dado também a nós viver nesta atitude de incessante adoração da Trindade que habita na nossa alma.

Colóquio — «Imagino, ó Maria, o que deveríeis sentir quando, depois da Incarnação, possuíeis em vós o Verbo, Humanado, o dom de Deus! Com que silêncio, com que recolhida adoração devíeis abismar-vos no mais profundo da vossa alma para abraçar em vós aquele Deus de quem éreis Mãe! Parece-me, ó Virgem santa, que a vossa atitude durante os meses que precederam a nati-vidade de Jesus, é o modelo das almas interiores, da-queles seres que Deus escolheu para viverem 'dentro', no fundo do abismo sem fundo. Com que paz, com que recolhimento vos dáveis a todas as coisas! Como divi-nizáveis as coisas mais banais, pois que, através de tudo, vós continuáveis a ser a adoradora do dom de Deus» (cfr. I.T. Cart.; I, 10).

«Ó Maria, vós sois o trono de Deus, o ostensório do Seu amor. Sois o ostensório vivo de Jesus e quando eu adoro Jesus em vós, é verdadeiramente uma adoração do SS.mo Sacramento exposto, *adoratio in ostensorio*. Ó Maria, toda a teologia confirma este vosso belo nome: ostensório de Cristo! Ostensório de Cristo em Belém, na Apresentação, em Caná, na Cruz, na Eucaristia, no Céu. Sim, também no Céu; acaso não vos dizemos: 'depois deste desterro mostrai-nos — *ostende* — Jesus, o fruto bendito do vosso ventre'?... Ó Maria, ensinai-me a olhar, a amar Jesus como vós O olhais e O amais, ensinai-me a desejá-LO com o vosso amor, a dar-me a Ele, a ser todo Seu, como vós sois Sua; ensinai-me a adorar Jesus com os vossos próprios sentimentos. Ó Mãe dulcíssima, ensinai-me a encontrar e a orar a Jesus; enchei-me de Jesus, transformai-me nEle. Ó Maria, introduzi-me na contemplação da vida, da obra e da divindade do vosso Filho. Sede vós o caminho que me conduza a Jesus, o vínculo que me una a Ele e que,

com Ele e nEle, me una à SS.ma Trindade» (cfr. P. Eduardo Poppe).

184. O APOSTOLADO DE MARIA

Ó Maria. Rainha dos Apóstolos, criaí em mim um coração de apóstolo.

1 — Maria é ao mesmo tempo o modelo das almas contemplativas e o modelo das almas apostólicas. Assim, unindo em si a mais alta vida contemplativa e a mais alta vida apostólica, ensina-nos que contemplação e apostolado, bem longe de se oporem, exigem-se, amparam-se e alimentam-se mutuamente. Quando a vida contemplativa — entendida como assídua procura da união com Deus — é verdadeiramente fervorosa, não pode deixar de fazer surgir na alma a chama ardente do apostolado. Quem, no contacto íntimo com Deus, experimentou a inefável realidade do Seu amor pelos homens, não pode deixar de arder em desejos de os conquistar todos para este amor. Assim — e do modo mais sublime — aconteceu a Maria SS.ma, a qual, tendo saboreado e penetrado o amor de Deus e tendo sido inflamada por ele mais que qualquer outra criatura, também mais que qualquer outra desejou conduzir a Deus todos os homens. Ninguém, com efeito, como Maria, colaborou com Cristo na salvação do género humano. Colaboração que foi a mais íntima e profunda que se pode imaginar, pois foi Ela que, com o seu sangue, forneceu ao Filho de Deus aquela carne e aquela vida humana que Lhe tornaram possível a Ele, Verbo eterno, fazer-Se semelhante a nós, sofrer e

morrer por nós na cruz. Colaboração do mais alto valor, se se considera que Maria não foi Mãe de Deus inconscientemente, mas que Ela própria deu para isso o consentimento, embora soubesse, pela Sagrada Escritura, que o Messias seria o homem das dores, imolado para a redenção do mundo; por isso, aceitando tornar-se Mãe, aceitou também ligar a sua sorte à dEle, associar-se a todos os Seus sofrimentos. Dar ao mundo o Redentor, aceitar ver morrer o Filho amado entre indizíveis tormentos, foi o sublime apostolado de Maria, que brotou do seu imenso amor a Deus.

Quanto maior é o amor de Deus, tanto mais o apostolado que dele deriva é grande e eficaz. Por outro lado, toda a obra de apostolado que não derivasse da caridade, seria *nula*: «Ainda que distribuisse todos os meus bens no sustento dos pobres — diz S. Paulo — e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada me aproveita» (I Cor. 13, 3).

2 — Íntimamente associada à obra redentora de Jesus, Maria desempenhou uma missão apostólica universal, para bem de toda a humanidade. Contudo o apostolado de Maria não faz barulho, não é aparatoso, mas realiza-se do modo mais humilde, escondido, silencioso. Dá ao mundo o Redentor, mas fá-lo no segredo da noite, num pobre estábulo; participa em toda a vida de Jesus, mas no recolhimento da casa de Nazaré, ocupada nos humildes afazeres domésticos, no meio dos sacrifícios e das dificuldades de uma vida que foi rica de circunstâncias excepcionalmente graves e penosas. E também quando Jesus — nos três anos da Sua vida apostólica — Se apresenta em público para cumprir a missão que o Pai Lhe confiara, Maria, embora conti-

nuando a segui-lo e a participar em todos os Seus trabalhos, permanece na sombra. Nunca se vê aparecer ao lado do Filho que prega às multidões, nunca se vale da sua autoridade materna para se introduzir junto dEle; e quando tem necessidade de Lhe falar, enquanto Ele instrui o povo dentro duma casa, fica humildemente fora, à espera (cfr. *Mt.* 12, 46). O apostolado de Maria é todo interior; apostolado de oração e sobretudo de imolação escondida pela qual adere com grande amor à vontade de Deus que lhe pede para se separar do Filho depois de trinta anos passados em doce intimidade com Ele, para se pôr de parte, deixando aos apóstolos e às multidões aquele lugar que, como Mãe, lhe competia ocupar junto de Jesus. Assim, no escondimento e no silêncio, Maria participa no apostolado e nos sofrimentos do Filho: não há dor de Jesus que Maria não sinta e não reviva em si. A sua grande imolação consiste em ver o seu Filho dilecto perseguido, odiado, levado à morte, e finalmente crucificado no Calvário; o seu coração de Mãe sente profunda amargura com isso, mas ao mesmo tempo tudo aceita com *puro amor* e tudo oferece para a salvação das almas. E foi assim que, pela sua imolação obscura, animada de *puro amor*, Maria chegou ao mais alto cume do apostolado. E «um pouquinho de puro amor — diz S. João da Cruz — é mais precioso diante do Senhor... e aproveita mais à Igreja... que todas as outras obras juntas» (C. 29, 2). Maria mostra-nos como estamos longe da verdade quando, levados pela urgência das obras, fazemos consistir o nosso apostolado unicamente na actividade exterior, menosprezando a actividade interior do amor, da oração, da imolação, de que depende a fecundidade da acção exterior.

Colóquio — «Ó Maria, vós sois vida, doçura e esperança nossa! Só vós tirastes do mundo a perfídia universal porque só vós destes à luz o Senhor. Vós sois a Mãe de misericórdia! Mãe que nos lavais das manchas dos pecados. Vós nos acalmais como a pequeninos que gemem no berço, nos alimentais com leite e nos segurais nos vossos braços. E não só vos tornastes Mãe, mas também vos fizestes remédio dos miseráveis...

«Além disso, ó Maria, junto da cruz, tornastes-vos, por nós, um mar de amargura por causa da compaixão que tivestes do Filho crucificado e das nossas almas... Mas ó Mãe, porque nos amastes tanto? Porque nos encheis do vosso afecto? Porque nos encheis do nosso Deus? Porque, pergunto, nos inebriais com o amor do Vosso Filho, se nós não somos capazes de vos retribuir seja o que for? Que lucrais, amante das almas, se vos amamos a vós e ao vosso Filho, com um grande amor? Não vos bastam as coisas celestes? Porque procurais corações terrenos que são fétidos e lamacentos? Tomai-nos, caçadora de almas, predeí-nos e recolhei-nos no seio da vossa graça. Quem poderá livrar-se dos raios da vossa piedade? Não, ninguém pode afastar-se do fogo do vosso amor, porque o céu e a terra estão cheios dos vossos benefícios... e estendeis sempre e por toda a parte os laços da vossa benignidade. Sim, Mãe dulcíssima, não podemos fugir de vós, mas sempre repousamos no seio da vossa doçura» (cfr. S. Boaventura).

«Ó Maria, vós sois mais Mãe do que Rainha! Meditando na vossa vida tão humilde e simples como o Evangelho no-la apresenta, não tenho qualquer receio de me aproximar de vós. Vejo-vos viver na pobreza e na obscuridade, sem raptos ou êxtases, sem fulgor de milagres, sem acções clamorosas. E assim *mê* fazeis

entender que também eu posso seguir as vossas pisadas, que também eu posso subir o íngreme caminho da santidade, praticando as virtudes escondidas. Junto de vós, ó Maria, gosto de ficar pequena, e descubro melhor a vaidade das grandezas humanas» (cfr. T.M.J. NV. 23-VIII e *Poesia*).

Ó Maria que destes Jesus ao mundo no silêncio e no recolhimento; que, sem serdes observada, participastes em toda a Sua vida, nas Suas obras, na Sua Paixão, ensinai-me o segredo do apostolado interior, feito de oração e de imolação oculta, só de Deus conhecido.

185. MARIA MEDIANEIRA

Ó Maria, como Jesus quis vir a nós por meio de vós, fazei que por vós eu possa ir a Ele.

1 — A Igreja ensina-nos a invocar Maria como «*Medianeira de todas as graças*». Este título é como que a síntese do que Nossa Senhora é para nós nas relações com o seu Filho bem-amado: Medianeira da graça, da misericórdia, tesoureira de todas as graças que Jesus nos mereceu. «Mediante a comunhão de dores e de vontade entre Cristo e Maria — ensina S. Pio X — esta mereceu tornar-se a dispenseira de todos os benefícios que Jesus nos adquiriu com o Seu Sangue» (Enc. *Ad diem illum*). Associada do modo mais íntimo e mais profundo à vida, obra e Paixão do seu Filho, Maria cooperou com Ele na nossa redenção, de maneira que a graça que só Cristo nos podia merecer *de direito*, foi também, ainda que de modo secundário e de pura *conveniência*, merecida por Maria.

Maria obteve assim um verdadeiro poder sobre todos os tesouros sobrenaturais adquiridos pelo seu Filho e como os acumulou juntamente com Ele, assim, juntamente com Ele, os distribui. «Pode afirmar-se — diz Leão XIII — que, segundo a vontade de Deus, nada nos é dado que não passe pelas mãos de Maria, de modo que, como ninguém pode aproximar-se do Pai onnipotente senão através do Filho, também ninguém, por assim dizer, pode aproximar-se de Cristo senão através de Sua Mãe» (*Enc. Octobri mense*). Ao lado e depois de Jesus, *único Mediador*, Maria é, portanto, a Medianeira e como Jesus, no céu, intercede incessantemente junto do Pai em nosso favor, assim Maria intercede por nós, juntamente com Ele, obtendo-nos e dispensando-nos todas as graças de que temos necessidade. Muito oportunamente o Intróito da Missa de Maria Medianeira aplica à Virgem o que S. Paulo diz a propósito do recurso confiante a Cristo: «Aproximemo-nos confiadamente do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e achar a graça de um auxílio oportuno». Sim, depois de Jesus, Maria é verdadeiramente «trono da graça» e *tudo* pode obter-nos do seu Filho, Ela que é a *Omnipotentia suplex*, onnipotente na sua prece de Mãe.

2 — Maria é Medianeira entre nós e seu Filho por um duplo motivo: porque nos dá Jesus, e porque nos *leva* a Jesus. O Evangelho várias vezes no-la mostra na atitude de portadora de Jesus aos homens, atitude tipicamente maternal: Maria apresenta o Menino à adoração dos pastores e dos magos, Maria leva Jesus ao templo e apresenta-O a Simeão; Maria, em Caná, pela sua intercessão, obtém o primeiro milagre do Filho; Maria, no Calvário, recebe nos braços o corpo exangue

e ferido do Filho amado, e oferece-o à humanidade como preço do seu resgate; Maria, no Cenáculo, invoca a plenitude do Espírito Santo sobre os Apóstolos e até ao dia do seu feliz trânsito, sustenta com a sua oração e com o seu encorajamento materno a Igreja nascente. Onde está Maria, está Jesus; toda a razão da existência de Maria, toda a sua missão, é esta: levar, dar Jesus ao mundo e às almas, e, com Jesus, dar também a sua graça e os seus favores. Maria, como diz S. Bernardo, é verdadeiramente o aqueduto que leva à humanidade a água viva da graça; ou melhor, que lhe leva Jesus, fonte da graça.

Além disso, Maria leva os homens a Jesus: Ela ensina-nos o caminho para ir ao seu Filho, dispõe as nossas almas para que Lhe sejam agradáveis. Somos sempre pobres crianças, incapazes de oferecer a Deus dons apresentáveis, e Maria é sempre a Mãe que, com delicadeza maternal, arranja e embeleza os nossos dons, as nossas acções, as nossas orações e dádivas e que, com as suas próprias mãos, as oferece ao seu divino Filho. Mas Maria olha sobretudo para os nossos corações e, como nossa verdadeira Mãe, quer formar em cada um de nós um coração puro, cheio de amor e de bondade, que possa palpitar em uníssono com o de seu Filho. Coloquemos, pois, o nosso coração nas mãos de Maria para que Ela o encha «de graça e de verdade, de vida e de virtude» (MR.).

Colóquio — Ó Senhora minha, santa Mãe de Deus, cheia de graça, oceano inesgotável de divinas liberalidades e dons; depois da SS.ma Trindade, Senhora de todos; depois do Paráclito, nova consoladora; depois do Mediador, a Medianeira de todo o mundo; olhai para a

minha fé e para o desejo que me foi inspirado pelo céu. Não me desprezeis por ser indigno e que a fealdade das minhas acções não suspenda a vossa imensa misericórdia, ó Mãe de Deus, ó nome que supera todo o meu desejo» (S.to Efrém Sírio).

«Ó Maria, Deus pôs em vós a plenitude de todos os Seus bens para nos fazer compreender que toda a esperança, toda a graça, toda a salvação nos vêm da vossa superabundância. Fazei, pois, ó Maria, que por vosso intermédio possamos chegar ao Filho, ó bendita que encontrastes graça, que nos destes a vida, ó Mãe de salvação! Fazei que por vós nos acolha Aquele que vós nos destes. Que a vossa pureza sem mancha desculpe aos Seus olhos as culpas da nossa malícia, que a vossa humildade, tão agradável a Deus, obtenha perdão para o nosso orgulho! Que a vossa imensa caridade cubra a multidão dos nossos pecados e que a vossa gloriosa fecundidade torne fecundas as nossas boas obras.

«Ó Senhora, Medianeira, Advogada nossa, reconciliai-nos com o vosso Filho, apresentai-nos ao vosso Filho. Ó bendita, pela graça que alcançastes, pelos privilégios que merecestes, pela misericórdia que trouxestes ao mundo, obtende-nos de Jesus, que por meio de vós Se dignou participar da nossa enfermidade e da nossa miséria, que nos faça participar, ainda por meio de vós, na Sua glória e na Sua bem-aventurança» (S. Bernardo).

186. O ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo, ensina-me a conhecer-Vos, a desejar-Vos e a dispor-me para a Vossa acção.

1 — A aproximação do Pentecostes convida-nos a dirigir a nossa mente e o nosso coração para o Espírito Santo: queremos, com a Sua ajuda, conhecê-lo um pouco mais para O amarmos mais, para O invocarmos com maior fervor, para nos dispormos da melhor maneira para secundar a Sua acção nas nossas almas.

O catecismo ensina-nos que em Deus há três Pessoas iguais e distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. *Ab aeterno* o Pai, conhecendo-Se a Si mesmo, gera o Seu Verbo, Ideia perfeita e substancial em que o Pai Se exprime e à qual comunica toda a Sua bondade, amabilidade, natureza e essência divinas. O Pai e o Verbo, pela Sua bondade e beleza infinitas, amam-Se desde toda a eternidade e deste amor que Os une um ao outro, procede o Espírito Santo. Como o Verbo é gerado pelo Pai por via de conhecimento, assim o Espírito Santo procede do Pai e do Filho por via de amor. O Espírito Santo é, pois, o termo, é a efusão do amor recíproco do Pai e do Filho, *efusão* tão substancial e perfeita que é uma Pessoa, a terceira Pessoa da SS.ma Trindade, à qual o Pai e o Filho, pela sublime fecundidade do Seu amor, transmitem a Sua mesma natureza e essência sem delas serem despojados. E porque o Espírito Santo é a efusão do amor divino, é chamado «Espírito», segundo o sentido latino da palavra que significa hálito, respiração, sopro vital. Como em nós a respiração é a manifestação da vida, assim em Deus o Espírito Santo é a expressão, a efusão da vida e do amor do Pai e do Filho, efusão

porém, substancial, pessoal, que é uma *Pessoa*. Neste sentido a terceira Pessoa da SS.ma Trindade é chamada o «Espírito do Pai e do Filho» ou também o «Espírito de amor em Deus», ou seja, o «sopro» de amor do Pai e do Filho, o «sopro» do amor divino. É neste sentido que os Santos Padres chamam ao Espírito Santo o «*osculum Patris et Filii*», o beijo do Pai e do Filho, «beijo suavíssimo mas muito secreto», segundo a terna expressão de S. Bernardo.

Invoquemos este Espírito Santo, Espírito de amor, para que venha acender nos nossos corações a chama da caridade.

2 — Segundo o nosso conceito humano, uma pessoa é um ser: *completo*, *distinto* dos outros seres, *subsistente*, que existe em si mesmo, *inteligente* e portanto livre, capaz de querer e de amar e por isso *amante*. Tudo isto se verifica do modo mais perfeito no Espírito Santo: Ele, sopro de amor do Pai e do Filho, é uma Pessoa e uma Pessoa divina. É um ser *completo*, é todo Ele Deus e não uma parte de Deus; sendo embora perfeitamente igual às outras duas Pessoas divinas, é *distinto* delas; é *subsistente* em Si mesmo, *conhece* e *ama*. Sendo o Espírito Santo uma Pessoa divina, podemos ter com Ele relações particulares, como com o Pai e com o Filho. A isto nos convida a Igreja, propondo-nos tão belas invocações ao Espírito Santo e particularmente o hino «*Veni creator Spiritus*» no qual nos apresenta todos os títulos que tem o divino Paráclito para ser por nós invocado com confiança. O hino começa por se dirigir ao Espírito Santo como «Espírito Criador», recordando-nos que Ele, juntamente com o Pai e com o Filho, é um só Deus, é o nosso Criador;

em seguida, invoca-O como nosso santificador, ou seja, como Aquele que difunde a graça nas nossas almas: *imple superna gratia, quae tu creasti pectora*, enchei de graça celeste os corações que criastes. Com efeito, ainda que todas as obras externas de Deus — como a criação, a santificação das almas, etc. — sejam comuns às três Pessoas divinas, todavia, «por uma certa relação e como que afinidade entre as obras externas e o carácter próprio de cada Pessoa, [estas obras] atribuem-se mais a uma que a outra Pessoa» (Enc. *Divinum illud.*) Assim, ao Espírito Santo, que é o sopro do amor divino, é particularmente atribuída a obra da santificação, que é obra de amor: «O Espírito Santo — ensina Leão XIII — dá um impulso forte e suave e, por assim dizer, dá a última demão ao altíssimo trabalho da nossa eterna predestinação» (ib.). É sob este aspecto particular de Santificador que a Igreja nos convida a invocar o Espírito Santo. *Altissimi donum Dei, fons, vivus, ignis, caritas et spiritalis unctio*, dom de Deus altíssimo, dom dado às nossas almas para as conduzir à santidade; fonte viva da graça, fogo, doçura espiritual. E ainda: *septiformis munere, digitus paternae dexteræ*, distribuidor dos sete dons, mediante os quais Ele aperfeiçoará a nossa vida espiritual, dedo da mão direita do Pai, que nos deve indicar o caminho da santidade. Com que ímpeto, com que amor e anseio devemos invocar o Espírito Santo, Espírito santificador!

Colóquio — «Ó união maravilhosa no céu, maravilhosa na terra, maravilhosa naquele secretíssimo e perfeitíssimo vínculo da natureza divina onde o Espírito Santo, que é vínculo e laço de amor, une de modo inefável as divinas Pessoas. Oh! Como está unida em per-

feitíssima unidade a SS.ma Trindade! Unidade de essên-
cia, de substância e de amor. E sois Vós, ó Espírito
Santo, o dulcíssimo laço! Ó divino Espírito, do vínculo
com que unis e atais em perfeitíssima união o Pai e
o Filho, tirais um vínculo e um nó mediante o qual a
alma se une a Deus, à semelhança daquela união divina.
E a unis com perfeitíssima liberdade das suas potências,
para que não queira e de certa maneira não possa,
mercê da graça que a tem tão abraçada e unida ao
seu Deus, recordar-se, entender, querer outra coisa além
da divina caridade. Oh! quem pudera, como os bem-
aventurados do céu, jamais libertar-se de tão ditoso
e estreito vínculo!

«Ó Espírito Santo, Vós vindes a nós por amorosa
operação de graça... e vindes como fonte, difundindo-
-Vos na alma e submergindo-a em Vós. Assim como
dois rios confluem e se unem ao mesmo tempo, de modo
que o menor deixa o seu nome, ou seja, perde o nome,
tomando o do maior, assim fazeis Vós, ó Espírito divino,
que vindes à alma para Vos unirdes com ela. Mas é
necessário que a alma, que é a menor, perca o seu nome,
o abandone a Vós, Espírito Santo, e fá-lo-á transfor-
mando-se em Vós até se tornar uma só coisa conVosco.

«Ó Espírito Santo, vejo-Vos descer à alma como faz
o sol, o qual, não encontrando obstáculo, nem impedi-
mento, vai iluminando todas as coisas; desceis como
uma seta inflamada que, caindo, vai para o mais pro-
fundo lugar que encontra e nele repousa, não parando
no caminho, nem pousando em lugares montanhosos,
nem altos, mas sim no centro da terra. Assim Vós,
Espírito Santo, descendo do céu com as setas infla-
madas do Vosso divino amor, não pousais nos corações
soberbos e nos espíritos altivos, mas pondeis a Vossa

morada nas almas humildes e desprezíveis aos seus próprios olhos» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

187. O ESPÍRITO DE CRISTO

Ó Espírito Santo que dominais plenamente na Alma santíssima de Jesus, dignai-Vos tomar a direcção da minha pobre alma.

1 — Na Sagrada Escritura o Espírito Santo é chamado o «Espírito de Cristo» (*Rom.* 8, 9); esta expressão é densa de significado. Cristo é o Verbo Incarnado, feito homem, e todavia permanece sempre o Verbo, o Filho de Deus, do qual, como do Pai, procede o Espírito Santo; por isso pode dizer-se que o Espírito Santo é o Espírito de Cristo, pois que a Pessoa de Cristo não é outra senão o Verbo. Mas ao falar de Cristo fala-se dEle não só como Deus, mas sobretudo como homem, isto é, como Verbo *Incarnado*. Ainda neste sentido se pode dizer que o Espírito Santo é o Espírito de Cristo. Sabemos, com efeito, que o divino Paráclito, com o Pai e o Filho, habita em todas as almas em graça, e não somente habita nelas, mas fá-lo com complacência; tanto mais Se compraz quanto maior é o grau de graça que encontra na alma pois que onde a graça é mais abundante, mais intenso e luminoso é o reflexo da natureza e bondade de Deus. Por este motivo, o Espírito Santo comprazia-Se imensamente na alma de Maria Santíssima que, apesar de já cheia de graça, foi sempre crescendo de plenitude em plenitude. E a graça possuída por Maria era só um pálido reflexo da que Jesus possuía; graça a que os teólogos chamam «infinita».

Portanto, se Jesus possui a graça de maneira infinita, pode dizer-se que o Espírito Santo Se compraz na alma de Cristo de um modo infinito e habita nela como no Seu templo preferido. Assim o exprime a Encíclica *Mystici Corporis*, afirmando que o divino Paráclito «põe as Suas delícias em habitar na alma do Redentor como no Seu templo preferido». E se se pode afirmar que o Espírito Santo é *nosso* porque habita nas nossas almas santificadas pela graça, muito mais se pode dizer que «é de Cristo», cuja Alma santíssima possui a graça numa medida imensa.

2 — O Espírito Santo é o Espírito de Cristo e habita nEle como no Seu templo preferido. O Espírito Santo está na alma de Cristo para a levar continuamente para Deus, para a conduzir ao cumprimento da Sua missão redentora, para a solicitar a aderir à vontade do Pai celeste. Vemo-lo concretamente no Evangelho em que S. Lucas, depois de ter narrado o baptismo de Jesus, durante o qual o Espírito Santo «desceu sobre Ele em figura corpórea como uma pomba» (3, 22), acrescenta: «Jesus, cheio do Espírito Santo, partiu do Jordão e foi conduzido pelo Espírito ao deserto» (4, 1). Eis uma explícita declaração da plenitude com que o Espírito Santo habitava na alma de Jesus, plenitude que remonta, sem dúvida, ao primeiro instante da vida do Salvador e da qual Deus quis dar-nos uma prova sensível no momento do Seu baptismo; e eis também um claro exemplo daquilo que o Espírito Santo operava incessantemente na alma de Jesus, inspirando todas as Suas acções e guiando-O no cumprimento da Sua missão redentora, conforme diz S. Paulo: Cristo, «pelo Espírito Santo ofereceu-Se a Si mesmo sem mácula a Deus» (*Hebr.*

9, 14). Se quisermos compreender mais a fundo esta misteriosa acção do divino Paráclito na alma de Jesus, basta pensar no que Ele opera na alma que chegou à transformação de amor. S. João da Cruz ensina que, neste altíssimo estado, o Espírito Santo invade a alma, doravante plenamente dócil à Sua moção, dirige-a e move-a em todas as suas acções, impelindo-a incessantemente para Deus por meio de uma perfeita adesão à Sua santa vontade. O Espírito Santo operava imensamente mais na alma de Cristo que Lhe era extremamente dócil e estava sujeita ao Seu impulso do modo mais perfeito. O Espírito divino encontra esta sublime criatura que é a alma de Jesus: invade-a, dirige-a, move-a ao cumprimento da Sua missão e leva-a para Deus com um impulso fortíssimo, exactamente porque ela está totalmente sob o governo da Sua moção.

Colóquio — «Ó Espírito Santo, a Vossa clemência, o Vosso amor inefável, mantiveram cravado na cruz o Filho de Deus, pois que nem os cravos nem as cordas O poderiam manter ligado sem o vínculo da caridade. E depois, quando Cristo, elevando-Se ao alto, voltou para o Pai, Vós, Espírito Santo, fostes enviado ao mundo com o poder do Pai, com a sabedoria do Filho e com a Vossa clemência para fortalecerdes o caminho da doutrina que Cristo deixou no mundo... Ó Espírito Santo, vinde ao meu coração e, pelo Vosso poder, atraí-o a Vós, Deus verdadeiro; concedei-me caridade com temor, defendei-me de todo o mau pensamento; aquecei-me, inflamai-me com o Vosso dulcíssimo amor, de modo que toda a pena me pareça ligeira. Meu santo Pai e meu doce Senhor, ajudai-me agora em todas as minhas acções» (S.ta Catarina de Sena).

«Ó Jesus, apresento-Vos o meu pobre amor, depondo-o nos braços do Vosso Espírito ardente, na fornalha ardente do Vosso amor. Ó meu Amado, pela Vossa divina virtude, preparai-me para a guerra espiritual com as armas do Vosso Espírito, já que não confio em mim, mas só na Vossa Bondade. Tudo o que não for totalmente Vosso, arrancai-o de mim com a Vossa inestimável caridade, de modo que, pelo Vosso doce amor, convidada e restaurada pela viva suavidade da Vossa dilecção, não Vos ame senão a Vós. As doces comunicações do Vosso Espírito tornam-me breve e leve o peso da vida. E Vós mesmo dignai-Vos unir a Vossa cooperação às minhas obras de modo que a minha alma Vos glorifique eternamente, a minha vida seja consagrada a Vós e o meu espírito exulte em Deus, meu Salvador, para que cada pensamento e acção seja para Vós um louvor e uma acção de graças» (S.ta Gertrudes).

Ó Espírito Santo, que operastes com tanta plenitude na Alma santíssima de Jesus, dignai-Vos operar igualmente na minha pobre alma e tomá-la inteiramente sob a Vossa direcção a fim de que, em todas as acções interiores e exteriores, eu me mova segundo as Vossas inspirações, os Vossos gostos e o Vosso beneplácito.

188. DOCE HÓSPEDE DA ALMA

Ó Espírito Santo que Vos dignais habitar em mim, ajudai-me a abrir-me totalmente à Vossa acção.

1 — A Encíclica «*Mystici Corporis*» afirma que «o Espírito Santo é a alma da Igreja». Alma significa «princípio de vida». Esta afirmação equivale a dizer

que o divino Paráclito é Aquele que faz viver a Igreja; como a alma é o princípio da vida do corpo, assim o Espírito Santo é o princípio da vida da Igreja, Corpo Místico de Cristo (cfr. *Divinum illud munus*).

Vimos que o Espírito Santo estava na alma de Cristo para O dirigir ao cumprimento da Sua missão redentora. Jesus teria podido realizar completamente só a Sua missão, mas quis associar a Si também a Igreja; devendo a Igreja, portanto, prolongar a obra de Cristo, precisa do mesmo impulso que movia a Sua alma, tem necessidade do Espírito Santo. De facto Jesus, sobre a cruz, mereceu-nos o Seu Espírito: com a Sua morte Ele expiou o pecado, que é o obstáculo à invasão do Espírito Santo e depois, quando voltou para o céu, enviou-O aos Apóstolos, representantes de toda a Igreja. E ainda agora, já sentado glorioso à direita do Pai, intercedendo por nós sem cessar, juntamente com o Pai, envia à Igreja o Espírito Santo que lhe tinha prometido. E eis que o divino Espírito opera na Igreja o que operava na Alma santíssima de Cristo: impulsiona-a, move-a, impele-a ao cumprimento da vontade de Deus, a fim de que ela cumpra a sua missão, e prolongue através dos séculos, a obra redentora do Salvador. Por isso, os antigos Padres disseram que o Espírito Santo é a alma da Igreja e no «Credo» a própria Igreja O invoca: «*Dominum et vivificantem!*» Assim como a alma é princípio de vida, assim o Espírito Santo vivifica a Igreja: Ele é o impulso de amor que acende nela o zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas, que dá luz e força aos Pastores, que afervora e anima os apóstolos, que dá coragem e fé invencível aos mártires.

2 — A Igreja, sendo a «sociedade» dos fiéis é constituída precisamente pela sua união; são os fiéis, somos nós, que formamos a Igreja. Portanto, dizer que Jesus mereceu o Espírito Santo para a Sua Igreja, equivale a dizer que O mereceu para nós; dizer que Jesus, juntamente com o Pai, mandou e continua a mandar o Seu Espírito à Igreja, é dizer que lhO mandou e no-IO continua a mandar. Neste mesmo sentido se exprime a Enc. «*Mystici Corporis*»: o Espírito Santo «foi comunicado à Igreja em copiosíssima efusão, a fim de que cada um dos seus membros seja de dia para dia mais semelhante ao Redentor». O Espírito Santo, pois, exerce o Seu influxo não só no Corpo da Igreja, mas também em cada alma em que habita como «doce hóspede». Ele está em nós para invadir as nossas almas, para as santificar, para nos formar à imagem de Cristo, para nos impelir a prolongar a Sua missão redentora; Ele é o Impulso de amor que nos move a cumprir a santa vontade de Deus, que nos orienta para a glorificação da SS.ma Trindade, que nos leva a Deus.

Mas se o Espírito Santo é um impulso de amor que desce a nós para nos santificar, para nos levar a Deus, porque é que nós todos não nos tornamos santos? Eis um mistério que põe em foco a nossa tremenda responsabilidade. O Espírito Santo, juntamente com o Pai e o Filho, criou-nos livres, quer-nos tais e por isso, vindo a nós, respeita e não violenta a nossa liberdade; mesmo desejando entrar na nossa alma e invadir-nos, não o faz se nós não Lhe dermos livre acesso. Vem a propósito lembrar o grande princípio sobre o qual S.ta Teresa de Jesus gostava tanto de insistir: «Deus não quer forçar a nossa vontade, toma o que Lhe damos, mas não Se dá a Si de todo até que nos demos de todo

a Ele» (Cam. 28, 12). Se não nos santificamos não é porque o Espírito Santo não o queira — Ele foi enviado e vem a nós para isso — mas porque não damos plena liberdade à Sua acção. Eis o ponto em que faltamos: não usamos da nossa liberdade para abrir totalmente a nossa alma à Sua poderosa e amorosa invasão. Se a nossa vontade Lhe abrisse completamente as portas, o Espírito Santo tomar-nos-ia sob a Sua direcção e assim nos tornaríamos santos.

Colóquio — «Ó Espírito Santo, Vós formastes o nosso Redentor no seio preciosíssimo da Virgem Maria; Vós animastes Jesus, guiando-O em tudo o que Ele pensou, disse, fez e sofreu durante a Sua vida terrena e no sacrifício de Si mesmo que, sobre a cruz, ofereceu ao Pai por nós. E quando Jesus subiu ao céu, Vós viestes à terra para nela estabelecerdes o Corpo Místico de Cristo que é a Igreja, aplicando então a este Corpo os frutos da vida, do Sangue, da Paixão e da Morte de Cristo. Sem isso, Jesus teria sofrido e morrido inútilmente. Além disso, ó Espírito Santo, Vós descestes a nós no Baptismo para que se formasse Jesus Cristo nas nossas almas, para que fôssemos incorporados nEle, para nos fazerdes nascer e viver nEle, para nos applicardes os efeitos e os méritos do Seu Sangue e da Sua morte. Sois Vós que nos animais, inspirais, impelis e conduzis em tudo aquilo que devemos pensar, dizer, fazer e sofrer por Deus. Como deveria ser então a nossa vida? Oh! deveria ser uma vida toda santa, toda divina, toda espiritual, segundo a palavra de Jesus: 'aquele que nasce do Espírito, é Espírito'!

«Ó diviníssimo Espírito, eu me entrego todo a Vós. Tomai posse da minha alma, guiai-me em todas as coisas

e fazei que eu viva como um autêntico filho de Deus, como um membro não degenerado de Jesus Cristo, e como uma coisa que, nascida de Vós, a Vós totalmente pertence e por Vós deve ser totalmente possuída, animada, conduzida» (S. João Eudes).

«Ó Espírito Santo, alma da minha alma, eu Vos adoro. Iluminai-me, guiai-me, fortificai-me, consolai-me, ensinai-me o que devo fazer, dai-me as Vossas ordens; eu prometo-Vos submeter-me a tudo o que desejais de mim e aceitar tudo o que permitirdes que me aconteça» (Card. Mercier).

189. A VINDA DO ESPÍRITO SANTO DOMINGO DE PENTECOSTES

Vinde, Espírito Santo, enchei o meu coração e acendei nele o fogo da caridade.

1 — O Pentecostes é a plenitude do dom de Deus aos homens. No Natal Deus dá-nos o Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo, o Mediador, a ponte que une a humanidade à divindade. Na Semana Santa, pela Sua Paixão até à morte de cruz, Jesus dá-Se inteiramente por nós; lava-nos, purifica-nos, santifica-nos com o Seu Sangue. Na Páscoa, Cristo ressuscita e a Sua Ressurreição, como depois a Sua Ascensão ao céu, é penhor da nossa: Ele precede-nos na casa do Pai para nos preparar o lugar, pois que nEle e por Ele começámos a fazer parte da Família divina, tornámo-nos filhos de Deus, destinados à bem-aventurança eterna. Mas o dom de Deus aos homens não se limita a isso: tendo subido ao céu, Jesus, juntamente com o Pai, envia-nos o Seu Espírito,

o Espírito Santo. O Pai e o Espírito Santo amaram-nos a ponto de nos darem o Verbo, por meio da Incarnação; o Pai e o Verbo amaram-nos até nos darem o Espírito Santo. É toda a Trindade que Se dá aos homens, que Se inclina sobre este pobre nada para o remir do pecado, para o santificar, para o introduzir na Sua intimidade. Esta é a excessiva caridade com que Deus nos amou e o dom divino às nossas almas culmina com o dom do Espírito Santo, que é o dom por excelência: «*Donum Dei Altissimi*». O Espírito Santo, vínculo e penhor do amor mútuo do Pai e do Filho, que recebe, sela e coroa a Sua doação recíproca, é dado às nossas almas pelos méritos infinitos de Jesus, a fim de levar a bom termo a obra da nossa santificação. O Espírito Santo, que desce sobre os Apóstolos sob a forma de línguas de fogo, diz-nos como Ele, Espírito de amor, nos foi dado para nos transformar com a Sua caridade e, assim transformados, nos reconduzir a Deus.

2 — O dom do Espírito Santo não é um dom passageiro, mas permanente. De facto, para a alma que vive na caridade, Ele é o doce hóspede que habita nela: «Se alguém me ama — diz Jesus e lemo-lo no Evangelho da Missa deste dia (*Jo. 14, 23-31*) — viremos a ele e faremos nele morada». Todavia, esta inabitação da Trindade, e por conseguinte, do Espírito Santo, na alma em graça, é um dom que pode e quer crescer, é uma doação contínua. A primeira doação realizou-se em nós no dia do nosso baptismo; foi depois renovada, *confirmada*, de modo especialíssimo, com o crisma — o sacramento da *Confirmação* que é como que o Pentecostes de cada alma cristã — e em seguida, a cada aumento de caridade, renova-se este dom e o Espírito Santo,

com o Pai e com o Filho, dá-Se à alma de um modo mais pleno, mais profundo, mais penetrante. Muito a propósito, o Evangelho de hoje fala-nos da caridade que é, ao mesmo tempo, a condição e a consequência da inabitação do Espírito Santo nas nossas almas; condição, porque, segundo a palavra do próprio Jesus, as Pessoas divinas habitam só na alma que ama; consequência, porque «a caridade de Deus está derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rom. 5, 5). No santo Baptismo fomos amados por Deus com um amor totalmente preveniente, isto é, sem qualquer mérito da nossa parte, mas unicamente pelos méritos de Jesus, foi-nos dado o Espírito Santo que difundiu em nós a caridade. Em seguida, cada vez que correspondemos aos convites divinos e fazemos actos generosos de caridade, Ele renova a Sua visita invisível à nossa alma, difunde sempre em nós nova graça e nova caridade. Assim, a nossa vida sobrenatural desenvolve-se sob a acção do Espírito Santo, inteiramente presa pela corrente vivificante e transformante do Seu amor. Compreendemos deste modo como a festa do Pentecostes pode e deve representar uma nova difusão do Espírito Santo na nossa alma, uma nova visita Sua, mediante a qual nos enche dos Seus dons: «*Veni, creator Spiritus — mentes tuorum visita, imple superna gratia — quae tu creasti pectora*».

Colóquio — «Ó Espírito Santo, amor substancial do Pai e do Filho, Amor incriado que habitais nas almas justas, vinde a mim como um novo Pentecostes, trazendo-me a abundância dos Vossos dons, dos Vossos frutos, da Vossa graça, e uni-Vos a mim como Esposo dulcíssimo da minha alma.

«Consagro-me a Vós totalmente: invadi-me, tomai-me, possuí-me toda. Sede luz penetrante que ilumine a minha inteligência, moção suave que atraia e dirija a minha vontade, energia sobrenatural que dê força ao meu corpo. Completai em mim a Vossa obra de santificação, de amor. Tornai-me pura, transparente, simples, verdadeira, livre, pacífica, suave, calma, serena mesmo na dor, ardente de caridade para com Deus e para com o próximo.

«*Accendat in nobis ignem sui amoris et flammam aeternae caritatis*», acendei em mim o fogo do Vosso amor e a chama da eterna caridade. Multiplicai em mim aqueles santos transportes de amor que me levam depressa à união transformante.

«Submetei totalmente à vontade divina não só a minha vontade, mas todas as minhas potências e os meus sentidos, de maneira que eu não seja mais dominada pelo meu amor próprio, mas somente pelo Vosso impulso divino e que tudo em mim se mova por amor e no amor para que, ao agir, faça tudo por amor e no sofrer suporte tudo com gosto de amor. Fazei que o sobrenatural se torne a atmosfera 'natural' em que se renova a minha alma.

«Tornai-me dócil, pronta a seguir as Vossas inspirações. Que eu não despreze nenhuma, que eu seja sempre para Vós uma pequenina esposa fiel. Tornai-me cada vez mais recolhida, mais silenciosa, mais submissa à Vossa acção divina, mais apta a receber os Vossos toques delicados. Atraí-me ao íntimo do meu coração, onde residis, e ensinai-me a 'vigiar continuamente em oração'.

«Vinde, ó Espírito vivificante, sobre esta pobre sociedade, e renovai a face da terra; presidi às novas estru-

turas, dai-nos a Vossa paz, aquela paz que o mundo não pode dar. Assisti à Vossa Igreja, dai-lhe Sacerdotes santos, apóstolos fervorosos. Alcançai suaves convites para as almas boas, um doce tormento para as almas pecadoras, um consolador refrigério para as almas que sofrem, força e ajuda para as que estão tentadas, luz para as que estão nas trevas e na sombra da morte» (Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

190. A ACÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ó Espírito Santo, revelai-me a Vossa acção na minha alma, ensinai-me a reconhecê-la e a secundá-la.

1 — Como o Espírito Santo estava na Alma santíssima de Cristo para a levar para Deus, assim está também nas nossas almas; mas se em Jesus encontrava uma vontade totalmente dócil que podia dominar à Sua vontade, em nós encontra muitas vezes uma vontade rebelde que Lhe opõe resistência. Ele, então, detém-Se, porque não quer violentar a nossa liberdade. Espírito de *Amor*, espera que correspondamos por *amor* à Sua obra, que por amor e livremente abramos a alma à Sua acção santificadora. Para sermos santos, temos de colaborar com a obra do Espírito Santo, mas como não se pode prestar uma colaboração eficaz, se não se conhece o modo de agir do promotor da obra, é necessário saber como o divino Paráclito, promotor da nossa santificação, age em nós.

É importante saber que o Espírito Santo trabalha sempre nas nossas almas, mesmo nas primeiras etapas da vida espiritual, desde o seu início, ainda que então o faça de um modo mais escondido, e por isso menos co-

nhecido. Mas a Sua acção existe, é preciosíssima, e consiste sobretudo em preparar e secundar as nossas iniciativas para a aquisição da perfeição. A primeira obra que Ele realiza em nós é a de nos elevar ao estado sobrenatural, comunicando-nos a graça, sem a qual não podemos fazer nada para chegar à santificação. A graça vem-nos de Deus, toda a SS.ma Trindade no-la dá, mas como ao Pai se atribui particularmente a sua criação, como o Filho, com a Sua Incarnação, Paixão e Morte no-la mereceu, assim o Espírito Santo a difunde nas nossas almas. Com efeito a Ele, ao Espírito de amor, é atribuída, de modo especial, a obra da nossa santificação. Quando recebemos o baptismo, fomos justificados «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo». Todavia, a Sagrada Escritura atribui esta obra de regeneração e de filiação divina, de modo particular, ao Espírito Santo; o próprio Jesus nos apresentou o baptismo como um renascimento «pelo Espírito Santo» (Jo. 3, 5), e S. Paulo afirma: «Todos fomos baptizados num único Espírito» e «o mesmo Espírito atesta ao nosso espírito que somos filhos de Deus» (cfr. I Cor. 12, 13; Rom. 8, 16). Foi pois o Espírito Santo que preparou e dispôs as nossas almas para a vida sobrenatural, infundindo em nós. a graça.

2 — Para nos tornar capazes de realizar acções sobrenaturais, o Espírito Santo, vindo à nossa alma, revestiu as potências — inteligência e vontade — com as virtudes infusas. Antes de tudo, Ele infunde em nós a caridade, e com a caridade, as outras virtudes teologais: a fê e a esperança; infunde também em nós as virtudes morais. Assim, pela Sua intervenção, tornamo-nos capazes de operar sobrenaturalmente. Mas

a acção do Espírito Santo não se limita a isto. Como bom Mestre, continua a assistir-nos nas nossas acções, solicitando-nos para o bem e sustentando-nos nos nossos esforços. Convida-nos principalmente para o bem com as inspirações interiores e também mediante meios externos, particularmente a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja. A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus escrita pelos homens, sob a moção do Espírito Santo. Na Sagrada Escritura é, portanto, o divino Paráclito que nos fala, iluminando com a Sua luz a nossa inteligência, impelindo, com o Seu impulso, a nossa vontade; por isso, meditar nos sagrados textos é um pouco como que «ir à escola» do Espírito Santo. Além disso, o Espírito Santo continua a instruir-nos, a estimular-nos para o bem por meio da palavra viva da Igreja, pois que todos aqueles que têm na Igreja uma missão de ensino, enquanto expõem aos fiéis as sagradas doutrinas, estão sob o Seu influxo. Se aceitamos as inspirações do Espírito Santo, se, em face do Seu convite, nos decidimos a agir, Ele acompanha-nos e assiste-nos com a graça actual, a fim de que possamos levar a bom termo a obra virtuosa. É evidente que também quando a vida espiritual está ainda no início e se concentra na correcção de defeitos e na aquisição de virtudes, a actividade da alma é inteiramente penetrada e sustentada pela acção do Espírito Santo. Pensamos muito pouco nesta verdade e por isso, na prática, temos em pouca conta a obra contínua do Espírito Santo nas nossas almas. É preciso pensar nela para não deixar passar em vão as Suas inspirações e os Seus impulsos. «Pela graça de Deus sou o que sou», dizia S. Paulo, mas podia acrescentar: «A Sua graça, que está em mim, não foi vã» (Cor. 15, 10).

Colóquio — «Ó Espírito Santo, Hóspede divino das nossas almas, Vós sois o Hóspede mais nobre e mais digno de todos os outros hóspedes! Com a agilidade da Vossa bondade e do Vosso amor para connosco, ides rápidamentee a todas as almas dispostas a receber-Vos. E quem poderá dizer os efeitos maravilhosos que produzis onde fordes recebido? Vós falais sem dizer nada e o Vosso sublime silêncio ouve-se em toda a parte. Estais sempre imóvel e sempre em movimento, e na Vossa móvel imobilidade, comunicais-Vos a todos. Estais sempre em repouso e todavia sempre em acção operante; no Vosso repouso operais as maiores, as mais dignas e as mais admiráveis obras. Estais sempre a caminho, sem no entanto mudardes de lugar; penetrais em toda a parte, confirmais, conservais e, ao mesmo tempo, destruíis tudo. A vossa ciência imensa e penetrante conhece tudo, entende tudo, penetra tudo. Sem escutar nada, ouvis a mínima palavra dita no mais íntimo dos corações.

«Ó Espírito Santo, Vós permaneceis em toda a parte donde não sois expulso, porque Vos comunicais a todos, excepto aos pecadores que não querem sair da lama do pecado, já que neles não encontrais onde repousar nem podeis suportar o cheiro pestilento que sai dos corações que desejam obstinadamente perseverar no mal. Mas repousais nas criaturas que, pela sua pureza, se tornam aptas a receber a comunicação dos Vossos dons. E repousais em mim, por comunicação, operação, sapiência, potência, liberalidade, benignidade, caridade, amor, pureza, em suma, pela Vossa própria bondade; e ao infundirdes estas graças na Vossa criatura, Vós mesmo a tornais apta a receber-Vos» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

191. AS INICIATIVAS DO ESPÍRITO SANTO

Ó Espírito Santo, vinde dirigir a minha alma no caminho da santidade.

1 — Se bem que a nossa alma seja sobrenaturalizada pela graça santificante, as nossas potências sejam revestidas pelas virtudes infusas e as nossas acções sejam prevenidas e acompanhadas pela graça actual, todavia o nosso agir, quanto ao modo, permanece sempre humano, por isso mesmo incapaz de nos unir perfeitamente a Deus e de nos levar à santidade. De facto a nossa inteligência, ainda que revestida pela virtude da fé, é sempre inadequada ao Ser infinito, é sempre incapaz de no-LO representar tal qual Ele é. Mesmo seguindo os dados da revelação pela qual sabemos que Deus é uno e trino, as ideias que formamos da SS.ma Trindade, das três Pessoas divinas, das perfeições de Deus, permanecem sempre abaixo da realidade. Sim, enquanto estamos sobre a terra, conhecemos Deus «como por um espelho e em enigma» e sòmente no céu «O veremos face a face» (I Cor. 13, 12). E assim como não temos um conhecimento adequado de Deus, também não o temos da santidade: só até um certo ponto conhecemos as coisas de Deus, e assim sucede também com o caminho da perfeição. Com efeito, nem sempre sabemos discernir o que é mais perfeito e muitas vezes erramos, mesmo sem querer, supondo que é bom e santo o que na realidade não o é.

Por outro lado, a plena união com Deus, isto é a santidade, exige uma perfeita orientação para Ele, em conformidade com o primeiro e maior preceito de Jesus: «Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração e de

toda a tua alma e de todo o teu espírito» (Mt. 22, 37); mas esta perfeita orientação excede as nossas forças, porque temos um conhecimento muito imperfeito de Deus e do caminho que a Ele conduz. Deveremos então renunciar à santidade? De maneira nenhuma! Deus que nos quer santos, dar-nos-á também o modo de o sermos: foi precisamente para esse fim que nos foi dado o Espírito Santo. «Recebereis a virtude do Espírito Santo que descera sobre vós» (Act. 1, 8), disse Jesus.

2. — O Espírito Santo, que «penetra... as profundezas de Deus» (I Cor. 2, 10) e por isso conhece perfeitamente a natureza e os mistérios divinos, que penetra todas as coisas e conhece com perfeição as delicadezas e os segredos da mais elevada virtude, como também as necessidades e as deficiências das nossas almas, vem tomar-nos pela mão para nos guiar à santidade. Enquanto procedemos por nossa iniciativa, a nossa orientação para Deus é sempre imperfeita, incompleta, porque agimos *de um modo humano*; mas quando intervém o Espírito Santo, Ele opera como Deus, *de um modo divino*, atrai-nos e orienta-nos completamente para Ele. Quando somos nós a agir, devemos começar sempre pelo trabalho do pensamento e só depois passar à determinação da vontade; mas porque o nosso pensamento é tão limitado, eis que na prática ficamos sempre imensamente aquém do que deveríamos fazer por Deus. Quando, pelo contrário, intervém o Espírito Santo, Ele age directamente sobre a vontade, atraindo-a a Si, inflama-nos o coração e, em consequência, ilumina-nos a mente. Assim nasce em nós aquele «sentido de Deus» que não sabemos exprimir, mas que nos faz conhecer e saborear a Deus, e nos orienta para Ele mais do que

qualquer outro raciocínio ou expediente nosso. Então sentimos que Deus é «único», que todas as criaturas estão infinitamente distantes dEle, sentimos que Ele merece todo o nosso amor e que este é um nada em comparação com a infinita amabilidade divina; sentimos que qualquer sacrifício é sempre muito pouco para um Deus tão grande. Deste modo o Espírito Santo coloca-nos no caminho da santidade. E fá-lo, ajudando-nos a superar as dificuldades práticas: muitas vezes, por exemplo, encontramos-nos em luta com um defeito que não conseguimos vencer, com uma virtude que não conseguimos adquirir, com um problema que não sabemos resolver, mas, a certa altura, sem sabermos como, as coisas mudam; vemos então com clareza o que primeiro nos deixava duvidosos, e conseguimos fazer com facilidade o que antes nos parecia impossível. Também isto é fruto da acção do Espírito Santo na nossa alma. Eis porque as Suas iniciativas são tão preciosas para nós, e porque devemos desejá-las e implorá-las com grande confiança.

Colóquio — «Ó amor de Deus eterno, santa comunicação do Pai onipotente e do Seu Bem-aventurado Filho, ó onipotente Espírito Paráclito todo poderoso, clementíssimo consolador dos aflitos, com a Vossa potente virtude penetrai no íntimo do meu coração; com o fulgor da Vossa resplandecente luz, alegrai qualquer canto tenebroso da descuidada habitação da minha alma e, visitando-a, fecundai com a abundância do Vosso orvalho o que uma longa aridez tornou seco e desolado. Feri o íntimo do homem com o dardo do Vosso amor; penetrai na medula do coração entorpecido e inflamai-o em chamas salutares; reconfortai o homem todo, ilumi-

nando-lhe, com o fogo do santo fervor, o íntimo do espírito, e do corpo.

«Creio que todas as vezes que desceis a uma alma, aí preparais o domicílio para o Pai e para o Filho. Feliz aquele que merece hospedar-Vos! Por Vós estabelecem nele a Sua morada o Pai e o Filho. Vinde, pois, vinde, benigníssimo Consolador da alma sofredora, protector em todas as circunstâncias e amparo na tribulação. Vinde, purificador dos delíto, médico das feridas. Vinde, fortaleza dos fracos, restaurador daqueles que caem. Vinde, mestre dos humildes, Vós que aterrais os soberbos. Vinde, piedoso pai dos órfãos, piedoso juiz das viúvas. Vinde, esperança dos pobres, alívio dos enfermos. Vinde, estrela dos navegantes, porto dos naufragos. Vinde, ó Vós que sois adorno singular dos vivos e salvação única dos que morrem.

«Vinde, santíssimo Espírito, vinde e tende piedade de mim, revesti-me de Vós e ouvi-me propício, a fim de que, segundo a multidão das Vossas misericórdias, a minha pequenez agrade à Vossa grandeza, a minha fraqueza à Vossa fortaleza, por Jesus Cristo meu Salvador que, com o Pai, vive e reina na Vossa unidade, pelos séculos dos séculos. Assim seja» (S.to Agostinho).

192. A NOSSA COLABORAÇÃO

Ó Espírito Santo, tornai-me dócil à Vossa acção, sempre pronto a deixar-me mover e dirigir por Vós.

1 — Perante a santidade somos sempre como os estudantes e aprendizes que, tendo um conhecimento muito limitado da arte que estão a aprender, precisam

continuamente da direcção e das sugestões do seu mestre. O Mestre da santidade é o Espírito Santo. Falando dEle, Jesus disse: «Ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito» (Jo. 14, 26). Ensina-nos o que devemos fazer para amar a Deus com todas as nossas forças, sugere-nos tudo o que não sabemos, tanto a respeito de Deus, como da prática da perfeição, e não só nos ensina, mas põe-nos em condições de realizar o bem que nos mostra. Agindo directamente sobre a nossa vontade, fortifica-a, atrai-a e lança-a poderosamente em Deus, orienta-a perfeitamente para Ele. Assim o Espírito Santo «ajuda a nossa fraqueza» (Rom. 8, 26) e já que esta é constitucional, inerente à nossa natureza humana, temos continuamente necessidade dEle. Na realidade Ele nunca nos abandona: toda a nossa vida espiritual está envolvida pela Sua acção; vimos como desde o início vem ao nosso encontro, preparando e secundando as nossas iniciativas pessoais. Em seguida, se nos encontra dóceis aos Seus convites, Ele próprio toma em nós as Suas iniciativas. Por isso toda a obra da nossa santificação se reduz, no fundo, a uma questão de docilidade ao divino Paráclito. Antes de mais nada devemos estar muito atentos e ser dóceis aos Seus convites: «*Utinam hodie vocem eius audiat: nolite obdurare corda vestra*»; oxalá que ouvísseis hoje a Sua voz: não endureçais os vossos corações! (Sal. 94, 7 e 8). Os convites do Espírito Santo podem chegar até nós através das palavras da Sagrada Escritura, da pregação, dos ensinamentos da Igreja, de várias circunstâncias da vida, de bons pensamentos, de santas inspirações: correspondamos imediatamente, demonstremos a nossa boa vontade, aceitando e obedecendo prontamente aos Seus convites.

2 — Muitas vezes, infelizmente, a nossa vontade é dura, indócil, rebelde, porque está ainda muito apegada às criaturas, especialmente àquela criatura que é o nosso *eu* e que nós amamos sempre em demasia. Portanto, para correspondermos à acção do Espírito Santo, a primeira coisa requerida é trabalhar assiduamente para nos desprendermos de tudo, inclusive de nós mesmos. O desprendimento libertar-nos-á de tantos laços que, como cordas, nos prendem às criaturas, tornando-nos impossível a docilidade e a maleabilidade necessárias para recebermos facilmente as moções do Espírito Santo. E recordemos que para prender a alma às criaturas, basta um ténue fio, isto é, bastam pequenos apegos: «tanto se me dá que uma ave esteja presa por um fio delgado ou grosso, pois mesmo que seja delgado, tão presa estará a ele como ao grosso enquanto o não quebrar para voar» (J.C. S. I, 11, 4). O desprendimento quebra o fio que nos prende à terra e a nossa alma, uma vez liberta, pode secundar o mínimo impulso do Espírito Santo e Ele pode invadi-la e dirigi-la à Sua vontade.

Dissemos já que o Espírito Santo não Se contenta em nos convidar para o bem, mas quer tomar em nós as Suas iniciativas para nos impelir mais eficazmente para Deus. Contudo respeita a nossa liberdade e por isso não Se apoderará da nossa vontade se não estivermos dispostos a dar-Lha livremente. E assim podemos pôr um outro obstáculo à Sua acção: o Espírito Santo quereria levar-nos para o alto, para Deus, mas nós não aderimos plenamente à Sua iniciativa porque nos falta generosidade e com a nossa mesquinhez retardamos a obra divina. Talvez correspondamos em parte à Sua moção, Lhe demos qualquer coisa daquilo que

nos pede, mas não chegamos a dar-Lhe «tudo». Por isso é muito necessário cultivar o espírito de «totalidade» que não põe limites à nossa doação: precisamos de ter um coração grande, generoso, para não retardarmos a obra do Espírito Santo, que deseja levar-nos não só a praticar acções boas, mas acções generosas, heróicas, santas.

Colóquio — «Ó meu Deus misericordioso, minha doçura e meu amor, mandai do Paraíso o Vosso Espírito Santo e criai em mim um coração e um espírito novos. Que a Vossa unção me ensine todas as coisas, pois que eu Vos escolhi entre mil e Vos amo acima de todo o amor e da minha própria alma. Ó Espírito Santo, Deus amor, recebei-me na Vossa piíssima misericórdia e caridade, a fim de que, em todo o tempo da minha vida, eu Vos tenha como Mestre, preceptor, e dulcíssimo amante do meu coração» (S.ta Gertrudes).

«Ó Espírito Santo, ensinai-me a apreciar a menor das Vossas inspirações! Com efeito, a mais pequena — ainda que seja reter uma palavra ou um olhar — é mais preciosa que o mundo inteiro, porque é uma «vocaçào», um convite a penetrar mais na intimidade divina e, correspondendo-lhe fielmente, cresço em graça e em amor. Ó Espírito Santo, fazei-me compreender bem que a perfeição consiste em dizer-Vos sempre «Amen» todas as vezes que me pedis qualquer coisa por meio da obediência ou das Vossas inspirações. Ajudai-me a evitar a menor infidelidade, toda a hesitação, a não Vos recusar nada e então a Vossa luz irá sempre crescendo em mim e o amor tornar-se-á um abismo insondável. Mas, ó Espírito Santo, sei bem que na prática cairei e faltarei muitas vezes — meu Deus, contanto

que não seja voluntariamente! — porém Vós me ensinai que mesmo neste caso devo recommençar sem demora e, com um acto de amor, pôr-me sob o Vosso influxo. Mas Vós não quereis que eu me perturbe nem me deixe desanimar pelas minhas infidelidades, porque o Vosso Espírito é suave: 'Oh! quão suave é o Vosso Espírito, Senhor' e 'onde estiver o Espírito do Senhor, aí está a liberdade', alegria e paz no Espírito Santo» (cfr. Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

193. O ESPÍRITO SANTO CONFORMA-NOS COM CRISTO

Ó Espírito Santo, tornai-me conforme a Jesus, fazei de mim um «alter Christus».

1 — O Espírito Santo foi-nos dado para nos santificar, mas qual o caminho por onde nos conduzirá à santidade? A Encíclica *Mystici Corporis* responde, dizendo que o divino Paráclito «é comunicado à Igreja... para que cada um dos seus membros, dia a dia, se torne mais semelhante ao Redentor». O Espírito Santo vem às nossas almas para nos conformar, para nos assemelhar a Cristo: eis o fim imediato da Sua acção em nós, eis o caminho pelo qual nos conduzirá à santidade.

Todos os eleitos são predestinados por Deus «para serem conformes à imagem de Seu Filho» (Rom. 8, 29): nós seremos santos na medida da nossa semelhança com Cristo. E o Espírito Santo foi-nos dado para esculpir em nós os traços desta divina semelhança, tornando-nos «de dia para dia sempre mais semelhantes ao Redentor». Oh! seria preciso que não houvesse dia

em que esta santa semelhança não aumentasse em nós! A Irmã Isabel da Trindade impressionou-se profundamente com esta verdade e pediu ao Espírito Santo que fizesse dela «uma humanidade de acréscimo, na qual Jesus pudesse renovar o Seu mistério» (cfr. *El.*). Se Jesus é o modelo com o qual todos nos devemos conformar não é presunção aspirarmos a tornarmo-nos de tal modo semelhantes a Ele, que a nossa vida seja um «prolongamento» da Sua e Ele possa continuar em nós a Sua obra de incessante adoração e glorificação do Pai e redenção dos homens. Somos incapazes de atingir uma tão perfeita conformidade com Cristo, mas o Espírito Santo está em nós para a realizar. Jesus é o *Santo* por excelência; para nos tornar semelhantes a Ele, o Espírito Santo comunica-nos inicialmente a santidade de Cristo, infundindo em nós a graça, a qual depois deve penetrar o nosso ser, a nossa actividade, a nossa vida inteira, a ponto de fazer de cada um de nós um «alter Christus». E notemos que a graça infundida em nós pelo Espírito Santo, é idêntica, na sua natureza, àquela que santifica a alma de Jesus: embora nos seja dada em medida infinitamente inferior à de Cristo, já que Ele a possui «sem medida», é porém o mesmo germen, o mesmo princípio de santidade. Eis porque o pleno desenvolvimento da graça pode levar-nos à identificação com Cristo até sermos outras tantas imagens dEle. E na medida em que formos transformados em Cristo, participaremos não só da Sua santidade, mas também da Sua obra. Jesus renovará em nós o Seu mistério: em nós continuará a glorificar a SS.ma Trindade e a salvar as almas.

2 — A norma da vida de Jesus foi a vontade do Pai, e já vimos como o Espírito Santo continuamente O guiava para o cumprimento desta vontade. De igual modo o Espírito Santo quer guiar-nos cada vez mais no caminho traçado pela vontade de Deus. Na prática, com efeito, «a santidade consiste só na conformidade com o querer divino» (Bento XV), numa conformidade tão plena que, como ensina S. João da Cruz, não haja na alma «coisa contrária à vontade de Deus, mas que em tudo e por tudo o seu movimento seja somente a vontade de Deus» (J.C. S. I, 11, 2). Não é fácil chegar a esse ponto e jamais chegaríamos sem o socorro do Espírito Santo. Além disso, é preciso ter presente que a conformidade com a vontade de Deus deve exprimir-se «num contínuo e exacto cumprimento dos deveres do próprio estado» (Bento XV), e ser sempre e em tudo fiel ao dever não é pouca coisa! Requer abnegação, generosidade e constância a toda a prova. Olhemos Jesus na cruz e compreenderemos o que pode exigir o perfeito cumprimento da vontade de Deus, o perfeito cumprimento do próprio dever. Este é o caminho que devemos tomar com toda a boa vontade, renovando sempre os nossos esforços. No entanto, por muito boa vontade que tenhamos, somos tão fracos, tão inconstantes, tão tenazmente apegados a nós mesmos, e as nossas forças são tão limitadas, que nem sempre conseguiremos manter-nos na linha do cumprimento perfeito dos nossos deveres; muitas vezes caímos e nem sequer sabemos levantar-nos. Humilhemo-nos então — sirvamo-nos destas quedas para reconhecermos cada vez mais a nossa impotência e fragilidade — humilhemo-nos, mas não desanimemos. Em vez de chorarmos sobre nós mesmos, dirijamos o nosso olhar e o nosso apelo ao Espírito

Santo para que venha em nosso socorro e depois reconhecemos com humildade e confiança. Vendo-nos renovar os nossos esforços, o Espírito Santo virá ao nosso encontro, tomar-nos-á pela mão e num instante nos conduzirá aonde não conseguiríamos chegar talvez em muitos anos. Devemos estar seguros disto pois que Jesus nos mereceu e enviou o Seu Espírito «em copiosíssima efusão»!

Colóquio — «Ó amantíssimo Jesus, desejo seguir conVosco a regra do amor, a regra da vontade de Deus, pela qual possa renovar e passar em Vós toda a minha vida. Colocal-a sob a custódia do Vosso Espírito Santo para que esteja sempre pronta para a observância dos Vossos mandamentos e de todos os meus deveres. Eu não sou senão uma pobre haste plantada por Vós; por mim não sou nada e menos que nada, mas Vós podeis fazer-me florescer na abundância do Vosso Espírito. Que sou eu, meu Deus, vida da minha alma? Ah! quão longe estou de Vós! Sou como um grão de poeira que o vento levanta e dispersa. Portanto, em virtude da Vossa caridade, que o vento forte do Vosso amor omnipotente, pelo sopro do Espírito Santo, me lance com tal ímpeto para Vós, ao sabor da Vossa Providência, que eu comece verdadeiramente a morrer a mim mesma para viver em Vós, meu doce Amor. Fazei que eu me perca em Vós; que me abandone a Vós tão completamente que de mim não fique nenhum vestígio, como acontece a um grão invisível de pó que desaparece sem se fazer notar. Transferi-me assim totalmente para o affecto do Vosso amor, que em Vós seja reduzida a nada toda a minha imperfeição e eu não tenha vida alguma fora de Vós» (S.ta Gertrudes).

«Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, descei sobre mim para que se faça na minha alma como que uma encarnação do Verbo; que eu seja para Ele uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o Seu mistério» (I.T. *EL.*).

194. O CAMINHO DA CRUZ

Instruí-me, Espírito Santo, sobre o valor do sofrimento; ensinaí-me a estimá-lo e a amá-lo como um meio de santificação.

1 — Devemos estar bem convencidos de que, se o Espírito Santo trabalha nas nossas almas, para nos assemelhar a Cristo, não pode fazê-lo senão levando-nos a seguir o caminho da cruz. Jesus é Jesus crucificado: não pode haver, portanto, conformidade com Ele senão mediante a cruz; e jamais se entrará na profundidade da vida espiritual a não ser entrando no mistério da cruz. S.ta Teresa de Jesus ensina que até as mais altas graças contemplativas são dadas às almas, exactamente para as tornar mais capazes de levar a cruz. «Assim como Sua Majestade não nos pode fazer maior mercê do que dar-nos uma vida conforme à que viveu o Seu Filho tão amado, assim tenho por certo serem estas mercês para fortalecer a nossa fraqueza e para *O poder imitar no muito padecer*» (M. VII, 4, 4). Sim, a conformidade com Jesus crucificado, vale e importa mais do que todas as graças místicas! Toda a vida espiritual é dominada pela cruz, e como a cruz está no centro da história do mundo, assim está no centro da história de cada alma. A cruz deu-nos a vida e a cruz imprimirá em nós os

traços da mais perfeita semelhança com Jesus: quanto mais participarmos da Sua cruz, tanto mais seremos semelhantes a Ele e cooperaremos na obra da Redenção.

A necessidade da cruz para alcançar a santidade é evidente: não se pode abraçar a vontade de Deus, sempre e em todas as circunstâncias, sem negar a vontade própria; não é possível conformar-se em tudo com Jesus «que não teve nesta vida outro gosto nem quis ter senão o de fazer a vontade de Seu Pai» (J.C. S. I, 13), sem renunciar às próprias satisfações egoístas. E tudo isto significa: desapego, cruz, sacrifício, negação de si mesmo. Significa metermo-nos no caminho que nos foi indicado pelo próprio Jesus: «Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt. 16, 24). Ora é para este caminho que o Espírito Santo nos impele e convida. Quando nos surpreendermos à busca das coisas mais fáceis, mais cómodas, mais honrosas, quando nos apercebermos de que estamos a satisfazer o nosso amor próprio, a nossa vanglória, ou quando nos virmos apegados à nossa vontade, digamos então a nós mesmos que tudo isto está muito longe de ser inspirado pelo Espírito Santo e que, pelo contrário, impede a Sua acção em nós.

2 — Exercitando-nos corajosamente na renúncia, pomo-nos no caminho da conformidade com Jesus crucificado; mas também nisto as nossas iniciativas não são proporcionadas ao fim a atingir: as renúncias e as mortificações praticadas por nós são insuficientes para nos despojarem a fundo do homem velho, para nos revestirem de Cristo e Cristo crucificado. Eis porque o Espírito Santo, depois de nos ter impellido para o caminho da cruz com as Suas inspirações tendentes a fazer-nos abra-

çar, por amor de Deus, as coisas ásperas e penosas à natureza, Se encarrega Ele próprio de completar a nossa purificação. E fá-lo, submetendo-nos a provas interiores e exteriores. Ele — diz S. João da Cruz — com o Seu «divino fogo de amor... está ferindo a alma, gastando e consumindo-lhe as imperfeições de seus maus hábitos. Esta é a operação do Espírito Santo que dispõe a alma para a divina união e transformação de amor em Deus» (C.V. 1, 19). Por conseguinte não podemos pensar que a acção do Espírito Santo em nós seja sempre consoladora, antes pelo contrário! E de resto, o sofrimento é necessário não só para a nossa purificação, mas também para nos associar à obra redentora de Jesus: quanto mais avançarmos no caminho da cruz, tanto mais nos santificaremos e poderemos exercer na Igreja um fecundo apostolado. É pois evidente: o Espírito Santo, para nos santificar, não pode conduzir-nos por outro caminho senão pelo da cruz. Devemos secundar a Sua direcção, procurando acima de tudo abraçar de bom grado quanto de amargo e de penoso encontrarmos na nossa vida de cada dia. Por vezes despreza-se a cruz das dificuldades quotidianas para amar uma cruz longínqua que talvez nunca chegue a vir; não devemos andar à busca da nossa cruz em sofrimentos extraordinários que raramente ou talvez nunca encontremos, mas no dever, na vida, nas dificuldades, nos sacrifícios de cada dia, de cada momento; temos aqui riquezas inexauríveis, basta que as saibamos descobrir à luz da fé. O Espírito Santo ajuda-nos a reconhecer e impele-nos a abraçar esta cruz de cada dia; a abraçar e não a suportar, o que significa *aceitar* e *oferecer* activamente, dizendo com todo o coração: «sim, eu quero, ainda que me pareça ficar esmagado».

Colóquio — «Ó Espírito de verdade, fazei-me conhecer o Vosso Verbo, ensinai-me a lembrar-me sempre de tudo o que Ele disse; iluminai-me, guiai-me, tornai-me conforme a Jesus, um *'alter Christus'*, comunicando-me as Suas virtudes, sobretudo a Sua paciência, a Sua humildade, a Sua obediência; tornai-me participante da Sua obra redentora, fazei-me compreender e amar a cruz.

«Ó Espírito Santo, ponho-me diante de Vós como um pequeno fruto verde que deve amadurecer ao sol, como uma palhinha que deve ser queimada no fogo, como uma gota de orvalho que deve ser absorvida pelo sol, como uma criança ignorante que deve ser instruída. Ó Espírito Santo que Vos derramais na alma pequenina, pobre e humilde, quero apresentar-me a Vós nesta atitude e com estas disposições Vos invoco: *'Veni, Spiritus Sancte, sanctifica me'*. Tenho tanto desejo de santidade! Santificai-me, fazei-me uma grande santa, o mais depressa possível, sem que eu o saiba, no escondimento da minha vida quotidiana.

«Quero lançar-me em Vós, ó Espírito Santo, fogo divino, para que completeis a minha purificação, destruais o meu miserável eu e me transformeis toda em amor. Por isso Vos suplico que *desçais sobre mim* e que me dirijais segundo o Vosso beneplácito: *'Dirige actus nostros in beneplacito tuo'*.

«Ó fogo consumidor, Amor divino em Pessoa, inflamai-me, queimai-me, consumi-me, destruí o meu eu, transformai-me toda em amor, reduzi-me ao nada para possuir o Tudo, fazei-me chegar ao cimo do «Monte» onde habita só a glória de Deus, onde tudo é «paz e gozo» do Espírito Santo! Que eu atinja aqui na terra — por meio do sofrimento e da amorosa contemplação — a união

mais íntima com a SS.ma Trindade, enquanto espero contemplá-la no céu, sem véus, na paz, na alegria, na segurança do banquete eterno» (cfr. Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

195. OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Ó Espírito Santo, desenvolvei em mim os Vossos dons para que eu possa receber as Vossas moções divinas.

1 — Já vimos que não é possível chegar a uma perfeita orientação para Deus, à santidade, sem o auxílio do Espírito Santo. E este socorro não é reservado às almas privilegiadas, mas é necessário a todo o cristão. Com efeito, no santo baptismo, cada alma, juntamente com a graça santificante, recebe as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo. As virtudes infusas são princípios sobrenaturais de actividade pelos quais nos tornamos capazes de agir de um modo virtuoso, não só sob o ponto de vista humano, mas também sob o ponto de vista sobrenatural; de modo que temos capacidade para realizar acções meritórias e, por conseguinte, para nos applicarmos activamente à aquisição da santidade. Os dons do Espírito Santo, porém, são princípios sobrenaturais pelos quais nos tornamos capazes de receber o socorro do Espírito Santo, de reconhecer as Suas inspirações e de as secundarmos. Por outras palavras, os dons são disposições permanentes que Deus pôs nas nossas faculdades, a fim de que possamos receber e seguir o impulso do Espírito Santo. S. Tomás compara-os às velas de um barco: como o barco, mediante as velas, tem capacidade para ser movido e levado pelo

vento, assim a nossa alma, mediante os dons, tem capacidade para ser movida e guiada pelo Espírito Santo. Se um marinheiro põe as velas na sua embarcação, mostra que tem intenção de a fazer avançar não só à força de remos, mas também com o impulso do vento. Igualmente, se Deus infundiu na nossa alma os dons do Espírito Santo, quer dizer que pretende fazê-la avançar, não só com o exercício activo das virtudes, mas também pela intervenção do Espírito Santo. O marinheiro pode içar as velas do seu barco, mas não pode provocar o sopro do vento; Deus, pelo contrário, não só nos concede os dons do Espírito Santo, mas também tem o poder de os pôr em acto quando e como quiser. O próprio facto de Deus ter querido inserir os dons no nosso organismo sobrenatural, é a prova mais evidente de que quer intervir na obra da nossa santificação, de que quer conceder-nos o socorro do Espírito Santo.

«... e os dons do Espírito Santo são dados para a nossa santificação» (1 Cor. 12, 3).

2 — A Encíclica «*Divinum illud munus*» ensina: «o justo que já vive a vida da graça e age com a ajuda das virtudes, tem necessidade daqueles sete dons que se dizem próprios do Espírito Santo. Por meio deles o homem torna-se ao mesmo tempo mais dócil e mais forte para seguir com a maior facilidade e prontidão, o «instinto divino». Este «instinto divino» é a inspiração e a moção do Espírito Santo. Ora o homem, por sua natureza, mesmo com a maior inteligência e boa vontade, é incapaz de compreender e de seguir tal instinto. «O homem animal — diz S. Paulo — não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus, porque para ele são uma estultícia e não as pode entender» (1 Cor. 2, 14). Portanto, os dons do Espírito Santo foram-nos dados para

nos tornar sensíveis ao «instinto divino»; sem eles não poderemos receber as moções do Espírito Santo. Isto faz-nos compreender cada vez mais o grande valor dos dons e como é importante que se desenvolvam em nós em toda a sua plenitude. De facto os dons que recebemos em gérmen no baptismo, são destinados como a graça santificante e as virtudes infusas, a crescer e a desenvolver-se até à morte. É muito consolador pensar que, dada a profunda unidade do nosso organismo sobrenatural, a graça, as virtudes e os dons crescem simultânea e paralelamente com a caridade. Se quisermos que os dons se desenvolvam plenamente na nossa alma, devemos exercitar-nos sem cessar na caridade; a cada progresso no amor divino corresponderá um novo desenvolvimento dos dons. Os dons são as velas da alma, mas estas velas podem permanecer amainadas, presas pelo nosso egoísmo, pelo nosso amor próprio, pelo apego a nós mesmos e às criaturas; a caridade, ao contrário, liberta as velas de todos os impedimentos e abre-as ao sopro suave do Espírito Santo: quanto mais as velas estiverem desfraldadas e forem amplas, tanto mais serão capazes de acolher o menor impulso do divino Paráclito.

Colóquio — «Vejo-Vos, Deus Pai, Verbo e Espírito Santo e compreendo que procurais com suma sabedoria e com eterna bondade, a Vossa criatura, dando a impressão de que não tendes nem glória nem satisfação alguma senão na Vossa criatura que é no entanto tão vil; e este Vosso Espírito é o amor com o qual procurais prendê-la. E o coração que recebe o Espírito é semelhante à sarça que Moisés viu, que ardia e não se consumia. Com suma pureza arde de desejo de que

Deus não seja ofendido e consome-se, embora não se veja, com o desejo de que Deus seja honrado.

«Vinde, vinde, Espírito Santo. Venha a união do Pai, a complacência do Verbo, a glória dos anjos. Vós sois, ó Espírito de verdade, prêmio dos santos, refrigério das almas, luz das trevas, riqueza dos pobres, tesouro dos que amam, saciedade dos famintos, consolação dos peregrinos, enfim, Vós sois Aquele no qual se encerra todo o tesouro.

«Ó Espírito Santo, com uma eterna sabedoria Vós forçais docemente as criaturas racionais que querem receber os Vossos dons, sem lhes tirar a liberdade. Vós ides batendo aos corações de todos, mas bateis docemente, procurando que cada um se disponha a receber estes dons. Suavemente Vós ides cantando com doce pranto. Ides jubilando, chorando, e procurando que cada um se disponha a receber-Vos. Que a inteligência admire, que a vontade note e que a memória entenda a Vossa imensa bondade, ó Espírito Santo, que Vos infundis na alma a Vós mesmo e aos Vossos dons! Ó Espírito que procedeis do Pai e do Verbo, Vós penetrais na alma de um modo tão suave que não se entende e que não se entendendo, é estimado por poucos. No entanto, pela Vossa bondade, infundis na alma o poder do Pai e a Sabedoria do Filho: e a alma, assim poderosa e sábia, torna-se capaz de Vos possuir como doce hóspede, acariciando-Vos, ou seja, comportando-se de modo que Vos agrade e que não Vos afasteis dela» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

196. FESTA DA SS.ma TRINDADE
I DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

«Eu Vos dou graças, ó Deus, Trindade una e verdadeira. Divindade una e suprema, santa e única Unidade» (BR.).

1 — Desde o Advento até hoje a Igreja levou-nos a considerar as magníficas manifestações da misericórdia de Deus para com os homens: a Encarnação, a Redenção e o Pentecostes; agora dirige os nossos olhares para a fonte de tais dons, a SS.ma Trindade, da qual tudo provém, de modo que brota espontaneamente dos lábios o hino de reconhecimento expresso no Intróito da Missa: «Bendita seja a Santíssima Trindade e a Sua indivisível Unidade. Cantemos-Lhe louvores pela Sua misericórdia para conosco». Misericórdia de Deus Pai «que amou de tal maneira o mundo que lhe enviou o Seu Unigénito» (cfr. Jo. 3, 16); misericórdia de Deus Filho que, para nossa redenção, incarnou e morreu na cruz; misericórdia do Espírito Santo que Se dignou descer aos nossos corações para nos comunicar a caridade de Deus, para nos tornar participantes da vida divina. Muito a propósito a Igreja inseriu no Ofício Divino de hoje a bela antífona de inspiração paulina: «*Caritas Pater est, gratia Filius, communicatio Spiritus Sanctus, o beata Trinitas!*»; o Pai é caridade, o Filho é graça e o Espírito Santo é a comunicação, quer dizer, a caridade do Pai e a graça do Filho são-nos comunicadas pelo Espírito Santo que as derrama nos nossos corações. Não se poderia sintetizar melhor a maravilhosa obra da Trindade a favor das nossas almas. O Ofício Divino e a Missa do dia são, na verdade, um hino de louvor e de agradecimento à SS.ma Trindade, são como que um *Gloria Patri* e um

Te Deum prolongados. E estes dois hinos, um na sua compendiosa brevidade, e outro na sua majestosa sucessão de louvores, são verdadeiramente os hinos do dia destinados a despertar nos nossos corações um eco profundo de louvor, de acção de graças e de adoração.

2 — A festa de hoje leva-nos a louvar e a engrandecer a SS.ma Trindade, não só pelas imensas misericórdias que tem concedido aos homens, mas também e sobretudo em Si mesma e por Si mesma. Pelo Seu Ser supremo que jamais teve princípio e jamais terá fim; pelas Suas perfeições infinitas, pela Sua majestade, beleza e bondade essenciais; pela sublime fecundidade de vida, pela qual o Pai incessantemente gera o Filho e do Pai e do Filho procede o Espírito Santo (todavia o Pai não é anterior nem superior ao Verbo, nem o Pai e o Verbo são anteriores ou superiores ao Espírito Santo, mas as três Pessoas divinas são coeternas e iguais entre Si); pela Divindade e por todas as perfeições e atributos divinos que são únicos e idênticos no Pai, no Filho e no Espírito Santo. O que pode dizer e compreender o homem em face de um tão sublime mistério? Nada! No entanto, aquilo que sabemos é certo, porque o mesmo Filho de Deus «*Unigénito que está no seio do Pai, Ele mesmo é que o deu a conhecer*» (Jo. 1, 18); mas o mistério é tão sublime e superior à nossa compreensão que não podemos senão inclinar a cabeça e adorar em silêncio. «*Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus; quão incompreensíveis são os Seus juízos e imprescrutáveis os Seus caminhos!*», exclama S. Paulo na Epístola do dia (Rom. 11, 33-36), ele que «*tendo sido arrebatado ao terceiro céu*» não soube nem pôde dizer outra coisa senão que ouviu «*palavras*

inefáveis que não é lícito a um homem proferir» (II Cor. 12, 2-4). Em presença do altíssimo mistério da Trindade, sente-se realmente que o mais belo louvor é o silêncio da alma que adora, reconhecendo-se incapaz de exprimir um louvor adequado à Majestade divina.

Colóquio — «Ó Trindade eterna, Vós sois um mar profundo, no qual quanto mais procuro tanto mais encontro, e quanto mais encontro, tanto mais procuro. Vós saciais de um modo insaciável, porque saciais a alma no Vosso abismo e assim ela continua sempre faminta; e esfomeada de Vós, ó Trindade eterna, deseja ver o Vosso esplendor, na Vossa luz. Como o veado anseia pela fonte de água viva, assim a minha alma deseja sair deste corpo tenebroso e ver-Vos em verdade, como Vós sois.

«Ó abismo! Ó divindade! Ó mar profundo! Que poderíeis dar-me mais do que dardes-Vos a Vós mesmo? Vós sois fogo que arde sempre, Vós consumis e não sois consumido; sois Vós que consumis com o Vosso calor todo o amor próprio da alma. Vós sois fogo que tira toda a frieza e ilumina as mentes com a Vossa luz, pela qual me fizestes conhecer a Vossa verdade. Esta luz é verdadeiramente um mar que nutre a alma, até que esteja toda imersa em Vós, ó Mar pacífico, Trindade eterna! A água deste mar não é turva e por isso não intimida, mas dá o conhecimento da verdade. Esta água é transparente e manifesta as coisas ocultas, e assim, onde superabunda a luz da Vossa fé, a alma está quase certa daquilo que crê.

«Vós sois o supremo o infinito Bem: bem sobre todos os bens, bem feliz, bem incompreensível, bem inestimável, Beleza acima de toda a beleza, Sabedoria

acima de toda a sabedoria, porque Vós sois a própria sabedoria! Vós, alimento dos Anjos, destes-Vos aos homens num fogo de amor. Vós, a veste que cobre a minha nudez, alimentais-nos, a nós que estamos esfo-meados, com a Vossa doçura, porque Vós sois todo doce, sem nada de amargo. Revesti-me, ó Trindade eterna, revesti-me de Vós mesma, para que eu passe esta vida mortal na verdadeira obediência e na luz da fé santíssima que inebriou a minha alma» (S.ta Catarina de Sena).

197. AS VIRTUDES E OS DONS

Ensinai-me, ó Espírito Santo, a manter-me sempre atenta às Vossas inspirações e em contínua dependência dos Vossos impulsos.

1 — S. Tomás ensina que os dons do Espírito Santo nos são dados como auxílio das virtudes: «*dona sunt in adiutorium virtutum*». A expressão é muito profunda: os dons são-nos dados para *ajudar* as virtudes, portanto *não* para as substituir; isto quer dizer que a alma deve fazer da sua parte tudo o que puder, aplicando-se sèriamente ao exercício das virtudes, e então o Espírito Santo, mediante os dons, completará aquilo que a alma não pode fazer. Por conseguinte, a primeira atitude prática que a alma deve tomar, a fim de que o Espírito Santo Se digne pôr em acto os Seus dons, é pôr-se pelos seus esforços, a caminho da santidade. Toda a tradição católica põe como ponto de partida esta actividade e aplicação pessoal, porque «se a alma busca a Deus, muito mais a busca o seu amado... e fá-la correr para

Ele» (J.C. CV. 3, 28). E a alma procura a Deus através do exercício assíduo das virtudes que, embora não seja suficiente para a conduzir à meta, é porém necessário para demonstrar ao Senhor a sua boa vontade. Como o marinheiro que deseja chegar ao porto não espera ociosamente o sopro do vento, mas, enquanto espera, põe-se a remar com vigor, assim a alma que deseja encontrar o Senhor, enquanto espera que Ele a atraia a Si, não se abandona ao ócio, mas aplica-se com vigor a procurá-LO com as suas iniciativas pessoais: são esforços para vencer os próprios defeitos, para se desprender das criaturas, para praticar as virtudes, para se aplicar ao recolhimento interior, etc.. E nestes esforços o Espírito Santo inserirá a Sua acção pondo em acto os Seus dons. Vemos assim como é errada a atitude de certas almas que permanecem demasiado passivas na sua vida espiritual, não tomando suficientes iniciativas pessoais para avançar no bem, para ir ao encontro de Deus. Estas almas perdem o seu tempo e expõem-se a fáceis ilusões. Sobretudo no começo da vida espiritual é necessário pôr-se activamente à obra, pois só assim podemos contar com o socorro do Espírito Santo.

2 — Em geral, no primeiro período da vida espiritual, o influxo dos dons do Espírito Santo, embora nunca falte, é oculto e raro. Por isso, é natural que neste período prevaleça sobretudo a iniciativa da alma, isto é, o exercício activo das virtudes e da oração. Mas, à medida que a vida espiritual se desenvolve, ou seja, à medida que a caridade cresce, aumenta também a influência dos dons; mais ainda, quando a alma é fiel, esta influência torna-se gradualmente mais forte e mais

frequente, até prevalecer sobre as suas próprias iniciativas; e é assim que, sob a direcção do Espírito Santo, a alma atinge a santidade.

Para poder aproveitar estes dons do Espírito Santo, requer-se que a alma, desde o início da sua vida espiritual, se habitue a ser, ao mesmo tempo, *activa* e *passiva*, isto é, que embora tomando as suas iniciativas, procure manter-se ao mesmo tempo atenta e dócil às inspirações do Espírito Santo. De facto, há almas demasiado passivas, e também as há demasiado activas as quais fazem consistir tudo nos seus planos de reforma espiritual, nos seus propósitos, nos seus exercícios, como se a santidade dependesse unicamente da sua habilidade. No fundo contam demasiado com as suas forças e pouco com o auxílio divino. Estas almas correm o risco de não saberem captar as inspirações do Espírito Santo, de sufocarem os Seus impulsos e por isso, de se afadigarem sem conseguirem alcançar a meta. É necessário mais maleabilidade, docilidade e abandono. *Maleabilidade* da mente para reconhecer as inspirações interiores do Espírito Santo, *docilidade* da vontade para as secundar, *abandono* para se deixar conduzir, mesmo por caminhos obscuros, desconhecidos e contrários aos próprios gostos. Ninguém pode ser o seu próprio mestre de santidade. Há um só mestre, o Espírito Santo; é preciso ir sempre à Sua escola, permanecer na Sua dependência, e por isso, embora trabalhando activamente para a correcção dos defeitos e para a aquisição das virtudes, é preciso manter o ouvido interior sempre atento aos impulsos do Espírito Santo; foi para nos tornar capazes disto que Ele nos deu os Seus dons. «O Senhor — diz Isaías — pela manhã chama aos meus ouvidos para que O ouça como a um mestre. O Senhor Deus abriu-me o ouvido e eu não

O contradigo; não me retirei para trás» (50, 4 e 5). Esta deve ser a atitude interior duma alma que deseja deixar-se guiar pelo Espírito Santo.

Colóquio — «Ó Espírito Santo, Deus de amor, vínculo da SS.ma Trindade por via do amor, Vós repousais e pondeis as Vossas delícias nos filhos dos homens, na santa castidade que, pelo influxo da Vossa força e dos Vossos encantos, floresce neste mundo como a rosa entre os espinhos. Ó Espírito Santo! Ó Amor! Dizei-me qual é o caminho que conduz a uma morada tão deliciosa, qual é a vereda da vida que me conduz a estas pradarias, fecundadas pelo orvalho divino, onde se dessedentam os corações abrasados pela sede. Ó Amor, só Vós conheceis este caminho que leva à vida e à verdade. Em Vós realiza-se o conúbio pleno de delícias que une entre Si as divinas Pessoas da Trindade Santa. Por meio de Vós, ó Espírito Santo, foram espalhados sobre nós os dons mais preciosos. De Vós procedem as sementes fecundas que produzem os frutos da vida. De Vós emana o mel tão doce das delícias que só existem em Deus. Por Vós descem sobre nós as águas fertilizantes das bênçãos divinas, dons tão caros para o espírito, mas infelizmente tão raros nesta nossa região.

«Ó Espírito Santo, Vós sois a fonte pela qual eu anseio, sois o desejo do meu coração. Oceano transbordante de águas, absorvei esta pequenina gota errante que deseja sair de si mesma para entrar em Vós. Só Vós sois a única e toda a substância do meu coração e a Vós me uno com todo o fervor. Oh! que amável união! Esta familiaridade conVosco é verdadeiramente mais aprazível que a própria vida; o Vosso perfume é como bálsamo de propiciação e de paz.

«Ó Espírito Santo Amor, Vós sois o beijo suavíssimo da SS.ma Trindade, que une o Pai e o Filho. Vós sois aquele bendito beijo que a real Divindade deu à humanidade por meio do Filho de Deus. Ó beijo dulcíssimo, que o Vosso vínculo não me abandone, átomo de pó; que os Vossos amplexos me apertem para que eu não seja senão uma só coisa com Deus. Fazei-me experimentar as delícias que há em Vós, ó Deus vivo. Meu dulcíssimo amor, fazei que eu Vos abrace, que me una a Vós! Ó Deus Amor, Vós sois a minha posse caríssima, além da qual nada mais espero, quero e desejo no céu e na terra» (S.ta Gertrudes).

198. O ESPÍRITO SANTO E A ORAÇÃO

Ó Espírito Santo, Espírito de piedade, vinde orar em mim, vinde regular as minhas relações de filho para com o Pai celeste.

1 — As nossas relações com Deus são essencialmente relações de filhos; devem portanto ser relações de plena confiança e intimidade, visto que não somos estranhos, mas «*domestici Dei*» (Ef. 2, 19); pertencemos à família de Deus. Por isso a nossa oração deveria ser a expressão dos sentimentos de um filho que gosta de conversar cordialmente com o seu pai e que se lança nos seus braços com um abandono total. Mas, infelizmente, somos sempre pobres pecadores, e a consciência das nossas misérias e infidelidades, procura paralizar este impulso filial, gerando na alma um certo temor que muitas vezes faz vir espontaneamente aos lábios o grito de S. Pedro: «Retira-te de mim, Senhor, pois eu sou um

homem pecador» (Lc. 5, 8). Isto acontece sobretudo quando a alma atravessa períodos obscuros de lutas, de tentações, de dificuldades que tentam lançá-la na agitação e na perturbação, privando-a, apesar dos seus esforços, daquele impulso confiante do coração que mergulha em Deus toda a preocupação. Mas eis que um dia, durante a oração, a alma se recolhe sob a influência de uma luz nova que afugenta todo o temor; não é um pensamento novo, mas uma persuasão nova e íntima, que lhe faz sentir profundamente que é filha de Deus e que Deus é seu Pai. É a influência do dom da piedade, posto em acto pelo Espírito Santo. Já S. Paulo dizia aos primeiros cristãos: «Não recebestes o espírito da escravidão para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adopção de filhos, mercê do qual clamamos, dizendo 'Abba Pai!' É o próprio Espírito que atesta ao nosso espírito que somos filhos de Deus» (Rom. 8, 15 e 16). É pois o Espírito Santo que infunde na alma este profundo sentimento de filial piedade, de plena confiança no Pai celeste. Ele próprio, com gemidos inenarráveis, vai murmurando em nós: «Pai!». «Deus mandou aos vossos corações o Espírito do Seu Filho que clama 'Abba, Pai'» (Gál. 4, 6). Assim a alma sente-se transformada e as suas relações com Deus tornam-se verdadeiramente filiais.

2 — A oração profunda é um contacto íntimo da alma com Deus. Mas quem poderá ensinar ao homem, tão rude e material, a delicadeza requerida para tratar intimamente com o Rei do céu e da terra? Não haverá nunca cerimoniais nem livros devotos capazes de regular dignamente as relações íntimas de amizade entre o Criador e a criatura. Mas há um Mestre cuja compe-

tência é plenamente adequada a esse fim e cujo ensinamento está ao alcance de toda a alma cristã.

Este Mestre é o Espírito Santo: «O Espírito ajuda também a nossa fraqueza, porque não sabemos o que havemos de pedir como convém; mas o mesmo Espírito ora por nós com gemidos inexplicáveis» (Rom. 8, 26). Realidade consoladora para a alma que tem o sentido da sua impotência e da sua incapacidade para tratar com Deus, para a alma que sente a necessidade de uma oração proporcionada à bondade infinita daquele Deus que nos amou até Se fazer um de nós e, ao mesmo tempo, adequada à soberana majestade, à transcendência infinita do Altíssimo. E eis que o Espírito Santo alterna na alma sentimentos de plena confiança e de profunda adoração, de amizade amorosa e de reconhecimento da suprema grandeza de Deus. O Espírito Santo repete em nós: *Pater*, e ainda: *Tu solus Sanctus, Tu solus Dominus, Tu solus Altissimus*. Mesmo quando estamos na aridez, quando o coração está frio e a mente obscurecida, o Espírito Santo ora em nós e podemos oferecer sempre a Deus a Sua oração. Esta é a oração mais verdadeira, mais preciosa, que será certamente ouvida, porque o Espírito Santo não pode inspirar-nos sentimentos e desejos contrários ao beneplácito divino, mas «pede segundo Deus» (ib. 27).

Colóquio — «Vinde, ó Espírito Santo, e enviai do céu um raio da Vossa divina luz. Vinde, ó pai dos pobres; vinde, distribuidor de todos os dons; vinde, luz dos corações. Consolador supremo, doce hóspede da alma, suave refrigério. No trabalho sois repouso; sois calma no ardor; e consolação no pranto. Ó luz felicíssima, enchei até ao íntimo os corações dos Vossos fiéis. Sem a Vossa

assistência nada há bom no homem, nada há que seja puro. Lavai pois o que está manchado; regai o que está seco; curai o que está enfermo. Abrandai o que é duro; aquecei o que está frio; guiai o que anda errado. Concedei aos fiéis que em Vós confiam, os sete dons sagrados. Dai-lhes o mérito da virtude; dai-lhes um fim feliz; dai-lhes o gozo eterno» (Sequência do Pentecostes).

«Vinde, ó Espírito Santo, e dignai-Vos ser o meu mestre interior. Dai-me o verdadeiro espírito filial para com o Pai celeste, grande confiança na Sua bondade paterna, uma total adesão activa e passiva à Sua vontade, uma gratidão imensa pelas Suas graças. Vinde, e sugeri-me tudo, recordai-me tudo o que Jesus disse, guiai-me, tomai a direcção de todo o meu ser, ajudai a minha fraqueza, supri a minha deficiência. Vinde realizar em mim a minha missão de oração contínua, pois que valeria a minha oração se não fosse inspirada e valorizada por Vós? 'Ninguém pode dizer: Senhor Jesus, senão pelo Espírito Santo'. Ó Espírito divino, rezai em mim e por mim. Devo pensar que sois Vós que orais e louvais a Deus em mim, mesmo quando o cansaço ou a aridez ou a distração me impedem de fixar o espírito. Devo então permanecer numa atitude de oração e confiar em que Vós quereis extrair do meu ser aquele louvor, aquela glória que eu não sei dar, mas que quero dar ao meu Deus» (Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

199. O ESPÍRITO SANTO E A ACTIVIDADE

O Espírito Santo, sede o inspirador das minhas acções, o regulador da minha actividade.

1 — A alma interior deve chegar gradualmente a pôr toda a sua vida — não só a sua oração, mas também a sua actividade — sob a direcção do Espírito Santo. Jesus disse-nos que Ele deve «ensinar-nos *todas as coisas* e lembrar-nos *tudo*» (Jo. 14, 26). Consideremos em primeiro lugar a actividade mais estreitamente ligada à nossa vida espiritual e que consiste em procurar realizar durante o dia os bons propósitos formulados na oração: propósitos dos nossos exercícios anuais, dos nossos retiros mensais, das nossas confissões semanais. Por vezes as almas fazem um trabalho quase exclusivamente «moral» e muito pouco «teologal»: procuram corrigir-se dos seus defeitos e exercitar-se nas virtudes com intenção de agradar a Deus, mas na prática continuam, por assim dizer, desligadas dEle. A alma trabalha sôzinha, esquecendo-se quase de que nela mora quem poderá não só ajudá-la, mas trabalhar muito melhor do que ela; é semelhante a um marinheiro que, todo ocupado em remar, não aproveita o sopro do vento e assim não recebe nenhuma ajuda. Certamente que a alma não deve negligenciar o seu trabalho, mas deve realizá-lo de um modo mais interior, mais *teologal*, ou seja, mais dependente de Deus, da acção do Espírito Santo. Em vez de focar directamente um defeito ou uma virtude, aproveitará muito mais se concentrar a sua atenção na contínua dependência do Mestre interior, passando à acção depois de ter escutado a Sua voz íntima e silenciosa. Enfim, trata-se de agir em todas as coisas,

acomodando-se ao movimento interior da graça, à inspiração do Espírito Santo, numa palavra, de transferir o andamento da nossa vida interior das nossas mãos para a direcção do Espírito Santo.

2 — Tanto nas relações com o próximo, no desempenho dos deveres quotidianos, na actividade profissional, como também nas obras de apostolado, devemos deixar-nos guiar pelo Espírito Santo. Ele deve tomar a direcção de toda a nossa conduta. Para tal fim é necessário, antes de mais, mantermo-nos em contacto com Ele, mesmo no meio da acção; breves momentos de pausa ajudar-nos-ão de tempos a tempos a reforçar tal contacto ou a restabelecê-lo quando a excessiva actividade ou os impulsos das nossas paixões o tiverem de qualquer modo interrompido. «Nada faço de mim mesmo — disse Jesus — mas como o Pai me ensinou, assim falo» (Jo. 8, 28). Esta era a norma da conduta de Jesus e esta deve ser a norma da nossa conduta: agir em contínua dependência de Deus que, por meio do Seu Espírito, nos sugere tudo o que devemos fazer. Neste campo, porém, é necessário saber distinguir as inspirações do Espírito Santo dos movimentos da natureza e das insinuações do espírito maligno. Sem esta prudente discriminação, muito fàcilmente nos exporíamos a ilusões e a enganar, considerando inspiração divina aquilo que é fruto dos impulsos mais ou menos inconscientes da nossa natureza defeituosa, das nossas paixões. Uma maneira fàcil e pràtica de reconhecer as verdadeiras inspirações do Espírito Santo é ver se nos mantêm e nos fazem entrar cada vez mais na linha da vontade de Deus, ou seja, no cumprimento das ordens dos superiores, das leis a que estamos sujeitos, dos deveres do

nosso estado, ou se, pelo contrário, nos fazem sair ou desviar dessa linha. Neste último caso haveria motivo para temer, porque o Espírito Santo não pode impelir-nos senão para o cumprimento da vontade de Deus, e por isso não pode inspirar-nos nada que seja contrário à obediência e aos nossos deveres. Nos casos duvidosos urge recorrer ao conselho de uma pessoa esclarecida e prudente e então a alma que é verdadeiramente conduzida pelo Espírito Santo, será dócil em obedecer ao parecer alheio, ainda que contrário ao seu.

O Espírito Santo, disse Jesus, «habitará convosco e estará em vós» (Jo. 14, 17); que grande loucura seria, pois, agir independentemente dEle que nos foi dado para ser o nosso guia, o nosso santificador.

Colóquio — «Ó Espírito Santo, Vós sois o distribuidor dos tesouros que estão no seio do Pai; Vós sois o tesoureiro dos conselhos que se fazem entre o Pai e o Verbo. Vós nos manifestais o que devemos fazer para agradar à Trindade; e manifestais no íntimo do coração mediante as Vossas inspirações, ou no exterior pela pregação e pelos conselhos dos Vossos ministros. As portas do céu estão sempre abertas para nos enviarem a graça, mas nós não temos aberta a boca do desejo para a receber. Venha, venha esta graça; venha, ó Pai eterno, venha ó puríssimo Verbo, porque Vos dignastes querer enviar-nos o Vosso Espírito suavíssimo, o Espírito de bondade. Ó Espírito Santo, como vindes cheio de riquezas para nós; feliz aquele que Vos acolhe! Vós trazeis-nos o poder do Pai, o amor ardente do Verbo!» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó Senhor, fazei-me conhecer o caminho que devo seguir para chegar a Vós; ensinai-me a fazer a Vossa

vontade e que o Vosso Espírito me guie pelo caminho recto. Criai em mim, Senhor, um coração puro e infundi em mim o Vosso Espírito de rectidão e de verdade. Ó meu Deus, não me afasteis da Vossa presença, não me tireis o Vosso Espírito Santo, porque sem Ele eu ficaria privado da vida da graça. Sustentai-me, Senhor, com o Vosso Espírito magnânimo, sem o qual nada poderei fazer» (cfr. *Sal.* 142 e 50).

Ó Espírito Santo, Espírito de verdade, que falais e instruíis as almas interiormente, tornai-me atento aos Vossos ensinamentos e dócil às Vossas inspirações.

**Desde a Festa do Corpo de Deus ao IX Domingo
depois do Pentecostes**

**A EUCARISTIA — O SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS — A SS.MA TRINDADE — AS
PERFEIÇÕES DIVINAS — AS
VIRTUDES TEOLÓGICAS**

200. FESTA DO CORPO DE DEUS
QUINTA-FEIRA DEPOIS DA FESTA DA SS.ma TRINDADE

Ó Pão vivo que escondes o meu tesouro, prostrado diante de ti, adoro-te! (J. C. Poesias).

1 — De etapa em etapa, através do ano litúrgico, fomos subindo desde a consideração dos mistérios da vida de Jesus até à contemplação da SS.ma Trindade cuja festa celebrámos no Domingo passado. Jesus, nosso Mediador, nossa vida, tomou-nos pela mão e levou-nos à Trindade, e hoje parece que a própria Trindade nos quer conduzir a Jesus considerado na Sua Eucaristia. «Ninguém vai ao Pai senão por mim» (Jo. 14, 6) disse Jesus; e acrescentou: «Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não atrair» (ib. 6, 44). É este o itinerário da alma cristã: de Jesus ao Pai, à Trindade; da Trindade, do Pai, a Jesus; Jesus leva-nos ao Pai, o Pai atrai-nos para Jesus. O cristão, de maneira alguma pode prescindir de Cristo; Ele é, no sentido mais rigoroso da palavra, o nosso *Pontífice*, Aquele que Se fez ponte entre Deus e nós. Encerrado o ciclo litúrgico em que se comemoram os mistérios da vida terrena do Salvador, a Igreja como boa mãe, sabendo que a nossa vida espiritual não pode subsistir sem Jesus, conduz-nos a Ele, vivo e verdadeiro no Santíssimo Sacramento do altar. A solenidade do *Corpo de Deus* não é a simples comemoração de um facto sucedido historicamente há perto de dois mil anos, na noite da última ceia; é a festa de um facto actual, de uma realidade sempre presente e sempre viva no meio de nós, pela qual podemos muito bem dizer que Jesus não nos «deixou órfãos», mas quis ficar permanentemente connosco na

integridade da Sua pessoa, com toda a Sua humanidade, com toda a Sua divindade. «Não há nem nunca houve nação tão grande — canta com entusiasmo o Ofício do dia — que tivesse os deuses tão próximos de si, como está perto de nós o nosso Deus» (BR.). Sim, na Eucaristia, Jesus é verdadeiramente o Emanuel, o Deus conosco.

2 — A Eucaristia não é só Jesus vivo e verdadeiro no meio de nós: é Jesus feito nosso alimento. É este o aspecto principal, sob o qual a liturgia de hoje nos apresenta este mistério; pode afirmar-se que não há parte alguma da Missa que não trate dele directamente, ou que ao menos lhe não faça referências. A ele alude o Intróito, recordando o trigo e o mel com que Deus alimentou o povo hebreu no deserto, manjar prodigioso e, contudo, só longínqua imagem do Pão vivo e vivificante da Eucaristia. Fala dele a Epístola (I Cor. 11, 23-29), referindo a instituição do sacramento quando Jesus «tomou o pão e, dando graças, o partiu e disse: 'Recebei e comei, isto é o meu corpo'»; canta-o o Gradual: «os olhos de todos esperam em Vós, Senhor e Vós dais-lhes de comer no tempo oportuno; mais amplamente lhe entoa um hino a belíssima sequência *Lauda Sion*, ao passo que o Evangelho (Jo. 6, 56-59), fazendo eco ao Aleluia, reproduz o trecho mais significativo do discurso em que Jesus anunciou a Eucaristia: «a minha carne é verdadeiramente comida e o meu sangue é verdadeiramente bebida»; o Communio, depois, retomando uma frase da Epístola, recorda-nos a necessidade de receber dignamente o Corpo do Senhor e, finalmente, o Postcommunio diz-nos que a comunhão eucarística é penhor da comunhão eterna do céu. Mas para compreender melhor o

valor imenso da Eucaristia, é preciso voltar às palavras de Jesus, que muito oportunamente, são citadas no Evangelho do dia: «O que come a minha carne e bebe o meu sangue, fica em mim e eu nele». Jesus fez-Se nossa comida para nos assemelhar a Ele, para nos fazer viver a Sua vida, para nos fazer viver nEle, como Ele mesmo vive em Seu Pai. A Eucaristia é verdadeiramente o sacramento da união ao mesmo tempo que é a prova mais clara e convincente de que Deus nos chama e solicita à íntima união com Ele.

Colóquio — «Ó Deus, ó Criador, ó Espírito de vida que cumulaís as Vossas criaturas de dons sobrenaturais sempre novos, Vós concedeis aos eleitos o dom que sempre se renova: o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo!

«Ó Jesus, Vós instituístes este sacramento movido não pelo temor, não pelo desejo de alguma vantagem para Vós, mas movido unicamente por um amor que não tem outro nome senão: amor sem medida. Vós instituístes este sacramento porque o Vosso amor vai além de toda a expressão. Ardendo em amor por nós, quisestes dar-Vos a nós e ficastes aí, na hóstia consagrada, todo inteiro e para sempre até à consumação dos séculos. E não fizestes isto só em memória da Vossa morte que é a nossa salvação, mas para permanecerdes todo connosco, sempre connosco.

«Alma minha, se queres penetrar nas profundezas deste mistério, é preciso que tenhas a vista apurada pelo amor. É preciso que vejas e entendas! Considera a última ceia, considera Jesus Cristo consciente de que o Seu corpo bem depressa deverá separar-se da humanidade, considera o amor com que, desejando unir-Se para sempre a nós, instituiu este sacramento onde pu-

desse estar corporalmente e para sempre unido à humanidade. Ó amor inextinguível! Amor forte, verdadeiramente inflamado, ó amor de Cristo, ó amor pelos homens! Ó Jesus, tínheis já diante dos olhos a morte que Vos aguardava, as dores e os tormentos atrozes da Paixão rasgavam já o Vosso Coração e, apesar de tudo, quisestes oferecer-Vos aos verdugos e fazer de modo que, por meio deste sacramento, Vos pudessem ter sempre como dom de eternidade, ó Vós cujas delícias são estar com os filhos dos homens!

«Ó alma minha, porque não quererás mergulhar cada vez mais com todo o teu ser no amor de Cristo que na vida e na morte nunca Se esqueceu de nós, mas Se quis dar todo a nós e unir-Se a nós para sempre?» (B. Ângela de Foligno).

201. A PRESENÇA REAL

«Adoro-Vos devotamente, ó Deus oculto sob as espécies eucarísticas. O meu coração abandona-se todo a Vós porque, ao contemplar-Vos, desfalece» (cfr. Adoro Te devote).

1 — «*Verbum caro factum est*» (Jo. 1, 14): o Incarnação do Verbo, o inefável mistério do amor misericordioso de Deus que amou o homem até Se fazer «carne» para sua salvação, é, de certo modo, continuado e amplificado através dos séculos por meio da Eucaristia, que será até ao fim dos tempos, o sacramento pelo qual o Verbo Incarnado Se torna para nós «alimento». Deus não Se contentou com nos ter dado, de uma vez para sempre, o Seu Unigénito, querendo que Ele tomasse carne no seio de uma Virgem, carne

semelhante à nossa, a fim de que pudesse sofrer e morrer por nós sobre a cruz, mas quis que ficasse para sempre connosco perpetuando na Eucaristia a Sua presença real, o Seu sacrifício. Através da narrativa dos Evangelistas, podemos reconstituir e reviver no nosso coração, os doces mistérios da vida de Jesus; mas, se possuíssemos somente o Evangelho, teríamos de nos limitar a recordações cheias de nostalgia: Jesus não estaria já connosco, mas só no céu à direita do Pai, depois de ter deixado definitivamente a terra no dia da Ascensão. Com que saudade volveríamos o olhar para os trinta e três anos de vida terrena do Salvador decorridos há séculos. Porém, não é assim. A Eucaristia torna permanente no meio de nós a presença de Jesus. Na hóstia consagrada encontramos aquele Jesus que Maria deu à luz; que os pastores encontraram envolto em pobres panos, reclinado num presépio; que Maria e José alimentaram, guardaram e viram crescer sob o seu olhar; aquele Jesus que chamou após Si os Apóstolos, que fascinava e instruía as turbas; que realizava os milagres mais estrondosos, Se declarou a «luz» e a «vida» do mundo, perdeu a Madalena, ressuscitou Lázaro; que, por nosso amor, souo Sangue, aceitou o beijo traidor, foi reduzido a uma chaga, morreu na cruz. Aquele Jesus que, depois de ressuscitado apareceu aos Apóstolos e em cujas chagas Tomé meteu o dedo, que subiu ao céu e agora está sentado glorioso à direita do Pai e que, juntamente com o Pai, nos envia o Espírito Santo. Ó Jesus, Vós estais sempre connosco! Sois sempre o mesmo, «ontem e hoje e por todos os séculos» (Hebr. 13, 8). Permaneceis sempre o mesmo na eternidade pela imutabilidade da Vossa Pessoa divina e no tempo pelo Sacramento eucarístico.

2 — Jesus está presente na Eucaristia com toda a Sua divindade e com toda a Sua humanidade. Também a humanidade, ainda que presente «*per modum substantiae*» — ou seja, a modo de substância e não corporalmente extensa — está toda inteira na hóstia consagrada: Corpo e Alma e esta última com as suas faculdades de inteligência e vontade. Por isso Jesus, na Eucaristia, conhece-nos e ama-nos como Deus e como homem; não é um objecto passivo da nossa adoração, mas está vivo: vê-nos, ouve-nos, responde às nossas preces com as Suas graças de modo que podemos ter com o doce Mestre de que fala o Evangelho, relações vivas, concretas e, embora não sensíveis, semelhantes às que tinham com Ele os Seus contemporâneos. É verdade que na Eucaristia está velada não só a divindade, mas também a humanidade: contudo, a fé substitui vantajosamente os sentidos, substitui o que não vemos nem apalpamos. *Sola fides sufficit*, «para convencer um coração sincero — canta S. Tomás — basta só a fé» (*Pange lingua*). Como Jesus outrora, oculto sob a figura de peregrino, instruía e afervorava o coração dos discípulos de Emaús, assim hoje, oculto sob as espécies eucarísticas, ilumina as nossas almas, inflama-as com o Seu amor e dirige-as para o bem com uma eficácia cada vez maior.

Jesus está ali, na Hóstia consagrada, está ali como verdadeiro Deus e verdadeiro homem e, como por nós incarnou, também por nós Se ocultou sob as sagradas espécies; ali nos espera, nos deseja, sempre pronto para nos acolher e ouvir. E nós precisamos tanto dEle! É certo que Deus, Espírito puríssimo, está presente em toda a parte, mais ainda, Ele — uno e trino — digna-Se habitar na nossa alma vivificada pela graça; todavia

temos sempre necessidade de nos encontrarmos com Jesus, o Verbo feito carne, o Deus feito homem, o nosso Mediador, o nosso Salvador, o nosso Irmão, e encontramos-LO precisamente na Eucaristia. Nunca estamos tão perto dEle como quando nos achamos junto do SS.mo Sacramento do altar.

Colóquio — «Ó Senhor, riqueza dos pobres, como sabeis admiravelmente sustentar as almas! Em lugar de descobrires os Vossos tesouros de uma só vez, pouco a pouco os ides mostrando, para que eu, ao ver uma Majestade tão grande, escondida em tão pouca coisa como é uma hóstia, não possa deixar de admirar a Vossa tão grande sabedoria.

«Ó Senhor meu, se não encobrisseis assim a Vossa grandeza, quem ousaria unir tantas vezes com a Vossa Majestade, uma alma tão suja e miserável? Bendito sejas, Senhor! Louvem-Vos os anjos e todas as criaturas pois que assim acomodais as coisas à nossa fraqueza para que, gozando de tão soberanas mercês, não nos espante o Vosso grande poder. Como fracos e miseráveis que somos, se Vós não tivésseis recorrido a este meio, não teríamos ousado gozá-las.

«Como poderia eu, Senhor, pobre pecadora que tanto Vos ofendeu ter a ousadia de estar tão perto de Vós, se visse toda a Vossa Majestade? Sob os acidentes do pão, ao contrário, estais muito mais acessível; do mesmo modo que, quando um rei se disfarça, nada se nos daria de conversar com ele sem tantas atenções e respeitos. Se Vós, ó Senhor, não Vos tivésseis assim disfarçado, quem de nós ousaria chegar-se a Vós com tanta tibieza, tão indignamente, com tantas imperfeições?

«De resto, não posso duvidar, de forma alguma, da

Vossa presença real na Eucaristia. Destes-me uma fé tão viva que quando ouço algumas pessoas dizer que quereriam ter vivido no tempo em que Vós andáveis no mundo, rio-me comigo mesma, parecendo-me que, tendo-Vos no SS.mo Sacramento, nada mais deveriam desejar!» (T.J. Vi. 38, 20 e 19; cfr. Cam. 34, 9 e 6).

202. MISTÉRIO DE FÉ

Ó Jesus, creio em Vós e adoro-Vos presente no sacramento do altar: aumentai a minha fé!

1 — No Cânon da Missa chama-se à Eucaristia «*Mysterium fidei*»; com efeito, só a fé nos pode fazer reconhecer Deus presente sob as espécies do pão. Aqui, como diz S. Tomás, os sentidos para nada servem; pelo contrário, a vista, o tacto, o gosto, enganam-se, não advertindo na Hóstia consagrada senão um pouco de pão. Mas que importa? Temos a palavra do Filho de Deus, a palavra de Cristo, que declarou: «Isto é o meu corpo... isto é o meu sangue», e confiados nesta palavra cremos firmemente: «*Credo quidquid dixit Dei Filius, nihil hoc verbo Veritatis verius*»; creio em tudo quanto disse o Filho de Deus; nada existe mais verdadeiro que esta palavra de verdade (*Adoro Te devote*). Cremos firmemente na Eucaristia, não temos a opor nenhuma dúvida, mas, infelizmente, muitas vezes somos forçados a reconhecer que a nossa fé é frouxa, débil e fraca. Mesmo vivendo junto dos altares sagrados e habitando porventura debaixo do mesmo tecto que Jesus sacramentado, é fácil permanecermos um pouco indiferentes, um pouco frios, perante esta grande realidade.

É verdade que a nossa natureza tão grosseira, às vezes, acaba também por se habituar às coisas mais belas e sublimes, de modo que estas — sobretudo quando se encontram ao nosso alcance — já não nos impressionam, já não nos comovem; assim, apesar de crermos na presença inefável de Jesus no SS.mo Sacramento, não advertimos a grandeza desta realidade, não possuímos o sentido vivo e concreto que dela têm os santos. Repitamos, pois, também nós com muita humildade e confiança a bela oração dos apóstolos: *Domine, adauge nobis fidem*, Senhor, aumentai a nossa fé! (Lc. 17, 5).

2 — Quando Jesus anunciou a Eucaristia muitos dos Seus ouvintes escandalizaram-se e alguns dos Seus discípulos que até àquele momento O haviam seguido, «tornaram atrás e já não andavam com Ele» (Jo. 6, 67). Pedro, ao contrário, em nome dos Apóstolos, deu aquele precioso testemunho de fé: «Senhor... tu tens palavras de vida eterna; e nós acreditamos e conhecemos que tu és o Cristo, Filho de Deus» (Jo. 6, 69 e 70). A fé na Eucaristia aparece-nos assim como a pedra de toque dos verdadeiros seguidores de Jesus e quanto mais esta for intensa tanto mais revela uma íntima e profunda amizade com Cristo. Quem, como Pedro, crê firmemente nEle, crê e aceita todas as Suas palavras, todos os Seus mistérios, desde a Incarnação à Eucaristia. Sabemos que a fé, é acima de tudo, um dom de Deus. Justamente no discurso em que prometeu a Eucaristia — que mais do que os outros é um mistério de fé, porque mais se furta a toda a lei natural — Jesus afirmou repetidas vezes desde o princípio, declarando aos judeus incrédulos ninguém poder ir a Ele e, portanto, crer nEle, se «o Pai o não atrair» (Jo. 6, 44) e acrescentou: «Serão

todos ensinados por Deus» (ib. 45). Para ter uma fé viva e profunda na Eucaristia, como noutra mistério qualquer, é indispensável esta «atracção», este «ensinamento interior» que só de Deus pode vir e para o qual podemos e devemos dispor-nos, ou solicitando a graça com uma oração humilde e confiante, ou exercitando-nos activamente na fé. Com efeito, tendo-nos Deus infundido estas virtudes no santo baptismo, e sendo a fé uma adesão *voluntária* do entendimento às verdades reveladas, podemos fazer actos de fé quando quisermos: depende de nós querermos acreditar e pôr nesse acto toda a energia da nossa vontade. Na medida em que a fé crescer em nós, tornar-nos-á capazes de penetrar nas profundezas do mistério eucarístico, de entrar em relações vitais com Jesus Hóstia, de gozar da Sua presença. E quanto mais intensa for a nossa fé, tanto mais se manifestará também na nossa atitude diante do SS.mo Sacramento. Olhando-nos do tabernáculo, Jesus já não terá motivo para nos dirigir a dolorosa repreensão: «homens de pouca fé» (Mt. 8, 26) muitas vezes dirigida aos Apóstolos e que hoje mereciam muitos cristãos nada respeitosa na Sua divina presença. Que a nossa atitude diante do SS.mo Sacramento seja sempre um testemunho vivo da nossa fé.

Colóquio — «Eu te louvo e dou graças, ó fé bendita! Tu me fazes saber e me asseguras que no SS.mo Sacramento do altar, naquele Pão celeste, não há pão, mas está todo inteiro o meu Senhor Jesus Cristo e está aí por meu amor.

«Ó Jesus, como um dia cheio de bondade e amor Vos sentastes junto de uma fonte à espera da samaritana para a converter e salvar, assim agora, escondido na

Hóstia consagrada, estais sobre os nossos altares, esperando e convidando docemente as almas para as conquistardes para o Vosso amor. E parece que do tabernáculo nos falais e dizeis a todos: 'Ó homens, porque não vindes e vos aproximais de mim, que tanto vos amo? Não vim aqui para julgar. Escondi-me neste sacramento de amor sòmente para conceder benefícios e consolar quem a mim recorre'. Compreendo-Vos, Senhor, o amor fez de Vós nosso prisioneiro, o amor apaixonado que nos tendes acorrentou-Vos de tal maneira, que nem de dia nem de noite Vos deixa separar de nós.

«Ó Senhor, Vós encontras as Vossas delicias em ficar connosco; e nós não encontraremos as nossas em estar conVosco? Encontrá-las-emos, particularmente nós que temos a honra de habitar tão perto do Vosso altar, de habitar talvez dentro da Vossa própria casa? Oh! quanta frieza, indiferença e até injúrias deveis sofrer neste sacramento, estando Vós nele para nos assistirdes com a Vossa presença!

«Ó Deus sacramentado, ó Pão dos anjos, ó Manjar divino, eu Vos amo; porém nem Vós nem eu estamos contentes com o meu amor. Amo-Vos. Mas amo-Vos muito pouco. Ó Jesus, fazei que o meu coração se despoje de todos os affectos terrenos e dê lugar, ou melhor, deixe todo o lugar ao Vosso amor. Para todo me enamorar de Vós e para todo Vos unirdes a mim, desceis do céu cada dia sobre o altar; portanto é justo que eu pense em Vos amar, em Vos adorar, em Vos dar gosto. Amo-Vos com toda a minha alma, com todo o meu affecto. E se quereis pagar-me este amor, dai-me mais amor» (S.to Afonso).

203. CONVITE PARA O BANQUETE
II DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Jesus, concedei-me a graça de corresponder sempre ao Vosso convite e de participar dignamente no Vosso banquete.

1 — O Evangelho deste domingo (*Lc. 14, 16-24*) harmoniza-se perfeitamente com a festa do Corpo de Deus. «Um homem fez uma grande ceia e convidou muitos». O homem que faz a ceia é Deus, e a grande ceia é o Seu reino onde as almas encontrarão na terra toda a abundância de bens espirituais e, na outra vida, a felicidade eterna. É este o sentido próprio da parábola, mas nada obsta a que também se possa entender num sentido mais particular, vendo na ceia o banquete eucarístico e no homem que o ofereceu, Jesus, que convida os homens a alimentarem-se da Sua carne e do Seu Sangue. «A mesa do Senhor está pronta para nós — canta a Igreja. — A Sabedoria [ou seja o Verbo Encarnado] preparou o vinho e pôs a mesa» (*BR.*). O próprio Jesus, ao anunciar a Eucaristia, dirige a todos o Seu convite: «Eu sou o pão da vida; o que vem a mim não terá jamais fome e o que crê em mim não terá jamais sede... Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desceu do céu, para que aquele que dele comer não morra» (*Jo. 6, 35-50*). Jesus não Se limita, como os outros homens, a preparar-nos uma ceia, a fazer numerosos convites e a apresentar iguarias excelentes; mas o facto singularíssimo — que nenhum homem por mais rico e poderoso que seja poderá imitar — é que Ele próprio Se oferece como alimento. S. João Crisóstomo a quem pretende ver Cristo na Eucaristia com os olhos do corpo, diz: «Pois bem, já O vês, tocas

e comes. Tu queres ver as Suas vestes e Ele, ao contrário, concede-te não só vê-LO, mas até comê-LO, tocá-LO e recebê-LO dentro de ti... Aquele a quem os anjos olham temerosos e não ousam contemplar livremente devido ao Seu deslumbrante esplendor, faz-Se nosso alimento; nós unimo-nos a Ele e formamos com Cristo um só corpo e uma só carne» (BR).

2 — Jesus não podia oferecer ao homem uma mesa mais rica do que o banquete eucarístico. E de que modo correspondem os homens ao Seu convite para esta mesa? Muitos, como os judeus incrédulos, encolhem os ombros e retiram-se com um sorriso céptico nos lábios: «Como pode este dar-nos a comer a sua carne?» (Jo. 6, 53). Mas o que afasta da Eucaristia não é só a falta de fé; esta é muitas vezes acompanhada e não raramente deriva das causas morais de que fala o Evangelho de hoje. «Comprei uma quinta e é-me necessário ir vê-la; rogo-te que me dêes por escusado», respondeu um; e outro: «Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me dêes por escusado». A excessiva preocupação com os bens terrenos e o apego aos mesmos, o mergulhar-se totalmente nos negócios, são os motivos pelos quais tantos recusam o convite de Jesus. Porém, ainda não é tudo: «Casei-me e por isso não posso ir», respondeu um terceiro. Este representa aqueles que, submersos nos prazeres dos sentidos, perderam a sensibilidade para as coisas do espírito e, em presença delas, continuam o seu caminho, não se lembrando sequer de se desculpar.

É impossível não estremecer em face da grande cegueira do homem que antepõe ao dom de Cristo, Pão dos anjos e penhor de vida eterna, os interesses terrenos,

os vis prazeres dos sentidos, que muito depressa se dissipam como o nevoeiro aos raios do sol. E contudo, não é difícil que uma sombra desta cegueira vele também o olhar e o coração daqueles a quem Jesus chamou para O seguirem mais de perto e designou com o doce nome de amigos. Estes não recusam o convite, mas aceitam-no muitas vezes com frieza, quase por costume. Acaso não é verdade que, enquanto nos preocupamos com muitas coisas: trabalhos, negócios, família, amizades, etc., hem pouco nos preocupamos com dispor-nos cada dia mais dignamente para o Banquete eucarístico? Jesus vem a nós talvez cada manhã, mas encontrará sempre uma hospitalidade calorosa, delicada, solícita, cheia de amor? Oh! muitas vezes encontra o coração dos Seus amigos ocupados com mil pensamentos, bagatelas e affectos terrenos ao passo que para Ele, Hóspede divino, muito pouco lugar fica, quando deveria pertencer-Lhe inteiramente! Todavia o pensamento do encontro diário com Jesus deveria dominar qualquer outro pensamento.

Colóquio — «Ó Sacramento de piedade! Ó selo de unidade! Ó vínculo de caridade! Quem quer viver, tem onde viver e com quem viver. Ó Senhor, aproximar-me-ei com fé da Vossa mesa, participando dela para ser por ela vivificado.

«Fazei, Senhor, que eu seja inebriado pela abundância da Vossa casa, e dai-me a beber da torrente das Vossas delicias. Porque junto de Vós, está a fonte da minha vida: não fora de Vós, mas ali junto de Vós, está a fonte da vida. Quero beber para viver; não quero actuar por mim, pois posso perder-me, não quero saciar-me no meu coração para não ficar árido; quero

antes aproximar a minha boca da fonte onde a água não se esgota.

«Suprirei as desculpas vãs e mesquinhas e aproximar-me-ei da ceia que me deve fortalecer interiormente. Não me detenha a altivez da soberba: não, não me torne orgulhoso a soberba; nem sequer me detenha a curiosidade ilícita, afastando-me de Vós; não me impeça o deleite carnal de saborear o deleite espiritual.

«Fazei que eu me aproxime e me fortaleça; deixai que me aproxime embora mendigo, fraco, aleijado e cego. À Vossa ceia não vêm os homens ricos e saudáveis que julgam caminhar bem e possuir a agudeza de vista, homens muito presunçosos e por consequência, tanto mais incuráveis quanto mais soberbos. Aproximar-me-ei qual mendigo, porque me convidais Vós que, de rico, Vos fizestes pobre por mim, para que a Vossa pobreza enriquecesse a minha mendicidade. Aproximar-me-ei como fraco, porque o médico não é para os que têm saúde senão para os doentes. Aproximar-me-ei como aleijado e Vos direi: 'Dirigi Vós os meus passos pelas Vossas veredas'. Aproximar-me-ei como cego e Vos direi: 'Iluminai os meus olhos, a fim de que eu jamais durma o sono da morte'» (S.to Agostinho).

204. MISTÉRIO DE ESPERANÇA

Fazei que eu tenha fome de Vós, Pão dos anjos, penhor da glória futura.

1 — Jesus disse: «Eu sou o pão vivo que desci do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente e o pão que eu lhe darei é a minha carne para salvação

do mundo». Este discurso não agradou aos judeus que se puseram a discutir, contradizendo as palavras do Mestre, mas Ele replicou com mais força: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós» (Jo. 6, 51-54). As palavras são formais e não admitem dúvida alguma: quem quiser *viver* tem de comer o *Pão da vida*. Jesus veio trazer a vida ao mundo, a vida sobrenatural da graça que foi dada às nossas almas pelo baptismo, e que nos foi dada porque este Sacramento nos enxertou em Cristo; de modo que é da Sua plenitude que recebemos esta vida. Mas tal vida deve ser alimentada e a nossa inserção em Cristo deve tornar-se cada vez mais profunda. Foi com esse fim que Jesus quis vir a nós com toda a Sua substância de Homem-Deus e que quis tornar-Se o Pão da nossa vida sobrenatural, da nossa união com Ele. «Muitas mães, diz S. João Crisóstomo, entregam a amas os filhos que deram à luz, Jesus não procedeu assim, mas nutre-nos com o Seu próprio Sangue e incorpora-nos totalmente em Si». Como o baptismo é o sacramento que nos enxerta em Cristo, assim a Eucaristia é o sacramento que alimenta em nós a vida de Cristo, que torna cada vez mais estreita e íntima a nossa união com Ele, a ponto de nos transformar nEle. Assim como a cera derretida que se derrama sobre outra cera se confunde necessária e inteiramente com ela, do mesmo modo quem recebe a Carne e o Sangue do Senhor, une-se de tal forma a Ele que Cristo reside nele e ele em Cristo» (S. Cirilo de Jerusalém).

2 — Alimentando em nós a vida de Cristo, a Eucaristia alimenta em nós uma vida que não tem fim:

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

unirndo-nos a Ele, que é a Vida, liberta-nos da morte. Efectivamente, Jesus disse: «O que come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia» (Jo. 6, 55). Notemos que disse: *tem* a vida eterna, e não *terá*, porque a Eucaristia, aumentando em nós a graça — que é semente da glória — vem a ser para nós verdadeiro penhor de vida eterna e isto não só para a alma, mas também para o corpo: «a Hóstia divina comunica-lhe o gérmen da ressurreição futura; o Corpo imortal de Cristo, infunde [no nosso corpo] uma semente de imortalidade que um dia crescerá e dará seus frutos» (Leão XIII, Enc. *Mirae caritatis*). Considerado sob este aspecto o sacramento da Eucaristia é verdadeiramente o sacramento da esperança; esperança da glória celeste, da visão beatífica, na qual a nossa «comunhão» com Cristo jamais terá fim. A eterna «comunhão» começa na terra com a Comunhão eucarística que é o seu prelúdio, o seu penhor e até, de certo modo, a sua antecipação. Na vida presente, particularmente no que se refere ao nosso progresso espiritual, a Eucaristia é grande motivo de esperança e de confiança. Com efeito, aumentando em nós a graça, aumenta igualmente a caridade e, crescendo esta, as paixões ficam reprimidas: «o aumento da caridade — afirma S.to Agostinho — é o enfraquecimento das paixões e a sua perfeição é a ausência delas». Se, por vezes, a luta contra algum defeito ou tentação é mais violenta e difícil, se, apesar dos nossos esforços, não conseguimos vencer totalmente a natureza, confiemos na Eucaristia: Jesus, ao vir a nós, pode acalmar todas as tempestades e dar-nos a força de vencer qualquer batalha. «A carne castíssima de Jesus — ensina S. Cirilo de Alexandria — reprime a insolência da nossa

carne; Cristo, morando em nós, pacifica a lei da carne que domina os nossos membros». A Eucaristia é, pois, a nossa esperança para a vida presente e para a futura; sustenta-nos nas adversidades, fortalece-nos na luta pela virtude, guarda-nos para a vida eterna e conduz-nos a ela fornecendo-nos as provisões necessárias para a viagem.

Colóquio — «Ó Pai celestial, Vós destes-nos o Vosso Filho e O enviastes ao mundo só por Vossa vontade. E Vós, ó meu Jesus, não quisestes, pela Vossa própria vontade, desamparar-nos, mas ficar aqui connosco para maior glória dos Vossos amigos. Eis a razão porque Vós, Pai celestial, nos destes este Pão sacratíssimo, este mantimento e maná da Humanidade de Jesus: achamo-LO como queremos e se morremos de fome é unicamente por nossa culpa.

«Alma minha, de todos os modos que quizeres comer, acharás sempre no SS.mo Sacramento, sabor e consolação, e depois de teres começado a saborear o Salvador, não haverá necessidade, trabalho, nem perseguição, que não seja fácil de suportar.

«Tenha quem quiser o cuidado de pedir o pão material. Quanto a mim, ó eterno Pai, peço-Vos que me concedais que mereça receber o pão celestial de modo que, visto os olhos do corpo não se poderem deleitar em O ver por estar tão encoberto, se descubra aos da alma e se lhe dê a conhecer, porque é mantimento e alegria e delícia e sustenta a vida» (T.J. *Cam.* 34, 2 e 5).

«Em Vós, ó Jesus sacramentado, manjar celeste, estão encerrados todos os bens! E que outra coisa pode desejar a alma quando tem em si Aquele que todas as coisas contém? Se desejo caridade, tendo em mim

Aquele que é caridade perfeita, chegarei a ter a perfeição da caridade, e assim também a da fé, da esperança, da pureza, da paciência, da humildade e da mansidão; porque Vós, ó Cristo, graças a este manjar, produzis na alma todas as virtudes. E que outra coisa posso querer e desejar, se todas as virtudes, os dons e as graças que desejo, estão reunidos em Vós, ó Senhor, que estais realmente sob as espécies sacramentais, tal como na verdade estais no paraíso à direita do Pai? Tendo, portanto, e possuindo tão grande bem, nada mais quero, nada mais desejo, nada mais anseio» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

205. O MISTÉRIO DE AMOR

Ó Jesus, ajudai-me a penetrar no mistério do amor infinito que Vos levou a fazer-Vos nossa comida e nossa bebida.

1 — Toda a acção de Deus em favor dos homens, é acção de amor. Resume-se num mistério imenso de amor, que O impele, Bem supremo e infinito, a elevar o homem até Si, tornando-o participante da Sua natureza divina, comunicando-lhe a Sua vida. Foi para comunicar a vida divina aos homens, para unir os homens a Deus, que o Verbo incarnou e que, na Sua pessoa, a divindade se uniu à humanidade do modo mais pleno e perfeito. Uniu-se directamente à humanidade santa de Jesus e, por meio dela, a todo o género humano. Em virtude da Incarnação do Verbo, todo o homem, por meio da graça merecida pelo Verbo Incarnado, tem o direito de chamar a Jesus seu irmão, de chamar a Deus seu Pai e de aspirar à união com Ele. O caminho da união com

Deus fica assim aberto ao homem: O Filho de Deus, incarnando e morrendo depois na cruz, não só removeu os obstáculos desta união como também lhe proporcionou todos os meios até se fazer Ele próprio *caminho*: unindo-se a Ele, o homem unir-se-á a Deus. Foi assim que o amor de Jesus, ultrapassando toda a medida e querendo encontrar o meio de se unir a cada um de nós do modo mais íntimo e pessoal, o fez mediante a Eucaristia. Tornando-Se nosso alimento, Jesus faz de nós uma só coisa com Ele e assim faz-nos participar, do modo mais directo, na Sua vida divina, na Sua união com o Pai, com a Trindade. Na Encarnação, o Filho de Deus, assumindo a nossa carne, uniu-Se de uma vez para sempre ao género humano; na Eucaristia, o Filho de Deus feito homem continua a unir-se a cada um dos homens. Compreendemos assim como a Eucaristia, segundo o pensamento dos Santos Padres, pode ser verdadeiramente «considerada uma continuação e uma extensão da Encarnação; por ela, a substância do Verbo Incarnado une-se a cada homem» (*Mirae caritatis*).

2 — O plano do amor infinito que quer unir os homens com Deus, que quer fazê-los participar na natureza e vida divinas, encontra a sua plena e máxima realização na Eucaristia. De facto, na Hóstia consagrada não temos só o Corpo, Sangue e Alma de Cristo, mas temos também a Sua Divindade de Filho de Deus e, por isso, toda a Divindade. Que meio mais poderoso podia encontrar Deus para nos unir a Ele, para nos tornar participantes da Sua natureza e da Sua vida? Onde encontrar alimento mais vital que o Corpo de Cristo que, pela Sua união pessoal com o

Verbo, é fonte da vida e da graça? Dando-Se-nos em alimento, Jesus nutre-nos com a Sua substância, assimila-nos a Si, comunica-nos pessoalmente a vida divina. Também por meio dos outros sacramentos Jesus nos dá a graça e, por conseguinte, nos dá parte na vida divina. Nestes, porém, só existe a Sua acção e unicamente no momento em que o sacramento é administrado — por exemplo, no momento em que o sacerdote nos absolve dos pecados — Jesus, com a Sua virtude operante, produz em nós a graça. Na Eucaristia, pelo contrário, o próprio Jesus feito sacramento, vem pessoalmente a nós na integridade da Sua Pessoa de Homem-Deus. Recebendo a sagrada Hóstia, não temos apenas a acção de Cristo na nossa alma, mas temos real e fisicamente presente a Sua Pessoa. Não temos somente um aumento de graça, mas Jesus, fonte de graça; nem só uma nova participação de vida divina, mas sim o Verbo Incarnado que nos leva consigo ao seio da Divindade.

Além disso, o *alimento material* é assimilado por quem o come e transforma-se no seu corpo e sangue, mas Jesus, *alimento vital*, possui o poder de assimilar aqueles que dEle se alimentam e de os transformar em Si. «A comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo, diz S. Leão, não tem outro fim senão transformar-nos naquilo que comemos», e S. João Crisóstomo especifica: «Cristo uniu-Se de tal maneira a nós, que chega quase a fundir num só o Seu Corpo com o nosso, de forma a sermos uma só coisa com Ele... e isto é próprio dos que se amam ardentemente».

Colóquio — «Ó Trindade eterna! Ó fogo e abismo de caridade! Que ganhais Vós com a nossa redenção?

Nada; porque Vós não precisais de nós, pois sois nosso Deus. Então a quem foi útil? Sòmente ao homem. Ó inestimável caridade! Assim como Vos destes todo a nós, como Deus e como Homem, assim todo Vos destes como alimento a fim de que, enquanto formos peregrinos nesta vida, não desfaleçamos de cansaço, mas sejamos fortalecidos por Vós, manjar celestial. Ó homem, que te deixou o teu Deus? Deixou-Se a Si mesmo todo inteiro, todo Deus e todo Homem, oculto sob a brancura do pão. Ó fogo do amor, não Vos bastava ter-nos criado à Vossa imagem e semelhança e ter-nos voltado a criar na graça por meio do Sangue do Vosso Filho, sem Vos dardes todo a nós como alimento, ó Deus, Essência divina? Quem Vos obrigou a isso? Nada, a não ser a Vossa caridade. E assim como não nos enviastes e destes o Verbo sòmente para nossa redenção, do mesmo modo não no-IO deixastes só em alimento, mas, como que louco de amor pelas Vossas criaturas, deixastes-nos toda a Essência divina. E não só Vos dais a nós, ó Senhor, mas, alimentando-nos com este Manjar divino, nos tornais fortes com o Vosso poder contra as batalhas dos demónios, contra as injúrias das criaturas, contra as rebeliões da nossa carne, contra toda a angústia e tribulação que de qualquer lado possam surgir.

«Ó Manjar dos anjos, eterna e suma pureza, Vós quereis e desejais tanta pureza na alma que Vos recebe neste dulcíssimo Sacramento que, se fosse possível, até os próprios anjos deveriam purificar-se diante de tão grande mistério. E como se purificará a minha alma? No fogo da Vossa caridade, ó Deus eterno, lavando a sua face no Sangue do Vosso Filho unigénito. Ó miserável alma minha, como vais a mistério tão grande sem a suficiente purificação? Despojar-me-ei, pois, da veste

fétida da minha vontade e revestir-me-ei, Senhor, da Vossa eterna vontade» (S.ta Catarina de Sena).

206. O SACRAMENTO DA UNIÃO

Ó Jesus que me alimentais com o Vosso Corpo e com o Vosso Sangue, fazei que eu viva de Vós, da Vossa vida.

1 — No Seu discurso acerca do «pão da vida», Jesus apresentou-nos a Eucaristia como o sacramento da nossa união com Ele: «O que come a minha carne e bebe o meu sangue, fica em mim e eu nele» (Jo. 6, 57): É uma verdadeira compenetração de Cristo em nós e de nós em Cristo. Evidentemente, a vida de Jesus e a nossa, a Sua Pessoa e a nossa, continuam distintas, e todavia Ele penetra de tal maneira em nós com a Sua vida, o Seu Espírito, a Sua Divindade, que nós ficamos mergulhados nEle e Ele em nós. «O Corpo e o Sangue de Cristo que comemos — afirma S.to Hilário bispo — fazem com que nós estejamos em Cristo e Cristo em nós. Ele, portanto, está em nós e nós nEle pela Sua Carne e — conclusão maravilhosa! — com Ele está em Deus tudo o que nós somos». Nunca como no momento da Comunhão sacramental estamos tão unidos a Jesus, tão compenetrados e transformados por Ele, deificados e mergulhados na Divindade: «Com Ele está em Deus tudo o que nós somos».

É verdade que também pela fé e pela graça estamos unidos a Cristo e inseridos nEle como Seus membros, mas esta união iniciada no baptismo, atinge a sua plenitude máxima na Eucaristia. Por este Sacramento Jesus «une-Se de tal modo a nós, que formamos um só corpo

com Ele, e não só pela fé, mas efectivamente e na realidade» (S. João Crisóstomo). Também a união com Cristo, pela fé e pela graça, é uma união efectiva e real, mas na Comunhão temos, além disso, a união física com Cristo; então, ainda que por breves instantes, temos-LO em nós, tal como Maria Santíssima O teve nove meses no seu seio puríssimo. E se juntamos a esta união física a união moral, que consiste na conformidade plena da nossa vontade e das nossas aspirações com a vontade de Deus e o Seu beneplácito, a Comunhão torna-se verdadeiramente para nós o momento da mais alta união com Deus que podemos atingir neste mundo.

2 -- Mas Jesus vai mais longe e para nos explicar melhor a profunda união que se estabelece entre Ele e a alma do comungante, não hesita em compará-la à união que existe entre Ele e Seu Pai: «Assim como o Pai que vive me enviou e eu vivo pelo Pai, assim o que me comer a mim, esse mesmo também viverá por mim» (Jo. 6, 58). Jesus vive porque o Pai Lhe comunica a vida, toda a vida de Jesus procede unicamente do Pai; não tem outra vida fora daquela que o Pai Lhe comunica. Do mesmo modo, quem se alimenta da Eucaristia vive da vida que Jesus Lhe comunica, ou seja, vive da Sua vida; vida que já recebeu, sem dúvida, por meio do baptismo ou da penitência, mas que na Comunhão recebe mais imediatamente de Jesus porque Ele próprio, em pessoa, lha vem trazer, ou antes, a vem viver nele. Jesus vive pelo Pai, porque o Pai é a única fonte da Sua vida; e o comungante vive por Jesus, porque Jesus ao fazer-Se seu alimento, Se torna, do modo mais directo, mais íntimo e mais profundo, a fonte da sua vida. Mas podemos considerar também as palavras

de Jesus sob outro aspecto: tendo recebido do Pai toda a vida e todo o ser, Jesus vive também pelo Pai, quer dizer, só vive para a Sua glória, empregando tudo quanto dEle recebeu para cumprir a missão que Ele Lhe confiou, para fazer a Sua santa vontade. Assim deve acontecer ao comungante: não mais deve viver para si, não mais deve viver uma vida egoísta, uma vida limitada aos cuidados e interesses terrenos; mas deve viver para Jesus, para os Seus interesses, para a Sua glória. Deve *viver de Jesus*, fonte da sua vida; deve *viver em Jesus* que, alimentando-o todos os dias com a Sua Carne, o estreita e o une mais intimamente a Si; deve *viver para Jesus*, consagrando-Lhe todas as suas forças e capacidade, entregando-se totalmente ao Seu serviço. Aquela vida divina que Jesus nos comunica deve encontrar na nossa alma um terreno propício ao seu pleno desenvolvimento — terreno livre de soberba, de egoísmo, de apego às criaturas — e assim produzir obras dignas de Jesus e que Lhe sejam agradáveis. Como Jesus viveu para a glória do Pai «que o enviou» (Jo. 7, 18), assim devemos nós viver para a glória de Cristo que, fazendo-Se nosso alimento, nos tornou participantes da Sua vida.

Colóquio — «Ó Senhor, até onde Vos leva o amor? Leva-Vos até Vos entregardes à Vossa criatura, até lhe entregardes o Vosso Corpo e Sangue em alimento e bebida. E por quanto tempo? Oh! Deus meu, Vós mesmo o dissestes: até à consumação dos séculos! A fim de que Vos possamos possuir não uma só vez, não cada ano, não cada mês, não cada semana, não; mas cada dia, cada manhã Vos possamos receber e cada vez que quisermos, possamos ter-Vos dentro de nós e estar con-Vosco à nossa vontade. Ó grande bondade do meu Es-

poso, o Verbo! Ó miserável de mim que tantas riquezas tenho e tão pouco fruto tiro delas! Porém ainda é mais infeliz quem desconhece este dom e não se importa de estar privado dele por muitos anos, ou quem o recebe em pecado mortal de modo que este Pão da vida se torna para ele alimento de morte. Peço-Vos, Senhor, por estas almas: não olheis à sua falta de méritos, mas sim à Vossa bondade; convertei-as para que reconheçam o grande mal que fazem a si próprias e à Vossa infinita bondade.

«Mas, Senhor, quando a alma Vos recebe com as disposições devidas, pode dizer-se dela o que se diz de Maria Santíssima: 'ditosa sois vós, pois levais em vosso seio Aquele que os céus não podem conter!' E assim como Maria está vestida de sol, a alma que Vos recebe está vestida de sol, porque sois Vós o Sol, ó Sol de justiça, Cristo nosso Deus.

«Quanto a mim, Senhor, parece-me estar-Vos mais obrigada por Vos terdes dado a mim como alimento, do que por me terdes criado; pois se me tivésseis criado e não Vos tivésseis dado a mim, que poderia eu fazer? E assim me mostrais quanto quisestes comunicar-Vos a nós porque não Vos contentastes com Vos comunicardes aos homens durante os trinta anos que vivestes na terra, mas, além disso, quisestes deixar-nos o Vosso Corpo e Sangue, a fim de que nós pudéssemos estar sempre em Vós e Vós em nós. E desta forma, estando na alma, Vós a ides, por assim dizer, deificando e transformando em Vós; comunicais continuamente com ela e tende-la unida a Vós» (S.ta Maria Madalena de Pazzi).

207. DISPONHAMO-NOS PARA A UNIÃO

Ó Jesus, fazei que eu saiba aproveitar-me plenamente da graça da união conVosco que me ofereceis cada dia na Sagrada Comunhão.

1 — Por virtude própria, a Eucaristia une-nos a Cristo; a união física com Ele é idêntica para todos os que se alimentam do Seu Corpo e do Seu Sangue. Apesar disso, esta união não produz em todos os mesmos efeitos; isto é tão verdade que, para quem se aproxima indignamente da sagrada Mesa, é motivo de condenação: «Todo aquele que come este pão e bebe o cálice do Senhor indignamente, come e bebe para si a condenação» (I Cor. 11, 27 e 29). Mesmo naqueles que se aproximam dignamente da Eucaristia os efeitos que dela derivam não são os mesmos, mas são sempre proporcionados às suas boas e perfeitas disposições.

Jesus penetra em mim e transforma-me nEle só na medida em que eu não Lhe ponho obstáculos e estou disposto a receber a graça particular da Eucaristia, a graça de «união a Cristo». Embora seja um dom tão grande, a união física com Jesus que a Sagrada Comunhão me oferece, está ordenada à minha união espiritual com Ele, à minha transformação nEle por amor; união e transformação que serão tanto mais profundas, quanto melhores forem as disposições com que me aproximar da sagrada Mesa. Estas disposições consistem em preparar o meu coração para uma união cada vez mais estreita com o Senhor, união que exige uniformidade de aspirações, de gostos, de sentimentos, de vontades. Como poderia gozar da visita de um amigo, passar com ele momentos de doce intimidade, de verdadeira união, se entre ele e mim houvesse divergência de desejos, de

afectos, de vontades? Eis a mais bela preparação que posso fazer para as minhas Comunhões: esforçar-me por tirar da minha vida tudo o que pode, mesmo levemente, discordar da vontade divina, dos sentimentos e disposições do Coração de Jesus. «Tende entre vós os mesmos sentimentos que houve em Jesus Cristo» (*Fil.* 2, 5), diz-me S. Paulo; deve ser este o programa da minha preparação remota para a Sagrada Comunhão.

2 — Para que a Eucaristia produza em mim todo o seu fruto e seja para mim ocasião duma união mais íntima e plena com Jesus, não basta, como diz S.to Agostinho, que eu coma materialmente o Seu Corpo, é necessário que o coma «espiritualmente», ou seja, que o meu espírito esteja bem disposto e preparado para receber o Corpo de Cristo, para se deixar invadir e transformar por Cristo. Quando Jesus, ao vir a mim, encontrar o coração, a vontade, os afectos e sentimentos totalmente conformes aos Seus, nada O poderá impedir de Se me comunicar plenamente; a Sua vida, o Seu espírito, a Sua divindade, penetrarão nas fibras mais íntimas do meu ser e transformar-me-ão nEle de modo que poderei dizer em verdade com S. Paulo: «Vivo, já não eu, mas é Cristo que vive em mim» (*Gál.* 2, 20).

È mister que eu vá comungar com um coração dilatado pelo amor, inteiramente aberto à invasão de Jesus, inteiramente disposto a deixar-se penetrar e transformar por Ele. Cada Comunhão, além da presença física de Jesus e em virtude desta Sua presença, traz-me um novo aumento de graça e de caridade, mas este aumento será proporcionado à minha capacidade de o receber. Se o meu coração está encerrado no egoísmo e no amor próprio, se está preso pelo apego às criaturas, se está dema-

siadamente ocupado por affectos e negócios terrenos, não terá capacidade para um aumento de amor divino e Jesus ver-Se-á, por assim dizer, forçado a limitar a efusão da Sua caridade e a diminuir os Seus dons. Sim, por meio da Comunhão, Jesus dá-Se todo a mim na Sua Pessoa de Homem-Deus e une-Se todo a mim; mas se eu não me dou todo a Ele, Ele não pode comunicar-Se totalmente a mim como o amigo se comunica ao coração do amigo fiel. Na Sagrada Comunhão Jesus oferece-me todos os dias uma graça actual para O amar mais, para me unir mais a Ele; por conseguinte, devo oferecer-Lhe todos os dias um coração mais aberto ao amor e à união. Actos de fé intensa na presença real de Jesus na Eucaristia ajudar-me-ão a despertar o amor, a pôr-me em *acto* de amor; e, justamente neste acto de amor, Jesus derramará o aumento da Sua caridade, a chama viva do Seu amor infinito.

Colóquio — «Alma minha, quando comungas, procura reavivar a fé, desocupa-te, tanto quanto possível, de todas as coisas exteriores e retira-te com Ele. Procura recolher os sentidos para que todos entendam tão grande bem, quer dizer, para que não te embaracem para O conhecer. Considera-te aos pés do Senhor e chora com Madalena como se O visses com os olhos do corpo em casa do fariseu. É muito bom este tempo para que te ensine o Mestre, e para O ouvires e Lhe beijares os pés porque nos quis ensinar, e suplicar-Lhe que não Se afaste de ti. Mesmo que não sintas devoção, a fé te dirá que o Senhor está verdadeiramente em ti.

«Porque se não quero ser uma insensata, cegando o entendimento, não posso duvidar sobre este ponto. Ó meu Jesus, isto não é representação da imaginação,

como quando Vos considero na cruz ou em qualquer outro passo da Vossa Paixão, em que represento em mim mesma como aconteceu. Isto sucede agora e é *inteira* verdade. Ó Senhor, quando comungo não preciso de Vos ir buscar mais longe: enquanto o calor natural não consome os acidentes do pão, Vós estais em mim! Pois se, quando andáveis no mundo, só o tocar os Vossos vestidos curava os enfermos, porque duvidar que fareis milagres estando tão dentro de mim, se eu tiver fé? Sim, estando Vós em minha casa, atendereis todos os meus pedidos, pois não é Vosso costume pagar mal a pousada quando se Vos dá boa hospedagem!

«Ó Senhor, se a alma se aproxima da Comunhão bem disposta e desejando perder o frio, permanecendo algum tempo conVosco, abrasar-se-á no amor divino e ficará com calor por muitas horas» (T.J. Cam. 34, 7-10; 35, 1).

208. FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS SEXTA-FEIRA DA II SEMANA DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Jesus, concedei-me a graça de penetrar os segredos escondidos no Vosso divino Coração.

1 — Depois de termos fixado o nosso olhar na Eucaristia, dom que coroa todos os dons do amor de Jesus aos homens, a Igreja convida-nos a considerar directamente o amor do Coração de Cristo, fonte e causa de todo o dom. Pode afirmar-se que a festa do Sagrado Coração de Jesus é a festa do Seu amor por nós. «Eis o Coração que tanto amou os homens», disse Jesus a S.ta Margarida Maria; «eis o Coração que tanto amou os homens», repete-nos hoje a Igreja, mostrando-nos que

«no Coração de Cristo, ferido pelos nossos pecados, Deus Se dignou dar-nos, misericordiosamente, infinitos tesouros de amor» (cfr. Colecta). Inspirando-se neste pensamento, a liturgia de hoje refere-nos os imensos benefícios que nos provêm do amor de Cristo, é um hino de louvor ao Seu amor. «*Cogitationes Cordis ejus*», canta o Intróito da Missa: «Eis os pensamentos do Seu Coração — do Coração de Jesus — através das gerações: arrancar as almas da morte e alimentá-las em sua fome». O Coração de Jesus anda sempre à procura de almas para salvar, para livrar dos laços do pecado, para lavar com o Seu Sangue, para alimentar com o Seu Corpo. O Coração de Jesus está sempre vivo na Eucaristia para saciar a fome dos que por Ele suspiram, para acolher e consolar todos os que, desiludidos pelas amarguras da vida, se refugiam nEle em busca de paz e alívio. E o próprio Jesus nos ampara na aspereza do caminho. «Tomai o meu jugo sobre vós, aprendei de mim, que sou manso e humilde de Coração, e achareis repouso para as vossas almas» (*Alleluia*). Se é impossível eliminar da vida toda a dor, é no entanto possível, a quem vive por Jesus, sofrer em paz e encontrar no Seu Coração repouso para a alma cansada.

2 — O Evangelho e a Epístola fazem-nos considerar ainda mais directamente, o Coração de Jesus. O Evangelho (Jo. 19, 31-37) mostra-nos o Seu Coração posto a descoberto pela ferida da lança, e S.to Agostinho comenta: «O Evangelista disse *abriu*, a fim de nos mostrar que, de alguma maneira, se nos abre ali a porta da vida, donde brotaram os Sacramentos». Do Coração trespassado de Cristo — símbolo do amor que O imolou por nós na Cruz — brotaram os Sacramentos, figurados

na água e no sangue saídos da Sua chaga, através dos quais recebemos a vida da graça; sim, é justo dizer que o Coração de Jesus foi aberto para nos introduzir na vida. «Estreita é a porta que conduz à vida» (Mt. 7, 14), disse Jesus um dia; mas se por esta porta entendemos a chaga do Seu Coração, podemos dizer que não nos podia abrir uma porta mais acolhedora.

S. Paulo, na sua belíssima Epístola, (Ef. 3, 8-19), convida-nos a entrar, ainda mais adentro, no Coração de Jesus para contemplar as Suas «riquezas incompreensíveis» e penetrar o «mistério escondido, desde o princípio dos séculos, em Deus». Este «mistério» é exactamente o mistério do amor infinito de Deus que nos preveniu desde a eternidade e que nos foi revelado pelo Verbo feito carne; é o mistério daquele amor que nos quis remir e santificar em Cristo, «no qual temos segurança e acesso a Deus». Mais uma vez Jesus Se nos apresenta como a porta que conduz à salvação: «Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo» (Jo. 10, 9); e a porta é o Seu Coração que, rasgando-se por nós, nos introduziu na vida. Só o amor nos pode fazer penetrar neste mistério de amor infinito; mas não basta um amor qualquer, é necessário, como diz S. Paulo, estarmos «arraigados e fundados na caridade»; só assim poderemos «conhecer aquele amor de Cristo que excede toda a ciência, para que sejamos cheios de toda a plenitude de Deus».

Colóquio — «Ó Jesus, por divina disposição foi permitido que um dos soldados Vos abrisse e rasgasse o lado. Com o sangue e a água que dele brotaram foi derramado o preço da nossa salvação que saindo da fonte secreta do Vosso Coração, havia de dar aos Sacra-

mentos a força para conferirem a vida da graça e havia de ser também para os que vivem em Vós a taça que se alimenta da fonte viva que jorra para a vida eterna. Levanta-te, pois, alma minha, não cesses de velar; aproxima a tua boca para te dessedentares bebendo na fonte do Salvador.

«Ó Jesus, agora que já entrei no Vosso dulcíssimo Coração — e bom é estar aqui — não me quero deixar separar facilmente de Vós. Oh! como é bom e doce habitar no Vosso Coração! O Vosso Coração, ó bom Jesus, é o rico tesouro, é a pérola preciosa que descobri no esconderijo do Vosso Corpo trespassado, como num campo escavado. Quem deitará fora esta pérola? De boa vontade atirarei à rua todas as pérolas do mundo, darei em troca todos os meus pensamentos e afectos para a comprar; lançarei toda a minha solicitude no Vosso Coração, ó bom Jesus e Ele me saciará com certeza. Encontrei o Vosso Coração, Senhor, o Vosso Coração, ó benigníssimo Jesus: Coração de rei, Coração de irmão, Coração de amigo. Escondido no Vosso Coração, eu não rezarei? Sim, rezarei. Desde já, o Vosso Coração, digo-o sinceramente, é também o meu coração. Se Vós, ó Jesus, sois a minha Cabeça, porque não deverá chamar-se meu aquilo que é Vosso? Não é verdade que são meus os olhos da minha cabeça? Portanto o Coração da minha Cabeça espiritual é o meu coração. Que alegria para mim! Olhai: Vós e eu temos um só coração. Entretanto, ó Jesus dulcíssimo, havendo reencontrado este Coração divino que é Vosso e meu, elevarei a Vós, Deus meu, a minha prece: acolhei no sacrário das Vossas audiências as minhas orações, ou antes, atraí-me inteiramente ao Vosso Coração» (S. Boaventura).

209. DEVOÇÃO AO CORAÇÃO DE JESUS

Ó Sagrado Coração de Jesus, ensinaí-me a conhecer-Vos, ensinaí-me a amar-Vos.

1 — O objecto da devoção ao Sagrado Coração é, propriamente falando, o Coração de carne de Jesus, o qual fazendo parte da Sua Humanidade santíssima, unida hipostaticamente ao Verbo, é digno de adoração. Contudo, o objecto terminal desta devoção é o amor de Jesus, de que o Seu Coração é o símbolo; por outras palavras, «sob a imagem simbólica do Coração, consideramos e veneramos a imensa caridade e o amor generoso do nosso divino Redentor» (Pio VI). Este é o significado da devoção ao Sagrado Coração, pelo qual a Igreja nos convida a honrar o Coração de Jesus como imagem visível do Seu amor invisível. «A Vossa caridade — canta a liturgia da festa — quis que fôsseis trespassado por um golpe visível de lança, para que venerássemos as feridas do Vosso amor invisível» (BR.). O objecto principal da devoção ao Sagrado Coração é, pois, o amor de Jesus: primeiro, o amor incriado com que Ele, enquanto Verbo, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, nos amou desde a eternidade e pelo qual, desde a eternidade, decidiu incarnar para a nossa salvação; e depois, o amor criado, de caridade, com que nos amou enquanto Homem até morrer por nós na cruz, merecendo-nos, com o Seu amor, aquela mesma caridade com a qual pudéssemos corresponder ao Seu amor. É este o sentido mais profundo da devoção ao Sagrado Coração, sentido tão bem compreendido por S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus que fez desta devoção o centro da sua vida. A Santa — dizem

os processos — «considerava o Coração de Jesus como o centro [a fonte] do amor em que o Verbo Divino, no seio do Pai, nos amou por toda a eternidade merecendo-nos que, participando desse mesmo amor, pudéssemos corresponder ao Seu amor na terra e no céu» (Sp. pg. 182).

2 — As outras devoções ao Redentor têm por objecto mistérios ou aspectos particulares da Sua vida, como por exemplo a Incarnação, a vida oculta, a Paixão, etc.; mas a devoção ao Sagrado Coração visa um objecto mais geral: o amor de Jesus, amor que constitui o motivo profundo e essencial de todos os Seus mistérios, que é a causa primeira e única de tudo quanto Ele fez por nós. Sob este aspecto, a devoção ao Sagrado Coração toca, por assim dizer, no fundo de todos os mistérios do Redentor, toca no fundo essencial da Sua vida, da Sua Pessoa: é o amor que explica a Incarnação do Verbo, é o amor que explica a existência do Homem-Deus, é o amor que explica a Sua Paixão, a Sua Eucaristia. É impossível compreender o mistério pelo qual o Filho de Deus Se fez carne, morreu na cruz para salvar os homens e Se fez seu alimento, sem admitir este amor infinito que impeliu Deus — o Altíssimo, o Criador — a encontrar a forma de Se dar todo pela salvação da Sua criatura. A Igreja exprime-se justamente neste sentido num dos hinos do Ofício do Sagrado Coração: «*Amor coegit te tuus mortale corpus sumere*», o amor impeliu-Vos — ou antes, obrigou-Vos, se tomamos o vocábulo latino em toda a sua força — a tomar um corpo mortal para nos restituir o que o pecado de Adão nos havia tirado. E o hino continua, glorificando ora o amor eterno do Verbo, ora o amor humano de Jesus, amores que na

realidade não se podem separar, como não se pode separar a Humanidade Santíssima de Jesus do Verbo que a assumiu. Jesus é simultaneamente Deus e Homem e assim, o Seu amor é ao mesmo tempo amor divino e amor humano; Jesus amou-nos e ama-nos continuamente como Deus e como Homem. O Seu amor humano, criado, é sublimado pelo amor eterno do Verbo, ou antes, converte-se no próprio amor do Verbo que o faz Seu como são Seus todos os sentimentos e acções de Cristo-Homem; e o Seu amor divino torna-se-nos sensível, compreensível, tangível, por meio da manifestação do Seu amor humano. É sempre a Humanidade de Jesus que nos revela a Sua Divindade e do mesmo modo que através desta Humanidade santíssima conhecemos o Filho de Deus, também através do amor humano de Jesus conhecemos o Seu amor divino.

Colóquio — «Para isto, ó Jesus, foi trespassado o Vosso lado: para que nos fosse facilitada a entrada. Foi ferido o Vosso Coração para que, livres das inquietações, pudéssemos habitar nele. Mas foi ainda ferido para que através da chaga visível vissemos a chaga invisível do amor, porque quem arde em amor, é ferido pelo amor. Como podereis mostrar-nos melhor este Vosso amor ardente do que deixando uma lança dilacerar-Vos não só o corpo, mas até o Coração? A ferida corporal indica, portanto, a ferida espiritual.

«Quem, pois, não amará este Coração assim trespassado? Quem não corresponderá com amor a Quem tanto nos ama? Quem não abraçará um Esposo tão casto? Certamente, ó Senhor, corresponde-Vos com amor a alma que, sentindo-se ferida pelo Vosso Amor, grita: 'Estou ferida pela caridade'. Também nós, pere-

grinos na carne, na medida do possível, amamos, correspondemos com amor, abraçamos o nosso Ferido, a quem foram trespassados as mãos e os pés, o lado e o Coração. Amamos e oramos: ó Jesus, dignai-Vos atar com o laço e ferir com o dardo do Vosso amor o nosso coração, ainda duro e impenitente» (S. Boaventura).

«Ó Jesus, um dos soldados abriu-Vos o lado com uma lança para que, no Vosso lado aberto, conheçamos o amor do Vosso Coração, amor que chegou até à morte, e entremos nós também nesse amor inefável pelo qual viestes a nós. Aproxima-te, pois, alma minha, do Coração de Cristo, Coração grande, Coração secreto, Coração que em tudo pensa, Coração que tudo conhece, Coração que ama, ou antes, que arde em amor. Fazei-me compreender, Senhor, que a porta do Vosso Coração foi aberta pela veemência do amor e permiti-me entrar no esconderijo do Vosso amor, oculto desde a eternidade, mas revelado agora pela chaga do Vosso Coração» (cfr. S. Bernardino de Sena).

210. O AMOR MISERICORDIOSO

III DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Jesus, dignai-Vos descobrir-me os tesouros de misericórdia encerrados no Vosso Coração.

1 — A liturgia de hoje é um caloroso convite à confiança no amor misericordioso de Jesus. Desde o princípio da Missa a Igreja faz-nos rezar assim: «Olhai para mim, Senhor, tende compaixão, pois vivo só e ao desamparo. Reparai na minha miséria e sofrimento e perdoai todos os meus pecados» (Intr.) Depois na Colecta pe-

dimos: «Ó Deus... multiplicai sobre nós a Vossa misericórdia», e um pouco mais adiante exorta-nos: «Descarrega o teu fardo no Senhor e Ele te sustentará» (Grad.). Mas como justificar tanta confiança em Deus, sendo nós sempre uns pobres pecadores? Esta justificação encontramos-la no Evangelho do dia (Lc. 15, 1-10) que refere duas parábolas de que Jesus Se serviu a fim de nos ensinar que jamais confiaremos demasiado na Sua misericórdia infinita: a parábola da ovelha perdida e a da dracma perdida. Primeiro é-nos apresentado o Bom Pastor que vai atrás da ovelha tresmalhada: é a figura de Jesus, descido do céu para ir à procura da pobre humanidade perdida nos antros obscuros do pecado; para a encontrar, para a salvar e conduzir novamente ao redil, Ele não hesita em enfrentar os sofrimentos mais amargos e até a morte. «E tendo-a encontrado, põe-na sobre os ombros alegremente e, indo para casa, chama os seus amigos e vizinhos, dizendo-lhes: 'Congratulai-vos comigo porque encontrei a minha ovelha que se tinha perdido'». É a história do amor de Jesus não só para com toda a humanidade, mas para com cada alma em particular; história bem sintetizada na doce figura do bom pastor, sob a qual Jesus Se quis apresentar. Pode dizer-se que a figura do bom pastor — tão amada nos primeiros séculos da Igreja — equivale à do Sagrado Coração; uma e outra são a expressão viva e concreta do amor misericordioso de Jesus e convidam-nos a ir a Ele com plena confiança.

2 — «Digo-vos que haverá maior júbilo no céu por um pecador que fizer penitência que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência». Com este pensamento, embora expresso de forma diversa,

terminam as três parábolas da misericórdia: a da ovelha perdida, a da dracma perdida e a do filho pródigo. Esta insistente repetição indica-nos o grande cuidado que Jesus teve em inculcar-nos um sentido profundo da misericórdia infinita, misericórdia que contrasta com a atitude dura e desdenhosa dos fariseus que murmuravam, dizendo: «Este [Jesus] recebe os pecadores e come com eles». As três parábolas são a resposta do Mestre à insinuação maliciosa e mesquinha dos fariseus.

A nós, criaturas limitadas e espiritualmente tão curtas de vista, não nos é fácil compreender a fundo este inefável mistério; e não só nos é difícil entendê-lo a respeito dos outros, mas mesmo quando se trata de nós próprios. Contudo Jesus disse e repetiu: «Haverá maior júbilo no céu por um pecador arrependido que por noventa e nove justos», e com isto quis declarar-nos quanta glória dá a Deus a alma que, após as suas quedas, volta para Ele arrependida e confiada. O sentido destas palavras não se há-de aplicar somente aos grandes pecadores, aos que se convertem do pecado grave, mas também àqueles que se convertem dos pecados veniais, que se humilham e depois se levantam das infidelidades cometidas por fragilidade ou irreflexão. Esta é a nossa história de todos os dias: quantas vezes nos propusemos vencer a nossa impaciência, a nossa irascibilidade ou susceptibilidade, e quantas vezes recaímos! Porém, se reconhecermos humildemente o nosso erro e formos, com confiança, «pedir perdão a Jesus, lançando-nos nos Seus braços, Ele estremecerá de alegria» e «fará mais ainda: amar-nos-á mais do que antes da nossa falta» (T.M.J. *Cart.* 231 e CL.).

No Communio a liturgia repete hoje o último versículo do Evangelho: «Assim vos digo eu que haverá júbilo

entre os anjos de Deus por um pecador que faz penitência»; e nós peçamos a Jesus, na Sagrada Comunhão, que nos faça compreender os segredos do Seu infinito amor misericordioso.

Colóquio — «Em quem, Senhor, poderá resplandecer melhor a Vossa misericórdia do que em mim que tanto obscureci, com as minhas más obras, as Vossas grandes mercês? Se procuro desculpa, nenhuma encontro, nem posso culpar ninguém senão a mim! Para pagar alguma coisa do amor que me começastes a mostrar, não deveria empregar o meu em ninguém senão em Vós. Mas se o não mereci, nem tive tal ventura, valha-me agora, Senhor, a Vossa misericórdia!...

«De tão grande maldade e tão excessiva ingratidão, já algum bem tirou a Vossa infinita bondade; e quanto maior é o mal, mais resplandece o benefício das Vossas misericórdias. Oh! e com quanta razão as posso cantar para sempre! Suplico-Vos, Senhor, que assim seja e que eu as cante sem fim, já que tivestes por bem fazê-las tão grandes comigo. Fico muitas vezes fora de mim para melhor poder louvar-Vos; pois estando em mim, sem Vós, Senhor, não poderia fazer mais do que tornar a cortar as flores do meu jardim, voltando esta miserável terra a servir de estrumeira como antes. Não o permitais, ó Senhor, nem queirais que se perca alma que com tantos trabalhos comprastes e tantas vezes tornastes a resgatar, arrancando-a aos dentes do espantoso dragão» (T.J. Vi. 4, 4; 14, 10).

«Ó Jesus, eu sei que o Vosso Coração fica mais magoado com as mil pequenas indelicadezas dos seus amigos do que com as faltas, mesmo graves, que cometem as pessoas do mundo. Todavia parece-me que é

só quando as nossas indelicadezas se tornam habituais e não Vos pedimos perdão delas, que Vós podeis dizer: 'Estas chagas que vedes no meio das minhas mãos, recebi-as na casa daqueles que me amavam!' Mas se depois de cada pequena falta vimos pedir-Vos perdão, lançando-nos nos Vossos braços, Vós estremeceis de alegria e dizeis aos Vossos anjos o que o pai do filho pródigo dizia aos seus servos: 'Vesti-o com a sua melhor roupa, ponde-lhe um anel no dedo e regozijemo-nos'. Ó Jesus, como são pouco conhecidos a bondade e o amor misericordioso do Vosso Coração!» (cfr. T.M.J. *Cart.* 231).

211. CORRESPONDER AO AMOR

Ó Jesus que tanto me amastes, tornai-me capaz de corresponder ao Vosso amor.

1 — Leão XIII, na Encíclica *Annum Sacrum*, afirma: «O Sagrado Coração de Jesus é o símbolo e a imagem da caridade infinita de Jesus Cristo, caridade que nos incita a corresponder-Lhe». De facto, nada melhor que o amor é capaz de suscitar amor. «Amor com amor se paga», disseram e repetiram sempre os Santos. S.ta Teresa de Jesus escreve: «Sempre que pensarmos em Cristo, recordemo-nos do amor com que nos fez tantas mercês... pois amor atrai amor. E ainda que nos vejamos muito no princípio e muito ruins, procuremos ir considerando sempre estas verdades e despertando-nos a amar» (Vi. 22, 14).

Justamente para nos incitar ao amor, a Igreja propõe-nos a devoção ao Sagrado Coração de Jesus; no

Ofício da Sua festa, depois de nos ter recordado as inúmeras provas do amor de Cristo, esta boa Mãe pergunta-nos com vivo entusiasmo: «Quem não pagará com amor a quem tanto nos amou? Quem entre os Seus remidos não O amará?» (hino de Laudes). E para nos impelir cada vez mais a dar amor por amor, põe nos lábios de Jesus estas palavras sublimes da Sagrada Escritura: «Amei-te com um amor eterno e, por isso, atraí-te cheio de compaixão» (lição III); e também: «*Fili, praebe mihi cor tuum*», filho, dá-Me o teu coração (ant. de Laudes). Eis em que consiste a verdadeira devoção ao Sagrado Coração: corresponder ao amor, «dar amor por amor», segundo se exprime S.ta Margarida Maria, a grande discípula do Sagrado Coração; «corresponder incessantemente com amor a quem tanto nos amou», como escreve S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus, a escondida, mas não menos ardente discípula do Coração divino.

2 — A estrutura da nossa vida espiritual depende, em grande parte, da ideia que fazemos de Deus. Se, como o servo preguiçoso do Evangelho (Mt. 25, 14-30), fazemos de Deus uma ideia acanhada e mesquinha, em vez de nos sentirmos estimulados a amá-LO e a entregar-nos generosamente ao Seu serviço, ficaremos frios, preguiçosos, calculadores, enterraremos também nós o talento recebido do nosso amo, não nos preocupando com empregar para Deus os bens que dEle recebemos. Muitos cristãos, infelizmente, vivem assim: servem a Deus como o escravo serve o seu amo; se se abstêm do pecado, é só por temor do castigo; se rezam ou fazem alguma obra boa, é só em vista do interesse próprio e, por isso, não há neles ímpeto algum de gene-

rosidade e de amor. Quando, pelo contrário, a alma começa a ter a intuição de que «*Deus caritas est*» (I Jo. 4, 8), a penetrar no mistério do amor infinito que a envolve, e a compreender o amor de Deus, o amor de Jesus para com ela, tudo então muda de aspecto porque «o amor atrai o amor». A devoção ao Sagrado Coração, que é a devoção ao amor infinito de Jesus, deve produzir em nós este efeito: fazer-nos compreender cada vez melhor «o amor de Cristo que excede toda a ciência» (Ef. 3, 19). Meditando e contemplando o Coração de Jesus trespassado por nosso amor, aprenderemos a ciência do amor, ciência que nenhum livro terreno nos pode ensinar, mas que se aprende somente no livro aberto do Coração de Cristo nosso único Mestre. «E ciência me ensinou mui saborosa» (J.C. C. 27, 2), canta com entusiasmo a alma que Jesus introduziu nos segredos do Seu divino Coração. Então a resposta ao Seu amor será fácil: «Ele amou-me e entregou-Se a Si mesmo por mim... e eu de muito boa vontade darei o que é meu e me darei a mim por Ele e pelas almas que são o Seu tesouro» (cfr. Gál. 2, 20; II Cor. 12, 15). O amor lança-nos para além de todo o cálculo, de todo o egoísmo.

Colóquio — «Desperta, ó minha alma. Até quando continuarás dormindo? Acima dos céus há um Rei que deseja possuir-te: ama-te com todo o coração, ama-te sem medida. Tão docemente, tão fielmente te ama que deixou o Seu reino e Se humilhou por ti. Para te procurar, suportou ser preso como um malfeitor. Ama-te tão cordial e fortemente, está tão zeloso por ti e tantas provas te deu disto que por ti entregou de bom grado o Seu corpo à morte. Lavou-te com o Seu Sangue e res-

gatou-te com a Sua morte. Até quando esperarás para corresponder ao Seu amor? Apressa-te, pois, a dar-Lhe uma resposta.

«Eis que venho a Vós, Jesus amantíssimo! Venho pela Vossa doçura, pela Vossa piedade, pela Vossa caridade; venho com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças. Quem me concederá ser toda conforme ao Vosso Coração, a fim de que possais encontrar em mim tudo quanto desejais?

«Ó Jesus, meu Rei e meu Deus, recebei-me no asilo benigníssimo do Vosso Coração divino e uni-me aí a Vós de modo que eu viva totalmente para Vós. Deixai doravante que me abisme no oceano imenso da Vossa misericórdia, que me abandone completamente à Vossa piedade, que me lance na fornalha ardente do Vosso amor e nela permaneça até ficar consumida...

«Mas que sou eu, meu Deus? Oh! como sou diferente de Vós, eu que sou o refugio de todas as criaturas! Vós, porém, sois a minha grande confiança porque em Vós está a compensação e a abundância dos bens que perdi. Fechai-me, Senhor, no sepulcro do Vosso Coração aberto pela lança e colocai em cima a pedra do Vosso olhar dulcíssimo, de modo que eu fique eternamente confiada aos Vossos cuidados. À sombra do Vosso amor paternal, servir-me-á de repouso a memória perpétua do Vosso precioso amor» (S.ta Gertrudes).

212. A CONSAGRAÇÃO AO CORAÇÃO DE JESUS

Ó Jesus, fazei-me digno de me consagrar ao Vosso dulcíssimo Coração e de viver a minha consagração.

1 — Precisamente porque a devoção ao Sagrado Coração desperta em nós a necessidade de corresponder ao Seu amor infinito, conduz espontaneamente a um acto de consagração pelo qual a criatura se quer entregar toda a Deus que tanto a amou. Consagrar-se ao Sagrado Coração — ensina Leão XIII — «quer dizer entregar-se, unir-se a Jesus Cristo, porque toda a honra, toda a homenagem, toda a piedade para com o Sagrado Coração se dirige na realidade ao próprio Jesus» (Enc. *Annum Sacrum*). E Pio XI explica em que consiste esse acto: «com esta piedosa consagração oferecemo-nos ao Coração de Jesus com tudo o que temos, reconhecendo que o receberemos da eterna caridade de Deus» (Enc. *Miserentissimus Redemptor*).

Amar é dar-se. «Amar é dar tudo e dar-se também a si próprio», cantou S.ta Teresa do Menino Jesus (Poetas). O amor, quando é verdadeiro, tem necessidade do dom total e neste dom total a Deus, a alma amante encontra a sua paz e o seu repouso. O grito inflamado de S. Paulo: «*caritas Christi urget nos*», resume-se no seu magnífico «*ut non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est*» (II Cor. 5, 14 e 15). Sim, a caridade de Cristo constrange-nos a viver, não já para nós mesmos, mas para Aquele que morreu por nós. Quem se consagra a uma pessoa, dá-se todo a ela, não se pertence mais, já não pode viver para si mesmo; os seus gostos, os seus interesses, os seus desejos, devem dar lugar aos gostos, interesses e desejos daquele a quem se entregou e a quem agora pertence. Este é o significado profundo

da consagração ao Sagrado Coração, consagração que, longe de se reduzir à recitação duma fórmula, deve abranger toda a nossa pessoa, a nossa vida, as nossas aptidões, empenhando todo o nosso ser e todo o nosso haver no serviço do Divino Coração.

2 — Quando se fala da consagração total ao Sagrado Coração, não se pretende falar da consagração que se faz a Deus por meio dos votos religiosos — reservada só a alguns — mas daquela consagração total proposta a todos por Jesus no Evangelho e que cada um está obrigado a praticar segundo o seu estado. «Amarás o Senhor teu Deus — diz Jesus — com *todo* o teu coração e com *toda* a tua alma e com *todo* o teu entendimento e com *todas* as tuas forças» (Mc. 12, 30); com esta repetição de «*todo*», pede-te um amor total e, por isso, pede-te também o dom *total* de ti mesmo, isto é, pede-te que te entregues a Ele e ao Seu serviço não a meias, mas plenamente. O caminho para o realizares, para demonstrares com factos a veracidade do teu amor e da tua entrega total é ainda Jesus que to mostra: «Se me amais, observai os meus mandamentos» (Jo. 14, 15). Não vás longe, portanto, à busca de modos e formas particulares para avivar a tua devoção ao Coração Sagrado, não a faças consistir em coisas excepcionais ou extraordinárias, aprende antes a encontrá-la muito próximo de ti na realidade concreta da tua vida quotidiana. Consagrar-te totalmente ao Sagrado Coração, quer dizer escolher os Seus mandamentos, a Sua vontade, os Seus desejos e os Seus gostos para norma da tua vida, pronto a renunciar à tua vontade e aos teus gostos quando estiverem em contraste com os Seus. Muitos são os cristãos que se consagram ao

Sagrado Coração, porém poucos os que vivem a sua consagração e a vivem plenamente. A maior parte vive esta consagração a meias, ou seja, prefere a vontade de Jesus à própria quando seria pecado grave agir de outro modo, mas quando se trata de pecados veniais, sobretudo de imperfeições, não tem escrúpulo de contrariar o Coração de Jesus e de agir a seu bel-prazer. Mas Jesus procura amigos mais féis, procura almas que vivam a sua consagração a ponto de jamais preferirem um desejo ou gosto pessoal, aos Seus desejos e gostos. Não queres ser destes? «Filho, dá-me o teu coração», repete-te Jesus, e acrescenta: «dá-mo inteiramente, vivendo inteiramente segundo o meu coração».

Colóquio — «Coração adorável do meu amabilíssimo Jesus, que encontrastes em mim de bom para me amardes sem medida, mesmo quando o meu coração, manchado com mil culpas, não manifestava para conVosco senão indiferença e rudeza? As grandes provas de amor que me destes mesmo quando eu Vos não amava, permitem-me esperar que aceitareis complacente as do meu amor. Aceitai, pois, amabilíssimo Salvador, o desejo que tenho de me consagrar inteiramente à honra e à glória do Vosso Coração santíssimo; aceitai a oferenda que Vos apresento de tudo quanto sou; consagro-Vos a minha pessoa, a minha vida, as minhas acções, penas e sofrimentos, querendo ser de futuro uma vítima consagrada à Vossa glória, abrasada num instante e consumida um dia totalmente pelas sagradas chamas do Vosso amor. Ofereço-Vos, ó Senhor e meu Deus, o meu coração com todos os seus sentimentos, porque desejo que em toda a minha vida sejam perfeitamente conformes aos sentimentos do Vosso. Eis-me aqui, ó Senhor,

sou toda do Vosso Coração; eis-me aqui, sou toda Vossa. Ó meu Deus, quão grandes são as Vossas misericórdias para comigo!... Adorável Salvador, recebi também a minha consagração como reparação pelas ofensas que não deixei de Vos fazer até agora, correspondendo tão mal ao Vosso amor. Reconheço que Vos dou bem pouco, mas ao menos quero dar-Vos tudo quanto possuo e sei que Vós desejais; por isso, consagrando-Vos o meu coração, dou-Vo-lo para nunca mais o retomar.

«Ensinai-me, amabilíssimo Salvador, o perfeito esquecimento de mim mesma porque só este é o caminho que me pode fazer entrar no Vosso Coração adorável; e já que doravante farei tudo por Vós, permiti que tudo quanto eu fizer seja digno de Vós. Ensinai-me o que devo fazer para chegar à pureza do Vosso amor; mas dai-me este amor, dai-mo ardentíssimo e generosíssimo. Dai-me uma profunda humildade sem a qual ninguém pode agradar-Vos e realizai em mim todos os Vossos santos desejos» (S.ta Margarida Maria Alacoque).

213. A REPARAÇÃO

Ó Coração de Jesus ferido por nosso amor, tornei-me digno de reparar as feridas que os nossos pecados Vos infligiram.

1 — O hino das primeiras Vésperas da festa do Sagrado Coração, diz: «Eis como o insolente e horroroso séquito dos nossos crimes feriu o Coração inocente de um Deus»; e com maior realismo, continua: «A lançada do soldado foi dirigida pelos nossos pecados» (BR.). Estas expressões lembram-nos as palavras de Jesus a

S.ta Margarida Maria: «Eis o Coração que tanto amou os homens... mas em troca do Seu amor infinito, só recebe Ingratidão, esquecimento, indiferença, ultrajes, por vezes até daqueles mesmos que deviam tributar-Lhe especial amor». Perante esta queixa do Coração divino, a alma amante não pode ficar indiferente: quer expiar, reparar, consolar. E quer fazê-lo — ensina Pio XI — por um duplo motivo: «de justiça e de amor; de justiça, para reparar a ofensa causada a Deus pelas nossas culpas...; de amor, para sofrer com Cristo paciente e saturado de opróbrios e oferecer-Lhe, segundo a nossa pequenez, algum alívio» (Enc. *Miserent. Red.*). Que devamos reparar pelos nossos pecados, é fácil de entender, mas que possamos fazê-lo também para consolar o Coração de Jesus, não se compreende tão claramente. «Como se poderá dizer — pergunta Pio XI — que Cristo que reina feliz no céu, possa ser consolado por estes actos de reparação? ‘Dai-me uma alma amante e ela compreenderá o que digo’» (ib.), responde o grande Papa com as palavras de S.to Agostinho. Com efeito, a alma que penetra com amor no mistério de Jesus, compreende bem que, quando Ele via no Getsemani todos os nossos pecados, via também todas as boas obras que fariamos para O consolar e, na verdade, consolaram-nO então os actos que hoje realizamos com esse fim. Este pensamento estimula-nos cada vez mais à prática de actos de reparação, a fim de que Jesus não tenha motivos para nos dirigir, também a nós, a piedosa queixa: «A dor despedaçame o coração... esperava alguém que me consolasse e não encontrei» (*Missa do S. Coração*).

2 — O conceito de reparação evoca o de vítima reparadora, conceito bem conhecido dos devotos do Sagrado

Coração e reconhecido oficialmente pela Igreja, através da Encíclica de Pio XI sobre a reparação. O venerando documento explica o que deve fazer a alma que pretende oferecer-se como vítima: «deverá, sem dúvida, não só aborrecer todo o pecado como mal supremo e fugir dele, mas entregar-se inteiramente à vontade de Deus e dedicar-se a reparar a honra ultrajada da divina Majestade pela oração assídua, pela mortificação voluntária, pela aceitação paciente das provas que vêm ao seu encontro, enfim, pela vida inteira vivida segundo este espírito de reparação» (*Miserent. Red.*). Estamos muito longe do falso conceito de vítima pelo qual, sob o pretexto de se deverem oferecer imolações extraordinárias, as almas se esquivam à realidade da vida quotidiana e se julgam capazes de quaisquer sofrimentos quando, de facto, procuram afastar-se dos sacrifícios de cada dia. O conceito de vítima reparadora proposto pela Igreja é, pelo contrário, algo de muito sério, concreto e realista. A alma vítima deve reparar o pecado e repará-lo-á fazendo o inverso do que é o pecado. O pecado é um acto de rebelião contra Deus e contra a Sua vontade, manifestada na lei e nas disposições da divina Providência. Por isso o inverso do pecado será aderir totalmente à vontade divina, abraçando-a com todo o coração e em todas as suas manifestações apesar das repugnâncias que se possam sentir. Eis o programa da alma vítima: não evitar somente o pecado, nas suas mais leves formas, mas ir ao encontro da vontade de Deus para que Ele possa realmente fazer dela tudo o que quiser. Acrescentará depois orações e penitências voluntárias, mas estas só terão valor na medida em que brotarem de um coração inteiramente rendido à vontade divina. E note-se que a primeira penitência —

também apontada pela Encíclica — será sempre «a aceitação paciente» das provações da vida.

Colóquio — «Ó Deus, porque não posso lavar com as minhas lágrimas e com o meu sangue todos os lugares onde foi vilipendiado o Vosso Coração? Porque não me é permitido reparar tantos sacrilégios e tantas profanações? Porque não me concedeis, por um só momento, ser senhora do coração de todos os homens, para desagravar, com o sacrifício que deles Vos faria, o esquecimento e a insensatez de todos os que não quiseram conhecer-Vos ou que, embora conhecendo-Vos, tão pouco Vos amaram? Mas, Salvador adorado, o que mais me enche de confusão e mais me aflige, é que eu própria fui destes ingratos. Vós, Deus meu, que vedes o fundo do meu coração, olhai a dor que sinto pelas minhas ingratidões e por ver como sois tão indignamente tratado. Eis-me aqui, Senhor, com o coração despedaçado pela dor, humilhado, aberto, pronto a receber da Vossa mão tudo quanto Vos aprouver exigir-me em reparação de tantos ultrajes» (S.ta Margarida Maria Alacoque).

«Sim, meu Deus... Vós sabeis que nada mais desejo do que ser uma vítima do Vosso Sagrado Coração toda consumada em holocausto pelo fogo do Vosso santo amor e por isso o Vosso Coração será o altar onde se deve realizar esta minha consumação em Vós, meu querido Esposo, e Vós deveis ser o Sacerdote que consumirá esta vítima com os ardores do Vosso Santíssimo Coração. Meu Deus, quão grande é a minha confusão ao ver como é culpada esta vítima e indigna de que Vós aceiteis o seu sacrifício. Mas confio que tudo será reduzido a cinzas naquele divino fogo.

«Pela oferta completa que de mim mesma Vos fiz,

quero ceder-Vos o meu livre arbítrio, porque só Vós, daqui para o futuro, deveis ser o Senhor do meu coração e por isso só a Vossa vontade deverá ser a norma das minhas acções. E assim, dispõe sempre de mim como Vos aprouver porque com tudo ficarei contente... pois desejo amar-Vos com um amor paciente, com um amor morto, quer dizer, inteiramente abandonado a Vós, e com um amor operante, em suma, com um amor sólido e sem divisão e, o que mais importa, com um amor perseverante» (S.ta Teresa Margarida, *Sp.* pg. 324 e 325).

214. O CORAÇÃO DE JESUS, NOSSO MODELO

Sagrado Coração de Jesus. ensinai-me a modelar os movimentos do meu coração segundo os do Vosso.

1 — A alma consagrada ao Sagrado Coração, a alma reparadora, deve sentir a necessidade de modelar a sua vida pela de Jesus. Como podes dizer-te verdadeiramente consagrado ao Sagrado Coração e como podes chamar-te Sua vítima reparadora, se tu mesmo conservas no teu coração sentimentos, apetites e gostos contrários aos Seus?

É claro que, para modelar o teu coração pelo Coração de Cristo, não podes restringir-te a eliminar este ou aquele defeito e a adquirir esta ou aquela virtude, mas debes tender à reforma de toda a tua vida. Contudo, o Mestre divino, quando quis apresentar-nos o Seu Coração como modelo, falou de duas virtudes particulares: a mansidão e a humildade. «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração» (Mt. 11, 23). E não sem motivo; com efeito, quando tiveres eliminado

do teu coração todos os movimentos e ressentimentos do amor próprio e do orgulho, terás com isso eliminado todos os outros defeitos; e quando tiveres adquirido uma humildade profunda terás adquirido ao mesmo tempo todas as outras virtudes. Considera, portanto, esta grande lição do Coração de Jesus.

Primeiramente, Jesus fala-te de mansidão. A mansidão é a virtude que torna o homem capaz de dominar aquilo que, de um modo genérico, se pode chamar ira, cólera. Esta virtude confere-te o poder de refrear e dominar todos esses movimentos um pouco apaixonados que às vezes te fazem sair dos justos limites, ou te fazem perder um pouco... a bússola. E como a bússola duma alma que se quer dar ao serviço de Deus é o próprio Deus, é o Coração de Jesus, se mesmo só por um instante, perderes de vista o Senhor e te afastares dEle, acabarás por seguir o teu amor próprio, as tuas paixões; a mansidão, pelo contrário, torna-te senhor de ti mesmo, capaz de dominar todo o género de irritação. Se te examinares bem, reconhecerás que esta irritação provém quase sempre do amor próprio um pouco ferido, do apetite irascível posto em movimento por alguma coisa que feriu o teu eu. Repara, pois, como a mansidão é uma virtude intimamente ligada à humildade.

2 — Nosso Senhor une à lição sobre a mansidão, a da humildade porque o fundamento imediato da mansidão é precisamente a humildade.

Basta que haja em ti um pouco de orgulho, de amor próprio, de apego ao teu modo de ver ou de agir, para que já não saibas ser contrariado, e então, em face dos inevitáveis choques provenientes da convivência,

perderás, mais ou menos, a calma, a paz interior e exterior. Perdendo a calma, perdes também a serenidade de juízo e, por conseguinte, não podes ver já com clareza a Luz divina que te mostra o caminho a seguir e aquilo que o Senhor quer de ti. Então, a tua vontade vacila, perde o vigor e deixa-se arrastar um pouco pela paixão. Enquanto houver em ti restos de orgulho e de amor próprio, surgirão sempre ocasiões em que perderás um pouco o controle e o domínio de ti mesmo e em que, por consequência, faltarás à mansidão. Para tirares proveito da lição do Coração de Jesus, para modelares o teu coração segundo o Seu, deves trabalhar assiduamente para extirpares em ti todos os gérmenes do orgulho e do amor próprio. É um trabalho em que te deves empenhar dia após dia, começando sempre sem desanimares pelo constante renascer dos sentimentos e ressentimentos do teu eu. Só vencerás esta batalha não cessando nunca de combater.

Para te encorajares nesta luta, pensa que ela aproveitará não só ao bem da tua alma, mas também ao de outras almas porque — como ensina Pio XI — «quanto mais imolarmos o amor próprio e as nossas paixões... tanto mais copiosos frutos de propiciação e de expiação recolheremos para nós e para os outros» (*Miserent. Red.*). Portanto, a luta contra o amor próprio e o exercício da humildade entram, em cheio, no programa

da alma consagrada ao Sagrado Coração e que se ofereceu a Ele como vítima reparadora.

Colóquio — «Ó Coração santíssimo de Jesus que tanto gostais de cumular de benefícios os miseráveis e de instruir a quem quer aproveitar na escola do Vosso amor, Vós convidais-me continuamente a ser como Vós,

doce e humilde de coração. Por isso estou persuadida de que, para conquistar a Vossa amizade e chegar a ser Vossa verdadeira discípula, nada de melhor poderei fazer do que ser deveras doce e humilde. Concedei-me, pois, uma humildade sincera que me mantenha sujeita a todos, que me faça suportar em silêncio as pequenas humilhações e que mas faça ainda aceitar de bom grado, com serenidade, sem desculpas, sem lamentações, considerando que mereço mais e maiores.

«Ó Jesus, permiti-me entrar no Vosso Coração como numa escola. Nesta escola ensinai-me a ciência dos santos, nesta escola ouvirei com atenção as Vossas doces palavras: 'Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas'. Compreendo-o, as tempestades que posso temer nascem apenas do amor próprio, da vaidade, do apego à minha vontade. Defendei-me, Senhor, protegei Vós a paz da minha alma!... O Vosso Coração é um abismo de amor onde devo submergir qualquer outro amor, especialmente o amor próprio com todos os seus frutos de respeito humano, de vã complacência, de egoísmo. Afogando estas inclinações no abismo do Vosso amor, acharei nele todas as riquezas necessárias à minha alma. Ó Jesus, se em mim sinto um abismo de orgulho e vanglória, quero afogá-lo imediatamente nas humilhações profundas do Vosso Coração que é o abismo da humildade. Se em mim descubro um abismo de agitação, de impaciência, de cólera, recorrerei ao Vosso Coração que é um abismo de doçura. Em todas as circunstâncias, em todas as ocasiões, quero abandonar-me ao Vosso Coração, oceano de amor e de caridade, e não sair dele enquanto não estiver toda penetrada pelo seu fogo divino» (cfr. S.ta Margarida Maria Alacoque).

215. O CORAÇÃO DE JESUS, NOSSO REFÚGIO

Ó Jesus, dignai-Vos introduzir-me no Vosso Coração sacratíssimo e que Ele seja o lugar do meu recolhimento, do meu refúgio, do meu repouso.

1 — A liturgia da festa do Sagrado Coração apresenta-nos o Coração de Jesus como arca de salvação, como nosso asilo e refúgio. «Coração, arca... da graça, do perdão, da misericórdia. Coração, santuário puríssimo da nova aliança, templo mais santo que o antigo... Quem não escolherá este Coração para sua eterna morada? (BR.). «Nestas benditas aberturas do Coração de Cristo me refugiarei — exclama S. Pedro Canísio — nelas colocarei, com toda a segurança, o meu ninho». Esta foi sempre a aspiração das almas contemplativas, das almas de vida interior: refugiarem-se no Coração de Cristo como em seu asilo preferido. S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus escrevia nos seus últimos propósitos: «Meu Deus, doravante proponho encerrar-me no Vosso amabilíssimo Coração como num deserto para aí viver em Vós, convosco e por Vós, uma vida escondida de amor e de sacrifício» (Sp. pg. 324). A alma que deseja aprofundar os mistérios de Cristo, que deseja entender alguma coisa do Seu amor infinito, não encontra melhor meio do que penetrar em Seu Coração ou, como se exprime S. João da Cruz, «esconder-se no peito do Amado; porque a estes recessos a convida Ele nos Cantares, dizendo: 'Levanta-te e dá-te pressa amiga minha, formosa minha e vem às aberturas da pedra e às concavidades do muro'» (Cant. 37, 5). Encerra-te, portanto, no Coração de Cristo para contemplar os Seus mistérios e o Seu amor, mas encerra-te também nEle para encontrar uma defesa para a tua

vida interior. Este é um lugar de retiro que está sempre à tua disposição e no qual podes refugiar-te mesmo vivendo no meio das ocupações e dos negócios. Quando o barulho, a curiosidade, a tagarelice, a vaidade do mundo tentarem invadir-te, usa a prática de te refugiares, com um rápido movimento interior, no Coração de Jesus e aí encontrarás sempre recolhimento e paz.

2 — «Em toda a tentação refugia-te com diligência no amável Coração de Cristo, põe diante dos teus olhos a Sua bondade e caridade e compara com elas a tua baixaza, malícia, infidelidade e arrogância» (S. Pedro Canísio). Sim, o Coração de Jesus será o teu mais seguro asilo durante as tentações; se queres fugir das insídias de Satanás e da tua má natureza, refugia-te no Coração dAquele que venceu Satanás e que sarou, com as Suas feridas, as nossas misérias. Jesus é o vencedor do mal; refugiando-te nEle, nada terás a temer. A tempestade poderá ainda rugir contra ti, mas a tua alma estará bem abrigada e protegida do naufrágio. Seja qual for o género de lutas que devas sustentar, ainda as mais duras e humilhantes, conserva intacta a tua confiança naquele Coração divino que é a salvação dos que nEle esperam. «Cor Jesus, salus in te sperantium», faz-nos dizer a Igreja na ladainha do Sagrado Coração.

Mesmo nas quedas, nas infidelidades de cada dia, continua a confiar neste dulcíssimo Coração: «atira com grande confiança os teus pecados ao abismo da Sua caridade — aconselha-te S. Pedro Canísio — e encontrar-te-ás súbitamente livre deles». E S. Bernardo afirma com maior energia: «Cometi um grande pecado; perturbar-se-á a consciência, mas não se desconcertará,

porque me lembrarei das chagas do Senhor. Efectivamente Ele foi chagado pelas nossas iniquidades. Quem estará tão condenado à morte que não possa ser libertado pela morte de Cristo?» Recorre com esta confiança ao Coração de Jesus e refugia-te n'Ele em todas as tuas quedas. Apesar da boa vontade de seres sempre fiel, muitas vezes te acontecerá, ou por fraqueza ou por surpresa, cometer alguma falta: humilha-te profundamente, reconhece com humildade a tua miséria, mas que tal constatação nunca te afaste do Coração de Jesus. Volta a Ele como o filho pródigo à casa do Pai e, ao regressares, pede perdão, beija a Sua sacratíssima chaga e renova o propósito de estabeleceres a tua morada neste Coração cheio de bondade e de misericórdia.

Colóquio — «Ó dulcíssimo Jesus, a malícia dos meus pecados vedar-me-ia a entrada no Vosso Coração. Mas já que uma incompreensível caridade ampliou e dilatou o Vosso Coração, já que só Vós sois santo, só Vós podeis purificar aquele que foi concebido de um germen impuro; lavai-me da culpa, ó Jesus formosíssimo, limpai-me dos meus pecados. Fazei que, purificado por Vós possa aproximar-me de Vós, o Puríssimo, possa entrar e morar no Vosso Coração todos os dias da minha vida, para saber e praticar aquilo que de mim quereis!» (S. Boaventura).

«Onde poderá a nossa fraqueza encontrar um remanso firme e seguro, senão nas chagas do meu Salvador? Aí permanecerei com tanta maior segurança quanto Vós sois poderoso para me salvar. Grita o mundo, pesa o corpo, seduz o demónio: eu não cedo, fundado como estou sobre a pedra firme. Se então, ó Cristo, me lembrar das Vossas chagas, se me recordar

deste remédio tão poderoso e eficaz, nenhuma doença maligna me poderá assustar. Portanto, ó Senhor, cheio de confiança nas Vossas entranhas, procurarei o que me falta porque em Vós abunda a misericórdia e não faltam as aberturas das feridas por onde se derrame. Trespas-saram as Vossas mãos e os Vossos pés, e com uma lança abriram o Vosso lado; através destas feridas poderei saborear e ver como Vós sois doce, ó Senhor!...

«A lança atravessou a Vossa alma e atingiu-Vos o Coração, a fim de que soubésseis compadecer-Vos das minhas enfermidades. Nas feridas do Vosso Corpo descobri o segredo do Vosso Coração, descobri esse grande mistério de piedade, descobri as entranhas de misericórdia pela qual Vós descestes até nós do alto dos céus. Onde poderíamos ver, ó Senhor, mais claramente do que nas Vossas chagas como Vós sois doce, manso e cheio de misericórdia? Ninguém tem maior compaixão do que Aquele que dá a Sua vida pelos condenados e sentenciados à morte. Por isso todo o meu mérito está na Vossa misericórdia, ó Senhor, e eu não ficarei desprovido enquanto Vós fordes misericordioso» (S. Bernardo).

216. O SAGRADO CORAÇÃO E A EUCARISTIA

Sagrado Coração de Jesus, ensina-me a viver conVosco no Sacramento do Vosso amor.

1 — A devoção ao Sagrado Coração deve levar-nos a uma vida de íntima união com Jesus, e Jesus — bem o sabemos — encontra-Se vivo e verdadeiro na Eucaristia. Estas duas devoções, ao Sagrado Coração e à Eucaristia, estão intimamente ligadas entre si. Atraem-se e — poderia até dizer-se — exigem-se mutuamente.

O Sagrado Coração explica-nos o mistério do amor de Jesus que Se fez pão para nos alimentar com a Sua substância e, por outro lado, na Eucaristia temos a presença real deste mesmo Coração vivo no meio dos homens. É belo contemplar o Coração de Jesus como símbolo do Seu amor infinito, mas é ainda mais belo encontrá-lo sempre vivo, perto de nós, no Sacramento do altar. O Sagrado Coração que nós honramos não é o coração de um morto que já não palpita, com cuja lembrança nos contentamos, mas é o coração de um vivo, eternamente vivo. Vivo não somente no céu, onde reside gloriosa a Humanidade santa de Jesus, mas também na terra onde quer que se conserva a Eucaristia; e, na Eucaristia, este Coração repete-nos: «Eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos» (Mt. 28, 20). Na Comunhão, este Coração vem palpitar em nós, vem pôr-Se em contacto com o nosso coração, vem alimentar-nos com a Sua Carne e com o Seu Sangue, a fim de que nós permaneçamos nEle e Ele em nós. «Na Eucaristia — diz Bento XV — este divino Coração governa-nos e ama-nos vivendo e habitando connosco para que nós vivamos e habitemos nEle, porque neste Sacramento... Ele oferece-Se e dá-Se a nós como vítima, como companheiro, como alimento, como viático e como penhor da glória futura».

2 — A presença eucarística de Jesus em nós, limita-se aos breves momentos que duram as sagradas espécies e cessa logo que estas se consomem. Todavia, Jesus declarou expressamente: «O que come a minha carne e bebe o meu sangue *permanecerá* em mim e eu nele» (Jo. 6, 37). O verbo «*permanecer*» não pode indicar um estado passageiro, mas exprime algo de estável, de

duradoiro; leva-nos a pensar numa união com Jesus que permanece mesmo quando as espécies sagradas estão já consumidas. E assim é, na verdade. Acima de tudo, perdura a união com a Divindade de Jesus, pois as três Pessoas divinas *inabitam* continuamente nas almas em graça; além disso perdura também uma certa união com a Sua Humanidade, a qual embora não estando já presente no comungante com a Sua substância, o está porém pelo influxo da Sua presença operante e pela efusão da Sua graça. Se, destruídas as aparências do pão e do vinho, o Coração de Jesus não está já em nós pela presença sacramental, todavia permanece connosco espiritualmente pela irradiação do Seu amor e da Sua actividade vivificante, visto que tudo quanto nós recebemos na ordem sobrenatural, recebemo-lo sempre por mediação da Humanidade santíssima de Cristo. Esta união espiritual com Jesus e com o Seu Sagrado Coração não exige essencialmente a Comunhão, somente requer o estado de graça; contudo o pão eucarístico alimenta, consolida e reforça tal união, torna-a mais profunda no sentido de que Jesus toma cada vez mais sob a Sua influência a alma do comungante, e de que o Seu Coração divino comunica cada vez mais o Seu amor e todas as Suas virtudes ao coração de quem O recebe sacramentado. Por isso não é uma utopia aspirar à união efectiva e permanente com Jesus, com o Seu Coração; antes é justamente esta a união que a Igreja nos faz pedir cada dia na bellissima oração que, na Missa, precede a Comunhão: *«a te numquam separari permittas»*, nunca permitais que eu me separe de Vós.

Colóquio — «Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que por vontade do Pai e com a cooperação do Espí-

rito Santo, vivificastes o mundo com a Vossa morte, livrai-me, por este Vosso Corpo e Sangue, de todas as minhas iniquidades e de todos os males; fazei que eu seja sempre fiel aos Vossos mandamentos e nunca permitais que eu me separe de Vós» (MR.).

«Oh! que magnífica e estreita união se produz entre a alma e Vós, amabilíssimo Senhor, quando Vos recebe sacramentado! Então a alma torna-se uma só coisa conVosco desde que esteja disposta, por meio do exercício das virtudes, a imitar o que Vós praticastes na Vossa vida, paixão e morte. Não, não posso unir-me perfeitamente a Vós, ó Cristo, nem Vós Vos podeis unir perfeitamente a mim na Comunhão, se antes me não tornar semelhante a Vós renunciando a mim mesma e exercitando-me nas virtudes que mais Vos agradam e de que nos destes tão grandes exemplos. A minha união conVosco ao receber-Vos sacramentado será tanto mais perfeita quanto mais eu me tornar semelhante a Vós por meio das virtudes» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó Jesus, só a Vós amo e desejo, só de Vós tenho fome e sede, em Vós quero perder-me e consumir-me. Envolvei-me nas chamas da Vossa caridade e fazei-me aderir tão firmemente a Vós que nunca mais de Vós me possa separar!

«Ó Senhor Jesus, ó mar imenso, porque tardais em absorver esta gotinha de água na Vossa plenitude? Todo o anseio da minha alma é sair de mim para entrar em Vós. Abri-me, ó Senhor, o Vosso Coração tão amado, porque só a Vós desejo e só a Vós quero aderir com todo o meu fervor. Oh! que amável união! Esta íntima familiaridade conVosco é verdadeiramente mais estimável que a própria vida! Ó meu Amado, deixai que Vos

abrace no íntimo da minha alma para que, assim unida a Vós, a Vós permaneça indissolúvelmente ligada» (S.ta Gertrudes).

217. CONFIANÇA INABALÁVEL

IV DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Senhor, fazei-me compreender que de mim nada sou e nada posso; e o que posso, unicamente o posso em Vós.

1 — Dois pensamentos dominam a liturgia da Missa de hoje: uma grande confiança em Deus e um vivo sentimento da miséria e insuficiência humanas. Dois sentimentos estreitamente unidos entre si, porque a consciência do nosso nada nos leva a pôr em Deus toda a confiança e porque esta confiança cresce em nós na medida em que mais estivermos convencidos da nossa pequenez.

A Missa começa com um grito de inabalável esperança: «O Senhor é a minha luz e salvação; de quem poderei ter medo?» (Intr.). O Senhor está comigo no Santíssimo Sacramento do altar, o Senhor vem a mim na Sagrada Comunhão: o que me poderá separar dEle? O que me poderá causar temor?

Por outro lado, conheço a minha fraqueza: as minhas quedas, as minhas infidelidades estão-me sempre presentes. Como tenho necessidade, por isso, de repetir humildemente a bela oração do Gradual: «Perdoai, Senhor, os nossos pecados... Socorrei-nos, ó Deus, salvação nossa, pela glória do Vosso nome». Sim, apesar dos contínuos socorros da graça divina, das numerosas confissões e comunhões, tenho de constatar todos os

dias novas faltas, tenho de recomeçar todos os dias. A luta é árdua e trabalhosa, mas hoje, na Epístola (Rom. 8, 18-23) S. Paulo recorda-nos «que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória» que nos espera. Pensamento consolador, pensamento de esperança e confiança; todavia, isto não me impede de sentir o gemido da natureza que suspira pela libertação, pela total redenção. Também o Apóstolo o experimentou e disse: «nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, gememos dentro de nós esperando a adopção de filhos de Deus, a redenção do nosso corpo» em Jesus Cristo. Quanto mais sofremos por causa da nossa miséria, tanto mais nos lançamos em Cristo com plena confiança na Sua Redenção.

2 — Pode dizer-se que o Evangelho de hoje (Lc. 5, 1-11) é a demonstração prática das palavras de Jesus: «Sem mim nada podeis fazer» (Jo. 15, 5). Simão e os seus companheiros tinham-se fatigado toda a noite sem pescar nada: eis o que conseguiram fazer sòzinhos. Se tens um pouco de experiência da vida espiritual, reconhecerás que caíste também muitas vezes. Quantos esforços para te libertares de algum apego, para esqueceres certas ofensas recebidas, para te adaptares ao modo de agir dos outros ou para sujeitares a tua vontade! E depois de te cansares tanto, ficaste com as mãos vazias, tal como Pedro encontrou inexoravelmente vazia a sua rede. Pois bem, não desanimes. Se em lugar de te irritares com o teu insucesso, souberes reconhecer-lo humildemente, ele tornar-se-á o princípio da tua vitória. Assim aconteceu também a Pedro depois de ter confessado em público que não apanhara *nada*. S.ta Teresa do Menino Jesus comenta: «É possível que se

ele tivesse apanhado alguns peixinhos, Jesus não tivesse feito o milagre; mas ele não tinha *nada*, por isso Jesus encheu-lhe muito depressa a rede a ponto de quase se romper. Eis o carácter de Jesus: Ele dá como Deus, mas quer a *humildade de coração*» (Cart. 140).

Apesar da tua vontade de avançar na virtude, o Senhor não permite que obtenhas algum êxito enquanto não te vir completamente convencido da tua impotência, da tua incapacidade; para te convencer disto, deixa-te, como deixou Pedro, «trabalhar toda a noite sem apanhar nada». Depois, na medida em que te vir bem persuadido da tua indigência e disposto a confessá-la abertamente, virá em teu auxílio. Portanto, debes ter uma grande fé nEle e, sem te deixares desanimar pelos fracassos até agora sofridos, recomeçar de novo cada dia, confiando «na Sua palavra». Se aprendeste a não confiar nas tuas forças, debes aprender também a ter plena confiança no auxílio divino. Se até hoje não pescaste nada, é porque te faltou esta confiança inabalável e esta falta, além de desagradar a Jesus, paralisa a tua vida espiritual. Repete, pois, com o mesmo ardor de Pedro: «in verbo tuo laxabo rete», Senhor, à Vossa palavra lançarei a rede. Mas repete-o em cada dia, em cada momento, sem nunca te cansares.

Colóquio — «Ó Senhor, Vós sois a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? Vós sois o baluarte da minha vida; diante de quem devo ter medo? Ainda que um exército acampasse contra mim, o meu coração não temeria; ainda que movessem uma batalha contra mim, permaneceria tranquilo... Uma só coisa Vos peço, ó Senhor, e esta sempre Vos solicitarei: habitar na Vossa casa todos os dias da minha vida. Porque Vós,

no dia da desventura, me escondereis na Vossa tenda,
e os meus olhos não se desviarão de Vós e os meus
olhos não se verão sobre o alto duma rocha.

Escutai, Senhor, o clamor com que Vos invoco,
tende compaixão de mim e ouvi-me... Não escondais
de mim a Vossa face nem rejeiteis com ira o Vosso
serviço; que fostes o meu auxilio, não me deixeis
e não me abandonéis, ó Deus meu Salvador. Ainda
que me abandonassem meu pai e minha mãe, estou certo
que Vós não me abandonaríeis. Alma minha, espera
no Senhor, sê forte, ganha alento e espera nEle» (cfr.
Sal. 26).

«Ó Senhor, fizestes em mim grandes coisas e a
maior foi mostrardes-me a minha pequenez e a minha
impotência.

«Senhor, Vós o vedes, caio em tantas fraquezas, mas
não me admiro... Entro dentro de mim e digo: estou
ainda no mesmo ponto que antes! Mas digo isto com
uma grande paz e sem tristeza, porque sei que conheceis
perfeitamente a fragilidade da nossa natureza e estais
sempre pronto a socorrer-nos. Portanto, de que poderei
ter medo? Apenas me vedes convencida do meu nada,
ó Senhor, logo me estendeis a mão; mas se eu quisesse
fazer alguma coisa de grande, mesmo sob o pretexto de
zelo, imediatamente me deixaríeis só. Basta, pois, que
me humilhe e suplique de boa vontade as minhas imper-
feições e não queira ser elevada para o céu, mas que
seja elevada a vossa misericórdia e vosso amor. Não
sou digna de vós e não quero merecer-vos, mas quero
exercício do vosso amor e do vosso cuidado. Não quero
fazer nada sem a vossa permissão, mas quero sempre
fazer tudo em nome do Senhor. Não quero ser grande
sem Vós, mas quero sempre estar diante de Vós.
Porque Vós.

218. PERMANECER EM CRISTO

Ó Jesus, ensina-me não só a viver conVosco, mas a viver em Vós, a permanecer em Vós.

1 — Na tarde da última Ceia, Jesus disse: «Permanecei em mim, e eu em vós» (Jo. 15, 4); e pouco depois instituiu a Eucaristia, o Sacramento que tem o fim específico de alimentar a nossa vida de união com Ele. Vindo a nós sacramentado, Jesus não Se retira sem deixar na nossa alma «o cunho da graça, como faz o sinete que se põe sobre a cera quente... ao ser levantado o sinete, fica a impressão do mesmo. Assim, a virtude deste Sacramento permanece na alma, isto é, fica nela o calor da divina caridade» (S.ta Catarina de Sena). Jesus disse: «Eu vim trazer o fogo à terra e o que quero eu senão que ele se acenda?» (Lc. 12, 49); e onde se acenderá melhor o fogo do Seu amor do que na alma do comungante que tem a dita de O hospedar dentro de si? Sempre que te aproximas da Mesa eucarística, Jesus, por virtude do sacramento, reaviva em ti o fogo do Seu amor, deixa em ti o cunho da Sua graça e por meio deste amor e desta graça, tu permaneces espiritualmente unido a Ele. Ainda que não penses nisso, esta realidade é autêntica e muito valiosa em si mesma; contudo, Jesus deseja que tenhas conhecimento dela para que vivas conscientemente a tua união com Ele. Observa que, quando fala da nossa união com Ele, antepõe sempre a nossa parte à Sua: «O que come a minha carne... fica em mim e eu nele», «permanecei em mim e eu permanecerei em vós» (Jo. 6, 57; 15, 4), não por a nossa parte ser em si a mais importante — pois é sempre Jesus que Se nos antecipa com a Sua graça sem a qual

não seria possível união alguma com Ele — mas para nos fazer compreender que viveremos realmente unidos a Ele na proporção da nossa correspondência à graça. Cada Comunhão traz-te uma nova graça de união com Jesus e, portanto, oferece-te a possibilidade duma união mais íntima com Ele; mas viverás de facto esta união na medida da tua boa vontade e das tuas disposições interiores.

2 — Depois de te alimentares de Jesus na Sagrada Comunhão para «permaneceres» nEle durante o dia todo, deves, acima de tudo, guardar o teu coração numa atmosfera de recolhimento. Se, apenas saído da Igreja, te esqueces logo de que recebeste o Senhor e — como diz S.ta Teresa de Ávila — te engolfas «noutros negócios, ocupações e embaraços do mundo» (*Cam.* 34, 13), não poderás conservar-te verdadeiramente unido a Jesus; pelo contrário, a Santa dir-te-ia que, agindo dessa maneira, até parece que «te dás pressa a que não ocupe a casa o Senhor dela» (*ib.*). É certo que te basta o estado de graça para permaneceres unido espiritualmente a Cristo, mas quanto mais frutuosa não será para ti esta união, se procurares vivê-la actualmente! Por isso, durante o dia, mesmo no meio das ocupações, procura manter-te sob o influxo da Comunhão, ou seja, sob o influxo de Jesus, do Seu amor, da Sua acção incessante na tua alma. Deves procurar, ao menos em espírito, voltar com frequência aos pés do tabernáculo, mantendo-te em contacto com a Eucaristia. Se os teus deveres te obrigam a sair de casa, qualquer Igreja que encontres no caminho ou que vejas ao passar deve ser para ti uma doce lembrança da Comunhão já recebida e da que deverás receber no dia seguinte, uma

ocasião para um fugaz mas fervoroso impulso do coração para Jesus Sacramentado ou para renovares o contacto íntimo com o Senhor por um rápido retorno ao santuário íntimo da tua alma. Procura fazer todos os dias uma visita ao Santíssimo Sacramento, mas fá-la de modo que seja um verdadeiro encontro do teu coração com o de Jesus. Se tens verdadeira *fome* dEle, debes sentir viva necessidade de te manteres sob o influxo da Eucaristia, debes servir-te de todos os meios possíveis para aproveitares o mais que puderes a graça de união com Cristo que te foi oferecida na Comunhão. Assim a tua Comunhão sacramental prolongar-se-á durante todo o dia através duma contínua comunhão espiritual com Jesus. Viverás então verdadeiramente dEle segundo a Sua palavra: «O que me comer a mim, esse mesmo também viverá por mim» (Jo. 6, 58).

Colóquio — «Ó Jesus, uno o meu coração ao Vosso a fim de que nele consumais tudo quanto Vos desagrada; uno tudo quanto sou a tudo o que Vós sois, para suprir o que me falta. Uno a minha oração e o meu louvor aos que Vós elevais ao Pai, no Santíssimo Sacramento do altar, a fim de que a Vossa oração repare as deficiências da minha.

«Para me assemelhar a Vós, que no altar prestais obediência a qualquer sacerdote, seja bom ou mau, estarei disposto a obedecer e, como uma hóstia de imolação, colocar-me-ei nas mãos dos meus superiores para que, morrendo a todas as minhas vontades, inclinações, paixões e aversões, eles possam dispor de mim como lhes aprouver, sem que eu manifeste repugnância alguma. E já que a Vossa vida no Sacramento do altar está totalmente oculta aos olhos das criaturas que sô-

mente vêm as pobres aparências de pão, também eu procurarei, por Vosso amor, viver de tal modo oculta que permaneça sempre escondida sob a cinza da humildade, amando os desprezos e gozando em parecer a mais pobre e a mais abjecta de todas.

«Ó Jesus, para me assemelhar a Vós, que estais sempre solitário no Santíssimo Sacramento, amarei a solidão procurando entreter-me o mais possível con-Vosco. Fazei que o meu entendimento só tenha curiosidade para Vos conhecer, que o meu coração só tenha a paixão e o desejo de Vos amar. Quando tiver de tomar algum alívio, procurarei que ele sirva de conforto ao Vosso Coração. Nas conversas, consagrar-Vos-ei, Verbo divino, todas as minhas palavras a fim de que não me permitais pronunciar alguma que não seja para Vossa glória... Quando tiver sede, sofrê-la-ei em honra da que Vós sofrestes pela salvação das almas... Quando tiver cometido alguma falta, depois de me humilhar irei buscar ao Vosso Coração a virtude contrária para a oferecer em expiação ao Eterno Pai. Tudo isto proponho fazer, ó Jesus Sacramentado, para me unir a Vós em todas as acções do dia» (cfr. S.ta Margarida Maria Alacoque).

219. DA EUCARISTIA À TRINDADE

Ó Jesus, guiai-me para a Trindade, ajudai-me a viver com a Trindade.

1 — Jesus veio a nós, do seio do Pai, para nos conduzir à Trindade: este é o fim da Incarnação e também o fim da Eucaristia que prolonga no tempo o mistério da Incarnação. Jesus, na Eucaristia, continua a ser

o Mediador entre nós e a Trindade, continua a estender-nos a mão para nos conduzir a Ela e, ao vir a nós na Sagrada Comunhão, põe-nos em contacto cada vez mais directo com as três Pessoas divinas. Jesus não vem a nós somente com a Sua Humanidade, mas também com a Sua Divindade; vem a nós na integridade da Sua Pessoa de Homem-Deus e, como Deus, como Verbo, está sempre indissolúvelmente unido ao Pai e ao Espírito Santo. Da Hóstia consagrada, Jesus poderia repetir-nos o que disse um dia sobre a terra: «o que me enviou está comigo e não me deixou só»; e mais explicitamente: «Eu estou no Pai e o Pai está em mim» (Jo. 8, 29; 14, 11). Por isso, quando vem a nós na Sagrada Comunhão, não vem sozinho, mas com Ele vem o Pai e, por conseguinte, também o Espírito Santo, porque as três Pessoas divinas, apesar de serem distintas, são indissolúveis. A presença da Trindade na nossa alma não se limita aos momentos em que temos connosco Jesus Sacramentado, porque as três Pessoas divinas *inabitam* de um modo permanente na alma em graça. Porém, é bem verdade que a Trindade está presente numa forma particularíssima em Cristo, o Verbo Encarnado, o único Homem unido pessoalmente à Trindade e no qual habita toda a plenitude da divindade, «*in quo habitat omnis plenitudo divinitatis*» (Lad. S. Coração). Portanto, é certo que onde está Cristo, por consequência na nossa alma no momento da Comunhão, está presente a Trindade, de um modo especial.

2 — A Santíssima Trindade nunca está tão presente na nossa alma como nos breves momentos em que temos em nós Jesus Sacramentado; e não só está presente, como também aí mora com complacência. O Pai com-

praz-Se em Seu Filho amado que habita em nós e que Ele nos deu pela Eucaristia; o Verbo compraz-Se na Humanidade santíssima de Jesus que é toda e para sempre Sua; o Espírito Santo compraz-Se em Cristo, Seu templo preferido e, por causa dEle, goza por habitar em nós. Encontrando Jesus em nós, toda a SS.ma Trindade pode enfim alegrar-Se por morar na nossa alma e, alegrando-Se, olha-nos com particular amor e derrama-Se em nós com maior plenitude. Cada Comunhão vem, assim, alimentar a nossa vida de união, não só com Jesus, mas também com a SS.ma Trindade; cada Comunhão aumenta a nossa capacidade de acolher em nós as três Pessoas divinas e de viver «em sociedade» com Elas, em relações cada vez mais íntimas e profundas. A oração de Jesus: «Como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós... Eu neles e Tu em mim, para que sejam consumados na unidade» (Jo. 17, 21 e 23), encontra a sua máxima realização nesses preciosos instantes em que Jesus Sacramentado palpita em nós; porém, mesmo quando cessa a Sua presença sacramental, não desaparece o seu efeito, ou seja, uma união mais íntima com a SS.ma Trindade.

Por outro lado, nunca como nos momentos em que Jesus sacramentado está presente na nossa alma, estamos em acção de oferecer à Trindade uma morada digna dEla, e não só uma morada mas até dons, louvores, súplicas, adorações, dignas da Sua majestade infinita. Podemos, efectivamente, oferecer-Lhe Jesus que está em nós, que é nosso, porque a própria Trindade no-LO deu e Ele mesmo Se deu a nós também com toda a Sua substância: Jesus, louvor perfeito da SS.ma Trindade, Filho amado no qual as Pessoas divinas põem toda a Sua complacência. Juntamente com Ele, ofere-

ceamos o amor, as adorações, as súplicas, os louvores e as reparações do Seu Sagrado Coração. Como somos ricos quando Jesus está em nós! Como podemos por Ele e nEle, honrar, exaltar e glorificar a SS.ma Trindade!

Colóquio — «Ó Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem! A minha alma regozija-se por Vos encontrar no Santíssimo Sacramento, Deus incriado que Vos fazeis homem, que Vos fazeis criatura! Neste Sacramento, ó Cristo, eu encontro juntas a Vossa Humanidade e a Vossa Divindade; da Humanidade subo à Divindade e desta volto a descer à Humanidade. Vejo a Divindade infável na qual estão contidos todos os tesouros da sabedoria, da ciência, das riquezas incorruptíveis. Vejo a fonte inesgotável das únicas delícias que podem saciar o nosso espírito. Vejo a Vossa preciosíssima Alma, ó Jesus, com todas as virtudes e dons do Espírito Santo, oblação santíssima e imaculada; vejo o Vosso corpo santíssimo, preço da nossa redenção; vejo o Vosso Sangue que nos purifica; em suma, encontro aí preciosísimos tesouros, impossíveis de exprimir por causa da sua grandeza.

«Verdadeiramente este Sacramento contém-Vos a Vós, ó meu Deus, a quem os anjos adoram, em cuja presença tremem os Espíritos e as Potestades formidáveis. Oh! se nós Vos pudéssemos ver com um olhar límpido como eles Vos vêem, com que reverência nos aproximaríamos deste Sacramento e com que humildade Vos acolheríamos dentro de nós!

«Ó Santíssima Trindade, Vós ordenastes este Sacramento para estreitar a Vós o objecto do Vosso amor, ou seja, para atrair a Vós a alma da Vossa criatura e

para a unirdes a Vós, Deus incriado, desprendendo-a de todas as coisas terrenas. Assim, fá-la-eis morrer para o pecado e dar-lhe-eis a vida espiritual e eterna. Ó Trindade Santa, este Sacramento foi instituído pela Vossa bondade infinita a fim de que nós nos uníssemos a Vós e Vós a nós, a fim de que ao mesmo tempo Vos acolhessemos dentro de nós e fôssemos levados por Vós» (B. Ângela de Foligno).

220. O MISTÉRIO TRINITÁRIO

Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ensinaí-me a conhecer-Vos e a amar-Vos.

1 — Como criaturas, não tínhamos direito algum a conhecer o mistério da SS.ma Trindade, que é o mistério da vida íntima de Deus; todavia Deus manifestou-no-lo porque não quis deixar-nos no estado de puras criaturas, mas quis elevar-nos ao de filhos e amigos. O Filho de Deus disse: «Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer *tudo* aquilo que ouvi de meu Pai» (Jo. 15, 15); e este *tudo* é exactamente o mistério da SS.ma Trindade que só Jesus, como Filho de Deus, viu e ouviu no seio do Pai.

Já no Antigo Testamento achamos alguma alusão a este mistério, contudo a sua revelação pertence ao Novo, ao Testamento do amor, e pode afirmar-se que Deus quis reservar para Si a sua manifestação. Com efeito, não no-lo revelou por meio dos profetas, mas por meio do Seu Unigénito que é um só com Ele: «Ninguém jamais viu a Deus; — diz o Evangelista — o

Filho Unigênito, que está no seio do Pai, Ele mesmo é que O deu a conhecer» (Jo. 1, 18). Jesus veio para nos referir o mistério da vida íntima de Deus; falou-nos de Si como sendo o Filho de Deus, em tudo igual ao Pai: «Quem me vê, vê também o Pai», «porque eu estou no Pai e o Pai está em mim» (ib. 14, 9 e 11); falou-nos do Espírito Santo sem o qual não se pode chegar à vida eterna: «Quem não renascer por meio da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus» (ib. 3, 5) e disse-nos que Ele mesmo, juntamente com o Pai, nos mandaria este Espírito o qual, por isso, procede ao mesmo tempo dEle, o Verbo, e do Pai: «A vós convém que eu vá, porque... se for, eu vo-lo enviarei» (ib. 16, 7); «Eu pedirei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito... isto é, o Espírito de verdade» (ib. 14, 16). Muitas vezes Jesus voltou a estes conceitos e assim nos ensinou que é bom para nós fixar o olhar no mistério altíssimo da SS.ma Trindade, para o admirar, louvar, para corresponder com amor a este Deus uno e trino que nos amou até nos introduzir no segredo da Sua vida íntima.

2 — Deus, bem sumo e infinito, basta-Se a Si próprio: no Seu próprio conhecimento e amor encontra toda a Sua felicidade. Sendo o Ser infinitamente perfeito, o conhecimento e o amor são nEle essencialmente fecundos e desta fecundidade brota o mistério da Sua vida íntima, o mistério trinitário. O Pai conhece-Se perfeitamente a Si mesmo desde toda a eternidade e, conhecendo-Se, gera o Verbo, Ideia substancial em que o Pai Se exprime e à qual comunica toda a Sua essência, divindade e bondade infinitas. O Verbo é, deste modo, «o resplendor da glória e a figura da substância» do Pai (Hebr.

1, 3); mas esplendor e imagem substanciais, porque têm em Si a mesma natureza e as mesmas perfeições do Pai. Desde toda a eternidade, o Pai e o Filho contemplam-Se mutuamente e amam-Se infinitamente em razão da perfeição infinita, indivisível, que ambos possuem: amando-Se, são atraídos um para o outro e um ao outro Se entregam comunicando toda a Sua natureza e essência divinas a uma Terceira Pessoa, o Espírito Santo, que é o termo, o penhor e o dom substancial do Seu mútuo amor. Assim, a mesma natureza e vida divinas circulam do Pai ao Filho, e do Filho e do Pai derramam-se no Espírito Santo. Deste modo, a Trindade apresenta-Se-nos como o mistério da vida íntima de Deus, mistério que brota daquelas operações perfeitíssimas de conhecimento e amor com que Ele Se conhece e ama a Si mesmo.

O mistério trinitário, melhor que nenhum outro, mostra-nos que o nosso Deus é o Deus vivo, que a Sua vida é essencialmente fecunda, tão fecunda que o Pai pode comunicar ao Filho toda a Sua natureza e essência divinas e o Pai e o Filho podem comunicá-las ao Espírito Santo sem ficarem delas privados, mas possuindo-as todos três com a mesma perfeição infinita. A Trindade, melhor que nenhum outro mistério, revela-nos a perfeição da bondade de Deus, isto é, diz-nos que Deus é bom, não só porque é o bem infinito, mas também porque comunica todo este Seu bem: do Pai ao Filho, do Pai e do Filho ao Espírito Santo. Nas obras que Deus realiza fora de Si derrama só parcialmente o Seu bem, mas no seio da Trindade comunica-o íntegra e necessariamente, de tal forma que a Sua vida íntima consiste nesta eterna, necessária e absoluta comunicação de todo o Seu bem, de todo o Seu Ser. O mistério trinitário faz-nos assim compreender que em Deus há um oceano

ilimitado e inesgotável de bondade, de amor, de fecundidade e de vida; intuição preciosa porque, mais que qualquer outra, é capaz de desenvolver em nós o sentido da grandeza infinita de Deus.

Colóquio — «Deus incompreensível, eterna é a Vossa grandeza, inefável a Vossa bondade. Vejo, e deleito-me ao ver, as três Pessoas divinas fluírem uma na outra de um modo indizível e imprescrutável. O Pai derrama-Se no Filho, o Filho derrama-Se no Pai; o Pai e o Filho derramam-Se no Espírito Santo. Deus eterno, sois indizivelmente bom, Vós que, por bondade, comunicais à criatura, consciente do seu nada, algum conhecimento do Vosso Ser eterno; contudo, por mais admirável que seja esta comunicação, pode dizer-se com toda a verdade que é um puro nada em comparação com a que na realidade existe entre Vós e a «criatura» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó sumo e eterno Bem, quem Vos moveu, Deus infinito, a iluminar-me, a mim, Vossa criatura finita, com a luz da Vossa verdade? Vós mesmo, fogo de amor, sois disso a causa. Pois foi sempre o amor que Vos constrangeu e Vos constrange a usar connosco de misericórdia, outorgando excessivas e infinitas graças às criaturas. Ó bondade acima de toda a bondade! Só Vós sois Aquele que é sumamente bom! Vós destes-nos o Verbo, o Vosso Unigénito Filho, para que viesse conversar connosco, que somos barro e estamos cheios de trevas. Qual é a causa deste dom? O amor, porque nos amastes antes de existirmos.

«Ó Trindade eterna! E quem poderá chegar às Vossas alturas e render-Vos graças por tão imenso dom e por tão copiosos benefícios que me concedestes, e

pela doutrina da verdade que me ensinastes? Respondei Vós Senhor! Vós que os destes, respondeis e satisfazeis, infundindo em mim uma graça de luz a fim de que eu, com esta mesma luz, Vos possa agradecer» (S.ta Catarina de Sena).

221. EM PRESENÇA DA TRINDADE

Ó Santíssima Trindade, fazei que a consideração do Vosso mistério gere em mim uma profunda humildade, uma fé cega e um amor ardente.

1 — O que Jesus nos revelou e a Igreja, apoiando-se nas Suas palavras, nos ensina acerca da Trindade, é suficiente para nos dar a conhecer a existência deste mistério, mas não para no-lo fazer compreender. Pelo contrário, este é o mistério da nossa fé mais inacessível à razão humana; em face dele experimentamos mais do que nunca a desproporção infinita entre a nossa inteligência e os mistérios divinos, sentimos a enorme distância que medeia entre nós, pequenas criaturas, e Deus, o Ser supremo, o Altíssimo.

Tudo isto é muito bom, porque nos faz tomar perante Deus aquela atitude que verdadeiramente corresponde à nossa condição de criaturas: atitude de humildade, de humilde reconhecimento da nossa insuficiência, de respeitosa submissão e reverente adoração. Quando nos pomos em face do grande mistério trinitário, sentimos como nunca a necessidade de repetir humildemente: «*nihil sumus, nihil possumus, nihil valemus*»; nada somos, nada podemos, nada valemos (S. João Eudes) e, ao mesmo tempo, de exaltar a inacessível grandeza do

nosso Deus: «*Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth*»; Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exércitos, só Vós sois santo, só Vós sois onnipotente, só Vós valeis, só Vós sois Aquele que é.

A razão fica cega pela grandeza do mistério, mas a razão iluminada pela fé não se perde: reconhece a sua inferioridade e, submetendo-se à revelação divina, crê. Acto de fé tanto mais meritório e sobrenatural, quanto menos pode apoiar-se em raciocínios humanos; acto de fé que honra tanto mais a Deus, quanto mais cegamente adere à Sua palavra. «Quanto mais as verdades da fé se elevam acima do natural — diz S.ta Teresa de Ávila — tanto mais firmes as tenho e maior devoção me fazem. Longe de me espantarem, são um motivo para mais louvar a Deus» (Vi. 19, 9; 28, 6). Tal é a fé da alma humilde perante o mistério da SS.ma Trindade.

2 — A consideração do mistério trinitário leva-nos a uma atitude não só de humilde reverência e fé cega, como também de profundo amor filial. «A característica da amizade — diz S. Tomás — é que o amigo revela ao amigo os seus segredos». Tal é a característica do amor de Deus para conosco, já que, revelando-nos o mistério da Trindade, nos desvendou o segredo da Sua vida íntima, para o qual não tínhamos nenhum direito a dirigir o olhar. Se não possuíssemos outras provas do amor de amizade que Deus nos tem, a revelação deste mistério seria mais que suficiente para dele nos persuadir. Confiou-nos os segredos do Seu Coração, abriu-nos o mistério da Sua vida pessoal, admitiu-nos à Sua intimidade. Tudo isto nos convence cada vez mais da *excessiva* caridade com que Deus nos amou, tanto mais que não Se contentou com revelar-nos

o Seu mistério, mas quis dar-Se a nós como Trindade gloriosa. Depois de nos ter chamado à existência, o Pai deu-Se a nós sacrificando o Seu Unigénito para nossa salvação; o Filho deu-Se a nós incarnando, morrendo por nós na cruz e fazendo-Se nosso alimento; o Espírito Santo deu-Se a nós, vindo habitar nas nossas almas, a fim de nelas derramar a graça e a caridade. Se a SS.ma Trindade Se deu a nós a tal ponto, foi para nos elevar ao estado de filhos e para nos introduzir, como tais, no círculo da Sua família divina. Através do Evangelho vemos toda a Trindade inclinar-Se sobre o homem para o remir, para o santificar, para o tornar participante da Sua natureza divina e da Sua bem-aventurança eterna. Vemos o Pai que nos rodeia com a Sua paternal misericórdia e providência; vemos o Filho que Se faz um de nós e derrama por nós todo o Seu Sangue; vemos o Espírito Santo que santifica as nossas almas infundindo em nós a graça e o amor.

Sim, na presença da Trindade, somos apenas pequenas criaturas, infinitamente distantes da Sua divina Majestade e, contudo, a Trindade inclinou-Se sobre nós e atraíu-nos a Si, amando-nos com um amor eterno: *«in caritate perpetua dilexi te, ideo atraxi te miserans tui»* (Jer. 31, 3).

Colóquio — «A minha fé invoca-Vos, ó Trindade beatíssima, com voz clara e sincera; aquela fé que, alimentada por Vós desde o berço, iluminastes sempre com as ilustrações da Vossa graça, e aumentastes e fortalecesteis em mim com a doutrina da Santa Madre Igreja.

«Invoco-Vos, ó Trindade bem-aventurada, bendita, gloriosa e una: Pai, Filho e Espírito Santo; Deus, Senhor e Paráclito; graça, caridade e comunicação.

«Ó três iguais e coeternas Pessoas, Deus uno e verdadeiro, Pai, Filho e Espírito Santo, que só habitais na eternidade e na luz inacessível, que fundastes a terra com o Vosso poder e regeis o orbe da terra com a Vossa prudência; Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exércitos, terrível e forte, justo e misericordioso, admirável, digno de todo o louvor e amável.

«Trindade una e indivisa, abri-me, pois Vos invoco... Estou à Vossa porta, ó Pai eterno, e bato; ordenai que se me abra, pois Vós dissestes: 'Batei e abrir-se-Vos-á'. Batem à Vossa porta, ó Pai misericordiosíssimo, os desejos do meu coração anelante, os meus clamores e as lágrimas dos meus olhos. Pai das misericórdias, escutai o gemido deste Vosso filho e estendei-lhe a Vossa mão protectora... Sei, ó Senhor, sei e confesso que não sou digno de que Vós me ameis; Vós, porém, sois com certeza digno de ser amado por mim. Sou indigno de Vos servir; Vós, porém, sois digníssimo de ser servido pela Vossa criatura. Dai-me, pois, Senhor, aquilo de que Vós sois digno, e eu me tornarei digno daquilo que agora não mereço.

«Invoco-Vos, ó Trindade beatíssima, para que venhais a mim e me façais digno templo da Vossa glória. Oro ao Pai por meio do Filho; ao Filho, pelo Pai; oro ao Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho, a fim de que se afastem de mim todos os meus vícios, e em mim sejam plantadas todas as virtudes» (S.to Agostinho).

222. A TRINDADE EM NÓS

Ó Santíssima Trindade, que Vos comprazeis em habitar na minha alma, dignal-Vos associar-me à Vossa vida divina.

1 — Jesus veio não só manifestar-nos o mistério da SS.ma Trindade, mas ainda pôr-nos em contacto com as três Pessoas divinas. Ele é para nós não somente o Revelador da Trindade, mas o Mediador, o Caminho, a Ponte que a Ela nos conduz e une. Já aos nossos primeiros pais, criados em estado de graça, Deus quis dar-Se não só como Criador, mas como Trindade; porém o pecado interrompeu essa íntima comunicação de amizade pela qual Deus não queria tratar o homem só como criatura, mas como filho, como amigo a quem iria revelar o mistério da Sua vida íntima, associando-o a ela. Tudo isto será restituído ao homem, mas só após a Encarnação do Verbo, quando Jesus, o Homem-Deus, Se colocar como Mediador entre Deus e os homens. Purificando-nos com o Seu Sangue preciosíssimo, Jesus restituiu à nossa alma a capacidade de receber o dom divino: a graça santificante, participação da natureza e da vida divinas. Assim, estabeleceu-nos de novo na nossa dignidade inicial de templos vivos da Trindade gloriosa. E eis que, em virtude da Sua Redenção, Jesus pôde fazer-nos a grande promessa: «Se alguém me ama... meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele morada» (*Jo. 14, 23*). Estas palavras revelam-nos o mistério da inabitação da Trindade na nossa alma, inabitação que significa uma especialíssima presença de Deus em nós; esta presença efectua-se unicamente na alma que ama, ou seja, na alma que vive em caridade e em graça porque, como diz S. João, «quem permanece

na caridade, permanece em Deus e Deus nele» (I, 4, 16).

Deus mora na alma em graça como um amigo que gosta de estar com o amigo, de se entreter com ele em doce familiaridade. «Eis que estou à porta e bato — diz o Senhor. Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei nele e cearei com ele e ele comigo» (Ap. 3, 20).

2 — Se estás em graça, Deus não só mora em ti, mas, sendo o Deus vivo, vive em ti a Sua vida íntima, a Sua vida trinitária. Vive em ti o Pai, que continuamente gera o Seu Filho, vivem o Pai e o Filho dos quais incessantemente procede o Espírito Santo. A tua alma é o pequeno céu onde se desenvolve esta magnífica vida divina, a vida da SS.ma Trindade. E para que vive em ti a SS.ma Trindade, senão para te associar à Sua vida, para te fazer entrar na corrente da Sua vida?

O Pai gera em ti o Filho e entrega-tO para te fazer Seu filho adoptivo mas fá-lo em vista dEle, Seu Unigénito, que por ti incarnou. O Pai e o Filho «aspiram» em ti o Espírito e dão-tO a fim de que Ele, que é o termo e o vínculo do Seu amor e da Sua união, seja também o vínculo do teu amor e da tua união com Eles.

As Pessoas divinas estão em ti: tu As acolhes e te associas à Sua vida divina por meio da fé e da caridade. Por meio da fé crês nElas, por meio da caridade *unes-te* a Elas. Unindo-te ao Pai, Ele recebe-te no Seu abraço paterno, sustém-te com a Sua força onipotente e leva-te consigo à contemplação e amor do Filho, segundo o que o próprio Filho nos revelou: «Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não atrair» (Jo. 6, 44). Unindo-te ao Filho, Ele envolve-te com o Seu esplendor, penetra-te com a Sua luz infinita, dá-te a conhecer o Pai,

cobre-te com os méritos que, ao incarnar, adquiriu para ti; portanto, leva-te consigo ao louvor e amor do Pai, verificando-se assim a Sua palavra: «ninguém vai ao Pai senão por mim» (ib. 14, 6).

Unindo-te ao Espírito Santo, Ele infunde em ti a graça de adopção de filho de Deus, comunica à tua alma uma participação cada vez mais plena da vida divina e, portanto, estreita-te a Si numa comunhão cada vez mais íntima com o Pai e com o Filho, para que sejas, como disse Jesus, «consumado na unidade» (ib. 17, 23).

«Ó almas criadas para estas grandezas e a elas chamadas! — grita com entusiasmo S. João da Cruz — Que fazeis? em que vos entretendes?» (C. 39, 7). A SS.^{ma} Trindade quer associar-nos à Sua vida divina; voltaremos nós o olhar para outro lado?

Colóquio — «Ó Trindade eterna, único Deus, uno em essência e trino em Pessoas, Vós fizestes o homem à Vossa imagem e semelhança, para que se assemelhe à Vossa Trindade e à Vossa Unidade pelas três potências da sua única alma. E assim como se assemelha, assim também se une a Vós; isto é, pela memória, assemelha-se e une-se ao Pai, a quem se atribui o poder; pela inteligência, assemelha-se e une-se ao Filho, a quem se atribui a sabedoria; pela vontade, assemelha-se e une-se ao Espírito Santo, a quem se atribui a clemência, que é o amor do Pai e do Filho.

«Ó Pai, fazei que eu una a Vós a minha memória, lembrando-me sempre de que Vós sois o princípio donde procedem todas as coisas. Ó Filho, fazei que eu una a Vós o meu entendimento, julgando perfeitamente todas as coisas segundo a ordem estabelecida pela Vossa sabe-

doria. Ó Espírito Santo, fazei que eu una a Vós a minha vontade, amando perfeitamente esse amor e essa clemência, causa da minha criação e de toda a graça que me foi concedida sem prévio merecimento da minha parte.

«Graças, graças Vos sejam dadas, ó altíssima e eterna Trindade, pelo grande amor que nos manifestastes, dando à nossa alma tão suave forma e potências, isto é, o entendimento para Vos conhecer, a memória para se lembrar de Vós, a vontade e o amor para Vos amar sobre todas as coisas. É razoável que, conhecendo-Vos, Bondade infinita, Vos ame; e é de tanta força este amor que nem o demónio nem criatura alguma mo pode tirar sem que eu o queira.

«Ó poder do Pai eterno, ajudai-me; sabedoria do Filho, iluminai os olhos do meu entendimento; clemência e doce amor do Espírito Santo, inflamai-me e uni a Vós o meu coração.

«Ó Trindade eterna, meu doce Amor, Vós que sois a Luz, dai-me luz; Vós que sois a Sabedoria, dai-me sabedoria; Vós que sois a suma Fortaleza, fortalecei-me! Ó Deus eterno, Vós sois o oceano tranquilo onde vivem e se alimentam as almas; aí encontram elas o seu repouso na união do amor» (S.ta Catarina de Sena).

223. AS EFUSÕES DA TRINDADE NA ALMA

Ó Santíssima Trindade, dignai-Vos renovar a Vossa visita à minha alma.

1 — Desde o instante do baptismo, a SS.ma Trindade fixou a Sua morada na nossa alma; contudo a Igreja, com o seu «Veni, Sancte Spiritus», ensina-nos a implorar constantemente a vinda do Espírito Santo, e por conseguinte, de toda a SS.ma Trindade já que, pela Sua indivisível unidade, nenhuma das três Pessoas divinas vem a nós sem as outras. Porém, se a SS.ma Trindade está em nós, como poderá vir ainda? Basta que a alma tenha um grau de graça para que Deus, já presente nela como Criador, Se lhe torne presente como Amigo e a convide a viver em intimidade com Ele, com as três Pessoas divinas. Mas esta amizade, esta intimidade, tem graus e tornar-se-á cada vez mais estreita e profunda na medida em que a alma, crescendo em graça e caridade, for capaz de entrar em relações mais profundas com a SS.ma Trindade. É o que acontece entre duas pessoas que, por razões de amizade, habitam na mesma casa: crescendo o seu affecto, a sua amizade torna-se mais intensa; por isso, embora estando já presentes uma à outra, a sua recíproca presença adquire um aspecto novo, o aspecto que tem a presença de um amigo muito querido. Embora habitando já na alma do justo, a SS.ma Trindade pode tornar-Se nela cada vez mais presente, sob o aspecto de uma amizade mais íntima, quer dizer, as Pessoas divinas podem entrar em relações amigáveis cada vez mais profundas com a alma, como na realidade acontece à medida que esta, progredindo na caridade, adquire novos graus de graça. Como estas novas

efusões da Trindade na alma do justo têm aspectos e produzem efeitos sempre novos, muito a propósito se fala delas como de novas vindas, de novas visitas das Pessoas divinas. Mas na verdade Elas estão já presentes na alma; as Suas visitas não vêm de fora, mas de dentro da própria alma, onde moram e onde Se dão a ela, e também, pelo menos até certo ponto, Se lhe revelam, segundo a palavra de Jesus: «Aquele que me ama, será amado por meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele» (Jo. 14, 21). Nunca, como em face deste inefável mistério, compreendemos tão bem a grande realidade contida no versículo evangélico: «O reino de Deus está dentro de vós» (Lc. 17, 21).

2 — A primeira visita ou efusão da Trindade na tua alma teve lugar no dia do teu baptismo: o Pai enviou-te o Filho; o Pai e o Filho enviaram-te o Espírito Santo, e pela indissolúvel unidade dos três, o Pai veio sem ser enviado. Ora, esta visita renova-se todas as vezes que, recebendo um sacramento ou progredindo no amor, adquires um novo grau de graça. A promessa de Jesus: «Se alguém me ama... viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23), jamais será revogada, é sempre nova, está sempre pronta a realizar-se todas as vezes que possuíres as condições requeridas, isto é, amares com amor mais intenso. Este dom divino que te é oferecido com tanta liberalidade, deve estimular-te à generosidade, ao constante progresso no amor, porque só assim poderás gozar dele plenamente. Se não puseres obstáculos ao desenvolvimento da caridade e da graça na tua alma, a SS.ma Trindade não porá limites à Sua efusão em ti. Encontras-te aqui em face de um horizonte ilimitado, porque o limite, o termo proposto por Jesus à nossa

vida de união com a SS.ma Trindade, é a mesma união que existe entre as três Pessoas divinas. O próprio Jesus, na noite da última Ceia, na Sua oração sacerdotal, pediu para nós, ao Pai, uma união semelhante à Sua: «Como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós» (Jo. 17, 21). Evidentemente, a criatura não poderá nunca estar unida à Trindade como as três Pessoas divinas o estão entre Si; contudo, Jesus não hesitou em nos propor e em pedir para nós uma tal união, a fim de nos incitar a uma ascensão contínua e de nos dar a entender que, se não pararmos na nossa correspondência à graça, a SS.ma Trindade não cessará de Se derramar na nossa alma e de nos unir a Si, até que sejamos «consumados na unidade» (ib. 23). Só no céu, onde contemplaremos a Trindade abertamente, face a face, a nossa união com as Pessoas divinas será perfeita; mas já na terra, através da fé e do amor, devemos caminhar a passos velozes em direcção a tão esplêndida meta que constituirá o nosso gozo por toda a eternidade.

Colóquio — «Ó Trindade! Deus altíssimo, clementíssimo, beneficentíssimo, Pai, Filho e Espírito Santo. Deus uno, eu espero em Vós. Ensinai-me, dirigí-me, sustentai-me.

«Ó Pai, pelo Vosso infinito poder, fixai em Vós a minha memória e enchei-a de santos e divinos pensamentos.

«Ó Filho, com a Vossa eterna sabedoria, iluminai o meu entendimento, concedei-lhe o conhecimento da Vossa suma verdade e da minha própria baixaza.

«Ó Espírito Santo, que sois o amor do Pai e do Filho, com a Vossa incompreensível bondade, transferi

a minha vontade para Vós e inflamai-a com o fogo inextinguível da Vossa caridade.

«Ó meu Senhor e meu Deus, ó meu princípio e meu fim, ó essência sumamente simples, sumamente tranquila e sumamente amável! Ó abismo de doçura e de delícias, ó minha luz amável e suma felicidade da minha alma, de gozos inexprimíveis, plenitude perfeita de todo o bem, meu Deus e meu tudo, que é que me falta quando Vos possuio? Vós sois o meu bem único e imutável. Não devo buscar nada senão a Vós. Não busco nem desejo nada senão a Vós. Senhor, atraí-me para Vós. Eu bato, ó Senhor: abri-me. Abri a um órfão que Vos implora. Mergulhai-me no abismo da Vossa divindade. Fazei-me um só espírito conVosco para que eu possa, dentro de mim, possuir as Vossas delícias» (S.to Alberto Magno).

«Pai santo! Por aquele amor com que reflectis sobre mim a luz do Vosso rosto, concedei-me a graça de caminhar para Vós com toda a espécie de santidade e virtude.

«Ó meu Senhor Jesus Cristo! Por aquele amor que Vos moveu a remir-me com o Vosso próprio Sangue, revesti-me da pureza da Vossa vida santíssima.

«Ó divino Paráclito! em quem o poder é igual à santidade, por aquele amor que Vos moveu a unir-me a Vós, concedei-me a graça de Vos amar com todo o meu coração, de aderir a Vós com toda a minha alma, de esgotar todas as minhas forças amando-Vos e servindo-Vos, e de viver segundo as Vossas inspirações» (S.ta Gertrudes).

224. CONCÓRDIA FRATERNA V DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

O Senhor, ensinaí-me a viver em perfeita harmonia com o próximo para que as minhas orações e as minhas ofertas Vos sejam agradáveis.

1 — Este domingo poderia chamar-se o domingo da *concordia*, virtude tão necessária para manter relações fraternas com o próximo. «Caríssimos — exorta-nos S. Pedro na Epístola (I, 3, 8-15) — sede todos de um mesmo coração, compassivos, amantes dos irmãos, misericordiosos, modestos, humildes». O Apóstolo fala-nos de um modo muito prático e realista; ele sabe que, dada a nossa fragilidade e limitação, é impossível conservar a concordia se não nos sabemos compadecer dos defeitos alheios, se não sabemos ser misericordiosos com quem nos causa dissabores, se não sabemos suportar humildemente qualquer ofensa. Aquele que, para viver em perfeita harmonia com os outros, pretendesse nunca ter de suportar nenhum aborrecimento, nenhum desgosto, não ser nunca contrariado ou incomodado, bem pouca experiência teria da realidade da vida e esqueceria que não somos puros espíritos, mas espíritos limitados pela matéria; esqueceria que «somos homens mortais, frágeis, enfermos, que transportamos vasos de barro [isto é, o corpo], causa de mútuas angústias» (S.to Agostinho), tal como vasilhas de barro que, viajando no mesmo carro, chocando umas com as outras, ocasionam prejuízo recíproco. A nossa limitação produz em nós mentalidades, gostos, interesses diferentes uns dos outros, pelo que nem sempre nos entendemos e, por vezes, mesmo sem querer e sem sombra de má intenção, cada um age em sentido oposto ao outro. O remédio para

estes inconvenientes inevitáveis é o que nos sugere S.to Agostinho: se a limitação da nossa natureza nos é motivo de recíprocas amarguras, «*dilatentur spatia caritatis*», dilatam-se as dimensões da caridade, ou seja, dilatemos o coração com uma caridade maior para nos sabermos compadecer e compreender mutuamente e, além disso, exercitemo-nos mais na humildade para vencermos os ressentimentos do amor próprio. Mesmo que agisse contra nós por má vontade, devíamos saber perdoar-lhe, segundo a palavra do Apóstolo: «não retribuais mal por mal, nem maldição por maldição, mas, pelo contrário, bendizeis... E até se alguma coisa sofreis pela justiça, sois bem-aventurados!... Mas bendizeis Cristo Senhor em vossos corações».

2 — O Evangelho (Mt. 5, 20-24), retoma e aprofunda o mesmo argumento. Em primeiro lugar, Jesus diz-nos: «Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus». É uma clara alusão à nova lei do amor que Jesus nos trouxe e que supera em muito a pura lei da justiça: não podemos contentar-nos — como se contentavam os fariseus — em não causar dano ao próximo, mas devemos praticar para com ele uma delicada caridade fraterna. Não basta «não matar» para fugir ao «juízo», ensina o Mestre, pois «todo aquele que se irar contra seu irmão, será condenado em juízo». Eis um outro aspecto da nova lei proposta por Jesus: não basta ser justo no exterior, é preciso sê-lo sobretudo no interior, ou seja, no coração; não basta evitar a ofensa externa ao próximo, mas é também necessário evitar, ou melhor, reprimir o ressentimento interior. Os fariseus, com a sua interpretação material da lei, tinham-lhe esquecido completamente o espírito,

tinham esquecido que os olhos do Senhor nos olham sempre e não somente vêem o exterior, mas ainda o interior, de maneira que não se podem esconder dEle a ira e o ressentimento que se ocultam no coração. De resto, até no trato com o próximo Jesus nos pede uma grande delicadeza, exigindo que se evitem não só as acções mas também as palavras ofensivas. E Ele tem de tal modo a peito a caridade e a concórdia fraternas, que não hesita em dizer-nos: «Se estás para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares aí que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta... e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão». Quanto nos ama o Senhor! «Ele — observa com subtiliza S. João Crisóstomo — não cuida sequer da Sua honra quando se trata de exigir o amor do próximo. 'Interrompa-se embora o meu culto, diz, mas restabeleça-se a tua caridade'». Como poderão ser agradáveis a Deus as nossas orações e as nossas oferendas, se entre nós e o nosso próximo houver qualquer coisa que impeça a perfeita concórdia?

Colóquio — «Ó Jesus, meditando as Vossas palavras, compreendi quanto o meu amor pelas minhas irmãs era imperfeito, vi que não as amava como Vós as amais. Oh! compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em se edificar com os mais pequenos actos de virtude que se lhes vêem praticar, mas sobretudo compreendo que a caridade não deve permanecer encerrada no íntimo do coração, tendo Vós dito: 'Ninguém acende uma luz para a meter debaixo do alqueire, mas coloca-se sobre o candelabro, para que ilumine todos os que estão em casa'. Parece-

me que esta luz representa a caridade que deve alumi-
miar, alegrar, não somente os que me são mais queri-
dos, mas todos os que estão em casa, sem exceptuar
ninguém.

«Ó Senhor, muitas vezes diz-se que a prática da
caridade é difícil; deveria antes dizer-se que parece
difícil, pois o Vosso jugo é suave e leve e, quando é
aceite, sente-se imediatamente a sua doçura e exclama-se
com o Salmista: 'Corri no caminho dos Vossos manda-
mentos desde que me dilatastes o coração'. Nada existe,
a não ser a caridade, que me possa dilatar o coração.
Ó Jesus, desde que esta doce chama me consome, corro
com alegria no caminho do Vosso mandamento novo...
Quero correr por ele até ao dia feliz em que, unindo-me
ao cortejo virginal, poderei seguir-Vos pelos espaços
infinitos, cantando o Vosso cântico novo que deve ser
o do amor» (T.M.J. M.C. pg. 268 e 276).

«Ó Senhor Jesus Cristo, se não tivesse nenhum
outro motivo para amar o meu próximo e não só a
quem me quer bem, mas igualmente a quem é contra
mim, decidir-me-ia a fazê-lo unicamente em vista do
preceito que nos destes, de nos amarmos uns aos outros
como Vós nos amastes. Do mesmo modo que Vós, Beleza,
Bondade e Perfeição infinitas, me amais a mim, um
homem cheio de miséria e não me rejeitais pelos meus
defeitos, assim eu, por Vosso amor, quero amar todos
os meus irmãos» (cfr. Ven. João de J.M. o.c.d.).

225. VIVER COM A TRINDADE

Ó Pai, ó Filho, ó Espírito Santo, recebei-me no Vosso amplexo, dignai-Vos admitir-me na Vossa intimidade.

1 — Se desejas que o grande dom da inabitação da Trindade produza em ti todo o seu fruto de íntima amizade com as três Pessoas divinas, deves habituar-te a viver com a Trindade pois é impossível manter uma verdadeira amizade com uma pessoa, se depois de se lhe ter oferecido hospitalidade na própria casa, se vive esquecido dela. Para viver com a Trindade não é necessário que experimentes a Sua presença em ti — isto é uma graça que depende exclusivamente de Deus concedê-la ou não — basta que te apoies na fé pela qual sabes com certeza que as divinas Pessoas moram em ti. Baseando-te nesta realidade que não vês, não sentes nem compreendes, mas que conheces com segurança porque Deus ta revelou, podes orientar-te para uma verdadeira vida de união com a SS.ma Trindade.

Podes, acima de tudo, considerar a Trindade presente em ti na Sua unidade indivisa, pois já sabes que tudo o que a Trindade realiza fora de Si e, por conseguinte, na tua alma, é operado indistintamente pelas três Pessoas divinas. Todas três moram simultaneamente em ti, produzindo os mesmos efeitos. Todas três infundem em ti graça e amor, iluminam-te, oferecem-te a Sua amizade e amam-te com o mesmo amor. Todavia isto não obsta a que cada uma dElas esteja presente na tua alma com as características próprias da Sua Pessoa: o Pai, como fonte originária da divindade e de todo o ser; o Verbo, como esplendor do Pai, como luz; o Espírito Santo, como termo do amor do Pai

e do Filho. Cada Pessoa divina, portanto, ama-te com uma característica pessoal e oferece-te o Seu dom particular. O Pai oferece-te a Sua dulcíssima paternidade, o Verbo investe-te com a Sua luz resplandecente, o Espírito Santo penetra-te com o Seu amor ardente. E tu, pequena criatura, procura tornar-te consciente de tão grandes dons para te aproveitares plenamente deles.

2 — Para corresponder às características específicas das três Pessoas divinas, podes ter com cada uma dElas relações particulares. Considerando em ti o Pai, sentirás a necessidade de viver perto dEle, como um bom filho, de ser para Ele um filho amante e dedicado que procura dar-Lhe prazer em tudo, que em tudo quer fazer a Sua vontade. Ao mesmo tempo, sobretudo nos momentos de dificuldade e desânimo, sentir-te-ás impedido a refugiar-te nEle para encontrares na Sua onipotência, grandeza e bondade infinitas, um amparo e um remédio para a tua insuficiência, pequenez e miséria.

Considerando o Verbo presente na tua alma, sentirás a necessidade de te deixares penetrar pela Sua luz e instruir por Ele que é a palavra do Pai, a fim de que Ele te introduza no verdadeiro conhecimento dos mistérios divinos e te ensine a julgar todas as coisas segundo Deus. Sentirás a necessidade de O ires procurar na Sua Incarnação onde O acharás mais acessível à tua humanidade, de te refugiares na Sua Redenção, através da qual te dá a vida, Se faz teu irmão e te apresenta ao Pai como filho.

Considerando o Espírito Santo, Fruto delicioso do amor do Pai e do Filho, surgirá mais vivo em ti o desejo de secundar a Sua obra de amor na tua alma e por isso quererás seguir mais dõcilmente as Suas inspirações,

quererás deixar-te guiar por Ele em tudo e, enfim, deixares-te tomar pelo Seu impulso divino, para te levar conSigo ao Pai e ao Filho.

Deste modo realizar-se-á em ti o fim altíssimo para o qual Deus nos criou e remiu, a saber: «para que a nossa comunhão seja com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo» (I Jo. 1, 3). Isto não pelos teus méritos, mas unicamente pelos méritos infinitos de Cristo que te fez participante da Sua glória de Filho de Deus, que te deu parte no amor com que o Pai O ama, que te deu o Seu Espírito, que Se fez tua comida para alimentar do modo mais directo a tua vida de união com a Trindade sacrossanta.

Colóquio — «Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente para me fixar em Vós, imóvel e pacífica, como se a minha alma estivesse já na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de Vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me faça penetrar mais na profundidade do Vosso mistério!

«Pacificali a minha alma, fazei nela o Vosso céu, a Vossa morada querida e o lugar do Vosso repouso. Que eu nunca Vos deixe só!... mas que aí permaneça com todo o meu ser, bem desperta na minha fé, sempre em adoração, toda entregue à Vossa acção criadora.

«Ó meu Cristo amado, crucificado por amor, queria ser uma esposa para o Vosso coração, queria cobrir-Vos de glória, queria amar-Vos... até morrer de amor!... Mas sinto a minha impotência e peço-Vos que me revistais de Vós, que identifiqueis a minha alma com todos os movimentos da Vossa alma; submergi-me, invadi-me, substituí-me por vós, a fim de que a minha

vida não seja senão uma irradiação da Vossa. Vinde a mim como Adorador, como Reparador e como Salvador.

«Ó Verbo eterno, Palavra do meu Deus, quero passar a minha vida a escutar-Vos, quero tornar-me perfeitamente dócil para aprender tudo de Vós. Depois, através de todas as noites, de todos os vazios, de todas as impotências, quero fitar-Vos sempre e permanecer sob a Vossa divina luz. Ó meu Astro amado, fascinaime para que não possa sair da Vossa irradiação.

«Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, descei sobre mim para que se faça na minha alma como que uma encarnação do Verbo, que eu seja para Ele uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o Seu mistério.

«E Vós, ó Pai, inclinaí-Vos sobre a Vossa pobre criatura; cobri-a com a Vossa sombra, não vendo nela senão o Bem-Amado no qual pusestes todas as Vossas complacências.

«Ó meus 'Três', meu Tudo, minha Beatitude, Solidão infinita, Imensidade onde me perco, entrego-me a Vós como uma presa, ocultai-Vos em mim para que eu me oculte em Vós, enquanto espero ir contemplar à Vossa luz o abismo das Vossas grandezas» (I.T. *El.*).

226. A GLÓRIA DA SS.ma TRINDADE

Ó Santíssima Trindade que me criastes para a Vossa glória, fazei que eu Vos dê toda a glória de que sou capaz.

1 — A SS.ma Trindade é a raiz e o centro de todos os outros mistérios da nossa santa fé, raiz da qual todos brotam e dependem, centro em torno do qual todos gravitam. Tanto a obra imensa da Criação como a obra amorosa da Redenção são dons da SS.ma Trindade, são uma efusão livre e gratuita da Sua bondade, do Seu amor infinito; e, por outro lado, tudo está ordenado para a glória da Tríade augusta. «Nele — diz S. Paulo — em quem também nós fomos chamados por sorte, sendo predestinados pelo decreto daquele que opera todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade, para servirmos de louvor à sua glória» (Ef. 1, 11 e 12). Imensamente mais que a Criação, a obra da Redenção, que derramou sobre nós os maiores benefícios divinos, serviu, como diz também o Apóstolo, «para fazer brilhar a glória da sua graça» (ib. 6), ou seja, a bondade infinita de Deus. Se as criaturas inanimadas, se o céu e a terra «publicam a glória de Deus» (Sal. 18), porque atestam o Seu poder, sabedoria e beleza infinita, as obras relativas à nossa elevação ao estado sobrenatural cantam a glória da SS.ma Trindade, precisamente porque são a mais gloriosa manifestação da Sua bondade. Bondade tão grande que levou Deus, não por necessidade, mas unicamente por amor, a tornar-nos participantes, a nós Suas pequenas criaturas, de algo do Seu sumo bem, da Sua natureza divina, da Sua felicidade eterna; que O moveu a revelar-nos o mistério da Sua vida trinitária e associar-nos a ela. E tudo isto, não

por mérito algum da nossa parte, não porque Ele precisasse de nós — Ele que era já infinitamente bem-aventurado, feliz e glorioso em Si mesmo — mas apenas por bondade. Portanto, quem mais do que o homem — que foi revestido por Deus não só de belezas naturais, mas ainda de belezas sobrenaturais que o tornam semelhante a Ele e que o associam à Sua vida divina — deverá chegar a ser «o louvor da Sua glória»?

2 — Pelo simples facto de as obras de Deus serem uma demonstração da Sua onnipotência, sabedoria e bondade infinitas, todas redundam para Sua glória, tal como uma obra de arte reverte para glória do artista que a realizou, porque exprime o poder do seu engenho. Mas se o homem pode ordenar as suas obras para glória de outro ser superior a ele, isto não pode dar-se com Deus que é o Ser supremo e o sumo Bem e que, portanto, há-de agir necessariamente para Sua própria glória. Todavia Deus, infinitamente bom, quer glorificar-Se procurando o bem e a felicidade das Suas criaturas. Ele, com efeito, não Se contenta com glorificar-Se em obras belas e grandiosas, mas incapazes, porque inanimadas, de gozar da Sua beleza; mas quer glorificar-Se sobretudo em criaturas que — como os anjos e os homens — tornou capazes de gozar dos Seus dons e que destinou a participar da Sua felicidade eterna. Assim, compreendemos cada vez melhor como é grande a bondade de Deus que quis encontrar a Sua maior glória naquilo que redonda em maior vantagem e honra das Suas criaturas. Por exemplo, nenhuma obra glorifica mais a SS.ma Trindade do que a Encarnação do Verbo, e nenhuma como esta é para nós de tanta utilidade e honra.

Deus, na Sua bondade infinita, quis que a Sua glória coincidissem com o nosso bem, com a nossa felicidade; e nós devemos procurar que o nosso bem e a nossa felicidade coincidam com a glória de Deus, quer dizer, devemos procurar o nosso bem e a nossa felicidade naquelas obras que mais glorificam o Senhor e dão glória ao Seu nome. Todos os dons maravilhosos que a Trindade derramou em nós, devem redundar e frutificar para a Sua glória. E enquanto os céus cantam a glória de Deus, mesmo sem o quererem, nós devemos cantá-la porque queremos, porque compreendemos ser justo e razoável que toda a nossa vida e todas as nossas obras sejam um hino de glória à SS.ma Trindade que, infinitamente bem-aventurada e gloriosa em Si mesma, quis glorificar-Se em nós, pobres e pequenas criaturas.

Colóquio — «Ó Trindade Santíssima, eu Vos adoro, Vos bendigo, Vos glorifico em todos os Vossos mistérios, unindo-me a todo o amor e a todos os louvores que trocam mutuamente entre Si as Vossas divinas Pessoas. Ofereço-Vos toda a glória que encerrais em Vós mesma, dando-Vos por ela, juntamente com toda a Igreja, graças infinitas: *Gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam...* Ó meu Deus e meu Pai, como e quanto me regozijo ao ver como o Vosso Filho e o Vosso Espírito Santo Vos amam e Vos louvam desde toda a eternidade com um amor e um louvor proporcionados à Vossa grandeza! Ó Filho único de Deus, como e quanto exulta a minha alma, ao ver o amor e a glória infinita que recebeis do Vosso Pai e do Vosso Espírito Santo! Ó Espírito Santo, como e quanto rejubila o meu coração ao ver o amor e as bênçãos que Vos são dadas sem cessar pelo Pai e pelo Filho. Ó Santíssima Trindade,

que júbilo, que regozijo, que felicidade é para mim saber que estais cheia duma glória indizível, duma bem-aventurança inconcebível e duma infinidade de inumeráveis e incomparáveis tesouros e esplendores!» (S. João Eudes).

Mas que alegria é também para mim saber que Vós, Trindade sacrossanta, já infinitamente gloriosa em Vós mesma, não desdenhais a glória que Vos pode dar este mísero nada, mas que, pelo contrário, me criastes precisamente para a Vossa glória! «Eu, pois, consagro-me e sacrifico-me todo a Vós e se todo o ser criado fosse meu e minhas todas as vidas dos homens e dos anjos, se tivesse em meu poder milhões de mundos, estaria pronto a sacrificar tudo isto em Vossa honra. Ó meu Deus, esgotai todo o Vosso poder e bondade infinita a fim de me prenderdes e possuídes totalmente, de tal modo que eu Vos fique consagrado, ó Senhor, e que eu aprenda a imolar-me inteiramente e para sempre à Vossa glória puríssima» (ib.).

227. AS PERFEIÇÕES DIVINAS

Concedei-me, Senhor, a graça de chegar a compreender alguma coisa da Vossa perfeição infinita.

1 — Jesus disse: «Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito!» (Mt. 5, 48), e desse modo orientou os nossos olhares para a perfeição infinita de Deus. Perfeição da qual apenas podemos conhecer algum pálido reflexo através da consideração das perfeições limitadas que encontramos nas criaturas, mas que não podemos conhecer em si mesma, porque nenhuma ideia humana

é capaz de abranger e exprimir o que é infinito. As ideias dizem-nos algo de Deus e das Suas perfeições infinitas, porém não no-Lo podem mostrar tal qual Ele é. Deus, adverte S. Paulo, «habita numa luz inacessível» (I *Tim.* 6, 16), luz que ultrapassa infinitamente a capacidade do entendimento humano, luz demasiado brilhante, demasiado resplandecente para ser fixada directamente pelo olhar da nossa inteligência, à semelhança do sol que, em pleno fulgor estival, ultrapassa a capacidade da nossa vista de tal maneira que nenhum olhar humano pode fixá-lo.

Todavia Jesus, falando-nos repetidas vezes das perfeições de Deus, convidou-nos a elevar o nosso olhar para tais alturas. Ensinou-nos assim que, embora possamos entender muito pouco das perfeições divinas, este pouco não nos será inútil, mas, pelo contrário, muito precioso. Efectivamente, quanto mais uma alma avança no conhecimento de Deus, tanto mais compreende que é nada o que dEle sabe comparado com o que Ele é, e tanto mais descobre que, para além das suas ideias — por belas e elevadas que sejam — há um oceano infinito de esplendor, de beleza, de bondade, de amor, que nenhuma inteligência humana chegará jamais a compreender. Este conhecimento da imensidade de Deus, que ultrapassa infinitamente a capacidade do nosso entendimento, é uma grande graça. «Uma das grandes mercês — afirma S. João da Cruz — que Deus faz nesta vida a uma alma... é dar-lhe claramente a entender e sentir tão altamente de Deus, que entenda claro que Deus não se pode compreender nem sentir totalmente» (C. 7, 9). Graça sublime, que infunde na alma um sentido cada vez mais profundo da imensidade de Deus e da Sua transcendência infinita, e por isso, em

compensação, faz-lhe compreender melhor o seu nada e a extrema limitação de qualquer perfeição humana.

2 — Só no céu nos será dado ver a Divindade «face a face», sem o intermédio das ideias. Agora, como diz S. Paulo, «vemos como por um espelho, em enigma... Agora conheço-o em parte, mas então hei-de conhecê-lo como eu mesmo sou conhecido» (I Cor. 13, 12). Este conhecimento parcial de Deus — o único que na terra podemos ter — adquirimo-lo através do «espelho» das criaturas; nelas, com efeito, encontramos um reflexo das Suas perfeições infinitas: da Sua bondade, da Sua sabedoria, da Sua justiça, da Sua formosura; mas um reflexo muito imperfeito, muito limitado. Nenhum homem, por exemplo, é tão sábio que conheça tudo quanto existe; ninguém é tão bom que não falte alguma vez à bondade, por fraqueza; ninguém é tão justo que não falte alguma vez à justiça, por severidade e assim por diante. Só despojando as perfeições dos defeitos e dos limites que sempre têm as criaturas, podemos fazer uma pálida ideia das perfeições divinas. Deus é bom, sempre bom, infinitamente bom; «Um só é bom, Deus» (Mt. 19, 17), disse Jesus, dando a entender que só Ele possui a bondade por excelência, ou antes, que é a própria bondade, bondade sem limites que nunca declina nem falta.

Reflecte pois, como te enganas quando te apegas a qualquer criatura: por mais formosa, boa, sábia que ela seja, a sua beleza, a sua bondade e sabedoria nada são comparadas às perfeições de Deus. S. João da Cruz vai mais longe e diz: «Toda a formosura das criaturas, comparada à infinita formosura de Deus, é suma fealdade... Toda a bondade das criaturas do mundo, com-

parada à infinita bondade de Deus, pode chamar-se malícia... Portanto, a alma que põe o coração nos bens do mundo, é sumamente má diante de Deus. E como a fealdade não pode alcançar a formosura, como a malícia não compreende a bondade, assim também essa alma não poderá unir-se a Deus que é a suma bondade e formosura» (cfr. S. I, 4, 4). Compreende assim que, se queres unir-te a Deus, não deves deixar o coração prender-se às belezas e qualidades das criaturas e que só em Deus podes pôr o teu affecto e a tua esperança sem receio de ficar desiludido.

Colóquio — «Quando chegaremos a Vós, ó fonte de sabedoria, a Vós, resplendor indefectível, a Vós, luz inextinguível, para Vos ver, não já como por um espelho ou em enigma, mas face a face? Então será saciado o nosso desejo, porque mais nada podemos desejar além de Vós, ó Senhor, sumo Bem. Ali veremos, amaremos e louvaremos; na Vossa claridade veremos a Vossa luz, porque junto de Vós está a fonte da vida e na Vossa claridade veremos a luz.

«Mas que luz? Luz imensa, luz incorpórea, incorruptível, incompreensível; luz indefectível, luz inextinguível; luz inacessível, luz incriada, luz verdadeira, luz divina que ilumina os olhos dos anjos, que alegra a juventude dos santos; luz que é fonte de toda a luz e de toda a vida, luz que sois Vós mesmo, ó Senhor meu Deus! Vós sois luz em cuja claridade veremos a luz, ou seja, a Vós em Vós, no esplendor do Vosso rosto, quando Vos virmos face a face.

«Ver-Vos, ó meu Deus, é toda a mercê, todo o prémio, todo o gozo que esperamos. Esta é a vida eterna: que Vos conheçamos a Vós, único Deus verdadeiro... Então

possuiremos o que buscamos, quando Vos virmos a Vós, único Deus verdadeiro, Deus vivo, onnipotente, simples, invisível, incircunscrito, incompreensível.

«Ó Senhor meu Deus, não permitais que eu me distraia mais de Vós, mas recolhei-me das coisas exteriores em mim mesmo; dai-Vos a mim para que o meu coração Vos diga sempre: busquei a Vossa face, a Vossa face, Senhor, buscarei; a face do Senhor das virtudes, toda a glória sempiterna dos bem-aventurados; em ver a qual consiste a vida eterna e a glória sempiterna dos santos» (S.to Agostinho).

«Fazei-me compreender, Senhor, que a formosura e todos os demais dotes naturais são terra; que de lá vêm e à terra voltam; que a graça e o donaire é fumo e ar dessa terra e que, para não cair em vaidade, como tal os devo estimar. Em todas estas coisas ajudai-me a dirigir o coração para Vós com gozo e alegria, pensando que Vós sois e tendes em Vós todas essas formosuras e graças eminentíssimas e em grau infinito sobre todas as criaturas, as quais — como disse David — ‘tal como um vestido envelhecerão e perecerão, e só Vós permaneceréis para sempre imutável’» (J.C. S. III, 21, 2).

228. A ESSÊNCIA DIVINA

Meu Deus, purifical e ilumina os meus olhos para que possa contemplar-Vos.

1 — A pergunta: quem é Deus? o catecismo responde: «Deus é o Ser perfeitíssimo, Criador e Senhor do céu e da terra». Em primeiro lugar, diz-se que Deus é o *Ser*; esta é a Sua primeira perfeição que O dis-

tingue radicalmente das criaturas: «Eu sou Aquele que é», disse o próprio Deus a Moisés, e acrescentou: «Este é o meu nome para toda a eternidade e com este serei recordado de geração em geração» (Ex. 3, 14 e 15). Este nome que Deus Se quis dar a Si próprio, exprime-nos a Sua essência íntima, diz-nos que Ele é o Ser por excelência, o Ser eternamente subsistente, que nunca teve princípio e nunca terá fim, que subsiste em Si mesmo e em Si mesmo encontra a causa do Seu Ser. «Deus — afirma S. João Damasceno — possui o próprio ser como uma espécie de oceano de substância, infinito e sem margens». Deus revelou-Se sob este aspecto a S.ta Catarina de Sena, dizendo-lhe: «Eu sou Aquele que é, e tu aquela que não é». Todos os seres criados são nada. «Ó Senhor, a minha vida é como nada diante de Vós; — canta o Salmista — vou-me secando como erva. Mas Vós, Senhor, permaneceis para sempre» (38, 6; 101, 12 e 13). A criatura tem em Deus a causa do seu ser, ao passo que Deus a tem em Si mesmo; a criatura só existe enquanto Deus a mantém na existência; Deus, porém, subsiste por virtude própria, porque possui o Ser por Sua natureza, sem o ter recebido de ninguém. A criatura é sempre um ser limitado sob todos os pontos de vista: como vitalidade, como força, como capacidade. Pelo contrário, Deus é o Ser infinito, que não tem limite algum, que possui todo o poder e toda a virtude; a criatura tem em si o germen da morte e da destruição; em Deus, porém, tudo é vida, Ele é a vida: «Eu sou a vida», disse Jesus (Jo. 14, 6).

Só Deus, Ser infinito, Vida eterna, podia comunicar-te a vida, podia dar-te o ser. Parece-te, pois, excessivo empregar toda a tua vida e todo o teu ser no Seu serviço e na Sua glória? Se vives para Deus, vives

para a Vida; se vives para ti, vives para o nada, vives para a morte.

2 — Deus é o Ser: o Ser infinito e perfeitíssimo que possui todas as perfeições sem defeitos nem limites. Deus é o Ser infinitamente bom, belo, sábio, justo, misericordioso, onnipotente. Todas estas perfeições não são nEle qualidades acidentais — como são as qualidades do homem, o qual pode ser mais ou menos formoso, mais ou menos bom e sábio, etc., sem deixar de ser homem — mas são perfeições essenciais, quer dizer, pertencem à própria natureza do Ser divino, ou antes, são uma só coisa com Ele. Para falar das perfeições de Deus, vemo-nos constrangidos a enumerá-las uma após outra, mas na realidade são um todo: a bondade identifica-se com a formosura; a bondade e a formosura com a sabedoria e estas com a justiça; a justiça com a misericórdia e assim sucessivamente. Em Deus não há multiplicidade, mas unidade absoluta; nós precisamos de muitas palavras para falar de Deus, mas Deus não é um grande número de coisas, é o Ser *Uno* por excelência: uno na Trindade das Suas Pessoas, uno na miríade das Suas perfeições, uno na variedade das Suas obras, uno no Seu pensamento, na Sua vontade, no Seu amor.

Também tu, criado à imagem e semelhança de Deus, debes tender para a unidade. A tua vida espiritual é fraca porque lhe falta a unidade. Examina o teu coração e repara que multiplicidade de afectos e preocupações o invadem: sim, amas a Deus, mas juntamente com Ele amas também o teu amor próprio, a tua comodidade, o teu interesse; amas a Deus, mas juntamente com Ele amas alguma criatura com amor desordenado, isto é, numa forma e numa medida que não agradam a Deus;

estás apegado àquelas pessoas, àquelas coisas — objectos, dinheiro, ocupações — que te proporcionam uma satisfação... e todos estes afectos e apegos te sufocam, te impelem para mil direcções contrárias, dispersando assim as tuas forças e impedindo-te de conseguir a única coisa necessária: «amar a Deus e só a Ele servir» (*Imit.* I, 1, 4). Quanto mais te falta essa unidade profunda: unidade de afectos, de desejos, de intenções, tanto mais fraco és e a tua vida interior está em perigo, porque, como diz o Senhor: «Todo o reino dividido contra si mesmo, será desolado» (*Lc.* 11, 17). Olha, pois, para Deus, Unidade suprema, e suplica-Lhe que te ajude a realizar em ti a unidade,

Colóquio — «Ó Deus eterno, regozijo-me por só Vós serdes Aquele que é e por nada poder existir senão por Vós. Iluminai os olhos da minha alma a fim de que conheçam o Ser que tendes por Vossa essência e o não ser que eu tenho por minha natureza, para que sobre estas duas verdades, como sobre dois polos firmes e imutáveis, se mova a rota da minha vida.

«Ó Deus eterno que Vos quisestes chamar *Aquele que é*, regozijo-me pela eminência deste nome tão Vosso que é impossível convir a outrém fora de Vós. Ó nome venerável, ó nome inefável, oculto a Abraão, a Isaac, a Jacob e manifestado a Moisés em sinal de amor! Revelai-me, Deus meu, as riquezas inestimáveis deste nome para que Vos reverencie, Vos adore, Vos ame e sirva como Vós mereceis. Ó minha alma se só Deus é *Aquele que é*, abrangendo toda a perfeição do ser, porque não te unes a Ele, a fim de que o teu ser encontre no Seu nobreza e firmeza? Porque te dispersas pelas criaturas, vazias de substância, vazias de ser, pois não

te podem dar o que desejais, não o tendo elas para si? Doravante, Deus meu, tomarei todas as coisas por lixo, por perda e detrimento, por vaidade e nada, para me unir a Vós, para Vos amar e servir por toda a eternidade» (Ven. Luís da Ponte).

«Ó Senhor, os meus dias são semelhantes a uma sombra prolongada e eu vou-me secando como a erva. Mas Vós permaneceis para sempre, e o Vosso nome por todas as gerações... Meu Deus, no princípio fundastes a terra, e o céu é obra das Vossas mãos. Estas coisas perecerão, mas Vós permaneceis e todas envelhecerão como um vestido. E como uma vestidura as mudais e ficam mudadas; Vós porém, sois sempre o mesmo e os Vossos anos não terão fim... Todas as criaturas recebem de Vós a vida, mas se escondeis o Vosso rosto, perturbam-se; se lhes tirais o espírito, perecem e voltam ao seu pó. Vós, ao contrário, permaneceis eternamente.

«Quero exaltar-Vos, ó meu divino Rei, e bendizer o Vosso nome pelos séculos dos séculos! Grande sois, ó Senhor, e muito digno de louvor e a Vossa grandeza é insondável» (Sal. 101, 12-28; 103, 29; 144, 1-3).

229. A SIMPLICIDADE DIVINA

Ó Senhor, Ser simples por excelência, tornaí simples o meu olhar e o meu coração, a fim de Vos poder servir com simplicidade de espírito.

1 — Deus é o Ser simples por excelência porque é uno na Sua essência e em todas as Suas perfeições. S. Tomás, quando fala da simplicidade de Deus, limita-se a apresentá-la como exclusão de toda a espécie de composição. Em Deus não há partes quantitativas como

em nós que somos compostos de corpo e espírito; Deus é simples porque nEle não há matéria, mas só espírito puríssimo. Também o anjo é um espírito puro e, todavia, o anjo é um ser composto porque nele, como em nós, a essência é diversa da existência: a essência angélica não existe por si própria, mas tem somente a capacidade de existir e, de facto, nenhum anjo, como igualmente nenhum homem, existiria se Deus não o chamasse à vida. Em Deus reside, pelo contrário, a suma simplicidade, infinitamente superior à dos anjos; nEle, essência e existência são a mesma coisa, a Sua essência existe por si, Ele é o Ser eternamente subsistente.

Nem sequer as Suas inumeráveis perfeições criam multiplicidade em Deus: Deus não é composto de bondade, de formosura, de sabedoria, de justiça, mas é ao mesmo tempo o Ser infinitamente bom, formoso, sábio e justo. NEle não há diferença entre substância e qualidade, porque tudo é substância, as Suas perfeições infinitas são a Sua própria substância. Deus abrange, numa única perfeição muito simples, a perfeição do Ser divino, todas as múltiplas perfeições que encontramos espalhadas pelas criaturas e outras inumeráveis, tal como um milhão encerra o valor de muitíssimos escudos. A simplicidade divina, portanto, não é pobreza, mas riqueza infinita, perfeição infinita na qual nos devemos contemplar como num espelho.

Considera como Deus é rico de inumeráveis perfeições e todas possui no mesmo grau e repara, ao contrário, como tu és pobre de virtudes; se alguma tens, considera como é limitada, mesquinha, mesclada de defeitos; sim, se possuis alguma virtude, é imperfeita e quantas outras te não faltam!

Olha como Deus é simples e tu, pelo contrário, que

complicado! Contempla a simplicidade divina e procura copiá-la em ti por meio de uma verdadeira simplicidade de espírito.

2 — Em Deus, o Ser não é distinto do agir, nem o poder é distinto do acto. Deus é acto puríssimo, acto de inteligência infinita que sempre subsiste e abrange toda a verdade e, ao mesmo tempo, acto de vontade que subsiste sempre e quer o bem. No pensamento eterno de Deus não há mistura alguma de erro; na vontade eterna de Deus não há nenhum desvio para o mal. Em Deus não há sucessão de pensamentos, mas um pensamento único, eterno, imutável, subsistente, que compreende toda a verdade. Em Deus não há diversos actos de vontade consecutivos, mas uma vontade única, perfeitíssima, imutável, que sempre quer o bem com puríssima intenção e que, ao permitir o mal, só o permite em vista de um bem maior.

Se desejas aproximar-te, de algum modo, da simplicidade divina, debes evitar toda a forma de duplicidade. Evitarás a duplicidade da mente pela busca imparcial da verdade, amando e aceitando a verdade mesmo quando te exige sacrifícios, mesmo quando não te honra por pôr a nu os teus erros e defeitos. Deves também cultivar a mais franca sinceridade, fugindo de todo o género de mentira: «Seja o vosso falar — disse Jesus — sim, sim; não, não» (*Mt. 5, 37*); e, mais que nas palavras, esta simplicidade deve resplandecer no teu pensamento e na tua mente, porque «se o teu olho for defeituoso, todo o teu corpo estará em trevas» (*Mt. 5, 23*). O pensamento é o olho que guia o teu proceder; se os teus pensamentos são simples, rectos e sinceros, sê-lo-ão também as tuas acções.

Evitarás a duplicidade da vontade com a rectidão de intenção: rectidão que te deve impelir a agir unicamente para agradar a Deus. Então, apesar da multiplicidade das tuas acções, haverá em ti simplicidade e unidade profundas. Já não coxearás, inclinando-te ora para um lado ora para outro: para o teu amor próprio e para o amor de Deus, para a criatura e para o Criador, mas caminharás por uma via única, a via recta do dever, da vontade de Deus, do Seu beneplácito.

Colóquio — «Ó Deus altíssimo, no Vosso Ser único e simples, Vós sois todas as virtudes e grandezas dos Vossos atributos: sois omnipotente, sábio, bom, misericordioso, justo, forte, amoroso e outros infinitos atributos e virtudes que não conhecemos. Sois todas estas coisas no Vosso Ser simplicíssimo.

«Ó admirável excelência de Deus! Ó abismo de deleites, que sois tanto mais abundante quanto mais as Vossas riquezas se recolhem na unidade e simplicidade infinita do Vosso único Ser! O conhecimento de cada uma das Vossas perfeições é tal que uma não impede o conhecimento e o gozo perfeito da outra; antes cada uma das graças e virtudes que há em Vós é luz de qualquer outra grandeza Vossa porque, pela Vossa limpidez, ó Sabedoria divina, muitas coisas se vêem em Vós, vendo-se uma» (J.C. CV. 3, 2 e 17).

«Ó divina Essência, abismo de maravilhas sem fundo e sem limites! Ó insondável oceano de grandezas, ó unidade do meu Deus, ó simplicidade, ó eternidade sem princípio nem fim, a quem tudo está continuamente presente! Ó imensidade que tudo encheis e tudo contendes! Ó infinidade que abraçais todas as perfeições imaginárias, ó imutabilidade, ó imortalidade, ó inaces-

sível esplendor! Ó verdade incompreensível, ó abismo de ciência e de sabedoria, ó verdade do meu Deus!... Ó divina força que tudo sustentais e tudo fazeis, ó divina onipotência, ó divina providência que tudo governais! Ó justiça, ó bondade, ó misericórdia, ó beleza, ó glória, ó fidelidade!... Ó Deus grande, adoro em Vós todas as magnificências e perfeições que tenho contemplado, bem como as outras inumeráveis e inconcebíveis que me são e serão desconhecidas. Adoro-Vos, louvo-Vos, glorifico-Vos e amo-Vos por tudo o que Vós sois. Oh! como rejubila o meu coração vendo-Vos tão grande e tão repleto de toda a sorte de tesouros e esplendores! Se eu possuísse todas estas grandezas e Vós estivésseis privado delas, quereria imediatamente despojar-me para Vo-las dar» (S. João Eudes).

230. IMUTABILIDADE E ETERNIDADE DE DEUS

Senhor, fazei que a minha vida presente seja uma contínua preparação para a eternidade que me espera.

1 — Tudo o que foi criado está sujeito a mudança, a variação, a progresso, a retrocesso e, por fim, à morte. A criança ignorante e impotente, tão necessitada de ajuda que estaria condenada a perecer se ninguém se ocupasse dela, cresce pouco a pouco, desenvolve-se, torna-se um jovem robusto e, mais tarde, um homem forte e maduro, capaz de grandes empresas; mas depois, sob o peso dos anos, o seu vigor declina, transforma-se no cansaço da velhice até que se apaga com a morte. É a trajetória parabólica percorrida por todas as criaturas; qualquer vida tem a sua aurora, o seu zênite e o seu ocaso.

Só em Deus, o Ser incriado e eterno, é que «não há mudança nem sombra de vicissitude» (*Tg.* 1, 17). Deus não muda nem pode mudar porque é infinito e eterno. Sendo infinito, possui o ser e todas as perfeições sem limite algum; nEle não existe limite nem de princípio nem de fim. A nossa alma, embora criada, não perecerá com o corpo e por isso é imortal, mas não é eterna porque teve princípio; não acontece assim com Deus que existiu e existirá sempre. As perfeições do homem são susceptíveis de ulterior desenvolvimento e progresso; Deus, contudo, goza de toda a perfeição no mais alto grau, quer dizer, num grau absolutamente infinito, ao qual nada se pode acrescentar.

O homem, justamente por ser limitado, é muito volúvel e sujeito a mudança: mudam os seus ideais, as suas opiniões, os seus gostos, os seus desejos, muda a sua vontade. Aquele objecto que desejávamos ardentemente, cansa-nos pouco depois e já não nos satisfaz; aquela ideia que nos tinha parecido tão bela, tão clara e tão conforme à verdade, afigura-se-nos agora tão imperfeita, tão inexacta, que chegamos a arrepender-nos de a termos amado e defendido. Aquele mesmo bem que ambicionávamos com paixão e entusiasmo, em certos dias deixa-nos frios, indiferentes e por vezes até aborrecidos. Em Deus nada disto acontece: «Eu sou o Senhor e não mudo» (*Mt.* 3, 6). Não muda o Seu pensamento, porque a Sua sabedoria é imutável, abrangendo ao mesmo tempo toda a verdade e só a verdade; não muda a Sua vontade, porque é vontade infinita do bem que sempre e indefectivelmente quer o bem e o bem supremo, absoluto, infinito.

Como temos necessidade de que a nossa vontade, tão inconstante e mutável, se agarre à vontade de Deus!

Quanto mais nos esforçarmos por querer só o que Deus quer e amar só o que Ele ama, tanto mais a nossa vontade se verá livre da sua mutabilidade, fixando-se no bem.

2 — «Deus — afirma S.to Agostinho — foi nos séculos passados, é nos presentes e será nos futuros. *Foi*, porque não houve instante em que não existisse; *será*, porque nunca deixará de existir; *é*, porque sempre existe». Eis um belo comentário à resposta simples do Catecismo: «Deus existiu sempre e sempre existirá; Ele é o Eterno». A eternidade de Deus é a posse de uma vida plena, perfeita e interminável, sem contingência alguma. Vida plena e perfeita que subsiste por si mesma com uma potência, um vigor e uma perfeição infinita; vida interminável que não tem princípio nem fim; vida sem contingência alguma, ou seja, que não é susceptível de sucessão alguma, de alteração, de progresso, pois que Deus possui a plenitude da Sua vida infinita «*tota simul*» (Boécio), toda a um tempo, desde o princípio e num eterno presente.

A imutabilidade e eternidade de Deus não são, pois, qualquer coisa de materialmente estático e imóvel, de uma estabilidade análoga à da matéria, que indica mais negação do que afirmação de vida; mas são a característica da máxima vitalidade, são a plenitude duma vida infinita e perfeitíssima, na qual não é possível mudança ou variação de nenhuma espécie, porque tem em si toda a perfeição que pode existir.

Nós, seres limitados, mutáveis, mortais, vivemos no tempo e estamos sujeitos à sucessão do tempo, todavia não fomos criados para o tempo, mas para a eternidade. Deus destinou-nos a participar um dia — conquanto de

um modo relativo e não absoluto — na Sua imutabilidade e eternidade divinas. Vivamos pois com os olhos postos na eternidade, «*sub lumine aeternitatis*», sem nos deixarmos prender e deter por aquilo que é passageiro e contingente.

O instante que foge deve ser vivido em função da eternidade que nos espera. Não percamos o tempo acumulando tesouros que «a ferrugem e a traça consomem» (Mt. 6, 19); acumulemos antes tesouros que permaneçam eternamente, acumulemos graça e amor que serão a medida da nossa glória eterna.

Só unindo-se a Deus, o único imutável e eterno, a alma encontra aquela estabilidade, aquela paz e segurança que procuraria em vão nas criaturas mutáveis e caducas.

Colóquio — «Ó Senhor, Vós sois sempre o mesmo e os Vossos anos não terão fim. Os Vossos anos não vão nem vêm; mas os nossos sim, vão e vêm para que possam vir todos. Os Vossos anos estão todos fixos em si mesmos, precisamente porque são estáveis. Os nossos, pelo contrário, existirão todos quando todos deixarem de existir. Os Vossos anos, Senhor, são um único dia, e não um dia que progressivamente se renova, mas um dia imutável, um dia sem ontem nem amanhã.

«Os meus anos decorrem entre gemidos, ao passo que Vós, ó Senhor, minha consolação e meu Pai, sois eterno. Estou dividido e disperso entre os diversos tempos, e os meus pensamentos, assim como as entranhas secretas da minha alma estão despedaçadas por este variar tumultuoso; só quando estiver limpo e purificado pela chama do Vosso amor poderei pensar em Vós.

«Ó Senhor, agradeço-Vos por terdes querido que o dia desta vida fosse tão incerto e breve. Como se pode chamar longa uma duração que tem fim? Não posso fazer voltar o dia de ontem, e o de amanhã dará lugar ao de hoje. Neste tão breve espaço de tempo fizeti que eu saiba viver bem, a fim de poder chegar aonde não tenha que passar além. Mesmo agora, enquanto falo, estou passando: tal como as palavras correm e voam da boca, assim passam as minhas acções, as minhas honras, a minha infelicidade e felicidade. Tudo passa!

«A Vós, pelo contrário, nada de semelhante acontece, pois sois imutavelmente eterno. Ó Senhor, exalte-Vos quem Vos compreende e também quem Vos não compreende. Oh! quão alto estais! Contudo, enchem a Vossa casa os humildes de coração. Efectivamente, Vós levantais os abatidos, e quem sobe até Vós não cai» (S.to Agostinho).

231. A COMPAIXÃO DE JESUS VI DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Jesus, meu Senhor e meu Pai, tende compaixão da minha pobre alma e sustentai-a com a Vossa graça.

1 — Há na liturgia de hoje um pensamento totalmente predominante: o Senhor é o Pai misericordioso que tem compaixão de nós e alimenta as nossas almas. A nossa alma está sempre faminta. Tem sempre necessidade de alimentar e sustentar a sua vida sobrenatural; só Deus nos pode dar o alimento adequado e por isso a Igreja convida-nos hoje a dirigir-Lhe esta bela oração:

«Deus todo-poderoso, fonte de tudo quanto é perfeito, infundi em nossos corações o amor... aumentai em nós o espírito de religião... o bem que em nós há, fortalecei-o e assim fortalecido, conservai-o» (Colecta). O Pai celeste acolhe benignamente a nossa súplica e responde-nos encaminhando-nos para o Seu divino Filho, o Seu Unigénito que enviou ao mundo a fim de que nEle tivéssemos a vida. Na Epístola (Rom. 6, 3-11), S. Paulo recorda-nos que «fomos baptizados na morte de Cristo» para «vivermos uma vida nova» e nEle podermos «viver para Deus». Por conseguinte, em Jesus, na Sua Redenção, encontramos tudo aquilo de que temos necessidade para alimentar a vida das nossas almas; encontramos a graça, o amor, a fé, o amparo dos nossos bons propósitos, exactamente como pedimos na Colecta. É uma grande alegria para nós ouvir repetir que ressuscitámos em Cristo para «uma vida nova»; é um grande conforto para a nossa fraqueza. Contudo, há ainda um ponto obscuro: mas então, porque continuamos a cair e nos vemos sempre tão miseráveis? Uma leitura mais atenta da Epístola permitir-nos-á descobrir o motivo: não estamos totalmente «mortos» com Cristo, em nós «o homem velho» não foi ainda «crucificado» até ao ponto de «não servirmos jamais ao pecado». Numa palavra, se queremos viver plenamente a vida que Cristo nos conquistou com a Sua morte, devemos primeiro morrer com Ele. E como se trata não da morte material do corpo, mas duma morte espiritual aos nossos defeitos, às nossas paixões, esta morte deve renovar-se continuamente: «quotidie morior» (I Cor. 15, 31): todos os dias morro a mim mesmo. A fraqueza da nossa vida espiritual provém da insuficiência desta morte.

2 — Ouçamos, no Evangelho (Mc. 8, 1-9), as palavras bondosas de Jesus: «Tenho compaixão deste povo». Jesus tem compaixão de nós, das nossas fraquezas, da nossa debilidade, da indecisão da nossa vontade. Vê as nossas almas cansadas, famintas, necessitadas de auxílio e, como outrora às turbas que vinham para O ouvir, repete-nos também a nós: «Tenho compaixão». A compaixão de Jesus volta-se primeiro para as nossas necessidades espirituais; com a Sua Paixão e Morte já proveu com liberalidade a essas necessidades, mas deseja continuar a cuidar delas todos os dias de um modo mais pessoal e directo, oferecendo-Se como alimento às nossas almas. O Evangelho fala-nos da segunda multiplicação dos pães, mas para nós, mais afortunados que as multidões da Palestina, Jesus reservou um pão infinitamente mais nutritivo e mais precioso: a Eucaristia.

Fascinadas pelas palavras de Jesus, as turbas haviam-nO seguido, esquecendo até as próprias necessidades: andavam com Ele há três dias e não tinham nada para comer. Que lição para nós, muitas vezes mais solícitos pelo pão material do que pelo espiritual! E Jesus, depois de ter provido largamente às necessidades do espírito, pensa também nas do corpo. Os discípulos, por sua vez, ficam admirados: «como poderá alguém saciá-los de pão aqui no deserto?» Já tinham assistido à primeira multiplicação dos pães, mas agora parece não terem dela a menor lembrança e ficam desconfiados. Quantas vezes palpámos nós de igual modo os milagres da graça, os milagres da divina Providência! Porém, não é raro ficarmos perplexos em face de novos casos difíceis e obscuros, como se puséssemos em dúvida a onnipotência de Deus. Pensemos, por exemplo, na nossa

vida espiritual: existem ainda pontos por vencer, por superar... experimentámo-lo tantas vezes e talvez agora não tenhamos já coragem para recomeçar de novo. Oh! se tivéssemos mais fé, se nos lançássemos em Deus com maior confiança! Bastaria talvez um belo acto de confiança total para conseguir a vitória. Jesus olha-nos e repete-nos: «Tenho compaixão deste povo»; e a Sua compaixão não é estéril. É acção vital, é auxílio e graça actual para a nossa alma; porque não temos, pois, mais confiança nEle?

Colóquio — «Ah, Senhor meu! Tenho necessidade da Vossa ajuda, porque sem ela nada posso fazer. Por Vossa misericórdia não consentais que a minha alma seja enganada, deixando o caminho começado. Dai-me luz para que veja como está nisto todo o meu bem...

«Fazei-me compreender que a minha fé em Vós deve apoderar-se da minha miséria e não me devo espantar... se me acontecer sentir temor e fraqueza. Devo deixar que a carne faça o seu officio, lembrando-me de que Vós, ó Jesus, dissestes na oração do horto: 'a carne é fraca'... Se a Vossa carne divina e sem pecado é enferma, como quereirei que a minha seja tão forte que não sinta temor? Portanto não me quero queixar de temores nem desanimar por ver fraco o meu natural. Quero confiar na Vossa misericórdia desconfiando das minhas forças, porque toda a minha fraqueza está em me apoiar nelas» (T.J. M. II, 6; P. 3, 10 e 12).

«A Vós recorro, ó Senhor; não permitais que eu seja confundido para sempre; livrai-me segundo a Vossa justiça! Inclinaí para mim o Vosso ouvido, acudi prontamente a livrar-me. Sede para mim uma rocha de refúgio, uma cidadela fortificada para me pordes a

salvo; porque Vós sois a minha rocha e a minha cidadela; por amor do Vosso nome conduzi-me e guiai-me. Nas Vossas mãos encomendo o meu espírito; Vós me libertastes, ó Senhor, Deus fiel. Regozijar-me-ei e alegrar-me-ei com a Vossa misericórdia porque olhastes para a minha miséria, socorrestes a minha alma nas angústias e não me entregastes nas mãos do inimigo, antes pusestes os meus pés em lugar seguro... Eu confio em Vós, Senhor, salvai-me pela Vossa misericórdia! Não seja eu confundido porque Vos invoquei... porque grande bondade tendes reservada para os que Vos temem e a concedeis aos que se refugiam em Vós. Esforçai-vos e fortalecei o vosso coração, vós todos que esperais no Senhor» (*Sal.* 30).

232. A BONDADE INFINITA

Dignai-Vos revestir-me da Vossa bondade, ó meu Deus, porque só Vós sois bom.

1 — Quando Moisés pediu a Deus que lhe mostrasse a Sua glória, Deus respondeu-lhe: «Eu te mostrarei todo o bem» (*Ex.* 33, 19), como querendo indicar-lhe que a Sua glória é a bondade infinita, é o bem que Ele possui em tal plenitude, que todo o bem está nEle e nenhum bem existe independentemente dEle. Deus possui o bem, não por tê-lo recebido de alguém, mas porque Ele mesmo é, por Sua natureza, o sumo Bem, porque o Seu Ser é bondade infinita. Se as criaturas são boas, somente o são porque Deus lhes comunicou algo da Sua bondade, pois como a criatura, por si, não pode existir, não pode tão pouco ter bondade alguma. Eis porque ao jovem que

Lhe chamara «bom Mestre», Jesus replicou: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus só» (Mc. 10, 18). Nem sequer Jesus, enquanto homem, possuía a bondade como coisa própria, mas apenas porque Deus, a quem estava hipostaticamente unido, Lha comunicava. Sômente de Deus se pode afirmar que é bom, no sentido de que Ele é a própria bondade e de que a bondade Lhe pertence por natureza, como por natureza Lhe pertence a divindade; e como é impossível que a Sua divindade sofra alteração, é também impossível que diminua a Sua bondade. Passará o céu, passará a terra, passarão os séculos, porém a bondade de Deus não passará jamais. A malícia dos homens poderá acumular pecados sobre pecados, males sobre males, mas acima deles a bondade de Deus permanecerá imutável; nunca a sombra do mal conseguirá manchá-la; pelo contrário, Deus, sempre benigno, inclinar-Se-á sobre o mal para o transformar em bem, para tirar dele um bem maior. Assim Se inclinou a bondade infinita sobre o homem pecador e da queda de Adão tirou um bem infinitamente maior: a Redenção do mundo por meio da Encarnação do Seu Unigénito. É este o carácter distintivo da bondade de Deus: querer o bem, unicamente o bem, a ponto de tirar o bem mesmo do próprio mal.

2 — Deus, sumamente bom em Si mesmo, é bom também em todas as Suas obras; dEle, bondade infinita, não podem emanar senão obras boas: «E Deus viu todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas», assim termina na Sagrada Escritura o relato da criação (Gén. 1, 31). Tudo o que sai das mãos de Deus leva o cunho da Sua bondade. É bom o sol que ilumina e aquece a terra, é boa a terra que produz flores e frutos, é bom

o mar, bom o céu, boas as estrelas: tudo é bom, porque tudo é obra de Deus, bondade essencial, infinita, eterna. Deus, porém, quis que entre as Suas criaturas houvesse algumas, como o homem, que, além de serem boas porque Ele as criou tais, o fossem igualmente pela adesão do seu livre arbítrio à bondade que Ele infundiu nelas. Eis a grande honra feita por Deus ao homem: não só o criou bom como criou bons o céu e a terra, mas quis que fosse bom pelo concurso livre da sua vontade; foi como se o tornasse senhor da bondade que nele pôs. Foi precisamente por esta razão que lhe deu o grande dom da liberdade. Vê quanto te afastas da bondade sempre que te serves do teu livre arbítrio não para queres o bem, mas para queres o mal. Vê a suma distância que há entre ti e Deus: Deus é bondade infinita, a ponto de tirar o bem mesmo do mal; tu és maldade tão profunda que até o bem sabes converter em mal, valendo-te do bem da tua liberdade para condescender com o teu egoísmo, com o teu orgulho, com o teu amor próprio. Contudo, se tu aderisses àquele impulso interior para o bem que Deus pôs em ti, se deixasses desenvolver aquela bondade que Ele infundiu no teu coração, não te seria difícil ser bom. Deus fez-te bom, quer que sejas bom; é verdade que a tua malícia — consequência do pecado — é grande, mas a Sua bondade infinita supera-a imensamente e pode sará-la ou destruí-la até ao fundo desde que tu queiras e confies nela.

Colóquio — «Ao considerar a Vossa bondade, ó meu Deus, a alma deveria animar-se a trabalhar com todas as suas forças para lhe corresponder; e deveria correr velozmente ao Vosso encontro, Vós que a ides perseguindo, suplicando: 'Abre-me, irmã minha'!

«É que vantagem tira a alma da consideração da Vossa bondade? Eis a vantagem: reveste-se dessa bondade. Oh! se abrissemos os olhos e vissemos quão grande ela é! Mas às vezes estamos cegos e nada vemos. Só o Sangue quente de Cristo é o colírio capaz de abrir não somente os olhos, mas também o coração, para dar a conhecer às almas a imensidade da bondade divina... Ó meu Deus, Vós mostrais-me a Vossa bondade infinita como um grande rio que transborda para a terra e em cujas águas todas as criaturas se submergem e se alimentam como os peixes no mar. Contemplando este rio fico nele imersa, mas voltando-me e vendo a malícia humana tão contrária à Vossa bondade, sinto enorme pesar. Ó Bondade infinita, a minha alma quer honrar-Vos de dois modos: primeiro, com o louvor, agradecendo-Vos e bendizendo-Vos continuamente por todos os dons e graças que lhe concedeis e narrando as Vossas grandezas; depois, com as obras, não alterando nela a Vossa imagem, mas conservando-a pura e sem mancha, tal como Vós desde o princípio a criastes» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi),

«Ó Senhor, quero confiar na Vossa bondade que é maior que todos os malês que podemos fazer. Quando nos conhecemos a nós mesmos e queremos tornar à Vossa amizade, não Vos lembrais da nossa ingratidão nem das mercês que nos fizestes para nos castigardes, antes ajudam a perdoar-nos mais depressa como a gente da Vossa casa que, como se costuma dizer, comeu o pão da Vossa mesa. Ó Senhor, eis o que fizestes comigo: cansei-me mais depressa de Vos ofender do que Vós de me perdoar. Nunca Vos cansais de dar; nem se esgotam as Vossas misericórdias; não nos cansemos nós de receber!» (T.J. Vi. 19-15).

233. A BONDADE INFINITA DIFUNDE-SE

Ó Bondade infinita que Vos comunicais incessantemente às criaturas, ensinai-me a imitar-Vos.

1 — O bem não se encerra em si mesmo; a sua característica é difundir-se, é comunicar-se aos outros, «*bonum diffusivum sui*». Quanto mais o bem é verdadeiro, mais tende a difundir-se; Deus é o sumo Bem, por isso é o bem sumamente difusivo. Primeiro, Deus derrama-Se em Si mesmo, no seio da SS.ma Trindade: o Pai comunica ao Filho toda a Sua divindade, essência, vida, bondade, beatitude divinas; o Pai e o Filho juntamente, comunicam-Se ao Espírito Santo. Nesta comunicação essencial, total, incessante, absoluta, consiste a vida íntima de Deus, consiste o mistério da SS.ma Trindade; eis a suprema realização do axioma: «*bonum diffusivum sui*».

Mas a Bondade infinita quer também difundir-se fora de si, e deste modo Deus chama à existência um número indizível de seres, aos quais comunica de modo e em grau diverso, um pouco da Sua bondade. Deus cria as criaturas não porque tenha necessidade delas, pois nada podem acrescentar à Sua beatitude e glória essenciais, mas cria-as somente para expandir para fora de Si a Sua bondade infinita. Deus não quer as criaturas por nelas haver algum bem, alguma coisa digna de amor, mas, ao criá-las, fá-las participar no Seu bem e torna-as amáveis. Deus comunica-Se às criaturas unicamente porque é bom e goza em partilhar o Seu bem com outros seres. A bondade de Deus é tão grande que pode comunicar-se a um número infinito de criaturas sem jamais se esgotar; a bondade de Deus é tão comunicativa que torna bom tudo o que toca e amáveis todas as criaturas.

Esta bondade é a razão do teu ser e da tua vida; criando-te, imprimiu em ti o Seu rastro e continua a envolver-te e a penetrar-te sem cessar. Examina o teu coração e vê se conserva o cunho da bondade divina; examina os teus pensamentos, os teus sentimentos, as tuas acções e vê se resplandece neles o reflexo da bondade infinita.

2 — A bondade de Deus é tão gratuita que se comunica às criaturas sem que elas o mereçam; é tão liberal que sempre as precede e não deixa de derramar sobre elas as Suas luzes ainda que, abusando da sua liberdade, se mostrem indignas. A bondade divina é tão longânime que não Se detém perante as ingratidões, as resistências, nem mesmo perante as ofensas das Suas criaturas, mas persegue-as sempre com a Sua graça. Deus teria absoluto direito de responder aos pecados dos homens tirando-lhes a vida e todos os bens que lhes concedeu, porém a Sua bondade infinita prefere responder com novos dons, com novas provas de benevolência e diz: «Não quero a morte do ímpio, mas sim que se converta do seu mau proceder e viva» (Ez. 33, 11).

Considera agora a tua bondade e vê como é mesquinha, ruim, calculadora e interesseira, comparada com a de Deus. Quantas vezes ages também como os pagãos de que fala o Evangelho, «os quais amam só aqueles que os amam» (cfr. Mt. 5, 46). És bom com quem é bom para contigo, prestas os-teus serviços a quem te paga com igual moeda; mas és muitas vezes duro e avaro dos teus dons para com aqueles de quem não podes esperar nenhuma recompensa. Não te acontece, porventura, ser doce e benévolo para quem aprova e partilha as tuas ideias e, inversamente, áspero e pouco benigno para com quem te é contrário? Em face da

frieza, das ingratidões, das ofensas e por vezes até das pequenas faltas de atenção, a tua bondade detém-se, afasta-se, encerra-se dentro de si mesma e já não és capaz de te mostrar benévolo para com o próximo. Repara, pois, como a tua bondade é infinitamente diferente da de Deus. Vê como precisas de meditar nas palavras de Jesus que te convidam a imitar a bondade do Pai celestial: «Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus e manda a chuva sobre justos e injustos» (Mt. 5, 44 e 45).

Colóquio — «Ó Pai eterno! Ó fogo e abismo de caridade! Ó eterna clemência, ó esperança, ó refúgio dos pecadores! Ó bem eterno e infinito! Então Vós necessitais da Vossa criatura? Parece-me que sim, pois agis como se não pudésseis viver sem ela, Vós que sois a vida na qual tudo tem vida, já que sem Vós nada vive. Porque agis portanto assim? Porque Vos enamorastes da Vossa obra e Vos deleitastes nela como que inebriado pela sua salvação? Ela foge de Vós e Vós ides buscá-la; ela afasta-se e Vós aproximais-Vos. Não podíeis aproximar-Vos mais dela do que revestindo-Vos da sua humanidade. E que direi? Farei como Jeremias e exclamarei: a, a, porque não sei dizer outra coisa, porque a língua finita não pode exprimir o affecto de uma alma que infinitamente Vos deseja. Parece-me ter de repetir a frase de S. Paulo quando disse: 'Nem língua pode dizer, nem ouvido escutar, nem olho ver, nem coração pensar o que eu vi'. Que viste? '*Vidi arcana Dei*', vi os mistérios inefáveis de Deus. E eu que digo? Nada quero acrescentar com os meus sentimentos grosseiros;

apenas te digo, ó minha alma, que saboreaste e viste o abismo da Sua eterna providência. Por isso Vos dou graças, ó sumo e eterno Pai, pela Vossa extrema bondade para com esta miserável, indigna de toda a graça.

«Acaso poderei eu, miserável, agradecer a caridade ardente que Vós, Senhor, tivestes para comigo e para com todas as Vossas criaturas? Oh, não! Só Vós, dulcíssimo e amoroso Pai, sereis grato e reconhecido por mim, isto é, o affecto da Vossa própria caridade Vos dará graças, porque eu sou aquela que não é. E se eu dissesse que sou alguma coisa por mim mesma, mentiria, porque só Vós sois Aquele que é. O ser e toda a graça recebi de Vós que tudo me destes e continuamente me dais por amor e não por obrigação.

«Ó bondade infinita, ó amor inestimável, admiráveis são as coisas que realizastes na Vossa criatura racional!» (S.ta Catarina de Sena).

234. A SABEDORIA INFINITA

Deus meu, sabedoria infinita, ilumina a minha mente e ensina-me o segredo da verdadeira sabedoria.

1 — Deus é sabedoria infinita pois conhece-Se perfeitamente a Si mesmo e a todas as coisas. Em Deus a sabedoria não é como em nós, distinta do ser, mas é o próprio ser de Deus. O ser de Deus é suma sabedoria, é raio intelectual luminoso, resplandecente, eternamente subsistente, que abrange e penetra toda a essência divina e, ao mesmo tempo, vê nela, como em sua causa, todas as coisas que existem e poderão existir. A sabedoria divina — diz a Sagrada Escritura —

«atinge tudo por causa da sua pureza... É uma exalação do poder de Deus e como que uma pura emanção da claridade de Deus onipotente. É o clarão da luz eterna, o espelho sem mancha da majestade de Deus e imagem da Sua bondade» (*Sab.* 7, 24-26).

A sabedoria divina é, acima de tudo, um perfeito conhecimento de Deus. Nenhuma criatura, nem sequer os anjos e os bem-aventurados no céu, pode conhecer a Deus a ponto de esgotar a grandeza infinita do Seu ser. Só Deus Se conhece perfeitamente a Si mesmo, só a sabedoria divina pode esgotar as profundezas infinitas da Sua essência e dos Seus mistérios. Para nós, tão incapazes de conhecer a Deus tal qual Ele é, é um gozo imenso contemplar a sabedoria infinita que penetra todos os mistérios divinos, é um conforto imenso invocá-la e confiar-se a ela para que seja a nossa luz e o nosso guia no conhecimento de Deus.

A sabedoria divina é, pois, conhecimento perfeito de tudo quanto existe; nenhum erro pode haver nela, pois é verdade eterna e imutável. Nada Lhe pode permanecer oculto ou misterioso, porque ela fez todas as coisas e por isso as conhece até à sua íntima essência; nada de novo há nelas que deva aprender, porque tudo vê desde toda a eternidade num eterno presente e nada, por insignificante que seja, se pode furtrar à sua luz fulgurantíssima: «Até os próprios cabelos da vossa cabeça estão todos contados», disse Jesus (*Mt.* 10, 30). Deus conhece-nos muito melhor do que nós mesmos nos conhecemos: todos os movimentos mais secretos do nosso coração, mesmo aqueles que escapam ao nosso controle, são-Lhe perfeitamente manifestos. Peçamos-Lhe a graça de nos conhecermos a nós mesmos na Sua luz, na Sua verdade eterna.

2 — A sabedoria divina conhece todas as coisas em Deus e em relação a Ele que é a sua causa primeira. Vê todas as coisas dependentes de Deus e por Ele ordenadas à Sua glória, por isso não as julga segundo as suas aparências exteriores, mas unicamente segundo o valor, o lugar, o significado que têm perante Deus. Os juízos da sabedoria divina estão pois infinitamente distantes dos nossos limitados juízos humanos que se detêm na pura materialidade das coisas: «Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! — exclama S. Paulo — quão incompreensíveis são os Seus juízos e imprescrutáveis os Seus caminhos!» (Rom. 11, 33). E tanto mais incompreensíveis são para nós, quanto mais habituados estamos a julgar as coisas sob um ponto de vista oposto ao da sabedoria divina.

Conhecer as coisas em relação a Deus, estimá-las segundo o valor que têm na Sua presença, eis a verdadeira sabedoria, sabedoria que deves procurar adquirir à luz da sabedoria eterna. Observa quão longe estás dela quando julgas as criaturas e os acontecimentos só sob o ponto de vista humano, baseando-te unicamente na alegria e no prazer que te proporcionam. Esta sabedoria, que é a do mundo, «é loucura diante de Deus» (I Cor. 3, 19), porque julga as coisas em relação ao homem e não em relação a Deus, julga-as segundo as aparências e não segundo a realidade. Só quando te habituares a despojar-te da tua maneira de ver humana, demasiado subjectiva e interesseira, poderás ultrapassar as aparências das coisas para descobrir, à luz da fé, o significado e o valor que têm diante de Deus. Verás então claramente, que tudo o que o mundo tem em consideração — como uma grande inteligência, o êxito nas empresas, a estima das criaturas, etc. — é nada segundo a sabe-

doria divina, que julga imensamente superior o menor grau de graça ou o mínimo acto de caridade sobrenatural. Vê, pois, como te enganas quando te preocupas mais com o bom êxito dos teus negócios do que com o teu aproveitamento na virtude; vê como te enganas quando julgas o teu próximo segundo as suas qualidades naturais, segundo a simpatia ou antipatia natural que te inspira, sem ter em linha de conta o seu valor sobrenatural. A humilde consideração da tua ignorância há-de fazer-te sentir mais do que nunca a necessidade de invocar a Sabedoria divina: «Ó Sabedoria que saístes da boca do Altíssimo, vinda ensinar-nos o caminho da prudência» (BR).

Colóquio — «Ó Sabedoria divina! Em ti há um espírito de inteligência santo, único, múltiplice, subtil, discreto, ágil, imaculado, claro, suave, amigo do bem, penetrante, a quem nada pode impedir, benéfico, amante dos homens, benigno, estável, constante, seguro, que tudo pode, tudo vê, que encerra em si todos os espíritos, inteligente, puro, subtil. Com efeito, tu és mais activa do que todas as coisas ágeis e atinges tudo por causa da tua pureza. Porque és uma exalação do poder de Deus e como que uma pura emanção da claridade de Deus omnipotente, não se pode encontrar em ti a menor impureza. És o clarão da luz eterna, o espelho sem mácula da majestade de Deus e a imagem da Sua bondade. És uma só e podes tudo; permanecendo em ti mesma, renovas todas as coisas e, transfundindo-te nas almas santas, formas os amigos de Deus. És mais formosa do que o sol; comparada com a luz, vences, porque a esta sucede a noite, mas contra ti a malícia nada pode. Tu atinges fortemente desde uma extremidade à outra e dispões todas as coisas com suavidade.

«Deus de meus pais e Senhor de minha misericórdia, conVosco está a Vossa sabedoria que conhece as Vossas obras e se achava presente quando formáveis o universo e sabe o que é agradável aos Vossos olhos e o que é recto segundo os Vossos preceitos. Enviai-a dos Vossos santos céus e do trono da Vossa majestade, para que esteja comigo e comigo trabalhe, e para que eu saiba o que Vos é agradável. Porque ela sabe todas as coisas e entende-as e me guiará nas minhas obras com prudência e me protegerá com o seu poder. Ó Senhor, os pensamentos dos mortais são tímidos, e incertas as nossas providências. E com dificuldade compreendemos o que há na terra, e com trabalho descobrimos o que temos diante dos olhos. Quem pode pois investigar as coisas do céu? E quem poderá conhecer os Vossos desígnios, ó Senhor, se Vós lhe não derdes a sabedoria e do mais alto dos céus não enviardes o Vosso Santo Espírito?» (Sab. 7, 22-30; 8, 1; 9, 1-7).

235. O AMOR INFINITO

Ó meu Deus que sois todo amor, acendei em mim a chama da caridade.

1 — A Sagrada Escritura diz-nos: «*Deus caritas est*» (I Jo. 4, 16). Deus é amor, amor eterno, infinito, substancial. Assim como tudo o que há em Deus é belo, bom, perfeito, santo, tudo o que há em Deus é amor: a Sua formosura, a Sua sabedoria, a Sua onnipotência, a Sua providência e até a Sua justiça, é amor. O amor é perfeito e santo quando se orienta com todas as suas forças para o sumo Bem preferindo-o a todos os bens; este é o amor com que Deus Se ama a Si mesmo, porque

Ele é o Bem, o único Bem sumo e eterno, ao qual nenhum outro bem pode ser preferido. Portanto, o amor infinito que Deus tem a Si mesmo é, por sua natureza, inteiramente santo e em nada se relaciona com o que nós chamamos egoísmo ou amor próprio, pelo qual nos amamos a nós mesmos com afecto desordenado, até nos preferirmos — em pouco ou em muito, às vezes em tudo — a Deus, sumo Bem. Nós somos egoístas porque tendemos a amar-nos a nós mesmos, excluindo qualquer outro afecto; Deus, porém, está de tal maneira isento de toda a sombra de egoísmo que, embora amando-Se infinitamente e estando totalmente enamorado do Seu bem infinito, tende por Sua natureza a irradiar o Seu amor. É assim que Deus ama as criaturas; não as ama por haver nelas algum bem que O atraia, mas porque Ele mesmo, amando-as, produz nelas o bem. «O amor de Deus — afirma S. Tomás — é a causa que infunde e gera a bondade nas coisas» (I^a, q. 20, a. 2, co); Deus ama-nos, pois, com um amor totalmente gratuito e livre, com um amor sumamente puro, com um amor que é, ao mesmo tempo, benevolência e beneficência: *benevolência* que *quer* o nosso bem, *beneficência* que *faz* o nosso bem. Deus, amando-nos, chama-nos à vida, infunde em nós a graça, estimula-nos para o bem, convida-nos à santidade, atrai-nos a Si, torna-nos participantes da Sua felicidade eterna; tudo o que somos e temos é dom do Seu amor infinito.

2 — «Deus foi o primeiro que nos amou», exclama o apóstolo S. João (I, 4, 10), e de facto amou-nos desde toda a eternidade. Jazíamos no nada e contudo já estávamos no pensamento de Deus e Ele, vendo-nos, amou-nos e decretou chamar-nos à existência, de preferência

a outros inumeráveis seres. «Amei-te com amor eterno e por isso, compadecido de ti, atraí-te a mim» (*Jer.* 31, 3): eis como o próprio Deus nos revela a história da nossa vida que é a do Seu amor para conosco. História que, uma vez iniciada, não mais termina, porque o amor de Deus não tem fim; só o pecado tem a triste possibilidade de a interromper, mas, por Si, Deus ama-nos sempre e amar-nos-á com um amor incessante, infinito, eterno, imutável, fidelíssimo. Deus ama-nos quando nos consola, mas ama-nos também quando nos prova e nos deixa acabrunhados; ama-nos quando nos manda alegrias em abundância, mas ama-nos também quando nos aflige com a dor; as Suas consolações são amor, mas não o são menos os Seus castigos e provações. Em qualquer circunstância, por mais triste e dolorosa que seja, estamos sempre cercados pelo Seu amor que outra coisa não pode ser senão o desejo do bem e que por isso quer infalivelmente o nosso bem, mesmo quando nos conduz pelo caminho áspero e duro do sofrimento. Deus «tira a vida e dá a vida... castiga-nos e salva-nos» (cfr. *I Reis*, 2, 6; *Tob.* 13, 2), sempre impellido pelo Seu amor. Assim, não é raro ferir mais aqueles a quem mais ama, «porque — diz o Espírito Santo — os homens amados são provados no cadinho da humilhação» (*Ecli.* 2, 5). E S.ta Teresa de Jesus afirma: «Vede, pois, o que deu [trabalhos e dores]... Àquele a quem mais amava [Jesus]... São estes os Seus dons neste mundo. Dá conforme ao amor que nos tem: dá mais a quem mais ama, e menos a quem menos ama» (*Cam.* 32, 7).

Crer no amor de Deus, crer nele firmemente mesmo quando nos fere no que possuímos de mais querido, eis o programa da alma que deseja entregar-se cegamente ao Amor infinito.

Colóquio — «Ensinai a este miserável, ó meu Deus, quanto Vos deve amar, e amar-Vos-ei com todo o meu coração, com toda a minha alma, porque Vós fostes o primeiro a amar-me. Eu existo porque Vós me criastes, e desde a eternidade Vos propusestes criar-me e contar-me entre as Vossas criaturas. Donde me vem esta graça, benigníssimo Senhor, Deus altíssimo, Pai misericordiosíssimo? Por que merecimentos meus ou por que graça minha aprouve a Vossa Majestade criar-me? Eu não existia e Vós me criastes; nada era e do nada me arrancastes, fazendo-me alguma coisa. E que coisa? Não uma gota de água, nem fogo, nem ave, nem peixe ou qualquer outro animal... mas fizestes-me um pouco inferior aos anjos porque, como eles, recebi a razão para Vos conhecer e para que, conhecendo-Vos, Vos pudesse amar. E eu, ó Senhor, sou homem, por Vossa graça e por ela posso também ser Vosso filho, o que não podem as outras criaturas. Isto operou-o só a Vossa graça, só a Vossa bondade, a fim de eu poder participar da Vossa doçura. Concedei-me, pois, a graça de Vos ser reconhecido, Vós que do nada me criastes!» (S.to Agostinho).

«Ó meu Deus, Sabedoria infinita, sem medida nem limitação, superior a todos os entendimentos angélicos e humanos! Ó Amor que me amais acima do que eu me posso amar e entender! O amor que nos tendes e tivestes ainda mais me espanta e desatina por sermos o que somos.

«Como poderia a minha vontade não se sentir inclinada a amar-Vos? Ó Senhor, tantas demonstrações de amor recebi de Vós, que desejo ao menos pagar-Vos alguma. Aflige-me em especial o pensamento de que Vós, verdadeiro amante, nunca me abandonais, mas

sempre me acompanhais, dando-me o ser e a vida. Entendo que melhor amigo jamais poderei encontrar» (T.J. Ex. 17, 1; P. 1, 7; M. II, 4).

236. A MISERICÓRDIA INFINITA

Fazei-me compreender, Senhor, os segredos da Vossa misericórdia, para que possa aproveitar dela plenamente.

1 — O amor de Deus para conosco assume um carácter particularíssimo, adaptado à nossa natureza de criaturas frágeis e débeis: a misericórdia. A misericórdia é o amor que se inclina sobre a miséria para a aliviar, remir, elevar para si. Parece que Deus nos ama atraído pela nossa fraqueza, não porque ela seja amável, mas porque Ele, bondade infinita, tem compaixão dela e quer supri-la com a Sua misericórdia. Com a Sua perfeição infinita quer curar a nossa imperfeição, com a Sua pureza a nossa impureza, com a Sua sabedoria a nossa loucura, com a Sua bondade o nosso egoísmo, com a Sua fortaleza a nossa fragilidade. Deus, bem supremo e eterno, quer ser o remédio para todos os nossos males «porque ele sabe bem de que fomos formados e lembra-se de que somos pó» (Sal. 102, 14).

E como o nosso maior mal — ou antes, o único verdadeiro mal — é o pecado, a misericórdia infinita quer ser também o remédio para este mal extremo. É certo que Deus odeia o pecado, mas enquanto que por esse motivo, é obrigado a retirar a Sua amizade, ou seja, a Sua graça, da alma do pecador, a Sua misericórdia sabe encontrar ainda maneira de continuar a amá-lo; efectivamente, se já não pode amá-lo como amigo, ama-o

sempre como criatura, como obra das Suas mãos, ama-o pelo bem que ainda há nele e que dá esperança de conversão. A misericórdia de Deus é tão grande que nenhuma miséria, por profunda que seja, a pode esgotar e que nenhum pecado, nem sequer o mais ignominioso, desde que seja chorado, a pode deter. Uma única coisa tem este triste poder: a vontade soberba do homem que se encerra desdenhosamente na sua miséria, não querendo reconhecer a necessidade que tem da misericórdia infinita. Neste caso, se bem que seja imensa a misericórdia divina, cumprem-se as graves palavras do Evangelho: «Deus dissipa aqueles que se orgulham nos pensamentos do seu coração, depõe do trono os poderosos... e despede vazios os ricos» (cfr. Lc. 1, 51-53).

2 — A misericórdia de Deus não tem limites: nunca nos rejeita por causa dos nossos pecados, nunca se cansa das nossas infidelidades, nunca nos recusa o perdão, mas está sempre pronta a esquecer qualquer ofensa, a apagar com a Sua graça as nossas ingratidões. Nunca nos lança em rosto as nossas faltas, nem mesmo quando recaímos súbitamente depois de ter recebido o perdão; nem sequer se indigna pela nossa obstinação no mal e pela nossa inconstância no bem, mas sempre nos estende a mão, desejando socorrer-nos. Mesmo quando os homens nos condenam, Deus usa connosco de misericórdia, absolve-nos, despede-nos justificados, como Jesus despediu justificada a mulher adúltera: «Vai, e não peques mais» (Jo. 8, 11). Com o Seu exemplo e com as Suas palavras, Jesus mostrou-nos a inexaurível grandeza da misericórdia de Deus: pensemos no filho pródigo, na ovelha perdida, em Madalena, no bom ladrão. Mas Ele disse-nos também: «Sede misericordiosos como também

vosso Pai é misericordioso» (Lc. 6, 36). Até onde chega a nossa misericórdia? Até que ponto sabemos compadecer-nos dos defeitos alheios? A medida da nossa misericórdia para com o próximo será a medida da misericórdia de Deus para conosco, porque Jesus disse: «Com a medida com que tiverdes medido, Vos medirão também a vós» (Mt. 7, 2).

Para derramar sobre nós a plenitude das Suas misericórdias, Deus não exige que sejamos impecáveis, mas que sejamos misericordiosos para com os nossos irmãos e também que sejamos humildes. Com efeito, não basta ser miserável para atrair sobre si a divina misericórdia, é preciso reconhecer humildemente a própria miséria e voltar-se para Deus com plena confiança: «o que agrada a Jesus — dizia Teresa de Lisieux — é ver-me amar a minha pequenez e a minha pobreza, é a esperança cega que tenho na Sua misericórdia... Eis o meu tesouro» (Cart. 176). Este é o tesouro que supre todas as nossas misérias, fraquezas, recaídas, infidelidades, porque, mediante esta humildade e esta confiança, apoderamo-nos da misericórdia infinita. E tendo esta à nossa disposição, como poderemos desanimar por causa da nossa miséria?

Colóquio — «Bendiz, ó minha alma, o Senhor e não esqueças nenhum dos Seus benefícios. Não, não esqueceréi que Vós perdoastes todas as minhas culpas, curastes todos os meus males, que me cumulastes de ternura e de favores, que saciais de bens os meus desejos.

«Vós sois misericordioso e compassivo, ó Senhor, paciente e cheio de bondade; não estais sempre a contender, nem guardais ressentimento para sempre. Não me tratastes segundo os meus pecados, nem me retri-

buistes segundo as minhas culpas; porque, quanto o céu está elevado acima da terra, tanto prevalece a Vossa misericórdia sobre os meus méritos. Como um pai se compadece dos seus filhos, assim, ó Senhor, Vos compadeceis dos que Vos temem, porque sabeis bem de que somos formados e lembrais-Vos de que somos pó. Tudo passa, mas a Vossa misericórdia, ó Deus, estende-se desde a eternidade e para sempre e exerce-se de geração em geração» (*Sal.* 102).

«Ó Senhor, desde que me foi dado compreender o amor do Vosso Coração, ele expulsou do meu coração todo o temor. A lembrança das minhas faltas humilha-me, leva-me a nunca me apoiar sobre a minha força que não é senão fraqueza; mas esta lembrança, ó Senhor, fala-me sobretudo da Vossa misericórdia e do Vosso amor. E como poderiam as minhas faltas não ser consumidas para sempre, se as lanço com uma confiança toda filial no braseiro devorador do Vosso amor?

«Ó Senhor, ainda que eu tivesse cometido todos os crimes possíveis, teria sempre a mesma confiança; estaria segura de que — tendo um sincero arrependimento — toda esta multidão de ofensas seria como uma gota de água lançada num braseiro ardente.

«Ó Jesus, porque não posso dizer a todas as almas quanto a Vossa condescendência é inefável? Sinto que se, por impossível, encontrásseis uma alma mais fraca, mais pequena do que a minha, Vos deliciaríeis a acumulá-la de favores ainda maiores, se ela se abandonasse com inteira confiança à Vossa misericórdia infinita» (*T.M.J. Cart.* 220; *NV.* 11-VII; *M.B.* pg. 241).

237. A JUSTIÇA INFINITA

Ó Senhor, fazel-me conhecer as belezas da Vossa justiça e ensinai-me a amá-la com zelo e com confiança.

1 — A justiça, apesar de parecer tão diferente da misericórdia é, como esta, um aspecto da santidade de Deus, da Sua bondade e das Suas perfeições infinitas. Ou, mais exactamente, justiça e misericórdia são dois aspectos diversos — mas inseparáveis — do único amor com que Deus ama as Suas criaturas. A misericórdia é amor, amor infinito do bem, e da mesma forma o é da justiça; a misericórdia relaciona-se intimamente com a justiça e a justiça com a misericórdia. «Porque Deus é justo, é também compassivo», diz S.ta Teresa do Menino Jesus (*Cart.* 203); Deus é misericordioso porque é justo e é justo porque é misericordioso porque, conhecendo a nossa miséria, inclina-Se para nós com misericórdia infinita.

Contudo a justiça distingue-se da misericórdia, ou melhor, a justiça é o amor de Deus que nos dá tudo o que é necessário para o nosso bem e para alcançarmos o nosso fim. A misericórdia, pelo contrário, é o amor de Deus que nos dá muito mais do que o necessário. Todavia, a justiça nunca se separa da misericórdia, antes a supõe, porque Deus não poderia, por exemplo, prover às necessidades da nossa vida — o que é um acto da justiça — se antes não tivesse criado em nós estas necessidades, chamando-nos à existência — o que é um acto da misericórdia. A justiça, portanto, acompanha sempre a misericórdia porque Deus dá-nos sempre muito mais do que nos seria devido: como criaturas, não nos competia senão um estado de felicidade natural; Deus,

porém, quis chamar-nos a um estado de felicidade sobrenatural. Para vivermos como filhos de Deus bastar-nos-ia o socorro da graça, mas Deus quis dar-nos também o grande dom da Eucaristia. Para remir o mundo do pecado teria sido suficiente uma só gota do Sangue de Jesus. Ele, porém, quis morrer na cruz. Eis que assim a misericórdia acompanha e ultrapassa a justiça e esta sempre se enlaça com aquela, pois Deus não seria justiça infinita se não fosse misericórdia infinita e vice-versa.

2 — A misericórdia é a efusão do sumo Bem que comunica a Sua bondade às criaturas; a justiça é o zelo que defende os direitos deste sumo Bem que deve ser amado sobre todas as coisas. Neste sentido, a justiça intervém quando a criatura, calcando aos pés os direitos de Deus, em lugar de O amar e de O honrar, O ofende. Então vem o castigo que pune o pecador, castigo que é fruto da justiça, mas que é, ao mesmo tempo, fruto da misericórdia: «porque o Senhor castiga aquele a quem ama» (*Prov.* 3, 12). Deus, com efeito, não castiga o pecador para o aniquilar, mas para o levar à conversão: é assim que nesta vida as disposições da justiça divina são sempre ordenadas em vista da misericórdia, isto é, têm sempre como fim pôr o pecador em condições de aproveitar da misericórdia divina. Por isso, quando Deus castiga, é sempre misericordioso; os Seus castigos não são unicamente punições, mas sobretudo remédios para curar as nossas almas do pecado. Apenas são castigo para aquele que não quer de modo nenhum converter-se.

A misericórdia e a justiça alternam-se e enlaçam-se continuamente na nossa vida espiritual. Pela mise-

ricórdia, Deus oferece-nos a Sua amizade divina, mas pela justiça não pode admitir à Sua intimidade uma alma que conserva o mínimo apego ao pecado e à imperfeição e, por isso, submete-a a provas purificadoras. Estas provas têm sempre um duplo fim: fazer-nos reparar as nossas culpas — tal é a finalidade da justiça — e destruir em nós as últimas raízes do pecado para nos dispor para a união com Deus — que é a finalidade da misericórdia. Devemos, portanto, aceitar as nossas pro-vações com humildade, reconhecendo que as merecemos; devemos aceitá-las com zelo e amor da justiça, querendo reivindicar os direitos de Deus, direitos que amiudadas vezes esquecemos e descuramos; mas devemos aceitá-las também com amor, porque toda a provação é uma grande misericórdia de Deus que só pretende fazer-nos avançar no caminho da santidade.

Colóquio — «Ó Senhor, Vós concedestes-me a Vossa misericórdia infinita e é através dela que contemplo e adoro as Vossas outras perfeições divinas! Assim, todas me aparecem envolvidas em amor; mesmo a justiça, e talvez ainda mais do que qualquer outra, me parece revestida de amor. Que doce alegria pensar, ó Senhor, que Vós sois justo, isto é, que tendes em conta as nossas fraquezas, que conheceis perfeitamente a fragilidade da nossa natureza. De que poderei, pois, ter medo? Ah! Vós, o Deus infinitamente justo que Se dignou perdoar com tanta bondade todas as faltas do filho pródigo, não há-de igualmente ser justo para comigo que continuo sempre conVosco?

«Sei que é preciso ser muito puro para aparecer diante de Vós, Deus de toda a santidade, mas sei também que Vós sois infinitamente justo e é esta Vossa justiça,

que assusta tantas almas, que constitui o objecto da minha alegria e da minha confiança... Ó Senhor, espero tudo da Vossa justiça, como da Vossa misericórdia; porque sois justo, sois também compassivo e cheio de doçura, tardo em castigar e abundante em misericórdia» (T.M.J. M.A. pg. 214; *Cart.* 203).

Que será de mim que tenho de censurar-me por tantos erros? Mas onde abunda o pecado superabunda a graça. E se a Vossa misericórdia, ó Senhor, dura eternamente, cantarei sem fim a Vossa bondade. A Vossa bondade, a Vossa justiça e não a minha; eu não tenho outra senão a Vossa, porque Vos fizestes minha justiça. Acaso poderei temer que uma só não chegue para ambos? Mas a Vossa justiça é infinita e permanece por toda a eternidade. Portanto, esta justiça imensa a ambos nos cobrirá, mas em mim cobrirá a multidão dos meus pecados ao passo que em Vós, ó Senhor, deverá somente esconder os tesouros da Vossa bondade que me esperam nas aberturas das chagas de Cristo. Aí encontrarei a Vossa infinita doçura, oculta, é verdade, mas oculta somente para aqueles que se querem perder» (S. Bernardo).

238. FRUTOS DE VIDA

VII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ajudai-me, Senhor, a não me contentar com palavras, mas a produzir frutos de santidade.

1 — Hoje a Epístola (*Rom.* 6, 19-23) e o Evangelho (*Mt.* 7, 15-21) falam-nos dos verdadeiros frutos da vida cristã e convidam-nos a examinar quais os frutos que

até agora produzimos. Quando «éreis escravos do pecado» — afirma S. Paulo — produziéis frutos de morte, «mas agora que estais livres do pecado e feitos servos de Deus, tendes por vosso fruto a santificação». A nossa santificação deve ser o fruto da nossa vida cristã e é sobre este ponto que nos devemos examinar: que progresso fazemos na virtude? Somos fiéis aos nossos propósitos? Cada cristão pode considerar-se uma árvore da vinha do Senhor: o próprio Jesus, Jardineiro divino, a plantou em terra boa, fértil, fecunda, a terra do jardim da Igreja, banhada com a água viva da graça; rodeou-a dos cuidados mais amorosos, podando-lhe os ramos inúteis por meio de provações, curando-a dos males mediante a Sua Paixão e Morte, regando-lhe as raízes com o Seu preciosíssimo Sangue. De tal modo cuidou dela que pode dizer: «Que coisa há que eu devesse fazer mais à minha vinha que lhe não tenha feito?» (Is. 5, 4). Mas depois de tantos cuidados, Jesus passa um dia para ver que frutos produz esta árvore e pelos seus frutos, a julga, porque «não pode uma árvore boa dar maus frutos nem uma árvore má dar bons frutos». Se antes da Redenção a humanidade era semelhante a uma árvore bravia somente capaz de dar frutos de morte, com a Redenção foi enxertada em Cristo e Cristo, que nos alimenta com a Sua própria seiva, tem todo o direito a encontrar em nós frutos de santidade e de vida eterna. Por isso, as palavras e os suspiros não bastam; não basta sequer a fé, pois «a fé, se não tiver obras, é morta» (Tgo. 2, 17); são indispensáveis as obras e a prática da vontade de Deus, porque «nem todo o que me diz: 'Senhor! Senhor!' entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos céus».

2 — No Evangelho de hoje, Jesus chama a nossa atenção para os «falsos profetas» que se apresentam «vestidos de ovelhas e por dentro são lobos rapaces». Muitos apresentam-se como mestres de moral ou mestres espirituais, porém são mestre falsos porque as suas obras não correspondem às suas palavras; aliás, é fácil falar bem, mas não é fácil viver bem. Às vezes as doutrinas propostas são falsas em si mesmas, embora à primeira vista o não pareçam, visto que se revestem de certos aspectos de verdade; é falsa a doutrina que, em nome de um princípio evangélico, ofende um outro, por exemplo, que em nome da compaixão para com uma pessoa lesa o bem comum, que em nome da caridade ofende a justiça ou esquece a obediência aos legítimos superiores. É falsa a doutrina que é causa de relaxamento, que perturba a paz e a união, que, sob pretexto de um bem melhor, separa os súbditos dos superiores, que não se subordina à voz da autoridade. Jesus quer-nos «simples como as pombas», alheios à crítica e ao juízo severo do próximo, mas quer-nos também «prudentes como as serpentes» (Mt. 10, 16), a fim de nos não deixarmos enganar pelas falsas aparências do bem que escondem perigosas insídias.

Porém, ser mestre não é para todos, nem a todos se exige; mas a todos — sábios e ignorantes, mestres e discípulos — pede o Senhor a prática concreta da vida cristã. De que nos serviria possuir uma doutrina profunda e elevada, se depois não vivêssemos segundo essa doutrina? Portanto, em vez de querermos ser mestres dos outros, procuremos sê-lo de nós mesmos, empenhando-nos em viver integralmente as lições do Evangelho, imitando Jesus que primeiro «começou a fazer e depois a ensinar» (Act. 1, 1). O fruto genuíno que há-de com-

provar a bondade da nossa doutrina e da nossa vida é sempre o que Jesus nos indicou: o cumprimento da Sua vontade. Cumprimento que significa adesão plena às leis divinas e eclesiásticas, obediência leal aos legítimos superiores, fidelidade aos deveres de estado, e tudo isto em todas as circunstâncias, mesmo quando exige de nós a renúncia à nossa maneira de ver e à nossa vontade.

Colóquio — «Ó Deus eterno, no tempo em que o homem era árvore de morte, Vós fizeste-lo árvore de vida enxertando-Vos nele. E contudo, muitos homens, por suas culpas, só produzem frutos de morte porque não se enxertam em Vós, vida eterna. Muitos permanecem na morte dos seus pecados e não vêm à fonte onde está o Sangue de Cristo para regar a sua árvore... e assim se vê que Vós nos criastes sem nós, mas que não nos quereis salvar sem nós.

«Quanta dignidade, ó Deus, recebe a alma enxertada em Vós e que deliciosos frutos produz! Donde extrai esta alma tais frutos de vida, sendo ela estéril e morta? Extrai-os de Vós, ó Cristo, porque se Vós não Vos tivésseis enxertado nela, nenhum fruto poderia produzir por virtude própria, visto ser nada.

«Ó verdade eterna, amor inestimável, tal como Vós, ó Cristo, produzistes para nós frutos de fogo, de amor, de luz, de obediência pronta, pela qual correstes como um enamorado para a morte ignominiosa da cruz, e nos destes estes frutos mediante o enxerto da Vossa Divindade em nossa humanidade, assim a alma enxertada em Vós a nenhuma outra coisa atende senão à Vossa honra e salvação das almas: torna-se fiel, prudente, paciente. Envergonha-te, ó minha alma, que por teus defeitos te privas de tanto bem! O meu bem ne-

nhuma utilidade Vos proporciona, ó Deus, nem o meu mal Vos prejudica; Vós, porém, deleitais-Vos em que a Vossa criatura produza frutos de vida, a fim de que possa receber o fruto infinito e chegar ao termo para o qual nos criastes a todos.

«Ó meu Deus, a Vossa suprema e eterna vontade não quer senão a nossa santificação, por isso a alma que deseja santificar-se despoja-se da sua vontade e reveste-se da Vossa. Ó dulcíssimo Amor, parece-me ser este o verdadeiro sinal dos que estão enxertados em Vós: que sigam a Vossa vontade à Vossa maneira e não à sua, que sejam revestidos da Vossa vontade» (cfr. S.ta Catarina de Sena).

239. A DIVINA PROVIDÊNCIA

Ó meu Deus que tudo ordenais e dispões para altíssimos fins, ensinai-me a confiar plenamente na Vossa divina Providência.

I — «A sabedoria divina — diz a Sagrada Escritura — atinge fortemente desde uma extremidade à outra, e dispõe todas as coisas com suavidade» (*Sab.* 8, 1). A sabedoria divina identifica-se, deste modo, com a divina providência, que tudo ordena, dispõe e guia para a consecução de um fim bem determinado: fim último e supremo, a glória de Deus; fim próximo e secundário, o bem e a felicidade das criaturas. Nada existe sem causa, nada sucede por acaso no mundo, mas tudo, absolutamente tudo, entra no grandioso plano da divina providência, plano em que todas as criaturas, mesmo as mais pequenas, têm o seu lugar, o seu fim, o seu

valor; em que todos os acontecimentos, por mais insignificantes que sejam, foram previstos e ordenados desde a eternidade, nos seus mínimos pormenores. Neste plano vastíssimo e maravilhoso, todas as criaturas, desde as mais sublimes — como os anjos — até às mais humildes — como a gota de orvalho e a haste de uma erva — são chamadas a dar o seu contributo para a harmonia e para o bem do conjunto.

Se determinadas situações nos parecem incompreensíveis, se não chegamos a atingir a razão de ser das circunstâncias e das criaturas que nos fazem sofrer, é porque não sabemos descobrir o lugar que ocupam no plano da divina providência, no qual tudo está ordenado para o nosso último bem. Sim, também o sofrimento está ordenado para o nosso bem, e Deus, que é bondade infinita, não quer nem permite senão com este fim. Em teoria, acreditamos nisto, mas na prática facilmente o esquecemos; e assim, quando nos encontramos perante situações obscuras e dolorosas que vêm desfazer ou dificultar os nossos projectos e os nossos desejos, logo nos desorientamos e nos sobe aos lábios a pergunta angustiada: porque permite Deus isto? No entanto nunca falta a resposta que é universal e infalível como universal e infalível é a providência divina: Deus permite-o unicamente para o nosso bem. Esta é a profunda convicção de que temos necessidade para não nos escandalizarmos em face das provações da vida. «Todas as veredas do Senhor são graça e fidelidade para os que guardam a sua aliança e os seus mandamentos» (*Sal.* 24, 10); podemos duvidar de nós, podemos duvidar da nossa bondade e da nossa fidelidade, mas não de Deus que é bondade e fidelidade infinita.

2 — Depois de nos ter criado, Deus não nos deixou à mercê de nós mesmos, mas, como uma terna mãe, continua a assistir-nos e a prover a todas as nossas necessidades: «Porventura pode uma mulher esquecer-se do seu menino?... Porém, ainda que ela se esquecesse, — diz o Senhor — eu não me esquecerei de ti» (Is. 49, 15). Todo o homem pode, na verdade, considerar estas palavras como sendo-lhe dirigidas em particular; com efeito, a providência de Deus é tão imensa e poderosa que, abrangendo o mundo inteiro, tem ao mesmo tempo um cuidado especial por cada uma das Suas criaturas, mesmo pelas mais pequeninas. Foi sob este aspecto que Jesus nos apresentou a providência do Pai celestial: «Nem sequer um pássaro cai sobre a terra sem o consentimento do vosso Pai... não temais, pois vós valeis mais que muitos pássaros» (Mt. 10, 29 e 31). Do mesmo modo que Deus não nos criou em série, mas cria individualmente a alma de cada homem que vem a este mundo, assim a Sua divina providência não se limita a assistir-nos em conjunto, mas assiste a cada um em particular, conhecendo muito bem todas as nossas necessidades, as nossas dificuldades e até os nossos desejos e sabendo perfeitamente aquilo que mais convém ao nosso verdadeiro bem. Mesmo a mais solícita das mães pode ignorar alguma necessidade do seu filho, pode esquecer-se dele, pode errar ao atendê-lo ou estar impossibilitada de o fazer; isto não acontecerá nunca com Deus, cuja providência tudo sabe, tudo vê, tudo pode. Nem sequer o mais pequeno passarinho é esquecido, nem a mais humilde flor do campo é descuidada. «Considerai — diz Jesus — como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam. Digo-vos todavia que nem Salomão... se vestiu jamais como um deles. Se pois

Deus veste assim uma erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?» (Mt. 6, 28-30). A providência de Deus rodeia-nos por todos os lados; dela vivemos, por ela nos movemos e somos. Não obstante, somos tão tardios em crer nela, tão desconfiados! Como temos necessidade de dilatar o coração numa esperança, numa confiança maior, ou antes, ilimitada, porque ilimitada é a divina providência!

Colóquio — «Ó Deus, tendo criado o mundo, regê-lo e governai-lo com uma ordem admirável. Vós fazeis nascer e germinar as plantas, fazeis abrir as flores no tempo próprio e amadurecer os frutos. Vós governais o sol, a lua, os planetas, em suma, criastes tudo com uma ordem admirável e tudo fizestes para o homem. Depois fizestes o homem só para Vós e nele quereis repousar, não querendo que ele repouse nem descanse em nada fora de Vós. Vós não precisais da Vossa criatura e todavia dignais-Vos procurar nela o Vosso repouso, a fim de que depois Vos possa gozar e gozar eternamente, possa gozar-Vos e ver-Vos face a face, juntamente com todo o Paraíso.

«É tal a Vossa providência divina, ó Senhor, que cuidais de todos como se fossem um só; e de um só como se nele estivessem todos incluídos. Oh! se a Vossa providência fosse compreendida, todas as criaturas deixariam as coisas deste mundo e Vos seguiriam para se poderem unir com a Vossa providência» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

Benigno sois, ó Senhor, para com todos, e a Vossa misericórdia estende-se a todas as Vossas criaturas. Louvem-Vos, ó Senhor, todas as Vossas obras e bendigam-

-Vos os Vossos santos. Os olhos de todos voltam-se para Vós esperançosos e Vós dais a todos, em tempo oportuno, o seu sustento; abris a mão e cumulais de favores todos os viventes. Fazeis justiça aos oprimidos e dais o pão aos famintos. Libertais os cativos, abris os olhos aos cegos, endireitais os aleijados, amais os justos. Sarais os corações atribulados e ligais as suas chagas. Vós cobris o céu de nuvens; preparais a chuva para a terra e fazeis crescer a erva sobre os montes; dais o seu alimento aos animais e aos filhinhos dos corvos que o pedem. Ó Senhor, todas as criaturas se expandem ao lembrarem-se da Vossa imensa bondade e aclamam a Vossa liberalidade» (cfr. *Sal.* 144; 145; 146).

240. A OMNIPOTÊNCIA INFINITA

Ó Deus, usal da Vossa omnipotência infinita para me converterdes totalmente ao Vosso amor.

1 — «Eu sou o Deus omnipotente» (*Gén.* 17, 1); foi assim que Deus Se apresentou a Abraão. Deus é omnipotente porque pode fazer tudo o que quer, tudo o que a Sua Sabedoria infinita vê como possível; e pode fazê-lo como quer, quando quer e sem nenhuma limitação: «Tudo o que o Senhor quer, o faz, no céu, na terra, no mar e em todos os abismos» (*Sal.* 134, 6). Nada pode impedir a Sua acção, nada pode opor-se ao Seu querer, nada Lhe é difícil. As nossas obras, mesmo as mais simples, requerem tempo, fadiga, material próprio, colaboração; as obras de Deus, ainda as maiores, realizam-se num só instante por um acto simplicíssimo da Sua vontade. Deus é de tal maneira omnipotente, que com

uma só palavra tirou do nada todas as coisas: «fiat», e a luz e os céus, a terra e os mares e o universo inteiro foram feitos. As nossas palavras são um som oco que se perde no ar sem nada produzir; a palavra de Deus, ao contrário, é onnipotente, criadora, operante, activa, eficaz, produzindo infalivelmente tudo o que exprime. Deus é tão onnipotente que, tendo criado o homem livre, o governa e dirige segundo o Seu beneplácito sem lesar em nada a sua liberdade. Deus é de tal maneira onnipotente que transforma os homens, de filhos do pecado, em Seus filhos adoptivos, participantes da Sua vida divina. Deus é tão onnipotente que tira o bem do próprio mal. A onnipotência de Deus está sempre em acto, sempre em actividade, sempre operando, sem jamais se cansar; e esta onnipotência grandiosa, infinita, eterna, está totalmente ao serviço da Sua bondade infinita, ou melhor, é a mesma bondade infinita que pode fazer todo o bem que quer. Como temos necessidade do auxílio dessa onnipotência, nós tão fracos que, muito embora vendo e desejando o bem, tantas vezes somos incapazes de o fazer!

2 — Deus é o único onnipotente, o único que, por Sua natureza, possui o poder; nós, porém — como todas as outras criaturas — somos impotentes, incapazes de qualquer coisa. O sol não pode brilhar, o fogo não pode arder, a flor não pode desabrochar e nós não podemos sequer dar um passo sem o concurso da onnipotência divina. É a grande verdade que Jesus nos ensinou com as palavras: «sem mim nada podeis fazer» (Jo. 15, 5).

O nosso poder, a nossa capacidade não têm as suas raízes em nós, mas em Deus somente: «a nossa capacidade vem de Deus» (II Cor. 3, 5). Este pensamento

deve manter-nos na humildade: se alguma coisa podemos e sabemos fazer, não é por virtude própria, mas unicamente porque Deus nos tornou participantes do Seu poder divino. Abandonados a nós mesmos, nem sequer seríamos capazes de formular um pensamento ou articular uma palavra. Por outro lado, esta nossa impotência radical não deve deprimir-nos porque Deus, bondade infinita, assim como nos comunicou o ser e a Sua bondade, também nos comunica o Seu poder e está disposto a comunicá-lo na medida em que nos vir mais humildes e convictos da nossa impotência. É assim que Deus Se compraz em escolher os humildes, «as coisas vis e desprezíveis segundo o mundo e aqueles que não são» (I Cor. 1, 28), para realizar as obras mais grandiosas. S.ta Teresa de Ávila podia dizer: «Sòzinha, Teresa não pode nada, mas com Jesus, Teresa pode tudo», e S. Paulo: «Tudo posso nAquele que me conforta» (Fil. 4, 13). A razão dos nossos numerosos insucessos no bem, nas obras de apostolado e no progresso na virtude, está exactamente em não nos apoiarmos bastante na onnipotência divina. Contamos demais com os meios humanos e de menos com o auxílio de Deus onnipotente. É certo que não devemos ficar ociosos à espera da ajuda divina, devemos fazer tudo o que estiver nas nossas mãos, porém nunca devemos atribuir o êxito às nossas indústrias e canseiras, mas unicamente ao auxílio da onnipotência divina.

Colóquio — «A Vossa mão onnipotente, Senhor, criou no céu os anjos e na terra os vermes, e não foi superior ao criar aqueles nem inferior ao criar estes. Tal como nenhuma outra mão poderia criar o anjo, também nenhuma podia criar o vermezinho; como nenhuma podia criar

o céu, tão pouco nenhuma outra pode criar a mais pequena folha duma árvore ou qualquer outro corpo, mas só a Vossa mão pode tudo isto, pois que tudo Lhe é igualmente possível. Não é para Vós mais simples criar o verme do que o anjo, porque tudo o que quisestes foi feito no céu e na terra, no mar e nos abismos.

«Do nada criastes todas as coisas e as fizestes só com a Vossa vontade: Vós possuís cada uma das Vossas criaturas sem indigência alguma; Vós a governais sem fadiga, a dirigis sem tédio e nada há que perturbe a ordem do Vosso império nem nas alturas nem nas profundidades. Vós não sois o autor do mal que não podeis fazer, conquanto nada exista que não possais fazer; nunca Vos arrependestes daquilo que fizestes, nem sois perturbado por tempestades ou agitação de espírito, nem os perigos da terra Vos podem causar dano» (S.to Agostinho).

«Regozijo-me, ó Senhor, por ver a Vossa onnipotência nas mãos da Vossa justa e amorosa vontade, porque tudo o que proceder de tal querer e poder, será bom e útil para mim e redundará para glória do Vosso nome. Ó Deus uno e trino, tão sábio quão poderoso e tão poderoso como bom, em tudo infinito, iluminai o meu entendimento com a Vossa sabedoria, tornai boa a minha vontade com a Vossa soberana bondade, fortalecei as minhas potências com o Vosso maravilhoso poder, a fim de que Vos conheça, Vos ame e Vos sirva com fortaleza» (Ven. L. da Ponte).

241. A FÉ

Ó Senhor, fazei que eu compreenda o grande valor da fé.

1 — «Sem a fé é impossível agradar a Deus» (*Hebr.* 11, 6), porque a fé é o fundamento das nossas relações com Ele. Para o homem sem fé Deus não tem nenhum significado, nenhum valor, nenhum lugar na vida. Pelo contrário, quanto mais viva é a fé, mais Deus entra na nossa vida, tornando-Se o nosso tudo, a única grande realidade pela qual vivemos e pela qual enfrentamos corajosamente a dor e a morte. Só quando a fé penetrou profundamente numa alma, esta pode exclamar com S. Paulo: «Se vivemos, vivemos pelo Senhor; se morremos, morremos para o Senhor» (*Rom.* 14, 8). A nós não nos falta a fé, mas sim uma fé viva e concreta que nos faça ver sempre a Deus em todas as coisas e acima de todas as coisas, que nos dê o sentido da Sua realidade essencial, transcendente e eterna, que supere infinitamente todas as realidades imediatas, contingentes e passageiras desta vida. A fé não se apoia em dados sensíveis, no que vemos, apalpamos e nem sequer se reduz ao que compreendemos com o nosso entendimento, mas, ultrapassando tudo isto, torna-nos participantes do próprio conhecimento de Deus, do Seu pensamento, da Sua ciência. Tendo-nos elevado ao estado de filhos Seus, Deus tornou-nos capazes de participar da Sua vida íntima, vida de conhecimento e de amor. Com este fim, juntamente com a graça, deu-nos as virtudes teológicas: a fé permite-nos participar na Sua vida de conhecimento e a caridade, na Sua vida de amor. A fé torna-nos capazes de conhecer a Deus como Ele mesmo Se conhece, embora, certamente, não de um modo exaustivo. Deus conhece-Se não só como Criador, mas tam-

bém como Trindade, como autor da graça, e assim no-IO apresenta a fé. Pela fé conhecemos as criaturas como Ele as conhece, quer dizer, em relação a Ele, em dependência dEle. O nosso entendimento não nos pode dar mais do que uma luz natural acerca de Deus e das coisas. A fé, porém, dá-nos a luz sobrenatural que é uma participação da luz de Deus, do conhecimento que Ele tem de Si mesmo e do mundo.

2 — S. Tomás diz que «a fé é uma disposição habitual da nossa mente, com a qual começa em nós a vida eterna», é um princípio de vida eterna (II^a II^{ae}, q. 4, a. 1, co.). Com efeito, pela fé começamos a conhecer a Deus como um dia O conheceremos no céu; lá em cima conhecê-IO-emos abertamente na luz da glória, na terra conhecemo-IO veladamente, através das verdades que a fé nos propõe para crer, contudo trata-se do mesmo Deus. A fé e a visão beatífica são como que duas faces do mesmo conhecimento de Deus: a fé dá-nos um conhecimento inicial, velado, imperfeito; a visão beatífica, em que a fé deixará de existir, dar-nos-á o conhecimento pleno, claro, perfeito. Agora «conhecemos imperfeitamente — diz S. Paulo, aludindo ao conhecimento pela fé — mas quando vier o que é perfeito, isto é, a visão beatífica, será abolido o que é imperfeito» (I Cor. 13, 9 e 10). S. João da Cruz emprega uma comparação genial para nos fazer compreender que a fé já contém em gérmen a visão do céu. Refere-se ao acontecimento bíblico dos soldados de Gedeão que levavam «luzes nas mãos e não as viam, porque as tinham escondido nas ânforas, quebradas as quais logo apareceu a luz. É assim a fé que, figurada por aquelas ânforas, contém em si a luz divina, a qual acabada e quebrada pela quebra e fim desta vida mortal,

logo aparecerá a glória e a luz da Divindade que em si continha» (S. II, 9, 3).

Quanto mais viva é a nossa fé, tanto mais gozamos nesta vida de uma antecipação do conhecimento de Deus que teremos no céu. Quanto mais viva e informada pelo amor é a nossa fé, tanto mais gozaremos por toda a eternidade de um alto grau de glória e, por conseguinte, de visão de Deus. A fé de hoje deve preparar-nos para a visão beatífica de amanhã, deve fazer-nos entrar, desde já, em comunhão com o pensamento, com o conhecimento de Deus. Eis como a fé nos eleva imensamente acima dos nossos raciocínios e pensamentos humanos.

Colóquio — «Ó fé de Cristo, meu Esposo, volto-me para ti, como sendo a que em si encerra e encobre a figura e formosura do meu Amado. Tu és fonte clara e limpa de erros, da qual manam para a alma as águas de todos os bens espirituais. Por isso Vós, ó Cristo, falando com a Samaritana, dissestes que naqueles que cressem em Vós faríeis uma fonte cuja água jorraria até à vida eterna.

«Ó fé, tanta é a semelhança entre ti e Deus, que não há outra diferença senão ser Deus visto ou crido. Porque assim como Deus é infinito, assim tu no-IO propões infinito; assim como é trino e uno, no-IO propões trino e uno; assim como Deus é treva para o nosso entendimento, assim também tu cegas e deslumbras o nosso entendimento. Assim, ó Senhor, só por este meio de fé nua Vos manifestais à alma em divina luz que excede todo o entendimento. Aumentai, pois, Senhor, a minha fé porque quanto mais fé tenha, mais unido estarei a Vós.

«Alma minha, sendo Deus inacessível, não repares naquilo que as tuas potências ou sentidos possam compreender ou sentir, para que não te satisfaças com menos e não percas a leveza precisa para ir a Ele. Mas caminha em fé nua e pura, porque só a fé é o meio próximo e proporcionado para a tua união com Deus» (J.C. C. 12, 1-3; S. II, 9, 1; AM. I, 52).

«Ó Sabedoria infinita, ó eterno e infinito Deus, Vós quereis ser compreendido pela Vossa criatura, porque sois o sumo Bem; ela é capaz de Vós e entende-Vos do modo que a ela Vos mostrais, sob o véu da fé, sim, mas véu luminoso, porquanto a Vossa palavra alumia e dá luz aos humildes. Todavia, assim como é impossível que Vós não sejais Deus, também é impossível que chegueis a ser plenamente conhecido pela Vossa criatura. Ó Senhor, quem quiser elevar-se à sublimidade da Vossa união, precisa, pois, de uma grande fé. Sendo Vós o Bem supremo, infinito, imenso, insondável, que não pode ser compreendido senão por Si mesmo, quanto mais a alma crê em Vós, tanto mais chegará a unir-se a Vós e a participar da Vossa bondade» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

242. O CLARO-ESCURO DA FÉ

Ó Senhor, ensina-me a crer mesmo no meio da obscuridade e das trevas; ensina-me a crer, confiando unicamente na Vossa palavra.

1 — A inteligência humana pode, só com as suas forças, através da consideração das coisas criadas, subir ao conhecimento de Deus criador, pode conhecer a Sua existência e ainda algumas das Suas perfeições, mas

ao mistério da Sua vida íntima, mistério que escapa aos olhares de qualquer criatura, não pode chegar sem que o próprio Deus a eleve. Só Deus conhece os mistérios da Sua vida íntima e da comunicação dessa vida aos homens, e só Deus no-los pode revelar. A revelação divina faz-nos «saber» com certeza que tais realidades existem, e contudo, não no-las deixa «ver»: faz-nos saber que Deus é Trindade, mas não nos faz ver a Trindade; faz-nos saber que Deus nos dá a graça, mas não no-la faz ver. Para aderirmos aos divinos mistérios, exactamente porque não vemos, devemos crer, confiados em Deus que no-los revelou; é nisto propriamente que consiste o acto de fé. A fé é certa porque se apoia na palavra de Deus que nem Se engana nem pode enganar. Neste sentido pode dizer-se que a fé é *clara*, ou seja, «limpa de erros» (J.C. C. 12, 3), e que não admite dúvidas, já que não se pode duvidar da palavra de Deus; mas, ao mesmo tempo, permanece *obscura*, porque não nos mostra as verdades que nos propõe para acreditar, continuando estas, por isso, a serem para nós um mistério. Recordemos a ânfora que encerra uma tocha acesa sem a deixar ver. Este aspecto obscuro da fé é para nós simultaneamente penoso e glorioso. Penoso, porque não vemos o que cremos, porque o acto de fé exige, com frequência, um salto na escuridão, nas trevas, coisa que repugna à natureza humana que gosta de controlar, de se dar conta, de prosseguir baseada em dados evidentes. As realidades sobrenaturais, quanto mais elevadas são, tanto mais são obscuras; são trevas para a nossa inteligência incapaz de avançar sem a ajuda dos sentidos e incapaz de abranger o infinito. Por outro lado, é esta obscuridade que constitui o mérito e a glória do nosso acto de fé: mérito, porque é um acto inteiramente sobre-

natural que não se baseia sobre o que vemos e controlamos, mas somente sobre o que Deus nos revelou; glória, porque o nosso acto de fé é tanto mais glorioso e honroso para Deus quanto mais se apoia só na Sua palavra.

2 — A minha inteligência não tem necessidade do concurso da vontade para acreditar que dois e dois são quatro: vê-o, é evidente. Ao contrário, perante as verdades divinas, precisamente porque não são para mim evidentes, a minha inteligência tem a liberdade de dar ou não o seu assentimento, e eu creio só porque quero crer. Diante das verdades naturais que posso controlar, como as verdades matemáticas, a minha adesão depende do esforço da minha inteligência: quanto mais a fundo as conheço e compreendo, mais convencido fico delas. Porém diante das verdades sobrenaturais, a minha adesão depende do esforço da minha vontade: é a vontade quem dá o impulso à inteligência. A vontade livre e recta, que ama o seu Deus, aceita plenamente tudo o que Ele lhe revelou; não é uma aceitação fria, mas uma aceitação amorosa, que põe em jogo todas as forças, toda a alma.

Todavia, porque falta a evidência, pode surgir a dúvida no meu pensamento; não me devo admirar, porque é natural que o entendimento humano duvide daquilo que não vê nem percebe. Algumas vezes as dúvidas podem provir da ignorância e então é um dever instruir-se; mas outras podem ser simples tentações e devem ser vencidas por um acto da vontade: Senhor, creio porque quero crer, creio embora não entenda, embora não veja, embora esteja em trevas. Creio, baseado unicamente na Vossa palavra. Esta é a conduta a seguir

nas tentações contra a fé; em vez de nos perdermos em raciocínios ou de desanimarmos, é mister aderir simplesmente com um acto da vontade. Na sua dura prova contra a fé, S.ta Teresa do Menino Jesus escrevia: «Apesar de não ter o gozo da fé, procuro ao menos realizar-lhe as obras. Creio que fiz mais actos de fé desde há um ano que durante toda a vida» (M.A. pg. 257). Através destas provações, a fé torna-se mais pura, mais sobrenatural: a alma crê, não pela consolação que a fé lhe dá, não apoiando-se no sentimento ou no entusiasmo, nem tão pouco nesse mínimo que entende dos mistérios divinos, mas crê só porque Deus falou. Quando o Senhor quer conduzir as almas a uma união mais íntima com Ele, quase sempre as faz passar por estas provas: é o momento de Lhe dar o testemunho da nossa fé, lançando-nos cegamento nos Seus braços.

Colóquio — «Ó fé bendita, tu és certa, mas também obscura. És obscura porque fazes crer em verdades reveladas pelo próprio Deus, as quais estão acima de toda a luz natural. A tua luz excessiva — luz de divina verdade — transforma-se para mim em obscura treva, porque o mais vence o menos, assim como a luz do sol suprime outras quaisquer luzes e vence a minha potência visual.

«Tu és noite escura para a alma e como noite a iluminas, à semelhança daquela nuvem tenebrosa que, durante a noite, alumia o caminho aos filhos de Israel; assim, embora tu sejas escura nuvem, alumias com a tua treva a treva da minha alma. Por isso, posso dizer também eu: a noite será a minha luz nas minhas delícias. No caminho da pura contemplação e união com Deus, a tua noite, ó fé, será o meu guia.

«Fazei-me pois compreender, ó Senhor, que para vir a juntar-me em união conVosco, não devo procurar razões nem arrimar-me ao gosto, nem ao sentido, nem à imaginação, mas devo crer no Vosso infinito Ser divino que não cabe no entendimento nem noutra qualquer sentido» (cfr. J.C. S. II, 3, 1-6; 4, 4).

«Ó fé, tu és a grande amiga do nosso espírito, e às ciências humanas que se gabam de ser mais evidentes do que tu, podes muito bem dizer aquilo que a sagrada Esposa dizia às outras pastorinhas: 'Eu sou morena, mas formosa'. Tu és morena porque estás entre as obscuridades das revelações divinas, as quais, carecendo de aparente evidência te fazem aparecer *negra* tornando-te quase irreconhecível; mas também és *formosa* em ti mesma pela tua infinita certeza» (cfr. S. Francisco de Sales).

«Só a bela luz da fé deve iluminar-me para ir ao Vosso encontro, ó Senhor. O Salmista canta que Vós 'Vós escondeis nas trevas', e depois noutra lugar parece contradizer-se dizendo que 'a luz Vos envolve como um manto'. Desta contradição aparente deduzo que devo submergir-me na treva sagrada, fazendo a noite e o vazio nas minhas potências. Então encontrar-Vos-ei, ó meu Mestre, e a luz que Vos circunda como uma veste envolver-me-á também a mim, porque Vós quereis que a esposa fique resplandecente com a Vossa luz, só com a Vossa luz» (I.T. II, 4).

243. O PODER DA FÉ

«Eu creio, Senhor, mas auxiliai a minha incredulidade, aumentai a minha fé» (Mc. 9, 23; cfr. Lc. 17, 5).

1 — Jesus disse: «Tudo é possível ao que crê» (Mc. 9,22); com efeito, parece que, perante um acto de fé, vivo, cego, incondicional, Deus não sabe resistir e julga-se quase obrigado a atender às nossas súplicas. O Evangelho no-lo diz em cada página; antes de operar um milagre, Jesus exigia sempre um acto de fé: «Credes que vos posso fazer isto?» (Mt. 9, 28), e quando a fé era sincera, o prodígio realizava-se imediatamente: «Tem confiança, filha — disse à hemorroíssa — a tua fé te sarou» (ib. 22). Jesus nunca diz: a minha onnipotência salvou-vos, curou-vos, mas *a vossa fé*, como para nos dar a entender que a fé é a condição indispensável requerida por Ele para exercer a Sua onnipotência em nosso proveito. Ele, sempre onnipotente, não quer usar da Sua onnipotência a não ser em favor de quem nEle crê firmemente. Eis o motivo porque o divino Mestre recusou a Nazaré os muitos milagres operados noutros lugares. Quanto mais viva é a nossa fé, tanto mais se torna onnipotente da própria onnipotência de Deus, «Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: 'passa daqui para acolá', e ele passará, e nada vos será impossível» (Mt. 17, 19). Assim como todas as palavras do Evangelho são verdadeiras, também estas o são; se não se realizam em nosso favor, é só porque a nossa fé é muito fraca. Quantas dificuldades encontramos na vida, que são para nós autênticas montanhas a transpor! Dificuldades na vida espiritual: defeitos que não conseguimos vencer, hábitos virtuosos que não con-

seguimos adquirir; dificuldades na vida quotidiana: falta de meios, trabalhos e obras que excedem a nossa capacidade, as nossas forças... E nós paramos desanimados no sopé dessas montanhas: é impossível, não posso! Bastaria um pouco de fé como um grão de mostarda, que é pequeníssimo, contanto que esta fé fosse viva, capaz de germinar como o grão de mostarda; fé viva, segura, decidida, fé sobrenatural que conta só com Deus e só em Seu nome enfrenta corajosamente qualquer dificuldade. Oh! se pudessemos crer assim! «Nada é impossível ao que crê».

2 — Embora as dificuldades encontradas ao longo do nosso caminho possam ser graves, contudo nunca podem legitimar o desânimo. Desanimamos porque nos dobramos sobre a nossa impotência: por um lado, a lembrança dos insucessos já sofridos e por outro a visão de situações desproporcionadas com as nossas forças, que se erguem diante de nós como montanhas intransponíveis, abatem-nos, sufocam-nos e paralizam-nos. Mas a alma que tem fé em Deus, que está segura do seu Deus, sabe encontrar facilmente o modo de sair destes apertos e serve-se da sua própria impotência e dificuldade como de um trampolim para mergulhar em Deus por um acto de fé, forte e decidido.

Deus permite às vezes situações muito difíceis na vida, para as quais, humanamente falando, não se vê solução; permite estados de verdadeira angústia devidos a duras provas de espírito, porque quer levar-nos a um exercício intenso da virtude da fé, exercício que, em certos casos, pode e deve tornar-se heróico. Assim, se o Senhor também dispuser para ti algo de semelhante, convence-te de que o não faz porque te abandonou e

repeliu de Si, para te humilhar ou aniquilar, mas para te tornar forte e até heróico na fé. Crê nEle, crê na Sua onnipotência auxiliadora, crê na Sua palavra; talvez o Senhor demore a vir em teu socorro porque ainda és incapaz de formular um acto pleno de fé. Como aos dois cegos do Evangelho, também a ti te pergunta: «Crês que eu posso fazer isto?» (cfr. Mt. 9, 28), mas tu ainda não sabes responder-Lhe com um *sim* forte e decidido, sem incertezas, sem *mas*, sem *se*. Porém, mesmo que a tua fé fosse forte, Deus poderia igualmente pô-la à prova, como Jesus provou a fé da Cananea. E então deves proceder como ela: não te dares por vencido, não deixares de acreditar, mas acreditar cada vez mais, de tal modo que Ele Se veja obrigado a responder-te como àquela humilde mulher: «Grande é a tua fé; seja-te feito como queres».

Colóquio — «Ó Senhor e Deus meu, em nós está tão morta a fé que acreditamos mais no que vemos do que no que ela nos diz; e na verdade não vemos senão desventuras naquelas que vão atrás destas coisas sensíveis!...

«Se aparecem grandes dificuldades, que não fará o demónio para nos acobardar? Pelo menos, enfranchece a fé e leva-nos a não acreditar que Vós sois poderoso para fazer obras superiores ao nosso entendimento; é um grande dano!

«Bendito sejais, meu Deus! Confesso o Vosso grande poder. Sim, bem sei que sois poderoso e que há de impossível a quem tudo pode? Embora miserável, creio firmemente que podeis o que quereis e quantas maiores maravilhas ouço dizer de Vós, e considero que podeis fazer ainda maiores, mais se fortifica a minha fé e com

maior determinação creio que o fareis. E porque admirar-nos do que faz o Todo-Poderoso?» (T.J. M. II, 5; Vi. 3, 7; Ex. 4, 2).

«Ó meu Deus, é preciso mais fé para não crer em Vós do que para crer! É tão grande o amor que me demonstrais que não preciso da fé para crer nele» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Deus meu, Vós sois amor e onnipotência; Vós sabeis tudo, podeis tudo, quereis tudo e ordenais todas as coisas para Vossa glória e proveito nosso. Quanta fé recebo destas verdades! Quanta confiança, tranquilidade e amor me comunicam! Sei que, mesmo quando me não dáis nada de palpável, sois sempre o meu Deus e providenciais sempre com amor à obra das Vossas mãos. Por isso, escondo-me em Vós com fé e suporte o ímpeto da tempestade na certeza de que, quando Vos aprouver, com a Vossa onnipotência divina fareis até ressuscitar os mortos» (cfr. B. M. Teresa Soubiran).

Ó meu Deus, não, não diminuiu o poder do Vosso braço! Se não operais milagres em meu favor, é unicamente por ser fraca a minha fé. Ajudai, Senhor, a minha incredulidade; aumentai a minha fé!

244. FÉ VIVIDA

Ó Senhor, fazei que a fé seja a luz que me guie em todas as circunstâncias da vida.

1 — A fé deve ser a luz que envolve toda a nossa vida, e não apenas as nossas horas de oração. Na oração tu dizes: «Creio em Deus Pai todo-poderoso», mas poucos instantes depois, perante um dever difícil, uma pessoa

importuna, uma circunstância que transtorna os teus planos, esqueces que tudo foi querido e disposto por Deus para teu bem; esqueces que Deus é Pai e que, como tal, pensa no teu bem mais do que tu mesmo podes pensar, esqueces que Deus é onnipotente e que, como tal, pode ajudar-te em qualquer dificuldade. Perdendo de vista a luz da fé, que te faz ver todas as coisas na dependência de Deus e por Ele ordenadas para teu proveito, perdes-te em considerações e em protestos puramente humanos, como se Deus nada ou muito pouco tivesse a ver com a tua vida; perdes a coragem à semelhança daqueles que não têm fé. Sim, crês em Deus Pai onnipotente, mas não crês a ponto de reconhecer a Sua vontade ou, pelo menos, a Sua permissão, em todas as circunstâncias. Todavia, enquanto a fé não impregnar a tua vida, fazendo-te ver tudo em relação a Deus, tudo dependente dEle, não poderás dizer que a luz da fé é o guia da tua vida; ou antes, só o é parcialmente. Quantas vezes esta luz verdadeira que participa da luz de Deus permanece oculta debaixo do alqueire da tua mentalidade demasiado humana, demasiado terrena! Jesus disse que «não acendem uma lucerna e a põem debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão em casa» (Mt. 5, 15). A lucerna da fé acende-se em ti no dia do teu baptismo e tu deves elevá-la bem alto, acima de todos os teus pensamentos, de todos os teus raciocínios, para que alumie toda a tua vida, toda a tua casa: a casa interior da tua alma, a casa exterior em que vives, o ambiente em que te moves, as pessoas com quem tratas.

2 — Quem vive de fé pode repetir as belas palavras da Ir. Isabel da Trindade: «Tudo o que acontece é para

mim uma mensagem do grande amor de Deus para com a minha alma». Para atingir este olhar de fé viva e profunda, debes habituar-te, nas tuas relações com as criaturas, a ultrapassar as causas segundas para subir à Causa primeira, a Deus que, com a Sua providência, tudo governa e ordena para os Seus santíssimos fins. Sabendo e crendo que é teu Pai quem dirige todas as coisas, entregar-te-ás ao Seu governo com plena confiança, e saberás conservar-te sereno mesmo nas adversidades, bem convencido de que Ele sabe valer-Se do mal, dos erros dos homens e até dos seus pecados e da sua malícia para o bem dos eleitos: «tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (Rom, 8, 28). Não há olhar mais compreensivo e concreto do que o olhar de fé, porque leva em conta a *inteira* realidade das criaturas e dos acontecimentos, considerando-os não só na sua entidade material, mas ainda nas suas relações de dependência para com Deus. Quanto melhor souberes ver todas as coisas a esta luz tanto mais te aproximarás do pensamento eterno, da sabedoria infinita de Deus, tanto melhor julgarás tudo segundo a verdade infalível de Deus. O olhar de fé tornar-te-á assim menos difícil aceitar certas situações dolorosas, certas amarguras da vida, porque também nelas te fará descobrir a mão paternal de Deus, que tudo ordena para a tua santificação. Se, julgando estas coisas sob o ponto de vista humano, te sentes tentado a protestar, a fazer valer as tuas razões, os teus direitos, a revoltar-te contra procedimentos de si injustos, levantando os olhos para Deus e considerando que Ele permite tudo isto para te exercitar na virtude e te estimular à santidade, terás força para aceitar em paz seja o que for e para te mostrares benévolo para com quem te faz sofrer. Mas,

ao mesmo tempo, lembra-te de que a fé é luz obscura para o teu entendimento e de que, por isso, te pedirá muitas vezes que acredites no governo sábio e amoroso de Deus mesmo sem compreenderes nada, mesmo que te pareça melhor o contrário. Nisto consiste a vida de fé, e o homem «justo vive de fé» (*Rom. 1, 17*).

Colóquio — «Meu Deus, para Vos dar gosto e alcançar muito de Vós, devo crer simplesmente no Vosso amor, no Vosso poder, na doçura dos Vossos dons; devo crer que Vós mos desejais comunicar e que o Vosso desejo excede em muito o que eu tenho de os receber. Devo acreditá-lo porque o justo vive de fé. Quero ser como uma filha carinhosa que não quer ver nem saber que meios escolhereis para lhe prodigalizar os Vossos inefáveis benefícios. Devo crer apenas porque o justo vive de fé.

«Ó Senhor, Vós penetrais em toda a parte com a Vossa bondade, com o Vosso amor individual, infinito, e com a Vossa onnipotência. Dai-me uma fé muito simples pela qual, sem nenhuma reflexão, eu me mova e permaneça nesta verdade como no meu centro e num asilo de paz onde nada me pode atingir se nele ficar bem escondida. Ó Senhor, Vós amais-me muito mais do que eu me amo a mim mesma e podeis tudo; além disso, quereis o meu bem, devo crer que o desejais mais do que eu. Eis-me diante de Vós, constantemente e em todo o tempo, porque sei que os actos de adoração perfeita e de abandono total são mais verdadeiros, humildes e simples quando, privados de todo o sentimento, se exprimem apoiados só na fé... sobretudo quando a alma, na sua parte inferior, vê e toca o vazio profundo no tempo e na eternidade. Pois bem, Senhor, fazei que

nesse estado, mais do que nunca, eu possa permanecer presente diante de Vós, pela fé. Ó prodígio! Quando apraz à Vossa divina bondade, a alma pode sentir-se inundada de paz na sua parte superior, embora entretanto continue a tempestade. Ó paz inefável, que excedes todo o sentimento, tu tiras para sempre o gosto do sensível, e fazes correr para a fé pura, como para a única fonte de um bem divino de que sois o fruto inefável e mil vezes bendito» (cfr. B. M. Teresa de Soubiran).

«Ó Senhor é tão doce servir-Vos na noite e na prova, não temos senão esta vida para viver de fé!» (T.M.J. CL.).

245. AS NOSSAS RIQUEZAS VIII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Senhor, ensinaí-me a ser um fiel e prudente administrador dos Vossos bens.

1 — Hoje, tal como no domingo passado, S. Paulo, na Epístola da Missa (*Rom.* 8, 12-17), confronta as duas vidas que se debatem sempre em nós: a vida do homem velho, escravo do pecado e das paixões, que produz frutos de morte, e a vida do homem novo, escravo, ou melhor, filho de Deus, que produz frutos de vida: «Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas se, pelo espírito, fizerdes morrer as obras da carne, vivereis». O baptismo fez-nos nascer para a vida do espírito, porém não suprimiu em nós a vida da carne; o homem novo deve combater sempre contra o homem velho, o espírito deve lutar contra a matéria. A graça baptismal

não nos isentou desta luta, embora nos tornasse capazes de a sustentar. Importa muito estarmos bem convencidos disto para não termos ilusões, para não nos admirarmos de que, depois de longos anos de vida espiritual, se levantem ainda em nós certas batalhas, que talvez pensássemos ter vencido para sempre. É esta a nossa condição: «A vida do homem sobre a terra é uma guerra» (*Job* 7, 1), tanto mais que Jesus disse: «O reino dos céus adquire-se à força» (*Mt.* 11, 12). Mas a luta contínua não nos deve assustar porque a graça fez-nos filhos de Deus e, como tais, temos todo o direito de contar com a Sua ajuda paternal: «Não recebestes o espírito de escravidão — insiste S. Paulo — para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adopção de filhos, mercê do qual chamamos, dizendo: 'Abba, Pai!」 E, para fortalecer a nossa fé nesta grande verdade, acrescenta: «O mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus». É como se o Apóstolo nos quisesse dizer: Não sou eu que vos afirma isto, é o Espírito Santo que vo-lo diz e dá testemunho dentro de vós. O Espírito Santo está em nós, em nós suplica ao Pai celestial, em nós suscita a esperança e a confiança; não sois escravos — diz-nos Ele — mas filhos: que temeis? Eis as nossas riquezas: ser filhos de Deus, co-herdeiros de Cristo, templos do Espírito Santo.

2 — Sob o véu duma parábola, à primeira vista um pouco desconcertante, o Evangelho de hoje (*Lc.* 16, 1-9) ensina-nos a sermos prudentes ao administrar as grandes riquezas da vida da graça. Ao propor esta parábola, certamente que Jesus não pretendeu louvar a conduta do servo «infiel» que, depois de ter roubado em todo

o tempo do seu serviço, continuou também a roubar quando soube que ia ser despedido. Contudo louvou o servo pela astúcia com que soube prevenir-se para o dia de amanhã. A lição da parábola incide precisamente sobre este ponto: «os filhos deste século são mais hábeis, na sua geração, que os filhos da luz. Portanto eu vos digo: grangeai amigos com as riquezas da iniquidade para que, quando vierdes a precisar, vos recebam nos tabernáculos eternos». Jesus exorta-nos, a nós os «filhos da luz», a não sermos menos hábeis em olhar pelos interesses eternos do que os filhos «das trevas» em assegurar os bens da terra.

Também nós, como o servo da parábola, recebemos de Deus um património para administrar: são os dons naturais, mas muito especialmente os dons sobrenaturais com todo o conjunto de graças, de santas inspirações, de incitamento ao bem, que Deus nos prodigalizou. Também para nós chegará o dia de prestar contas, e também nós teremos de reconhecer que fomos tantas vezes infiéis ao negociar com os dons de Deus, em fazer frutificar na nossa alma as riquezas da graça. Como remediar, portanto, as nossas infidelidades? É chegado o momento de pôr em prática a lição da parábola por meio da qual, diz S.to Agostinho, «o Senhor aconselha todos a valerem-se dos bens terrenos para grangear amigos entre os pobres. Estes, por seu turno, fazendo-se amigos dos seus benfeitores, serão causa da sua admissão no céu». Por outras palavras, trata-se de saldar as nossas dívidas para com Deus por meio da caridade para com o próximo porque, como diz a Sagrada Escritura, «a caridade cobre a multidão dos pecados» (I Ped. 4, 8). E não se trata apenas da caridade material, mas também da espiritual: não só de coisas grandes, mas também de

pequenas, até de mínimas, como um copo de água dado por amor de Deus. Estes pequeninos actos de caridade estão sempre ao nosso alcance e são as riquezas com que pagaremos as nossas dívidas e regularizaremos a «nossa administração».

Colóquio — «Ó Senhor, é o Vosso Espírito quem combate dentro de mim. Vós destes-me o espírito para dar morte às obras da carne. Movido pelo Vosso Espírito, sustento a luta porque tenho uma poderosa ajuda. O meu pecado atingiu-me, feriu-me, abateu-me; Vós, porém, meu Criador, deixastes-Vos ferir por mim e com a Vossa morte vencestes a minha. Trago em mim a fragilidade humana e também os grilhões da minha primeira escravidão, tenho nos meus membros uma lei que se opõe à lei da razão e que quereria arrastar-me como escravo da lei do pecado; o corpo corruptível oprime a minha alma. Por mais que me sinta firme mercê da Vossa graça, tenho sempre de sofrer por causa da minha fraqueza, enquanto levar o Vosso tesouro neste vaso de barro. Sois Vós a minha fortaleza, para permanecer forte contra as tentações; se as tentações se multiplicam e me assustam, Vós sois o meu refúgio. 'Sois a minha esperança e a minha herança na terra dos vivos'.

«Oh! como Vos sou devedor, Senhor Deus meu, já que por Vós fui remido por tão elevado preço! Oh! quanto Vos devo amar, bendizer, louvar, honrar, glorificar, já que tanto me amastes! Louvarei, ó Senhor, o Vosso nome, porque me tornastes capaz de tanta glória que cheguei ao ponto de ser Vosso filho. Devo-Vos tudo o que tenho, tudo o que necessito para a minha vida, tudo o que sou e amo. Quem possui alguma coisa que

não seja Vossa? Vós, ó Senhor nosso Deus, ofereceis-me os Vossos dons a fim de que, enriquecido por Vós, Vos sirva e agrade e, dia após dia, Vos dê graças pelos inumeráveis benefícios da Vossa misericórdia. Não posso servir-Vos nem agradecer-Vos senão empregando os Vossos próprios dons» (cfr. S.to Agostinho).

246. A ESPERANÇA

Ó Senhor, fortalecei a minha esperança pois quem espera em Vós não será jamais confundido.

I — A fé faz-te conhecer a Deus; tu crês nEle com todas as forças, porém não O vês. A tua fé, portanto, precisa de ser amparada pela certeza de que um dia verás o teu Deus, O possuirás e poderás unir-te a Ele eternamente. A virtude da esperança dá-te esta certeza apresentando-te Deus como teu bem infinito, como tua recompensa eterna. A fé diz-te: Deus é bondade, formosura, sabedoria, providência, caridade, misericórdia infinitas. A esperança acrescenta: este Deus tão grande e tão bom, é teu, Ele quer ser não somente tua posse e tua bem-aventurança eterna, mas, pela caridade e pela graça, quer ser possuído por ti enquanto esperas o céu, convidando-te a viver desde já em íntima união com Ele.

Tu olhas para Deus infinito, perfeitíssimo e tão imensamente acima de ti, criatura fraca e miserável, e pensas: como poderei eu chegar até Ele? Como poderei unir-me a Ele, pois supera infinitamente a minha capacidade? E a esperança responde-te: podes, porque o próprio Deus o quer, porque foi precisamente para este

fim que Ele te criou e te elevou ao estado sobrenatural, concedendo-te todos os auxílios necessários para tão árdua empresa. O Concílio de Trento assegura que todos devemos ter «esperança firmíssima — firmissima spem — na ajuda de Deus», ajuda que prometeu formalmente aos que O amam e recorrem a Ele com confiança: «pedi e vos será dado — disse Jesus — buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á... se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus, dará coisas boas aos que lhas pedirem?» (Mt. 7, 7 e 11). As «coisas boas» prometidas por Jesus são, acima de tudo, as compendiadas no acto de esperança: «a vida eterna e as graças necessárias para a merecer»; este é o objectivo da esperança, é isto o que em primeiro lugar devemos pedir e suplicar.

2 — Quando te colocas diante de Deus e pensas no fim altíssimo da união com Ele, compreendes imediatamente que o grande obstáculo que se interpõe entre ti e Deus são os teus pecados, a tua fragilidade e a tua miséria, pelo que te é tão difícil viver de um modo digno de Deus. Mas a esperança vem ao teu encontro, assegurando-te da parte da misericórdia infinita, o perdão dos pecados e a graça necessária, não só para viver bem, mas ainda para viver santamente.

O perdão dos pecados afasta de ti o obstáculo à união com Deus, a graça aproxima-te d'Ele e, finalmente, consuma a união. Que grande consolação inunda a tua alma quando tu, tão fraco que não consegues evitar o pecado, pensas que Deus te dá a garantia do Seu perdão; sim, todas as vezes que, sinceramente arrependido, reconheces as tuas faltas, Ele perdoa-te efectivamente pelos

merecimentos de Jesus e as tuas culpas ficam esquecidas para sempre; deves ter a certeza disto, não é lícito duvidar, porque não te é lícito duvidar da misericórdia e das promessas divinas. «Ainda que os vossos pecados fossem como o escarlata — diz o Senhor — tornar-se-iam brancos como a neve» (cfr. Is. 1, 18)). Além disso, Deus quer que estejas igualmente certo de que te concederá as graças necessárias para viveres bem, para venceres as tuas tentações e os teus defeitos, para progredires na virtude; conseguirás assim a união com Ele, não só no céu, mas também na terra. O teu ideal, ideal de santidade, não é pois irrealizável! Deus quer que esperes tudo d'Ele, não porque o mereças, mas porque Ele é infinitamente bom, porque é a *omnipotentia auxilians*, a omnipotência auxiliadora, sempre pronta a vir em nosso socorro. Seria temeridade, certamente, esperar que Deus te salvasse e santificasse sem a tua cooperação; mas se da tua parte fizeres o possível por evitar até as mais leves faltas e por exercitar com generosidade as virtudes, podes esperar com certeza que Ele fará por ti o que tu, apesar dos teus esforços, não consegues fazer. Deus quer que estejas certo disto. A certeza é uma propriedade da esperança perfeita e Deus quer que pratiques esta virtude com perfeição.

Colóquio — «Revesti-me, ó Senhor, da cota verde da esperança. A viva esperança em Vós dá à alma um tal vigor, coragem e elevação às coisas da vida eterna que, em comparação com o que ali nos espera, todas as coisas do mundo lhe parecem, como são na realidade, secas, murchas, mortas e de nenhum valor. Dai-me, portanto, ó meu Deus, uma forte esperança, a fim de que ela me despoje de todas as vaidades do mundo e

eu não ponha o coração em nada, não esperando nada do que há no mundo, mas viva somente vestida da esperança da vida eterna. Que a esperança seja o elmo da salvação que defende a minha cabeça das feridas do inimigo e que orienta o meu olhar para o céu, permitindo-me fixar os olhos só em Vós, meu Deus. Assim como os olhos da serva estão postos nas mãos da sua senhora, assim os meus se fixam em Vós, até que Vos compadeçais de mim, por causa da minha esperança. Fazei que eu não ponha o meu olhar noutra coisa, nem me pague, senão de Vós só e Vós, então, Vos agradareis tanto de mim que com toda a verdade poderei dizer que alcanço de Vós tanto quanto espero» (cfr. J.C. N. II, 21, 6-8).

«Para compreender a grandeza da Vossa Divindade, ó Senhor, preciso da fé e para agir preciso da esperança, porque se não esperasse possuir-Vos um dia, não teria forças para trabalhar cá na terra. Não, não desejo mais as coisas terrenas, embora nunca nelas tenha esperado. Mas tenho viva esperança, não de conseguir as coisas da terra, nas quais ordinariamente esperam os mundanos, mas de Vos conseguir a Vós, meu Deus.

«Ó Senhor, dai-me uma esperança forte porque não me posso salvar sem que esta virtude esteja bem radicada e infundida na alma. É-me necessária para implorar o perdão dos meus pecados e alcançar o meu fim. Que deleite produz a esperança na minha alma, fazendo-lhe esperar aquilo que deve depois gozar na pátria, fazendo-lhe saborear em parte, já neste mundo, o que no céu há-de eternamente saborear, compreender e possuir, que sois Vós, meu Deus» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

247. O MOTIVO DA ESPERANÇA

Fazei-me compreender, Senhor, que a minha esperança deve estar fundada em Vós, no Vosso amor, na Vossa misericórdia infinita.

1 — A nossa esperança seria muito incerta se tivéssemos de a fundar nos nossos méritos, no grau de graça que possuímos, porque nem podemos ter a certeza de estar em estado de graça, nem podemos estar seguros das nossas boas obras, sempre cheias de defeitos. Porém, a nossa esperança é *certa*, porque o seu primeiro fundamento não deve ser procurado em nós, mas em Deus, na Sua bondade infinita, na Sua vontade salvífica, pela qual Ele «quer que todos os homens se salvem» (I *Tim.* 2, 4), na Sua vontade santificadora, pela qual não somente nos quer salvar, mas também santificar; «esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (I *Tess.* 4, 3).

Deus quer que a certeza da nossa esperança se apoie unicamente n'Ele. Embora exigindo a nossa colaboração, as nossas boas obras, não quer que baseemos nelas a nossa confiança; Jesus, com efeito, depois de nos ter estimulado a fazer tudo o que está ao nosso alcance, acrescentou: «depois de terdes feito tudo o que vos foi mandado, dissei: 'somos servos inúteis'» (*Lc.* 17, 10). Lição muito difícil de compreender para as almas que estão demasiado habituadas a contar com as suas próprias forças e que julgam poder penetrar numa vida espiritual mais profunda, com os seus recursos pessoais. Por isso, quando o Senhor quer fazê-las progredir, fá-las passar por estados penosos de impotência, deixa-as experimentar as rebeliões e repugnâncias da natureza, para que se convençam como é vã a confiança que em si mesmas depositam. Eis o ponto delicado: saber aceitar

essa experiência sem cair no desânimo. Se antes confiavas em ti próprio e agora, em presença de certas dificuldades e provas da vida interior, vês as tuas forças reduzidas a nada, agradece ao Senhor. Deste modo Ele liberta-te da confiança demasiada que depositavas em ti e obriga-te ao exercício de uma esperança mais pura, mais sobrenatural, despojada de todos os elementos e apoios humanos. Mas se não podes esperar em ti, isto não é motivo para desesperares, mas sim para esperares unicamente em Deus, para te lançares nEle com plena confiança, tal como faz uma criancinha que, quanto mais incapaz e impotente se sente, tanto mais confiada se refugia entre os braços da sua mãe.

2 — A certeza da nossa esperança deriva da certeza da nossa fé: «sei em quem pus a minha fé, estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até esse dia, ou seja, até à vida eterna» (II *Tím.* 1, 12). Não se trata de uma certeza intelectual, mas sim de uma certeza da vontade e do coração, pela qual confiamos plenamente numa pessoa que sabemos com certeza que nos ama. E quem nos tem mais amor do que Deus? Quem nos deu mais provas de amor do que Deus? Contemplemos Jesus na cruz e repitamos com S. Paulo: «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se a Si mesmo por mim» (*Gál.* 2, 20).

Ora haverá «maior amor do que o daquele que dá a sua vida pelos seus amigos»? (*Jo.* 15, 3).

Eis em que se funda a certeza da tua esperança. Deves esperar chegar à posse beatífica de Deus na vida eterna e à união com Ele neste mundo não somente porque cumpriste o teu dever, porque te sentes forte no bem, virtuoso e bem disposto... mas porque, mau

grado a tua miséria e fraqueza, sabes que Deus está sempre pronto a ajudar-te desde que reconheças humildemente o teu nada e deposites n'Ele toda a tua confiança. S.ta Teresa do Menino Jesus dizia: «A santidade não está nesta ou naquela prática, consiste numa disposição do coração que nos torna humildes e pequenos nos braços de Deus, conscientes da nossa fraqueza e *confiados, até à audácia, na Sua bondade de Pai*» (NV. 3, VIII). Se nas tuas quedas e impotências te fechás em ti mesmo, cortas as asas da esperança e não fazes senão mergulhar cada vez mais na tua miséria; mas se, pelo contrário, te elevas a Deus por um acto de plena confiança, então a tua fraqueza é confortada e sustentada pela Sua onnipotência auxiliadora. Se perante as dificuldades e sacrifícios que o dever te impõe páras a calcular as tuas forças, recuas e és tentado a desertar; mas se, inversamente, desviando o olhar de ti mesmo, o diriges para Deus, para o Seu amor infinito, a certeza da Sua ajuda dar-te-á forças para avançar. A firme esperança n'Ele tornar-te-á forte, corajoso, generoso: será a alavanca da tua vida.

Colóquio — «Fortíssimo e onnipotente Senhor, mostra-me a minha pobreza para a confessar. Eu disse que era rico e de nada carecia, mas ignorava que era pobre, cego, nu, mísero e miserável; julgava ser alguma coisa, e afinal não era nada. Eu disse: 'Serei sábio' e tornei-me néscio; julgava ser prudente e enganei-me; agora vejo que a sabedoria é um dom Vosso, que sem Vós não podemos fazer nada porque se Vós, Senhor, não defendeis a cidade, em vão vigia o que a guarda. Isto me ensinastes para que eu me conhecesse; abandonastes-me e experimentastes-me... a fim de que eu me

conhecesse. Apenas Vos apartastes um pouco de mim, imediatamente caí; vi então e conheci que Vós me sustentáveis; se caí foi por minha fraqueza, se me levantei foi por Vosso favor...

«Ó meu Deus, eu poderia desesperar por causa dos meus grandes pecados e inumeráveis negligências... mas não ousou desesperar porque, tendo sido algum tempo Vosso inimigo, fui reconciliado conVosco pela morte do Vosso Filho; e não somente reconciliado, mas ainda salvo por Ele. Por isso a minha esperança e a certeza da minha confiança está toda no Seu Sangue precioso derramado por nós e por nossa salvação. Nele vivo e confiado nele espero chegar até Vós, não pela minha justiça, mas pela que me veio do Vosso Filho, nosso Senhor Jesus Cristo.

«Portanto, nas canseiras desta guerra, Senhor Jesus, levanto para Vós o meu olhar. Faça o inimigo contra mim o que quiser, eu não temerei porque Vós sois um forte defensor. Muita razão tenho para esperar em Vós, pois não serei confundido eternamente.

«Agora, enquanto estou no corpo, estou longe de Vós, já que avanço por fé e não por visão. Chegará o dia em que verei o que agora creio sem ver e serei feliz. Então virá a realidade daquilo que agora espero. Vivo contente na minha esperança, porque Vós sois verdadeiro nas Vossas promessas; mas, todavia, não Vos possuindo ainda, gemo sob o aguilhão do desejo. Fazei-me perseverante neste desejo até que chegue o que prometestes; então acabarão os gemidos e só ressoará o louvor» (S.to Agostinho).

248. A PROVA DA ESPERANÇA

Dai-me, Senhor, uma esperança invencível; ensinaí-me a esperar contra toda a esperança.

1 — Damos provas da solidez da nossa fé quando perseveramos nela apesar das obscuridades. Damos provas da solidez da nossa esperança quando não cessamos de esperar apesar das circunstâncias adversas, pelas quais nos parece às vezes que Deus nos abandonou. Assim, como é mais meritório o acto de fé feito em plenas trevas e dúvidas, também é mais meritório o acto de esperança emitido no meio da desolação e do abandono. As virtudes teologais são o meio mais apto e proporcionado para nos unirmos a Deus; e de facto unir-nos-emos tanto mais a Ele, quanto mais a nossa fé, a nossa esperança, a nossa caridade, forem puras, intensa e plenamente sobrenaturais. É para nos fazer chegar a este ponto que Deus nos faz passar pelo crisol da provação. Em cada alma amada por Deus renova-se, de algum modo, a história de Job: é provado nos bens, nos filhos, na sua pessoa; é abandonado pelos amigos e pela mulher; de rico e estimado que era, vê-se sôzinho, num monturo, coberto de uma horrível lepra dos pés à cabeça. Mas se Deus é bom, se é verdade que nos quer bem, porque permite tudo isto? Porque nos deixa sofrer? «Deus não fez a morte — diz a Sagrada Escritura — nem se alegra com a perdição dos vivos... os ímpios, porém, chamaram pela morte com as suas obras e palavras» (*Sab.* 1, 13 e 16). A morte, o sofrimento, são consequências dos pecados que Deus não impede porque quer deixar o homem livre. E contudo não sofrem apenas os pecadores, mas também os inocentes. Porquê? Porque Deus

quer prová-los como se prova o ouro no cadinho, quer purificá-los, quer elevá-los a um bem e a uma felicidade imensamente superiores aos bens e à felicidade da terra. E eis que Deus permite o sofrimento dos bons e serve-Se até das consequências do pecado — guerras, desordens, injustiças sociais e privadas — para maior bem dos Seus eleitos. Acontece porém que, durante a prova, não vemos nem compreendemos a sua razão de ser; Deus não nos dá contas da Sua conduta, não nos descobre os Seus planos e por isso é duro para nós perseverar na fé e na esperança. Duro, mas não impossível, porque é certo que Deus nunca nos manda provas acima das nossas forças, como também é certo que Deus jamais nos abandona se não somos nós os primeiros a abandoná-LO.

2 — O menor acto de esperança, de confiança em Deus, formulado no meio da prova, num estado de desolação interior ou exterior, vale imensamente mais do que mil actos formulados em tempo de alegria e de prosperidade. Quando sofres na alma ou no corpo, quando experimentas o vazio do abandono e da impotência, quando és atormentado por repugnâncias e rebeliões da natureza que quereria sacudir o jugo do Senhor, não podes pretender conservar o sentimento confortante da esperança, da confiança, antes experimentarás muitas vezes o sentimento contrário e, todavia, mesmo neste estado, podes fazer actos de esperança e de confiança não sentidos, mas voluntários. As virtudes teológicas exercitam-se principalmente com a vontade; quando o sentimento as acompanha, o seu exercício é suave, consolador; mas quando é um puro acto da vontade, então este exercício torna-se árido e frio, embora

nem por isso menos meritório, pois pode até sê-lo mais ainda e dar muita glória a Deus. Portanto, não te deves inquietar se não *sentes* a confiança, mas deves *querer* ter confiança, deves *querer* esperar e esperar a todo o custo, apesar de todos os golpes que Deus te inflige por meio da provação. É então o momento de repetir com Job: «Ainda que Deus me matasse, nele esperarei» (13, 15). Não te iludas julgando que vais poder passar através destas provas sem ter de lutar contra o desalento, contra tentações de desconfiança e talvez até contra o desespero; esta é a reacção da natureza que se revolta contra quem a fere. O Senhor, que conhece a nossa fraqueza, não nos condena, mas compadece-Se de nós. Este estado não ofende a Deus desde que procures sempre reagir docemente com actos voluntários de confiança. Cada vez que a onda do desânimo tenta arrastar-te, reage, ancorando-te em Deus com um simples movimento de confiança; mesmo que, em certos períodos, a tua vida espiritual devesse reduzir-se a este exercício, nada perderias, antes pelo contrário, ganharias muito. Através destas provas chega-se ao exercício heróico da fé e da esperança; e o heroísmo das virtudes é necessário para chegar à santidade.

Colóquio — «Salvai-me, ó Deus, porque as águas me chegam ao pescoço! Estou atolado num lodo profundo e não encontro onde pôr o pé; cheguei a um sítio de águas profundas e já as ondas me cobrem. Estou cansado de gritar, enrouqueceram as minhas fauces, desfaleceram os meus olhos à Vossa espera, meu Deus. Porém, ó Senhor, a minha oração eleva-se a Vós no tempo da graça. Ó Deus ouvi-me, segundo a Vossa grande bondade, segundo o Vosso auxílio fiel. Tirai-me do

lodo para que não seja submergido; livrai-me daqueles que me odeiam e da profundidade das águas. Ouvi-me, Senhor, porque é benigna a Vossa graça, segundo a multidão das Vossas comiserações. Olhai para mim e não escondais o Vosso rosto. Salvai-me porque sois a minha esperança, ó Senhor Deus! Vós sois a minha esperança desde a minha mocidade, em Vós pus a minha confiança. Ó Deus, não Vos afasteis de mim, acudi em meu socorro. Eu sofro, mas sempre esperarei em Vós e cada dia contribuirei mais para o Vosso louvor. Impusestes-me tribulações numerosas e amargas, de novo me fazeis reviver e dos abismos da terra outra vez me tirareis; aumentai o meu prestígio e consolai-me de novo» (Sal. 68 e 70).

«Ó esperança, doce irmã da fé, tu és aquela virtude que, com as chaves do Sangue de Cristo, nos abres a vida eterna. Tu guardas a cidade da alma do inimigo da confusão; e quando o demónio, por causa da gravidade das culpas cometidas, quer lançar a alma no desespero, tu não afrouxas o passo, mas, virilmente, perseveras na fortaleza pondo na balança o peso do Sangue de Cristo. Tu colocas na cabeça da perseverança a coroa da vitória porque esperaste consegui-la em virtude do Sangue» (S.ta Catarina de Sena).

249. ESPERANÇA ILIMITADA

Sustentai, Senhor, a minha esperança, para que saiba esperar em Vós sem medida.

1 — «O homem — ensina S. Tomás — não pode nunca amar a Deus como Ele deve ser amado; da mesma forma não pode crer nem esperar nEle como deve» (I^a II^{ae},

q. 64, a. 4, co.). Por isso pode dizer-se que a medida da esperança em Deus é esperar sem medida. A tua esperança, a tua confiança em Deus nunca será excessiva nem exagerada, porque se apoia na misericórdia de Deus que não tem limites. Se procuras sinceramente fazer da tua parte tudo o que podes para agradar a Deus, não temas esperar demasiado nEle. O seu poder auxiliador, o Seu desejo do teu bem e da tua santificação excedem infinitamente as tuas esperanças, por ousadas que sejam. Agrada tanto a Deus esta esperança cega e ilimitada nEle que, quanto mais nos vê esperar, tanto mais nos cumula de bens: «quanto mais a alma espera, tanto mais alcança», diz S. João da Cruz (S. III, 7, 2); e S.ta Teresa do Menino Jesus, fazendo seu este pensamento, exclama: «Nunca se tem demasiada confiança no bom Deus, tão poderoso e misericordioso! Obtém-se dEle tanto quanto se espera» (H. 12).

Quanto mais miserável, fraco e impotente te sentires, tanto mais precisas de esperar em Deus; se não podes nem deves esperar chegar à santidade com as tuas forças, deves esperar consegui-lo com a força de Deus que é onnipotente, apoiado na Sua misericórdia infinita que gosta de Se inclinar sobre as almas conscientes da sua própria fraqueza, que Se compraz, como disse Nossa Senhora, em «elevar os humildes e encher de bens os famintos» (cfr. *Lc.* 1, 52 e 53). A experiência da tua miséria deve fazer-te sentir cada vez mais viva a necessidade de Deus, ou antes, a tua própria miséria deve ser um grito incessante a invocar a Sua ajuda onnipotente com plena confiança. Quanto mais a tua alma se dilatar na esperança, na confiança em Deus, mais se abrirá à Sua acção santificadora. A misericórdia de Deus está pronta a descer sobre ti a fim de te purificar

e santificar, mas para o fazer, espera que tu lhe abras as portas do teu coração por um acto de absoluta confiança.

2 — Quando uma alma se esforça com toda a sua boa vontade por praticar as virtudes, por cumprir todos os seus deveres, quando está decidida a nada recusar ao Senhor, deve manter-se numa atitude de total confiança nEle, apesar das quedas inevitáveis. Sim, debes ter uma confiança absoluta em que o Senhor virá santificar-te, não obstante as faltas do passado, as misérias do presente, as securas de espírito, as repugnâncias da natureza, o cansaço e o esgotamento das forças.

Deus ama-nos não por estarmos sem pecado, mas porque somos Seus filhos, porque infundiu em nós a Sua graça. E tu não debes fazer-Lhe a ofensa de não crer no Seu perdão, nem debes desanimar pelas faltas que te podem escapar apesar da tua vontade. Se desanimas, é porque buscas a perfeição não só para a glória de Deus, mas também para a tua satisfação, é porque desejas mais estar seguro de ti mesmo do que estar seguro só de Deus. No fundo, isso seria fruto de um orgulho subtil. Em vez de te espantares, de te irritares com as tuas imperfeições, reconhece-as humildemente, apresenta-as a Deus, como o doente apresenta as chagas ao médico, pede perdão e depois recomeça imediatamente com grande confiança. Tens que aprender a servir-te das tuas misérias e das tuas faltas para advogar a tua causa, para demonstrar a Deus quanta necessidade tens do Seu auxílio, para aumentar a tua confiança nEle. A esperança em Deus é a grande âncora de salvação da tua pobre alma, açoutada pelas ondas da fraqueza humana. Neste sentido, S. Paulo exorta-te a proceder

«segundo a virtude de Deus, que nos livrou e chamou com a sua santa vocação, não pelas nossas obras, mas segundo o seu beneplácito e a graça que nos foi dada em Jesus Cristo» (II *Tim.* 1, 8 e 9). Longe de concluir que as boas obras são inúteis, a esperança cristã exige da tua parte o maior cuidado possível em fazer o bem e fugir do mal; mas depois lança-te muito para além das tuas pobres obras, lança-te em Deus, na Sua misericórdia infinita.

Colóquio — «Como pode uma alma tão imperfeita como a minha aspirar a possuir a plenitude do Amor? Ó Jesus, meu primeiro e único Amigo, Vós que eu amo unicamente, dizei-me que mistério é este? Porque não reservais estas imensas aspirações às grandes almas, às águias que pairam nas alturas? Por mim, considere-me como frágil avezinha coberta apenas com ligeira penugem; não sou águia, dela apenas tenho os olhos e o coração pois, apesar da minha extrema pequenez, ousou fixar-Vos, Sol divino, Sol do Amor... Queria voar para Vós, Sol brilhante que fascinais o meu olhar, queria imitar as águias minhas irmãs que vejo elevarem-se até à morada divina da Trindade Santa... Ai de mim! tudo o que posso fazer é agitar as minhas pequeninas asas, mas levantar voo, isso não pertence às minhas limitadas posses! Que farei portanto? Morirei de tristeza ao ver-me tão impotente? Oh, não! não me afligirei sequer. Com audacioso abandono, continuarei a fixar-Vos, meu divino Sol; nada poderá atemorizar-me, nem o vento nem a chuva e se nuvens sombrias vêm, ó Jesus, esconder-Vos ao meu olhar, não mudo de lugar, sabendo que para além das nuvens o Sol do Vosso amor brilha sempre, que o seu resplendor

não poderia eclipsar-se um só instante! É verdade que por vezes o meu coração se vê acometido pela tempestade, parece-me não acreditar que exista outra coisa senão as nuvens que me envolvem. É o momento da alegria perfeita... Que felicidade continuar ali apesar de tudo, a fixar a luz invisível que se oculta à minha fé!

«Se pois Vós, Astro adorado, permaneceis surdo aos meus gorjeios queixosos, se continuais velado... paciência! Aceito ficar transida de frio e alegro-me mesmo com este sofrimento que aliás mereci.

«Ó Jesus, como é doce o caminho do amor. Sem dúvida, pode-se muito bem cair, podem-se cometer infidelidades, mas, sabendo o amor tirar proveito de tudo, bem depressa consome tudo o que Vos desagrade, não deixando senão humilde e profunda paz no íntimo do coração» (T.M.J. M.B. pg. 237; M.A. pg. 213).

250. A CARIDADE

Senhor, fazel que, por meio da caridade, eu participe verdadeiramente na Vossa vida de amor.

1 — A fé une-te a Deus por meio do conhecimento e, por conseguinte, relaciona-se sobretudo com a tua mente; a esperança une-te a Deus por meio da convicção de que O possuirás um dia na vida bem-aventurada e, portanto, relaciona-se sobretudo com o teu desejo de felicidade; mas a caridade apodera-se de todo o teu ser e, por meio do amor, lança-o para Deus. A fé diz-te quem é Deus, revela-te o mistério da Sua vida íntima na qual foste chamado a participar; a esperança diz-te

que esse Deus quer ser o teu bem por toda a eternidade, mas a caridade permite-te alcançá-lo imediatamente em virtude da força unitiva que lhe é própria. A caridade — ensina S. Tomás — faz tender para Deus, unindo o afecto do homem a Deus, de tal modo que o homem já não viva por si, mas por Deus» (IIª IIªe, q. 17, a. 6, ad 3).

Mas que caridade é esta que tem o poder de nos unir a Deus, de nos fazer viver em relações íntimas com Ele a tal ponto que «quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele»? (I Jo. 4, 16). É uma participação na caridade, no amor infinito com que Deus Se ama a Si mesmo, ou seja, no amor com que o Pai ama o Filho, com que o Filho ama o Pai e com que um e outro Se amam no Espírito Santo. Por meio da caridade és chamado a entrar nesta corrente, neste círculo de amor eterno, que une entre Si as três Pessoas da SS.ma Trindade. A fé, tornando-te participante no conhecimento que Deus tem de Si próprio, já te introduz na intimidade da vida divina, mas a caridade faz-te penetrar ainda mais adentro, inserindo-te, por assim dizer, no movimento de amor, de amizade incomparável que existe no seio da Trindade Santíssima. A caridade lança-te para o centro da vida íntima de Deus, torna-te capaz de te associares ao amor infinito das três divinas Pessoas: por ela, juntamente com o Pai, amas o Filho, com o Filho amas o Pai e amas o Pai e o Filho no amor do Espírito Santo.

2 — Por meio da esperança também amas a Deus, mas ama-lo sobretudo como teu bem, como fonte da tua felicidade, ama-lo pelo auxílio, pela ajuda que dEle esperas; a caridade, pelo contrário, torna-te capaz de

amar a Deus por Si mesmo, porque Ele é a bondade, a beleza, a sabedoria infinita, numa palavra, porque é Deus. O amor que acompanha a esperança, apesar de ser preciosíssimo, é ainda imperfeito porque é amor de *concupiscência* por meio do qual se ama a Deus pelos benefícios que d'Ele se recebem. O amor de caridade, ao contrário, é perfeito, porque é puro amor de *complacência*, de *benevolência*, quer dizer, amor que se compraz no bem infinito de Deus e que quer este Seu bem, não em vista do proveito próprio, mas por Ele, pela Sua felicidade e pela Sua glória. A caridade eleva o teu amor a tais alturas que o torna capaz de amar realmente a Deus como Ele mesmo Se ama, embora não com a mesma intensidade. Deus ama-Se a Si próprio com amor de complacência e de benevolência infinitas: o Pai compraz-Se infinitamente no bem infinito do Filho e quere-o infinitamente; por Sua vez, o Filho deleita-Se no bem infinito do Pai e quere-o infinitamente e do mesmo modo o Pai e o Filho a respeito do Espírito Santo e vice-versa. Entre as três Pessoas divinas há, portanto, um amor de amizade puríssima pelo qual Se deleita cada uma no bem e na felicidade da outra e cada uma quer a glória da outra. A caridade torna-te capaz de amar a Deus com este amor de amizade, ou seja, de O amar sobretudo por Ele, pela Sua glória e pela Sua felicidade. É verdade que tu, pequena criatura, nada podes acrescentar à felicidade e à glória intrínseca de Deus; contudo, a caridade para com Ele leva-te a empenhares-te com todas as tuas forças em agradar-Lhe, em dar-Lhe, se é lícito falar assim, a alegria de te ver corresponder plenamente ao Seu amor; impele-te a consagrares-Lhe toda a tua vida, a dares-te a Ele sem reservas; move-te a buscar, acima

de tudo, a Sua vontade, os Seus interesses, a Sua glória, pondo de parte a tua vontade, os teus interesses pessoais. Agora compreendes melhor a sentença de S. Tomás: «A caridade une o affecto do homem a Deus, de tal modo que já não viva por si, mas por Deus».

Colóquio — «Considera, alma minha, o grande deleite e amor que o Pai tem em conhecer a Seu Filho, e o Filho a Seu Pai, e o ardor com que o Espírito Santo Se junta a Eles e como nenhum Se pode apartar deste amor e conhecimento, porque são uma mesma coisa; conhecem-Se, amam-Se, deleitam-Se mutuamente. Então, que necessidade tendes do meu amor? Para que o quereis, meu Deus, ou que ganhais com ele?

«Ó amor, ó palavra que eu quisera dizer em muitas partes porque só ele me pode dar a ousadia de dizer com a esposa dos cantares: 'eu amei o meu amado!' Só o amor me dá o direito de pensar que Vós, meu Deus, meu Esposo e meu Bem, tendes necessidade de mim...

«O amor não deve ser fabricado com a nossa imaginação, mas provado com obras... Ó Jesus, que não fará uma alma abrasada no Vosso amor? Quem Vos ama deveras, ama tudo o que é bom, quer tudo o que é bom, favorece tudo o que é bom, louva tudo o que é bom, junta-se sempre com os bons, ajuda-os e defende-os; não ama senão verdades e coisa que seja digna de ser amada. Quem verdadeiramente Vos ama, Senhor, não pode, ao mesmo tempo, amar as vaidades da terra; a sua única preocupação é contentar-Vos. Morre de desejo de ser amado por Vós e passa a vida pensando como Vos amará mais.

«Ó Senhor, dignai-Vos conceder-me este amor ao menos antes de me tirardes desta vida, pois será grande

coisa poder pensar, à hora da morte, que vou ser julgada por Vós, a quem amei sobre todas as coisas. Poderei então ir para Vós segura do pleito das minhas dívidas, certa de que não vou a uma terra estranha, mas à minha pátria, ao reino dAquele que tanto amo e que tanto me ama» (cfr. T.J. *Ex.* 7, 2; P. 4, 11; M. III, 1, 7; *Cam.* 40, 3 e 8).

251. AMOR DE AMIZADE

Ó Senhor, fazei que eu possa viver plenamente na Vossa divina amizade.

1 — A mais alta expressão do amor humano é a amizade; e S. Tomás ensina que a caridade é amor de amizade entre o homem e Deus. A amizade, porém, exige certa igualdade, uma comunhão de vida e de bens; exige reciprocidade de afectos, mútua benevolência. Mas que igualdade e comunhão de vida pode existir entre a criatura que é nada e Deus que é o Ser supremo? Sob o ponto de vista natural, nenhuma. Todavia, Deus quis elevar a criatura ao estado sobrenatural, comunicando-lhe uma participação da Sua natureza e da Sua vida divina. É verdade que, embora divinizado pela graça, o homem permanece sempre criatura, e Deus permanece sempre o Ser inacessível e transcendente; contudo Ele encontrou, no Seu amor infinito, o modo de elevar o homem ao plano da Sua vida divina. O primeiro fruto do amor de Deus por nós é justamente esta forma de igualdade, de comunhão de vida que, por meio da graça, quis estabelecer entre Ele e nós. Deus preveniu-nos, pois, não só com o Seu amor de Criador, pelo qual nos deu a existência, mas também

com o Seu amor de Pai, pelo qual nos tornou participantes da Sua vida divina.

«O amor encontra ou torna iguais os amantes»; e eis que Deus nos amou até nos tornar semelhantes a Si, para nos poder admitir no círculo da Sua amizade divina, daquela amizade que existe no seio da Trindade entre as três Pessoas divinas. Além disso, assim como o amigo deseja viver com o amigo e procura sempre a sua presença e vizinhança, assim Deus quis ficar tão próximo de nós e ser-nos tão íntimo que fez a Sua morada nas nossas almas: «Viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23). Que comunhão de vida pode haver entre Deus e nós superior a esta sociedade contínua com as Pessoas divinas que habitam na nossa alma e com as quais, por meio da caridade, podemos entrar em verdadeiras relações de amizade?

2 — A amizade exige reciprocidade de amor. Deus antecipou-Se a nós com o Seu amor de amizade: Deus foi o primeiro que nos amou e, amando-nos, infundiu em nós a graça e a caridade, pelas quais nos tornou capazes de corresponder ao Seu amor. Corresponderemos ao amor de Deus, não com o nosso amor natural, humano — pois seria insuficiente — mas com o amor de caridade que o Espírito Santo infundiu nos nossos corações, e que é uma participação naquele amor infinito com que Deus Se ama a Si mesmo. Deus derrama em nós este dom preciosíssimo e nós devemos acolhê-lo com um coração puro, livre, para podermos aderir a Ele com todo o ardor da nossa vontade e do nosso affecto.

Deus, oferecendo-nos a Sua amizade, tornou-nos semelhantes a Si, transformando o nosso ser de natural em sobrenatural; e nós, para correspondermos à Sua

amizade, devemos procurar tornar-nos semelhantes a Ele, transformando a nossa vontade na Sua. A verdadeira amizade leva à comunhão de pensamentos, de vontades, de afectos, de desejos, de interesses. O verdadeiro amigo faz seus os interesses e querereres do seu amigo, pensa como ele, ama o que ele ama, quer o que ele quer. Assim devemos proceder nós em relação a Deus, se queremos viver realmente como Seus amigos. O próprio Jesus disse: «Vós sois meus amigos se fizerdes o que vos mando» e «se alguém me ama, guardará a minha palavra» (Jo. 15, 14; 14, 23). Por isso a amizade com Deus, ou seja, a caridade, exige da nossa parte uma tendência contínua para conformar os nossos pensamentos, querereres e desejos, com o pensamento e a vontade do Amigo divino. A nossa amizade com Deus será perfeita quando em nós não houver nada que se oponha aos desejos e aos querereres divinos, quando estivermos em tudo conformes com eles; então será também perfeita a nossa união com Ele. «O estado desta divina união consiste em ter a alma, quanto à vontade, com total transformação na vontade de Deus, de forma a não haver nela coisa contrária à vontade de Deus, mas que em tudo e por tudo o seu movimento seja somente vontade de Deus» (J.C. S. I, 11, 2). Perfeita caridade, perfeita amizade, perfeita união com Deus: eis a meta para a qual debes tender, avançando solícito com passos de amor.

Colóquio — «Bem o sabeis, ó meu Deus, nunca desejei senão amar-Vos, não ambiciono outra glória. O Vosso amor acompanhou-me desde a infância, cresceu comigo, e agora é um abismo cuja profundidade não posso sondar. O amor atrai o amor, por isso, meu Jesus,

o meu coração lança-se para Vós, queria cumular o abismo que o atrai, mas pobre dele! nem chega a ser uma gota de orvalho perdida no oceano!... Para Vos amar como Vós me amais, preciso de me servir do Vosso próprio amor, só então encontro repouso.

«O amor, eis tudo o que Vós reclamais de nós. Não precisais das nossas obras, mas apenas do nosso amor. Vós mesmo que declarastes não precisar de nos dizer se tendes fome, não hesitastes em mendigar um pouco de água à Samaritana. Tínheis sede... Mas dizendo: 'Dá-me de beber', era o amor da Vossa pobre criatura que Vós, Criador do universo, reclamáveis: tínheis sede de amor... Ó Jesus, sinto mais do que nunca que Vós estais com sede; não encontrais senão ingratos e indiferentes entre os discípulos do mundo, e entre os 'Vossos' encontrais poucos corações que se entreguem a Vós sem reserva, que compreendam toda a ternura do Vosso amor infinito.

«O Vosso amor misericordioso é desconhecido, repellido, por toda a parte; os corações a quem desejais concedê-lo voltam-se para as criaturas em lugar de se lançarem nos Vossos braços e aceitarem o Vosso amor infinito... Ó meu Deus! O Vosso amor desprezado irá ficar no Vosso Coração? Parece-me que se encontráreis almas que se oferecessem ao Vosso amor, rapidamente as consumiríeis, parece-me que ficariéis contente por não terdes de reprimir as vagas de infinita ternura que existem em Vós... Ó meu Jesus! Que seja eu esta alma feliz: consumi-me com o fogo do Vosso divino amor!... O Vosso amor penetra-me e cerca-me, renova-me a cada instante, purifica a minha alma e não deixa nela nenhum rasto de pecado» (cfr. T.M.J. M. C, B e A pg. 313, 224, 215, 216).

252. CORRESPONDÊNCIA A GRAÇA IX DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Senhor, fazei que em mim a Vossa graça não seja vã.

1 — Hoje a liturgia convida-nos a reflectir sobre o grave problema da nossa correspondência à graça, apresentando-nos o triste quadro das vicissitudes de Israel, o povo escolhido, que Deus cumulara de benefícios, encheira de graças, protegera cuidadosamente e que, apesar disso, por infelicidade se perdeu. Na Epístola (I Cor. 10, 6-13) S. Paulo, depois de ter tocado alguns pontos da prevaricação de Israel, conclui: «Estas coisas lhes aconteciam em figura e foram escritas para advertência de todos nós... Aquele, pois, que crê estar de pé, veja não caia». É um chamamento premente à vigilância e à humildade. Se Deus nos preveniu com as Suas graças, se nos chamou a uma vida interior mais intensa, a uma maior intimidade com Ele, tudo isto, longe de nos tornar presunçosos, deve escavar no nosso coração uma humildade mais profunda: os dons de Deus têm de ser conservados sob a cinza de uma humilde desconfiança de si mesmo. Ai de nós se já nos considerássemos livres daquelas fraquezas que encontramos e talvez condenemos nos outros! Repitamos antes, humildemente: Senhor, ajudai-me, senão poderei fazer ainda pior. Contudo, exortando-nos à humildade, S. Paulo impele-nos também à confiança porque «Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além do que podem as vossas forças, antes fará que tireis ainda vantagens da mesma tentação, para a poderdes suportar». O Apóstolo ensina-nos igualmente que a consciência da nossa fragilidade não nos deve desanimar,

porque Deus está sempre pronto a amparar-nos com a Sua graça. Deus conhece as tentações que nos afligem e dá-nos, em cada uma delas, a medida de graça necessária para triunfarmos. É bem verdade que, quando a tempestade se desencadeia, somente damos conta do embate da luta, ao passo que a graça com que Deus nos socorre permanece inteiramente oculta; porém, tenhamos a certeza de que essa graça está presente, porque «Deus é fiel». «O bom Deus sempre me ajudou... — dizia S.ta Teresa do Menino Jesus — Conto com Ele. Tenho a certeza de que continuará a socorrer-me até ao fim. Poderei sofrer muitíssimo, mas nunca será demais, estou certa disso» (NV. 28, 5).

2 — O Evangelho (Lc. 19, 41-47), retomando o mesmo argumento da Epístola, apresenta-nos Jesus chorando sobre Jerusalém. O Criador, o Senhor, o Salvador, chora sobre as ruínas das Suas criaturas, do povo que amou com predilecção a ponto de o escolher por companheiro da Sua vida terrena e que a todo o custo queria ter salvo.

«Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes eu quis juntar teus filhos como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos e tu não quiseste!» (Mt. 23, 37). Tal foi a atitude constante de Jesus para com a cidade santa, mas esta continuou sempre cega a toda a luz, surda a todo o convite; e o Salvador, poucos dias antes de Se entregar à Paixão, lança-lhe o último amargurado apelo: «Se ao menos neste dia que te é dado tu conhecesses ainda o que te pode trazer a paz!» Todavia, mais uma vez, a cidade resiste e Jesus, depois de a ter amado tanto, depois de ter chorado sobre ela como a mãe chora sobre o filho transviado, prediz-lhe a ruína: «Os

teus inimigos... não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo da tua visita».

E tu saberás reconhecer os momentos em que o Senhor visita a tua alma? Uma boa palavra, lida ou ouvida talvez por acaso, um exemplo edificante, uma inspiração interior, uma luz nova que te faz ver mais a fundo os teus defeitos, que te abre novos horizontes de virtude e de bem, são outras tantas visitas de Jesus. E como correspondeste? A tua alma é sensível a estas luzes, a estes apelos? Não te surpreendes uma vez por outra a olhar para o lado, temendo que a luz entrevista exija ao teu amor próprio sacrifícios demasiado duros?

Oh! se tivesses reconhecido sempre o momento em que o Senhor te visitou! Se te abrisses sempre de par em par à Sua acção! Procura, pois, recomeçar hoje de novo, resolvido a recomeçar todas as vezes que te acontecer ceder à natureza. «O que te pode trazer a paz», a felicidade, a santificação, é unicamente esta adesão contínua aos impulsos da graça.

Colóquio — Como já Vos confessei, ó glória da minha vida, ó Senhor Deus meu, força da minha salvação, eu confiei muitas vezes na minha força que, aliás, não era força; e ao tentar correr, quanto mais de pé me julgava, mais depressa caí e voltei para trás em vez de avançar; e o que pensava conseguir, afastou-se de mim; assim, Senhor, ponde à prova as minhas forças de muitas maneiras. Agora que me iluminastes, vejo que não podia realizar por mim o que julgava poder. Dizia para mim mesmo: farei isto, terminarei aquilo; e não fiz nem uma coisa nem outra. Tinha a vontade, mas não o poder, e se tinha o poder, faltava-me então a vontade, porque confiava nas minhas próprias forças.

Amparai-me pois, Senhor, porque sôzinho não posso nada; porque quando a minha fortaleza sois Vós, então é verdadeira fortaleza, mas quando a minha fortaleza sou eu, então é fraqueza» (S.to Agostinho).

«Ó Senhor, ensinai-me a ser sempre dócil à Vossa graça, a dizer-Vos sempre sim. Dizer sempre sim à Vossa vontade expressa nos Vossos mandamentos. Dizer sempre sim às íntimas inspirações com que me solicitais e me convidais a uma união mais intensa, a uma entrega mais generosa, a um despojamento mais completo. Fazei que eu esteja sempre pronta a abrir-Vos a porta da minha vontade, ou melhor, a tê-la sempre aberta de par em par a fim de que Vós possais entrar, e que eu não perca nem sequer uma destas Vossas visitas, destes toques delicados, destas solicitações.

«Fazei-me compreender que a verdadeira paz não consiste nem devo procurá-la na ausência de dificuldades, na condescendência com os meus desejos, mas na total adesão à Vossa vontade e na docilidade às inspirações do Espírito Santo» (cfr. Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

253. O PRECEITO DA CARIDADE

Senhor, ensinai-me a amar-Vos deveras, com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

1 — «No meio está a virtude». Esta máxima tão certa para as virtudes morais, não se pode aplicar às virtudes teologais que, tendo um objecto infinito, Deus, não podem ter nenhum limite. A medida de crer, de esperar em Deus, como a medida de O amar, é não

pôr medida alguma nem à fé, nem à esperança, nem ao amor. Por mais que ames a Deus, nunca poderás amá-LO demais, nem tanto quanto Ele é amável. Logo, por sua natureza, o preceito da caridade não admite nenhum limite e tu nunca poderás dizer: amarei a Deus até certo ponto, e depois basta, porque deste modo renunciarias a tender à perfeição da caridade que consiste em aproximar-se o mais possível dum amor de Deus proporcionado à Sua amabilidade infinita. Por isso é mister que nunca pãres no exercício da caridade, mas que te empenhes, com todas as tuas forças, em que ela cresça sempre. Justamente porque se trata de amar a Deus, bem supremo e infinito, o preceito da caridade tem um carácter totalitário: «Amarás o Senhor teu Deus com *todo* o teu coração, com *toda* a tua alma, com *toda* a tua mente, com *todas* as tuas forças» (Mc. 12, 30). Se tu, criatura tão limitada, não empregas no amor de Deus todo esse pouco que tens e que és, como poderás deveras tender à perfeição da caridade? Se não está em teu poder amar a Deus quanto Ele é amável, está contudo em teu poder procurar amá-LO com todas as tuas forças e é esta a perfeição do amor que Deus reclama de ti.

Aliás até o amor humano, por sua natureza, é totalitário. Quanto mais íntima e profunda for uma amizade, tanto mais exige a entrega exclusiva do coração; e sempre que o amigo começa a fazer reservas, a dar a outros o próprio afecto, a amizade perde o seu vigor, arrefece e pode mesmo extinguir-se. Vigia, pois, para que não haja frieza na tua amizade com Deus, vela por guardares para Ele as primícias do teu coração, procura empenhar-te deveras em amá-LO com todas as tuas forças. É verdade que só no céu poderás amar a

Deus com todo o teu poder e de tal modo que o teu amor tenda *sempre actualmente* para Ele: aqui na terra não te é possível esta absoluta totalidade e estabilidade no amor, todavia podes dirigir para Deus o teu coração, os teus afectos, a tua vontade, os teus desejos, sempre que te lembrares.

2 — Jesus disse: «o que ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim» (Mt. 10, 37). O preceito da caridade impõe-nos, pois, amar a Deus sobre todas as coisas, o que se pode entender sob dois aspectos: amar a Deus mais do que a qualquer criatura a ponto de se estar disposto seja a que renúncia for para O não ofender gravemente. É o primeiro grau da caridade, indispensável para sermos amigos de Deus, para possuímos a graça e, por isso, é exigido a todos. Mas num sentido mais profundo, amar a Deus sobre todas as coisas significa preferi-LO em tudo, não somente naquilo que pode ser motivo de pecado grave ou leve, mas também naquilo que não corresponde plenamente ao Seu beneplácito. Este é o grau da caridade perfeita a que deve tender a alma que aspira à íntima amizade com Deus, grau que requer absoluta renúncia e absoluta pureza, ou seja, ausência de qualquer sombra de pecado ou de apego às criaturas. Assim, o exercício da caridade perfeita exige e realiza em nós um trabalho de total purificação. «A caridade esvazia a vontade de todas as coisas, pois obriga-nos a amar a Deus sobre todas elas» (J.C. S. II, 6, 4).

Deves persuadir-te de que, neste mundo, o exercício do amor, está intimamente unido ao da renúncia, caminhando ambos a par e passo; por outras palavras, quanto mais a caridade for intensa e perfeita, tanto mais exige

uma renúncia total, mas é precisamente através dela que a alma chega a amar a Deus com todas as suas forças. «A fortaleza da alma — diz o Doutor místico — consiste nas suas potências, paixões e apetites; e tudo isto é governado pela vontade. Pois quando a vontade [por meio do amor] as encaminha para Deus e às desvia de tudo quanto não é Deus, então... chega a amar a Deus com toda a sua força» (S. III, 16, 2). Eis a grande função da renúncia no que diz respeito à caridade: libertar as forças da vontade a fim de que todas possam empregar-se em amar e servir a Deus. Se queres verdadeiramente amar a Deus com todo o teu coração, sê muito generoso na renúncia e no desapego; isto é também um exercício de amor, porque dispõe a alma para a caridade perfeita.

Colóquio — «Ó Senhor Deus, não bastava que nos permitísseis amar-Vos sem Vos dignardes convidar-nos a isso com exortações e obrigar-nos com preceitos? Mas não, bondade divina, mandáste-lo a fim de que nem a Vossa grandeza nem a nossa baixeza, nem qualquer outro pretexto nos impedisse de Vos amar. Ó bom Deus, se soubéssemos compreender a felicidade e a honra de poder amar-Vos, quanto nos consideraríamos a Vós obrigados, a Vós que não só no-lo permitistes, mas que até nos mandastes amar-Vos! Ó meu Deus, eu nem sei se devo amar mais a Vossa infinita beleza que a Vossa divina bondade me ordena amar, ou se esta Vossa bondade que me ordena amar uma tão infinita beleza! Ó beleza do meu Deus, quão amável és, sendo-me concedida por tão imensa bondade; ó bondade, quão amável és ao comunicar-nos uma tão eminente beleza!

«Ó Senhor, como é doce este mandamento visto que,

se por Vós fosse dirigido aos condenados, ficariam no mesmo instante livres da sua extrema desventura e os bem-aventurados, só por cumpri-lo, são bem-aventurados. Ó amor celeste, quão amável és para as nossas almas! Ó divina Bondade, sede eternamente bendita, Vós que com tanta solicitude nos mandais amar-Vos, muito embora o Vosso amor seja de tal maneira desejável e necessário à nossa felicidade que sem ele não podemos ser senão desgraçados!

«Ó Senhor, no céu não precisaremos de mandamento algum para Vos amar já que os nossos corações, atraídos e arrebatados pela visão da Vossa suma beleza e bondade, se verão numa dulcíssima necessidade de Vos amar eternamente. Lá em cima teremos um coração inteiramente livre de paixões, uma alma totalmente imune de distrações, um espírito livre de contrariedades, forças isentas de repugnâncias e por isso Vos amaremos com perpétuo e ininterrupto amor. Mas nesta vida mortal não podemos atingir um grau tão perfeito de amor, não possuindo ainda nem o coração, nem a alma, nem o espírito, nem as forças dos bem-aventurados. Contudo, Vós quereis que não deixemos de fazer nesta vida o que está no nosso poder para Vos amarmos com todo o coração e com todas as forças que possuímos; isto não só é possível, mas é até facilimo, porque amar-Vos, ó Deus, é coisa sumamente amável» (cfr. S. Francisco de Sales).

254. A EXCELENCIA DA CARIDADE

Ó Senhor, fazei-me compreender a primazia da caridade para que me aplique a ela com todo o coração.

1 — As virtudes teologais, tendo a Deus como objecto directo, são superiores às virtudes morais que têm por objecto directo o governo da nossa conduta; mas mesmo entre as virtudes teologais, a caridade tem a primazia porque, sendo inseparável da graça, é um elemento constitutivo, indispensável, da nossa vida sobrenatural; onde não há caridade, não há graça, não há vida, mas morte: «aquele que não ama permanece na morte» e, pelo contrário, «quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele» (I Jo. 3, 14; 4, 16). A fé e a esperança podem subsistir mesmo numa alma que perdeu a graça, mas a caridade não: é tão vital que não pode subsistir juntamente com a morte causada pelo pecado. Não só é vital, mas é ainda imperecível e permanecerá imutável por toda a eternidade. No céu a fé e a esperança cessarão, pois ambas contêm algo de imperfeito no sentido de que a fé nos dá a conhecer Deus sem no-IO deixar ver e a esperança nos faz esperar nEle sem nos dar a Sua posse; por isso, «quando vier o que é perfeito», ou seja, a visão beatífica, estas duas virtudes já não terão razão de ser. Não acontece assim com a caridade, a qual não implica nenhuma imperfeição, porque nos faz amar a Deus quer na obscuridade da fé, quer na claridade da visão, e por isso S. Paulo diz que «a caridade nunca há-de acabar». Agora, para nos unirmos a Deus, «permanecem estas três coisas: a fé, a esperança, a caridade; porém, a maior de todas é a caridade» (I Cor. 3, 8 e 13).

A fé e a esperança não são virtudes completas porque, sem a caridade, não têm poder para nos unirem a Deus e produzirem obras de vida eterna. A fé e a esperança do pecador que perdeu a caridade, são inactivas, inoperantes; continuam nele é certo, mas como mortas. «A fé sem obras é morta» (I Tgo. 2, 26) e só tem valor «a fé que obra animada pela caridade» (Gál. 5, 6), de tal modo que, «se tivesse toda a fé até ao ponto de transportar montes, se não tiver caridade, não sou nada» (I Cor. 13, 2). É a caridade que dá calor e força de vida eterna à fé e à esperança; é a caridade que infunde vigor a estas virtudes, porque só quem ama é capaz de crer e esperar em Deus sem condição alguma, sem medida alguma e de se abandonar cegamente a Ele.

2 — As virtudes morais podem tornar o homem honesto e virtuoso, podem regular a sua actividade segundo a razão, mas de modo nenhum o podem introduzir na amizade de Deus, nem sequer dar-lhe a possibilidade de merecer a vida eterna. Sem o sopro vivificante da caridade, tudo permanece morto, estéril, frio; sem a caridade o homem fica limitado ao plano natural, não pode ser filho de Deus, não pode ser Seu amigo, não pode viver em sociedade com as Pessoas divinas. A caridade é o princípio, a raiz, a fonte, a medida da nossa vida sobrenatural: quanto mais amamos e mais cresce em nós a vida da graça, tanto mais amamos e vivemos em Deus: «nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida porque amamos» (I Jo. 3, 14).

Coisa verdadeiramente impressionante: nem as obras mais belas e grandiosas, como o apostolado, as obras de misericórdia, nem sequer o martírio, valem sem a

caridade: «ainda que distribuísse todos os meus bens no sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada me aproveita» (I Cor. 13, 3). Mas quando intervém a caridade, tudo muda de aspecto, como muda de aspecto uma paisagem ao ser beijada pelo sol; e com o aspecto, muda o seu valor: as obras mais humildes, os actos de virtude mais secretos, praticados por amor de Deus, adquirem valor de vida eterna. É este o milagre operado pela caridade, à qual muito justamente S. Tomás chama «forma e mãe» de todas as virtudes. «Só o amor dá valor às obras — diz Teresa de Jesus — e o que é necessário é que seja tão forte que nada o estorve de amar» (Ex. 5, 2). Tudo isto nos manifesta que a caridade é realmente «o máximo e o primeiro mandamento» sobre o qual «toda a lei» está fundada (Mt. 22, 38 e 40). A alma que entende esta grande verdade já não se preocupa, na sua vida espiritual, com muitas práticas e exercícios mais ou menos acessórios, mas tem por alvo o coração, o centro desta vida: tem por alvo a caridade. A sua única preocupação é empregar todas as suas forças no exercício do amor, é crescer no amor, é viver o mais possível em contínua actualidade de amor e por isso, em todas as coisas, procura agir com o fim exclusivo de amar a Deus, de Lhe dar gosto, de Lhe dar glória.

Colóquio — «Revesti-me, Senhor, da toga encarnada da caridade, que não sòmente dá graça à fé e à esperança, mas faz levantar tanto a alma, que a põe perto de Vós, muito formosa e agradável. Esta virtude é a que mais atrai o Vosso amor, a que defende a alma do amor próprio, que torna válidas as demais virtudes, dando-lhes força e vigor, graça e donaire para que com elas a alma

Vos possa agradar, porque sem caridade nenhuma virtude é graciosa diante de Vós.

«Ó dulcíssimo amor de Deus, quão mal sois conhecido! Aquele que encontrou a fonte, repousou. Tu esvaziarias as afeições da vontade de qualquer coisa que não seja Deus e só as pões n'Ele e assim dispões esta potência e a unes com Deus por amor.

«Ó Senhor, ensinai-me a empregar todas as minhas forças em amar-Vos, de modo que todas as aptidões da minha alma e corpo, a memória, o entendimento e a vontade, os sentidos interiores e exteriores, os appetites da parte sensitiva e espiritual, tudo se mova por amor e no amor. Ensinai-me a fazer tudo o que faço com amor e a padecer tudo o que padeço com sabor de amor, e assim, meu Deus, guardarei para Vós toda a minha fortaleza» (J.C. N. II, 21, 10 e 11; AM. I, 16; C. 28, 8).

«Proponho, ó meu Deus, em todas as minhas obras, quer interiores quer exteriores, não ter outro alvo senão o amor, dizendo sempre e perguntando a mim mesma: que faço agora nesta acção? Amo o meu Deus? E se descubro nela algum obstáculo ao puro amor, repreender-me-ei a mim própria, lembrando-me, ó Senhor, de que devo dar-Vos amor por amor. Fazeis-me conhecer bem que tanto mais Vos amarei quanto mais diligente for em observar todas as Vossas santas leis» (cfr. T.M. Sp. pg. 323 e 325).

255. O ACTO DE AMOR

Ó Senhor, fazei que eu Vos ame por Vós mesmo e não para minha consolação; fazei que, amando-Vos, procure sempre a Vossa vontade e não a minha.

1 — Amar é *querer* bem a alguém; compreende-se, pois, que a essência do amor está no acto da vontade com que se *quer bem*. Isto não obsta a que em nós a este acto se una o affecto sensível, e então o amor é, ao mesmo tempo, acto da vontade e acto da sensibilidade: todavia é evidente que a substância do verdadeiro amor não consiste na emoção do sentimento, mas sim no acto da vontade. A caridade não modifica a nossa maneira de amar, mas penetra-a, sobrenaturaliza-a, tornando a vontade e a sensibilidade capazes de amar a Deus. Também o nosso affecto sensível pode empenhar-se no acto de amor sobrenatural; Deus não desdenha esta manifestação mais humilde, menos elevada, do nosso amor por Ele e a prova disto é que nos mandou amá-LO não só com toda a mente e com toda a alma, mas também *com todo o coração*. Todas as nossas forças — intellectuais, volitivas, affectivas — são postas em acção no acto de amor e no entanto a substância desse acto não está no sentimento, mas na vontade. Por isso quando no teu amor para com Deus permaneces frio quanto à sensibilidade e não sentes nada, não te debes perturbar: encontrarás desse modo menos satisfação no teu amor — porque sentir que se ama é muito mais doce — porém o teu acto de amor será igualmente verdadeiro e pleno. Ao contrário, faltando-te o apoio e o impulso que vem do sentimento, ver-te-ás constrangido a aplicar-te com maior decisão ao acto da vontade, e isto, longe de prejudicar, tornará mais volitivo, e portanto mais meri-

tório, o teu acto de amor. Precisamente porque a substância do amor consiste no acto da vontade que quer bem a Deus, o Senhor, para tornar mais intenso e puro o teu amor, privá-lo-á frequentemente de toda a doçura do sentimento; já não sentirás que amas a Deus — e isto causar-te-á pena — mas, na realidade, amá-LO-ás na medida em que souberes querer decididamente a Sua vontade, o Seu beneplácito, o Seu gosto, acima de todas as coisas. Aliás, sentir o amor não está na tua mão, ao passo que depende sempre de ti fazer actos de amor com a vontade, depende sempre de ti querer bem a Deus, procurando com todas as tuas forças viver para Ele e agradar-Lhe.

2 — S. João da Cruz declara: «A vontade, pela operação, une-se com Deus e nEle põe o seu termo, que é o amor, e não pelo assentimento e apreensão do seu apetite que se assenta na alma como fim e remate» (*Cart. 11*). A operação da vontade é o acto de amor com que queremos bem a Deus, com que conformamos a nossa vontade à Sua; esta operação tem o seu termo precisamente em Deus e é o verdadeiro meio para nos unirmos a Ele. O sentimento do amor, pelo contrário, não passando de uma impressão subjectiva, produzida talvez na sensibilidade pelo acto de amor termina na alma que o experimenta, conforta-a, mas, de per si, não contribui para a unir com Deus. É verdade que a alma pode servir-se d'ele, para se dar ao Senhor com maior generosidade e neste caso o sentimento do amor intensifica a operação da vontade; infelizmente, porém, somos tão inclinados a procurar a nossa satisfação até nas coisas mais santas, que não é difícil que a alma se detenha na doçura deste sentimento e cesse então de tender

para Deus com todas as suas forças. É por isso muito útil que Deus nos faça passar por períodos de aridez obrigando-nos assim a caminhar através da pura operação da vontade; então, diz o doutor místico, «a alma só nEle põe o affecto, gozo, gosto e amor, arredadas todas as coisas e amando-O sobre todas elas». E acrescenta: «Muito louco seria o que faltando-lhe a suavidade e deleite espiritual, pensasse que por isso lhe faltava Deus e quando a tivesse gozasse e se deleitasse, pensando que por isso possuía a Deus» (ib.). Não, não consiste nisto o verdadeiro amor e união com Deus, mas na pura operação da vontade que procura a Deus e o Seu querer acima de todas as coisas. Por isso se queres verdadeiramente amar a Deus e unir-te a Ele, «conserva essa fome e sede de Deus só» (ib.), isto é, debes procurar só a Sua vontade preferindo-a à tua. Esta maneira de amar far-te-á sair de tí mesmo, daquilo que há de mais profundo no teu eu, na tua vontade, para te lançar todo na vontade de Deus. Se pensas que, para chegar à união perfeita com Deus, toda a tua vida tem de estar envolvida pela Sua vontade, sentirás a necessidade de seres continuamente generoso a fim de saires da tua vontade e de permaneceres sempre na de Deus.

Colóquio — «Ó Deus e Senhor meu! Quantos são os que andam a buscar em Vós o seu consolo e gosto só desejando que lhes concedais mercês e dons! Ao contrário, os que pretendem dar-Vos gosto e dar-Vos algo à sua custa, sem olharem ao seu particular, são muito poucos.

«Concedei-me, ó Senhor, a graça de Vos seguir com verdadeiro amor e com espírito de sacrificio, para que de maneira alguma busque consolação e gosto nem em

Vós nem noutra coisa! Não quero pedir-Vos mercês, porque vejo claramente que muitas me tendes feito. Todo o meu cuidado está em como poderei dar-Vos algum gosto e servir-Vos por causa do que mereceis, ainda que seja à minha própria custa, à custa de incômodos e sofrimentos. Ó meu Amado, quero para mim todo o áspero e trabalhoso e para Vós tudo quanto é suave e saboroso» (J.C. N. II, 19, 4; AM. 2, 52).

«Ó Senhor, como é necessário aprender a amar-Vos sem interesse! Para caminhar como se deve no caminho do amor, é necessário ter o único desejo de Vos servir, ó Cristo crucificado; não só não Vos peço consolações, mas nem sequer as desejo e suplico-Vos que não mas concedais nesta terra.

«Não, meu Deus, o amor não está nos gostos espirituais, mas na firme determinação de Vos contentar em todas as coisas, em procurar quanto pudermos não Vos ofender, em pedir-Vos o aumento da Vossa honra e da Vossa glória. Está sobretudo em ter a nossa vontade tão conforme à Vossa, que nenhuma coisa entendamos que tendes que não a queiramos com toda a nossa vontade e tão alegremente tomemos o saboroso como o amargo. Ó poderoso amor de Deus, como é verdade nada parecer impossível a quem ama» (T.J. M. IV, 2, 9; 1, 7; F. 5, 10; P. 3, 4).

256. VIDA DE AMOR

Fazei, Senhor, que eu comece a amar-Vos na terra como um dia Vos amarei no céu.

1 — Se se pode dizer que pela fé «começa em nós a vida eterna» (S. Tomás, II^a II^{ae} q. 4, a. 1, co.), outro tanto, e com maior razão, se pode afirmar da caridade, que permanecerá imutável mesmo no céu. A vida eterna será essencialmente vida de amor, de um amor plenamente desabrochado porque, conhecendo perfeitamente a Deus através da visão beatífica, poderemos enfim cumprir com absoluta perfeição, o preceito de amar a Deus com todas as nossas forças. Neste mundo tal perfeição só é possível de um modo relativo, todavia possuímos desde já a mesma caridade com que amaremos um dia no céu, e por isso podemos também desde já começar essa vida de amor que florescerá plenamente na eternidade. O nosso amor no céu terá as características de pleno vigor e de continuidade absoluta, de tal modo que jamais poderá diminuir; aqui na terra não podemos chegar a tanto, embora possamos tender para isso mediante o exercício de um amor puro, intenso e, tanto quanto possível, sempre em acto. Eis, portanto, as qualidades que deve possuir o teu amor para com Deus: pureza, intensidade, continuidade.

O teu amor para com Deus será puro quando Lhe quiseses tanto bem que procures sòmente a Sua glória, o cumprimento da Sua vontade: «santificado seja o Vosso nome, seja feita a Vossa vontade» (Mt. 6, 9 e 10). Este é o único e verdadeiro bem que tu, pobre criatura, podes querer para o teu Deus; toda a glória que Lhe podes dar consiste em responder um *sim* total à Sua vontade, em cumprir cá na terra o Seu querer, com

tanto amor, com tanta plenitude, que rivalizes com os anjos e bem-aventurados do céu; «seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu» (ib.). Eis em que sentido o teu amor deve ser puro: procurar só a glória de Deus, só a Sua vontade, esquecendo-te completamente de ti, pronto a sacrificar por Ele qualquer querer, desejo ou interesse próprio. Por isso, mesmo na vida espiritual, o teu primeiro pensamento não deve ser a tua perfeição, o teu progresso, o teu conforto, mas sempre o gosto de Deus, o Seu beneplácito, a Sua glória. Tirarás disso grande vantagem, pois quem se dá a Deus, esquecendo-se inteiramente de si, atrai a plenitude do amor divino; e que maior bem poderás possuir do que ser amado pelo amor infinito?

2 — Além disso é preciso que o teu amor para com Deus seja intenso e vigoroso porque assim a inclinação da tua vontade para Ele será cada vez mais forte. «Amor meus pondus meum», diz S.to Agostinho: o amor é o peso que me arrasta, que arrasta todo o meu ser, todo o meu querer, toda a minha vida para Deus. É necessário que este peso aumente a fim de te arrastar para Deus num ritmo cada vez mais acelerado. S. João da Cruz ensina que basta um grau de amor para que uma alma esteja no seu centro, ou seja, em Deus, mas quantos mais graus de amor possuir, tanto mais se concentrará e mergulhará nEle e por isso «o amor mais forte será o mais unitivo» (CV. 1, 13).

O amor fortalece-se e cresce com o exercício; deve ser porém, um exercício generoso e intenso, um exercício que empregue todas as forças da alma. Quando realizas as tuas acções, não com mesquinhez ou negligência, mas com todo o ardor, isto é, com toda a boa vontade

de que és capaz, o teu amor cresce imediatamente e a cada acto corresponde um novo aumento de caridade. Deste modo o teu amor crescerá cada vez mais, tornar-se-á forte, chegará à maturidade e será capaz de te arrastar todo para Deus. Procura pois que durante o dia estes actos de amor sejam frequentes, a fim de poderes viver o mais possível em contínua actualidade de amor. Mas há um momento do dia destinado de um modo particular a tornar-te mais fervoroso na caridade: é o momento da oração; oração entendida como encontro íntimo da tua alma com Deus por meio do amor e como trato amigável entre Deus e tu. Nela te deves recolher e concentrar, nela deves renovar a decisão da tua vontade de te entregares todo a Deus, de procurares sempre a Sua vontade e o Seu gosto acima de todas as coisas. Vai à oração em busca de Deus, para estares com Ele como o amigo está com o seu amigo e pede-Lhe, submisso mas com doce insistência, que te ensine a amá-LO como um dia O amarás no céu. Como a amizade humana se consolida nos encontros dos amigos, assim a amizade divina, a caridade, se fortalece na oração, neste amigável e amoroso encontro da alma com Deus.

Colóquio — «Ó Senhor, Vós fizestes-me compreender que os dons mais perfeitos não são nada sem o amor, que a caridade é o caminho excelente que nos conduz a Vós com segurança. Eu não desejo senão a ciência do amor; e tendo dado por ela todas as minhas riquezas, parece-me não ter dado nada. Compreendo tão bem que só o amor me pode tornar agradável a Vós, que este amor é o único bem que ambiciono.

«A minha ocupação é colher flores, as flores do amor e do sacrifício e oferecê-las a Vós, meu Deus,

para Vos dar prazer. Quero trabalhar somente por Vosso amor, com o fim único de Vos agradar, de consolar o Vosso Sagrado Coração e de salvar almas que Vos amarão eternamente» (cfr. T.M.J. M.B. 233, 222, 236; Acto de oferecimento).

«Ó Senhor, o meu amor por Vós deve ser totalitário, infinito no desejo, porque Vós não Vos dais de todo à alma se esta não se dá de todo a Vós. Não devo conservar nenhum apego, não devo admitir sequer uma imperfeição advertida, nem recusar-Vos nada. Fazei que eu possa dar-me a Vós numa doação constante, ininterrupta, momento a momento, buscando em tudo a Vossa maior glória, procurando sempre contentar-Vos, querendo só e sempre a Vossa vontade, fazendo tudo com todo o coração, com todo o amor.

«O meu amor por Vós deve ser suave e delicado. Ajudai-me a chegar àquela delicadeza, àquele requinte, àqueles pormenores que tanto apreciáis e que Vos arrebatam.

«O meu amor por Vós deve ser forte, generoso e demonstrar-se no sacrifício, na busca do sacrifício, na entrega, na aceitação sorridente da dor. Ó Senhor, por Vosso amor, quero exercitar-me nas pequenas ocasiões para ser forte nas grandes» (cfr. Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

Do X ao XVIII Domingo depois do Pentecostes

**A CARIDADE FRATERNA - AS VIRTUDES
MORAIS - OS DONS DO ESPÍRITO SANTO -
AS BEM-AVENTURANÇAS**

257. A CARIDADE FRATERNA

Dignai-Vos, Senhor, fazer-me compreender o significado profundo da caridade fraterna.

1 — Jesus propôs-nos, como fundamento de toda a lei, não só o preceito do amor de Deus, «o máximo e o primeiro mandamento», mas também o preceito do amor do próximo, declarando-o expressamente «semelhante» ao primeiro (*Mt.* 22, 38 e 39). É fácil compreender que o preceito do amor de Deus é o fundamento de toda a vida cristã, mas é mais difícil dizer o mesmo quanto ao preceito da caridade fraterna. Contudo Jesus uniu tão estreitamente estes dois mandamentos que temos de concluir que um não pode subsistir sem o outro e vice-versa. Ele não disse que tudo se reduz ao primeiro mandamento, o de amar a Deus, mas que «destes dois mandamentos [do amor de Deus e do amor do próximo] depende toda a lei e os profetas» (*ib.* 40). Por que motivo está tão unido o amor do próximo com o amor de Deus? É porque se faz dele a base única de todo o cristianismo? Porque a virtude da caridade fraterna não é amor da criatura em si mesma ou por si mesma, mas é amor da criatura «propter Deum», quer dizer, por causa de Deus, por motivo das suas relações com Ele. Por outras palavras, devemos compreender que Deus nos manda amá-LO não só em Si mesmo, mas também nas Suas criaturas racionais que Ele quis criar à Sua imagem e semelhança. Como um pai deseja ser amado e respeitado não só na sua pessoa, mas também nos seus filhos, assim Deus deseja ser amado não só em Si mesmo, mas também nas Suas criaturas, e deseja-o de tal maneira que considera como feito a Si tudo o

que se faz a qualquer pessoa. «Em verdade vos digo, que todas as vezes que vós fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt. 25, 40). A caridade fraterna é tão importante porque não é senão um prolongamento da caridade para com Deus, prolongamento que abrange todos os homens em vista de Deus seu criador e seu Pai. Justamente por este motivo o preceito do amor do próximo é inseparável do amor de Deus.

2 — Deus deseja tanto ser amado no próximo que faz deste amor a condição essencial da nossa salvação eterna. Quando Jesus nos fala do juízo final, não dá outra razão para a justificação dos bons e para a condenação dos réprobos senão as obras de misericórdia realizadas ou omitidas para com o próximo. «Vinde benditos de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo». E porquê? «Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber» (Mt. 25, 34 e 35). Tive fome nos pobres, tive sede no vosso próximo. Se é muito consolador pensar que Deus considera e recompensa como feitas a Si as obras de caridade feitas ao próximo, é do mesmo modo grave pensar que Ele considera e castiga como dirigidas a Si as faltas de caridade cometidas contra o mesmo próximo. Jesus, que é a personificação da bondade e da misericórdia infinitas do Pai celeste, não hesita em pronunciar a sentença de condenação eterna contra aqueles que não amaram, nem socorreram, nem consolaram o próximo. Porquê? Porque: «Na verdade vos digo, todas as vezes que não fizestes [tais coisas] a um destes mais pequeninos, a mim o não fizestes» (Mt. 25, 45). Deus exige a prova concreta do nosso amor para

com Ele no nosso modo concreto de proceder para com o próximo. Não devemos julgar que amamos a Deus quando não amamos os nossos semelhantes que, tal como nós, são imagens vivas do Pai celeste. Que importa se às vezes esta imagem está desfigurada pelos defeitos, pelo pecado e até mesmo pelos vícios? Apesar de tudo, continua a ser sempre imagem de Deus, imagem que a caridade nos deve fazer reconhecer, venerar e amar em todos os homens, seja qual for a condição em que se encontrem. Não podemos contentar-nos com amar a Deus só em ideal, devemos amá-LO realmente nas nossas relações concretas com o próximo: eis a prova mais certa do nosso amor a Deus.

Colóquio — «Ó caridade, és tão grande como o próprio Deus, porque Deus é caridade. Voas tão alto que chegas ao trono da SS.ma Trindade e lá entras no seio do eterno Pai e do seio do Pai desces ao coração do Verbo Incarnado, onde repousas e donde tiras o teu alimento. Assim, a alma que te possui procura alimentar-se só de Deus e nEle repousar e, depois de se ter alimentado e repousado, desce à terra a fim de que tu, ó caridade, te estendas também aos próximos, amando-os não somente como criaturas, mas como seres criados por Deus à Sua imagem e semelhança. Não te deténs a amar os corpos que são a casca, mas penetras no interior das almas, amando-as acima de tudo; não te deténs nos dons de Deus, mas sobes ao Doador e a todos amas unicamente nEle.

«Ó caridade, és tão sublime que nos unes a Deus. Tu podes tudo e geras na Igreja uma espécie de trindade à semelhança da Santíssima Trindade; porque assim como o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito

Santo é Deus e os três estão unidos e são um mesmo Ser, assim também pela tua virtude, ó caridade, chega até nós esta união porque tu unes a alma com Deus e cada um com o seu próximo formando na Igreja, de um modo invisível, uma espécie de trindade.

«Quem te possui, ó caridade, alimenta-se de Deus a ponto de se tornar semelhante a Ele pela graça e por participação.

«Concedei-me, meu Deus, uma caridade tão perfeita que saiba condescender, ajudar, aliviar o meu próximo em todas as suas necessidades, enfermidades e fadigas e que saiba compadecer-se, com suma prudência, dos defeitos alheios» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

258. O MOTIVO DA CARIDADE FRATERNAL

Senhor, ensina-me a amar-Vos no meu próximo e a amar o meu próximo em Vós e por Vós.

1 — Não existem duas virtudes de caridade, uma para amar a Deus e outra para amar o próximo, mas uma só virtude com a qual amamos a Deus e ao próximo. Nós amamos a Deus porque Ele é infinitamente digno de ser amado, e amamos o próximo porque a fé nos faz reconhecer nele um reflexo da amabilidade de Deus. Assim, o motivo da caridade fraterna é o mesmo que o da caridade para com Deus: trata-se sempre de amar a Deus, quer imediatamente em Si mesmo, quer mediadamente no próximo. Tendo Deus por objecto e por fim último, a caridade fraterna é, portanto, uma virtude teologal, idêntica à virtude com que amamos a Deus. A Deus compete, certamente, o primeiro lugar; a Ele, Bem infinito, devemos dar a preferência absoluta,

Mas o amor do próximo inclui também o amor de Deus, desde que amemos o próximo em Deus e por Deus, por causa das suas relações com Deus, por pertencer a Deus. «O motivo pelo qual amamos o próximo é Deus — ensina S. Tomás — ... isto demonstra que o acto com que se ama a Deus é o mesmo com que se ama o próximo. Por isso a virtude da caridade não abrange só o amor de Deus, mas também o amor do próximo» (II^a II^o, q. 25, a. 1, co.). Quando uma alma verdadeiramente a Deus, sabe também amar o próximo e sabe amá-lo como ele é, apesar dos seus defeitos, apesar dos aborrecimentos e dissabores que este por vezes lhe pode causar, porque em vez de se deter a considerar tudo isso, vai mais longe: esforça-se por descobrir Deus nos seus irmãos, fixa em Deus o olhar e «propter Deum», por causa de Deus, ama a todos sem distinção nem restrições.

Esta alma não precisa de longos raciocínios para compreender a profunda lógica da afirmação do Apóstolo: «Se alguém disser: 'eu amo a Deus', e odiar o seu irmão, é um mentiroso», mas entende-a claramente por uma espécie de instinto sobrenatural, por uma intuição que lhe permite compreender todo o alcance do preceito da caridade: «Nós temos de Deus este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também o seu irmão» (I Jo. 4, 20 e 21).

2 — Se amo o próximo porque me é simpático, porque me presta serviços ou faz favores, porque a sua amizade me reconforta; se o amo pelas suas boas qualidades, pelo seu trato amável e jovial, o meu amor é humano e não é amor de caridade. Se sou benévolo para com o próximo, se o ajudo porque tenho compaixão dele

ou porque me sinto ligado a ele por deveres de solidariedade humana, o meu amor poderá chamar-se simpatia ou filantropia, mas não poderá chamar-se ainda caridade, cuja característica é amar o próximo «*propter Deum*». O meu amor é virtude de caridade só na medida em que entre mim e o próximo estiver em jogo o amor de Deus, só na medida em que o meu afecto para com os irmãos for inspirado pelo amor de Deus. Se o meu amor se apoia unicamente em motivos humanos — como a simpatia, os dotes naturais, os laços de sangue, etc., — não passa de um simples amor humano que de modo nenhum tem o mérito e o valor da caridade. «O amor do próximo não é meritório senão porque o próximo é amado por causa de Deus» (S. Tomás, II^a II^{ae}, q. 27, a. 8). Foi neste sentido que S. Paulo disse: «Ainda que distribuisse todos os meus bens no sustento dos pobres... se não tiver caridade, nada me aproveita» (I Cor. 13, 3).

É fácil enganarmo-nos julgando ter muita caridade porque amamos a quem nos estima, porque nos mostramos cheios de atenções e gentilezas para com os que pensam como nós, que nos são solidários; no entanto, trata-se de um simples amor humano, no qual não entra o amor de Deus. «Se amais os que vos amam — disse Jesus — que recompensa haveis de ter? ... Não fazem também assim os gentios?» (Mt. 5, e 47). Se quero que o meu amor ao próximo seja caridade, tenho de subir muito mais alto, devo considerar o próximo em Deus, devo amar o próximo em relação a Deus, por causa de Deus. Só assim o meu amor para com o próximo será um acto da virtude teologal da caridade, o mesmo acto com que amo a Deus, e somente assim cumprirei o preceito da caridade fraterna.

Colóquio — «Assim como Vós, ó Deus, criastes o homem à Vossa imagem e semelhança, assim nos mandastes amar os homens com um amor semelhante ao que devemos à Vossa divindade. O motivo pelo qual Vos amamos, ó Senhor, é a Vossa bondade soberanamente suma e infinita e o motivo pelo qual amamos os homens é porque todos foram criados à Vossa imagem e semelhança e portanto amamo-los como imagens vivas e santíssimas da Vossa divindade.

«Por isso a mesma caridade com que Vos amamos, ó Senhor, é a fonte dos actos com que amamos o próximo. Um mesmo amor se estende a Vós, meu Deus, e ao próximo, nos eleva à união do nosso espírito con-Vosco e nos reconduz à amorosa sociedade com o próximo, de forma que o amamos por ele ter sido criado à *Vossa imagem e semelhança*, para partilhar da Vossa divina bondade, para participar da Vossa graça e gozar da Vossa glória.

«Amar o próximo com amor de caridade, ó meu Deus, é amar-Vos no homem e amar o homem em Vós; é amar-Vos só por amor de Vós mesmo e amar também a criatura por Vosso amor.

«Ah! bom Deus! Ao ver o nosso próximo criado à Vossa imagem e semelhança não deveríamos ambos dizer: vede como esta criatura se assemelha ao Criador? Não deveríamos abraçá-la, acariciá-la e chorar de amor por ela? Não deveríamos desejar-lhe mil bênçãos? E porquê? Por amor dela? Não, certamente, pois que ignoramos se é digna de amor ou de ódio. Porquê então? Por Vosso amor, ó Senhor, que a formastes à Vossa imagem e semelhança e a tornastes, por conseguinte, capaz de participar da Vossa bondade pela graça e pela glória. Por isso, ó Amor divino, Vós não só nos orde-

nais muitas vezes o amor do próximo, mas também o produzis e o infundis nos nossos corações» (S. Francisco de Sales).

259. CARIDADE E HUMILDADE X DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Dai-me, ó meu Deus, humildade e amor; que a humildade guarde em mim a caridade e que esta cresça na medida desejada por Vós.

1 — A liturgia apresenta-nos hoje, como num esboço, através dos textos da Missa, os traços fundamentais da alma cristã. Em primeiro lugar mostra-nos a vivificada pelo Espírito Santo que nela derrama os Seus dons, segundo nos diz S. Paulo na Epístola (I Cor. 12, 2-11). O Apóstolo detém-se a falar dos «carismas», daquelas graças especiais — tais como o dom das línguas, de ciência, de milagres, etc. — concedidas à Igreja primitiva com particular abundância pelo Espírito Santo. Embora estes dons sejam muito preciosos, são porém inferiores à graça e à caridade porque só a graça e a caridade podem conferir à alma a vida sobrenatural; os «carismas» podem acompanhá-la ou não, sem que por isso aumente ou diminua a sua intensidade. S. Tomás observa que a graça e a caridade santificam a alma e unem-na a Deus, ao passo que os carismas são antes ordenados para utilidade do próximo e podem subsistir mesmo naquele que não possui a graça. Aliás, também S. Paulo — e precisamente na mesma epístola, da qual hoje lemos um fragmento na Missa — depois de ter enumerado todos esses dons extraordinários, conclui com a famosa afirmação: tudo isto é nada sem a

caridade. Esta é sempre a virtude «centro», a característica fundamental da alma cristã e, ao mesmo tempo, o maior dom que o Espírito Santo pode derramar em nós. Se o divino Paráclito não vivificasse as nossas almas com a caridade e com a graça que lhe está inseparavelmente unida, ninguém poderia fazer o menor acto de valor sobrenatural, nem sequer a pessoa mais virtuosa; «ninguém pode dizer: 'Senhor Jesus' senão pelo Espírito Santo», afirma o Apóstolo. Assim como a árvore privada da seiva vital não pode dar frutos, assim a alma que não é vivificada pelo Espírito Santo não pode realizar acções sobrenaturais. Eis o grande valor da graça e da caridade; vale mais o menor grau de graça e de caridade do que todos os dons extraordinários que podem dispor as almas para o bem, mas não têm poder nem para infundir nem para aumentar em nós a vida divina.

2 — O Evangelho (*Lc. 18, 9-14*), apresenta-nos outra característica fundamental da alma cristã: a humildade. A caridade é superior porque nos comunica a vida divina, mas a humildade tem uma grandíssima importância por ser a virtude que desimpede o terreno dando lugar à graça e à caridade. Este é o ensinamento que hoje recebemos de Jesus sob uma forma muito viva e concreta, através da parábola do fariseu e do publicano. O Evangelho diz-nos expressamente que Jesus falava para aqueles que «confiavam em si mesmos como se fossem justos e desprezavam os outros»; o fariseu é o seu protótipo e representa-os maravilhosamente. Ei-lo seguro da sua justiça, orgulhoso dos seus méritos: eu não roubo, não sou adúltero, jejuo e pago o dízimo. Que mais se pode pretender? No entanto este homem

soberbo não vê que lhe falta o melhor: a caridade; e isto é tão verdade que se lança contra os outros, acusando-os e condenando-os: «eu não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano». Não tendo caridade para com o próximo, também não podia ter caridade para com Deus. Com efeito, entrou no templo para orar e não foi capaz de fazer o mais pequeno acto de amor e de adoração e em vez de louvar a Deus pelos Seus benefícios, não fez mais que louvar-se a si mesmo. Na realidade este homem não sabia rezar porque não tinha caridade e não podia ter caridade porque estava cheio de soberba: «Deus resiste aos soberbos e dá a Sua graça aos humildes» (Tgo. 4, 6). Por isso o fariseu regressa a casa condenado, não tanto pelo Senhor, que gosta sempre de usar de misericórdia, mas pela sua soberba que impede nele a obra da misericórdia.

A atitude do publicano é bem diferente: é um pobre homem, sabe que pecou, tem consciência da sua miséria moral; nem sequer possui a caridade porque o pecado é um obstáculo à caridade, mas é humilde, muito humilde, e confia na misericórdia de Deus: «Meu Deus, tende piedade de mim, pecador». E Deus, que gosta de Se inclinar para os humildes, justifica-o logo: a sua humildade atraíu sobre ele a graça do Altíssimo. S.to Agostinho diz: «Quanto mais agrada a Deus a humildade nas coisas mal feitas do que a soberba nas bem feitas!» Não, não são as nossas virtudes, as nossas boas acções que nos justificam, mas a graça e a caridade que o Espírito Santo infunde nos nossos corações e que infunde «como Ele quer», mas sempre em proporção da nossa humildade.

Colóquio — «Ó bom Jesus, quantas vezes, depois de lágrimas amargas, depois de soluços e gemidos indizíveis, não curastes as chagas da minha consciência com a unção da Vossa misericórdia e o óleo da Vossa alegria! Quantas vezes, depois de ter começado a minha oração sem esperança, reencontrei a alegria na esperança do perdão! Os que experimentaram tais sentimentos sabem que Vós sois um verdadeiro médico que sara os corações contritos e cura as chagas com solicitude. Os que ainda não têm experiência disto, creiam ao menos na Vossa palavra: 'O Espírito do Senhor encheu-me da sua unção e enviou-me a anunciar aos mansos a boa nova, a sarar os que têm o coração contrito'. Se ainda duvidam, aproximem-se de Vós, experimentem e aprenderão por si próprios o que significam estas Vossas palavras: 'Quero a misericórdia e não o sacrifício'.

«Ó Senhor, Vós dizeis: 'Vinde a mim todos os que trabalhais e eu vos aliviarei'. Mas por que caminho iremos a Vós? Pelo da humildade, pois só assim nos consolareis. E qual é a consolação que Vós prometeis aos humildes? É a caridade. Com efeito, a alma obterá a caridade em proporção da sua humildade. Oh! como a caridade é alimento suave e doce! Sustenta os que estão cansados, fortalece os fracos, consola os tristes. Senhor, dai-me esta caridade que torna suave o Vosso jugo e leve a Vossa carga» (cfr. S. Bernardo).

260. A EXTENSÃO DA CARIDADE FRATERNA

Senhor, fazei-me compreender que a verdadeira caridade não admite excepções, mas abrange seja quem for, com um amor sincero.

1 — Se a caridade se baseasse nas qualidades do próximo, nos seus méritos, no seu valor, no conforto e nos benefícios que dele recebemos, seria verdadeiramente impossível estendê-la a todos os homens. Como, porém, se funda nas suas relações com Deus, ninguém pode ser lícitamente excluído dela, já que todos pertencem a Deus, são criaturas Suas e, ao menos por vocação, todos são Seus filhos, remidos pelo Sangue de Cristo, chamados a viver «em sociedade» com Deus (cfr. I Jo. 1, 3), pela graça neste mundo e pela visão beatífica no céu. E ainda que alguns, pela sua malícia, se tenham tornado indignos da graça de Deus, todavia, enquanto vivem, são sempre capazes de se converter e de ser novamente admitidos à doce intimidade do Pai celeste.

No Antigo Testamento, quando o grande mistério da comunicação da vida divina aos homens ainda não tinha sido revelado e Jesus ainda não tinha vindo instaurar estas novas relações entre Deus e os homens, a lei do amor ao próximo, não existia este abraço universal e profundo do qual os antigos não teriam sido capazes. Mas desde que Jesus veio dizer-nos que Deus é nosso Pai, que quer comunicar-nos a Sua vida divina, desde que Jesus veio oferecer-nos a graça de adopção de filhos de Deus, o preceito da caridade adquiriu uma nova amplitude. «Ouvistes o que foi dito: 'amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo'. Eu porém — proclama Jesus — digo-vos: 'Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem

e caluniam, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus, e manda a chuva sobre justos e injustos'» (Mt. 5. 43, 45). Eis como Jesus declara o motivo da caridade universal: Devemos amar a todos para sermos filhos do Pai celeste, para imitarmos o Seu amor universal para com todos os homens que são criaturas Suas, por Ele escolhidas para Seus filhos adotivos. Jesus também nos ensina que devemos amar o próximo «*propter Deum*», por causa de Deus.

2 — Na prática, o preceito da caridade universal é-nos muitas vezes difícil, porque consideramos o amor ao próximo como algo de exclusivamente pessoal, subjectivo e, portanto, egoísta. Por outras palavras, em lugar de fazermos depender o nosso amor ao próximo das suas relações com Deus, fazemo-lo depender das suas relações connosco. Se o próximo nos quer bem, nos respeita, nos tem em consideração, nos presta serviços, etc., não sentimos dificuldade alguma em amá-lo, antes nos comprazemos nesse amor e buscamos nele conforto. Mas o caso é bem diferente se o próximo nos é contrário, se nos magoa, se nos ocasiona aborrecimentos — embora involuntariamente — se não partilha a nossa maneira de pensar ou se não aprova a nossa conduta. Perante tudo isto devemos concordar que erramos ao substituir Deus, que é o verdadeiro motivo pelo qual devemos amar o próximo, pelo nosso miserável *eu* com as suas exigências egoístas. Quando se trata do amor do próximo, devemos reconhecer também que somos, infelizmente, quase sempre *egocentristas* e muito pouco *teocentristas*. Se Deus fosse verdadeiramente o centro das nossas relações com o próximo, saberíamos superar o

nosso ponto de vista egocêntrico, ou seja, egoísta e pessoal; e embora sofrêssemos com os agravos, indelicadezas e aborrecimentos causados pelo próximo, nunca nos serviríamos deles como pretexto para lhe recusar o nosso amor. No fundo, é sempre o egoísmo que nos desvia do bom caminho e, neste caso, que nos fecha o caminho para a prática da caridade teologal.

Por conseguinte, é necessário vencer o egoísmo e ultrapassar os limitados horizontes de um amor baseado nos nossos interesses pessoais. Olhemos para mais alto, olhemos para Deus que nos repete, como a S.ta Catarina de Génova: «Quem me ama, ama tudo o que eu amo!» Se a nossa caridade se detém por causa das dificuldades que encontramos nas nossas relações com o próximo, é porque as nossas relações com os irmãos não são reguladas pelo amor de Deus, mas pelo amor próprio.

Colóquio — «Ó Jesus, sei que não tenho inimigos, porém tenho simpatias: sinto-me atraída para uma irmã, ao passo que uma outra me faria dar uma longa volta para evitar encontrá-la. Pois bem! Vós dizeis-me que devo amar esta irmã, que devo rezar por ela, mesmo se o seu procedimento me levasse a crer que não me ama. 'Se amais aqueles que vos amam, que agradecimento recebereis? Também os pecadores amam aqueles que os amam'. E ensinai-me ainda que não basta amar, que é preciso prová-lo. Fica-se naturalmente contente por oferecer um presente a um amigo, mas isto não é caridade, pois os pecadores também o fazem.

«Eis a conclusão que tiro: devo procurar a companhia das irmãs que me são menos agradáveis e cumprir junto destas o ofício do bom Samaritano. Uma palavra, um sorriso amável, basta muitas vezes para

desanuiar uma alma triste. Mas não é exclusivamente para atingir este fim que quero praticar a caridade, pois sei que bem depressa havia de desanimar. Uma palavra que dissesse com a melhor das intenções seria talvez interpretada exactamente ao contrário. Portanto, para não perder o tempo, quero ser amável para com todos para Vos dar prazer, ó Jesus, para corresponder ao conselho que Vós nos dais no Evangelho: 'Quando derdes um banquete, não convideis os vossos parentes e amigos para que não aconteça que também eles vos convidem e recebais assim a vossa recompensa'.

«Ó Senhor, que banquete poderei oferecer às minhas irmãs, a não ser um banquete espiritual composto de caridade amável e alegre? Ensinai-me a imitar S. Paulo que se alegrava com aqueles que encontrava em alegria. É verdade que também chorava com os aflitos e as lágrimas devem por vezes aparecer no banquete que desejo servir, mas procurarei sempre que, por fim, essas lágrimas se transformem em alegria, pois que Vós, ó Senhor, amais os que dão com alegria» (T.M.J. M.C. pg. 275, 299, 300).

261. A MEDIDA DA CARIDADE FRATERNA

Ó Senhor, fazei-me compreender todo o valor das Vossas palavras: «Amarás o próximo como a ti mesmo» (Mt. 22, 39).

1 — Ao enunciar o preceito da caridade fraterna Jesus deu-nos a sua medida: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Mt. 22, 39). Esta medida, na verdade, é grande e dificilmente superável se tivermos em conta quanto o homem é levado a amar-se a si próprio. É tal

o bem que cada um de nós quer à sua pessoa que a nossa caridade seria verdadeiramente magnânima se conseguíssemos amar de igual modo ao próximo, fosse ele quem fosse. Jesus disse: «O que quereis que vos façam os homens, fazei-o vós também a eles» (Lc. 6, 31); o que, na prática, significa tratar os outros como nós mesmos queremos ser tratados; usar, por exemplo, para com o próximo da mesma delicadeza de pensamentos, de palavras, de acções, que desejaríamos para nós; servir, contentar os outros, adaptarmo-nos aos seus gostos, como quereríamos ser servidos, contentados e satisfeitos. Infelizmente, o nosso amor próprio leva-nos a empregar duas medidas: uma grande, exageradamente grande, para nosso uso, e outra pequena, até avara, para o próximo. As atenções que os outros nos dispensam, parecem-nos sempre poucas, e quão facilmente nos queixamos de ser tratados sem delicadeza! No entanto estamos bem longe de a ter maior para com o próximo; apesar de sermos pouco atenciosos, parece-nos ter já feito muito. Somos sensíveis às ofensas que recebemos e, embora sejam realmente pequenas, parecem-nos insuportáveis, ao passo que julgamos uma ninharia as que com tanta sem-cerimónia infligimos aos outros. O maior inimigo da caridade fraterna é o amor próprio que nos torna muito sensíveis e exigentes em tudo quanto se refere a nós mesmos e muito pouco no que diz respeito aos outros. Devemos procurar, por virtude, que a mesma sensibilidade que instintivamente temos para conosco, a tenhamos também para com o próximo e não tanto pelo próximo em si mesmo, como por Deus que assim o quer, e a quem devemos sempre ver no próximo. Se estivéssemos verdadeiramente convencidos de que Deus está presente nos nossos irmãos, e de que neles

aguarda as delicadezas do nosso amor, como poderia parecer-nos excessivo amá-lo ao menos tanto quanto nos amamos a nós mesmos?

2 — O amor que cada um tem a si mesmo não é um amor teórico ou abstracto, mas bem determinado e concreto, um amor que abrange a nossa pessoa com todas as suas particularidades, necessidades, sensibilidade, gostos. Somos tão astuciosos para justificar a nossa maneira de pensar, para fazer valer os nossos direitos, para defender as nossas causas, para desculpar as nossas faltas! Quanta compreensão e indulgência temos neste ponto! Tal deveria ser também a nossa conduta para com o próximo. Amar o próximo por Deus não significa limitarmo-nos a um amor geral, platónico, que abrange todos sem ter em conta o indivíduo. É preciso amar cada um em particular, sob o aspecto concreto da sua personalidade, adaptando-nos à sua sensibilidade, aos seus gostos, à sua mentalidade, desculpando e dissimulando os seus defeitos com tanta solicitude como encobrimos os nossos; desejando e procurando o seu bem, não apenas com palavras, mas também com obras, tão sollicitamente como procuramos o nosso. E como não deixamos de nos amar a nós mesmos pelo facto de termos defeitos, de igual modo o nosso amor ao próximo há-de ser tal que não se detenha nas lacunas que nele encontramos.

O primeiro e o maior bem que devemos querer para o próximo é o que devemos querer para nós mesmos: a salvação eterna, a santificação, a graça e a alegria infável de sermos filhos de Deus, de participarmos da Sua vida divina, de O gozarmos no céu por toda a eternidade. Devemos querer concretamente este bem, não nos

contentando com simples desejos, mas esforçando-nos por alcançá-lo com todas as nossas forças e muito mais pela oração, pelo sacrifício oculto e pelo bom exemplo do que unicamente com palavras.

Mas o dever de procurar acima de tudo o bem espiritual do próximo não deve ser um pretexto fácil para nos dispensarmos de o ajudar nas suas necessidades materiais.

Quantas vezes, infelizmente, a nossa caridade se limita a palavras ocas ou a uma compaixão estéril, perante as necessidades alheias! Para cumprir o preceito de Jesus é necessário que ela se traduza num socorro eficaz tal como nós desejaríamos ser socorridos nas nossas necessidades. «Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles, porque esta é a lei e os profetas» (Mt. 7, 12). Como devemos penetrar no sentido profundo destas palavras para as aplicarmos a todas as relações com o próximo sem excluir ninguém!

Colóquio — «Ó clementíssimo Senhor Jesus, o amor ao próximo só está bem ordenado quando se ama o próximo por Vós, porque Vós o criastes e mandastes que fosse amado justa e ordenadamente. Se amamos os pais e os parentes mais do que a Vós, o nosso amor é mal ordenado, e quem ama desta maneira não é digno de Vós. Dois são os preceitos que nos foram dados: amar a Deus e amar ao próximo, e muito embora sejam dois preceitos, o amor que preceituam é um só, porque o amor que nós temos por Vós não difere do amor com que amamos o próximo por Vós; nem Vos pode amar aquele que erra no modo de amar o próximo.

contentando com simples desejos, mas esforçando-nos por alcançá-lo com todas as nossas forças e muito mais pela oração, pelo sacrifício oculto e pelo bom exemplo do que unicamente com palavras.

Mas o dever de procurar acima de tudo o bem espiritual do próximo não deve ser um pretexto fácil para nos dispensarmos de o ajudar nas suas necessidades materiais.

Quantas vezes, infelizmente, a nossa caridade se limita a palavras ocas ou a uma compaixão estéril, perante as necessidades alheias! Para cumprir o preceito de Jesus é necessário que ela se traduza num socorro eficaz tal como nós desejaríamos ser socorridos nas nossas necessidades. «Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles, porque esta é a lei e os profetas» (Mt. 7, 12). Como devemos penetrar no sentido profundo destas palavras para as aplicarmos a todas as relações com o próximo sem excluir ninguém!

Colóquio — «Ó clementíssimo Senhor Jesus, o amor ao próximo só está bem ordenado quando se ama o próximo por Vós, porque Vós o criastes e mandastes que fosse amado justa e ordenadamente. Se amamos os pais e os parentes mais do que a Vós, o nosso amor é mal ordenado, e quem ama desta maneira não é digno de Vós. Dois são os preceitos que nos foram dados: amar a Deus e amar ao próximo, e muito embora sejam dois preceitos, o amor que preceituam é um só, porque o amor que nós temos por Vós não difere do amor com que amamos o próximo por Vós; nem Vos pode amar aquele que erra no modo de amar o próximo.

«Ó Senhor Jesus Cristo, se desejo ordenar em mim a caridade, devo amar-Vos a Vós e ao próximo; a Vós com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente; ao próximo como a mim mesmo, de modo que eu não faça aos outros o que não quero que me façam a mim e conceda aos outros os benefícios que desejo para mim!

«Ensinai-me, ó benigníssimo Senhor, a meditar estas verdades, a retê-las, a praticá-las com todas as minhas forças. Pelo amor que tenho ao próximo conhecerei, Senhor, se Vos amo, pois quem se descuida em Vos amar, tão pouco sabe amar o próximo. Ó misericordioso Senhor Jesus Cristo, que direi e que farei eu que, pela dureza do meu coração, não amo o próximo por Vós, mas que pequei muitas vezes para conseguir o que me parecia de utilidade pessoal ou para evitar algum prejuízo? Portanto em mim não há verdadeiro amor. Dignai-Vos ajudar-me, ó piíssimo Senhor Jesus Cristo, ordenador da caridade e do verdadeiro amor, perdoando-me a mim pecador, e fazendo-me participar misericordiosamente da Vossa imensa clemência. Oh! Fazei que me converta inteiramente a Vós, a fim de que viva eternamente conVosco em ordenada caridade» (Ven. H. Jordão).

262. O MANDAMENTO NOVO

Ó Jesus, concedei-me a graça de compreender profundamente o Vosso mandamento novo, o mandamento da caridade fraterna.

1 — O preceito «amarás o próximo como a ti mesmo» (*Mt. 22, 28*), exige já uma virtude sólida e profunda, mas não atinge ainda a máxima perfeição do amor; esta foi-nos proposta por Jesus pouco antes de morrer, naqueles momentos supremos em que cada um recomenda aos seus entes queridos o que mais tem a peito: «Dou-vos um novo mandamento... Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros... O meu preceito é este: amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (*Jó. 13, 34; 15, 12*). Eis a nova perfeição a que Jesus elevou o preceito da caridade: amar os outros não só como a nós mesmos, mas como Ele nos ama, como Ele os ama; e estima tanto esta perfeição que lhe chama o *Seu* mandamento, quer dizer, o mandamento que mais Lhe agrada e cuja observância se deve tornar a característica inconfundível dos Seus amigos íntimos: «nisto conhecerão todos que sois meus discípulos» (*Jo. 13, 35*). Com um poderoso golpe de asas, Jesus transporta-nos num instante de uma grande medida de caridade, sim, mas ainda muito humana, a do amor a nós mesmos, a uma medida divina, a do Seu amor infinito para com as nossas almas. Não se trata já de fixar o olhar no amor que temos a nós próprios a fim de alimentar um amor semelhante para com os nossos irmãos, mas de o fixar infinitamente mais alto, no Coração de Cristo que é o Coração de Deus, e de penetrar no segredo do Seu amor infinito pelos homens para procurar imitá-LO nas nossas relações com o próximo. A caridade fraterna só

262. O MANDAMENTO NOVO

O Jesus, concedei-me a graça de compreender profundamente o Vosso mandamento novo, o mandamento da caridade fraterna.

1 — O preceito «amarás o próximo como a ti mesmo» (Mt. 22, 28), exige já uma virtude sólida e profunda, mas não atinge ainda a máxima perfeição do amor; esta foi-nos proposta por Jesus pouco antes de morrer, naqueles momentos supremos em que cada um recomenda aos seus entes queridos o que mais tem a peito: «Dou-vos um novo mandamento... Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros... O meu preceito é este: amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (Jo. 13, 34; 15, 12). Eis a nova perfeição a que Jesus elevou o preceito da caridade: amar os outros não só como a nós mesmos, mas como Ele nos ama, como Ele os ama; e estima tanto esta perfeição que lhe chama o *Seu* mandamento, quer dizer, o mandamento que mais Lhe agrada e cuja observância se deve tornar a característica inconfundível dos Seus amigos íntimos: «nisto conhecerão todos que sois meus discípulos» (Jo. 13, 35). Com um poderoso golpe de asas, Jesus transporta-nos num instante de uma grande medida de caridade, sim, mas ainda muito humana, a do amor a nós mesmos, a uma medida divina, a do Seu amor infinito para com as nossas almas. Não se trata já de fixar o olhar no amor que temos a nós próprios a fim de alimentar um amor semelhante para com os nossos irmãos, mas de o fixar infinitamente mais alto, no Coração de Cristo que é o Coração de Deus, e de penetrar no segredo do Seu amor infinito pelos homens para procurar imitá-LO nas nossas relações com o próximo. A caridade fraterna só

será perfeita em nós quando for o reflexo, ou melhor, a continuação do amor de Jesus por todas as criaturas. Devemos procurar amar cada irmão — mesmo o menos simpático, mesmo o que não nos ama — como Jesus o ama; e Jesus ama-o a ponto de dar a vida por ele, de renovar quotidianamente por ele a Sua imolação nos altares, de ficar vivo e verdadeiro na Eucaristia, sempre pronto a alimentá-lo com a Sua carne imaculada. Que desculpa poderemos encontrar para a nossa pouca caridade para com o próximo quando a confrontamos com a de Jesus?

2 — Considerando o «mandamento novo» da caridade, S.ta Teresa do Menino Jesus exclama: «Oh! quanto o amo, pois me dá a certeza de que a Vossa vontade, ó Senhor, é amardes em mim todos aqueles que me mandais amar» (M.C. pg. 269). A Santa compreende que não chegará à perfeição da caridade fraterna se não procurar amar o seu próximo como Jesus o ama; entendendo porém como isto é difícil, regozija-se ao pensar que se Jesus nos deu este preceito é porque nos quer conduzir a tais alturas. E de facto assim é, contanto que O deixemos agir livremente em nós, contanto que Lhe ofereçamos, inteiras e puras, as energias do nosso coração e da nossa vontade, a fim de que Ele possa servir-se delas para rodear os nossos irmãos de delicadas atenções, como outrora os moradores da Palestina. Então fazia-o pessoalmente, hoje quer fazê-lo por meio de nós. Deste modo o nosso amor ao próximo tornar-se-á uma verdadeira renovação do amor de Jesus, e poderemos fazer sentir a todos aqueles de quem nos aproximamos alguma coisa da ternura infinita do Coração de Cristo. Mas para chegar a isso temos de

esvaziar o nosso coração de todos os resíduos de egoísmo, de todos os impedimentos de simpatias e antipatias pessoais, e temos igualmente de penetrar cada vez mais no mistério do amor de Jesus por nós. Jesus ama-nos tais quais somos, apesar dos nossos defeitos, da nossa rudeza de espírito e da rudeza da nossa vontade; ama-nos finalmente apesar dos nossos pecados, mais ainda, por nós, pecadores, incarnou e morreu numa cruz. A ausência de dotes naturais, os nossos defeitos e até os nossos pecados nunca são motivo para Ele nos repelir, mas vai sempre à procura das nossas almas, envolve-nos sempre com a Sua graça, convida-nos, solicita-nos para nos conduzir à santidade. Mesmo as almas dos maiores pecadores Lhe são queridas, também elas são constantemente perseguidas pelo Seu amor; o próprio Judas, o traidor, foi rodeado até ao fim pelas Suas ternuras, foi chamado pelo doce nome de amigo e recebeu o Seu beijo. Jesus não nos ama por sermos perfeitos, mas porque somos filhos do Pai celeste; não nos ama por sermos bons, mas porque vê em nós a imagem do Seu Pai; porque somos criaturas Suas e ovelhas da Sua pastagem. E então, porque pretendemos amar somente os que são bons, aqueles cuja companhia nos é agradável e cuja amizade nos conforta? Se Jesus quisesse tratar-nos como nós tratamos o próximo, pouca esperança poderíamos ter de gozar da Sua compreensão, da Sua misericórdia, da Sua amizade.

Colóquio — «Quando Vós, Senhor, ordenastes ao Vosso povo que amasse o próximo como a si mesmo, ainda não tínheis descido à terra; por isso, sabendo bem em que grau se ama a própria pessoa, não podíeis pedir às Vossas criaturas maior amor pelo próximo.

Mas quando destes aos Vossos Apóstolos um mandamento novo, o *Vosso mandamento*, já não é de amar o próximo como a si mesmo que falais, mas de o amar como Vós o amastes, como o amareis até à consumação dos séculos...

«Ah! Senhor, sei que nunca mandais nada de impossível; conheceis melhor do que eu a minha fraqueza e sabeis que nunca poderia amar o meu próximo como Vós o amais, se Vós mesmo, ó meu Jesus, o não amásseis em mim. E porque Vós querieis conceder-me esta graça, decretastes um mandamento novo. Oh! quanto o amo, pois me dá a certeza de que a Vossa vontade é amardes em mim todos aqueles que me mandais amar!...

«Sim, bem o sinto, quando sou caridosa, sois Vós, ó Jesus, que agis em mim; e quanto mais estou unida a Vós, tanto mais amo todas as minhas irmãs!» (T.M.J. M.C. pg. 268 e 269).

«Ó Cristo, as Vossas palavras não são senão um cântico novo: 'Dou-vos um mandamento novo!' E que outra coisa contém este Vosso mandamento senão amor e caridade? Quereis que amemos os outros como Vós os amais, Vós que sois amor! E dizeis-nos: 'Amai-vos como eu vos amei' e não 'como eu me amei', porque enquanto fizestes justiça sobre Vós mesmo, nos amastes num acto de misericórdia, de mansidão e de compaixão infinitas. É assim que Vós quereis que amemos os outros» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

263. NÃO JULGUEIS

Senhor, preservai-me de julgar e de criticar o próximo e dai-me pensamentos de bondade e de amor para com todos.

1 — «Não julgueis para que não sejais julgados» (Mt. 7, 1). A caridade para com o próximo começa pelo pensamento; muitas faltas de caridade têm as suas raízes nos nossos juízos. Não estimamos bastante os outros, não temos na devida conta as suas boas qualidades, não somos benévolos ao interpretar o seu procedimento. Porquê? Porque julgamos quase sempre o próximo baseando-nos nos seus defeitos e sobretudo nos que irritam a nossa sensibilidade, que chocam a nossa maneira de ver e agir, ao passo que pouco ou nenhum valor damos às suas boas qualidades.

É um erro julgar as pessoas e as coisas sob um ponto de vista negativo, e também é ilógico, porque o que é negativo existe somente como carência de algo de positivo, de algo de bom, como o rasgão dum vestido só existe enquanto existe esse vestido. Quando nos detemos a criticar o lado negativo duma pessoa ou dum ambiente, fazemos uma obra destruidora: destruidora para a nossa virtude pessoal e para o bem do próximo. Pelo contrário, para fazer uma obra construtiva, é preciso ultrapassar os defeitos e saber valorizar as qualidades e o lado bom que nunca faltam em pessoa alguma.

E não teremos também nós muitos defeitos, porventura mais graves que os do próximo? «Porque vês tu a aresta do olho do teu irmão e não vês a trave no teu olho?» (Mt. 7, 3). Meditemos seriamente nestas palavras de Jesus porque, infelizmente, apesar de quererem ser santos, não é raro que no nosso coração

263. NÃO JULGUEIS

Senhor, preservai-me de julgar e de criticar o próximo e dai-me pensamentos de bondade e de amor para com todos.

1 — «Não julgueis para que não sejais julgados» (Mt. 7, 1). A caridade para com o próximo começa pelo pensamento; muitas faltas de caridade têm as suas raízes nos nossos juízos. Não estimamos bastante os outros, não temos na devida conta as suas boas qualidades, não somos benévolos ao interpretar o seu procedimento. Porquê? Porque julgamos quase sempre o próximo baseando-nos nos seus defeitos e sobretudo nos que irritam a nossa sensibilidade, que chocam a nossa maneira de ver e agir, ao passo que pouco ou nenhum valor damos às suas boas qualidades.

É um erro julgar as pessoas e as coisas sob um ponto de vista negativo, e também é ilógico, porque o que é negativo existe somente como carência de algo de positivo, de algo de bom, como o rasgão dum vestido só existe enquanto existe esse vestido. Quando nos detemos a criticar o lado negativo duma pessoa ou dum ambiente, fazemos uma obra destruidora: destruidora para a nossa virtude pessoal e para o bem do próximo. Pelo contrário, para fazer uma obra construtiva, é preciso ultrapassar os defeitos e saber valorizar as qualidades e o lado bom que nunca faltam em pessoa alguma.

E não teremos também nós muitos defeitos, porventura mais graves que os do próximo? «Porque vês tu a aresta do olho do teu irmão e não vês a trave no teu olho?» (Mt. 7, 3). Meditemos seriamente nestas palavras de Jesus porque, infelizmente, apesar de querermos ser santos, não é raro que no nosso coração

se esconda ainda alguma coisa deste detestável espírito crítico, desta dupla medida para considerar os defeitos próprios e os alheios. Que progresso fariamos na caridade fraterna e na aquisição da perfeição pessoal se, perante os defeitos alheios, em vez de os criticarmos, examinássemos a nossa consciência para ver se não haverá em nós algo de semelhante ou até pior, e nos aplicássemos a corrigir-nos! S.ta Teresa de Jesus dizia às suas monjas: «Quando virdes nalguma Irmã alguma falta... procurai vós praticar com grande perfeição a virtude oposta à falta que descobristes na outra» (Cam. 7, 7); este é um dos melhores meios para ajudar os outros a corrigirem-se.

2 — O juízo é um acto reservado só a Deus, porque só Deus vê o íntimo do coração, porque só Deus conhece as intenções e os motivos que nos impelem a agir: «o homem vê o que está patente, mas o Senhor olha para o coração» (I Re. 16, 7). Por isso aquele que julga — a menos que esteja obrigado por ofício, como são os superiores — usurpa em certo sentido um direito de Deus, põe-se no lugar de Deus. Arvorar-se em juiz dos próprios irmãos supõe sempre uma atitude orgulhosa para com Deus e para com o próximo. Além disso, julgando com facilidade os outros, expomo-nos a cometer grandes erros porque, desconhecendo as intenções alheias, faltam-nos os elementos suficientes para formarmos um juízo recto.

Evidentemente, diante de uma acção condenável em si mesma, não somos obrigados a julgá-la boa; todavia devemos desculpar a intenção de quem a pratica, não a atribuindo precipitadamente a má vontade. «Se as acções do próximo tivessem cem caras, deveríamos olhar sempre para a melhor; e se, enfim, a acção é censu-

rável, desculpem os ao menos a intenção» (T.M. Sp. pg. 413).

De facto, também eu cometo todos os dias muitas faltas e caio muitas vezes, mas isto não significa que tudo provenha de má vontade. Frequentemente são faltas que me escapam por inadvertência, por fragilidade, e o Senhor, contanto que eu deteste estas fraquezas, continua a amar-me e quer que eu tenha plena confiança no Seu amor. Como é para mim, assim é para os outros; por isso não tenho direito algum de duvidar da boa vontade do próximo só porque o vejo cometer faltas, nem tão pouco tenho o direito de, por este motivo, diminuir a minha benevolência e a minha estima para com ele. Talvez essa pessoa que eu tanto censuro já tenha detestado e chorado no seu coração os seus defeitos mais do que eu os meus e o Senhor lhe tenha já perdoado e continue a amá-la. Quererei eu ser mais severo que o Senhor? Neste caso ser-me-á útil recordar que a severidade que eu usar para com o próximo também Deus a usará comigo, pois Jesus disse: «Segundo o juízo com que julgardes, sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós» (Mt. 7, 2).

Colóquio — «Quem me julga sois vós, ó Jesus! E para me tornar favorável este julgamento, ou antes, a fim de nem sequer ser julgada, quero ter sempre pensamentos caridosos, pois Vós dissestes: 'Não julgueis e não sereis julgados'. Por isso quando me suceder ver uma irmã praticar uma acção que me parece imperfeita, procurarei imediatamente desculpá-la e atribuir-lhe as boas intenções que com certeza tem.

«Ó Jesus, fazeis-me compreender que a principal

rável, desculpem os ao menos a intenção» (T.M. Sp. pg. 413).

De facto, também eu cometo todos os dias muitas faltas e caio muitas vezes, mas isto não significa que tudo provenha de má vontade. Frequentemente são faltas que me escapam por inadvertência, por fragilidade, e o Senhor, contanto que eu deteste estas fraquezas, continua a amar-me e quer que eu tenha plena confiança no Seu amor. Como é para mim, assim é para os outros; por isso não tenho direito algum de duvidar da boa vontade do próximo só porque o vejo cometer faltas, nem tão pouco tenho o direito de, por este motivo, diminuir a minha benevolência e a minha estima para com ele. Talvez essa pessoa que eu tanto censuro já tenha detestado e chorado no seu coração os seus defeitos mais do que eu os meus e o Senhor lhe tenha já perdoado e continue a amá-la. Quererei eu ser mais severo que o Senhor? Neste caso ser-me-á útil recordar que a severidade que eu usar para com o próximo também Deus a usará comigo, pois Jesus disse: «Segundo o juízo com que julgardes, sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós» (Mt. 7, 2).

Colóquio — «Quem me julga sois vós, ó Jesus! E para me tornar favorável este julgamento, ou antes, a fim de nem sequer ser julgada, quero ter sempre pensamentos caridosos, pois Vós dissestes: 'Não julgueis e não sereis julgados'. Por isso quando me suceder ver uma irmã praticar uma acção que me parece imperfeita, procurarei imediatamente desculpá-la e atribuir-lhe as boas intenções que com certeza tem.

«Ó Jesus, fazeis-me compreender que a principal

indulgência plenária é aquela que todos podem ganhar sem as condições habituais: é a indulgência da caridade que cobre a multidão dos pecados» (cfr. T.M.J. M.C. pg. 271, 298; CL.).

«Ensinai-me, ó Senhor, a não julgar o próximo por qualquer falta que o veja cometer; e se o vir pecar, dai-me graça para desculpar a sua intenção que está oculta e não se pode ver. Mas ainda que eu veja que a intenção foi abertamente má, dai-me a graça de desculpar o próximo, atribuindo tudo a tentação, da qual nenhum mortal está livre» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó Senhor, ajudai-me a não considerar no próximo senão as suas virtudes e boas obras e a encobrir os seus defeitos com os meus grandes pecados. Deste modo levar-me-eis pouco a pouco a ganhar uma virtude sólida a ponto de considerar todos melhores do que eu. Mas para isto é necessário o Vosso favor, sem ele são inúteis as minhas diligências. Suplico-Vos, portanto, que me concedais esta virtude» (cfr. T.J. Vi. 13, 10).

264. «SEDE MISERICORDIOSOS»

Dilatai, Senhor, o meu coração com a consideração da Vossa misericórdia infinita, para que aprenda a tratar os meus irmãos com entranhas de misericórdia.

1 — Jesus revelou-nos o mistério do amor misericordioso do Pai celeste não só para nosso conforto e proveito pessoal, não só para nos impelir para Deus com uma confiança absoluta, mas também para nos ensinar a usar de misericórdia para com o próximo. «Sede

misericordiosos como também Vosso Pai é misericordioso» (Lc. 6, 36). O bem atrai o bem, a bondade gera a bondade e assim, quanto mais uma alma penetra no mistério da misericórdia infinita, mais se sente levada a imitá-la nas suas relações com os outros. Quando nos sentimos irritados contra alguém, pouco dispostos à indulgência e ao perdão, devemos mergulhar com todas as nossas forças na consideração da misericórdia infinita de Deus para afogar nela qualquer espécie de dureza, ressentimento ou cólera. Se temos um pouco de experiência da nossa miséria, não será difícil entendermos que não há nenhum instante na nossa vida em que não tenhamos necessidade da misericórdia de Deus; e esta misericórdia é tão magnânima que nunca nos rejeita pelas nossas recaídas, nunca nos lança em rosto o ter-nos perdoado já tantas vezes, nunca nos recusa o Seu abraço paternal e pacificador. Não há nada melhor que esta consideração para suavizar a alma e enchê-la de bondade para com todos. Oh! se os outros pudessem sentir, no contacto connosco, um reflexo da misericórdia infinita!

Pedro não tinha compreendido ainda a fundo o mistério do amor misericordioso quando perguntou a Jesus se era suficiente perdoar ao próximo até sete vezes e devia-lhe ter parecido exagerada a resposta: «não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt. 18, 22). Porém, depois de ter experimentado a bondade de Jesus que com tanta generosidade lhe perdoara a tríplice negação sem lhe dirigir sequer uma palavra de repreensão, mudou completamente e ele, tão feroso, tão propenso à ira e às ameaças, dirigirá à Igreja primitiva esta terna exortação à bondade e ao perdão: «Sede todos de um mesmo coração, compas-

sivos, amantes dos irmãos, misericordiosos... não retribuindo mal por mal nem maldição por maldição, mas, pelo contrário, bendizendo, porque para isto fostes chamados» (I *Ped.* 3, 8 e 9). Como não perceber nestas palavras um eco das de Jesus: «Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam»? (*Mt.* 5, 44).

2 — Ao ler o Evangelho é fácil constatar como as palavras de Jesus, tão mansas e doces até para com os maiores pecadores, — lembremos as dirigidas a Madalena, à adúltera e até a Judas — se tornam excepcionalmente severas e quase duras perante as faltas de caridade para com o próximo. Deus ama-nos infinitamente, não deseja senão derramar sobre as nossas almas as torrentes da Sua misericórdia sem limites, e contudo o Seu amor e a Sua misericórdia cessam e transformam-se em severidade na medida em que nos vê duros e exigentes para com o próximo. Temos tanta necessidade da misericórdia do Senhor, temos tanta necessidade de que Ele não nos julgue, que Se compadeça de nós, que nos perdoe e use connosco de misericórdia! Então porque não usaremos dela para com os nossos irmãos? Talvez porque nos ofenderam ou fizeram sofrer? E nós não ofendemos o nosso Deus? Não cooperámos, com os nossos pecados, para a acerbíssima Paixão de Jesus? Muitas vezes parecemo-nos com o servo cruel da parábola que, depois de ter recebido do seu senhor a remissão de uma enorme dívida, não quis, por sua vez, perdoar a um seu companheiro outra menor, lançando-o na prisão até pagar o último centavo. Como poderemos nós esperar que o Senhor seja pródigo no Seu perdão e na Sua misericórdia, se somos tão avarentos para com o nosso próximo? Não

esqueçamos as palavras que todos os dias repetimos no *Pai Nosso*: Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido (cfr. *Mt.* 6, 12), e procedamos de tal modo que não venham a ser a nossa condenação, porque Jesus disse: «se vós perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará os vossos pecados; mas se não perdoardes aos homens, tão pouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados» (ib. 14 e 15). Está nas nossas mãos, portanto, sermos um dia julgados com maior ou menor misericórdia.

«Ao entardecer desta vida, examinar-te-ão no amor» (J.C. AM. I, 57), isto é, serás julgado sobre o amor que tiveste a Deus e ao próximo.

Colóquio — «Ó Senhor, como estimais a caridade que nos leva a amar-nos uns aos outros! Poderíeis, com efeito, ensinar-nos a dizer: 'Perdoai-nos, ó Senhor, porque fazemos muita penitência, porque rezamos muito, porque jejuamos, porque deixámos tudo por Vós, porque amamos muito'. E também não dissestes: 'Perdoai-nos porque sacrificámos a vida por Vós', ou outras coisas semelhantes, mas somente: *Perdoai-nos porque perdoamos*.

«Eis uma verdade que devemos considerar muito: Vós, Senhor, quisestes ligar uma graça tão grande como é a do perdão dos nossos pecados, merecedores do fogo eterno, a uma condição tão simples como é a de perdoarmos também nós. Mas que mais deverá fazer uma pobre alma como a minha, que tão poucas ocasiões teve para perdoar e tantas, pelo contrário, para ser perdoada? Porém, Senhor, aceitai o meu desejo: parece-me que, para obter o Vosso perdão, estarei pronta a perdoar

tudo... Mas neste momento reconheço-me de tal maneira culpada aos Vossos olhos, que penso tratarem-me bem aqueles que me injuriam.

«Ó Senhor, tenho tão pouco para perdoar que me deveis perdoar gratuitamente! Como nisto se manifesta bem a Vossa misericórdia!

«Mas haverá na minha companhia alguém que não tenha compreendido esta verdade? Se há, peço-Lhe em Vosso nome, Senhor, que se lembre disto e não faça caso de certas miudezas a que chamam injúrias. E depois ainda nos atrevemos a pensar que fizemos muito ao perdoar uma coisita destas. Finalmente, como se tivéssemos feito algo, viremos diante de Vós, Senhor, pedir perdão, pois que também perdoámos!... Ah! Senhor meu, fazei-me entender que não compreendemos nada e que as nossas mãos estão vazias! Dignai-Vos perdoar-nos sòmente pela Vossa misericórdia» (T.J. *Cam.* 36, 7 e 2-6).

265. O MANTO DA CARIDADE

Ó Senhor, ensina-me a cobrir com o manto da caridade os defeitos e os erros alheios.

1 — «Irmãos, não digais mal uns dos outros — exortamos S. Tiago. — O que diz mal do seu irmão, diz mal da lei» (4, 11), ou seja, da lei evangélica da caridade fraterna. Para falar mal do próximo não é necessário chegar a semear suspeitas injustas ou atribuir-lhe culpas e erros falsos; basta falar sem necessidade dos defeitos alheios, embora sejam reais e conhecidos de todos. Também isto é contra a caridade, porque deste modo fixamos

a nossa atenção e a dos outros nos pontos fracos do próximo em vez de olharmos ao seu lado bom, com a consequência de diminuir, no espírito de quem ouve, a estima devida ao próximo ou, pelo menos, de lançarmos sobre ele alguma sombra. Muito diferente é a conduta da caridade, a qual, como diz a Escritura, «cobre todas as faltas» (*Prov.* 10, 12), procurando mais encobrir as faltas alheias do que pô-las em evidência. Em virtude da caridade sobrenatural, devemos usar para com o próximo da mesma habilidade de que usamos instintivamente para encobrir os nossos defeitos e os nossos erros, pois não gostamos nada que sejam assunto de conversa. Se somos tão sensíveis ao que os outros dizem de nós, como poderemos pensar que seja inteiramente indiferente falar com tanta liberdade dos defeitos do próximo, sob pretexto de que se trata de defeitos verdadeiros e notórios? E os nossos defeitos não serão igualmente verdadeiros e evidentes para os que vivem conosco?

A caridade fraterna consiste em amar o próximo por Deus, por pertencer a Deus e ser obra das Suas mãos. Como não pode agradar a uma mãe ouvir falar dos defeitos dos seus filhos, como um artista não gosta que critiquem as suas obras, também não agradá a Deus que se fale dos defeitos das Suas criaturas. Por isso, devemos não só abster-nos severamente de comentar os defeitos alheios, mas também evitar prestar atenção a quem o faz. «Nunca procures ouvir falar das fraquezas dos outros — diz S. João da Cruz — e se alguém se queixar na tua presença de um terceiro, pede-lhe humildemente que se cale» (*AM.* II, 68).

2 — S.ta Teresa de Jesus escrevia às suas filhas: «Alegrar-se por as virtudes das irmãs serem conhe-

cidas é uma grande coisa e quando virmos alguma falta em alguma, devemos senti-la como se fosse nossa e encobri-la» (M. V, 3, 11). Eis a verdadeira atitude duma delicada caridade fraterna. Aliás é o que fazemos espontaneamente com os nossos amigos, mas — por a caridade ser universal — devemos fazê-lo com todas as pessoas. Muitas vezes, porém, o demónio, inimigo da caridade, suscita lutas em nós, para nos fazer agir em sentido contrário. Também os santos conheceram tentações semelhantes, mas ao passo que nós tantas vezes as secundamos, eles souberam reagir com coragem, valendo-se delas para exercerem a caridade com maior cuidado. Era a tática que usava S.ta Teresa do Menino Jesus: «Quando o demónio procura pôr diante dos olhos da minha alma os defeitos de tal ou tal irmã, apresso-me a descobrir as suas virtudes, os seus bons desejos. Penso comigo que se a vi cair uma vez, ela pode muito bem ter alcançado grande número de vitórias que esconde por humildade e mesmo o que me parece uma falta, pode muito bem ser um acto de virtude, por causa da intenção» (M.C. pg. 269).

Se uma pessoa nos é naturalmente antipática ou nos fez algum mal, será mais fácil vermos nela os defeitos do que as virtudes, os primeiros aumentados e as segundas diminuídas e interpretamos mal o que diz ou o que faz. Então é chegado o momento de estar particularmente vigilante, de combater os pensamentos pouco benévolos que espontaneamente nos vêm à cabeça a seu respeito e de jamais nos permitirmos falar deles a outrém. Além disso, devemos reagir também fazendo actos positivos de caridade: rezar especialmente por ela, aproveitar todas as ocasiões de lhe prestar qualquer serviço, mostrando-nos para com ela particularmente

amáveis e benévolos. O manto da caridade tem de ser tão amplo que não só cubra os defeitos dos amigos, mas também os dos inimigos ou das pessoas que não nos agradam. A caridade não faz distinção de pessoas, mas usa para com todos de igual benevolência porque em todos vê e ama só a Deus.

Colóquio — «Para saber se tenho verdadeira caridade, devo examinar se quando falo do meu próximo estou mais pronto a falar das suas virtudes do que dos seus defeitos. E ainda que não dissesse mal, só o facto de estar a ouvir a murmuração já seria um grande mal, pois que, calando-me, mostrarei aprovar o que ouço. Por isso, Deus meu, quando alguém me vier dizer algum defeito do próximo, não o quererei ouvir e dir-lhe-ei que faça oração por ele e reze para que eu própria me corrija. Mais facilmente devo advertir da falta aquele que a comete do que falar dela com outros, porque, fazendo assim, em vez de lhe dar remédio, cometem-se muitas outras faltas muito piores do que aquela de que se fala.

«Se os meus olhos fossem puros, ó Senhor, veria muito bem de que maneira devo praticar o amor para com o meu próximo. Descobrendo em mim um defeito e encontrando o mesmo num irmão, irei ter com ele e pedir-lhe-ei conselho, rogando-lhe que me ensine o modo de me corrigir. Então ele, desejando responder-me, considerará esse defeito, reconhecerá tê-lo também e ficaremos ambos instruídos. Ó meu Deus, com que doce amor sabe ganhar o próximo aquele que possui um olhar puro!

«Se amo a minha irmã, ó Senhor, mesmo que esteja a cantar os Vossos louvores, serei obrigada a interrompê-los para acudir às suas necessidades; e se devo fazer

isto quando se trata do seu bem material, com mais razão o devo fazer quando se trata do bem da sua alma. Se, para ajudar o corpo, tivesse de velar uma noite ou duas, sendo necessário, muito mais, se tivesse verdadeira caridade, aceitaria a fadiga de velar durante uma noite ou duas e de chorar com lágrimas um defeito, embora mínimo, da minha irmã; estou além disso obrigada a desejar para ela todas as virtudes e a esforçar-me para que as adquira. Não devo desejar-lhe só as virtudes e a saúde da alma, mas também que ganhe muitos méritos e que, pela Vossa graça, Senhor, se transforme totalmente em Vós» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

266. A GRAÇA DO BAPTISMO

XI DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Fazei, Senhor, que a graça do santo baptismo atinja em mim o seu pleno desenvolvimento.

1 — A cura do surdo-mudo de que fala o Evangelho deste dia (Mc. 7, 31-37), é uma imagem viva da graça do baptismo. Também nós fomos um dia conduzidos à presença de Jesus, num estado semelhante ao daquele pobre homem da Galileia, isto é, surdos e mudos para a vida do espírito: e Jesus, na pessoa do Seu ministro, recebeu-nos com grande amor na fonte baptismal. O sacerdote repetiu sobre nós o mesmo gesto do Mestre divino e pronunciou a Sua mesma palavra: «*effeta!*», abre-te. Desde aquele instante o ouvido da nossa alma abriu-se à fé e a língua aos louvores do Senhor e tornámo-nos capazes de ouvir a voz da fé, a voz externa dos ensinamentos da Igreja e a voz interior do Espírito Santo que nos

solicita para o bem; desde aquele instante, os nossos lábios puderam abrir-se para a oração, para o louvor, adoração e súplica. Mas depois o tumulto do mundo ensurdeceu-nos, distraiu-nos, o ruído das paixões diminuiu a nossa capacidade de ouvir a voz de Deus; também as conversas inúteis acerca das coisas terrenas, as excessivas ocupações e o interesse pelos acontecimentos do mundo tornaram-nos muitas vezes incapazes de uma oração profunda e sincera. E eis que hoje Jesus quer renovar em nós a graça baptismal, quer repetir sobre nós a palavra onipotente: «*effeta!*». Como precisamos de que Ele abra os nossos ouvidos à Sua voz, de que Ele nos torne mais atentos, mais sensíveis aos Seus chamamentos! «O Senhor chama aos meus ouvidos para que eu o oiça como a um mestre», diz Isaías; e a seguir acrescenta: «Eu não o contradigo; não me retirei para trás» (50, 4 e 5). É esta a graça que hoje devemos pedir ao Senhor: que não somente escutemos a Sua voz, mas que a sigamos sempre, sem jamais a contradizer; quanto mais fiéis formos em segui-la, mais nos tornaremos capazes de perceber os Seus suaves murmúrios. Peçamos ao mesmo tempo a graça de que os nossos lábios estejam sempre abertos para louvar o Senhor, para invocar a Sua misericórdia, para pedir humildemente perdão, acusando com sinceridade e arrependimento as nossas culpas.

2 — Os que tinham sido testemunhas do milagre de Jesus, admiravam-se, repetindo: «Fez bem todas as coisas: fez ouvir os surdos e falar os mudos». Sim, Jesus fez bem todas as coisas, dispôs tudo excelentemente para a nossa santificação, preparou-nos todas as graças necessárias numa medida não só suficiente, mas

solicita para o bem; desde aquele instante, os nossos lábios puderam abrir-se para a oração, para o louvor, adoração e súplica. Mas depois o tumulto do mundo ensurdeceu-nos, distraiu-nos, o ruído das paixões diminuiu a nossa capacidade de ouvir a voz de Deus; também as conversas inúteis acerca das coisas terrenas, as excessivas ocupações e o interesse pelos acontecimentos do mundo tornaram-nos muitas vezes incapazes de uma oração profunda e sincera. E eis que hoje Jesus quer renovar em nós a graça baptismal, quer repetir sobre nós a palavra onipotente: «*effeta!*». Como precisamos de que Ele abra os nossos ouvidos à Sua voz, de que Ele nos torne mais atentos, mais sensíveis aos Seus chamamentos! «O Senhor chama aos meus ouvidos para que eu o ouça como a um mestre», diz Isaias; e a seguir acrescenta: «Eu não o contradigo; não me retirei para trás» (50, 4 e 5). É esta a graça que hoje devemos pedir ao Senhor: que não somente escutemos a Sua voz, mas que a sigamos sempre, sem jamais a contradizer; quanto mais fiéis formos em segui-la, mais nos tornaremos capazes de perceber os Seus suaves murmúrios. Peçamos ao mesmo tempo a graça de que os nossos lábios estejam sempre abertos para louvar o Senhor, para invocar a Sua misericórdia, para pedir humildemente perdão, acusando com sinceridade e arrependimento as nossas culpas.

2 — Os que tinham sido testemunhas do milagre de Jesus, admiravam-se, repetindo: «Fez bem todas as coisas: fez ouvir os surdos e falar os mudos». Sim, Jesus fez bem todas as coisas, dispôs tudo excelentemente para a nossa santificação, preparou-nos todas as graças necessárias numa medida não só suficiente, mas

até superabundante. Infelizmente nem sempre lhes correspondemos e muitas vezes o orgulho, o egoísmo e todas as nossas paixões não domadas convertem em mal o que o Senhor destinou para nosso bem. Se tivéssemos aceitado com amor e resignação aquelas dificuldades, aquelas provas, aquelas contrariedades que Deus permitiu para nos exercitarmos na virtude, teríamos feito grandes progressos; mas, ao contrário, com as nossas impaciências, os nossos protestos e lamentações apenas acumulámos faltas e infidelidades. Temos necessidade de corresponder melhor à graça, de ter o ouvido interior mais apurado a fim de nos apercebermos de todos os convites para o bem que o Senhor continuamente nos dirige através das várias circunstâncias da vida.

A Missa de hoje e particularmente a Epístola (I Cor. 15, 1-10), apresenta-nos um magnífico modelo de correspondência à graça. É o Apóstolo S. Paulo que, embora na sua humildade se declare «o mínimo dos Apóstolos», exclama no entanto com toda a sinceridade: «Pela graça de Deus sou o que sou, e a sua graça que está em mim não foi vã». Paulo reconhece que de seguidor da Igreja se tornou apóstolo, não por mérito seu, mas unicamente pela graça; nada atribui a si, mas tudo a Deus. Ao mesmo tempo, porém, tem consciência da sua correspondência, correspondência que é sempre fruto da graça, mas que inclui também, como elemento indispensável, a nossa livre adesão. Portanto, na base da nossa correspondência à graça tem que haver uma atitude de humildade profunda, quer dizer, temos de reconhecer sinceramente que, se existe em nós alguma coisa de bom é devida unicamente a Deus; e a esta atitude temos de juntar o assentimento livre e constante da nossa vontade aos chamamentos divinos.

Sem a graça não seremos capazes de dar esse assentimento e contudo, ele depende de nós, está nas nossas mãos. Por isso, como S. Paulo, nada podemos atribuir ao nosso merecimento, mas com ele devemos repetir: «Pela graça de Deus sou o que sou». A nossa livre adesão à graça deve dar-nos o direito de acrescentarmos: «e a sua graça que está em mim não foi vã». Só uma adesão constante, fiel, generosa, nos dará tal direito.

Colóquio — «Ó Senhor, doravante só a Vós amo, só a Vós sigo, só a Vós procuro, só a Vós quero servir; só Vós tendes o direito de mandar e só a Vós desejo estar sujeito. Mandai, eu Vos peço, o que quiserdes; sarai e abri os meus ouvidos para que possa ouvir as Vossas ordens; sarai e abri os meus olhos para que possa ver os sinais da Vossa vontade; apartai de mim a irreflexão, para que possa contemplar-Vos e assim espero cumprir fielmente tudo quanto me ordenardes.

«Recebei, eu Vo-lo suplico, este Vosso fugitivo, ó Senhor e Pai clementíssimo! Basta o que passei; basta ter sido até agora o juguete de enganadoras vaidades. Agora que fujo da sua tirania, recebei-me por Vosso servo, como elas me receberam quando, ao fugir de Vós, caí em seu poder. Sinto a necessidade de voltar para Vós; eis que bato à Vossa porta: abri-me, ensinai-me como se chega até Vós. Outra coisa não possuo senão a minha vontade; outra coisa não sei senão desprezar as coisas passageiras e caducas para procurar as imutáveis e eternas.

«O meu desejo está dirigido para Vós e peço-Vos os meios para o secundar. Se nos abandonais, estamos perdidos. Mas Vós não nos abandonais, porque sois o sumo bem, e nunca ninguém Vos procurou com rectidão

que Vos não encontrasse... Vós sabei-lo, Senhor, tenho o querer, mas não tenho o poder. Nem sequer posso querer o bem sem Vós; não posso o que quero se me não ajuda o Vosso poder; e o que posso, às vezes não o quero a menos que Vós não façais triunfar a Vossa vontade na terra como no céu. Portanto, uma só coisa peço à Vossa soberana clemência, e é que me convertais inteiramente a Vós, impedindo-me de resistir à graça que me leva para Vós» (S.to Agostinho).

267. LEVAR OS FARDOS UNS DOS OUTROS

Dai-me, Senhor, uma caridade pronta e atenta às necessidades dos outros, uma caridade que saiba, por Vosso amor, fazer-se tudo para todos.

1 — Todo o homem leva consigo um fardo mais ou menos pesado: é o peso das suas fraquezas físicas ou morais, é a carga dos seus deveres, das suas responsabilidades, das fadigas, das dificuldades que pesam sobre os seus ombros; portanto, sente a necessidade duma mão amiga que o ajude a suportar esse peso. Esta mão deve ser-lhe oferecida pela caridade fraterna que, por amor de Deus, sabe fazer-se tudo para todos. «Levai os fardos uns dos outros e desta maneira cumprireis a lei de Cristo», exorta-nos S. Paulo (*Gál.* 6, 2). O cristão sabe que não é um ser isolado, mas que é membro de um corpo único, o Corpo Místico de Cristo: «Assim, [ainda que] muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós, membros uns dos outros» (*Rom.* 12, 5). Esta consciência da solidariedade com os irmãos, faz com que o cristão não viva encerrado no restrito círculo

dos seus interesses pessoais, mas que tenha o coração aberto aos interesses e às necessidades dos outros. O mistério da nossa incorporação em Cristo não é só um facto individual, é, por sua natureza, um facto social: estar enxertados em Cristo pela graça e pela caridade implica recíproca inserção entre irmãos e irmãos como os ramos de uma mesma videira que, inseridos num tronco único, se encontram estreitamente unidos uns aos outros, de maneira que vivem, crescem e se desenvolvem simultâneamente. O amor de Cristo é a expressão vital da nossa união com Ele, e quanto mais esta união se tornar profunda, tanto mais cresce o amor. De igual modo, a caridade fraterna é a expressão vital da nossa recíproca união com os irmãos em Cristo, de tal modo que, se esta caridade não fosse viva e operante, poderia dizer-se que a nossa união em Cristo e com Cristo era muito fraca ou talvez absolutamente nula.

Se a caridade e a graça nos unem a Cristo em relações tão íntimas e vitais, é evidente a necessidade de viver esta união: primeiro com Ele, nossa Cabeça, mas depois também com os irmãos, participantes da nossa inserção em Cristo. Daí esta simpatia sobrenatural que nos deve ligar, tornando-nos um só coração e uma só alma, prontos a sofrer, a cansar-nos uns pelos outros, prontos a prestar uma ajuda mútua, um apoio recíproco: «Alegrai-vos com os que estão alegres, chorai com os que choram» (*Rom. 12, 15*), diz o Apóstolo, o que significa: compartilhar as alegrias, as penas, as preocupações, as cansaças alheias como se fossem nossas; e na realidade são-no, porque são alegrias, penas, cansaças e preocupações deste único Corpo Místico de Cristo a que pertencemos e que, portanto, é *nosso*.

2 — Levar os fardos uns dos outros significa também suportar com serenidade e delicadeza os defeitos alheios, consequência inevitável das limitações de cada um. A *Imitação de Cristo* adverte-nos: «Aqueles defeitos que o homem não pode corrigir em si ou nos outros, deve sofrê-los com paciência, enquanto a Deus não aprouver dispor outra coisa» (I, 16, 1). Nos derradeiros meses da sua vida, S.ta Teresa do Menino Jesus escrevia: «Ah! agora compreendo que a perfeita caridade consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em se edificar com os mais pequenos actos de virtude que se lhes vêem praticar» (M.C. pg. 268).

Não é em vão que a caridade «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre» (I Cor. 13, 7). A caridade crê sempre na boa vontade alheia, muito embora misturada com defeitos, espera sempre no bem que sabe descobrir em todas as criaturas, mesmo ofuscado por mil deficiências e, o que é mais essencial, suporta tudo, nunca achando nada excessivamente pesado. Suportar, segundo a etimologia da palavra, significa *pôr-se debaixo para levar um peso*: e assim a caridade sente a necessidade de se curvar, por amor, para tomar sobre si as cargas dos outros, particularmente aquelas de que todos fogem por serem desagradáveis. S.ta Teresa do Menino Jesus nota que se evita a companhia de certas pessoas por causa das suas imperfeições naturais, como a sua falta de critério, de educação e a susceptibilidade do seu carácter. «Bem sei — diz a Santa — que estas enfermidades morais são crónicas, sem esperança de cura» e todavia conclui: «devo procurar a companhia destas irmãs que me são menos agradáveis, cumprir junto destas almas feridas o ofício do bom Samaritano»

(M.C. pg. 299 e 300). Deste modo a caridade, em vez de fugir, vai ao encontro das pessoas que mais sofrem por causa das suas imperfeições naturais e morais e ocupa-se delas com tanto amor que não deixa suspeitar até que ponto lhe é custosa esta obra de misericórdia, como lhe são desagradáveis tais defeitos. A caridade tudo sofre, tudo suporta de rosto amável e sereno, sem nunca se mostrar aborrecida ou sobrecarregada pelo fardo que leva.

Colóquio — «Ó Senhor, ensinai-me a amar o próximo com toda a generosidade do meu coração, não me contentando com amá-lo como a mim mesmo, mas amando-o mais do que a mim mesmo para cumprir o Vosso preceito: 'Amai-vos uns aos outros como eu vos amei'. Assim como Vós, Senhor, nos preferistes a Vós mesmo e o fazeis ainda todas as vezes que Vos recebemos no Santíssimo Sacramento, onde ficastes para nosso alimento, assim também quereis que tenhamos entre nós um amor mútuo tão grande que prefiramos o próximo a nós mesmos; e assim como Vós fizestes por nós tudo o que pudesdes excepto o pecado — pois que o não podíeis nem devíeis cometer — assim quereis que nós façamos uns pelos outros tudo o que podemos, excepto o pecado. Fazei, pois, Senhor, que excluindo toda a ofensa Vossa, o meu amor ao próximo seja tão firme, cordial e sólido, que eu nunca recuse fazer ou suportar coisa alguma por ele. Ensinai-me a amá-lo com as obras, procurando fazer-lhe todo o bem possível, tanto à alma como ao corpo, rogando por ele, servindo-o cordialmente quando se me apresentar ocasião; porque se o meu amor se limitasse a palavras bonitas, seria bem pouca coisa e já não consistiria em amar o próximo como Vós nos

(M.C. pg. 299 e 300). Deste modo a caridade, em vez de fugir, vai ao encontro das pessoas que mais sofrem por causa das suas imperfeições naturais e morais e ocupa-se delas com tanto amor que não deixa suspeitar até que ponto lhe é custosa esta obra de misericórdia, como lhe são desagradáveis tais defeitos. A caridade tudo sofre, tudo suporta de rosto amável e sereno, sem nunca se mostrar aborrecida ou sobrearregada pelo fardo que leva.

Colóquio — «Ó Senhor, ensinai-me a amar o próximo com toda a generosidade do meu coração, não me contentando com amá-lo como a mim mesmo, mas amando-o mais do que a mim mesmo para cumprir o Vosso preceito: 'Amai-vos uns aos outros como eu vos amei'. Assim como Vós, Senhor, nos preferistes a Vós mesmo e o fazeis ainda todas as vezes que Vos recebemos no Santíssimo Sacramento, onde ficastes para nosso alimento, assim também quereis que tenhamos entre nós um amor mútuo tão grande que prefiramos o próximo a nós mesmos; e assim como Vós fizestes por nós tudo o que pudestes excepto o pecado — pois que o não podíeis nem devíeis cometer — assim quereis que nós façamos uns pelos outros tudo o que podemos, excepto o pecado. Fazei, pois, Senhor, que excluindo toda a ofensa Vossa, o meu amor ao próximo seja tão firme, cordial e sólido, que eu nunca recuse fazer ou suportar coisa alguma por ele. Ensinai-me a amá-lo com as obras, procurando fazer-lhe todo o bem possível, tanto à alma como ao corpo, rogando por ele, servindo-o cordialmente quando se me apresentar ocasião; porque se o meu amor se limitasse a palavras bonitas, seria bem pouca coisa e já não consistiria em amar o próximo como Vós nos

amastes. Mas para chegar à perfeição do amor, não basta que eu me dê pelo meu próximo, devo prestar-me a fazer-lhe a vontade e do modo que lhe agradar, sem opor a mínima resistência; adquirirei assim maior merecimento, pois nisto consiste o grau supremo de renúncia a mim próprio» (cfr. S. Francisco de Sales).

268. A CARIDADE NÃO É EGOISTA

Ó Deus que me amastes desde toda a eternidade, e que sempre me amais desinteressadamente, ensinai-me a amar sem cálculo nem medida.

1 — «A caridade não busca os seus próprios interesses» (I Cor. 13, 5). Ser sensível às necessidades e aos sofrimentos alheios, estar sempre disposto a prestar ajuda ao próximo, não justifica que se exija uma compensação. A caridade tem a particularidade de se dar aos outros com generosidade, nada reclamando para si. «Fazei bem, e emprestai, sem daí esperardes nada; e será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo que é bom para os ingratos e para os maus» (Lc. 6, 35). A caridade não dá para em seguida receber; dá sem cálculo nem medida, pois considera-se muito bem paga com a honra de poder servir e amar a Deus nas Suas criaturas. A caridade ama, serve, dá-se, prodigaliza-se, pelo prazer de amar e servir a Deus no próximo, pela alegria de imitar a Sua prodigalidade infinita, pela alegria de se sentir filha do Pai celeste que a todos beneficia sem distinção. Que recompensa maior haverá do que poder chamar-se, e ser em verdade, filho de Deus? Para merecer esta única recompensa,

a caridade procura fugir de todas as recompensas terrenas; por isso esconde o bem que faz: «Não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita» (*Mt. 6, 3*), e procura de preferência beneficiar aqueles de quem não pode esperar nada em troca: «Quando deres algum jantar ou ceia, não convides os teus amigos nem os teus irmãos... para que não aconteça que também eles te convidem e te paguem com isso. Mas quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, porque esses não têm com que retribuir» (*Lc. 14, 12-14*). Como a lógica do Evangelho está longe dos nossos cálculos humanos!

Quando num coração nasce a paixão de se dar a Deus, nasce ao mesmo tempo a de se dar ao próximo unicamente por amor de Deus. Então esse coração já não faz distinção entre servir directamente a Deus ou aos irmãos, mas vendo Deus em tudo, entrega-se aos irmãos para se entregar a Deus, dá-se ao próximo como se daria a Deus. É esta a disposição do coração de Paulo quando exclama: «De muito boa vontade darei o que é meu e me darei a mim mesmo pelas vossas almas, ainda que, amando-vos eu mais, seja por vós menos amado» (*II Cor. 12, 15*).

2 — «A caridade é paciente, é benigna... não se irrita» (*I Cor. 13, 4 e 5*). A caridade não se cansa, não perde a paciência com os ingratos; não se irrita perante as repulsas, mas persevera no amor e na beneficência. A caridade não pretende o agradecimento, não é melindrosa, não se considera ofendida pelas faltas de delicadeza ou de respeito, mas, apesar da frieza e da hostilidade que possa talvez encontrar em torno de si, continua na sua única ocupação: dar-se, dar-se sempre por

a caridade procura fugir de todas as recompensas terrenas; por isso esconde o bem que faz: «Não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita» (Mt. 6, 3), e procura de preferência beneficiar aqueles de quem não pode esperar nada em troca: «Quando deres algum jantar ou ceia, não convides os teus amigos nem os teus irmãos... para que não aconteça que também eles te convidem e te paguem com isso. Mas quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, porque esses não têm com que retribuir» (Lc. 14, 12-14). Como a lógica do Evangelho está longe dos nossos cálculos humanos!

Quando num coração nasce a paixão de se dar a Deus, nasce ao mesmo tempo a de se dar ao próximo unicamente por amor de Deus. Então esse coração já não faz distinção entre servir directamente a Deus ou aos irmãos, mas vendo Deus em tudo, entrega-se aos irmãos para se entregar a Deus, dá-se ao próximo como se daria a Deus. É esta a disposição do coração de Paulo quando exclama: «De muito boa vontade darei o que é meu e me darei a mim mesmo pelas vossas almas, ainda que, amando-vos eu mais, seja por vós menos amado» (II Cor. 12, 15).

2 — «A caridade é paciente, é benigna... não se irrita» (I Cor. 13, 4 e 5). A caridade não se cansa, não perde a paciência com os ingratos; não se irrita perante as repulsas, mas persevera no amor e na beneficência. A caridade não pretende o agradecimento, não é melindrosa, não se considera ofendida pelas faltas de delicadeza ou de respeito, mas, apesar da frieza e da hostilidade que possa talvez encontrar em torno de si, continua na sua única ocupação: dar-se, dar-se sempre por

amor de Deus. A caridade não é insensível às ingratidões e às ofensas; pelo contrário, quanto mais um coração é delicado no amor, mais sensível é a tudo o que se opõe ao amor. Contudo não se serve da sua sensibilidade para defender os próprios direitos, para protestar contra a ingratidão alheia ou reclamar justiça, mas sim para a sacrificar a Deus, em benefício dos que o fazem sofrer. Esta é a característica da caridade: «não se deixa vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem» (cfr. Rom. 12, 21).

No entanto, todos sabemos como isso é difícil e duro à nossa natureza egoísta e exigente. Às vezes, justamente quando uma alma se aplica com maior empenho a praticar uma delicada caridade fraterna, desperta nela um sentimento mais vivo de indignação e protesto perante as faltas de consideração de que é alvo. Isto é, evidentemente, uma tentação que se deve reprimir logo ao despontar a fim de não ganhar raízes; quem, sob pretexto de justiça ou de lição a dar aos outros, consente em tais sentimentos e age de acordo com eles, bem depressa se tornará uma pessoa intolerante, com grave prejuízo da caridade. Sobretudo na convivência com os outros, é necessário praticar esta caridade paciente, que sabe suportar os agravos pequenos ou grandes, as incompreensões e as ofensas, que sabe aceitar em paz as picadelas de alfinete sem mostrar que sofre, sem procurar desforrar-se dando a perceber que a fazem sofrer. Com a graça de Deus e à força de lutar contra os ressentimentos do amor próprio, devemos chegar a possuir esta caridade que se esquece completamente de si mesma, e então, no nosso meio, seremos «não juizes, mas anjos de paz» (T.M.J. CL.).

Colóquio — «Ó Deus eterno, a alma que em verdade Vos ama ocupa-se no serviço do seu próximo; e não pode ser de outro modo, porque o amor para conVosco e o amor para com o próximo são uma só coisa: a alma ama o próximo tanto quanto Vos ama a Vós porque o amor ao próximo provém de Vós.

«Este é o meio que Vós nos destes, ó Deus altíssimo, para praticarmos e darmos provas da nossa virtude, já que não podemos ser-Vos úteis, que o sejamos ao próximo. Por isso a alma enamorada de Vós, Senhor amabilíssimo, jamais deixará de se esforçar por ser útil aos seus irmãos, engenhando-se em descobrir as suas necessidades e em socorrê-los com prontidão.

«Ó meu Deus, Trindade eterna, Vós pedis que Vos amemos com o mesmo amor com que nos amais. Não podemos fazê-lo porque Vós nos amastes sem terdes sido por nós amado e, além disso, por muito que Vos amemos, amar-Vos-emos sempre por dever e nunca gratuitamente já que Vós fostes o primeiro a amar-nos. Portanto, sendo-nos impossível dar-Vos o amor que nos pedis, Vós destes-nos o próximo para lhe fazermos o que não Vos podemos fazer a Vós, isto é, amá-lo sem sermos precedidos por ele, gratuitamente e sem esperar vantagem alguma.

«Ensinai-me, pois, Senhor, a amar o próximo sem ser amado por ele, a amá-lo sem olhar à minha utilidade, mas só porque Vós me amais, só para pagar o Vosso amor gratuito. Assim cumprirei o mandamento da lei: amar-Vos sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesma» (cfr. S.ta Catarina de Sena).

Colóquio — «Ó Deus eterno, a alma que em verdade Vos ama ocupa-se no serviço do seu próximo; e não pode ser de outro modo, porque o amor para conVosco e o amor para com o próximo são uma só coisa: a alma ama o próximo tanto quanto Vos ama a Vós porque o amor ao próximo provém de Vós.

«Este é o meio que Vós nos destes, ó Deus altíssimo, para praticarmos e darmos provas da nossa virtude, já que não podemos ser-Vos úteis, que o sejamos ao próximo. Por isso a alma enamorada de Vós, Senhor amabilíssimo, jamais deixará de se esforçar por ser útil aos seus irmãos, engenhando-se em descobrir as suas necessidades e em socorrê-los com prontidão.

«Ó meu Deus, Trindade eterna, Vós pedis que Vos amemos com o mesmo amor com que nos amais. Não podemos fazê-lo porque Vós nos amastes sem terdes sido por nós amado e, além disso, por muito que Vos amemos, amar-Vos-emos sempre por dever e nunca gratuitamente já que Vós fostes o primeiro a amar-nos. Portanto, sendo-nos impossível dar-Vos o amor que nos pedis, Vós destes-nos o próximo para lhe fazermos o que não Vos podemos fazer a Vós, isto é, amá-lo sem sermos precedidos por ele, gratuitamente e sem esperar vantagem alguma.

«Ensinai-me, pois, Senhor, a amar o próximo sem ser amado por ele, a amá-lo sem olhar à minha utilidade, mas só porque Vós me amais, só para pagar o Vosso amor gratuito. Assim cumprirei o mandamento da lei: amar-Vos sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesma» (cfr. S.ta Catarina de Sena).

269. A CARIDADE ADAPTA-SE A TUDO

Ó Deus que Vos adaptais à minha miséria até Vos fazerdes homem como eu, ensinai-me a adaptar-me aos meus irmãos.

1 — A caridade não é rígida nas suas atitudes, não espera e muito menos pretende que os outros se adaptem a ela, mas está sempre pronta a adaptar-se ao próximo. Deus adaptou-Se a nós até Se fazer homem, e nós não sabemos descer do pequeno pedestal da nossa personalidade para nos adaptarmos à mentalidade, aos gostos e às necessidades dos nossos irmãos. E desculpamos-nos: «estão enganados, são grosseiros, ingratos, não compreendem certas exigências, certas delicadezas...» Como nos enganamos! Como somos mesquinhos nas nossas tolas exigências! Contemplemos o Filho de Deus, o Verbo eterno que não Se dedignou colocar-Se ao nosso nível, a ponto de Se revestir da nossa carne mortal, de viver a nossa vida humana e habitar no meio de nós. Na Sua vida não escolheu para companheiros pessoas intelectuais, de educação esmerada, mas pescadores ignorantes, com uma mentalidade rude, de gostos simples, que bem pouco conheciam as delicadezas do pensamento e da boa educação. Viveu com eles, adaptando-Se a eles com toda a naturalidade sem outra distinção a não ser uma caridade sem limites.

Evidentemente não podemos acomodar-nos ao próximo e condescender com os seus desejos quando, mesmo em pouca coisa, está em causa a honra de Deus e o cumprimento da Sua lei; nestes casos a condescendência seria fraqueza culpável. Mas há muitas ocasiões em que se trata apenas de renunciar à afirmação da nossa personalidade, da nossa maneira de ver, dos nossos

gostos, para dar lugar à mentalidade e aos gostos alheios; então a condescendência é virtude sólida e, longe de ser fraqueza, é uma bela prova de força moral, daquela força que sabe vencer e negar o seu eu por amor de Deus. Não é possível existir uma caridade duradoira, uma harmonia perfeita, sem esta flexibilidade que nos torna capazes de nos adaptarmos aos outros. Só quando estivermos bem decididos a passar por cima de todas as diferenças de temperamento, de mentalidade, de educação, de gostos e a ceder nos nossos pontos de vista para nos acomodarmos aos do próximo, poderá triunfar a causa da caridade fraterna.

2 — Encontramos no Evangelho belíssimas lições de condescendência: «Ao que quer chamar-te a juízo e tirar-te a tua túnica, cede-lhe também a capa e se alguém te obrigar a dar mil passos com ele, vai mais outros dois mil. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes» (Mt. 5, 40-42). O divino Mestre impele-nos resolutamente à paciência, à doçura, à renúncia aos nossos direitos, para nos pormos humildemente ao serviço do próximo e nos sacrificarmos por ele com generosidade, para seu proveito, para sua satisfação. Em vez de altercar ou discutir para resistir ao irmão importuno e ficar vitorioso, Jesus ensina-nos a ceder sempre, mesmo perante certas exigências indiscretas. S.ta Teresa do Menino Jesus comenta assim esta passagem evangélica: «Abandonar o próprio manto é, parece-me, renunciar aos seus direitos fundamentais, é considerar-se como a criada, a escrava das outras... Assim não basta dar a quem quer que me pede é preciso antecipar-se aos desejos, manifestar-se muito obrigada e muito honrada por prestar serviço

e se levam qualquer coisa do meu uso não devo ficar com ares de a lamentar, mas ao contrário, parecer feliz por dela me ver desembaraçada» (M.C. pg. 277 e 278). A Santa, porém, não tem ilusões: sabe muito bem que quando nos pedem um serviço, um favor, um objecto, com maus modos, com maneiras exigentes ou autoritárias, o amor próprio está pronto a ressentir-se e a protestar. «Imediatamente a alma se revolta, se não está bem fundada na caridade. Encontra mil razões para recusar o que se lhe pede» (ib. pg. 276). Mas quem quer chegar à caridade perfeita, não cede a estas revoltas interiores e, fazendo violência a si mesmo, põe-se amavelmente à disposição do próximo.

Se, em face dos pedidos dos outros, respondemos com frequentes recusas, demonstramos que a nossa caridade é ainda muito fraca; também não devemos recorrer facilmente às desculpas: «Não tenho tempo...; são pretensões injustas...; tem de aprender a governar-se...», e outras semelhantes. É verdade que em certos casos, para não faltarmos ao próprio dever, ou por impossibilidade real, nos veremos obrigados a responder com uma negativa; contudo, mesmo nestes casos, a caridade deve fazer-nos evitar todos os modos indelicados que mortificam e humilham. «Quando a caridade lançou profundas raízes na alma, manifesta-se no exterior. Há uma maneira tão amável de recusar o que não se pode dar, que a recusa causa tanto agrado como o dom» (ib. pg. 280).

Colóquio — «Meu Deus, não posso deixar de amar as Vossas criaturas porque Vós mesmo o ordenastes. Sois amor, e por amor fostes levado a criar o homem, a fim de que também ele participasse do Vosso amor;

todos nós fomos criados por amor e com amor para gozarmos de Vós, ó Deus, que sois amor. Como farei, pois, para não amar?

«Dizei-me, peço-Vos, ó meu Cristo, como devo amar este meu próximo. Vós mostrais-me um fim muito elevado, isto é, ensinai-me a amá-lo como Vós mesmo o amastes. Pela criatura humana deixastes, ao menos aparentemente, o seio do Pai; deixastes, ou melhor, encobristes o Vosso poder, sabedoria e pureza infinita para poderdes conversar com a impureza das criaturas. Pelo meu próximo também eu devo deixar-me a mim mesma e o amor de todas as coisas criadas e estar pronta, se for necessário, a dar o meu sangue pela sua salvação.

«Ó caridade, como és bela e agradável a Deus! À semelhança do doce pelicano, tu dás o teu sangue, não só pelos teus filhos, mas ainda pelos teus inimigos. Na verdade, o que te possui, a ninguém considera inimigo, mas tem a todos por amigos caríssimos, e daria até a vida, se fosse necessário, pela alma do próximo.

«Ó amor do próximo, de tão poucos conhecido! Vós, ó Deus, que prescruvais os corações, conheceis o amor e o ódio; nós, ao contrário, dizemos amar o próximo quando o estamos a ofender. Oh! que diferentes são dos nossos os Vossos juízos! Vós ensinai-me que, por amor ao próximo, devo saber renunciar às minhas comodidades, prestar ouvidos aos pequenos, aos pobres, aos necessitados de alma e de corpo, devo responder-lhes pacificamente e com mansidão» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

todos nós fomos criados por amor e com amor para gozarmos de Vós, ó Deus, que sois amor. Como farei, pois, para não amar?

«Dizei-me, peço-Vos, ó meu Cristo, como devo amar este meu próximo. Vós mostrais-me um fim muito elevado, isto é, ensinai-me a amá-lo como Vós mesmo o amastes. Pela criatura humana deixastes, ao menos aparentemente, o seio do Pai; deixastes, ou melhor, encobristes o Vosso poder, sabedoria e pureza infinita para poderdes conversar com a impureza das criaturas. Pelo meu próximo também eu devo deixar-me a mim mesma e o amor de todas as coisas criadas e estar pronta, se for necessário, a dar o meu sangue pela sua salvação.

«Ó caridade, como és bela e agradável a Deus! A semelhança do doce pelicano, tu dás o teu sangue, não só pelos teus filhos, mas ainda pelos teus inimigos. Na verdade, o que te possuí, a ninguém considera inimigo, mas tem a todos por amigos caríssimos, e daria até a vida, se fosse necessário, pela alma do próximo.

«Ó amor do próximo, de tão poucos conhecido! Vós, ó Deus, que prescretais os corações, conheceis o amor e o ódio; nós, ao contrário, dizemos amar o próximo quando o estamos a ofender. Oh! que diferentes são dos nossos os Vossos juízos! Vós ensinai-me que, por amor ao próximo, devo saber renunciar às minhas comodidades, prestar ouvidos aos pequenos, aos pobres, aos necessitados de alma e de corpo, devo responder-lhes pacificamente e com mansidão» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

270. A DOÇURA

Ó Senhor, Vós que sois doce e suave, ensinai-me a doçura do coração e a suavidade nas relações com os outros.

1 — A doçura é a flor da caridade; é uma participação na suavidade infinita com que Deus guia e governa tudo. Ninguém deseja tão ardentemente o nosso bem, a nossa santificação, como Deus; e todavia Ele não o deseja com dureza, com rigidez ou violência, mas com uma força sumamente suave, respeitando sempre a nossa liberdade, sustentando os nossos esforços, aguardando a nossa adesão à graça com paciência e doçura infinitas. O Evangelho descreve-nos assim a doçura de Jesus: «Não contenderá, nem chamará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz; não quebrará a cana fendida, nem apagará a torcida que fumeja» (Mt. 12, 19 e 20). Os fariseus murmuram porque O vêem comer com os publicanos e pecadores e Ele replica: «Ide e aprendei o que quer dizer: 'Quero misericórdia e não sacrifícios'; porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt. 9, 13). Os Apóstolos estão prontos a pedir fogo sobre os samaritanos que rejeitam o Mestre, mas Ele repreende-os: «Vós não sabeis de que espírito sois. O Filho do Homem não veio para perder as almas, mas para as salvar» (Lc. 9, 55, e 56). As almas que, combatendo contra as suas misérias, sentem o peso e a fadiga da luta quotidiana, diz: «Vinde a mim todos os que trabalhais e vos achais carregados e eu vos aliviarei. O meu jugo é suave e o meu peso, leve» (Mt. 11, 28 e 30). O que torna suave o jugo do Senhor, o que torna leve o seu peso, é a Sua caridade infinita

que espalha por toda a parte um sentimento de suavidade e doçura.

A caridade fraterna deve desabrochar neste espírito de suavidade que dulcifica as chagas alheias em vez de as irritar, alivia o peso em vez de o aumentar, facilita e suaviza o cumprimento do dever em vez de o tornar mais duro. A caridade pratica esta doçura para com todos, mesmo para com os obstinados, os lentos e preguiçosos em corresponder ao bem, os fracos que sempre recaem nos mesmos defeitos. Ainda que num coração não haja senão uma só parcela de bem, é necessário rodeá-la de cuidados amorosos a fim de a ajudar a desenvolver-se. Por isso, quem aprendeu a doçura de Jesus, «não apagará a torcida que ainda fumeja».

2 — Nos contactos com o próximo, a nossa caridade é muitas vezes submetida a duras provas e em face da conduta irritante de certas pessoas, os propósitos de doçura são bem depressa substituídos por movimentos de indignação e de cólera. Isto não deve desanimar-nos, pois se trata, em geral, de reacções espontâneas, independentes da vontade; mas também não nos deve autorizar a seguir os impulsos da paixão sob o pretexto de que é muito difícil resistir e de que nos sentimos arrastados contra a nossa própria vontade. Em nossas mãos está sempre o poder de reagir e tanto mais facilmente o conseguiremos, quanto mais pronta, enérgica e ao mesmo tempo suave, for a nossa reacção. S.ta Teresa do Menino Jesus ensinava a uma noviça: «Quando estiver zangada com alguém, o meio de encontrar a paz é rezar por essa pessoa e pedir a Deus que a recompense por a ter feito sofrer». E sugeria

prevenir estes choques procurando «acalmar o coração com antecedência». (1)

Se vemos o próximo irritado e lhe respondemos com ira, não fazemos mais do que aumentar o incêndio, quando afinal o que importa é extinguir a cólera, opondo-lhe doçura e mansidão. Porém, a doçura não é condescendência e muito menos conivência com o mal: há casos em que, segundo ensina o Evangelho, a correcção fraterna é um dever imperioso e então é um verdadeiro acto de caridade. Mas para que de facto o seja, nunca se pode fazer com intenção de humilhar, de mortificar e muito menos de ofender o culpado, nunca pode ser inspirado, nem sequer indirectamente, em motivos pessoais, tendentes a fazer valer os próprios direitos e razões, a desferrar-se de qualquer ofensa recebida. Em tais circunstâncias, a correcção, longe de ser um acto de caridade, seria absolutamente contrária a esta virtude, e em lugar de fazer bem, produziria antes o efeito oposto. Só um desejo imparcial e sincero do bem alheio pode tornar caridosa e eficaz a correcção fraterna e esta deve ser feita com tanta bondade que o nosso irmão sinta nela muito mais o amor que lhe temos do que a humilhação de ser repreendido. Foi assim que Jesus tratou os culpados; todos foram curados pelo Seu amor e pela Sua doçura.

Colóquio — «Ó Senhor Jesus que ao morrerdes sobre a cruz tínheis um coração tão doce para connosco, que nos amáveis tão suavemente quando nós mesmos

(1) Conselhos e Lembranças recolhidos pela Ir. Genoveva da Santa Face.

éramos a causa da Vossa morte e que não pensáveis noutra coisa senão em obter o perdão para os Vossos verdugos quando eles Vos martirizavam e insultavam cruelmente, ajudai-me, eu Vo-lo suplico, a suportar com doçura as imperfeições e os defeitos do meu próximo.

«Ensinai-me a responder aos que me desprezam e murmuram de mim, com humildade, doçura e invariável bondade de coração, sem nunca me defender de modo nenhum. Por Vosso amor, quero deixar a cada um dizer o que lhe apeteça, pois o que vale não são as palavras, mas o amor, e quem mais amar será mais amado e glorificado. Ajudai-me, pois, ó meu Jesus, a amar-Vos e a amar todas as criaturas por Vosso amor, particularmente aquelas que me desprezam, sem me deixar perturbar pelos seus desprezos, mas esforçando-me por praticar a humildade e a doçura; então sereis Vós a minha coroa.

«Ensinai-me a proceder sempre com doçura e suavidade, sem perder a paz com ninguém. Tudo o que puder fazer e obter com amor, fá-lo-ei; o que não puder fazer e obter sem atritos, deixá-lo-ei. Ajudai-me Vós a servir-me das aversões e repugnâncias que encontrar nos contactos com o próximo para exercitar a virtude da doçura, sendo amável para com todos ainda que me sejam contrários ou me causem dissabores.

«Enfim, proponho, com o Vosso auxílio, ó Deus amabilíssimo, aplicar-me a alcançar a doçura do coração para com o próximo, considerando-o uma criatura Vossa destinada a gozar-Vos eternamente no Paraíso. É bem justo que àqueles a quem Vós suportais, ó Senhor Deus, também eu suporte com ternura e com grande compaixão das suas enfermidades espirituais» (cfr. S. Francisco de Sales).

271. AMOR DO PRÓXIMO E AMOR DE DEUS

Fazei-me compreender, ó Senhor, que o sinal mais certo do meu amor por Vós é um sincero amor do próximo.

1 — A alma que vive para Deus deve estar certa de que o seu amor por Ele não é uma ilusão. Qual é, pois, o critério que poderá dar-lhe esta certeza? S.ta Teresa de Jesus responde: «O sinal mais certo que existe, a meu ver, para saber se guardamos estas duas coisas [o amor de Deus e do próximo], é guardar bem o do amor do próximo; porque não podemos saber se amamos a Deus ainda que tenhamos grandes indícios para entender que O amamos, mas ao próximo sim. Estai certas de que, quanto mais vos virdes aproveitar neste, tanto mais o estareis no amor de Deus» (M. V, 3, 8). Este argumento é indiscutível porque existe uma única virtude de caridade; o nosso amor por Deus é dificilmente controlável, mas é impossível enganarmo-nos acerca do amor que temos ao próximo. Com efeito, não é necessária muita perspicácia para verificarmos se somos caritativos, pacientes, indulgentes, benévolos para com os irmãos. Do nosso comportamento para com eles podemos deduzir a medida do nosso amor para com Deus.

Por vezes podemos iludir-nos imaginando estar adiantados no amor de Deus por certos gostos espirituais que experimentamos durante a oração, por certos desejos impetuosos que se levantam em nós, parecendo-nos estar sempre prontos a enfrentar por amor d'Ele qualquer sacrifício. S.ta Teresa de Ávila, hábil conhecedora das armadilhas em que podem cair as almas, põe-nos de sobreaviso: «Não, irmãs, não! O Senhor quer obras. Se vires uma enferma a quem podes dar algum alívio,

não tenhas receio de perder a devoção e compadece-te dela; se tem alguma dor, que te doa a ti; e se for preciso, que jejues, para que ela coma; isto não tanto por ela, mas porque o Senhor o quer» (M. V, 3, 11). Eis, portanto, em que consiste o verdadeiro amor. Foi neste sentido que S. João Evangelista pôde dizer: «Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida porque amamos os nossos irmãos» (I, 3, 14). Não diz *porque amamos a Deus*, mas *porque amamos os nossos irmãos*, precisamente porque a caridade fraterna é o sinal mais seguro de um verdadeiro amor de Deus.

2 — S.ta Teresa de Jesus escreve: «É tão grande o amor que Sua Majestade tem por nós que, em paga do que temos ao próximo, fará crescer de mil modos o que temos por Sua Majestade; disto não posso duvidar» (M. V, 3, 8). Bela e autorizada afirmação que nos impele com entusiasmo à prática da caridade fraterna e nos faz compreender como a Santa tinha razão ao excluir: «Se entendêssemos bem a importância desta virtude, não nos aplicaríamos a outro estudo» (ib. 10).

Uma alma que ama deveras o Senhor, nada mais deseja do que crescer no Seu amor e eis o meio infalível: praticar com grande cuidado a caridade fraterna. Esta alma aspira ardentemente à união com Deus, e eis o caminho real: estar unida aos irmãos. Devemos ter sempre na memória que a virtude da caridade é uma participação, não somente na caridade infinita com que Deus Se ama a Si mesmo, mas também no amor imenso com que ama as Suas criaturas. Quanto mais amamos os irmãos, tanto mais penetramos na corrente de amor com que Deus envolve todos os homens, tanto mais participamos na Sua atitude de benevolência, de bondade,

de caridade infinitas. E é assim que a caridade fraterna nos une a Ele que é caridade por essência: *Deus caritas est*, «Deus é caridade, e quem permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele» (I Jo. 4, 16). Ao contrário, quando faltamos à caridade fraterna, afastamo-nos de Deus, afastamo-nos da Sua atitude de caridade infinita, o que equivale a afastarmo-nos e por vezes a separarmo-nos dEle. Por isso nos exorta o Apóstolo: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros porque a caridade vem de Deus: E todo o que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é caridade. Aquele que não ama permanece na morte» (ib. 4, 7 e 8; 3, 14). Deste modo compreendemos que o amor sobrenatural para com o próximo difere muito do amor humano e em vez de nos afastar do amor divino, lança-nos para Deus com um vigor sempre crescente e une-nos cada vez mais a Ele.

Colóquio — «Ó Senhor, o sinal mais certo que existe, a meu ver, para saber se Vos amo deveras é guardar bem o amor do próximo. Como isto é muito importante, devo procurar ir-me examinando mesmo nas coisas miúdas, não fazendo caso de umas muito grandes que por junto me vêm na oração pelas quais me parece que farei e acontecerei pelo próximo e para que se salve uma só alma. Se depois as obras não são conformes com isso, não há motivo para crer que as farei.

«Não, meu Deus, não devo acreditar que cheguei à união conVosco e que Vos amo muito, pela devoção e regalos que posso ter na oração. Devo, ao contrário, pedir-Vos que me deis o amor do próximo com toda a perfeição e depois deixar-Vos agir. Se da minha parte me esforçar e fizer todo o possível para o procurar

e forçar a minha vontade para que faça em tudo a dos outros, ainda que perca os meus direitos; se apesar das repugnâncias da natureza esquecer os meus interesses para não atender senão aos seus e quando se oferecer ocasião tomar sobre mim o trabalho para o tirar ao próximo, Vós me dareis certamente mais do que o que eu sei desejar. Não devo pensar que isto não me há-de custar algo e que encontre já tudo feito. De resto, ó Senhor, não Vos custou também a Vós o amor que nos tivestes? Para nos livrardes da morte, suportastes uma morte tão penosa como foi a morte na cruz» (T.J. M. V, 3, 8-12).

272. A PRUDÊNCIA

Mostrai-me, Senhor, o caminho da verdadeira prudência.

1 — Para chegar à união com Deus, a nossa vida deve ser toda orientada para Ele; e como a nossa vida resulta de um conjunto de muitas acções, é necessário que estas sejam tais que nos aproximem cada vez mais de Deus, que sejam passos em frente no caminho que a Ele conduz. A prudência sobrenatural é a virtude que nos sugere o que devemos fazer e o que devemos evitar para atingir o fim que nos propusemos. Se queres chegar à união com Deus, diz-te a prudência, debes conformar-te em tudo com a Sua vontade, debes renunciar à mais pequena coisa contrária ao Seu querer divino. Se queres ser santo, debes fazer actos de caridade, de generosidade, não debes recuar diante do sacrifício. Se queres chegar a ser alma de oração, debes cultivar o recolhimento, fugir das tagarelices inúteis, mortificar

a curiosidade, aplicar-te com diligência à oração. A prudência prescreve-nos assim o que devemos fazer e o que devemos evitar, tanto em vista do último fim — a união com Deus, a santidade — como em vista dos fins imediatos, mas sempre ordenados ao fim supremo — como a aquisição de virtudes particulares.

A parábola das virgens prudentes e das virgens loucas prova muito bem a necessidade desta virtude. Todas adormecem enquanto esperam o esposo, mas ao passo que as cinco primeiras foram introduzidas na sala das núpcias, as outras foram rejeitadas, unicamente por não terem tido a prudência de levar consigo o azeite suficiente para alimentar as suas lâmpadas. E a parábola conclui: «Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora» (Mt. 25, 13). A prudência sobrenatural aconselha-nos sobretudo, a servirmo-nos com diligência do tempo que o Senhor nos dá e das ocasiões que nos oferece para praticar a virtude, porque depois «vem a noite, quando ninguém pode trabalhar» (Jo. 9, 4). Quando, por nossa preguiça ou negligência, deixamos fugir a ocasião de fazer uma obra boa, esta perde-se para sempre; é verdade que em seguida poderão apresentar-se-nos outras, porém aquela não voltará mais.

2 — O futuro está nas mãos de Deus; nós apenas temos à nossa disposição o momento presente com as suas circunstâncias actuais. Por isso, a verdadeira prudência sobrenatural consiste em valorizar ao máximo, em vista do nosso fim eterno, o instante que foge. A prudência humana dá valor ao tempo para acumular bens terrenos, a prudência sobrenatural para acumular bens eternos: «Não queirais entesourar tesouros sobre a terra, mas entesourai para vós tesouros no céu, onde

nem a ferrugem nem a traça os consomem... Buscai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e a Sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo» (Mt. 6, 19-33). Eis as grandes regras da prudência, ditas por Jesus.

A uma religiosa que confessava a sua repugnância ao praticar um acto de caridade que reclamava um particular espírito de sacrifício, S.ta Teresa do Menino Jesus respondia: «Eu, pelo contrário, ter-me-ia sentido muito feliz por poder fazê-lo, porque estamos na terra para sofrer. Quanto mais se sofre, mais feliz se é. Oh! que mal sabe arranjar os seus negócios!» (Recordações inéditas). A prudência sobrenatural ensina-nos justamente a orientar bem os nossos negócios, não em vista de uma felicidade terrena, mas de uma bem-aventurança eterna; não em vista dos nossos interesses egoístas, mas do nosso progresso no caminho da perfeição e sobretudo da glória de Deus e do bem das almas.

A prudência sobrenatural não julga as coisas segundo o seu valor humano, segundo o prazer ou o desgosto que nos proporcionam, mas julga-as à luz da fé, à luz da eternidade: «*Quid hoc ad aeternitatem?*» (S. Bernardo). «*Quod Deus non est, nihil est*» (Imit. III, 31, 2). Que aproveita isto para a eternidade? O que não é Deus nada é.

Por isso a prudência cristã nada tem a ver com a prudência da carne que tudo reduz à felicidade terrena, sem olhar à lei de Deus: «A sabedoria da carne é inimiga de Deus pois não está sujeita à lei de Deus» (Rom. 8, 7); vai muito além da prudência humana que, embora não sendo má, é incapaz de orientar as nossas acções para o fim supremo, pois visa somente os fins terrenos.

Colóquio — «Meu Deus, a alma enamorada de Vós já não ouve as razões da prudência humana. Nela só obram o amor e a fé e por isso aprecia as coisas da terra pelo pouco que valem; não deseja nenhum bem seu porque já entendeu que tudo é vaidade, e quando sabe que uma coisa é do Vosso maior serviço já não olha a nada e imediatamente a realiza convencida de que nisto está todo o seu proveito» (cfr. T.J. P. 3, 1 e 2).

«Ó Senhor, se quero tornar-me santa devo viver inteiramente no plano sobrenatural, recordando que, como diz a *Imitação*, '*Quod Deus non est, nihil est*', e por isso devo deixar esse 'nada' ou então servir-me dele para ir para Vós.

«Se não vigio sobre mim mesma, poderei materializar o próprio espírito, deter-me à superfície, ver tudo sob um aspecto humano. Infelizmente, ó Senhor, reconheço que às vezes agi exactamente assim.

«Oh, não! A vida gasta por Vós é tão grande, tão bela! Não é grande pelas acções extraordinárias, mas sim pelo amor e pela fidelidade com que devo encarar os mais insignificantes deveres, pelo amor que deve transformar as mais pequenas acções e todos os acontecimentos quotidianos, pelas intenções apostólicas que devem animar a minha oração e os meus sacrifícios. Ensinai-me, Senhor, a dar a cada instante o máximo de amor, a tornar eterno o instante que foge, dando-lhe o valor da caridade» (cfr. Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

273. O BOM SAMARITANO
XII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Senhor, gravei no meu coração o exemplo e o mandamento da Vossa caridade.

1 — «Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos ladrões que o despojaram, tendo-lhe feito feridas e retiraram-se deixando-o meio morto» — diz-nos o Evangelho do dia (*Lc. 10, 23-37*). Este infeliz pode representar qualquer de nós; também nós encontramos ladrões no nosso caminho: o mundo, o demónio, as paixões, que nos despojaram e feriram. Quem poderá dizer que não tem na sua alma nenhuma ferida mais ou menos profunda, consequência das tentações e do pecado? Mas também saiu ao nosso encontro um bom samaritano, o bom Samaritano por excelência, Jesus, o qual movido de compaixão pelo nosso estado, nos prestou auxílio. Curvou-Se sobre as nossas chagas sangrentas com um amor infinito, tratando-as com o azeite e o vinho da graça: o azeite indica a suavidade e o vinho o vigor. Depois tomou-nos nos Seus braços e levou-nos a um refúgio seguro, confiou-nos aos cuidados maternais da Igreja, à qual entregou o preço do nosso resgate, fruto da Sua morte de cruz.

A parábola do bom samaritano esboça desta forma a história da nossa redenção, história sempre em acto e que se renova cada vez que nos aproximamos de Jesus, mostrando-Lhe com humildade e arrependimento as feridas da nossa alma. Isto realiza-se de um modo particular na Santa Missa, na qual Jesus apresenta ao Pai o preço da nossa salvação, renovando a Sua imolação a favor das nossas almas. Devemos assistir à

Santa Missa para nos encontrarmos com Ele, o bom Samaritano, para invocarmos e recebermos em nós a Sua acção curativa e santificadora. Quanto mais conscientes estivermos da nossa miséria e mais vivamente sentirmos a necessidade da Sua redenção, tanto mais Jesus nos aplicará os seus frutos com liberalidade e, ao vir a nós na Sagrada Comunhão, curará não somente as nossas feridas exteriores, mas também as interiores, banhando-as abundantemente com o azeite suavíssimo e com o vinho tonificante da Sua graça.

É assim que Jesus nos trata; assim tratou a humanidade que, por causa do pecado, Lhe era estranha, ou antes, inimiga e nada tinha a ver com Ele, o Santo, o Filho de Deus!

2 — Jesus, mediante a Sua obra redentora, foi o primeiro que nos deu o exemplo de uma caridade cheia de misericórdia e compaixão e tinha o pleno direito de concluir a parábola do bom samaritano, dizendo: «Vai e faz tu o mesmo»; teria podido acrescentar, como dirá na noite da última ceia aos Seus Apóstolos: «Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais vós também» (Jo. 13, 15).

Por próximo, os escribas e fariseus entendiam só os amigos ou, quando muito, os israelitas, mas não os pagãos, nem sequer os samaritanos. E eis que o Salvador, ultrapassando uma interpretação tão mesquinha, propõe como exemplo concreto da caridade preceituada pela lei, um acto de caridade praticado para com um inimigo. O bom samaritano, não levando em conta o ódio que os judeus alimentavam contra o seu povo, presta socorro ao pobre judeu abandonado pelo sacerdote e pelo levita, seus compatriotas.

Esta caridade universal será o distintivo da nova religião instaurada por Cristo. «A religião pura e sem mácula aos olhos de Deus — escreverá S. Tiago — é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações» (1, 27); ou seja, não há verdadeira religião sem caridade para com o próximo, sobretudo para com o próximo que sofre. Os escribas, os fariseus e os próprios sacerdotes que tinham reduzido a religião a um puro formalismo exterior, enquanto desprezavam com tanta desenvoltura os deveres da caridade, encontravam a sua condenação na parábola do samaritano. Infelizmente também entre os cristãos não faltam pessoas devotas que têm escrúpulo de omitir a menor prática de piedade e não hesitam em abandonar à sua sorte aquele que sofre. Não compreenderam a alma da religião, mas pararam nas aparências. A religião dá-nos o sentido profundo das nossas relações com Deus: Ele é nosso Pai e nós somos Seus filhos; mas, se somos filhos do mesmo Pai, como não nos sentimos irmãos? Eis em que consiste a verdadeira piedade: em ter o sentido da nossa filiação divina, o sentido da nossa fraternidade com todos os homens, não exceptuando nenhum. E os que se sentem verdadeiramente irmãos, jamais reivindicarão direitos em face das necessidades e sofrimentos alheios.

Colóquio — «Ó Senhor, quanto melhor compreender o amor que nos tendes, mais gostosamente renunciarei aos meus interesses e satisfações, a fim de Vos contentar só a Vós, servindo o meu próximo. Então não me preocuparei nada com a perda que venha a sofrer; terei unicamente diante de mim o interesse do próximo e nada mais. Para mais Vos contentar, ó meu Deus, ajudai-me a esquecer-me de mim mesma pelos outros,

até estar pronta a perder a vida na demanda, como fizeram muitos mártires» (cfr. T.J. P. 7, 5).

«Ó caridade, tu és o doce e sagrado vínculo que une a alma ao Seu Criador: tu unes Deus ao homem e o homem a Deus. Tu tiveste o Filho de Deus cravado na árvore da santíssima cruz; tu reconcilias os desavindos, juntas os separados, enriqueces de virtudes os que são pobres porque dás vida a todas as virtudes; dás a paz e extingues o ódio e a guerra; tu dás paciência, fortaleza e constante perseverança em toda a obra boa e santa. Nunca te cansas nem te apartas do amor de Deus e do próximo, nem por trabalhos, nem por angústias, nem por zombarias ou injúrias.

«Ó Cristo, doce Jesus, concedei-me esta santa caridade a fim de perseverar no bem e de jamais me afastar dele, pois quem possui a caridade está fundado em Vós, rocha viva e, seguindo os Vossos exemplos, aprende de Vós a amar o seu Criador e o seu próximo. Em Vós, ó Cristo, leio a regra e a doutrina que me convém guardar, porque Vós sois o caminho, a verdade e a vida; lendo em Vós, poderei seguir o caminho recto e atender somente à honra de Deus e à salvação do próximo» (S.ta Catarina de Sena).

274. JULGAR COM PRUDÊNCIA

Ensinai-me, Senhor, a julgar rectamente das coisas para poder agir com rectidão.

1 — A primeira atribuição da prudência é ajudar-nos a escolher os meios mais aptos para alcançar o nosso fim último. Uma vez esta escolha é fácil e apresen-

ta-se espontâneamente ao espírito já habituado a julgar e a agir à luz da eternidade; mas outras, ao contrário, a escolha é difícil e trabalhosa como, por exemplo, quando se trata da escolha de estado ou de profissão, de dar novo rumo à própria vida ou então de solucionar casos complicados em que é necessário ter em conta elementos independentes da própria vontade. Nestes casos é preciso dar tempo ao tempo a fim de se examinar tudo com ponderação, e aconselhar-se com pessoas prudentes e experimentadas: agir precipitadamente seria já uma falta de prudência. Jesus, no Evangelho, fala-nos do homem prudente que, «querendo edificar uma torre, faz primeiro, *sentado*, a conta dos gastos que são necessários, para ver se tem com que acabar» (Lc. 14, 28). O tempo empregado nestes exames, nestes cálculos ditados pela prudência sobrenatural, não é tempo mal gasto, antes pelo contrário; assim, não é raro que, perante decisões graves, o próprio Deus queira que esperemos com paciência a fim de que as circunstâncias nos manifestem claramente a Sua vontade. Enquanto esperamos, devemos dar um grande lugar à oração, a fim de implorar do Senhor a luz que a nossa prudência é incapaz de nos dar. Com efeito a prudência, conquanto seja uma virtude infusa e sobrenatural, exerce-se sempre por meio das nossas faculdades humanas e, por isso, resente-se da nossa limitação; para a ajudar, porém, Deus concedeu-nos um dom especial do Espírito Santo: o dom de conselho, cuja actuação não depende de nós, mas que podemos obter por intermédio da oração.

Uma vez que se tomou a decisão, depois de se terem empregado todos os meios sugeridos pela prudência sobrenatural, então a própria prudência nos ordena passar à execução com coragem e diligência, sem in-

terpor demoras da nossa parte e sem nos deixarmos desencorajar pelas dificuldades que possamos encontrar.

2 — Para que o nosso juízo e a nossa escolha sejam prudentes, devemos libertá-los de elementos demasiado subjectivos, tais como os gostos, os interesses, as antipatias ou simpatias naturais. Por vezes podemos iludirmos ao julgarmos de uma situação ou ao determinarmos-nos a uma obra, pensando que será unicamente para glória de Deus e para o bem do próximo; todavia, se nos examinássemos a fundo, repararíamos talvez que os motivos que prevaleceram no nosso juízo ou na nossa deliberação, foram motivos egoístas ou interesses pessoais. Assim a prudência também nos pede que purifiquemos o coração de todos estes motivos humanos, também nos exige desapego e renúncia. Precisamente quando acabava de falar da prudência necessária ao homem que quer edificar uma torre e ao rei que quer entrar em guerra, Jesus disse: «Assim, pois, qualquer de vós que não *renuncia* a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo» (Lc. 14, 33). Por outras palavras, a prudência necessária ao que quer ser um verdadeiro seguidor de Cristo, consiste em renunciar a tudo o que pode servir de obstáculo à consecução da vida eterna, consiste em negar-se a si mesmo para ter o coração livre de movimentos egoístas e pessoais. Só esta renúncia nos permitirá triunfar das reacções espontâneas do nosso amor próprio e dos impulsos do nosso egoísmo e, portanto, nos porá em condições de formular juízos rectos, fazer escolhas e tomar decisões imparciais.

Mas sobretudo em face de juízos ou deliberações de certa importância, que podem ter consequências para o próximo e que são porventura do nosso agrado, a pru-

dência exige um exame consciencioso para ver se somos de facto movidos por motivos sobrenaturais independentes de qualquer consideração humana. Se uma circunstância nos perturbou um pouco, nos impressionou, a prudência ensina-nos a suspender todo o juízo e deliberação até que nos tenha voltado a calma; de outro modo, expor-nos-íamos a proceder mais por paixão do que por um amor sincero do bem.

«O amor é prudente, recto, circumspecto», diz a *Imitação de Cristo* (III, 5, 7); o que prova que a prudência é uma característica indispensável da verdadeira virtude.

Colóquio — « Ó Deus, é-Vos mais agradável uma só obra feita com prudência, do que muitas realizadas com imprudência e leviandade, porque esta virtude examina e pondera muito bem cada acção, a fim de que redunde para Vossa honra e glória.

«A prudência verdadeira e sobrenatural é Vossa e está em Vós, ó Senhor, poucos são os que a encontram, porque muitos a procuram mais com astúcia do que com prudência, querendo investigar os Vossos desígnios com a própria sabedoria, perdem o tempo e nunca mais a encontrarão. Quem verdadeiramente quer possuir a prudência, deve ir a Vós, Verbo Incarnado, e em Vós a encontrará juntamente com todas as outras virtudes, mas encontrá-la-á bem diversa da prudência humana que tende para o que exalta e não para o que humilha. Em Vós encontrará a prudência que o leva a humilhar-se e a abaixar-se, tal como Vós Vos quisestes humilhar e abaixar para nos mostrardes o caminho que conduz à salvação. Vós, Senhor, dissestes: 'Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me'.

Oh! sim, esta é a suma prudência! E contudo, à prudência humana parece a maior loucura. Aos sábios deste mundo parece a maior loucura tomar a cruz e seguir-Vos, ó Cristo Crucificado! Mas Vós ensinai-me que a loucura da cruz é suma sabedoria, e que negar-se a si mesmo é suma prudência. Que loucura mais prudente pode haver do que pegar na cruz conVosco e seguir-Vos, caminhando sobre as Vossas pegadas? E que prudência maior pode haver do que morrer a si mesmo para encontrar a vida em Vós, de quem recebem a vida todas as coisas?» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

275. PRUDÊNCIA E RECTIDÃO

Meu Deus, ensinai-me a prudência que a Vós conduz pelo caminho recto do dever e da verdade.

1 — A prudência não se limita a aconselhar-nos as boas obras que devemos fazer para alcançar a nossa santificação, mas acompanha-nos também durante a realização dessas obras, sugerindo-nos a conduta mais adequada às circunstâncias do momento. A prudência diz-nos, por exemplo, quando é oportuno calar ou falar, agir ou esperar, ceder ou resistir, quando e de que modo praticar esta ou aquela virtude. A prudência é, assim, a grande reguladora de toda a nossa vida, e muito justamente é chamada «*auriga virtutum*», quer dizer, aquela que dirige o exercício de todas as outras virtudes. No que diz respeito às virtudes morais, a prudência regula-as de modo a manterem a nossa conduta no justo meio, evitando os excessos opostos, que são sempre defeituosos, por exemplo: a demasiada ousadia ou a timidez exage-

rada, o excesso de actividade ou de passividade, a busca das comodidades ou as penitências que arruínam a saúde, etc... Quanto às virtudes teologais — já que para estas não se trata do justo meio — o papel da prudência consiste em indicar-nos em que circunstância ou com que meios devemos praticá-las. Assim, por exemplo, a prudência indicar-nos-á os perigos que ameaçam a fé e a maneira de os evitarmos; inspirar-nos-á como exercer a plena confiança em Deus, sem receio de cair na presunção; ensinar-nos-á a amar a Deus com todo o coração, sem descurar o amor do próximo ou o cumprimento dos nossos deveres; finalmente, a praticar a caridade fraterna com uma dedicação total, mas sem cometer imprudências que poderiam ser muito prejudiciais.

Portanto pode dizer-se que a prudência é útil e necessária em tudo: é como o sal que há-de temperar todas as nossas acções. A alma desapegada de si mesma que só põe os olhos em Deus, a alma recolhida que não se deixa dissipar com o tumulto do mundo, percorrerá com facilidade e quase espontaneamente o caminho da prudência sobrenatural e, por este caminho, chegará directamente a Deus, sem desvios nem perdas de tempo.

2 — «A prudência verdadeira e perfeita aconselha, julga e ordena *rectamente*, em vista do fim último de toda a vida» (S. Tomás II^a II^{ae}, q. 47, a. 13, co.). A grande diferença entre a prudência cristã e a prudência do mundo, não está sòmente na enorme diversidade dos fins a conseguir, mas ainda na escolha dos meios. Ao passo que a segunda não tem escrúpulos de se valer, para alcançar os seus intentos, de meios ilícitos, nem de trilhar os caminhos da mentira, da astúcia, do engano,

a prudência cristã rejeita *a priori* qualquer meio oposto, mesmo levemente, à lei de Deus e só trilha o caminho recto da sinceridade. A prudência cristã pode também sugerir-nos a ideia de adiar para tempo mais oportuno a realização de um projecto, apesar de bom e santo, de não revelar a uma pessoa as nossas intenções, de guardar silêncio a respeito de um determinado assunto, etc.. E todavia nunca nos pedirá para faltar ao dever ou à verdade. Quando Jesus dizia que «os filhos deste século são mais hábeis na sua geração que os filhos da luz» (Lc. 16, 8), pretendia certamente estimular-nos a mais prudência e sagacidade na prática do bem, mas certamente não era Sua intenção animar-nos a empregar os meios ilícitos de que se servem com tanta ousadia os filhos das trevas. Não devemos pensar que, por usar apenas de meios bons e rectos, a nossa prudência é inferior à do mundo, porque em vez das intrigas e enganos que de modo nenhum podemos imitar, dispomos de um meio muito mais poderoso que, em última análise, obterá sempre a vitória: o recurso a Deus por meio da oração e do sacrifício.

Ao enviar os Seus Apóstolos para o meio do mundo, onde as emboscadas do mal são tantas, Jesus recomendou-lhes: «Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas» (Mt. 10, 16); indicando ao mesmo tempo estas duas virtudes, prudência e simplicidade, diz-nos claramente que uma nunca deve estar separada da outra, nem uma nos pode servir de pretexto para faltarmos à outra. A prudência não nos deve fazer faltar à simplicidade — é portanto a exclusão de todos os meios que se baseiam na mentira — mas ao mesmo tempo a simplicidade não nos deve fazer faltar à prudência.

Colóquio — «Ó prudência, tu és semelhante a um alto monte; quem nele se alberga conserva-se de saúde, gozando o ar puro e dessas alturas vê e prevê tudo o que deve fazer. Assim, ó Deus, a prudência que de Vós procede, mantém a alma acima das nuvens das paixões e das considerações humanas, confere-lhe maior vigor na virtude, impele-a a honrar-Vos em todas as suas obras e fá-la prever tudo, para se armar de fortaleza contra as tentações. Concedei-me, meu Deus, esta verdadeira e recta prudência, a fim de que ela me leve à união conVosco. E de tal maneira me conduza que, por nenhum motivo ou respeito pela criatura eu deixe de pôr em execução as Vossas obras» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Criai em mim, ó Senhor, um coração puro e infundi em mim um espírito recto. Ensinai-me os Vossos caminhos para que eu siga a Vossa verdade. Dai-me a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza fora das quais nada mais há de útil na vida dos homens» (cfr. *Sal.* 50, 12; *Sab.* 8, 7).

«Bondade suprema, ó meu Jesus, peço-Vos um coração tão enamorado de Vós que nenhuma coisa da terra possa distraí-lo... um coração livre, nunca seduzido, nunca escravo; um coração recto que nunca ande por caminhos tortuosos» (S. Tomás).

276. A DILIGÊNCIA

Ó Senhor, tornai-me diligente no Vosso serviço e solícito no cumprimento do meu dever.

1 — O homem prudente é também diligente; examina e escolhe com solícitude os meios mais próprios para a sua santificação e depois põe com diligência mãos à obra. De Jesus foi dito: «Fez bem todas as coisas» (cfr. *Mc. 7, 37*); absolutamente falando, este louvor só convém a Jesus, cuja solícitude e diligência no cumprimento da missão que Lhe foi confiada pelo Pai celeste, foram perfeitíssimas e totalmente isentas da mais leve lacuna; contudo, guardadas as proporções, deveria também poder dirigir-se este louvor à alma diligente, ou melhor, o programa da sua vida deveria ser: fazer bem todas as coisas. Fazer o bem não basta, importa fazê-lo bem, quer dizer, não de qualquer modo, mas com cuidado, com solícitude, com prontidão, numa palavra, com diligência. O que distingue os santos não é tanto a grandeza das suas obras ou a importância do lugar que ocupam na Igreja, mas a perfeita diligência no cumprimento de todos os seus deveres, mesmo dos mais humildes. Assim acontece, por exemplo, que num grupo de pessoas que têm o mesmo género de vida e estão sujeitas aos mesmos deveres, às mesmas práticas de piedade, austeridades, mortificações, obras apostólicas, etc., umas atingem um alto grau de caridade e de união com Deus ao passo que outras levam uma vida medíocre; ora isto depende unicamente da maior ou menor diligência com que cada uma se aplica ao cumprimento dos próprios deveres. A diligência torna a alma atenta, desperta para o bem, de modo que cada uma das suas acções é vivificada pela caridade, é realizada com exactidão

em todos os seus pormenores. «O que teme a Deus, nada despreza», diz o Espírito Santo (*Ecle.* 7, 19); e quando este temor não é servil, mas fruto do amor e evita tudo o que desagrada a Deus, torna a alma tanto mais diligente quanto mais amante.

2 — «A diligência é uma aplicação da alma para realizar o bem com prontidão, e torna os homens semelhantes aos anjos, que voam com maravilhosa rapidez a executar as ordens de Deus» (Ven. João de J. M., o.c.d.). A prontidão em fazer o bem é precisamente um aspecto particular da diligência.

O negligente dirige-se para o dever de má vontade, com lentidão e atraso; porém o diligente corre ao seu encontro de espírito alegre, com solicitude e pontualidade. Fazer com prontidão todo o bem que se deve fazer, aplicar-se pontualmente a todos os seus deveres, ainda que fosse mais cómodo entreter-se noutras ocupações, é fruto da diligência. Sobretudo aquele que se obrigou, privada ou colectivamente, a um determinado regulamento de vida, tem o dever de o observar com pontualidade e exactidão. Com efeito, qualquer regulamento aprovado por quem está no lugar de Deus é, para a alma que o abraçou, uma manifestação da vontade divina, e esta vontade tem de ser cumprida sem demoras nem atrasos. A pontualidade exige disciplina, mortificação e desapego; muitas vezes pede que interrompamos uma acção interessante e agradável para nos dedicarmos a outra talvez menos atraente ou de menor importância. Porém, seria um verdadeiro erro avaliar as acções e entregarmo-nos a elas conforme correspondem ou não aos nossos gostos, ou nos parecem mais ou menos importantes. Tudo é importante e belo quando

é a expressão da vontade de Deus e uma alma que em cada momento do dia, quer viver segundo esta santa vontade, nunca se deixará levar pela tentação de descuidar a mais pequenina acção prescrita pelo seu regulamento de vida. Prolongar uma ocupação para além do tempo fixado ou dispensar-se doutra, excepto por um motivo razoável, é desviar-se da vontade de Deus, é um indício de apego à própria vontade e muitas vezes também à própria comodidade. «Na solicitude não [sejais] negligentes; [sede] fervorosos de espírito, servindo ao Senhor», escrevia S. Paulo aos Romanos (12, 11) e aos Efésios recomendava: «Cuidai em andar com prudência, não como insensatos, mas circunspectos, recorrendo o tempo... Não sejais imprudentes, mas considerai qual é a vontade de Deus» (5, 15-17).

Colóquio — «Ó Senhor, reflectindo na Vossa presença, compreendo que a caridade é o melhor remédio contra uma certa negligência e moleza no cumprimento dos meus deveres. Devo aplicar-me a fazer tudo por amor, com a intenção especial de Vos dar gosto.

«Deus meu, que condescendência da Vossa parte e que felicidade para mim, pobre nada, poder trabalhar para Vos dar gosto! Este pensamento determina-me a sacrificar tudo alegremente. Ó Senhor, Vós consolais-me com estas palavras e renovais a minha juventude como a da águia! Sim, em certos momentos, é mais seguro e mais eficaz repetir a mim própria: faz isto porque dás mais gosto a Deus, do que dizer simplesmente: é teu dever.

«Ó Senhor, tudo quanto eu posso fazer, já Vos é devido, ou melhor, será sempre inferior ao meu dever. Contudo, a Vossa divina bondade compraz-Se em dar-me

a consolação de pensar que Vos sirvo com uma certa liberalidade e generosidade quando procuro com toda a minha diligência dar-Vos gosto, não sòmente nas obras da minha obrigação, mas nas super-rogoratórias e de perfeição, não sòmente nas grandes e importantes, mas nas pequenas e até nas mínimas, pois nada é desprezível de quanto Vos pode ser oferecido.

«Senhor, por meio de uma diligência amorosa em todas as minhas acções, quero mostrar-Vos continuamente a grandeza dos meus desejos e do meu amor. E quanto mais generosa e liberal for no Vosso serviço, mais atrairei sobre mim os efeitos da Vossa liberalidade» (cfr. B. M. Teresa de Soubiran).

277. A JUSTIÇA

Ensinai-me, Senhor, a amar a justiça e a odiar tudo o que a ela se opõe.

1 — Aos fariseus que um dia Lhe perguntaram com uma fina astúcia, se era ou não lícito pagar o tributo a César, Jesus respondeu: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Mt. 22, 21) e com esta simples resposta traçou-nos a linha clara e precisa que devemos seguir no exercício da virtude da justiça: dar a cada um o que é seu, dar a cada um o que lhe pertence. «A justiça, confirma S. Tomás, é a perpétua e constante vontade de atribuir a cada um os seus direitos» (II^a II^{ao}, q. 58, a. 1, co.). A Deus, o culto que Lhe é devido como Criador, Senhor e nosso Pai e, portanto, adoração, honra, glória, reconhecimento, observância fiel das Suas leis, serviço humilde e devoto. Ao próximo, o respeito pelos seus direitos, tendo em conta as diversas obrigações para

com ele, conforme nos é superior, igual ou inferior.

A alma que tende à perfeição não se pode contentar certamente com permanecer dentro dos limites da justiça; a caridade impeli-la-á a querer dar e fazer mais, todavia a justiça será sempre o fundamento indispensável, sem o qual a própria caridade não poderá subsistir. A caridade para com Deus pode e deve estimular-nos a fazer mais alguma coisa do que o estritamente prescrito, mas este «mais» não será agradável a Deus se, para o realizar, desleixarmos algum dever obrigatório. Assim, um profissional não se pode dedicar a obras de apostolado com prejuízo dos seus deveres de estado, e um religioso não pode fazer obras super-rogatórias que o ponham em perigo de faltar a qualquer ponto da sua regra. Do mesmo modo, a caridade para com o próximo pode e deve levar-nos a dar esmola; esta, porém, não seria agradável a Deus se fosse feita com dinheiro que, por justiça, pertencesse a outros, como, por exemplo, se esse dinheiro estivesse destinado ao pagamento do justo salário aos operários ou a saldar as dívidas, etc.. Quando se falta à justiça, ou seja, àquilo que é obrigatório, não se pode falar de caridade, nem para com Deus nem para com o próximo. Só partindo da base sólida e indispensável da justiça, poderá a caridade tomar impulso para um voo alto e seguro.

2 — «Amas a justiça e aborreces a iniquidade, por isso te ungiu Deus, o teu Deus, com o óleo de alegria», canta o Salmista ao fazer o elogio do justo (*Sal. 44, 8*). Deus dá a Sua alegria e a Sua paz à alma respeitadora da justiça, que cumpre com escrupulosa exactidão todos os deveres que dela derivam, mesmo à custa de sacrifícios. Não é raro efectivamente que, para respeitar os

direitos alheios, seja preciso renunciar a alguma comodidade ou bem-estar pessoal e sacrificar às vezes os próprios interesses; mas a alma que quer tender à perfeição deve ser generosa em todos os aspectos e não deve permitir jamais que o egoísmo a impeça de cumprir os seus deveres de justiça para com o próximo. Uma das coisas que mais escandaliza e indis põe as pessoas do mundo é ver que há pessoas piedosas que depois, nas suas relações com os outros, não têm escrúpulo nenhum de faltar à justiça e fecham os olhos aos direitos alheios que transtornam os seus interesses pessoais. Quanto mais uma alma aspira à perfeição, tanto mais verdadeiro deve ser o seu culto pela justiça e mais sinceramente deve detestar tudo o que se lhe opõe, embora em matéria leve. Uma tal conduta é fonte de paz para si e para os outros. «A justiça e a paz se oscularam» (Sal. 84, 11), diz a Sagrada Escritura, porque a paz só pode reinar onde está a justiça, ao passo que onde não se respeita a justiça serão vãs todas as tentativas de acordo e de paz. O nosso Deus é o Deus da paz; quem melhor do quê a alma desejava de viver na Sua intimidade deverá levar a paz a todos os meios? Mas só levará a paz se observar a justiça; com efeito de nada serviria exortar à paz se se negasse a dar a cada um o que lhe pertence de direito.

E do mesmo modo que a observância da justiça é fonte de paz e alegria para a nossa consciência, também é fonte de paz e alegria para as famílias, para as comunidades, para todos os meios, para a sociedade inteira.

Colóquio — «Ó justiça, tu és a pérola preciosa pela qual a alma resplandece, tu dás paz e luz às criaturas,

tu as conservas no santo temor e manténs unidos os seus corações. Quando falta a tua luz, achamo-nos de súbito mergulhados na desordem e envolvidos nas trevas da injustiça» (cfr. S.ta Catarina de Sena).

Ó Senhor, só Vós podeis infundir em mim a verdadeira justiça, porque só Vós sois a justiça infinita, «Vós sois justo em todos os Vossos caminhos e santo em todas as Vossas obras» (*Sal.* 144, 17).

«Justo sois, ó Senhor, e rectos são os Vossos juízos. Mostrais suma lealdade e justiça em todos os Vossos decretos. A Vossa justiça é eterna e a Vossa lei é firme. Dai-me inteligência para compreender os Vossos preceitos e terei vida. Ensinaí-me, ó Senhor, o caminho dos Vossos estatutos e segui-lo-ei com fidelidade. Instruí-me pela senda dos Vossos mandamentos porque nela me deleito; inclinaí o meu coração para os Vossos preceitos e não para a avareza. Ensinaí-me a amar a justiça e a aborrecer a iniquidade a fim de que possa gozar da Vossa bênção eternamente» (cfr. *Sal.* 118 e 44).

278. FOME E SEDE DE JUSTIÇA

Dai-me, ó Senhor, um desejo profundo e eficaz de justiça para que me possa aproximar de Vós, justiça infinita.

1 — «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça» (*Mt.* 5, 6), disse Jesus, falando da justiça geral que leva o homem a viver em perfeito acordo com a vontade divina, a ponto de desejar esta vontade como alimento único e indispensável da sua vida espiritual. Contudo estas palavras também podem ser aplicadas à virtude particular da justiça, sem a qual, aliás, nunca

pode haver acordo com a vontade de Deus e, por consequência, nunca poderá haver santidade. Se queres viver unido a Deus, que é a justiça infinita, deves ter fome e sede de justiça em todas as tuas acções, em todas as tuas relações com o próximo. A fome e a sede são necessidades imperiosas que não podem ser reprimidas: é questão de vida ou de morte. Assim como a comida e a bebida são absolutamente indispensáveis para a vida do corpo, assim a justiça o é absolutamente para uma vida virtuosa, e os seus deveres são tão essenciais, que nenhum motivo nos pode eximir do seu cumprimento. Se um acto de caridade para com o próximo nos ocasionasse um grave transtorno ou um prejuízo notável, não seríamos obrigados a realizá-lo; mas o mesmo transtorno ou prejuízo nunca nos poderá dispensar de cumprir um dever de justiça para com os outros. Motivos sérios poderão, por vezes, autorizar-nos a diferir o seu cumprimento, mas a obrigação permanecerá sempre e, mesmo que estivéssemos impedidos de a cumprir materialmente, deveríamos ao menos supri-la moralmente. Vem muito a propósito, portanto, falar de *fome*, e de *sede* de justiça, não já no sentido de reivindicar os nossos direitos, mas no de cultivar em nós um desejo tão vivo, uma necessidade tão premente de justiça em todas as nossas relações com os outros que não nos sintamos satisfeitos enquanto não tivermos cumprido até ao fim todos os deveres derivados desta virtude.

2 — A justiça, tal como as demais virtudes, tem os seus acérrimos inimigos nas nossas paixões e, sobretudo, no egoísmo. O egoísmo não suficientemente mortificado e vencido, encontra sempre modo de fazer parecer demasiado pesados certos deveres impostos pela justiça

e imaginar pretextos e subterfúgios para se eximir deles. Outras vezes o egoísmo, além de ser um apego desordenado aos interesses e direitos próprios, toma o aspecto particular de ciúme, e também neste caso é causa de injustiças. O ciumento, pior ainda, o invejoso, é quase inconscientemente levado a diminuir o mérito dos outros, a criticar e a achar sempre defeituosa a sua maneira de agir, vindo assim a prejudicar a estima de que justificadamente deveriam gozar diante dos superiores, iguais ou inferiores. Tudo isto é contrário não apenas à caridade, mas também à justiça.

Outra fonte de injustiça são as parcialidades, as preferências por algum indivíduo em particular, com prejuízo daqueles que possuem direitos idênticos; e não é raro que este modo de proceder se oculte sob a máscara da caridade. Não se pode, porém, falar de caridade quando, para favorecer, defender e apoiar uma pessoa ou mostrar-se mais generoso para com ela se falta à justiça para com os outros e até, por vezes, para com uma comunidade inteira. Uma alma que tem fome e sede de justiça vigiará atentamente sobre si mesma para impedir que qualquer defeito desta natureza, embora insignificante, se insinue na sua conduta. Enquanto em nós houver paixões — e havê-las-á sempre — temos motivos para desconfiar de nós mesmos e devemos ser diligentes em examinar o móbil das nossas acções. É necessário um grande amor à justiça, à verdade e ao bem comum, é preciso muita rectidão para desmascarar todas essas paixõezinhas que nos podem fazer desviar, por pouco que seja, do caminho da justiça. Vejamos a nossa justiça ao espelho da Justiça infinita, e acharemos sempre alguma coisa que corrigir ou melhorar. «Bem-aventurados os que observam os seus preceitos e

praticam a justiça em todo o tempo», canta o Salmista, porque «os homens rectos verão a sua face» (*Sal.* 105, 3; 10, 8). O desejo de nos unirmos a Deus, Justiça infinita, mover-nos-á a uma prática cada vez mais perfeita desta virtude.

Colóquio — «Ó Senhor, aumentai em mim a fome e a sede de justiça, a fim de cumprir com amor todos os deveres que são de justiça e de obrigação para con-Vosco e para com o próximo, sem omitir nenhum, executando-os todos de boa vontade, ainda que desagradem à natureza. Fazei que esta fome me obrigue a progredir cada vez mais nas virtudes, considerando pouco o que já consegui e muito o que me falta ainda. Que esta fome e esta sede me dêem um desejo ardentíssimo da Vossa graça, que me levem com grande ardor aos santos sacramentos, especialmente ao Sacramento do altar, para me alimentar de Vós, ó Jesus, que sois a minha justiça.

«Ó Jesus, Vós tivestes sempre tanta fome de justiça que nem sentíeis fome corporal e assim, estando um dia muito cansado e necessitado de alimento, dissestes aos Vossos discípulos: 'a minha comida é fazer a vontade dAquele que me enviou'; e tivestes uma sede tão ardente desejando com viva ânsia aproximar dos lábios o cálice amaríssimo da Vossa Paixão, que dissestes: 'devo ser ainda baptizado com um baptismo e como estou desejoso que ele se cumpra'.

«Ó meu amado Redentor, abrasai-me com o fogo do Vosso amor, donde provém esta fome e esta sede, a fim de que eu as tenha sempre do Vosso serviço como Vós as tivestes 'do meu resgate» (cfr. Ven. Luís da Ponte).

279. A JUSTIÇA PERFEITA

Ó Senhor que sois justo e amais o que é justo, ensinai-me a perfeição da justiça.

1 — A justiça dum alma que aspira à perfeição não é fria, árida, avarenta, limitada apenas ao dever, mas é grande, liberal, generosa, vivificada pelo sopro dilatante da caridade. Por isso vai muito além da justiça exterior — que reveste as acções mas não brota do coração — e é, acima de tudo, justiça interior, ou seja, rectidão do coração e da mente, justiça de pensamentos, de desejos, de sentimentos, de intenções. A alma que a possui não ouviu em vão as palavras de Jesus: «Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus» (Mt. 5, 20). A justiça dos fariseus era insuficiente porque se limitava a uma observância puramente exterior das prescrições legais, não tendo escrúpulos de calcar aos pés, às escondidas, deveres sacrossantos. Aqueles homens encobriam a sua conduta pública com o manto da justiça, não se preocupando em inspirar nela o seu comportamento privado, os affectos e os desejos do seu coração. De que vale, por exemplo, arvorar-se públicamente em defensor dos direitos do povo, quando, na vida privada, não se retribui aos operários segundo a justiça, ou se falta à honestidade no comércio, nos negócios, no exercício da profissão? De que serve rodear uma pessoa de palavras gentis, de promessas, ou até dar-lhe presentes, quando se não querem reconhecer e respeitar os seus direitos?

A alma sedenta de justiça tem horror a todos estes modos de proceder e, muito longe de se contentar com parecer justa nas acções que podem ser observadas,

quer sê-lo em todas, mesmo naquelas que se ocultam aos olhares dos homens e que são conhecidas só de Deus, quer sobretudo a justiça do coração e do espírito, porque só da justiça interior procederá a justiça exterior.

2 — Se connosco mesmos devemos ser rigorosos em exigir a justiça em todas as nossas acções internas e externas, não devemos sê-lo tanto em relação ao próximo. Ninguém como Jesus veio trazer a justiça ao mundo e ninguém como Ele agiu com maior bondade e doçura. Ainda quando se tem o dever, em razão do ofício ou do apostolado, de salvaguardar ou de estabelecer a justiça num determinado meio, é preciso evitar proceder com rigor, pelo contrário, é necessário agir com bondade, procurando antes persuadir do que impor. Quem pretender fazer justiça pela força, nada conseguirá ou, quando muito, conquistará uma posição forçada que bem depressa cairá por terra. Seguindo o exemplo de Jesus, é preciso procurar que a justiça penetre nas almas e na sociedade pela caridade, pelo amor, pela compreensão das fraquezas alheias. Se queremos ser realistas lembremo-nos de que, por mais que se faça, nunca se poderá conseguir na terra, nem sequer nos melhores ambientes, uma justiça absoluta. A justiça perfeita só no céu a alcançaremos; também Jesus suportou as injustiças de Judas e dos fariseus e, embora tivesse podido fazê-lo, não quis que a cizânia fosse arrancada do campo até ao momento da ceifa. Especialmente quando se trata de injustiças que nos ferem, devemos ser muito pacientes e misericordiosos. Para uma alma que aspira à santidade, pode dizer-se que o maior acto de justiça consiste em suportar com paciência e humildade as injustiças de que é objecto, já que

seria absurdo pretender chegar à perfeição sem seguir o caminho trilhado por Jesus. Se Ele, inocentíssimo, sofreu tantas injustiças sem um queixume, não será justo que nós, pecadores, soframos ao menos alguma coisa sem nos considerarmos vítimas, mas com santa naturalidade e serenidade? A própria justiça, por conseguinte, leva-nos a suportar as injustiças. Assim, esta virtude que começa por nos impor que demos a cada um o que lhe pertence, atinge o seu ponto culminante levando as nossas almas a entrarem plenamente no caminho da santidade e da união com Deus.

Colóquio — «A justiça procede de Vós, ó meu Deus, tem sempre os olhos voltados para Vós e dá justamente a cada um o que ele espera. Porém, que é esta justiça e que significa ter os olhos sempre voltados para Vós? Oh! a justiça é uma das Vossas perfeições, ou melhor, Vós sois a mesma justiça, ó Deus! E quem reflecte em si próprio esta virtude, tem voltado para Vós o seu olhar, porque a Vós se assemelha e quer assemelhar-se em todas as acções, agindo sempre sem engano nem fraude. Pondo depois os olhos em Vós, ó Verbo Incarnado, a alma vê que sois tão justo que, em vez de faltar à justiça quisestes punir em Vós todos os nossos pecados. Por isso, também ela quer fazer justiça em si mesma dos seus próprios erros. Mas vê também que em Vós a justiça não exclui a misericórdia, de tal maneira que Vós, ó Cristo, Vos dais em alimento aos Vossos remidos: alimentai-los com as Vossas palavras, obras e exemplos, mas muito mais com o Vosso Sangue precioso» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó Senhor, o perfume da Vossa justiça está em toda a parte e é tão abundante que Vós não sois chamado

simplesmente o Justo, mas a própria Justiça, ou antes, a Justiça justificante; e tanto mais podeis justificar quanto mais inclinado estais a perdoar. Por isso todo aquele que, detestando os seus erros, tem fome e sede de justiça, pode esperar em Vós, pois justificais o ímpio.

«Ninguém tenha a presunção de pensar que a sua justiça ou a sua santidade bastam para lhe assegurar a salvação. Portanto, corro para Vós, ó Jesus: a Vossa Paixão é o supremo refúgio, o único remédio! Ela socorre-nos quando a nossa sabedoria nos falta, quando a nossa justiça é demasiado fraca e quando são vãos os méritos da nossa santidade. Se a minha fortaleza vacilar, não perderei a coragem. Sei muito bem o que hei-de fazer: tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor. Iluminai os meus olhos, ó Senhor, para que saiba o que Vos agrada e então serei prudente. Perdoai as culpas da minha juventude e da minha ignorância, e serei justo. Guiai-me, ó Senhor, no Vosso caminho, e serei santo. Mas se o Vosso Sangue não intercede por mim, não serei salvo» (S. Bernardo).

280. OS DEZ LEPROSOS

XIII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Jesus Salvador, tenho necessidade de Vós. Curai-me, tende piedade de mim!

1 — No ciclo dos domingos depois do Pentecostes, a Igreja continua a pôr-nos diante dos olhos, ora sob um aspecto ora sob outro, a obra misericordiosa de Jesus para com as nossas almas. Há quinze dias apresentava-

-no-la figurada na cura do surdo-mudo; no domingo passado, na acção piedosa do samaritano; e hoje, na cena comovedora dos dez leprosos curados pelo Senhor. Deste modo a Igreja tem em vista manter desperta em nós a humilde consideração da nossa miséria, da necessidade imensa que temos continuamente da obra redentora de Jesus e, ao mesmo tempo, quer fazer-nos sentir que esta obra está sempre em actividade e que em cada dia e a cada momento vivemos sob o seu influxo. O trecho evangélico (Lc. 17, 11-19) escolhido para a Missa de hoje, põe particularmente em evidência o aspecto central da Redenção: a cura das nossas almas da lepra do pecado. Já na antiguidade a lepra foi considerada como a figura mais adequada para nos dar ideia da fealdade do pecado e, com efeito, seria difícil imaginar coisa mais horrível e repugnante. Todavia ao passo que a lepra do corpo é tão temida, que indiferença e despreocupação entre os cristãos perante a lepra da alma! Como estamos longe do sentimento profundo e realista que os santos tinham da ofensa a Deus! «Ah! — exclama S.ta Teresa — porque não compreendemos que o pecado é uma guerra aberta de todos os nossos sentidos e potências contra Deus! Quem mais pode, mais traições inventa contra o seu Rei» (Ex. 14, 2). Um dos frutos do Evangelho deste dia é precisamente o de despertar nas nossas almas um arrependimento vivo e eficaz das culpas cometidas, e um sentimento de humildade profunda ao reconhecermos a nossa miséria. Vamos nós também juntamente com os dez leprosos ao encontro do Senhor e gritemos-Lhe: «Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!»

2 — O Evangelho de hoje indica-nos também os remédios contra o pecado. Acima de tudo, a humildade

sincera que reconhece a própria miséria; mas a humildade não basta, é preciso que vá acompanhada do recurso confiante a Deus. Os pobres leprosos, conscientes do seu miserável estado, confiaram em Jesus e dirigiram-Lhe a sua súplica cheia de confiança: foi o primeiro passo para a cura. Certas almas choram as suas misérias, afligem-se por causa delas, e contudo não se curam porque não sabem recorrer confiadamente a Jesus, o único médico capaz de as curar. A lembrança das suas culpas retém-nas, quase não se atrevem a aproximar-se dEle, não ousam confiar na Sua misericórdia; estas almas não compreendem que devemos ir a Jesus exactamente porque somos pecadores e que «os são não têm necessidade de médico, mas sim os enfermos» (Lc. 5, 31).

O divino Mestre não curou directamente os pobres leprosos, mas enviou-os aos sacerdotes: «Ide, mostrai-vos aos sacerdotes»; eles obedeceram sem discutir, sem duvidar, «e enquanto iam, ficaram limpos». Assim procede Jesus connosco. É sempre Ele que nos cura, mas ordinariamente quer fazê-lo por meio dos Seus ministros. Algumas almas não têm fé suficiente na palavra e na obra do ministro de Deus, não acreditam bastante na eficácia dos sacramentos, da absolvição sacramental e vivem por isso em contínuas angústias. Quando uma alma expôs com sinceridade o estado da sua consciência sem intenção alguma de enganar, deve ficar tranquila e confiar plenamente no juízo do sacerdote. Neste caso, pôr em dúvida a palavra do ministro de Deus, duvidar da absolvição recebida, equivale a duvidar do próprio Jesus, visto que Ele decidiu agir em nós por meio da acção dos Seus representantes.

Dos dez leprosos curados só um sentiu o dever de

voltar atrás a fim de exprimir o seu reconhecimento ao Senhor. «Feliz a alma — comenta S. Bernardo — que a cada dom da graça de Deus se volta para Aquele que, à nossa gratidão pelos benefícios recebidos, responde com novos benefícios. O que nos impede de progredir na vida cristã, é a ingratidão, porque Deus considera como perdido aquilo que recebemos sem reconhecimento e abstém-Se de nos conceder novas graças».

Colóquio — «Ó Senhor, médico das almas, sarai-me para que Vos confesse, ó Saúde da minha alma e Vos agradeça com todo o meu coração, os benefícios com que me sustentastes desde a minha juventude e me sustentareis até ao declinar da velhice. Rogo-Vos que me não abandoneis, pela Vossa bondade. Vós fizestes-me quando eu não existia; quisestes-me remir quando eu estava perdido e morto; descestes até ao morto; assumistes a mortalidade; sendo Rei, viestes ao servo para o remir e destes-Vos a Vós mesmo a fim de que eu visse; sofrestes a morte, vencestes a morte e, humilhando-Vos, restaurastes-me.

«Eu perecia, estava longe, imerso nos pecados; Vós viestes a mim para me remir e tanto me amastes que destes o Vosso Sangue por mim. Amastes-me, ó Senhor, mais do que a Vós mesmo, pois quisestes morrer por mim. Com tal pacto a um tão elevado preço, reconduzistes-me do exílio, libertastes-me da servidão, arrancastes-me ao suplício, chamastes-me com o Vosso nome, marcastes-me com o Vosso Sangue, para que sempre estivesse em mim a Vossa memória e nunca se apartasse do meu coração Aquele que por mim não Se retirou da cruz. Ungistes-me com o Vosso óleo, o mesmo com que fostes unguido, a fim de que por Vós, ó Cristo, eu

fosse chamado cristão. Assim, a Vossa graça e a Vossa misericórdia preveniram-me sempre. De muitos e graves perigos me livrastes muitas vezes, ó meu Libertador, e quando me extraviei logo me reconduzistes ao bom caminho; quando jazia na ignorância, ensinastes-me; quando pequei, corrigistes-me; quando estive triste, consolastes-me; quando desesperei, confortastes-me; quando caí, levantastes-me; quando estava de pé, sustentastes-me; quando caminhava, guiastes-me; quando cheguei, recebestes-me; quando dormia, guardastes-me; quando Vos invoquei, ouvistes-me» (S.to Agostinho).

281. JUSTIÇA E RELIGIÃO

Ajudai-me, Senhor, pela Vossa santa graça a prestar-Vos toda a homenagem de que sou capaz.

1 — A justiça leva-nos a dar a cada um o que lhe é devido. Mas quando se trata de Deus, é evidente que nunca conseguiremos dar-Lhe tudo o que Lhe devemos, corresponder suficientemente aos Seus dons ou prestar-Lhe o culto e a homenagem a que tem direito a Sua infinita majestade. Se nós podemos satisfazer as nossas obrigações a respeito do próximo na medida requerida pela justiça, não o poderemos nunca acerca das obrigações para com Deus. Por mais que o homem faça, ficará sempre imensamente abaixo daquilo que a justiça exige. Por isso a justiça para com Deus resume-se numa necessidade imperiosa de se dar a Ele sem restrição, sem reserva, sem medida, sem cálculo. Por outras palavras, a justiça para com Deus impele-nos à doação total de nós mesmos, para Lhe rendermos, ao

menos, toda a homenagem de que Ele nos tornou capazes pela Sua graça.

Devemos refugiar-nos em Jesus porque a nossa justiça é insuficiente, porque Ele «foi feito para nós justiça» (I Cor. 1, 30), não somente no sentido de que nos justificou do pecado, mas também porque veio à terra a fim de render ao Pai, em nome de toda a humanidade, um culto digno dEle. Portanto em Jesus, nas Suas chagas, no Seu Sangue precioso, devemos procurar o que precisamos para suprir a nossa insuficiência e satisfazer as nossas dívidas para com Deus, e encontrá-lo-emos em superabundância. Mesmo consagrando-nos totalmente ao serviço e ao culto do Senhor, somos sempre servos inúteis, somos sempre grandes devedores, mas esta situação, em vez de nos abater, deve ser um grande estímulo para nunca nos determos na nossa entrega a Deus e, ao mesmo tempo, deve levar-nos a recorrer a Jesus, nosso Salvador e Mediador, com imensa confiança.

2 — A virtude da religião é a que nos leva a prestar a Deus a homenagem e o culto devidos; neste sentido relaciona-se com a virtude da justiça, cujas condições, porém, não pode satisfazer plenamente, mas da qual procura aproximar-se o mais possível. A nossa religião só se torna capaz de honrar a Deus duma forma digna dEle, enquanto participa da religião de Cristo, quer dizer, enquanto se associa às homenagens, às adorações, aos louvores e aos oferecimentos que se elevam do Seu Coração ao Pai celeste. Jesus foi o religioso por excelência, no sentido de que todos os Seus affectos, a Sua actividade, a Sua vontade, foram orientados para a glória do Pai e para o Seu serviço, visto que a Sua vida inteira foi um acto contínuo de culto, de religião. «Não sabíeis que

devo ocupar-me das coisas de meu Pai?» (Lc. 2, 49); eis a disposição fundamental do Seu espírito. Jesus, que no segredo do Seu Coração, adora sem cessar a Trindade, que muitas vezes exprime também exteriormente a Sua oração levantando os olhos ao céu e invocando o Pai, que passa grande parte da noite em colóquios solitários com Ele, que pontualmente Se dirige ao templo de Jerusalém para todos os actos de culto externo prescritos pela Lei, que morre na cruz para oferecer à Trindade um sacrifício digno d'Ela, mostra-nos em que consiste a verdadeira virtude da religião. Acima de tudo é culto interno, porque «Deus é espírito, e em espírito e verdade é que O devem adorar os que O adoram» (Jo. 4, 24), mas é também culto externo, porque todo o nosso ser incluindo o nosso corpo, deve tomar parte nas homenagens que devemos prestar a Deus.

Os religiosos que, por meio dos votos, se consagram totalmente ao serviço de Deus, praticam no mais alto grau a virtude da religião com a condição, porém, de viverem os seus compromissos «em espírito e verdade». Mas aquele que não está ligado por votos deve procurar, em todas as suas acções, ter sempre em vista a glória, a honra e o serviço de Deus e por isso deve realizá-las de modo a poderem ser-Lhe apresentadas como actos de homenagem, de oferecimento, de sacrifício. Assim, a virtude da religião, em vez de se limitar unicamente às horas de oração, abrange toda a nossa vida, transformando-a à imitação da de Jesus e em união com ela, num acto contínuo de homenagem a Deus.

Colóquio — «Que Vos darei, Senhor, em troca de todos os Vossos dons? A razão e a justiça natural exigem que eu me dê inteiramente a Vós de quem recebi

tudo o que sou e ordenam-me que Vos ame com todas as minhas forças. Mas a fé ensina-me que Vos devo amar ainda mais e tanto mais quanto os Vossos dons me excedem a mim próprio: Vós destes-me, com efeito, não só o meu ser, mas ainda, por graça, o Vosso ser.

«Se já por ter sido criado, me devo dar inteiramente a Vós, que mais acrescentarei em troca da minha redenção? Na criação Vós destes-me a mim mesmo; na redenção Vós destes-Vos a mim e, dando-Vos, restituistes-me a mim mesmo. Dado e logo restituído, eu devo-me a Vós em troco de mim e devo-me duas vezes. Porém, que Vos poderei dar, ó meu Deus, a troco de Vós mesmo? Mesmo que eu me pudesse entregar a Vós mil vezes, que sou eu comparado conVosco?

«Eu Vos amarei, ó Senhor, amar-Vos-ei a Vós que sois a minha força, o meu apoio, o meu refúgio, o meu libertador. Eu Vos amarei pelos Vossos dons e segundo a minha medida, inferior certamente à medida justa, mas não inferior à minha capacidade de Vos amar. Saberei, sem dúvida, amar-Vos mais quando Vos dignardes dar-me mais amor, contudo não Vos amarei nunca tanto quanto mereceis. Os Vossos olhos viram a minha imperfeição, mas no Vosso livro estarão inscritos os que fazem tudo o que podem, mesmo que não possam fazer tudo o que devem» (S. Bernardo).

«Invoco-Vos, ó Pai omnipotente, pela caridade do Vosso Filho omnipotente, nem sei que outro intercessor poderia encontrar senão este, que se fez propiciação pelos pecados. Peço-Vos por intermédio dEle, Sumo Sacerdote, Pontífice verdadeiro e bom Pastor, o qual Se ofereceu a Si mesmo em sacrificio, dando a vida pelo Seu rebanho; peço-Vos por intermédio dEle que está sentado à Vossa direita e intercede por nós, a fim de

que me concedais a graça de Vos bendizer e glorificar em união com Ele, com muita compunção de coração, com muitas lágrimas, com muita reverência. Eis o meu Advogado junto de Vós, ó Deus Pai, eis a Hóstia Santa, agradável a Vós, perfeita, oferecida em odor de suavidade e por Vós aceite» (S.to Agostinho).

282. PIEDADE E DEVOÇÃO

Ó Deus, nosso Pai, infundi em mim o verdadeiro espírito de piedade e de devoção.

1 — A religião cristã não se limita às simples relações da criatura com o seu Criador. Dada a distância infinita que separa os dois termos, estas relações permaneceriam unicamente no domínio da reverência e do respeito sem nenhum carácter de intimidade, sem nenhum impulso confiante para Deus. O cristão sabe que está ligado a Deus não só pelo laço da criação, já de si tão grande, mas também pela sua elevação ao estado sobrenatural e pela Redenção. O cristão sente-se não só criatura, mas filho de Deus remido por Cristo, e isto confere às suas relações com Deus aquele sentimento de piedade filial que é a alma de toda a sua religião. Contemplemos Jesus nas Suas relações com Deus: Ele sente-Se *Filho*, *Filho* que vive pelo Pai de quem recebeu a existência: «o Pai... enviou-me e eu vivo pelo Pai» (Jo. 6, 58); *Filho* que não tem outro ideal senão o de cumprir a vontade do Pai, à qual adere com todo o ímpeto do Seu coração: «Assim é, ó Pai, porque assim foi do Teu agrado» (Mt. 11, 26); *Filho* que em todas as Suas acções tem unicamente em vista o beneplácito do Pai: «faço sempre o que

é do Seu agrado» (Jo. 8, 29). Jesus, o Unigénito do Pai, o único Filho de Deus por natureza, tornou-nos participantes, pela graça, da Sua filiação divina de tal modo que nos podemos «chamar e somos efectivamente, filhos de Deus» (cfr. I Jo. 3, 1); e se o somos é muito justo que procuremos participar também nos sentimentos de piedade filial de Cristo para com o Pai celeste. Esta é a nota característica dada pelo divino Mestre à nossa religião: «Vós, pois — ensinou-nos Ele — orai assim: Pai nosso que estais no céu» (Mt. 6, 9). Não quer que nós consideremos e invoquemos Deus senão como Pai: o Pai que providencia a todas as nossas necessidades; o Pai que quer ser invocado em segredo e que em segredo escutará as nossas súplicas; o Pai que quer ser honrado pela observância dos mandamentos e Se compraz em fazer a Sua morada nas almas que O amam. A paternidade divina é o centro da religião cristã e a esta paternidade deve corresponder da nossa parte um sentimento de profunda piedade filial: amar a Deus como um filho ama o seu pai, procurando dar-Lhe prazer em tudo. A piedade é verdadeiramente o coração da nossa religião.

2 — Se Deus quis elevar-nos ao estado de filhos Seus, é justo que vivamos como tais e não como servos. O servo faz só o que é estritamente necessário para obter o salário, para não ser despedido; o filho, ao contrário, não se preocupa com a recompensa, mas, amando ternamente o pai, põe-se à sua disposição sem reservas, sem restrições. O servo é preguiçoso, interesseiro, avaro, procura poupar-se o mais possível e não quer dar ao patrão nada mais do que o combinado. O filho não procede assim: para ele não há tempo de trabalho ou de

folga, para ele não há nada demasiado fatigante quando se trata de dar gosto a seu pai e, sempre disposto a cumprir as suas ordens, sempre atento aos seus desejos, é feliz por poder repetir a cada instante: «Eis que venho... para fazer a Vossa vontade» (*Hebr.* 10, 7). Deste modo, nas nossas relações com Deus, a piedade filial leva-nos à *devoção* que é «a vontade de fazer com prontidão tudo o que diz respeito ao serviço de Deus» (IIª IIªe, q. 82, a. 1, co.).

Tanto a piedade como a devoção podem estar vivas na alma, mesmo que esta se sinta árida e fria na parte sensível, a ponto de realizar todos os seus exercícios de oração e de virtude sem experimentar a mínima doçura ou consolação, mas sentindo antes forte repugnância.

Isto não nos deve assustar; S. Tomás ensina que a devoção é um *acto da vontade*, o qual pode subsistir apesar da aridez, da tibieza, da repugnância e até das rebeliões da parte inferior. O próprio S. Paulo, embora tivesse sido elevado ao terceiro céu, ainda não estava inteiramente livre destas misérias e confessava: «deleito-me na lei de Deus segundo o homem interior; mas vejo nos meus membros outra lei que se opõe à lei do meu espírito» (*Rom.* 7, 22 e 23). E como S. Paulo, não obstante estas resistências da parte sensível, não estava privado de verdadeira piedade e de verdadeira devoção, do mesmo modo a alma que, apesar de tudo, mantém firme a decisão da vontade de se entregar com prontidão ao serviço de Deus, não está privada delas. *Devoção* — que deriva do latim *devoveo* — significa precisamente consagração à divindade; e a alma dá-se inteiramente a Deus, não pelos ímpetos e entusiasmos do sentimento, mas pelo acto da vontade. Quando a

devoção carece de todo o atractivo pelas coisas divinas, «vale o dobro, porque a alma realiza igualmente as obras que deve fazer e, além disso, domina o apetite sensível com a força da vontade» (Ven. João de J. M. o.c.d.).

Colóquio — «Ó Deus altíssimo que quisestes ser meu Pai, fazei que eu seja verdadeiramente um filho devoto e amante, atento e dócil aos Vossos convites, desejoso de Vos servir e de Vos dar prazer em todas as coisas. Ó Vós que tendes para mim um coração de Pai, criai em mim um coração de filho, um coração isento de temor servil, mas rico de temor filial, um coração desinteressado e generoso, que tema uma só coisa: ofender-Vos; que deseje uma só coisa: dar-Vos gosto.

«Que a Vossa vontade seja o meu querer, a minha paixão, a minha honra! Fazei que eu a busque, a encontre e a cumpra. Mostrai-me os Vossos caminhos, indicai-me as Vossas veredas. Ó Pai, Vós tendes designios sobre mim; manifestai-mos claramente e fazei que eu os cumpra até obter a salvação da minha alma. Fazei que me seja amarga toda a alegria sem Vós, impossível todo o desejo fora de Vós, insuportável todo o repouso longe de Vós, doce qualquer trabalho feito por Vós.

«Fazei, Senhor, que a minha piedade não seja já um hábito, mas um contínuo impulso do coração... e que o meu espírito, incapaz de Vos desconhecer, ardente em Vos procurar, Vos saiba encontrar, ó Pai benigníssimo.

«Ah! não permitais que Vos desagrade o meu falar! Que, confiante e sereno, eu espere as Vossas respostas, descanse na Vossa palavra!» (S. Tomás).

Acolhei-me, ó Pai, no Vosso abraço, recebei-me na

Vossa intimidade! Fazei, eu Vos suplico, que o meu coração não se desencaminhe quando Vós o deixais nas trevas e no desânimo, mas que, sustentado pela graça, persevere sempre em Vos procurar e em Vos servir de boa vontade.

283. A GRATIDÃO

Dai-me, Deus meu, um coração reconhecido, capaz de cantar eternamente as Vossas misericórdias.

1 — Como somos incapazes de satisfazer, segundo a justiça, as nossas dívidas para com Deus, devemos ao menos procurar supri-las com a gratidão. Até o mendigo mais miserável, que nada tem para dar em troca da esmola recebida, tem sempre a possibilidade de reconhecer o benefício e de se mostrar agradecido para com o seu benfeitor. É esta a nossa situação perante Deus: não temos nada de nosso, tudo o que somos e possuímos é dom Seu e para corresponder à Sua liberalidade infinita, para Lhe cantarmos o nosso reconhecimento, unicamente nos podemos servir dos Seus mesmos dons. «Por tudo dai graças porque esta é a vontade de Deus em Jesus Cristo em relação a todos vós» (I Tess. 5, 18): Deus, que nos outorga benefícios com liberalidade infinita, tem todo o direito de exigir o nosso reconhecimento. Todavia, o que é uma necessidade espontânea da alma humilde e delicada, é um dever muitas vezes descuidado mesmo pelos bons, pelos mais beneficiados. Jesus queixou-Se disto depois de ter curado os dez leprosos; só um voltou atrás para Lhe agradecer: «Os outros nove onde estão? Não se encontrou quem vol-

tasse e desse glória a Deus senão este estrangeiro?» (Lc. 17, 17 e 18). É significativo o facto de que os ingratos fossem precisamente os nove judeus os quais, sendo compatriotas do Senhor, se achavam numa situação privilegiada ao lado do estrangeiro. As vezes as almas que Jesus chamou a viver perto de Si, a quem deu uma vocação privilegiada, são também as menos gratas. Quase parece que a multiplicidade das graças recebidas diminui a sua sensibilidade perante os dons divinos, parecendo até que já não advertem nem a grandeza nem a total gratuidade desses dons e a veia espontânea do reconhecimento seca nos seus corações. «Oh! como aos que são ingratos — exclama S.ta Teresa — prejudica a grandeza das mercês recebidas!» (Ex. 3, 2). A ingratidão redundando sempre em desvantagem para a alma que por ela está contaminada; recordemos, por exemplo, o dano irreparável sofrido pelos nove leprosos por não terem voltado atrás a agradecer a cura obtida. Não tiveram, como o único reconhecido, a alegria de ouvir dizer a Jesus: «A tua fé te salvou» (Lc. 17, 19). A falta de reconhecimento privou-os da saúde da alma, graça imensamente mais preciosa do que a saúde do corpo.

2 — «A ingratidão — diz S. Bernardo — é inimiga da alma, a ruína dos méritos e das virtudes, a perda dos benefícios. É um vento abrasador que seca a fonte da piedade, o rocío da misericórdia, as torrentes da graça». O reconhecimento, pelo contrário, atrai novas graças e novos dons, inclina para as almas a liberalidade infinita. Mas deve ser um reconhecimento sincero, cordial, que se estenda a todos os benefícios divinos: «Nenhum dom de Deus, por maior ou menor que seja, deve ficar sem acção de graças. Nem sequer o mais

insignificante benefício deve ser esquecido» (ib.). Esta gratidão sincera floresce somente num coração humilde, convicto da própria indigência e profundamente persuadido de que nada é e nada pode sem o contínuo socorro divino. Com efeito, não é impossível que alguém dê graças a Deus com a boca, atribuindo no entanto ao próprio mérito, no segredo do seu coração, as graças recebidas. Tal era o falso agradecimento do fariseu: «Graças te dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens» (Lc. 18, 11); do contexto ressalta claramente que aquele homem orgulhoso estava muito longe de reconhecer o seu nada e de atribuir unicamente ao dom de Deus o pouco bem que nele podia haver. A alma humilde adopta uma posição totalmente diferente; ainda que consiga fazer o bem e praticar a virtude, está convencida de que tudo é fruto da graça, e então não somente os grandes benefícios divinos, mas também as menores acções que pratica, são-lhe contínua ocasião de dar graças a Deus de quem reconhece ter-lhe vindo todo o bem. Que dizer, pois, da sua gratidão por cada Missa, por cada Comunhão, por cada Confissão? Cada uma destas graças, ainda que se repita mil vezes, encontra essa alma sempre viva, sempre desperta para o reconhecimento, como se se tratasse de um dom inteiramente novo. E na realidade é assim: cada sacramento, cada auxílio divino, cada graça actual, cada ajuda espiritual ou material, traz consigo novas graças de vida espiritual, de amor. Bem-aventurada a alma que o sabe reconhecer, dando por tudo louvores a Deus! Se a imensidade dos benefícios divinos não produz em nós frutos proporcionados, a causa é talvez a pouca gratidão e se queremos descobrir a raiz do mal, quase sempre reconheceremos que provém da pouca humildade.

Colóquio — «Graças, graças Vos sejam dadas, ó Pai eterno, que não desprezastes a Vossa criatura, nem apartastes de mim a Vossa face, nem rejeitastes os meus desejos. Vós, luz, não desdenhastes as minhas trevas; Vós, vida, não Vos afastastes de mim que sou morte; Vós, o médico, não deixastes de tratar as minhas enfermidades. A Vossa sabedoria, a Vossa bondade, a Vossa clemência e o Vosso bem infinito não me desprezaram por todos estes e outros infinitos males e defeitos que há em mim. Quem Vos constrangeu a amar-me e a conceder-me tantas graças? Não foram as minhas virtudes, mas só a Vossa caridade. Fazei, pois, que a minha memória seja capaz de reter os Vossos benefícios e a minha vontade arda no fogo da Vossa caridade.

«Ó Amor inestimável, admiráveis são as coisas que operastes na Vossa criatura! Ó minha alma, cega e miserável, onde está o grito da gratidão, onde estão as lágrimas que deverias derramar na presença do teu Deus que te solicita continuamente? Onde estão os anelantes desejos na presença da divina piedade? Não estão em mim, porque ainda não me perdi a mim mesma. Se eu me tivesse perdido e Vos tivesse procurado só a Vós, ó Deus, só a glória e o louvor do Vosso nome, o coração sair-me-ia pela boca num hino de agradecimento.

«Graças, graças Vos sejam dadas, ó alta e eterna Trindade! Eu sou aquela que não é, e Vós Aquele que é. Portanto, rendei Vós graças a Vós mesmo, dando-me a mim o poder de Vos louvar. Perdoai, ó Pai, perdoai a esta miserável, a esta ingrata pelos imensos benefícios de Vós recebidos. Confesso que a Vossa bondade me conservou Vossa esposa, se bem que pelos meus defeitos, Vos tenha sido sempre infiel» (S.ta Catarina de Sena).

284. A SINCERIDADE

Dai-me, ó Senhor, um coração simples e sincero, amante da verdade, que busque e deseje a verdade a todo o custo.

1 — «Senhor — pergunta o Salmista — quem terá a sua morada no Vosso tabernáculo? Quem habitará no Vosso monte santo?» E responde: «O que anda sem mancha e pratica a justiça e pensa o que é recto no seu coração» (*Sal.* 14, 1 e 2). Deus é verdade e ninguém pode ser admitido à Sua intimidade se não procura o mais possível viver na verdade, ser verdadeiro em toda a sua conduta. Acima de tudo devemos procurar a verdade no íntimo do coração a fim de nos podermos conhecer tais quais somos na realidade, tais quais somos na presença de Deus, despojados de toda a máscara, de tudo o que é artificial. Devemos por isso aceitar não só as verdades que nos agradam, mas também as que nos desagradam, as que ferem ao vivo o nosso amor próprio, descobrindo os nossos defeitos e as nossas más inclinações. A alma sincera nunca fecha os olhos diante destas verdades, mas, ainda que sejam para ela humilhantes, aprecia-as, sabendo que vale muito mais a humilhação que nos põe na verdade, do que a ilusão que, lisongeando o nosso orgulho, nos deixa na mentira.

Exactamente para nos pôr na verdade, para nos dar a conhecer o que na realidade somos, Deus permite às vezes circunstâncias difíceis nas quais o exercício da virtude se torna particularmente duro e fatigante; sob o choque das contrariedades, a alma vê surgir em si movimentos de impaciência, de cólera, de rebeldia, de egoísmo, antes desconhecidos e dos quais imaginava estar já liberta. Em semelhantes casos, em lugar de desviar os

olhos, é preciso ter coragem para reconhecer e confessar, com humildade e franqueza, todas as suas misérias. S. João da Cruz fala de certas almas piedosas que, nas suas confissões, «vão colorindo hábilmente os seus pecados para não parecerem tão más e não serem menos estimadas pelo confessor, o que é antes irem desculpar-se do que acusar-se» (cfr. N. I, 2, 4). A alma amante da verdade está muito longe de proceder assim, e nas suas confissões, embora só tenha de confessar pecados veniais e imperfeições, tudo expõe com grande sinceridade, sem floreios, sem artificiosas atenuantes, nunca atribuindo às circunstâncias, mas exclusivamente a si mesma, tudo quanto encontra de defeituoso no seu interior. E esta lealdade em confessar as suas fraquezas é o primeiro passo para se libertar delas.

2 — Ainda que uma alma seja pouco sincera na sua vida interior, nas suas relações com Deus, no entanto jamais O poderá enganar e a sua falta de sinceridade reverterá unicamente em seu prejuízo. Mas nas relações com o próximo não sucede o mesmo: a falta de sinceridade pode facilmente ocasionar-lhe dano, quanto mais não seja o de o enganar. Por isso não só a caridade, mas também a justiça, exige que se use, nas relações com o próximo, a máxima sinceridade. «Renunciando à mentira — exorta S. Paulo — fale cada um a seu próximo a verdade, pois somos membros uns dos outros» (Ef. 4, 25); em virtude dos laços naturais e, mais ainda, dos sobrenaturais que o ligam a nós, o próximo tem todo o direito a não ser enganado quer pelas nossas palavras, quer pelas nossas acções.

Para ser sincero é necessário, acima de tudo, que as nossas palavras correspondam ao nosso pensamento.

Estar convencido duma coisa e afirmar outra com o fim de enganar, é directamente contrário à verdade e, portanto, ofensa a Deus, Verdade infinita. Isto é absolutamente inadmissível numa alma que aspira à união com Deus. Como poderia a mentira pretender unir-se à Verdade suprema? E no entanto, se bem que de um modo mais subtil e mais leve, certas faltas de sinceridade não estão de todo ausentes da conduta das almas devotas: pequenos rodeios, palavras ditas artificialmente para se esquivar a uma repreensão justa, para ocultar um erro que não se quer reconhecer, ou também para atrair algum louvor ou admiração... e tudo isto por vaidade, respeito humano, para evitar uma humilhação ou um aborrecimento. Procedimentos mesquinhos, indignos de um espírito franco e nobre! Qualquer falta de sinceridade, por pequena que seja, desagrade muito ao Senhor numa alma que se Lhe entregou e constitui um sério obstáculo ao seu progresso espiritual. S.ta Margarida Maria escreve: «Se visse uma alma adornada com todas as virtudes menos a da sinceridade, e se soubesse que era favorecida com grandes graças, tudo nela me pareceria engano e ilusão».

Porém não basta sermos sinceros nas palavras, importa sê-lo também nas acções e em toda a nossa conduta. A conduta sincera é a que nos mostra tais quais somos, sem affectação, sem querer parecer o que não somos. Palavras e acções devem exprimir a verdade procurada e amada interiormente. A sinceridade não manda revelar a toda a gente o que nós pensamos ou sabemos — aliás seria contrário à prudência e a outras virtudes — mas exige que tudo quanto manifestamos por palavras, por acções e até pelo silêncio, corresponda à verdade.

Colóquio — «Ó Senhor, para chegar a Vós, que sois caminho, verdade e vida, é preciso ir pela senda da verdade, sem fingimento ou dissimulação alguma, renunciando à razão obscurecida pelo amor próprio e pelo respeito humano. É necessário proceder com simplicidade, morrendo inteiramente a si mesmo e às criaturas. Ensinai-me, pois, ó Verdade eterna, a proceder com grande simplicidade e sinceridade. Fazei que a minha alma, simples como a pomba, voe sempre para Vós, para se aninhar no Vosso peito e aí se nutrir do conhecimento de Vós e de si mesma para que, detestando a sua malícia, não encontre em si coisa alguma na qual se possa saciar e por isso não possa estar longe de Vós, não achando descanso fora de Vós. Ensinai-me a caminhar bem a direito pelo caminho da verdade, sem parar, mas avançando sempre, apressando-me e correndo sempre velozmente para Vos seguir, Verdade eterna, meu guia e meu caminho» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó Senhor, que a Vossa verdade me ensine, me guarde e me guie para a salvação e me livre de todo o affecto impuro. A Vós confesso os meus pecados com profunda dor e pena, não permitais que me ensoberbeça por ter feito alguma boa obra; não passo de um pecador, sujeito a inúmeras paixões e delas escravo. Por minha natureza tendo sempre para o mal: fàcilmente caio, fàcilmente sou vencido, fàcilmente me perturbo e me abato. Não tenho absolutamente nada de que me possa gloriar, mas muito de que me deva humilhar e na Vossa presença valho muito menos do que aquilo que imagino.

«Ensinai-me, Senhor, a admirar a Vossa verdade eterna e a desprezar a minha nulidade» (*Imit.* III, 4, 2-4).

285. A SIMPLICIDADE

Dai-me, Senhor, um coração simples, sem duplicidade nem rodeios; um coração que tenda para Vós com a simplicidade de uma criança.

1 — A simplicidade é uma virtude muito semelhante à sinceridade; supõe-na como base indispensável e, quando é perfeita, ultrapassa-a, chegando a abranger toda a vida moral do homem e a reduzi-la à unidade. A simplicidade exclui toda a forma de duplicidade e de complicação provenientes do egoísmo, do amor próprio ou do apego a si mesmo e às criaturas e, por conseguinte, impele a alma numa única direcção, Deus: viver para Ele, para Lhe agradar, para Lhe dar glória. Toda a vida espiritual consiste nesta simplificação progressiva que vai a par da purificação interior: quando uma alma está perfeitamente purificada de todas as paixões e de todos os apegos, fica reduzida então à simplicidade perfeita, àquela simplicidade que a faz viver unicamente de Deus e para Deus. Para atingir esta meta, devemos deixar-nos guiar em toda a nossa vida por uma única luz, apoiar-nos numa única força, tender para um único fim: Deus.

A alma que deseja adquirir a santa simplicidade não admite nenhuma luz além da que vem de Deus, que é Deus mesmo; por isso rejeita as razões do amor próprio e do egoísmo, repele os reflexos deslumbrantes, mas falsos, das paixões e das máximas do mundo, reconhecendo que tudo é escuridão e engano, excepto a luz da verdade que só pode vir de Deus, da Sua lei, do Evangelho. Julga todas as coisas à luz da fé, vendo a mão de Deus em cada circunstância, em cada acontecimento, até nos mais penosos, e valendo-se de tudo

para ir para Ele, sem perder o tempo a raciocinar sobre a conduta das criaturas, pois isso complica a vida e cria obstáculos ao exercício da virtude. Nada a retém no seu rápido caminhar porque encontra em Deus não só a luz para discernir o caminho recto, mas também a força para avançar por ele. A cada instante e a cada passo da sua vida, a alma simples apoia-se em Deus, buscando nEle o seu único amparo e a sua única força. Isto não a impede de se servir também da ajuda de pessoas sensatas e prudentes, mas fá-lo com desapego, sem se perturbar nem agitar quando o Senhor permite que estas lhe faltem. Seja como for, em qualquer circunstância e com plena confiança, procura sempre em Deus o seu primeiro apoio, convencida de que somente nEle achará a força necessária para sustentar a sua fraqueza e de que esta força nunca lhe será negada.

2 — Em todas as suas acções, a alma simples visa um único fim: Deus; e tem uma única intenção: servir a Deus, agradar-Lhe, dar-Lhe gosto. Por isso tem muito cuidado para que na sua conduta não se infiltrem segundas intenções, como por exemplo, a de fazer boa figura, de atrair a estima dos outros, de satisfazer um pouco a sua curiosidade ou preguiça, a sua honra ou o seu egoísmo. Estas segundas intenções assemelham-se às pequenas raposas de que fala o «Cântico dos Cânticos», as quais penetram sornateiramente na vinha florida da alma, devastando as flores e os frutos das boas obras. Quantas acções boas, começadas por amor de Deus, perdem pelo menos metade do seu valor, porque a meio do caminho são contaminadas por alguma segunda intenção insuficientemente reprimida e rectificada! E quantas outras de boas se transformam em

más por falta de recta intenção! A alma simples declarou guerra a tudo isto e repete com S. Francisco de Sales: «Meu Deus, se eu soubesse que uma só fibra do meu coração não palpitava por Vós, arrancá-la-ia imediatamente e lançá-la-ia para longe de mim». A grande pureza de intenção torna simples todas as suas palavras e acções, reflectindo sem sombras os seus pensamentos e as suas intenções. A sua linguagem é simples: «sim, sim; não, não» (Mt. 5, 37); a sua conduta é simples: faz o que deve, sem se esconder nem dissimular. Nada teme porque só busca a Deus e a Sua aprovação; age portanto com a santa liberdade dos filhos de Deus, sem respeitos humanos, sem se preocupar com o juízo e o favor das criaturas: «O Senhor é quem me julga» (I Cor. 4, 4), diz S. Paulo, e prossegue o seu caminho de olhos postos só em Deus. Assim, livre de embaraços e preocupações inúteis, a alma simples vai para Deus rápida e direita como uma seta. A única luz, a única força, o único fim da sua vida, é Deus e justamente por isso, toda a sua conduta adquire uma luminosidade, um vigor, uma unidade maravilhosa, pálido reflexo das perfeições divinas.

Colóquio — «Fazei, Senhor, que eu possa ir para Vós pelo caminho recto da verdade e da simplicidade! Concedei à minha alma aquela intenção recta, aquele único olhar que só a Vós deseja agradar e não se preocupa com as interpretações dos outros acerca do seu modo de actuar.

«Dai-me um olhar de fé para Vos ver só a Vós nos meus superiores a fim de que trate com eles com franqueza, respeito, estima e confiança, obediência e docilidade.

«Fazei que, no que me diz respeito, eu saiba ir direita ao centro do meu nada e me conserve nesta posição sem me dobrar sobre mim, eliminando todo o escrúpulo e melancolia, toda a perturbação. Ensinai-me a ir direita ao centro mais profundo da minha alma onde Vós habitais.

«Fazei que, ao tratar com o próximo, siga sempre o caminho recto do amor de pura benevolência, amando-Vos nele, sem busca de satisfações naturais.

«No meio das vicissitudes da vida e das coisas imprevistas, ensinai-me a ir directamente aonde a Vossa vontade me chama, sem curiosidade nem distrações. Ensinai-me a percorrer o caminho recto do amor que não conhece demoras, da simplicidade que não conhece desvios, da verdade que não conhece enganos, da obediência que não conhece réplicas, da pureza que não conhece a fascinação das criaturas, do recolhimento que não conhece distrações.

«É este o caminho que Vos agrada, ó Jesus, que quisestes chamar-Vos caminho rectíssimo: *'Ego sum via rectissima'* (Imit. III, 56, 1). Este é o caminho que conduz ao Pai, porque Vós dissestes: 'Ninguém vai ao Pai senão por mim'. Este é o caminho por onde nos guia o Espírito Santo, já que a Sabedoria 'conduz o justo por caminhos rectos'.

«Por isso, ó Deus, peço-Vos com fervor e com um desejo cheio de confiança: criai em mim um coração puro e renovai em mim o Vosso Espírito. Que o Vosso Espírito bondoso me guie pelo caminho recto!» (Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

286. A FORTALEZA

Ensinai-me, Senhor, a agir varonilmente, confiando em Vós.

1 — «O reino dos céus adquire-se à força» (*Mt.* 11, 12). Não bastam os bons propósitos nem os bons desejos para nos tornarmos santos, é preciso pô-los em prática; e é nesta prática que se encontram as maiores dificuldades perante as quais muitas vezes as almas páram desanimadas ou, pelo menos, retrocedem no caminho empreendido. São almas fracas que se assustam com a fadiga, o esforço, a luta; são almas a quem falta, ou pelo menos, escasseia a virtude da fortaleza. Esta virtude é que nos torna capazes de enfrentar e suportar qualquer dificuldade, qualquer dissabor ou sacrifício que possamos encontrar no cumprimento do dever. Dificuldades e sacrifícios que nunca faltarão porque «larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição... estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida» (*Mt.* 7, 13 e 14). Portanto, do mesmo modo que seria uma ilusão pretender achar fácil e cómodo o caminho do bem, seria também ilusão julgar poder caminhar por ele sem um assíduo exercício da virtude da fortaleza. Além disso, quanto mais uma alma aspira a uma maior perfeição, tanto mais forte e corajosa deve ser, já que serão maiores as dificuldades que terá de enfrentar.

Quando Jesus quis fazer o elogio do Precursor, disse: «Que fostes ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento?» (*Mt.* 11, 7); não, João Baptista não era um fraco, susceptível de ser sacudido pelo vento das dificuldades, mas um forte que, para defender a lei de Deus, não teve receio de incorrer na desgraça do

seu rei e soube afrontar o martírio com coragem. Noutra parte, falando da vitória sobre o mal e sobre o demónio, Jesus traçou o elogio do homem forte: «Quando um homem valente, armado, guarda a entrada da sua casa, estão em segurança os bens que possui» (Lc. 11, 21). É a imagem da alma que tem a virtude da fortaleza: está bem armada e nenhuma luta, nenhuma tentação, nenhum obstáculo lhe poderão meter medo; apesar de tudo isso permanecerá segura e tranquila porque vai buscar a sua força ao próprio Deus.

2 — «Sua Majestade — afirma S.ta Teresa de Ávila — quer e é amigo de almas corajosas porque caminham em humildade e não têm nenhuma confiança em si mesmas» (Vi. 13, 2). A fortaleza cristã não é temeridade nem presunção das próprias forças, mas baseia-se em Deus e nos grandes dons que Ele outorgou ao homem. Se o homem não é nada por si mesmo, é contudo grande por aquilo que Deus lhe fez e lhe deu, pela dignidade altíssima que lhe conferiu: na ordem natural foi posto à frente do governo do mundo, todas as demais criaturas lhe foram submetidas e ele deve servir-se delas para melhor conhecer e amar a Deus; na ordem sobrenatural recebeu a vocação altíssima de filho de Deus, foi chamado por Ele a participar da Sua vida e da Sua felicidade eternas. Para alcançar esta meta foi-lhe dada a graça, que não é só vida e luz sobrenaturais, mas também força divina, força infundida nele para curar as debilidades da sua natureza, para corroborar a sua vontade e torná-la assim capaz de cumprir todos os deveres inerentes à sua vocação. No baptismo, juntamente com as outras virtudes infusas, recebeu a virtude da fortaleza, participação da fortaleza

divina, depositada na sua alma como um gérmen capaz de se desenvolver até à perfeição total. O fundamento da fortaleza cristã está, pois, nos dons naturais e sobrenaturais recebidos de Deus, na dignidade altíssima a que o homem foi por Ele elevado. Se somos fracos, não é devido à insuficiência dos dons divinos, mas à nossa insuficiência, porque não fazemos render bastante os talentos da natureza e da graça que o Senhor nos deu. Se, porém, somos fortes, o mérito não é nosso, mas de Deus que nos tornou tais. O cristão é humilde na sua fortaleza porque sabe que esta não brota de si mesmo como de fonte própria, mas dos dons que Deus lhe deu, e continua sempre dependente de Deus, tanto na consideração do seu nada, como na da sua grandeza, tanto na sua humildade como na sua fortaleza. Eis porque o Senhor, embora amando as almas corajosas, quer vê-las humildes e sempre desconfiadas de si mesmas; por isso o Espírito Santo diz: «Sê forte, fortifique-se o teu coração e espera no Senhor» (Sal. 26, 14).

Colóquio — «Ó Deus eterno, Vós olhastes para a fraqueza da nossa natureza humana e vistes quão débil, frágil e miserável ela é; por isso Vós, supremo Provedor, que provestes de tudo as Vossas criaturas, Vós, Remediador excelente, que a todas as coisas destes remédio, destes-nos a rocha e a fortaleza da vontade para sustentar a debilidade da nossa carne. E esta vontade é tão forte, que nem o demónio nem criatura alguma a pode vencer se nós não quisermos, isto é, se o livre arbítrio, em cujas mãos está posta, não consentir.

«Ó Bondade infinita, e donde vem tanta fortaleza à vontade da Vossa criatura? De Vós, suma e eterna

Fortaleza, porque participa da fortaleza da Vossa vontade. Por isso vemos que a nossa vontade é tão forte quando se une à Vossa e tão fraca quando se aparta dela; porque Vós criastes a nossa vontade à semelhança da Vossa, e por conseguinte, estando na Vossa, ela é forte.

«Na nossa vontade, ó Pai eterno, demonstrais a fortaleza da Vossa vontade porque, se a um membro insignificante destes tanta fortaleza, qual não será a Vossa, ó Criador e Governador de todas as coisas?

«Parece-me que esta vontade livre, que Vós nos destes, está fortalecida pela luz da fé, porque nesta luz conhece a Vossa vontade, a qual não quer outra coisa senão a nossa santificação. De tal modo que a vontade, fortalecida e alimentada pela santa fé, dá vida às nossas acções e por isso sem obras não pode haver nem vontade verdadeira nem fé viva. A fé nutre e alimenta o fogo da caridade porque descobre à alma o Vosso amor e dilecção para connosco e assim a torna forte para Vos amar» (S.ta Catarina de Sena).

287. OS DOIS REINOS

XIV DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Sustentai, ó Senhor, a minha fraqueza para que eu possa chegar à posse do Vosso reino.

1 — O pensamento central da Missa de hoje encontro-lo sintetizado na Colecta: «Ó Senhor... porque sem Vós sucumbe a humana fraqueza, pelo Vosso constante auxílio, livrai-a de todos os males e guiai-a pela senda do bem». Perante a vida espiritual, o homem é como uma criança que se encontra numa encruzilhada: não

sabe caminhar sozinho, não sabe que direcção tomar para voltar para casa. Dois caminhos se abrem diante do cristão: um, conduz ao reino do espírito, ao reino de Deus; o outro, ao reino da carne, ao reino da riqueza. Qual dos dois escolherá? Evidentemente quer dar a preferência ao que conduz ao reino de Deus, reino pacífico e doce, descrito por Jesus no Evangelho de hoje (Mt. 6, 24-33). Mas, infelizmente, o reino das riquezas e da carne tem atractivos e tenta seduzir-lhe o coração. Para resistir a estas lisonjas, a Epístola ensina-nos (Gál. 5, 16-24) que é preciso lutar: «a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito desejos contrários à carne; estas coisas são contrárias entre si, para que não façais tudo aquilo que quereis».

A luta é rude e por vezes levanta-se nas almas já resolutamente encaminhadas para o reino de Deus. Porquê? Porque a via que a ele conduz é áspera, fatigante, e penetra muitas vezes em densas trevas, sem que a alma se dê conta do caminho andado e dos progressos realizados. É preciso avançar na escuridão, crendo e esperando. Entretanto, porém, o olhar pára sobre outro caminho, mais largo, mais cómodo, semeado de bens sensíveis, que se vêem, se apalpam, se podem colher e gozar imediatamente: basta estender a mão. A alma sente a tentação e também sente que sozinho não pode resistir; se, porém, se refugia em Deus, se se deixa conduzir pelo espírito, será salva, mas não sem sacrifício. «Andai segundo o espírito — insiste S. Paulo — e não satisfareis os desejos da carne... Ora bem, as obras da carne são manifestas...» e o Apóstolo dá-nos uma lista delas bem pouco lisonjeira. É sempre assim. Os bens materiais apresentam-se com o encanto das flores, mas é um encanto que se desfaz depressa em

podridão. Não vale a pena deter-se neles! Por isso «os que são de Cristo crucificaram a sua própria carne com os vícios e concupiscências».

2 — O Evangelho põe-nos de novo alerta contra o atractivo dos bens materiais. Afirma em primeiro lugar que não se pode servir ao mesmo tempo a dois senhores, a Deus e à riqueza, como também se não podem tomar simultâneamente dois caminhos: o do reino de Deus e o dos prazeres terrenos. O que se entregou a Deus deve ter a coragem de se entregar a Ele plenamente, sem queixumes, sem voltar — ainda que passageiramente — aos caminhos do mundo. A alma que, depois de ter escolhido o caminho da perfeição, o não percorre totalmente e com generosidade, nunca estará contente: não terá a alegria de se sentir de Deus, nem terá a satisfação de poder seguir todos os encantos do mundo; a primeira ser-lhe-á interdita pela sua infidelidade, a segunda pelo temor de Deus que ainda lhe resta. É uma infeliz, pois está dividida e em contínua luta consigo própria. Mas que é que nos impede de procurar totalmente o reino de Deus? Jesus di-lo no Evangelho de hoje: a demasiada solicitude pelo bem-estar material, pelas comodidades e pela segurança da vida presente. Apesar de querermos viver segundo o espírito, enquanto peregrinamos neste mundo num corpo mortal, estamos sempre sujeitos a deixar-nos invadir pelas preocupações materiais: «Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos?» Para nos livrar destes cuidados, Jesus apresenta-nos a visão maravilhosa da divina Providência. «Olhai para as aves do céu que não semeiam nem ceifam, nem fazem provisão nos celeiros, e contudo o vosso Pai celeste as sustenta.

Porventura não sois vós muito mais do que elas?» São palavras que dão asas, que dão vontade de lançar para longe todas as vãs preocupações terrenas a fim de nos concentrarmos na busca do reino de Deus: «Buscai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo». Oh! se tivéssemos mais fé na divina Providência, que livres não estaríamos para atender aos negócios da alma! E mesmo que fôssemos obrigados a ocupar-nos dos afazeres terrenos, não ficaríamos atolados neles, mas seríamos capazes de nos mover com plena liberdade de espírito.

Colóquio — «Ó Senhor, já que a carne tem desejos contrários ao espírito e o espírito desejos contrários à carne, a luta é mortal: não faço o que quisera, pois quisera não ter concupiscências e isso é impossível. Queira ou não, tenho-as, lisonjeiam-me, estimulam-me, importunam-me, querem sempre levantar a cabeça; podem ser reprimidas, mas não sufocadas.

«Os Vossos preceitos, ó Senhor meu Deus, são as minhas armas. Por meio do Vosso Espírito destes-me a possibilidade de refrear os meus membros; toda a minha esperança repousa, portanto, em Vós. Dai-me o poder de fazer o que me mandais e depois mandai-me o que quiserdes.

«Não quero, ó Senhor, ser amigo deste mundo, porque se eu for amigo deste mundo, serei Vosso inimigo. Quero fazer das coisas criadas uma escada para subir até Vós, porque se amar estas coisas mais do que a Vós, não Vos possuirei. De que aproveita a abundância das coisas feitas por Vós, se me faltais Vós que sois o seu Autor?

«Para quê tantos trabalhos por amor das riquezas? A ambição do dinheiro impõe fadigas, perigos, consunções, tribulações e eu, infeliz, a tudo me submeto; sujeito-me a isso para ter com que encher o cofre, e assim perco a tranquilidade.

«Vós, porém, que me ordenais, Deus meu? Amar-Vos. Se amo o ouro, ponho-me a procurá-lo sem o poder encontrar; mas Vós estais com aquele que Vos procura. Queria a honra e talvez não possa consegu-la; mas quem Vos ama sem chegar a Vós? Basta que eu Vos ame, o próprio amor Vos aproximará de mim. Que haverá de mais doce que este amor? Vós sois o meu amor, ó Senhor! Amo-Vos com o maior ardor da minha alma, calcando aos pés tudo o que me atrai, resolvido a seguir para diante» (S.to Agostinho).

288. A CORAGEM

Ó Senhor, fazei de mim um soldado forte e corajoso no Vosso serviço.

1 — Quanto mais uma alma ama o Senhor, tanto mais corajosa será para empreender, por Seu amor, qualquer obra por mais árdua que seja. O medo da fadiga, do sofrimento ou do perigo é o grande inimigo da fortaleza: paralisa a alma e fá-la recuar perante o dever. A coragem, pelo contrário, impele-a, fazendo-a enfrentar seja o que for para se manter fiel a Deus. Assim, a coragem leva-a a abraçar mesmo a morte ou o martírio se for necessário para não faltar ao dever. O martírio é o acto supremo da fortaleza cristã, acto que não é pedido a todos e que, todavia, é bom

não excluir da nossa perspectiva. Todo o cristão é, por assim dizer, um mártir em potência, no sentido de que a virtude da fortaleza, infundida nele no baptismo e na confirmação, o torna capaz, em caso de necessidade, de sacrificar até a própria vida por amor de Deus. E se de facto nem todos os cristãos são chamados a dar ao Senhor este supremo testemunho, todos porém devem viver como soldados valentes, habituando-se a nunca desertar — nem pouco nem muito — do próprio dever, por temor do sacrifício.

É verdade que a virtude da fortaleza não nos isenta do temor e da confusão que invadem a nossa natureza em presença dos sacrifícios, dos perigos e, sobretudo, em presença do perigo da morte; porém a fortaleza, como as demais virtudes, exercita-se com a vontade e, por consequência, é possível realizar actos de coragem apesar do temor que invade a parte sensível. Nestes casos a coragem cumpre uma dupla função: vencer o temor e enfrentar os deveres difíceis. Tal foi o supremo acto de fortaleza realizado por Jesus no Jardim das Oliveiras quando aceitou beber o amaríssimo cálice da Sua Paixão, apesar da angústia da Sua humanidade. Associando-nos a este acto do Salvador, acharemos força para abraçar todos os deveres difíceis.

2 — A graça pode tornar corajoso mesmo aquele que é tímido por natureza; contudo não julguemos que a graça actua sem a nossa colaboração. A virtude da fortaleza foi dada a todos os cristãos e neste sentido é virtude infusa; porém compete-nos a nós pô-la em acto por meio do exercício e neste sentido deve tornar-se virtude adquirida. Assim acontece, de resto, com todas as virtudes teologais e morais infundidas na

alma juntamente com a graça; são capitais que só rendem se os soubermos empregar com boa vontade.

Assim como se chega a ser humilde fazendo actos de humildade, também se chega a ser forte e corajoso fazendo actos de coragem. Não está em nós evitar o temor sensível que provém do temperamento, e ao qual nos temos de sujeitar embora nos custe, mas está em nós impedir que ele se apodere da nossa vontade, paralisando os nossos movimentos. Precisamos, por isso, de reagir enèrgicamente, empreendendo as nossas acções em nome de Deus, sem pararmos a discutir com o medo. «Muitas almas dizem: não tenho força para fazer tal sacrifício. Mas que façam esforço! Deus nunca recusa a primeira graça que dá a coragem de agir; depois disso o coração fortalece-se e vai-se de vitória em vitória» (T.M.J. NV. 8-VIII). É mesmo assim: para chegar a ser corajoso é necessário decidir-se a agir, apesar dos desânimos e dos temores da natureza. Isto é particularmente indispensável naquelas circunstâncias em que, ou por fraqueza física ou por ausência do apoio sensível da graça, até as menores dificuldades nos parecem montanhas e tudo nos assusta. Se para agir estivéssemos à espera de sentir coragem, nunca fariamos nada. «Que importa que não tenha coragem — dizia a Santa de Lisieux a uma noviça — contanto que actue como se a tivesse?» (CL.). Os actos de coragem praticados sem sentir força são mais puros e mais sobrenaturais; mais puros porque não dão lugar a sentimentos de orgulho, mais sobrenaturais porque se baseiam unicamente nos recursos da graça e não nos da natureza. Pelo contrário, os actos de coragem realizados por disposição natural não passam muitas vezes de simples actos humanos e tornam-se facilmente uma armadilha para o amor próprio. Quem

é forte por natureza deve aprender a não confiar na sua força, mas a apoiar-se em Deus e na Sua graça sem a qual a fortaleza humana é extrema fraqueza.

Colóquio — «Ó Senhor, Deus dos exércitos, que nos dissestes no Vosso Evangelho: 'Não vim trazer a paz, mas a espada', armai-me para a luta; ardo em desejos de combater pela Vossa glória, mas suplico-Vos que fortaleçais a minha coragem. Poderei então exclamar com o santo rei David: 'Vós sois o meu único escudo; sois Vós, Senhor, que adestrais as minhas mãos para a guerra'.

«Ó meu Jesus, combaterei por Vosso amor até ao fim da minha vida e a minha espada será o amor.

«A minha impotência não me deve assustar; quando de manhã me sinto privada de coragem e de força para praticar a virtude, devo considerar isto como uma graça porque Vós me ensinai que é justamente o momento de pôr o machado à raiz da árvore, contando só com a Vossa ajuda. E que ganho no fim do dia!

«Onde estaria o meu mérito se combatesse unicamente quando sinto coragem? Que importa se não a tenho, contanto que actue como se a tivesse? Ó Jesus fizeti-me compreender bem que, se me sentisse muito fraca mesmo para levantar do chão um pedaço de fio e, todavia, o fizesse por Vosso amor, mereceria muito mais do que se praticasse uma acção importante num momento de fervor. Portanto, em vez de me entristecer, devo alegrar-me vendo que Vós, deixando-me sentir a minha fraqueza, me proporcionai uma ocasião de Vos salvar um maior número de almas» (cfr. T.M.J. *Oração; Cart.* 40; *CL.*).

289. A MAGNANIMIDADE

Ó Senhor, dai-me um coração grande, capaz de emprender por Vós grandes coisas.

1 — Quem aspira à santidade deve ter um coração grande, magnânimo, que não se contenta com fazer por Deus obras de pouca importância e pequenos actos de virtude, mas que deseja fazer coisas grandes e dar-Lhe grandes testemunhos de amor. Do mesmo modo que não há santidade sem virtude heróica, também não se pode chegar ao heroísmo sem praticar grandes actos de virtude.

Certas almas pensam que alimentar grandes desejos e querer fazer por Deus grandes coisas é orgulho e ilusão do demónio. Sê-lo-ia decerto se com isso se buscasse a própria honra e o aplauso das criaturas ou se, por fazer coisas grandes, se descuidassem as pequenas e quotidianas que se encontram todos os dias na linha do dever. Não é assim, porém. A virtude da magnanimidade incita a alma a prestar grandes serviços a Deus, nunca no entanto em detrimento da obediência, da humildade e do cumprimento do dever. Seguindo esta linha de conduta, a alma generosa encontrará com frequência coisas árduas e difíceis que requerem muita virtude, mas permanecem a maior parte das vezes ocultas por completo aos olhos das criaturas. Em circunstâncias semelhantes somos muitas vezes tentados a retirar-nos sob o pretexto de não ser necessário levar a virtude a tais extremos e a desculpar-nos, dizendo: não somos anjos, não somos santos. «Embora não o sejamos — adverte S.ta Teresa de Jesus — é um grande bem pensar que, se nos esforçarmos, o podemos ser, dando-nos Deus

a mão» (*Cam.* 16, 12). A Santa insiste vivamente em que os que se dão à vida espiritual não alimentem desejos mesquinhos, mas generosos, não temendo rivalizar com os santos e atesta-o com autoridade: «Não vi nenhuma destas almas [corajosas] ficar a meio caminho nem vi nenhuma alma cobarde oculta sob a capa da humildade adiantar em muitos anos o que estas adiantam em poucos» (*Vi.* 13, 2).

2 — O contrário da magnanimidade é a pusilanimidade ou mesquinhez de espírito, defeito que impede as almas de realizarem obras grandes por excessivo temor de fracassar. É verdade que não devemos ser temerários, expondo-nos por nossa própria vontade a empresas superiores às nossas forças; isto é também defeito, é imprudência e presunção que desagrada a Deus. Mas quando, através das circunstâncias e depois de suficiente exame, vemos com clareza que o Senhor espera de nós certos actos de virtude ou determinadas obras, não devemos retroceder, por muito difíceis que nos pareçam. Porventura Deus não poderá dar-nos a força de realizarmos o que nos pede? Porque duvidamos d'Ele? O pusilânime que em tais ocasiões se retira com a desculpa de não se sentir capaz de tanto, pode julgar-se humilde, mas no fundo é um cobarde, é um soberbo que duvida de Deus. É cobarde porque, demasiado preocupado consigo, teme o risco, teme expor-se às críticas alheias, teme a fadiga e o sacrifício; é soberbo porque mais confia no seu juízo errado do que em Deus e na Sua graça. O humilde, ao contrário, apesar de estar consciente do seu nada, dá crédito a Deus, e se está convencido da sua fraqueza, mais convencido está de que Deus Se pode servir dela para realizar obras de

valor. O verdadeiro humilde, portanto, nunca é pusilânime, mas sempre magnânimo: não teme lançar-se a fazer grandes coisas por Deus e esta disposição ajuda-o muito a progredir. «Embora a alma não tenha forças — diz S.ta Teresa de Jesus — dá um voo e sobe muito alto, ainda que, como uma avezinha mal emplumada, se canse e páre» (Vi. 13, 2). Cansar-nos é próprio da nossa fraqueza, mas se temos grande confiança e grande amor, saberemos voltar bem depressa a levantar voo. Quanto mais plena for a nossa confiança em Deus, mais fortes nos tornaremos com a fortaleza divina; quanto mais ardente for o nosso amor, mais nos tornaremos capazes de fazer coisas árduas pelo Senhor: «O amor perfeitíssimo — ensina S. Tomás — empreende as mais difíceis coisas» (III Sent. D. 29, q. 1, a. 8). Amparados pela confiança e pelo amor, poderemos elevar o nosso voo muito alto sem temer os perigos e as quedas.

Colóquio — «Oh! amor forte de Deus! Como parece nada ser impossível a quem ama! Oh! ditosa alma que alcançou a Vossa paz, ó meu Deus! Ela domina os trabalhos e os perigos do mundo e nada teme quando se trata de Vos servir.

«O Vosso verdadeiro servo, ó Senhor, a quem iluminastes e guiastes pelo verdadeiro caminho, quanto mais sente o temor, mais lhe cresce o desejo de não parar. Ensinai-me, pois, ó meu Deus, a seguir sempre para diante, a combater como forte, ajudai-me a furtar-me aos golpes do demónio que tenta amedrontar-me.

«Que faz, ó meu Deus, uma alma se não se consome toda por Vós? E quão longe estou, quão longe — sim, posso repeti-lo mil vezes — quão longe estou de fazer isto! Quantas imperfeições vejo em mim! Quanta frou-

xidão no Vosso serviço! Muitas vezes, para não sentir tanto mal em mim, quisera perder o sentimento. Dai-me uma grande confiança e aumentai os meus desejos porque se me esforço, pouco a pouco — ainda que não seja logo — creio que poderei chegar onde chegaram muitos santos, com a Vossa ajuda.

«Como é verdade que tudo se pode em Vós e como entendo que por mim não posso nada! Suplico-Vos por isso com S.to Agostinho: 'Dai-me, Senhor, o que me mandais e mandai-me o que quiserdes'» (T.J. P. 4; Cam. 21, 9; 20, 2; Vi. 39, 6; 13, 2 e 3).

290. A GENEROSIDADE

Ô Senhor, dilatai o meu coração na generosidade a fim de que eu saiba dar-me totalmente ao Vosso serviço.

1 — A generosidade é uma virtude muito semelhante à magnanimidade, embora tenha um campo mais vasto, pois abrange não só coisas grandes, mas tudo o que diz respeito ao serviço de Deus, impelindo a alma a fazê-lo com a máxima dedicação. A generosidade é a virtude que nos ensina a não nos pouparmos, a não calcular, a não dizer-nunca «basta», a dar-mos totalmente, a agir com o máximo de amor, quer nas coisas grandes, quer nas pequenas e até nas mínimas. Só a alma que se libertou dos laços do egoísmo pode tornar-se plenamente generosa, capaz de se dar totalmente ao serviço de um ideal, ao cumprimento da sua missão, sem retornos sobre si mesma, sem se deter em preocupações pessoais. Se tivéssemos compreendido verdadeiramente que a nossa vocação vem de Deus e que Deus colocou no

nosso caminho todas as graças necessárias para lhe correspondermos da maneira mais perfeita, não desanimáramos com os sacrifícios que ela nos impõe. O egoísmo, a preocupação consigo mesmo, os desânimos, tudo são inimigos da generosidade, «terra e chumbo» que pesam e que tornam mais fatigante a nossa vida espiritual, impedindo-nos o voo para as alturas. Porque nos havemos de limitar a caminhar «a passo de galinha» (T.J. Vi. 13, 5) quando Deus nos tornou capazes de voar como as águias? S.ta Teresa de Jesus sorri um pouco maliciosamente daquelas almas que temem fazer demais por Deus e que, sob o pretexto de prudência, medem centímetro a centímetro os seus actos de virtude: «Não tendes medo que se matem, porque têm muito em conta a sua razão; o seu amor não é tão forte que lha faça perder. Queria eu que a tivéssemos a ponto de não nos contentarmos com este modo de servir a Deus, sempre a passo tão lento que nunca acabaremos de percorrer este caminho. Parece-vos que se pudéssemos ir de uma terra a outra em oito dias, ficaria bem levarmos um ano?» (M. III 2, 7). O atalho para chegar depressa ao fim é a generosidade, a generosidade que é fruto do amor e que, ao mesmo tempo, é geradora de amor.

2 — Para nos tornarmos generosos é necessário aprendermos a esquecer-nos de nós: a esquecer os interesses próprios, as comodidades, os próprios direitos, a não ter em conta quanto já nos cansámos e sofremos, pensando antes em dar-nos totalmente a Deus e às almas. «Para Deus o Seu beneplácito. Para o próximo, a sua vantagem, mesmo à minha custa. Para mim o mais penoso para agradar a Deus» (B. M. Teresa de Sou-

biran), eis o programa da alma generosa. Quer servir-se unicamente da sua vida, das suas forças, das suas capacidades para se dar sem cessar ao Senhor porque sabe que o máximo amor consiste no dom total de si própria. «Amar é dar tudo e dar-se a si mesmo» (T.M.J. Poesia).

Para nos tornarmos generosos é necessário aprender a fazer, com todo o coração, não só o que é de dever, mas também o que, embora não seja obrigatório, dá mais glória a Deus. S.ta Teresa de Jesus dá-nos, a propósito, uma regra de ouro: põe como «primeira pedra» do edifício espiritual a decisão de «seguir o mais perfeito» (*Cam.* 5, 3). A proposta pode parecer muito ousada, todavia a Santa não fala ao acaso; mesmo que ao princípio a alma não consiga discernir nem fazer sempre o mais perfeito, no entanto esta resolução — se é sincera, acompanhada de humildade e de confiança no auxílio da graça — servir-lhe-á de grande incitamento para querer fazer sempre melhor, sempre mais, impedindo-a de se contentar com uma tranquila mediocridade. É muito importante que a alma desejosa de intimidade divina cultive em si esta disposição; deste modo chegará pouco a pouco ao dom total de si mesma, dom que Deus espera para Se dar de todo a ela. «Deus não Se dá de todo até que de todo nos demos a Ele» (T.J. *Cam.* 28, 12). Já desde este mundo Deus quer dar-Se às nossas almas, mas a medida do Seu dom será proporcionada à do nosso, estará em relação com a nossa generosidade em nos darmos a Ele.

Colóquio — «Ó Senhor, quão pouco fazemos por Vós! A menos que queiramos considerar como sinais de virtude e de mortificação alguns pequenos actos que, como o sal, não têm peso nem volume e que até um pássaro

pode levar no bico. É grande lástima fazermos caso de algumas coisas que fazemos por Vós, ainda que sejam muitas! Eu faço sempre assim e a cada passo esqueço as mercês que recebo de Vós. Não digo que Vós não as tenhais em muito, porque sois bom; porém eu quereria não fazer caso delas, nem sequer ver que as faço, pois nada são.

«Mas perdoai-me, Senhor meu, e não me culpeis, com alguma coisa tenho de me consolar, pois não Vos sirvo em nada; se Vos servisse em coisas grandes, não faria caso destas ninharias. Bem-aventurados os que Vos servem com obras grandes! Se me fossem tomados em conta o desejo e a inveja que lhes tenho, não ficaria atrás em Vos contentar! Mas não valho nada, Senhor meu! Dai-me Vós a força, já que tanto me amais.

«Meu Deus, fazei que eu não me contente com servir-Vos no pouco, mas que Vos sirva o mais que puder! Ajudai-me a fazer-Vos o dom absoluto da minha alma, desembaraçando-a de todas as coisas para que possais pôr e tirar como coisa Vossa. Tendes direito a isso, não Vo-lo nego. Vós não forçais a nossa vontade, tomais o que Vos damos, mas não Vos dais a nós de todo até que de todo nos demos a Vós. Sois amigo da ordem e não operais na alma senão quando estiver desembaraçada e for toda Vossa» (T.J. Vi. 39, 13; 20, 23; *Cam.* 28, 12).

«Ó amantíssimo Verbo de Deus, ensinai-me a ser generoso, a servir-Vos como mereceis, a dar sem contar, a combater sem me preocupar com as feridas, a trabalhar sem procurar repouso, a despojar-me de mim mesmo sem esperar outra recompensa além de saber que estou a fazer a Vossa santa vontade» (S.to Inácio).

291. FORTALEZA E PACIÊNCIA

Ensinaí-me, ó Senhor, a suportar com fortaleza e paciência o que me faz sofrer.

1 — Se para enfrentar e empreender coisas difíceis é preciso coragem, é ainda muito mais necessária para as suportar, sobretudo quando se trata de coisas penosas que duram longo tempo e que não se podem evitar nem mudar. Neste sentido S. Tomás ensina que o acto principal da fortaleza não consiste em atacar, mas em manter-se firme nos perigos, em suportar as lutas, as contrariedades, os aborrecimentos, as perseguições, com ânimo viril.

Na vida espiritual não encontramos só dificuldades que podemos superar e vencer de uma vez para sempre com um belo acto de coragem. Mas encontramos — e com muito maior frequência — coisas difíceis e penosas às quais nos é impossível subtrair-nos e que, quer queiramos quer não, temos de suportar. São males físicos que nos esgotam e que nos impedem de exercer à vontade a nossa actividade. São dores morais, provenientes das lacunas do nosso temperamento, do contacto com pessoas que nos contrariam ou que não nos compreendem ou então do desgosto de ver sofrer aqueles que nos são queridos sem os poder aliviar, do afastamento dos amigos, da solidão do coração. São penas espirituais devidas à aridez, à obscuridade interior, ao cansaço de espírito, às tentações, aos escrúpulos. São, finalmente, todos os aborrecimentos, canseiras, dificuldades, inerentes ao cumprimento do dever quotidiano. Sabemos que tudo isto foi disposto por Deus para a nossa santificação, para o nosso bem, o que não nos impede de lhe sentirmos o

peso: sofrer nunca é agradável e, embora queiramos aceitar tudo por amor de Deus, surge por vezes em nós a tentação de reagir, de atirar tudo para longe, de nos subtrairmos ao jugo; ou então sentimo-nos oprimidos pela tristeza e pelo desânimo. Qual é o remédio? É o que Jesus indicou aos apóstolos depois de lhes ter anunciado as perseguições que teriam de enfrentar: «in patientia vestra possidebitis animas vestras», possuireis as vossas almas pela paciência (Lc. 21, 19). A paciência é a virtude que nos permite viver no meio dos sofrimentos, dos incómodos, das privações, sem perdermos a serenidade; é a virtude que nos permite mantermo-nos fortes no meio das tempestades, das contradições, dos perigos, sem nos irritarmos, sem desanimarmos nem nos desviarmos.

2 — A paciência cristã não é a resignação forçada do fatalista ou do filósofo que se submete à dor porque sabe que lhe não pode fugir, nem a atitude daquele que a suporta porque é incapaz de reagir por falta de forças ou de recursos; é antes a aceitação voluntária da dor por causa de Deus e da bem-aventurança eterna, aceitação apoiada na certeza de que o sofrimento é absolutamente necessário para nos purificar do pecado, para expiarmos as próprias culpas, para nos dispormos para o encontro com Deus. A paciência cristã impele-nos a aceitar a dor com serenidade e depois, pouco a pouco, leva-nos a estimá-la e a amá-la, não por ver nela um fim, mas por a considerarmos o meio indispensável para alcançar esse fim. O fim é o amor, a união com Deus. Se Jesus, para acender em nós a chama da caridade e para restabelecer as relações de amizade entre nós e Deus, quis viver uma vida de martírio e morreu na

cruz, como pretenderemos nós chegar à plenitude do amor, à intimidade divina sem seguir pelo caminho trilhado por Ele? «Tendo, pois, Cristo sofrido na carne, armai-vos também do mesmo pensamento», exclama S. Pedro (I, 4, 1); portanto abracemos também nós o sofrimento com os mesmos sentimentos com que Jesus o abraçou: fazer a vontade do Pai celeste, expiar o pecado, dar-Lhe uma prova de amor.

A paciência cristã não se limita a uma atitude passiva em face da dor, é também uma atitude activa, voluntária — a mais importante — e é isto que a torna meritória. O homem paciente é passivo porque o quer ser, porque usa da sua vontade livre para se submeter a todos os sofrimentos que encontra no seu caminho, porque curva voluntariamente os ombros sob o jugo da dor, como Jesus curvou os Seus sob o peso da cruz, porque Ele quis, «quia ipse voluit» (Is. 53, 7). O cristão não é um cireneu forçado, é um cireneu voluntário, o que não quer dizer que vá espontaneamente em busca da dor — coisa que não está ao alcance de todos e que poderia ser até imprudente — mas que aceita voluntariamente todas as dores que encontra no seu caminho, reconhecendo nelas a cruz que Deus lhe oferece para a sua santificação.

Colóquio — «Ó Jesus, o ofício das almas que admitis à Vossa intimidade é padecer conVosco, erguer bem alto a cruz sem a largar das mãos, por muitos perigos em que se vejam e sem mostrar fraqueza no sofrimento.

«Ensinastes-me, ó Senhor, o grandíssimo bem que é passar trabalhos e perseguições por Vosso amor, e por isso não posso deixar de desejar trabalhos. Este é o caminho por onde Vós passastes e por onde hão-de

passar os que Vos hão-de seguir se não se quiserem perder. Bem-aventurados trabalhos que são tão sobejamente pagos ainda nesta vida!

«De que modo, ó meu Jesus, me podereis mostrar maior amor senão querendo para mim o que quisestes para Vós?

«Ou padecer ou morrer, não Vos peço outra coisa para mim» (T.J. *Cam.* 18, 5; *Vi.* 33, 4; 11, 5).

«Ó Cristo crucificado, Vós me bastais, conVosco quero sofrer e descansar! Fazei que, crucificado interior e exteriormente conVosco, possa viver com plena saciedade e satisfação da minha alma, possuindo-a na paciência.

«Ensinai-me a amar muito o sacrifício e a tê-lo por pouco para cair na Vossa graça, ó Senhor, que não hesitastes em morrer por mim. Ó meu Amado, quero para mim todo o áspero e trabalhoso e para Vós tudo quanto é suave e saboroso» (J.C. *AM.* II, 13, 8, 15, 52).

292. O EXERCÍCIO DA PACIÊNCIA

Ó Senhor, dai-me mais paciência para que eu possa sofrer mais por Vosso amor.

1 — A paciência é uma virtude de necessidade primordial e quotidiana. Assim como temos necessidade de pão para viver, assim também em cada dia, ou antes, em cada momento, precisamos da paciência porque todos os dias e todos os momentos trazem consigo a sua pena. Tornamo-nos pacientes fazendo actos de paciência, ou seja, habituando-nos a aceitar dócilmente tudo o que nos contraria ou nos faz sofrer. Mas se em vez de aceitar, resmungamos e procuramos fugir o mais possível de

tudo o que nos desagrada, nunca adquiriremos a paciência. Se, por exemplo, por dever de ofício, contactamos com uma pessoa que nos fere, ou então nos encontramos a braços com um trabalho pesado, difícil ou maçador e procuramos libertar-nos o mais depressa possível, pedindo uma mudança, privamo-nos de uma ocasião preciosa preparada pelo próprio Deus para nos fazer exercitar a virtude. Em certos casos é lícito e pode ser até um dever expor as nossas dificuldades aos superiores e pedir humildemente algum remédio, mas nunca devemos insistir demasiado para o obtermos. Pelo contrário, é necessário pensar que a divina Providência dispôs para nós essa circunstância precisamente para nos fazer adquirir a paciência que ainda não temos. S. Filipe de Néri que se lamentava um dia ao Senhor por ter que tratar com uma pessoa impertinente e muito molesta, sentiu que lhe respondiam interiormente: «Filipe, pediste-me a paciência, eis aí o meio para a adquirires». Deus dar-nos-á, certamente, as virtudes que Lhe pedirmos, mas só no-las dará se, aproveitando os meios que nos oferece e o socorro da Sua graça, nos aplicarmos a exercitá-las.

Quem quiser verdadeiramente ser santo, nunca procurará evitar as ocasiões de exercitar a paciência, mas abraçá-las-á de boa vontade tal como se lhe apresentam porque vê nelas os meios dispostos por Deus para a sua santificação. E como pode ousar uma pequena criatura querer mudar aquilo que foi disposto «com medida, conta e peso» (*Sab. 11, 21*) pela Sabedoria infinita de Deus?

2 — Deus sabe tirar o bem do mal, por isso pode servir-Se, e serve-Se de facto, também dos defeitos e

até dos pecados, nossos e dos outros, para nos fazer exercitar a paciência. Paciência para conosco, vendo-nos tão fracos, tão imperfeitos, tão prontos a cair, reconhecendo humildemente as nossas culpas e suportando em paz as suas consequências; paciência para com os outros, compadecendo-nos das fraquezas de cada um e aceitando, sem nos irritarmos, os incômodos e sofrimentos que nos podem ocasionar os seus defeitos. Por exemplo, quando uma pessoa nos perturba ou nos provoca, não devemos deter-nos a considerar o seu modo de proceder porque isso irritar-nos-ia, tornando-nos mais difícil o exercício da paciência; devemos, ao contrário, desviar o nosso olhar das criaturas para o fixarmos em Deus que permite essa contrariedade para nos fazer progredir na virtude. Devemos também evitar lamentar-nos aos outros daquilo que sofremos e nem mesmo interiormente o devemos fazer. Os queixumes amarguram sempre o coração e indispõem-no para aceitar em paz a dor. «Sofrer e calar-me por Vós, meu Deus» (T.M.), é o lema da alma paciente que quer conformar-se com a conduta de Jesus na Sua Paixão: «Foi oferecido [em sacrifício]... e não abriu a sua boca» (Is. 53, 7). Se temos necessidade de um pouco de ajuda para suportar a prova, falemos dela só aos que nos podem animar a sofrer por amor de Deus e não àqueles que, consolando-nos e compadecendo-se de nós de uma maneira muito humana, podem alimentar em nós o ressentimento para com os que nos fazem sofrer.

Os santos foram todos ávidos das ocasiões de sofrimento de que nós fugimos com tanto cuidado. Pensemos em S.ta Francisca de Chantal que, por muitos anos, se sujeitou a viver em casa do sogro em contacto com uma pessoa do serviço que lhe faltava ao respeito, que

a caluniava e prejudicava até os interesses dos seus filhos. Pensemos em S. João da Cruz que, tendo tido a liberdade de escolher o convento onde passaria os seus últimos dias, deu a preferência àquele de que era superior um religioso que lhe era contrário. Heroísmo de santos, sim, mas heroísmo do qual Deus não exclui nenhuma alma de boa vontade, convidando-a até para tal; heroísmo para o qual também nós, se queremos ser verdadeiramente generosos, nos devemos preparar por meio da aceitação amorosa de tudo o que nos faz sofrer.

Colóquio — «Ó Senhor, nós quereríamos servir-Vos, sim, e dar-Vos gosto, mas sem sofrer nada! Todavia muito mais Vos devemos estar gratos quando, no Vosso serviço, sofremos qualquer coisa a imitação Vossa e por Vosso amor.

«O sofrimento é tão precioso e nobre que Vós, ó Verbo, encontrando-Vos no seio do eterno Pai, superabundando em todas as riquezas e delícias do Paraíso, já que não estáveis revestido com a estola do sofrimento, viestes ao mundo para a poderdes ter. Vós sois Deus e não Vos podíeis enganar; por isso, como escolhestes o sofrimento puro, assim também eu o quero escolher por Vosso amor. O que agora, portanto, Vos peço, ó Senhor, é que me concedais poder experimentar um sofrimento puro que não esteja mesclado de nenhuma consolação e, pela confiança que tenho na Vossa bondade, espero que me fareis esta graça antes de morrer.

«Mas para tirar proveito das tribulações, ensinai-me a aceitá-las conformando-me em tudo com a Vossa vontade, de outro modo ser-me-iam muito pesadas e insuportáveis. Quando, ao contrário, a alma se abandona toda nos braços da Vossa vontade, então encontra con-

forço no meio das tristezas; e se ainda, por algum tempo, Vós a deixais nas trevas, bem depressa a sua tristeza será convertida em gozo, de modo que por nenhuma doçura do mundo a minha alma quisera não ter sofrido.

«Bem-aventurado, feliz e glorioso aquele que sofre por Vosso amor, ó Verbo, porque — ousarei dizê-lo? — enquanto estamos na terra tem mais valor o padecer por Vós do que possuir-Vos, porque possuindo-Vos, podemos ainda perder-Vos, mas se sofremos por Vosso amor, admitir-nos-eis na vida eterna onde não poderemos jamais perder-Vos» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

293. A PERSEVERANÇA

Que a Vossa graça, ó Deus, me torne perseverante até ao fim.

1 — Para sermos santos não basta sermos corajosos, pacientes, praticarmos todas as outras virtudes por alguns dias, meses ou anos, mas é necessário *perseverar* neste exercício até ao fim, sem ceder à fadiga, ao desânimo ou à moleza. É este o ponto crucial porque, como diz S. Tomás, «aplicar-se por longo tempo a qualquer coisa difícil — e a virtude quase sempre o é — constitui uma particular dificuldade » (II^a II^{ae}, q. 137, a. 1, co.); só superando esta dificuldade poderemos chegar à perfeição. Não somos anjos, somos homens. O anjo, puro espírito, é estável, por sua natureza: tomada uma resolução, permanece fixo nela; mas não sucede assim connosco que, sendo compostos de espírito e de matéria, sofremos as consequências da sua mutabi-

lidade e das suas flutuações. Como a estabilidade é a característica do espírito, assim a volubilidade é a característica da matéria. Eis porque é tão difícil sermos perfeitamente constantes no bem. Embora tendo formulado interiormente bons propósitos, sentimos pesar sobre nós a fraqueza da parte sensível que foge ao esforço fatigante, contínuo, e por isso tenta libertar-se dele ou pelo menos reduzi-lo ao mínimo. O nosso corpo está sujeito ao cansaço, à sensibilidade, é susceptível de impressões, de perturbações e tudo isto ocasiona contínuos altos e baixos: as mesmas coisas que há pouco nos entusiasmavam, passado algum tempo tornam-se antipáticas, aborrecidas, a ponto de nos parecer quase impossível poder suportá-las. Esta é a nossa condição sobre a terra, condição a que ninguém pode fugir. Apesar de tudo Deus chama-nos à santidade, e uma vez que esta requer um exercício assíduo das virtudes, Ele — que nunca pede nada de impossível — remediou a instabilidade da nossa natureza, infundindo em nós a virtude da perseverança, que tem por objecto particular a constância no esforço. Se, por nossa natureza, somos instáveis, podemos, com a ajuda da graça, tornar-nos perseverantes.

2 — Existem duas formas de perseverança. A primeira é tão perfeita que não tem nenhuma lacuna, é sempre rectilínea, sempre igual a si mesma, até nas coisas mais difíceis e incalculáveis. É a perseverança da virtude heróica, das almas chegadas ao estado da união transformante e que por isso vivem habitualmente sob o governo do Espírito Santo. Meta bellissima a que podemos e devemos aspirar, mas à qual não nos é dado chegar só com o exercício da virtude porque só-

mente a intervenção habitual dos dons do Espírito Santo pode curar até ao fundo a instabilidade da nossa natureza.

A segunda forma é a das almas fervorosas e também das almas perfeitas que ainda não gozam da moção habitual do Espírito Santo, e por isso apresenta lacunas mais ou menos leves segundo a maior ou menor perfeição da alma. Neste caso a continuidade da perseverança não consiste em permanecer perfeitamente estável no bem, mas antes no incessante recomeçar, mal se adverte alguma falta. Basta às vezes um momento de distração, uma novidade que nos colhe de improviso, um pouco de cansaço ou de emotividade para deixarmos escapar qualquer falta que tínhamos proposto sinceramente evitar a todo o custo: e eis-nos por terra! Isto, porém, não é motivo para desanimar, para nos entristecermos, é antes motivo para nos humilharmos, reconhecendo a nossa fraqueza e para invocarmos, com maior insistência, a ajuda de Deus, para nos levantarmos imediatamente e recomeçarmos. Dada a mobilidade da nossa natureza humana, a nossa perseverança consiste praticamente num contínuo recomeçar. Esta é a perseverança a que todos devemos chegar porque depende da nossa boa vontade, uma vez que Deus infundiu em nós esta virtude e nos dá, momento a momento, a graça suficiente para a pormos em acto. Não está em nosso poder libertar-nos da instabilidade da natureza e por isso não nos é possível evitar todas as demoras no bem, negligências, fraquezas ou faltas, mas está em nosso poder recomeçar imediatamente apenas advertimos ter posto um pé em falso. Eis a perseverança que Deus exige de nós e se formos fiéis na sua prática, estando sempre prontos a levantar-nos depois de qualquer falta, o próprio Deus coroará os nos-

sos esforços concedendo-nos a graça suprema da perseverança final.

Colóquio — «Ó Senhor, certamente serei salvo se perseverar até ao fim; mas esta perseverança, para merecer a salvação, deve ser virtuosa. De Vós me vem a virtude que me salva. Sois Vós que me fazeis perseverar até conseguir a salvação.

«Eis que estou ainda em plena luta: luta exterior contra a falsa virtude, luta interior contra as minhas concupiscências. Ao considerar em quantas pequenas misérias caio todos os dias ainda que não seja mais do que com pensamentos e com palavras, noto que o seu número é muito grande e que deste grande número de pequenas coisas se vai formando um grande montão. Ai de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Libertar-me-eis Vós, ó Senhor, com a Vossa graça por meio de Jesus Cristo Vosso Filho e nosso Senhor. No trabalho, portanto, desta guerra, elevo o olhar para a Vossa graça e no ardor e na secura invoco a Vossa sombra vivificadora.

«Assisti-me, ó Senhor Jesus e repeti-me: 'não te canses pelo caminho estreito; eu passei por ele primeiro do que tu, eu sou esse mesmo caminho; sou eu que guio e tomo sobre mim aquele que conduz, conduzindo-o até mim'» (S.to Agostinho).

«Concedei-me, ó Deus eterno, a virtude da perseverança sem a qual não Vos posso agradar nem ser aceite por Vós. Esta virtude traz à alma a abundância da caridade e o fruto de todas as canseiras. Oh! como serei feliz se Vós, Senhor, me derdes esta virtude pois desde a terra me fará saborear um penhor de vida eterna; no entanto a Vossa luz mostra-me que não posso

chegar a tanto sem sofrer muito porque esta vida não passa sem fadiga; e quem quisesse fugir da fadiga fugiria do fruto da santa perseverança» (S.ta Catarina de Sena).

294. JESUS NOSSA VIDA
XV DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Jesus, vida da minha alma, fazei-me ressuscitar cada dia para uma nova vida de caridade e de fervor.

1.— Na Missa de hoje predomina um pensamento tantas vezes repetido na liturgia e tão querido ao nosso coração: Jesus é a nossa vida. Tudo o que de bom há em nós é fruto da Sua graça: pela Sua graça permanecemos firmes no bem (Colecta); pela Sua graça podemos viver segundo o espírito (Ep.); pela Sua graça ressuscitamos do pecado (Ev.) e, alimentando-nos com a Sua carne, alimentamos em nós a Sua vida (Com.). Sem Jesus estaríamos na morte, sem Ele nunca poderíamos viver esta magnífica vida do espírito que S. Paulo nos descreve na Epístola de hoje (*Gál.* 5, 25 e 26; 6, 1-10).

Escolhamos nela alguns pensamentos. «Não nos façamos ávidos da vanglória, provocando-nos uns aos outros. Se alguém julga ser alguma coisa não sendo nada, a si mesmo se engana». A humildade é apresentada aqui como o fundamento da concórdia fraterna: quem é soberbo leva consigo um foco de discórdia porque, preferindo-se aos outros, será muitas vezes provocador, invejoso, será altivo e desprezará aqueles que são inferiores a si.

«Se algum homem for surpreendido em algum delito, vós, que sois espirituais, admoestai-o com o espí-

rito de mansidão». Quem procura escalar as alturas deve estar atento para não criticar quem caminha mais em baixo, para não se escandalizar com as fraquezas dos outros e se o dever lhe impõe admoestar alguém, deve fazê-lo com doçura e com bondade; doçura que é ainda fruto da humildade porque, ao corrigir os outros, é necessário sempre vigiar-se a si próprio: «não caias também em tentação».

«Não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo colheremos». As dificuldades da vida espiritual não devem desanimar-nos, mesmo quando não conseguimos superá-las. Deus não nos exige o êxito, mas que renovemos continuamente os nossos esforços, ainda que não lhes vejamos os resultados. «A seu tempo», isto é, quando Deus quiser e do modo que Lhe agradar, colheremos os frutos com a condição, porém, de «não desfalecermos».

2 — No Evangelho (Lc. 7, 11-16) o conceito *Jesus nossa vida* é ainda mais claro. O Mestre encontra-Se com o triste cortejo que acompanha um jovem à sepultura; a sua mãe soluça junto dele e «o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: 'Não chores'». Depois «aproximou-se e tocou no esquife. Então disse: 'Jovem, eu te digo, levanta-te!...' e entregou-o a sua mãe». Jesus é o Salvador que tem compaixão das nossas misérias e que usa da Sua onipotência divina para as aliviar; hoje vemo-LO operar um milagre para consolar uma mãe viúva, restituindo-lhe, cheio de vida, o filho já morto. É um rasgo da delicadeza do Seu amor por nós; mas quantos outros não brotaram do Seu coração, talvez menos visíveis, mas não menos amorosos e vivificantes! «Encontramos no Evangelho três mortos ressusci-

tados visivelmente pelo Senhor — comenta S.to Agostinho — mas Ele ressuscitou milhares de mortos invisíveis»; escrevendo estas palavras, o Santo devia recordar-se com reconhecimento inefável do milagre imensamente maior que Jesus tinha realizado em seu favor, fazendo-o ressuscitar da morte do pecado.

S.to Agostinho, como tantos outros santos, é um ressuscitado. Se os santos que viveram na inocência exercem sobre nós uma grande fascinação, os ressuscitados do pecado têm ainda maior poder para nos encorajar na luta. Se vencer o orgulho, a sensualidade e todas as outras paixões é duro para nós, não o foi menos para eles; também eles conheceram as nossas tentações, as nossas lutas, as nossas quedas; e se ressuscitaram, porque não poderemos nós também ressuscitar?

Nem sempre — graças a Deus — se trata de ter que ressuscitar do pecado grave, mas temos sempre de ressuscitar de pequeninas infidelidades diárias que, se não forem reparadas, pouco a pouco enfraquecem o fervor da vida espiritual. Neste sentido todos os dias e a todas as horas temos necessidade de ressuscitar; no entanto, muitas vezes não temos força para isso. Mas se invocarmos Jesus, nossa vida, Ele nos tocará com a Sua graça, como tocou com a Sua mão o ataúde do jovem de Naim, derramará em nós novo vigor e voltará a pôr-nos, cheios de coragem, no caminho da perfeição. A ressurreição do jovem foi obtida pelas lágrimas da sua mãe; que a nossa seja impetrada, cada dia, pelas lágrimas do nosso coração, pela compunção, pela humildade, pela confiança.

Colóquio — «Ó Senhor meu Deus, aproximei-me das portas da morte e Vós colocastes-Vos entre elas e mim

para que eu não passasse, retirastes-me muitas vezes também da morte do corpo, ó meu Salvador, quando me afligiam graves doenças ou me encontrava exposto a muitos perigos. Vós sabíeis, ó Senhor, que se então me tivesseis surpreendido a morte, a minha alma seria precipitada no inferno e eu teria sido condenado para sempre; e a Vossa misericórdia e a Vossa graça anteciparam-se-me, salvando-me da morte do corpo e da alma; estas e muitas outras coisas fizestes por mim, ó Senhor meu Deus.

«Agora, portanto, ó luz da minha alma, Senhor meu Deus, minha vida pela qual vivo, eu Vos dou graças: eu Vo-las ofereço, se bem que pobres e vis, inadequadas aos Vossos benefícios, como Vo-las pode oferecer a minha fragilidade.

«Eu, o maior entre os pecadores que salvastes, para dar aos outros um exemplo da Vossa benigníssima piedade, confessarei os Vossos grandes benefícios, já que me salvastes do mais profundo inferno, uma vez, duas, três, cem e mil vezes. Eu sempre tendia para o inferno e Vós sempre de lá me tiráveis, quando com justiça me teríeis mil vezes condenado se assim tivésseis querido. Mas não o quisestes porque amais as almas e dissimulais os pecados dos homens a fim de que façam penitência, ó Senhor meu Deus, muito misericordioso em todos os Vossos caminhos.

«Agora vejo e pela Vossa luz conheço tudo isso, ó Senhor meu Deus e a minha alma desfalece considerando a grandeza da Vossa misericórdia. Toda a minha vida que parecia na minha miséria, ressuscitou na Vossa misericórdia; todo eu estava morto e todo me ressuscitastes. Seja portanto Vosso tudo o que existe em mim porque todo me ofereço a Vós» (S.to Agostinho).

295. PERSEVERANÇA E CONFIANÇA

Ó Senhor, aumentai a minha confiança no Vosso auxilio e *fazei* que nesta confiança eu encontre sempre coragem para *recomeçar*.

1 — O que mais assusta as almas de boa vontade que querem dar-se sèriamente à vida espiritual, é verem-se tantas vezes por terra, apesar dos seus repetidos e sinceros propósitos. Quando a alma começa a subida, está geralmente cheia de coragem e não duvida do êxito; mas é ainda inexperiente, não comparou as suas forças com as exigências de uma virtude mais profunda nem conhece as lutas que a esperam neste caminho. E eis a armadilha: no embate com novas dificuldades, cai; levanta-se e cai de novo; levanta-se ainda e pouco depois está outra vez por terra e assim por diante, até que, a certa altura, a assalta a mais perniciosa das tentações: renunciar à empresa que doravante lhe parece impossível. Quantas almas depois de terem empreendido com fervor a subida do monte da perfeição, desanimadas com as suas contínuas quedas, pararam a meio caminho, ou antes, voltaram para trás porque não tiveram a coragem de recomeçar cada dia, a cada momento.

Para ter esta coragem é necessário, sobretudo, a humildade; é preciso estarmos convencidos de que, embora alimentando altas aspirações, somos homens fracos como todos os outros. A Sagrada Escritura afirma que «o justo cairá sete vezes e tornar-se-á a levantar» (*Prov.* 24, 16); portanto, como podemos nós pretender não cair, nós que não somos justos? O verdadeiro mal não está tanto em cair, mas em não nos levantarmos. O que caracteriza as almas fervorosas e mesmo os santos, não é a ausência de qualquer falta, mas a prontidão em se

levantarem depois de cada uma delas. Esta espécie de despeito que tantas almas sentem ao verem-se sempre por terra, não é fruto da humildade, mas do orgulho: não estão ainda tão convencidas da própria miséria que não se admirem por a experimentarem a cada instante, contam ainda muito consigo mesmas e Deus, que as quer conduzir ao centro do seu nada, deixa-as cair e tornar a cair. No plano da divina Providência, estas quedas têm precisamente o fim de nos persuadir da nossa miséria; se queremos aderir ao plano divino, não temos senão um meio: humilhar-nos. Se, ao contrário, desanimamos e desistimos da empresa, não fazemos senão afastar-nos dela com grande prejuízo nosso.

2 — Certas almas justificam o seu desânimo dizendo que não podem suportar ofender a Deus. Está muito bem, porque a primeira condição requerida para sermos santos é justamente a de detestar o pecado e a de estarmos firmemente decididos a evitá-lo, por mais leve que seja, mesmo à custa de todos os sacrifícios. Porém é preciso distinguir: esta disposição sincera que devemos sempre cultivar de não tolerar em nós a mínima ofensa a Deus significa nunca pactuar com os defeitos e as faltas que, não obstante a nossa boa vontade, ainda nos escapam; mas se caímos apesar dos nossos esforços, essa disposição não nos permite o desânimo a ponto de já não sermos capazes de nos levantarmos. Porque não queremos tolerar em nós alguma coisa que desagrade ao Senhor, nunca nos renderemos na luta, mas retomá-la-emos com vigor, para evitar novas quedas. Neste campo quem se rende já está vencido. Com efeito se, embora combatendo sem tréguas, estamos sujeitos a cair, o que não aconteceria se depuséssemos as armas?

Será melhor lutar coxeando e com algum ferimento do que deixar de lutar.

Mas para ter a coragem de perseverar na luta, sobretudo quando — ou pela nossa imperfeição e fragilidade, ou porque Deus o permite para nos humilhar mais — as quedas são mais frequentes, é necessário unir à humildade uma imensa confiança no socorro divino. Tendo experimentado a nossa miséria não podemos, na verdade, levantar-nos apoiando-nos nas nossas forças, todavia resta-nos um recurso muito poderoso: confiar na ajuda de Deus. A força para recomeçar continuamente desde o princípio, encontramos-na na confiança visto que só Deus nos pode dar essa força e no-la dará na medida da nossa confiança: quanto mais confiança tivermos nEle, mais fortes seremos. Quanto mais uma alma está convencida de que Deus a chama à santidade e de que, por outro lado, os seus recursos pessoais são insuficientes para a conduzir até lá, tanto mais deve estar segura de que o próprio Deus lhe dará os auxílios necessários para corresponder ao Seu apelo. Em Deus não existe nada que não seja lógico: se Deus quer de nós uma coisa, não pode negar-nos os meios para a conseguirmos; por isso, se não encontramos estes meios em nós mesmos, encontrá-los-emos certamente nEle, na Sua onnipotência auxiliadora. «Aquele que perseverar até ao fim será salvo» (Mt. 10, 22), disse Jesus. Perseverará até ao fim não só quem nunca cair, mas quem, depois de cada queda, souber humilhar-se e levantar-se, apoiando-se na força infinita de Deus.

Colóquio — «Ó Jesus, bem vedes que sou uma alma muito pequenina que só Vos pode oferecer coisas muito pequeninas, e ainda com frequência me acontece deixar

escapar algum destes pequenos sacrifícios que dão tanta paz à alma; mas isto não me desanima, sujeito-me a ter um pouco menos de paz e procuro, com a Vossa ajuda, ser mais vigilante para a outra vez. Vós sois tão bom para comigo que me é impossível temer-Vos!

«Se quereis que toda a minha vida sinta repugnância em sofrer e ser humilhada, se permitis que todas as flores dos meus desejos e da minha boa vontade caiam na terra sem produzirem nada, não quero perturbar-me. Estou certa de que, se perseverar nos meus pobres esforços, num abrir e fechar de olhos sabereis, no momento da morte, fazer amadurecer belos frutos na árvore da minha alma» (cfr. T.M.J. M.C. pg. 305; CL.).

«Senhor, estou esgotado e necessitado de amparo, falto de forças e cheio de miséria; mas se os Vossos olhos poisarem em mim, serei levantado da minha humilhação, erguer-se-á a minha cabeça e muitos Vos glorificarão.

«Concedei-me que permaneça firme no meu pacto conVosco, que viva em conformidade com ele e envelheça no cumprimento dos meus deveres. Quero confiar e perseverar na minha empresa, já que para Vós, Senhor, é coisa fácil enriquecer o pobre de repente. A Vossa bênção será o meu prêmio e em breves momentos fará frutificar os meus esforços» (cfr. *Ecli.* 11, 12-24).

296. A TEMPERANÇA

Ensinai-me, ó Senhor, a mortificar a minha carne para viver plenamente a vida do espírito.

1 — O homem pode desviar-se do dever, ou por temor das dificuldades e do sacrifício que encontra, ou pelos atractivos do prazer; no primeiro caso vem em seu auxílio a virtude da fortaleza, no segundo a da temperança. A temperança é a virtude que modera em nós o desejo desordenado do gozo sensível, mantendo-o dentro dos limites assinalados pela razão e pela fé. Dada a profunda desarmonia produzida em nós pelo pecado, pela qual a parte inferior tende a rebelar-se contra a parte superior apeteendo-lhe coisas contrárias ao espírito, não poderemos defender-nos dos atractivos do prazer sem o socorro desta virtude que Deus infundiu na nossa alma para nos tornar capazes de reprimir a tendência desregrada para o gozo. Como a fortaleza, com as virtudes conexas da magnanimidade, da paciência e da perseverança, é um sustentáculo para a nossa fraqueza, assim a temperança, com as virtudes que dela derivam — sobriedade, castidade, continência, modéstia, etc. — é um freio para a nossa concupiscência. Todavia, embora seja um freio, não tem só o papel negativo de temperar, conter e moderar o amor desordenado ao prazer, tem também um positivo, que é regular as paixões e permitir-nos o uso dos sentidos em perfeita harmonia com as exigências do espírito, de modo que a nossa vida espiritual não seja perturbada. É assim que a temperança, juntamente com a graça e com as outras virtudes, cura e eleva a nossa natureza, restabelecendo em nós a harmonia destruída pelo pecado.

Isto porém não se pode realizar sem a nossa colaboração que, no campo da temperança, consiste sobretudo na mortificação das paixões e dos sentidos. «Se viverdes segundo a carne — diz S. Paulo — morrereis, mas se, pelo espírito, fizerdes morrer as obras da carne, viveis» (*Rom.* 8, 13). A virtude da temperança foi infundida em nós para nos tornar capazes de «fazer morrer as obras da carne», morte que não é fim em si mesma, mas condição indispensável para a vida do espírito.

2 — A beleza da virtude da temperança consiste em ajudar-nos a percorrer, em sentido contrário, o caminho andado pelos nossos primeiros pais. Em consequência do seu pecado perderam a harmonia perfeita entre o espírito e a matéria, caindo em profunda desarmonia e nós desta temos de alcançar aquela. Assim como o cavaleiro enfreia o cavalo feroso antes de se lançar na corrida, também nós, para emprendermos este caminho, devemos impor à nossa carne as fortes rédeas da mortificação, de modo a sermos senhores de todos os seus movimentos e apetites.

Compreende-se facilmente como é necessária a mortificação no campo da castidade: viver castos sem mortificar o próprio corpo é uma ilusão, pois nem a virtude nem o voto de castidade mudam a nossa natureza, nem nos tornam insensíveis aos atractivos dos sentidos, do mundo e do demónio. Pelo contrário, compreende-se menos a necessidade da mortificação a respeito do sentido do gosto. Neste campo até as almas que tendem à perfeição condescendem geralmente com bastante facilidade com o prazer sensível, considerando-o totalmente inocente e sem consequências para a vida do espírito. Porém não é assim, porque tudo o que é

desordem, mesmo leve, na vida dos sentidos, cansa e enfraquece mais ou menos a vida do espírito. Efectivamente há sempre desordem quando, no uso de alimentos e bebidas, nos deixamos determinar de algum modo pelo gosto que neles encontramos, tomando mais do que o necessário quando nos agradam, mostrando-nos descontentes ou recusando-os se não correspondem aos nossos gostos. Isto também é escravidão dos sentidos, é deixar-se dominar pelo prazer sensível e, portanto, é deixar em nós uma porta aberta à rebelião dos sentidos contra o espírito. S. Paulo adverte-nos: «Não vos enganéis... Aquilo que o homem semear, isso também colherá. Aquele que semeia na sua carne, da carne colherá a corrupção; mas o que semeia no espírito, colherá do espírito a vida eterna» (Gál. 6, 7 e 8). Aquele que na sua vida semeia prazeres sensíveis, de qualquer espécie que sejam, semeia corrupção, pois tudo o que é dos sentidos anda à deriva e está destinado a perecer. Como poderá uma alma que aspira a uma vida espiritual elevada, sujeitar-se, embora só em matéria leve, às satisfações dos sentidos? «Não te canses, pois não entrarás no sabor e na suavidade do espírito se não te deres à mortificação de tudo isso que queres» (AM. I, 38).

Colóquio — «Eu não me espanto, Senhor, das desordens humanas, pois feristes o meu coração com a Vossa perfeitíssima caridade e o guardastes sob a custódia da pureza. Oh! se os cegos mortais experimentassem a doçura e a suavidade do Vosso santo amor! Creio que detestariam imediatamente os prazeres dos sentidos e conceberiam deles horrível náusea e fastio, correndo logo ávidos e sequiosos a saciar-se na fonte da Vossa doçura. Mas porque não correm atrás dos Vossos perfumes?

«Compreendo-Vos, Verdade eterna. Se estes, por meio duma atenta meditação, considerassem e tivessem sempre presentes os imensos benefícios que diàriamente lhes dispensais, fàcilmente se deixariam atrair pela doçura inefável do Vosso amor e vê-los-íamos correr com anelante desejo, a deleitar-se na fragância da Vossa grande doçura» (S.ta Catarina de Sena).

«Uma só coisa desejo, Senhor: procurar-Vos! E para Vos procurar, não pararei a colher as flores que encontrar no meu caminho, ou seja, nunca mais pararei a saborear os prazeres que nesta vida se me podem oferecer porque me impediriam de prosseguir o meu caminho. Não porei o meu coração nas riquezas e nos bens que o mundo oferece, não admitirei os contentamentos e deleites da minha carne, não pararei nos gostos e nas consolações do meu espírito, a fim de não ser detido ao buscar-Vos, meu Deus e meu amor, pelos montes das virtudes e dós trabalhos. Fazei, Senhor, que a minha alma se enamore verdadeiramente de Vós, que Vos estime mais do que a outra coisa qualquer e então, confiando no Vosso amor e na Vossa protecção, terei forças para repelir todos os affectos naturais e appetites sensitivos» (cfr. J.C. C. 3, 5-10).

297. A MANSIDÃO

Ó Jesus, manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao Vosso.

1 — Como pela temperança o homem se torna senhor de si mesmo reftreando as paixões da concupiscência, assim, pela mansidão, adquire o domínio próprio e reftreia os ímpetos da ira e da cólera. Esta virtude é

de grande valor porque assegura à alma a paz interior, tão necessária para atender com igualdade a todos os deveres para com Deus e para com o próximo. A alma agitada por sentimentos de ira é incapaz de ver as coisas, como elas são, de formular juízos desapaixonados, de tomar decisões equilibradas, de conter as suas palavras e os seus actos dentro dos limites da cortezia e da gentileza. A sua maneira de agir é incorrecta, desordenada e muitas vezes injusta, ocasiona sensaborias aos outros, arrefecendo a caridade e destruindo a harmonia das boas relações. A irascibilidade não contida perturba o espírito, impede-o de compreender a vontade de Deus, fá-lo desviar da linha do dever e seguir os impulsos da paixão. O papel da mansidão é precisamente moderar e pacificar todos estes movimentos passionais, tornando a alma senhora de si mesma, capaz de se manter calma mesmo em circunstâncias difíceis e irritantes. «Sejamos muito mansos para com todos — exorta-nos S. Francisco de Sales — e tenhamos o máximo cuidado para que o nosso coração não nos fuja das mãos; ponhamo-lo por isso todas as manhãs numa atitude de humildade, doçura e tranquilidade. A perfeita igualdade de espírito, a doçura e a suavidade inalterável de coração, são virtudes mais raras do que a perfeita castidade e são sumamente desejáveis». Para defendermos o nosso coração dos movimentos da ira devemos estar prontos a refreá-los no momento em que despertam porque se os secundamos um pouco logo se tornam muito violentos e ser-nos-ão depois muito difíceis de vencer. A fidelidade constante em reprimir qualquer movimento de cólera levar-nos-á, pouco a pouco, a saborear o doce fruto da mansidão: «Os mansos possuirão a terra e deleitar-se-ão na abundância da paz» (Sal. 36, 11).

2 — A mansidão é particularmente importante para o desenvolvimento da vida de oração e de união com Deus. Como poderá atender ao recolhimento e ao colóquio íntimo com o Senhor, a alma agitada pelo vento da ira? Em vão procurará aplicar-se à oração: o seu espírito e o seu coração fugir-lhe-ão, seguindo os fantasmas provocados pela paixão. Aliás «*non in commotione Dominus*» (III Re. 19, 11), Deus não Se deixa encontrar nem Se manifesta no meio do barulho e da excitação, mas só na paz e na calma interiores. Quando a alma, embora ligeiramente, é sacudida por sentimentos de ira, não se pode aperceber das suaves moções da graça nem do leve murmúrio das inspirações divinas: o tumulto da paixão não dominada impede-a de prestar ouvidos ao Mestre interior e deste modo, perdendo o seu guia, já não age segundo o beneplácito divino, mas deixa-se levar pelos seus impulsos caprichosos que lhe farão continuamente cometer faltas.

Uma alma de vida interior sabe muito bem que tudo quanto acontece — mesmo as circunstâncias mais difíceis — é permitido por Deus para a sua santificação; todavia, quando se desencadeia a ira, este pensamento desvanece-se completamente e ela já não vê mais que as criaturas ou as coisas que a feriram e contra as quais quer reagir. Se queremos que a nossa vida permaneça sempre sob o governo do Espírito Santo, que as nossas acções sejam sempre movidas pela graça e conformes à vontade de Deus, nunca devemos condescender, nem sequer sob o pretexto de bem, com os movimentos da ira. Nestes momentos é necessário ter energia para suspender todo o juízo e acção, esforçando-nos antes por restabelecer no nosso coração a paz indispensável para podermos julgar as coisas à luz de Deus.

O Senhor ensina aos mansos os Seus caminhos, porque só a alma que impôs silêncio aos ressentimentos da ira e aos ímpetos da cólera está em condições de ser ensinada por Deus, de escutar e seguir a Sua voz.

Colóquio — «Ó Jesus, Cordeiro mansíssimo, que sendo amaldiçoado não amaldiçoastes, sendo injuriado não ameaçastes, recebendo grandíssimos desprezos respondestes com divina doçura ou calastes com admirável silêncio, ajudai-me para que, a Vosso exemplo, vença a ira, reprima a cólera, abrace a mansidão e, armado de paciência, sofra de bom grado qualquer trabalho a fim de chegar a gozar conVosco o descanso eterno» (Ven. Luís da Ponte).

«Ó Senhor, com a Vossa ajuda quero fazer um exercício particular de doçura e de resignação à Vossa vontade, não tanto nas coisas extraordinárias como nos acontecimentos e contrariedades de cada dia.

«Quando me aperceber de que a ira se inflama em mim, concentrarei as minhas forças não impetuosamente, mas com suavidade, não violentamente, mas com doçura, e procurarei estabelecer o meu coração na paz. Mas, sabendo bem que nada poderei fazer sozinho, serei diligente, meu Deus, em invocar o Vosso auxílio, como outrora o invocaram os Apóstolos atormentados pela tempestade e sacudidos pelas ondas do mar encapelado. Permitireis acaso, ó Senhor, que Vos invoque em vão? Dignai-Vos nesses instantes vir em meu socorro, dignai-Vos ordenar às paixões que cessem, levantai a Vossa mão para me abençoar e seguir-se-á uma grande bonança. Ensinai-me a ser manso para com todos, mesmo para com aqueles que me ofendem ou me são contrários, e até para comigo próprio, não me indispondo por causa

das minhas recaídas e defeitos. Quando, apesar dos meus esforços, me encontrar por terra, repreender-me-ei docemente: 'Vamos! meu pobre coração — direi — eis-nos de novo caídos na vala que tantas vezes tínhamos proposto evitar. Levantemo-nos agora e deixemo-la de uma vez para sempre. Recorramos à misericórdia de Deus, esperemos nela e ela nos ajudará'. Deste modo, ó Senhor, confiando em Vós, recomeçarei de novo, seguindo o caminho da humildade e da mansidão» (cfr. S. Francisco de Sales).

298. O PROGRESSO ESPIRITUAL

Ajudai-me, Senhor, a progredir rapidamente no caminho da virtude.

1 — «Sede santos porque eu sou santo» (*Lev. 19, 2*): esta é a vontade de Deus, esta é a nossa vocação, este é o objecto dos nossos desejos e esforços. Criados à semelhança de Deus, não queremos que a Sua imagem seja ofuscada em nós por defeitos e paixões; queremos que ela brilhe, límpida e pura, reflectindo o mais possível a Sua santidade. Para nos tornar semelhantes a Si, Deus infundiu na nossa alma, juntamente com a graça, as virtudes teologais e morais que têm o fim de reproduzir em nós algo das Suas perfeições infinitas; e Ele que, como Pai, gosta de encontrar em Seus filhos os traços da Sua semelhança, deseja sumamente ver-nos crescer na virtude. «Porque a alma — diz S. João da Cruz — não pode exercitar e adquirir as virtudes sem o auxílio de Deus, nem Deus as opera sozinho na alma sem o concurso desta» (*C. 30, 6*). Com efeito, ainda que

no baptismo Deus tenha infundido em nós as virtudes sem nenhum merecimento nosso, não as faz crescer sem a nossa colaboração; compete-nos — sempre com o auxílio da graça — fazer crescer os gérmenes de virtude que Ele nos deu. Só assim adquiriremos os bons hábitos e passaremos facilmente à realização dos actos.

Por isso, se queremos secundar a acção de Deus, que deseja tornar-nos semelhantes a Si, devemos aplicar-nos com grande cuidado à prática das virtudes. Em primeiro lugar aplicar-nos-emos à virtude que reconhecemos mais necessária para corrigir os nossos defeitos e vencer a nossa paixão dominante; faremos dela o objecto particular dos nossos propósitos, dos nossos exames de consciência e deles daremos conta ao nosso director espiritual. Não pensemos que este exercício está reservado aos principiantes, porque «a obrigação de crescer no amor de Deus — e portanto em todas as demais virtudes — acompanha-nos até à morte» (S. Francisco de Sales). Ninguém, por avançado que esteja nas vias do espírito, se pode considerar dispensado do exercício das virtudes.

2 — S.ta Teresa de Jesus, descrevendo as grandezas da vida de união com Deus, faz contínuas digressões para recomendar vivamente a prática das virtudes: «É necessário — escreve às suas filhas — que não ponhais o vosso fundamento só em rezar e contemplar, porque se não procurais adquirir virtudes e exercitá-las, sempre ficareis anãs» (*M.* VII, 4, 9); e noutro lugar diz expressamente que por meio das virtudes «poderão progredir muito no serviço do Senhor, mesmo sem ser grandes contemplativas, enquanto que sem elas nenhuma poderá sê-lo» (*Cam.* 4, 3). Para sermos santos

pouco importa que Deus nos leve ou não pelo caminho duma alta contemplação, aliás isso não depende da nossa vontade. Pelo contrário, o essencial — e isso depende de nós — é que pratiquemos sempre a virtude. Quer Deus nos queira numa vida de família ou no exercício duma profissão, quer nos chame ao apostolado ou à vida contemplativa, só nos tornaremos santos na medida em que formos virtuosos.

Quanto mais nos dermos ao exercício das virtudes, mais fácil e quase conatural se nos tornará a sua prática; mas para alcançarmos esta facilidade, que é a característica da virtude que atingiu a maturidade, devemos ter coragem para perseverar longo tempo na luta contra os nossos defeitos e no esforço para adquirirmos os hábitos opostos. Contudo, jamais chegaremos à virtude perfeita, e muito menos à heróica, sem o auxílio dos dons do Espírito Santo, cujo papel é aperfeiçoar as virtudes. Se bem que esteja nas nossas mãos exercitar as virtudes, só Deus pode pôr os dons em acto; habitualmente, porém, fá-lo de um modo proporcionado ao nosso empenho em cultivar as virtudes. A prática assídua das virtudes abre a nossa alma de par em par à acção de Deus e torna-a apta para acolher e seguir as moções do Espírito Santo. Entreguemo-nos, pois, com generosidade, a este exercício; o Espírito Santo não tardará em vir ao nosso encontro com os Seus dons e nós avançaremos rapidamente em direcção à virtude perfeita, heróica, em direcção à santidade.

Colóquio — «Ó Senhor, Vós dissestes: 'Sede santos porque eu sou santo'; a meu ver, não foi outra a vontade que Vós exprimistes no dia da criação, ao declarardes: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança';

é sempre o Vosso mesmo desejo de identificardes e de associardes a Vós a Vossa criatura... Como satisfazer melhor este Vosso desejo senão permanecendo simples e amorosamente voltados para Vós, a fim de que possais reflectir em nós a Vossa imagem, como o sol se reflecte através de um límpido cristal?... Mas para reflectirmos as Vossas perfeições é necessário despojarmo-nos do homem velho e revestirmo-nos do homem novo criado por Vós na justiça e na santidade. Eis o caminho que nos é traçado: não se trata senão de nos despojarmos para o percorrer segundo os Vossos divinos desígnios. Ajudai-me, pois, a despojar-me, a morrer a mim mesma, a perder-me de vista» (I.T. II, 9; I, 7).

Ajudai-me, Senhor, a combater os meus defeitos para me despojar do homem velho; ajudai-me a praticar as virtudes para me revestir do homem novo. Na Vossa presença pouco vale o esplendor das obras ou a fama de um nome glorioso, porém vale muito o exercício da virtude.

«Vós preferis ver em mim o menor grau de pureza de consciência a quantas obras possa fazer.

«Preferis em mim o menor grau de obediência a todos os serviços que posso prestar-Vos.

«Estimais mais em mim que me incline à aridez e a sofrer por Vosso amor que todas as consolações espirituais que possa ter» (J.C. AM. I, 12-14).

299. O DOM DE TEMOR

Senhor, fazei que eu tema uma só coisa: desagradar-Vos e separar-me de Vós.

1 — O Espírito Santo convida-nos para a Sua escola: «Vinde, filhos, ouvi-me, eu vos ensinarei o temor do Senhor» (*Sal.* 33, 12). É esta a primeira lição que o divino Paráclito dá à alma desejosa de santidade, lição importantíssima e fundamental porque, infundindo na alma o ódio ao pecado, que é o maior obstáculo à união com Deus, assegura o desenvolvimento da vida espiritual. Precisamente neste sentido, a Sagrada Escritura diz: «O temor de Deus é o princípio da sabedoria» (*Ecli.* 1, 16).

Para nos educar no temor de Deus, o Espírito Santo, em vez de nos pôr diante dos olhos a visão dos castigos e das penas devidas ao pecado, e de nos apresentar Deus como um juiz severo, mostra-no-LO como um Pai amantíssimo, infinitamente desejoso do nosso bem e apresenta-nos o quadro comovedor dos Seus benefícios e misericórdias. «Deus amou-te com amor eterno, por isso te atraíu a si... — sussurra Ele no fundo da nossa alma — Não és escravo, mas amigo e filho» (cfr. *Jer.* 31, 3; *Jo.* 15, 15). Presa de amor para com um Pai tão bom, a alma não deseja outra coisa senão corresponder ao Seu amor, dar-Lhe gosto e viver sempre unida a Ele; por conseguinte, além do pecado que contrista a Deus e que tem o triste poder de a separar dEle, já nada teme. Que diferença entre este temor filial, fruto do amor, e o temor servil, fruto do medo ao castigo! É verdade que também o temor do juízo e dos castigos divinos é salutar e, em certos casos, pode até servir de muito para afastar a alma do pecado; mas se não se vai

transformando pouco a pouco em temor filial, nunca será suficiente para impelir a alma para a santidade. O temor puramente servil gela a alma e amesquinha-a, ao passo que o temor filial dilata-a, lança-a no caminho da generosidade e da perfeição .

2 — O dom de temor aperfeiçoa simultâneamente as virtudes da esperança e da temperança. O objecto da esperança é a posse de Deus e a bem-aventurança eterna; o dom de temor, fazendo-nos evitar, com todo o cuidado, a mais pequena ofensa a Deus, põe-nos nas melhores condições de esperarmos a união beatífica do céu e de obtermos os meios necessários para a alcançar.

O objecto da temperança é refrear as paixões e a atracção para o prazer sensível; o dom de temor aperfeiçoa esta virtude, tornando-nos mais generosos em mortificar os nossos sentidos e as nossas paixões. Impedidos por este santo temor, estaremos mais vigilantes do que nunca a fim de não nos deixarmos arrastar pelo desejo das satisfações e estaremos prontos a renunciar a tudo para não darmos ao Pai celeste o mais pequeno desgosto. «Vale mais desagradar-me a mim do que desagradar a Deus», repete a alma sob o influxo deste dom.

Assim, mais do que fazer-nos temer a Deus, o Espírito Santo faz-nos antes temer-nos a nós mesmos, a nossa má vontade e as nossas paixões que, sendo causa do pecado, podem pôr-nos em perigo de ofender a Deus, de nos separarmos dEle ou, pelo menos, de não vivermos bastante unidos a Ele. Não se trata porém, de um temor que gera inquietações e escrúpulos, mas de um temor unido ao amor, à confiança, e que por isso leva a alma

a pôr-se totalmente nas mãos de Deus, a fim de que Ele a preserve de qualquer sombra de pecado. Embora lançando-a com imensa confiança nos braços do Pai celestial, o dom de temor infunde-lhe também um sentimento de respeitosa reverência para com a Sua majestade infinita: a alma sente que Deus, em virtude da Sua suprema dignidade, lhe está sumamente distante, mas sente também que, devido ao Seu amor misericordioso, Se aproximou tanto dela que a convidou a viver na Sua intimidade. Entre estas alternativas de reverência filial e de total confiança, o dom de temor chega à maturidade e desabrocha no amor perfeito. «Quando a alma chega a ter com perfeição o espírito de temor, possui já em perfeição o espírito de amor, porquanto aquele temor, que é o último dos sete dons, é filial, e o temor perfeito de filho sai do amor perfeito de pai» (J.C. C. 26, 3).

Colóquio — «Meu Deus, ainda que eu Vos deseje amar, ainda que eu conheça as vaidades do mundo e a estas prefira o Vosso serviço, enquanto viver neste mundo não posso estar seguro de não tornar mais a ofender-Vos. Sendo assim, que deverei fazer senão recorrer a Vós e suplicar-Vos que os meus inimigos me não façam cair em tentação? Como poderei descobrir os seus embustes? Oh! meu Deus, como tenho necessidade do Vosso auxílio! Dizei-me, Senhor, alguma palavra que me traga a luz e a segurança! Dignai-Vos dar-me algum remédio para me pôr ao abrigo dos assaltos desta guerra tão perigosa! Vós dizeis-me que esse remédio é o amor e o temor. O amor deve fazer-me apressar o passo e o temor far-me-á ver onde ponho os pés para não cair. Dai-mos ambos, Senhor, visto que o

amor e o temor são dois castelos fortíssimos do alto dos quais poderei vencer todas as tentações. Sustentai-me Vós, Deus meu, de tal forma que nem por todo o ouro do mundo cometa advertidamente nenhum pecado venial, por pequeno que seja» (cfr. T.J. *Cam.* 39, 4 e 6; 40, 1 e 2; 41, 1).

«Meu Senhor e meu Deus, todo o meu bem é permanecer unido a Vós e pôr em Vós toda a minha esperança. Abandonada a si própria, a minha alma seria como um sopro que se dissipa e não volta. Sem Vós não posso fazer o bem nem estar firme nele, sem Vós não posso amar-Vos nem agradecer-Vos nem evitar o que Vos desgosta. Refugio-me, pois, em Vós, a Vós me abandono para que me sustenteis com o Vosso poder, me retenhais com o Vosso vigor e não permitais que jamais me separe de Vós» (cfr. S. Bernardo).

300. BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

Ó Espírito Santo, mostrai-me o caminho que conduz à verdadeira pobreza de espírito e dai-me forças para o percorrer até ao fim.

1 — Quando a alma secunda as moções dos dons, estes produzem nela tão excelentes frutos de virtude que a fazem saborear antecipadamente alguma coisa da bem-aventurança eterna, da qual são doce penhor e que, por isso, se chamam *bem-aventuranças*. A cada um dos dons corresponde uma bem-aventurança; ao dom do temor corresponde a da pobreza de espírito: «Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus» (*Mt.* 5, 3).

O dom de temor, tendo por fim conduzir a alma à libertação completa do pecado, visa a extinguir nela a concupiscência das coisas terrenas que é a sua causa principal. Por isso, impele-a ao desapego completo de si mesma de modo que, despojando-a de todas as pretensões de egoísmo ou de orgulho, de toda a cobiça ou exigência dos bens terrenos, a vai estabelecendo gradualmente numa perfeita pobreza de espírito. Perante as honras, satisfações, afectos das criaturas, riquezas e comodidades que a vida nos pode oferecer, o Espírito Santo murmura no nosso coração as palavras de Jesus: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens... depois vem e segue-me» (Mt. 19, 21). Quer dizer, não queiras ter mais do que aquilo que possuis, despoja-te mesmo daquilo que tens; não estejas ávido nem de riquezas nem de prazeres ou consolações, nem de glória, nem de afeições terrenas, mas abandona todos estes bens que, enchendo-te o coração de terra, te impedem de te encheres de Deus.

O Espírito Santo move a alma à pobreza material, ensinando-lhe a contentar-se com pouco, a não ter pretensões a respeito das coisas necessárias à vida, mas move-a ainda à pobreza espiritual, porque sem esta a primeira nada vale. «A carência das coisas — diz S. João da Cruz — não despe a alma, se delas tem apetite... As coisas deste mundo não ocupam a alma, nem lhe causam dano, pois não entram nela, mas só a vontade e o apetite delas, que moram nela» (S. I, 3, 4).

2 -- A pobreza de espírito não abrange apenas o desapego dos bens materiais, mas também o dos bens morais e até dos espirituais. Quem alimenta pretensões acerca da afirmação da sua personalidade ou da estima

e consideração das criaturas, quem conserva algum apego à sua própria vontade, às suas próprias ideias, ou ama muito a sua independência, não é pobre de espírito, é ainda rico de si mesmo, de amor próprio e de orgulho. «Se queres ser perfeito — exorta S. João da Cruz — vende a tua vontade... vem a Cristo pela mansidão e humildade e segue-O ao Calvário e ao sepulcro» (AM. III, 7).

De igual modo, quem anda ainda atrás do affecto das criaturas, da alegria e das satisfações que estas lhe podem dar, não é pobre de espírito; nem tão pouco aquele que, na vida de piedade, nas suas relações com Deus, vai em busca de consolações e de gostos espirituais. A pobreza de espírito consiste em estar completamente despojado e vazio de todas estas pretensões, de tal maneira que a alma pretenda e deseje uma só coisa: possuir a Deus, e fique contente mesmo quando Deus Se deixa encontrar somente nas trevas, na aridez, na desconsolação, no sofrimento. Esta é a perfeita pobreza de espírito que liberta a alma de tudo o que não é Deus e nisto consiste o motivo da sua felicidade, pois «à alma que se despe dos seus appetites, querereres e não querereres, a vestirá Deus com a Sua pureza, gosto e vontade» (J.C. AM. II, 19). A bem-aventurança prometida aos pobres de espírito é a posse de Deus, posse que os revestirá das riquezas infinitas de Deus. Esta é a meta a que o Espírito Santo nos deseja conduzir; secundemos a Sua acção, seguindo com docilidade os Seus convites ao desapego e à desnudez total. Quanto mais generosos formos em nos privarmos de tudo o que não é Deus, mais gozaremos da bem-aventurança prometida aos pobres de espírito.

Colóquio — «Ó Jesus, livro de vida e nossa salvação, a Vossa primeira companhia sobre a terra foi a pobreza contínua, extrema, perfeitíssima. Vós, o Omnipotente, o Senhor de todas as coisas, quisestes a pobreza absoluta, amastes a pobreza absoluta para que também nós uníssemos o amor e a pobreza. Fostes pobre em tudo: pobre de bens materiais, pobre de vontade própria, pobre de espírito, pobre acima de tudo o que podemos imaginar, infinitamente pobre porque infinito era o amor com que nos amastes. Fostes pobre como aquele que nada tem, pobre como aquele que nem sequer pede o que não tem. Pobre de bens, pobre de amigos, pobre de poder e de sabedoria humana, pobre de fama de santidade, pobre de dignidade terrena, pobre de tudo quanto existe.

«Também quisestes glorificar a pobreza com a Vossa palavra e chamastes bem-aventurados aos pobres, dissesstes que os pobres julgariam o mundo.

«Oh! vergonha e dor! Hoje, ó Senhor, esta pobreza de espírito, por Vós tão recomendada e exaltada, é repelida e evitada por quase todos, e os mesmos que a pregam e glorificam com a palavra, a negam de facto com a vontade, com o desejo e com as obras.

«Oh! verdadeiramente bem-aventurado aquele que, seguindo o Vosso exemplo, ó Cristo, escolheu a pobreza para sua companheira! Verdadeiramente bem-aventurado aquele que, segundo Vós dissestes, não só de palavras, mas com a vontade e a vida, se faz pobre de todos os bens, pobre de amigos, de parentes, de consolações e de vã ciência. Bem-aventurado aquele que foge das dignidades, dos cargos honrosos, da fama de santidade.

«Ó Senhor, se me não posso despojar materialmente de todas as coisas terrenas, concedei-me, eu Vos suplico,

que me despoje ao menos de coração, não uma vez só, mas todos os dias, em todos os momentos. Oh! verdadeiramente bem-aventurado um tal pobre, porque é dele o reino dos céus» (B. Ângela de Foligno).

301 — AS CARACTERÍSTICAS DA ALMA CRISTA XVI DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Senhor, fazei que a minha alma esteja bem fundada na caridade e na humildade.

1 — A Epístola (Ef. 3, 13-21) que lemos na Missa de hoje é uma das mais belas passagens das cartas de S. Paulo. Encontramos nela a célebre saudação do Apóstolo aos Efésios que, nas suas três partes, resume toda a substância da vida interior.

«O Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo... vos conceda que sejais corroborados em virtude, segundo o homem interior, pelo Seu Espírito». O homem interior é o espírito humano regenerado pela graça, é o homem espiritual que renunciou às coisas materiais e aos prazeres dos sentidos. Este homem está em cada um de nós e deve ser forte a fim de poder sustentar a luta contra o homem animal que, infelizmente, enquanto andarmos na terra, vive ainda em nós e tenta arrastar-nos para o que é baixo. O Apóstolo tem razão em pedir fortaleza ao Espírito Santo, porque a fortaleza da nossa virtude não é suficiente se não for corroborada pela que o Espírito Santo infunde em nós por meio dos Seus dons.

«Que Cristo habite, pela fé, nos vossos corações». Cristo, com o Pai e o Espírito Santo, habita já na alma em graça, mas a Sua presença pode tornar-se cada vez

mais profunda. E quanto mais profunda for, mais penetrada ficará a alma pela caridade divina, de modo a estar verdadeiramente «arraigada e fundada no amor». Se queremos crescer no amor, devemos manter-nos em contacto com a fonte do amor, com Deus vivo na nossa alma.

«Que possais compreender... aquele amor de Cristo que excede toda a ciência». Compreender, tanto quanto é possível à nossa limitação, o mistério do amor de Deus, é o cume da vida espiritual. O cristianismo é todo amor: nós somos cristãos na medida em que vivemos no amor, na medida em que compreendemos o amor de Deus. No entanto este mistério deixa-nos sempre um tanto incrédulos e cépticos. Oh! se pudéssemos ver como vêem os bem-aventurados, que Deus é caridade e que não quer mais do que a caridade; que o caminho para ir a Ele é o caminho do amor; que o sofrimento, a mortificação e a humildade não são senão meios para chegar ao amor perfeito, para corresponder ao amor de Deus-caridade! Então ficaríamos, na verdade, «cheios de toda a plenitude de Deus».

2 — S. Paulo, na Epístola, exortou-nos a permanecer arraigados no amor e Jesus, no Evangelho (Lc. 14, 1-11), exorta-nos a permanecer enraizados no amor e na humildade.

Apesar da tácita desaprovação dos fariseus, fruto da mesquinhez da sua mente e do seu coração, Jesus cura um pobre hidrópico em dia de sábado, ensinando-nos assim, mais uma vez, a grande importância do amor do próximo. Em vão julgaremos estar enraizados no amor de Deus se o não estivermos também no amor do próximo. Como se pode pensar que um acto de cari-

dade fraterna se opõe à lei da santificação de uma festa? São aberrações a que se chega quando se pretende amar a Deus cuidando só dos próprios interesses, não pensando nas necessidades alheias. Isto não é cristianismo, é fariseísmo destruidor da caridade.

Para estarmos enraizados no amor, é indispensável que o estejamos igualmente na humildade, pois só quem é humilde é capaz de amar verdadeiramente a Deus e ao próximo. O Evangelho dá-nos, portanto, uma lição prática de humildade, condenando a caça aos primeiros lugares. E não devemos supor que isto só diz respeito aos lugares materiais; diz também respeito aos morais, quer dizer, aos lugares que o nosso orgulho pretende ocupar na estima e na consideração dos outros. É humilhante constatar como o nosso *eu* procura sempre fazer-nos ocupar um lugar superior àquele que nos pertence, aliás para nossa vergonha, «porque todo o que se exalta será humilhado».

«Coloquemos-nos no último lugar — diz S. Bernardo — pois nenhum prejuízo nos pode vir pelo facto de nos humilharmos e nos julgarmos inferiores ao que na realidade somos. Todavia é um dano terrível e um mal enorme querermos-nos elevar nem que seja uma só polegada acima do que somos, e preferir-nos a uma só pessoa. Assim como para passar por uma porta muito baixa não nos prejudica inclinar-mos demasiadamente, mas prejudica-nos muitíssimo levantarmos-nos um só dedo acima da trave porque podemos bater e ferir a cabeça; de igual modo não há motivo para temermos humilhar-nos demasiado, mas devemos temer e aborrecer o mais pequeno movimento de presunção». Peçamos por isso ao Senhor, tal como fizeram os santos, que nos mande uma humilhação cada vez que o nosso orgulho tentar erguer-se

acima dos outros; será o meio mais seguro de nos enraizarmos na humildade. Fundados na humildade, também o estaremos na caridade e possuiremos assim as duas características fundamentais da alma cristã.

Colóquio — «Aumentai, Senhor, a minha fé no Vosso amor a fim de que eu possa dizer-Vos com toda a verdade: 'Conheci o amor que me tendes e acreditei'. Parece-me ser este o maior acto da nossa fé, a maneira mais bela de Vos pagar amor com amor, o 'mistério escondido' de que fala S. Paulo, mistério que a minha alma anseia por penetrar e que, ao penetrá-lo, a fará estremecer de alegria. Ó Senhor, tornai-me capaz de crer no Vosso excessivo amor por mim. Então não me deterei já em gostos nem em sentimentos, pouco me importarei de Vos sentir ou não, de receber de Vós a alegria ou a dor: acreditarei no Vosso amor e isso me bastará.

«Fazei, ó Deus, que a minha alma penetre nas Vossas profundidades e que aí permaneça enraizada e fundada no Vosso amor.

«Ó Senhor, quando considero no meu íntimo a Vossa imensidade, a Vossa fidelidade, as Vossas provas de amor, os Vossos benefícios, e depois olho para mim mesma e vejo os meus atentados contra Vós, não posso fazer outra coisa senão voltar-me para a minha alma com um profundo sentimento de desprezo; todavia, este desprezo ainda não é suficiente para me colocar tão baixo como eu quereria. Senhor, mergulhai-me na Vossa humildade! Parece-me que estar mergulhado na Vossa humildade é estar mergulhado em Vós, já que vivendo em Vós, que sois a Verdade, é impossível não conhecer o próprio nada. A alma humilde é o recipiente que se

requer, é a ânfora capaz de receber a Vossa graça, pois somente nela Vós a quereis derramar. Ó Senhor, fazei que eu seja humilde, fazei-me compreender que o humilde jamais Vos exaltará bastante e se rebaixará bastante a si mesmo» (cfr. I.T. I, 6; II, 8; I, 9).

302. O DOM DE FORTALEZA

Ó Espírito Santo, que conheceis a minha fraqueza, fortalecei-me com a Vossa fortaleza divina.

1 — Sob a influência do dom de temor, a alma põe-se inteiramente nas mãos de Deus com o único desejo de nunca se separar d'Ele; pelo dom de fortaleza, cujo papel é robustecê-la, torna-se cada vez mais corajosa no serviço divino.

Quando a alma avança na vida espiritual, em vez de agir por iniciativa própria, deve seguir a de Deus, deve deixar-se guiar pelo Espírito Santo; contudo também é necessária a sua actividade que há-de consistir numa adesão dócil e pronta às moções divinas. Pois bem, o dom de fortaleza dar-lhe-á força para responder sempre *sim* às inspirações e convites do divino Paráclito, para aceitar e querer tudo o que Ele faz por ela e nela. Este dom vem assim ajudar e aperfeiçoar a virtude da fortaleza, que é sempre fraca apesar da nossa boa vontade e que desfalece muitas vezes, sobretudo perante as exigências duma vida espiritual mais perfeita. Se é precisa muita coragem para sermos fiéis à lei de Deus e aos deveres do próprio estado, mesmo à custa de duros sacrifícios e para suportarmos com paciência todas as dificuldades da vida, é talvez ainda

mais necessária para secundarmos a acção do Senhor na nossa alma, para não nos assustarmos com as pro-
vações pelas quais nos faz passar, para seguirmos com fidelidade os impulsos do Espírito Santo, Mestre suave e doce, mas ao mesmo tempo exigente, porque não nos pode conduzir à santidade sem nos pedir *tudo*. É precisamente neste campo que experimentamos, de um modo particular, a nossa fraqueza: temos a intuição do que Deus quer de nós, talvez o vejamos claramente, e contudo não somos capazes nem temos forças para o fazer. É o grande tormento da alma de boa vontade que ainda não está madura; é a condição da fragilidade humana que a graça actual e a virtude infusa podem melhorar muitíssimo, mas que, agindo através das nossas faculdades limitadas, não podem curar de raiz. É necessária uma intervenção directa de Deus, e Deus intervém fazendo actuar o dom da fortaleza.

2 — A virtude e o dom da fortaleza têm um objecto idêntico — tornar-nos fortes na vida espiritual — mas diferem na maneira de agir. A virtude opera em nós mediante os nossos esforços que, apesar de sustentados pela graça, são sempre esforços humanos; por isso, embora sobrenatural, deve necessariamente adaptar-se ao nosso modo humano de agir, ressentindo-se sempre, portanto, da nossa limitação. O dom, ao contrário — como todos os dons do Espírito Santo — é sobrenatural não só em si mesmo, como também na sua forma de agir; com efeito, em vez de ser posto em acto por nós — como acontece com a virtude — é o próprio Deus quem o põe em acto. Por meio da virtude somos nós que, com a nossa boa vontade sustentada pela graça, procuramos alcançar a fortaleza, tornar-nos fortes; me-

diante o dom, ao contrário, é o Espírito Santo que nos fortalece interiormente, comunicando-nos algo da Sua omnipotência, da Sua fortaleza infinita. Entre a fortaleza adquirida com o nosso esforço e a infundida em nós pelo Espírito Santo, há uma diferença semelhante à que existe entre a obra de um discípulo inexperiente e a de um hábil artista, ou melhor, à que existe entre a capacidade e o poder do homem e a capacidade e o poder de Deus. «Recebereis — disse Jesus aos Apóstolos — a virtude do Espírito Santo, que descera sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém» (Act. 1, 8); com efeito, aqueles pobres pescadores, cheios de medo, que não tinham tido coragem para acompanhar Jesus ao Calvário, tornaram-se, depois da vinda do Espírito Santo, fortes como leões, capazes de enfrentar qualquer perigo e até a própria morte. Este facto faz-nos compreender a necessidade do dom de fortaleza, sem o qual andaremos sempre vacilantes, duvidosos, inconstantes. O Espírito Santo quer, porém, que nos disponhamos a receber este dom pela prática da virtude; os nossos esforços, humilde e constantemente repetidos, são por si mesmos um tácito apelo ao dom de fortaleza. Com o nosso esforço desfraldamos as velas da alma ao sopro do Espírito Santo: pertence-Lhe a Ele escolher o momento de soprar sobre nós, mas não o fará se não nos encontrar dispostos a receber o Seu impulso, isto é, se não nos encontrar entregues à prática da virtude.

Colóquio — «Ó Deus eterno, Vós sois fortaleza e de tal modo fortaleceis a alma que nem o demónio nem criatura alguma lhe pode arrebatá-la se ela o não quiser. E não o quererá nunca se se revestir da Vossa vontade porque só a sua própria vontade a faz

enfraquecer. Ó Deus eterno, amor inestimável, a Vossa criatura está toda unida conVosco e Vós com ela pela criação, pela fortaleza da vontade, pelo amor com que a criastes» (S.ta Catarina de Sena).

«*Veni, Spiritus fortitudinis, roboram me!* Vinde, Espírito de fortaleza e fortalecei-me! Concedei-me o dom de fortaleza para enfrentar com coragem e suportar com paciência as coisas difíceis e penosas, superando todos os obstáculos. Preciso muito deste Vosso dom porque sou pequena e fraca e canso-me depressa como as crianças. 'Mas Vós não Vos cansais' nem Vos fatigais e a Vossa sabedoria é impenetrável. Dais força ao fatigado e ao que desfalece aumentais a fortaleza e o vigor. Os adolescentes cansam-se e fatigam-se e os jovens caem de fraqueza. Mas aqueles que esperam em Vós adquirirão novas forças, tomarão asas como de águia, correrão sem fadiga, caminharão sem se cansarem' (cfr. Is. 40, 28-31).

«Ó Espírito Santo, sustentai-me e então tornar-me-ei forte da Vossa fortaleza. Se Vós sois a minha força e a minha salvação, que poderei temer? Eu não posso sustentar-me com as minhas próprias forças, mas tudo posso em Vós que me dais força. Se me socorrerdes, não obstante a minha fraqueza, vencerei as tentações, não me deterei perante os obstáculos, realizarei grandes obras e, forte da Vossa fortaleza, suportarei com paciência e com alegria o sofrimento.

«Ó Espírito Santo, invoco este Vosso dom com todo o coração; permiti que ele me faça generosa, intrépida, amante do sacrifício, varonil, desejosa e resoluta em tender à perfeição com verdadeiro espírito de totalidade» (Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

303. BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FOME

Ó Espírito Santo, extingui em mim a fome das coisas terrenas e aumentai a das coisas celestes.

1 — Quando o Espírito Santo Se torna senhor duma alma e a toma inteiramente sob o Seu governo, comunica-lhe uma força invencível que tudo arrasta, que é capaz de enfrentar qualquer obstáculo e de suportar qualquer sofrimento. E, como é próprio dos fortes não se contentar com pouco, mas aspirar a coisas grandes, à medida que o Espírito Santo fortalece a alma, desperta nela desejos cada vez maiores de justiça, de virtude, de santidade, desejos tão vivos e prementes que podem muito bem chamar-se fome e sede. Sob o impulso do dom de fortaleza a alma sente grande fome e sede de justiça; esta é a razão porque ao dom de fortaleza corresponde a bem-aventurança: «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados» (Mt. 5, 6). A expressão *de justiça* deve entender-se no sentido mais amplo de perfeição, de santidade, de entrega total a Deus e às almas. É neste sentido que o Espírito Santo impele a alma, mostrando-lhe horizontes cada vez mais vastos, convidando-a a obras cada vez mais perfeitas, a uma entrega cada vez mais generosa e profunda. Esta alma já não pode reservar nada para si, o Espírito Santo não lho permite; tem de se dar toda: «o amor de Cristo constrange-me» (II Cor. 5, 14), repete com S. Paulo. Devora-a uma sede ardente da vontade de Deus e procura-a como o avarento procura o ouro; tem uma sede ardente de santidade, não tolera em si a mínima falta de correspondência à graça, parece-lhe fazer sempre pouco por Deus, «e se fosse lícito desfazer-se mil

vezes por Ele, ficaria consolada» (J.C. N. II, 19, 3). Tem uma sede ardente de almas, pelas quais não cessa de se dar sem se poupar; uma sede ardente da glória de Deus por quem está sempre totalmente esquecida do seu repouso, pronta a empreender novos sacrifícios e fadigas. Donde lhe vem tanta coragem, tanta ousadia? Não da sua força nem das suas energias — bem o sabe — mas da força do Espírito Santo, da sua confiança nEle, da docilidade à Sua acção. Pode afirmar, portanto, com toda a segurança: «Tudo posso nAquele que me conforta» (Fil. 4, 13).

2 — Como o esfomeado goza quando se pode saciar de pão, assim a alma que vive sob o influxo do dom de fortaleza goza quando pode satisfazer a sua fome de justiça e de santidade. Goza quando pode imergir na vontade de Deus, único alimento capaz de a fartar, goza quando pode satisfazer a sua sede de imolação, sacrificando-se por Deus e pelas almas, goza quando pode saciar a sua fome de Deus, recebendo-O na Eucaristia ou mergulhando nEle na intimidade da oração. É uma alegria pura porque não é procurada, porque é fruto do cumprimento do dever; é a alegria da alma que tende para o seu centro, Deus, e que sente que se dá cada vez mais a Ele, que Lhe pertence totalmente. Mas para gozar desta alegria é necessário estarmos decididos a não querer procurar nem admitir nenhuma outra. «Tem muito boa vida — diz S.ta Teresa de Jesus — quem se contenta só de contentar a Deus e não faz caso do seu contentamento» (Cam. 13, 7).

Se não saboreamos esta alegria é porque a nossa fome de justiça não é muito grande: juntamente com esta fome santa, alimentamos talvez ainda a avidez do

mundo — fome das coisas e das alegrias cá de baixo — que diminui a fome da primeira e desvia os nossos passos para irem em busca de satisfações humanas. Mas que nos poderão dar as criaturas? Nunca serão suficientes para saciar a nossa fome e sempre nos deixarão insatisfeitos. Peçamos, pois, ao Espírito Santo, que extinga em nós o apetite das coisas terrenas e faça crescer a nossa fome de santidade. Esta fome é ainda fraca em nós e é sobretudo inconstante. Quantas vezes, depois de termos feito grandes propósitos, voltamos a cair por terra e ali ficamos deprimidos e talvez até resignados a não fazer mais nada. O Espírito Santo, pelo dom de fortaleza, quer tornar mais forte e perseverante a nossa fome de santidade de modo que jamais se extinga. Porém não o faz para nos deixar morrer de inédua, mas para nos saciar de bens imperecíveis: de vontade de Deus, de justiça, de santidade. Ele que pode suscitar em nós esta fome, tem também o poder de a saciar, de modo que esta saciedade nos torne eternamente bem-aventurados.

Colóquio — «Ó Deus, oceano de amor sagrado e de doçura, vinde e dai-Vos à minha alma! Fazei que eu anseie continuamente por Vós com todo o meu coração, com um desejo absoluto e um amor flamejante, e que em Vós respire suavemente. Ó minha verdadeira e suprema alegria, que eu Vos prefira a toda a criatura, que por Vós renuncie a todo o prazer transitório!

«Alimentai, ó Senhor, este mendigo esfomeado com o influxo da Vossa divindade, regozijai-me com a desejada presença da Vossa graça. Isto Vos peço e desejo a fim de que o amor veemente me penetre, me encha e me transforme em Vós.

«Fazei, ó dulcíssimo Redentor, que eu arda no Vosso amor, que desfaleça a mim próprio, que só em Vós me deleite e só a Vós conheça e sinta. Ó abismo transbordante de divindade, atraí-me, submergi-me em Vós! Arrancai do meu coração qualquer outro amor, aplicai-o a Vós de tal maneira que eu me torne insensível a todas as demais coisas.

«Invoco-Vos do fundo da minha alma, invoco-Vos, procuro-Vos com imenso affecto, ó delícia dos íntimos abraços! Vinde, meu Amado, vinde, ó desejado, permiti que eu Vos possua dentro de mim e Vos estreite com os braços da minha alma!

«Entrai na minha alma, ó suma doçura, para que eu saboreie as coisas doces e só em Vós goze e repouse.

«Ó meu Dilecto, Dilecto dos meus desejos, deixai-Vos encontrar e, uma vez encontrado, deixai que Vos possua e Vos estreite nos meus braços espirituais. Desejo-Vos, anelo por Vós, bem-aventurança eterna. Oh! dai-Vos a mim, uni-me a Vós intimamente, inebriai-me só com o vinho do Vosso amor» (B. Luís de Blois).

304. O DOM DE PIEDADE

Ó Espírito Santo, Espírito de piedade, alegrai e dulcificai o meu coração.

1 — Pelo dom de piedade, o Espírito Santo dá um novo impulso à nossa vida espiritual, um toque de suavidade e de doçura que aperfeiçoa e simplifica as nossas relações com Deus e com o próximo. Estas relações estão fundamentalmente reguladas pela justiça, virtude que nos leva a cumprir sempre o nosso dever, dando a cada um o que lhe pertence. Mas se na vida fôssemos

unicamente guiados pela justiça, o nosso caminho seria muito árido e a fidelidade difícil. Quando, pelo contrário, sob a acção do Espírito Santo, se desenvolve em nós o sentimento de *piedade filial* para com o Pai celeste, sentimento que na prática se traduz num vivo desejo de Lhe agradecer em todas as coisas, transpomos então os limites, um pouco rígidos, da justiça, para nos entregarmos de todo o coração ao serviço do Senhor. Impelidos por aquele profundo grito interior: «Pai!» que o Espírito Santo repete em nós (cfr. *Gál. 4, 6*), elevamo-nos até ao céu com desejos de conquistar o coração de Deus e de nos comportarmos em tudo como verdadeiros filhos Seus. E assim até os deveres mais espinhosos e árduos se tornam suaves e fáceis. Deste modo o dom de piedade vem em auxílio da virtude da justiça e depois, no que diz respeito às nossas relações com Deus, da virtude da religião. Por meio deste dom o Espírito Santo «dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus» (*Rom. 8, 16*), de sorte que esta verdade se torna uma experiência viva, pessoal, capaz de nos elevar para Deus com um impulso filial inteiramente novo, impulso que facilita a nossa oração, transformando-a num contacto íntimo com o Pai celeste.

Por isso é muito justo que, aspirando a uma vida de íntima união com Deus, desejemos e supliquemos este dom; sob o seu influxo a nossa oração tornar-se-á mais cordial, mais filial e ocupar-nos-emos com maior amor e facilidade de tudo quanto diz respeito ao culto divino. Imploremos este dom sobretudo nos momentos em que nos sentirmos mais áridos e frios a fim de que, mesmo nas provas e trabalhos interiores, nos ajude a ir para Deus com um coração de filhos. Assim a nossa diligência e constante aplicação à oração, apesar da falta

de devoção sensível, é uma das melhores disposições para atrair sobre nós o sopro vivificante do dom de piedade.

2 — O dom de piedade aperfeiçoa a justiça nas nossas relações com o próximo, ajudando-nos principalmente a limar as arestas, a vencer aquele sentimento de aversão e de dureza que, apesar de procurarmos praticar a virtude, permanece na nossa conduta sobretudo para com os que nos são desagradáveis e hostis. O dom da piedade inspira-nos o sentido da paternidade divina, a respeito não só de nós próprios, mas também dos outros; faz-nos sentir que esta mesma paternidade não se exerce somente sobre nós, mas sobre todos os homens, próximos ou distantes, amigos ou inimigos, tanto mais que «há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos e em todos nós» (*Ef.* 4, 6). A consciência desta paternidade comum não deve permanecer limitada ao campo das ideias, mas deve penetrar na nossa vida prática, reflectir-se nas nossas relações com o próximo para as modificar, facilitar e dulcificar. Esta é a acção que o Espírito Santo quer realizar em nós, pondo em acto o dom de piedade, através do qual nos inclina suavemente à doçura, à indulgência, à compaixão para com todos, porque todos somos filhos de um mesmo Pai. O Espírito Santo faz-nos compreender que a nossa fraternidade sobrenatural é um laço muito mais forte do que os laços provenientes da carne e do sangue, porque brota não da vontade do homem, mas da vontade do Pai celeste, o qual «antes da criação do mundo nos predestinou para sermos Seus filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo» (*Ef.* 1, 4 e 5). Tendo em conta este laço, Ele impele-nos a vencer qualquer dificuldade que

possamos encontrar nas relações com o próximo, tratando a todos não como estranhos, mas como irmãos.

Para secundar as inspirações do dom de piedade, temos que nos esforçar por dispor o nosso coração à benevolência e à doçura, habituando-nos a ver em cada pessoa — ainda que nos seja contrária — um filho de Deus e um irmão nosso. E se este exercício for para nós muito difícil, em vez de desanimarmos, voltemo-nos com maior insistência para o Espírito Santo, suplicando-Lhe que Se digne completar em nós o que sòzinhos não podemos fazer.

Colóquio — «Ó Espírito Santo, guiai a minha alma, porque todos aqueles que são conduzidos por Vós são realmente filhos de Deus. Vós me ensinai que não recebi o espírito de escravidão para ser ainda conduzido pelo temor, mas que recebi o espírito de adopção de filho pelo qual, voltando o olhar para Deus, posso clamar: 'Pai!' Vós mesmo dais testemunho ao meu espírito de que sou filho de Deus; e se sou filho, também sou herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo contanto que aceite sofrer com Ele para ser com Ele glorificado» (cfr. Rom. 8, 14-17).

«Deus meu, enviai a Vossa luz e a Vossa verdade a iluminar a terra: porque eu sou terra estéril e deserta e sê-lo-ei enquanto Vós não me iluminardes. Derramai sobre mim as graças do céu; inundai o meu coração com o orvalho celeste; dai-me a água da devoção que regue a face da terra, que faça produzir frutos bons e excelentes. Levantai a minha alma oprimida pela multidão dos pecados e elevai todos os meus desejos para as coisas celestiais; para que, saboreando a doçura da felicidade eterna, me repugne pensar nas terrenas.

«Arrebatai-me e desprendeime de toda a consolação passageira das criaturas; porque nenhuma coisa criada pode consolar-me e satisfazer-me plenamente. Uni-me a Vós com o vínculo indissolúvel do Vosso amor; porque só Vós bastais a quem ama, e sem Vós tudo é vão» (*Imit.* III, 23, 9 e 10).

«Ó Espírito Santo, criai em mim um coração de filho para com o Pai celestial, um coração que sempre O busque, O ame e O sirva com agrado. Criai em mim um coração de irmão para com o meu próximo, a fim de que, vencendo qualquer contrariedade, saiba ser benévolo, doce e manso para com todos.

305. BEM-AVENTURADOS OS MANSOS

Ó Espírito Santo, derramai cada vez mais no meu coração o óleo da piedade e da doçura.

1 — O Espírito Santo que, pelo dom de fortaleza, revigora o nosso coração, pelo dom de piedade quer torná-lo manso e doce. Nós mesmos, praticando a virtude da doçura, fazemos o possível — e devemos fazê-lo a todo o custo — por adquirir aquela mansidão de coração tão recomendada por Jesus e que, segundo Ele disse, tem como fruto a paz interior: «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas» (*Mt.* 11, 29). Todavia não conseguimos estabelecer-nos ainda numa doçura habitual, numa paz contínua. Isto é tão verdadeiro que, em casos imprevistos, contradições, agravos, ofensas, a doçura cai por terra e a paz do coração desvanece-se, ao menos por instantes. Estas experiências quotidianas,

«Arrebatá-me e desprende-me de toda a consolação passageira das criaturas; porque nenhuma coisa criada pode consolar-me e satisfazer-me plenamente. Uni-me a Vós com o vínculo indissolúvel do Vosso amor; porque só Vós bastais a quem ama, e sem Vós tudo é vão» (Imit. III, 23, 9 e 10).

«Ó Espírito Santo, criai em mim um coração de filho para com o Pai celestial, um coração que sempre O busque, O ame e O sirva com agrado. Criai em mim um coração de irmão para com o meu próximo, a fim de que, vencendo qualquer contrariedade, saiba ser benévolo, doce e manso para com todos.

305. BEM-AVENTURADOS OS MANSOS

Ó Espírito Santo, derramai cada vez mais no meu coração o óleo da piedade e da doçura.

1 — O Espírito Santo que, pelo dom de fortaleza, revigora o nosso coração, pelo dom de piedade quer torná-lo manso e doce. Nós mesmos, praticando a virtude da doçura, fazemos o possível — e devemos fazê-lo a todo o custo — por adquirir aquela mansidão de coração tão recomendada por Jesus e que, segundo Ele disse, tem como fruto a paz interior: «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas» (Mt. 11, 29). Todavia não conseguimos estabelecer-nos ainda numa doçura habitual, numa paz contínua. Isto é tão verdadeiro que, em casos imprevistos, contradições, agravos, ofensas, a doçura cai por terra e a paz do coração desvanece-se, ao menos por instantes. Estas experiências quotidianas,

embora dolorosas e humilhantes, são muito salutares, pois demonstram-nos, melhor do que qualquer raciocínio, a insuficiência dos nossos esforços e a necessidade extrema do auxílio divino, auxílio que Deus já determinou dar-nos, infundindo em nós o dom de piedade. Pondo este dom em acto, o Espírito Santo apagará em nós todos os restos de ressentimento para com o próximo, acabará por abrandar a nossa dureza e tomará — por assim dizer — o nosso coração nas Suas mãos para o estabelecer numa paz e mansidão habituais. Enquanto este nosso coração continuar nas nossas mãos, nunca chegaremos a ser completamente senhores dele; mas ainda que, apesar dos propósitos tantas vezes renovados, tivéssemos de registar todos os dias faltas de doçura, nem por isso deveríamos desistir da empresa, mas recomençar de boa vontade os nossos esforços e, ao mesmo tempo, implorar com humilde insistência a ajuda divina: «*Veni, Sancte Spiritus, flecte quod est rigidum, fove quod est frigidum, rege quod est devium*» (Seq.). Vinde, Espírito Santo, dobrai e vencei a minha dureza, aquecei a minha frieza, guiai e endireitai o que me faz desviar da mansidão.

2 — A bem-aventurança que corresponde ao dom de piedade é o prémio prometido às almas que com o seu esforço e com a ajuda do Espírito Santo alcançaram a mansidão perfeita: «Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra» (Mt. 5, 4). Que terra? Em primeiro lugar, a do próprio coração porque, diz S. Tomás, «a mansidão torna o homem senhor de si mesmo» (II^a II^{ae}, q. 157, a. 4, co.). Sem este domínio interior de todos os impulsos da alma — movimentos de animosidade, antipatia, desdém, cólera, etc. — a nossa conduta poderá

revestir-se duma aparência de doçura, como fazem os mundanos por diplomacia, contudo não se poderá possuir aquela mansidão profunda que resiste imperturbável a todos os choques da vida. De resto, o que nos permitirá possuir o coração dos homens é — como disse Jesus — o pleno domínio de nós mesmos. Se queremos ser úteis aos nossos irmãos e conquistar-lhes os corações para os orientar para o bem, para a verdade, para Deus, devemos servir-nos não da força ou da autoridade que irrita e provoca reacções contrárias, mas da mansidão, da paciência, da longanimidade. É o método usado por Jesus, cuja missão foi anunciada por Ele próprio como uma obra de doçura: «O Espírito do Senhor poisou sobre mim; pelo que me ungiu para evangelizar os pobres, me enviou a sarar os contritos de coração... a pôr em liberdade os oprimidos» (Lc. 4, 18 e 19).

Também a nós nos foi dado o «Espírito do Senhor», o Espírito Santo, e também os nossos corações foram ungidos com o óleo da piedade, da doçura, a fim de podermos continuar no mundo a missão de Jesus. Para isto nos convida Ele dizendo-nos: «Ide: eis que eu vos envio como cordeiros entre lobos» (Lc. 10, 3), e nos ordena, como outrora aos Apóstolos, que vamos sem bordão nem arma de defesa, embora sabendo que encontraremos oposições, lutas, inimigos.

A exemplo de Jesus, o Cordeiro de Deus, que ganhou o mundo com a mansidão, também nós conquistaremos os corações dos nossos irmãos na medida em que, dominando-nos a nós mesmos, nos tornarmos cordeiros mansos, mais dispostos a sofrer como Ele do que a impormo-nos ou a defendermo-nos pela força.

Colóquio — «Ó Jesus, Salvador do mundo, no meio dos insultos, das perseguições e dos sofrimentos não proferíeis ameaças nem maldições, não Vos defendíeis nem Vos vingáveis nem Vos desculpáveis! Cuspíam-Vos na cara e Vós não a escondíeis, estendiam-Vos as mãos e os braços na cruz e não Vos retraíeis, mas em tudo Vos abandonáveis à vontade dos Vossos verdugos para cumprir a obra da Redenção. Isto é um mistério da misericórdia infinita, mas também um exemplo. Assim, ó Senhor, dais-nos exemplo de mansidão e de paciência na tribulação e na adversidade; ensinai-nos a não pagar o mal com o mal, mas a pagar o mal com o bem.

«Lê, pois, ó minha alma, continua a ler neste livro de vida que é Cristo crucificado! Lê nele a mansidão infinita de Deus! Como poderás ainda protestar, murmurar contra as tribulações ou contra quem te faz sofrer, quando o teu Deus Se imolou por ti como um mansíssimo cordeiro?» (cfr. B. Ângela de Foligno).

«Ó Espírito Santo, dai-me um coração simples que não se dobre sobre si mesmo, que não se deixe dominar pela tristeza nem pela amargura; um coração liberal em se dar, terno e compassivo; um coração fiel e generoso que não esqueça nenhum bem nem guarde rancor de nenhum mal. Formai em mim um coração manso e humilde, pronto em perdoar, capaz de suportar com mansidão todas as contrariedades; um coração que ame sem egoísmo, contente por se apagar nos outros corações, sacrificando-se diante do Pai celestial; um coração magnânimo e firme que não desanime ante a ingratidão, que não recue perante a indiferença; um coração zeloso da glória de Jesus Cristo, ferido do Seu amor e cuja chaga só se cure no céu» (cfr. P. L. Grandmaison, S. J.).

306. O DOM DE CONSELHO

Vinde, Espírito de conselho, e fazei que o meu coração ouça as Vossas inspirações.

1 — «O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito» (Jo. 14, 26). Esta promessa de Jesus é válida para todo o cristão, portanto também é válida para nós; o Espírito Santo mora nas nossas almas para nos aconselhar, para nos recordar os ensinamentos do Senhor e aplicá-los aos casos concretos da nossa vida. Mas como poderemos nós, pobres criaturas, tão grosseiras e habituadas à linguagem barulhenta dos homens, aperceber-nos do leve murmúrio das inspirações divinas? Deus preveniu-nos com um dom especial, o dom de conselho, pelo qual a nossa alma se torna capaz de compreender a voz íntima e silenciosa do Espírito Santo, distinguindo-a entre todas as outras vozes.

O dom de conselho é o poderoso auxiliar da virtude da prudência. Guiados por esta virtude, procuramos entender como nos devemos comportar nas várias circunstâncias da vida para agradar a Deus; mas nem sempre conseguimos ver com clareza e em certos casos ficamos na dúvida. Qual será mais conforme à vontade divina: esta ou aquela acção? São verdadeiramente sobrenaturais os motivos que me guiam nesta deliberação ou serei impulsionado pela minha natureza e pelo meu *eu*? A interrogação permanece e nem os conselhos de pessoas prudentes bastam para dissipar a nossa perplexidade ou para nos dar luz suficiente para agirmos com segurança. Necessitamos que o próprio Deus nos ilumine interiormente, que o Espírito Santo ponha em

acto o dom de conselho e faça chegar à nossa alma os os Seus conselhos divinos. Este dom é como que a antena que nos permite captar os conselhos do Espírito Santo, conselhos preciosíssimos e simplicíssimos que, ultrapassando o labirinto dos nossos raciocínios, nos mostram, com luminosa claridade, o caminho a percorrer, nos dão a conhecer, num instante, a vontade de Deus. Quanto mais se desenvolve em nós este dom, tanto mais a nossa alma se abre à voz do Espírito Santo e mais sensível se torna às Suas inspirações. Em virtude deste dom, nós, pobres criaturas, podemos dirigir ao Altíssimo a humilde, mas audaciosa prece: «Falai, Senhor, que o Vosso servo ouve» (I Re. 3, 9).

2 — Sem dúvida alguma que o Espírito Santo, pelo dom de conselho, quer ser o nosso conselheiro no caminho da santidade. Mas então porque aproveitamos tão pouco das Suas divinas admoestações? Em primeiro lugar porque estamos distraídos, porque a nossa alma está ensurdecida pelas vozes das criaturas e cheia dos tumultos do mundo. A Sagrada Escritura compara a voz do Espírito Santo ao «sopro duma branda viração» (III Re., 19, 12); é necessário, por conseguinte, calar-se exteriormente e mais ainda interiormente, a fim de perceber esta voz tão suave e ténue. Só o silêncio permite ouvir Aquele que se manifesta «no silêncio divino» (cfr. J.C. AM. 1, 26).

Uma outra causa que nos impede de receber os conselhos do Espírito Santo é o apego ao nosso juízo, aos conselhos mesquinhos da nossa mente. Basta um pouco deste apego ou de obstinação nas próprias ideias para fechar a alma em si mesma e para a tornar incapaz de acolher as divinas inspirações. Não nos iludamos,

pois isto sucede mesmo que se trate de obstinação no bem porque o apego à opinião pessoal nunca é bom, nunca é sinal da acção da graça, mas de um amor próprio não vencido. Quando uma alma não é sensível nem dócil à voz da obediência que procura demovê-la da sua tenacidade, muito menos poderá sê-lo à voz interior e silenciosa do Espírito Santo. Assim como um barco, embora munido de velas, não pode ser movido pelo vento enquanto permanecer amarrado, assim uma alma presa às suas opiniões não pode gozar da preciosa influência do dom de conselho; este dom existe nela, sim, mas impotente, quase paralisado, como as velas do barco que está ancorado no porto. Por isso S. João da Cruz aconselha-te: «Nega os teus desejos e encontrarás o que deseja o teu coração; como sabes se o teu apetite é conforme a Deus?» (AM. 1, 15).

Cultivando o recolhimento interior, praticando o desapego do nosso juízo, seremos verdadeiramente, como disse Jesus, «*docibiles Dei*», quer dizer, teremos as disposições necessárias para sermos ensinados por Deus, para recebermos os conselhos do Espírito Santo.

Colóquio — «Falai, Senhor, porque o Vosso servo ouve. Eu sou Vosso servo; dai-me inteligência para compreender as Vossas palavras. Inclinaí o meu coração às palavras da Vossa boca; desça, como orvalho, a Vossa doutrina. Os filhos de Israel diziam outrora a Moisés: 'Fala-nos tu e nós ouviremos; não nos fale o Senhor para que não suceda morreremos'. Senhor, não; não é assim que eu peço, mas antes humilde e ansiosamente Vos suplico com o profeta Samuel: 'Falai Vós, Senhor, porque o Vosso servo ouve'. Não me fale Moisés, nem outro profeta; falai-me antes Vós, ó meu

Senhor e meu Deus, oráculo e luz de todos os Profetas; porque só Vós me podeis ensinar perfeitamente sem eles e eles sem Vós nada podem fazer.

«Podem, é certo, proferir palavras: mas não lhes dão o espírito. Têm uma linguagem sublime; mas se Vós Vos calais, não abrasam o coração. Ensinam a letra; mas Vós explicais-lhe o sentido. Anunciam os mistérios; mas Vós lhes revelais o significado.

«Publicam os mandamentos; mas Vós ajudais a cumpri-los. Mostram o caminho; mas Vós dais a força para o percorrer. Operam exteriormente mas Vós instruis e iluminais o coração. Eles regam a superfície; mas Vós dais a fecundidade. Eles bradam com palavras; mas Vós dais a inteligência do que se ouve.

«Falai então, Senhor, porque o Vosso servo ouve; Vós tendes palavras de vida eterna. Falai-me para consolação da minha alma, emenda de toda a minha vida, e para honra, louvor e glória eterna do Vosso nome» (*Imit.* III, 2, 1-3).

307. BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

Ó Espírito Santo, fazei o meu coração misericordioso à imitação do Coração de Jesus.

1 — Pelo dom de conselho, o Espírito Santo quer assumir a direcção prática da nossa vida para nos conduzir à santidade. Por isso toda a perfeição cristã, objecto da doutrina de Cristo, é igualmente objecto do dom de conselho e das inspirações do Espírito Santo: «Ele vos recordará tudo o que vos tenho dito» (*Jo.* 14, 26), declarou o Mestre. Como a nota característica da doutrina de Jesus é o amor, pois chama-lhe o Seu

mandamento, da mesma forma, entre as inspirações do dom de conselho há uma geralmente reconhecida como o *efeito próprio* deste dom: é a *misericórdia*.

Jesus, ao propor o Seu mandamento, disse: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (Jo. 15, 12); pois bem, a característica fundamental do Seu amor, do amor de Deus aos homens, é exactamente a misericórdia. Todas as criaturas são miséria diante de Deus, miséria incapaz de subsistir sem a Sua contínua intervenção. E nós, homens, o que somos? Não só miséria incapaz de subsistir, mas miséria capaz de pecar; sòzinhos «nada somos, nada podemos, nada valem, nada temos a não ser o pecado» (S. João Eudes). Somos portanto miséria, em toda a extensão da palavra. Por isso, quando Deus nos ama, o Seu amor é essencial e necessariamente um acto de misericórdia, é amor que Se inclina sobre a nossa miséria para a levantar, sustentar, enriquecer com a Sua riqueza infinita. O que o Espírito Se propõe levar a efeito em nós de um modo particular pelo dom de conselho é ensinar-nos a imitar esta misericórdia, característica principal do amor de Deus por nós. O Espírito Santo quer fazer-nos chegar à perfeita observância do mandamento de Jesus, isto é, quer levar-nos a imitar o amor misericordioso do Seu Coração divino: «amai-vos uns aos outros como eu vos amei»; quer levar-nos a imitar a misericórdia infinita do Pai celeste: «sede misericordiosos como também vosso Pai é misericordioso» (Lc. 6, 36).

2 — Deus é infinitamente misericordioso porque conhece a fundo a nossa miséria; nós somos tão pouco misericordiosos porque a conhecemos muito pouco. O Espírito Santo, por meio do dom de conselho, ilumina-nos

sobre este ponto, sobretudo no que diz respeito à nossa miséria pessoal: nos fracassos, nas quedas, repete-nos no fundo do coração as advertências de Jesus: «Sem mim nada podeis fazer... Sois servos inúteis» (Jo. 15, 5; cfr. Lc. 17, 10). Pouco a pouco esta lição, tornada mais viva e eficaz pela experiência, penetra profundamente nas nossas almas; então já não precisamos de longos raciocínios para nos persuadirmos da nossa insuficiência, do nosso nada: vemo-lo, tocamos-lo. O dom de conselho abriu-nos os olhos.

A compreensão da nossa miséria pessoal também nos torna compassivos com a miséria alheia. Como pode atravessar-se a condenar os outros quem está verdadeiramente convencido da própria fragilidade, fraqueza e inconstância? «O que de vós está sem pecado, seja o primeiro que atire a pedra» (Jo. 8, 7), sugere-nos interiormente o Espírito Santo quando, indignados pelas faltas alheias, nos sentimos talvez tentados a imitar o gesto duro dos fariseus para com a mulher adúltera. O Espírito Santo quer esculpir em nós os traços de Jesus, quer transformar-nos em imagens vivas do Salvador, e por isso, suave e incessantemente, incita-nos à misericórdia. Faz brotar no nosso coração o amor para com os miseráveis: tanto para com os miseráveis na ordem material como na ordem moral, a fim de irmos, como Jesus, à procura deles, dispostos a sacrificar-nos pela sua salvação. Impele-nos, sobretudo, a procurar aqueles que, tendo-nos feito sofrer, têm especial direito à nossa misericórdia; então já não poderemos contentar-nos com perdoar-lhes, com tratá-los com mansidão, mas sentiremos a obrigação de lhes fazer bem para nos conformarmos plenamente com o que Jesus ensinou: «Fazei bem aos que vos odeiam» (Mt. 5, 44).

Eis onde nos quer levar o Espírito Santo com o dom de conselho, e desse modo estabelecer-nos-á naquela misericórdia perfeita da qual o divino Mestre disse: «Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia» (Mt. 5, 7). Este é o conselho prudentíssimo do Espírito Santo: sede misericordiosos porque «segundo o juízo com que julgardes, sereis julgados» (ib. 7, 2).

Colóquio — «A Vós recorro, Senhor, movido pela Vossa bondade e misericórdia, pois sei que não desprezais os pobres nem tendes horror aos pecadores. Não repelistes o ladrão que confessava os seus crimes, nem a pecadora desfeita em lágrimas, nem a cananeia suplicante, nem a mulher surpreendida em flagrante adultério, nem o cobrador no seu banco de impostos, nem o publicano que implorava misericórdia, nem o Apóstolo que Vos negava, nem mesmo aqueles que Vos crucificavam. O perfume das Vossas graças atraíu-me.

«Senti o aroma da Vossa misericórdia, e venho a Vós para me fornecer dela. Feliz o homem que, seguindo os Vossos exemplos, tem o coração cheio de compaixão para com os miseráveis. Feliz o que é misericordioso e pronto para socorrer os indigentes, que se considera mais ditoso em dar do que em receber, que está pronto para perdoar e é lento em se irritar, que nunca se vinga e considera em todas as circunstâncias as necessidades alheias como se fossem suas. Ó Senhor, derramai na minha alma o rocio da Vossa misericórdia, enchei o meu coração de caridade a fim de que eu saiba fazer-me tudo para todos e morrer de tal maneira a mim mesmo que viva só para o bem alheio. Ensinai-me a destilar o suave perfume da misericórdia, composto das necessidades dos pobres, das

angústias dos oprimidos, das ânsias dos aflitos, das faltas dos pecadores, e enfim de todos os sofrimentos daqueles que estão na dor, mesmo que sejam nossos inimigos. Todas estas coisas parecem desprezíveis à minha natureza, mas o perfume que delas se extrai supera todos os aromas porque, como Vós dissestes, tem o poder de nos dar a vida eterna: *Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia*. Senhor, fazei que eu possa derramar este perfume não só sobre a Vossa cabeça e os Vossos pés, mas também sobre o Vosso corpo inteiro, que é a Igreja, para mitigar as dores de todos os Vossos membros que sofrem» (cfr. S. Bernardo).

308. A UNIÃO FRATERNA

XVII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Meu Deus, concedei-me a graça de conservar a união com o próximo pelo vínculo da caridade e da paz.

1 — Como Jesus, no curso da Sua vida terrena, não cessou de recomendar a caridade e a união fraterna, assim a Igreja, nas Missas dominicais, continua a inculcar-nos esta virtude. Hoje fá-lo servindo-se de um trecho da carta de S. Paulo aos Efésios (4, 1-6): «Rogovos que andeis dum modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros por caridade, solícitos em conservar a unidade do espírito pelo vínculo da paz». O chamamento que recebemos foi a vocação ao cristianismo, a vocação ao amor. Deus, caridade infinita, adopta-nos como Seus filhos a fim de que riva-

lizemos com a Sua caridade a tal ponto que seja o amor o vínculo que nos una a todos num só coração, como o Pai e o Filho estão unidos numa só Divindade pelo vínculo do Espírito Santo. «Como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós», pediu Jesus para nós (*Jo. 17, 21*).

«Conservar a unidade pelo vínculo da paz»: eis uma coisa fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque, quando o coração é verdadeiramente humilde, manso e paciente, tudo suporta com amor, tendo maior cuidado em se adaptar à mentalidade e aos gostos alheios do que em fazer valer os seus. Difícil porque, enquanto estivermos no mundo, o amor próprio, apesar de mortificado, tenta sempre ressurgir e afirmar os seus direitos, criando constantes ocasiões de choques recíprocos. Para os evitar é preciso muita renúncia de si mesmo e muita delicadeza para com os outros. Devemos persuadir-nos de que tudo o que perturba, enfraquece ou, o que é pior, destrói a união, não pode agradar a Deus, mesmo que o façamos sob pretexto de zelo. Exceptuando o cumprimento do dever e o respeito pela lei de Deus, devemos preferir sempre renunciar às nossas ideias, embora boas, a discutir com o próximo. Dá muito mais glória a Deus um acto de renúncia humilde a favor da união, dá muito mais glória a Deus a paz entre os irmãos, do que uma obra grandiosa que possa causar discórdia e desentendimento.

2 — O excesso de personalismo, o grande desejo de agir cada um a seu modo são muitas vezes causa de divisões entre os bons. Dada a nossa limitação, as nossas ideias não podem ser de tal modo absolutas que não admitam as ideias dos outros. Se o nosso modo

de ver é bom, recto, luminoso, pôde haver outros igualmente bons e até melhores; por isso, em vez de o rejeitarmos por não sabermos renunciar a opiniões demasiado pessoais, é mais prudente, humilde e caritativo aceitar o modo de ver alheio, procurando conciliá-lo com o nosso. Este personalismo é inimigo da união, é um obstáculo para o maior êxito das obras e mesmo para o nosso progresso espiritual.

Na Epístola de hoje S. Paulo apresenta-nos todos os motivos que temos para nos mantermos unidos: «[sede] um só corpo e um só espírito como fostes chamados a uma só esperança pela vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo, um só Deus e Pai de todos». Se Deus quis salvar-nos e santificar-nos unidos a Cristo e formando com Ele um só corpo, dando-nos uma única vocação, uma única fé, uma única esperança e sendo Ele o Pai de todos, como pretendemos salvar-nos e santificar-nos separando-nos uns dos outros? Se não queremos frustrar o plano de Deus e pôr em perigo a nossa santificação e salvação, temos de estar prontos para qualquer sacrifício pessoal a fim de mantermos e consolidarmos a união. Lembremo-nos de que Jesus pediu para nós não só a união, mas a união perfeita: «que sejam consumados na unidade» (Jo. 17, 23).

Também o Evangelho de hoje (Mt. 22, 34-46) vem reforçar este incitamento à união, visto Jesus repetir que o mandamento do amor do próximo é, juntamente com o do amor de Deus, o fundamento de «toda a lei», de todo o cristianismo. Não desprezemos estes chamamentos contínuos à caridade e à união; a Igreja insiste neste ponto, pois nele insistiu Jesus, porque a caridade «é o mandamento do Senhor e se ele é observado, basta» (S. João Ev.).

Colóquio — «Ó Verbo, Filho de Deus, Vós olhais com maior complacência para uma obra feita em união e caridade fraterna do que para mil em desunião. Agradá-Vos mais uma acção insignificante, como um abrir e fechar de olhos, feita em união e caridade, do que se eu padecesse o martírio em desunião e sem caridade. Onde há união, ali estais Vós, porque Vos chamais caridade: '*Deus caritas est*'. Chamais-Vos Deus de paz e de união: '*Deus pacis*'. Sois o autor da paz e sem Vós não pode haver nem verdadeira paz nem união. A paz e a união entre os pecadodres são falsas e de curta duração porque, estando os seus corações dominados pela tirania do pecado e das paixões, quebra-se facilmente o vínculo que os unia, vínculo mais fraco do que um fio de estopa. Assim, somente de Vós, ó Deus, procede a perfeita união; e onde há desunião, reina a confusão por causa do pecado e do demónio. Com que desejo ardente deveríamos procurar esta união e com quanta vontade a deveríamos amar! Onde há união, há todos os bens, abundância de todas as coisas, de todas as riquezas celestes e terrestres.

«Ó Santíssima Trindade, concedei-nos, pois, a graça de vivermos unidos uns aos outros, de conservarmos a união de espírito, tendo um mesmo querer e sentir, imitando a indivisível unidade que existe entre as três Pessoas divinas» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Onde há amor e caridade, aí habitais Vós, Senhor! O Vosso amor, ó Cristo, congregou-nos num só corpo e num só coração; concedei-nos, pois, amarmo-nos com um coração sincero. Afastai de nós as dissensões e contendas; fazei que os nossos corações estejam sempre unidos em Vós e Vós sempre no meio de nós» (da Liturgia).

309. O DOM DE CIÊNCIA

Ó Espírito Santo, fazei-me compreender profundamente o nada das coisas humanas.

1 — Com os dons de temor, fortaleza, piedade e conselho, o Espírito Santo governa sobretudo a nossa vida moral; com os outros dons — ciência, entendimento e sabedoria — governa mais directamente a nossa vida teologal, quer dizer, a nossa vida de relações com Deus. Enquanto os primeiros quatro dons aperfeiçoam especialmente as virtudes morais, estes três últimos aperfeiçoam as teologais e são chamados dons da vida contemplativa, ou seja, da vida de oração e de união com Deus.

Na ascensão para Deus encontramos um grande obstáculo: as criaturas que nos impressionam com os seus atractivos, nos sollicitam e tentam fazer-nos deter nelas. Tudo isto são bens sensíveis e visíveis que nos apartam de Deus, Bem infinito, que escapa à nossa experiência humana. Acreditar que Deus é tudo, acreditar que é o único bem, a única felicidade e esperar unicamente nEle quando Se oculta aos nossos olhos; acreditar que as criaturas não são nada, estar convencidos da sua vaidade quando se nos apresentam com tantos atractivos e encantos, não é fácil para nós que vivemos das impressões dos sentidos. É certo que a fé vem em nosso auxílio e que à sua luz reflectimos muitas vezes nestas verdades; contudo, na prática, os nossos raciocínios fallam frequentemente; o atractivo das criaturas faz-nos esquecer e até atraíçoar o Criador. Por conseguinte temos necessidade duma ajuda mais poderosa, duma luz divina que nos ilumine interiormente sem se servir dos nossos raciocínios tão limitados e grosseiros; é esta

a luz que o Espírito Santo nos infunde por meio do dom de ciência. Este dom não nos faz discorrer sobre a vaidade das coisas, mas dá-nos uma experiência viva e concreta dessa vaidade, uma intuição tão clara que não admite dúvidas. Sob o impulso deste dom, Francisco de Assis abandona imediatamente os alegres companheiros para se desposar com a dama pobreza, e quando o seu pai indignado, o repudia, exclama num arrebatamento de fervor: «Daqui para o futuro não direi mais: *pai Pedro Bernardone*, mas *Pai nosso que estais no céu!*»

Sob o impulso deste dom, Teresa de Ávila escreve as suas sentenças: «Tudo passa, Deus não muda. Quem possui a Deus, nada lhe falta: só Deus basta» (*Máximas*); e S.ta Maria Bertilla morre dizendo: «É necessário trabalhar só por Jesus. Tudo é nada».

2 — Guiado pelo dom de ciência, S. João da Cruz traçou o famoso caminho do «nada», caminho que, pondo de parte os bens criados, sobe direito e rápido o monte da perfeição, onde tem lugar o encontro da alma com Deus: «Nada, nada — repete o Santo — nem isto nem isso; nem os bens da terra, nem os bens do céu», isto é, nem sequer os gostos e consolações espirituais, mas só Deus. Tanta renúncia, tanto desapego, tanta nudez, assusta a pobre natureza humana. Mas a alma iluminada pelo Espírito Santo compreende o nada de todas as coisas porque «tudo é vaidade excepto amar e servir a Deus» (*Imit.* I, 1, 4). À medida que se vai desenvolvendo nela o dom de ciência, a alma compreende, experimenta o nada das criaturas que lhe faz pressentir o tudo de Deus e sente a necessidade de se evadir delas para mergulhar n'Ele. É o primeiro passo para a contemplação.

«Todo o ser das criaturas comparado com o ser infinito de Deus, nada é» (J.C. S. I, 4, 4): são nada as maravilhas da criação, nada as mais esplêndidas obras do engenho humano, nada a ciência dos homens mais doutos. Só Deus vale e dá valor a todas as coisas por serem obra das Suas mãos, ou por terem sido feitas pelo homem para Sua glória.

Perante as nossas mais belas empresas, perante esta nossa agitação por causa das coisas da terra, o Espírito Santo lembra-nos as palavras de Jesus: «Que aproveita ao homem se grangear todo o mundo, se se perde a si mesmo e se faz dano a si?» (Lc. 9, 25); e ainda: «Afadigas-te e andas inquieta com muitas coisas. Entretanto uma só coisa é necessária» (ib. 10, 41 e 42). Faz-nos assim compreender que o essencial é unirmo-nos a Deus, ao passo que tudo o resto é acessório e muitas vezes vão.

Em face da beleza das criaturas, o dom de ciência, embora nos mostre o seu nada essencial, não nega as perfeições relativas que nelas se encontram, mas apresenta-nolas apenas como um vestígio, um reflexo da perfeição infinita de Deus. Esta é a luz que transforma as criaturas, de obstáculo, em escada para subir para Deus, uma vez que «a alma muito se move ao amor do seu Amado Deus pela consideração das criaturas, vendo que são coisas feitas por Sua própria mão» (J.C. C. 4, 3).

Quando uma alma está profundamente iluminada pelo dom de ciência, as criaturas já não a perturbam na sua ascensão para Deus, mas, quer considere o seu nada ou a beleza que o Senhor pôs nelas, quer as abandone ou as use por necessidade, impelem-na sempre para Deus, para O procurar e O amar a Ele, beleza única e infinita.

Colóquio — «Meu Deus, aqui na terra tudo é vaidade. Que poderei procurar ou que desejarei encontrar cá em baixo onde nada é puro? Tudo aqui é vão, incerto, enganador, excepto amar-Vos, Senhor, e praticar o bem. Mas não posso amar-Vos perfeitamente sem me desprezar a mim mesmo e ao mundo.

«Alma minha, não te seja duro afastar-te de amigos e conhecidos; estes impedem muitas vezes a consolação divina. Onde estão os amigos com quem jogaste e riste? Não sei: foram-se embora, abandonaram-me. E o que ontem viste, onde está? Desvaneceu-se. Tudo passou. Portanto só é sábio quem Vos serve a Vós, Senhor, desprezando a vida inferior com todos os seus atractivos.

«Preservai-me, Senhor, da busca dos prazeres do mundo. Conjuro-Vos a que despojeis o meu coração de todo o apego às vaidades da terra. Arrastai-me até à altura da cruz; que eu Vos siga por toda a parte desde que Vós me precedais. Pobre e nu, desterrado sobre a terra e desconhecido, estou de boa vontade conVosco» (Ven. T. de Kempis).

«Tirai-me, meu Deus, tudo o que me afasta de Vós; concedei-me tudo o que me aproxima de Vós. Arrebatad-me a fim de que eu viva todo e sempre para Vós» (S. Nicolau de Flüe).

«Peço-Vos, Senhor, que, com a força ardente e doce do Vosso amor, retireis a minha mente e o meu coração de todas as coisas terrenas, para que eu morra por Vosso amor, assim como Vós Vos dignastes morrer por meu amor» (S. Francisco).

310. BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM

Dai-me, Senhor, lágrimas que Vos sejam aceites e me ajudem a crescer no Vosso amor.

1 — «Bem-aventurados os que choram porque serão consolados» (Mt. 5, 5). Esta bem-aventurança corresponde ao dom de ciência. Bem-aventurados, acima de tudo, os que, profundamente iluminados pelo Espírito Santo sobre o nada das criaturas, choram o tempo passado em buscá-las, as energias e os afectos dissipados nas vaidades do mundo. São as lágrimas ardentes de S.to Agostinho que não cessa de se lamentar nas suas *Confissões*: «Tarde Vos amei, ó Beleza sempre antiga e sempre nova, tarde Vos amei... Vós estáveis comigo, mas eu não estava conVosco, retinham-me longe de Vós as criaturas». São as lágrimas da Madalena penitente e de S. Pedro que chora a sua falta. Lágrimas benditas que lavam as almas do pecado e as dispõem para a amizade com Deus. São as lágrimas das almas já decididas a procurar Deus sobre todas as criaturas e que, no entanto, por causa da sua fragilidade, têm ainda de se censurar, todos os dias, alguma fraqueza, alguma ligeira recaída nas fúteis satisfações da terra. O dom de ciência não nos permite fechar os olhos às nossas infidelidades, conquanto leves, mas impele-nos a detestá-las, a chorá-las, se não com lágrimas materiais, com lágrimas de compunção. Uma alma que vive sob o influxo deste dom nunca será condescendente nem superficial nos seus exames de consciência, e as suas confissões, embora serenas, serão sempre dolorosas, sempre acompanhadas de profunda contrição. Tais eram as confissões dos santos que se acusavam das mínimas imperfeições com a mais viva dor.

O Espírito Santo não quer tornar-nos escrupulosos, mas muito delicados na nossa fidelidade a Deus; por isso não Se contenta por desprezarmos as vaidades do mundo em geral, mas exige que as desprezemos nas suas mais subteis manifestações: nas pequenas desforras do amor próprio, nas menores complacências consigo mesmo, nas pequenas buscas do affecto e da estima alheia. Ditosa a alma que sabe reconhecer e chorar todas as suas misérias, não com lágrimas de desânimo ou de perturbação, mas com lágrimas de contrição profunda que, em vez de a constrangerem no temor, a dilatam no amor penitente e a lançam nos braços de Deus com um coração renovado no amor e na dor.

2 — O dom de ciência, fazendo-nos experimentar a fundo a vaidade das criaturas, convence-nos da sua inconsistência e defectibilidade e por isso leva-nos a pôr em Deus todas as nossas esperanças. Neste sentido, este dom aperfeiçoa e fortalece a virtude da esperança a fim de que o nosso coração se firme em Deus sem hesitar, reconhecendo ser Ele o nosso único apoio e fundamento, bem como a nossa única felicidade.

Quanto mais a alma espera em Deus e na Sua posse beatífica que a aguarda na vida eterna, tanto mais disposta está não só a renunciar à felicidade e às satisfações que lhe podem oferecer as criaturas, mas também a abraçar todos os sacrifícios necessários para alcançar a vida eterna. Os sacrifícios serão numerosos, porque não é possível ir a Deus senão trilhando o mesmo caminho que o Filho de Deus percorreu para nos reconduzir a Seu Pai: o caminho da cruz. Porém, embora sofrendo, a alma que vive de esperança pode repetir

com S. Paulo: «Não desfaleçamos... pois o que agora é para nós uma tribulação momentânea e ligeira, produz em nós um peso eterno duma sublime e incomparável glória» (II Cor. 4, 16 e 17). O dom de ciência faz-nos achar leves as dores presentes em comparação com a bem-aventurança eterna e leva-nos a bendizê-las ainda que nos custem sangue. Eis porque o Apóstolo se regozija e gloria nas suas tribulações (cfr. Rom. 5, 3) e S. Francisco de Assis canta: «É tanto o bem que espero, que toda a pena é para mim deleite».

Sob o influxo do dom de ciência, a alma compreende assim a bem-aventurança das lágrimas, isto é, a bem-aventurança dos sofrimentos abraçados por amor de Deus. Este dom não nos torna insensíveis às dores físicas e morais, porquanto a bem-aventurança fala expressamente «dos que choram», contudo, se não impede que derramemos lágrimas, santifica-as e transforma-as em lágrimas resignadas com a vontade de Deus, considerando-as um meio para nos assemelharmos a Cristo crucificado e preferíveis às alegrias vãs do mundo. Que diferença entre estas lágrimas e as derramadas por orgulho, por não querer submeter-se à vontade divina ou pelos caprichosos ressentimentos do amor próprio!

Quando a alma chegou ao ponto de preferir as lágrimas santas derramadas ao pé da cruz a todos os prazeres terrenos, pode confiar na bem-aventurança prometida por Jesus: «Bem-aventurados os que choram porque serão consolados».

Colóquio — «Ó Senhor, a paz que Vós nos dais neste mundo é cheia de canseiras, de tribulações e perseguições; mas depois conduzis-nos a uma serena e tranquila paz, direi mais, no meio das próprias canseiras dais-nos

a Vossa paz, porque o Espírito Santo dá-nos testemunho de que somos, de algum modo, filhos Vossos. É isto o que quer dizer: 'Bem-aventurados os que choram porque serão consolados'. Não só nos consolareis no futuro, mas até fareis que o mesmo pranto seja a nossa consolação e que a própria guerra seja paz. Aquele que Vos ama, ó Senhor, no mais ardente fogo da tribulação encontra a brisa fresca e o rocio das celestiais consolações!» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Bendito sejas, meu Deus, por não nos terdes exigido, como preço do Vosso Reino, um sofrimento longo, mas brevíssimo, tão breve como a vida, um instante em face da eternidade da bem-aventurança! É certo que, se fosse necessário suportar, por Vosso amor, durante centenas de milhares de anos, dores mil vezes mais agudas, mais duras e penosas, deveríamos igualmente aceitar esse decreto com imensa alegria, com imenso desejo e dar-Vos graças de joelhos e com as mãos postas. Quanto mais não devemos agradecer-Vos agora que, na Vossa misericórdia, nos concedestes o sofrimento mais breve possível, um sofrimento tão breve como a vida! Breve como um instante, como um nada. Nada é a vida comparada com a eternidade.

«Vinde, pois, vinde, filhos de Deus, e corramos à cruz de Cristo, à dor, ao desprezo, à pobreza! Fazei, Senhor, que eu Vos ame como Vós nos amastes, com absoluta fidelidade, com pureza absoluta, com um amor absoluto que nada reserva para si, que todo se dá e que por isso abraça as dores, os sofrimentos e em tudo não vê nem sente senão amor» (B. Ângela de Foligno).

311. O DOM DE ENTENDIMENTO

Vinde, Espírito de entendimento, ilumina-me!

1 — No nosso caminho para Deus encontramos dificuldades, não só da parte das criaturas que tentam impedir-nos a passagem, mas também por causa da impenetrabilidade dos mistérios divinos; e se, para nos fazer superar as primeiras, o Espírito Santo vem em nosso auxílio com o dom de ciência, para vencermos as segundas ajuda-nos com o dom de entendimento.

A nossa inteligência é incapaz de atingir o infinito. Ainda que revestida de fé, o seu modo de entender é sempre humano, procede por meio de ideias e conceitos limitados, absolutamente insuficientes para exprimirem as realidades divinas. A própria Revelação chega até nós através de palavras humanas e, por consequência, não pode dizer-nos o que é Deus em Si mesmo, nem pode manifestar-nos a essência íntima das verdades reveladas. Munidos unicamente com a virtude da fé, somos contrangidos a deter-nos, por assim dizer, à superfície dos mistérios divinos: temos a certeza de que nos foram revelados por Deus, aderimos a eles com todas as nossas forças e apesar disso não conseguimos penetrá-los. Mas o que a fé não pode fazer por si própria, fá-lo-á com a ajuda do dom de entendimento. Este dom ultrapassa o nosso modo humano de entender e ilumina-nos de um modo divino, fazendo-nos além disso «*intus legere*», quer dizer, «ler dentro» os mistérios divinos com a própria luz e inteligência do Espírito Santo.

É uma penetração rápida e profunda que não acrescenta nada de novo aos dados da Revelação, mas que nos faz compreender o sentido íntimo das verdades reveladas; o dom de entendimento rasga, por assim dizer,

o invólucro das proposições e dos conceitos humanos e permite-nos lançar um olhar para a substância dos mistérios divinos. A fé diz-nos que Deus é Trindade; o dom de entendimento não nos diz mais nada, não nos deixa ver nem sequer nos explica o mistério, mas faz-nos penetrar nele. Sob o influxo deste dom, a alma não só crê que Deus é Uno e Trino, mas tem também a intuição de que o mistério trinitário é essencial à natureza divina e é o que melhor de todos revela a perfeição, o poder e o amor infinitos de Deus.

2 — Só o Espírito Santo, que é Deus, nos pode fazer penetrar nos mistérios divinos; S. Paulo di-lo expressamente: «nem o olho viu, nem o ouvido ouviu... a nós, porém, Deus revelou-o por meio do seu Espírito porque o Espírito tudo penetra, mesmo as profundezas de Deus. Assim também as coisas que são de Deus ninguém as conhece senão o Espírito de Deus. Ora nós não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecermos as coisas que por Deus nos foram dadas» (I Cor. 2, 9-12). Tal é a obra maravilhosa que o Espírito Santo realiza em nós pelo dom de entendimento. As almas que Lhe estão unidas pelo amor, Ele comunica uma participação do conhecimento dos Seus divinos mistérios. Por isso é evidente que quanto mais unidos estivermos ao Espírito Santo em caridade perfeita, mais aptos estaremos a receber esta preciosa comunicação. Então o dom de entendimento não estará em nós inoperante, mas intervirá com a Sua luz para iluminar os nossos estudos, as nossas meditações acerca das coisas de Deus, fazendo-nos penetrar nas Suas profundezas, fazendo-nos captar o sentido íntimo dos textos sagrados, dando-nos a inteligência exacta dos mandamentos e dos

conselhos divinos. Deste modo o Espírito Santo introduz a alma numa oração mais simples e mais profunda: a mente já não precisa de raciocinar, de andar à procura de motivos convincentes, mas, sob o toque iluminativo do Espírito Santo, detém-se e fixa o seu olhar na verdade. Este simples olhar contemplativo revela-lhe Deus mais do que qualquer outro estudo teológico: sente-se abismar na divindade, pressente um abismo sem fundo e goza em se submergir nele; não vê, não distingue, nada sabe dizer de concreto, mas sente Deus, sente que está em contacto com Ele. Que diferença entre a compreensão do mesmo mistério quando o meditamos só à luz da fé ou quando, pelo contrário, temos a graça de o penetrar com a luz proveniente do dom de entendimento! Então já não o contemplamos do exterior, mas do interior, já não paramos na expressão verbal que o enuncia, mas penetramos no segredo oculto por trás da fórmula.

Colóquio — Vinde, Espírito Santo, vinde Luz divina!

«Ó Luz que não vê outra luz, claridade que obscurece qualquer outra claridade, luz da qual deriva toda a luz; claridade em comparação da qual toda a claridade é treva e toda a luz escuridão; luz suprema não nublada pela cegueira nem ofuscada por névoa ou obscurecida por trevas; luz que nenhum obstáculo impede, que nenhuma sombra divide; luz que ilumina todas as coisas ao mesmo tempo e sempre, absorvei-me no pélago da Vossa claridade, para que eu Vos veja em Vós e a mim em Vós, e todas as coisas sob o Vosso olhar» (S.to Agostinho).

«Como poderei aproximar-me de Vós, ó Espírito Santo? Vós habitais numa luz inacessível e Vós mesmo

não sois senão luz, ciência, esplendor; eu, porém, habito num lugar de trevas e não sou mais que ignorância e rudeza.

«Entretanto, ó Espírito Santo, invoco-Vos com confiança a fim de ser por Vós iluminado. Mostrai-me as grandezas divinas, os mistérios divinos, para que os reconheça e adore. Descobri-me as ciladas do demónio e do mundo para que as evite e jamais caia nelas; descobri-me igualmente as minhas fraquezas e misérias, os meus erros e preconceitos, as minhas obstinações e os artifícios do meu amor próprio, a fim de que os deteste e corrija. Mas, ó luz benéfica, iluminai sobretudo a minha alma, para que conheça o que quereis de mim; fazei-me conhecer todo o encanto dos Vossos atractivos e da Vossa graça, e tudo o que devo fazer para merecer os benéficos influxos da Vossa bondade, a fim de lhes corresponder com fidelidade plena; sustentai-me, enfim, para que eu Vos seja fiel até à morte» (P. Aurillon).

312. BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO

Aumentai, Senhor a pureza do meu coração e da minha mente, para que possa conhecer-Vos cada vez melhor.

1 — «Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus» (Mt. 5, 8). Esta bem-aventurança corresponde ao dom de entendimento. Há uma pureza de coração que é indispensável para obter um abundante influxo do dom de entendimento; é a pureza que resulta não só da ausência do pecado, mas também da ausência das menores afeições terrenas. De facto, Deus não Se comunica totalmente a uma criatura se esta não

possui uma total pureza de coração, isto é, se não reserva para Ele toda a sua capacidade afectiva. Enquanto houver em nós algum apego às criaturas, alguma busca do seu affecto, alguma complacência em nos sentirmos amados por elas, o nosso coração não está suficientemente puro para gozar das comunicações divinas. Por isso, antes de levar uma alma a penetrar nos Seus mistérios, Deus submete-a à purificação dos affectos: são desapegos, separações que por vezes custam sangue, mas que, generosamente aceites, acabam por desprender o coração das criaturas, deixando-o completamente livre para o Criador. Se Deus nos faz passar por estas provas, não nos esquivemos, não fuçamos à Sua acção, mas secundemo-la, na certeza de que Ele reserva a plenitude dos Seus dons e da Sua luz só às almas isentas de toda a sombra de criatura, só aos corações que Lhe pertencem completamente. Neste sentido pode dizer-se que a visão de Deus é o prémio prometido aos puros de coração; com effeito, quando o coração conserva algum apego, embora mínimo, às criaturas, o entendimento permanece obscurecido e «não tem capacidade para receber a illustração da sabedoria de Deus, como tão pouco a tem o ar para receber a iluminação do sol... Oh! — exclama S. João da Cruz — se os homens soubessem de quantos bens de luz divina os priva esta cegueira causada pelos affectos e appetites!» (S. I, 8, 2 e 6). Pelo contrário, quando o coração está limpo, então o entendimento, semelhante a um vidro transparente, pode ser inteiramente penetrado pela luz do Espírito Santo.

2 — Há, além disso, outra pureza de coração que já não é disposição para receber o dom de entendimento, mas que, pelo contrário, é fruto deste dom. A palavra

coração há-de entender-se aqui no sentido mais amplo de *espírito*, de *mente*; é o sentido habitual na Sagrada Escritura.

A nossa mente é tão grosseira que facilmente podemos errar ao pensar nas coisas divinas, imaginando-as de um modo material à semelhança das terrenas, interpretando-as segundo os nossos pontos de vista pessoais, encarando-as apenas sob um aspecto particular, descuidando os outros essenciais, e assim por diante. Infelizmente, foi assim que surgiram tantas heresias na Igreja. O dom de entendimento, comunicando-nos a própria luz do Espírito Santo, purifica a nossa mente destes erros, livra-a dos enganos da fantasia bem como de todas as outras falsas interpretações. Graças a esta pureza de espírito, o dom de entendimento garante a integridade da nossa fé, faz-nos penetrar na realidade objectiva dos mistérios divinos, dá-nos o verdadeiro sentido da lei do Senhor, dos mandamentos e dos conselhos. Por outro lado, este dom, fazendo-nos penetrar nas coisas divinas por meio da luz infusa do Espírito Santo, faz-nos compreender perfeitamente que Deus não pode ser encerrado nas nossas grosseiras imaginações nem mesmo nas nossas acanhadas ideias, mas está infinitamente acima de tudo o que podemos pensar ou imaginar dEle. «Olha que Deus é inacessível, não repares portanto no que as tuas potências podem compreender, nem teu sentido sentir para que não te satisfaças com menos e perca a tua alma a leveza precisa para ir a Ele» (AM. I, 52).

Se queremos secundar as inspirações do dom de entendimento, devemos estar desapegados das nossas ideias e dispostos a renunciar a elas, muito embora nos sejam queridas; não devemos estar muito seguros da nossa maneira de entender as coisas de Deus, mas devemos

procurar o controle da Igreja; sobretudo, devemos pedir humildemente o dom de entendimento para que nos livre dos erros e nos dê o conhecimento exacto das coisas divinas.

Encontrando em nós um espírito puro, o Espírito Santo iluminar-nos-á cada vez mais. A maior pureza corresponderá maior luz e vice-versa; desta maneira, de claridade em claridade, chegaremos a uma penetração mais profunda dos mistérios divinos que nos dará algo do antegozo da visão beatífica. «Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus»!

Colóquio — «Ó Senhor, dai-me sentimentos rectos para conVosco e fazei que eu Vos procure com simplicidade de coração. O meu coração diz-Vos: 'Eu buscarei o Vosso rosto'. Busco a Vossa presença, ó Senhor, quando Vos procuro com o meu coração. Vós residis onde habitais, e onde habitais senão em Vosso templo? O Vosso templo é o nosso coração: ensinai-me de que maneira Vos devo acolher. Vós sois espírito, e é necessário que Vos adore em espírito e verdade.

«Entrai no meu coração e todos os ídolos cairão por terra.

«Agora escutarei a Vossa voz e aprenderei a desejar-Vos; aprenderei a preparar-me para Vos poder contemplar. Bem-aventurados todos aqueles que vos vêem! E se Vos vêem não é por durante a vida terem sido pobres de espírito nem por terem sido mansos e misericordiosos ou por terem chorado ou tido fome e sede de justiça, mas porque foram puros de coração. Boa é a humildade para alcançar o reino dos céus, boa a mansidão para possuir a terra, bom o pranto para ser consolado, boa a fome e sede de justiça para ser saciado, boa

a misericórdia para obter misericórdia; mas é a pureza de coração que nos permite ver-Vos.

«Eu quero ver-Vos, Senhor; grande coisa é o que eu quero, mas sois Vós que me dizeis que o queira. Ajudai-me a purificar o meu coração, porque é puro o que eu desejo ver e impuro o meio com que o desejo ver. Vinde a mim, Senhor, e purificai-me com a Vossa graça; purificai o meu coração com os Vossos auxílios e os Vossos confortos. Se eu Vos receber no meu coração durante esta vida, Vós me admitireis na Vossa presença depois da minha morte» (S.to Agostinho).

«Vinde, Espírito Santo e falai sempre ao meu coração ou, ao menos, se Vos aprouver calar-Vos, fale-me o Vosso próprio silêncio, porque sem Vós estou sempre em perigo de seguir os meus erros e de os confundir com os Vossos ensinamentos» (cfr. S. Bernardo).

313. O DOM DE SABEDORIA

Vinde, Espírito de Sabedoria, atraí-me!

1 — O dom de entendimento faz-nos penetrar as coisas de Deus, o dom de sabedoria leva-nos ainda mais longe: faz-nos saboreá-las, confere-nos um conhecimento saboroso delas: É o «*conhecimento saboroso*» de que fala S. Bernardo, é o intraduzível «*dulce sapere*» invocado por S. Tomás (*Adoro Te devote*); é o dom precioso que o Espírito Santo nos oferece, dizendo-nos: «*Gustate et videte quam bonus sit Dominus*» saboreai e vede como o Senhor é bom (*Sal.* 33, 9). Não foi ao acaso que disse primeiro *saboreai* e depois *vede*, porque o dom de sabedoria dá-nos a conhecer Deus através da experiência do coração que «saboreia» o objecto amado.

Há dois modos de conhecer: um especulativo, intelectual, e outro experimental que provém duma espécie de «conaturalidade» com o objecto a conhecer; este último é menos claro, mas muito mais profundo do que o primeiro e capta a íntima substância das coisas. Assim, por exemplo através da afinidade de sentimentos e afectos que a unem a seu filho, uma mãe conhece o seu coração muito melhor do que qualquer outra pessoa. Semelhante a este é o conhecimento das coisas divinas adquirido pelo dom de sabedoria. Entre Deus e nós há uma espécie de «conaturalidade», uma espécie de semelhança produzida pelo amor que nos une a Ele e que, de algum modo, nos assemelha a Ele. S. Paulo não hesita em dizer que «o que está unido ao Senhor é um só espírito com Ele» (I Cor. 6, 17). O dom de sabedoria dá-nos a conhecer Deus e as coisas divinas precisamente através desta «conaturalidade» e por isso proporciona-nos uma experiência cálida e saborosa motivada pelo amor de que ela deriva. Esta experiência prende a alma no seu centro, quer dizer, na vontade, atraindo-a fortemente para Deus, e ao mesmo tempo, redundando como luz no entendimento. O dom de sabedoria age mais ou menos como o raio do sol que aquece e ilumina ao mesmo tempo. Aquece, reaviva a caridade da alma e por meio desta inflamação de amor ilumina-a acerca das realidades divinas e torna-a capaz de as julgar fazendo-a compreender por intuição a sua bondade infinita e a sua absoluta superioridade sobre todas as coisas. «Ó profundidade das riquezas de Deus!» (Rom. 11, 33), é o grito da alma inflamada e iluminada pelo dom de sabedoria.

2 — Todos os dons do Espírito Santo estão estreitamente relacionados com a caridade, já que se encontram

só na alma que a possui e se desenvolvem na medida em que ela aumenta; mas o dom de sabedoria tem com o amor de caridade uma relação particular. Em primeiro lugar porque actua por meio da caridade; «a causa do dom de sabedoria — diz S. Tomás — encontra-se na vontade e é a caridade» (II^a II^{ae}, q. 45, a. 2, co.), por conseguinte, quanto mais uma alma ama a Deus, tanto mais é capaz de receber a moção deste dom. Além disso, o conhecimento saboroso de Deus que deriva do dom de sabedoria é poderosíssimo para aumentar a caridade. Como será possível não amarmos mais o Senhor depois de O termos saboreado? À medida que o dom de sabedoria invade uma alma, aumenta nela a caridade, aumentando também a sua força unitiva pela qual a alma adere cada vez mais a Deus.

Este dom conduz a uma oração ainda mais profunda do que aquela em que intervém só o dom de entendimento: a alma sente-se verdadeiramente unida ao Senhor, saboreia-O nesta união — não de uma forma sensível, mas espiritual — e tem dEle a intuição mais íntima que é possível neste mundo. A alma sai desta oração inflamada de amor, amor que demonstra sobretudo na perfeita conformidade da sua vontade com a de Deus em todas as contingências da vida; sai desta oração tão cheia de Deus que, voltando às suas ocupações ordinárias, tudo vê e considera em relação a Deus. Deste modo, o dom de sabedoria estende a sua influência mesmo à vida prática e ensina-nos a julgar todas as coisas à luz de Deus.

Para sermos susceptíveis de captar as moções do dom de sabedoria — o mais sublime dos dons — temos que dispor docemente o nosso coração para a plenitude do amor e aplicar-nos, ao mesmo tempo, a adquirir uma

profunda humildade, pois, como disse Jesus, «estas coisas estão escondidas aos sábios e prudentes segundo o mundo, e são reveladas aos pequenos» (cfr. Mt. 11, 25).

«Só têm a sabedoria de Deus os que, como crianças ignorantes, renunciando ao seu saber, caminham com amor no Seu serviço» (J.C. S. I, 4, 5).

Colóquio — «Descei, ó Espírito divino, pousai sobre a minha cabeça e invadi o meu coração; dissipai todas as trevas que a loucura do mundo chama sabedoria: concedei-me, pelo contrário, o dom de sabedoria celestial. Só Vós me podeis ensinar a desprezar o que o mundo ama, o que deleita e lisonjeia; só Vós me podeis ensinar a saborear as coisas de Deus, a virtude, a piedade, o amor que viestes acender na terra, a fim de que o mundo nele se inflame» (Autor anónimo).

«Ó Deus que sois essencialmente amor incriado, amor infinito, amor sem medida, não só amante, mas todo amor; ó Deus de quem procedem os amores de todos os serafins e de todas as criaturas, porque Vos não amarei eu? Porque me não consumirei eu neste fogo de amor que abraça todo o universo?

«Ó Deus que sois essencialmente a mesma bondade, por quem é bom tudo o que é bom, de quem deriva a bondade de todas as criaturas como do mar todas as águas, acima de cuja excelente bondade nada existe na terra nem no céu que se possa chamar bom, porque não Vos amarei eu, sendo a bondade objecto do amor?

«Ó Pai santíssimo! Ó Filho clementíssimo! Ó Espírito Santo amantíssimo! Quando sereis Vós, ó Pai, o que há de mais oculto no mais íntimo e mais profundo da minha alma e me possuireis plenamente? Quando serei eu todo Vosso e Vós todo meu? Quando sereis

Vós o meu rei? Quando chegará esse dia? Oh! Quando? Ah! chegará certamente! Acreditais que virá? Oh! que demora! Que penoso adiamento! Apressai-Vos, ó Jesus, apressai-Vos, não tardeis!» (Ven. Luís de Granada).

314. BEM-AVENTURADOS OS PACÍFICOS

Ó Espírito Santo, ajudai-me a estabelecer o meu coração na paz.

1 — A alma que saboreou Deus sob o influxo do dom de sabedoria, olha o mundo com um olhar cheio de Deus e desta forma torna-se capaz de julgar todas as coisas «*secundum rationes divinas*» (S. Tomás, II^a II^{ae}, q. 45, a. 3 ad 3), segundo as razões divinas, os motivos sobrenaturais, e não segundo as acanhadas razões humanas. São estes os juízos verdadeiramente «sábios» aos quais jamais poderemos chegar sem o auxílio do Espírito Santo. Com efeito, «o homem animal [o homem dos sentidos e da pura razão] não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus; para ele são uma estultícia e não as pode entender, porque elas ponderam-se espiritualmente. Mas o espiritual [o homem de fé, guiado pelo Espírito Santo] julga todas as coisas» (I Cor. 2, 14 e 15). Julga tudo em ordem à Causa suprema, Deus, e portanto dirige todos os seus actos e regula toda a sua vida em relação a Deus. Desta ordem — a única verdadeira — nasce a paz, fruto da sábia direcção do dom de sabedoria; por isso o homem que vive habitualmente sob o influxo de tal dom, é o homem «pacífico» por excelência. O seu coração está estabelecido na paz: nele não há desordem alguma, pois todos os seus affectos, desejos, pen-

samentos e acções estão absolutamente ordenados segundo Deus, isto é, plenamente conformes e sujeitos à Sua lei, à Sua vontade, ao Seu beneplácito. Possuindo a paz, torna-se semeador de paz: *pacífico*, no sentido etimológico, é aquele que estabelece a paz, que cultiva a paz e a difunde à sua volta. Esta é a razão porque ao dom de sabedoria corresponde a bem-aventurança da paz: «Bem-aventurados os pacíficos». Só quem vive sob o influxo deste dom pode verdadeiramente julgar e ordenar tudo em relação a Deus, e deste modo nada, nem mesmo o sofrimento, poderá perturbar a sua paz interior, pois sabe que até os acontecimentos mais dolorosos são permitidos e ordenados por Deus para o bem dos Seus eleitos: «todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus» (*Rom. 8, 28*).

Desta maneira o dom de sabedoria imprime uma nota de suavidade, não só à oração, mas também à vida prática: «sob o influxo deste dom a amargura transforma-se em doçura; a fadiga em descanso» (II^a II^{ae}, q. 45, a. 3, ad 3).

2 — O dom de sabedoria conduz-nos à paz: paz interior da alma que, tendo saboreado a Deus, se entrega a Ele sem reserva, totalmente rendida à Sua divina vontade; paz serena daquele que, vendo Deus em tudo, aceita, sem se perturbar, as adversidades da vida, adorando nelas as divinas disposições; e também paz social de quem, considerando os homens em relação a Deus, como criaturas e filhos Seus, ama a todos e quer viver em paz com todos. Quanto mais perfeita for esta paz, mais nos levará a saborear o prémio prometido por Jesus: «Bem-aventurados os pacíficos porque serão chamados filhos de Deus» (*Mt. 5, 9*).

Todos os cristãos são filhos de Deus pela graça, mas aqui trata-se de uma recompensa particular, a saber, duma superabundância da graça de adopção; há aqui algo de experimental pelo que a alma não somente sabe, mas *sente* e *saboreia* que é filha de Deus. É o sentimento saboroso da filiação divina, que nasce na alma sob o influxo do dom de sabedoria. «O mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus» (Rom. 8, 16); esta afirmação de S. Paulo torna-se uma realidade viva e uma experiência saborosa; a alma sente-se chamada filha de Deus, não pelos homens, mas pelo próprio Deus; não lhe fala nenhuma voz sensível, mas quanto mais atraída se sente por Deus e em mais íntima união O saboreia, tanto mais sente que Ele é seu Pai e ela, pequena criatura, Sua filha.

O nosso Deus é o Deus da paz; por isso é muito justo que o pacífico, aquele que possui e difunde a paz, se sinta, de um modo especialíssimo, Seu filho. Se os homens se sentem geralmente tão pouco filhos de Deus, é porque são muito pouco pacíficos: mais propensos às discórdias, às lutas, às guerras do que à paz. Fala-se de paz, mas não se faz a paz, porque o homem não se deixa guiar pelo Espírito de sabedoria e quer guiar-se, ao contrário, a si mesmo pela sua ignorância; assim, é dominado pelo orgulho, pelo interesse, pela cobiça. Vive na desordem e semeia a desordem.

Quanto mais a nossa alma se estabelecer na paz e nós formos mensageiros de paz, tanto mais o Espírito Santo infundirá nas nossas almas este sentimento saboroso da nossa filiação divina, que será para nós uma imensa bem-aventurança, verdadeiro prelúdio da bem-aventurança eterna.

Colóquio — «Dai-me, ó Espírito, a Vossa sabedoria para que nos ensine a conduzir e reconduzir todas as coisas para Vós donde procederam. Oh! se voltássemos deveras para Vós, como de Vós saímos, tal como os rios voltam para o mar onde tiveram a origem; oh! se efectuássemos este completo retorno para Vós, estaríamos em perpétua felicidade e perpétua paz!

«A Vossa sabedoria é a perfeição que ordena todas as coisas em relação a Vós, que sois o seu fim; considera o passado, olha o presente e vê o futuro sempre em relação a Vós. Daqui nasce a paz no nosso coração, doce fruto da sabedoria. Quem possui esta paz fica sempre calmo: calmo nas recordações do passado, nas coisas presentes e pacífico na previsão das futuras, porque sabe que tudo é permitido e disposto pela Vossa Bondade soberana.

«Ó Pai eterno, dai-nos luz para conhecer esta paz, causa de tantos bens e sem a qual se cai em tantos defeitos e em tantos males!

«Oh! porque não posso eu comunicar esta santa paz a todas as criaturas? Oh! se fosse o que devia ser, poderia muito bem difundi-la por toda a parte. Dai-me, Senhor, a Vossa paz: paz do coração que vive unido a Vós, porque de mim nenhum bem posso ter e sem Vós não posso ter paz» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó benigníssimo Jesus, concedei-me que descanse em Vós, mais do que em tudo quanto posso desejar e que em Vós encontre a paz do meu coração. Vós sois a verdadeira paz do coração; vós o seu único descanso: fora de Vós, tudo é inquietação e desassossego. Nesta paz, isto é, em Vós, único, sumo e eterno Bem, adormecerei e descansarei» (*Imit.* III, 15, 4).

315. O PODER E O AMOR DE JESUS XVIII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ó Jesus, fazei que eu saiba corresponder sempre aos dons do Vosso amor.

1 — Um pobre paralítico é apresentado ao Senhor. Provavelmente fez-se levar à Sua presença só para implorar a saúde do corpo, mas perante a pureza e a santidade que emanam da pessoa de Jesus, lembra-se de que é pecador e fica humilhado e confuso. Jesus já lera no seu coração e, atendendo à sua fé e humildade, nem sequer espera que ele fale, mas diz-lhe imediatamente com imensa bondade: «Filho, tem confiança; são-te perdoados os teus pecados» (Mt. 9, 1-8). O primeiro e o maior milagre é operado: aquele homem já não é escravo de Satanás, mas filho de Deus. Jesus que veio salvar as almas, tem todo o direito de curar a alma antes do corpo.

O facto, porém, não agrada aos escribas que, não acreditando na divindade do Senhor, em seus corações imediatamente O acusam de blasfemo. Mas o Mestre, assim como leu na alma do paralítico, lê também nas suas: «Porque pensais mal em vossos corações?». Se naqueles corações Jesus visse um pouco de humildade, um pouco de fé, estaria disposto a curá-los como tinha curado o coração do paralítico; infelizmente não encontra neles mais do que soberba e obstinação. Apesar de tudo quer usar de todos os meios para os convencer e dá-lhes a prova mais evidente da Sua divindade. «Para que saibais que o Filho do Homem tem poder sobre a terra de perdoar pecados: 'Levanta-te — disse ao paralítico — toma o teu leito e vai para tua casa'. E ele levantou-se e foi para sua casa». O milagre foi estrondoso, rapidíssimo:

a palavra de Jesus operou imediatamente aquilo que exprimia; só a palavra de Deus pode ter semelhante poder. Mas os escribas não se deram por vencidos: quando o coração é soberbo e obstinado, nem a evidência dos factos é capaz de o abalar.

Nunca digamos que a nossa fé é fraca por não vermos nem palpamos com a mão as verdades que nos propõe para crer; digamos antes que é fraca porque o nosso coração não é suficientemente dócil à graça, nem está de todo livre do orgulho. Se queremos ter uma grande fé, sejamos humildes e simples como os pequeninos; se queremos ter parte na graça de santificação obtida pelo paralítico, apresentemo-nos ao Senhor com um coração contrito e humilhado, profundamente convencidos de que necessitamos da Sua ajuda e do Seu perdão.

2 — O Evangelho apresenta-nos Jesus no esplendor da Sua personalidade divina com todos os poderes próprios de Deus. A Epístola (I Cor. 1, 4-8) mostra-nos, pondo, por assim dizer, a Sua divindade ao nosso serviço para nos santificar e divinizar. O que Jesus operou na alma do paralítico continua a operá-lo nas nossas almas, e a Epístola de hoje é uma bela síntese da Sua acção em nós, acção vasta e completa, que abrange todo o nosso ser. S. Paulo, ao contemplar esta acção, prorrrompe num hino de acção de graças: «Dou graças incessantemente ao meu Deus por vós, por causa da graça de Deus, que vos foi dada em Jesus Cristo; porque em todas as coisas fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em toda a ciência... de maneira que nada vos falta em graça alguma». Sim de Jesus nos vem toda a graça e todo o dom com que Ele santifica a nossa pessoa e a nossa vida. Pela

graça santificante santifica a nossa alma, pelas virtudes infusas santifica as nossas potências, pela graça actual santifica a nossa actividade, tornando-nos capazes de agir sobrenaturalmente. Contudo, isto não satisfaz ainda a Sua liberalidade: não Se contenta com ter-nos posto em condições de caminhar para Deus, sobrenaturalizados pela graça e pelas virtudes, mas quer substituir o nosso modo humano de proceder pelo Seu modo divino, e por isso enriquece-nos com os dons do Espírito Santo, que nos tornam capazes de ser movidos pelo próprio Deus. Tudo isto é dom de Jesus, é fruto da Sua Paixão; é também dom Seu o Espírito Santo, o Dom por excelência que Ele, morrendo na cruz, nos mereceu e que, juntamente com o Pai, nos envia continuamente do céu a fim de iluminar e dirigir as nossas almas.

Quase parece que Jesus, verdadeiro Filho de Deus, nem é cioso da Sua divindade e das Suas prerrogativas, mas que procura todos os meios possíveis para nos fazer participar, pela graça, daquilo que Ele possui por natureza. Como é verdade que a característica do amor é dar-se e tornar iguais os que se amam!

Abramos o nosso coração ao reconhecimento, correspondamos ao amor infinito de Jesus e mantenhamo-nos sempre sob o Seu influxo, porque Ele quer «confirmar-nos até ao fim, para que sejamos irrepreensíveis no dia da Sua vinda».

Colóquio — «Apoderastes-Vos, ó Jesus, da minha morte, dando-me a Vossa vida, tomastes a minha carne para me dardes o Vosso Espírito, carregastes com os meus pecados para me presenteardes com a graça.

«Assim, ó meu Redentor, todas as Vossas penas são o meu tesouro e a minha riqueza. Reveste-me a Vossa

púrpura, honra-me a Vossa coroa, embelezam-me as Vossas contusões; as Vossas dores são o meu dom, as Vossas amarguras sustentam-me, as Vossas chagas curam-me, o Vosso Sangue enriquece-me, o Vosso amor inebria-me.

«Vós sois o repouso, o fogo e o desejo das almas. Sois o pastor e o cordeiro que tira os pecados do mundo. Sois o Pontífice eterno, poderoso para aplacar a ira do eterno Pai. Quem Vos não louvará, Senhor? Quem Vos não amarás com todo o coração? Ó Jesus benigno, inflamai-me a alma com este amor, mostrai-me o Vosso belo rosto, tornai os meus olhos felizes com os Vossos e não negueis ao que Vos ama o beijo da paz. Vós sois o Esposo da minha alma; ela procura-Vos, chama-Vos com lágrimas. Vós, o Santo, a livrastes da morte com a Vossa morte e, ferindo-a com o Vosso amor, não a aborrecestes. Porque razão a miserável não sente a doçura da Vossa presença? Escutai, Deus meu e Salvador meu, dai-me um coração que Vos ame, pois nada existe de mais doce do que arder sempre no Vosso amor» (Ven. Luís de Granada).

316. AO ENCONTRO DO ESPÍRITO SANTO

Vinde, Espírito Santo, invadi-me e actuai em mim.

1 — Ao considerarmos os dons do Espírito Santo e as bem-aventuranças que são os seus frutos, compreendemos cada vez melhor de que maravilhosas riquezas Deus nos dotou. Todo o cristão possui estes dons preciosos desde o dia do seu baptismo; por consequência não é temerário desejar que se desenvolvam em nós

até à maturidade, de tal modo que a nossa alma possa ser totalmente invadida pela acção do Espírito Santo. Com este desejo vamos ao encontro do desejo do próprio Deus que nos deu estes dons para que possamos ser movidos e guiados pelo Seu Espírito «porque todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus» (*Rom. 8, 14*). Se nós desejamos ser verdadeiramente filhos de Deus, porventura não o deseja imensamente mais o Pai celeste que para isto nos criou e nos elevou ao estado de graça?

Alimentemos, pois, nas nossas almas grandes desejos: não, não é demais, não é temerário, não é presunção; Deus o quer: «*voluntas Dei sanctificatio vestra*» (*I Tess. 4, 3*), esta é a vontade de Deus, a nossa santificação! Mas para que os nossos desejos não sejam vãos, apliquemo-nos com generosidade sempre crescente a dispor a nossa alma à acção do Espírito Santo. Persuadamo-nos de que, antes de nos fazer saborear Deus e a Sua divina união, o divino Paráclito tem de realizar em nós uma obra de purificação profunda, porque assim como o madeiro verde não pode ser penetrado pelo fogo se não for primeiramente seco e liberto de toda a humidade, também a alma não pode ser invadida e transformada pelo fogo do amor divino se não estiver de antemão purificada de todas as suas imperfeições. Disponhamo-nos, pois, a sofrer com ânimo esta purificação indispensável; ou antes, procuremos nós antecipá-la, cortando sem piedade todos os laços que ainda nos prendem à terra, sobretudo os que nos prendem ao nosso amor próprio e ao nosso orgulho. «Ó humildade, humildade... — exclama Teresa de Jesus — o mal daqueles que não avançam [nas vias do espírito] está todo aqui», na falta de humildade, «porque a humildade é o alicerce

do edifício e o Senhor não quererá levantá-lo muito alto se esta virtude não for bem verdadeira» (M. III, 1, 7; 2, 8; VII, 4, 8).

2 — À generosidade, ao desapego e à humildade unamos a oração fervorosa para invocar a acção do Espírito Santo. Elevemos-Lhe as nossas súplicas com as mesmas palavras da Igreja:

«Veni, Creator Spiritus...

*Accende lumen sensibus — infunde amorem cordibus,
infirmis nostri corporis — virtute firmans perpeti».*

Nas trevas dos nossos sentidos necessitamos da luz interior: que o divino Espírito Santo venha e, acendendo em nós esta luz, nos faça conhecer a Deus por meio da contemplação amorosa das Suas grandezas. Precisamos de caridade: que Ele venha infundi-la nos nossos corações, muitas vezes tão áridos e frios porque cheios de amor próprio e de egoísmo. «A caridade de Deus foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo» (Rom. 5, 5), só d'Ele a podemos receber. Temos necessidade de fortaleza para nos vencermos a nós mesmos, para enfrentarmos as dificuldades, para nos mantermos serenos e generosos; que Ele nos venha sustentar com os Seus dons e já não seguiremos as loucas exigências do amor próprio; já não nos deixaremos amedrontar, impressionar pelo sofrimento, pelas dificuldades; não perderemos tão facilmente a paz no meio das contrariedades; fortes da Sua fortaleza, poderemos manter aquele equilíbrio interior e aquela serenidade que nos permitirão ser sempre generosos, estar sempre prontos para nos darmos totalmente a Deus.

«Hostem repellas longius — pacemque dones protinus...»

Quando o Espírito Santo nos tiver conduzido àquele perfeito equilíbrio que é a santidade, já nada teremos a recear do demónio; o maligno fugirá para longe e se alguma vez conseguir perturbar-nos ainda, não poderá fazer mais do que aproximar-se do limiar da sensibilidade, enquanto que, sob a poderosa protecção do Espírito Santo, o fundo da nossa alma permanecerá em paz.

O total equilíbrio e a perfeita paz são as características da vida de união com Deus. O Espírito Santo introduzir-nos-á nesta união e far-nos-á progredir nela até penetrarmos no santuário da vida íntima de Deus, na vida trinitária. Este é o fruto mais precioso da Sua acção nas nossas almas; fruto excelente, penhor da eterna glória, fruto que amadurecerá completamente no céu, na visão beatífica do nosso amantíssimo Deus.

Colóquio — «Ó Espírito Santo, Vós tirais, por assim dizer, um raio puríssimo e luminosíssimo da glória do Pai e uma seta ardentíssima e agudíssima de amor do Verbo Incarnado para iluminar e entenebrececer, para ferir e curar, para inflamar, para arrefecer, humilhar ou fascinar, para glorificar as criaturas que Vos recebem no coração e fazê-las caminhar no amor. E quem poderá narrar quantos e quais são os Vossos influxos? São tantos, tantos, que não têm número.

Mas onde ides Vós derramando os Vossos dons e as Vossas graças? Nas almas que achais bem dispostas: a essas renovais e conduzis ao conhecimento de Deus. Que é, pois, Deus meu, o que priva a alma do Vosso

Espírito? É o perverso amor próprio, fonte e origem de todo o pecado. Oh! infelizmente bem vejo quão submerso e afogado está o mundo no amor próprio! Todos se vão submergindo nele: este com a inteligência, aquele com a memória, um terceiro com a vontade, um outro, enfim, com toda a sua alma. E o que mais Vos desagrada, ó Deus, é que este perverso amor habite por vezes nos Vossos ministros e nas Vossas esposas. Não nos pareça pequena a desordem do nosso amor próprio e da nossa vontade própria. Para deter o curso deste rio impetuoso e o oceano da graça, não são precisos montões de grandes pecados, basta a areia destes defeitos que parecem pequenos, embora o não sejam!

«Ó Espírito Santo, purificai o mundo inteiro, purificai a minha alma do amor próprio para que ele não volte mais!» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Ó Espírito Santo e Santificador, Deus omnipotente, amor essencial do Pai e do Filho, laço adorável da augusta Trindade, eu Vos adoro e Vos amo com todo o coração. Fonte inexaurível de graça e de amor, esclarecei a minha mente, santificai a minha alma e inflamai o meu coração. Deus de bondade e misericórdia, vinde a mim: visitai-me, enchei-me, ficai em mim, fazei do meu coração um templo e um santuário vivo onde possais receber as minhas adorações e as minhas homenagens e achar as Vossas delícias. Fonte de água viva, que jorrais até à vida eterna, regai a minha alma, dessedentai-a, pois tem sede de justiça. Fogo sagrado, purificai-me, fazei que eu me abrase nas Vossas chamas e que elas jamais se extingam. Luz inefável, iluminai-me; Santidade perfeita, consagrai-me; Espírito de verdade, sem Vós estou no erro; Espírito de amor, sem Vós sou gelo; Espírito de unção, sem Vós estou

na aridez; Espírito de vida e vivificante, sem Vós estou na morte.

«Ó Espírito divino, fazei uma doce violência ao meu coração para o obrigar a desejar-Vos, a procurar-Vos, a obedecer-Vos, a amar-Vos e a possuir-Vos no tempo e na eternidade. Assim seja» (P. Aurillon).

317. O ZELO PELAS ALMAS

Ó Jesus que Vos entregastes para a salvação do mundo, acendei no meu coração um zelo ardente pela salvação das almas.

1 — À medida que o amor de Deus vai tomando posse dos nossos corações, faz nascer e alimenta neles um amor cada vez maior para com o próximo, amor que, sendo sobrenatural, tende acima de tudo ao bem sobrenatural dos nossos semelhantes e converte-se em zelo pela salvação das almas.

Se amamos pouco a Deus, também amaremos pouco as almas e, vice-versa, se o nosso zelo pelas almas é fraco, também o é o nosso amor a Deus. Efectivamente, como seria possível amar muito a Deus sem amar muito os que são Seus filhos, os que são objecto do Seu amor, dos Seus cuidados, do Seu zelo? As almas são, por assim dizer, o tesouro de Deus. Ele criou-as à Sua imagem e semelhança por um acto de amor, remiu-as com o Sangue do Seu Unigénito por um acto de amor ainda maior. «Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito, para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo. 3, 16). Quem penetrou o mistério do amor de Deus aos homens, não pode permanecer indiferente pela sua sorte: à luz da fé com-

preendeu que tudo quanto Deus opera no mundo é para seu bem, para sua felicidade eterna e quer de algum modo participar nesta acção, sabendo que não pode fazer coisa mais agradável a Deus do que prestar a sua humilde colaboração na salvação dos que Lhe são caros. Foi sempre este o desejo ardente dos santos, desejo que os impeliu a realizar heroísmos de generosidade, ainda que fosse para o bem de uma só alma. «Esta — escreve S.ta Teresa de Jesus — é a inclinação que o Senhor me deu. Parece-me que Ele aprecia mais uma só alma que Lhe ganhamos com as nossas indústrias e orações mediante a Sua misericórdia, do que todos os serviços que Lhe possamos fazer» (*Fd.* 1, 7).

É verdade que o fim primordial da acção de Deus é a Sua glória, mas Ele, infinitamente bom, gosta de a procurar particularmente através da salvação e felicidade das Suas criaturas. De facto nada exalta tanto a Sua bondade, o Seu amor, a Sua misericórdia, como a obra salvífica em favor dos homens. Por isso, amar a Deus e a Sua glória significa amar as almas, significa trabalhar e sacrificar-se pela sua salvação.

2 — O zelo pelas almas nasce da caridade, da contemplação de Jesus crucificado: as Suas chagas, o Seu Sangue, os sofrimentos dilacerantes da Sua agonia, dizem-nos quanto valem as almas na presença de Deus e como Ele as ama. Este amor, porém, não é correspondido e parece que os homens ingratos querem fugir cada vez mais à Sua acção. É o triste espectáculo de todos os tempos que ainda hoje se repete, como se quisessem insultar Jesus e renovar a Sua Paixão. «Todo o mundo está em chamas: os ímpios querem, por assim dizer, voltar a sentenciar a Cristo, pois levantam contra

Ele mil falsos testemunhos e querem deitar por terra a Sua Igreja». Se Teresa de Jesus (*Cam.* 1, 5) podia afirmar isto do seu século atormentado pela heresia protestante, com muito maior razão podemos afirmá-lo nós do nosso, em que a luta contra Deus e contra a Igreja aumentou desmedidamente e alastra por todo o mundo. Felizes de nós se pudéssemos também repetir com a Santa: «Despedaça-me o coração a perda de tantas almas. Quisera não ver perder-se mais nenhuma... Mil vidas sacrificaria eu para salvar uma só alma das muitas que se perdem» (ib. 4 e 2). Mas não se trata só de formular desejos; é preciso agir, é preciso trabalhar e sofrer pela salvação dos irmãos.

S. João Crisóstomo afirma que «nada há de mais frio do que um cristão que não se preocupa com a salvação dos outros». Esta frieza é consequência duma caridade muita frouxa; acendamos, reavivemos a caridade e acender-se-á em nós o zelo pela salvação das almas. Então o nosso apostolado deixará de ser um dever imposto do exterior que devamos cumprir necessariamente por obrigação do nosso estado, para se tornar uma exigência do amor, uma chama que se inflama espontâneamente no fogo interior da caridade.

Dar-se à vida interior não significa fechar-se numa torre de marfim para gozar tranquilamente as consolações divinas, desinteressando-se do bem alheio, mas significa concentrar todas as energias na busca de Deus, no trabalho da santificação pessoal para agradar a Deus e adquirir um poder de acção e intercessão capaz de obter a salvação de muitas almas.

Colóquio — «Ó meu doce Senhor, quão indignamente sois perseguido por aqueles a quem fizestes tanto bem!

Parece na verdade que estes traidores Vos querem crucificar de novo, não Vos deixando um lugar onde reclinardes a cabeça. Não posso pensar nisto sem sentir o coração despedaçado!

«Considerai, ó Pai eterno, que não são para esquecer tantos açoites, injúrias e tão gravíssimos tormentos. Pois, Criador meu, como podem suportar umas entranhas tão amorosas como as Vossas, que o que fez com tão ardente amor o Vosso Filho e para mais Vos contentar a Vós, que Lhe mandastes que nos amasse, seja tido em tão pouca conta como a que têm esses herejes ao Santíssimo Sacramento, que Lhe tiram os Seus sacrários e destroiem as Suas Igrejas? Acaso terá ainda o Vosso Filho de fazer mais alguma coisa para Vos contentar? Não fez já tudo? Sempre que voltamos a pecar, há-de pagá-lo este amantíssimo Cordeiro? Não o permitais, Imperador meu; aplaque-se já Vossa Majestade! Não olheis para os nossos pecados, mas considerai que fomos remidos pelo Vosso sacratíssimo Filho. Olhai para os Seus merecimentos, para os de Sua gloriosa Mãe e de tantos Santos e Mártires que morreram por Vós!

«Ai que dor!... Como me atreverei eu a fazer esta petição? Com razão haveis de indignar-Vos, Soberano Juíz, ao ver-me tão atrevida. Porém, ó Senhor, já que sois Deus de misericórdia, tende-a desta pecadorazinha, deste miserável verme que assim se atreve.

«Olhai, meu Deus, para os meus desejos e para as lágrimas com que Vos suplico isto, esquecei as minhas más obras, por quem sois, tende piedade de tantas almas que se perdem e favorecei a Vossa Igreja» (T.J. Cam. 1, 2 e 3; 3, 8 e 9).

318. O DEVER DO APOSTOLADO

Ó Jesus, que me acolhestes como Vosso membro, fazei que eu não viva como um estranho no Vosso Corpo místico, mas que seja útil a todos os meus irmãos.

1 — Prescindindo do grau de caridade a que pode ter chegado uma alma e da sua vocação particular, existe, para todo o cristão, um dever de apostolado que tem o seu fundamento no próprio facto de ser cristão, isto é, de ser membro do Corpo místico de Cristo. «Ainda que muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros» (*Rom*, 12, 5); assim como no nosso corpo cada membro se interessa pelo bem dos outros, «e se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele, ou se um membro recebe glória, todos os membros se regozijam com ele» (*I Cor*. 12, 26), do mesmo modo cada cristão está obrigado a interessar-se pelo bem dos outros.

«Se um espinho — diz S. João Crisóstomo — penetra na planta do pé, todo o corpo o sente e com ele se preocupa: o tronco dobra-se, as mãos estendem-se para o extrair, a cabeça inclina-se e os olhos observam com grande cuidado e solicitude». Assim como o tronco, as mãos, a cabeça e os olhos não deixam de cuidar do bem-estar do pé, nem dizem: «a mim que me importa?», mas cada um, a seu modo, corre em auxílio do membro doente, assim também não é lícito a nenhum cristão desinteressar-se do seu irmão, mas deve trabalhar — segundo as suas possibilidades — pelo bem da sua alma. E deve fazê-lo em virtude do baptismo que, ao constituí-lo membro do Corpo Místico, o fez solidário com os outros membros, de tal maneira que o bem e o mal alheio se tornam o seu bem ou o seu mal.

«Todos os males têm a sua origem no facto de reputarmos estranho o que diz respeito ao nosso corpo. Ninguém pode cumprir o seu dever se negligencia a salvação do próximo. Se ousas dizer que nada tens de comum com os teus membros, nem te importas de nada ter em comum com os teus irmãos, também não tens a Cristo por Cabeça». Estas duras palavras de S. João Crisóstomo dizem-nos que o apostolado não é uma coisa supérflua, não é algo de facultativo deixado ao arbítrio da generosidade de cada um, mas um dever formal de todo o cristão, dever proveniente da própria natureza do cristianismo, dever tão urgente que não se pode ser verdadeiro cristão sem o cumprir.

2 — Como S. Paulo aos primeiros cristãos, como S. João Crisóstomo à Igreja de Antioquia, assim o Vigário de Cristo levanta a sua voz para inculcar aos fiéis do mundo inteiro o grande dever do apostolado. Jesus que nos mereceu a graça, morrendo na cruz, «teria podido comunicá-la por Si mesmo, directamente, a todo o género humano; mas quis fazê-lo por intermédio de uma Igreja visível, na qual os homens se reunissem para poderem todos, de algum modo, cooperar com Ele na distribuição dos divinos frutos da redenção. Na verdade, assim como o Verbo de Deus Se quis servir da nossa natureza para remir os homens com as Suas dores e tormentos, do mesmo modo Se serve da Igreja, no decurso dos séculos, para continuar perenemente a obra começada» (Pio XII, *Myst. Corp.*). A Igreja é a sociedade dos fiéis, a Igreja somos nós, portanto incumbe a cada um de nós o dever de cooperar na difusão da graça nas almas. Sem dúvida, o primeiro lugar neste ministério pertence aos bispos e sacerdotes, mas jun-

tamente com eles, sob a sua dependência, todo o cristão é chamado a tomar parte nele. «Não só aos ministros sagrados e aos que se consagram ao serviço de Deus na vida religiosa, mas também a todos os outros membros do Corpo Místico de Jesus Cristo incumbe o dever, dentro das possibilidades de cada um, de com todo o empenho se dedicarem à construção e ao incremento desse mesmo Corpo» (ib.).

De cada membro Seu, isto é, de cada cristão, Jesus quer servir-Se para continuar a Sua obra redentora no mundo. Ele, onipotência infinita, tudo criou do nada e, por conseguinte, pode igualmente santificar as almas sem o concurso de ninguém; mas quer ter *necessidade* de nós, do nosso pobre trabalho, e convida-nos e solicita-nos a sacrificarmo-nos com Ele pela salvação dos nossos irmãos. «Mistério tremendo — exclama Pio XII — e nunca meditado em demasia é este: que a salvação de muitos depende das orações e mortificações voluntárias dos membros do Corpo Místico de Jesus Cristo e da cooperação que os Pastores e fiéis devem prestar ao nosso divino Salvador» (ib.). Ser apóstolo significa emprestar a Cristo a nossa capacidade, a nossa actividade, a fim de que Ele, por meio de nós, continue a remir e a santificar as almas.

Colóquio — «Senhor meu, voltei os olhos da Vossa misericórdia sobre o Vosso povo e sobre o Corpo Místico da Santa Igreja, porque sereis mais glorificado perdoando a tantas criaturas do que perdoando-me só a mim, miserável, que tanto Vos ofendi. Peço-Vos, por isso, ó divina e eterna caridade, que satisfaçais em mim a Vossa vingança e tenhais misericórdia do Vosso povo. Não me retirarei da Vossa presença enquanto não vir

que usais com ele de misericórdia. Como poderia estar contente se eu tivesse a vida eterna, e o Vosso povo a morte?... Quero, pois, e rogo-Vos por favor, que useis de misericórdia com o Vosso povo por aquela caridade que Vos moveu a criar o homem à Vossa imagem e semelhança, a fim de participar de Vós e da Vossa vida.

«Ó Senhor, ofereço-Vos a minha vida, agora e para sempre, tomai-a quando Vos aprouver; entrego-a pela Vossa glória, suplicando-Vos também humildemente que, por virtude da Vossa Paixão, limpeis e purifiqueis de todo o defeito a Igreja, Vossa Esposa e não tardeis mais... Volto depois o olhar para outro lado e vejo as almas perdidas de inumeráveis pecadores e, ao vê-las, despedaça-se-me, ou melhor, dilata-se-me o coração com a força do amargo pesar e, vencida pela compaixão, não posso deixar de chorar a sua miséria, como se me encontrasse, como eles, manchada pela lama das suas culpas.

«Senhor, no curso da Vossa vida mortal, carregastes com o peso de duas cruzes, levando sobre os Vossos ombros a pesada carga dos nossos pecados; assim, para que eu me tornasse semelhante a Vós, carregastes-me com o peso de duas cruzes: uma abate o meu corpo com enfermidades e angústias, a outra trespassa a minha alma dolorida pela perdição e cegueira de tantos miseráveis e obstinados pecadores» (S.ta Catarina de Sena).

319. COLABORADORES DE DEUS

Senhor, tomai posse de mim para que seja digno de colaborar conVosco na difusão do Vosso reino.

1 — Falando do trabalho apostólico, S. Paulo diz: «Dei sumus adjutores» (I Cor. 3, 9), somos cooperadores de Deus.

O apostolado não é, portanto, uma actividade pessoal, fruto mais ou menos apreciável dos próprios recursos e iniciativas, não é uma actividade que se pode desenvolver segundo os nossos pontos de vista, nem muito menos com as próprias forças. Qualquer forma de apostolado é *colaboração* com a única obra de redenção e santificação que Deus realiza no mundo através dos séculos. Só Deus pode resgatar e santificar, Ele que possui a santificação como coisa própria, e que é o Criador e a fonte da graça. «Há um só mediador entre Deus e os homens» (I Tim. 2, 5), há um só Redentor e Santificador: Jesus, o Verbo Incarnado; todos os outros, mesmo os maiores santos e até Nossa Senhora, só são apóstolos enquanto colaboram na obra de Cristo. Nós, como diz S. Paulo, não fazemos mais do que emprestar a Deus a nossa actividade: «Eu plantei, Apolo regou; mas Deus [é que] deu o crescimento. De modo que não é nada nem o que planta, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento» (I Cor. 3, 6 e 7).

Certamente que o trabalho do agricultor é necessário para fazer frutificar o campo; contudo não é suficiente, pois é precisa a chuva e o sol, o tempo propício. Da mesma maneira, a actividade do apóstolo é necessária para o cumprimento do plano estabelecido por Deus para a salvação dos homens, porém não basta; só Deus pode dar o crescimento. Assim como só Deus pode fazer

brilhar o sol e mandar a chuva para fecundar o campo material, assim também só Deus pode dar a graça para fecundar o campo do apostolado. S. Paulo estava tão convencido desta verdade que, dirigindo-se aos Coríntios, exclamava: «*Dei agricultura estis, Dei aedificatio estis*» (I Cor. 3, 9); ainda que ele fosse o primeiro que os gerou para a fé, não diz: sois meus filhos, sois meu campo, mas «sois campo de Deus, sois edifício de Deus». O apostolado não é uma obra humana, mas uma obra divina, à qual o homem presta a sua colaboração como humilde instrumento.

2 — Se o apóstolo é instrumento de Deus, não é, porém, um instrumento material, como por exemplo a caneta nas mãos do escritor, mas sim um instrumento vivo, pessoal, dotado de inteligência e de vontade e que, por isso, deve colocar-se voluntariamente à disposição do Artista divino, procurando harmonizar, ou melhor, sincronizar a sua maneira de pensar, de querer, de agir, com o modo divino, com os métodos e querer divinos. Cada um de nós será apóstolo na medida em que for instrumento dócil nas mãos de Deus, instrumento de que Ele possa servir-Se à Sua vontade.

Olhemos mais uma vez para Jesus; a Sua Humanidade foi o instrumento de que o Verbo Se serviu para a redenção do género humano. A Humanidade de Jesus não tem personalidade própria; a Sua vontade, a Sua inteligência, os Seus affectos, o Seu corpo, são instrumentos do Verbo, de que Ele Se serve com plena liberdade e através dos quais realiza a Sua obra de amor para a salvação dos homens.

O apóstolo — embora tenha uma personalidade própria que permanecerá sempre distinta de Deus, mesmo

nos estados mais elevados da união mística — deve dar-se a Deus de um modo semelhante, como um dócil instrumento, uma pura capacidade posta totalmente à Sua disposição. Tudo o que o apóstolo recebeu de Deus — inteligência, vontade, dotes naturais e sobrenaturais — deve oferecê-lo livremente ao Senhor para que deles Se sirva como quiser para a difusão do Seu reino. Quer Deus o empregue em obras grandes e brilhantes ou em obras humildes e ocultas, quer Se sirva dele para anunciar em público a Sua palavra ou para iluminar as almas em segredo, quer o empregue numa actividade intensa ou o imole na oração e no silêncio, pouco importa, contanto que todas as suas forças e toda a sua vida sejam consagradas ao serviço das almas.

Tal como a obra da santificação pessoal, também a obra da santificação dos outros, isto é, o apostolado, se resume num problema de docilidade, de disponibilidade à graça, ao querer divino; portanto, resume-se num problema de morte a si mesmo, a tudo o que, no próprio pensamento, na própria vontade e conduta, se pode opor, por pouco que seja, ao pensamento, à vontade, à conduta de Deus.

Colóquio — «Bem sei, meu Deus, que não precisais de ninguém para levar a cabo a Vossa obra, mas assim como permitis ao jardineiro perito cultivar plantas raras e delicadas e lhe dais para isso a ciência necessária, reservando-Vos o cuidado de as fazer frutificar, assim quereis ser ajudado no divino cultivo das almas... Ah! quantas almas chegariam à santidade, se fossem bem dirigidas!

«Meu Deus a maior honra que podeis fazer a uma alma não é dar-lhe muito, mas pedir-lhe muito. Por isso

quando me dais que sofrer pela salvação das almas, tratais-me como aos Vossos privilegiados! Não foi sofrendo e morrendo que Vós também resgatastes o mundo? Ó Jesus, aspiro à felicidade de sacrificar a minha vida por Vós, mas o martírio do coração não é menos fecundo que a efusão do sangue e desde agora este martírio é meu. Como é bela, ó Senhor, a parte que me reservastes, parte digna de um Apóstolo!

«Ó Senhor, sim, desejo trabalhar conVosco na salvação das almas; só tenho o único dia desta vida para as salvar e para Vos dar assim uma prova do meu amor. O amanhã deste dia será a eternidade; então me dareis centuplicadas as alegrias que sacrifico por Vós.

«Como é doce, ó Jesus, ajudar-Vos com os nossos pequenos sacrifícios a salvar as almas remidas por Vós a preço do Vosso Sangue e que, para não caírem no abismo, só esperam o nosso socorro.

«Como seria feliz se no momento da minha morte pudesse ter uma alma para Vos oferecer! Haveria mais uma alma arrancada ao fogo do inferno que Vos glorificaria por toda a eternidade» (T.M.J. M.A. pg. 132; *Cart.* 184, 171, 23).

320. SENTIR COM CRISTO

Ó Jesus, fazei que eu possa alimentar, para com as almas, sentimentos semelhantes aos do Vosso divino Coração.

1 — Uma colaboração eficaz exige sempre uma certa afinidade de intenções e de métodos entre o promotor da obra e os seus colaboradores; e esta afinidade deve ser tanto mais profunda quando mais a obra a realizar

for espiritual e não material. Devendo colaborar com Deus no bem das almas, o apóstolo tem que viver numa íntima *afinidade* espiritual com Ele, de maneira a partilhar o mais possível os Seus pontos de vista e os Seus desígnios para a salvação do mundo.

O apóstolo só poderá cooperar na efusão actual do amor e da graça penetrando a fundo no mistério do amor de Deus aos homens. Mediante as virtudes teológicas, deve manter-se em contacto íntimo com Deus e procurar captar o movimento profundo do Seu amor. A fé ensina-nos que Deus chamou os homens à existência movido pela Sua bondade infinita que quis expandir-Se para comunicar aos outros alguma coisa do Seu bem, da Sua felicidade, da Sua própria vida. A graça, criação do Seu amor, torna os homens participantes da Sua natureza. E quando os homens se separaram d'Ele pelo pecado, tornando-se indignos do Seu dom, não renunciou ao Seu plano de amor; para lhes poder restituir o que por sua culpa tinham perdido, sacrificou o Seu Unigénito «que por nós, homens, é por nossa salvação, desceu do céu» (Credo).

O apóstolo deve compreender a fundo que a acção de Deus em relação aos homens é toda ela obra de amor: é a acção do pai que vai em busca do filho pródigo, do pastor que vai à procura da ovelha perdida; é a acção de Deus que quer oferecer aos homens a Sua amizade para os tornar felizes, para os poder acolher em Sua casa, para os poder admitir à Sua intimidade, para os fazer bem-aventurados com a Sua bem-aventurança eterna. O apóstolo deve procurar pôr o seu coração em contacto com o coração de Deus para o encher do Seu amor, para participar da Sua caridade para com os homens. O apóstolo deve, por assim dizer,

sentir com Deus, sentir com Cristo, isto é, alimentar profundos sentimentos de amor pelos seus irmãos — pálido reflexo do amor de Deus aos homens.

2 — O apóstolo deve manter-se em contacto com Deus e com o mistério do Seu amor pelos homens, deve colaborar humildemente com Ele não só na oração, mas também no exercício do seu apostolado. Procurará este contacto através de um intenso exercício de fé que lhe fará compreender cada vez mais profundamente o mistério da Redenção, lhe permitirá reconhecer a realização deste mistério nas diversas circunstâncias da vida, no desenrolar dos acontecimentos, e o ajudará a inserir a sua humilde acção na poderosa acção divina. Deste modo, ainda que empregue meios humanos e se ocupe de questões materiais, manter-se-á numa atmosfera sobrenatural: nunca perderá de vista o fim último da sua actividade, mas terá sempre desperta em si a consciência de colaborar com Cristo na salvação das almas.

À sua fé, o apóstolo deve unir uma ardente caridade, porque o contacto com Deus e a afinidade com o Seu amor realiza-se justamente por via de amor. Pela força de intuição que lhe é própria, a caridade permitirá ao apóstolo penetrar mais a fundo no mistério da Redenção, saborear a doce realidade do Amor infinito que nele se manifesta e impeli-lo-á a viver em comunhão íntima com este Amor, do qual há-de ser colaborador e instrumento. Então o seu exemplo e as suas palavras darão testemunho de verdades não só acreditadas em teoria, mas vividas na prática, saboreadas, experimentadas no contacto íntimo com Deus. O apóstolo poderá dizer com S. João: «Nós conhecemos e cremos na cari-

dade que Deus tem por nós» (I Jo. 4, 16), e ainda: «O que vimos com os nossos olhos e contemplámos e apalparam as nossas mãos relativo ao Verbo da vida... [disso] damos testemunho... vo-lo anunciamos» (ib. 1, 1-3).

Por meio da fé e do amor, o apóstolo alcançará uma afinidade espiritual cada vez maior com o mistério da Redenção e com Jesus que o operou, poderá fazer seus os sentimentos de Jesus, conforme a palavra de S. Paulo: «Tende em vós os mesmos sentimentos que [houve] em Jesus Cristo» (Fil. 2, 5). Este «sentir com Cristo», que significa amar e querer em uníssono com o Coração divino, compartilhar o Seu imenso amor a Deus e às almas, é o segredo de todo o apostolado.

Colóquio — «Ó Jesus, Filho de Deus, se penso que Vós morrestes para a redenção das almas, como poderei não desejar morrer também por elas? E ao ver calcado aos pés o Vosso Sangue, como posso tolerar que Vos seja feita tamanha injúria, Senhor meu? Como posso dizer que Vos amo e que desejo o Vosso amor, se ao ver que a Vossa imagem é atirada à lama não me preocupo com a tirar de lá? Por que razão, pois, não me consagro inteiramente a orar, não me consagro inteiramente a trabalhar, para fazer conhecer e honrar o Vosso nome, a fim de colher, convertendo as almas, os frutos do Vosso Sangue?

«Meu Deus, ainda que tivesse a plena certeza de que nunca mais gozaria de Vós, apesar disso, para Vos honrar, quereria de boa vontade morrer por cada alma pecadora, de maneira que, no presente, sofreria tantas mortes quantas almas pecadoras há no mundo, para que elas obtivessem agora a graça e no futuro a glória.

Mas se eu soubesse que também depois receberia a glória com elas, muito mais ainda o faria!» (S. Boaventura).

«Senhor, só há uma coisa a fazer durante a noite desta vida, a única noite que virá uma só vez: amar-Vos com toda a força do meu coração e salvar-Vos almas para que sejais amado.

«Ó Jesus, a vista do Sangue precioso que cai das Vossas feridas impressiona-me profundamente e sinto muita pena ao pensar que este Sangue cai por terra sem que ninguém se apresse a recolhê-lo. Resolvo, por isso, conservar-me em espírito ao pé da Cruz para receber este divino orvalho e espalhá-lo em seguida sobre as almas.

«O Vosso grito sobre a Cruz: 'Tenho sede!' ecoa continuamente no meu coração; estas palavras ateam em mim um ardor desconhecido e muito vivo... Ó meu Amado, quero dar-Vos de beber e eu própria me sinto devorada pela sede das almas; as almas dos grandes pecadores atraem-me e ardo no desejo de as arrancar às chamas eternas.

«Para o conseguir quero empregar todos os meios imagináveis e, sentindo que por mim mesma nada posso, ofereço-Vos, ó Deus, todos os méritos infinitos de Nosso Senhor e os tesouros espirituais da Santa Igreja» (T.M.J. *Cart.* 74; *M.A.* pg. 111 e 112).

321. A ALMA DO APOSTOLADO

Fazei-me compreender, ó Senhor, que só a união con-Vosco, só o amor, pode fecundar todo o apostolado.

1 — Não se pode ser colaborador de Deus, dócil instrumento nas Suas mãos, não se pode sentir com Cristo, nem associar-se ao Seu amor e à Sua obra de salvação das almas, sem uma intimidade afectuosa com Deus e com Jesus, sem uma intensa vida interior.

Pela oração e luta contra o pecado, pela renúncia de si mesmo e o exercício das virtudes, a vida interior vai despojando progressivamente a alma de tudo o que é defeituoso, favorecendo nela o desenvolvimento da graça e do amor, o que equivale a dizer que a reveste de vida divina, já que a graça e o amor são uma participação da própria vida de Deus. Por consequência, quanto mais uma alma cultivar a vida interior, tanto mais se aproximará de Deus e, semelhante a Ele por graça e amor, poderá viver na Sua intimidade, gozar da Sua amizade, penetrar os Seus mistérios e associar-se a eles. Portanto, quem está mais apto a compreender o grande mistério da Redenção e a dar-lhe o seu contributo, do que aquele que, por meio de uma vida interior fervorosa, vive em amizade íntima com Deus?

O primeiro grau de amizade divina que resulta da ausência do pecado grave não pode bastar para a fecundidade do apostolado; é preciso uma amizade mais profunda que gere uniformidade de vistas, de vontades, de desejos, de affectos, de modo que o apóstolo possa agir segundo o coração de Deus, movido não por impulsos pessoais, mas pela graça, pelo querer divino, pelas inspirações do Espírito Santo. É significativo o facto de Jesus, antes de enviar os Apóstolos à conquista do

mundo, ter querido fazê-los viver três anos na Sua intimidade, tratando-os como verdadeiros amigos: «Já vos não chamarei servos... mas chamei-vos amigos» (Jo. 15, 15). Amigos não só porque lhes comunicou os tesouros da Sua vida divina, mas também porque quis que fossem colaboradores e, de certo modo, continuadores da Sua missão redentora.

É impossível ser apóstolo sem ser amigo de Deus. O próprio Deus o convida a esta amizade, mas é necessário que ele Lhe corresponda com uma vida interior séria, que torne as suas relações com Deus cada vez mais íntimas e ricas em amor.

2 — Só da amizade com Deus, só da caridade que nos une a Ele, brota a força sobrenatural que torna eficaz qualquer forma de apostolado. Quanto mais uma alma está unida a Deus, tanto mais participa do poder do próprio Deus e, por isso, as orações, os sacrifícios e as obras que empreende pela salvação das almas, são eficazes e atingem o seu fim.

Mas onde irá o apóstolo haurir este amor que, unindo-o a Deus, o torna tão poderoso? Sem dúvida, ao mesmo Deus. «A caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rom. 5, 5). Num primeiro momento, o momento da justificação, Deus infunde em nós a caridade sem a nossa colaboração, mas não nos conserva este dom e muito menos o aumenta se não nos mantivermos unidos a Ele pelos exercícios da vida interior. A luta contra as paixões, a prática das virtudes, a frequência dos sacramentos, a oração, o recolhimento, a presença de Deus têm precisamente por objectivo favorecer a união com o Senhor e o aumento da caridade. A vida interior é

a forja secreta onde a alma, no contacto com Deus, se inflama no Seu amor e, inflamada e forjada pelo amor, torna-se um instrumento dócil de que Deus Se pode servir para difundir o amor noutros corações. É por isso muito oportuno lembrar muitas vezes este grande princípio: *a vida interior é a alma do apostolado*. Uma vida interior profunda será geradora de amor intenso, de união íntima com Deus, e portanto dela brotará um apostolado fecundo, verdadeira colaboração na obra salvífica de Cristo; ao contrário, uma vida interior medíocre não poderá produzir senão um amor e uma união com Deus muito débeis e fracos e conseqüentemente o apostolado que deles deriva não poderá ter uma influência eficaz nas almas. Onde a vida interior estivesse quase ou totalmente extinta, também a caridade e a amizade com Deus ameaçariam extinguir-se, e extinta a chama interior, o apostolado ficaria vazio de substância, reduzindo-se a um puro movimento que poderia fazer barulho, mas não produziria fruto algum. «Tudo é martelar — diz S. João da Cruz — e fazer pouco mais do que nada e às vezes nada e até às vezes dano» (C. 29, 3).

Colóquio — «Atraí-me, Senhor, correremos...

«Ó Jesus, atraí-me, eu Vo-lo peço, para as chamadas do Vosso amor, uni-me tão estreitamente a Vós que Vós próprio vivais e opereis em mim. Sinto que quanto mais o fogo do amor me abrasar o coração, tanto mais direi: Atraí-me!, tanto mais também as almas que se aproximarem de mim correrão com rapidez ao odor dos Vossos perfumes, ó meu Bem-Amado. Com efeito, uma alma abrasada de amor não pode continuar inactiva; sem dúvida mantém-se aos Vossos pés como Madalena,

a forja secreta onde a alma, no contacto com Deus, se inflama no Seu amor e, inflamada e forjada pelo amor, torna-se um instrumento dócil de que Deus Se pode servir para difundir o amor noutros corações. É por isso muito oportuno lembrar muitas vezes este grande princípio: *a vida interior é a alma do apostolado*. Uma vida interior profunda será geradora de amor intenso, de união íntima com Deus, e portanto dela brotará um apostolado fecundo, verdadeira colaboração na obra salvífica de Cristo; ao contrário, uma vida interior medíocre não poderá produzir senão um amor e uma união com Deus muito débeis e fracos e consequentemente o apostolado que deles deriva não poderá ter uma influência eficaz nas almas. Onde a vida interior estivesse quase ou totalmente extinta, também a caridade e a amizade com Deus ameaçariam extinguir-se, e extinta a chama interior, o apostolado ficaria vazio de substância, reduzindo-se a um puro movimento que poderia fazer barulho, mas não produziria fruto algum. «Tudo é martelar — diz S. João da Cruz — e fazer pouco mais do que nada e às vezes nada e até às vezes dano» (C. 29, 3).

Colóquio — «Atraí-me, Senhor, correremos...

«Ó Jesus, atraí-me, eu Vo-lo peço, para as chamas do Vosso amor, uni-me tão estreitamente a Vós que Vós próprio vivais e opereis em mim. Sinto que quanto mais o fogo do amor me abrasar o coração, tanto mais direi: Atraí-me!, tanto mais também as almas que se aproximarem de mim correrão com rapidez ao odor dos Vossos perfumes, ó meu Bem-Amado. Com efeito, uma alma abrasada de amor não pode continuar inactiva; sem dúvida mantém-se aos Vossos pés como Madalena,

para escutar a Vossa palavra ardente e suave e, parecendo não dar nada, dá muito mais do que Marta que se atormenta com muitas coisas.

«Ó Jesus, portanto nem sequer é necessário dizer: Atraíndo-me, atraí as almas que amo! Esta simples palavra: Atraí-me!, basta. Senhor, compreendo-o, quando uma alma se deixou cativar pelo odor inebriante dos Vossos perfumes, não poderá correr sôzinha, todas as almas que ama serão arrastadas atrás dela. Isto faz-se sem constrangimento, sem esforço, é uma consequência natural da atracção para Vós.

«Assim como uma torrente, lançando-se com impetuosidade para o oceano, arrasta consigo tudo o que encontra na passagem, assim, ó meu Jesus, a alma que mergulha no oceano sem praias do Vosso amor, atrai com ela todos os tesouros que possui. Senhor, bem o sabeis: não possuo mais nenhuns tesouros do que as almas que tivestes por bem unir à minha; estes tesouros fostes Vós que mos confiastes.

«Quando se quer atingir um fim, é preciso empregar os meios. Ó Jesus, Vós fizestes-me compreender que me tínheis dado almas por meio da cruz, e o meu gosto pelo sofrimento cresce à medida que o sofrimento aumenta» (T.M.J. M.C. e M.A. pg. 315, 311, 312, e 178).

322. O CONVITE DIVINO XIX DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Concedei-me, ó Deus, a grande graça de corresponder generosamente a todos os Vossos convites.

1 — O Evangelho de hoje (*Mt.* 22, 1-14) esboça a história dolorosa — infelizmente sempre actual — da ingratidão humana que rejeita a misericórdia divina, desprezando os Seus dons e os Seus convites.

«O reino dos céus é semelhante a um rei que fez as núpcias de seu filho. E mandou os seus servos chamar os convidados para as núpcias e não quiseram vir». O rei é Deus Pai, o filho é o Verbo eterno que, ao incarnar, desposou a natureza humana para a remir e santificar. Deus convida todos os homens para o grande banquete destas núpcias divinas, onde encontrarão a sua salvação; imersos, porém, no materialismo das coisas terrenas, rejeitam tanto o convite como os emisários. «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados» (*Mt.* 23, 37), é a queixa que um dia o Filho de Deus pronunciará, denunciando ao mundo não só a obstinada resistência do povo eleito, mas ainda a de todas as almas que, com tanta teimosia e ingratidão, rejeitam o Seu amor e a Sua graça. Os profetas, o Baptista, os Apóstolos, são os «servos», os mensageiros enviados por Deus para chamarem os homens ao banquete da Redenção, mas todos foram presos e mortos. «Lançaram mão dos servos — diz o Evangelho — e depois de os terem ultrajado, mataram-nos». A parábola de hoje nada mais acrescenta, mas infelizmente a ingratidão humana vai muito além: não só os servos e os mensageiros foram mortos, mas o próprio Filho de Deus. No entanto a misericórdia de Deus é tão grande

que não Se dá por vencida e continua a convidar para o Seu banquete. Neste, oferece como alimento a carne imaculada do Seu divino Filho, a quem os homens mataram. O banquete está preparado; Jesus, o Cordeiro divino, foi imolado para a redenção da humanidade e se muitos não corresponderam ao convite, outros serão convidados: «As núpcias estão preparadas, mas os que tinham sido convidados não foram dignos. Ide, pois, às encruzilhadas das ruas e a quantos encontrardes convidai-os para as núpcias».

Também nós fomos convidados; mas como correspondemos ao convite? Não mostrámos nós também mais interesse e diligência pelos negócios terrenos do que pelas coisas de Deus? Não fomos semelhantes aos homens da parábola que «desprezaram [o convite] e foram-se um para sua casa e outro para o seu negócio»?

2 — A parábola de hoje simboliza, em primeiro lugar, o convite à vida cristã; convite que, rejeitado pelo povo judeu, foi dirigido a todos os povos. Mas também podemos ver nela o convite a uma vocação particular: vocação ao sacerdócio, à consagração a Deus no claustro ou no mundo, ao apostolado, a uma missão especial. Para corresponder à vocação não basta uma aceitação qualquer, é necessária uma adesão sincera e profunda que comprometa toda a alma. A parábola fala-nos de um homem que não recusou o convite, mas que lhe respondeu de um modo indigno, apresentando-se no banquete sem a veste nupcial. É a imagem dos que respondem materialmente ao chamamento do Senhor, mas não se preocupam com aderir a ele com o espírito, com as obras, não cuidando de viver de maneira digna da sua vocação; estas almas põem em perigo a sua salva-

ção, pois com Deus não se brinca. Deus não Se deixa enganar pelas aparências; não há uniformes nem insígnias externas que Lhe possam encobrir o verdadeiro estado de uma alma. Ele distingue muito melhor do que o rei da parábola, os que não têm a veste nupcial, a veste da graça e das virtudes requeridas pela vocação recebida; mais cedo ou mais tarde, virá o dia em que pronunciará sobre eles as terríveis palavras: «Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores».

Todavia, mesmo sem chegar a tais extremos, pode-se ficar muito aquém da correspondência plena ao chamamento divino. É bom recordar a este propósito que o problema da correspondência à vocação não é um problema que se resolva de uma vez para sempre no dia em que se abraça um estado particular de vida, mas é um problema de todos os dias, porque a vocação exige cada dia uma nova resposta, uma nova adaptação às circunstâncias e à graça do momento. A vocação alcança a sua plena realização através da fidelidade constante aos convites divinos que, sucedendo-se ininterruptamente, abrem à alma atenta, horizontes sempre novos, apresentando-lhe novos deveres, novos aspectos de generosidade, novas modalidades de perfeição e de doação. A parábola termina com esta grave sentença: «São muitos os chamados e poucos os escolhidos». Porque são poucos os escolhidos? Porque são poucos os que sabem corresponder, dia a dia, à graça da vocação, aceitar todas as consequências e exigências do chamamento divino, dizer sempre sim aos convites da graça.

Colóquio — «Ó Senhor, assim falais Vós à minha alma: 'Porque te afastaste de mim com vãs preocupações? Porque não te apressaste a preparar uma veste

adornada para as núpcias? Eu, ó alma, sofri a morte para te tomar por esposa. Por ti me fiz homem a fim de preservar da corrupção a tua vida, e antepus a tua salvação a todas as minhas obras. Preparei no céu um tálamo para ti e ordenei aos anjos que nele te servissem. E tu quererás desprezar-se a mim, teu Esposo celeste? A quem me quererás preferir, eu que, com as minhas misericórdias, salvei o género humano? Que pai te poderá dar a vida como eu? Que pai e que esposo te poderá amar tanto como eu?

«Que Vos responderei, meu Deus?

«Perdoai-me, salvai-me, ó paciente e bondoso Senhor! Salvai-me, Filho de Deus, ó Cristo, o único que estais sem pecado. Fazei que não tenha nada no meu coração além do desejo de corresponder aos Vossos chamamentos e que, ajudado pela Vossa graça, cumpra sempre a Vossa vontade, prontificando-me a seguir de boa vontade as Vossas ordens, a fim de que, com os talentos que recebi de Vós, possa negociar e adquirir os bens do Vosso reino. Fazei que Vos louve com confiança e com alegria de coração, fazei que Vos diga ao chegardes: Sou feliz porque viestes para me cobrir com a digna veste nupcial que adquiri com a Vossa graça.

«Acenderei, ó Cristo, a lâmpada que me foi dada pela Vossa graça e bondade. Irei com júbilo ao Vosso encontro, bendizendo-Vos, louvando-Vos e glorificando-Vos, ó Esposo imortal» (S.to Efrém).

323. O IDEAL APOSTÓLICO

Senhor, acendei em mim a chama do apostolado e alimentai-a com o Vosso amor.

1 — Assim como da semente não pode brotar o caule que há-de produzir a nova espiga se primeiro não mergulha as suas raízes na terra, assim a alma não pode dar frutos no apostolado se primeiro não lança as raízes de uma vida interior séria, mediante a qual receberá de Deus a seiva que a fecundará. A vida interior é o princípio vital, é a força, é a chama do apostolado; por outra parte, o apostolado também pode contribuir para a vida interior, cooperando para a tornar mais generosa e mais intensa. Quando uma alma está apaixonada pelo ideal apostólico, o seu próprio desejo de conquistar outras almas para Deus leva-a a consagrar-se com maior generosidade à oração, à mortificação, ao exercício das virtudes, com o fim de se tornar mais capaz de um apostolado fecundo. Assim, enquanto a vida interior é a alma do apostolado, o apostolado é, por sua vez, uma mola poderosíssima para impelir a alma para a união com Deus, para a perfeição e para a santidade. O ideal apostólico é, por si mesmo, gerador de energias espirituais, de vida generosa e santa. Teresa de Jesus, movida por um ardente desejo de contrabalançar os grandes males que a heresia protestante fazia no seu tempo, deu à reforma iniciada por ela um timbre de particular austeridade e organizou a vida das suas filhas de modo a empenhá-las num constante exercício de oração, sacrifício e entrega pela salvação das almas (cfr. *Cam.* 1, 2). O sistema de vida do Carmelo tereciano — vida contemplativa de uma intensidade profunda — nasceu de um grande ideal apostólico.

Este mesmo ideal fez recentemente surgir na Igreja um novo estado de perfeição, o dos Institutos seculares, nos quais as almas desejosas de se consagrarem à salvação dos seus irmãos, se comprometem a viver no mundo segundo a perfeição evangélica. «O fim específico [do apostolado] parece ter necessariamente exigido e até criado o fim genérico [da perfeição]» (Pio XII, *Primo feliciter*).

Um ideal apostólico vivo e bem compreendido, em vez de lançar as almas loucamente na acção, condu-las a uma vida interior mais profunda, à doação total de si, à santidade, porque é necessário santificar-se para santificar. «Por eles eu me santifico a mim mesmo» (Jo. 17, 19).

2 — Uma vida interior que não seja iluminada pelo ideal apostólico nunca poderá ser plena e vigorosa. Isto depende da natureza da graça e da caridade que são por si mesmas expansivas e apostólicas. Embora a graça se una numa forma íntima e incomunicável à alma que a possui, contudo é útil ao bem de toda a comunidade cristã. O dogma da comunhão dos santos diz-nos precisamente que a graça e a santidade de um membro de Cristo reverte em proveito de todos os outros membros. Do mesmo modo a caridade, companheira inseparável da graça, é expansiva por sua natureza e, abrangendo Deus, abrange todas as criaturas em Deus. Imprime na alma um duplo impulso: para Deus e para o próximo; se se reprime um destes impulsos, a caridade é atingida na sua essência. Esta virtude só se desenvolve e chega à maturidade quando estão em pleno vigor os seus dois aspectos: o amor de Deus e o amor do próximo; excluindo ou diminuindo a caridade fraterna, de que o aposto-

lado é a expressão mais elevada, inevitavelmente diminui também o amor de Deus.

Uma vida interior fria, indiferente ao bem das almas, é necessariamente uma vida diminuída, limitada, reduzida a uma forma de piedade acanhada, mesquinha e muitas vezes até egoísta; perdeu o calor vital, o calor da caridade, e nem sequer merece o nome de vida.

Pelo contrário, onde a chama do apostolado é viva, goza-se de uma vida interior mais do que nunca vigorosa e capaz de grandes generosidades. Não é porventura verdade que o desejo da nossa perfeição não basta às vezes para nos infundir a coragem necessária para aceitarmos certos sacrifícios e renúncias que tanto custam à natureza? Mas quando se pensa que a salvação de outras almas pode depender da nossa generosidade, da nossa fidelidade à graça, da nossa imolação, não se pode recusar nada ao Senhor e encontra-se força para abraçar as coisas mais ásperas e penosas. Assim, o ideal apostólico torna-se uma alavanca poderosa para a santificação pessoal, e a alma, enriquecida por uma fervorosa vida interior, pode pôr à disposição deste ideal novas energias, nova fecundidade.

Colóquio — «Senhor, grandes são os meus desejos de Vos servir e vivíssima a minha pena por me ver incapaz de os realizar. Quisera levantar a voz para fazer compreender a todos como é importante não se contentarem com pouco no Vosso serviço e dar a conhecer os grandes tesouros que Vós nos concedeis quando nos dispomos a recebê-los.

«Tenho, Deus meu, grandíssima pena das muitas almas que se condenam, em especial daquelas que pelo baptismo eram já membros da Igreja, e é tamanho o

meu desejo de trabalhar pela sua salvação que de muito boa vontade suportaria mil mortes para livrar uma só alma de tão gravíssimos tormentos. Quem poderá suportar ver uma alma condenada por toda a eternidade ao maior dos suplícios? Não há coração que o suporte sem grande pena. Se nos compadecemos tanto dos sofrimentos deste mundo, que têm termo e que, enfim, acabam com a morte, como poderemos, ó Senhor, ficar indiferentes diante dos tormentos que duram eternamente e de tantas almas que todos os dias leva consigo o demónio para o inferno?

«Já que Vós, meu Deus, vedes a dor que experimento à vista do grande número daqueles que se perdem, salvai ao menos um, Senhor, ao menos um que possa dar luz a muitos outros. Não por mim, Senhor, pois não o mereço, mas pelos méritos do Vosso Filho! Olhai, Senhor, para as Suas chagas e já que Ele perdoou àqueles que Lhas fizeram, perdoai-nos também a nós.

«Deus meu, nada quero senão a Vossa vontade; sujeito-me de tal modo a ela que não desejo mais viver do que morrer. Contudo, se assim Vos aprouver, desejo viver para Vos poder servir um pouco mais. Se puder contribuir dalguma forma para Vos fazer amar e louvar por uma alma, nem que seja por pouco tempo, isso me parece muito mais importante do que estar já na glória» (cfr. T.J. RE. 1, 3; Vi. 32, 6; Ex. 11, 3; RE. 6, 7).

324. DIVERSAS FORMAS DE APOSTOLADO

Ó Jesus, ensinai-me a orar, a sofrer e a trabalhar con-Vosco pela salvação das almas.

1 — Quando se fala de apostolado, pensa-se quase exclusivamente na actividade externa; esta é certamente necessária, porém não é a única forma de apostolado. Devemos ter sempre presente que Jesus nos salvou não só pela actividade desenvolvida nos três últimos anos da Sua vida, consagrados à evangelização das multidões e à formação do primeiro núcleo da Igreja, mas também pela oração, pelo sofrimento, em suma, por toda a sua vida. Jesus foi sempre *apóstolo*, foi sempre o *enviado* do Pai para a nossa salvação. O Seu apostolado começa em Belém na miséria de uma gruta onde, criancinha ainda, envolto em panos, já sofre por nós; continua durante os trinta anos de vida passados em Nazaré na oração, no retiro, no escondimento; adquire uma forma exterior no contacto directo com as almas durante a vida pública e atinge o seu ponto culminante na agonia do jardim das Oliveiras e na morte de cruz. Jesus é apóstolo no estábulo de Belém, na oficina de José, nas angústias do Getsemani e do Calvário, não menos do que quando percorre a Palestina ensinando as turbas ou disputando com os doutores da lei. O nosso apostolado consiste em nos associarmos a tudo o que Jesus fez pela redenção da humanidade, por isso não se limita só à actividade externa, mas consiste também, de um modo essencial, na oração e no sacrifício. Distinguem-se, portanto, duas formas fundamentais de apostolado: o apostolado interior da oração e da imolação, que é um prolongamento da vida oculta e da Paixão de Jesus; o

apostolado exterior da palavra e das obras, que é um prolongamento da Sua vida apostólica. Ambos são uma participação na obra salvífica de Jesus, mas entre eles há uma grande diferença: o apostolado interior é a base indispensável do apostolado exterior; efectivamente, ninguém pode pensar em salvar almas com uma actividade que não seja sustentada pela oração e pelo sacrifício. Ao contrário, em certos casos, pode faltar toda a actividade exterior sem que por isso fique diminuída a actividade interior da oração e do sacrifício, que pode igualmente ser muito intensa e fecunda. Todo o cristão é apóstolo, não só em virtude da actividade que desenvolve, mas também em virtude da sua participação na oração e no sacrifício com que Jesus remiu o mundo.

2 — O apostolado interior pode subsistir por si mesmo e, com efeito, há formas de vida que legitimam a ausência do apostolado exterior. Tal é o caso da vida contemplativa pura, sempre florescente na Igreja e por ela maternalmente defendida contra aqueles que a acusam de «ausência sistemática» do campo de actividade. Aqueles que, seguindo o chamamento de Deus, se retiram das obras para se consagrarem a este género de vida, não são desertores ou fugitivos. Se deixam as fileiras do apostolado exterior, fazem-no precisamente para se votarem a um apostolado mais profundo: o da oração e da imolação contínuas.

«Os que exercem na Igreja o ofício da oração e da penitência contínuas, contribuem para o incremento da Igreja e para a salvação do género humano muito mais do que os que cultivam o campo do Senhor com a sua actividade, porque se eles não impetrassem do céu a abundância das graças divinas para regar o

campo, os operários evangélicos tirariam menos fruto do seu trabalho» (Pio XI, *Umbratilem*).

Esta autorizada afirmação de um grande Papa, não pode admitir dúvidas acerca do alto valor apostólico da vida contemplativa; por outro lado, é justo observar que tal valor só existe quando os contemplativos se empenham com todas as suas forças na oração e na imolação contínuas. Por outras palavras, não é qualquer oração ou qualquer sacrifício que alcançam uma tão grande fecundidade, mas só a oração e o sacrifício que brotam de um coração extremamente puro e generoso, totalmente consagrado a Deus, que renova e vive a sua imolação, dia a dia, com vigor e profundidade cada vez maiores. Se a vida contemplativa se vive com esta intensidade, é eminentemente apostólica. Neste sentido Pio XII define a vocação claustral como sendo «uma vocação apostólica universal... uma vocação plenamente apostólica, não circunscrita por limites de tempo, de lugar ou de circunstâncias, mas pronta a zelar sempre e em toda a parte por tudo quanto de algum modo pode dizer respeito à honra do Esposo e à salvação das almas» (Const. Apost. *Sponsa Christi*). Além disso, os mosteiros contemplativos, com o simples exemplo da sua vida de retiro, de oração, de penitência, são para todos um contínuo chamamento ao desapego das coisas terrenas, à busca das celestiais, à união com Deus, à santidade.

Colóquio — Ó Jesus, que poderia eu fazer para salvar as almas? Vós respondeis-me com as palavras que dirigistes um dia aos Vossos discípulos, ao mostrardes-lhes os campos de trigo maduro: *'Levantai os vossos olhos e vede como os campos já estão branquejando para a ceifa... A messe é verdadeiramente grande,*

mas os operários são poucos; rogai, pois, ao Senhor da messe, que mande operários'.

«Que mistério! Ó Jesus, porventura não sois onnipotente? As criaturas não Vos pertencem, a Vós que as criastes? Porque dizeis então: '*Rogai ao Senhor da messe que mande operários*'? Porquê?... Ah! Jesus, porque tendes por nós um amor tão incompreensível, que quereis que tenhamos parte conVosco na salvação das almas. Não quereis fazer nada sem nós! Vós, o Criador do universo, esperais pela oração de uma alma pequenina e pobre para salvar outras almas remidas, como ela, a preço do Vosso Sangue.

«A minha vocação não é segar nos campos maduros; Vós não me dizeis: 'abaixa os olhos, olha para os campos e vai segar'; a minha missão é mais sublime ainda. Vós dizeis-me: 'Levanta os olhos e vê como no céu há lugares vazios: a ti pertence-te preenchê-los... tu hás-de ser o meu Moisés a rezar na montanha; pede-me operários e eu os enviarei; só espero uma oração, um suspiro do teu coração!'

«Eis, ó Senhor, a missão que me confiais: contribuir, com a oração e o sacrifício, para a formação de operários evangélicos que salvarão milhões de almas das quais eu serei a mãe» (cfr. T.M.J. *Cart.* 114).

325. A ORAÇÃO APOSTÓLICA

Aceitai, Senhor, a minha pobre oração pela vinda do Vosso reino.

1 — Desde que Jesus morreu por nós na cruz, a redenção da humanidade é, objectivamente, um facto consumado; todo o homem que vem ao mundo é já um remido, pois o preciosíssimo Sangue de Jesus mereceu-lhe todas as graças necessárias para a sua salvação e santificação. Falta apenas a aplicação destas graças a cada alma em particular e é precisamente nisto que Deus quer a nossa colaboração a tal ponto que estabeleceu fazer depender da nossa oração a concessão de certas graças indispensáveis à nossa salvação e à do próximo. Em virtude dos méritos de Jesus, a graça, a misericórdia infinita de Deus está pronta a derramar-se abundantemente sobre os homens, porém não se derramará se não houver quem eleve aos céus mãos suplicantes que a peçam. Enquanto a oração não subir ao trono do Altíssimo, a graça não será concedida. Isto explica a necessidade absoluta da oração apostólica e a sua grande eficácia. «Certos demónios não se lançam fora senão mediante a oração e o jejum» (Mt. 17, 20), disse Jesus. A oração é insubstituível porque vai haurir a graça directamente à sua fonte que é Deus. A nossa actividade, as nossas palavras e as nossas obras podem dispor o terreno para a graça, mas se não houver quem reze, esta não descerá a rociar as almas.

À luz destas verdades podemos avaliar melhor o alcance das insistentes exortações de Jesus à oração: «Importa orar sempre e não cessar de o fazer... Pedi e dar-se-vos-á, buscai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á» (Lc. 18, 1; 11, 9).

Não podemos ter a certeza de que todas as nossas orações irão ser atendidas, pois ignoramos se o que pedimos é conforme à vontade divina; mas quando se trata da oração apostólica que solicita a graça e a salvação das almas, é muito diferente. Com efeito, quando oramos para fins de apostolado, inserimo-nos no plano que Deus predispôs desde toda a eternidade, para a salvação dos homens, plano que Deus, muito mais do que nós, deseja realizar; e por isso não podemos duvidar do resultado da nossa oração. Justamente por causa desta eficácia, a oração apostólica constitui um dos mais poderosos meios de apostolado.

2 — Se Deus quis subordinar a distribuição das graças no mundo à oração dos homens, e se hoje os homens rezam tão pouco, e muitíssimos — a maioria talvez — não rezam nada, é sumamente necessário que haja na Igreja almas totalmente consagradas à oração. Por uma vida de oração contínua, de adoração e de louvor incessante ao Altíssimo, estas almas suprem a negligência e o descuido de muitos e restabelecem no mundo o equilíbrio entre os direitos de Deus e os deveres dos homens, entre a acção e a contemplação. Orando e implorando por todos, são no Corpo místico de Cristo, os órgãos ocultos, mas preciosos, aos quais incumbe fazer fluir a seiva divina da graça por todos os membros; são na Igreja «centrais» de energias sobrenaturais, produzidas e acumuladas pela oração e por meio dela difundidas até aos últimos confins da terra. Como a oração de Moisés foi o segredo e a garantia da vitória de Israel, assim a oração dos contemplativos e das contemplativas é o segredo e a garantia da vitória para aqueles que lutam no mundo. «Os meus irmãos traba-

lham no meu lugar; — exclama S.ta Teresa do Menino Jesus — eu fico junto do trono do Rei..., e amo pelos irmãos que combatem» (cfr. M.B. pg. 236); amo, isto é, rezo, sofro e ofereço-me por eles.

A oração incessante que os contemplativos elevam a Deus em nome de toda a cristandade, não dispensa todavia os outros fiéis de cumprirem pessoalmente este grande dever. Sobretudo os que se dedicam ao apostolado exterior devem dar, na sua vida, um lugar suficiente à oração. Infelizmente, porém, confiamos muitas vezes mais no nosso trabalho, na nossa habilidade, na nossa técnica, do que na oração; acreditamos demasiado pouco na sua eficácia, e na ajuda que Deus concede certamente a quem O invocar de todo o coração, por isso julgamos perdido o tempo empregado nela. Erro fundamental resultante da falta de fé e de humildade, erro que explica a esterilidade de tantas obras. «Advirtam pois os que são muito activos — admoesta S. João da Cruz — e que pensam abraçar o mundo com as suas prédicas e obras exteriores, que dariam muito mais proveito à Igreja e agradariam muito mais a Deus, à parte o bom exemplo que dariam, se gastassem sequer a metade desse tempo com Deus na oração» (C. 29, 3).

Colóquio — «Ó Pai eterno, quero oferecer-Vos aquele Sangue que o Vosso Verbo derramou com amor tão abissal e com tanto fogo de caridade pela salvação dos homens.

«Ó Verbo, ofereço-Vos as infinitas gotas de Sangue que derramastes com tanta abundância quando fostes flagelado na coluna, e assim como o vertestes de todos os Vossos membros, também eu Vo-lo ofereço por todos os membros da Santa Igreja, da qual sois a Cabeça.

Ofereço-Vo-lo para que os Vossos cristos [os sacerdotes] voltem a ser a luz do mundo, para que as Vossas virgens não sejam do número das loucas, para que os infiéis e herejes entrem de novo no aprisco de Deus, para que todas as almas se salvem.

«Ó Verbo, quero falar conVosco, tal como Vós o fizestes connosco. Em verdade, em verdade Vos digo, ó Verbo, que mil vezes sacrificaria a minha vida, se mil vidas tivera, para ajudar estas almas a salvarem-se. Não quero sair daqui sem que primeiro ilumineis alguma delas. Porém não sou digna de ser ouvida. Ouvi-me, não a mim, que sou excessivamente presunçosa, mas ao Vosso Sangue. Não podeis faltar a Vós mesmo; ouvi, ouvi, pois, ó Verbo, o Vosso Sangue.

«Ó Pai eterno, o amor que Vos levou a criar os homens, Vos mova também a dar-lhes a Vossa luz. Sei muito bem que não deixais de lha infundir, mas eles não a recebem. E de quem é a culpa? Da minha ingratidão. Conheço, sim, ó meu Deus, conheço a minha ingratidão, mas não a penetro inteiramente. Castigai em mim as ofensas que Vos fazem. Castigai em mim as suas culpas. Oh! miserável de mim, que sou causa de todas as ingratidões e de todos os males!

«Se eu pudesse, tomaria todos os homens e conduzi-los-ia ao seio da Vossa Santa Igreja, a fim de que ela os purificasse de todas as suas infidelidades, os regenerasse como uma mãe os seus filhinhos e os nutrisse com o leite suave dos santos sacramentos» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

326. A IMOLAÇÃO APOSTÓLICA

Ó Jesus, imolado pela minha salvação, fazei que eu seja digno de me imolar conVosco pela salvação dos meus irmãos.

1 — A oração apostólica deve ser acompanhada do sacrifício, à semelhança da oração que Jesus dirigiu por nós ao Pai no jardim das Oliveiras e sobre a cruz. O amor deve estimular as almas orantes «ao *sacrifício activo* que não sossega na oração enquanto a pena e o sofrimento não chegarem ao limite das suas forças. Nesse momento, consumidas pelo ardor da caridade e pela veemência do desejo, elas já não serão orantes, mas *orações vivas*» (Pio XII, 17-1-43). Oração e sacrifício estão intimamente unidos porque brotam duma chama única: o amor que impele à oração e à imolação pela glória de Deus e pela salvação das almas. Vida contemplativa é, portanto, sinónimo de vida austera e penitente, a ponto de se tornar um contínuo «sacrifício de louvor». Quanto mais a oração for alimentada e impregnada de sacrifício tanto mais será eficaz, e atingirá a sua máxima eficácia quando o sacrifício atingir o seu ponto culminante.

Toda a alma contemplativa deve «ser um digno altar onde possa residir a Divina Majestade» (cfr. J.C. S. I, 5, 7), altar no qual se eleva a oração e sobre o qual se imola o sacrifício. O apostolado de Jesus culminou e consumou-se no aniquilamento da morte na cruz e por meio dela: só depois de ter sido flagelado, trespassado pelos cravos, abandonado por Deus e pelos homens, o Salvador pôde dizer: «Consummatum est», tudo está consumado (Jo. 19, 30). O mesmo nos sucederá a nós; somente quando nos tivermos deveras sacrificado pelas almas, somente quando tivermos aceitado imolar-nos

totalmente com Jesus pela sua salvação, é que poderemos repetir com Ele: tudo está consumado. A nossa participação no apostolado de Jesus encontra a sua realização no sacrifício de nós próprios: sacrifício não imaginário nem hipotético, mas real e concreto, cuja forma e medida nos é indicada por Deus através das circunstâncias da vida, de tudo o que a Sua divina Providência permite, das disposições dos superiores e dos deveres do nosso estado. Quando uma alma está disposta a viver num contínuo sacrifício da própria vontade pela salvação das almas, na renúncia de si mesma, quando está disposta a deixar-se crucificar de qualquer modo pela santa vontade de Deus para conquistar outras almas para o Seu amor, então chega ao vértice do apostolado e, portanto, ao vértice da fecundidade apostólica.

2 — Muitos não se salvam por não haver quem reze e se sacrifique por eles. Sem as lágrimas e os sofrimentos de Mónica, muito provavelmente a Igreja não teria tido S.to Agostinho. Benditas as almas que fazem da imolação apostólica a razão de ser e o fim da sua vida. «Minhas irmãs em Cristo — escreve S.ta Teresa de Jesus às suas filhas — ajudai-me a suplicar ao Senhor esta graça [a salvação das almas]. Foi para isto que Ele vos juntou aqui: esta é a vossa vocação, estes hão-de ser os vossos negócios e os vossos desejos, este há-de ser o motivo das vossas lágrimas, das vossas orações... E quando as vossas orações, desejos, disciplinas e jejuns não se empregarem nisto, pensai que não cumpris o fim para que o Senhor vos juntou aqui» (*Cam.* 1, 5; 3, 10). Os contemplativos e as contemplativas, não tendo encargos de apostolado exterior, estão estritamente obrigados a concentrar todas as suas forças na oração

e no sacrifício, pois só assim corresponderão às grandes esperanças que a Igreja põe neles e realizarão a sua vocação. Através das penitências que provêm da vida comum e da observância de uma vida austera, humilde, em tudo sujeita à obediência e privada de toda a satisfação humana, eles são chamados, de um modo especial, a completar generosamente na sua carne o que falta à Paixão de Cristo, em favor do Seu Corpo místico que é a Igreja (cfr. Const. Apost. *Sponsa Christi*).

«Vim ao Carmelo para salvar as almas», declara S.ta Teresa do Menino Jesus (*M.A.* pg. 178); e depois de ter oferecido e consumido para tal fim as suas energias, até as orações que se faziam para lhe alcançar um pouco de alívio, durante a sua última doença, oferecia pelos pecadores.

Mas se os contemplativos devem ser os «especialistas» do apostolado do sacrifício, este não pode nem deve faltar, embora de uma forma diversa, na vida de todo o apóstolo. Assim como Jesus comprou as nossas almas pelo preço do Seu Sangue, também aquele que quiser colaborar com Ele na salvação da humanidade deve estar disposto a juntar ao Sangue preciosíssimo de Cristo algumas gotas do próprio sangue. As almas custam caro, e o apóstolo há-de pagar à *sua custa* aqueles que pretende conquistar. O apostolado será verdadeiro e fecundo na medida em que estiver impregnado de sofrimentos e em que for fruto de imolação.

Colóquio — «Senhor, o meu coração exulta ao pensar que Vos dignastes escolher-me para me associar à grande obra da Redenção e para sofrerdes em mim como que um prolongamento da Vossa Paixão. Apoderastes-Vos de mim e eu quero ser para Vós como que uma hu-

manidade de acréscimo na qual Vós possais sofrer pela glória do Pai e pelas necessidades da Vossa Igreja.

«Como seria feliz, Mestre adorado, se também me pedísseis que derramasse o sangue por Vós! Mas o que sobretudo anseio é o martírio de amor que consumiu os santos... E já que Vós dissestes que a maior prova de amor é dar a vida por quem se ama, dou-Vos a minha para dela fazerdes o que Vos aprouver; se não for mártir de sangue, quero ser mártir de amor.

«Quanto me alegro ao pensar que o Pai nos conhece desde toda a eternidade e que deseja encontrar em nós a Vossa imagem, ó Cristo crucificado! Quão necessária, portanto, é a dor, para que a Vossa obra se cumpra em mim! Vós desejais enriquecer-me com as Vossas graças, mas sou eu que ponho limites ao Vosso dom, que determino a sua medida em proporção da generosidade com que me deixo imolar por Vós.

«Ó Senhor, Vós chamáveis à hora da Vossa Paixão '*a Vossa hora*', aquela para a qual tínheis vindo, aquela que os Vossos desejos apressavam. Quando se me apresenta um grande sofrimento ou um pequeno sacrifício, quero pensar imediatamente que essa é '*a minha hora*', a hora em que Vos posso dar uma prova do meu amor por Vós que tanto me amastes» (I.T. *Cart.*).

327. O APOSTOLADO DO EXEMPLO

Ó Senhor, fazei que a minha conduta seja tal que Vos glorifique e atraia muitas almas ao Vosso amor.

1 — Ao lado da oração e do sacrifício há uma outra arma de apostolado, poderosa e acessível a todos: é a de uma vida boa, de uma vida santa. Nem todos podem

pregar, nem todos têm o dever de aconselhar ou de exortar, nem todos podem ocupar-se em obras apostólicas, mas não há ninguém que não possa contribuir para o bem espiritual do próximo com o exemplo de uma vida integralmente cristã, coerente com os princípios professados e fiel aos próprios deveres. «Cada um pode ser útil ao próximo se cumprir o seu dever», afirma S. João Crisóstomo e acrescenta: «Já não haveria nenhum pagão se os cristãos o fossem deveras, se deveras guardassem os mandamentos. Uma vida boa é uma voz mais penetrante e mais poderosa do que uma trombeta». Uma vida boa impõe-se por si mesma, tem autoridade, e exerce uma influência muito superior à das palavras.

Uma alma que procura a verdade, que procura a virtude, facilmente encontra livros ou mestres que lhe falem nisso de uma forma atraente; porém é muito mais difícil encontrar pessoas cuja vida seja um testemunho prático. A mentalidade moderna, sequiosa de experiência, tem uma necessidade particular destes exemplos, capazes de lhe oferecerem não só belas teorias da vida espiritual, mas sobretudo encarnações concretas da virtude, do ideal de santidade e de união com Deus. As almas são muito mais atraídas pelo pensamento vivido, pelos ideais traduzidos na realidade da vida do que pelo simples pensamento. De resto foi a grande trajectória que Deus seguiu para Se manifestar aos homens: o Verbo eterno incarnou, e através da realidade tão concreta, tão humana da Sua vida terrena, mostrou-nos o imenso amor de Deus para connosco e as Suas infinitas perfeições. Jesus, que possuía as perfeições divinas, pôde dizer-nos: «Sede, pois, perfeitos, como o vosso Pai celestial é perfeito» (*Mt. 5, 48*), e ao falar-nos assim, não só nos apontava o ideal supremo da santi-

dade, como nos oferecia em Si mesmo esse modelo. O apóstolo deve seguir o caminho trilhado por Jesus, incarnando na sua vida o ideal de santidade que quer propor aos outros; só assim se poderá afirmar dele como do Senhor: «*coepit facere et docere*» (Act. 1, 1), primeiro começou a fazer e depois a ensinar. E só assim o apóstolo poderá repetir, mais com a conduta do que com as palavras, a ousada frase de S. Paulo: «Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo» (I Cor. 4, 16).

2 — Jesus, que nos ensinou a orar, a jejuar e a dar esmola em segredo, a fim de que só o Pai celestial o soubesse e nos desse a recompensa, ensinou-nos também a agir de tal modo que as nossas obras fossem, para os que as vêem, um tácito incitamento ao bem: «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens para que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus» (Mt. 5, 6). S. Gregório ensina-nos a conciliar os dois ensinamentos do Senhor: «Que a obra seja pública — diz ele — mas que a intenção permaneça oculta, para que assim demos ao próximo o exemplo de uma obra boa e, ao mesmo tempo, procuremos, com a intenção agradar só a Deus e desejemos sempre o segredo». Há uma grande diferença entre aquele que faz o bem com ostentação, realizando-o para atrair os louvores dos outros ou talvez para ganhar uma certa fama de santidade, e aquele que, agindo com recta intenção para agradar unicamente a Deus, é, pela sua conduta, luz e guia para os que vivem junto dele. Quando a intenção é recta, isto é, quando tem por fim dar glória a Deus e procurar atrair outras almas ao Seu serviço, não devemos temer que as nossas boas obras sejam

vistas, mas devemos sentir a responsabilidade que temos de edificar os outros com o nosso comportamento.

Toda a alma de vida interior, ainda que só procure agradar ao Pai celeste, deve ser apóstola pelo exemplo; a sua vida de piedade sincera, de virtude sólida e de união com Deus deve resplandecer diante dos homens e chamá-los à oração, ao recolhimento, à busca das coisas celestes. Isto é possível a todos e em qualquer meio: pode fazê-lo o profissional, no mundo, entre os seus colegas, alunos ou clientes; a esposa e a mãe, no círculo familiar; o religioso e a religiosa, no âmbito da própria Comunidade; o sacerdote, dentro do seu campo de acção.

Uma alma de verdadeira vida interior é um apóstolo, é, como disse Jesus, «uma cidade situada sobre um monte que não pode esconder-se», é uma luz acesa posta «sobre o candeeiro a fim de que dê luz a todos os que estão em casa» (Mt. 5, 14 e 15). Quanto mais profunda for a vida interior, mais a luz resplandece, mais ilumina e atrai as almas para Deus.

Colóquio — «Meu Deus nada há de mais frio do que um cristão que não se preocupa com a salvação dos outros. Para me dispensar disso não posso alegar, como pretexto, a pobreza. Pedro dizia: não tenho ouro nem prata; Paulo era tão pobre que muitas vezes passava fome. Não posso alegar a minha condição humilde, pois também eles não eram nobres nem tinham antepassados nobres.

«Nem sequer me posso desculpar, ó Senhor, dizendo que sou ignorante, porque eles também o eram. Ainda que eu fosse um escravo e ainda por cima fugitivo, poderia cumprir a minha tarefa. Cumpri-la-ei se observar

a Vossa lei. Não posso objectar que sou doente, porque também Timóteo estava muitas vezes enfermo.

«Senhor, a Vossa luz faz-me compreender que também eu posso ser útil ao próximo se cumprir o meu dever. Cumpri-lo-ei se observar a Vossa lei, especialmente a lei do amor, que ensina a bondade para com aqueles que nos ofendem. Os mundanos comovem-se mais com uma vida exemplar do que com milagres; e Vós dizeis-me que nada há de melhor do que a caridade e o amor ao próximo para tornar boa uma vida. Ajudai-me pois, Senhor, a levar uma vida santa, a fazer boas obras, de modo que quem me vir possa louvar o Vosso nome» (cfr. S. João Crisóstomo).

«Ó Senhor, fazei que acredite com o coração, professe com a boca e ponha em prática a Vossa palavra, a fim de que os homens, ao verem as minhas boas obras, Vos glorifiquem a Vós, nosso Pai que estais no céu, por Jesus Cristo nosso Senhor, ao qual pertence a glória pelos séculos dos séculos. Amen» (Orígenes).

328. AS OBRAS APOSTÓLICAS

Ó meu Deus, tornai-me digno de colaborar na difusão do Vosso reino de amor.

1 — O apostolado interior da oração e do sofrimento, pela sua intrínseca eficácia e fecundidade, tem a primazia sobre qualquer outra forma de apostolado a tal ponto que, mesmo sem ser acompanhado de nenhuma actividade exterior, é suficiente para fazer daqueles que o vivem, apóstolos eminentes. Contudo, na sociedade e na Igreja, são necessárias igualmente as obras;

Deus quere-as e, de facto, intervém ordinariamente no mundo através da actividade dos Seus apóstolos. Para que a vida da graça possa ser comunicada às almas, ao lado do apostolado interior dos contemplativos, é necessária a actividade externa dos Pastores e dos fiéis; para administrar os sacramentos é indispensável o ministério sacerdotal; para converter os infiéis, são precisos missionários; para a formação cristã da juventude, escolas e educadores; para a cristianização da sociedade, obras sociais; são também necessários profissionais que sejam apóstolos no meio em que vivem. No campo do apostolado, como diz S. Paulo, há diversas funções, muitos ofícios de importância e valor diferentes, mas todos eles provenientes de um único espírito, o Espírito Santo que «os distribui a cada um como Ele quer» e ao mesmo tempo os ordena todos para um único fim: o crescimento do Corpo místico de Cristo (cfr. I Cor. 12). E como no corpo um membro não pode prescindir do outro, «o olho não pode dizer à mão: 'não necessito do teu serviço', nem a cabeça dizer aos pés: 'vós não me sois necessários' (ib. 21), assim também os contemplativos não podem dizer aos activos: não são necessárias as vossas obras, nem estes podem dizer àqueles: é inútil a vossa oração, nem os responsáveis das diversas actividades apostólicas podem antepor-se ou preferir-se uns aos outros, mas, estimulando-se mutuamente, todos devem trabalhar com espírito de solidariedade, ajudando-se reciprocamente e empenhando-se cada um em cumprir o seu próprio ofício com a maior perfeição possível. Do amor com que cada um desempenha o seu cargo e, ao mesmo tempo, com que se mantém unido aos outros apóstolos, sempre pronto a apoiar e favorecer as obras alheias, resulta o bem universal da Igreja, bem

para o qual o apóstolo deve olhar acima de toda a obra ou interesse pessoal.

2 — O primeiro lugar no ministério apostólico pertence, sem dúvida, aos Pastores, sucessores directos dos Apóstolos, aos quais Jesus confiou oficialmente a missão de evangelizar o mundo: «Ide, pois, ensinai todas as gentes, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar todas as coisas que vos mandei» (Mt. 28, 19, 20). Ao lado deste, que é o *apostolado hierárquico*, reservado aos clérigos, há o dos leigos que a Igreja convida a colaborar com a Hierarquia. Os Pastores guiam, governam, traçam os planos e, sob a sua direcção, os fiéis são chamados a prestar o seu concurso. Compreende-se, portanto, que o apostolado autêntico, o único que pode ser incorporado no plano de Deus para a salvação do mundo, é o que se exerce de harmonia com as directivas da Igreja. Não merece o nome de apóstolo aquele que pretende trabalhar na vinha do Senhor independentemente dos que Ele propôs para cuidar dela e governá-la. Uma actividade deste género, em vez de contribuir para os fins do apostolado, seria antes um prejuízo e um obstáculo.

Nesta colaboração com a Hierarquia ocupam o primeiro lugar as almas consagradas a Deus por vínculos estáveis, os religiosos não clérigos, as religiosas dedicadas a obras de apostolado externo e os membros dos Institutos seculares; seguem-se os pertencentes à Acção Católica e têm também o seu lugar os simples cristãos que, privada ou colectivamente, exercem qualquer forma de apostolado. Não foi por acaso que Pio XII, na Encíclica *Mystici Corporis*, a propósito da colaboração dos fiéis no apostolado dos Pastores, nomeou expressamente

os pais e as mães de família; disse-o, porque todo o cristão que trabalha por fazer penetrar o espírito do Evangelho no meio onde vive — escola, oficina, hospital, etc., — é um verdadeiro colaborador da Hierarquia. O mesmo Papa afirma: «Este trabalho apostólico, realizado segundo o espírito da Igreja, consagra o leigo como ministro de Cristo, no sentido em que S.to Agostinho o explica: 'Ó irmãos... também vós, à vossa maneira, deveis ser ministros de Cristo, vivendo bem, dando esmolas, pregando o Seu nome e a Sua doutrina. Desta forma [até o pai de família] exercerá em sua casa o ofício de clérigo, e de certo modo, de bispo, servindo a Cristo, para estar com Ele eternamente'» (Enc. *Summi Pontificatus*). Neste sentido S. Pedro, dirigindo-se aos fiéis, não hesita em afirmar: «Sois uma geração escolhida, um sacerdócio real» (I *Ped.* 2, 9).

Colóquio — «Meu Deus, fazei que eu não pense mais se vou perder ou ganhar, mas que o meu único fim seja contentar-Vos e servir-Vos. Conhecendo o amor que nos tendes, renuncio a qualquer satisfação para não Vos contentar senão a Vós, servindo o próximo e dizendo-lhe as verdades para que as suas almas aproveitem. Com o que poderei perder, não me preocupo nada: só quero ter diante dos olhos o proveito do próximo e nada mais. Para mais Vos agradar, meu Deus, quero esquecer-me de mim mesma pelos outros e estou pronta a morrer na demanda, como fizeram tantos mártires.

«Parece-me que uma das maiores consolações que há na terra é ver que as almas aproveitam por meio de nós. Ditosos, Senhor, aqueles a quem Vós fazeis estas mercês» (T.J. P. 7, 5 e 6).

«Meu Deus, feliz daquele que saboreou como é doce

trabalhar pela salvação das almas! Então já não teme nem o calor nem o frio, nem a fome nem a sede, nem os desgostos, nem as afrontas, nem sequer a morte.

«Ó Senhor, dai-me cruces, espinhos e perseguições de todo o género, contanto que eu possa salvar almas, e entre elas a minha. *Da mihi animas, coetera tólle*: Senhor, dai-me almas e tomai tudo o resto.

«Só quando souber que o demónio cessou de acometer as almas, cessarei eu de procurar novos meios para as salvar dos seus enganos e das suas insídias.

«Senhor, quero fazer-Vos o sacrifício total da minha vida, quero trabalhar até ao último suspiro pela Vossa glória, suportando com paciência as adversidades e contrariedades no bem que faço. Ajudai-me Vós a empregar, enquanto puder, todas as minhas forças para a salvação das almas» (S. João Bosco).

329. RUMO À PÁTRIA

XX DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Senhor, ensinai-me o caminho para chegar até Vós.

1 — A liturgia dos últimos domingos depois do Pentecostes tem uma tonalidade particular, a tonalidade das coisas que se aproximam do fim. Com efeito, o ano litúrgico terminará em breve e, ao terminar, convida-nos a reflectir sobre a caducidade da vida presente e a volver os olhos para a vida eterna que nos espera. As almas recolhem-se espontâneamente na revisão das próprias posições: como empregámos o tempo recebido de Deus? No Intróito encontramos esta humilde confissão: «Senhor, pecámos contra Vós e não obedecemos aos

Vossos preceitos», e na Colecta este pedido de perdão: «Senhor, deixai-Vos aplacar e concedei aos Vossos fiéis o perdão e a paz». Depois, na Epístola (*Ef.* 5, 15-21), S. Paulo ensina-nos a usar do melhor modo possível o tempo que nos resta para chegarmos à glória eterna: «Cuidai em andar com prudência, não como insensatos, mas como circunspectos, recobrando o tempo, pois os dias são maus». O apóstolo explica-nos em que deve consistir a nossa sabedoria: «Não sejais imprudentes, mas considerai qual é a vontade de Deus». A maior insensatez e imprudência que se pode cometer na viagem desta vida é a de seguir o próprio capricho, a própria vontade; desta maneira percorre-se um caminho muito arriscado por onde nunca chegaremos à meta, ao passo que a única via que a ela nos conduz é a vontade de Deus. Quem procura sinceramente a vontade divina e caminha nela, em lugar de ser guiado pelo seu próprio espírito, é guiado pelo Espírito de Deus, o Espírito Santo, e portanto pode ter a certeza de não errar. «Enchei-vos do Espírito Santo — exorta-nos hoje S. Paulo — falando entre vós com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor em vossos corações... submissos uns aos outros». Quando uma alma se deixa guiar dócilmente pelo Espírito Santo, Ele toma-a e invade-a até a encher de Si. Desta plenitude brota espontaneamente o espírito de oração, a virtude, a humilde submissão e a concórdia fraterna.

Caminhar na vontade divina, sob a direcção do Espírito Santo, é seguir o caminho mais rápido e seguro para chegar à pátria celestial.

2 — É impossível descobrir e percorrer o caminho da vontade divina sem a fé; o Evangelho de hoje (*Jo.* 4,

46-53) fala-nos precisamente da fé e das qualidades que esta deve ter para agradecer a Deus.

Um oficial do rei, tendo ouvido falar das curas maravilhosas operadas por Jesus, dirige-se ao Seu encontro e roga-Lhe que vá a sua casa para «curar o seu filho que estava a morrer». Este homem tem fé na virtude taumaturga do Mestre, mas está bem longe de crer que Ele é o Filho de Deus. Jesus compreende e responde: «Se não virdes milagres e prodígios, não credes». Estas palavras, dirigidas historicamente àquele oficial e aos seus conterrâneos, valem moralmente para todos os que fazem depender a sua fé daquilo que se vê ou apalpa. São poucos os que crêem com simplicidade no Evangelho, na Revelação, no magistério da Igreja; a maioria fica indiferente e só se comove ao presenciar algum facto insólito que lhe fere os sentidos. É verdade que o Senhor também Se pode servir disso para ajudar a nossa fraqueza, mas não é esta a fé que Lhe agrada: «Bem-aventurados os que não viram e creram!» (Jo. 20, 29), disse a Tomé que não queria acreditar se não visse o lugar dos cravos e não metesse o dedo nas chagas. O motivo profundo da fé não é a nossa experiência, não é o ter visto ou tocado com a mão, mas a autoridade de Deus. Deus revelou-Se, Ele não Se engana nem nos pode enganar e nós acreditamos confiados na Sua palavra. Crer na palavra de Deus, é a fé genuína, fé pura que agrada ao Senhor.

Jesus, que queria conduzir o oficial do rei a esta fé, disse-lhe: «Vai, o teu filho vive». Aquele homem acreditou na palavra que Jesus lhe disse e partiu. Ainda não era a fé sobrenatural no Filho de Deus; todavia era um acto de fé na palavra do Mestre e, embora imperfeito, produziu o seu fruto: o filho ficou

curado. O Senhor não exige mais do que se Lhe pode dar; quando vê boa vontade, quando vê esforço sincero, Ele próprio intervém para aperfeiçoar a obra. Deste modo a fé imperfeita e ainda humana do oficial foi premiada com a cura do filho e, em consequência, a sua fé tornou-se sobrenatural; acreditou em Jesus, não já como simples profeta ou taumaturgo, mas como Filho de Deus: «creu ele e toda a sua casa».

Nesta vida caminhamos para Deus, não na visão mas na fé; quanto mais pura e despojada de elementos humanos for a nossa fé, tanto mais agradará a Deus e melhor nos permitirá conhecer e cumprir com amor a Sua santa vontade.

Colóquio — «Ó Mestre divino, Pai e Senhor, sede propício aos Vossos filhos. Concedei aos que seguimos os Vossos mandamentos, que reflectamos a Vossa imagem e experimentemos, segundo as nossas forças, a Vossa bondade e não a severidade do Vosso juízo.

«Concedei que vivamos todos na Vossa paz, que sejamos admitidos ao Vosso reino depois de termos atravessado sem naufragar as ondas do pecado, impelidos para a frente em plena bonança pelo Espírito Santo, Vossa Sabedoria inefável, e guiados por Ele noite e dia até ao raiar da aurora perfeita. Concedei-nos, até ao derradeiro instante, que oremos dando graças e que demos graças orando ao único Pai e Filho, ao Filho educador e mestre, juntamente com o Espírito Santo» (Clemente de Alexandria).

«Senhor, Vós sabeis o que é melhor; faça-se isto ou aquilo, como for do Vosso agrado. Dai-me o que quiserdes, quanto quiserdes e quando quiserdes. Tratai-me como sabeis e como melhor Vos aprouver e for

para maior glória Vossa. Colocai-me onde quiserdes, e dispõe de mim em tudo com inteira liberdade. Estou nas vossas mãos, voltai-me e tornai-me a voltar, segundo o Vosso agrado. Eu sou o Vosso servo, pronto para tudo: não desejo viver para mim, mas para Vós; oxalá que o faça digna e perfeitamente.

«Concedei-me, benigníssimo Jesus, a Vossa graça, a fim de que ela esteja comigo, trabalhe comigo e se conserve comigo até ao fim! Dai-me a graça de sempre desejar e querer o que Vos for mais aceite e agradável. Fazei que a Vossa vontade seja a minha, e a minha seja sempre a Vossa, e se conforme em tudo com ela. Tenha eu um só querer e não querer conVosco, e que eu só possa querer ou rejeitar o que Vós quereis ou rejeitais» (*Imit.* III, 15, 2 e 3).

330. A FORMAÇÃO DOS APÓSTOLOS

Jesus, Mestre divino, dignai-Vos receber-me na Vossa escola a fim de que, sob a Vossa direcção, me possa preparar para o apostolado.

1 — Para uma alma se dar ao apostolado interior nenhuma precaução é necessária, pois quanto mais se consagrar à oração e ao sacrifício, mais útil será ao próximo e, ao mesmo tempo, tirará grande proveito para a sua própria santificação. Com efeito, as armas do apostolado interior coincidem perfeitamente com os exercícios fundamentais da vida espiritual. Não se pode afirmar o mesmo a propósito do apostolado exterior, o qual, por sua natureza, requer cuidados e ocupações diferentes das que dizem respeito ao aproveitamento individual. Uma alma recém-iniciada na vida interior

ainda não possui a capacidade requerida para atender simultâneamente à sua santificação e à dos outros; precisa de tempo para concentrar as suas forças sobretudo na própria formação espiritual. De resto, se a eficácia do apostolado depende do grau de amor e de união com Deus a que chegou aquele que o exerce, é evidente que um principiante não será ainda capaz de um apostolado fecundo. Entregar-se antes de tempo à actividade apostólica significa, portanto, dispersar inútilmente as energias, com a consequência de prejudicar a sua vida interior e de não produzir nenhum fruto para os outros. O próprio Jesus, embora não tivesse necessidade nenhuma disso porque era Deus, quis dedicar os primeiros trinta anos da Sua vida à oração e ao retiro, dando-nos a entender que é preciso amadurecer o espírito nos exercícios da vida interior antes de nos lançarmos no apostolado exterior. Com os apóstolos sucedeu algo de semelhante: os três anos passados com Jesus foram anos de verdadeira formação. O Senhor instruía-os, admoestava-os, ensinava-os a orar, a praticar a virtude, e só algumas vezes, tímidamente, como que para os provar, lhes confiava alguma missão. Depois, antes de os enviar definitivamente à conquista do mundo, quis que temperassem o espírito alimentando-se da Sua Carne, assistindo à Sua Paixão e, por fim, reunindo-se no Cenáculo à espera da vinda do Espírito Santo. E assim, na prática, o catolicismo autêntico exige que os apóstolos, antes de entrarem em campo, se preparem pelo exercício de uma intensa vida interior, a fim de se tornarem instrumentos aptos e fecundos para o bem das almas.

2 — A urgência das obras apostólicas — urgência que hoje se faz sentir cada vez mais premente — não

pode justificar uma preparação apressada para o apostolado. De que serviria lançar na peleja um maior número de indivíduos se estes, por falta de formação, fossem incapazes não só de conquistar terreno, mas até de sustentar o choque das forças inimigas? Não basta entusiasmo e boa vontade, é preciso robustez de vida interior, solidez de ideias e de propósitos, é preciso espírito de sacrifício e união com Deus. Caso contrário, além de ser inútil ao bem alheio, pôr-se-á em perigo a sorte do próprio apóstolo. É necessário prover à urgência do apostolado, intensificando sobretudo a formação das almas que se dedicam a ele, pois só as almas ancoradas em Deus por meio de uma intensa vida interior, poderão conter o ímpeto da actividade externa, por vezes avassalador, vivificando-a com a chama do amor.

«Um homem perfeito — diz S.ta Teresa de Jesus — faz mais do que muitos que o não sejam» (*Cam.* 3, 5); por isso é de suma importância que os que se dedicam ao apostolado estejam seriamente encaminhados para a perfeição, para a santidade; só assim poderão dar Deus às almas e levar as almas a Deus. Toda a história da Igreja é uma demonstração prática deste princípio: «Um só era S. Paulo e quantos não atraíu... Se todos os cristãos fossem como S. Paulo, quantos mundos poderiam converter!» (S. João Crisóstomo). O Santo Cura d'Arce tinha bem poucos recursos humanos e no entanto converteu um número incontável de almas, justamente por causa da sua santidade, do seu amor, da sua união com Deus.

As imperiosas exigências do apostolado externo requerem, mais do que nunca, apóstolos bem formados, apóstolos de profunda vida interior, apóstolos santos. Ainda que se tenha terminado o período de formação,

importa vigiar sempre, a fim de que a actividade externa de maneira nenhuma venha a diminuir a vida interior. É preciso manter sempre o equilíbrio entre a oração e o trabalho, de modo que o apóstolo não esgote as suas energias espirituais, mas tenha tempo suficiente para se fornecer, para retomar e manter o contacto íntimo com Deus.

Colóquio — «Ó Senhor, toda a minha ânsia é que, tendo Vós tantos inimigos e tão poucos amigos, ao menos estes sejam bons. Por isso determino fazer este pouco que posso, isto é, seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição possível e orar pelos defensores da Igreja, pelos pregadores e letrados que a defendem. Ó Senhor, já que eu não valho nada para defender a Vossa Igreja directamente, quero procurar que ao menos valham as minhas orações para ajudar a estes servos de Deus, que com tanto trabalho se têm fortalecido com letras e santa vida e agora se cansam para defender o Vosso nome.

«Deus meu, quero ser tal que mereça alcançar de Vós estas duas coisas: a primeira, que no grande número dos santos e letrados que defendem a Igreja, haja muitos que tenham as qualidades necessárias, e que as concedais àqueles que ainda as não possuem completamente, pois mais fará um perfeito do que muitos que o não sejam. E a segunda que, depois de lançados neste combate, Vós os segureis com a Vossa mão para que possam livrar-se de tantos perigos como há no mundo e atravessar este mar proceloso com os ouvidos surdos ao canto das sereias. Se junto de Vós, meu Deus, posso alguma coisa nisto, eis que também eu pejo pela Vossa glória, embora encerrada na clausura.

«Conjuro-Vos, Senhor, que me escuteis. Jamais cessarei de Vos suplicar, e por quem sois, esqueci as minhas misérias: trata-se da Vossa glória e do bem da Igreja e para isso convergem todos os meus desejos. Quando as minhas orações, desejos, disciplinas e jejuns não forem empregados no que Vos disse, não cumpro com o fim para que Vós, Senhor, me chamastes à vida contemplativa» (cfr. T.J. *Cam.* 1, 2; 3, 2-10).

331. SANTIFICAR-SE NO APOSTOLADO

Dai-me luz, ó Deus, a fim de reconhecer as graças que preparastes no meu caminho para me conduzirdes à santidade; tornai-me capaz de lhes corresponder.

1 — O apostolado mais fecundo é o do santo. Será então necessário ser santo antes de se consagrar ao apostolado? Teoricamente seria o ideal, mas na prática é impossível. Não se pode pensar que os anos de formação — do seminário ou do noviciado, por exemplo — sejam suficientes para nos tornarem santos; por outro lado, quando o dever ou a caridade o impõem, ninguém se pode eximir das obras do apostolado a pretexto de não ter ainda chegado à santidade. Portanto devemos concluir que, decorrido o período consagrado exclusivamente à preparação, é necessário unir a ascese pessoal ao exercício da actividade apostólica. Por outras palavras, os apóstolos devem santificar-se no apostolado e por meio dele. «Santificar-se em vista e por meio do apostolado, eis a palavra de ordem para um sacerdote diocesano... Fariamos mentir a Igreja, a vida de Jesus e todas as vidas dos santos, se afirmássemos a incom-

patibilidade do apostolado exterior com a santidade». Estas palavras que o Padre Poppe dirigiu aos sacerdotes, valem para todos os apóstolos, clérigos ou leigos, religiosos ou seculares; cada apóstolo deve ter a certeza de que encontrará precisamente no seu campo de trabalho — e não noutra lugar — todas as graças necessárias para se santificar e para chegar à união íntima com Deus. Quando uma pessoa se dá ao apostolado, não por escolha própria nem por impulso natural para a actividade, mas somente para corresponder a um apelo divino, pode estar certa de que, assim como Deus a *quis* no apostolado, também a *quer* santa e lhe proporcionará todos os meios para chegar a sê-lo. Deus não pode condenar à mediocridade uma alma que, para cumprir a Sua vontade, e portanto por Seu amor, se sujeitou a trabalhos e fadigas apostólicas. «Não, irmãos — continua o Padre Poppe — a vida activa não é uma noite em que se extingue a luz do ideal. Se tantos perderam nela o seu, tende vós mais confiança, *humilhai-vos* mais profundamente por causa da vossa fraqueza, e uma graça mais abundante vos levará certamente ao êxito. Não sabeis que as dificuldades e os obstáculos, sob a maravilhosa acção da graça, se transformam muitas vezes em auxílios e cooperam admiravelmente para o bem? *Certus sum*, podeis vós dizer com S. Paulo: estou certo de que nenhuma criatura do mundo tem poder para me desviar do caminho da santidade». Na medida em que o apóstolo for dócil e fiel à graça, Deus o purificará, o aperfeiçoará e o santificará precisamente através das fadigas apostólicas.

2 — A certeza de nos podermos santificar no meio das obras, não exclui o convite tácito ao recolhimento,

o desejo de solidão e de intimidade com Deus que tantas vezes acompanha o apóstolo no meio das suas actividades e que por vezes se aviva a ponto de envolver a sua vida num véu de nostalgia. Quem saboreou, por pouco que fosse, a beleza e a bondade infinita de Deus, não pode deixar de sentir o desejo e a necessidade imperiosa de O possuir. É bom sinal: quer dizer que a alma não se deixou invadir e dissipar pelas ocupações exteriores e que, apesar de viver no mundo, não é do mundo, mas tende na verdade para Deus. Ainda que essa ânsia, em determinadas alturas, se transforme em tormento, o apóstolo não se deve perturbar nem supor ter errado o caminho; esta pena purificá-lo-á e conduzi-lo-á ao Senhor. De resto não se pense que o simples desejo de maior recolhimento e união com Deus seja indício certo de um chamamento à vida contemplativa, pois este é caracterizado sobretudo pela necessidade de uma entrega e de uma imolação mais profundas. O chamamento insistente à vida interior deve ser antes considerado como uma graça ordenada a defender o apóstolo contra os perigos da actividade exterior: é o baluarte, é o muro de clausura da sua vida espiritual.

Todavia esta necessidade de Deus deve ser satisfeita; além das horas diárias de oração e de silêncio, o apóstolo deve ter suficientes pausas no seu trabalho: os retiros mensais e os exercícios anuais são indispensáveis, e são também uma oportunidade para se recolher após um período de actividade particularmente intensa. Seria um erro fatal deixar-se absorver pelo apostolado até ao ponto de já não encontrar tempo para se concentrar em Deus, num contacto íntimo com Ele: nem sequer sob a aparência de maior generosidade o apóstolo deve renunciar às suas horas de oração.

Ao mesmo tempo, porém, deve ir ao seu trabalho de ânimo sereno e confiante, tendo bem presente que, enquanto não atingir a plena maturidade da vida espiritual, não poderá fugir ao conflito entre a acção e a contemplação: a acção que tenta afastá-lo da contemplação e esta que desejaria prolongar-se para além do tempo fixado. O seu esforço deve ser o de se manter num justo meio, evitando os dois extremos e unificando a sua vida por meio do amor. Antes do conflito se acalmar numa perfeita harmonia, há um longo caminho a percorrer, durante o qual é absolutamente necessário dar-se à acção com prudência e ser muito fiel à oração não consentindo que o tempo que lhe é destinado seja invadido pelo trabalho.

Colóquio — «Meu Deus, como são poucos os apóstolos santos! Como são raros os Vossos verdadeiros amigos! Ó Senhor, ardo em desejos pela vinda do Vosso reino às almas dos apóstolos; ardo, mas sou tão pobre que serei consumido antes que este reino chegue.

«Fazei de mim, ó Senhor, um apóstolo santo, porque obtém mais um santo com uma só palavra do que um trabalhador ordinário com uma série de discursos. Sem santidade sou como um bronze que soa, como um címbalo que tine, e Vós, meu Deus, só falais pela boca dos santos. Dai-me, pois, a santidade, única coisa capaz de mover o sentimento, de ferir as almas e de as renovar. Ó Deus, não permitais que eu venda ouropel nem seja um tonel vazio.

«Santificar-se no apostolado é difícil: são muitos os obstáculos e os perigos que se encontram. Deverei então retirar-me desanimado? Não, meu Deus, porque se tiver boa vontade serei sempre ajudado pela Vossa graça, e

onde a graça opera, sempre se encontra o caminho que conduz ao fim, à santidade. Que devo então temer? A Vossa graça está comigo; Vós mesmo estais comigo e em mim. E se Vós, ó Deus, entraís na arena comigo, a que poderei eu ainda chamar obstáculo? À tribulação ou à angústia, à fome ou à nudez, ao perigo, à perseguição ou à espada? Todas estas dificuldades vencerei com o Vosso auxílio, porque Vós me amais e não me abandonais. Apoiando-me em Vós, ó Senhor, tenho a certeza de que nenhuma criatura do mundo me poderá desviar do caminho da santidade. Tenho a certeza disto porque Vós quereis que os Vossos apóstolos sejam santos, porque sois infinitamente bom, infinitamente poderoso e fiel às Vossas promessas, porque sois infinitamente misericordioso» (P. Eduardo Poppe).

332. PUREZA DE INTENÇÃO

Ó meu Deus, arrancaí do meu coração todas as intenções menos puras e todos os movimentos de amor próprio a fim de que eu só pense na Vossa glória.

1 — O maior obstáculo que as almas encontram no apostolado provém muitas vezes do facto da sua actividade apostólica não ser exercida nas condições requeridas e indispensáveis para a transformar num exercício intenso de vida espiritual. Trata-se de uma certa desordem, de motivos mais ou menos humanos que, ao insinuarem-se nesta actividade, a fazem descer do plano sobrenatural ao plano humano, tornando-se ocasião de desvio e de arrefecimento da vida interior, pelo que a alma se sente insatisfeita, inquieta. Pio XII, no Motu

próprio «*Primo feliciter*», exprimiu bem claramente as condições de uma actividade santa: «O apostolado — afirma — deve ser sempre exercido santamente, com tanta pureza de intenção, com tanta união interior com Deus, com tão generoso esquecimento, tão enérgica abnegação de si mesmo e tal amor às almas, que brote do espírito interior que o informa e ao mesmo tempo alimente este espírito e o renove continuamente». Examinando o nosso apostolado à luz destas palavras, poderemos localizar os pontos fracos, descobrir os defeitos a evitar e também os remédios a tomar. As condições propostas são quatro: pureza de intenção, união com Deus, abnegação, amor às almas; e são de tal importância que, garantindo ao apostolado a sua fecundidade, fazem dele um meio eficaz de progresso espiritual. Esforçando-nos por as pôr em prática, elevaremos simultaneamente o nível da nossa actividade e o da nossa vida interior.

Consideremos em primeiro lugar a pureza de intenção. Se ninguém pode «servir a Deus e à riqueza» (Mt. 6, 24), muito menos o apóstolo pode dar-se à actividade apostólica com a dupla intenção de servir a Deus e ao amor próprio, de agradar a Deus e ao mundo, de zelar os interesses das almas e os interesses pessoais. A força, a paz e a vida nascem da unidade: a dispersão, mesmo a do espírito, não pode conduzir senão à debilidade, à divisão, à guerra, e finalmente à morte. O apóstolo que tem o coração dividido por intenções opostas, em vão procurará a paz no seu trabalho, pois estará sempre inquieto e insatisfeito.

2 — Pode faltar-se à pureza de intenção de um modo grosseiro que salta facilmente aos olhos, mas também

se pode faltar de um modo tão subtil que passa totalmente inadvertido à alma distraída. Para descobrir as mínimas intenções secundárias que, como pequenas raposas, se insinuam sorrateiramente para arruinar a actividade apostólica, é preciso um clima de recolhimento e de oração. Nos momentos de repouso aos pés do Senhor, o apóstolo descobrirá que, muitas vezes, durante as ocupações quotidianas, perde de vista o fim sobrenatural que deveria animar a sua actividade e que em seu lugar se infiltram fins secundários, que se tornam o motivo imediato de tantas das suas acções e deliberações. Isto significa que a sua intenção não está unicamente orientada para Deus e para as almas, mas que se desvia com frequência sob o influxo do amor próprio. Por vezes tratar-se-á de uma busca mais ou menos inconsciente do aplauso e da glória, ou então de preocupações que dizem respeito ao proveito próprio ou ao seu interesse material: não perder o seu cargo, procurar subir no emprego, ser preferido pelos superiores ou escolhido para obras mais atraentes e rendosas... Em suma, terá de constatar que, ao lado do amor de Deus e das almas, existe ainda muito amor próprio e egoísmo. Perante este quadro tão pouco consolador não deve desanimar, mas reconhecer humildemente a própria miséria e dar graças a Deus que lha descobre para que se possa corrigir. Nem sequer deve pensar que tudo quanto faz é somente fruto do amor próprio. Não; quando uma pessoa se consagrou ao apostolado movida pelo desejo sincero de fazer a vontade do Senhor e de Lhe conquistar outros corações, é necessário reconhecer que está animada pelo amor de Deus e das almas, embora se deva admitir que o seu amor ainda não é tão forte que possa triunfar inteiramente das paixões humanas.

O apóstolo não deve, pois, cessar de combater todas as manifestações do amor próprio, por mínimas que sejam, não as deve tolerar a pretexto de que se trata de movimentos naturais, mas corrigir, mortificar, reprimir, cortar sem piedade, rectificando sempre as suas intenções. É necessária uma longa e profunda purificação para vencer totalmente o dualismo entre Deus e o eu, entre o amor das almas e o amor de si mesmo. É preciso pedir ao Senhor a graça desta purificação total e dispor-se para ela, aproveitando todas as ocasiões de desapego, de renúncia, de sacrifício, de humilhação que a actividade apostólica oferece em grande abundância a quem se lhe dedica seriamente. Seguindo este caminho, o apóstolo encontrará no seu trabalho um meio excelente de ascensão espiritual e, longe de ficar preso no visco dos perigos que a actividade exterior apresenta quando o amor próprio não está reprimido, purificar-se-á através do exercício do seu apostolado.

Colóquio — «Ó Senhor, quando quero orar ou trabalhar pelo bem das almas, devo primeiro dirigir para Vós, Luz eterna e para o Vosso esplendor, o olhar da mente, a fim de que Vós me deis luz, fortifiqueis o meu espírito e me ajudeis a desprender-me o mais possível das coisas exteriores, para ser todo interior e estar todo orientado para as coisas interiores. Fazei que no próximo considere só o homem interior, não me preocupando com o exterior senão enquanto possa servir o interior, de maneira que tudo o resto fique posto de parte como vaidade e eu não seja arrastado para coisas vãs.

«Meu Deus, que eu seja movido ao apostolado, à oração, ao bom exemplo só pelo desejo de salvar as almas e não por vã glória, por ambição, por humana

complacência ou qualquer utilidade mundana. A Vós somente, ó Cristo crucificado, quero procurar! Quero inebriar as almas com o Vosso Sangue e não com fúteis curiosidades, para que só a Vós desejem. Quero dizer a cada uma delas: 'eu não conheço outra coisa senão Jesus Cristo e Este crucificado'. Por isso renuncio a todas as vantagens terrenas e não me interessa agradar aos homens nem sequer desejo conhecer outra pessoa ou outra coisa fora de Vós, Cristo crucificado.

«Senhor, inebriai-me de tal modo com o Vosso amor, que qualquer outra coisa que se ofereça à vista ou ao paladar, ao ouvido ou a outro sentido, enfim, qualquer coisa fora de Vós, a tenha por nada, a ponto de não me deleitar, gloriar, nem descansar senão no Vosso Sangue, para o qual desejo estar inteiramente voltado. Fazei que os meus olhos não estejam cheios de coisas terrenas, mas sim do Vosso sofrimento; fazei que minha boca não esteja cheia de palavras vãs, mas da Vossa Paixão, e assim todos os outros sentidos» (cfr. S. Boaventura).

333. ESQUECIMENTO E NEGAÇÃO DE SI PRÓPRIO

Senhor que Vos dais a nós até Vos tornardes nosso alimento, ensinai-me a dar-me às almas até me esquecer totalmente de mim mesmo.

1 — Outra condição para uma actividade santa é «um generoso esquecimento e uma enérgica abnegação de si próprio» (Pio XII); sem o esquecimento de si não seria possível nem sequer a pureza de intenção. Grande número de segundas intenções tentam infiltrar-se nas nossas obras porque estamos tão presentes a nós

mesmos, tão ocupados e preocupados com o nosso eu, com os nossos interesses e comodidades, e porque somos tão solícitos em ser amados e em ganhar aplausos e a estima dos outros. É preciso «sair de si mesmo e das criaturas», diria S. João da Cruz; sair principalmente dessa criatura a quem amamos mais do que a qualquer outra, o nosso eu. Se em vista do ideal contemplativo o Santo indica o caminho do «nada», podemos com justiça dizer que a vida apostólica não exige menos, mas requer também uma negação total de si que se realiza repetindo continuamente a si mesmo: nada, nada, nada.

Como o missionário, para realizar a sua vocação, tem de deixar a pátria, parentes e amigos, deve abandonar a língua, usos e costumes do seu país a fim de se adaptar aos da nova pátria, de igual modo — guardadas as proporções — todo o apóstolo deve renunciar a um grande número de coisas, mesmo que exerça a sua actividade na própria pátria, no próprio meio de trabalho e de vida. Gostos, hábitos, exigências pessoais de cultura, de educação, de sensibilidade, têm de ser generosamente postos de lado para se adaptar à mentalidade e às exigências dos outros; sossego, repouso, alívios, devem ceder o lugar ao serviço das almas. O apóstolo não deve andar à busca de conversas interessantes, de amizades consoladoras, de ocupações agradáveis ou de resultados satisfatórios; poderá suceder que talvez encontre estas coisas no seu caminho, mas nem então lhe é permitido deter-se a gozá-las egoístamente, antes deve servir-se delas como de meios para o seu apostolado; em todo o caso, nunca pode nem deve regular por elas a sua actividade. O apóstolo é enviado para «dar» e não para «receber», para semear e não para recolher; portanto deve dar o seu tempo, o seu

trabalho, as suas energias e até a sua própria pessoa, mesmo nos meios que nada oferecem de compensador, mesmo àquelas almas de quem nunca receberá paga nem gratidão.

2 — S. Paulo ensina que o sacerdote «é constituído [para intervir] a favor dos homens» (*Hebr.* 5, 1), e o mesmo se pode dizer de cada apóstolo. O apóstolo não vive para si mesmo, para a sua carreira, para o seu interesse, mas para as almas, para proveito dos outros, em tudo quanto se relaciona com o seu bem espiritual. Ainda que o apostolado lhe confira alguma autoridade, alguma dignidade, esta não é para sua honra, para sua utilidade, mas somente para serviço dos irmãos. A única vantagem pessoal que pode e deve pretender no exercício do seu apostolado é a sua santificação: tal é o único direito que o apóstolo pode fazer valer, o único interesse que pode procurar para si, tudo o mais deve ser generosamente sacrificado a Deus e às almas.

Uma alma verdadeiramente *dada* ao apostolado não se pertence mais: as suas forças, os seus talentos, o seu tempo, a sua saúde, a sua vida, são de Deus e do próximo. Ora, tendo-se dado, não pode voltar atrás, nem dispor de si mesma; pode dizer-se que perdeu o direito de propriedade sobre tudo o que é e tudo o que possui. Por isso o seu programa é dar-se esquecendo-se, e esquecer-se para melhor se dar. Isto, porém, não só nos momentos de entusiasmo, nos dias luminosos, quando as obras prosperam, quando as forças se encontram em pleno vigor, mas também nos momentos de obscuridade, nos dias sombrios, em que parece que tudo se desmorona sob o choque das adversidades, em que o corpo cansado reclama um pouco de repouso, o trabalho pesa, as ener-

gias diminuem e, devido ao ímpeto das lutas internas e externas, se torna muito fatigante permanecer no seu posto. Sim, o apóstolo deve continuar a dar-se com igual generosidade e constância, mesmo nas horas de abandono e de prova. Se o não fizer de boa vontade, isto é, com um verdadeiro espírito de sacrifício, será impossível não transparecer na sua conduta algo de mau humor, de descontentamento, de repugnância ou de impaciência, e tudo isto diminuirá muito o seu ascendente e a sua acção. Mas onde encontrar força para permanecer sempre num nível tão elevado de doação de si? Na Eucaristia. Nela Jesus dá-Se a nós fazendo-Se nosso alimento, e se o apóstolo — chamado a prolongar a missão do Mestre — não pode imitá-lo dando-se literalmente como comida às almas, pode contudo seguir o Seu exemplo pondo-se à sua disposição até se deixar «comer» por elas, quer dizer, até se deixar consumir no seu serviço.

Colóquio — «Ó Senhor, fazei-me compreender que o meu trabalho tem valor para a eternidade em proporção do amor com que o realizo e não do sucesso ou insucesso que ele possa ter. Que importa que eu lhe não veja os frutos, se Vós os vedes? Vós quereis que trabalhe com espírito de fé, sem procurar a minha satisfação.

«Sinto que sou mãe das almas e que me devo sacrificar por elas com a maior generosidade, porque a salvação de muitas pode depender da minha correspondência à graça. Senhor, sou um pobre nada, mas ofereço-Vos o Vosso divino Filho. Tomai-me e disponde de mim para Vossa maior glória.

«Ó Senhor, Vós impelis-me com insistência e constância a um sacrifício cada vez mais generoso e total.

Sinto a necessidade de dar, de me dar a Vós, de não reservar mais nada para mim. Quero, pois, renovar-Vos o meu oferecimento para que Vós me tomeis toda inteira, me transformeis e Vos sirvais de mim para Vossa glória e para a salvação das almas, para que Vos digneis completar em mim o que falta à Vossa Paixão, em proveito do Vosso Corpo que é a Igreja, contente por encontrar depois, durante o dia, muitas ocasiões práticas de actualizar este oferecimento» (cfr. Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

«Ó Jesus, a oração e o sacrifício constituem toda a minha força, são as armas invencíveis que Vós próprio me destes; podem atingir as almas muito mais que as palavras, muitíssimas vezes tive a experiência disso» (T.M.J. M.C. pg. 292).

334. HUMILDADE NO APOSTOLADO

Senhor, imprimi em mim um sentimento tão profundo da minha indigência, que tudo espere de Vós e que só a Vós atribua todo o bem.

1 — Assim como a humildade é o fundamento indispensável de toda a vida espiritual, é também a condição basilar de todo o apostolado e constitui a parte central do programa de abnegação e de esquecimento de si mesmo por ele requerido. Precisamente porque o apóstolo está — em certo sentido — posto sobre o candelabro, tem mais necessidade do que os outros de proteger o seu espírito dos fumos do orgulho e da vanglória com uma profunda humildade. Percorrendo o Evangelho, é significativo constatar como Jesus insistiu sobre este

ponto na formação dos Apóstolos. Quando estes discutiam a propósito de quem seria o maior no reino messiânico, o Mestre replicou: «se vos não converterdes e vos não tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus» (Mt. 18, 3). Noutra ocasião quando a mãe de Tiago e João pediu para os seus filhos os primeiros lugares, retorquiu: «O que quiser ser entre vós o primeiro, seja vosso servo» (ib. 20, 27); e na tarde da última ceia, no lava-pés, demonstrou-lhes até que ponto os apóstolos devem fazer-se servos: «Se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, deveis lavar-vos os pés uns aos outros» (Jo. 13, 14); por último, antes de os enviar para a Sua vinha a fim de darem «muito fruto», declarou-lhes repetidas vezes: «Sem mim nada podeis fazer» (ib. 15, 5).

Sim, os apóstolos são os amigos de Jesus, por Ele escolhidos e destinados para a evangelização do mundo, por Ele propostos para o governo da Igreja, revestidos da dignidade sacerdotal e do poder de «atar e desatar», ou — se são leigos — elevados à dignidade de colaboradores da hierarquia, chamados também a cooperar na salvação das almas. Porém, na base de todos estes privilégios, de todas estas honras, estão as transcendentais palavras: «é preciso tornar-se como criancinhas; sem mim nada podeis fazer». Oh! se estivéssemos verdadeiramente convencidos de que, embora Deus queira servir-Se de nós, só Ele tem o poder de tornar fecunda a nossa acção, só Ele pode produzir frutos de vida eterna, só Ele pode dar a graça às almas, e que nós apenas somos instrumentos tanto mais aptos a servir de meio para a salvação dos outros quanto mais pequenos nos fizermos reconhecendo a nossa indigência! Que mérito pode ter um pincel utilizado por um grande pintor na realização de uma obra de arte? De que se pode

vangloriar o mármore empregado por Miguel Ângelo para esculpir o seu Moisés? «Não fostes vós que me escolhestes — dizia Jesus aos Apóstolos — mas fui eu que vos escolhi a vós e que vos destinei para que vades e deis fruto» (Jo. 15, 16).

2 — «Sem mim nada podeis fazer». Quantas ambições, quantos pontos de honra, quantas vãs complacências de si mesmo, quantas pretensões de aplausos, quantos desejos de subir e de que se reconheça o nosso valor, se despedaçam contra estas palavras, como as ondas do mar contra as rochas! Jesus não nos diz que sem Ele pouco podemos fazer, mas diz-nos que não podemos fazer *nada*, absolutamente *nada*; e se aparentemente as obras prosperam, os admiradores aumentam e se enchem as Igrejas e os salões, na realidade nem um único grãozinho de graça cai nos nossos corações se Deus não intervier. Pobre apóstolo, tão satisfeito às vezes e tão inchado com os teus êxitos! Apesar do teu talento, do teu expediente, do teu estilo brilhante, da tua conversação atraente, dos teus títulos e dos teus êxitos, és mais pequenino e mais impotente no apostolado, do que uma formiga diante duma gigantesca montanha. Reconhece o teu nada, refugia-te em Deus, permanece fortemente unido a Ele porque só dEle provém a fecundidade para as tuas obras.

Encarregada da educação das noviças, S.ta Teresa do Menino Jesus exclamava: «Senhor, sou demasiado pequena para alimentar as Vossas filhas; se quereis dar-lhes, por mim, o que convém a cada uma, enchei a minha mão e sem deixar os Vossos braços, sem voltar a cabeça, darei os Vossos tesouros à alma que me vier pedir alimento» (M.C. pg. 288). Eis a atitude a ser

adoptada por todo o apóstolo; ou antes, quanto mais alta, importante e delicada for a sua missão, tanto mais necessário é este humilde reconhecimento da própria miséria, este confiante recurso a Deus, esta contínua união com Ele. Se Deus não Se serve de nós para realizar obras grandes, não será talvez porque, não estando suficientemente convencidos ainda do nosso nada, poderíamos vir a ser ladrões da Sua glória, atribuindo o resultado aos nossos méritos? Se a nossa actividade apostólica produz pouco fruto, não será porque, demasiado confiados em nós próprios, não nos preocupamos suficientemente com manter-nos unidos a Deus pela humildade e pela prece? «Permanecei em mim — repete-nos Jesus. — Como a vara não pode de si mesma dar fruto... assim também vós se não permanecerdes em mim» (Jo. 15, 4). Não basta que o apóstolo permaneça unido a Jesus pelo estado de graça, mas deve unir-se também a Ele movido por esta humildade profunda que lhe faz sentir que nada pode fazer, mesmo nada, sem o Seu contínuo auxílio.

Colóquio — «Senhor, Vós quereis que no meu apostolado eu sinta e reconheça o meu nada, que, ao mesmo tempo, me deixe tomar e conduzir por Vós para cumprir a missão que me confiais, que depois regresse à sombra, ao silêncio, não me envaideça e exclame: 'Servi inutiles sumus'; sou uma serva inútil, sem Vós nada posso fazer.

«Senhor, ajudai-me a fugir do louvor, do aplauso das criaturas, ajudai-me a agir sempre com recta intenção olhando só ao Vosso beneplácito. Suplico-Vos que afasteis de mim os defeitos que me podem impedir de trabalhar unicamente para Vos agradar: ostentações,

cumprimentos, adulações, desejo de fazer boa figura, de ser agradável aos outros. Fazei que nunca procure a minha glória, mas só a Vossa. Tudo para Vos agradar, nada para me satisfazer!» (Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

«Peço-Vos, Senhor meu, que dirijais para Vós o coração e a vontade dos Vossos apóstolos, de forma que Vos sigam, Cordeiro imolado, pobre, humilde e manso, pelo caminho da santíssima cruz, à Vossa maneira e não à sua. Expulsai as trevas do seu coração e dai-lhes a Vossa luz, tirai-lhes a humidade do amor próprio e que o fogo da Vossa caridade permaneça neles. Fazei que encerrem as potências da alma, fechem a memória aos vãos deleites e benefícios terrenos e só a abram aos Vossos benefícios, de tal modo que não amem coisa alguma fora de Vós, mas que Vos amem a Vós sobre todas as coisas e a todas as coisas segundo a Vossa vontade e Vos sigam somente a Vós.

«Fazei que, por meio duma caridade ordenada, procurem a salvação de todos e estejam dispostos a dar a vida pelo bem das almas. Que eles sejam criaturas angélicas, anjos terrestres nesta vida e fochos ardentes na santa Igreja» (cfr. S.ta Catarina de Sena).

335. VIRTUDES HUMANAS E CARIDADE APOSTÓLICA

Dulcificai, Senhor, o meu coração com a chama da Vossa caridade.

1 — O apostolado é a expressão e o fruto da *caritas apostólica*, ou seja, do amor de Deus e do próximo tão aumentado que se transforma em zelo pelas almas.

Porém, ao lado deste aspecto essencial que deve animar o apóstolo, há outros aspectos secundários, humanos, que, todavia, têm uma grande importância para a conquista das almas. Referimo-nos a todos aqueles dotes de afabilidade, gentileza, cortesia, sociabilidade, sinceridade e compreensão que, de per si, são dotes humanos, mas que, elevados pela graça e postos ao serviço do apostolado, adquirem valor sobrenatural. Trata-se substancialmente daquelas qualidades que S. Paulo atribui ao amor: «A caridade é paciente, é benigna... não se irrita, não suspeita mal... folga com a verdade» (I Cor. 13, 4-6).

Não basta amar as almas no segredo do nosso coração, trabalhando e sacrificando-nos por elas, é preciso que esse amor se manifeste também exteriormente por um trato amável e agradável, de tal maneira que, ao aproximarem-se de nós, se sintam estimados, e portanto animados à confiança. Certos modos rudes, bruscos, impacientes, são a causa de que muitos se afastem desgostosos e por vezes até escandalizados. O apóstolo pode ter um coração de ouro, rico de caridade e de zelo, mas se conserva um exterior rude e pouco afável, fecha ele mesmo o caminho que o levaria às almas, diminuindo notavelmente o bem que poderia fazer. Os santos, embora muito sobrenaturais, nunca descuraram estes aspectos mais humanos da caridade; S. Francisco de Sales repetia continuamente que, assim como se atraem mais moscas com uma gota de mel do que com um barril de vinagre, também se conquistam mais corações com um pouco de doçura do que com maneiras rudes. E S.ta Teresa de Jesus, que queria as suas filhas unidas pelo vínculo da mais pura caridade sobrenatural, não considerava supérfluo fazer recomendações como esta: «Quan-

to mais santas, mais afáveis com as Irmãs e, ainda que sintais muita pena por as suas conversas não serem como vós as quereríeis, nunca vos admireis delas, se quereis aproveitar e ser amadas» (*Cam.* 41, 7). Conselho utilíssimo para quem quiser ganhar almas para Deus.

2 — A propósito de qualidades naturais postas ao serviço da caridade apostólica, podemos meditar com fruto a exortação dirigida por Pio XII a um grupo de religiosos: «Antes que o jovem religioso [e poderia dizer-se: antes que o apóstolo] possa ser um verdadeiro modelo, procure primeiro tornar-se um homem perfeito nas coisas ordinárias e quotidianas... Por isso aprenda e demonstre, na sua conduta, o decoro conveniente à natureza humana e à sociedade; regule dignamente a expressão do rosto e o seu porte; seja fiel e sincero, mantenha as promessas, domine os seus actos e palavras, respeite a todos, não viole os direitos alheios, suporte o mal e seja sociável... Como bem o sabeis, as virtudes chamadas naturais são elevadas à dignidade da vida sobrenatural, sobretudo quando o homem as pratica e cultiva para se tornar um bom cristão ou um digno arauto e ministro de Cristo» (Setembro, 1951). Portanto não se pode pensar que haja antagonismo entre a plenitude da vida sobrenatural que deve conduzir à união com Deus e a plena maturidade das virtudes humanas, fruto de um desenvolvimento racional das virtudes naturais. Devemos lembrar-nos de que a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa. A luta contra a natureza, empreendida para que a graça triunfe, tende a mortificar e a destruir apenas o que nela há de imperfeito, ao passo que as qualidades e as forças boas são elevadas ou transportas para o plano sobrenatural. A graça, e

por isso a vida cristã, respeita e utiliza ao máximo todos os valores humanos. De resto, como se poderá pensar que o sobrenatural destrói o natural se este, não menos do que aquele, é obra de Deus e fruto da Sua sabedoria e bondade infinitas?

Elevando o homem ao plano sobrenatural, Deus não quis destruir nele o que antes tinha criado, mas unicamente sublimá-lo, elevá-lo. À luz destes princípios compreende-se porque se disse que o apóstolo, como o sacerdote, deve ser um «perfeito cavalheiro» (Newman); compreende-se porque os santos são também os homens mais perfeitos: é que elevaram à mais alta perfeição e sublimação as virtudes naturais; embora amando as criaturas com amor puramente sobrenatural, são capazes, melhor do que os outros, de as rodearem de amabilidade, delicadeza e compreensão, conquistando-lhes assim o coração com mais facilidade. Aliás é fácil entender que uma delicadeza perfeita, sempre igual a si mesma — mesmo para com os importunos e até nos momentos de cansaço — só pode nascer de uma virtude sobrenatural profunda e de uma delicada caridade.

Colóquio — «Senhor, ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse caridade, não seria senão um bronze que soa ou um címbalo que tine. E se tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência e se tivesse toda a fé, até ao ponto de transportar montanhas e depois me faltasse o amor, não seria nada. E ainda que distribuisse tudo o que tenho para sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, nada me aproveitaria se não tivesse caridade.

«Concedei-me, ó meu Deus, a caridade; a caridade

que é paciente e benigna, que não é invejosa nem temerária, que não se ensoberbece, que não é ambiciosa nem busca os seus próprios interesses, que não se irrita nem pensa mal, mas que folga com a verdade; que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre» (cfr. *Cor.* 13, 1-7).

Fazei, Senhor, que ao consagrar-me ao Vosso serviço, não só não diminua, mas cresça no meu coração a ternura para com o próximo, que se torne cada vez mais pura, mais sobrenatural. Ensinai-me a amar com esta ternura todos aqueles que me rodeiam. Tornai-me doce, afável, complacente, não para me atrair a benevolência das criaturas, mas para Vos poder conquistar os corações.

Ó Jesus, se o apóstolo deve ser uma imitação Vossa, não somente nas linhas gerais, mas também nos pormenores, como poderei ser apóstolo sem procurar imitar a doçura do Vosso coração? Ó Jesus, doce e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao Vosso.

336. O PERDÃO

XXI DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Senhor, ensinai-me a perdoar com generosidade e concedei-me o Vosso perdão.

1 — «O reino dos céus é semelhante a um rei que quis fazer as contas com os seus servos». O Evangelho de hoje (*Mt.* 18, 23-35) faz alusão às contas que todos seremos um dia chamados a prestar; pensamento grave que nos leva a reflectir, como o fizemos já no domingo passado, sobre o estado da nossa consciência. Todavia,

ao prosseguirmos a leitura da parábola, conforta-se-nos o coração: sob a figura do rei, Deus mostra-Se tão bom, tão misericordioso e compassivo para com o pobre servo que não pode pagar a dívida, que tudo lhe perdoa e o deixa ir em liberdade.

A dívida daquele servo não era pequena: dez mil talentos. As nossas dívidas para com Deus, porém, são muito maiores; não podem ser calculadas em dinheiro, em ouro ou prata, mas segundo o preço do nosso resgate, o preciosíssimo Sangue de Jesus. As nossas dívidas são os nossos pecados que precisam de ser lavados pelo Sangue de um Deus. Dívidas que, de uma forma mais ou menos leve, apesar da nossa boa vontade, aumentamos de dia para dia, pelo menos com as quedas de fragilidade e fraqueza. Quem poderá dizer, ao fim do dia, que não contraíu novas dívidas para com Deus? Se no fim da vida Deus nos mostrasse a conta exacta do nosso *déficit*, encontrar-nos-íamos numa situação bem mais embaraçosa do que o servo da parábola. Mas Deus é a bondade infinita, conhece e compadece-Se da nossa miséria; sempre que nos apresentamos humilhados na Sua presença, confessando as nossas faltas, Ele perdoa-nos imediatamente e absolve-nos de toda a dívida. Deus é magnânimo no Seu perdão: não nos lança em rosto as culpas já choradas, nem as tem já em conta; o Seu perdão é tão grande, tão pleno, que não só anula as dívidas, mas até destrói a lembrança delas como se nunca tivessem existido. Basta-Lhe ver-nos arrependidos, para que qualquer chaga, por mais gangrenada e repugnante que seja, fique curada pelo preciosíssimo Sangue de Jesus. O Sangue de Cristo é como um mar infinito que tem o poder de lavar e destruir os pecados de toda a humanidade, contanto que sejam sinceramente

detestados; em cada dia, em cada instante, podemos pegar no fardo mais ou menos pesado das nossas culpas, das nossas infidelidades e fazê-lo desaparecer neste oceano de graça e de amor, certos de que não ficará nenhum rasto.

2 — A segunda parte da parábola fala do nosso perdão. Ao voltar a casa aquele afortunado servo que fora absolvido de toda a dívida, encontrou-se com um seu companheiro que lhe devia cem denários, soma verdadeiramente ínfima em comparação com os dez mil talentos que lhe tinham sido perdoados; mas este homem que fora tratado com tanta piedade, não demonstrou nenhuma para com o seu semelhante, não atendeu às suas súplicas e lágrimas, antes «se retirou e fez que o metessem na prisão até pagar a dívida».

Enquanto há pouco nos comovíamos com a bondade do Senhor, agora sentimo-nos indignados pela crueldade do servo. E todavia, embora corando, temos de reconhecer que, tal como a bondade do amo é a imagem da misericórdia de Deus, a crueldade do servo é a imagem da nossa dureza, da nossa avareza em perdoar ao próximo. Infelizmente nós, que temos mais necessidade do perdão de Deus que do pão de cada dia, somos tão duros, tão exigentes para com os nossos semelhantes, tão difíceis em ser indulgentes e em perdoar. Que dívidas poderá ter o próximo para conosco em comparação das que nós temos para com Deus? Na verdade, infinitamente menos que uns poucos de denários em proporção dos dez mil talentos, porque se trata de uma ofensa feita a uma criatura miserável em relação à ofensa feita à Majestade infinita de Deus. Mas eis o contraste: Deus perdoa, esquece, anula inteiramente as nossas graves

dívidas e não cessa de nos amar e de nos favorecer, apesar das nossas contínuas infidelidades; nós, ao contrário, só com grande custo somos capazes de perdoar alguma pequena ofensa e, ainda que perdoemos, não sabemos esquecer inteiramente, de tal maneira que, chegada a ocasião, estamos prontos a lançá-la em rosto. Que seria então se o próximo cometesse todos os dias para connosco tantas infidelidades e indelicadezas como nós cometemos para com Deus? Oh! quão miserável e mesquinho é o nosso perdão!

A parábola refere o castigo infligido pelo amo ao servo cruel: «irado, entregou-o aos algozes até que pagasse toda a dívida»; e logo se segue a conclusão: «Assim também vos fará meu Pai celestial se não perdoardes do íntimo dos vossos corações cada um a seu irmão». Se queremos que Deus seja magnânimo em nos perdoar, devemos sê-lo para com o próximo; na medida em que perdoarmos, seremos perdoados. Isto significa que somos nós próprios a dar a Deus a medida exacta da misericórdia que há-de usar para connosco.

Colóquio — «Haverá alguém, Senhor, que não seja devedor para conVosco? Quem não tem por devedor algum dos seus irmãos? Por isso estabelecestes, na Vossa justiça, que a Vossa norma de conduta para comigo, Vosso devedor, fosse a que eu seguisse com quem é meu devedor. Portanto, visto que também eu pequei — e quanto! — devo ser indulgente para com quem me pede perdão. Chegará o momento da oração e terei então de Vos dizer: 'Perdoai-me, Senhor, as minhas dívidas'. E como? Eu ponho a condição, eu mesmo dito a lei: 'Perdoai como eu perdoou'.

«No Evangelho, Senhor, fizestes registar duas breves

sentenças: 'Perdoai e sereis perdoados, dai e recebereis'. É esta a minha oração: peço-Vos perdão pelo meu pecado e Vós quereis que haja alguém a quem eu perdoe.

«Assim como o pobre me pede esmola, também eu, que sou Vosso pobre, estou à porta do pai de família, junto dela me prostro, suplicando com gemidos, no desejo de receber alguma coisa, e o que eu desejo sois Vós. O pobre pede-me pão, e o que Vos peço eu senão Vós mesmo que dissestes: 'Eu sou o pão vivo que descido do céu'?

«Perdoarei para obter perdão; remitirei aos outros e ser-me-á remitido; querendo receber, darei e ser-me-á dado.

«É difícil, para mim, perdoar a quem me ofende? Recorrerei à oração. Em vez de repelir injúrias com injúrias, rezarei pelo injuriador. Se tiver vontade de lhe responder duramente, falar-Vos-ei a Vós, Senhor, em seu favor. E em seguida lembrar-me-ei de que Vós prometeis a vida eterna, mas ordenais que perdoemos ao irmão. É como se me dissésseis: 'Tu, que és homem, perdoa a outro homem, a fim de que eu, que sou Deus, possa vir a ti'» (S.to Agostinho).

337. VALORES HUMANOS AO SERVIÇO DO APOSTOLADO

Ensinaí-me, Senhor, a pôr ao serviço do apostolado todos os talentos que recebi de Vós.

1 — Ao lado das virtudes naturais postas ao serviço da caridade apostólica, é necessário considerar também os outros valores humanos que permitem ao apóstolo

impor-se no seu meio, não para fazer valer a sua pessoa, mas para fazer valer o ideal cristão. Dizer que o apóstolo, apesar da sua cultura e da sua capacidade, não pode nada sem o auxílio de Deus, não significa desprezar estes valores humanos, mas afirmar que, por si, são insuficientes para atingir o fim essencial do apostolado, isto é, a comunicação da graça às almas, fim que só a acção divina pode alcançar. Mas o que em si mesmo é insuficiente, pode, nas mãos de Deus, tornar-se um meio óptimo para o bem das almas. Também o pincel é incapaz de fazer por si mesmo alguma pintura, mas nas mãos de um hábil artista pode servir para executar grandes obras primas.

O apóstolo deve estar consciente da insuficiência radical dos seus dotes, dos seus talentos, mas ao mesmo tempo cultivar esses dotes, fazer frutificar esses talentos para os colocar à disposição de Deus para os fins do apostolado. É pois necessário que os apóstolos, juntamente com a vida interior, se cultivem intelectualmente; certamente que a santidade será sempre o elemento mais importante, mas se à santidade se une o conhecimento da doutrina, os resultados serão melhores. S.ta Teresa de Jesus é deste parecer, pois a propósito da direcção espiritual, não duvida em afirmar: «É necessário que o director seja espiritual, mas se não for letrado, é um grande inconveniente» (Vi. 13, 19). Não só para a direcção das almas, mas também para qualquer forma de apostolado, «a ciência é grande coisa para dar luz em tudo» (T.J. Cam. 5, 2); há meios onde é impossível penetrar sem uma cultura suficiente. O apóstolo tem, portanto, o dever de procurar adquirir uma preparação intelectual adequada ao apostolado que deve exercer; não se trata de ir à busca da ciência vã

que ensoberbece, não se trata de cultivar a inteligência para ostentar os seus conhecimentos, mas de pôr ao serviço das almas todos os talentos recebidos de Deus. Sob o influxo vivificante da caridade, tudo — educação, cultura, doutrina, capacidade técnica, etc. — é transformado em meio de apostolado.

2 — Aqueles que são chamados a exercer o apostolado na sua vida profissional têm, mais do que os outros, o dever de cultivar a sua inteligência e de desenvolver as suas capacidades técnicas em relação com a sua profissão. Um professor que não prepara bem as lições, que não está actualizado, que não se dedica ao ensino com zelo, nunca poderá ter ascendente sobre os seus alunos, e qualquer iniciativa de apostolado que quisesse desenvolver entre eles estaria condenada ao fracasso. Só uma grande competência profissional pode dar ao católico essa autoridade que, ultrapassando os limites da sua profissão, atinge muitas vezes o campo moral e religioso, permitindo-lhe exercer uma influência eficaz sobre os que se aproximam dele; deste modo pode fazer um bem imenso, e por vezes a sua palavra poderá ser melhor recebida que a do sacerdote. Muito justificadamente Pio XII recomenda aos católicos leigos: «não sejam inferiores aos outros no valor científico e na competência profissional», mas façam o possível por se tornarem «os melhores profissionais, os melhores juristas, literatos, médicos, engenheiros, etc.» (aos Licenciados Catól. 20-3-41); isto não por lucro, mas para adquirir um ascendente mais amplo e autorizado para os fins apostólicos. Em proporção da sua competência profissional, os católicos serão, com efeito, chamados a ocupar postos de comando na sociedade e assim poderão

cooperar mais eficazmente na organização de um mundo civil em harmonia com os princípios evangélicos e, por isso, capaz de receber a graça divina.

Antes, pois, de se dedicar a outras formas de apostolado, o leigo deve pôr-se em condições de exercer perfeitamente as que são inerentes à sua vida profissional. Assim como a santidade deve ser procurada acima de tudo no cumprimento dos deveres do próprio estado, assim o apostolado deve ser desenvolvido sobretudo através do perfeito cumprimento dos deveres profissionais que são, precisamente, deveres de estado. Santificar-se no cumprimento do dever quotidiano, fazer-se apóstolo no cumprimento do dever profissional, deve ser o programa do leigo católico; programa prático e ao alcance de todos, mas que, no entanto, requer eminente espírito de sacrifício, de fé e de amor, a fim de transformar o pesado trabalho profissional em arma de apostolado. Mas a caridade apostólica pode muito; em nome de Deus tudo pode, «tudo sofre, tudo espera» (I Cor. 13, 7).

Colóquio — Senhor, não quero a ciência que ensoberbece, mas a ciência humilde que vem de Vós, que ilumina as inteligências e abraça os corações.

«Sois Vós que ensinais a ciência aos homens, e que dais às criancinhas uma inteligência mais clara do que a que os homens poderiam ensinar. Se Vós me falais, depressa adquirirei a instrução e adiantarei rapidamente no caminho do espírito.

«Sois Vós, Senhor, que num momento levais a inteligência humilde a compreender mais dos segredos da verdade eterna do que em dez anos de estudo na escola. Vós ensinais sem ruído de palavras, sem mistura de

opiniões, sem ostentação de honra, sem oposição de argumentos» (*Imit.* III, 43, 2 e 3).

Ó Senhor, dai-me esta ciência e então poderei entregar-me ao estudo e ao trabalho sem nenhum perigo de vanglória. A inteligência que Vós me destes quero empregá-la no Vosso serviço, quero fazê-la frutificar para Vossa glória e para bem das almas. Todos os talentos que de Vós recebi: inteligência, vontade, energias físicas e morais, devem ser usados com este objectivo, porque o apóstolo deve estar totalmente consagrado ao cumprimento da sua missão, sempre pronto para defender e glorificar o Vosso nome.

Santificai, Senhor, os meus estudos, o meu trabalho, o exercício da minha profissão; fazei que o amor transforme tudo em meio de apostolado.

«Lembraí-Vos, Senhor, de que me declarastes ter sido escolhida para Vos salvar almas. Ofereço-Vos pois a minha vida, agora e para sempre, tomai-a quando Vos aprouver; ofereço-Vo-la para Vossa glória, pedindo-Vos humildemente que, por virtude da Vossa Paixão, saneis e purifiqueis o Vosso povo» (*S.ta Catarina de Sena*).

338. A ESPERANÇA APOSTÓLICA

Ó Jesus, ponho toda a minha esperança no Vosso poder, no Vosso amor infinito, na Vossa Paixão, para o bem das almas que me confiastes.

1 — No seu trabalho, o apóstolo tem necessidade de ser amparado por uma forte esperança. Os momentos de entusiasmo são breves, ao êxito depressa sucede o fracasso, as dificuldades são muitas, a luta desenca-

deada pelas forças inimigas é dura e incessante, e se o apóstolo não estiver ancorado em Deus por uma sólida esperança teológica, tarde ou cedo acabará por desanimar e abandonar a empresa. «Eu venci o mundo» (Jo. 16, 33), disse Jesus e, enviando os apóstolos a continuar a Sua missão vitoriosa, assegurou-lhes: «Estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos» (Mt. 28, 20). Eis o fundamento da esperança apostólica: a vitória de Cristo e a Sua incessante assistência. Sim, Ele estará conosco *todos os dias*, portanto também nos dias sombrios, quando o horizonte está carregado e nem um raio de luz se vislumbra, quando o inimigo triunfa, os amigos se retiram e, humanamente falando, não se vê possibilidade alguma de êxito. Se confiássemos nos nossos recursos, na nossa capacidade, nas nossas obras, teríamos razão para desesperar, para nos rendermos; mas não acontece assim. Nós esperamos e estamos seguros da nossa esperança porque Deus é onipotente e quer que todos os homens se salvem; porque Cristo nos remiu com o Seu Sangue, morreu por nós e por nós ressuscitou, porque, enfim, as Suas promessas — promessas de um Deus — são infalíveis. «O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão» (Mt. 24, 35).

Apoiando-se na vontade salvífica de Deus, no Seu poder infinito e na Redenção de Cristo, o apóstolo há-de alimentar a esperança certa de que, por fim, a graça triunfará. Mas ao mesmo tempo, para não se expor a ilusões, deve convencer-se de que não se chega à vitória senão passando pelo Calvário. «O apóstolo não é maior do que Aquele que o enviou» (Jo. 13, 16); se Jesus só chegou ao triunfo da ressurreição depois da Sua Paixão e Morte dolorosíssimas, o apóstolo não pode pretender ir por outro caminho. Também para ele virão necessá-

riamente as horas das trevas que, em vez de significarem abandono da parte de Deus, serão a prova de que Deus está com ele porque o conduz pelo mesmo caminho por onde conduziu o Seu divino Filho.

2 — Jesus também conheceu o fracasso: quando, terminado o Seu discurso na sinagoga, os nazarenos indignados «o conduziram até ao cume do monte, para o precipitarem» (Lc. 4, 29); quando, pelo menos duas vezes, os judeus escandalizados com as Suas palavras «pegaram em pedras para lhe atirarem» (Jo. 10, 31); quando os fariseus conspiravam contra Ele e tramavam falsidades para O condenarem à morte; quando Judas O traiu; quando os Seus O abandonaram e Ele, feito juguete da soldadesca, foi flagelado, coroado de espinhos, vestido como rei de comédia, esbofetado e cuspidado; quando foi preferido a Barrabás; quando foi arrastado para o Calvário entre dois ladrões e crucificado no meio deles. Pode afirmar-se que, humanamente falando, o apostolado de Jesus terminou com um clamoroso fracasso, pois Ele teve de suportar a morte própria dos malfeitores. Tudo isto deve estar bem impresso na memória do apóstolo para que se não escandalize quando alguma coisa de semelhante suceder na sua vida. «Se eles me perseguiram a mim, também vos hão-de perseguir a vós» (Jo. 15, 20).

Através das perseguições, das humilhações e dos insucessos, o apóstolo aprenderá a não confiar nas próprias forças, a ter-se por servo inútil mesmo depois de se ter cansado muito, a convencer-se da própria insuficiência e da insuficiência de todos os meios humanos, e por conseguinte, a pôr só em Deus todas as suas esperanças. Aprenderá a trabalhar unicamente por

amor de Deus, sem procurar a consolação do êxito, renunciando até à legítima satisfação de constatar os resultados das suas fadigas; aprenderá a desprender-se da opinião e do juízo dos homens, a agir prescindindo da sua aprovação ou desaprovação e a esperar somente no juízo e na aprovação de Deus. As adversidades e desgostos que o apóstolo encontra no seu trabalho, constituem a sua noite escura, comparável à dos contemplativos; noite dolorosa, mas preciosíssima, porque ordenada a purificar o seu espírito de todos os restos de amor próprio, de egoísmo, de vaidade e de apego às criaturas e à sua estima. Bem recebida, esta noite conduzi-lo-á gradualmente a uma pureza interior cada vez maior e a uma união com Deus cada vez mais plena. Portanto deve permanecer firme na sua esperança e, apesar das lutas, das dificuldades, dos insucessos, deve estar certo do êxito, não só no que diz respeito à salvação das almas que lhe estão confiadas, mas também no que se refere à sua santificação pessoal. Se por permissão de Deus este resultado lhe ficar desconhecido e todo o seu trabalho, como o de Jesus, terminar com uma aparente derrota, nas Chagas e no Sangue do divino Crucificado achará força para esperar ainda, esperar contra toda a esperança.

Colóquio — «Senhor, quero atrair a Vossa misericórdia sobre este pobre mundo, não só com a generosidade do meu sacrifício, do meu desapego, mas também com a generosidade da minha confiança. Quero crer contra toda a evidência, esperar contra toda a esperança. Quero crer com confiança inabalável mesmo quando as coisas parecem tornar-se cada vez mais penosas e difíceis de resolver. Ó Senhor, quero como-

ver-Vos com a firmeza e a generosidade da minha confiança!

«Sei e creio firmemente que Vós me amais, que tudo permitis para Vossa maior glória e para meu maior bem; sei que posso cooperar na salvação das almas e que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória futura, sei que para chegar a ser santo é preciso sofrer muito e que se chega ao puro amor através do puro padecer; sei que tudo me é possível em Vós, que sois o meu amparo.

«Ainda que eu me sentisse abatida, oprimida pelas trevas, pela angústia, pela agonia, olhando para Vós, Jesus crucificado, poderia sempre saborear uma alegria íntima e sobrenatural, porque me admitis a participar dos Vossos sofrimentos a fim de me conformar à Vossa Paixão e de um dia participar da Vossa glória.

«Ó Jesus, diante de qualquer sofrimento, humilhação, prova, dor interna ou externa, posso sempre alegrar-me pensando que me fazeis a honra de me convidar a participar na Vossa Paixão, na Vossa obra redentora das almas. Por isso, longe de considerar estas dores como um mal, ensinai-me a abraçá-las, a recebê-las como favores e meios preciosos para a minha santificação, vivificando-os com o amor, com a pacífica e total adesão à Vossa vontade. Com este espírito, Senhor, quero oferecer-Vos a minha oração, a minha mortificação, as minhas renúncias quotidianas, a aceitação contínua dos sofrimentos que me enviardes, para atrair graças sobre toda a Igreja e para salvar as almas» (cfr. Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

339. OS PROGRESSOS NO APOSTOLADO

Ó Senhor, uni-me a Vós e que a força da Vossa caridade acenda no meu coração a verdadeira chama apostólica.

1 — S. Tomás ensina que o amor é como o fogo, produz uma chama e a chama do amor é o zelo. Se o fogo arde intensamente, então a chama que produz é também devoradora, intensa. O verdadeiro zelo apostólico é o resultado espontâneo, o fruto normal do contacto íntimo da alma com Deus por meio do amor. Quanto mais uma alma se une a Deus por amor, tanto mais fica envolvida na chama da Sua caridade, tanto mais participa do Seu amor infinito pelos homens, do Seu zelo eterno pela sua salvação, de modo que se torna *necessariamente apostólica*.

Dizer que não se pode ser apóstolo antes de estar tão intimamente possuído pelo amor divino, seria um exagero, mas é evidente que não se chega à plenitude do apostolado, e portanto, da fecundidade apostólica, sem esta chama interior que nasce da união com Deus. Enquanto não se chega a este ponto, é necessário considerar-se principiante no apostolado, à semelhança de um aprendiz que se aplica a uma arte, executando este ou aquele trabalho, sem contudo ser estimulado e orientado pela inspiração pessoal. Os principiantes devem comportar-se como tais, ou seja, devem agir com cautela, dar-se ao apostolado com prudência e só em certa medida porque, não tendo ainda atingido a maturidade espiritual da qual brota espontaneamente a chama do zelo, ainda não possuem os recursos de graça que defenderiam a alma dos perigos de uma actividade externa demasiado intensa e que, ao mesmo tempo, teriam o poder de tornar fecundo todo o seu trabalho. «Aqui —

afirma S.ta Teresa de Jesus — a alma ainda não está criada: é como um menino que começa a mamar, e se o apartam dos peitos de sua mãe, que se pode esperar senão a morte? Se se aparta da oração sem uma causa gravíssima e não volta a ela depressa, temo grandemente que lhe suceda como ao menino, pois irá de mal a pior» (M. IV, 3, 10). Notemos que a Santa não fala aqui das almas que estão dando os primeiros passos na vida interior, mas daquelas que, tendo chegado à oração de quietude, podem bem chamar-se proficientes; e todavia não é exagerado afirmar que, no que diz respeito ao apostolado, são ainda principiantes.

2 — S.ta Teresa de Jesus apresenta-nos a alma no momento em que nela desponta a chama interior do apostolado, como consequência da caridade que a une a Deus. Trata-se de uma alma que o amor e o abandono tornaram tão submissa que «não sabe nem quer outra coisa, senão que Deus faça dela o que quiser»; e Deus, que «a toma já por Sua», assinala-a «com o Seu selo» infundindo-lhe uma vivíssima dor pelos pecados dos homens e um ardente desejo de se imolar pela sua salvação (cfr. M. V, 2, 12-14). A caridade cresceu nessa alma até a tornar capaz de renunciar efectivamente à sua vontade para se conformar em tudo com a vontade divina; mesmo em casos difíceis e imprevistos que requerem muito espírito de sacrifício, ela sabe pôr de lado toda a repugnância e ressentimento da natureza, todos os pontos de vista e desejos pessoais, para aderir ao querer divino, quer se lhe apresente sob o aspecto dos deveres quotidianos, quer se lhe manifeste pela voz exterior da obediência ou pela voz interior do Espírito Santo, como também através das circunstâncias da vida.

É portanto uma alma verdadeiramente unida a Deus por amor, verdadeiramente *dada* a Ele, e Deus *toma-a* e lança-a no serviço da Igreja e das almas, querendo servir-Se dela para realizar o Seu plano de salvação e de santificação da humanidade.

Assim despertam na alma imensos desejos de apostolado, em nada semelhantes aos que podia ter alimentado anteriormente; sente que já se não pertence, que a sua vida está necessariamente ligada à do Divino Redentor e que, a exemplo Seu, deve consagrá-la e consumi-la toda no serviço das almas. Mesmo aquelas que vivem aparentemente mais afastadas do mundo e do contacto exterior com os homens — as que vivem na clausura, os contemplativos nos seus ermos ou desertos — tornam-se eminentemente apostólicas ao chegarem a este estado, e toda a sua vida de oração e sacrifício é orientada para um único ideal: reparar pelos pecados da humanidade, salvar as almas. Enquanto os contemplativos expandem este zelo apostólico intensificando a sua imolação escondida, os activos, entregues às obras exteriores, encontram na chama interior proveniente da sua união com Deus, o impulso, a força, o amparo, a fecundidade do seu apostolado. Mais uma vez devemos concluir que o caminho para alcançar o máximo rendimento apostólico é o caminho solitário e silencioso da união com Deus.

Colóquio — «Meu Deus, como é fervorosa e forte a caridade duma alma que Vos está unida por amor! Aqueles que estão assim presos por Vós, não se podem limitar ao seu proveito pessoal nem contentar-se com ele; mas, parecendo-lhes ser pouco irem sòzinhos ao céu, esforçam-se, com uma solicitude e affecto todo celestial

e com grande diligência, por levar consigo muitos outros. Fazei, ó Senhor, que o meu amor por Vós produza efeitos semelhantes!» (cfr. J.C.).

«Ó Senhor, de uma alma já determinada a amar-Vos e abandonada nas Vossas mãos, não quereis outra coisa senão que obedeça, que se informe bem do que é mais para Vossa glória e só isso deseje.

«Oh! caridade daqueles que Vos amam verdadeiramente! Bem pouco descanso poderão ter, se vêem que podem contribuir um pouco para que uma só alma aproveite e Vos ame mais, ou para lhe dar algum consolo ou livrá-la de algum perigo. Que mal descansará com o seu descanso pessoal!

«Ó Senhor, aflita pela perda de tantas almas, se não posso ajudá-las com as obras, quero importunar-Vos com a oração. Estou pronta a perder todo o meu regalo e considero-o por bem perdido, porque já não me lembro do meu contentamento, senão do melhor modo de cumprir a Vossa vontade.

«Meu Deus, quanto mais o tempo passa, muito maiores são os meus desejos de contribuir para o bem de alguma alma e muitas vezes me parece ser como uma pessoa que tem guardado um grande tesouro e deseja que todos gozem dele, mas não o pode repartir porque se vê com as mãos atadas. Não cabendo mais em mim, elevo até Vós o meu clamor e suplico-Vos que me concedais qualquer meio de ganhar alguma alma para o Vosso serviço» (T.J. *Fd.* 5, 6 e 5; 1, 6 e 7).

340. MATURIDADE APOSTÓLICA

Que o Vosso amor, ó Deus, amadureça a minha alma e a torne capaz de se dar plenamente ao serviço das almas.

1 — Poderíamos perguntar se o apóstolo se pode entregar livremente ao apostolado quando atinge aquele grau de união com Deus em que a chama do zelo arde espontâneamente. A verdade é que a alma chegada a este ponto não pode nem deve eximir-se do dom de si. Quer esteja consagrada à contemplação ou à acção, quer viva na solidão do claustro ou no meio do torvelinho do mundo, a sua vida consiste doravante em dar-se incessantemente: dar-se a Deus em proveito do próximo, dar-se ao próximo para glória de Deus. Sufocar esta tendência seria retroceder e empobrecer a própria vida espiritual; é esta a época em que a alma se deve enriquecer mediante a doação de si, vivida no exercício de um intenso apostolado interior ou exterior. Porém os santos ensinam-nos que a prudência é ainda necessária e não se deve cessar de vigiar, pois que o facto de ter recebido a graça interior do apostolado não significa estar confirmado em graça. S^{ta} Teresa di-lo expressamente: «Conheci pessoas muito adiantadas a quem, depois de terem chegado aqui, o demónio, com a sua subtileza e ardil, tornou a ganhar para si» (*M. V*, 4, 6); e pouco antes tinha dito: «Quantos devem ser aqueles que, chamados pelo Senhor ao apostolado, honrados por Jesus, pelas Suas comunicações... se perdem depois por sua culpa!» (*ib.* 3, 2). Naturalmente vem à memória o grito, cheio de humildade e desconfiança de si, saído do coração de Paulo, o Apóstolo arrebatado ao terceiro céu: «não suceda que tendo pregado aos outros, eu mesmo venha a ser réprobo» (*I Cor.* 9, 27). Enquanto estamos

neste mundo temos sempre razões para temer; infelizmente temos sempre a triste possibilidade de não corresponder à graça e a nossa ruína consiste precisamente em nos apartarmos, embora só em coisas pequenas, da vontade de Deus; assim, retrocederemos pouco a pouco. «Por isso, almas cristãs a quem o Senhor conduziu a tais alturas — exclama S.ta Teresa de Jesus — por Ele vos peço que não vos descuideis, mas que vos aparteis das ocasiões»; e acrescenta: «porque parece que todo o inferno se junta para este fim [para fazer desviar um apóstolo] pois não se perde uma alma somente, mas uma grande multidão» (M. V, 4, 5 e 6). Pelo contrário, se o apóstolo se mantém fiel à graça do apostolado não só se torna instrumento para a salvação de muitos, mas enriquece imensamente a sua vida interior.

2 — Para não faltar à graça do apostolado são particularmente necessárias três cautelas. Em primeiro lugar é preciso ter sempre grande cuidado em manter-se na humildade, fugindo das vozes lisonjeiras dos louvores e dos êxitos e opondo-lhes o quadro das próprias misérias, assim como o das «tristes figuras», dos erros cometidos e dos fracassos sofridos no apostolado. Se Lúcifer caiu por orgulho, sendo um espírito puro, não é impossível que por orgulho caia um apóstolo que, sendo homem, está sujeito à matéria. Além disso é indispensável uma cuidadosa atenção para manter o contacto íntimo com Deus, porque assim como o ferro só se põe incandescente e brilha em contacto com o fogo, também o apóstolo só difunde luz e calor divinos se se mantiver unido Aquele que é a sua única fonte.

Finalmente é da máxima importância perseverar no perfeito desapego do juízo e da vontade própria. S. João

da Cruz adverte, a este propósito, «que entre os muitos meios usados pelo demónio para enganar os espirituais, o mais comum é enganá-los com aparência de bem e não com as aparências de mal; pois sabe que, conhecido o mal, difficilmente o tomariam» (Ct. 10). Por isso, para não cair na cilada, o Santo incita-o a não empreender «coisa alguma, por boa que pareça e cheia de caridade» (ib. 11) sem a aprovação da obediência. Este aviso serve não só para os religiosos, mas para todos os que trabalham no apostolado, porque todos devem submeter-se à Autoridade eclesiástica. Ainda que uma obra, uma iniciativa, um método de apostolado, obtivessem os melhores resultados, se a Autoridade eclesiástica, por qualquer motivo, os não aprovasse, o apóstolo deveria estar disposto a renunciar imediatamente a eles, sem críticas, sem lamentações, sem artifícios com que procurasse fazer triunfar os seus pontos de vista.

Protegido por uma profunda humildade, por um desprendimento sincero, sustentado por uma união íntima com Deus, o apóstolo pode andar pelos caminhos do mundo sem temor algum pela sua vida espiritual.

Colóquio — «Senhor, as almas que estiveram mais junto de Vós, como a Vossa gloriosa Mãe e os Vossos gloriosos Apóstolos, foram as que mais trabalharam e mais sofreram por Vós, não tendo repouso algum.

«Ó meu Deus, quão esquecido deve ter o seu descanso a alma que vive profundamente unida a Vós! E quão pouco se lhe deve dar da honra! Quão longe deve estar de querer ser tida em alguma conta! Porque se ela se entretém muito conVosco, como seria razão, pouco se deve lembrar de si mesma, e toda a memória se lhe vai em como Vos possa contentar cada vez mais,

e em quê ou porque meios Vos mostrará o amor que Vos tem. Ó Senhor, Vós ensinai-me que este é o fim da oração e que para isto tende a união conVosco: produzir obras e mais obras.

«Se fixar os olhos em Vós, divino Crucificado, tudo me parecerá pouco. Se Vós me mostrastes o Vosso amor com tão espantosas obras e tormentos, como Vos quererei contentar só com palavras? Oh! fazei que eu saiba dar-me a Vós como Vossa escrava para que, marcada com o Vosso sinal, que é o da cruz, Vós me possais vender por escrava de todo o mundo! Eis o que quer dizer ser espiritual deveras.

«Unida a Vós, divino Forte, participarei da Vossa fortaleza como dela participaram os santos, a fim de trabalhar com grande zelo pela Vossa glória, a fim de padecer e morrer por Vós, para Vos conquistar muitas almas» (cfr. T.J. M. VII, 4, 5-10).

341. PATERNIDADE E MATERNIDADE ESPIRITUAIS

Ó meu Deus, uni-me a Vós com o vínculo dum amor intenso e fazei que em virtude desta união eu possa gerar-Vos almas.

1 — Deus concedeu ao homem a grande honra de o tomar por Seu colaborador na obra que mais Lhe é própria e que só a Ele pertence essencialmente, isto é, na comunicação da vida, não só da vida natural, mas também da sobrenatural. No plano natural, que poderíamos chamar o plano da criação, são Seus colaboradores os pais e mães de família, e a eles foi confiada a alta missão de comunicar a vida a novos seres humanos, de

os criar e de os educar para a glória divina. No plano sobrenatural, o plano da Redenção, são colaboradores de Deus todos aqueles que, dedicando-se ao apostolado, têm a missão, muito mais nobre e vasta, de comunicar aos homens a vida da graça, sem a qual seriam criaturas infelizes e diminuídas, em certo sentido, não podendo chegar à vida eterna. Na Encíclica *Menti nostrae* o Papa Pio XII declara: «O sacerdote é... o órgão de comunicação e de incremento da vida do Corpo místico de Cristo. Com a lei do celibato, em vez de perder o dom e o encargo da paternidade, aumenta-a até ao infinito, porque não gera uma prole para a vida terrena e caduca, mas para a celestial e eterna». Guardadas as devidas proporções, pode afirmar-se o mesmo de qualquer apóstolo, pois o fim último de todo o apostolado é precisamente gerar almas para a vida sobrenatural.

«Filhinhos meus, por quem sinto de novo as dores do parto, até que Jesus Cristo se forme em vós!» — exclama S. Paulo dirigindo-se aos Gálatas (4, 19); de igual modo todo o apóstolo, a respeito das almas pelas quais se sacrifica dando-se inteiramente a si mesmo, tem o direito de se sentir pai e mãe ao mesmo tempo; paternidade e maternidade que são um reflexo, ou melhor, uma participação da paternidade divina. Na ordem natural, Deus estabeleceu que a fecundidade, fonte de vida, fosse o fruto da união entre duas criaturas; na ordem sobrenatural também a fecundidade é fruto de união, mas duma união imensamente superior e toda espiritual, a da alma com Deus. Quanto mais uma criatura se une a Deus por amor, tanto mais participa da Sua fecundidade inesgotável, cujo fim é a comunicação da vida divina aos homens. Quem pois renunciou à paternidade ou maternidade naturais para se consagrar

a Deus, não empobreceu nem atrofiou a sua vida na esterilidade, mas em virtude da sua união com Deus, é elevado a uma paternidade e maternidade infinitamente superiores.

2 — É pai ou mãe das almas não só quem trabalha no campo do apostolado exterior, mas também quem se dedica à vida contemplativa pura. S.ta Teresa do Menino Jesus, ainda que totalmente separada do mundo, sente crescer desmedidamente no seu coração o sentimento da maternidade espiritual e, na solidão do Carmelo, escreve: «Ser Vossa esposa, ó Jesus... ser, pela minha união conVosco, mãe das almas!» (M.B. pg. 230); eis a aspiração fundamental do seu espírito, o ideal que a atrai, que a ampara e impele para uma vida de contínua e penosa imolação. A humilde enclausurada tem perfeita consciência de que deve dar-se, sacrificar-se pelas almas, pôr-se inteiramente à sua disposição tal como uma mãe amorosa se dá toda pelos seus filhos. Certo dia, vendo uma noviça dirigir-se indolentemente para o trabalho, a Santa, cheia de fervor, repreende-a: «Bonita pressa para quem tem filhos a sustentar e obrigação de trabalhar para que possam viver!» (CL.).

O verdadeiro apóstolo tem consciência de que tem filhos para alimentar, de que deve consumir por eles toda a sua vida, sustentando-os com os seus suores, com as suas orações, com as suas canseiras e, acima de tudo, com o seu amor. É ao amor — àquele amor que o une a Deus — que vai buscar a força de se sacrificar por eles e também a fecundidade espiritual que faz dele um colaborador de Deus na comunicação da vida da graça. À medida que o amor cresce, mais profunda se torna a união com Deus produzindo um maior poder

de comunicação da vida divina a um número imenso de almas. Quem poderá dizer a quantas almas se estende a paternidade e maternidade espiritual dos santos?

Não há vida interior, não há santidade autêntica que não seja adornada com a auréola da paternidade e maternidade espiritual. Mas como no campo natural a mãe não dá à luz os filhos senão na dor, assim na ordem espiritual ninguém se torna pai ou mãe das almas sem sofrimento. Jesus gerou-nos para a vida divina morrendo na cruz; se nos queremos associar à Sua obra redentora, aprendamos dEle a não temer nem perseguições, nem escárneos, nem açoites, nem espinhos, nem cravos, nem cruz, mas a estarmos prontos a dar pelas almas tudo o que temos e somos, até consumir por elas toda a nossa substância e alimentá-las com o nosso próprio sangue.

Colóquio — «Ó eterno Pai, Vós não podeis ignorar que os pobres pecadores são criaturas Vossas e que Vos pertencem pelo título supremo da sua criação.

«Ó Filho, ó Rei bendito, Vós não podeis negar que estes miseráveis são Vossos, que foram conquistados por Vós pelo título incontestável da Redenção. Escutai-me, ó Filho obedientíssimo, escutai-me e mostrai-Vos propício às minhas preces porque, apresentando-me eu ao eterno Pai munida com o penhor do Vosso Sangue e da Vossa Paixão, Ele não me poderá repelir para longe de Si sem primeiro ouvir os meus rogos.

«Ajudai-me, ó eterno Espírito Santo! Estes pecadores, ainda que abomináveis pela enormidade dos seus crimes, pertencem-Vos também, porque os fizestes Vossos ao admiti-los à participação da Vossa bondade.

«Ó Senhor, o meu único refrigério é ver o meu pró-

ximo converter-se a Vós, e só por isso quero sofrer pacientemente a Vossa ausência. Se não me concedeis esta satisfação, que deverei fazer então? Não me expulsaes da Vossa presença, clementíssimo Senhor!

«Vós estais já resolvido e disposto a ouvir-me, pois, ao volverdes para mim os Vossos olhos benignos, vislumbro, revestidos da Vossa luz, os meus filhos e filhas espirituais, os meus irmãos e todos aqueles que dia a dia ganho para Vós, com o desejo de os ver fiéis a Vós em todo o tempo.

«Recomendo-Vos, ó sumo e eterno Pai, os meus amados filhos, que Vós pusestes sobre os meus ombros, e peço-Vos que os visiteis com a Vossa graça; fazei-os viver como que mortos para o mundo numa verdadeira e perfeita luz e unidos entre si pelo doce vínculo da caridade. Rogo-Vos Pai eterno, que nenhum me seja arrebatado das mãos e perdoai-nos todas as nossas iniquidades. Ofereço-Vos e recomendo-Vos os meus amados filhos porque são a minha alma» (S.ta Catarina de Sena).

342. MARTA E MARIA

Ó Senhor, que eu Vos ame com o coração de Maria e que Vos sirva com a generosidade de Marta.

1 — Dois grandes atractivos dominam a alma que se deu sèriamente a Deus: o atractivo da oração solitária e silenciosa para mergulhar em Deus, para escutar a Sua voz, para penetrar os Seus mistérios e, sobretudo, para se unir intimamente a Ele; e o atractivo do apostolado, do sacrificio diligente e generoso pela salvação dos irmãos. A fim de se recolher em Deus, a alma «que-

reria fugir dos homens e tem grande inveja dos que vivem e têm vivido nos desertos. Por outra parte quereria meter-se no meio do mundo para conseguir que ao menos uma alma louvasse mais a Deus» (T.J. M. VI, 6, 3). É este o duplo movimento da caridade que, sendo ao mesmo tempo amor de Deus e amor do próximo, impele à união com Deus e ao serviço do próximo; se faltasse um destes movimentos, a caridade não seria perfeita. O desenvolvimento da vida interior encerra este duplo atractivo que é indício e meio de progresso e, simultâneamente, tormento para a alma que não sabe ainda manter um perfeito equilíbrio entre as duas tendências. A qual delas dará a preferência? À acção ou à contemplação? Na prática, o problema deve resolver-se à base das exigências dos deveres do próprio estado, das disposições da obediência e das circunstâncias concretas permitidas por Deus. Um desejo de contemplação que levasse a alma a distrair-se e desviar-se do cumprimento do dever, não seria conforme com a vontade de Deus, e Deus tem todo o direito de nos pedir também a renúncia a este desejo para nos enviar em serviço do próximo. A Madalena, feliz por finalmente ter encontrado Jesus e ansiosa por ficar a Seus pés, o Mestre ressuscitado ordenou: «Vai a meus irmãos» (Jo. 20, 17); e ela, dócil, partiu a anunciar-lhes a ressurreição. Por outro lado, é verdade que também se deu o contrário, quando Jesus disse aos Apóstolos que regressavam da pregação: «Vinde à parte a um lugar solitário» (Mc. 31, 6), convidando-os a suspender a actividade apostólica para retemperarem o seu espírito no silêncio e na oração, a sós com Ele. O verdadeiro caminho que nos impede de nos desviarmos num ou noutro sentido, é sempre o do dever, o da vontade de Deus, o da inspiração interior, contro-

lado por quem tem autoridade para dirigir as nossas almas.

2 — Para harmonizar interiormente o atractivo do apostolado e o da união com Deus, é necessária uma solução mais profunda que não pode vir do exterior, mas só do interior, e que consiste num maior progresso nas vias do espírito, de modo a atingir um mais alto grau de amor. O amor é a única raiz de que brotam a acção e a contemplação; é a única força que, alimentando ao mesmo tempo estas duas actividades, consegue por fim fundi-las numa perfeita harmonia para darem melhores frutos. Nascidas do tronco único de um amor já forte, acção e contemplação fundem-se então no perfeito amor.

A caridade perfeita faz com que a alma, recolhida em contemplação aos pés do Senhor, seja mais activa e fecunda do que nunca para o bem dos irmãos: «Um pouquinho deste puro amor [o amor solitário que floresce no contacto íntimo com Deus] aproveita mais à Igreja — que todas essas obras juntas... Portanto — declara S. João da Cruz — se uma alma tivesse alguma coisa deste grau de amor solitário, grande agravo lhe fariam assim como à Igreja se, ainda que por pouco tempo, a quisessem ocupar em coisas exteriores ou activas, embora fossem de muita importância» (C. 29, 2-3). Nas regiões do amor puro, ou seja, da caridade perfeita, contemplação e apostolado identificam-se, completam-se, exigem-se mutuamente. Chegada a este grau a alma contemplativa é eminentemente apostólica e a maior actividade que pode exercer em benefício dos irmãos, é a da sua oração solitária, alimentada pelo amor, pelo sacrifício, pela imolação. Por outro lado, a caridade perfeita faz tam-

bém com que a alma empenhada nas obras apostólicas esteja ao mesmo tempo mais unida a Deus e seja mais contemplativa do que nunca. O amor fixou-a de tal maneira em Deus que, mesmo durante o trabalho, o seu olhar interior está sempre voltado para Ele para se alimentar da Sua divina presença, para reflectir na própria conduta as Suas perfeições infinitas, para se regular em tudo segundo a expressão do Seu beneplácito. Deste modo a acção e a contemplação fundem-se numa unidade e harmonia perfeitas no vértice da vida espiritual. «Crede-me — escreve S.ta Teresa — que Marta e Maria devem andar juntas para hospedar o Senhor e tê-lo sempre consigo, e para não Lhe fazer má hospedagem não Lhe dando de comer... O Seu manjar é que, de todas as formas que pudermos, Lhe ganhemos almas para que se salvem e O louvem para sempre» (M. VII, 4, 12). Daqui podemos concluir que todos os grandes contemplativos foram grandes apóstolos, e os grandes apóstolos foram grandes contemplativos.

Colóquio — «Ó Senhor, o desejo de escutar a Vossa divina palavra, a necessidade de me calar é por vezes tão forte, que quereria não saber fazer mais nada do que estar a Vossos pés com Madalena, a fim de penetrar cada vez mais neste mistério de amor que viestes revelar-nos. Mas Vós ensinai-me que se a alma jamais se apartar de Vós, pode permanecer sempre absorpta na contemplação, ainda que aparentemente exerça o ofício de Marta. É assim, ó Senhor, que eu compreendo e quero exercer o apostolado: poderei irradiar-Vos, poderei dar-Vos às almas desde que nunca me afaste de Vós, fonte divina. Ajudai-me, ó doce Mestre, a estar muito perto de Vós, a entrar em comu-

nhão com a Vossa alma, a fazer meus todos os Vossos affectos, para depois cumprir, como Vós, a vontade do Pai.

«Que poder não exerce nas almas o apóstolo que nunca se aparta da fonte da água viva! Fazei, ó Senhor, que eu seja um desses. Então poderei deixar que a água transborde e se derrame à minha volta, sem perigo de que a minha alma venha a ficar vazia, porque se encontra em contínua comunicação conVosco, o Infinito.

«Meu Deus, dignai-Vos invadir todas as potências da minha alma, fazei que em mim tudo seja divino e marcado com o Vosso selo, a fim de que eu seja um outro Cristo a trabalhar pela Vossa glória.

«Ó Senhor, quero trabalhar muito para Vossa glória! Quero dar-me inteiramente a Vós, deixar-me penetrar pela Vossa divina seiva; sede Vós a vida da minha vida, a alma da minha alma, e fazei que eu persevere sempre vigilante e consciente sob a Vossa acção divina» (cfr. I. T. *Cart.*).

343. OS NOSSOS DEVERES

XXII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Ensinai-me, Senhor, a cumprir todos os meus deveres em homenagem à Vossa soberana Majestade.

1 — Os ensinamentos contidos na Missa deste domingo podem sintetizar-se na conhecida frase de Jesus que lemos no Evangelho (*Mt.* 22, 15-21): «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus»; por outras palavras: cumpri com exactidão os vossos deveres para com Deus e para com o próximo, dando a cada um o que lhe pertence.

A Epístola (*Fil.* 1, 6-11) apresenta-nos S. Paulo como modelo de caridade para com aqueles que Deus confiou aos nossos cuidados: «Tenho-vos no coração, vós todos que, quer nas minhas cadeias, quer na defesa e confirmação do Evangelho, sois participantes da minha alegria». Paulo sente vivamente a sua paternidade espiritual para com as almas que gerou para Cristo; embora longe, sente-se responsável pelos seus êxitos, preocupa-se com a sua perseverança no bem, ampara-as com o seu afecto paternal e com os seus prudentes conselhos: «Confio que Aquele que começou em vós a boa obra, a completará até ao dia de Cristo Jesus». Não quer que se perturbem por ele estar longe: não é senão um pobre instrumento, só Deus é o verdadeiro guia das almas e Deus continuará a obra começada; quanto a ele, podem ter a certeza de que não cessa de os amar: «Deus me é testemunha de que modo vos amo a todos nas entranhas de Jesus Cristo».

S. João Crisóstomo diz que o coração de Paulo é o coração de Cristo por causa do seu grande amor às almas que o torna muito semelhante ao Redentor. Se Deus pôs uma alma no nosso caminho pedindo-nos que nos ocupássemos dela, não podemos desinteressar-nos; essa alma fica doravante unida à nossa, devemos sentir-nos responsáveis por ela e obrigados a ajudá-la até ao fim.

Depois de nos ter falado da solidariedade que devemos ter para com os que foram confiados aos nossos cuidados, a Epístola lembra-nos também a caridade em geral a respeito do próximo: «que a vossa caridade cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento». Trata-se de uma caridade cada vez mais delicada na compreensão da alma dos outros, cada vez

mais perspicaz em se adaptar às mentalidades, às exigências e aos gostos alheios; uma caridade que deve impelir-nos, como diz S. Paulo, «a distinguir — e portanto a fazer — o melhor», a fim de que sejamos «sinceros e irrepreensíveis para o dia de Cristo» (*Fil.* 1, 10).

2 — O Evangelho descreve, nítida e claramente, a posição do cristão perante a autoridade civil. A questão insidiosa, se é ou não lícito pagar o tributo a César, oferece a Jesus a ocasião de resolver o problema das relações entre os deveres civis e os religiosos. Pede que Lhe apresentem uma moeda e pergunta: «De quem é esta imagem e esta inscrição?» «De César», responderam-Lhe. E Jesus replica: «Dai pois a César o que é de César e a Deus o que é de Deus».

Não há oposição entre os direitos do poder político e os de Deus, porque «não haveria poder algum se não fosse dado do alto» (cfr. *Jo.* 19, 11): a autoridade política legitimamente constituída provém de Deus e há-de ser respeitada como um reflexo da autoridade divina. Por isso, todo o cristão está obrigado a obedecer à autoridade política, desde que esta não ordene coisas contrárias à lei de Deus, porque neste caso já não representaria a autoridade divina, e então, como diz S. Pedro, «deve-se obedecer antes a Deus que aos homens» (*Act.* 5, 29).

Não pensemos que, tendo-nos dedicado ao apostolado ou consagrado a obras religiosas, estamos por isso dispensados dos deveres civis; pelo contrário, também neste campo os católicos deveriam ser os primeiros. Os imperadores, os reis, os homens que se consagraram à política ou às armas e que a Igreja venera como santos, dizem-nos que a santidade é possível em toda a

parte e que se pode alcançar mesmo estando ao serviço do Estado, pois nesse caso também se trata de servir a Deus nas criaturas.

Ordenando-nos que se dê a César o que é de César, Jesus ensina-nos a dar ao Estado tudo quanto lhe pertence, tudo o que se refere à ordem e ao bem público temporal. Mas Jesus não fica por aqui e acrescenta: «dai a Deus o que é de Deus». Se o denário que tem a efígie de César deve ser restituído a César, muito mais a nossa alma, que traz em si a imagem de Deus, deve ser restituída a Deus. Afirmar que devemos dar a alma a Deus, é dizer que Lhe devemos dar *tudo*, porque efectivamente tudo recebemos d'Ele. Neste sentido, cumprir os nossos deveres para com o próximo, para com os iguais ou inferiores, para com os superiores eclesiásticos ou civis, é cumprir os nossos deveres para com Deus, é restituir-Lhe tudo quanto nos deu, submetendo a nossa liberdade à Sua lei e pondo a nossa vontade ao serviço da Sua.

Colóquio — «Ó meu Deus, já que sou Vosso por tantos motivos e tenho tanta obrigação de Vos servir, nunca permitais que o pecado, Satanás ou o mundo usurpem a mais pequena parcela daquilo que é inteiramente Vosso. Tomai Vós, se assim Vos aprouver, inteira e absoluta posse do meu ser e da minha vida. Ó meu Deus, eis que me dou todo a Vós e Vos prometo não querer existir senão para Vós, não querer pensar, dizer, fazer ou sofrer coisa alguma senão por Vosso amor, hoje, amanhã e sempre» (S. João Eudes).

«Ó meu Senhor Jesus, Vós destes-Vos a mim e nada me pedis senão o coração. Porém, Senhor, que é o meu pobre coração diante de Vós, que sois tudo? Se eu

tivesse um coração que valesse mais do que todos os corações dos filhos dos homens em conjunto e do que todos os afectos dos anjos, e se a sua capacidade fosse tão grande que pudesse conter ao mesmo tempo muitas coisas espirituais e corporais, e mesmo todo o céu, eu Vo-lo deveria consagrar todo inteiro; contudo seria um dom bem pobre para tão grande Senhor, ou antes, seria bem pouco mais do que nada. Ora, com quanta maior razão não Vos darei e restituirei plenamente esta centelha de coração que encontro em mim! Por isso é para mim grandíssimo ganho que Vos digneis possuir o meu coração. E não seria louco se daqui para o futuro o consagrasse a qualquer criatura, quando o meu Deus o quer para Si? Não quero que permaneça doravante em mim; quero que repouse todo em Vós, que o criastes para Vos louvar. É melhor que o meu coração esteja no eterno gozo, na divina majestade e na bondade imensa do que na minha fragilidade; na Vossa deidade do que na minha iniquidade» (S. Boaventura).

344. O ESPÍRITO SANTO E O APOSTOLADO

Ó Espírito Santo, invadi a minha alma e transformai-a em instrumento escolhido para a glória de Deus e para a salvação das almas.

1 — O amor é o coração do apostolado. Compreendeu-o muito bem S.ta Teresa do Menino Jesus quando, depois de ter passado em revista todas as vocações possíveis, reconhecendo que não eram ainda suficientes para saciar os seus imensos desejos apostólicos, concluía: «Encontrei finalmente a minha vocação: A *minha*

vocação é o amor!... No coração da Igreja minha Mãe, serei o amor! Assim serei tudo» (M.B. pg. 233, 234). Mas onde haurir uma caridade tão plena e transformante? Não esqueçamos que a fonte principal da caridade é o Espírito Santo, o termo pessoal do amor do Pai e do Filho, sopro eterno do Seu amor recíproco. Este Espírito Santo foi-nos «dado», é «nosso», habita em nossos corações para derramar neles aquela caridade sobrenatural que nos faz arder em amor de Deus e das almas: «A caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rom. 5, 5). Comunicando aos homens a chama da divina caridade, associando-nos ao Seu amor infinito, o Espírito Santo é o secreto animador e sustentáculo de todo o apostolado. «Ele — ensina Pio XII — com o Seu celeste sopro de vida, é o princípio de toda a acção vital e eficazmente salutar... no Corpo místico de Cristo» (Myst. Corp.). Ele é a alma da Igreja. Queremos ser apóstolos? Abramos de par em par os nossos corações às efusões do Espírito Santo, a fim de que a Sua caridade nos invada e nos penetre a ponto de absorver em Si o nosso pobre amor. Quando o amor de uma alma se une à «chama de amor viva» que é o Espírito Santo, até ficar «feita uma só coisa com ela» (cfr. J.C. CV. 1, 3), então torna-se amor vivificante no coração da Igreja; só assim é possível a realização do grande ideal: «No coração da Igreja eu serei o amor! Deste modo eu serei tudo». Para atingir este cume supremo do amor e do apostolado é preciso, dia a dia, momento a momento, secundar as moções do Espírito Santo, é preciso abrir-se dócilmente à Sua acção, deixar-se dirigir e governar por Ele. É preciso sobretudo, conformar-se com o movimento da Sua caridade infinita que se lança, com plenitude total, no Pai e no Filho,

e logo se derrama sobre as almas para as arrastar todas para a Santíssima Trindade.

2 — O apostolado inaugurou-se na Igreja no dia de Pentecostes, quando os Apóstolos, «cheios do Espírito Santo, começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem» (Act. 2, 4). Anteriormente os Doze eram uns pobres homens, rudes, fracos, medrosos. Mas eis que o Espírito Se apodera deles e os transforma em homens de fogo, prontos a oferecer a vida para dar testemunho do Senhor.

Como outrora, também hoje o Espírito Santo pode renovar o grande milagre; como então, também hoje pode — ou melhor, quer — apoderar-Se de pobres homens, de fracas mulheres e transformá-los em ardorosos apóstolos. Que condição requer? Uma docilidade tão minuciosa e delicada que se converta em plena *disponibilidade* em face da Sua presença operante, dos Seus impulsos, das Suas iniciativas. Isto exige que o apóstolo tenha um verdadeiro sentido da sua dependência do divino Paráclito; sentido que se deve traduzir praticamente num cuidado diligente por se manter, mesmo no meio da actividade, em contínuo contacto com Ele, sempre atento às Suas inspirações e pronto a secundá-las. Tal como o vento, o Espírito Santo «sopra onde quer, e tu ouves a sua voz mas não sabes donde vem nem para onde vai» (Jo. 3, 8); a Sua inspiração pode surpreender-nos em pleno trabalho, não menos do que na oração; é portanto necessário habituarmo-nos a tratar interiormente com Ele, ainda que exteriormente nos ocupemos das criaturas. Esta disposição é particularmente necessária nos contactos directos com as almas. Então, mais do que nunca, o apóstolo deve invocar o

Espírito Santo, deve manter-se sob o Seu influxo, deve deixar-se guiar por Ele. As almas pertencem a Deus e é preciso dirigi-las, não segundo o espírito próprio, mas segundo o Espírito de Deus. A plena disponibilidade exige uma grande fé, uma grande confiança na acção omnipotente e transformante do Espírito Santo. Só assim o apóstolo terá coragem para se prontificar para qualquer obra, muito embora se reconheça incapaz; só deste modo terá coragem para enfrentar com generosidade qualquer sacrifício ainda que sinta toda a sua fraqueza. O Espírito Santo não nos foi dado em vão; está em nós, e pode transformar-nos em «instrumentos escolhidos» para a glória de Deus e para a salvação das almas, desde que nos entreguemos totalmente a Ele.

Colóquio — «Perdoai-me, meu Jesus, se digo despropósitos ao querer exprimir os meus desejos, as minhas esperanças que atingem o infinito, perdoai-me e curai-me a alma concedendo-lhe o que ela espera! Ser Vossa esposa, ó Jesus, ser, pela minha união conVosco, mãe das almas, já me deveria bastar... Contudo sinto em mim outras vocações. Sinto a vocação de guerreiro, de sacerdote, de apóstolo, de doutor, de mártir... Ó Jesus, meu amor, minha vida, como realizar os desejos da minha pobre alminha?

«Fizestes-me compreender que nem todos podem ser apóstolos, profetas, doutores... Que a Igreja é constituída por membros diferentes e que o olho não poderia ao mesmo tempo ser a mão... Fizestes-me compreender que os dons mais perfeitos não são nada sem o amor, que a caridade é o caminho mais excelente que nos leva com segurança até Vós.

«Finalmente encontro repouso! A caridade deu-me

a chave da minha vocação. Compreendo que se a Igreja tem um corpo composto por membros diferentes, não lhe falta o mais necessário, o mais nobre de todos: compreendo que a Igreja tem um coração e este Coração é ardente de amor.

«Compreendo que só o amor faz agir os membros da Igreja, que se o amor viesse a extinguir-se, os Apóstolos deixariam de anunciar o Evangelho, os mártires se recusariam a derramar o sangue... Compreendo que o amor engloba todas as vocações, que o amor é tudo, que se estende a todos os tempos e a todos os lugares, numa palavra, que o amor é eterno! Ó Jesus, meu amor, encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o amor! Sim, encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes Vós quem mo deu! No Coração da Igreja minha Mãe, serei o amor; assim serei tudo, assim será realizado o meu sonho!» (T.M.J. M.B. pg. 230 e seg.).

345. A UNIÃO COM DEUS

Meu Deus que me criastes para Vós, fazei que eu possa voltar para Vós e unir-me a Vós por amor.

1 — Toda a vida do homem é um caminho de regresso a Deus. Veio de Deus e para Deus deve voltar; e quanto mais totalmente se voltar para Ele, a ponto de chegar à íntima união com Deus, tanto mais terá alcançado o fim para que foi criado e por isso será perfeita e eternamente feliz. S. Tomás ensina que uma coisa é perfeita quando atinge o seu fim; ora a perfeição do homem consiste em alcançar Deus e em se unir a Ele, seu último fim. Na união com Deus o homem en-

contra tudo quanto pode desejar; encontra a sua paz, a satisfação da sua ânsia de infinito, da sua sede de amor e de felicidade imperecível. «Criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Vós» (S.to Agostinho); na união com Deus o homem encontra a sua felicidade eterna. A vida do céu não é mais do que esta união com Deus elevada à sua última perfeição; e porque perfeitamente unido a Deus, o homem dar-Lhe-á então a máxima glória, o máximo amor que redundarão para si próprio em bem-aventurança eterna.

A alma que ama verdadeiramente a Deus não se resigna a esperar o céu para se unir a Ele, mas anseia por gozar antecipadamente na terra esta união. Será possível? Sim, porque Jesus disse: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23). O Senhor indica-nos por estas palavras qual a condição para vivermos unidos a Ele: o amor. «Quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele» (I Jo. 4, 16). O amor é a grande força que nos une a Deus desde esta vida em que, prisioneiros da matéria, não podemos gozar ainda do contacto directo com Ele, da visão face a face.

«O fim da vida espiritual — diz S. Tomás — é que o homem se una a Deus por meio do amor (II^a II^{ae}, q. 44, a. 1, co.). Com os passos do amor — gressibus amoris — caminhamos para o nosso último fim: a união com Deus. A união de amor com Deus, é o grande ideal que deve iluminar e dirigir toda a nossa vida, é a grande meta que, com o auxílio divino, queremos alcançar neste mundo tanto quanto for possível à nossa condição de peregrinos.

2 — S. João da Cruz explica em que consiste a união de amor com Deus. Não se trata da *união substancial* que sempre existe entre Deus e todas as coisas criadas e pela qual «lhes conserva o ser que têm». Esta espécie de união é *natural* e nunca pode faltar em nenhuma criatura, nem sequer no pecador; a união de amor, pelo contrário, é *sobrenatural* e não se verifica sempre, mas só nas almas em graça. «Ainda que seja verdade que Deus está sempre na alma dando e conservando nela, com a sua existência, o ser natural, contudo nem sempre lhe comunica o ser sobrenatural. Porque este não se comunica senão por amor e graça, na qual nem todas as almas estão; e ainda essas não o estão em igual grau; porque umas estão em maior e outras em menor grau de amor» (S. II, 5, 3 e 4).

O ponto de partida para a união de amor com Deus é o estado de graça; o ponto de chegada é o pleno desenvolvimento da graça, de modo que a alma fique totalmente sobrenaturalizada, e todas as suas forças, toda a sua vontade, todo o seu afecto, se concentrem em Deus, não desejando e não amando senão aquilo que Deus quer e ama. A graça é a vida de Deus em nós; vida que se desenvolve mediante o progresso do amor. A graça cresce na alma na medida em que o amor aumenta; por consequência, a sua participação na vida divina torna-se mais profunda e condu-la a uma união com Deus cada vez mais intensa e perfeita. A graça e o amor são o gérmen precioso da união com Deus; são eles que põem a alma em comunhão íntima com Ele: comunhão de vida, de pensamento, de vontade. Deus permanece sempre Deus, distinto da criatura; a criatura conserva sempre a sua personalidade, e contudo a alma fica de tal maneira impregnada de vida divina, Deus

«comunica-lhe de tal modo o Seu ser sobrenatural, que parece mais Deus que alma» (cfr. ib. 7).

Tal é o termo da união com Deus na terra. Termo altíssimo, no qual porém não é temerário fixar o olhar, já que na graça baptismal todos recebemos o germen da união com Deus.

Colóquio — «Ó Jesus, quem me dará a graça de formar um só espírito conVosco? Rejeitando a multiplicidade das criaturas, ó Senhor, só quero a Vossa unidade. Ó Deus, só Vós sois o uno, a única unidade necessária à minha alma! Ah! querido Amigo do meu coração, uni esta pobre e única alma à Vossa única Bondade! Vós sois todo meu, quando serei eu todo Vosso? O íman atrai o ferro e prende-o a si. Senhor Jesus, meu Amor, sede Vós o íman do meu coração, predeí, atraí, uni para sempre o meu espírito ao Vosso Coração paternal. Oh! já que fui feito para Vós, porque motivo não estou em Vós? Abismai esta gotinha, que é o meu espírito que Vós me destes, no mar da Vossa bondade, donde procede. Senhor, já que o Vosso Coração me ama, porque me não arrebatá para Si, desejando-O eu tanto? Atraí-me e correrei após os Vossos atractivos para me lançar nos Vossos braços e não mais me afastar pelos séculos dos séculos. Amen» (S. Francisco de Sales).

«Ó meu Jesus! Quem poderá fazer-nos compreender o proveito que há em nos lançarmos nos Vossos braços e fazer conVosco este pacto: eu ocupar-me-ei de Vós, e Vós ocupar-Vos-eis de mim; Vós olhareis pelos meus interesses e eu olharei pelos Vossos?»

«Sem Vós, que sou eu, Senhor? Se não estou unida a Vós, que valho? Se me desvio um pouco da Vossa Majestade, onde vou parar?»

«Senhor meu, Misericórdia minha e Bem meu, que poderei eu desejar de melhor nesta vida do que estar de tal maneira unida a Vós, que não haja divisão entre Vós e mim?

«Ó Senhor da minha vida, atraí-me a Vós de tal modo que a minha vontade permaneça tão unida a Vós que nunca mais se possa apartar da Vossa» (T.J. P. 4, 18 e 9; 3, 15).

346. O CAMINHO DA UNIÃO

Dai-me luz, Senhor, e dai-me força para arrancar de mim tudo o que me impede de me unir a Vós.

1 — «Deus comunica-Se mais à alma que mais adiantada está em amor; o que é ter a vontade mais conforme com a de Deus» (J.C. S. II, 5, 4). No plano concreto da vida, o amor, quando é verdadeiro, manifesta-se na vontade de fazer o que agrada à pessoa amada, no desejo de se conformar com os seus desejos, os seus gostos, os seus querereres, não querendo nada que lhe possa desagradar. A alma une-se a Deus na medida em que sabe conformar-se verdadeiramente com a Sua vontade; é evidente que esta união não será perfeita enquanto a alma resistir, ainda em coisas pequenas, ao querer divino ou não o aceitar de bom grado, como também enquanto conservar desejos e gostos que, embora levemente, estejam em desacordo com os de Deus. Todo o caminho espiritual para a divina união consiste num duplo movimento muito simples, mas essencial: despojar-se de tudo o que não agrada a Deus, renunciar a tudo o que é contrário à Sua vontade, conformando-se com ela e cumprindo-a com o maior amor. Movimento

simplicíssimo, mas ao mesmo tempo muito amplo, porque deve estender-se a todas as circunstâncias da vida, sem excluir nenhuma, de modo que em todas elas — tanto nas grandes como nas pequenas — a alma se conforme perfeitamente com o querer divino; movimento muito profundo, que deve atingir os recantos mais secretos do espírito, para o desembaraçar dos mínimos resíduos e das últimas resistências do egoísmo e do orgulho, não só eliminando as suas manifestações, mas arrancando-lhe também as raízes. Enquanto este trabalho de profunda purificação não estiver terminado, a vontade da alma não poderá estar totalmente conforme com a de Deus, porque a isso se opõem muitas imperfeições e hábitos defeituosos. Só a alma que tem a sua vontade «inteiramente conforme e semelhante à divina, está totalmente unida e transformada em Deus»; por isso, para chegar à união, «não há mister senão despojar-se destas contrariedades e dissimilitudes naturais» (ib.).

2 — Se te examinares atentamente, verás que a tua vontade é ainda muito dissemelhante da de Deus. Deus só quer o bem, e quere-o de um modo perfeitíssimo; tu, ao contrário, juntamente com o bem, queres muitas vezes também o mal; além disso, o próprio bem que tu desejas, deseja-lo sem energia e realiza-lo de uma maneira muito imperfeita. Sempre que cometes alguma falta, ainda que seja uma simples imperfeição, queres alguma coisa que Deus não pode querer; poderão ser pequeninas faltas de preguiça, de negligência, de impaciência; poderão ser subtis buscas de ti mesmo, ou do affecto e da estima das criaturas; ou ainda segundas intenções que se infiltram nas tuas obras. Tudo isso deve ser eliminado para chegares à união com Deus.

S. João da Cruz diz expressamente que não só os principiantes no caminho espiritual, mas também os aproveitados, estão sujeitos a muitas imperfeições e conservam ainda hábitos imperfeitos, provenientes sobretudo de um subtil orgulho e de egoísmo espiritual. Tendo-se exercitado longo tempo na vida interior, facilmente se insinua neles uma certa presunção e segurança de si, pelo que no seu trato com Deus estão expostos a faltar à humildade e à reverência, ao passo que nas suas relações com o próximo caem muitas vezes na fraqueza de quererem ser tidos por perfeitos. Por isso, não estando ainda completamente desapegados de si mesmos, detêm-se a gozar um tanto egoístamente as consolações espirituais recebidas na oração e assim distraem-se e não buscam somente a Deus, retardam o caminho para a união com Ele e expõem-se a cair nos laços da fantasia ou do demónio (cfr. N. II, 2).

Isto demonstra quão profundas são em nós as raízes do orgulho e do egoísmo; mal desprendemos o coração das vaidades terrenas e dos bens materiais, logo estamos prontos a apegar-nos aos bens espirituais. Contudo não devemos desesperar de chegar à união, mas antes aproveitarmo-nos da nossa miséria para suplicar com mais insistência ao Senhor que Se digne levar a bom termo a obra da nossa purificação. De resto, Ele deseja-o mais do que nós próprios e se o não faz como quereria, é somente por nos achar relutantes, impacientes e muito pouco dispostos a aceitar de bom grado aquilo que nos humilha e mortifica profundamente. No entanto é este o único caminho para chegar à união com Deus.

Colóquio — «Enquanto a minha vontade tiver caprichos estranhos à união divina, fantasias de sim e de

não, permaneço no estado de infância, e não caminho no amor a passos de gigante, porque o Vosso fogo, ó Senhor, ainda não queimou todas as escórias, o ouro não é puro, e busco-me muito a mim mesma. Ó Senhor, não consumistes ainda toda a minha hostilidade contra Vós! Mas quando tiverdes destruído em mim todo o amor vicioso, toda a dor e temor defeituosos, então o amor será perfeito e a aliança de ouro da nossa união será mais larga que o céu e a terra.

«Mas para lá chegar importa que eu morra a mim mesma cada dia. Ó Jesus, quero morrer, quero diminuir e renunciar a mim mesma cada dia mais a fim de que Vós cresçais e sejais exaltado em mim. Sinto-me muito pequena e moro no fundo da minha pobreza; vejo o meu nada, a minha miséria, a minha impotência, noto que sou incapaz de progresso e de perseverança, vejo a multidão das minhas negligências e defeitos; vejo-me na minha indigência, prostro-me na minha miséria e, reconhecendo a minha necessidade extrema, exponho-me à Vossa misericórdia, ó meu divino Mestre! Quero fazer consistir a alegria da minha alma — quanto à vontade e não quanto à sensibilidade — em tudo o que me pode imolar, destruir, humilhar, pois quero arranjar lugar para Vós, Senhor. Não quero mais viver da minha vida, mas ser transformada em Vós, a fim de que a minha vida seja mais divina que humana, e que o Pai, inclinándose-*Se* para mim, possa reconhecer a imagem do Seu Filho bem amado, no qual pôs todas as Suas complacências» (cfr. I.T. I, 2 e 3).

347. A NOITE DO ESPÍRITO

Ó Senhor, infundi em mim maior amor e mais coragem para aceitar de boa vontade a Vossa acção purificadora.

1 — Para extirpar as raízes dos hábitos imperfeitos é necessária a amarga e forte purificação que se chama *noite do espírito*. A purificação da alma começa com a *noite dos sentidos* que, pondo-a às escuras e privando-a de todo o gosto sensível, a liberta do apego às criaturas e aos bens materiais; mas só termina com a *noite do espírito* a qual, aniquilando-a nas suas potências espirituais, destrói nela todos os hábitos imperfeitos. S. João da Cruz nota com muito acerto que, mesmo depois de ter passado pela noite dos sentidos, «ficam todavia no espírito as manchas do homem velho, embora lhe não pareçam as chegue a ver» (N. II, 2, 1); são manchas tão profundas e escondidas que a alma dificilmente dá conta delas.

Eis, por exemplo, uma pessoa desapegada das criaturas e dos bens terrenos, adiantada na oração e nas virtudes, uma alma que, por conseguinte, já percorreu as etapas da via purgativa e iluminativa; porém, posta à prova, facilmente se descobre nela um certo apego às suas boas obras — obras de apostolado, práticas de penitência ou de devoção — de tal modo que quando a obediência ou o serviço do próximo a obriga a deixá-las ou a substituí-las por outras, perturba-se, opõe uma certa resistência e só com muita relutância consegue submeter-se. Isto acontece porque ainda existem nela as raízes dos hábitos imperfeitos, sobretudo as do orgulho e do egoísmo, dos quais derivam todos os outros defeitos e imperfeições. De que vale suprimir os actos defeituosos se no espírito fica a sua raiz? Cortada superfi-

cialmente, cedo ou tarde deitará rebentos noutra direcção.

Ninguém se pode libertar das raízes dos defeitos sem passar pela penosa noite do espírito. Comparando esta noite com a dos sentidos, S. João da Cruz diz que a diferença que existe entre uma e outra «é a mesma que há entre [cortar] a raiz e a rama, ou tirar uma nódoa fresca ou uma já muito assente e velha». Ainda que isto seja muito difícil de fazer e muito doloroso de suportar, é contudo indispensável, porque as manchas do homem velho apenas se tiram «com o sabão e a forte lixívia da purificação desta noite» sem a qual «o espírito não poderá chegar à pureza da união divina» (ib.).

2 — Se para entrar na *noite do sentido* é necessária uma boa dose de coragem, porque se trata de renunciar «a qualquer gosto que se ofereça aos sentidos não sendo puramente para honra e glória de Deus» (J.C. S. I, 13, 4), para entrar na *noite do espírito* requer-se muito mais, porque se trata de renunciar não já a coisas materiais, mas a coisas espirituais. Trata-se, por exemplo, de cegar o entendimento, de negar a sua vontade, de renunciar à afirmação da própria personalidade, não só a respeito dos bens materiais, mas também dos morais e espirituais. Na noite do espírito a alma deve caminhar às escuras, deve ser posta no vazio não só quanto aos sentidos, mas ainda quanto às suas faculdades espirituais. Nesta noite Deus «desnuda-lhe as potências e afeições e sentidos, tanto espirituais como sensíveis, tanto exteriores como interiores deixando às escuras o entendimento, a seco a vontade, vazia a memória e os affectos da alma em suma aflicção, amargura e aperto, privando-a do sentido e gosto dos bens espirituais que antes sentia» (N. II, 3, 3).

Tanta desolação e tanta privação de todas as coisas não devem desanimar-nos, porque não são ordenadas à morte, mas à vida, à plenitude de vida que é a união de amor com Deus. Por isso a alma que ama não se assusta nem se atemoriza; o seu ideal é a união divina e quer alcançá-la a todo o custo; nenhum sacrifício lhe parece demasiado pesado para lá chegar. Por outro lado, se compreendessemos um pouco a infinita perfeição de Deus e conhecessemos também um pouco a nossa profunda miséria, devíamos concordar que nenhuma purificação, por muito forte e penosa que fosse, seria exagerada para nos dispor para a união com Aquele que é a bondade, a pureza e a beleza infinitas, já que somos tão indignos e miseráveis. Os sofrimentos impostos por esta purificação nunca nos poderão parecer insuportáveis comparados com o bem imenso que nos hão-de alcançar. «É tamanho o bem que espero, que toda a pena é para mim deleite», repete com S. Francisco a alma enamorada de Deus; é que ela espera este bem já neste mundo, pois sabe que Deus não recusa admitir à união com Ele o espírito bem disposto, quer dizer, totalmente purificado.

Colóquio — «Ó minha alma, quando te tornarás melhor e ficarás livre das tuas paixões e tendências viciosas? Quando secará em ti a raiz de todo o mal? Quando se apagará em ti todo o vestígio de pecado? Oh! se tu amasses ardentemente o teu Deus! Se tu estivesses indissolúvelmente unida ao teu soberano Bem!

«Bom Jesus, terno Pastor, meu doce Mestre, Rei da eterna glória, quando comparecerei sem mancha e verdadeiramente humilde diante de Vós? Quando desprezarei profundamente todas as coisas da terra por Vosso amor? Quando estarei totalmente desapegado de

mim mesmo e de todas as coisas? Porque se eu estivesse realmente livre de todo o apego terreno já não teria vontade própria, já não gemeria sob o jugo das paixões e dos affectos desregrados nem já me buscaria a mim mesmo em nada. A falta deste absoluto e total desapego é o único e verdadeiro obstáculo entre Vós e eu que me impede de me lançar livremente para Vós. Quando estarei, pois, despojado de tudo? Quando me abandonarei sem reserva alguma à Vossa divina vontade? Quando Vos servirei com um espírito puro, humilde, calmo e sereno? Quando Vos amarei perfeitamente? Quando se unirá a minha alma deliciosamente ao seu Amado, recebendo-Vos no seu seio? Quando me lançarei para Vós com um terno e ardente desejo? Quando serão absorvidas na imensidade do Vosso amor as minhas negligências e as minhas imperfeições? Oh! Deus meu, vida minha, amor meu, meu único desejo! Meu Tesouro! Meu Bem! Meu princípio e meu fim! A minha alma suspira pelo Vosso terno abraço, desfalece e sucumbe com o desejo de se unir a Vós e de ficar intimamente unida a Vós pelo laço doce e santo de um amor indissolúvel! Que procuro eu no céu? Que desejo sobre a terra? O Deus do meu coração, o Deus que será a minha herança por toda a eternidade» (B. Luís de Blois).

348. O AMOR PURIFICADOR

Senhor, ajudai-me a abrir a minha alma à invasão do Vosso amor purificador.

1 — Uma das maiores graças que Deus pode fazer a uma alma é a de a introduzir nas penas desoladoras da noite do espírito, porque é justamente desse modo

que Ele a prepara e dispõe para a união. Embora esta noite possa parecer à alma que experimenta estes dolorosos apertos um castigo de Deus, é pelo contrário um dom do Seu amor misericordioso que quer libertá-la, por este meio, dos últimos laços das suas imperfeições. S. João da Cruz declara expressamente que esta noite é obra da «sabedoria amorosa de Deus», que, purificando a alma, «a dispõe para a união de amor» (N. II, 5, 1). Mas se é obra do amor, porque será tão dolorosa? Sucede à alma algo de semelhante ao que acontece a um pedaço de madeira verde que se lança no fogo; primeiro o fogo começa a expulsar dele a humidade, «logo o vai pondo negro, obscuro e feio e até com mau cheiro; e indo-o assim secando, pouco a pouco lhe vai tirando a luz e deitando fora todos os acidentes feios e escuros contrários ao fogo. Finalmente, começando a inflamá-lo por fora e a aquecê-lo, acaba por o transformar em si e pô-lo tão belo como o mesmo fogo». Da mesma forma o amor divino, «antes de unir e transformar a alma em si, purifica-a primeiro de todos os acidentes contrários. Faz-lhe sair para fora as suas fealdades e põe-na escura e negra, e assim ela parece pior, mais feia e abominável que antes» (ib. 10, 1-2). Compreende-se facilmente que, sob a prensa de semelhante purificação, a alma tenha de sofrer; todavia tudo isto é obra do amor. A sabedoria amorosa de Deus, investindo a alma ainda imperfeita, tem necessariamente de realizar nela um trabalho de demolição, de purificação, e só quando a tiver libertado de tudo o que se opõe ao amor divino, a unirá e a transformará em Si. Nessa altura a obra do amor já não será penosa para a alma, mas muito suave e deleitosa; porém enquanto não estiver totalmente purificada, ser-lhe-á necessària-

mente motivo de aflição. Bendita aflição que a dispõe para um tão grande bem! «Ó almas que quereis andar seguras e consoladas nas coisas do espírito! — exclama S. João da Cruz — se soubésseis quanto vos convém padecer sofrendo para chegar a esta segurança e consolo..., de maneira alguma buscaríeis consolação nem de Deus nem das criaturas; mas antes levaríeis a cruz e, postas nela, quereríeis ali beber fel e vinagre puro, e isso teríeis em grande dita» (CV. 2, 28).

2 — Quanto mais estivermos intimamente convencidos de que a purificação é obra do amor, mais seremos capazes de a suportar com coragem e de a aceitar de boa vontade mesmo que nos custe muito. De resto, a lei geral do amor perfeito — mesmo do amor humano — é precisamente esta: não tolerar divisão de afectos, não suportar rivais, não consentir desarmonias entre os que se amam. Se o amor humano, tão limitado e fraco, tem tais exigências de totalidade, porque não reconheceremos os mesmos direitos, ou antes, direitos infinitamente superiores, ao amor divino?

O amor tende, por natureza, à igualdade: ou encontra ou torna iguais os amantes; e Deus, ao ver uma alma de boa vontade que se Lhe quer dar inteiramente, ama-a até ao ponto de a querer tornar semelhante a Si; por isso despoja-a de tudo o que contrasta com a Sua perfeição infinita e à medida que a despoja, reveste-a de Si, reveste-a de vida divina.

Por sua natureza, o amor tende também à unidade, quer a plena fusão dos corações; e Deus, que ama infinitamente as almas que O procuram com um affecto sincero, nada mais deseja senão uni-las a Si; vai-as portanto purificando de toda a mancha que possa impedir

a perfeita união com a Sua pureza infinita. O próprio Jesus, na última Ceia, exprimiu o supremo desejo do Seu amor para connosco pedindo esta união perfeita: «Como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós» (Jo. 17, 21). Mas já que, viciados pelo pecado e cheios de miséria, éramos radicalmente incapazes disso, Ele tomou sobre Si os nossos pecados e lavou-os com o Seu Sangue. A Paixão de Jesus diz-nos quanto a nossa purificação custou ao Filho de Deus. E se tanto Lhe custou a Ele, o inocentíssimo, não será justo que também nos custe um pouco a nós, culpados, que tantas vezes ofendemos a Deus com a nossa má vontade e pusemos obstáculos à invasão do Seu amor na nossa alma? E agora que este amor divino, em vez de nos abandonar como merecíamos, vem ao nosso encontro para nos purificar, quereremos fugir à Sua acção? Não, não pode ser assim! Da mesma maneira que os sofrimentos purificadores são obra do amor de Deus para connosco, assim queremos que o aceitá-los seja obra, seja prova do nosso amor por Ele. «Amar é trabalhar em despojar-se e desnudar-se por Deus de tudo o que não é Deus» (J.C. S. II, 5, 7).

Colóquio — «Ó Senhor, lembrai-Vos de mim que permaneço nas trevas e na sombra da morte, e ressuscitai esta Vossa criatura com o Vosso amor, que é o meu alento vital. Fazei que o fogo divino do Vosso amor consuma em mim todos os maus humores dos affectos terrenos e que no meu coração exista um só amor, totalmente voltado para a Vossa beleza e bondade infinitas.

«Ó Jesus, o amor imenso com que me atraís para me unirdes a Vós, desperta em mim um vivo desejo de corresponder ao Vosso amor. Por isso clamo por Vós

do íntimo do coração e Vos suplico, pelas chamas da imensa caridade com que me amastes e incarnastes por mim, que me envieis o Espírito Santo, Fogo divino que ilumina a Igreja, minha mãe e Vossa esposa, para que me ilumine e converta renovando a face da minha alma. Venha, ó dulcíssimo Filho de Deus, este Espírito divino, ao qual abro de par em par todo o meu coração, a fim de que me reforme a mim, deformado pelo pecado, e me transforme na Vossa belíssima forma e graça.

«Esta é a minha súplica, ó Senhor, e para ser ouvido, ofereço-me ao fogo e à água das tribulações e a todos os tormentos da vida presente. Por isso, levanto-me cedo para Vos anteceder pela oração e para me sacrificar a Vós na vigília matinal. Então Vos suplicarei no silêncio da noite e baterei às portas da Vossa clemência. Os meus olhos falar-Vos-ão com lágrimas e não repousarei enquanto não satisfizerdes o meu desejo.

«Se Vos dignardes escutar-me enviando-me o Vosso fogo, sacrificar-Vos-ei as primícias dos meus afectos e não servirei mais a deuses estranhos. Louvar-Vos-ei em público e em segredo, e cantarei eternamente as Vossas misericórdias, celebrando as vitórias do Vosso amor» (Ven. João de J.M., o.c.d.).

349. A CAMINHO DE UMA PURIFICAÇÃO TOTAL

Ajudai-me, Senhor, dando-me a força de me encaminhar por minha iniciativa para uma purificação total.

1 — «Muito se estorva a si mesma a alma que quer chegar ao alto estado de união com Deus, quando se prende a qualquer entender, ou sentir, ou imaginar, ou parecer, ou vontade, ou modo seu, ou a qualquer outra

obra ou coisa própria, não sabendo desprender-se e desnudar-se de tudo isso» (J.C. S. 4, 4). O papel da noite do espírito é precisamente o de operar na alma esse desprendimento profundo e radical. Se queres, pois, entrar nesta noite, que tanto bem trará à tua alma, deves procurar, quanto puderes, negar-te em tudo, sobretudo naquilo que mais te prende e te é mais querido; deves estar disposto a renunciar aos teus planos, aos teus projectos, às tuas opiniões, não só no que diz respeito às coisas terrenas, mas também às espirituais, porque deves ir a Deus não por um caminho da tua escolha ou do teu gosto, mas unicamente pelo caminho que Ele mesmo te preparou. Deves estar disposto a renunciar às consolações divinas, a caminhar às escuras, na aridez e durante o tempo que o Senhor quiser; deves estar disposto a renunciar às obras mais estimadas, aos afectos mais legítimos, às amizades mais santas, ao amparo de quem te compreende e te guia nos caminhos de Deus.

Com efeito, poucos entram na noite do espírito porque «há poucos que saibam e queiram entrar nesta suma desnudez e vazio de espírito» (ib. 7, 3). Poucos, até entre os espirituais, se convencem de que o caminho que conduz à união com Deus consiste «numa só coisa necessária, que é saber negar-se deveras, segundo o exterior e interior, dando-se portanto a padecer por Cristo e a aniquilar-se em tudo» (ib. 7, 8). Procura, portanto, ao menos tu, persuadir-te disso e haver-te em tudo com o máximo desprendimento, não te apegando nem ao espírito de propriedade, nem à vã complacência, nem aos bens materiais ou espirituais. Contempla Jesus na cruz: Ele estava verdadeiramente despojado e privado de tudo, «aniquilado em tudo, a saber: quanto à

reputação dos homens, porque, como O viam morrer, antes faziam escárneo do que O estimavam; e quanto à natureza, pois nela Se aniquilava morrendo; e quanto ao amparo e consolo espiritual do Pai pois naquela altura O desamparou» (ib. 7, 11)). Por aqui deves entender qual é o caminho para te unires a Deus e compreender que quanto mais te aniquilares por Deus, tanto mais te unirás a Ele.

2 — A prática generosa da renúncia total não é a única coisa que podes fazer para entrar na noite do espírito; há uma outra, já não negativa, mas eminentemente positiva: o exercício intenso das virtudes teológicas. A fé, a esperança e a caridade devem ser o teu amparo, o teu guia na escuridão da noite e, ao mesmo tempo, devem ajudar-te a purificar as potências do teu espírito: entendimento, memória e vontade, a fim de que possam aderir a Deus só.

«A fé — diz S. João da Cruz — produz o vazio no entendimento» (S. II, 6, 2). Com efeito, ao propor-te que creias em coisas que, pela sua transcendência, não podes alcançar, a fé ensina-te que, para te unires a Deus, em vez de te apoiares no teu modo de raciocinar e de entender, deves antes despojar-te dele, o que significa pôr o entendimento no vazio. Quanto mais progredires na fé, mais te despojarás da tua baixa forma de pensar; e isto não só a respeito dos mistérios divinos e das tuas relações directas com Deus, mas também dos acontecimentos da vida, acontecimentos que aprenderás a julgar somente à luz de Deus.

A esperança, por sua vez, põe «a memória em trevas» (ib. 3), esvaziando-a de todas as coisas. Se tu esperas firmemente, esperas bens que ainda não possuis

e não te contentas com os que já possuis. Se pões em Deus todas as tuas esperanças, já não esperas nas coisas da terra, a sua posse já não te satisfaz e por consequência a sua lembrança torna-se menos viva, menos frequente, a tua memória fica vazia delas e capaz de se aplicar unicamente ao que diz respeito a Deus e ao Seu serviço. Exercita-te inteiramente na esperança dos bens celestes e esquecerás os terrenos; espera só em Deus e a lembrança das criaturas não mais te ocupará.

«A caridade, enfim, esvazia a vontade de todas as coisas, pois nos obriga a amar a Deus sobre todas elas; o que não pode ser senão apartando o afecto de todas, para o pôr inteiro em Deus» (ib. 4). Se queres chegar ao desapego e à renúncia total, tens de amar muito. Quanto mais cresceres no amor divino, mais facilmente te desprenderás das coisas terrenas e até de ti mesmo, e tanto mais serás capaz de negar a tua vontade e de aniquilar o teu eu em todas as coisas.

Caminha em fé, em esperança, em amor, e avançarás na noite do espírito sem te perderes na escuridão e nas trevas que possas encontrar, porque estas virtudes manter-te-ão fortemente ancorado em Deus.

Colóquio — «Senhor, fazei-me possível pela graça, o que me parece impossível pela natureza. Vós bem sabeis quão pouco posso sofrer, e quão depressa me deixo abater diante da mais pequena contrariedade. Fazei que eu ame e abrace, por Vosso nome, todas as tribulações que me sobrevierem: porque sofrer e ser perseguido por amor de Vós é muito salutar para a minha alma.

«Senhor Jesus, sede comigo em todo o tempo e em toda a parte. Seja esta a minha consolação, querer

voluntariamente carecer de toda a consolação humana. E se a Vossa me faltar, seja-me a Vossa vontade e esta justa prova, de suprema consolação. Porque nem é perpétua a Vossa ira, nem eternas as Vossas ameaças.

«Senhor, contanto que a minha vontade permaneça recta e firme em Vós, fazei de mim o que Vos aprouver. Porque não pode deixar de ser bom quanto ordenardes para mim. Se quereis que viva em trevas, sede bendito; e se quereis que viva em luz, sede igualmente bendito. Se Vos dignais consolar-me, sede bendito; e se me quereis provar pela tribulação, sede igualmente bendito para sempre.

«Senhor, com alegria sofrerei por Vós quanto quiserdes que me aconteça. Com toda a indiferença quero receber da Vossa mão o bem e o mal, a doçura e a amargura, a alegria e a tristeza, e dar-Vos graças por tudo o que me acontecer. Guardai-me do pecado e não temerei a morte nem o inferno. Se não me afastardes de Vós para sempre, nem me riscardes do livro da vida, não me causarão dano as tribulações que vierem sobre mim» (*Imit.* III, 19, 5; 16, 2; 17, 1, 2 e 4).

350. DESÍGNIOS DE PAZ E DE AMOR XXIII DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Senhor, cumprí em mim os Vossos desígnios de paz e de amor, fazendo-me renascer para uma vida plenamente fervorosa.

1 — Apesar dos altos ideais e do desejo de santidade, encontramos-nos sempre cheios de misérias, sempre em dívida para com Deus e, ao aproximarmo-nos dEle, a nossa alma treme com razão: como nos acolherá? Não

nos afastará de Si? A resposta, porém, é muito diferente da que nós merecíamos: «Os meus desígnios a vosso respeito, diz o Senhor, são de paz e não de desgraça. Invocar-me-eis e hei-de atender-vos. Hei-de reconduzir-vos de todos os países onde estáveis cativos». Estas consoladoras palavras que lemos hoje no Intróito da Missa abrem de par em par o nosso coração às mais doces esperanças: apesar de tudo, Deus ama-nos, Deus é sempre o nosso Pai e quer libertar-nos da escravidão das nossas paixões e das nossas fraquezas. Sobretudo espontaneamente aos lábios a humilde invocação da Colecta: «Perdoai, Senhor, as faltas do Vosso povo, para que, pela Vossa bondade, sejamos livres dos laços dos pecados contraídos por nossa fraqueza». A humildade, o reconhecimento sincero das próprias faltas, é sempre o ponto de partida para a conversão.

S. Paulo, na Epístola, fala-nos da conversão (*Fil.* 3, 17-21; 4, 1-3): «Muitos, de quem muitas vezes vos falei e também agora falo com lágrimas, procedem como inimigos da cruz de Cristo... gostando somente das coisas terrenas». Praticamente, cada vez que fugimos do sacrifício, que protestamos contra a dor ou buscamos satisfações egoístas, comportamo-nos como inimigos da cruz de Jesus e assim a nossa vida torna-se muito terra a terra, muito presa às criaturas, demasiado pesada para nos podermos elevar ao céu. Temos de nos converter, de nos desprender, de nos recordar de que «somos cidadãos do céu» e por isso, devemos abraçar de boa vontade as fadigas da viagem de regresso à pátria bem-aventurada. Para nos animar, S. Paulo põe-nos diante dos olhos os esplendores da vida eterna: «Jesus Cristo... transformará o nosso corpo de miséria, fazendo-o semelhante ao Seu glorioso». Eis os «desígnios de

paz», eis os grandes desígnios de amor que o Pai celeste tem sobre nós: libertar-nos da escravidão do pecado e conformar-nos com o Seu Filho até nos tornar participantes da Sua gloriosa ressurreição. Desígnios maravilhosos, mas que não se realizarão se os não secundarmos. «Portanto, meus muito amados e desejados irmãos, minha alegria e minha coroa — suplica o Apóstolo — permaneçei assim firmes no Senhor». Firmes, quer dizer, constantes na conversão; firmes na humildade, na confiança, no amor à cruz.

2 — O Evangelho do dia (Mt. 9, 18-26) é uma prova evidente desta transformação que Deus quer efectuar em nós, é um exemplo do modo como Ele realiza os Seus desígnios de paz naqueles que recorrem a Ele com um coração humilde e confiante. Em primeiro lugar a hemorroíssa: o seu mal é tenaz, há doze anos que resiste a todos os remédios; a pobre mulher, humilhada e confusa, não ousa, como os outros doentes, apresentar-se directamente a Jesus, mas por outro lado a sua fé é tão grande, que pensa: «Ainda que eu toque somente o Seu vestido, serei curada»; aproxima-se furtivamente e toca-Lhe ao de leve na orla do manto. Jesus adverte aquele leve toque e, voltando-Se, diz: «Tem confiança, filha; a tua fé te salvou». Nenhum pedido, nenhuma súplica externa; o que comove o Senhor é a prece daquele coração humilde, confiante e cheio de fé.

Como Jesus curou aquela mulher, quer curar as nossas almas, mas espera disposições semelhantes às suas. Muito facilmente nos contentamos com orações vocais enquanto o coração permanece frio e ausente; mas Jesus vê o coração e quer a oração do coração: grito de humildade e confiança, grito que sobe direito

ao Coração divino. De resto, como somos mais afortunados do que a pobre doente! Ela conseguiu uma só vez tocar na fímbria do manto de Jesus, ao passo que a nossa alma todos os dias, na comunhão, está em contacto com o Seu Corpo e o Seu Sangue. Oh! se tivéssemos uma fé tão grande como um grão de mostarda!

O Evangelho narra ainda um segundo milagre. A filha de Jairo não está doente, está morta. Mas para Jesus não é mais difícil ressuscitar um morto do que curar um doente. Como verdadeiro Senhor da vida e da morte, «tomou-a pela mão e a menina levantou-se». Jesus é a nossa ressurreição não só para a vida eterna quando, a um sinal Seu, o nosso corpo ressuscitar glorioso e de novo se unir à alma, mas é também a nossa ressurreição nesta vida: ressurreição da morte do pecado para a vida da graça, ressurreição de uma vida tibia para uma vida fervorosa, ou de uma vida fervorosa para uma vida santa.

Aproximemo-nos de Jesus com a humildade e a confiança da hemorroíssa e peçamos-Lhe, de todo o coração, que cumpra em nós os Seus desígnios de amor, arrancando-nos da mediocridade duma vida espiritual embaraçada ainda nos laços do egoísmo, para nos lançarmos decididamente no caminho da santidade.

Colóquio — «Ó Senhor, que mal pagamos a Vossa amizade, pois tão depressa nos tornamos Vossos inimigos mortais! Ah! a Vossa misericórdia é verdadeiramente grande! Será possível encontrar um amigo tão sofrido? Ainda que tal acontecesse uma só vez entre amigos, não lhes fugiria da memória nem jamais reatariam tão fiel amizade como antes. Pelo contrário, quantas vezes faltamos desta maneira para conVosco! E quantos anos

Vós permaneceis à nossa espera! Bendito sejais, meu Senhor e meu Deus, que nos suportais com tanta piedade e Vos esqueceis da Vossa grandeza para não castigardes, como seria justo, uma traição tão pérfida como esta!» (T.J. P. 2, 19).

«Ó Jesus, Vós sois a minha paz, porque por Vós tenho acesso ao Pai, porque o Pai Se comprazeu em pacificar, com o Sangue da Vossa cruz, tudo quanto existe, quer na terra quer no céu.

«Eis a Vossa obra em toda a alma de boa vontade; eis o trabalho que o Vosso amor, o Vosso excessivo amor, Vos impele a realizar em mim. Vós quereis ser a minha paz. Com o Sangue da Vossa cruz pacificareis tudo no pequeno céu da minha alma. Encher-me-eis de Vós, sepultar-me-eis em Vós, far-me-eis reviver con-Vosco a Vossa mesma vida.

«Ó Jesus, se caio a cada momento, com uma fé confiante far-me-ei levantar por Vós. E sei que me perdoareis, que apagareis tudo com um cuidado cioso; mais do que isso, despojar-me-eis, libertar-me-eis de todas as minhas misérias e de tudo o que impede a Vossa acção divina, prendereis todas as minhas potências e fareis delas Vossas prisioneiras. Então já não permanecerei em mim, mas em Vós e poderei dizer: 'Já não sou eu que vivo, é o meu Mestre que vive em mim'» (I.T. II, 12).

351. PURIFICAÇÃO PASSIVA

Meu Deus, iluminaí o meu caminho a fim de que não me perca no meio das trevas das tribulações.

1 — Ainda que te seja possível entrar na noite do espírito por meio de uma prática generosa da renúncia total e de um intenso exercício das virtudes teologais, não poderás penetrar na sua parte mais densa se Deus aí te não colocar. Só Ele pode tornar mais espessas as trevas que te envolvem nesta noite, de modo a reduzir-te verdadeiramente a nada e a aniquilar-te em tudo até te fazer chegar à pureza e à pobreza de espírito requeridas para a união. Em vez de tomar iniciativas, a tua acção reduzir-se-á então a aceitar com amor, a suportar com paciência e humildade tudo o que Deus dispuser para ti.

A fim de não correres o risco de resistir à acção divina, debes ter presente que, em geral, Deus purifica as almas através das circunstâncias ordinárias da vida. Na vida de todo o cristão, de todo o apóstolo, de todo o religioso, há sempre uma medida de sofrimento suficiente para efectuar a purificação do espírito; são sofrimentos escolhidos por Deus e dispostos do modo mais apropriado, segundo as diversas necessidades das almas; mas o mal é que muito poucos sabem servir-se deles, porque poucos sabem reconhecer nas dores da vida a mão de Deus que os quer purificar. Enfermidades, lutos, desapegos, separações de pessoas queridas, incompreensões, lutas, dificuldades talvez provenientes daqueles de quem se esperava maior ajuda e apoio, o desabar de obras amadas e mantidas a custo de grandes canseiras, abandono de amigos, solidão material e espiritual, eis alguns dos sofrimentos que, em maior ou menor grau,

se encontram na vida de todos os homens e que por isso encontrarás também na tua. Pois bem, convence-te de que tudo isto é positivamente querido ou, pelo menos, permitido por Deus para te purificar até às mais íntimas fibras do teu ser. Em face de tais coisas não atribuas nunca a culpa à malícia dos homens, não te detenhas nunca a examinar se são justas ou injustas, mas vê somente a mão bendita de Deus que te oferece estes remédios amargos para te conduzir à perfeita saúde do espírito. «Convém muito à alma — diz S. João da Cruz — estar em grande paciência e constância em todas as tribulações e trabalhos em que Deus a puser de fora e de dentro, espirituais e corporais, maiores e menores, tomando tudo como de Sua mão para seu bem e remédio. *São cura para ela*» (CV. 2, 30).

2 — Considera quanto espírito de fé te é necessário para aceites da mão de Deus todas as circunstâncias que te afligem, te humilham, te contrariam ou mortificam. Talvez seja mais fácil curvares-te perante graves provas vindas directamente do Senhor — como doenças, mortes, etc. — do que diante de outras mais leves, nas quais entram em jogo as criaturas e pelas quais sentes maior repugnância. A acção imediata das criaturas, sobretudo quando nela participa a sua malícia, torna-te muito difícil descobrir a mão de Deus; neste caso precisas de maior espírito de fé para ultrapassares o lado humano das circunstâncias, a maneira defeituosa de proceder desta ou daquela pessoa e descobrir, para além de tudo isso, as disposições da divina Providência que quer servir-Se justamente dessas criaturas, e até dos seus erros e defeitos, para limar o teu amor próprio e aniquilar o teu orgulho.

Em tais casos ser-te-á utilíssimo o conselho que S. João da Cruz dava a um religioso: «Pensa que todos os que vivem à tua volta são agentes encarregados de te exercitar, como em verdade o são; que uns te hão-de lavar por palavras, outros por obras, outros por pensamentos contra ti; e que a tudo hás-de estar sujeito como a estátua o está ao que a lava, pinta e doira» (Ct. 15). A alma de fé, profundamente convicta de que Deus guia todas as coisas e dispõe tudo para o bem daqueles que O amam, vê no próximo um mensageiro do Senhor, encarregado por Ele de a exercitar nas virtudes, particularmente naquelas de que tem mais necessidade. Por isso esta alma, em vez de se revoltar e de se indignar com os tratos pouco delicados ou francamente injustos que recebe, baixa a cabeça e aceita-os humildemente como o remédio mais adequado para se libertar dos seus defeitos e imperfeições. Tal é a conduta a seguir, se quiseres tirar proveito de todas as provações que Deus puser no teu caminho. Guarda-te, pois, nestes casos, de armar em vítima, de protestares, de te queixares ou de te vingares; seja qual for o sofrimento que te possa vir das criaturas, uma só é a sua verdadeira explicação: o Senhor quer purificar-te e começa a fazê-lo por meio destas tribulações externas. Convence-te de que tudo contribui grandemente para o teu avanço espiritual porque não se chega à união com Deus sem se ser primeiro reduzido a nada, sem se estar estabelecido numa profunda humildade.

Colóquio — «Meu Deus, ensinai-me a sofrer em paz as aflições que me enviais, a fim de que a minha alma, à semelhança do ouro, saia do crisol da prova mais purificada e clarificada, para melhor Vos contemplar no

meu interior. E assim os trabalhos que agora me parecem insuportáveis, tornar-se-ão para mim pequenos, e desejarei voltar a padecê-los se Vós, Senhor, o quiserdes. Quanto mais numerosas forem as tribulações e perseguições, de maior proveito serão para mim. Eu, porém, não as suporto como devia, senão muito imperfeitamente» (T.J. Vi. 30, 14).

«Ó grandeza do meu Deus! As tentações e tribulações que permitis que nos advenham são todas ordenadas para o nosso bem; e se não nos lembrássemos de outra coisa senão da Vossa bondade quando somos tentados cá na terra, isto seria suficiente para vencermos qualquer tentação.

«Ó Verbo, meu amoroso e doce Esposo, Vós que tendes todo o poder no céu e na terra, sois Aquele que confunde e põe em fuga todos os inimigos. Por mim sou fraca, extremamente fraca, nada vejo, estando como estou cheia de misérias e pecados; mas Vós, ó Verbo, com um simples olhar, pondeis em fuga todos os inimigos como palhinhas ao vento; no entanto deixai-os primeiro lutar com os Vossos servos a fim de os tornardes mais gloriosos. E quanto maior graça e luz lhes quereis dar para que mais Vos amem e conheçam, tanto mais os provais com o fogo e purificais os seus corações como o ouro, a fim de que as suas virtudes apareçam como dignas e preciosas.

«Na Vossa fortaleza, ó Verbo, conferis-nos a força de combater, e quem quiser combater varonilmente pela Vossa glória, precisa de descer até ao fundo do conhecimento de si mesmo, embora levantando sempre o coração para Vós para não ser confundido» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

352. PROVAS INTERIORES

Senhor, purificai-me como o ouro no crisol; purificai-me e não me poupeis para que eu possa chegar até Vós.

1 — Se o Senhor te encontrar forte e fiel, humilde e paciente na aceitação das provas exteriores, passará pouco a pouco às mais íntimas, mais espirituais «para te purificar mais interiormente, para te dar bens mais interiores» (cfr. J. C. CV. 2, 28). A noite passiva do espírito culmina precisamente nestas penas interiores mediante as quais Deus «rasga e despedaça a substância da alma» (N. II, 6, 1) para a fazer renascer completamente para a vida divina. Com efeito, estamos tão cheios de miséria e de defeitos, e eles estão de tal modo aderentes à nossa natureza que se Deus não intervém com a Sua mão, desfazendo-nos e refazendo-nos dos pés à cabeça, nunca seremos libertos deles. Jesus também falou desta renovação total, deste profundo renascimento espiritual: «Quem não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus» (Jo. 3, 5); reino de Deus na terra é o estado de perfeita união com Ele à qual ninguém pode chegar se antes não estiver inteiramente purificado.

S. João da Cruz explicou profusamente como esta obra de purificação é realizada pelo Espírito Santo, que investindo a alma com a chama viva do Seu amor, destrói e consome todas as suas imperfeições. «Porque nesta disposição purificadora — diz o Santo — esta chama não lhe é clara, mas escura; pois se alguma luz lhe dá, é somente para ver e sentir suas misérias e defeitos» (CV. 1, 19). Ainda que a alma se encontre sob a acção directa do Espírito Santo, esta acção não lhe é saborosa, mas penosa, porque o primeiro trabalho que

ela realiza é justamente o de lhe mostrar todas as suas fraquezas e misérias, a fim de que delas conceba horror, as deteste, se humilhe e as chore. A luz penetrante da «chama viva do amor» levanta o espesso véu que ocultava à alma as raízes dos seus maus hábitos. Perante esta visão a alma sofre não só porque se sente humilhada, mas também porque teme ser repudiada por Deus; com efeito, reconhecendo-se tão miserável, sente-se terrivelmente indigna do amor divino e em certos momentos parece-lhe verdadeiramente que o Senhor, irritado, a repeliu de Si. Este é o maior tormento que a alma pode sofrer, mas é um tormento precioso, porque a purifica de todos os resíduos do amor próprio e do orgulho, porque cava nela aquele abismo profundo de humildade que chama e atrai o abismo das misericórdias divinas.

2 — Se o Espírito Santo não te fizesse conhecer e experimentar a tua miséria, não poderias ser liberto dela já que, ignorando-a, não poderias secundar a obra de purificação que Ele quer realizar em ti. Por isso quando, através dos insucessos da tua vida espiritual, das impotências do teu espírito ou das lutas e rebeliões da natureza, a luz divina te mostrar o fundo das tuas perversas tendências, debes suportar humildemente essa visão, reconhecer e confessar as tuas fraquezas sem as quereses desculpar, sem atribuires a causa a circunstâncias adversas e sem delas desviares o olhar. São estes os momentos em que, mais do que nunca, te debes curvar «sob a mão poderosa de Deus» (I *Ped.* 5, 6), o qual te faz ver o que na realidade és na Sua presença. Por outro lado, o quadro das tuas misérias, por feio e abominável que seja, não te deve lançar no desânimo;

não é este o fim para o qual o Espírito Santo to descobre, mas para te despojar de todos os vestígios da secreta estima de ti mesmo e para apagar no teu coração — no caso de existir — qualquer pretensão de seres merecedor dos favores divinos. Nem sequer deves pensar que te tornaste pior do que antes; estas misérias sempre as tiveste contigo, com a diferença de que anteriormente as ignoravas, ao passo que agora a luz divina tas mostra com clareza, não para te oprimir, mas para te libertar delas. Apesar de todo o sofrimento que possas experimentar à vista da tua miséria, deves manter-te confiado e seguro de que Deus não te abandonará. É verdade que lhe foste infiel, não correspondeste como devias ao Seu amor, os serviços que Lhe prestaste são bem pouca coisa, ou melhor, não são nada em comparação com o que Deus merece; contudo Ele, infinitamente bom, não despreza o teu coração contrito e humilhado.

Deus ama-te e, longe de te rejeitar, deseja unir-te a Si, mas antes de o fazer quer tornar-te perfeitamente consciente de que és indigno desta grande graça. Deus comunica-Se só às almas humildes, e só os humildes cumula dos Seus dons: eis o motivo dos sofrimentos purificadores da noite do espírito; com efeito, é impossível atingir a humildade perfeita sem passar pelas amargas angústias desta noite em que o próprio Deus Se encarrega de humilhar a alma. Quando, finalmente, a tiver conduzido ao centro do seu nada, então exaltá-la-á atraindo-a a Si na perfeita união de amor.

Colóquio — «Ó minha alma, se ficaste ferida pelo pecado, eis o teu médico, pronto para te curar. A Sua misericórdia é infinitamente maior do que todas as tuas

iniquidades. E eu digo-te isto, não para permaneceres na tua miséria, mas para que, esforçando-te por vencê-la, não desespères da Sua clemência e do Seu perdão.

«O teu Deus é a própria doçura, a própria suavidade; a quem amarás, a quem desejarás fora dEle?

«Não te deprimas, alma minha, por causa das tuas imperfeições. O teu Deus não te despreza por seres imperfeita e doente; pelo contrário, ama-te porque tu desejas e procuras curar-te das tuas misérias. Ele virá em teu auxílio e tornar-te-á mais perfeita do que tu ousaras esperar; adornar-te-á com a Sua mão e a tua beleza, como a Sua bondade, não terá igual.

«Ó meu Jesus, terno Pastor e doce Mestre, socorrei-me, levantai a Vossa ovelhinha caída, estendei a mão para me segurar, curai as minhas feridas, fortalecei a minha debilidade, salvai-me aliás perecerei. Confesso ser indigno de viver, indigno da Vossa luz, indigno do Vosso auxílio, porque a minha ingratidão foi imensa; porém a Vossa misericórdia é muito maior ainda. Tende pois compaixão de mim, ó Deus, que tanto amais os homens! Oh! minha última esperança! Tende piedade de mim segundo a grandeza das Vossas misericórdias» (B. Luís de Blois).

«Um abismo chama outro abismo. É lá muito no fundo que se dará o encontro conVosco: o abismo do meu nada, da minha miséria, encontrar-se-á em presença do abismo da Vossa misericórdia, da imensidade do Vosso tudo; lá encontrarei a força de morrer a mim mesma e serei transformada em amor» (I.T. I, 1).

353. ANGÚSTIAS E TREVAS

Vinde, Senhor, em meu auxílio, a fim de me ajudardes a não ser tragado pela tempestade.

1 — Ao ver com clareza a sua miséria, a alma compreende a distância infinita que a separa de Deus; e agora que mais anela por se unir ao Senhor, vê-se mais longe do que nunca, absolutamente incapaz de transpor a enorme distância que a separa dEle. Também isso a faz sofrer, pois quem ama deseja ardentemente unir-se ao amado. Este sofrimento às vezes é tão intenso que parece à alma já não existir para si esperança alguma nem de santidade, nem de união com Deus, nem mesmo de salvação eterna.

Nestas angústias não há nada de exagerado e muito menos de falso. O Espírito Santo, sob cuja acção a alma se encontra, nada lhe pode inspirar que não seja perfeitamente conforme à verdade. É muito verdade que entre nós, pobres criaturas, e Deus, perfeição suma e infinita, há uma distância e uma diferença incomensuráveis; é também verdade que, por nossas próprias forças, somos radicalmente impotentes para nos elevarmos até Deus; e é ainda verdade que, se examinarmos as nossas acções, mesmo as melhores, não há nada em nós que possa merecer nem a união com Deus nem a vida eterna. Se há muitos que não estão convencidos disto e até se consideram capazes de alguma coisa em relação a Deus e à santidade, é porque ainda não foram iluminados sobre a profundidade do seu nada.

Se, porém, é verdade sermos absolutamente indignos de Deus, do Seu amor, da união com Ele, da Sua glória eterna, também é verdade que Deus, com o Seu amor misericordioso, quis cumular a distância infinita que nos

separa dEle, quis inclinar-Se para nós a ponto de nos revestir da Sua vida divina e de nos chamar à Sua intimidade. O que à nossa miséria é absolutamente impossível, é muito possível à onnipotência de Deus e à Sua misericórdia infinita; efectivamente Ele quer fazê-lo; mas quer também consciencializar-nos de que esta obra é unicamente Sua.

Apesar do receio de não poder alcançar Deus e a salvação eterna, a alma deve manter-se firme numa esperança inabalável. Se é justificado o receio de si mesma, e se está convencida de que nada pode esperar das suas obras, maior razão tem para tudo esperar de Deus, cujo amor e cuja bondade superam infinitamente a sua miséria e as suas expectativas. Comportando-se assim, as angústias da noite do espírito não farão mais que enraizar a alma não só numa humildade profunda, mas também numa esperança mais pura e mais perfeita, porque unicamente apoiada no amor misericordioso de Deus.

2 — «E assim neste estado — diz S. João da Cruz — padece a alma, quanto ao entendimento, grandes trevas... Sente-se seca e fria, algumas vezes fervorosa, não achando alívio em coisa alguma nem sequer um pensamento que a console, nem mesmo conseguindo levantar o coração a Deus» (CV. 1, 20).

Um outro motivo de pena espiritual é a seca aridez em que a alma se encontra, a incapacidade de pensar em Deus, de se servir da consideração das coisas divinas. Parece-lhe que entre Deus e ela se levantou uma espécie de muro altíssimo que impede os seus gemidos de chegarem até Ele. É a noite profunda em que não pode avançar senão apoiada na fé pura e nua. Com

efeito, deve avançar acreditando com todas as suas forças que Deus é infinitamente bom, que lhe quer bem e ouve o seu lamento, que Deus conhece o seu tormento e a prova só para a purificar. Não é raro que neste estado a alma seja submetida a fortes tentações contra a fé, por exemplo, tentações semelhantes às que afligiram S.ta Teresa do Menino Jesus no último período da sua vida.

«O Senhor — escrevia a Santa — permitiu que a minha alma fosse invadida pelas mais espessas trevas e que o pensamento do céu, tão doce para mim, não fosse senão motivo de combate e de tormento» (M.B. pg. 254). Contudo acrescenta: «Apesar de não ter o gosto da fé, procuro ao menos realizar-lhe as obras. Creio que fiz mais actos de fé desde há um ano do que durante toda a vida» (ib. pg. 257); aludindo às suas poesias sobre a felicidade do céu, confessava: «Quando canto a felicidade do céu, a posse eterna de Deus, não sinto com isso nenhuma alegria, pois canto apenas o que *quero acreditar*» (ib. pg. 258). Deve ser esta a conduta da alma em tal estado: *crer porque quer crer*, sem se apoiar sobre o que sente ou experimenta, mas apenas na palavra de Deus. Estes actos de fé pura, despojados de todo o conforto, independentes de qualquer sentimento, são actos de fé heróica que tanto mais honram a Deus quanto mais exclusivamente se apoiam na revelação divina e que, quanto mais privadas estiverem de todo o amparo humano, tanto mais unem com Ele a alma. As trevas da noite do espírito têm também o fim de habituar a alma a caminhar em fé pura, em fé heróica.

Colóquio — «Ó Jesus, Rei pacífico, cuja presença é desejada pelo céu e pela terra, como Vos afastastes de

mim? Como desapareceu toda a minha riqueza e a minha força? Ó privação bem mais penosa que os ferimentos mortais! Ó separação verdadeiramente amarga, pior que as angústias da morte!

«Porque Vos escondestes, dulcíssimo esposo meu, e me causastes, com a Vossa ausência, esta noite cheia de trevas palpáveis e de tristíssima desolação? Quem me ajudará neste abandono extremo, nesta solidão? Oh! como são grandes os sofrimentos do amor, como é grande a solicitude do coração que não sabe nem pode outra coisa senão amar e não pode possuir aquele que ama!

«Ó meu Rei clementíssimo, não tenho outro remédio senão suspirar por Vós; do íntimo do meu coração clamo por Vós e invoco a ternura do Vosso amor. Lembrai-Vos de mim, ó esperança minha, e considerai a amargura da repulsa e a duração do abandono que me consomem.

«Não me abandoneis, ó dulcíssimo Filho da Virgem, pois juntamente conVosco, do seio da Vossa Mãe puríssima, nasceu a misericórdia. Vede, Senhor, como desfaleceram todas as minhas forças e como, sem Vós, ando oprimido pelo horror e pela sombra da morte.

«Tende compaixão de mim, meu Amigo, porque, esgotadas todas as forças, somente me restam os lábios e a língua para clamar por Vós. Ó vida imortal e fonte de água viva, não me priveis da Vossa presença com tanto rigor, porque ela me é mais querida do que a vida. Não descansarei nunca, ó dulcíssimo Filho de Deus, nem cessarei de gemer e suplicar enquanto não voltardes para mim o Vosso rosto» (Ven. João de J. M., o.c.d.).

354. CONFIANÇA E ABANDONO

Nas Vossas mãos, Senhor, me abandono com plena confiança.

1 — «Há muitos que desejam passar adiante [no caminho espiritual] e com grande continuidade pedem a Deus que os traga e passe a este estado de perfeição, [o estado de união], e quando Deus os quer começar a levar pelos primeiros trabalhos e mortificações, como é necessário, não querem passar por elas e furtam o corpo, fugindo do caminho estreito da vida e buscando o largo do seu regalo» (J.C. CV. 2, 27). Este é o motivo pelo qual muitas almas não chegam à união com Deus: não querem seguir o caminho da cruz, o único que a ela conduz. Também tu desejas chegar à união divina, mas talvez pensasses poder alcançá-la indo por um caminho cómodo, luminoso, risonho, pelo caminho dos êxitos em que se avança de vitória em vitória, se gozam abundantes consolações espirituais e se encontram o aplauso, o apoio, a estima das criaturas. Mas agora compreendeste certamente que é preciso tomar um caminho bem diferente: um caminho estreito, escuro, em que a alma descobre toda a sua miséria, experimenta toda a sua impotência e carece do conforto de Deus e dos homens. Pois bem, tens de te sujeitar a este caminho durante o tempo que Deus entender. Quantos meses, quantos anos serão precisos? Só Deus o sabe. Muitas vezes detém longamente as almas na tenebrosa noite do espírito; pode dizer-se com razão que, em geral, mesmo depois de ultrapassadas as principais etapas, existe sempre um pouco de noite enquanto se viver na terra. A solução mais prudente que deves adoptar é a de te

entregares por completo às disposições divinas sem fixares limites nem à duração nem ao género de provas. Deus sabe o que mais te convém; Ele que conhece perfeitamente a fraqueza e as necessidades do teu espírito, saberá dosear o tratamento apropriado para curar os teus males. Não tenhas pressa, mas muita paciência e assim não te exporás a desilusões. Que a tua paciência seja longânime e confiante, porque se trata de sofrer, é verdade, porém estes sofrimentos não te vêm de um inimigo, mas sim do teu maior Amigo, Deus, que te ama muito acima daquilo que tu te podes amar a ti mesmo, que deseja o teu bem, a tua felicidade, que quer a tua santificação muito mais do que tu mesmo a podes querer. Confia n'Ele e não serás confundido; confia, de olhos fechados, e nada terás a temer.

2 — Os momentos mais apropriados para demonstrares a Deus que confias cegamente n'Ele, que queres abandonar-te a Ele sem reserva, são precisamente os da tenebrosa noite do espírito. Embora te pareça que tudo se desmorona sob os teus pés, embora a tempestade te arraste a ponto de te sentires tentado contra a fé e contra a esperança, não debes temer, porque nesta noite te encontrarás, de um modo particular, sob a acção do Espírito Santo. É Ele que, com a chama viva do Seu amor, põe a ferro e fogo a tua alma para a purificar, mas ao mesmo tempo Ele próprio a cobre com a Sua sombra, infundindo-lhe secretamente a força de resistir, doseando o sofrimento de maneira a não exceder a tua capacidade. Não temas, estás em boas mãos; estás protegido pela sombra do Altíssimo e nenhum mal te poderá acontecer desde que te submetas voluntária e dócilmente à Sua acção purificadora. Aceita e repete continuamente

o teu «fiat»; é isto o que o Senhor quer de ti neste estado e o que tu podes e deves fazer mesmo no meio das tempestades mais violentas. Esta adesão pura e simples da vontade prender-te-á a Deus e ancorar-te-á nEle impedindo-te de naufragar. Não importa que não saibas fazer ou dizer mais nada, não importa que sejas incapaz de longas orações; no jardim das Oliveiras, Jesus não fez mais do que repetir: «Pai... faça-se a tua vontade» (Mt. 26, 42). Que seja esta a tua oração, oração mais do coração que dos lábios, atitude profunda de pura adesão à vontade de Deus, na qual deves mergulhar com todas as forças do teu espírito. Esta adesão deverá tornar-se tão forte, tão plena, tão filial e confiante, que se transforme num contínuo acto de abandono: «Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito» (Lc. 23, 46). Também Jesus pronunciou esse acto no abatimento e na desolação, abatimento e desolação infinitamente maiores do que os que tu podes experimentar. Une-te a Jesus agonizante, apoia-te nEle e nEle encontrarás força para aceites e para resistires. Fixando o olhar em Jesus Crucificado, que reconciliou e uniu o género humano com o Seu divino Pai mediante a Sua Paixão e Morte, compreenderás cada vez melhor que a união com Deus «não consiste em recreações e gostos e sentimentos espirituais, mas em uma viva morte de cruz sensitiva e espiritual, isto é, interior e exterior» (J.C. S. II, 7, 11).

Colóquio — «Onde está, ó meu Deus, o sol da Vossa graça? Parece-me obscurecido: a Vossa bondade parece que se retirou totalmente da minha alma. Agora estou abandonada como um corpo que, privado de membros, nada pode fazer, ou como um tronco estéril porquanto,

sendo-me retirada a Vossa graça, não me posso valer. Ó meu Deus, estendei sobre mim a Vossa dextra e dai-me fortaleza.

«Ó eterno Pai, se o Vosso Verbo estiver comigo, quem me poderá contradizer? Quem me poderá mover, e muito menos abater ou vencer? As tempestades açoitarão a superfície, mas não o íntimo do coração. Se me quiserem fazer sofrer, que o façam; de boamente o aceito porque assim o quereis; mas nunca me poderão inquietar o ânimo, pois está sempre abandonado ao Vosso beneplácito divino. Acalmarei qualquer perturbação pensando que estes trabalhos provêm da Vossa vontade e submergir-me-ei na baixeza do meu ser. Se estas penas me precipitarem no inferno, elevar-me-ei até ao céu com o Vosso auxílio e em Vosso nome vencerei todos os combates.

«Não obstante, conheço a minha fragilidade, e durante esta prova, breve ou longa, consoante Vos aprouver, numerosas batalhas se poderão travar; mas eu bem sei o que hei-de fazer: confiarei em Vós e jamais serei abalada» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Mestre santo, fazei que, a Vosso exemplo, o beneplácito divino seja o meu alimento, o meu pão quotidiano; fazei que, à Vossa imagem, ó Cristo adorado, eu me deixe imolar por todas as vontades do Pai. Se por vezes as Suas vontades forem mais cruciantes, poderei sem dúvida repetir: 'Pai, se é possível, passe de mim este cálice', mas acrescentarei logo: 'não como eu quero, mas como Vós quereis', e, calma e forte, também eu subirei o meu calvário juntamente conVosco divino Crucificado! Subirei cantando interiormente ao Pai um hino de acção de graças, pois aqueles que vão por esta via dolorosa são 'os que Ele conheceu e predestinou para

serem conformes à imagem de Seu Filho', crucificado por amor» (I.T. 1, 3 e 8).

355. O DESENVOLVIMENTO DO AMOR

Meu Deus, Vós que desde toda a eternidade me prevenistes com o Vosso amor infinito, aumentai o meu amor por Vós.

1 — «Quem impedirá a Deus de fazer o que quiser na alma resignada, aniquilada e desprendida?» (S. II, 4, 2). Esta sentença de S. João da Cruz faz-te compreender que Deus deseja imensamente trabalhar na tua alma para te conduzir à santidade e à união com Ele, contanto que te ponhas nas Suas mãos despojado de todo o apego, aniquilado no teu amor próprio, totalmente dócil à Sua acção, inteiramente maleável e disponível. O Senhor, pelas provas purificadoras, vem em teu auxílio para te esvaziar de ti próprio e te desprender das criaturas, para te abismar na verdadeira humildade, mas ao mesmo tempo para te ajudar a crescer no amor, a grande força que te deve unir a Ele. Todo o trabalho realizado por Deus na tua alma, tem como finalidade fazer-te progredir nesta virtude; provas exteriores e interiores, humilhações, impotências, aridez, lutas e tempestades têm, no plano divino, o fim de apagar em ti os fogos fátuos do amor próprio, do orgulho, dos afectos terrenos e de qualquer outra paixão desordenada para que em ti se acenda um só fogo cada vez mais intenso e vigoroso, o fogo da caridade.

Quanto mais o Senhor te purificar, tanto mais o teu coração se libertará de todas as impurezas e se tornará capaz de concentrar nEle todos os seus afectos.

Caminha portanto nesta direcção, aceitando a purificação em vista de um amor mais pleno e orientando toda a tua vida espiritual para o exercício do amor. O que sofres, sofre-o por amor, quer dizer, sofre-o de bom grado, sem recalçitrar, sem te lamentares e então, à medida que a tua alma for humilhada, despojada, mortificada, irá sendo revestida de caridade. As provas que Deus te manda não têm somente o fim de tornar o teu coração mais puro, mas também de o dilatarem na caridade. Essas provas servem para aumentar a tua capacidade de amor, não certamente de amor sensível, mas de um forte amor de vontade, um amor de pura benevolência que tende para Deus independentemente de toda a consolação pessoal, procurando apenas a Sua glória e o Seu beneplácito.

2 — «Deus ensina e instrui secretamente a alma com perfeição de amor» (J.C. N. II, 5, 1), por intermédio das provas purificadoras. Primeiro ensina-a a amar para além de todo o gosto e alegria, privando-a até da alegria tão legítima e espontânea que deriva da consciência do próprio amor. A alma não totalmente purificada poderia apegar-se a esta alegria e por isso Deus retira-lha totalmente, as densas trevas impedem-na de ter consciência de que ama, a seca aridez extingue nela todo o gozo e doçura, é obrigada a prosseguir por um puro acto da vontade. Em lugar de se comprazer no seu amor, que já não sente, a alma fica profundamente aflita com a dúvida tormentosa de já não saber amar e para combater essa dúvida não tem outro meio senão aplicar-se com todas as suas forças ao exercício das obras do amor, isto é, a abraçar com generosidade qualquer coisa, qualquer sacrifício que agrade a Deus. Assim,

o seu amor desenvolve-se e torna-se mais puro e forte: mais puro, porque com ele não se mistura nenhuma satisfação pessoal; mais forte, porque a impele para obras mais generosas. Neste estado, a alma adere a Deus só pelo acto da vontade, no qual consiste a substância do amor: *quer bem* a Deus, unicamente porque Ele é o sumo Bem, infinitamente amável; só a Ele quer e só a Ele serve, cumprindo todos os Seus divinos queeres sem nenhum retorno sobre si mesma, sem nenhuma busca de alegrias ou gostos espirituais; já não se preocupa com gozar do seu amor, já não se preocupa com receber, mas o seu único cuidado é dar, é dar-se, é agradar a Deus. Isto prova-te como a aridez e as trevas, em vez de sufocarem o amor, o fazem crescer de um modo maravilhoso, contanto que a alma esteja disposta a caminhar procurando só o gosto de Deus e esquecendo-se completamente de si mesma.

«Aprende a amar a Deus como Ele quer ser amado e deixa todos os teus modos pessoais» (AM. I, 57), aconselha-te S. João da Cruz, isto é, aprende a amar a Deus por um puro e forte acto da vontade, não te preocupando com tudo o que é sentimento, consolação, alegria do coração. Talvez a tua maneira de amar esteja ainda demasiado dependente do sentimento; então agradece ao Senhor se te fizer caminhar nas trevas e na aridez: deste modo Ele ajudará a libertares-te dessas fraquezas.

Colóquio — «Oh! Senhor da minha alma e meu único Bem! Porque não quereis que, em se determinando uma alma a amar-Vos, fazendo o que pode para deixar tudo e melhor se empregar neste Vosso amor, logo goze de ver-se na posse deste amor perfeito? Disse

mal. Havia de dizer, queixando-me: porque não queremos nós? Sim, toda a culpa é nossa de não gozar logo de tão grande dignidade!...

«Em chegando a ter com perfeição o Vosso amor, teremos ao mesmo tempo todos os bens. Mas, meu Deus, somos tão avaros e tardios em dar-nos de todo a Vós, que não acabamos de nos dispor e Vós não quereis que gozemos de coisa tão preciosa sem grande custo.

«Bem vejo que, neste mundo, não há nada com que se possa comprar tão grande bem. Mas se fazemos o que podemos para não nos apegarmos às coisas da terra e nos dispomos colocando todo o nosso cuidado e conversação nas coisas do céu, creio que sem dúvida muito depressa nos dareis este bem. Julgamos que damos tudo, mas apenas Vos oferecemos a renda e os frutos, ficando nós com a raiz e a propriedade... Bela maneira de procurar o Vosso amor! E logo o queremos, por assim dizer, a mãos cheias!

«Ó Senhor se não nos dais este tesouro todo duma vez, é porque também nós não nos damos de todo a Vós. Praza a Vós, Senhor, dar-no-lo gota a gota, ainda que nos custe todos os trabalhos do mundo.

«Sim, meu Deus, o amor não está nas lágrimas, nem nos gostos e ternuras que tantas vezes desejamos e com os quais tanto nos consolamos, mas, pelo contrário, em servir-Vos com justiça, fortaleza de ânimo e humildade. Isso mais me parece a mim receber do que dar.

«Não permitais, Senhor, que coisa de tanto preço como o Vosso amor seja dado a pessoas que Vos servem só pelo desejo de consolações espirituais» (T.J. Vi. 11, 1-13).

356. AMOR ESTIMATIVO

Deus meu, Bem sumo e infinito, fazei que nada estime mais do que Vós e nada prefira a Vós.

1 — «Sabes o que é amar-me verdadeiramente? — dizia o Senhor a S.ta Teresa de Jesus. É entender que é mentira tudo o que não me agrada» (Vi. 40, 1). Embora sem ruído de palavras, o Espírito Santo ensina esta lição a toda a alma que se deixa formar e purificar por Ele; quanto mais a ilumina acerca da verdade da sua miséria e da miséria de todas as criaturas, tanto mais a alma fica desiludida e deixa de pôr nelas a sua esperança, chegando verdadeiramente a estimar Deus acima de tudo, preferindo-O a todas as coisas. A atitude desta alma torna-se assim muito semelhante à de S. Paulo que exclamava: «Em verdade tudo isso tenho por perda perante... Jesus Cristo, meu Senhor, pelo qual renunciei a todas as coisas e as considero esterco, para ganhar a Cristo» (Fil. 3, 8).

O amor estimativo que o Espírito Santo infunde na alma através das trevas purificadoras, é tão forte que ela está disposta a fazer qualquer sacrifício, a enfrentar qualquer obstáculo, a suportar qualquer humilhação e sofrimento para conquistar o seu Deus. «Porque o amor de estima que tem a Deus é tão grande, embora às escuras e sem o sentir, que não só folgaria com isso, mas até de morrer muitas vezes para O satisfazer» (N. II, 13, 5). Notemos que a alma não sente nem goza o seu amor; não é um amor acompanhado de doçura e suavidade, todavia é um amor tão real que a leva efectivamente a realizar mesmo as coisas mais difíceis «para se poder encontrar com aquele que a sua alma ama» (ib.). Notemos também que não se trata de

veleidades ou desejos inoperantes que imediatamente caiem por terra em face de sacrifícios concretos, mas de uma decisão tão forte da vontade que nada é capaz de a demover. Quando esta alma compreendeu que, para se unir a Deus, é necessário decidir-se a dar um determinado passo, a nada atende já, nem às repugnâncias da natureza, nem às vozes do amor próprio ou do egoísmo, nem ao que os outros possam dizer ou pensar dela, mas atira-se de cabeça com grande audácia.

2 — Outro efeito do grande amor estimativo por Deus é que «o que ela mais padece e sente, nos trabalhos desta noite, é a ânsia de pensar se perdeu a Deus e se Ele a deixou» (J.C. N. II, 13, 5). Como não se preocupa com nenhum ganho que não seja o ganho de Deus, assim a alma não se preocupa com nenhuma perda que não seja a perda d'Ele. Tudo lhe podem tirar: a saúde, a riqueza, as honras, a estima, a confiança, o afecto das criaturas mais queridas e até essas mesmas criaturas, mas nunca suportaria que lhe tirassem Deus ou que a impedissem de O amar. Assim pensavam e agiam os santos. Assim pensava S.ta Teresa Margarida do Coração de Jesus que, no seu imenso desejo de amar a Deus, se declarava disposta a sofrer as próprias penas do inferno para obter esta graça; e a quem lhe perguntava como poderia resistir a tão indizíveis tormentos, respondia sem hesitar: «Creio que o amor os tornaria suportáveis e até mesmo doces porque o amor faz vencer tudo» (*Sp.* pg. 247). Assim pensava S.ta Teresa de Jesus que deixou às suas filhas este bellissimo aviso: «Seja o vosso desejo, ver a Deus; o vosso temor, perdê-lo; a vossa dor, não O gozar; o vosso gozo, tudo o que vos pode conduzir a Ele» (*Av.* 69). Esta é a característica

do verdadeiro amor: criar na alma uma única preocupação, um único temor, um único desejo, uma única alegria cujo centro é só Deus.

Se queres ver até onde chega o teu amor estimativo por Deus, examina a tua conduta, e procura descobrir a verdadeira causa das tuas preocupações, dos teus temores, dos teus desejos, das tuas alegrias; se esta causa não é Deus, mas, pelo contrário, o são as criaturas, os teus interesses, a tua satisfação, tens de concordar humildemente que não chegaste ainda a estimar Deus acima de todas as coisas porque pões «na mesma balança a Deus e aquilo que de Deus está sumamente distante» (J.C. S. I, 5, 4). Perscrutando mais a fundo o teu coração, verás que não raramente colocas num mesmo plano a tua vontade e a de Deus, os teus gostos e o Seu beneplácito, os teus interesses e a Sua glória, a tua comodidade e o Seu serviço; e não somente isto, pois em teoria protestas estimar a Deus sobre todas as coisas e muito frequentemente, na prática, dás a preferência não aos Seus quereres, aos Seus gostos, aos Seus interesses, mas aos teus, e por isso caís em tantas imperfeições.

Persuade-te de que «onde há verdadeiro amor de Deus, não entra o amor de ti mesmo nem das tuas coisas» (J.C. N. 21, 10).

Colóquio — «Confesso-Vos, ó amabilíssimo Filho de Deus, a minha culpa. Não sei com que juízo deixei arrastar o meu coração, criado para Vós, pelo affecto das criaturas e o manchei com a conversação profana da terra. Não foi a realidade, mas a aparência do amor artificialmente pintado que me afastou de Vós e da lei dulcíssima do Vosso verdadeiro e único amor. Agora

que com a Vossa luz dissipastes as minhas trevas, recuso toda a beleza do mundo e escolho-Vos a Vós, Filho de Deus e da Virgem Santíssima para Vos amar e firmar conVosco um pacto de eterno amor.

«Sem Vós, Bondade e Beleza infinita, nenhuma criatura pode possuir verdadeiros bens, nem fora de Vós pode a minha alma achar satisfação alguma, porque Vós lhe destes tal capacidade e fome de infinito que forçosamente não pode querer nem procurar outro bem fora de Vós. Quando olho para a terra, ó Filho do Altíssimo, todas as coisas me parecem pequenas e imperfeitas comparadas conVosco. Se me fossem dadas todas as dignidades do mundo, todas as belezas criadas, todas as comodidades da vida; se pusessem à minha disposição tudo o que de grande, nobre, rico e admirável há no universo, e pudesse gozar conjuntamente de todos estes bens por toda a eternidade, a minha escolha permaneceria inalterável e com affecto ardentíssimo cantaria: busco e buscarei sempre a Vossa face, ó Senhor.

«Fechai, Senhor, o meu coração para que nele não penetrem affectos humanos, e fazei que eu não veja, nem sinta, nem saboreie coisa alguma criada, nem criatura alguma se prenda a mim em detrimento do Vosso puro amor. Vós, Bem infinito, bastais para satisfazer todos os meus desejos e para saciar a fome que me tortura; nenhum bem, nem mesmo todos os bens juntos me bastam; antes pelo contrário, depois de os ter saboreado todos, ficarei morto de fome e desfalecerei em extremo abandono, privado de Vós» (Ven. João de J.M., o.c.d.).

357. O GRÃO DE MOSTARDA

XXIV DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES — VI DEPOIS
DA EPIFANIA

Ó Senhor, que o Vosso reino venha a toda a terra e ao meu coração.

1 — Entre os textos da Missa de hoje sobressai a parábola do grão de mostarda, tão breve mas tão rica de significado: «O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo; é a mais pequena das sementes, mas depois de ter crescido, a maior de todas as hortaliças e faz-se árvore de sorte que as aves do céu vêm repousar sob os seus ramos» (Mt. 13, 31-32). Nada de mais pequeno e de mais humilde que o «reino dos céus», isto é, a Igreja nas suas origens; Jesus, sua Cabeça e seu Fundador, nasce numa gruta de animais, vive durante trinta anos na oficina de um carpinteiro; e, apenas por três anos, desenvolve a Sua actividade no meio de gente humilde, pregando uma doutrina tão simples que todos, mesmo os ignorantes, podem entender. Quando Jesus deixou a terra, a Igreja era constituída por um exíguo grupo de doze homens, reunidos à volta de uma humilde mulher, Maria; mas este primeiro núcleo tem uma força tão vital e poderosa, que em poucos anos se difunde por todos os povos do vasto império romano. Progressivamente, através dos séculos, a Igreja, de minúsculo grão de mostarda semeado no coração de uma Virgem-Mãe e de uns pobres pescadores, transforma-se em árvore gigantesca que estende os seus ramos por todas as regiões do globo e a cuja sombra se acolhem gentes de todas as línguas e de todas as nações.

A Igreja não é só uma sociedade de homens, mas

de homens que têm Jesus, o Filho de Deus, por Cabeça; a Igreja é o Cristo total, quer dizer, Jesus e os fiéis incorporados nEle e formando com Ele um só corpo; a Igreja é o Corpo místico de Cristo de que cada baptizado é um membro. Amar a Igreja é amar Jesus; trabalhar pela difusão da Igreja é trabalhar pelo incremento do Corpo místico de Cristo, a fim de que seja completo o número dos seus membros e que cada membro coopere para o seu esplendor. A breve invocação: «*adveniat regnum tuum*» tudo isto resume e solicita do Pai celeste.

Será pouco o que podemos fazer pela difusão da Igreja? Façamo-lo ao menos com todo o coração, cooperemos também nós com o nosso pobre trabalho, verdadeiro grão de mostarda, para o desenvolvimento desta maravilhosa árvore na qual todos os homens devem encontrar salvação e repouso.

2 — A parábola do grão de mostarda leva-nos a pensar não só na expansão do reino de Deus no mundo, mas também no seu desenvolvimento no nosso coração. Porventura não disse Jesus: «O reino de Deus está dentro de vós»? (*Lc. 17, 21*). Também em nós este reino maravilhoso teve o seu início numa pequeníssima semente, a semente da graça: graça santificante que de um modo oculto e misterioso Deus semeou em nós no santo Baptismo; graça actual das boas inspirações e da palavra divina — «*semen est verbum Dei*» (*Lc. 8, 11*) — que Jesus, Semeador celeste, espalhou às mãos cheias nas nossas almas. Pouco a pouco esta pequena semente germinou, lançou raízes cada vez mais profundas, e cresceu penetrando progressivamente em todo o nosso espírito, até que, tendo-nos conquistado inteiramente para Deus, sentimos a necessidade de exclamar: Senhor,

tudo quanto tenho e sou, é Vosso; dou-me todo a Vós; quero ser *Vosso reino*. Ser totalmente reino de Deus, de modo que Ele seja o único Soberano e Dominador do nosso coração e nada exista em nós que não Lhe pertença ou não esteja sujeito ao Seu império, é o ideal da alma que ama a Deus com um amor total. Mas como conseguir o pleno desenvolvimento deste reino de Deus em nós? A segunda parábola que lemos no Evangelho de hoje dá-nos a resposta: «O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que o todo fica fermentado». Eis uma outra imagem belíssima do trabalho que a graça realiza na nossa alma: a graça foi posta em nós como um fermento que crescerá pouco a pouco até impregnar toda a nossa personalidade divinizando-a inteiramente. A graça, fermento divino, foi-nos dada para sarar, elevar, santificar o nosso ser com todas as suas potências e faculdades; só quando tiver completado este trabalho, seremos totalmente *reino de Deus*.

Reflitamos uma vez mais sobre o grande problema da nossa correspondência à graça. Esta semente divina, este fermento sobrenatural está em nós; quem o poderá impedir de se tornar uma árvore gigantesca, capaz de abrigar outras almas? Quem o poderá impedir de levedar toda a massa, se removermos todos os obstáculos que se opõem ao seu desenvolvimento e secundarmos os seus impulsos e exigências?

«*Adveniat regnum tuum!*» Sim, peçamos a vinda total do reino de Deus também aos nossos corações.

Colóquio — «Senhor meu Deus que me criastes à Vossa imagem e semelhança, concedei-me esta graça, que declarastes ser tão grande e necessária à salvação;

com ela vencerei a minha péssima natureza, que me arrasta para o pecado e para a perdição. É que sinto na minha carne a lei do pecado, que luta contra a lei do espírito, e que me arrasta, como escravo, a obedecer à sensualidade, em muitas coisas; e não posso resistir às paixões, se não me assistir a Vossa graça santíssima, infundindo os seus ardores no meu coração.

«Ah! Senhor, sem a graça nada me é possível; mas tudo posso em Vós, se me amparar a Vossa graça.

«Ó graça verdadeiramente celestial, sem a qual os merecimentos próprios e os dons da natureza não valem nada! Ó graça beatíssima, que enriqueces de virtudes o pobre de espírito, e que fazes nascer a humildade no coração do rico! Vem, desce até mim, enche-me desde a aurora com as tuas consolações, para que a minha alma, esgotada de cansaço e aridez, não desfaleça.

«Senhor, julgai-me digno da Vossa graça: basta-me ela, embora me falte tudo o mais que a natureza deseja. Se for tentado e vexado com repetidas tribulações, não temerei nenhum mal, enquanto a Vossa graça me assistir. Ela é a minha força, o meu conselho e o meu auxílio. É mais poderosa do que todos os inimigos, e mais sábia do que todos os sábios.

«Senhor, previna-me e acompanhe-me sempre a Vossa graça, para que eu me aplique sem cessar à prática do bem por Jesus Cristo Vosso Filho. Assim seja» (*Imit.* III, 55).

358. AMOR INTRÉPIDO E IMPACIENTE

Meu Deus, que o Vosso amor me torne intrépido para Vos procurar e impaciente por Vos possuir.

1 — A alma submetida pelo Espírito Santo à purificação interior, ainda que profundamente consciente da sua indignidade e miséria, tem contudo «força ousada e atrevida para se ir juntar com Deus» (J.C. N. II, 13, 9). Donde lhe vem tanta audácia? Do amor que vai sempre aumentando nela; com efeito, como «a propriedade do amor é querer-se unir, juntar, igualar e assemelhar à coisa amada» (ib.), quanto mais cresce o amor na alma, tanto mais ela aspira à união com Deus. Verdade é que o amor ainda não é perfeito, porque ainda a não conduziu à união, contudo é sincero e mediante as «forças que o amor já pôs na vontade [a alma] tem fome e sede do que lhe falta, que é a união» (ib.). Como poderia deixar de aspirar à união com Deus a alma que descobriu algo da Sua beleza infinita e do Seu imenso amor? A mesma luz divina que lhe descobre o abismo do seu nada e do nada das criaturas, ilumina-a, ao mesmo tempo, sobre a superioridade infinita de Deus, de maneira que a prende e cativa, enquanto Deus, à medida que a purifica, a atrai para Si infundindo-lhe novo amor.

Humilde pelo conhecimento real da sua indignidade, mas audaz pelo amor que cresce nela e pelo convite que o próprio Deus lhe dirige atraindo-a secretamente a Si, a alma ousa aspirar a este bem supremo que é a união divina. É humilde no seu audaz desejo, porque sabe não merecer tamanho dom; mas é ousada porque compreende que Deus lho quer dar, porque é tanta a

sua fome e sede de Deus que não pode viver longe dEle. «O que não ousará a alma confiante — exclama S. Bernardo — em face dAquele de quem sabe trazer em si a nobre imagem e a luminosa semelhança?» O amor de Deus preveniu-a querendo assemelhá-la a Si pela criação e pela graça; esta divina semelhança, natural e sobrenatural, manifesta claramente o desejo que Ele tem de a unir a Si, e constitui, ao mesmo tempo, a base de tal união. Deus, que lançou este fundamento, quer certamente conduzir a bom termo a Sua obra, e para o fazer espera apenas que a alma secunde a Sua acção, deixando-se purificar, despojar de si mesma e revestir completamente de vida divina.

2 — A alma esfomeada de Deus busca-O sem cessar, «porque, como está em trevas, sente-se sem Ele, estando a morrer de amor por Ele» (J.C. N. II, 13, 8). O amor torna-a impaciente por encontrar o Senhor e, com efeito, busca-O com grande solicitude, à semelhança de Madalena que, depois da morte de Jesus, não descansa, levanta-se de madrugada, corre ao sepulcro e, não encontrando aí o sagrado Corpo, põe-se a procurá-lo, interrogando a todos que encontra. «Levantar-me-ei, diz a esposa do Cântico dos Cânticos — e rodearei a cidade; buscarei pelas ruas e praças públicas aquele a quem ama a minha alma» (3, 2). É a atitude da alma que não se resigna, que não se dá por vencida, mas que a todo o custo quer encontrar Deus a quem ama mais do que a si mesma.

Neste estado, diz S. João da Cruz, «a alma anda tão solícita, que busca o Amado em todas as coisas; em tudo quanto pensa, logo pensa no Amado; em tudo quanto diz, em todos os negócios que se oferecem, logo é falar

e tratar do Amado; quando come, quando dorme, quando vela, quando faz seja o que for, todo o seu cuidado é no Amado» (N. II, 19, 2).

Oh! se também tu fosses tão solícito em buscar o teu Deus! O Seu amor preveniu-te desde toda a eternidade; criado à Sua imagem e semelhança, também tu foste revestido de vida divina, e Deus convidou-te à união com Ele. Porque andas então pelo mundo à busca, não de Deus, mas de ti mesmo, solícito não do Seu amor, mas do amor das criaturas? Não há porventura em ti maior ânsia e solicitude pelas míseras coisas da terra do que pelas coisas celestiais e por Deus?

Oh! que necessidade ainda tens de desapego, de renúncia, de purificação! Não resistas mais aos convites divinos; abre de par em par o teu coração à acção purificadora do Espírito Santo, porque só Ele, finalmente, te pode libertar de todos os cuidados e solitudes terrenas. Se fores atento e fiel em seguir as inspirações do celeste Paráclito, Ele te enviará outras mais subtis e delicadas, que te levarão cada vez mais a pôr de lado todas as vaidades da terra para procurar e amar só a Deus.

Colóquio — «Ó Senhor, vida e fortaleza minha, uma das maiores misericórdias divinas que me tendes feito é a de Vos dignardes convidar uma criatura Vossa tão ingrata e cheia de pecados como eu, a amar Vossa Majestade em cuja presença cobrem o rosto os Serafins do céu, vencidos pelo esplendor da divindade e pelo incêndio do Vosso amor. Sinto-me honrado por tanta liberalidade e, ao mesmo tempo, estimulado a amar-Vos para corresponder ao Vosso amor e ao desejo que tendes

de me unir ao Vosso coração, doce ninho para onde quero voar para encontrar repouso.

«Atendam os outros aos cuidados e pretensões terrenas, eu atenderei somente a Vós e serei importuno para impetrar o Vosso amor. Não sei nem posso pedir outra coisa senão Vós. Amo-Vos e procuro-Vos; amarei e buscarei sempre a Vossa face, a fim de que ela me atraia e prenda com a Sua divina beleza.

«Ó Senhor amabilíssimo, não me afasteis de Vós. Sempre fostes liberalíssimo e fizestes altíssimas misericórdias até àqueles que Vo-las não pediam; não sejais rigoroso comigo, que imploro de coração a bondade e a doçura do Vosso amor.

«Prouvera ao Vosso terníssimo coração, ó Filho do Altíssimo, aceitar-me ao Vosso serviço e ter-me entre os jornaleiros da Vossa casa, que sofrem, trabalham, suportam o peso do dia e não querem outra retribuição senão Vós!

«Mas o meu desejo vai mais além, pois suspiro por me unir a Vós por um vínculo indissolúvel. Ó Beleza cheia de majestade, que arrebatáis os corações com força infinita e os configurais conVosco, realizai em mim, eu Vo-lo suplico, esta configuração, para que eu não viva mais em mim, mas em Vós e que a lei dulcíssima da Vossa graça e a força do Vosso amor dirijam todos os meus pensamentos, as minhas palavras e todas as minhas obras» (Ven. João de J.M., o.c.d.).

359. AMOR HUMILDE E REVERENTE

Ó Deus, que sois tão grande, dignai-Vos elevar até Vós a minha alma, tão pequena e miserável.

1 — O amor que impele audaciosamente a alma para a conquista da união divina é, ao mesmo tempo, sumamente reverente e respeitoso, já que a alma entende muito melhor do que antes quão sublime e excelsa é a Majestade de Deus. Se por um lado o amor a torna impaciente por se unir a Ele, por outro lado, a contínua e clara consciência da sua miséria torna-a mais solícita do que nunca em vigiar atentamente para que na sua conduta não haja nada que possa desagradar a tão excelsa Majestade.

«A alma vê em si desde logo — diz o Doutor Místico — uma verdadeira determinação e eficácia de não fazer coisa que entenda ser ofensa de Deus, nem deixar de fazer coisa que lhe pareça ser do Seu serviço. Porque aquele amor escuro pega-se-lhe com mui vigilante cuidado e solicitude interior do que fará ou deixará de fazer por Ele e para O contentar, olhando e dando mil voltas se foi causa de O enfadar» (N. II, 16, 14). Trata-se evidentemente de algo muito superior à simples fuga do pecado, trata-se da firme resolução de evitar qualquer imperfeição, omissão ou negligência voluntárias, e como a alma sabe por experiência que, não obstante a sua boa vontade, muitas de tais faltas ainda lhe poderão escapar, ou por falta de atenção, ou por fragilidade, quer intensificar a sua vigilância para as evitar o mais possível.

É uma solicitude que deriva do amor e não do escrúpulo, verdadeira solicitude amorosa, semelhante à que

levava S.^{ta} Teresa Margarida do Coração de Jesus a repetir continuamente: «Que faço agora nesta acção? Amo o meu Deus?» (*Sp.* pg. 323), ou à que exprimia a B. Ângela de Foligno com esta inflamada expressão: «Reparai, Senhor, se há em mim coisa que não seja amor».

Se queres um sinal certo do teu amor a Deus, vê se estás firme no teu propósito de fugir da menor coisa que Lhe desagrade; esse propósito deve estar de tal maneira arraigado na tua vontade, que não só o tenhas continuamente presente — como tens as coisas que te interessam deveras — mas que seja também poderoso para te impedir de cair em qualquer imperfeição logo que a advirtas. Isto é absolutamente indispensável porque, como ensina S. João da Cruz, «para chegar a alma a unir-se perfeitamente a Deus por amor e vontade... [é preciso] que advertida e conscientemente não consinta com vontade em imperfeição e venha a ter poder e liberdade para o fazer quando advertida» (S. I, 11, 3).

2 — O conhecimento da própria baixaza mantém a alma humilde no seu amor, afugentando dela toda a presunção. Muito longe de contar com os seus méritos e com as suas boas obras, vê claramente que, por mais que faça, tudo é nada em comparação com a excelsa Majestade de Deus, «por isso, em tudo quanto faz, tem-se por inútil e parece-lhe viver em vão» (J.C. N. II, 19, 3). As palavras do Evangelho: «Somos servos inúteis» (Lc. 17, 10), são para ela uma realidade viva e exprimem muito bem o seu estado de alma habitual. É demasiada a luz que o Espírito Santo lhe infunde para cair em alguma ilusão acerca do seu valor ou para se envaidecer

das suas obras. Antes «se tem averiguadamente por pior que todas as outras almas: porque, de um lado, o amor vai-lhe ensinando o que Deus merece; e do outro, porque como as obras que aqui faz por Deus são muitas e todas reconhece por falhas e imperfeitas, de todas tira confusão e pena, vendo tão baixa forma de agir por tão alto Senhor» (J.C. N. II, 19, 3). É belo considerar como esta profunda humildade não é só fruto da luz, mas também do amor: o amor fá-la estimar Deus de tal maneira que, embora deseje com ardor possuí-lo, está profundamente persuadida de que é totalmente incapaz de O alcançar. Por outro lado, ainda que humilde e reverente, o amor mantém a sua audácia característica, e a alma não cessa de aspirar à união divina. Neste sentido, S.ta Teresa do Menino Jesus escrevia: «Apesar da minha extrema pequenez ousou fixar o Sol divino, o Sol do Amor» (M.B. pg. 238); a Santa, que se compara com toda a singeleza a um passarinho que só tem penugem, incapaz de levantar voo, compreende bem que sozinho nunca poderá elevar-se tão alto, e contudo não perde a esperança. Se não pode contar com as suas forças, sabe que pode contar com o amor de Jesus, Verbo divino, que incarnou precisamente para vir à procura de nós, pobres pecadores, que «quis sofrer e morrer a fim de atrair as almas até ao seio da eterna morada da Trindade bem-aventurada» (ib. pg. 240). A Santa está certa de que um dia Jesus Se comoverá com a sua fraqueza e descerá sobre ela para a fazer uma «presa» do Seu amor: «Um dia, assim o espero, vireis procurar a Vossa avezita, e subindo com ela à mansão do Amor, mergulhá-la-eis para a eternidade no incandescente abismo deste Amor» (ib. pg. 241). Sim, Jesus está pronto para vir também ao encontro da tua alma

para a elevar à desejada união, mas quer que tu O saibas aguardar com fidelidade, numa generosa e plena dedicação ao Seu serviço.

Colóquio — «Ó Verbo divino, Vós sois a Águia adorada que amo e que me atrai!... Sois Vós que, descendo até à terra de exílio, quisestes sofrer e morrer a fim de atrairdes as almas até ao seio da eterna morada da Trindade bem-aventurada; sois Vós que, voltando para a inacessível luz que será para sempre Vossa Mansão, sois Vós que continuais ainda no vale de lágrimas, escondido sob a aparência duma Hóstia branca... Ó Águia eterna, quereis alimentar-me com a Vossa substância, a mim, pobre e pequeno ser, que voltaria ao nada se o Vosso divino olhar me não comunicasse a vida a cada instante...

«Ó Jesus, deixai-me, no 'excesso do meu reconhecimento, deixai-me dizer-Vos que o Vosso amor vai até à loucura. Como quereis que, perante esta loucura, o coração não se me atire para Vós? Como poderia a minha confiança ter limites?

«Ah! por Vós, bem o sei, também os Santos cometeram loucuras, realizaram grandes coisas porque eram águias... Jesus, sou demasiado pequena para realizar grandes coisas, e a minha loucura é esperar que o Vosso amor me aceite como vítima...

«Ó meu Bem-Amado, por tanto tempo quanto quiserdes, a Vossa avezinha continuará sem forças e sem asas, permanecerá sempre com os olhos fixos em Vós; quer ser fascinada pelo Vosso olhar divino, quer tornar-se a presa do Vosso Amor. Um dia, assim o espero, ó Águia adorada, vireis procurar a Vossa avezita e, subindo com ela à Mansão do Amor, mergulhá-la-eis para a eterni-

dade no encandesciente abismo deste Amor a quem se ofereceu como vítima» (T.M.J. M.B. pg. 240 e 241).

360. AMOR ACTIVO E FORTE

Fazei, Senhor, que o meu amor por Vós não se contente com palavras, mas se demonstre em obras generosas.

1 — «O amor nunca está ocioso» (T.J. M. V, 4, 10); quando o verdadeiro amor de Deus penetra numa alma, a pouco e pouco gera nela um dinamismo interior tão forte e premente que a impele a procurar sempre novos meios para agradar ao Amado e a torna hábil na descoberta de novas maneiras de Lhe provar a sua fidelidade. O amor, efectivamente, não se nutre de sentimentos suaves ou de fantasias, mas de obras. O amor, diz S.ta Teresa de Jesus «pode comparar-se a um grande fogo que, para não se apagar, necessita de ter sempre que queimar. Assim são estas almas [nas quais o próprio Deus vai acendendo a chama da caridade], que com o maior sacrificio quereriam trazer lenha para que não se apagasse este fogo» (Vi. 30 ,20). O que ama verdadeiramente não se põe a examinar se uma coisa é fácil ou difícil, agradável ou desagradável, mas de tudo lança mão para alimentar o seu amor; assim, escolhe de preferência as obras mais custosas, porque compreende que o amor nunca é tão verdadeiro como quando impele alguém a sacrificar-se por Aquele a quem ama. Assim acontece que «a alma passa, por causa do Amado, um contínuo sofrer sem se fatigar. Porque, como diz S.to Agostinho, todas as coisas grandes, árduas e pesadas são quase nada para o amor. O espírito tem neste estado tanta força que tem a carne tão sujeita e tão em

pouco, como a árvore uma das suas folhas. A alma não busca aqui de maneira alguma a sua consolação nem gosto, nem em Deus, nem noutra coisa» (J.C. N. II, 19, 4).

Isto explica a atitude dos Santos que, não só abraçavam de boa vontade todos os sofrimentos postos por Deus no seu caminho, mas iam eles próprios à sua procura com zeloso cuidado, como o avarento vai à busca do ouro. Ao Senhor que lhe perguntava o que queria como recompensa dos grandes serviços que Lhe tinha prestado, João da Cruz, ardendo em amor, respondia: «Padecer e ser desprezado por Vosso amor». E S.ta Teresa de Jesus, vendo prolongar-se o seu exílio terreno, achava no sofrimento abraçado por Deus o único meio de acalmar o seu coração sedento de amor eterno e supplicava: «Senhor, ou morrer ou padecer; não Vos peço outra coisa para mim» (Vi. 40, 20).

No céu não teremos necessidade de sofrer para testemunhar a Deus o nosso amor porque então amaremos na claridade indefectível da visão beatífica. Mas na terra, onde amamos na obscuridade da fé, o sofrimento é necessário para provarmos a Deus a realidade do nosso amor.

2 — «O amor, quando é perfeito, tem a força de nos fazer esquecer o nosso contentamento para contentar Aquele a quem amamos, tem a força de nos fazer aceitar tão alegremente o saboroso como o amargo quando entendemos que o quer Sua Majestade» (T.J. *Fd.* 5, 10). Evidentemente, um amor semelhante não pode ser fruto da nossa natureza humana, à qual tanto repugna o sofrimento, não pode ser fruto do nosso esforço, porque excede em muito a capacidade da nossa natureza tão fraca e vil. Só Deus infunde pouco a pouco um tal amor

nas almas que se deixam guiar por Ele através do caminho estreito da purificação interior. Sim, na aridez, na solidão do coração, na privação de toda a luz e conforto, o Espírito Santo acende nelas a chama da caridade, chama que tanto mais as invade quanto mais dispostas as encontrar, isto é, quanto mais purificadas de tudo o que for contrário ao amor. Quando todas as resistências estão vencidas, todas as escórias eliminadas, o amor arde irresistivelmente e confere à alma uma força de gigante, porque a chama do amor — explica S. João da Cruz — «a faz sair fora de si, renovar toda e passar a nova maneira de ser» (C. 1, 17). Maneira tão nova que, enquanto anteriormente ela temia e fugia do sofrimento, agora ama-o e abraça-o com energia.

A alma mais forte no padecer é a mais forte no amar. Nenhuma criatura do mundo amou nem amará mais a Deus do que Maria Santíssima, e nenhuma foi e será mais forte do que ela no sofrimento. Ei-la aos pés da cruz: é Mãe e assiste voluntariamente ao suplício atroz do Filho; vê os cravos enterrarem-se nas Suas carnes, ouve os golpes surdos do martelo, vê a cabeça coroada de espinhos buscar em vão um pouco de repouso sobre o duro lenho, vê levantarem a cruz e o Filho pender suspenso entre o céu e a terra, desfigurado pela dor, sem o mais pequeno conforto. Maria tem o coração trespassado, e todavia repete o seu *fiat* com a mesma plenitude com que o pronunciou ao receber o anúncio jubiloso da sua maternidade: no amor encontra coragem para oferecer o Filho amado pela salvação dos Seus verdugos. Que mãe poderá rivalizar com a fortaleza da Virgem? O seu sacrifício ultrapassa imensamente o sacrifício de qualquer mãe porque só ela pode dizer: o Filho que imolo é o meu Deus.

Aos pés da Cruz, junto de Maria, Rainha dos Mártires pelo amor e pela dor, aprendamos o segredo do amor forte.

Colóquio — «Quem deveras Vos ama, ó Senhor, não pretende outra coisa senão contentar-Vos. Anda morrendo por que o ameis e assim daria a vida para entender como Vos agrada mais. Um tal amor poderá esconder-se? Oh! meu Deus, se deveras é amor, é impossível! O amor tem, sem dúvida, os seus graus e manifesta-se mais ou menos consoante a força que tem; se é pouco, dá-se a conhecer pouco, e se é muito, muito; mas, pouco ou muito, quando é verdadeiro amor, sempre se dá a conhecer.

«Ó Senhor, fazei que o meu amor não seja fruto da minha imaginação, mas provado com obras. E que poderei eu fazer por Vós, que morrestes por nós, que nos criastes e destes o ser, sem que me dê por venturosa por se ir descontando ao menos alguma coisa do muito que Vos devo?

«Fazei, ó meu Deus, que venha algum tempo em que Vos possa pagar algo do muito que Vos devo! Custe o que custar, não permitais, Senhor, que me apresente diante de Vós com as mãos tão vazias, pois o prêmio será dado segundo as obras. Bem vejo o pouco que posso, mas unida a Vós poderei tudo.

Ah! Senhor meu, se quem Vos ama não faz grandes obras, não é por Vós faltardes, mas unicamente por nossa cobardia e pusilanimidade. Estamos cheios de mil temores e prudências humanas e nunca nos determinamos; por isso, meu Deus, não operais as Vossas maravilhas e grandezas. Quem mais do que Vós é amigo de dar se tiver a quem e de receber serviços à Sua

própria custa? Praza a Vossa Majestade tenha eu feito algum por Vós e não fique ainda mais 'devedora pelo muito que tenho recebido!» (T.J. *Cam.* 40, 5; *M.* III, 1, 7 e 8; *Vi.* 21, 5; *Fd.* 2, 7).

361. AMOR UNITIVO

Deus meu, que infundistes em mim o amor, fazei que ele cresça até me conduzir à união conVosco.

1 — Por meio da purificação espiritual, Deus opera maravilhosos efeitos na alma, «ilustrando-a e inflamando-a divinamente com ânsias só de Deus e não de mais coisa alguma» (J.C. *N.* II, 13, 11). Por isso, à medida que se desapega da terra, deixando de parte todo o affecto e appetite das criaturas, a alma sobe a «secreta escada» do amor que, de degrau em degrau, a vai elevando até ao seu Criador, «porque só o amor é que une e junta a alma com Deus» (ib. 18, 5).

Esta ascensão de amor não se adverte no princípio da purificação, porque então «tudo é, neste divino fogo, enxugar e dispor a madeira da alma mais que aquecê-la; porém, com o andar do tempo, quando este fogo já vai aquecendo, sente a alma, de ordinário, esta inflamação e calor de amor» (ib. 12, 5). As chamas do amor podem ser acompanhadas de um grande deleite espiritual; são então instantes de imenso gozo em que a alma recebe um antegosto da união com Deus, da qual se vai aproximando, gozo que a paga amplamente de todas as penas e angústias sofridas na escuridão da noite e que a anima a abraçar de boa vontade o que terá de sofrer ainda para chegar à união perfeita. Contudo é útil recordar

que a inflamação de amor não consiste no gozo que a alma pode experimentar, mas na firme decisão da vontade em se dar inteiramente a Deus. «Isto opera-o o Senhor, que infunde como quer», isto é, pode infundir o amor «deixando seca a vontade» (ib. 12, 7), ou então inflamando-a com suave ardor.

Todavia o que nos deve interessar não é gozar do amor, mas progredir nele rapidamente, pois só o amor é a força que nos pode unir a Deus.

Tratando deste assunto, S. João da Cruz precisa: «O amor é a inclinação da alma e a força e a virtude que ela tem para ir a Deus... e assim, quantos mais graus de amor tiver, tanto mais profundamente entra em Deus e se concentra n'Ele» (CV. 1, 13). Como a pedra ao cair é atraída para o centro da terra pela força da gravidade, assim a alma é atraída para Deus pela força do amor. Quanto mais forte for este amor, tanto mais poderoso será para a arrastar toda para Deus e para a unir inteiramente a Ele: «o amor mais forte é o mais unitivo» (ib.). Poderá, portanto, a alma sinceramente desejosa de se unir a Deus, deixar de se aplicar com todas as suas forças a crescer no amor?

2 — Se a um grau de amor imperfeito corresponde um grau de união imperfeita, ao amor perfeito corresponde a união perfeita. «Para a alma estar no seu centro, que é Deus, basta que tenha um grau de amor, porque por um só se une com Ele pela graça; e se tiver dois graus, ter-se-á unido e concentrado em Deus noutro centro mais adentro» e assim por diante (J.C. CV. 1, 13). Acontece o mesmo com a pedra que é arrastada pelo seu peso para o centro da terra, de maneira que quanto mais pesa, se não encontrar obstáculos no seu caminho,

tanto mais rapidamente lá chega e vai até ao centro mais profundo. Assim o amor é o peso que nos arrasta para Deus.

Mas também é verdade que o amor atrai Deus à nossa alma, porque Jesus disse: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra... e nós viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23). Basta um grau de amor, quer dizer, basta a observância da lei divina que assegura o estado de graça, para que Deus Se torne presente na alma, estabelecendo nela a Sua morada, e portanto para que ela possa viver unida a Ele; mas é evidente que a este primeiro grau de amor e de graça corresponde uma união com Deus muito imperfeita. Neste estado a alma está já no seu centro que é Deus, e vive já unida a Ele que Se digna habitar nela pela graça; não obstante, ainda lhe resta um longo caminho a percorrer para chegar ao seu mais profundo centro, isto é, para penetrar nas profundezas de Deus e viver íntima e perfeitamente unida a Ele. As etapas deste caminho são assinaladas pelo progresso no amor: quanto mais a alma ama, mais mergulha em Deus e, por outro lado, Deus, cumprindo a Sua promessa, torna-Se-lhe cada vez mais presente pela graça, convidando-a a uma amizade e a uma união cada vez mais íntima. Virá então o dia em que «se chegar até ao último grau [de amor], o amor de Deus chegará a ferir a alma até ao seu último e mais profundo centro, que será transformando-a e esclarecendo-a segundo todo o seu ser e potência e virtude... até a fazer uma semelhança de Deus» (J.C. CV. 1, 13).

O amor opera o grande milagre: atrai Deus à alma que O ama e lança-a a ela em Deus. Pelo amor, uma criatura miserável encontra-se com o Seu Criador e une-se a Ele de um modo tão íntimo e perfeito, que

fica toda transformada e divinizada. Que maior dom nos poderia fazer Deus do que criar-nos para o amor e infundir em nós o amor, a grande força capaz de nos unir a Ele?

Colóquio — «Ó amantíssimo Rei pacífico, desejado de todos os corações generosos do céu e da terra, que com infinita suavidade me pedis que Vos ame com todo o coração, com toda a mente, com todas as forças, não desprezeis os meus suspiros e os meus desejos.

«Rei dilectíssimo, que viestes ao mundo para reinar nos corações dos homens com o dulcíssimo império da caridade, fazei que eu Vos ame com todo o meu coração e com todas as forças da minha mente. Fazei, ó Senhor amabilíssimo, que eu não viva em mim, mas em Vós, que sois a minha vida, e me transformais em Vós por efeito de amor. Comunicai-me o fogo dulcíssimo que arde no Vosso coração e fazei que em todas as coisas eu Vos procure a Vós, verdadeira paz e centro da minha alma. Não quero de Vós senão que me inflameis com o Vosso fogo eterno, que ele gere no meu coração uma solicitude tão grande por Vós, que Vos procure sempre, dia e noite; fazei que esta solicitude me incite a usar de todas as coisas, a servir-me de todas as ocasiões, a descobrir sempre novos meios para Vos dar gosto e mover todas as criaturas a servirem-Vos, a amarem-Vos e a unirem-se a Vós pelo vínculo da caridade.

«Vinde a mim, ó dulcíssimo Esposo da minha alma, ó Coração ardentíssimo e desejosíssimo do meu coração, entrai como Senhor absoluto em Vossa casa e governai-a impreterivelmente com o poder do Vosso amor omnipotente. Quisera hoje, ó magnífico Filho de Deus, ser atraído para Vós, que a minha alma fosse transformada

na Vossa, que fôsseis Vós então a minha alma, a minha vida, o único conforto do meu coração aflito e o meu alívio» (Ven. João de J. M., o.c.d.).

362. A UNIÃO DA VONTADE

Ó Senhor, tomai a minha vontade e transformai-a na Vossa.

1 — O primeiro e mais precioso resultado da força unitiva do amor é a perfeita união da vontade do homem com a vontade de Deus. O amor, ao desenvolver-se, esvaziou de tal modo a alma de tudo o que é contrário ao querer divino e impeliu-a de tal maneira a querer e a amar só o que Deus quer e ama, que pouco a pouco a fraca vontade humana se foi conformando e unindo à divina; até que de duas vontades se fez uma só «a qual é vontade de Deus e esta vontade de Deus é também vontade da alma» (J.C. S. I, 11, 3). Em todos os seus actos deliberados a alma já não se guia pela sua vontade pessoal, tão falível e inconstante, mas guia-se e move-se unicamente pela vontade de Deus, na qual perdeu a sua, perdendo-a por amor. «O que perder a sua alma por amor de mim, achá-la-á», declarou Jesus (Mt. 16, 25); presa de amor por Deus, a alma renunciou por Ele a todo o seu querer, quis perder nEle todos os seus desejos, todos os seus gostos, e agora a perda sofrida constitui o seu maior lucro, pois encontra a sua vontade inteiramente transformada na de Deus. Poderia esperar-se troca mais vantajosa? «O estado desta divina união — diz S. João da Cruz — consiste em ter a alma, quanto à vontade, com *total* transformação na vontade de Deus»

(S. I, 11, 2). Total e não só em parte, não só em coisas de maior relevo, mas também nas mais pequenas e até nas mínimas, de modo que a vontade divina se torne realmente o único móbil da alma; o que faz, diz ou pensa é «em tudo e por tudo somente vontade de Deus» (ib.). Estado sublime que eleva a criatura às alturas do Criador, que do nível da vida humana a eleva ao nível da vida divina! Para lá chegar valeu a pena que a alma suportasse a amarga purificação pela qual foi «despida e espoliada já da sua primitiva pele» (J.C. N. II, 13, 11), isto é, da sua vontade imperfeita; valeu a pena renunciar a si mesma e a todas as coisas.

2 — Falando da perfeita união com a vontade de Deus, S.ta Teresa de Jesus escreve: «Esta é a união que toda a minha vida desejei; esta é a que peço sempre a Nosso Senhor porque é a mais clara e a mais segura» (M. V. 3, 5). A Santa, que experimentara a eficácia e a doçura das graças místicas da união, pelas quais a alma «de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela» (ib. 1, 9), não hesita em preferir a tais delícias a perfeita união com a vontade de Deus. Com efeito só nessa união consiste a essência da santidade, pois as graças místicas são apenas um meio para lá chegar, meio preciosíssimo por ser o mais rápido, mas sempre meio e não fim, e que consiste unicamente na completa conformidade do próprio querer com o querer divino. De resto não depende de nós escolher o «atalho» das graças místicas em vez da via ordinária do esforço generoso e perseverante; depende unicamente de Deus, que é o Senhor dos Seus dons e os «dá quando quer, como quer e a quem quer, sem fazer injúria a ninguém» (ib. IV, 1, 2).

Em suma, o que importa é saber que o estado de união com Deus não é reservado a alguns privilegiados, mas está aberto a toda a alma de boa vontade, embora tenha de se contentar com percorrer a via ordinária, «a sendazinha», como lhe chamava S.ta Teresa do Menino Jesus, ou «o caminho das carroças» como o definia S.ta Maria Bertilla. Em lugar de nos preocuparmos com o caminho, devemos procurar antes ser plenamente generosos, porque à união com Deus só chegam as almas que sabem dar-se de todo a Ele. «Olhai, filhas — escrevia S.ta Teresa de Ávila — que para isto de que tratamos [a união com Deus], Ele quer que não vos reserveis nada; pouco ou muito, tudo quer para Si, e segundo aquilo que entenderdes ter dado, maiores ou menores mercês se vos farão» (M. V, 1, 3). Quanto mais generosos formos na nossa doação, mais Deus virá ao nosso encontro com a Sua graça e nos sustentará com a Sua acção omnipotente. Percorrer a via ordinária não significa, na verdade, ficar privado do auxílio divino; este poderá ser mais oculto e menos consolador que o concedido pelos favores místicos, mas nem por isso menos real e eficaz.

Colóquio — «Ó Senhor, que força tem o dom da vontade! Se o fizermos com a devida determinação, atrair-Vos-á a Vós, o Todo-Poderoso, para que Vos façais uma mesma coisa com a nossa baixaza, transformando-nos em Vós, unindo a criatura ao Criador.

«Quanto mais virdes que o dom da nossa vontade se manifesta não em palavras de cortezia, mas em obras, mais nos atraís a Vós e levantais a alma acima de si mesma e de todas as coisas terrenas, habilitando-a para receber grandes mercês, e não acabais de pagar

nesta vida este dom: estimai-lo tanto que a alma já nem sabe o que Vos há-de pedir porque Vós nunca Vos cansais de dar. E não contente por a terdes feito uma só coisa conVosco por a terdes unido a Vós, começais a regalar-Vos com ela, a descobrir-lhe segredos, a gozar por ela entender o muito que ganhou e conhecer algo do que tendes para lhe dar. Começais a tratá-la com tanta amizade, que não só lhe tornais a deixar a sua vontade, mas com ela lhe dais a Vossa. Já que se trata de tanta amizade, vendo Vós que a alma faz o que Vós quereis, também Vós fazeis o que ela deseja.

«Ó meu Deus, como é preciosa a união que a alma contrai conVosco, depois da vontade estar conforme com a Vossa! Oh! como é para desejar esta união! Venturosa a alma que a alcançou, porque viverá nesta vida com descanso e também na outra, pois a não ser o perigo de Vos perder, Senhor, ou de ver que sois ofendido, nenhuma coisa da terra a afligirá: nem a doença, nem a pobreza, nem sequer a morte, vendo bem que Vós sabeis melhor o que fazeis do que ela o que deseja!» (T.J. *Cam.* 32, 1 e 12; *M. V.* 3, 3).

363. O AUXÍLIO DIVINO

Ó Senhor que me prevenis, acompanhais e amparais com a Vossa graça, fazei que ela em mim não seja vã.

1 — «Se a alma busca a Deus, muito mais a busca o seu Amado; e se ela Lhe envia os seus amorosos desejos... Ele envia-lhe a ela o odor dos Seus unguentos, com que a atrai e a faz correr para Ele» (J.C. *CV.* 3, 28). No seu esforço para chegar à união, a alma nunca está sòzinha: o próprio Deus lhe sai ao encontro, parecendo

dar-lhe a mão, atraindo-a a Si por meio de santas inspirações que lhe iluminam a mente e de toques interiores que lhe inflamam a vontade. Estas inspirações e toques divinos não são senão a actuação dos dons do Espírito Santo, por meio dos quais Deus toma a direcção da alma e trabalha nela, primeiro para a purificar e dispor à união e depois para a unir efectivamente a Si por amor. É muito consolador pensar que esta riqueza de auxílios divinos entra na linha do desenvolvimento da vida da graça e que se encontra, portanto, também na via ordinária da santidade; este é o património que Deus tem preparado para cada alma, contanto que seja generosa em dar-se a Ele.

Devemos concluir, pois, com S. João da Cruz: se são poucos os que chegam verdadeiramente à união perfeita, «não é porque Deus queira que haja poucos destes espíritos elevados», ou porque seja avaro nos Seus auxílios, «mas porque há poucos vasos que sofram tão alta e subida obra» (CV. 2, 27), isto é, poucas almas generosas.

Se depois de muitos anos de vida espiritual nos achamos ainda tão longe da união com Deus, não podemos na verdade atribuí-lo à escassez de auxílios divinos, mas devemos culpar unicamente a nossa falta de generosidade e de fidelidade à graça. S.ta Teresa declara com energia: «A verdadeira união pode muito bem alcançar-se... desde que nos esforcemos por procurá-la, tendo a vontade sempre unida com o que for da vontade de Deus». E embora reconhecendo que isto não pode fazer-se senão «com muito mais trabalho», assegura: «Mas que isto seja possível, não há que duvidar, contanto que haja verdadeiramente união com a vontade de Deus» (M. V, 3, 3 e 5).

2 — «Não é necessário que o Senhor nos dê grandes consolações para chegarmos à união; basta o que nos deu em ter-nos dado Seu Filho para nos ensinar o caminho» (T.J. M. V, 3, 7). Jesus basta-nos, pois não só nos mostrou o caminho da união divina, mas também nos obteve os meios de a alcançarmos.

Jesus lava e purifica as nossas almas com o Seu Sangue, alimenta-as com a Sua carne, ensina-as com a Sua doutrina; todos os dias, mil vezes ao dia, renova no altar o Seu Sacrifício em nosso favor; Jesus, glorioso à direita do Pai, intercede continuamente por nós, obtendo-nos e distribuindo-nos as graças consoante as nossas necessidades; envia-nos o Espírito Santo, o Seu Espírito, a fim de nos guiar no caminho da santidade; dá-nos a Sua Mãe, nosso refúgio e nosso amparo nas horas difíceis. Que mais queremos? Acaso por tais graças entrarem no quadro das graças comuns outorgadas às almas, deveremos considerá-las menos preciosas? Oh! se estivéssemos deveras convencidos da eficácia destes meios de santificação, não andaríamos atrás de outros, e em vez de esperarmos talvez favores extraordinários para resolvermos dar-nos inteiramente a Deus, aplicar-nos-íamos a corresponder com grande fidelidade às graças que Ele nos oferece dia a dia com imensa liberalidade, e assim chegaríamos certamente à meta. «Sejamos portanto diligentes em pedir ao Senhor — exorta-nos S.ta Teresa de Ávila — que se de alguma maneira podemos gozar do céu na terra, nos dê Seu favor para que isso não nos falte por nossa culpa» (ib. 1, 2). O céu que podemos gozar cá na terra é o estado de união com Deus, no qual a alma, perfeitamente conforme ao querer divino, goza de uma grande paz mesmo no meio das inevitáveis dores da vida, re-

pousando sempre e abandonando-se nos braços da divina Providência. A este feliz estado todos podemos chegar se estivermos resolutamente decididos a seguir o caminho que o próprio Jesus nos indicou, dizendo: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra... Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando» (Jo. 14, 23; 15, 14); caminho que Ele percorreu, não querendo outra coisa senão cumprir a vontade do Pai e fazendo sempre o que a Ele Lhe agradava. Sigamos Jesus, deixemo-nos guiar por Ele, que é o caminho, a verdade e a vida e Ele nos conduzirá à suspirada união.

Colóquio — «Ó Jesus, ao dizerdes que a Vossa comida era fazer a vontade do Pai, mostrastes-nos que a Vossa vontade era a Sua e a Sua vontade era a Vossa, e tendo com Ele uma só vontade, declarastes-nos que éreis igual ao Pai e uma só coisa com Ele. Mas além disso ainda nos ensinastes de que maneira também nós podemos tornar-nos, pela graça, de certo modo iguais a Deus e uma só coisa com Ele. Podemos-lo, fazendo a Sua vontade, regra e polo para onde a nossa vontade, como uma agulha magnética, deve olhar sempre; e quando nos desviamos, por pouco que seja, da divina vontade, perdemos esta igualdade e esta união.

«Ó Senhor, dignai-Vos unir-me toda a Vós como recém-desposada. Tirai de mim a minha vontade e todos os meus desejos, de tal modo que não possa desejar nem querer senão o que Vós quereis. Tornai a minha vontade tão conforme e unida à Vossa, que por mim já não possa querer mais nada e já não me preocupe com morrer ou viver, mas somente queira o que for da Vossa vontade.

«Meu Deus, quando Vos tiver oferecido a minha

vontade em tudo e por tudo, Vós ma devolveis, pois quando a minha vontade já não for minha, mas toda Vo-la tiver dado, então contentar-Vos-ei, cumprindo-a em todas as coisas, pois já não será minha mas toda Vossa» (S.ta M. Madalena de Pazzi).

«Recebei, Senhor, a minha inteira liberdade. Recebei a memória, o entendimento e a vontade. Quanto tenho e possuo, tudo me foi dado por Vós, e agora tudo Vos restituo e submeto inteiramente ao governo da Vossa vontade. Dai-me apenas o Vosso amor e a Vossa graça, e com isso ficarei bem rico, nem Vos pedirei outra coisa» (S.to Inácio de Loiola).

364. O FIM DOS TEMPOS ÚLTIMO DOMINGO DEPOIS DO PENTECOSTES

Meu Deus, Vós que no fim da vida me julgareis sobre o amor, tornai-me capaz de crescer nele cada dia.

1 — A Missa de hoje, último Domingo do ano litúrgico, é uma oração de agradecimento pelo ano findo, uma prece de propiciação pelo que vai começar, um aviso sobre a fugacidade da vida presente e um convite a prepararmos-nos para o último passo que nos há-de introduzir na vida eterna.

Na Epístola (*Gál.* 1, 9-14) S. Paulo ora e dá graças em nome de toda a cristandade: «Não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da Sua vontade... para que andeis de um modo digno de Deus, agradando-Lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra». Eis uma bela síntese de todo o trabalho que durante o ano inteiro a alma de vida interior se

esforçou por realizar para se adaptar e conformar cada vez mais com a santa vontade de Deus, para se unir totalmente a ela, e assim, movida em tudo pela divina vontade, agir de modo a agradar em tudo ao Senhor. Louvemos a Deus se, com a Sua ajuda, conseguimos dar algum passo em frente neste caminho que, do modo mais seguro, nos guia à santidade; fazendo nossos os sentimentos do Apóstolo, rendamos graças «a Deus Pai, que nos tornou dignos de ter parte na herança dos santos»: a herança dos santos, a herança dos que tendem à santidade, é a união de amor com Deus, cá na terra pela fé, e no céu pela glória. Esta herança é nossa, porque Jesus no-la mereceu com o Seu Sangue, é nossa, porque em Jesus «temos a redenção e a remissão dos pecados», de tal forma que, purificados da culpa e revestidos da graça, pelos Seus méritos infinitos, podemos elevar-nos ao estado altíssimo e bem-aventurado da união com Deus.

Mas se com o auxílio divino conseguimos algum progresso, outros e maiores nos ficam ainda por realizar; por isso a Igreja, na Colecta do dia, faz por nós esta súplica: «Excitai, Senhor, a vontade dos Vossos fiéis, a fim de que, esforçando-se com maior ardor por fazer frutificar a obra divina, alcancem da Vossa bondade remédios mais eficazes». É exactamente assim: quanto mais correspondermos à graça, maiores graças o Senhor nos concederá, e quanto mais apressarmos o passo para Ele, mais Ele nos atrairá a Si, até que deste encadeamento dos auxílios divinos e da nossa correspondência, resulte a santificação de cada um de nós.

2 — O Evangelho, (Mt. 24, 15-35) com a descrição do fim do mundo e da vinda de Cristo para julgar os

vivos e os mortos, lembra-nos que assim como passa e acaba o ano litúrgico, também passa e acaba a vida do homem sobre a terra. Tudo terá fim e, no fim de tudo, virá o majestoso epílogo: «Então aparecerá no céu o sinal [isto é, a cruz] do Filho do Homem; todas as tribos da terra chorarão e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade». Jesus, que veio outrora à terra na pobreza, no escondimento e na dor para nos ensinar o caminho do céu e remir as nossas almas, tem todo o direito de voltar glorioso no fim dos tempos, para recolher os frutos da Sua obra e do Seu Sangue. Será então o nosso juiz e como Ele próprio disse, julgar-nos-á sobre o amor: «Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino... Porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber... Todas as vezes que vós fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes» (Mt. 25, 34-40). O seu doce preceito de amor, amor de Deus e amor do próximo, será o código segundo o qual seremos examinados. Felizes de nós se tivermos amado e amado muito! «São-lhe perdoados muitos pecados porque muito amou» (Lc. 7, 47), disse Jesus à mulher pecadora. Quanto maior e mais profundo for o nosso amor, tanto mais será capaz de satisfazer por todos os nossos pecados, por todas as nossas misérias e por todas as faltas em que, a despeito da nossa boa vontade, recaímos todos os dias.

«Por isso é um grande negócio para a alma— diz S. João da Cruz — exercitar-se nesta vida em actos de amor, para que, consumando-se em breve, não se detenha muito cá nem lá sem ver a Deus» (CV. 1, 34). O Santo faz alusão à alma inflamada em amor divino que suspira ansiosamente pelo céu para ver o seu Deus

face a face e poder amá-lo melhor. De qualquer modo, será sempre verdade que só um imenso exercício de amor pode conduzir à união com Deus, quer na terra quer na eternidade bem-aventurada. Feliz a alma que, no fim da vida, tendo-se exercitado muito no amor, puder ser imediatamente admitida à união beatífica do céu! Nada terá a recear do julgamento de Jesus, pelo contrário, este julgamento será a sua alegria e o seu gozo por toda a eternidade.

Colóquio — «Dignai-Vos, ó Senhor, dar-me o verdadeiro amor, antes de me tirardes desta vida. Será para mim grande coisa à hora da morte ver que vou ser julgada por Aquele a quem amei sobre todas as coisas. Poderei ir segura do pleito das minhas dívidas; não será ir a terra estranha, mas à minha pátria, ao Vosso reino, ó Senhor que tanto amo e que também tanto me amais.

«Que doce será, ó meu Deus, a morte de quem tiver feito penitência de todos os seus pecados e que já não deverá ir ao purgatório! Começará neste mundo a gozar a glória do céu, sem temor na alma, mas cheia de paz» (T.J. *Cam.* 40, 8 e 9).

«A Vós, Senhor nosso Deus, devemos sempre aderir a fim de podermos, com o Vosso contínuo auxílio, viver santa, pia e rectamente. O peso da nossa fraqueza arrasta-nos para baixo, mas a Vossa graça inflama-nos e arrebatá-nos para o alto, inflama-nos e subimos das profundezas, fazendo ascensões no nosso coração; assim cantamos o *cântico da subida* e ardemos no Vosso santo fogo enquanto caminhamos em direcção a Vós.

«Para onde vamos? Para as alturas, para a paz da Jerusalém celeste, segundo está escrito: 'Eu me alegrei

porque me disseram: iremos à casa do Senhor'. Ali nos colocará a boa vontade a fim de que nada mais desejemos senão morar lá eternamente. Enquanto vivemos no corpo mortal, peregrinamos para Vós, Senhor; não temos aqui cidade permanente, mas procuramos a cidade futura, pois a nossa morada é no céu. Por isso, com a ajuda da Vossa graça, entro no íntimo do meu coração e entoo-Vos cânticos de amor; a Vós, meu Rei e meu Deus!» (S.to Agostinho).

365. O SIM PERFEITO

Senhor, fazei que eu saiba dar-Vos o consentimento livre e pleno da minha vontade.

1 — S. João da Cruz diz muito bem que a característica da união de vontade é «o sim do seu consentimento» que a alma dá inteiramente a Deus (CV. 3, 24), fazendo-Lhe a entrega completa de si mesma no dom pleno e total da vontade. Por outras palavras, a alma está já tão decidida a não querer outra coisa senão Deus e o Seu divino beneplácito que, em cada circunstância, não faz senão repetir o seu *sim*, aceitando amorosamente tudo quanto Ele quer ou faz por ela. É um *sim* efectivo e não apenas de desejo, um *sim* pelo qual a alma se dá verdadeiramente, com toda a generosidade de que é capaz.

Desde o princípio da vida espiritual a alma fervorosa deve desejar dar-se a Deus sem reserva e dizer-Lhe sempre sim, porém na prática, estando ainda presa nos laços das paixões e dos apegos às criaturas, o seu dom é muitas vezes incompleto, reduzido; muitas vezes, nos casos concretos da vida, perante a aspereza da renúncia

e da luta, o seu *sim* ideal é substituído por um *não* prático. Não sucede assim no estado de união em que a alma está de tal maneira rendida à santa vontade de Deus que já não pode faltar ao seu dom: o seu *sim* é de tal forma definitivo e eficaz, que a oferece e une a Deus como esposa ao esposo, e é por isso que os místicos chamam a este estado «desposório espiritual».

Muito importa saber que, da parte da alma, a intensidade da sua união com Deus depende da perfeição do seu *sim* que deve ser um *sim* perfeito tanto em extensão como em profundidade. Em extensão, porque deve incluir não só o que Deus manda, mas também tudo o que Ele deseja, e tudo o que mais Lhe agrada; o amor há-de tornar a alma tão vigilante e atenta, que saiba discernir, nas várias circunstâncias, o que mais agrada a Deus, e tão generosa que o realize sem hesitar. Um *sim* perfeito em profundidade, porque deve aderir ao divino beneplácito não com negligência, mesquinhez ou má vontade, mas com todo o ímpeto da vontade, feliz por se poder dar a Deus apesar dos sacrifícios que venha a encontrar.

2 — A alma deve empenhar-se em dar o seu *sim* perfeito, sobretudo quanto ao grande preceito da caridade indicado por Jesus, que é o fundamento não só de toda a lei, mas também de toda a santidade. S.ta Teresa de Ávila diz expressamente: «O Senhor só nos pede estas duas coisas: amor de Deus e amor do próximo e é nisto que devemos trabalhar. Guardando-as com perfeição fazemos a Sua vontade, e assim estaremos unidas com Ele» (M. V, 3, 7). Mas a atenção da Santa dirige-se mais directamente para a caridade para com o próximo, porque vê nela o sinal mais seguro do amor de Deus e

porque sabe igualmente ser este um ponto muito vulnerável. Não é raro, com efeito, que depois de termos dito *sim* ao Senhor, encontrando-nos diante de grandes sacrifícios, renúncias, fadigas, se nos escape um *não* que vá ferir a caridade fraterna. Falando de certos defeitos que se insinuam muito dissimuladamente na alma, impedindo-a de chegar à união, S.ta Teresa de Jesus, além do amor próprio e da própria estima, assinala «os juízos desfavoráveis ao próximo, ainda que seja em coisas pequenas, e as faltas de caridade de uns para com os outros, não os amando como a nós mesmos» (ib.). Enquanto descobirmos em nós faltas deste género, se bem que leves, a nossa doação a Deus não é completa, o nosso *sim* não é perfeito. Deus quer que amemos o próximo, seja ele quem for, e que o amemos com perfeição: «O meu preceito é este: — disse Jesus — que vos ameis uns aos outros como eu vos amei» (Jo. 15, 12). Como poderemos pois estar unidos à vontade de Deus se não cumprimos com diligência este mandamento?

«Eu vos asseguro — continua Teresa de Jesus — que se fizerdes como vos digo [isto é, se praticardes perfeitamente a caridade fraterna], não deixareis de alcançar esta união; de contrário, acreditai-me que nunca lá chegareis, ainda que tenhais devoção e regalos, e vos pareça que tendes alcançado aquela união». E conclui com esta bela afirmação: «É tão grande o amor de Deus por nós que, em paga do que temos ao próximo, fará crescer de mil maneiras o que nós Lhe temos. Disto não posso eu duvidar» (M. V, 3, 12 e 8).

Colóquio — «Ó Bem infinito, quero oferecer-me e consagrar-me todo a Vós, continuamente, no altar do

meu coração. Para começar, eu Vos ofereço a minha alma, Vossa esposa, resgatada pelo Vosso preciosíssimo Sangue; eu vo-la ofereço a fim de que seja um lugar de repouso para Vossa Majestade e se transforme em Vós, não vivendo mais de si, mas unicamente da Vossa vida.

«Eu Vos ofereço a minha inteligência desejosa de saber, ó Sabedoria divina, pois só Vós podeis saciar a sua sede de compreender as Vossas grandezas! Iluminai as minhas trevas e concedei-me a graça de Vos saborear num conhecimento suavíssimo, que inflame de amor o meu coração.

«Ofereço-Vos, também, ó bellissimo Esposo da minha alma, esta vontade que Vós procuráveis de um modo particular para que ela Vos ame com ardor sempiterno e se una conVosco para sempre. Prouvera a Vós, ó Senhor, que a minha vontade se desprendesse de todas as criaturas e batesse fortemente as asas elevando-se até Vós para depois, num sono de amor, descansar na caverna do Vosso Coração! Ó caverna deliciosíssima, quando me esconderei em Vós e ouvirei as palpitações do Coração que me dá vida e salvação?

«Mas, meu Deus, porque Vos ofereço a minha alma e as suas potências, se sou todo Vosso desde a criação e mais ainda desde a Redenção? Porventura, ó Vida amabilíssima, interessa-Vos esta doação e esta oferenda que procuro fazer à Vossa Majestade e grandeza? Não, certamente, não é do Vosso interesse mas do meu que me ofereça e dê todo a Vós, ó Vida imortal, pois tenho a certeza de que a minha felicidade consiste em me unir a Vós» (Ven. João de J. M., o.c.d.).

366. O DOM RECÍPROCO

Ó Senhor, que eu seja todo para Vós e Vós todo para mim.

1 — Deus «não Se dá a Si de todo até que de todos demos a Ele» (T.J. Cam. 28, 12). Deus respeita de tal modo a liberdade do homem que, embora desejando fazê-lo participar da Sua vida divina, Se lhe comunica sòmente na medida do seu consentimento; mas quando esse consentimento é pleno, Ele não hesita em dar-Se de todo. Eis, portanto, que ao *sim* perfeito da alma, Deus responde com um «verdadeiro e inteiro *sim* da graça» (J.C. CV. 3, 24). Ao dom perfeito da vontade por parte da alma, corresponde a plena comunicação da graça por parte de Deus; a graça é-lhe outorgada em toda a sua perfeição, acompanhada das virtudes infusas e dos dons do Espírito Santo. Graça e amor andam necessariamente juntos e como a perfeita adesão à vontade de Deus é sinal de amor perfeito, daí se deduz que à alma que está completamente conformada com a Sua vontade, Deus concede a superabundância da graça.

S. João da Cruz explica ainda mais a fundo este alto estado: «Sendo já a vontade de Deus e da alma uma só num consentimento próprio e livre, então chegou ela à posse de Deus por graça de vontade e isto porque Deus correspondeu ao *sim* dela com um verdadeiro e inteiro *sim* da graça» (ib.). A alma deu-se completamente a Deus e agora recebe o prêmio: Deus dá-Se a ela. A alma, diz o Santo, «chegou à posse de Deus por graça de vontade», quer dizer, possui-O em virtude da perfeita comunicação da graça, que é a resposta de Deus ao dom total da vontade, perfeita comunicação mediante a qual Deus Se dá a ela, tornando-a sempre mais parti-

cipante do Seu ser sobrenatural e da Sua vida divina e habitando nela de um modo cada vez mais íntimo e profundo.

É o triunfo da graça na alma. Esta graça que lhe foi comunicada em germen no baptismo, e que pouco a pouco foi aumentando através das várias etapas da vida espiritual, atinge a maturidade quando a alma se abandona totalmente nas mãos de Deus, dando-Lhe toda a sua vontade. Não foi em vão que morreu para si mesma; morreu para viver em Deus e de Deus, para viver da Sua vida, do Seu amor, da Sua vontade. «Estais mortos — diz S. Paulo — e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Col. 3, 3).

2 — Com a sua autoridade de Doutor da Igreja, S. João da Cruz declara: «Quando a alma faz o que está da sua parte, alheando-se de todas as coisas e chegando a estar delas vazia e desapropriada, que é o que a alma de si pode fazer, é impossível que Deus deixe de fazer o que é da Sua parte em Se lhe comunicar, pelo menos em segredo e silêncio. Mais impossível é isto que o raio de sol deixar de dar num lugar aberto e desafogado, pois assim como o sol madruga para entrar em tua casa se abres a janela, assim Deus... entrará na alma vazia e a encherá de bens divinos» (CV. 3, 46).

Desde há muito que o Senhor, Sol divino, brilha sobre a tua alma com o raio luminoso da Sua graça; há muito que bate à tua porta: «Eis que eu estou à porta e bato» (Ap. 3, 20). Cada Missa, comunhão ou confissão, cada ocasião de exercitar a virtude, cada inspiração, cada ordem ou convite da obediência não será talvez Deus a bater de novo à porta do teu coração? E tu que fazes? Porque O deixas esperar

ainda? Vamos! Desperta do torpor e abre bem a tua alma. «Levantai, ó portas, os vossos dintéis... para que entre o Rei da glória» (Sal. 23, 7). Não te contentes por teres aberto a porta a meias, nem sequer três quartas partes, mas abre-a de par em par; é preciso levantar os dintéis, remover todos os impedimentos: o teu Deus quer entrar!

Se te custa negar em tudo a tua vontade, pensa como é belo e sublime deixar-se guiar em tudo pela vontade de Deus; se te pesa renunciar ao amor próprio e às afeições terrenas, pensa como é grande a alegria de possuir o amor de Deus; se te repugna morrer a ti mesmo, pensa como é glorioso viver para Deus. «Oh! — grita cheia de entusiasmo S.ta Teresa de Jesus — não é nada o que deixámos, nem é nada o que fazemos nem quanto pudermos fazer por um Deus que assim se quer comunicar a um vermezinho! E se temos esperança de gozar deste bem ainda nesta vida, que fazemos e em que nos detemos? Que coisa será capaz de nos deter por um momento para que deixemos de buscar a este Senhor, como o fazia a Esposa, por bairros e praças?» (M. VI, 4, 10).

O Senhor quer comunicar-Se à tua alma, quer dar-Se todo a ti, quer vir viver contigo: «Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei nele, cearei com ele e ele comigo» (Ap. 3, 20). Oh! não percas este dom imenso por tua culpa, por tua negligência.

Colóquio — «Ó Senhor do céu e da terra!... Será possível que se possa gozar de Vós com tão particular amizade mesmo nesta vida mortal? Oh! com que regalos tratais as almas que se entregam de todo a Vós! Que requiebros! Que suavidades! Um só deles deveria bastar

para nos transformar em Vós. Sede bendito, Senhor! Por Vossa parte não perdemos nada. Por que caminhos e com quantos meios e de quantos modos nos mostrais o Vosso amor! Com trabalhos, com a Vossa dura morte, com tormentos, suportando e perdoando todos os dias as injúrias; e como se isto não bastasse, ainda o demonstrais com os regalos com que tratais a alma que Vos ama.

«Nesta vida, Senhor, não Vos peço senão uma coisa: que me beijeis com o beijo da Vossa boca'. Mas fazei-o de maneira que a minha vontade, ó Senhor da minha vida, permaneça tão unida a Vós, que nunca mais possa sair dela, ainda que se queira apartar desta amizade de união. Que não haja nada que me impeça, ó meu Deus e minha glória, de dizer com toda a verdade: melhores e mais deliciosos do que todos os bens, são a Vossa amizade e o Vosso amor.

«Alma minha, por amor do Senhor, desperta já do sono e pensa que o Senhor não espera a outra vida para te recompensar do teu amor; o prémio começa já nesta vida...

«Ó Senhor meu, misericórdia minha e Bem meu, que posso desejar de melhor na terra do que estar de tal maneira unida a Vós que não haja divisão alguma entre Vós e eu? Pois que o amor o consente, repetirei sem cessar: 'O meu Amado é para mim e eu para o meu Amado'» (T.J. P. 3, 14 e 15; 4, 8-12).

367. A UNIÃO TOTAL

Suplico-Vos, meu Deus, que nada perturbe a minha união conVosco.

1 — O *sim* perfeito entregou a Deus toda a vontade do homem, pondo-a completamente sob o influxo vivificante do querer divino; porém ainda existe nela qualquer coisa que tenta fugir ao governo da vontade de Deus: é a sensibilidade que, depois da desordem produzida pelo pecado original, muito difficilmente se submete ao espírito. Por isso, ao passo que a alma, quanto à vontade, está de todo conformada e unida ao querer divino, a sensibilidade anda ainda um pouco à deriva arrastando consigo os affectos, suscitando às vezes repugnâncias e lutas que podem tornar fatigante a contínua adesão à vontade de Deus e perturbar a paz da alma. Precisamente por causa da sensibilidade, a alma ainda está sujeita a impressões, a emoções demasiado vivas que, não dominadas inteiramente, a expõem a cometer alguma falta por inadvertência e fragilidade. Não é inadmissível que o demónio se sirva destes movimentos da parte sensível para atacar a alma e procurar fechar-lhe a passagem, ou simplesmente fazê-la recuar, o que, infelizmente, é sempre possível enquanto estamos nesta vida. A alma sofre com estas difficuldades e suspira ardentemente por se ver livre delas vendo que tudo isso pode perturbar a sua união com Deus, que ela quer que seja o mais intensa e perfeita possível. Só Deus pode restabelecer no homem a harmonia destruída pelo pecado original: Ele não recusa esta suprema graça a quem Lhe for verdadeiramente fiel e concede-a por meio de uma união mais íntima e mais completa com Ele, mediante a qual como que Se apodera da alma e

a domina com a Sua poderosa influência. É esta a *união total*, chamada pelos místicos «matrimónio espiritual», o último grau de união com Deus possível na terra.

Oh! com que ardor a alma amante anela por este sublime estado em que poderá dar-se inteiramente a Deus, ser possuída e dirigida totalmente por Ele sem que seja importunada pela turbulência da sensibilidade!

2 — «O matrimónio espiritual — diz S. João da Cruz — é uma transformação total no Amado, em que ambas as partes se entregam por total possessão uma à outra, com certa consumação de união de amor» (C. 22, 3).

É uma *total* transformação em Deus, quer dizer, a transformação que antes — no desposório espiritual — se realizava só na vontade, agora estende-se também às outras potências. Isto resulta de uma mútua e perfeita doação de Deus à alma e da alma a Deus. Deus dá-Se à alma como sua possessão, estabelecendo-Se como princípio motor não somente da sua vontade, mas de todo o seu ser, tomando a direcção de toda a sua vida e inspirando-a em tudo quanto faz. Isto é efeito de um influxo mais intenso dos dons do Espírito Santo, que incide sobre todas as faculdades da alma e até na parte sensível, a qual fica assim completamente sujeita ao espírito. A alma possui a Deus como sendo Aquele que a vivifica, a move e a governa; possui a Deus como seu princípio de vida, seu amparo, sua força, seu tudo; espontaneamente exclama com S. Paulo: «Vivo, já não eu, mas é Cristo que vive em mim» (Gál. 2, 20). Sente que a sua vida é muito mais vida de Deus do que vida própria; assim como Deus Se deu todo a ela, também a alma —

e precisamente em virtude da singular plenitude do dom divino — se deu todo a Ele; já não é só o dom perfeito da vontade, mas é o dom de todo o ser magnificamente harmonizado pela abundante moção dos dons do Espírito Santo. Este dom, esta entrega total de si mesma ao Amado, faz com que a alma transfira, por assim dizer, a sua vida para Deus, vivendo mais nEle que em si própria, «mais nAquele que ama do que no corpo que anima» (cfr. J.C. C. 8, 3). A alma chegada a tal estado pode repetir com toda a verdade como a Esposa mística dos Cantares: «O meu Amado é para mim e eu para Ele» (2, 16).

A união da alma com Deus é doravante tão perfeita e plena que acima dela só existe a união beatífica do céu. A união total é o céu antecipado, o céu oferecido às almas generosas que não se poupam a fadigas nem a sacrifícios para se darem inteiramente a Deus.

Colóquio — «Ó Senhor, grande é o favor que fazeis à alma ao uni-la a Vós numa maior intimidade! Como é saboroso o Vosso convite e delicioso o vinho que me dais! Uma só gota faz-me esquecer todas as coisas, sair das criaturas e de mim mesma para não querer já os contentamentos e regalos que até agora desejou a minha sensualidade. É tão grande esta graça, que eu nem a merecia.

«Que os do mundo se avenham com os seus domínios, com as suas riquezas, com os seus deleites, com as suas honras, com os seus banquetes! Se de todos estes bens pudessem gozar sem os trabalhos que trazem consigo, o que é impossível, nem sequer em mil anos alcançariam o gozo que num momento tem a alma a quem o Senhor fez chegar aqui.

«Não, não têm comparação as baixezas da terra com estas delícias tão suaves que ninguém pode merecer, com esta estreita união conVosco, Deus meu, com este amor tão claramente compreendido e saboreado» (T.J. P. 4, 6 e 7).

«Ó Senhor e Deus meu! Quem Vos buscará com amor puro e singelo que deixe de Vos encontrar muito a seu gosto e vontade, se Vós sois o primeiro a mostrar-Vos e saís ao encontro daqueles que Vos desejam?

«Ó quão doce será para mim a Vossa presença, Vós que sois o sumo Bem! Chegar-me-ei a Vós em silêncio a fim de que tenhais por bem juntar-me conVosco em matrimónio e não descansarei até que em Vossos braços goze. E agora rogo-Vos, Senhor, que me não deixeis no meu recolhimento em tempo algum, pois sou desperdiçador da minha alma» (J.C. AM. I, 2; II, 45).

368. O TRIUNFO DO AMOR

Ó meu Deus, fazei que em mim só haja amor, que tudo venha do amor e tudo vá para o amor.

1 — A vida da alma que chegou à união total pode definir-se como um único, contínuo e intensíssimo exercício de amor, através do qual se dá incessantemente ao seu Deus. Todas as suas potências, não só purificadas mas também perfeitamente harmonizadas, se empenham à porfia no serviço divino: «o entendimento, consagrando-se em entender as coisas que são mais do serviço de Deus para as fazer; a vontade, amando tudo o que agrada a Deus e afeiçoando-se em todas as coisas a Deus; a memória, cuidando do que é do Seu serviço

e mais Lhe haja de agradar» (J.C. C. 28, 3). E não só isto, mas também a parte sensível, o próprio corpo com todos os seus sentidos, participa neste magnífico concerto de amor, de modo que a alma pode na verdade dizer que 'todo o seu «haver» — ou seja, todas as suas potências espirituais e sensíveis — está completamente empregado no exercício do santo amor. «Porque o corpo — explica o Doutor místico — já o trata [ela] segundo Deus, dirige a Ele os sentidos interiores e exteriores nas suas operações, e tem as quatro paixões da alma [o gozo, a esperança, o temor e a dor] também todas sujeitas a Deus; porque ela não goza senão de Deus, nem tem esperança em outra coisa senão em Deus, nem teme senão só a Deus, nem se dói senão segundo Deus, e também todos os seus apetites e cuidados vão só para Deus» (ib. 4).

A chama amorosa da Sabedoria divina de tal maneira se apoderou desta alma, de tal modo a purificou e a enamorou só de Deus, que todo o seu ser e todas as suas potências não vibram senão por Ele, não agem senão para O servir e Lhe dar gosto, não têm fome senão dEle, nem desejam outra coisa senão dar-se e unir-se a Ele em perfeito amor. Assim, até os primeiros movimentos dessa alma são movimentos de amor, «porque o entendimento, a vontade e a memória vão-se logo para Deus, e os afectos, os sentidos, os desejos, os apetites, a esperança, o gozo, tudo enfim, se inclina, de primeira instância, para Deus» (ib. 5). O amor tornou-se a atmosfera em que a alma se move, a sua respiração, a sua vida. Os duros sacrifícios, as ásperas lutas e renúncias do passado, quando o exercício de amor consistia «em despojar-se de tudo o que não é Deus» (S. II, 5, 7), parecem-lhe agora um nada em com-

paração do grande bem alcançado e repete com entusiasmo: «Tudo é pouco quando se trata de adquirir o puro e verdadeiro amor de Deus» (T.M. Sp. 131).

2 — O amor da alma que fez a Deus a doação total de si mesma é o verdadeiro amor puro. Amor puro, porque não tem mistura do mais pequeno affecto às criaturas ou da mínima busca de si. Amor puro, porque sobe directa e rapidamente para Deus, através de todas as circunstâncias da vida sem jamais se deter em nenhuma coisa criada. A alma serve-se de todos os acontecimentos, de todos os deveres, de todas as acções para amar o seu Deus, o que equivale a dar-se a Ele servindo-O como mais Lhe agrada. A alma já não tem necessidade, como outrora, de se dedicar particularmente a esta ou àquela virtude, porquanto as adquiriu todas com perfeição, mas «quer o seu trato seja acerca do temporal, quer o seu exercício seja acerca do espiritual... já somente amar é o seu viver» (J.C. C. 28, 9). Já não tem necessidade do apelo e do estímulo duma lei externa que a guie, porque a sua lei é o grande amor que tem dentro de si e que a impele a procurar e a querer em tudo o beneplácito divino. «Ama e faz o que quiseres», dizia S.to Agostinho; «para o justo não há lei», escreveu S. João da Cruz no cimo do monte da perfeição, e isto, muito longe de significar que o amor dispensa da observância da lei, do dever e da obediência, significa antes que o amor, quando é deveras perfeito, substitui e completa qualquer lei, pois tem em si próprio a força de impelir a alma para a mais alta perfeição.

Acerca deste amor totalitário e puríssimo que concentra em Deus todas as forças da alma sem nada reservar para si, deste amor que vai directamente ferir

o coração de Deus ultrapassando todas as coisas terrenas, S. João da Cruz escreveu: «É mais precioso diante de Deus um pouquinho de puro amor e aproveita mais à Igreja... que todas as outras obras juntas» (C. 29, 2). A actividade mais intensa e mais sublime que pode existir é a que concentra e ocupa em Deus todas as energias e capacidades da criatura. É a actividade eterna dos anjos e santos no céu, a actividade que as almas, chegadas à união total com Deus, podem iniciar já na terra, como que rivalizando com eles. «Ditosa vida e ditoso estado e ditosa alma que lá chega, em que tudo lhe é substância de amor e regalo e deleite de desposório» (ib. 28, 10).

Colóquio — «Assim como a desposada não põe o seu amor nem o seu cuidado, nem a sua obra em outro que não seja o seu esposo, assim fazei, Senhor, que a minha alma não tenha já nem affectos de vontade, nem intelligência de entendimento, nem cuidados, nem appetites que não sejam totalmente referidos a Vós.

«Fazei que eu não saiba outra coisa senão amar-Vos, ó Esposo divino. E vendo que nada apreciáis nem de nada Vos servis fora do amor, ajudai-me a empregar-me todo no Vosso amor puro porque desejo servir-Vos perfeitamente.

«Não permitais que ande à busca do meu próprio lucro, nem ande atrás dos meus gostos, nem tão pouco me ocupe em outras coisas e tratos estranhos e alheios a Vós; e que até conVosco mesmo já não tenha outro estilo nem trato senão exercício de amor; tudo em mim se mova por amor e no amor, fazendo tudo o que faço com amor, e padecendo tudo o que padeço com sabor de amor.

«Fazei que, eu possa repetir juntamente com a esposa dos Cantares: 'Todas as maçãs novas e velhas guardei para ti'; como se dissera: Amado meu, todo o áspero e trabalhoso quero por Vós e todo o suave e saboroso quero para Vós» (J.C. C. 27, 7 e 8; 28, 2-10).

«Ó Jesus, o meu coração não aspira pelas riquezas nem pela glória, 'mesmo a glória do céu'; compreendo que esta pertence por direito aos meus irmãos: os Anjos e os Santos; a minha glória será um reflexo da que irradia da frente de minha mãe, a Igreja. O que eu peço é o Amor! Só sei uma coisa, é amar-Vos, ó Jesus!

«Ó meu Jesus, amo-Vos, amo a Igreja minha Mãe, lembro-me de que 'o mais pequeno movimento de puro amor lhe é mais útil do que todas as outras obras juntas'. Mas o puro amor existirá de facto no meu coração?

«Ó Jesus, fazei que o amor me penetre e me cerque; fazei que a cada instante o Vosso amor misericordioso me renove, me purifique a alma e não deixe nela nenhum rasto de pecado!» (T.M.J. *M.B. e M.A.*, pg. 235, 237 e 216).

369. O AMOR TRANSFORMANTE

Meu Deus, que o Vosso amor me invada e me penetre até me transformar totalmente em Vós.

1 — Assim como a chamazinha de uma vela unida à chama de um fogo imenso se torna uma só coisa com ela, ardendo e resplandecendo juntamente, de modo que é impossível distingui-la do grande fogo em que está imersa, assim a alma unida a Deus por amor se perde nEle, ficando tão envolvida e transformada que parece o mesmo Deus, a ponto de se tornar «divina e feita Deus

por participação quanto se pode nesta vida» (J.C. C. 22, 3). Deus é sempre Deus, essencialmente distinto da alma; todavia o amor uniu e, por assim dizer, conglutinou de tal modo a criatura com o Criador, que «são duas naturezas num espírito de amor» (ib.). A perfeição da caridade e da graça faz com que o Espírito Santo habite na alma com singular plenitude e neste divino Espírito — Espírito e vínculo de amor — a alma permanece totalmente unida à Trindade sacrossanta. Realiza-se então, do modo mais perfeito, o vivo desejo e a ardente súplica de Jesus: «Como Tu, Pai, o és em mim e eu em Ti, que também eles sejam um em nós» (Jo. 17, 21).

Estando assim unida a Deus, a alma fica transformada nEle por amor, ou melhor, o amor, unindo-a completamente a Deus, torna-a tão conforme a Ele que a transforma toda nEle. Esta transformação estende-se a todas as potências: «o entendimento humano faz-se divino, unido ao divino» e fica todo iluminado com a luz sobrenatural; torna-se «divina vontade», feita uma só coisa com a de Deus e toda inflamada em santo amor, e «o mesmo se dá na memória e também todas as afeições e apetites se mudam e tornam segundo Deus, em divinos» (J.C. N. II, 13, 11). A alma não só fica divinizada no seu ser, nas suas potências, como também nas suas acções, porque «Deus mesmo é que move e ordena divinamente as suas potências segundo o Seu divino espírito e vontade; por isso as operações... que a alma realiza... são operações divinas» (J.C. S. III, 2, 8). A plenitude da vida sobrenatural, comunicada à alma no estado de matrimónio espiritual, realiza nela, no grau mais elevado, a prerrogativa da graça, que é precisamente tornar o homem «participante da natureza divina» (II *Ped.* 1, 4).

Vemos assim uma vez mais a maravilhosa continuidade que existe entre o desenvolvimento da graça na nossa alma e estes altos estados que são a sua última consequência e esplêndida coroa. Porque nos detemos portanto nas miseráveis coisas da terra, se Deus nos criou para estas divinas grandezas?

2 — «O amante — diz S. João da Cruz — não pode estar satisfeito se não sente que ama tanto quanto é amado» (C. 38, 3). Quem ama deveras não suporta ser superado no amor, e quanto mais amado se sente, mais deseja corresponder ao amor. Mas como poderá a criatura tão fraca e limitada igualar Deus no amor, quer dizer, amá-LO tanto quanto é amada por Ele? Ora, esta santa e ousada pretensão realiza-se no estado de transformação total. Estando a vontade totalmente transformada na de Deus, «o seu amor será amor de Deus — afirma o Santo —. E assim a alma ama a Deus com a vontade e a força do mesmo Deus, unida com a mesma força de amor com que é amada de Deus, e esta força é no Espírito Santo» (ib.). O Espírito Santo, terceira Pessoa da SS.ma Trindade, termo e vínculo subsistente do amor incriado, que une indissolúvelmente o Pai e o Filho, foi-nos dado para que, acendendo na nossa alma a chama do amor divino, nos tornasse capazes de amar a Deus, não já sòzinhos, com as nossas pobres forças tão limitadas, mas juntamente com Ele, força e amor infinitos. A chama da caridade, acendida em nós pelo divino Paráclito no dia do nosso baptismo, e desde então ateadada na proporção da nossa correspondência à graça, imerge e perde-se totalmente na chama infinita do Espírito Santo, quando a alma, chegada à total transformação em Deus, se tornou um só Espírito com Ele. Então a alma ama

verdadeiramente a Deus tal como é por Ele amada, porque O ama juntamente com o Espírito Santo. A capacidade de amor da alma torna-se assim, de certo modo e por participação, quase infinita, e só desta maneira o seu amor fica satisfeito, porque pode amar a Deus com igualdade de amor. O Doutor Místico explica ainda: «Sendo Ele [o Espírito Santo] dado à alma para força deste amor, supõe e supre nela, em razão de tal transformação da glória, o que nela falta... Ela ama de certo modo, pelo Espírito Santo, como lhe será dado fazer na tal transformação da bem-aventurança» (ib.).

Que alegria e que conforto para a alma que sofre por causa da pobreza extrema do seu amor em confronto com o amor infinito de Deus e a Sua infinita amabilidade, saber que o Espírito Santo pode e quer suprir a sua insuficiência com a condição de que ela se deixe arrebatada e absorver totalmente pela chama imensa do Seu amor!

Colóquio — «Ó minha alma, criada para estas grandezas e a elas chamada! que fazes? em que te entreténs? As tuas pretensões são baixas e as tuas posses misérias. Ó miserável cegueira dos teus olhos, pois estás cega para tanta luz e surda para tão grandes vozes, não vendo que, enquanto buscas grandezas e glória, te quedas miserável e baixa, tornada ignorante e indigna de tantos bens!» (J.C. C. 39, 7).

«Ó Espírito Santo, Vós fazeis de mediador entre a alma e Deus e moveis a alma com ardentes desejos, abrasando-a no fogo soberano, que tão perto está.

«Como são grandes as misericórdias que Vós concedeis à alma, Senhor! Sede bendito e louvado para sempre por tanto amor que nos tendes, Deus meu e

Criador meu, será possível haver alguém que não Vos ame? Oh! infeliz de mim que por tanto tempo Vos não amei!

«Como sois bom, Senhor meu! Sede para sempre bendito, e todas as criaturas Vos louvem! Tanto nos amastes, ó meu Deus, que podemos com verdade falar da comunicação que Vos dignais ter com as almas já neste desterro. Ó liberalidade infinita do meu Deus, quão magníficas são as Vossas obras! Estas enchem de admiração a quem se desprende de tudo, para melhor entender a verdade. Quão grandes mercês concedeis às almas que tanto Vos ofenderam!... Oh! não chego a entender nada! Quando nisto penso, nem posso já seguir para diante. Para onde poderei ir, que não seja voltar atrás? Não sei como Vos render graças, ó Senhor, por tão grandes mercês»... (T.J. P. 5, 5; Vi. 18, 3).

370. A INTIMIDADE DIVINA

Concedei-me, ó Senhor, uma intimidade conVosco plena e estável, a fim de poder amar-Vos cada vez mais.

1 — A alma começa a entrar no caminho da intimidade divina no dia em que, decidindo resolutamente sair de si mesma e de todas as coisas se põe com ardor à procura de Deus, vivo e presente nela. Deste primeiro passo até à intimidade profunda, que estreitará com Deus a alma que chegou à união total, o caminho é longo e fatigante. Progressivamente, à medida que, sustentada pela graça, a alma se desprende de si mesma e das criaturas, se liberta das suas imperfeições e se despoja da sua vontade revestindo-se somente da von-

tade divina e que, inflamada em amor, se encaminha para «a doce e deleitosa união» (J.C. N. II, 16, 14), a sua intimidade com Deus cresce em intensidade e amor, até que, chegada aos cumes do amor transformante, se torna contínua e perfeita, abraço divino que estreita a criatura com o Criador. Então, a grande promessa de Jesus: «Se alguém me ama... Meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele morada» (Jo. 14, 23), realiza-se do modo mais perfeito possível na terra.

«Não se deve ter por crível — afirma S. João da Cruz — que, a uma alma já examinada, provada e purificada no fogo das tribulações e trabalhos e variedade de tentações e encontrada fiel no amor, se deixe de cumprir nesta fiel alma já nesta vida o que o Filho de Deus prometeu, a saber: 'que se alguém O amasse, a SS.ma Trindade viria a ele e faria nele a Sua morada'; e isto realiza-se ilustrando-lhe divinamente o entendimento na sabedoria do Filho e deleitando-lhe a vontade no Espírito Santo, e absorvendo-a o Pai poderosa e fortemente no abraço e abismo da Sua doçura» (CV. 1, 15). Nos momentos mais sublimes da união transformante, a alma experimenta a Deus vivo, presente e operante nela, experimenta o Seu dulcíssimo abraço paternal que a ampara, o esplendor da Sua Sabedoria que a ilumina, o divino flamejar do Seu amor que a penetra toda. Mas ainda que o sentimento da presença e da acção divina nela não seja tão forte nem tão reconfortante, a alma tem consciência de estar profundamente unida a Deus e de ser movida e governada por Ele: «Sei que em mim está [Jesus], a cada instante Ele me guia e inspira o que devo dizer ou fazer», atesta S.ta Teresa do Menino Jesus (M.A. pg. 214). A humilde Santa, apesar de não ter conhecido as grandes graças místicas, tam-

bém chegou, não menos que a sua magnânima Madre Teresa de Jesus, àquela profunda intimidade com Deus que a alma goza no estado de união total.

2 — A intimidade divina, sobretudo nos seus mais altos graus, é gozoza e beatificante em si mesma; a alma enamorada, porém, não deseja esta intimidade para gozar, mas para amar cada vez mais o seu Deus, para Lhe estar totalmente unida, para ser inteiramente possuída, movida e governada por Ele, a fim de O servir cada vez melhor e Lhe dar glória em cada uma das suas acções. S.ta Teresa de Ávila diz expressamente que o fim para o qual o Senhor Se comunica às almas e lhes concede tantas graças — mesmo os mais elevados favores místicos — não é só o de «as regalar», isto é, consolar, mas o de «fortalecer a nossa fraqueza para sabermos imitar [Jesus] no muito padecer» e acrescenta com o seu habitual entusiasmo: «este é o fim da oração; para isto serve este matrimónio espiritual: para que dele nasçam sempre obras e mais obras» (M. VII 4, 4 e 6).

A doçura e o gozo da intimidade com Deus têm por fim tornar a alma mais corajosa na doação de si, mais forte em levar a cruz. Sim, enquanto andarmos na terra, o sofrimento nunca pode faltar e não falta nem sequer no meio das delícias da união divina, pois temos de nos conformar com Cristo Crucificado, temos de O seguir no caminho do Calvário, até à completa imolação com Ele pela glória do Pai e pela salvação dos irmãos. As obras que a união com Deus há-de produzir são as obras do amor, é a actividade intensa do amor puro mediante o qual a alma se dá incessantemente a Deus, ansiosa por arrastar consigo uma multidão imensa de outras almas. Assim, da intimidade divina, da união total com

o Senhor, do amor puro, brota espontâneamente o apóstolo mais fecundo. As almas que chegaram ao matrimónio espiritual, afirma a ardente Teresa de Jesus, «têm por sua glória poderem ajudar nalguma coisa o Senhor Crucificado, sobretudo quando vêem que é tão ofendido, e que há tão poucos que deveras olham pela Sua honra, desprendidos de tudo o mais» (M. VII, 3, 6).

Totalmente esquecida de si, a alma amante nem pensa no seu gozo nem no seu sofrimento, mas somente em amar e servir o seu Deus, em contribuir para a Sua glória em tudo o que puder, associando-se à obra redentora de Jesus. E se aspira a uma união com Deus cada vez mais íntima e perfeita, tanto agora na terra como depois no céu, é para amar com a máxima intensidade, é para levar o maior número possível de almas a amarem o Amor.

Colóquio — «Senhor Deus, Amado meu! se ainda Vos recordais dos meus pecados para não fazerdes o que ando pedindo, fazei neles, Deus meu, a Vossa vontade, pois é o que eu mais quero e exercei neles a Vossa bondade e misericórdia, e sereis neles conhecido; e se esperais por obras minhas para, por meio delas, me concederdes o que Vos rogo, dai-mas Vós e operai-as Vós por mim, assim como as penas que quizerdes aceitar e faça-se. Mas se pelas minhas obras não esperais, porque esperais, clementíssimo Senhor meu? Porque tardais? Porque se, enfim, há-de ser graça e misericórdia o que em Vosso Filho Vos peço, tomai os meus parcos haveres pois os quereis, e dai-me este Bem, pois que Vós também o quereis.

«Quem se poderá libertar dos modos e termos baixos, se não o levantaiis Vós a Vós em pureza de amor, Deus

meu? Como se elevará a Vós o homem gerado e criado em baixezas, se Vós o não levantardes, Senhor, com a mão com que o fizestes? Não me tirareis, Deus meu, o que uma vez me destes em Vosso único Filho Jesus Cristo, em quem me destes tudo quanto quero; por isso folgarei pois não tardareis, se eu confiar.

«Com que dilacões esperas, alma minha, se desde já podes amar a Deus em teu coração?

«O céu é meu e minha a terra; minhas são as gentes, os justos são meus e meus os pecadores, os anjos são meus, e a Mãe de Deus e todas as coisas são minhas; e o próprio Deus é meu e para mim, porque Cristo é meu e todo para mim. Que pedes pois e buscas, alma minha? Tudo isto é teu e tudo para ti» (J.C. Oração da alma enamorada).

FESTAS FIXAS

371. A PURIFICAÇÃO DE MARIA

2 DE FEVEREIRO

Suplico-Vos, Senhor, por intercessão de Maria Santíssima, que Vos dignéis purificar a minha alma.

1 — A festa deste dia, que encerra o ciclo natalício, é ao mesmo tempo festa de Jesus e festa de Maria: de Jesus, porque quarenta dias depois do nascimento é apresentado no templo por Sua Mãe, segundo a prescrição da lei; de Maria, porque se sujeita ao rito da purificação.

A liturgia celebra, antes de tudo, a primeira entrada de Jesus Menino no templo: «Eis que o Senhor, o Dominador, vem ao seu santo templo; alegra-te e regozija-te, saindo ao encontro do teu Deus» (BR.). Saiamos também nós ao Seu encontro, fazendo nossos os sentimentos do velho Simeão que «foi ao templo [conduzido] pelo Espírito [de Deus]» e que, cheio de gozo, recebeu em seus braços o Menino Jesus.

Para solenizar este encontro, hoje a Igreja benze as velas e entrega-no-las; em procissão, com as velas acesas, entremos no templo. A vela acesa simboliza a vida cristã, a fé e a graça que devem resplandecer na nossa alma. Mas é também símbolo de Cristo, luz do mundo, «luz para iluminar as nações», como O saudou Simeão. A vela acesa recorda-nos que devemos trazer sempre Cristo connosco, Ele que é fonte da nossa vida, autor da fé e da graça. E o próprio Jesus, com a Sua graça, nos dispõe para irmos ao Seu encontro com mais fé e mais amor. Possa o nosso encontro com Ele ser hoje particularmente íntimo e santificante!

Jesus é apresentado no templo para ser oferecido ao Pai. Para Ele, o resgate não tem o mesmo valor que

tinha para os primogénitos dos hebreus, pois Ele é a vítima que deverá ser imolada pela salvação do mundo. A Sua apresentação no templo é, por assim dizer, o ofertório da Sua vida; o sacrifício consumir-se-á mais tarde no Calvário. Ofereçamo-nos juntamente com Jesus.

2 — Jesus é apresentado no templo por Sua Mãe; hoje, portanto, contemplamos Maria no seu papel de Corredentora. A Virgem não ignorava que Jesus era o Salvador do mundo e, através do véu das profecias, compreendera claramente que a sua missão havia de realizar-se num mistério de dor no qual, como Mãe, Ela teria de participar; Simeão, com a sua profecia: «Uma espada trespassará a tua alma» (Lc. 2, 35), confirmou-lho. Maria, então, no segredo do seu coração, devia ter repetido o seu *fiat*: «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc. 1, 38). Oferecendo o Filho, oferecia-se a si mesma, sempre intimamente unida à Sua sorte.

Mas antes de entrar no templo para apresentar Jesus, Maria quer submeter-se à lei da purificação legal. Embora esteja plenamente consciente da sua virgindade, coloca-se ao lado das outras mães e, confundida no meio delas, espera humildemente a sua vez, levando consigo «um par de rolas», que era a oferta dos pobres. Vemos Jesus e Maria submeterem-se a leis a que não eram obrigados: Jesus não precisava de ser resgatado, nem Maria precisava de ser purificada. Que lição de humildade e de respeito para com a lei de Deus!

Há leis a que somos obrigados e de cujo cumprimento o nosso amor próprio se exime sob falsos pretextos: são dispensas abusivas, reclamadas em nome de direitos que na realidade não existem. Humilhem-nos e reco-

nheçamos que se Maria não tinha necessidade nenhuma de se purificar, nós temos necessidade absoluta da purificação interior.

Colóquio — «Ó Jesus, viestes oferecer-Vos no templo, e quem Vos ofereceu? Ofereceu-Vos a Virgem Maria, aquela que não teve nem terá outra semelhante a si. Ofereceu-Vos Maria que, pela boca do sábio, o Vosso Pai proclamou toda bela e formosa... A quem Vos ofereceu? Ofereceu-Vos a Deus, substância infinita, excelso na Sua criação, fecundo na herança, sublime e insondável nos Seus desígnios, gracioso e suave no amor. E o que ofereceu? Ofereceu-Vos a Vós, Verbo eterno, substância da Essência divina, Filho do Altíssimo, legislador do universo. A Vós que, com tantos e tão formosos e excelsos nomes fostes chamado: ó Chave de David, ó Rei das Gentes, ó Emanuel.

«E que me ensinai, Senhor, ao oferecerdes-Vos no templo? Ensinai-me reverência para com a lei, porque quisestes cumpri-la; ensinai-me adoração, porque Vos oferecestes ao Pai, não como igual a Ele, embora verdadeiramente o sejais, mas como homem. Sim, ensinai-me a reverência que devo ter para com a Vossa lei; e não só são leis Vossas os dez mandamentos, mas também a Regra e as Constituições. Esta Vossa lei é para mim suave e doce; sou eu que a torno amarga quando não me nego a mim mesma, porque então, em vez de a levar suavemente, a lei é obrigada a levar-me a mim» (cfr. S.ta M. Madalena de Pazzi).

Ó Jesus, pelas mãos de Maria quero oferecer-me hoje juntamente conVosco ao eterno Pai. Mas Vós sois a Hóstia puríssima, santa, imaculada, ao passo que eu estou cheio de manchas, de miséria, de pecados. Ó

Maria, minha Mãe, a vós que, apesar de estardes isenta de toda a sombra de imperfeição, quisestes ser purificada, peço-vos que purifiqueis a minha pobre alma, para que seja menos indigna de ser oferecida ao Pai em união com o Seu e vosso Jesus. Ó Virgem puríssima, encaminhai-me vós mesma, para que a minha pusilanimidade não desfaleça perante a aspereza do caminho.

372. S. JOSÉ, PADROEIRO DA IGREJA
19 DE MARÇO

Ó glorioso S. José, fazei que sob o vosso patrocínio cresça e se desenvolva a minha vida interior.

1 — Hoje a Igreja apresenta-nos S. José, o grande Patriarca a cuja guarda Deus quis confiar a porção mais escolhida do Seu rebanho: Maria Santíssima e Jesus. Precisamente porque S. José foi escolhido por Deus para guarda da família de Nazaré, primeiro núcleo da grande família cristã, a Igreja quis reconhecer nele o guardião e o patrono de toda a cristandade. É este o significado da festa de hoje que nos convida a fixar o nosso olhar na missão do grande Santo, nas suas relações com Jesus e com a Sua Igreja.

Uma vez conhecido o mistério da Incarnação, toda a vida de José gravita em torno do Verbo Incarnado: por Ele suportou angústias, sofrimentos, canseiras, o seu trabalho; consagrou-Lhe todos os seus cuidados, as suas energias, os seus recursos, todo o seu tempo. Não reservou nada para si, mas, esquecido totalmente das exigências, desejos e opiniões pessoais, entregou-se unicamente aos interesses e à obra de Jesus. Para José

não existem senão Jesus e Maria e ele sente que a sua vida não tem outra razão de ser senão servi-los e protegê-los. Desta forma participou em cheio, como colaborador humilde e oculto, na obra da Redenção, e se não acompanhou Jesus na Sua vida apostólica e na Sua morte de Cruz, como Maria, trabalhou, no entanto, pelos mesmos fins do Salvador.

Tendo sido o guarda fiel da Sagrada Família, é impossível que do céu S. José não continue a ser o guarda da grande família cristã, a Igreja inteira, a qual, certa da sua protecção e apoiando-se nela, suplica assim na Missa do dia: «Apoiando-nos sobre o patrocínio do Esposo da Vossa Mãe Santíssima, imploramos, Senhor, a Vossa clemência... e pelos seus méritos e intercessão fazei-nos participar na sua glória celeste» (MR.).

2 — A escolha de S. José para guarda da Família de Nazaré foi também para ele o chamamento à intimidade divina. Não devemos esquecer que S. José se encontra no ponto de divisão entre o Antigo e o Novo Testamento; a primeira parte da sua vida pertence ao Antigo e a segunda ao Novo. Antes da vinda de Jesus, tal como os outros Patriarcas da antiga aliança, ele terá certamente seguido as directivas do seu tempo pelo que as suas relações com Deus teriam sido sobretudo informadas por um sentimento de temor reverencial. Mas desde o momento em que o Anjo lhe revela o mistério da Incarnação e ele vem a saber que Maria, sua Esposa, é a Mãe do Redentor, tudo muda na sua vida. Deus, a quem sempre honrara como o Altíssimo, o Inaccessível, o três vezes Santo, aproxima-Se tanto dele que incarna no seio de sua Esposa e o escolhe a ele para Seu pai adoptivo. Logo que nasce, é posto em seus

braços e confiado aos seus cuidados; irá crescendo sob os seus olhares, comerá à sua mesa e dormirá debaixo do seu tecto. Oh! que vida de intimidade! Intimidade não só de relações exteriores, mas também de relações interiores e espirituais, porque José conhece pela fé que Jesus é o seu Deus. Assim, juntamente com Maria, o grande Santo foi o primeiro a penetrar naquela vida de amor e de intimidade com Deus cujas portas nos foram abertas por Jesus. Vejamos José, portanto, cumprindo a sua missão não só com uma total dedicação exterior, mas com o coração cheio de Jesus, com um coração onde se desenrola uma vida riquíssima de intimidade divina. Ao mesmo tempo que se entrega aos deveres do seu ofício de pai adoptivo, no segredo da sua alma vive em contínuas relações de amor com o seu Deus, o Verbo Incarnado.

Cada um de nós tem na Igreja a sua missão a cumprir para o bem das almas e para a glória de Deus, missão que exige obras, e muitas vezes obras fatigantes, sacrifícios e actividade intensa. Como S. José, devemos dar-nos com generosidade, com totalidade, sem nos pouparmos, sem reservas; mas devemos igualmente dar-nos às obras de Deus com um coração cheio de Deus, com um coração que vive em intimidade com Ele, alimentando esta intimidade por meio do exercício assíduo da oração. José ensina-nos o seu doce segredo de vida ao mesmo tempo activa e contemplativa para que, como ele, saibamos dar-nos à acção sem descurar a nossa vida de íntima união com Deus.

Colóquio — «Ó bem-aventurado S. José, a quem foi concedido não só ver e escutar aquele Deus que muitos reis desejaram ver e não viram, ouvir e não ouviram,

mas também tê-lo nos braços, beijá-lo, vesti-lo e cuidar dEle! Ó S. José, os outros só depois da morte gozam de Deus e estão a Seu lado, porém vós gozastes já desta prerrogativa em vida, como os bem-aventurados. Vós estreitais ao coração o Menino Jesus e O seguís na fuga para o Egipto, vós Lhe dais alojamento sob o vosso próprio tecto» (cfr. BR.).

«Oh! que doces beijos recebestes dEle! Com que doçura ouvíeis chamar por vós o Menino que apenas balbuciava e com que suavidade vos sentíeis docemente abraçado! Com que amor O fazíeis descansar sobre os vossos joelhos quando, ainda menino, Se sentia fatigado durante as viagens! Um amor sem reservas atraía-Vos para Ele, como para um Filho dulcíssimo que o Espírito Santo vos tinha dado por meio da Virgem, vossa Esposa!» (S. Bernardino de Sena).

«Ó glorioso Santo, são de espantar as grandes mercês que Deus me fez por vossa intercessão, e os perigos de que me livrou, tanto do corpo como da alma. A outros Santos parece que o Senhor lhes concedeu a graça de socorrerem numa necessidade; porém vós socorrei em todas... a vós devem ser sempre especialmente afeiçoadas as pessoas de oração... Quem não encontrar mestre que lhe ensine oração, tome-vos por mestre e não errará no caminho» (T.J. Vi. 6, 6 e 8).

Ó S. José, fazei que sob o vosso patrocínio cresça e prospere a vida de toda a Igreja e a vida interior de cada cristão. Ponho a minha vida espiritual sob a vossa protecção; vós que vivestes tão perto de Jesus, introduzi-me na Sua intimidade e fazei que, como vós, possa servi-lo com um coração cheio de amor.

373. A VIDA DE FÉ EM S. JOSÉ

Na vossa escola, glorioso S. José, quero aprender a viver de fé, deixando-me guiar em tudo pela divina Providência.

1 — A atitude fundamental da vida de S. José é toda feita de confiança, de abandono a Deus e brota da sua fé. S. Mateus diz que ele era um homem «justo» (1, 19); a Sagrada Escritura ensina que «o justo vive da fé» (*Rom.* 1, 17) e pode afirmar-se certamente que nenhuma criatura — depois da Virgem Maria — viveu tanto de fé como S. José. Com efeito, a sua vida tendo-se desenrolado na órbita do mistério da Incarnação, teve de passar necessariamente por todas as obscuridades que rodearam a realização do grande mistério. S. José precisou, por isso, de uma grande fé, fé que foi continuamente alimentada de sofrimentos e temperada de angústias. As perplexidades que a misteriosa maternidade de Maria lhe causou, a pobreza extrema e as angústias de Belém, os incómodos da fuga para Egipto, fizeram gemer a sua alma delicada a ponto de ser necessário, nos momentos mais difíceis da sua vida, que um Anjo descesse do céu, para o amparar e introduzir nas profundezas do mistério divino que se desenrolava diante dos seus olhos. E José deixava-se guiar com a docilidade e a confiança cega de uma criança. Atestam-no os quatro factos seguintes referidos pelo Evangelho:

1.º O Anjo põe termo à sua inquietação, mandando-lhe tomar Maria Santíssima por esposa «porque o que nela foi concebido é [obra] do Espírito Santo»: e José não hesita nem por um instante e «fez como lhe tinha mandado o Anjo do Senhor» (*Mt.* 1, 20 e 24). 2.º O

Anjo diz-lhe: «toma o Menino e sua mãe e foge para o Egipto» (ib. 2, 13): sem demora, alta noite, o Santo levanta-se e executa a ordem. Ojectivamente a fuga apresentava enormes dificuldades: os grandes incómodos e os perigos da viagem, a mais extrema pobreza, o exílio num país estrangeiro; mas o Anjo falou e José obedece. 3.º Morto Herodes, o Anjo manda-lhe que volte para a terra de Israel. 4.º O Anjo comunica-lhe que se retire para a Galileia (cfr. ib. 2, 19-23).

Eis quatro actos de fé e de obediência cega. S. José não duvida, não raciocina, não põe dificuldades, porque confia totalmente em Deus, porque crê plenamente nEle, na Sua palavra, na Sua divina Providência.

2 — Toda a vida de S. José se resume numa contínua adesão ao plano divino, mesmo em face de situações para ele muito misteriosas e obscuras.

Também na nossa vida há sempre um pouco de mistério, porque Deus gosta de agir oculta e secretamente, e porque a Sua acção, para a nossa pobre inteligência humana, é sempre impenetrável. É necessário, portanto, esse olhar de fé, essa confiança total que, apoiando-se na bondade infinita de Deus, gera em nós a convicção de que Ele, sempre e através de qualquer circunstância, quer o nosso bem e tudo dispõe para tal fim. Só quando possuímos esta confiança poderemos dizer sempre, como S. José, o nosso *sim* a qualquer manifestação da vontade divina, um *sim* humilde, pronto, confiante, não obstante as obscuridades, as dificuldades, o mistério... Deus serviu-Se dos anjos para manifestar a S. José a Sua vontade; para no-la comunicar, serve-Se dos nossos superiores que, como os anjos, são os Seus enviados, os Seus mensageiros. Obedeçamos com a simplicidade de José,

certos de que Deus pode servir-Se de qualquer pessoa ou circunstância para nos comunicar e realizar a Sua vontade divina, como Se serviu do édito de César para conduzir José a Belém, onde devia nascer Jesus. As intenções do imperador romano eram muito diferentes. Todavia Deus serviu-Se daquele acto político para levar a efeito o plano da Incarnação. É sempre verdade que Deus tudo governa e dirige para o cumprimento da Sua vontade.

Outra característica da vida de S. José é ter-se consagrado totalmente à missão que Deus lhe confiou: José não vive para si, para os seus interesses pessoais, mas unicamente para Deus, a quem serve em Jesus e Maria. S. José é assim o autêntico modelo das almas de vida interior, das almas que aspiram a viver totalmente para Deus e com Deus, cumprindo a missão recebida dEle.

Colóquio — «Ó José, como vos amo! Como me faz bem pensar na vossa vida tão simples, tão humilde! Como me faz bem pensar que também vós vivestes de fé como nós! Contemplo-vos na casinha de Nazaré, ao lado de Jesus e Maria, trabalhando intensamente por eles. Parece-me ver-vos aplainar a madeira, depois enxugar de vez em quando a frente e apressar-vos a terminar o trabalho para ser entregue aos fregueses. Embora vivendo ao lado do Filho de Deus, a vossa vida passou-se de uma forma completamente ordinária, porque certamente Jesus não fazia milagres inúteis... Na vossa vida tudo se passou como na nossa. E quantas penas, quantas fadigas, quantos perigos! Como ficaríamos admirados se soubéssemos tudo o que sofrestes!» (T.M.J. CL.; NV. 20-VIII).

«Não sei como se pode pensar na Rainha dos Anjos e no muito que sofreu o Menino Jesus sem pensar em vós, ó glorioso S. José, sem vos agradecer a ajuda que lhes prestastes! Por este motivo deviam ser-vos especialmente afeiçoadas as pessoas de oração...

«Pela grande experiência que tenho dos favores que alcançais de Deus, quisera persuadir a todos que fossem vossos devotos. Não conheci pessoa que vos fosse verdadeiramente devota e fizesse em vossa honra alguns particulares serviços que não progredisse notavelmente na virtude. As almas que a vós se recomendam ajudais de uma maneira especial. Vi claramente que a vossa ajuda foi sempre maior do que eu poderia esperar. Não me lembro de vos ter pedido alguma graça sem a ter imediatamente alcançado. O Senhor quer dar-nos a entender com isto que, assim como vos estava sujeito na terra, onde vós, como Seu pai e guarda podíeis mandar, também no céu continua a fazer quanto Lhe pedis» (cfr. T.J. Vi. 6, 6-8).

Ó meu amado S. José, ponho-me com plena confiança sob o vosso patrocínio; ensinai-me a viver como vós, de fé e de abandono a Deus, ensinai-me a viver unicamente para Ele, dando-me todo ao Seu serviço.

374. A ANUNCIAÇÃO

25 DE MARÇO

Junto de vós, ó Maria, quero aprender a repetir em todas as circunstâncias o vosso «Ecce ancilla Domini!»

1 — Através da sugestiva narração de S. Lucas (1, 26-38), procuremos penetrar nas disposições da alma de Maria no momento da Anunciação.

O Anjo enviado por Deus, encontra a Virgem recolhida na solidão e, «entrando onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça, o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres». Ao ouvir tais palavras, Maria — diz o sagrado texto — «turbou-se»; não devemos interpretar esta expressão no sentido de uma verdadeira perturbação que lhe fizesse perder a serenidade de espírito, mas antes no sentido de uma profunda admiração pela inesperada saudação, uma admiração tão grande que se traduz numa espécie de temor. Foi esta a primeira reacção de Maria perante a mensagem angélica, reacção proveniente da sua profundíssima humildade que devia fazer-lhe achar muito estranho aquele extraordinário elogio.

Entretanto o Anjo comunica-lhe a grande mensagem: Deus quer que ela se torne a Mãe do Redentor. Maria, que vive sob a contínua acção do Espírito Santo, tinha feito o voto de virgindade, por inspiração do mesmo Espírito e por isso está convencida de que deve permanecer sempre virgem, de que é essa a vontade de Deus. Agora é Deus que lhe faz saber que é ela a escolhida para Mãe do Seu Filho, e Maria, a humilde escrava, está pronta a aderir ao plano divino; todavia não compreende como poderá ser ao mesmo tempo mãe e virgem, e então pergunta ao Anjo: «Como se fará isso?» O Anjo responde-lhe: «O Espírito Santo descerá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra». A sua maternidade será obra directa do Espírito Santo e respeitará a sua virgindade.

A vontade de Deus foi-lhe inteiramente revelada e Maria, que em toda a sua vida foi sempre unicamente movida pela divina vontade, abraça-a imediatamente com a mais inteira adesão e o mais intenso e puro

amor: «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». A aceitação total é acompanhada por uma entrega total: Maria aceita oferecendo-se e oferece-se entregando-se. Oferece-se como serva, ou antes, como escrava, se tomarmos à letra o texto grego; dá-se, abandonando-se como presa à vontade divina, aceitando antecipadamente tudo quanto Deus quiser dela. Aceitação passiva e activa ao mesmo tempo pela qual Maria quer tudo o que Deus quer, aceitando tudo o que Ele faz e fazendo tudo o que Ele deseja. Assim Maria é o modelo da alma totalmente unida e entregue à vontade divina.

2 — A explicação do Anjo não impede que muitas circunstâncias dos futuros acontecimentos fiquem ocultas e obscuras aos olhos de Maria. Encontra-se diante de um mistério e tem a intuição de que este mistério será rico de sofrimentos, pois sabe pelas Sagradas Escrituras que o Redentor deverá ser o homem das dores, imolado pela salvação da humanidade. O gozo inefável da maternidade divina aparece, por isso, envolvido num mistério de dor: aceitar ser a Mãe do Filho de Deus significa aceitar ser a Mãe de um justicado, de um condenado à morte. O *fiat* de Maria tudo isto inclui; tanto perante o gozo como perante o mistério e a dor, tem uma única resposta: «Eis a escrava do Senhor». Por este seu generoso consentimento, Maria fica intimamente associada à vida de sofrimento do seu Jesus e, por conseguinte, à Sua obra de Redenção, e torna-se a Mãe espiritual do género humano. Tal era o plano divino sobre ela, e Maria aceitou-o integralmente, sem reservas, porque a sua vontade estava intimamente unida à vontade de Deus.

Todo o cristão recebe de Deus uma vocação, uma missão a cumprir, mediante a qual é chamado a participar na obra redentora de Jesus. Nas almas consagradas a Deus, esta missão culmina sempre num dever de paternidade e maternidade espirituais. Oh! se em presença deste chamamento divino todas as almas soubessem responder com a plena adesão de Maria: «*Ecce ancilla Domini... fiat!*»

Na nossa vida recebemos muitas vezes convites do Senhor — e certamente receberemos ainda outros convites ao sofrimento, ao sacrifício, à doação total. Como teremos correspondido? Não nos deteve a visão das fadigas e das dores que teríamos de suportar? Procuraremos, ao menos no futuro, ter mais abertos os olhos da alma para compreendermos, como Maria, que, através do sofrimento, Deus nos chama a cooperar com Jesus na santificação das almas.

Colóquio — «Eu vos saúdo, ó Maria, cheia de graça, o Senhor está convosco! Não só está convosco Deus Filho, a quem dais o vosso sangue, mas também Deus Espírito Santo, por obra do qual vós concebeis, e Deus Pai que desde a eternidade gerou Aquele que vós concebeis. Está convosco o Pai que fez vosso o Seu Filho; está convosco o Filho que, querendo realizar um prodigioso mistério, se esconde no vosso seio materno sem violar a sua integridade virginal; está convosco o Espírito Santo que, juntamente com o Pai e o Filho, vos santifica. Deus está verdadeiramente convosco» (S. Bernardo).

«Ó Maria, templo da Santíssima Trindade, ó Maria vaso de humildade, vós agradastes tanto ao Pai eterno que Ele vos arrebatou e atraiu a Si, amando-vos com

um amor singular. Com o fogo da vossa caridade e com o azeite da vossa humildade, fizestes com que a Divindade viesse até vós.

«Ó Maria, ficastes porventura perturbada com a palavra do Anjo? Não me parece, se bem que mostrásseis sinais de admiração, mais do que de medo. Donde provinha então a vossa admiração? Da grande bondade de Deus pois, considerando-vos a vós mesma, reconhecestes-vos indigna de tão grande graça. Ficastes admirada e surpreendida ao ver a vossa indignidade e fraqueza, e a graça inefável de Deus... e assim, demonstrastes profunda humildade. Em Vós, ó Maria, manifestasse também hoje a dignidade e a liberdade do homem, pois antes do Verbo incarnar foi-vos enviado o Anjo para vos pedir o consentimento. E o Filho de Deus não desceu ao vosso seio antes de vós consentirdes. Ele esperava à porta da vossa vontade, para que vós Lhe abrisseis porque queria vir a vós; e jamais teria entrado se não Lhe tivésseis aberto, dizendo: Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra...

«Ó Maria, meu dulcíssimo amor, vós abristes à Divindade eterna a porta da vossa vontade e imediatamente o Verbo incarnou em vós. Com isto ensinai-me que Deus, que me criou sem mim, não me salvará sem mim... mas chama à porta da minha vontade e espera que eu Lhe abra» (S.ta Catarina de Sena).

Ó Maria, pelo inefável mistério que hoje se opera em vós, peço-vos que me ensineis e ajudeis a abrir de par em par a porta da minha alma a todo o chamamento divino, a toda a solicitação da graça. Fazei que diante de qualquer manifestação da vontade divina, eu repita sempre convosco o meu humilde e pronto: 'Ecce... fiat!'

375. FESTA DE S. PEDRO E S. PAULO
29 DE JUNHO

Ó Senhor, fazei que a festa dos Vossos santos Apóstolos me fortaleça na fé e consolide a minha fidelidade à Igreja.

1 — A festa dos Santos Apóstolos Príncipes da Igreja desperta na alma uma maior união à Igreja, a Roma, ao Papa.

Hoje a liturgia põe Pedro, o chefe dos Apóstolos, em primeiro plano e amanhã falará de Paulo, o Apóstolo das gentes: apresenta-nos assim a figura daqueles que plantaram a Igreja não só com as suas fadigas, mas sobretudo com o seu sangue. O Evangelho (Mt. 16, 13-19) lembra-nos a grande jornada de Cesareia em que Jesus, pela primeira vez, proclamou Pedro fundamento da Igreja: «Eu digo-te que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»; palavras que tiveram uma repercussão grandiosa através dos séculos e que ainda hoje testemunham o primado de Pedro e de todos os seus sucessores sobre a cristandade inteira. Não sobre diferentes Igrejas, mas sobre uma única e grande Igreja: a Igreja católica, apostólica, romana. Uma única Igreja, cujo único fundador e cabeça é Cristo, o qual quis ter em S. Pedro o Seu representante. «Onde está Pedro aí está a Igreja» (S.to Ambrósio), o que significa: onde está o Papa, sucessor de Pedro, aí está a Igreja. Muito justamente, portanto, a festa de S. Pedro deve ser considerada a festa da Igreja, a festa do Papa: a festa que deve despertar em toda a alma cristã o sentimento profundo da sua pertença à Igreja e da sua devoção ao Sumo Pontífice. «Sou filha da Igreja», repetia Teresa de Jesus no momento da morte. Depois de ter trabalhado tanto por Deus e pelas almas, era este o único

título que lhe dava a garantia da misericórdia divina. Sermos filhos da Igreja, eis o nosso título de salvação, eis a nossa glória, depois da de sermos filhos de Deus, ou melhor, não depois, mas *ao mesmo tempo* porque, como diziam os Santos Padres «não pode ter a Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe» (S. Cipriano). Não é verdadeiro católico quem não sente a alegria de ser filho da Igreja, quem não vibra pela Igreja e pelo Papa, quem não está pronto a renunciar aos seus pontos de vista pessoais para «*sentire cum Ecclesia*», sentir com a Igreja sempre e em tudo.

2 — O Communio da Missa de hoje repete, pela segunda vez, as palavras solenes com que Jesus constituiu Pedro fundamento da Igreja: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»; é uma homenagem ao Príncipe dos Apóstolos, mas é também para nós um chamamento. Com efeito, cada cristão deveria ser uma pedra firme e segura de que Jesus Se pudesse servir para sustentar a Sua Igreja. Evidentemente, a pedra viva, a pedra angular por excelência é Cristo e, junto a Si, pôs o Seu Vigário; depois seguem-se todos os fiéis, desde os bispos ao último baptizado; todos — como diz S. Pedro — somos «pedras vivas edificadas sobre Ele [Cristo], para ser uma casa espiritual, um sacerdócio santo» (I, 2, 5).

Também tu, quem quer que sejas, sacerdote ou leigo, religioso ou pai de família, humilde monge ou simples cristão, és chamado a sustentar a Igreja, tal como num edifício material não só os grandes blocos graníticos, mas até os mais humildes tijolos contribuem para edificar a casa. Numa alma de vida interior não pode faltar aquele profundo sentimento apostólico que lhe faz sentir

a sua parte de responsabilidade no bom andamento da Igreja, o que fará acima de tudo com a sua obediência e submissão às directivas da hierarquia. Isto, porém, não basta. Se és verdadeiro filho da Igreja, não podes ficar indiferente perante as suas necessidades, os seus interesses, os seus sofrimentos. Hoje, mais do que nunca, a Igreja sofre: sofre no seu Vigário que, colocado como sentinela de toda a cristandade, conhece melhor que ninguém os perigos e as lutas que a assediam por todos os lados; a Igreja sofre nos seus bispos, nos seus sacerdotes perseguidos, martirizados, reduzidos à impotência; sofre nos seus fiéis abandonados e dispersos, como ovelhas sem pastor; sofre pelos erros, pelas calúnias contra ela desencadeadas. E tu, seu filho, poderás ficar indiferente? Sofre também tu com a tua mãe, ora, trabalha, dispende as tuas forças em servi-la e defendê-la. Põe de lado os teus pequenos interesses pessoais e dedica-te aos grandes interesses da Igreja: com a vida, com as obras, com a oração e com a imolação silenciosa e escondida.

Colóquio — «Ó Deus sumo e inefável, pequei e não sou digna de Vos invocar, mas Vós sois poderoso para me tornar digna; castigai, Senhor, os meus pecados e não me julgueis segundo as minhas misérias. Tenho um corpo que Vos entrego e ofereço. Se Vos apraz, fazei que se triturem os meus ossos e medulas a favor do Vosso Cristo na terra, pelo qual Vos peço... Dai-lhe um coração que continuamente cresça em graça, um coração forte para defender o estandarte da santíssima Cruz, a fim de tornar os infiéis participantes, como nós, da Paixão e do Sangue do Vosso unigénito Filho, Cordeiro imaculado.

«Ó Trindade eterna e infinita, não tardeis mais, pelos merecimentos de S. Pedro, socorrei a Vossa Esposa, a Santa Igreja... Elevo hoje o meu clamor até Vós, Amor meu e Deus eterno, para que tenhais misericórdia deste mundo e deis luz ao Vosso Vigário, a fim de que todo o mundo o siga. Iluminai ainda os adversários da Igreja que resistem ao Espírito Santo, para que se convertam a Vós, Deus meu. Convidai, excitai os seus corações, ó Amor inestimável, e que a Vossa caridade Vos constanja a vencer a sua dureza. Que se convertam a Vós a fim de que não pereçam. E já que Vos ofenderam, Deus de suma clemência, castigai em mim os seus pecados. Eis o meu corpo que de Vós recebi: eu Vo-lo ofereço; que se torne uma bigorna para eles, para que sejam destruídas as suas culpas» (S.ta Catarina de Sena).

«Ó Senhor, ainda que miserável, peço-Vos que me ouçais, pois é para Vossa glória e bem da Vossa Igreja. É para isto que se dirigem todos os meus desejos. Será atrevimento pensar que posso contribuir para este fim? Não nos atendais, Senhor, quando Vos pedirmos honras, ou rendas, ou dinheiros, ou coisa que saiba a mundo; mas para honra do Vosso Filho, porque não nos haveis de ouvir, ó Pai eterno, a nós, que perderíamos mil honras e mil vidas por Vós? Não por nós, Senhor, que não o merecemos, mas pelo Sangue e pelos merecimentos do Vosso próprio Filho» (T.J. *Cam.* 3, 6 e 7).

376. O PRECIOSÍSSIMO SANGUE 1 DE JULHO

Ó Jesus que me remistes com o Vosso Sangue, fazei que o Vosso Sangue produza em mim todo o Seu fruto.

1 — Na liturgia de hoje sobressai a majestosa figura de Jesus, como a de um rei que se apresenta ao povo no esplendor do seu manto real: «Quem é este — canta o Ofício do dia — que vem... com vestidos tingidos, esplendoroso na sua túnica?» (BR.). Mas o manto envergado por Cristo não é resplandecente pelo bisso ou pela púrpura, mas pelo sangue, pelo *Seu Sangue*, derramado pelos nossos pecados: «Está vestido com uma veste manchada de sangue, e chama-se *o Verbo de Deus*» (ib.). Aquele Sangue que o Verbo, ao incarnar, tomou da nossa natureza humana, todo no-lo devolveu como preço do nosso resgate. Não o fez obrigado por ninguém, mas livremente, porque quis, porque nos amou: «Cristo amou-nos e lavou-nos dos nossos pecados no seu sangue» (Ap. 1, 5). Todos os mistérios da nossa redenção são mistérios de amor e todos, por isso, nos incitam ao amor; mas aquele que hoje meditamos tem uma nota particularmente comovedora, porquanto nos leva a considerar a Redenção sob o seu aspecto mais cruento: a efusão do Sangue de Jesus, que corre do Calvário tingindo de púrpura o mundo inteiro, rociando todas as almas. Cristo remiu-nos «não com sangue dos bodes ou bezerras — exclama S. Paulo na Epístola (*Hebr.* 9, 11-15) — mas com o seu próprio sangue»: grandiosa realidade, realidade que se fosse deveras compreendida, seria mais que suficiente para fazer de nós autênticos santos. Devemos ter o «sentido» do Sangue de Cristo, do Sangue que Ele derra-

mou por nós até à última gota, Sangue que, por meio dos sacramentos — da confissão, em particular — jorra continuamente para rociar as nossas almas, para as lavar, purificar e enriquecer com os méritos infinitos do Redentor. «Banhai-vos no Sangue, mergulhai no Sangue, revesti-vos do Sangue de Cristo», era o grito incessante de S.ta Catarina de Sena.

2 — No Ofício do dia, S. Paulo convida-nos com ardor a correspondermos ao dom de Cristo: «Jesus, para santificar o povo com o seu sangue padeceu fora da porta [de Jerusalém]. Saíamos pois ao seu encontro... levando o seu opróbrio». Se queremos que o Sangue de Cristo produza em nós todo o seu fruto, devemos unir-lhe o nosso. Sòmente o Seu é preciosíssimo, tão precioso que uma só gota era suficiente para salvar todo o mundo. Todavia Jesus quer, como sempre, que lhe juntemos a nossa parte, o nosso contributo de sofrimento, de sacrifício, «levando o seu opróbrio». Se formos sinceros temos de reconhecer que procuramos fugir quanto podemos aos opróbrios de Cristo; se às vezes uma falta de delicadeza, uma pequena ofensa ou uma palavrita mordaz basta para nos irritar, como poderemos dizer que somos capazes de partilhar as humilhações do Mestre divino? Ei-lo tratado como um malfeitor, arrastado pela soldadesca, entre escárnios grosseiros, para fora da porta de Jerusalém e aí crucificado no meio de dois ladrões. E nós, que parte tomamos na Sua Paixão? De que modo partilhamos os Seus opróbrios?

Foi para nos redimir que «Jesus sofreu a cruz sem fazer caso da ignomínia... E vós — censura S. Paulo — ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado» (*Hebr.* 12, 2 e 4). Poderemos dizer que somos

capazes de lutar «até ao sangue» para vencer os nossos defeitos, o nosso orgulho, o nosso amor próprio? Oh! quão fracos e cobardes somos na luta, quão indulgentes e compassivos para connosco, sobretudo para com o nosso orgulho! Jesus, inocentíssimo, castigou em Si mesmo os nossos pecados, a ponto de padecer uma morte sangrenta e ignominiosa; e nós, que somos culpados, não sabemos puni-los em nós mesmos, não digo até ao sangue, mas nem sequer até ao sacrifício do nosso amor próprio. Eis o sangue que Jesus nos pede para juntar ao Seu: o sangue que brota da negação plena e sincera do nosso eu, da aceitação humilde e generosa de tudo o que mortifica, quebra e destrói o nosso orgulho. O Sangue preciosíssimo de Jesus dar-nos-á para isso a força «porque a alma que se inebria e se submerge no Sangue de Cristo, veste-se de verdadeiras e reais virtudes» (S.ta Catarina de Sena).

Colóquio — «Ó Jesus, dulcíssimo amor, para fortalecerdes a minha alma e a libertardes da fraqueza em que havia caído pelo pecado, cercaste-a com um muro tendo amassado a cal com a abundância do Vosso Sangue, deste Sangue que une e confirma a alma na doce vontade e caridade de Deus! E como para unir as pedras se põe cal amassada com água, assim Vós, meu Deus, pusestes entre Vós e as criaturas o Sangue do Vosso Unigénito Filho, amassado com a cal viva do fogo duma ardentíssima caridade; por isso não há Sangue sem fogo nem fogo sem Sangue. O Vosso Sangue, ó Cristo, foi derramado com o fogo do amor» (S.ta Catarina de Sena).

«Eu vos adoro, ó Sangue preciosíssimo de Jesus, flor da criação, fruto da virgindade, instrumento inefável do Espírito Santo, e exulto pensando que, provindo

das gotas do sangue virginal, ao qual imprimiu movimento o eterno amor, fostes assumido pelo Verbo e deificado na Sua pessoa. Enterneço-me profundamente pensando que do Coração da Virgem passastes ao Coração do Verbo, e animado pelo sopro da divindade, vos tornastes digno de adoração por serdes Sangue de um Deus.

«Eu vos adoro encerrado nas veias de Jesus, conservado na Sua Humanidade como o maná na arca de ouro, memorial da Redenção eterna, por Ele operada nos dias da Sua vida mortal. Adoro-vos Sangue do Novo e eterno Testamento, irrompendo das veias de Jesus no Getsemani, das Suas carnes flageladas no Pretório, das mãos e pés trespassados e do lado aberto no Gólgota. Adoro-vos nos sacramentos; adoro-vos na Eucaristia, onde sei que estais substancialmente contido...

«Em vós deposito a minha confiança, ó adorável Sangue, nosso preço e nosso banho. Cai gota a gota, suavemente, nos corações transviados e abrandai a sua dureza. Limpai, ó Sangue adorável de Jesus, limpai as nossas manchas, salvai-nos da ira do anjo exterminador. Regai a Igreja: fecundai-a de taumaturgos e de apóstolos, enriquecei-a de almas santas, puras e radiantes de beleza divina» (S.to Alberto Magno).

377. A VISITAÇÃO DE MARIA A ISABEL 2 DE JULHO

Ó minha Mãe, Maria Santíssima, sede sempre o meu modelo, o meu amparo e o meu guia.

1 — «Naqueles dias, levantando-se Maria, foi com pressa às montanhas, a uma cidade de Judá», lemos no Evangelho de hoje (*Lc. 1, 39-47*). A caridade de Maria é tão delicada que Ela sente profundamente as necessidades alheias e, apenas as adverte, vai logo, espontânea e decidida, prestar ajuda. Soube pelo anjo Gabriel que a sua prima Isabel estava para ser mãe e, sem demora, põe-se a caminho para ir oferecer-lhe os seus humildes préstimos. Se considerarmos as dificuldades das viagens naqueles tempos, em que os pobres — como era Maria — ou tinham de andar a pé por estradas más ou, quando muito, podiam servir-se de algum mísero meio de locomoção encontrado no caminho, se considerarmos além disso que a Virgem permaneceu três meses junto de Isabel, compreenderemos que para praticar este acto de caridade, a Senhora teve de afrontar não poucos incómodos. Porém com estes, nada se preocupa: a caridade impele-a e Ela esquece-se totalmente de si porque, como diz S. Paulo, «a caridade não busca os próprios interesses» (*I Cor. 13, 5*). Pensa em quantas vezes tu, não para te poupares a uma viagem trabalhosa, mas unicamente para evitares um pequeno incómodo, omitiste um acto de caridade; pensa em como és tardo e preguiçoso em prestar ajuda aos teus irmãos. Contempla Maria e vê como tens necessidade de aprender dEla!

A caridade faz com que Maria não só esqueça as comodidades, mas até a sua dignidade, a mais alta

dignidade que jamais teve uma simples criatura. Isabel é idosa, porém Maria é Mãe de Deus; Isabel está para dar à luz um homem, Maria dará à luz o Filho de Deus. E não obstante, Maria, diante da sua prima, como diante do Anjo, continua a considerar-se a humilde escrava do Senhor e nada mais. E porque se considera escrava, na prática, procede como tal, mesmo quando se trata do próximo. Não será talvez verdade que, se sabes humilhar-te na presença de Deus, se sabes reconhecer-te imperfeito no segredo do teu coração, te desagradaria aparecer assim perante o próximo, e estás pronto a ofender-te se alguém te trata como tal? Não será verdade que te esforças por fazer valer a tua dignidade, a tua cultura, as tuas capacidades, os cargos mais ou menos honrosos que te foram confiados? A tua dignidade não vale nada e contudo és tão cioso dela! A dignidade de Maria toca o infinito, e Ela considera-se e procede como se fosse a última de todas as criaturas.

2 — «E Isabel exclamou em alta voz: Bendita és tu entre todas as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde a mim esta dita, que a Mãe do meu Senhor venha ter comigo?» Interiormente iluminada pelo Espírito Santo, Isabel reconhece na sua jovem prima a Mãe de Deus e, comovida, prorrompe em palavras de louvor e admiração. Maria não protesta: ouve com simplicidade porque sabe muito bem que essas palavras de elogio não lhe dizem respeito, mas apenas ao Omnipotente que operou nela grandes coisas. Imediatamente, do seu coração humílimo, todos os louvores de Isabel sobem para Deus num movimento espontâneo e rapidíssimo: «Tu Isabel, glorificas a Mãe do Senhor — diz a Virgem — mas 'a minha alma glorifica o Senhor'. Tu

afirmas que à minha voz o menino exultou de alegria no teu seio, porém 'o meu espírito exulta em Deus meu Salvador'... Tu proclamas feliz aquela que 'acreditou, mas o motivo da sua fé e da sua felicidade é o olhar que a bondade divina lhe dirigiu. Sim, 'todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque Deus olhou para a Sua humilde serva'» (S. Bernardo). Esta bela paráfrase do *Magnificat* permite-nos captar ao vivo as reacções do espírito de Maria: abisma-se na humilde confissão do próprio nada, toca, por assim dizer, no fundo da sua baixaza, e depois, quanto mais baixo desceu, tanto mais se levanta, se eleva para Deus, não temendo reconhecer e louvar as grandes coisas que Ele realizou nela porque vê perfeitamente serem um puro dom Seu.

Se perante os teus êxitos, os louvores, o aplauso das criaturas, se perante as graças que Deus te concede és ainda susceptível de vã complacência, é porque ainda não tocaste, como Maria, o fundo da tua baixaza, não te abismaste bastante na consideração do teu nada, não te convenceste ainda praticamente da tua radical insuficiência, impotência, miséria e fraqueza. Pede a Maria a grande graça de te introduzir neste conhecimento claro e prático do teu nada. Não tenhas ilusões; o caminho para o alcançar é um caminho áspero e duro: o caminho das humilhações. Mas Maria é Mãe e, se Ela te acompanha, tudo, com a sua ajuda, se tornará mais fácil e suave.

Colóquio — «Ó Maria, como é eminente a vossa humildade quando vos apressais a prestar serviço aos outros! Se é verdade que quem se humilha será exaltado, quem o será mais do que vós que tanto vos humilhastes?

«Ao ver-vos, Isabel admira-se e exclama: 'Donde a mim esta dita que a Mãe do meu Senhor venha ter comigo?' Todavia é maior ainda a minha admiração ao ver que, tal como o vosso Filho, não viestes para ser servida, mas para servir... É por este motivo que ides ter com Isabel: vós, a Virgem, junto da mulher casada, a Rainha junto da serva, a Mãe de Deus junto da mãe do precursor, vós que dareis à luz o Filho de Deus, junto daquela que dará à luz um escravo.

«Mas a vossa humildade profundíssima não diminui em nada a vossa magnanimidade; a vossa grandeza de ânimo em nada ofendeu a vossa humildade. Vós, tão pequenina aos vossos olhos, fostes contudo tão grande na vossa fé, na vossa esperança no Altíssimo, que nunca duvidastes das Suas promessas e acreditastes firmemente que vos tornaríeis Mãe do Filho de Deus.

«A humildade não vos tornou pusilânime, nem a magnanimidade altiva, mas estas duas virtudes fundiram-se perfeitamente em vós.

«Ó Maria, vós não me podeis fazer participar nos vossos grandes privilégios de Mãe de Deus; estes pertencem-vos unicamente a vós. Porém quereis fazer-me participar nas vossas virtudes e para este fim me propondes os vossos exemplos. Se portanto, me faltarem a humildade sincera, a fé magnânima, a caridade delicada e compassiva, como me poderei desculpar?... Ó Maria, ó Mãe de misericórdia, vós, cheia de graça, alimentai-nos com as vossas virtudes, a nós, vossos pobrezinhos!» (cfr. S. Bernardo).

378. NOSSA SENHORA DO CARMO
16 DE JULHO

Ó Maria, formosura do Carmelo, tornai-me digno da vossa protecção, revesti-me com a vossa veste, sede a mestra da minha vida interior.

1 — A SS.ma Virgem é a Mãe que nos reveste de graça, que toma sob a sua protecção a nossa vida sobrenatural até garantir o seu pleno desabrochar na vida eterna. Ela, a toda pura, cheia de graça desde o primeiro instante da sua concepção, toma as nossas almas manchadas pelo pecado, e com um gesto maternal, lava-as no Sangue de Cristo, reveste-as da graça que, juntamente com Ele, nos mereceu. Bem podemos dizer que a veste da graça foi tecida pelas mãos benditas de Maria que, dia a dia, momento a momento, se deu inteiramente a si mesma, em união com o seu Filho, pela nossa redenção. A linda fala da túnica inconsútil que a Virgem teceu para Jesus; mas para nós fez realmente muito mais: cooperou para nos conseguir a veste da nossa salvação eterna, veste nupcial com que seremos introduzidos na sala do banquete celeste. Oh! como Ela quereria que esta veste fosse imperecível! Desde o momento em que a recebemos, Maria nunca deixou de nos seguir com o seu olhar maternal para proteger em nós a vida da graça. Cada vez que nos convertemos a Deus, nos levantamos de uma culpa — grande ou pequena — ou progredimos na graça, sempre o fazemos por intermédio de Maria. O escapulário que a Senhora do Carmo nos oferece não é mais do que o símbolo exterior desta sua incessante solicitude maternal; símbolo, mas também sinal e penhor de salvação eterna. «Recebe, amado fi-

lho — disse a Virgem a S. Simão Stock — este escapulário... quem morrer com ele não padecerá o fogo eterno». A Virgem assegura a graça suprema da perseverança final a todos os que usarem dignamente o seu escapulário.

«Quem usa o escapulário — disse Pio XII — faz profissão de pertencer a Nossa Senhora»; precisamente por lhe pertencermos, a Virgem tem um cuidado especialíssimo com as nossas almas: o que é seu não se pode perder, não pode ser tocado pelo fogo eterno. A sua poderosa intercessão maternal dá-lhe direito a repetir em nosso favor as palavras de Jesus: «Pai Santo... conservei os que me deste e nenhum deles se perdeu» (Jo. 17, 12).

2 — A devoção à Virgem do Carmo é também um premente apelo à vida interior, a essa vida que foi de modo especialíssimo a vida de Maria. A Virgem quer que sejamos muito mais semelhantes a Ela no coração e no espírito do que no hábito exterior. Se penetrássemos na alma de Maria, veríamos que a graça produziu nela uma imensa riqueza de vida interior: vida de recolhimento, de oração, de ininterrupta doação a Deus, de contacto contínuo, de união íntima com Ele. A alma de Maria é um santuário reservado só para Deus, onde nenhuma criatura humana jamais imprimiu a sua forma, onde reina o amor e o zelo pela glória de Deus e pela salvação dos homens.

Os que desejam viver plenamente a devoção a Nossa Senhora do Carmo devem seguir Maria nas profundezas da sua vida interior. O Carmelo é o símbolo da vida contemplativa, vida toda dedicada à busca de Deus, toda dirigida para a intimidade divina; e quem melhor rea-

lizou este ideal altíssimo foi a Virgem, *Regina decor Carmeli*. «No deserto habitará a equidade, e a justiça terá o seu assento no Carmelo. A paz será a obra da justiça e o fruto da justiça é o silêncio e a segurança para sempre. O meu povo repousará na mansão da paz, nos tabernáculos da confiança». Estes versículos de Isaías (cfr. 32, 16-18) reproduzidos no Ofício próprio de Nossa Senhora do Monte Carmelo esboçam muito bem o espírito contemplativo e são, ao mesmo tempo, um belo retrato da alma de Maria, verdadeiro «jardim» (Carmelo em hebreu significa jardim) de virtudes, oásis de silêncio e de paz, onde reina a justiça e a equidade, oásis de segurança, todo envolto na sombra de Deus, todo cheio de Deus. Toda a alma de vida interior, embora vivendo no meio do ruído do mundo, há-de esforçar-se por alcançar esta paz, este silêncio interior que tornam possível o contacto contínuo com Deus. São as paixões e os apegos que fazem barulho dentro de nós, perturbando a paz do nosso espírito e interrompendo o trato íntimo com o Senhor. Só a alma completamente despreendida e que domina inteiramente as suas paixões, poderá, como Maria, ser um «jardim» solitário e silencioso, onde o Senhor encontre as Suas delícias. É esta a graça que hoje devemos pedir à Senhora, escolhendo-a para padroeira e mestra da nossa vida interior.

Colóquio — «Ó Maria, flor do Carmelo, vinha florida, esplendor do céu, Virgem fecunda e singular, Mãe bondosa e intacta, aos vossos filhos dai privilégios, Estrela do mar!» (S. Simão Stock).

«Ó Virgem bendita, quem vos invocou nas suas necessidades, sem que tenha recebido o vosso socorro? Nós, vossos pobres servos, regozijamo-nos convosco por todas

as vossas virtudes, mas pela vossa misericórdia regozijamo-nos connosco. Louvamos a virgindade, admiramos a humildade, mas para quem é miserável, a misericórdia tem um sabor muito mais doce. Abraçamos a misericórdia com maior ternura, lembramo-la muitas vezes, invocamo-la com mais frequência. Com efeito, foi a vossa misericórdia que obteve a redenção do mundo e que, juntamente com as vossas orações, conseguiu a salvação de todos os homens. Portanto, ó bendita, quem poderá medir o comprimento e a largura, a altura e a profundidade da vossa misericórdia? A sua extensão chega até ao fim dos tempos para socorrer todos os que vos invocam; a sua largura envolve o mundo inteiro, de modo que toda a terra fica cheia da vossa bondade. A altura da vossa misericórdia abriu as portas da cidade celeste e a sua profundidade obteve a redenção dos que habitam nas trevas e nas sombras da morte. Por vós, ó Maria, enche-se o céu, o inferno esvazia-se, os que se extraviavam regressam ao bom caminho. Assim a vossa poderosíssima e piíssima caridade derrama-se sobre nós com um amor compassivo e auxiliador» (S. Bernardo).

379. A ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

15 DE AGOSTO

Ó Maria elevada ao céu, purificai os meus sentidos para que eu aprenda, já neste mundo, a saborear a Deus.

1 — A Virgem que hoje contemplamos elevada em corpo e alma à glória do céu, recorda-nos de uma forma especial que a nossa morada permanente não é na terra, mas no céu onde, juntamente com o seu divino Filho,

nos precedeu na plenitude da sua pessoa. É este o pensamento dominante da liturgia de hoje: «Deus todo-poderoso e eterno — diz a oração do dia — que elevastes à glória do céu, em corpo e alma, a Imaculada Virgem Maria, Mãe do Vosso Filho, concedei-nos a graça de aspirarmos sempre às coisas do alto, para merecermos compartilhar da sua glória». Sim, a festa da Assunção é para nós um poderoso apelo a «aspirarmos sempre às coisas do alto», não nos deixando arrastar pelas vicissitudes e ilusões da vida terrena. Não foi só a nossa alma que foi criada para o céu; o corpo, depois da ressurreição da carne, também será acolhido nas moradas celestiais e admitido a participar da glória do espírito. Esta completa glorificação da nossa humanidade, que não só para nós, mas também para todos os santos se efectuará no fim dos tempos, contemplamo-la hoje plenamente realizada em Maria, nossa Mãe. Este privilégio convinha-lhe muito bem a Ela, a toda pura e toda santa, cujo corpo nunca foi tocado pela sombra do mal, mas foi sempre templo do Espírito Santo, e cujo seio virginal foi o tabernáculo do Filho de Deus. E este privilégio incita-nos a elevar toda a nossa vida, não só a do espírito, mas também a dos sentidos, ao nível da vida celestial que nos espero. «Ó Mãe de Deus e Mãe dos homens — exclama Pio XII na sua belíssima oração à Assunção — nós vos suplicamos que purifiqueis os nossos sentidos para que aprendamos na terra a sentir a Deus, só a Deus, encantamento das criaturas».

2 — A Assunção de Maria Santíssima indica-nos o itinerário da nossa ascensão espiritual: desprendimento da terra, impulso para Deus, união com Deus.

A Virgem foi elevada aos céus em corpo e alma por ser a Imaculada, a toda pura, isenta não só de toda a sombra de culpa, mas ainda do menor apego às coisas da terra, que «nunca teve impressa na alma forma de qualquer criatura, nem por ela se moveu» (J.C. S. III, 2, 10). A primeira condição para chegar a Deus é a pureza total, fruto do desapego total. A Senhora, que viveu a nossa vida terrena num desprendimento absoluto de todas as coisas criadas, ensina-nos a não nos deixarmos prender pelo encanto das criaturas, mas a vivermos no meio delas, a ocuparmo-nos delas com muita caridade, sim, mas sem prender a elas o coração, sem jamais procurar nelas a nossa satisfação.

A Virgem da Assunção fala-nos do impulso para o céu, para Deus. Não basta purificar o coração de todo o pecado e de todo o apego; é preciso, ao mesmo tempo, lançá-lo para Deus, tender para Ele com todas as nossas forças. «Senhor — faz-nos orar a Igreja na Missa do dia — que por intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria elevada ao céu, os nossos corações, abrasados no fogo da caridade, para Vós se dirijam constantemente (Secreta). A nossa vida terrena tem valor de vida eterna enquanto é impulso para Deus, contínua busca dEle, contínua adesão à Sua graça; se este impulso diminuir, diminui também o valor ultraterreno da nossa existência.

Maria foi elevada ao céu por ser a Mãe de Deus e este seu máximo privilégio, origem e causa de todos os outros, evoca especialmente a união íntima com Deus; a sua Assunção à união beatífica do céu fala-nos também dessa união. A Assunção de Nossa Senhora confirma-nos, portanto, nesta grande e doce verdade: fomos criados e chamados à união com Deus.

É a própria Virgem que nos estende a sua mão maternal para nos guiar e nos levar a atingir tão alto ideal. Com os olhos fixos nela, será mais fácil caminhar: Ela será o nosso guia, a nossa força e consolação, em qualquer luta e dificuldade.

Colóquio — «Virgem Imaculada, Mãe de Deus e Mãe dos homens: Cremos com todo o fervor da nossa fé na vossa Assunção triunfal em corpo e alma ao céu onde fostes aclamada Rainha por todos os coros dos Anjos e por todas as coortes dos Santos. E juntamo-nos a eles para louvar e glorificar o Senhor que vos elevou acima de todas as outras criaturas de pureza e para vos oferecer a expressão da nossa devoção e do nosso amor.

«Sabemos que o vosso olhar, que acarinhava maternalmente a humanidade humilde e sofredora de Jesus na terra, se regozija no céu com a contemplação da humanidade gloriosa da Sabedoria Incarnada e que a alegria da vossa alma, ao contemplar face a face a venerável Trindade faz estremecer o vosso coração com ternura beatificante. E nós, pobres pecadores, nós cujo corpo torna pesado o voo da alma, vos suplicamos que purifiquéis os nossos sentidos para que aprendamos na terra a sentir a Deus, só a Deus, no encantamento das criaturas.

«Temos confiança em que o vosso olhar misericordioso se fixará nas nossas misérias e angústias, nas nossas lutas e fraquezas, e que os vossos lábios sorriam com as nossas alegrias e as nossas vitórias; que ouvireis a voz de Jesus dizer de cada um de nós, como antigamente dizia do Seu discípulo bem amado: Eis o teu filho! E nós, que vos invocamos como nossa Mãe, vos

tomamos por guia, como S. João, vos tomamos como força e consolação da nossa vida mortal.

«Desta terra onde passamos como peregrinos, reconfortados pela fé na ressurreição futura, erguemos os nossos olhos para vós que sois a nossa vida, nossa doçura e esperança nossa. Chamai-nos com a suavidade da vossa voz, para nos mostrar um dia, depois do nosso exílio, Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!» (Pio XII).

380. A NATIVIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA 8 DE SETEMBRO

Ó Maria, minha Mãe, ensinai-me a viver convosco escondido à sombra de Deus.

1 — A liturgia celebra com entusiasmo o nascimento de Maria e faz dele uma das festas mais populares da devoção mariana. «A vossa natividade, ó Virgem Mãe de Deus — canta o Ofício — encheu de alegria o mundo inteiro porque de vós saú o Sol da justiça, Cristo nosso Deus». O nascimento de Maria é o prelúdio do nascimento de Jesus, porque com ele inicia-se a realização do grande mistério do Filho de Deus feito homem para salvação da humanidade. Como poderia passar despercebido ao coração dos remidos o dia natalício da Mãe do Redentor? A Mãe prenuncia o Filho, diz que o Filho está prestes a vir, que as promessas divinas, preconizadas há séculos, estão para se cumprir. O nascimento de Maria é a aurora da nossa redenção; a sua aparição projecta uma luz nova sobre toda a humanidade: luz de inocência, de pureza, de graça, antecipação esplendorosa

da grande luz que inundará a terra quando aparecer Cristo, «*Lux mundi*». Maria, preservada do pecado em previsão dos méritos de Cristo, não só anuncia que a Redenção está próxima, mas traz consigo as suas primícias, pois é a primeira pessoa remida pelo seu divino Filho. E por Ela, toda pura e toda cheia de graça, a SS.ma Trindade lança finalmente um olhar de complacência sobre a terra, porque aí encontra finalmente uma criatura em quem pode reflectir a Sua beleza infinita.

Depois do nascimento de Jesus, nenhum nascimento foi tão importante aos olhos de Deus, nem tão importante para o bem da humanidade, como o de Maria. No entanto este nascimento permanece completamente na obscuridade: nada nos dizem dele as Sagradas Escrituras, e quando procuramos no Evangelho a genealogia de Jesus, encontramos apenas a que se refere a José, ao passo que, se exceptuarmos a alusão à sua descendência de David, nada de explícito se diz acerca da genealogia de Maria. As origens da Senhora ocultam-se no silêncio, como se ocultou no silêncio toda a sua vida. A Natividade de Maria fala-nos de humildade: quanto mais quisermos crescer aos olhos de Deus, mais nos devemos esconder aos olhos das criaturas; quanto maiores coisas quisermos fazer por Deus, mais devemos trabalhar no silêncio e no escondimento.

2 — No Evangelho, a figura de Maria está quase completamente encoberta pela do seu divino Filho. Os evangelistas dizem-nos dEla só o necessário para apresentar a Mãe do Redentor e, com efeito, Ela só entra em cena quando se inicia a narração da Encarnação do Verbo. A vida de Maria confunde-se, perde-se na de Jesus: Maria viveu verdadeiramente escondida com

Cristo em Deus. E notemos que viveu na sombra não só nos anos da sua infância, mas também nos dias da sua maternidade divina, nos momentos de triunfo do seu Filho é também quando uma mulher, entusiasmada pelas maravilhas que Jesus realizava, levantou a voz no meio da turba, gritando: «Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram» (Lc. 11, 27).

Que a festividade mariana que hoje celebramos seja pois para nós um convite à vida escondida, a escondermo-nos com Maria em Cristo e com Cristo em Deus. Muitas vezes o próprio Deus, através das circunstâncias ou das disposições dos superiores, encarrega-Se de nos fazer viver na sombra; devemos então mostrar-nos muito gratos e valermo-nos destas ocasiões para progredirmos cada vez mais na prática da humildade e do escondimento. Outras vezes, porém, o Senhor pode confiar-nos cargos, ofícios, obras de apostolado que nos ponham em evidência; pois bem, nessas circunstâncias devemos procurar desaparecer o mais possível. Não nos devemos, é certo, recusar a agir, mas devemos proceder de modo a sabermos eclipsar-nos logo que a nossa actividade deixe de ser estritamente necessária para o bom êxito das obras que nos foram confiadas. Tudo o resto: os louvores, os aplausos, o relato dos sucessos ou a desculpa dos fracassos, não nos deve interessar; perante tudo isto, a nossa tática deve ser a de nos retirarmos com santa naturalidade. Uma alma de vida interior deve ter a ânsia de se esconder quanto puder à sombra de Deus porque, se algo de bom pôde fazer, está convencida de que tudo foi obra de Deus, e por isso procura, com zelo delicado, que tudo redunde unicamente para glória Sua.

A vida oculta e humilde de Maria deve ser o modelo da nossa e se, para a imitar, tivermos de lutar contra a tendência sempre renascente do orgulho, recorramos confiadamente à sua ajuda maternal e Maria nos fará triunfar de toda a vanglória.

Colóquio — «Quando no mar deste mundo me sinto baloiçar entre procelas e tempestades, fixo os olhos em vós, ó Maria, fulgente estrela, para não ser submergido pelas ondas.

«Quando se levantam os ventos das tentações, ou embato nos escolhos das tribulações, levanto o olhar para vós e chamo por vós, ó Maria. Quando a cólera, a avareza ou as seduções da carne sacodem a frágil barquinha da minha alma, olho sempre para vós, ó Maria. E se, perturbado pela enormidade das culpas, confundido pela fealdade da minha consciência, aterrado pela severidade do juízo, me sentisse arrastado para a voragem da tristeza, para o abismo do desespero, ainda levantaria os olhos para vós, invocando-vos sempre, ó Maria!

«Nos perigos, nas angústias, nas perplexidades, pensarei sempre em vós, ó Maria, invocar-vos-ei sempre. Não vos aparteis, ó Virgem, da minha boca, não vos aparteis do meu coração; e, para obter o apoio das vossas súplicas, fazei que eu nunca perca de vista os exemplos da vossa vida. Seguindo-vos, ó Maria, não me desvio, pensando em vós não erro, se vós me sustentais não me canso, se me sois propícia chegarei ao termo» (cfr. S. Bernardo).

381. NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

7 DE OUTUBRO

Que o vosso rosário bendito, ó Virgem santa, seja para mim uma arma de defesa, uma escola de virtude.

1 — A festa de hoje é uma manifestação de reconhecimento pelas grandes vitórias alcançadas pelo povo cristão graças ao Rosário de Maria sendo, ao mesmo tempo, o mais precioso e autorizado testemunho do valor desta oração. A liturgia do dia é um comentário e uma amplificação do Rosário: os três hinos do Offício, as antifonas de Matinas e de Laudes percorrem os diversos mistérios, as lições cantam-lhe as glórias, e as constantes referências à Virgem que «nasce entre as flores e que está cercada de rosas e de lírios dos vales» são uma clara alusão às místicas coroas de rosas que os devotos de Maria tecem a seus pés com a recitação do Rosário. A festa de hoje diz-nos que honrar o Rosário é honrar Maria, pois que este não é senão a meditação da vida de Nossa Senhora acompanhada da piedosa repetição da Avé-Maria. É por esta razão que a Igreja louva esta prática e a recomenda aos fiéis, com tanta insistência: «Ó Deus — invoca na Oração do dia — fazei que, revivendo estes mistérios ao recitarmos o Rosário da SS.ma Virgem Maria, não só imitemos os exemplos que contém, mas também consigamos o que nos prometem».

O Rosário bem rezado é uma devoção e uma lição ao mesmo tempo; os seus mistérios dizem-nos que na vida de Maria tudo é apreciado em relação a Deus: as suas alegrias e os seus gozos têm a sua origem no que agrada a Deus, e as suas dores coincidem, por

assim dizer, com as dores do próprio Deus que, fazendo-Se homem, quis sofrer pelos pecados da humanidade. A única alegria de Maria é Jesus: ser Sua Mãe, apertá-LO entre os braços, apresentá-LO à adoração do mundo, contemplá-LO na glória da Ressurreição, unir-se a Ele no céu. A única dor de Maria é a Paixão de Jesus: vê-LO traído, flagelado, coroado de espinhos, crucificado pelos nossos pecados. Eis o primeiro fruto que deveríamos tirar da recitação do Rosário: julgar os acontecimentos da vida em relação a Deus; gozar com o que Lhe agrada e nos une a Ele, sofrer pelo pecado que nos afasta dEle e foi a causa da Paixão e Morte de Jesus.

2 — O segundo fruto que devemos tirar da recitação quotidiana do Rosário é a penetração dos mistérios de Cristo; por Maria e com Maria o Rosário ajuda-nos a penetrar nas inefáveis grandezas da Incarnação, da Paixão e da glória de Jesus. Quem melhor do que Maria compreendeu e viveu estes mistérios? Quem melhor do que Maria nos pode comunicar a sua compreensão? Se durante a recitação do Rosário soubéssemos deveras pôr-nos em contacto espiritual com Maria, para a acompanharmos nas diferentes etapas da sua existência, poderíamos entender alguma coisa dos sentimentos do seu coração perante os grandes mistérios de que foi testemunha e muitas vezes também protagonista, e isto serviria admiravelmente para alimentar o nosso espírito. Deste modo o nosso Terço transformar-se-ia num quarto de hora de meditação, direi quase, de contemplação, sob a direcção de Maria. É precisamente isto o que a SS.ma Virgem quer, e não certos Rosários rezados apenas com os lábios, enquanto o pensamento divaga em todas as direcções! As *Avé-Marias*, continua-

damente repetidas, devem exprimir a atitude da alma que se esforça por se elevar até à Virgem, por se lhe confiar, por ser arrebatada por Ela e introduzida na compreensão dos mistérios divinos. «Avé-Maria!» dizem os lábios, e o coração murmura: ensinai-me, ó Maria, a conhecer e a amar Jesus como vós O conhecestes e amastes.

Uma semelhante recitação do Rosário exige recolhimento, exige, como diz S.ta Teresa de Jesus, «que antes de começar, a alma pergunte a si mesma com quem vai falar e quem é o que fala a fim de ver como deve proceder» (cfr. *Cam*, 22, 3). A Santa, com finura, graceja de certas pessoas «tão amigas de falar e de dizer tão depressa muitas orações vocais, como quem está obrigado a recitá-las todos os dias e quer acabar prontamente a sua tarefa» (ib. 31, 12). Rosários rezados assim não podem na verdade alimentar a vida interior, pouco fruto trazem à alma e pouca glória dão a Nossa Senhora. Pelo contrário, recitado com verdadeiro espírito de devoção, o Rosário transforma-se num meio efficacíssimo para cultivar a piedade mariana e para penetrar na intimidade de Maria Santíssima e de seu divino Filho.

Colóquio — «Ó Maria, como entre os espíritos bem-aventurados não há nenhum que ame a Deus mais do que vós, assim não temos nem podemos ter, depois de Deus, quem nos ame mais do que vós, ó nossa Mãe amantíssima. E se se pudesse reunir o amor de todas as mães a seus filhos, de todas as esposas a seus esposos, de todos os santos e de todos os anjos a seus devotos, nem assim se chegaria ao amor que vós tendes a uma só alma e portanto à minha alma.

«Ó Maria, já que me amais, tornai-me semelhante a vós. Vós tendes o poder de mudar os corações; tomai pois o meu e mudai-o. Fazei-me santo, fazei-me digno filho vosso.

«Peçam-vos os outros o que quiserem: saúde, riquezas, bens terrenos, eu venho pedir-vos, ó minha Mãe, o que vós mesma desejais para mim e que mais grato é ao vosso coração. Vós que fostes tão humilde, impetrai-me a humildade e o amor aos despezos. Vós, tão paciente nas dores desta vida, obtende-me a paciência nas contrariedades; vós, toda cheia de amor de Deus, obtende-me o dom do santo e puro amor. Vós, toda caridade para com o próximo impetrai-me a caridade para com todos, particularmente para com os que me são contrários. Vós, em suma, ó Maria, que sois a mais santa de todas as criaturas, fazei-me santo. Não vos falta nem o amor nem o poder; tudo quereis e tudo podeis obter! Só a minha negligência em recorrer a vós, só a minha pouca confiança no vosso auxílio me podem impedir de receber as vossas graças» (S.to Afonso).

382. A MATERNIDADE DE MARIA

11 DE OUTUBRO

Maria, Mãe de Deus, aceitai os meus humildes obséquios e fazei que também eu possa gozar dos doces frutos da vossa maternidade.

1 — A festa que celebramos tem por objecto o mais belo título de Maria, a sua prerrogativa mais gloriosa: Mãe de Deus; título e prerrogativa solenemente proclamados pelo Concílio de Éfeso, contra a heresia de Nes-

tório. A Igreja congratula-se hoje com Maria por esta sua dignidade altíssima, que a eleva acima de toda a simples criatura até ao limiar do infinito, que a constitui não só Rainha dos homens, mas também dos anjos. Todos os textos da Missa do dia se inspiram neste tema. O Intróito refere o vaticínio de Isaías, que, já no Antigo Testamento tinha entrevisto a grandeza desta Mulher singular: «Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um Filho e seu nome será Emanuel», isto é, Deus conosco. A Epístola, (*Ecli.* 24, 23-31) aplicando à Virgem um trecho do elogio da Sabedoria, canta os louvores da sua Maternidade divina: Maria é a vinha fecunda da qual germinou o mais belo fruto, Jesus; Maria é a «Mãe do amor formoso» na qual existe «toda a graça do caminho e da verdade, toda a esperança da vida e da virtude», já que só por Ela Deus deu ao mundo o Seu Unigénito, só por Ela tiveram os homens o seu Salvador. Quem quiser Jesus há-de ir procurá-lo nos braços de Maria; quem quiser encontrar propício o Senhor deve recorrer Àquela que é a Sua Mãe. Por isso ressoa muito docemente aos nossos ouvidos este convite maternal: «Vinde a mim todos os que me desejais, e enchei-vos dos meus frutos». Sim, vamos a Maria e não ficaremos desiludidos; nela acharemos com que nos saciar, porque Maria dá-nos Jesus Redentor, Pai, Alimento das nossas almas, e não só no-lo dá, mas ainda nos ensina, com os exemplos da sua vida admirável, a amá-lo, a imitá-lo, a segui-lo, a valer-nos plenamente da Sua obra redentora e santificadora. Deste modo, Maria estende-nos também a nós a sua maternidade, exerce também para conosco o ofício de mãe e permite-nos repetir com toda a confiança a oração que a Igreja põe hoje em nossos lábios: «Senhor... concedei-nos que, acreditando

ser Ela verdadeiramente Mãe de Deus, mereçamos ser auxiliados pela sua intercessão junto de Vós» (Colecta).

2 — A festa da Maternidade de Maria deve despertar nos nossos corações a confiança naquela que, em razão da sua dignidade de Mãe, goza dos máximos poderes perante o seu divino Filho. Louvando-a como Mãe de Deus, solicitamo-la a empenhar em nosso favor a sua maternidade: «Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores». Que melhor advogada poderíamos encontrar? Que padroeira mais poderosa? Jesus não pode resistir às súplicas da Sua Mãe e Maria não pode resistir aos que a invocam sob o título dulcíssimo da sua maternidade. Se toda a mulher se comove quando lhe chamam «mãe», quanto mais não se comoverá Maria ao ouvir chamarem-lhe «Mãe de Deus»? Invoquemo-la, pois, e tratemo-la como mãe, Mãe de Deus acima de tudo, e depois também nossa mãe, porque Jesus, ao morrer na cruz, quis pôr à nossa disposição os tesouros da sua maternidade. A Senhora tem uma missão maternal a cumprir para com as nossas almas. O próprio Jesus lha confiou; por isso lhe é tão grata e não deseja senão levá-la ao termo. Sim, Maria quer ser nossa mãe, quer pôr à nossa disposição os privilégios e os tesouros da sua maternidade, mas não pode fazê-lo se não nos confiarmos a Ela como filhos dóceis e amantes. Mesmo entre as pessoas consagradas a Deus, nem todas, nem sempre, compreendem bem a necessidade de se entregarem a Maria como filhos, de abrir a alma ao seu influxo maternal, de recorrer a Ela com inteira confiança, de invocar a sua ajuda em todas as dificuldades, em todos os perigos, de pôr a vida espiritual sob o seu patrocínio. Assim como na ordem natural a criança

precisa de sua mãe, e quando ela falta sofre moral e espiritualmente, assim na ordem sobrenatural as almas precisam de uma mãe, de Maria Santíssima. Sem Ela, sem os seus cuidados maternos, as almas sofrem, a sua vida espiritual é fraca, muitas vezes estiola ou, pelo menos, não é viçosa como poderia ser. Quando, pelo contrário, as almas se entregam a Maria, procuram Maria e se confiam a Ela, a sua vida interior progride rapidamente, a sua marcha para Deus torna-se mais ágil e veloz, porque há uma mão maternal que as ampara, um coração materno que as conforta.

Colóquio — «O vosso nome, ó Mãe de Deus, está cheio de todas as graças e bênçãos divinas. Vós trouxestes no vosso ventre Aquele que os céus não podem conter. Vós alimentastes Aquele que tudo sustenta. O Senhor do universo quis necessitar de vós, tendo-Lhe vós dado a carne que Ele antes não tinha. Regozijai-vos, ó Mãe e Escrava de Deus! Regozijai-vos! Vós tendes por devedor Aquele que dá o ser a todas as criaturas; todos nós somos devedores de Deus, mas Deus é vosso devedor!

«Virgem Santíssima, vós tendes maior bondade e maior caridade que todos os outros santos e mais que todos eles tendes acesso ao trono de Deus, porque sois Sua Mãe. Suplico-vos, portanto, eu que celebro as vossas glórias e louvo a vossa grande bondade, que vos lembreis de mim e das minhas misérias» (S. Metódio).

«Ó excelsa Mãe de Deus, também eu vos direi com S. Bernardo: 'Falai, Senhora, que o vosso Filho ouve, e tudo quanto Lhe pedirdes vos concederá'. Falai, pois, falai, ó Maria, advogada minha, a favor deste miserável. Lembrai-vos de que para meu bem recebestes tanto poder e tanta dignidade. Deus quis fazer-Se vosso

devedor tomando de vós a natureza humana para que vós pudésseis dispensar livremente aos miseráveis as riquezas da Sua divina misericórdia.

«Se vós, imensamente boa, fazeis bem a todos, mesmo àqueles que vos não conhecem nem vos honram, quanto mais deveremos esperar da vossa benignidade nós que vos queremos honrar, amar, e confiamos no vosso auxílio? Ó Maria, embora sejamos pecadores, podeis salvar-nos, porque Deus vos enriqueceu de misericórdia e de maior poder que todas as nossas iniquidades. Ó Mãe dulcíssima, apresento-vos a minha alma para que a purifiquéis, santifiquéis e façais toda de Jesus» (S.to Afonso).

383. FESTA DE CRISTO REI ÚLTIMO DOMINGO DE OUTUBRO

Ó Jesus, Príncipe dos séculos, Rei das gentes, sede o único Rei da minha mente e do meu coração.

1 — A liturgia de hoje é um verdadeiro hino triunfal em honra da Realeza de Cristo. Desde as primeiras Vésperas da festa, a figura de Jesus apresenta-se majestosa, sentada no trono real que domina todo o mundo: «O Seu Reino é um reino sempiterno; todos os reis O não-de servir e Lhe não-de obedecer. Assentar-se-á e dominará e anunciará paz aos povos». A Missa principia com a visão apocalíptica deste Rei singular, cuja realeza está intimamente ligada à Sua imolação pela salvação dos homens: «Digno é o cordeiro que foi imolado, de receber o poder e a divindade, a sabedoria e a força e a honra. A Ele a glória e o império pelos séculos dos séculos» (Intr.).

Na Epístola (Col. 1, 12-20) S. Paulo enumera os títulos que fazem de Cristo o Rei de todos os reis. «Ele é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque nEle foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis». Estes títulos pertencem a Cristo como Deus, imagem perfeita do Pai, causa exemplar de todas as criaturas terrestres e celestes e também como Criador, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, de tudo quanto existe, de modo que nada existe sem Ele, mas «tudo foi criado por Ele e para Ele... e todas as coisas subsistem por Ele». Seguem-se os títulos da Sua realeza como homem: «Ele é a cabeça do Corpo da Igreja... e foi do agrado de Deus que por Ele fossem reconciliadas conSigo todas as coisas, pacificando-as pelo Sangue da Sua cruz». Sendo já nosso Rei pela Sua divindade é-o igualmente em virtude da Sua Incarnação, que O constituiu Cabeça da humanidade e também pela Sua Paixão, mediante a qual reconquistou as nossas almas, que já Lhe pertenciam como criaturas, à custa do Seu Sangue. Jesus é nosso Rei no sentido mais amplo da palavra: criou-nos, remiu-nos, vivifica-nos com a Sua graça, alimenta-nos com a Sua carne e com o Seu Sangue, governa-nos com o Seu amor e através do amor atrai-nos para Si. Em face de tais considerações, brota espontâneamente do nosso coração o grito de S. Paulo: «Demos graças a Deus Pai... que nos livrou do poder das trevas e nos transferiu para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados».

2 — No Evangelho do dia (Jo. 18, 33-37) temos a mais autorizada proclamação da Realeza de Cristo, pois saíu dos Seus próprios lábios, num momento soleníssimo,

no processo que precedeu a Sua Paixão. Pilatos interroga-O precisamente a este respeito: «Tu és o Rei dos Judeus?» A esta primeira pergunta Jesus não responde directamente; Ele, com efeito, não é rei de um povo determinado e o Seu reino nada tem que ver com os reinos da terra. Mas à segunda pergunta, mais exacta que a primeira: «Logo, tu és rei?», responde sem reticências: «Tu o dizes, sou rei». Jesus declara a Sua realeza do modo mais formal, diante da suprema autoridade da Palestina e declara-a não no meio de um povo que aplaude, nem no meio do triunfo dos Seus milagres, mas preso com cadeias, diante daquele que está para O condenar à morte, na presença de um povo sedento do Seu sangue, poucos momentos antes de ser arrastado para o Calvário onde, no alto da Cruz, acima da Sua cabeça coroada de espinhos, aparecerá pela primeira vez o título da Sua realeza: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus» (*Jo. 19, 19*). Ele, que fugira quando as turbas entusiasmadas O queriam fazer seu rei, proclama-Se rei no meio das inauditas humilhações da Paixão, afirmando assim claramente que o Seu reino não é deste mundo, que a Sua realeza é tão sublime que nenhum vitupério, nenhum ultraje a pode ofuscar. Mas com este gesto, Jesus diz-nos também que gosta muito mais de fazer resplandecer a Sua realeza sob o aspecto de conquista realizada à custa do Seu Sangue, do que sob um título que Lhe pertence em virtude da Sua natureza divina.

Com todo o ímpeto da nossa alma devemos ir ao encontro deste Rei divino que Se nos apresenta sob um aspecto tão humano, tão amoroso, tão acolhedor, deste Rei divino que estende os Seus braços sobre a Cruz, a fim de a todos nos atrair a Si, que nos mostra

a chaga do lado como símbolo do Seu amor. Não somente não queiramos fugir ao Seu império, mas peçamo-lo, solicitemo-lo, para que Ele tenha o primado na nossa mente e no nosso coração, para que exerça um pleno domínio sobre a nossa vontade; nós, com tudo o que temos, queremos sujeitar-nos «ao Seu suavíssimo império» (Colecta).

Colóquio — «Sois Rei para sempre, ó meu Deus, e de um reino que não é emprestado. Quando digo no *Credo* que o Vosso reino não terá fim, quase sempre sinto uma particular consolação. Sim, o Vosso reino será eterno e eu Vos louvo, Senhor e bendigo para sempre» (T.J. *Cam.* 22, 1).

«Ó Rei divino, amabilíssimo Jesus, meu Redentor, meu Salvador, meu Esposo, meu Mestre e Modelo, renovo hoje na Vossa presença a total consagração do meu ser, suplicando-Vos que tomeis posse absoluta de mim mesma. Sede Vós o meu soberano, o meu dominador, o meu guia; dirigi-me e governai-me inteiramente, para que tudo redunde para Vossa maior glória. Sede Vós o soberano da minha memória, do meu entendimento, da minha vontade, da minha sensibilidade que desejo submeter completamente a Vós, convidando-Vos a reinar em mim.

«O Vosso reino é um reino de verdade, de amor, de justiça e de paz.

«Fazei que o Vosso reino de *verdade* se estabeleça no meu entendimento, destruindo todo o erro, engano ou ilusão; iluminai-me com a Vossa divina sabedoria.

«Fazei que o Vosso reino de *amor* se estabeleça totalmente na minha vontade, a mova, a estimule e a dirija sempre, a fim de que eu nunca mais seja movida

pelo amor próprio ou pelas criaturas, mas unicamente pelo Vosso Espírito. Tornai forte, generosa e constante esta minha vontade fraca, mesquinha e avara, fixai-a no bem e fazei que se robusteça no exercício perseverante das virtudes, corroborando-a com os dons do Vosso Espírito.

«Fazei que o Vosso reino de *justiça* se estabeleça em todas as minhas operações de maneira que todas as minhas acções tenham esta característica e sejam obras santas, realizadas com pureza de intenção e com a maior fidelidade para Vos dar gosto, no cumprimento da Vossa santa vontade.

«Fazei que o Vosso reino de *paz* se estabeleça não só na minha alma mas também na minha sensibilidade, de modo que, em harmonia com a parte superior, também ela concorra para a Vossa glória, e não atraze ou impeça a minha união conVosco» (Ir. Carmela do Esp. Santo, o.c.d.).

384. FESTA DE TODOS OS SANTOS

1 DE NOVEMBRO

Ó Senhor, que pela intercessão dos Vossos Santos, eu possa percorrer corajosamente o caminho da santidade.

1 — A Santa Igreja, sempre zelosa e solícita pela nossa salvação, exulta hoje de imensa alegria ao contemplar a glória dos seus filhos que, tendo chegado à pátria celeste, se encontram já seguros por toda a eternidade, para sempre livres dos embustes do demónio, para sempre porção escolhida e povo de Deus. Como uma mãe orgulhosa do triunfo de seus filhos,

apresenta-os à cristandade, convidando todos os fiéis a partilhar o seu gozo maternal: «Alegremo-nos todos no Senhor, e celebremos festivamente este dia em honra de todos os Santos. Nesta solenidade se alegram os Anjos e cantam louvores ao Filho de Deus» (Intr.).

A Epístola (Ap. 7, 2-12) descreve-nos a visão apocalíptica da glória dos Santos: «Vi uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações e tribos, povos e línguas que estavam de pé, diante do trono e diante do Cordeiro, revestidos de vestiduras brancas e com palmas nas suas mãos». Uma multidão de mártires, de apóstolos, de confessores, de virgens, falange luminosa que incessantemente se deleita na visão de Deus, O adora e O louva, dizendo: «Bênção, glória, sabedoria, acções de graças, honra, virtude e fortaleza ao nosso Deus em todos os séculos dos séculos. Amen!»

Mas quem são estes Santos tão gloriosos? São homens que viveram como nós na terra, que conheceram as nossas misérias, as nossas dificuldades e as nossas lutas. Alguns deles são-nos bem conhecidos, tendo-os a Igreja elevado à honra dos altares; a maioria, porém, é-nos totalmente desconhecida. Gente humilde que viveu obscuramente no cumprimento do seu dever, sem esplendor, sem fama, de quem já ninguém se lembra na terra, mas a quem o Pai celeste viu e conheceu secretamente e introduziu na Sua glória, depois de ter posto à prova a sua fidelidade. E se entre esta multidão imensa se encontram personagens que na terra ocuparam postos honoríficos ou realizaram grandes obras, isso já não tem valor algum: a sua eterna bem-aventurança não tem relação nenhuma com as grandezas que possuíam. Dos humildes e dos grandes, dos pobres e dos poderosos uma só coisa permanece: o grau de amor por eles alcançado,

ao qual corresponde o grau de glória que os faz eternamente felizes.

2 — Enquanto a Epístola nos permite entrever alguma coisa da vida dos Santos na glória do céu, o Evangelho (Mt. 5, 1-12), citando uma passagem das bem-aventuranças, mostra-nos qual foi a sua vida na terra: «Bem-aventurados os pobres de espírito; bem-aventurados os mansos; bem-aventurados os que choram; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça; bem-aventurados os misericordiosos; bem-aventurados os limpos de coração; bem-aventurados os pacíficos; bem-aventurados os que sofrem perseguição». Pobreza, humildade, desprendimento das coisas terrenas; mansidão de espírito, resignação e paciência na dor; rectidão, fome de justiça, bondade e compreensão para com o próximo, pureza de alma e de coração, espírito pacífico e pacificador, fortaleza e generosidade que, por amor de Deus, abraça qualquer sofrimento e sofre qualquer injustiça: eis as características da vida levada no mundo pelos Santos, eis o programa da nossa vida, se quisermos chegar como eles à santidade.

Nós queremos ser santos, mas de um modo fácil, sem nos violentarmos, sem nos fatigarmos; queremos praticar a virtude, mas só até certo ponto, só quando não nos impõe sacrifícios muito custosos, quando não nos contraria demasiadamente; e assim acontece que, em presença de actos de virtude que exigem mais renúncia de nós mesmos ou que implicam a aceitação de coisas difíceis e repugnantes como, por exemplo, abafar os ressentimentos do amor próprio, renunciar a fazer valer as próprias razões, submetemo-nos e condescender com quem nos é contrário, muitas vezes — para não dizer

sempre — retrocedemos, julgando não ser necessário ir tão longe.

Contudo o nosso progresso no caminho da santidade depende justamente destes actos que recusamos praticar, sem os quais levaremos sempre uma vida medíocre, estaremos sempre no mesmo nível, se é que não voltamos para trás. Supliquemos aos Santos que hoje honramos que nos ajudem a vencer a nossa preguiça, a nossa fraqueza, a nossa cobardia; peçamos àqueles que nos precederam no duro caminho da santidade, a força de os seguir. «Se estes e aqueles [foram santos] porque não eu?» (S.to Agostinho). A graça que Deus concedeu aos Santos concede-a também a nós, mas o que infelizmente falta é a nossa correspondência.

Colóquio — «Ó almas que gozais sem temor a vossa felicidade e estais sempre embebidas em louvores do meu Deus, venturosa foi a vossa sorte! Que grande razão tendes em ocupar-vos sempre nesses louvores e que inveja vos tem a minha alma, porque estais já livres da dor que me causam as grandes ofensas que nestes desventurados tempos se fazem ao meu Deus e de ver tanta ingratidão e que ninguém se importa com esta multidão de almas arrebatadas por Satanás.

«Ó bem-aventuradas almas celestiais, vinde em socorro da nossa miséria e sede nossas intercessoras ante a divina misericórdia, para que nos dê um pouco do vosso gozo e reparta connosco esse claro conhecimento que tendes. E vós, ó meu Deus, fazei-nos entender que recompensa reservais àqueles que pelejam varonilmente durante o sonho desta miserável vida. Fazei-nos compreender, ó almas amantes, a felicidade que vos pro-

porciona o saber que o vosso gozo é eterno, e como vos deleita ter a certeza de que jamais terá fim.

«Ó almas bem-aventuradas, que tão bem soubestes aproveitar os dons de Deus para comprar uma tão deliciosa e permanente herança, dizei-nos como alcançastes esse gozo sem fim. Ajudai-nos, pois estais tão perto da fonte, e tirai água para nós que neste mundo morremos de sede» (T.J. *Ex.* 13, 1, 4).

«Ó Santos do céu, sou a mais pequena das criaturas, conheço a minha miséria e fraqueza, mas sei também quanto os corações nobres e generosos gostam de fazer bem. Suplico-vos, portanto, ó bem-aventurados habitantes do céu que me adopteis como filha; só vossa será a glória que me fizerdes adquirir, mas dignai-vos escutar a minha oração; ela é temerária, bem o sei, mas ousou pedir que me obtenhais o vosso amor» (T.M.J. *M.B.* pg. 235).

385. COMEMORAÇÃO DOS FIÉIS DEFUNTOS 2 DE NOVEMBRO

Ó Senhor, dai o eterno descanso às almas dos fiéis defuntos e fazei que o pensamento da morte me estimule a uma maior generosidade.

1 — «Depois de haver exaltado com dignos louvores os seus filhos, que já gozam no céu, a Igreja, nossa boa Mãe, quer socorrer as almas que ainda sofrem no lugar de purificação e intercede por elas com todas as suas forças, diante do Senhor e do seu Esposo Cristo, para que possam juntar-se quanto antes à comunidade dos eleitos no céu» — lemos no Martirológio romano.

Ontem contemplávamos a glória da Igreja triunfante e implorávamos a sua intercessão; hoje contemplamos as penas expiatórias da Igreja padecente e solicitamos para ela o auxílio divino: «Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso». É o dogma da comunhão dos santos posto em acto: a Igreja triunfante intercede por nós, Igreja militante e nós corremos em auxílio da Igreja padecente. A morte arrebatou-nos entes queridos, e contudo não pode haver verdadeira separação daqueles que expiraram no ósculo do Senhor; o vínculo da caridade continua a unir-nos a todos, estreitando num só abraço a terra, o céu e o purgatório, de maneira que entre estes três polos circula o auxílio fraterno, fruto do amor, que tem por fim o triunfo do amor na glória comum do Paraíso.

A liturgia do dia está impregnada de tristeza, mas não da tristeza dos «que não têm esperança» (I Tess. 4, 4-12), porque para além dela resplandece a fé na bem-aventurada ressurreição, na felicidade eterna que nos espera. As três passagens escolhidas para o Evangelho das três Missas dos Defuntos falam-nos destas consoladoras verdades do modo mais autorizado, relatando as próprias palavras de Jesus: «A vontade do Pai que me enviou é que eu não perca nenhum daqueles que me deu, mas que os ressuscite no último dia» (Ev. II Missa: Jo. 6, 39). Haverá afirmação mais consoladora do que esta? Jesus apresenta-se hoje como o bom pastor que não quer perder nem sequer uma das Suas ovelhas e a nada se poupa para as conduzir todas ao lugar de salvação. Como que a responder às doces promessas de Jesus, a Igreja, cheia de reconhecimento e entusiasmo, exclama: «Em verdade, Senhor, para os Vossos fiéis, a vida não acaba, apenas se transforma; e, desfeita a casa deste exílio terrestre, uma eterna morada

se adquire nos céus» (Prefácio). Bem mais do que um fim inexorável, a morte é para o cristão uma porta aberta para a eternidade, porta que o introduz na vida eterna.

2 — O dia dos mortos faz-nos pensar não só na morte das pessoas queridas, mas também na nossa. A morte é um castigo, e portanto traz necessariamente consigo um sentimento de pena, de temor, de medo; também os Santos o experimentaram e até Jesus o quis experimentar. Mas a Igreja põe-nos diante dos olhos as passagens escriturísticas mais aptas para nos encorajarem: «Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor... descansem dos seus trabalhos, porque as suas obras os seguem» (Ep. III Missa: Ap. 14, 13). Morre a vida do corpo, morre o que é humano e terreno, mas permanece a vida do espírito, permanecem as boas obras realizadas, único apanágio que segue a alma no grande passo e torna preciosa a sua morte: «Preciosa aos olhos do Senhor é a morte dos seus santos». Essa morte foi justamente definida *dies natalis*, o dia do nascimento para a vida eterna. Quanto não desejaríamos que a nossa morte fosse assim! Um *dies natalis*, que nos introduzisse na visão beatífica, que nos fizesse nascer para o amor indefectível do céu!

Mas ao convidar-nos a orar pelos fiéis defuntos, a liturgia recorda-nos hoje que entre a morte e a bem-aventurança eterna está o purgatório. Precisamente porque as nossas obras nos seguem, e nem todas são boas ou, se o são, estão cheias de imperfeições e defeitos, é necessário que a alma seja purificada de todas as suas impurezas, antes de ser admitida à visão de Deus. Todavia, se fôssemos perfeitamente fiéis à graça, não seria

necessário o purgatório. Deus encarrega-Se de purificar, já neste mundo, aqueles que se entregam totalmente a Ele e se deixam trabalhar e moldar segundo a Sua vontade. Além disso, a purificação realizada na terra tem a grande vantagem de ser meritória, ou seja, de aumentar em nós a graça e a caridade e de nos pôr assim em condições de amar mais a Deus por toda a eternidade, ao passo que no purgatório se sofre sem crescer no amor. Por este motivo devemos desejar ser purificados em vida. Contudo não tenhamos ilusões: também neste mundo a purificação total requer grandes sofrimentos. Se agora não somos generosos no sofrimento, se não somos capazes de aceitar o sofrimento nu e puro, semelhante ao de Jesus na cruz, a nossa purificação terá necessariamente de ser completada no purgatório.

Que o pensamento deste lugar de expiação nos torne zelosos em aliviar as almas dos defuntos e, ao mesmo tempo, corajosos para abraçar o sofrimento em reparação das nossas culpas.

Colóquio — «Concedei-me, ó Senhor, que com a morte dos entes queridos experimente uma aflição razoável, derramando lágrimas resignadas sobre a nossa condição mortal, depressa reprimidas pelo consolador pensamento da fé, a qual me diz que os fiéis, ao morrerem, somente se afastam um pouco de nós para irem a um lugar melhor.

«Não consintais que eu me entristeça como os gentios que não têm esperança. Poderei de facto experimentar tristeza, mas quando estiver aflito, que a esperança me conforte. Com uma esperança tão grande, não fica bem, Senhor, que o Vosso templo esteja de luto. Aí morais

Vós, que sois o consolador, aí morais Vós, que não faltais às Vossas promessas» (S.to Agostinho).

«Ó Dono e Criador do universo, ó Senhor da vida e da morte, Vós conservais e cumulais de benefícios as nossas almas. Vós fazeis e transformais tudo com a obra do Vosso Verbo, na hora estabelecida e segundo o plano da Vossa sabedoria; acolhei hoje os nossos irmãos defuntos e dai-lhes o eterno descanso.

«Quanto a nós, acolhei-nos no momento que Vos aprouver depois de nos terdes guiado e deixado na carne o tempo que Vos parecer útil e salutar.

«Possais Vós acolher-nos no último dia preparados pelo Vosso temor, sem perturbação nem hesitação; que não deixemos com pena as coisas da terra, como sucede aos que estão demasiadamente apegados ao mundo e à carne: que partamos decididos e felizes para a vida longa e bem-aventurada que está em Jesus Cristo, nosso Senhor, ao qual pertence a glória pelos séculos dos séculos. Amen» (S. Gregório Nazianzeno).

386. APRESENTAÇÃO DE MARIA NO TEMPLO 21 DE NOVEMBRO

Ó Maria, apresentai vós a minha oferta e a minha vida ao Senhor.

1 — Ainda que a Sagrada Escritura nada nos diga acerca da apresentação de Maria Santíssima no templo, este facto baseia-se no autorizado testemunho da mais antiga tradição cristã e a Igreja reconheceu-o oficialmente tornando-o objecto de uma particular festa mariana. A Virgem Menina que, na mais tenra idade,

abandona a casa e os pais para ir viver à sombra do templo, fala-nos de desprendimento, de separação do mundo, de entrega completa ao serviço de Deus; fala-nos de consagração virginal ao Altíssimo. Depois dEla, inumeráveis almas virgens se apresentarão no templo para se oferecerem a Deus, mas nenhuma oferta será tão pura, tão total e tão aceite como a de Maria.

A Virgem é verdadeiramente a privilegiada entre todas as criaturas, Ela que desde os primeiros instantes da sua existência ouviu o grande apelo: «Escuta, ó filha, e vê, e inclina o teu ouvido e esquece-te do teu povo e da casa de teu pai» (*Sal. 44, 11*). O Altíssimo enamorou-Se da sua beleza e quere-a toda para Si; Maria responde e a sua resposta é pronta e completa. Semelhante à da Virgem deve ser a resposta das almas que Deus chama ao altar, à vida religiosa ou à consagração virginal no mundo. Também estas almas devem separar-se do mundo, abandonar parentes e amigos, desprender-se do seu povo e da sua casa; nem sempre a separação poderá ser material, mas deve ser sempre uma separação espiritual, isto é, do affecto. É o coração que se deve desapegar, que se deve isolar, porque os eleitos do Senhor já não podem de maneira nenhuma pertencer ao mundo: «porque não são do mundo» (*Jo. 17, 14*), dizia Jesus. Viver no mundo sem ser do mundo não é coisa fácil, mas absolutamente necessária para responder ao chamamento divino. Há almas virgens que falham na sua vocação de «consagradas» ou não lhe correspondem plenamente, porque ainda estão presas ao mundo, às suas máximas, às suas vaidades, aos seus caprichos, às suas comodidades, porque não tiveram coragem para realizar uma verdadeira separação ou porque, depois de a terem iniciado, não permaneceram fiéis. Isto pode

suceder não só às almas que vivem no mundo, mas também àquelas que vivem no claustro, pois o mundo penetra em toda a parte, e em toda a parte pode invadir os corações não inteiramente desprendidos.

2 — À separação total corresponde a oferta, a consagração total. Maria dá-se toda ao seu Deus, dá-se sem reserva, dá-se a Ele para sempre. «Senhor, na simplicidade do meu coração, ofereço-me hoje a Vós, como serva perpétua, para obséquio e sacrifício de eterno louvor» (*Imit.* IV, 9, 1). Tais deveriam ser as disposições com que a santa Menina se ofereceu ao Altíssimo, disposições que foram vividas com uma plenitude e uma coerência que desconcerta a nossa miséria. Nem sequer por um instante Maria faltou à sua consagração total; Deus pôde fazer dEla tudo quanto quis sem nunca encontrar a mínima resistência. Circunstâncias particularmente difíceis e penosas encheram a vida da Virgem: a dúvida de José sobre a origem da sua maternidade, a viagem a Belém numas condições tão delicadas e incômodas, a mísera pobreza em que viu nascer o seu Menino, a fuga para o Egipto, a vida cheia de dificuldades em Nazaré, a hostilidade e a maldade dos fariseus contra Jesus, a traição de Judas, a ingratição de um povo tão beneficiado e amado, a condenação do Filho à morte, o caminho do Calvário, a crucifixão no meio dos insultos da populaça. Em vão perscrutaremos o coração de Maria para descobrir nele um só movimento de ressentimento ou de protesto, em vão procuraremos ouvir uma única palavra de queixa em seus lábios; Maria entregou-se totalmente a Deus e deixa que Deus exerça sobre Ela todos os Seus direitos de Soberano, de Senhor, de Dono; nada tem que objectar, nem se

admira de que a sua imolação deva chegar a tanto. Não se ofereceu porventura sem reserva? E agora que a sua oferta está consumada, não faz senão repetir: «*Fiat! Ecce ancilla Domini!*»!

Quão diferente é a nossa vida de almas consagradas! Com que facilidade retomamos o dom feito a Deus! Apoderamo-nos de novo do coração quando o deixamos ocupar pelos affectos humanos; retomamos a vontade, quando não sabemos sujeitar-nos a determinadas ordens que nos mortificam ou contrariam, quando não sabemos aceitar as coisas que nos custam, quando nos lamentamos, protestamos ou defendemos os nossos direitos. Porém, o único verdadeiro direito da alma consagrada a Deus é o de se deixar empregar e consumir totalmente pela Sua glória.

Peçamos a Maria apresentada no templo que tome em suas mãos maternais a nossa pobre oferta, que a purifique e complete com a sua, tão pura e perfeita, que a inclua e esconda na sua, tão grande e generosa, a fim de que, assim purificada e renovada, possa ser agradável a Deus.

Colóquio — «Ó dilecta de Deus, Maria amabilíssima, pudesse eu oferecer-vos hoje os primeiros anos da minha vida para me consagrar todo ao vosso serviço, minha santa e dulcíssima Senhora, tal como vós vos apresentastes no templo e vos consagrastes à glória e ao amor do vosso Deus! Porém não chego a tempo, depois de ter perdido tantos anos em servir o mundo e os meus caprichos, quase esquecido de vós e de Deus. Infeliz tempo em que não vos amei! Contudo, mais vale começar tarde do que nunca. Eis, ó Maria, que hoje me apresento a vós e todo me ofereço ao vosso serviço para o pouco

ou muito tempo que me resta de vida sobre a terra; como vós; renuncio a todas as criaturas e dedico-me totalmente ao amor do meu Criador. Consagro-vos, ó Rainha, a minha mente a fim de que sempre pense no amor que mereceis, a minha língua para que vos louve, o meu coração para que vos ame. Aceitai, ó Virgem Santíssima, a oferenda que vos apresenta este miserável pecador; aceitai-a, vo-lo suplico, por aquela consolação que o vosso coração sentiu quando no templo vos entregastes a Deus. E se tarde me ponho ao Vosso serviço, procurarei recuperar o tempo perdido redobrando as minhas homenagens e o meu amor.

«Ó Mãe de misericórdia, ajudai, com a vossa poderosa intercessão, a minha fraqueza e obtende-me do vosso Jesus perseverança e força para vos ser fiel até à morte; e fazei que, depois de vos servir sempre nesta vida, possa chegar a louvar-vos eternamente no céu» (S.to Afonso).

INDICES

ÍNDICE ANALÍTICO

N. B. — Os números em negro indicam o número da meditação, os outros (1 e 2) os pontos da mesma. Este índice diz respeito só ao texto das meditações e não aos colóquios.

Abandono a Deus no sofrimento: 129, 2; 130, 2; 138, 2; e nas angústias da noite do espírito: 354, 2.

Abnegação — É necessário que a alma aprenda a renunciar à própria satisfação e tendência para gozar: 80, 1; 81, 1 e 2; 82, 1 e 2.
Ver: RENÚNCIA; MORTIFICAÇÃO.

Ação - Actividade — A perfeita harmonia entre a. e contemplação só existe na plena maturidade da vida espiritual: 331, 2; 342, 2 - necessidade de se dar à a. e contemplação segundo os deveres do próprio estado: 342, 1. Necessidade de se dar às obras de Deus com um coração cheio de Deus: 372, 2. Como procurar Deus na a.: 21, 1 e 2 - a a. regulada pela obediência não desvia da união com Deus: 21, 1 - saber interrompê-la para se dar à oração: 21, 2; 59, 1.

Afectos — Todo o affecto contrário à vontade de Deus detém a alma no caminho do espírito imperfeito: 7, 2 - a alma que não tem a coragem de cortar qualquer pequeno apego ou a. não chega à perfeição: 90, 1 - para entrar na união divina é necessário renunciar a todos os a. desordenados: 80, 2.

O coração ocupado com a. desordenados não pode amar a Deus com todas as suas forças: 80, 1; 228, 2 - os a. humanos devastam o coração consagrado a Deus: 90, 1 - a multiplicação dos a. dispersa as forças da alma: 228, 2.
Ver: APEGOS.

Alegria da alma que se dá totalmente a Deus: 303, 2 - da alma que antegoza a união com Deus: 361, 1.

Alma — Templo da Trindade: 11, 1 e 2; 16, 1; 58, 2; 61, 2; 78, 2. — totalmente livre de todo o

apego é impelida a agir só segundo a vontade de Deus: 5, 2 - quando está totalmente purificada, Deus transforma-a em Si mediante a graça e o amor: 78, 1 e 2 - se fizer o que puder, Deus não deixará de fazer a Sua parte, ou seja, de Se comunicar a ela ao menos em segredo e silêncio: 366, 2 - deve abrir-se totalmente à acção de Deus: *ib.* A primeira vinha que devemos cultivar é a nossa a.: 77, 2.

— deve estar bem decidida a praticar a renúncia: 82, 1 - disposições que deve ter para tirar proveito da palavra de Deus: 84, 2.

A a. que vai à procura da estima das criaturas não vive só com Deus só: 114, 2 - deve esquecer-se de si para se centrar totalmente em Cristo: 115, 1 - a a. de vida interior não deve agir com espírito mercenário, mas como filha: 115, 2 - a a. enamorada dá-se exclusivamente a Deus, consumindo por Ele tudo aquilo que é e que possui: 134, 1.

A a. que se deu sèriamente a Deus está dominada por dois grandes atractivos: oração e apostolado: 342, 1.

Amor — A semelhança de Deus, a nossa vida sobrenatural deve ser essencialmente a.: 4, 1.

Em cada acção somos impellidos pelo a. de Deus, das criaturas, ou de nós próprios: 5, 2. — é acto da vontade: 19, 2; 255, 1.

— paga-se com a.: 22, 1 - supera todos os obstáculos para se unir àquele que ama: 31, 1 - encontra ou torna semelhantes os amantes: 251, 1; 348, 2 - tende por sua natureza à unidade: *ib.*

Ver: AMOR DE DEUS; AMOR DO PRÓXIMO; CARIDADE.

Amor de Deus — É a força que une a alma a Deus: 4, 2; 100, 1; 250, 2; 345, 1; 361, 1 e 2. O verdadeiro a. consiste em fazer a vontade de Deus: 5, 1; 19, 1 e 2; 255, 1 e 2; 256, 1 - a perfeição do a. consiste na plena conformidade com a vontade de Deus: 6, 1; 120, 1; 251, 2 - o puro a. busca só a glória de Deus e o cumprimento da Sua vontade: 256, 1. A alma que com todas as forças crê que Deus é verdadeiramente Deus, amá-lo-á também com todas as suas forças: 19, 1.

— faz-nos saborear e experimentar Deus: *ib.* - confere à alma o «sentido de Deus»: 134, 2; 157, 2; 158, 1 e 2 - a oração é acima de tudo um exercício de a.: 149, 2; 150, 1 e 2 - do a. nasce o conhecimento amoroso de Deus: 150,

1 - o a. intensifica-se na oração: 256, 2.

O a. de caridade é pura benevolência para com Deus: 19, 1 - faz-nos amar a Deus por Si próprio como Ele Se ama: 250, 2 - torna-nos capazes de amar a Deus com a. de amizade: *ib* - faz com que o homem não viva para si, mas para Deus: *ib* - como corresponder ao a. de amizade com que Deus nos preveniu: 251, 2 - infundindo em nós a caridade, Deus tornou-nos capazes de retribuir o Seu amor: *ib* - a nossa amizade com Deus será perfeita quando em nós não existir mais nada que se oponha à Sua vontade: *ib*.

— não consiste no sentimento, mas é acto de vontade: 19, 2; 158, 1; 255, 1; 361, 1 - o a. de caridade não é amor sensível, mas amor de vontade que consiste na decisão de querer escolher Deus acima de todas as coisas: 158, 1; 255, 2 - relação entre o sentimento de a. e o acto de a.: 255, 1 e 2 - é verdadeiro mesmo quando é privado de sentimento: 255, 1; 356, 1 - faltando o sentimento de a. é necessário aplicar-se com todas as forças a realizar as suas obras: 355, 2 - o que nos deve interessar não é gozar o a., mas progredir nele: 361, 1.

Pagar com a. o amor infinito

de Deus: 22, 1; 30, 1; 31, 1 e 2; 150, 1; 211, 1 e 2; 252, 1 - o a. impele à generosidade: 30, 1; 31, 1 e 2; 211, 1 e 2; 290, 1; e ao dom total: 212, 1; 250, 2; 290, 2 - amar é despojar-se por Deus de tudo aquilo que não é Deus: 31, 2; 348, 2 - o a. de Deus e o culto de Deus devem ter sempre o primeiro lugar: 134, 1 - quando o a. de D. tomou plena posse duma alma, não fica nela lugar para outros amores: 142, 1; 356, 1; 358, 2 - como a alma amante procura Deus: 142, 1 e 2 - necessidade de amar a Deus sobre todas as coisas: 253, 2 - generoso e contínuo exercício de a.: 256, 2 - só o a. pode fazer-nos compreender o mistério do a. de Deus por nós: 208, 2.

O grau de a. atingido nesta terra é aquele mesmo com que amaremos Deus no céu: 35, 1; e com o qual seremos eternamente bem-aventurados: 384, 1 - a caridade que possuímos hoje é a mesma com que amaremos um dia no céu: 256, 1 - só no céu poderemos amar a Deus com absoluta perfeição e estabilidade: 253, 1; 256, 1.

Para crescer no a. é preciso realizar as boas obras com «todo o coração»: 35, 2; 180, 2; 256, 2 - necessidade de se manter em contacto com Deus: 301, 1.

Por mais que amemos a Deus, não conseguiremos nunca amá-LO tanto quanto é amável: 53, 2; 99, 2; 249, 1; 253, 1 - a medida de amar a Deus é amá-LO sem medida: 99, 2; 253, 1.

— é inseparável do amor do próximo: 64, 2; 181, 1 e 2; 257, 1 e 2; 301, 2; 323, 2 - quanto mais uma alma ama a Deus, tanto mais ama o próximo: 181, 1; 258, 1 - quem ama a Deus ama todas as coisas amadas por Deus: 181, 2; 260, 2 - não podemos ter a ilusão de amar a Deus se não amamos o próximo: 257, 2 - o meio mais seguro para crescer no a. de D. é praticar com grande cuidado a caridade fraterna: 271, 2 - do amor de D. nasce o zelo pelas almas: 317, 1; 344, 1.

A realidade do a. a Deus demonstra-se pelo sofrimento abraçado por Seu amor: 96, 1 e 2; 132, 2; 360, 1 - quanto mais forte é o a. tanto mais torna a alma capaz de abraçar por Deus coisas penosas e árduas: 288, 1; 289, 2; 356, 1 e 2; 360, 1 e 2 - a alma mais forte no padecer é a alma mais forte no a.: 360, 2.

— quando é perfeito, destrói o pecado mais do que o fogo do purgatório: 100, 2 - é capaz de transformar qualquer sofrimento em melo de santificação: 127, 2.

Aquele que opera por puríssimo a. de D. não busca em coisa alguma o próprio interesse: 115, 2; 256, 1; 355, 2; 356, 2 - um pouquinho de puro a. é mais precioso diante de Deus e aproveita mais à Igreja que todas as outras obras juntas: 342, 2; 368, 2 - torna a alma totalmente esquecida de si, da própria consolação e satisfação: 355, 2; 356, 2; 360, 2; 370, 2. Tormento de não amar a Deus: 157, 2; 158, 1 - o a. de D. purifica-se, fortalece-se e desenvolve-se por meio da aridez: 255, 2; e das amargas provas da noite do espírito: 355, 1 e 2 - o maior tormento para a alma que ama a Deus é o temor de não O amar: 355, 2 - forte a. estimativo que o Espírito Santo infunde na alma através das provas purificadoras: 356, 1 e 2 - a chama do a. invade a alma quanto mais a acha purificada de todas as coisas contrárias ao a.: 360, 2. — torna a alma ousada, impaciente, em aspirar à união com Deus: 358, 1 e 2; solicita em evitar a mínima ofensa a Deus: 359, 1; insaciável em cansar-se a sofrer por Deus: 360, 1 e 2.

— quanto mais forte é, tanto mais a alma se une a Deus: 361, 1 e 2 - atrai Deus à alma e lança a alma em Deus: 361, 2 - importa sumamente exercitar-se muito no a. para che-

gar à união com Deus cá na terra e na bem-aventurada eternidade: 364, 2 - sublime exercício do a. da alma chegada à união com Deus: 368, 1 e 2 - o a. torna a alma tão semelhante a Deus que chega ao ponto de a transformar nEle: 369, 1 - neste estado a alma ama a Deus com igualdade de a.: 369, 2 - a alma enamorada anela pela união e pela intimidade com Deus não para gozar, mas para O amar sempre mais: 370, 2.
Ver: AMOR; CARIDADE.

Amor próprio — Um coração ocupado pelo a. p. não pode estar cheio de Deus: 22, 2 - é impossível servir a Deus e ao mesmo tempo o a. p.: 117, 2. Até que a mortificação não fira o a. p. não atinge o seu fim: 97, 1 - luta contra os pontinhos de a. p.: 117, 1 e 2 - trabalho assíduo para lhe extirpar todos os gérmenes: 214, 2 - quebrar todos os laços que nos prendem ao a. p.: 316, 1. —leva-nos a desculpar as nossas faltas: 118, 1 - é causa de ira perante coisas que nos contrariam: 214, 2 - é o grande inimigo da caridade fraterna: 261, 1 - não mortificado, perturba a união fraterna: 308, 1. Eliminando o a. p. eliminam-se todos os outros defeitos: 214, 1.

Às vezes podíamos pensar

agir por amor de Deus e, ao contrário, agíamos por a. p.: 274, 2 - o a. p. faz desviar da intenção recta: 332, 2.

Amor do próximo — É o preceito do Senhor e por isso basta: 32, 2; 308, 2 - é o distintivo dos discípulos de Cristo: 70, 1; 262, 1 - é o testamento de Jesus: 137, 2 - é o mandamento da nova lei: 224, 2; 260 1; 262, 1 - o mandamento de Jesus é amar o próximo como Ele o ama: 262, 1 e 2; 307, 1 - a caridade em nós será perfeita quando for o reflexo do amor de Jesus por todas as criaturas: 262, 1 e 2.

— deve estender-se a todos, não excluindo ninguém: 56, 2; 258, 1; 260, 1; 265, 2; 273, 2 - é necessário vencer o mal com o a.: 56, 2; 63, 2; 70 2; 224, 1 - a caridade não permite divisões, supera os contrastes, mantém a concórdia: 70, 1; 224, 1; 308, 2 - a caridade máxima exercita-se para com os que nos fazem mal e suportando os maus: 70, 2 - saber perdoar: 70, 1 e 2; 224, 1; 264, 1 e 2 - ser bons para com todos mesmo para com os ingratos e os inimigos: 233, 2; 264, 1 - suportar os agravos, as incompreensões, as ofensas: 268, 2; e as injustiças: 279, 2.

A caridade leva a compartilhar as dores e necessidades dos outros, a sacrificar-se pelo

próximo: 64, 2; 267, 1 e 2; 273, 2 - exige compreensão das necessidades materiais alheias: 119, 1; 261, 2.

— é uma consequência e uma extensão do amor para com Deus: 64, 2; 181, 1 e 2; 257, 1; 268, 1 - só é forte e constante quando deriva do amor de Deus: 64, 2 - quando é fraco, também é fraco o amor para com Deus: 181, 2; 317, 1; 323, 2 - é a prova e o sinal mais seguro do nosso amor para com Deus: 182, 1; 257, 2; 271, 1; 365, 2 - juntamente com o amor de Deus, é a base da vida cristã: 257, 1; 308, 2.

O recolhimento e a união com Deus não devem impedir o exercício da caridade fraterna: 64, 2; 181, 1 e 2 - a falta de caridade fraterna é um dos maiores obstáculos à acção do Espírito Santo: 182, 1 - não agrada a Deus a oração que não é acompanhada pela caridade: ib; 224, 2 - saldar as nossas dívidas para com Deus com a caridade: 245, 2 - a caridade fraterna é a condição essencial da salvação eterna: 257, 2 - não existe verdadeira religião sem caridade para com o próximo: 273, 2.

A caridade fraterna deve ser o fruto das nossas Comunhões: 137, 2 - deveres de solidariedade que derivam da nossa incorporação em Cristo: 267, 1. A caridade fraterna é o amor

da criatura *propter Deum*: 257, 1; 258, 1 e 2; 260, 1 - o preceito da caridade fraterna é inseparável do da caridade para com Deus: 257, 1 - Deus considera como feito a Si tudo aquilo que fazemos ao próximo: 257, 1 e 2 - a caridade fraterna é a mesma virtude teologal com a qual amamos a Deus: 258, 1 - quem diz que ama a Deus e odeia o seu irmão é mentiroso: ib - o a. do p. é caridade só na medida em que é inspirado pelo amor de Deus: 258, 2 - quem não ama o próximo, não ama a Deus: 259, 2; 301, 2; 323, 2 - a caridade deve basear-se não sobre as qualidades do próximo ou sobre as nossas relações com ele, mas sobre as relações do próximo com Deus: 260, 1 e 2 - em recompensa do amor que tivermos ao próximo, Deus fará crescer o nosso amor por Ele: 271, 2; 365, 2 - a caridade fraterna é uma participação criada do amor com o qual Deus ama as Suas criaturas: 271, 2 - praticando a caridade fraterna unimo-nos a Deus, faltando a ela afastamo-nos dEle: ib - as faltas de caridade para com o próximo são obstáculo à união com Deus: 365, 2.

O fundamento da caridade é a humildade: 259, 2; 294, 1; 301, 2 - o egoísmo impede a prática da caridade: 260, 2 - o

maior inimigo da caridade é o amor próprio: 261, 2.

Amar o próximo como a nós próprios, usando para com os outros as delicadezas e a compreensão que desejaríamos para nós: 261, 1 e 2; 263, 2; 265, 1 - amar cada um em particular com a sua personalidade concreta: 261, 2 - a caridade não é dar para receber, mas um dar sem cálculo nem medida: 268, 1 - a caridade esconde o bem que faz porque não exige a paga: *ib* - renúncia de si e delicadeza de caridade para nos adaptarmos ao próximo: 269, 1 e 2; 308, 1 e 2; 343, 1 - a caridade é sempre doce e suave: 270, 1 - prática da doçura nas dificuldades das relações com o próximo: 270, 2 - a caridade deve ser acompanhada de afabilidade e delicadeza de trato: 335, 1 e 2 - uma perfeita cortesia sempre igual a si mesma é fruto de uma delicada caridade: 335, 2. O primeiro bem que devemos querer ao próximo é o seu bem espiritual: 261, 2.

É um grande erro julgar as pessoas e as coisas somente sob o ponto de vista negativo: 263, 1 - em vez de criticar os defeitos alheios, devemos procurar corrigi-los em nós próprios: *ib* - não julgar ninguém porque o juízo é reservado a Deus só: 263, 2 - se não se pode desculpar a acção, des-

culpar ao menos a intenção: *ib* - os defeitos do próximo não devem fazer-nos diminuir a estima e a benevolência para com ele: *ib*; 267, 2 - a caridade fraterna estende um manto sobre os defeitos alheios: 265, 1 - combater os pensamentos e os juízos pouco benévolos para com o próximo: 265, 2 - a verdadeira caridade consiste em suportar os defeitos alheios: 267, 2.

Nas relações com o próximo imitar a misericórdia do Pai celeste: 264, 1; 307, 1 - Deus tratar-nos-á com a mesma misericórdia com que nós tivermos tratado os outros: 264, 2; 336, 2.

A correcção fraterna é um verdadeiro acto de caridade contanto que seja feita com bondade: 270, 2; 294, 1 - a caridade é o melhor meio para praticar a justiça: 279, 2.

A caridade deve ser o vínculo que nos une todos: 308, 1 - é preciso estar pronto a fazer qualquer sacrifício pessoal para manter a união fraterna: 308, 2.

A expressão mais elevada da caridade fraterna é o apostolado: 323, 2.

Ver: AMOR; CARIDADE.

Apegos — Todo o a. voluntário impede a união com Deus: 79, 1 - o mínimo a. ao pecado e à imperfeição impede

a união com Deus: 237, 2.

Os a. habituais são laços que prendem à terra: 79, 2 - o a. às riquezas é obstáculo para a salvação da alma: 84, 2; 85, 1 e 2.

A raiz de todo o a. é a tendência desordenada para gozar: 81, 1; 82, 1.

Ver: AFECTOS; IMPERFEIÇÕES.

Apostolado — É dever de todo o cristão: 23, 1 e 2; 77, 2; 318, 1 e 2; 328, 2 - é particular dever da alma consagrada a Deus: 23, 2; 61, 1 - é colaboração na obra salvífica de Cristo: 319, 1; 324, 1 - é a expressão mais elevada da caridade fraterna: 323, 2.

Jesus quer que colaboremos com Ele na salvação das almas: 23, 1 e 2; 61, 1; 65, 2; 318, 2; 325, 1 - a salvação de muitos depende das nossas orações e mortificações voluntárias: 23, 2; 318, 2; 323, 1.

A. Interior da oração e do sacrifício: 24, 1 e 2; 184, 2; 324, 1 e 2; 325, 2; 326, 1 e 2 - é um prolongamento da vida escondida e da Paixão de Jesus: 324, 1 - é a base indispensável do a. exterior: *ib* - tem a preeminência sobre todas as outras formas de a.: 328, 1 - valor apostólico da vida contemplativa: 324, 2; 325, 2; 326, 1 e 2 - a oração apostólica é um dos poderosos meio de a.:

325, 1 e 2 - deve ser acompanhada do sacrifício: 326, 1 - o a. culmina no sacrifício pessoal pela salvação das almas: *ib* - as almas pagam-se e salvam-se com o sofrimento: 326, 2; 341, 2; 374, 2.

A. exterior: 25, 1 e 2 - é um prolongamento da vida apostólica de Jesus: 324, 1 - a sua necessidade: 328, 1 - a sua fecundidade deriva do amor de Deus e da união com Ele: 25, 1; 184, 1; 321, 2; 330, 1 e 2; 340, 2; 341, 1; da oração e do sacrifício: 25, 2; 184, 2; 324, 1; 325, 2; 326, 1 e 2 - o a. não pode consistir só na actividade exterior: 184, 1; 324, 1 - só Deus pode tornar fecundo o a.: 319, 1; 334, 1 e 2.

A alma do a. é a vida interior: 25, 1; 321, 2; 323, 1 - o a. sem vida interior é só movimento: 321, 2 - a alma não pode dar frutos pelo a. se primeiramente não lança as raízes numa profunda vida interior: 323, 1; 330, 1 - a actividade externa não deve diminuir a vida interior: 330, 2; 331, 2; 339, 1 - a urgência das obras apostólicas não pode justificar uma apressada preparação para o a.: 330, 2 - aqueles que se dão ao a. devem estar seriamente encaminhados para a perfeição: *ib* - é preciso unir a ascese pessoal para a santidade com

o exercício da actividade apostólica: 331, 1 - enquanto não se chegar à maturidade espiritual é preciso dar-se ao a. com cautela e medida: 339, 1 - mesmo quem recebeu a graça interior do a. deve sempre vigiar: 340, 1 e 2.

O zelo pelas almas deriva do amor de Deus: 184, 1; 317, 1; 344, 1; e da união com Ele: 339, 1 - é uma participação do Seu amor pelos homens: *ib.*

A vida interior deve ser orientada para a salvação das almas: 317, 2; 323, 2 - o ideal apostólico impele as almas para uma vida interior mais profunda: 323, 1 e 2 - é uma alavanca potente para a santificação pessoal: 323, 2.

O a. do exemplo é acessível a todos: 327, 1 e 2.

Diversas funções no campo do a.: 328, 1 e 2 - espírito de solidariedade entre os responsáveis das várias formas de a.: 328, 1 - colaboração dos fiéis no a. hierárquico: 328, 2 - o a. deve ser realizado em harmonia com as directrizes da Igreja: *ib.*; 340, 2.

A perfeita harmonia entre acção e contemplação só existe na plena maturidade da vida espiritual: 331, 2; 342, 2 - como harmonizar o atractivo para o a. com o da união com Deus: 342, 1 e 2 - a harmonia profunda só vem da caridade

perfeita: 342, 2 - no campo da caridade perfeita, contemplação e a. identificam-se, completam-se, exigem-se mutuamente: *ib.*

Intenções secundárias que podem insinuar-se na actividade apostólica: 332, 2 - a vida apostólica requer uma plena abnegação de si próprio: 333, 1.

Afabilidade e cortesia ao serviço da caridade apostólica: 335, 1 e 2 - capacidade técnica e competência profissional como meios de a.: 337, 2 - o profissional deve sobretudo exercer o a. através do perfeito cumprimento dos deveres profissionais: *ib.*

O fundamento da esperança apostólica é a vontade salvífica de Deus, o Seu poder infinito, a Redenção de Cristo: 338, 1.

Quanto mais uma alma se une a Deus por amor tanto mais se torna apostólica: 339, 1 e 2 - na alma chegada à união com Deus despertam imensos desejos de a.: 339, 2; 340, 1 - da união total com Deus brota espontaneamente o a. mais fecundo: 370, 2.

Paternidade e maternidade espirituais derivadas do a.: 341, 1 e 2.

O Espírito Santo é o secreto animador do a.: 344, 1 e 2 - é necessário dirigir as almas não segundo o espírito pró-

prio, mas segundo o Espírito de Deus: 344, 2.

Ver: ACÇÃO; APÓSTOLO.

Apóstolo - Rectidão de intenção necessária ao a.: 25, 2 332, 1 e 2.

— deve continuamente morrer para o amor próprio e para a vanglória: 25, 2; 332, 2 - purificação do apóstolo através das dificuldades do apostolado: ib; 338, 2 - as adversidades e desgostos que encontra no apostolado constituem a sua noite escura: ib.

— é colaborador de Deus: 319, 1 e 2; 341, 1 e 2 - deve pôr-se totalmente à disposição de Deus: 319, 2; partilhar o Seu amor pelos homens: 320, 1; 339, 1; viver em íntima afinidade com este Amor infinito do qual é humilde colaborador e instrumento: 320, 2; ser amigo íntimo de Deus para agir segundo o Seu Coração: 321, 1 - deve ser totalmente dócil e estar disponível em face da presença operante do Espírito Santo: 344, 2.

Todo o cristão é a. principalmente devido à sua participação na oração e no sacrifício com que Cristo remiu o mundo: 324, 1 - uma alma de vida interior é um a.: 327, 2.

— deve dedicar um tempo suficiente à oração e ao recolhimento: 325, 2; 331, 2; 339,

1 - encontra no seu apostolado todos os meios necessários para a sua santificação: 331, 1 - o chamamento ao recolhimento é uma graça que o defende dos perigos da actividade: 331, 2 - deve procurar manter o equilíbrio entre acção e contemplação: ib; 342, 1 - deve incarnar em si aquele ideal de santidade que quer propor aos outros: 327, 1.

Necessidade de uma séria formação dos a.: 330, 1 e 2.

— não é para si próprio, mas para as almas, para a sua vantagem espiritual: 333, 2 - deve dar-se todo para o bem das almas: ib; 341, 2 - o verdadeiro a. tem consciência dos filhos que deve alimentar com o seu suor e com as suas orações: ib.

— deve ter uma profunda humildade: 334, 1 e 2; 340, 2 - a consciência do seu nada deve mantê-lo continuamente unido a Jesus de quem lhe vem todo o auxílio: 334, 2 - deve sempre vigiar-se acerca da humildade, da união com Deus, do desapego do juízo próprio e da vontade própria: 340, 2.

— deve ser um «perfeito cavalheiro»: 335, 2 - deve procurar adquirir uma preparação intelectual adequada ao apostolado que deve exercer: 337, 1.

— deve estar convencido de que não se chega à vitória senão passando pelo Calvário: 338, 1 - deve esperar não obstante todas as dificuldades e insucessos que encontrar no seu apostolado: 338, 2.
Ver: APOSTOLADO.

Aridez — Esperar o Senhor na a.: 8, 2 - não obstante a a. perseverar na busca de Deus: 18, 2; e na oração: 153, 2; 156, 2.

A. causada pela infidelidade: 153, 1; 156, 2 - proveniente de causas físicas e morais independentes da vontade: 153, 2 - permitida por Deus para o progresso da alma: 155, 1 e 2; 157, 1 e 2 - mediante esta a. Deus liberta a alma das ninharias da sensibilidade: 155, 1; condu-la a um amor mais puro e a uma humildade mais profunda: 155, 1 e 2 - como comportar-se em tal a.: 155, 2 - como distinguir a a. proveniente de Deus da que deriva de outras causas: 157, 1 - a. que a alma sofre na noite do espírito: 353, 2; 355, 2.

No meio da a. nasce na alma a pena atormentadora de não amar a Deus: 157, 2; 158, 1; 355, 2 - mediante a a. o amor torna-se mais puro: 255, 1 e 2 - Deus pode inflamar a alma de amor mesmo no meio da a.: 361, 1.

O Espírito Santo trabalha nas

almas também através da a.: 168, 2.

Ver: ORAÇÃO.

Batismo — Enxertou-nos, incorporou-nos em Cristo: 43, 2; 48, 1 - fez-nos filhos de Deus: 71, 1 - é o princípio da vida cristã e da bem-aventurança eterna: 71, 2 - consagra o corpo do cristão como templo de Deus: 88, 1 - no b. recebemos pela primeira vez o Espírito Santo: 189, 2 - é um renascimento no Espírito Santo: 190, 1 - no b. ao mesmo tempo que a graça, recebemos as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo: 195, 1.

Dever de viver o próprio b.: 71, 1 e 2 - a graça do b. não nos isentou da luta contra o homem velho, mas tornou-nos capazes de a sustentar: 245, 1.

A cura do surdo-mudo é uma imagem viva da graça do b.: 266, 1.

Bem-aventuranças — São os frutos dos dons do Espírito Santo: 300, 1.

Bem-aventurados os pobres de espírito: 300, 1 e 2 - bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça: 303, 1 e 2 - bem-aventurados os mansos: 305, 1 e 2 - bem-aventurados os misericordiosos: 307, 1 e 2 - bem-aventurados os que

choram: 310, 1 e 2 - bem-aventurados os puros de coração: 312, 1 e 2 - bem-aventurados os pacíficos: 314, 1 e 2.
Ver: CIÊNCIA; CONSELHO; ENTENDIMENTO; FORTALEZA; PIEDADE; SABEDORIA; TEMOR DE DEUS.

Bens terrenos - O apego aos b.t. é obstáculo à perfeição: 85, 1 e 2 - pôr de lado a preocupação com os b.t.: 87, 1 e 2 - tentam seduzir o coração: 287, 1 - a solicitude pelos b.t. impede-nos de procurar totalmente o reino de Deus: 287, 2. A pobreza de espírito liberta a alma da escravidão dos b.t.: 85, 2 - o voto de pobreza interdiz-nos o seu uso livre: 86, 1 e 2.

Caridade — É inseparável da graça: 4, 2; 259, 1 - não pode subsistir juntamente com a morte causada pelo pecado: 254, 1.

Quem a possui participa da vida de Deus: 4, 2 - é condição e consequência da inabitância do Espírito Santo nas nossas almas: 189, 2 - proporcionalmente à c. desenvolvem-se na alma os dons do Espírito Santo: 195, 2 - só a c. e a graça conferem à alma a vida sobrenatural: 259, 1 - a c. é o maior dom que o Espírito Santo pode infundir em nós: 1b.

— é a maior virtude: 4, 2; 254, 1 - é a essência da perfeição cristã: 100, 1; 106, 1; 145, 2 - sua excelência e primazia sobre todas as outras virtudes: 254, 1 e 2 - dá calor e força de vida eterna à esperança: 254, 1 - nada vale sem a c.: 254, 2 - o mínimo acto de c. vale imensamente mais que todos os valores humanos: 234, 2; e que todos os dons extraordinários: 259, 1 - o cristianismo é todo amor: 301, 1.

Uma alma é santa na medida em que é dominada pela c.: 4, 2 - mediante a c. a alma permanece sempre orientada para Deus: 13, 2; 160, 1 - aumento da c.: 35, 2; 180, 2. Jesus pediu-nos o exercício da c. no máximo grau: 19, 1 - o preceito da c. não tem limites: 53, 2; 253, 1; é totalitário: 1b.

— torna-nos participantes da c. infinita com que Deus Se ama a Si mesmo e às criaturas: 53, 1; 271, 2 - é uma participação criada do amor com que Deus Se ama a Si próprio: 250, 1 e 2; 251, 2 - insere-nos no movimento de amor da SS.ma Trindade: 250, 1 e 2 - é amor de amizade entre Deus e o homem: 251, 1 e 2.

— vence tudo: 63, 2.

A vida espiritual e a própria consagração a Deus pouco valem se não conduzem à

perfeição do amor: 70, 1 - o fim da vida espiritual é a perfeição da c.: 145, 2; 301, 1. A perfeição da c. exige o desprendimento dos bens terrenos: 86, 1 - a c. requer absoluta renúncia e absoluta pureza: 253, 2; 355, 1 e 2 - esvazia a vontade de todas as coisas porque nos obriga a amar a Deus sobre todas elas: 349, 2; - nesta terra não é possível uma perfeição absoluta da c., mas só relativa: 253, 1; 256, 1.

O fundamento da c. é a humildade: 106, 1; 259, 2; 301, 2, — é uma porque o seu objetivo é único: Deus amado em Si próprio e no próximo: 181, 1; 258, 1 - duplo movimento da c. para com Deus e para com o próximo, se um deles é reprimido, a c. não pode ser plena: 323, 2; 342, 1.

— é por sua natureza expansiva, apostólica: 323, 2.

Acção e contemplação nascem do amor e fundem-se só no amor perfeito: 342, 2.

No fim da vida seremos julgados sobre a c.: 364, 2.

Ver: AMOR; AMOR DE DEUS; AMOR DO PRÓXIMO.

Castidade — As almas consagradas a Deus são obrigadas à c. perfeita: 75, 1 - voto de c. perfeita: 88, 2 - o voto de c. não encerra as almas numa vida estéril, mas, li-

gando-as a Deus, abre-as à sublime fecundidade do apostolado: *ib* - o voto de c. não liberta a alma das tentações e das lutas: 89, 1.

— é pedida a todo o cristão conforme o seu estado de vida: 88, 1 - não basta a c. do corpo, é necessária a do coração e dos pensamentos: *ib* - c. do coração: 90, 1 e 2.

A modéstia, guarda da c.: 89, 1 e 2.

Céu — Os sofrimentos deste mundo são nada em comparação com a glória do c.: 161, 1. A nossa vida deve ser uma contínua peregrinação e ânsia do c.: 161, 1 e 2; 175, 1; 179, 1; 182, 1; 379, 1 - a nossa pátria é o c.: 350, 1 - a alma inflamada de amor anela ansiosamente pelo c. para amar mais a Deus: 364, 2; e para O fazer amar pelo maior número possível de almas: 370, 2.

A Ascensão de Jesus dá-nos direito ao c.: 179, 1 - a Assunção de Maria é um chamado para vivermos com o pensamento dirigido para o c.: 379, 1 e 2.

Só no c. será possível uma absoluta totalidade e estabilidade no amor: 253, 1; 256, 1 - no c. amaremos a Deus na claridade da visão beatífica: 360, 1 - a glória do c. corresponde ao grau de amor alcançado sobre a terra: 384, 1.

A vida do c. é a união com Deus elevada à sua última perfeição: 345, 1 - feliz a alma que no fim da vida puder sem mais nada, ser admitida à união beatífica do c.: 364, 2. Glória dos Santos no c.: 384, 1.

Ciência (dom de) — Faz compreender o nada das criaturas: 309, 1 e 2 - a alma que é iluminada por este dom sente a necessidade de fugir das criaturas: 309, 2 - sob o seu influxo as criaturas tornam-se uma escada para subir até Deus: 1b - infunde a compunção pelos pecados: 310, 1 - aperfeiçoa a virtude da esperança: 310, 2.

Ao dom de c. corresponde a bem-aventurança dos que choram: 310, 1 - faz compreender a alegria da dor abraçada por amor de Deus: 310, 2.

Confiança — A demasiada c. em si próprio impede de recorrer a Deus com plena c.: 63, 2 - Deus só admite à Sua intimidade as almas completamente despojadas da c. em si próprias: 108, 2 - a c. em Deus cresce na medida da humildade e desconfiança de si: 1b; 217, 1 e 2 - a alma que confia em si não está madura para a santidade nem para o apostolado: 135, 2. Devemos pôr em Deus toda

a nossa c.: 63, 2 - c. ilimitada nos méritos infinitos de Jesus: 175, 2; e na divina Providência: 239, 2 - devemos confiar em Deus porque somos Seus filhos: 245, 1 - confiar em Deus até à audácia: 247, 2 - quanto mais c. tivermos em Deus, mais fortes seremos: 295, 2.

C. em Deus nas tentações: 98, 2; 215, 2; 252, 1; nas provas: 119, 2; no sofrimento: 129, 2; 130, 2; nas tentações de desânimo: 248, 2; nas angústias das provas purificadoras: 352, 2; 354, 1 e 2.

C. em Deus apesar das próprias misérias e quedas: 108, 1 e 2; 109, 2; 210, 2; 215, 2; 217, 1 e 2; 247, 2; 249, 2; 252, 1; 280, 2; 295, 2; 352, 2 - quanto mais experimentamos a nossa impotência e o nosso nada, tanto mais devemos lançar-nos em Deus com plena c.: 247, 1 - servir-se das próprias misérias para demonstrar a Deus como temos necessidade do Seu auxílio e para aumentar a nossa c. nEle: 249, 2 - devemos ir a Jesus precisamente porque somos pecadores: 280, 2.

A falta de c. em Deus diminui a capacidade de amar: 109, 2; paralisa a vida espiritual: 217, 2.

C. no governo de Deus através das ordens dos superiores: 123, 2.

A c. em Deus é vã se não é acompanhada de obras: 175, 2. Ver: ESPERANÇA.

Confissão — Utilidade da c. frequente e disposições para dela tirar fruto: 73, 2; 104, 1 e 2 - mediante a graça sacramental a c. premune a alma contra o pecado: 73, 2; 104, 1 - acusação do grau de voluntariedade das próprias faltas e dos seus motivos: 104, 2 - importância da dor: *ib* - sinceridade na c.: 284, 1 - c. acompanhada de profunda compunção: 310, 1.

Angústias derivadas da falta de espírito de fé: 280, 2 - duvidar da absolvição é duvidar do próprio Jesus: *ib*.

Conhecimento próprio — O c. p. e da própria miséria não deve nunca separar-se do conhecimento de Deus: 109, 1. Ver: HUMILDÁDE.

Consagração a Deus — A alma consagrada é particularmente chamada a colaborar com Cristo na salvação das almas: 23, 2; 61, 1 - quem se consagra a Deus torna-se Seu colaborador na comunicação da vida da graça aos homens: 88, 2; 341, 1 - paternidade e maternidade espirituais derivadas da c. a D.: 88, 2; 341, 1 e 2; 374, 2.

— não tem valor se não ajuda a tender ao amor perfeito: 70, 1 - é vã para quem não vive o próprio baptismo: 71, 2 - deve tornar-se sempre mais profunda e perfeita: 76, 2.

O chamamento à c. a D. é um privilégio devido unicamente ao beneplácito divino: 75, 2.

A alma consagrada não se pertence mais nem a si mesma nem às criaturas, mas unicamente a Deus: 75, 1 - renúncia e desapego que se deve impor: 76, 1 e 2; 88, 2; 386, 1 - particular modéstia dos sentidos que deve praticar: 89, 1 e 2 - o seu único direito é deixar-se empregar e consumir para a glória de Deus: 386, 2.

Frieza e infidelidade das almas consagradas: 134, 2; 202, 1; 203, 2; 283, 1; 322, 2; 386, 2 - há almas virgens que faltam à sua vocação de «consagradas» porque estão ainda apegadas ao mundo: 386, 1.

Maria é o modelo das almas consagradas: 386, 1 e 2.

Conselho (dom de) — Auxiliar da prudência: 306, 1.

Mediante o dom de c. a alma compreende a voz do Espírito Santo: 306, 1 - mediante este dom o Espírito Santo quer ser o nosso conselheiro: 306, 2 - recolhimento e docilidade necessários para apro-

veitar este dom: *ib.*

O seu efeito particular é a misericórdia: 307, 1 - a ele corresponde a bem-aventurança dos misericordiosos: 307, 1 e 2.

— ilumina-nos sobre as nossas misérias: 307, 2.

Consolações espirituais — Não são fim em si mesmas, mas ajuda para servir a Deus com maior generosidade e para nos tornar mais fortes em levar a cruz: 105, 2; 370, 2.

É necessário aprender a amar a Deus com um acto da vontade, puro e forte, acima de todo o sentimento e consolação: 255, 1 e 2 — a alma enamorada deseja a intimidade divina, não para gozar, mas para amar cada vez mais o seu Deus: 370, 2.

Contemplação — A c. autêntica impele à generosidade, ao sacrifício: 59, 2 - as graças contemplativas têm o objectivo de tornar as almas mais fortes no sofrimento: 194, 1. — não deve impedir o exercício da caridade fraterna: 64, 1.

Dom de Deus concedido só às almas generosas: 143, 2 - é lícito aspirar a ela, mas não devemos ter pretensões, porque é um dom que Deus dá a quem quer e como quer: 144, 1 - é preciso dispor-se para

a c. com uma generosidade sem limites, com o recolhimento e a oração: 145, 1 e 2. — é um meio precioso para introduzir na intimidade divina: 144, 1 - diversos graus e formas de c.: 144, 2 - não é o fim da vida espiritual, mas um poderoso meio para chegar à plenitude do amor: 145, 2 - quanto mais a alma contempla Deus, tanto mais se enamora d'Ele e se torna generosa no Seu serviço: 151, 2. Mediante a aridez Deus introduz a alma na c.: 157, 2 - a c. obscura e inicial nasce no meio das penas da aridez purificadora: 157, 1 - conduta da alma neste grau de c.: 158, 2: 159, 1 e 2.

C. e apostolado não se opõem, mas exigem-se e amparam-se mutuamente: 184, 1; 342, 2 - a perfeita harmonia entre a acção e a c. realiza-se só na plena maturidade da vida espiritual: 331, 2; 342, 2; e é fruto do perfeito amor: *ib.* - é necessário dar-se à c. e à acção segundo as exigências do dever do próprio estado e as disposições da obediência: 342, 1 - o desejo de c. que desvia a alma do cumprimento do dever não é conforme à vontade de Deus: *ib.* - no vértice da vida espiritual acção e c. fundem-se em unidade e harmonia perfeitas: 342, 2.

Contemplativos — Importância na Igreja das Ordens contemplativas: 24, 2; 324, 2; 325, 1 e 2; 326, 1 e 2 - os c. não podem dizer aos activos: «Não são necessárias as vossas obras», e vice-versa: 328, 1. Nenhum género de vida c. exclui o dever e a necessidade de se ocupar do próximo: 64, 2.

Da vida c. fervorosa nasce a chama do apostolado: 184, 1 - paternidade e maternidade espirituais das almas c.: 341, 2 - a alma c. que chegou à caridade perfeita é apostólica ao máximo: 342, 2 - todos os grandes c. foram grandes apóstolos: *ib.*

— devem empenhar-se com todas as forças na oração e na imolação contínuas pela salvação das almas: 324, 2; 326, 2 - a sua oração é a garantia de vitória para aqueles que lutam no mundo: 325, 2 - toda a alma c. deve ser digno altar do qual se eleva a oração e sobre o qual se imola o sacrificio: 326, 1.

Conversão — Devemo-nos dispor sempre para uma nova c.: 77, 1; 99, 1 - não é necessário pôr limites à própria c.: 99, 2 - a c. é geralmente progressiva: *ib.* - é preciso ressuscitar todos os dias das pequenas infidelidades: 294, 2. Conceito de c.: 99, 1 - o ponto

de partida para a c. é o reconhecimento sincero das próprias culpas: 350, 1.

Coragem — Impele a alma, fazendo-a enfrentar seja o que for para se manter fiel a Deus: 288, 1 - c. necessária para secundar a acção divina: 302, 1.

Realizar actos de c. apesar do temor que invade a parte sensível: *ib.* - tornamo-nos corajosos fazendo actos de c.: 288, 2.

Criaturas — Para encontrar Deus é necessário afastar-se das c.: 11, 2 - o apego às c. é obstáculo para a busca de Deus: 13, 1; 20, 1 e 2; 90, 1 e 2 - como tratar com elas a fim de que não desviem da união com Deus: 13, 1; 20, 1 e 2 - não devem embaraçar o nosso passo para Deus: 161, 2 - ultrapassar as c. para ver Deus para além delas; 163, 1 e 2; 244, 2 - quem quer unir-se a Deus não deve deixar prender o coração às c.: 277, 2 - à medida que a alma se desprende das c. sobe a secreta escada do amor: 361, 1.

É grande loucura deixar prender o coração às c. que não têm esse direito: 90, 1 - a alma que quer viver só para Deus deseja ser esquecida das c.: 114, 2 - quem vai à busca do afecto das c. não é

pobre de espírito: 300, 2 - viver no meio das c. e ocupar-se delas, mas sem apegar a elas o coração: 379, 2.

— não bastam para saciar a nossa sede de felicidade: 143, 1; 303, 2 - vaidade das c.: 309, 1; 356, 1 - perante a atracção das c. facilmente se esquece e se atraiçoa o Criador: 309, 1 - é necessário amar a Deus sobre todas as c.: 356, 1.

— são nada em face de Deus: 227, 2; 228, 1; 229, 1; 309, 1 e 2 - existem só enquanto Deus as criou e as mantém na existência: 228, 1 - são variáveis e mutáveis: 230, 1 - nenhuma c. pode nada sem o socorro da omnipotência divina: 240, 2.

Para a alma iluminada pelo dom de ciência as c. convertem-se numa escada para subir para Deus: 309, 2.

Crisma — Confirma a alma na vida cristã: 72, 1 - infunde-lhe a força do Espírito Santo: 72, 2 - confere-lhe a força de enfrentar até o martírio se for necessário: 72, 1; 288, 1 - é o Pentecostes de toda a alma cristã: 189, 2.

Valorizar e viver este sacramento: 72, 2.

Cristão — Todo o c. tem o dever do apostolado: 23, 1 e 2; 77, 2; 318, 1 e 2 - nada há

de mais frio do que um c. que não se preocupa com a salvação dos outros: 317, 2 - «já não haveria nenhum pagão se os c. fossem deusas c.»: 327, 1 - todo o c. que trabalha por fazer penetrar o espírito do Evangelho no meio onde vive é um colaborador da hierarquia: 328, 2. — deve viver para a glória de Cristo: 32, 2; 40, 2; 206, 2 - é uma criatura nova purificada pelo Sangue de Cristo: 36, 2 - deve viver em Cristo: 43, 2; 48, 1; 65, 1 - é membro do Corpo místico de Cristo: 44, 1 e 2; 48, 2; 67, 2; 164, 1; 267, 1 - é um alter Christus na medida em que recebe o influxo de Jesus e a moção do Espírito Santo: 65, 1 - a sua vida deve ser um prolongamento da vida de Cristo: 65, 2 - é chamado a participar na obra redentora de Jesus: 374, 2.

—é filho de Deus: 34, 2; 75, 1; 164, 1; 282, 1 - é templo do Espírito Santo: 47, 2 - só deve procurar a glória de Deus: 62, 2 - a sua riqueza é ser filho de Deus, herdeiro de Cristo, templo do Espírito Santo: 245, 1 - deve servir a Deus não como servo mas como filho: 282, 2.

— é filho da Igreja: 67, 2; 164, 1; 375, 1 - a sua vida espiritual deve estar enquadrada na da Igreja: 164, 1 - deve

contribuir para o bem da Igreja: 357, 1; 375, 2.

Vocação altíssima do c.: 75, 1 - é grande pelos dons recebidos de Deus: 286, 2 - é uma árvore da vinha do Senhor, cercada dos cuidados amorosos do Jardineiro divino: 238, 1 - deve administrar com prudência o património de bens naturais e sobrenaturais recebidos de Deus: 245, 2.

— deve sentir-se profundamente empenhado na luta contra o pecado em si e nos outros: 100, 2 - impõe-se a si próprio uma vida de sacrificio em vista de uma felicidade ultraterrena: 161, 1 - é um peregrino ansioso por chegar à pátria celeste: 161, 2 - não pode estar completamente satisfeito até ter alcançado o céu: *ib.*

Muitos c. servem a Deus unicamente para seu interesse: 211, 2.

— deve ter consciência da sua solidariedade com os irmãos: 267, 1.

— é um mártir em potência: 288, 1 - não é um cireneu forçado, mas voluntário: 291, 2. Somos c. na medida em que vivemos no amor e compreendemos o mistério do amor de Deus: 301, 1.

Cruz — Para seguir Jesus é necessário levar a c.: 126, 1; 129, 1; 193, 2 - quanto mais

participamos na c. de Cristo tanto mais Lhe seremos semelhantes: 194, 1 - quando fugimos ao sacrificio procedemos como inimigos da c. de Cristo: 350, 1 - só o caminho da c. conduz à união com Deus: 354, 1.

O amor de Jesus transforma a c., horrível instrumento de tortura, em instrumento efficacissimo para glória de Deus e salvação da humanidade: 127, 2 - a c. de Jesus é a maior prova do Seu amor pelos homens: 132, 2 - Jesus reina pela c.: 133, 1 - a vitória da c.: 139, 1.

A c. quotidiana: 129, 1 e 2; 194, 2 - levar a c. com amor: 129, 2 - a c. é o grande meio da nossa santificação: 132, 1; 194, 1 - é instrumento e obra de amor: 132, 2.

Defeitos — Nunca devemos pactuar com os próprios d.: 295, 2.

Ver: IMPERFEIÇÕES.

Desânimo — Deriva do orgulho e da falta de confiança em Deus: 109, 1; 249, 2; 295, 1 - faz retroceder no caminho da perfeição: 295, 1.

Não desanimar por causa das quedas, mas humilhar-se e recomeçar: 193, 2; 293, 2; 294, 1; 295, 1 - não desanimar por causa da própria miséria e

impotência: 247, 2; 252, 1 - nas tentações de d. reagir com actos de confiança em Deus: 248, 2.

Desapego — Necessidade do d. para encontrar a Deus: 11, 1 e 2; 13, 2; 81, 1 e 2 - quanto mais a alma sente a necessidade de Deus tanto mais se desapega das coisas da terra: 141, 1 - o d. torna a alma dócil e maleável à acção e à voz do Espírito Santo: 192, 2; 306, 2 - basta um fio para manter a alma apegada à terra: 192, 2 - d. profundo e radical necessário para chegar à união com Deus: 349, 1 e 2.

— é a base indispensável da vida espiritual: 54, 2 - d. perdido às almas consagradas a Deus: 76, 1 e 2; 88, 2; 386, 1. O d. total é a consequência lógica do preceito da caridade: 80, 1 - a essência do d. consiste em fazer morrer todos os afectos desordenados: 80, 2 - relações entre d. efectivo e afectivo: *ib* - não é um fim em si mesmo, mas um meio para unir a alma a Deus: 81, 2; 82, 1 - não tem o fim de deixar a alma no vazio, mas de a lançar em Deus: 81, 2.

Regras do d.: 82, 1 e 2 - deve ser praticado com generosidade e discrição: 82, 2 - praticar o d. mesmo em certos alívios: *ib*.

Ver: ABNEGAÇÃO; MORTIFICAÇÃO; RENÚNCIA.

Despojamento — Despojar-se de si próprio e de todas as coisas para corresponder ao amor infinito de Deus: 31, 1 e 2 - amar é despojar-se por Deus de tudo o que não é Deus: 31, 2; 348, 2.

É preciso despojar-se de tudo para chegar à verdadeira pobreza de espírito: 300, 1 - «a alma que se despe dos apetites, queres e não queres, revestirá Deus com a Sua pureza, gosto e vontade»: 300, 2 - Deus despoja a alma das suas imperfeições para a revestir de Si: 348, 2.

Desposório espiritual — A característica do d. e. é o sim perfeito do seu consentimento que a alma dá a Deus: 365, 1 - ao sim perfeito da alma Deus responde com o verdadeiro e inteiro sim da Sua graça: 366, 1.

Ver: UNIAO COM DEUS.

Deus — Dá o Seu Unigénito pela salvação do mundo: 2, 1; 22, 1; 26, 1; 29, 1; 30, 2; 36, 1; 231, 1; 317, 1 - permite a queda do homem em vista da Encarnação redentora do Verbo: 39, 2.

— quer que todos se salvem: 2, 1 - quer-nos santos: 2, 2;

53, 1; 77, 2; 84, 1; 298, 1 - chama a todas as horas: 77, 2. — é caridade: 4, 1; 26, 1 e 2; 29, 1; 235, 1; 271, 2; e não quer senão caridade: 301, 1 - criou-nos para nos comunicar o Seu bem e a Sua felicidade: 4, 1; 26, 1; 233, 1; 320, 1 - o Seu amor infinito por nós: 4, 1; 22, 1; 30, 1 e 2; 36, 1; 63, 1; 189, 1; 205, 2; 208, 2; 221, 2; 226, 1; 251, 1; 301, 1; 352, 2; 353, 1; 354, 1; 358, 1 - criou-nos por um acto de amor: 26, 1; 233, 1; 235, 1 e 2; e remiu-nos por um acto de amor ainda maior: 26, 1; 205, 1; 320, 1 - fez-nos Seus filhos, tornou-nos participantes da Sua natureza, da Sua vida íntima, da Sua bem-aventurança eterna: 26, 1; 205, 1; 251, 1 - toda a Sua acção em nosso favor é acção de amor: 26, 1 e 2; 205, 1; 235, 1 e 2; 320, 1 - a consideração do Seu amor infinito impele-nos à generosidade e à correspondência: 22, 1; 30, 1; 31, 1 e 2; 150, 1; 211, 1 e 2; 299, 1.

Somos chamados a imitar as Suas perfeições infinitas: 4, 1; 53, 1; 227, 1; 298, 1 - devemos imitar sobretudo a Sua caridade: 4, 1; 53, 2 - devemos reflectir a Sua Unidade realizando em nós a unidade: 228, 2 - a Sua simplicidade, mediante a simplicidade de espírito: 229, 1 e 2; a Sua bondade, amando e benefi-

ciando todos: 233, 2; a Sua sabedoria, julgando tudo em relação a Ele: 234, 2; a Sua misericórdia, usando de misericórdia para com o próximo: 236, 2; 264, 1 e 2.

— convida as almas à Sua intimidade: 10, 1 e 2; 141, 2; 321, 1; e à união com Ele: 358, 1 - não pode admitir à Sua intimidade a alma que conserva ainda o mínimo apego ao pecado, à imperfeição: 237, 2 - não nos repele por causa da nossa miséria, mas apesar dela convida-nos à Sua intimidade: 352, 2; 353, 1 - a divina semelhança natural e sobrenatural que D. imprimiu na alma exprime o Seu desejo de a unir a Si: 358, 1.

Para encontrar D. é preciso sair de todas as coisas e recolher-se em si mesmo: 11, 1 e 2; 12, 1 e 2 - como procurá-lo dentro de nós: 11, 1 e 2; 12, 1 e 2; 141, 2; 152, 1 e 2 - como manter-se em contacto com Ele no meio das ocupações: 13, 1 e 2; 21, 1 e 2; 160, 1 e 2; 162, 1 e 2; 163, 1 e 2 - a busca de D.: 18, 1 e 2 e seg.; 140, 2 e seg. - se a alma busca a D. muito mais a busca o seu Amado: 19, 2; 197, 1; 363, 1. Devemos viver para a glória de D.: 32, 2; 226, 2; 228, 1 - D. só deve bastar-nos: 105, 2 - o objectivo da alma deve ser contentar só a D.: 115, 2.

— não força ninguém, mas não Se dá de todo senão àquele que de todo se dá a Ele: 34, 1; 90, 2; 145, 2; 188, 2; 366, 1 - não Se dá totalmente à alma até que esta esteja purificada de todas as coisas contrárias à Sua perfeição infinita: 78, 1 e 2 - não nos santifica sem a nossa colaboração e o nosso consentimento: 77, 2; 84, 1 e 2; 99, 2; 172, 2; 298, 1 - só D. pode santificar-nos, mas não o faz sem a nossa colaboração: 119, 2. O único caminho que conduz a D. é Jesus: 38, 1 e 2 - D. ama-nos e reconhece-nos como Seus filhos adotivos na medida em que nos vê enxertados em Cristo: 43, 1.

— não é um tirano que nos esmaga, mas um Pai que nos prova porque nos ama: 63, 1 - não nos abandona nunca se nós não somos os primeiros a abandoná-lo: ib; 119, 2; 248, 1 - permite o mal para pôr à prova os Scus servos: 70, 2 - não permite que sejamos tentados acima das nossas forças: 98, 2; 252, 1 - qualquer circunstância, mesmo dolorosa, é permitida por Ele para nosso bem: 128, 2; 129, 2; 130, 2; 163, 1 e 2; 239, 1; 243, 2; 291, 1; 292, 1 e 2 - é fiel: 177, 1; 239, 1; 252, 1 - não desilude as nossas esperanças: 178, 2 - prova-nos porque nos ama: 248, 1; 354, 1.

— tem o direito de nos pedir

a renúncia aos afectos mais santos: 76, 1 - é cioso do coração a Ele consagrado: 90, 2 - não se pode servir a Deus e à riqueza: 85, 1; 287, 1.

-- não nos consola para nos regalar, mas nos tornar mais generosos no sofrimento: 105, 2.

Sem D. não se pode nem pensar nem querer bem algum: 107, 2.

Só D. nos pode saciar: 141, 1; 143, 1; 231, 1 - fome e sede dEle: 141, 1; 231, 1; 358, 1 e 2 - a nossa vida é uma continua busca de D.: 141, 2; 379, 2 - a busca de D. é a preocupação da alma amante: 142, 1 e 2.

Transcendência de D.: 142, 2; 227, 1; 251, 1 - supera infinitamente a capacidade da nossa inteligência: 191, 1; 196, 2; 227, 1 - é impossível a perfeita orientação para D. sem o socorro do Espírito Santo: 191, 1; 195, 1 - infinita distância entre nós e D.: 353, 1.

Aqui na terra conhecemos D. através do espelho das criaturas: 191, 1; 227, 2 - as perfeições das criaturas são um nada em comparação com as de D.: ib; 228, 1 e 2.

As nossas relações com D. devem ser relações de filhos: 198, 1; 245, 1; 282, 1 e 2 - devemos considerar D. como Pai: ib; 299, 1; 304, 1 - D. é nosso Pai apesar das nossas misérias: 350, 1.

— é Ser infinito, eternamente subsistente: 228, 1 - possui todas as perfeições sem defeitos e sem limites: 228, 2; 230, 1 - é Uno na miríade das Suas perfeições: 228, 2 - é o Ser simplicíssimo com exclusão de toda a duplicidade e multiplicidade: 229, 1 e 2 - quer sempre e unicamente o bem: 229, 2; 230, 1; 232, 1 - é imutável: não muda o Seu pensamento nem a Sua vontade: 230, 1 - é eterno: possui a plenitude da Sua vida infinita toda a um tempo: 230, 2 - é sabedoria infinita que conhece tudo do modo mais perfeito: 234, 1.

— é a bondade infinita que quer só o bem e sabe tirar o bem mesmo do mal, mesmo do pecado: 232, 1; 244, 2 - tudo aquilo que sai das mãos de D. leva o cunho da Sua bondade: 232, 2 - a Sua bondade infinita supera imensamente a malícia humana: *ib* - efusão da Bondade infinita em si e fora de si: 233, 1 - a bondade de D. é gratuita e inexaurível: 233, 2.

—é amor infinito, tudo aquilo que existe nEle é amor: 235, 1 - o amor de D. é a causa que infunde e cria a bondade nas coisas: *ib* - tudo aquilo que temos e somos é dom do Seu amor infinito: *ib* - previne-nos e acompanha-nos incessantemente com o Seu

amor: 235, 2 - ama-nos quando nos consola e ama-nos também quando nos aflige com a dor: *ib* - ama-nos não porque estamos sem pecado, mas porque somos Seus filhos: 249, 2 - ama-nos até nos tornar semelhantes a Si, para nos poder admitir no círculo da Sua amizade divina: 251, 1; e unir-nos a Si pelo amor: 348, 1; 358, 1 - amou-nos primeiro e tornou-nos capazes de pagar o Seu amor: 251, 2. O amor de D. por nós é amor misericordioso: 236, 1 - D. é misericordioso porque é justo e é justo porque é misericordioso: 237, 1 - pela Sua misericórdia dá-nos muito mais do que nos seria devido por justiça: *ib* - não exige mais do que se Lhe pode dar: 329, 2.

— é providência que tudo ordena e dirige para nosso bem: 239, 1; 244, 2 - permite o sofrimento só para nosso bem: 239, 1; 248, 1; 292, 1 - tem cuidado especial de todas as Suas criaturas por mais pequenas que sejam: 239, 2 - governa todas as coisas com suavidade infinita: 270, 1. Nada pode impedir a Sua onnipotência: 240, 1 e 2 - a onnipotência de D. está totalmente ao serviço da Sua bondade infinita: 240, 1.

D. é a onnipotência auxiliadora sempre pronta a vir em

nosso socorro: 246, 2.

Ver: GLÓRIA DE DEUS; MISERICÓRDIA; PRESENÇA DE DEUS; PROVIDÊNCIA; TRINDADE.

Dever — É a expressão da vontade de Deus: 6, 2 - como procurar Deus no cumprimento do d.: 13, 1 e 2 - a conformidade com a vontade de Deus deve exprimir-se no cumprimento do d.: 193, 2.

O perfeito cumprimento do d. conduz à santidade: 6, 2 - o que distingue os santos é a diligência perfeita no cumprimento do d.: 276, 1 - prontidão e pontualidade no cumprimento do d.: 276, 2.

Aos d. para com Deus deve-se dar a primazia: 42, 2; 343, 2 - d. para com a família: 42, 2 - perfeito cumprimento dos d. profissionais como meio de apostolado: 337, 2 - relação entre d. civis e d. religiosos: 343, 2 - todo o cristão é obrigado a cumprir todos os d. de bom cidadão: ib.

O conflito entre acção e contemplação deve ser resolvido à base dos d. do próprio estado: 342, 1.

Devoção — A ausência de d. sensível produz a aridez: 153, 1.

— consiste na prontidão da vontade no serviço de Deus:

153, 2; 282, 2 - é acto da vontade e pode subsistir apesar da aridez e da rebelião da parte inferior: ib - quando é privada de gosto «vale o dobro»: ib.

Diligência — Quanto importa a perfeita d. no cumprimento de todos os deveres: 276, 1 - a d. é uma aplicação da alma a cumprir o bem com prontidão: 276, 2.

Doçura — É a flor da caridade: 270 1.

Extinguir a cólera opondo-lhe d. e mansidão: 270, 2 - conquistam-se mais corações com um pouco de d. do que com maneiras rudes: 335, 1.

Dons do Espírito Santo — Graças de luz e de amor infundidas na alma mediante os d.: 143, 2; actividade dos d. na oração: 145, 1; 159, 1.

A actuação dos d. é um facto normal na alma que corresponde à graça: 145, 1; 316, 1 - não é temerário aspirar a que os d. se desenvolvam em nós até à maturidade: ib.

— são principios sobrenaturais pelos quais a alma se torna capaz de receber o socorro do Espírito Santo: 195, 1 e 2 - recebêmo-los no baptismo juntamente com a graça e as virtudes infusas e desenvolvem-se ao mesmo tempo do que elas: ib - mediante

os d. o próprio Deus intervém na obra da nossa santificação: 195, 1 - crescem em nós à medida que cresce a caridade: 195, 2 - progressivo influxo dos d. na vida espiritual: 197, 2.

— são-nos dados em auxílio das virtudes para as aperfeiçoarem: 197, 1; 298, 2 - mediante o exercício das virtudes a alma dispõe-se para a actuação dos d.: 197, 1 - só o influxo habitual dos d. pode curar a instabilidade da natureza humana: 293, 2 - são indispensáveis para chegar à virtude perfeita, à santidade: 298, 2 - temor, fortaleza, piedade e conselho, aperfeiçoam as virtudes morais; ciência, entendimento e sabedoria, aperfeiçoam as virtudes teológicas: 309, 1.

A cada d. corresponde uma bem-aventurança: 300, 1.

Ver: CIÊNCIA; CONSELHO; ENTENDIMENTO; FORTALEZA; PIEDADE; SABEDORIA; TEMOR DE DEUS.

Dor — É permitida por Deus só para o nosso bem: 63, 1 - sendo consequência do pecado tornou-se, em Jesus, meio para destruir o pecado: 127, 1. É necessário passar através do crisol da d. para chegar à santidade: 91, 1 - o dom da ciência faz considerar leves as d. presentes em compara-

ção com a bem-aventurança eterna: 310, 2.

O homem é cego perante o mistério da d.: 91, 2.

Ver: CRUZ; SOFRIMENTO.

Doutrina — Falsas d.: 238, 2 - pouco vale possuir profunda d. se não se vive em conformidade com ela: ib - o fruto que há-de comprovar a bondade da d. é o cumprimento da vontade de Deus: ib.

À santidade é preciso unir a d.: 337, 1.

Egoísmo — É causa de imperfeições voluntárias: 102, 2 - impede a prática da caridade: 260, 2 - só a alma que se libertou dele é totalmente generosa: 290, 1 - imperfeições provenientes do subtil e. espiritual: 346, 2.

Entendimento (dom de) — Faz penetrar nos mistérios divinos: 311, 1 - introduz a alma numa oração mais simples e profunda: 311, 2 - aperfeiçoa a virtude da fé: 311, 1 e 2 - purifica a mente dos erros: 312, 2.

A ele corresponde a bem-aventurança dos puros de coração: 312, 1 e 2 - pureza necessária para receber o seu influxo: 312, 1 - pureza do coração fruto deste dom: 312, 2.

Escondimento - Vida escondida — Imitação da v. escondida de Jesus: 114, 1; 116, 1 e 2; e de Maria: 380, 2.

Prática do e.: 114, 1 e 2; 380, 2 - esquecer-se e esconder-se a si mesmo: 115, 1 - o e. culmina num sublime desinteresse não só no que se refere a recompensas humanas, mas também às consolações espirituais: 115, 2 - quanto mais quisermos fazer coisas grandes por Deus, mais devemos trabalhar no silêncio e no e.: 380, 1 - ser muito gratos a Deus quando nos faz viver na sombra: 380, 2 - uma alma de vida interior deve ter a ânsia de se esconder à sombra de Deus: **ib.**

O aspecto positivo da v. e. consiste em concentrar-se em Deus: 116, 1 - quanto mais a alma se esconde das criaturas tanto mais é capaz de viver escondida com Cristo em Deus: 116, 1 e 2.

Esforço — O e. para reagir nas dificuldades leva-nos a ultrapassarmo-nos, o que não aconteceria em tempo de calma: 63, 1; Deus quer os nossos e. mas não quer que fundemos neles as nossas esperanças: 63, 2 - renovar continuamente os nossos e. com humildade e confiança: 193, 2 - eles atraem o auxílio do Espírito Santo: **ib.**; 197, 1 - são necessários

para chegar à santidade: **ib.** - Deus não nos exige o êxito, mas que renovemos continuamente os nossos e.: 294, 1.

Esperança — Quanto mais a alma espera tanto mais alcança: 63, 2; 249, 1 - agrada muito a Deus a esperança na Sua misericórdia: 108, 2 - apesar da nossa miséria devemos elevar-nos a Deus com plena e.: 247, 2; 249, 1 e 2 - a e. em Deus não é nunca demasiada porque se apoia na Sua misericórdia que é infinita: 249, 1 - quanto mais aumenta numa alma a e. em Deus, tanto mais ela se abre à Sua acção santificadora: **ib.** - apesar da sua fraqueza e miséria a alma espera chegar à união com Deus: 359, 2.

A nossa e. baseia-se na Paixão de Jesus: 126, 1 - podemos esperar tudo do nome de Jesus e dos Seus méritos infinitos: 175, 2.

— inclui um sentimento de tristeza porque se espera aquilo que ainda não se possui: 161, 2 - acabará no céu: 254, 1 - sem a caridade é virtude incompleta: **ib.** - é aperfeiçoada pelo dom de ciência: 310, 2 - purifica a memória esvaziando-a de todas as coisas: 349, 2.

A nossa e. em Deus não será total enquanto confiarmos nas criaturas: 178, 2.

A Eucaristia é objecto de grande e. e confiança: 204, 2. Objecto da e. é a posse de Deus e a bem-aventurança eterna: 246, 1; 299, 2 - devemos ter e. firmissima no auxílio de Deus, no perdão dos pecados, nas graças necessárias para merecer a vida eterna e sermos santos: 246, 1 e 2 - o fundamento da e. é a bondade infinita de Deus, a Sua vontade salvífica e santificadora: 247, 1 - não devemos fundar a e. nos nossos méritos, nas nossas obras e recursos, mas unicamente em Deus: 247, 1 e 2; 249, 1 e 2; 338, 2 - a certeza da e. funda-se sobre a fé no amor infinito de Deus: 247, 2: Através das provas a e. torna-se mais pura, sobrenatural e intensa: 247, 1; 248, 1 e 2 - a solidez da e. verifica-se no meio das provas, da desolação e do abandono: 248, 1 - vale mais o menor acto de e. no meio da prova, que mil na alegria e na prosperidade: 248, 2 - não é necessário sentir a e., basta querer esperar: *ib* - conduta nas provas e tentações contra a e.: *ib* - a e. é a âncora de salvação da alma açoutada pelas ondas da fraqueza humana: 249, 2 - e. inabalável no meio das angústias das provas purificadoras: 353, 1.

Seria temerário pensar que Deus nos salva e nos santifica

sem a nossa colaboração: 246, 2 - embora exigindo as nossas boas obras, Deus não quer que fundemos sobre elas a nossa confiança: 247, 1 - a e. cristã exige as nossas boas obras, mas lança-nos para muito além das mesmas, lança-nos em Deus, na Sua misericórdia infinita: 249, 2.

Firme e. necessária aos apóstolos: 338, 1 e 2 - continuar a esperar apesar das contrariedades e dos insucessos no apostolado: 338, 2.

Ver: CONFIANÇA.

Espírito Santo — É a alma da Igreja: 44, 2; 188, 1 - comunicado à Igreja a fim de que cada um dos seus membros se torne mais semelhante ao Redentor: 44, 2; 188, 2; 193, 1 - prometido por Cristo como conforto e sustentáculo dos Apóstolos: 179, 2; 182, 2 - dá força para dar testemunho de Cristo no meio de qualquer dificuldade: *ib*; 188, 1 - acende na Igreja o zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas: *ib* - é o animador de todo o apostolado: 344, 1.

— é o Espírito de Cristo: 47, 1; 187, 1 - habita em Cristo com uma singular plenitude de graça: 47, 1 - a Alma de Cristo é o Seu templo preferido: *ib*; 187, 1 - Sua acção na Alma de Cristo extrema-

mente dócil aos Seus impulsos: 187, 2.

Incorporados em Cristo recebemos o E. S.: 48, 1 - recebemo-LO de um modo particular no Crisma: 72, 1 e 2 - foi-nos merecido e enviado por Jesus para continuar em nós a Sua obra: 168, 1; 188, 2 - a descida do E. S. é a plenitude do dom de Deus aos homens: 189, 1.

— é o termo substancial do amor recíproco do Pai e do Filho: 186, 1 - é a Terceira Pessoa da SS.ma Trindade: 186, 2.

A Ele é atribuída particularmente a difusão da graça: 47, 1; 190, 1; 193, 1; e a obra da santificação: 186, 2; 190, 1 - habita em todas as almas em graça e compraz-Se nelas quanto maior é o grau de graça que possuem: 187, 1 - compraz-Se imensamente na alma de Maria SS.ma: **ib** - é o doce hóspede da alma: 188, 2; 189, 2 - Suas renovadas e continuas efusões nas almas: **ib**.

Sua acção continua e secreta nas almas: 168, 2; 190, 1 e 2 - está em nós para nos santificar: 188, 2; 189, 1 - não nos santifica se não aderimos livre e plenamente à Sua acção: 188, 2; 190, 1; 192, 2 - prepara e dispõe as almas para a vida sobrenatural: 190, 1 - infunde em nós a carida-

de: 189, 2; 190, 2; 259, 1; 344, 1 - convida a alma para o bem e ampara-a nos seus esforços: 190, 2 - toda a nossa vida espiritual se desenvolve sob o Seu influxo: 190, 2; 192, 1 - toma em nós as Suas iniciativas suprindo a insuficiência das nossas: 191, 2; 192, 1 e 2 - atrai-nos e orienta-nos totalmente para Deus: 191, 2; 192, 1 - é mestre de santidade: **ib** - mestre suave, mas exigente: 302, 1 - está em nós para nos conformar e nos assemelhar a Cristo: 193, 1 - impele-nos para o caminho da cruz: 194, 1 e 2 - completa a purificação da alma: 194, 2; 316, 1; 352, 1 e 2 - a Sua acção nas almas não é sempre consoladora: 194, 2; 316, 1; 352, 1 - sem o Seu auxílio é impossível chegar à santidade: 195, 1; 298, 2; 316, 2 - age em nós mediante os Seus dons: 195, 1 e 2 - infunde em nós o sentido da nossa filiação divina: 198, 1; 299, 1; 304, 1 - ensina-nos a orar e ora em nós: 198, 2 - Seu influxo na oração: 143, 2; 145, 1; 159, 1 - ilumina a alma sobre a sua própria miséria: 307, 2; 352, 1 e 2; 356, 1 - o pleno domínio da sensibilidade é fruto de um particular influxo do E. S.: 367, 2.

O pecado é o grande obstáculo para a acção do E. S.: 168, 1 e 2; 188, 1 - o E. S. não pode invadir a alma que não

tem caridade para com o próximo: 182, 1 - o apego a si mesmo e a falta de generosidade são obstáculo à Sua acção: 192, 2; 306, 2.

Agir só sob o impulso do E. S.: 171, 2 - docilidade à Sua acção e à Sua voz: 192, 1 e 2; 197, 2; 302, 1; 306, 2; 344, 1 e 2 - recurso confiante ao E. S.: 193, 2 - o exercício assíduo das virtudes dispõe a alma para receber os dons do E. S.: 197, 1; 298, 2 - atitude da alma para se dispor à Sua acção e para a poder aproveitar: 197, 1 e 2; 316, 1 e 2 - pôr toda a vida espiritual sob a Sua direcção: 199, 1 - agir em contínua dependência dEle: 199, 2; 344, 2 - como reconhecer as Suas inspirações: 199, 2 - caminhar na vontade divina sob a direcção do E. S.: é o caminho mais seguro para chegar à pátria celestial: 329, 1.

Comentário ao Veni Creator: 186, 2; 316, 2.

Ver: BEM-AVENTURANÇAS; DONS DO ESPÍRITO SANTO.

Eternidade — Na e. estaremos fixos no grau de amor que tivermos alcançado até ao momento da morte: 35, 1 - a vida presente deve ser vivida em função da e. que nos espera: 230, 2.

Ver: CÉU.

Eucaristia - Comunhão — Entrevista no milagre das bodas de Caná: 49, 2 - é a resposta de Jesus à traição dos homens: 137, 1.

No momento da C. também nós, como a Virgem, estreitamos no nosso coração Jesus vivo e verdadeiro: 183, 1; 206, 1 - na E. encontramos o Coração de Jesus vivo no meio de nós: 216, 1 - na C. o Coração de Jesus vem palpitar em nós: *ib.*

— perpetua no meio de nós a presença de Jesus: 200, 1; 201, 1 e 2 - na E. Jesus não é um objecto passivo da nossa adoração, mas está vivo: 201, 2 - fé viva na E.: 202, 1 e 2 - atitude em presença da E.: 202, 2.

Na E. Jesus faz-Se nosso alimento: 200, 2; 201, 1; 203, 1 e 2; 204, 1 - a E. alimenta em nós a vida de Cristo: *ib.* - na E. Jesus nutre-nos com a Sua substância, assemelha-nos a Si, comunica-nos pessoalmente a vida divina: 205, 2 - mediante os outros sacramentos Jesus dá-nos a Sua graça, na E. Ele próprio Se dá a nós: *ib.* - quem se alimenta da E. vive da vida que Jesus lhe comunica: 206, 2.

— é o sacramento da união: 200, 2; 206, 1 e 2; 207, 1 - mediante a E. Jesus une-nos a Si do modo mais íntimo: 205, 1 e 2 - a união com Cristo

iniciada no baptismo atinge a máxima plenitude na E.: 206, 1 - a graça particular da E. é uma graça de união com Jesus: 207, 1 e 2; 218, 1 - alimenta a união permanente com Jesus: 216, 2; 218, 1 e 2 - mesmo durante o dia permanecer sob o influxo da E.: 218, 2.

— é penhor de vida eterna: 204, 2 - é a nossa esperança para a vida presente e para a futura: *ib* - na E. o amor de Jesus ultrapassou toda a medida: 205, 1 - a E. coroa todos os dons do amor de Jesus: 208, 1.

Frieza perante a E.: 202, 1; 203, 2 - causas que afastam da E.: 203, 2.

Os efeitos da E. são proporcionados às disposições do comungante: 207, 1; 218, 1 - cada C. produz um aumento de graça e de caridade: 207, 2; 218, 1.

Jesus na E. continua a ser o mediador entre nós e a Trindade: 219, 1 - a C. reforça a união da alma com a Trindade: 219, 1 e 2 - particular presença da Trindade em quem recebe a E.: 219, 2 - a presença de Jesus Sacramento na nossa alma torna-nos capazes de oferecer à Trindade adorações dignas d'Elle: *ib*.

cessidade e prática: 103, 1 e 2 - é preciso examinar-se sobre o grau de voluntariedade das próprias faltas: 103, 2.

Fé — Sua necessidade: 15, 2; 18, 1 e 2; 241, 1 - é o meio próximo e proporcionado para a união com Deus: 18, 1 - busca de Deus na fé: 18, 2; 141, 2 - o espírito de fé faz-nos reconhecer Deus em todas as criaturas: 20, 1 e 2; 163, 1 e 2.

Acreditar no amor infinito de Deus: 18, 2; 19, 1; 30, 1 e 2; 63, 1; 235, 1; 301, 1 - acreditar na própria vocação para a santidade e intimidade com Deus: 177, 1.

Exercício da fé na obscuridade, nas tentações: 41, 2; 147, 2; 242, 2; 243, 2; e nas trevas da noite do espírito: 353, 2 - espírito de fé nas provas: 63, 1; 119, 2; 147, 2; 163, 1; 177, 1 - conduta nas tentações e nas dúvidas contra a fé: 242, 2 - mediante as provas e as dificuldades a fé torna-se mais pura e mais forte: *ib*; 243, 2 - a fé nua e pura é o único apoio da alma nas trevas da noite do espírito: 353, 2.

— torna-nos participantes do conhecimento de Deus: 53, 1; 241, 1; 250, 1 - faz-nos ver e julgar as coisas como Deus mesmo as vê e as julga: 163, 1; 241, 1; 244, 2; 349, 2 - é uma antecipação do conhecimento

Exame de consciência — Ne-

que no céu teremos de Deus: 241, 1 - faz-nos entrar desde já em comunhão com o pensamento e o conhecimento de Deus: *ib* - quanto mais julgamos as coisas à luz da fé tanto mais nos aproximamos da sabedoria de Deus: 244, 2. Exemplos de fé viva: 56, 1; 91, 2 - a dúvida do apóstolo Tomé confirma-nos na fé: 147, 2 - é preciso aproximar-se de Jesus com a fé simples das crianças: 147, 1 - para ter uma grande fé é necessário ser humilde e simples como as crianças: 315, 1.

— é o fundamento da obediência sobrenatural: 124, 2 - importância da fé em relação à Eucaristia: 202, 1 e 2.

Espírito de fé no sofrimento e nas dificuldades: 128, 2; 243, 1 - fé no governo providencial de Deus que tudo ordena para o nosso bem, para a nossa santificação: 163, 1 e 2; 244, 1; 351, 2 - o espírito de fé faz-nos reconhecer Deus, a Sua vontade ou ao menos a Sua permissão em todas as circunstâncias da vida: 163, 1 e 2; 244, 1 e 2; 351, 1 e 2 - a alma de fé não examina a conduta de Deus, mas crê nEle e segue-O cegamente: 177, 2 - a falta de fé impede-nos de superar muitas dificuldades: 231, 2; 243, 1 - a fé deve iluminar não só as horas de oração, mas toda a vida: 244,

1 - o olhar de fé é o mais compreensivo e o mais concreto: 244, 2 - acreditar no governo sábio e amoroso de Deus, embora sem entender nada: *ib*.

Bem-aventurados aqueles que para acreditarem em Deus não têm necessidade de sinais sensíveis: 147, 2; 329, 2 - a fé substitui vantajosamente os sentidos: 201, 2 - muitas vezes a fé permanece oculta sob uma mentalidade muito humana: 244, 1 - a fé purifica o entendimento: 349, 2.

Valor da fé que adere cegamente a Deus para além de todo o raciocínio e experiência pessoais: 147, 2; 221, 2; 242, 1 e 2; 353, 2 - a fé é uma adesão voluntária do entendimento às verdades reveladas: 202, 2; 242, 2 - certeza e obscuridade da fé: 243, 2 - a obscuridade da fé constitui a glória e o mérito do acto de fé: 242, 1 - o motivo profundo da fé não é a nossa experiência, mas a autoridade de Deus: 329, 2 - quanto mais a fé é pura, despojada de elementos humanos, tanto mais agrada a Deus: *ib*.

— sem obras é morta: 238, 1; 254, 1 - deve ser amparada pela esperança: 246, 1 - sem a caridade é virtude incompleta: 254, 1 - no céu acabará: *ib* - é aperfeiçoada pelo dom de entendimento: 311, 1.

Quanto mais a fé é viva, tanto mais Deus entra na nossa vida, até ser a única realidade pela qual vivemos: 241, 2 - Deus usa da Sua onnipotência a favor de quem crê firmemente nEle: 243, 1 - crer em Deus a todo o custo e sem incertezas: 243, 2.

Fervor — O f. sensível torna fáceis e saborosos os exercícios espirituais: 153, 1.

Fidelidade a Deus no amor: 22, 1; no sofrimento: 105, 2; na hora das trevas: 139, 2 - f. em seguir os impulsos da graça: 266, 1 - delicadeza na f. para com Deus: 310, 1.

A f. da alma correspondem novos convites da parte de Deus: 76, 2.

Fortaleza (virtude da) — Torna-nos capazes de enfrentar os sacrifícios inerentes ao cumprimento do dever: 286, 1 - o acto supremo da f. é o martírio: 288, 1 - compete-nos pôr em acto a virtude da f. que nos foi infundida no baptismo: 288, 2 - o principal acto de f. é manter-se firme nos perigos e suportar as dificuldades com ânimo viril: 291, 1. — apoia-se em Deus e nos grandes dons que outorgou ao homem: 286, 2 - sem a graça toda a f. humana é fraqueza: 288, 2 - quanto mais confiança

tivermos em Deus mais nos tornaremos fortes da f. divina: 289, 2 - a nossa f. não é suficiente se não for corroborada pela que o Espírito Santo infundiu em nós: 301, 1; 302, 1 e 2.

— deve estar unida à humildade: 286, 2 - a f. e a paciência nas inevitáveis dificuldades da vida: 291, 1 e 2.

Fortaleza (dom de) — Aperfeiçoa a virtude da f.: 302, 1 - mediante este dom o Espírito Santo comunica-nos algo da Sua f. infinita: 302, 2 - ao dom de f. corresponde a bem-aventurança dos que têm fome: 303, 1.

Mediante o exercício da virtude da f. dispomo-nos para receber o respectivo dom: 302, 2.

Generosidade — A consideração do amor de Deus impele-nos à g.: 30, 1; 150, 1 - quanto mais a alma se enamora de Deus, tanto mais sente a necessidade duma total g.: 151, 2 - a g. é fruto do amor e é geradora de amor: 290, 1 - o amor das almas impele-nos à g.: 323, 1 e 2.

G. na mortificação: 92, 2; 93, 2; no despojamento: 300, 1 e 2; no exercício do apostolado: 333, 2 - g. necessária para chegar à união com Deus: 362, 2 - g. no cumprimento da

missão que Deus nos confiou: 372, 2.

Deus não recusa os Seus dons à alma generosa: 144, 1 - a g. total é o meio para nos dispormos a receber os dons divinos: 145, 1 e 2; 290, 2 - a falta de g. é obstáculo à acção do Espírito Santo: 192, 2 - a alma que não serve a Deus com g. nunca estará contente: 287, 2 - não devemos reear fazer demais por Deus: 289, 2; 290, 1 e 2:

— impele-nos a fazer tudo com a máxima dedicação, sem nos pouparmos e sem cálculos: 290, 1 e 2 - é o atalho para chegar depressa à meta: 290, 1 - tornamo-nos generosos esquecendo-nos a nós mesmos e procurando fazer sempre o mais perfeito: 290, 2.

Glória — O cristão não deve querer outra g. senão a de ser filho de Deus: 62, 2 - se procuramos glorificar-nos a nós próprios a nossa g. é vã: ib - a busca da g. humana cega no caminho do espírito: ib.

Glória de Deus — o fim primário de todas as obras de Deus é a Sua g.: 32, 1; 226, 2; 317, 1 - Deus, infinitamente bom, quer glorificar-Se procurando a felicidade das Suas criaturas: 226, 2; 317, 1. Fomos criados e devemos vi-

ver para a g. de D.: 32, 2; 226, 1 e 2 - devemos procurar a g. de D. em todas as coisas: 62, 2 - não é desperdício usar os dons de Deus unicamente para a Sua g.: 134, 1 - a g. que podemos dar a Deus consiste em responder um sim total à Sua vontade: 256, 1.

É preciso buscar a perfeição não para gozar dela, mas para a g. de D.: 132, 2 - o primeiro pensamento deve ser sempre a g. e o gosto de Deus: 256, 1.

Dá muita g. a D. a alma que depois das suas quedas volta a Ele arrependida e confiada: 210, 2.

Gostos espirituais — Buscar Deus prescindindo de todos os g. e.: 18, 1 e 2 - quem vai à procura de g. e. não ama a Deus com todas as suas forças: 19, 2.

Ver: **CONSOLAÇÕES ESPIRITUAIS.**

Graça — Torna-nos participantes da vida divina: 3, 1; 251, 1; 321, 1 - é o germen da santidade: 3, 1; 45, 2 - semente de glória: 44, 2; 105, 1 - princípio vital da nossa semelhança com Cristo: 65, 1 - criação do amor de Deus: 320, 1.

— é dom gratuito concedido pelos méritos de Jesus: 3, 2 - dada só por meio de Jesus:

38, 2; 43, 1; 45, 1 e 2 - continuamente comunicada por Cristo em proporção da fidelidade da alma em permanecer unida a Ele mediante a fé, a caridade e as boas obras: 43, 2 - a g. comunicada às nossas almas é, na sua essência, idêntica à que adorna a alma de Jesus: 45, 2; 58, 2; 193, 1 - toda a g. nos vem pela acção criadora do Espírito Santo e ao mesmo tempo pela acção medianeira de Cristo: 47, 2 - é infundida na alma em proporção da sua conformidade com a vontade de Deus: 60, 2; 78, 1; e em proporção da sua pureza: *ib* - é comunicada mediante os sacramentos: 69, 1.

— é inseparável da caridade: 4, 2; 254, 1 - é destruída pelo pecado: 100, 1 - não podemos ter a certeza de estar em g.: 247, 1.

Transformação das nossas almas por meio da g.: 49, 2; 78, 1 e 2; 105, 1 - a g. transforma-nos e transfigura-nos de claridade em claridade: *ib* - o pleno desenvolvimento da g. conduz à identificação com Cristo: 193, 1 - a g. respeita e utiliza ao máximo todos os valores humanos: 335, 2 - foi-nos dada para sarar, elevar, santificar todo o nosso ser; só quando tiver completado este trabalho, seremos totalmente «reino de Deus»: 357, 2.

Devemos colaborar com a g. a fim de que os frutos da redenção sejam aplicados às nossas almas e às dos outros: 61, 1 - não nos santifica sem a nossa colaboração: 73, 1 - resistência das almas à g.: 133, 2; 322, 1 - correspondência à g.: 252, 1 e 2; 266, 2; 357, 2; 364, 1; 366, 2 - são poucos os que dizem sempre sim aos convites da g.: 322, 2 - ao sim perfeito da alma Deus responde com um verdadeiro e inteiro sim da g.: 366, 1.

Tudo é g.: 63, 1 - Deus dá-nos a g. para vencermos toda a má tendência: 92, 1; tentação: 98, 2; fraqueza: 288, 2 - Deus nunca recusa a primeira g. que dá a coragem de agir: *ib* - necessidade da oração para conseguir a g.: 325, 1 - Deus quis subordinar a distribuição da g. à oração dos homens: 325, 2.

Necessidade da g. actual para realizar todo o acto sobrenatural: 107, 2 - sem a g. não podemos corresponder à g.: 266, 2. Deus está em nós pela g.: 141, 2 - mediante a g. Deus estabeleceu entre nós e Ele uma certa comunhão de vida: 251, 1; 345, 2 - só a g. e a caridade santificam a alma e a unem a Deus: 259, 1 - mediante a g. e o amor a alma torna-se semelhante a Deus e goza da Sua amizade: 321, 1 - g. e amor são os germens pre-

ciosíssimos da união com Deus: 345, 2.

Força da g.: 143, 1 - o mínimo grau de g. vale imensamente mais do que uma grande inteligência ou as maiores obras: 234, 2; e que todos os dons extraordinários: 259, 1 - a g. não é só luz e vida divina, mas também força: 286, 2.

Aumento da g.: 180, 2 - desenvolvimento e triunfo da g.: 357, 2; 366, 1.

A g. dum membro de Cristo reverte em proveito de todos os outros membros: 323, 2:

Gratidão — Dever da g. para com Deus: 280, 2; 283, 1 e 2 - a g. atrai novos benefícios: 283, 2 - floresce só num coração humilde: *ib.*: As vezes as almas que mais receberam são as menos reconhecidas: 283, 1.

Ver: INGRATIDÃO.

Homem — Não é nada nem pode nada sem o socorro de Deus: 107, 1 e 2; 240, 2; 307, 2 - sua insuficiência e limitação em face de Deus e da santidade: 191, 1; 192, 1; 227, 1 e 2; 228, 1; 230, 1 - é mutável e caduco, sujeito à sucessão do tempo: 230, 2 - suma distância entre o h. e Deus: 232, 2 - a sua impotência e insuficiência devem-no manter muito hu-

milde: 240, 2 - é por natureza instável: 293, 1.

Toda a sua suficiência vem de Deus: 107, 2; 240, 2 - existe só enquanto Deus lhe comunica a vida e o mantém na existência: 288, 1 - é bom só enquanto Deus lhe comunica um reflexo da Sua bondade: 232, 1 - a experiência da própria miséria deve lançá-lo em Deus com plena confiança: 249, 1 - é nada por si mesmo, mas é grande pelos dons que Deus lhe concedeu: 286, 2.

Sua responsabilidade perante os convites de Deus: 188, 2 - Deus criou-o livre, para que livremente aderisse àquela bondade que infundiu nele: 232, 2.

Fraqueza e fragilidade da natureza humana: 193, 2; 287, 1; 295, 1; 307, 1 e 2 - malícia do h.: 232, 1 e 2.

O h. interior é o espírito humano regenerado pela graça: 301, 1.

Honra — O apego aos pontos de h. é obstáculo ao progresso espiritual: 117, 1 - luta contra os pontos de h.: 117, 2.

Humildade — Preparar no nosso coração os caminhos do Senhor mediante a h.: 22, 2 - necessidade da h. para vencer as lisonjas do amor próprio: 62, 2 - dificuldade na obedi-

ência devida à falta de h.: 125, 2 - é difícil saber-se humilhar diante do próximo: 377, 1.

— nas quedas: 101, 2; 109, 1 e 2; 193, 2; 210, 2; 295, 1 - a h. sincera e confiante é o remédio para todas as quedas e misérias: 109, 2; 210, 2; 236, 2; 249, 2 - reconhecer humildemente as próprias faltas sem as desculpar e aceitar a correção: 118, 1 - o humilde reconhecimento da própria miséria atrai a misericórdia de Deus: 236, 2; 259, 2 - agrada mais a Deus a h. nas coisas mal feitas do que a soberba nas bem feitas: 259, 2 - reconhecer as próprias misérias é o primeiro passo para se libertar delas: 284, 1; 350, 1.

— é o fundamento da vida espiritual: 106, 1; 316, 1; e da caridade: 106, 1; 259, 2; 294, 1 - quanto mais a alma se humilha tanto mais Deus a enche de graças e a santifica: 106, 2; 176, 2; 240, 2; 259, 2; 352, 2 - escava na alma a capacidade para receber os dons divinos: 106, 2 - é a virtude que nos faz ficar no nosso lugar: 107, 1; 109, 2; e que nos faz tomar o último lugar: 113, 1 e 2; 301, 2 - a fecundidade e riqueza da vida interior estão sempre em proporção da h.: 176, 2.

Nada somos e podemos sem o socorro de Deus: 107, 1 e 2;

240, 2; 307, 1; 334, 1 e 2 - embora fazendo tudo o que podemos, não devemos atribuir o êxito às nossas obras, mas unicamente ao auxílio de Deus: 240, 2 - a consciência da nossa insuficiência e impotência deve-nos manter na h.: *ib* - profunda h. necessária aos apóstolos: 334, 1 e 2.

A h. cristã não deprime, mas lança a alma para Deus: 108, 1; 240, 2 - relações entre h. e confiança: 108, 1 e 2 - a alma humilde não confia em si, mas unicamente em Deus: 108, 2 - a verdadeira h. não inquieta nunca, a falsa h. tudo alvorota: 109, 2 - a desconfiança da misericórdia de Deus nunca é fruto da h.: 109, 2.

Para adquirir a h. é necessário aceitar as humilhações: 110, 1 - a alma humilde acha justo ser humilhada: *ib* - em vez de se impor humilhações por iniciativa própria é necessário aceitar as que vêm dos outros: 110, 2 - importância e prática da h. do coração 111, 1 e 2 - a h. do coração nasce do humilde reconhecimento da própria miséria: 111, 2 - prática da h. nas honras e nos cargos de autoridade: *ib*; 113, 2; 176, 2; 377, 1 - a alma humilde esconde tudo o que pode atrair a atenção dos outros: 114, 1 e 2 - é grande h. calar-se quando se é acusado

injustamente: 118, 2 - atitude de h. perante a contemplação: 144, 1; 145, 2 - exercício de h. durante a aridez: 155, 2 - a h. na oração: 175, 2 - quanto mais elevado é o lugar que se ocupa tanto mais profunda deve ser a h.: 176, 2; 334, 1 e 2 - adquirindo a h. adquirem-se ao mesmo tempo as outras virtudes: 214, 1 - a alma h. é reconhecida: 283, 2 - o humilde não é pusilânime, mas magnânimo: 289, 2.

Jesus modelo de h.: 111, 1; 113, 1; 114, 1 - para os discípulos de Jesus o lugar de honra é o lugar de servo: 113, 2 - a h. conduz à imitação da vida escondida de Jesus: 114, 1 - imitar o silêncio de Jesus perante as acusações injustas: 118, 2 - imitação da h. de Maria: 176, 1 e 2; 377, 1 e 2; 380, 2.

As graças e os favores divinos devem tornar-nos mais h.: 176, 1; 252, 1 - Jesus dá como Deus, mas quer a h. do coração: 217, 2 - Deus permite os insucessos para que a alma se convença da sua insuficiência: *ib*; permite as quedas para que a alma se persuada da sua miséria: 295, 1; 307, 2 - o Espírito Santo ilumina a alma sobre a própria miséria: *ib*; 352, 1 e 2; 359, 2 - mediante a noite do espírito o próprio Deus encarrega-Se de humilhar a alma: 352, 2 - pro-

funda h. a que a alma chega através desta noite: 359, 2.

Humilhações — São meio para adquirir a humildade: 110, 1; 337, 2 - não são as h. que tornam o homem humilde, mas a maneira como se aceitam: 110, 2 - vale muito mais a h. que põe na verdade, que a ilusão que nos deixa na mentira: 284, 1 - pedir a Deus uma h. todas as vezes que somos tentados a elevarmo-nos acima dos outros: 301, 2.

Participar nos ultrajes e nas h. de Jesus: 376, 2.

Igreja — Sociedade dos fiéis: 23, 1; 318, 2 - seu início e desenvolvimento: 357, 1. Esposa de Cristo: 23, 1; 67, 1 - Corpo místico de Cristo: 44, 1; 67, 1; 68, 1; 69, 1; 357, 1 - Cristo fá-la viver da Sua própria vida: 44, 1; 67, 1 - continuadora da obra de Cristo: *ib*; 188, 1; 318, 2 - única depositária dos méritos e da doutrina de Cristo: 67, 2 - mediante os sacramentos alimenta a vida dos seus membros: 69, 1.

União, devoção à I. e submissão às suas directivas: 67, 1 e 2; 328, 2; 357, 1 - dever de contribuir para o bem da I.: 77, 2; 357, 1; 375, 2 - não é verdadeiro católico quem não sabe renunciar à sua maneira

de ver para sentir com a I.: 375, 1 - solidariedade com a I.: 375, 2.

A nossa vida espiritual deve estar enquadrada na da I. e associada a ela: 164, 1 - participação na oração universal da I.: 165, 2; 167, 1 e 2 - a I. ora com o coração dos seus filhos e quanto mais esse coração estiver fervoroso, tanto mais a nossa oração será agradável a Deus: 167, 2.

O Espírito Santo é a alma da I. e dirige-a ao cumprimento da sua missão: 188, 1 - o Espírito Santo ilumina-nos mediante o magistério da I.: 190, 2.

Importância na I. das Ordens contemplativas: 324, 2; 325, 1 e 2; 326, 1 e 2 - para o incremento da I. são necessários os activos e os contemplativos: 328, 1.

Relações entre I. triunfante, I. militante e I. padecente: 385, 1.

Imperfeições — Toda a i. voluntária é contrária à vontade de Deus: 5, 2; 78, 2; 102, 1 - impede a união com Deus: 78, 2; 79, 1; 102, 1; 359, 1 - as i. habituais são as mais prejudiciais e impedem não só a união divina, mas também o progresso na perfeição: 79, 1 2; 102, 1 - a i. voluntária deriva sempre da falta de esforço, de vigor: 102, 2 - luta

contra as i. deliberadas e semi-deliberadas: 103, 2 - as i. voluntárias podem levar a alma à tibieza: 153, 1 - reconhecer as próprias i.: 249, 2. Conceito de i.: 102, 1 - diversos tipos de i.: 102, 1 e 2 - i. dos aproveitados: 346, 2; 347, 1 - para extirpar a raiz dos hábitos imperfeitos é necessária a noite do espírito: ib - o firme propósito de fugir de todas as i. é sinal seguro do amor de Deus: 359, 1.

Inprudência — A maior i. é seguir o próprio capricho e a própria vontade: 329, 1.

Incarnação (mistério da) — É a maior prova e manifestação do amor infinito de Deus pelos homens: 22, 1; 26, 1 e 2; 27, 2; 28, 1; 29, 1 e 2; 30, 1 e 2; 32, 1 - é a maior obra que Deus realizou no tempo: 28, 1 - realizou-se na obscuridade e no silêncio: 28, 2 - mais do que qualquer outra obra glorifica a Bondade infinita: 32, 1; 226, 2.

Fim da I. é a glória de Deus: 32, 1; é reconduzir o homem à Trindade: 219, 1.

Infância espiritual — Atinge-se pelo renascimento em Cristo: 147, 1.

Ingratidão — A i. pelas graças recebidas impede-nos de receber outras: 280, 2 - é sem-

pre prejudicial para a alma que por ela está contaminada: 283, 1 e 2 - a i. humana rejeita a misericórdia divina: 322, 1.

Intenção — Falta muitas vezes pureza de i. a quem procura a estima das criaturas: 114, 2 - a pureza de i. faz trabalhar unicamente por Deus e nunca pelo próprio interesse, mesmo espiritual: 115, 2 - quando a i. é recta não devemos temer que as nossas boas obras sejam vistas: 327, 2.

As segundas i. contaminam as boas obras: 285, 2 - segundas i. que podem insinuar-se na actividade apostólica: 332, 2.

Ver: RECTIDAO.

Jesus Cristo — Sua obra redentora: 2, 1 e 2; 24, 1 e 2; 38, 1 e 2; 39, 2; 61, 1; 64, 1; 154, 1; 210, 1; 222, 1; 238, 1; 273, 1; 280, 1 - remiu o mundo principalmente com a morte de cruz: 24, 1; 25, 2; 38, 2; 43, 2; 93, 1; 139, 1; 326, 2 - quer a nossa colaboração na Sua obra redentora: 23, 1 e 2; 61, 1; 65, 2; 93, 2; 318, 2; 325, 1 - disposições para aproveitar da Sua obra redentora: 34, 1 e 2; 61, 1. Fomos predestinados nEle para por Ele sermos filhos adoptivos de Deus: 28, 1; 39, 2; 43, 1; 58, 1 - principio da nossa

salvação e santidade: 28, 1; 34, 1; 37, 1; 38, 2; 43, 1; 45, 1 e 2; 48, 1 e 2; 66, 1; 383, 1 - é a única fonte da nossa vida sobrenatural: 39, 2; 43, 1; 45, 2; 46, 2; 66, 1; 204, 1; 294, 1 e 2; 315, 2; 371, 1 - incorporou-nos nEle: 43, 1; 44, 1; 48, 1 - mereceu-nos e comunica-nos continuamente a graça: 43, 2; 45, 1 e 2; 46, 1 e 2; 58, 2; 66, 1 e 2 - partilha connosco as Suas riquezas infinitas: 45, 1 e 2; 315, 2 - comunicando-nos a graça, comunica-nos a Sua própria vida: 45, 2; 66, 1 - intercede continuamente por nós junto do Pai: 46, 2 - escolhe e distribui as graças a cada um: i) - fez-nos participantes pela graça da Sua qualidade de Filho de Deus: 58, 1; 66, 1; 282, 1 - nEle encontramos tudo o que necessitamos para a nossa vida espiritual e para a nossa santificação: 66, 1; 231, 1; 294, 1; 315, 2.

Nascimento: 28, 1; 29, 1 e 2; 31, 2 - Apresentação no templo: 34, 1; 371, 1 - Circuncisão: 36, 1 - significado e valor do Seu nome: 37, 1 e 2 - Epifania: 41, 1 e 2 - Transfiguração: 105, 1 - conduta em presença dos Seus inimigos: 126, 2; 133, 2; e para com Judas: 134, 2; 262, 2 - a Sua morte é a maior vitória: 139, 1 - significado da Sua Ressurreição e a nossa participação nela: 140, 1 e 2; 141, 1 - subindo ao

céu deu-nos o direito de O seguirmos um dia: 179, 1 - conduta dos Apóstolos na Sua Ascensão: 179, 2 - foi sempre apóstolo mesmo na Sua vida escondida: 324, 1.

Único perfeito glorificador e adorador do Pai: 33, 1; 59, 2; 281, 1 e 2 - a norma da Sua vida é a vontade do Pai: 60, 1; 62, 2; 81, 1; 121, 1; 193, 2; 282, 1 - cumpre a missão confiada pelo Pai: 61, 1 - procura só a glória do Pai: 62, 1; 281, 2 - Suas relações com o Pai: 282, 1.

— Mediador e reconciliador: 33, 1; 38, 1 e 2; 43, 1; 45, 2; 66, 1 e 2; 116, 2; 200, 1; 219, 1; 222, 1; 319, 1; 383, 1 - único caminho que conduz ao Pai: 38, 2; 57, 1; 66, 1 e 2; 174, 2; 200, 1; 205, 1 - nEle e por Ele podemos participar na vida íntima de Deus: 116, 2; 154, 2 - abriu aos homens o caminho da união com Deus: 205, 1 - em J. encontramos tudo o que precisamos para satisfazer as nossas dívidas para com Deus e para suprir a nossa insuficiência: 281, 1.

— quis assumir o aspecto de homem pecador e experimentar todas as nossas indigências: 36, 1; 64, 2 - a Sua vida foi uma contínua imolação espiritual e física: 93, 1 - abraçou a dor transformando-a em meio de redenção: 127, 1 e 2 - tomou sobre Si

os nossos pecados: 127, 1; 136, 2; 138, 1 e 2; 154, 1; 348, 2; castigou-os em Si até à morte de cruz: 376, 2 - o sofrimento mais profundo de J. é a resistência das almas à graça: 133, 2 - ninguém mais do que Ele experimentou a amargura da ingratidão e da traição: 136, 1 e 2 - dá-nos a vida a preço da Sua: 154, 1 - remiu-nos a preço do Seu Sangue, derramando-o até à última gota: 376, 1 - se queremos que o Seu Sangue produza em nós todo o seu fruto, devemos unir-lhe o nosso: 376, 2.

— primogénito de todas as criaturas: 39, 1 e 2 - por meio dEle tudo foi criado: 39, 1; 383, 1 - Sua realeza: 40, 1 e 2; 133, 1; 383, 1 e 2 - o Seu reino é reino de Amor: 40, 2; 133, 2; 383, 2 - reina pela cruz: 133, 1 - é a cabeça do Corpo místico: 44, 1; 67, 1 e 2; 383, 1. Em J. habita a plenitude da divindade: 39, 1; 219, 1 - enquanto Deus, possui a vida divina como o Pai: 45, 1; 66, 1 - enquanto homem recebe a plenitude máxima da graça: 45, 1; 187, 1 - poder da Sua SS.ma Humanidade: 46, 1 - a Divindade opera através da Humanidade de J.: 46, 1 - como homem é o nosso Caminho, como Deus é o nosso termo: 66, 1 e 2.

Devemos «permanecer» em J.: 43, 2 - nossa real e vital união

com C. nossa Cabeça: 44, 2; 179, 1; 206, 1 - devemos viver e crescer em C.: 48, 1 e 2; 65, 1 - nosso renascimento espiritual em C.: 147, 1; 231, 1 - nossa vital participação nos Seus mistérios, consequência da nossa incorporação nEle: 179, 1 - para viver em C. é preciso primeiro morrer com Ele: 231, 1 - J. é a nossa ressurreição não só na vida eterna, mas também nesta vida: 350, 2.

A alma de J. é o templo preferido do Espírito Santo: 47, 1; 187, 1 - com a Sua morte mereceu-nos o Espírito Santo e, juntamente com o Pai, continuamente no-IO envia: 47, 2; 55, 2; 66, 2; 188, 1; 315, 2 - viver em C. é viver no Espírito Santo: 47, 2 - J. continua a Sua obra nas almas por meio do Espírito Santo: 168, 1; 175, 1.

— mestre: 50, 1 e 2 e seg. - enquanto Verbo é a palavra substancial do Pai que contém e manifesta toda a verdade: 50, 2 - não só conhece toda a verdade, mas é a Verdade: ib - características do magistério de J.: 51, 1 e 2; 55, 1 e 2 - é o revelador do Pai: 52, 1 e 2 - quem conhece J. conhece o Pai: 52, 1 - ensinamos a imitar o Pai celeste e dá-nos os meios para tal: 53, 1 - empenha-nos na luta contra o pecado: 54, 1 e 2; 100, 2

- move as nossas almas a aceitar a verdade e a pô-la em prática: 55, 1 - infunde em nós a luz da fé e o fogo da caridade: 55, 1 - instrui interiormente as almas: 55, 2 - revela-nos o amor de Deus: 29, 1 e 2; 30, 1 e 2; 52, 2.

— nosso modelo: 57, 1 e 2 e seg. - imitação de J.: 57, 1 e 2 - conformando-nos à Sua imagem conforma-nos à imagem de Deus: 57, 1 - Sua permanente e íntima união com o Pai, modelo da nossa união com Deus: 25, 1; 58, 1; 61, 2 - Sua vida interior e a nossa participação nela: 58, 2; 116, 1 e 2 - Sua oração: 59, 1 e 2 - nossa semelhança e conformidade com C.: 65, 1 e 2; 193, 1 - J. quer continuar em nós a Sua vida e a Sua obra: 65, 2; 93, 2; 193, 1 - conformidade com C. crucificado: 93, 1 e 2; 194, 1 e 2 - não se pode ser íntimo amigo de J. se não se sofre com Ele: 93, 2 - J. modelo de humildade: 111, 1; 113, 1; 114, 1 - Sua humildade e humilhações: 27, 2; 31, 1; 36, 1; 42, 1 e 2; 62, 1 - Sua obediência: 42, 2; 121, 1 - Sua submissão à lei: 36, 2; 371, 2 - J. modelo de paciência: 128, 1; 279, 2 - Sua mansidão e doçura: 133, 2; 270, 1; 279, 2.

Atitude da Alma de J. totalmente imersa na Trindade: 58, 2; 64, 1; 116, 1 - J. guia-nos para a Trindade: 116, 2; 219,

1; 222, 1 - revelou-nos o mistério trinitário: 220, 1.

Seu amor infinito por nós: 64, 1; 132, 2; 136, 2; 137, 1 e 2; 139, 2; 209, 1 e 2; 210, 1; 238, 1; 262, 2; 273, 1; 315, 2 - a mesma caridade que O une ao Pai fá-LO amar os homens porque são criaturas do Pai: 64, 1 - a tendência principal da Sua alma é o amor pelo Pai e pelos homens: 65, 1 - conhece e ama cada alma em particular: 154, 2 - o amor explica o mistério de tudo aquilo que Jesus fez por nós: 209, 2.

— bom pastor: 64, 1; 154, 1 e 2; 210, 1 - semeador da palavra divina nas almas: 84, 1 - é o vencedor do demônio e mereceu o preço da nossa vitória: 112, 1 - J., fonte de água viva, convida a todos a descedentarem-se na Sua nascente: 143, 1; 144, 1 - tem compaixão das nossas necessidades espirituais e materiais: 231, 2; 294, 2 - tem todos os direitos de encontrar em nós frutos de santidade: 238, 1 - é o bom Samaritano que trata e cura as almas: 273, 1.

— fundou a Igreja como continuadora da Sua obra: 67, 1 e 2 - vive e opera na Sua Igreja: ib - se queremos viver segundo o Seu espírito devemos deixar-nos guiar pela Igreja: 67, 1 - é Ele que produz o efeito interior dos sacramentos: 69, 1.

Ver: INCARNAÇÃO; PAIXÃO; REDENÇÃO; SAGRADO CORAÇÃO.

José (S.) — Sua obediência, espírito de fé e humildade: 28, 2; 373, 1 - sua adesão e abandono à vontade de Deus mesmo nas circunstâncias mais obscuras: 33, 2; 373, 2 - juntamente com Maria foi o primeiro a entrar naquela vida de intimidade e de amor da qual Jesus 'nos abriu as portas: 372, 2 - é o modelo das almas de vida interior: 373, 2. Sua missão de guarda da Sagrada Família e Protector da Igreja: 372, 1 - participou plenamente, como colaborador humilde e escondido, na obra da redenção: ib - não vive para si, mas unicamente para Jesus e Maria: ib; 373, 2.

Juízo — J. final: 1, 2; 264, 2 - para com ele: 134, 2.

— representa as almas que pela sua infidelidade se tornam indignas das graças recebidas: ib.

Juízo — J. final: 1, 2; 364, 2 - no j. final Deus julgar-nos-á sobre a caridade: 257, 2; 264, 2; 364, 2 - Deus julgar-nos-á com a mesma misericórdia que nós tivemos usado para com o próximo: 264, 2.

É preciso julgar as coisas não segundo as suas aparências,

mas pelo que valem perante Deus: 234, 2.

Justiça — Não basta a j. exterior, requer-se a interior: 224, 2; 279, 1 - necessidade de cumprir os deveres de j. para com o próximo: 277, 1 e 2; 278, 1 - não nos devemos sentir satisfeitos até que tenhamos cumprido totalmente os nossos deveres de j.: 278, 1 - os inimigos da j.: 278, 2 - é preciso muita rectidão para não nos desviarmos do caminho da j.: *ib.*

Não é licito ofender a j. em nome da caridade: 238, 2; 277, 1 - a j. é o fundamento indispensável da caridade: *ib.* - deve ser vivificada pelo sopro da caridade: 279, 1 - estabelecer a j. não com a força, mas com a caridade: 279, 2. — é a vontade constante de atribuir a cada um os seus direitos: 277, 1 - é fonte de paz: 277, 2 - nesta terra não pode haver uma j. absoluta: 279, 2 - para uma alma que aspira à santidade, o maior acto de j. consiste em suportar pacientemente as injustiças: *ib.* - fome e sede de j. corresponde à fome e sede de santidade: 303, 1 e 2 - bem-aventurados os que têm fome e sede de j.: 303, 1 - a j. é aperfeiçoada pelo dom de piedade: 304, 1 e 2.

Nas relações com Deus per-

manecemos sempre infinitamente abaixo do que a j. exige: 281, 1 - a j. para com Deus resume-se numa necessidade imperiosa de se dar a Ele sem medida: 281, 1 - em Jesus encontramos com que suprir a insuficiência da nossa j.: *ib.* - j. e religião: 281, 2.

Justiça de Deus — Supõe a misericórdia e esta acompanha a j.: 237, 1 - a j. infinita é o zelo que defende os direitos de Deus: 237, 2 - os castigos de Deus são fruto da Sua j. e da Sua misericórdia: *ib.*

Lei — Quem cumpre a lei divina dá glória a Deus: 33, 1. Submissão de Jesus e de Maria a leis a que não eram obrigados: 36, 1; 371, 2 - há leis a que somos obrigados e das quais o nosso amor próprio se exime sob falsos pretextos: *ib.*

Liberdade — O homem é livre de corresponder ou não à graça: 34, 1; 73, 1 e 2 - Deus não violenta a nossa l. e por isso não nos santifica sem a nossa adesão: 188, 2 - Deus é tão onnipotente que governa o homem sem lesar a sua l.: 240, 1 - para corresponder à graça é necessária a nossa livre adesão: 266, 2.

A l. é a capacidade de aderir ao bem, sem se deixar influenciar pelas paixões: 102, 1 - recusar cumprir uma acção melhor sob o pretexto de se ser livre é um abuso da l.: **1b** - é abuso da l. servir-se dela não para querer o bem, mas o mal: 232, 2.

A l. de espírito permite à alma concentrar-se totalmente em Deus: 116, 2.

A renúncia à l. é o maior sacrifício que o homem pode oferecer a Deus: 121, 2 - livre imolação da l. mediante o voto de obediência: 122, 1 e 2.

Luta da carne contra o espírito: 245, 1; 287, 1; 301, 1 - não se render nunca na l. apesar das quedas: 295, 2.

Magnanimidade — Inclina a alma a prestar a Deus grandes serviços, abraçando até coisas árduas e difíceis: 289, 1 - deve estar unida à obediência, à humildade, ao cumprimento do dever: **1b** - o verdadeiro humilde é magnânimo: 289, 2.

Mal — Omitir o bem é já fazer o m.: 112, 2 - tática para vencer o m.: **1b**.

Do duplo m. do pecado e do sofrimento, Deus sabe tirar o grande bem da nossa redenção: 127, 1 - a bondade infi-

nita de Deus tira o bem até do m.: 232, 1.

Mansidão — Torna o homem capaz de dominar a ira: 214, 1; 279, 1 - o seu fundamento é a humildade: 214, 2 - assegura à alma a paz interior: 297, 1 - importância da m. para a vida de oração e de união com Deus: 297, 2.

Mediante o dom de piedade o Espírito Santo ajuda-nos a estabelecermo-nos na m.: 305, 1 - bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra: 305, 2 - o manso possui-se a si mesmo e possui o coração dos homens: **1b**.

Ver: DOÇURA.

Maria — Sua Imaculada Conceição: 9, 1; 171, 1 - sua santidade desde o primeiro instante da sua concepção: 9, 1 e 2; 180, 1 - elevada ao estado da união desde o primeiro instante da sua existência: 9, 2; 171, 2; 172, 2 - sempre e em tudo movida pelo Espírito Santo: 9, 2; 171, 1 e 2; 180, 2; 374, 1 - filha dilecta do Pai: 170, 1 - esposa fiel do Espírito Santo: 171, 1 - sua máxima dignidade é ser Mãe de Deus: 172, 1 - 382, 1.

Sua vida Interior: 14, 1 e 2; 169, 2; 183, 1 e 2; 378, 2 - íntimas relações com a Trindade: 183, 2 - fé: 15, 2; 49, 1; 177, 1 e 2 - perfeita adesão e abandono à vontade de Deus: 33, 2;

170, 2; 171, 2; 172, 2; 374, 1 e 2 - correspondência e fidelidade à graça: 171, 2; 180, 1 e 2; e ao apelo de Deus: 386, 1 e 2 - humildade: 176, 1 e 2; 377, 1 e 2 - ninguém mais do que Ela teve a ciência concreta e prática do próprio nada: 178, 1 - quanto mais se abisma na consideração do seu nada, tanto mais se eleva em Deus reconhecendo e louvando as grandes coisas que Ele realizou nEla: 377, 2 - plena confiança e esperança em Deus: 178, 1 e 2 - fidelidade em negociar com os talentos recebidos de Deus: 180, 1 - incessante progresso na caridade e na graça: 180, 2; 187, 1 - fortaleza na dor: 360, 2 - humilde submissão à lei: 371, 2 - julga tudo em relação a Deus: 381, 1 - deu-se a Deus e deixa que Deus exerça sobre Ela todos os Seus direitos: 386, 2.

O recolhimento e a união com Deus não a impedem de se ocupar das necessidades do próximo: 14, 2; 181, 1 e 2 - caridade para com o próximo: *ib*; 377, 1 - a caridade impede-a a esquecer não só as suas dificuldades, mas até a sua dignidade: *ib* - dando-se totalmente a Deus, deu-se totalmente ao próximo: 181, 1 - apostolado proveniente do seu amor a Deus: 184, 1 - características do seu apostolado escondido e silencioso: 184, 2 -

chega ao mais elevado apostolado mediante a imolação escondida: *ib*.

— Medianeira de todas as graças: 49, 1; 185, 1 e 2 - nossa Mãe, nosso conforto, amparo, refúgio: 169, 1 - depois de Jesus, guia mais seguro para aqueles que aspiram à união com Deus: 171, 2 - sua maternidade a nosso respeito: 173, 1 e 2; 378, 1; 382, 1 e 2 - tal maternidade cumpre-se aos pés da cruz: 173, 2 - na ordem da graça tudo recebemos pelas mãos de M.: 173, 1; 185, 1 - amou-nos a ponto de sacrificar o seu Filho por nossa salvação: 173, 2; 181, 2 - é o caminho mais fácil e seguro para chegar a Jesus: 174, 2 - guia-nos a Jesus e por meio dEle à Trindade: 183, 2 - dá-nos Jesus e leva-nos a Jesus: 185, 2; 382, 1 - recurso filial e confiante a M., mãe de Jesus e nossa mãe: 382, 1 e 2 - quem quer Jesus deve procurá-lo nos braços de M.: 382, 1 - devemos confiar-nos a M. como filhos devotos e amantes: 382, 2.

— ensina-nos a pôr em prática os ensinamentos de Jesus: 49, 2 - devemos participar com Ela na paixão de Jesus: 131, 2 - modelo das almas de vida interior: 169, 2; 183, 2; 378, 2 - vida de intimidade com M.: 174, 1 - imitação de M.: 169, 1 e 2; 174, 2; 176, 2;

374, 2; 380, 2 - modelo das almas contemplativas e apostólicas: 184, 1 - modelo da alma totalmente unida, plenamente entregue à vontade de Deus: 374, 1.

— está perfeitamente unida a Jesus no cumprimento da Sua palavra: 112, 2 - sua participação na paixão do Filho: 131, 1 e 2; 184, 1 e 2; 185, 1 - intimidade de relações com o seu divino Filho: 172, 2; 174, 2; 183, 1 - participação e colaboração na obra redentora do Filho: 173, 1 e 2; 184, 1 e 2; 185, 1; 371, 2; 374, 2 - é imagem perfeitíssima de Cristo: 174, 2. O seu nascimento é a aurora da Redenção: 380, 1 - a sua origem desaparece no silêncio como também toda a sua vida: *ib* - M. apresentada no templo, modelo das almas consagradas: 386, 1 e 2 - sua conduta no momento da Anunciação: 374, 1 e 2 - atitude nas bodas de Caná: 49, 1 - a sua Assunção recorda-nos que a nossa morada permanentemente não é a terra, mas o céu: 379, 1; e indica-nos o itinerário da nossa vida espiritual: 379, 2.

O escapulário que N. Senhora do Carmo nos oferece é o símbolo exterior da sua incessante solicitude maternal pelas nossas almas: 378, 1 - a devoção a N. Senhora do

Carmo é um forte apelo à vida interior: 378, 2.

Matrimónio espiritual — é uma transformação total no Amado: 367, 2 - é uma união tão perfeita e plena que, além desta, só existe a união do céu: *ib* - o amor, unindo plenamente a alma a Deus, torna-a tão semelhante a Ele que a transforma nEle: 369, 1 - nos momentos mais sublimes a alma experimenta a Deus vivo, presente e operante nela: 370, 1

No m. e. a sensibilidade da alma está plenamente pacificada: 367, 1 - todo o «haver» da alma é empregado no exercício do amor: 368, 1 - mesmo os primeiros movimentos são movimentos de amor: *ib* - o seu único exercício consiste em amar: 368, 2 - ama a Deus com puro amor: *ib* - ama a Deus como é por Ele amada porque O ama com o Espírito Santo: 369, 2 - não deseja a intimidade divina para gozar dela, mas para amar cada vez mais o seu Deus: 370, 2.

— tende a produzir obras e mais obras: *ib* - a glória das almas chegadas a este estado é poder ajudar o seu Deus crucificado trabalhando pela salvação das almas: *ib*.

Ver: UNIÃO COM DEUS.

Meditação — Ver: ORAÇÃO.

Misericórdia de Deus na redenção do homem: 2, 1; 26, 2 - é a característica do amor de Deus por nós: 236, 1; 307, 1 - relações entre a m. de Deus e a Sua justiça: 237, 1 e 2 - temos continuamente necessidade da m. divina: 264, 1 e 2 - com o Seu amor misericordioso Deus quis cumular a distância que nos separa dEle: 353, 1.

A desconfiança da m. de Deus é indício de orgulho e tentação diabólica: 109, 2 - nunca se confia demais na m. de Deus: 210, 1; 249, 1 - Jesus inculcou-nos um sentido profundo da m. infinita: 210, 2 - a m. de Deus é tão grande que nenhum pecado, desde que seja chorado, pode detê-la: 236, 1 - não é lícito duvidar da m. de Deus e do perdão dos pecados: 246, 2 - as culpas cometidas não devem impedir-nos de confiar na m. divina: 280, 2 - a m. de Deus não se dá por vencida perante a ingratição dos homens: 322, 1 - magnificência e liberalidade do perdão de Deus: 336, 1 - Deus está sempre pronto a perdoar os nossos pecados: 336, 1 e 2.

Para derramar sobre nós a Sua misericórdia Deus exige que sejamos misericordiosos para com o próximo: 236, 2; 264, 2; 336, 2; e que reconheçamos humildemente a nossa

miséria: 236, 2; 259, 2 - Deus tratar-nos-á com a mesma m. com que nós tivermos tratado o próximo: 264, 2; 336, 2.

A consideração da m. de Deus deve tornar-nos misericordiosos para com o próximo: 264, 1 e 2 - devemos imitar a m. infinita do Pai celeste: 307, 1 - quem está convencido da própria miséria é misericordioso para com o próximo: 307, 2 - mediante o dom de conselho o Espírito Santo estabelece a alma na m. perfeita: ib.

Missa — É o centro do culto litúrgico: 165, 1 - como assistir à Missa: 165, 2 - oferecer juntamente com o sacerdote a Vitima divina: 166, 1 - associar-se à imolação de Jesus: 166, 2.

Modéstia — Prática da m. em relação à castidade: 89, 1 e 2.

Morte — Jesus, submetendo-Se à m., deu-nos a força de aceitar com amor: 94, 1 - a alma que procura cumprir com amor a vontade de Deus pode confiar em que Deus lhe concederá a graça de aceitar com amor a m.: 95, 2 - m. de amor acessível a todas as almas de boa vontade: ib - superar as angústias da m. com actos de adesão à vontade de Deus e de abandono: 138, 2.

Utilidade do pensamento da m.: 94, 1 - nunca é imprevista para quem está preparado: 95, 1 - não será temida por quem sempre correspondeu à graça: ib - última visita do Senhor à alma: ib - é uma porta aberta para a eternidade, porta que nos introduz na vida eterna: 385, 1.

Feliz a alma que no fim da vida puder ser admitida logo à união beatífica do céu: 364, 2 - no fim da vida permanecem só o amor: 384, 1; e as boas obras realizadas, que tornam preciosa a m.: 385, 2.

Mortificação — Preparar-se com a m. para a vinda do Senhor: 8, 2 - necessidade da m. para que Cristo viva em nós: 65, 1; 231, 1 - a m. destroi os obstáculos ao desenvolvimento da graça: 143, 2 - o relaxamento na m. conduz à tibieza: 153, 1.

M. dos sentidos: 16, 1 e 2; 83, 1 e 2 - importância e fim da m. corporal: 92, 1 e 2; 93, 1 e 2 - necessidade da m. da carne para restabelecer a harmonia entre o espírito e a matéria: 296; 2 - m. do gosto: ib.

A m. activa deve ser completada pela passiva: 83, 2 - a m. voluntária é prova de amor: 96, 1 - vale na medida do amor e da generosidade com que é praticada: 96, 2 - o espírito de m. só é completo

quando conduz à negação do eu: 97, 1 - o verdadeiro espírito de m. abraça sobretudo as ocasiões de sofrimento permitidas por Deus através das circunstâncias da vida: 97, 2 - é necessário morrer todos os dias a si mesmo: 231, 1.

Ver: ABNEGAÇÃO; DESPRENDIMENTO; RENÚNCIA.

Nada — O caminho do n. conduz à perfeição: 7, 1 e 2; 81, 1 e 2 - só o caminho do n. conduz ao tudo de Deus: 7, 1 e 2; 31, 1 - para chegar à união com Deus é necessário percorrer o caminho do n.: 54, 2 - mesmo o apóstolo deve ir pelo caminho do n.: 333, 1.

Quando a alma ficar reduzida a n., então terá chegado à união com Deus; 106, 1 - para chegar à união com Deus a alma deve ser reduzida ao n.: 351, 2; 352, 2.

Consciência do próprio n.: 217, 1 e 2 - dar graças a Deus quando nos vimos reduzidos ao n.: 247, 1.

Noite do espírito — Extirpa as raízes dos hábitos imperfeitos: 347, 1 - opera na alma um desapego profundo e radical: 349, 1.

Para entrar nela é necessário renunciar a si mesmo não só acerca dos bens materiais, mas também dos morais e es-

pirituais: 347, 2; é necessário exercitar intensamente as virtudes teologais: 349, 2 - angústias e trevas que a alma sofre nesta n.: 353, 1 e 2 - o seu único apoio é a fé nua e pura: 353, 2.

Uma das maiores graças que Deus pode fazer a uma alma é a de a introduzir na n. do e.: 348, 1 - esta n., se bem que dolorosa, é obra do amor divino: *ib* - só Deus pode introduzir a alma na parte mais densa desta n.: 351, 1 - a n. do e. tem o seu ponto culminante nas penas interiores mediante as quais Deus «rasga e despedaça» a substância da alma: 352, 1; e a reduz a nada: 352, 2 - nesta n. a alma encontra-se de um modo particular sob a acção do Espírito Santo: 354, 2.

Noite escura na vida apostólica: 338, 2.

Enquanto se vive na terra existe sempre um pouco de noite: 354, 1.

Noite dos sentidos — É a total mortificação dos sentidos: 83, 1; 347, 1 - para entrar nela é necessário não parar no gosto das coisas sensíveis: 83, 1 - actividade da alma para entrar na n. dos s.: 83, 2 - Deus faz uma grande graça à alma quando a introduz na noite passiva dos sentidos: *ib*.

Obediência — Dá à alma a certeza de estar na vontade de Deus: 21, 2 - faz aderir à vontade de Deus expressa nas ordens dos superiores: 120, 1 - faz deixar a vontade própria para abraçar a vontade de Deus: 120, 2 - o acto formal de o. consiste na livre renúncia de si próprio e na livre adesão à vontade divina: 122, 1 - a o. sobrenatural põe-nos em contacto directo com a vontade de Deus: 123, 2 - quem sai do caminho da o. deixa o caminho seguro da vontade de Deus pelo caminho perigoso da vontade própria: 124, 2.

Imitação da o. de Jesus: 42, 1; 121, 1; 125, 2.

O. simples como a das crianças: 49, 1 - motivo da o. sobrenatural: 123, 1 - confiança no governo de Deus através das ordens da o.: 123, 2 - a o. baseada sobre motivos humanos tem pouco valor diante de Deus: *ib* - o. cega: 124, 1 e 2 - a vida de o. está toda baseada sobre valores e motivos sobrenaturais: 125, 1 - quanto mais se considera nos superiores a autoridade que vem de Deus tanto mais a o. é meritória: *ib*.

Deus prefere a o. à penitência: 92, 2; e a qualquer outra coisa: 120, 1 - a o. é o caminho mais curto para chegar à união com Deus: 122, 1 - o

mais perfeito é sempre obedecer: 123, 1; 124, 2.

O voto de o. é o maior e mais meritório sacrifício: 121, 1; imola todo o homem em honra de Deus: **ib**; é a livre imolação da liberdade: 122, 1 - fidelidade à promessa ou voto de o.: 122, 2.

Falta de espírito de fé na prática da o.: 125, 1 e 2; e falta de humildade: 125, 2.

O. à autoridade civil: 343, 2 - é necessário obedecer mais a Deus que aos homens: **ib**.

Ver: SUPERIORES.

Obras — Quanto mais as o. custam tanto mais são prova de verdadeiro amor: 36, 1 - as nossas boas o. estão sempre cheias de defeitos: 247, 1 - as nossas o. devem ser de edificação para o próximo: 327, 2.

Ofício divino — Oração do Corpo místico de Cristo: 167, 1 e 2; oração universal feita em união com Cristo em nome da Igreja: **ib**.

Oração (em geral) — Como procurar Deus na o.: 12, 1 e 2 - interromper a acção para se dar à o.: 12, 1; 59, 1 - a actividade apostólica não deve absorver o tempo necessário à o.: 325, 2; 331, 2; 339, 1.

— deve ser um prolongamento da de Jesus: 59, 2 - deve ser acompanhada do sacrifício:

ib; 326, 1 - continuidade da o.: 146, 1 - a substância de todas as formas de o. é o trato íntimo com Deus: 146, 1 e 2; 198, 2 - na o. as nossas relações com Deus devem ser filiais: 198, 1.

O. vocal: 148, 1 e 2 - é necessário unir sempre a o. vocal à mental: 148, 2 - o. litúrgica: 164, 1 e 2 - relações entre o. litúrgica e o. pessoal: 164, 2; 167, 2 - S.ta Missa, centro do culto litúrgico: 165, 1 e 2 - Ofício divino, oração do Corpo místico: 167, 1 e 2.

Eficácia da o. feita em nome de Jesus: 173, 1 e 2 - a o. é vã se não lhe corresponde a vida: 175, 2 - não é agradável a Deus se não é acompanhada da caridade fraterna: 182, 1 - quanto mais a o. for impregnada de sacrifício tanto mais eficaz é: 326, 1 - Jesus quer a o. do coração: 350, 1.

O Espírito Santo ensina-nos a orar e ora em nós: 198, 2.

Deus estabeleceu fazer depender certas graças indispensáveis à nossa salvação e à do próximo da nossa o.: 325, 1 e 2 - a o. apostólica constitui um dos mais poderosos meios de apostolado: 325, 1 - é sumamente importante que haja na Igreja almas totalmente consagradas à o.: 325, 2.

Oração e vida regalada não podem andar juntas: 92, 2.

— põe a alma em contacto actual com Deus: 143, 2 - Deus atrai a Si a alma que O procura na o.: 145, 2; 151, 2; 158, 1 - o mais precioso conhecimento de Deus não provém do raciocínio, mas do «sentido» de Deus, que deriva do amor e da acção do Espírito Santo: 143, 2; 157, 2; 158, 1 e 2; 191, 1.

O. vocal: 148, 1 e 2.

Dificuldades na o. mental provocadas pela mobilidade da fantasia: 149, 1 - como servir-se da leitura para fazer o.: 149, 2 - a o. consiste muito mais em amar do que em pensar: ib; 150, 1 e 2 - as reflexões e raciocínios devem servir para despertar o amor: ib - começar a o. pondo-se na presença de Deus: 150, 2 - a o. mental consiste no trato íntimo com Deus: ib; 151, 1 - colóquio íntimo com Deus: 151, 1 e 2 - o. de recolhimento baseada sobre a presença de Deus na alma: 152, 1 e 2 - exercício para recolher os sentidos na o. e entrar dentro de si com Deus: 152, 2.

Método de meditação que dispõe a alma para a contemplação: 150, 1 e 2 - olhar amoroso contemplativo: 151, 2 - é absurdo querer voltar à meditação quando Deus convida a alma para uma o. mais simples: 158, 1 e 2 - recolher-se na presença de Deus me-

diante um simples olhar de fé e de amor: 158, 1 - advertência amorosa em Deus: 158, 2; 159, 1 - acção do Espírito Santo neste grau de o.: ib - conduta da alma na passagem da meditação à contemplação: 159, 1 e 2 - a o. torna-se mais profunda sob a influência dos dons de ciência: 309, 2; de entendimento: 311, 2; e de sabedoria: 313, 2.

Diversas causas de aridez na o.: 153, 1 e 2 - fidelidade à o. apesar da aridez: 153, 2; 155, 2; 156, 2 - é uma bela prova de amor perseverar na o. apesar da aridez e da repugnância: 153, 2 - decisão enérgica de não deixar nunca a o. apesar de todas as dificuldades que se possam encontrar: 156, 1 - aceitar humildemente o tormento de ter que passar a o. na aridez: 156, 2 - mediante a aridez Deus conduz a alma a uma o. mais elevada: 157, 1 e 2 - através da aridez nasce na alma o «sentido» de Deus: 157, 2 - a alma não deve perturbar-se por causa da sua impotência e aridez na o.: 158, 1.

Prolongar a o. durante o dia: 160, 1 e 2 - manter-se em íntimo contacto com Deus mediante o amor: 160, 1; e mediante o exercício da presença de Deus: 162, 1 e 2.

Ver: A R I D E Z; CONTEMPLAÇÃO.

Orgulho — Luta contra o o.: 62, 2 - vence-se o o. aceitando aquilo que nos humilha: 98, 1 - as humilhações são o remédio do o.: 110, 1 e 2 - valer-se das tentações do o. para se humilhar: 111, 2 - lutar «até ao sangue» contra o o.: 376, 2 - recorrer a Maria na luta contra as tendências sempre nascentes do o.: 380, 2. — é obstáculo à graça e à acção de Deus na alma: 106, 2; 259, 2 - o o., o egoísmo e as outras paixões convertem em mal o que o Senhor destinou para nosso bem: 266, 2. — não quer reconhecer as próprias culpas: 118, 1 - o despeito que as almas experimentam achando-se sempre por terra é fruto do o.: 295, 1 - imperfeições provenientes do subtil o. espiritual: 246, 2. Ver: AMOR PRÓPRIO; SOBERBA.

Paciência — Aprende-se meditando em Jesus paciente: 128, 1 - prática progressiva: 128, 2; 292, 1 e 2 - permite-nos viver num estado de sofrimento sem perder a serenidade: 291, 1 - é a aceitação voluntária da dor em vista de Deus e da bem-aventurança eterna: 291, 2 - tornamo-nos pacientes aceitando dócilmente o que nos contraria e faz sofrer: 292, 1.

Necessidade de espírito de fé

para praticar a p. nas dificuldades da vida: 128, 2.

P. e humildade em suportar as injustiças: 279, 2; 351, 2 - p. nas dolorosas provas da purificação do espírito: 351, 1 e 2; 354, 1.

Paixão de Jesus — Predição da P.: 91, 1.

A mortificação voluntária, meio para participar na P. de J.: 93, 1 e 2 - participação na P. de J.: 126, 1; 132, 2; 376, 2 - acompanhar Jesus na Sua P.: 138, 1.

A consideração da P. torna a alma generosa em abraçar o sofrimento: 96, 2 - da contemplação de Jesus crucificado nasce o zelo pelas almas: 317, 2.

— diz-nos qual é a malícia e a força destruidora do pecado: 100, 2 - é a nossa salvação e a nossa esperança: 126, 1.

Jesus na Sua P. abraçou as dores de toda a humanidade: 128, 1 - atitude de Jesus perante a P.: 135, 1 - foi para a P. porque quis: *ib*; 136, 2 - Sua desolação, abandono e abjecção: 136, 1 e 2 - é a vítima que se imola por amor e livremente: 136, 2 - agonia no horto das oliveiras: 138, 1 - da prisão à crucifixão: 138, 2 - o abandono do Pai: *ib* - a morte de Jesus não é uma derrota, mas uma vitória: 139.

1 - Jesus proclamou-Se Rei no meio das inauditas humilhações da Sua P.: 383, 2.

A P. é a prova máxima do amor de Jesus por nós: 132, 2; 136, 2; 139, 2.

Quem resiste à graça resiste à P. de J.: 133, 2.

Ver: JESUS.

Paixões — Luta contra a paixão dominante: 103, 2.

Paz — Em que consiste a verdadeira p.: 33, 1 e 2 - p. prometida aos homens de boa vontade: 33, 2 - fruto da humildade: 111, 2.

A preocupação com a defesa dos próprios direitos faz perder a p. interior: 117, 2.

O dom de sabedoria estabelece a alma na p.: 314, 1 - pacífico é aquele que semeia a p., que cultiva a p.: *ib* - há pouca p. no mundo porque o homem não se deixa guiar pelo Espírito de sabedoria: 314, 2 - o prêmio dos pacíficos é ser chamados filhos de Deus: *ib*.

Os designios do Senhor são designios de p.: 350, 1.

Pecado — Desonra Cristo nossa Cabeça, contrista o Espírito Santo que habita em nós: 48, 2 - opõe-se à infinita perfeição de Deus: 54, 1 - fealdade e consequências: *ib*; 100, 1 e 2; 280, 1 - foi causa

da morte de Jesus: 54, 1 - é a força que separa o homem de Deus: 100, 1 - a graça transfigura o homem em Deus, o p. desfigura-o: 105, 1 - é obstáculo à efusão do Espírito Santo: 168, 2; 188, 1 - quem é escravo do pecado produz frutos de morte: 238, 1; 245, 1 - desarmonia produzida em nós pelo p.: 296, 1 e 2. Luta contra o p.: 54, 2; 98, 1; 100, 2; 101, 1 e 2 - é necessário destruí-lo nas suas raízes e nas suas causas: 54, 2; 100, 2; 103, 2 - horror e ódio ao p.: 280, 1; 299, 1 - remédios para o p.: humildade sincera e recurso confiante a Deus: 280, 2 - o verdadeiro mal não está tanto no cair, mas em não se levantar: 295, 1.

Jesus morrendo sobre a cruz destrói o p.: 54, 2; 168, 1 - Deus quer libertar-nos da escravidão do p.: 350, 1 - em Jesus temos a remissão dos p.: 383, 1.

Todos temos feridas do p.: 273, 1 - as nossas dívidas para com Deus são os nossos p.: 336, 1 - misericórdia de Deus ao perdoá-los: 336, 1 e 2 - devemos estar certos do perdão dos pecados sinceramente detestados: 246, 2; e confessados: 280, 2.

A primeira condição para ser santos é detestar o p.: 295, 2 - a alma que ama a Deus nada teme mais que o p.: 299, 1 -

bem-aventurados os que choraram os seus pecados: 310, 1 - o amor destrói os p.: 100, 2; 364, 2.

Pecado original: suas consequências: 2, 1; 26, 2; 38, 1; 127, 1 - depois do p. o. o homem perdeu o domínio do espírito sobre os sentidos: 92, 1.

Pecado mortal: está em completa oposição a Deus: 54, 1; 100, 1 - malícia e consequências: 100, 1 e 2 - luta contra o p. m.: 100, 2.

Deus investe com a Sua graça a alma limpa do p. m.: 78, 1.

Pecado venial: diminui o vigor da caridade e impede o seu desenvolvimento: 101, 1 - quando é deliberado e habitual conduz à tibieza: *ib*; 153, 1 - inclui sempre uma transgressão mais ou menos leve da lei de Deus: 102, 1.

Conduta perante os p. v. que escapam por fragilidade ou inadvertência: 101, 2.

Pedro (S.) — Conduta de P. na Paixão de Jesus: 135, 2 - P. constituído fundamento da Igreja: 375, 1 - onde está P. aí está a Igreja: *ib*.

Penitência — Sem obediência é p. de animais: 92, 2 - é meio para se assemelhar a Cristo crucificado: 93, 1 e 2 - relações entre p. corporal e p. espiritual: 94, 2 - a p. mais importante é a aceitação pa-

ciente das provas da vida: 213, 2.

Perdão das ofensas: 70, 2; magnanimidade e liberalidade do p. de Deus: 336, 1 - mesquinhhez e avareza do nosso: 336, 2.

Perfeição — só Deus é a p. infinita: 53, 1 - despojando as perfeições das criaturas de todos os limites e defeitos, podemos fazer uma pálida ideia das p. infinitas de Deus: 227, 2.

O monte da p.: 7, 1 e 2.

É necessário nunca se contentar com a p. alcançada: 53, 2; 99, 2 - o preceito de tender à p. não tem limites: 53, 2 - a p. cristã consiste na união com Deus mediante a caridade: 100, 1 - poucos chegam à p. porque poucos aceitam a purificação: 132, 1 - quanto importa alimentar desejos generosos para chegar depressa à p.: 289, 1 e 2; 290, 2 - um homem perfeito faz muito mais que um grande número de imperfeitos: 330, 2. O primeiro pensamento não deve ser a p. pessoal, mas a glória de Deus, o Seu gosto, o Seu beneplácito: 256, 1.

Perseverança — Necessidade da p. para tirar fruto da palavra de Deus: 84, 2 - p. na oração: 156, 1 e 2; na luta

contra os próprios defeitos e no esforço para adquirir as virtudes: 298, 2.

— dá remédio à instabilidade da natureza humana: 293, 1 - tem por objecto a estabilidade no esforço: *ib* - não é possível uma perfeita p. sem a intervenção habitual dos dons do Espírito Santo: 293, 2 - a nossa p. consiste no contínuo recomeçar: *ib*; 295, 2 - Deus coroará os nossos esforços com a graça da p. final: 293, 2 - persevera até ao fim aquele que, depois de cada queda se humilha e se levanta apoiando-se na força infinita de Deus: 295, 2.

Piedade (virtude da) — A verdadeira p. consiste no sentimento da nossa filiação divina e de fraternidade com todos os homens: 273, 2.

A p. filial é o coração da religião: 282, 1; e desabrocha na devoção: 282, 2 - imitar a p. filial de Jesus para com o Pai: 282, 1.

Piedade (dom de) — Infunde o sentido da filiação divina: 198, 1 - aperfeiçoa a virtude da justiça: 304, 1 - inspira o sentido da p. filial para com Deus: *ib* - sob a sua influência a oração torna-se mais cordial: *ib* - torna mais fraternas e cordiais as relações com o próximo: 304, 2 - ao

dom de p. corresponde a bem-aventurança dos mansos: 305, 1 e 2.

Pobreza — Imitação da p. de Jesus: 31, 2 - Jesus convida a segui-LO na p.: 85, 1.

A p. material sem a p. espiritual não tem valor: 85, 2; 300, 1 - só a p. de espírito liberta a alma da escravidão dos bens terrenos: 85, 2 - p. de espírito fruto do dom de temor: 300, 1 - a p. de espírito exige o desprendimento também dos bens morais e espirituais: 300, 2 - para conseguir a p. de espírito é necessário despojar-se de tudo aquilo que não é Deus: *ib*. A p. voluntária é o primeiro requisito para adquirir a caridade perfeita: 86, 1 - conceito e prática da p. voluntária: 86, 1 e 2.

Prática do espírito de p.: 87, 1 e 2 - o espírito de p. baseia-se na confiança na Providência: 87, 2.

Pontualidade — A p. no cumprimento do dever exige mortificação e desprendimento: 276, 2.

Presença de Deus em todas as criaturas: 10, 1; 152, 1; e na alma do justo: 10, 1 e 2; 152, 1; 160, 1; 251, 1 - Deus está sempre connosco mesmo quando não sentimos a Sua

p.: 141, 2 - oração baseada sobre a p. de Deus em nós: 152, 1 e 2 - continuo contacto com Deus presente em nós: 160, 1; 162, 1 e 2 - a p. de D. em nós torna-se mais profunda à medida que crescemos no amor: 301, 1.

Exercício da p. de D. e suas diversas formas: 162, 1 e 2 - consciência da p. de D. em nós e no próximo: 162, 2; 163, 2 - manter-se na p. de D. no meio das ocupações e dificuldades quotidianas: 163, 1 e 2. Ver: TRINDADE.

Progresso — É necessário progredir sempre na vida espiritual: 77, 1; 99, 1 e 2 - o p. não se mede pelo conforto que a alma experimenta: 153, 2 - o p. no caminho da santidade depende da generosidade com que nos sabemos renunciar a nós mesmos: 384, 2.

Exame de consciência, meio de p. espiritual: 103, 1 e 2.

Provas — Espírito de fé nas p.: 63, 1 - nas p. é necessário recorrer a Deus com confiança: 63, 2 - fidelidade a Deus nas p.: 105, 2.

Humilde aceitação das p. purificadoras: 237, 2; 351, 2 - se a alma é forte em aceitar as p. exteriores, Deus passa a purificá-la mediante as in-

teriores: 352, 1 - o maior tormento que a alma sofre no meio das p. purificadoras é o sentir-se indigna do amor de Deus e o temor de ser por Ele repelida: ib; é o receio de nunca poder chegar à união com Ele: 353, 1 e 2; e de O não saber amar: 355, 2. Toda a p. é uma grande misericórdia de Deus: 237, 2 - Deus prova as almas que ama: 248, 1 - Deus não nos manda nunca p. superiores às nossas forças: ib - mediante as p. purificadoras Deus ajuda a alma a crescer no amor: 355, 1 ; e ensina-lhe a perfeição do amor: 355, 2.

Ver: ARIDEZ; NOITE DOS SENTIDOS; NOITE DO ESPÍRITO; PURIFICAÇÕES.

Providência Divina — Confiança na P.: 87, 2; 239, 2; 287, 2 - a confiança na P. liberta a alma da preocupação excessiva dos bens terrenos: 87, 2; 287, 2 - e dá coragem para se submeter às privações: 98, 1 - uma alma que se deixa guiar pela P. D. não foge das ocasiões de sofrimento que encontra no seu caminho: 97, 2. — tudo permite e dirige para o nosso bem: 128, 2; 130, 2; mesmo o sofrimento, o mal e as consequências do pecado: 248, 1; 292, 2 - nada escapa ao seu governo: 163, 1; 239, 1; 244, 2 - é tão grande que, ao

abraçar o universo, tem cuidado especial de cada uma das criaturas por pequena que seja: 239, 2.

— serve-se dos nossos defeitos e das nossas quedas para nos humilhar e nos fazer compreender a nossa miséria: 295, 1 - serve-se dos defeitos dos outros para nos fazer exercitar na virtude: 292, 1 e 2; para mortificar o nosso amor próprio e purificar-nos das nossas imperfeições: 351, 2 - escolhe e dispõe os sofrimentos da vida para nossa purificação: 351, 1 e 2.

Ver: DEUS.

Prudência necessária para não se deixar enganar por falsas aparências: 238, 2.

Saracidade em prover aos nossos interesses eternos: 245, 2; 272, 2 - a p. prescreve-nos o que é necessário fazer e evitar em ordem ao fim a alcançar: 272, 1 - a p. sobrenatural consiste em valorizar ao máximo o instante presente em ordem ao fim eterno: 272, 2.

A p. cristã não tem nada de comum com a p. da carne: *ib.*; 275, 2 - p. nas deliberações: 274, 1 e 2 - a p. é aperfeiçoada pelo dom de conselho: 274, 1; 306, 1 - para que o juízo e a escolha sejam prudentes devem estar livres de movimentos egoístas: 274,

2 - a p. é a reguladora de todas as outras virtudes: 275, 1 - a p. cristã vai pelo caminho recto do dever e da verdade: 275, 2 - relações entre prudência e rectidão: *ib.*

Pureza — A p. do coração torna a alma capaz de compreender as coisas divinas: 90, 2 - é necessária para penetrar os mistérios divinos: 312, 1 - p. do coração fruto do dom de entendimento: 312, 2 - a primeira condição para chegar a Deus é a p. total, fruto do desapego total: 379, 2. Ver: CASTIDADE.

Purgatório — Não seria necessário se fôssemos perfeitamente fiéis à graça: 385, 2 - no p. sofre-se sem crescer no amor, ao passo que a purificação realizada neste mundo aumenta em nós a graça e a caridade: *ib.*

Purificação — Necessidade: 78, 1 e 2; 132, 1; 237, 2; 316, 1; 346, 1 e 2; 348, 1; 385, 2 - Deus invade as almas na medida em que se purificam de toda a mancha de pecado e de imperfeição: 78, 1 e 2 - poucas almas chegam à plenitude de vida espiritual porque poucas sabem aceitar a p.: 132, 1; 354, 1 - o fim das provas purificadoras é a reparação das culpas cometidas e a destrui-

ção das últimas raízes do pecado: 237, 2 - é necessária uma profunda p. para vencer completamente o dualismo entre o eu e Deus: 332, 2 - para extirpar as raízes dos hábitos imperfeitos é necessária aquela amarga p. que é a noite do espírito: 347, 1; 352, 1.

Só Deus pode realizar a p. da alma: 83, 2; 132, 1; 194, 2; 351, 1; 352, 1 - se bem que muito penosa a p. é obra do amor de Deus: 348, 1 e 2; 354, 1 - Deus purifica a alma de toda a mancha que impede a perfeita união com a Sua pureza infinita: 348, 2 - Deus purifica as almas através das circunstâncias da vida: 351, 1 - a p. da alma é obra do Espírito Santo: 194, 2; 316, 1 - Ele, investindo-a com a viva chama do Seu amor, destrói e consome todas as suas imperfeições: 352, 1 e 2 - quanto a alma sofre em tal estado: *ib* e *seg.* - paciência e confiança no trabalho da p.: 354, 1 - os sofrimentos purificadores são ordenados ao desenvolvimento do amor: 355, 1 e 2 - o Espírito Santo invade a alma com a chama da Sua caridade quanto mais a encontra purificada de todas as coisas contrárias ao amor: 360, 2 - por meio da p. espiritual Deus desperta na

alma desejos de amor divino: 361, 1.

Dispor-se para a p. mediante a luta contra o orgulho e o amor próprio: 316, 1 - desejar e pedir a graça da p.: 346, 2; 385, 2 - devemos aceitá-la para dar a Deus a prova do nosso amor: 348, 2 - aceitação amorosa, paciente e humilde dos sofrimentos purificadores: 351, 1 e 2 - se não soubermos aceitar a p. aqui na terra, teremos que suportar no purgatório: 385, 2. Ver: ARIDEZ; NOITE DOS SENTIDOS; NOITE DO ESPÍRITO; PROVAS.

Pusilanimidade — Impede as almas de realizar grandes coisas pelo excessivo temor dum mau êxito: 289, 2 - o pusilânime é vil e soberbo: *ib.*

Quaresma — Tempo de reforma espiritual: 77, 1; dedicado à lembrança da Paixão de Jesus: 91, 1; à penitência: 94, 2; e à luta contra o pecado: 98, 1 - programa quaresmal: 99, 1 e 2.

Recolhimento — Esperar no r. a vinda de Jesus: 8, 2 - o r. não deve impedir o exercício da caridade: 14, 2; 64, 2; 181, 1 e 2.

R. e silêncio interior: 17, 1 e 2; 378, 2 - guardar o r. na ac-

tividade: 21, 2 - r. necessário para penetrar e praticar a palavra de Jesus: 55, 2; 84, 2; para compreender os conselhos do Espírito Santo: 306, 2. — dispõe para a contemplação: 145, 2 - oração de r.: 152, 1 e 2.

Rectidão de intenção no apóstolado: 25, 2; 332, 1 e 2 - necessidade da r. de intenção: 285, 2.

Relações entre prudência e r.: 275, 2 - r. necessária para não se desviar da justiça: 278, 2. Ver: **INTENÇÕES**.

Redentor - Redenção — Expectativa do R.: 1, 1 e 2; 22, 1 e 2.

Nossa colaboração na obra da R.: 23, 1 e 2; 24, 1 e 2.

Do duplo mal do pecado e do sofrimento Deus tirou o grande bem da nossa R.: 127, 1 - a obra da R. é a mais gloriosa manifestação da bondade infinita de Deus: 226, 1 - mediante a R. a humanidade foi enxertada em Cristo: 238, 1 - a obra da R. está sempre em acto e nós vivemos sob o seu influxo: 273, 1; 280, 2 - todos os mistérios da nossa R. são mistérios de amor: 376, 1.

Ver: **JESUS; INCARNAÇÃO; PAIXÕES**.

Regra (regulamento de vida)

— É manifestação da vontade de Deus: 276, 2 - pontualidade e exactidão em cumpri-la: **ib**.

Religião (virtude da) — dá-nos o sentido profundo das nossas relações com Deus e com os irmãos: 273, 2 - a alma da r. cristã é a piedade filial: 282, 1.

— inclina-nos a prestar a Deus o culto devido: 281, 2 - honra a Deus de um modo digno dEle enquanto participa dar. de Cristo: **ib** - faz da nossa vida um continuo acto de homenagem a Deus: **ib**.

Renúncia de si, base indispensável da vida espiritual: 54, 2 - r. total necessária para chegar à união com Deus: 79, 2; 80, 1 - quando a alma tiver chegado a renunciar-se em tudo, adquirirá a pérola preciosa da união divina: 82, 1 - a r. põe-nos no caminho da conformidade com Jesus crucificado: 194, 2 - liberta a alma para que possa empregar todas as suas forças em amar a Deus: 253, 2 - é exercício de amor: **ib** - o caminho que conduz à união com Deus consiste em abnegar-se de veras: 349, 1.

— a tudo o que não seja para honra e glória de Deus: 62, 2; como também a qualquer satisfação e afecto que não con-

duzam a Deus: 81, 1 - à satisfação de se dar conta do próprio caminho interior: 115, 1 - à defesa dos próprios direitos: 177, 2 - à própria vontade mediante a obediência: 120, 1 e 2 e seg. - ao próprio modo de ver para agir segundo a vontade de Deus manifestada através das ordens dos superiores: 124, 1 - aos próprios gostos e direitos, às próprias ideias em favor da caridade e da união fraterna: 269, 1 e 2; 308, 1 e 2.

— necessária às almas consagradas a Deus: 76, 1.

Ver: ABNEGAÇÃO; DESAPEGO; MORTIFICAÇÃO.

Reverência perante a majestade de Deus: 155, 2; 359, 1 - infundida pelo dom de temor: 299, 2.

Rosário — é a meditação da vida de Maria: 281, 1 - ajuda-nos a penetrar nos mistérios de Cristo: 381, 2.

Sabedoria — A do mundo é loucura diante de Deus: 234, 2 - é s. julgar as coisas segundo aquilo que valem diante de Deus: *ib.*

Dom de sabedoria: faz saborear as coisas de Deus: 213, 1 - actua mediante a caridade: 313, 2 - introduz a alma na oração de união: *ib.* - sob o seu influxo a alma julga todas

as coisas segundo as razões divinas: 314, 1 - a ele corresponde a bem-aventurança dos pacíficos: *ib.* - estabelece a alma na paz dos filhos de Deus: 314, 2.

Sacerdote-Sacerdócio — Função e dignidade: 68, 1 e 2 - perpetua no meio de nós a obra de Jesus: 68, 2 - é órgão de comunicação e de incremento da vida do Corpo místico de Cristo: 341, 1.

Deveres para com os s.: respeito, reconhecimento, oração: 68, 1 e 2.

Chamamento ao s. e correspondência da alma: 75, 1; 76, 1 e 2.

Sacramentos — Rito exterior realizado pela Igreja, efeito interior produzido por Cristo: 65, 1.

Operam «ex opere operato»: 69, 2 - disposições para os receber: *ib.*

Sacrifício — É o mais poderoso meio do apostolado: 24, 1 e 2; 25, 2; 326, 1 e 2 - torna fecundas as obras: 36, 1; e a oração: 59, 2 - os nossos s. valem só enquanto oferecidos em união com o S. de Jesus: 166, 2.

Todas as vezes que fugimos ao s. comportamo-nos como inimigos da cruz de Cristo: 350, 1.

Ver: CRUZ; DOR; SOFRIMENTO.

Sagrada Escritura — Inspiração pelo Espírito Santo: 167, 2; 190, 2 - meditar a S. E. é frequentar a escola do Espírito Santo: 190, 2.

Sagrado Coração de Jesus — O amor ao C. de J. é fonte e causa de todos os Seus dons: 208, 1; 209, 2 - o C. de J. encerra o mistério do amor de Deus pelos homens: 208, 2 - é o símbolo e a imagem do amor de Jesus: 209, 1; 210, 1. Objecto principal da devoção ao S. C. é o amor de Jesus: 209, 1 - a devoção ao S. C. toca no fundo de todos os mistérios do Redentor: 209, 2; e tem por fim impelir-nos a pagar-Lhe o Seu amor: 211, 1 e 2; 212, 1 - contemplando e penetrando o C. de Cristo compreende-se melhor o Seu amor: 211, 2; 215, 1 - a devoção ao S. C. impele à reparação: 213, 1 e 2 - modelar o próprio coração pelo C. de Cristo: 214, 1 - imitar a mansidão e humildade do C. de Jesus: 214, 1 e 2.

A consagração ao S. C. é a resposta ao Seu amor: 212, 1 - consagrar-se ao S. C. significa escolher a Sua vontade, os Seus desejos, os Seus gostos, para norma da própria vida: 212, 2.

— é a morada da alma de vida interior: 215, 1; e refúgio nas tentações: 215, 2 - confiança no C. de J. nas quedas e infidelidades: *ib* - o C. de J. vivo na Eucaristia: 216, 1.
Ver: JESUS.

Salvação eterna — Deus quer que todos se salvem: 2, 1; 247, 1 - Deus dá a todos as graças necessárias para se salvarem: 2, 1 - Jesus é a única fonte da nossa s.: 28, 1; 37, 1; 38, 2.

A salvação de muitos depende das nossas orações e mortificações voluntárias: 23, 2; 318, 2; 325, 1 - muitos não se salvam porque não há quem reze e se sacrifique por eles: 326, 2.

Santidade — Chamamento à s.: 2, 2; 77, 2 - a vontade de Deus é a nossa santificação: 2, 2; 247, 1; 298, 1; 316, 1 - devemos estar certos de que Deus nos concederá todas as graças necessárias para nos santificarmos: 246, 2; 295, 2 - se não podemos esperar alcançar a s. com as nossas forças, devemos esperar alcançá-la com a força de Deus: 249, 1; 295, 2 - nenhuma criatura no mundo tem o poder de nos afastar do caminho da s.: 331, 1 - Deus deseja mais do que nós a nossa santificação: 334, 1; e deseja imensamente tra-

balhar nas nossas almas para nos conduzir à s.: 355, 1.

Jesus mereceu-nos todas as graças necessárias à nossa santificação: 2, 2; 246, 2; 266, 2; 325, 1; 363, 2 - Jesus é a única fonte da nossa s.: 38, 2 - ensina-nos a santificarmos-nos e dá-nos os meios para isso: 53, 1 - o caminho da s. é a imitação de Cristo: 57, 1 e 2; conformidade com ele: 193, 1 e 2.

— consiste no grau de graça e de amor que a alma possui: 3, 1 e 2; 4, 2; na perfeita conformidade com a vontade de Deus; 5, 1 e 2; 6, 2; 193, 2; 362, 2; no contínuo e exacto cumprimento do dever: 6, 2; no contínuo tender para a perfeição infinita de Deus: 53, 2 - é plenitude de amor e de graça: 99, 2 - não consiste em palavras e suspiros, mas na prática da vontade de Deus: 238, 1 - consiste numa disposição do coração que nos torna humildes e pequenos, conscientes da nossa fraqueza e confiados em Deus até à audácia: 247, 2 - consiste na contínua adesão à graça: 252, 2 - para nos tornarmos santos o essencial é o exercício das virtudes: 298, 2.

— é possível a toda a alma de boa vontade: 5, 1; 175, 2 - é necessário santificar-se para santificar: 24, 2; 323, 1 - o ideal apostólico é uma ala-

vanca poderosa para a santificação pessoal: 323, 2 - é necessário oferecer ao mundo incarnações concretas do ideal de s.: 327, 1 - necessidade de apóstolos santos: 330, 2 - os apóstolos devem santificar-se em vista e por meio do apostolado: 331, 1 e 2 - a s. autêntica é adornada sempre com a auréola da paternidade ou maternidade espirituais: 341, 2.

O modelo de toda a s. é Deus: 53, 1 e 2 - para nos tornarmos santos é preciso viver plenamente como filhos de Deus: 58, 1 - a s. deve ser o fruto da vida cristã: 238, 1 - deve ser acompanhada da afabilidade do trato: 335, 1.

Necessidade de progredir no caminho da s.: 77, 1 - para alcançar a s. é preciso não se cansar de combater: 77, 1 - Deus previne-nos com a Sua graça, mas não nos santifica sem a nossa colaboração: 77, 2; 84, 1 e 2; 99, 2 - o desejo da s. é a mola da vida espiritual: 99, 1 - o segredo para chegar à s. é nunca parar no esforço de tender para ela: 99, 2 - é necessário manter sempre desperta a tendência para a s.: 103, 2 - a herança daqueles que tendem à s. é a união com Deus: 364, 1.

O caminho da s. é o da renúncia total: 79, 2 - não é possível s. sem mortificação:

92, 1 e 2 - quanto mais alto é o ideal de s. a que se aspira, tanto mais é necessária a humildade profunda: 106, 2 - para sermos santos é necessário sofrer: 132, 1; 194, 1 e 2; é necessário ter um coração magnânimo que deseje fazer grandes coisas por Deus: 289, 1 e 2; não se deve fugir das ocasiões de exercitar a paciência: 292, 1; é preciso perseverar no bem até ao fim: 293, 1; e fazer violência a si mesmo: 384, 2.

Nossa insuficiência perante a s.: 191, 1 e 2; 192, 1 - perante a santidade s o m o s sempre aprendizes: *ib* - o Espírito Santo mestre de s.: *ib* - a nossa santificação é uma questão de docilidade ao Espírito Santo: *ib* - necessidade do socorro do Espírito Santo para alcançar a s.: 191, 1 e 2; 192, 1; 193, 2; 195, 1; 298, 2; 316, 1 e 2 - o Espírito Santo dá à alma fome e sede de s.: 303, 1 e 2.

Os santos são os homens mais perfeitos também sob o ponto de vista humano: 335, 2; ensinam-nos o caminho que conduz à s.: 384, 2.

Sentidos — Guarda dos s.: 16, 1 e 2; 17, 1 - para chegar à união divina é necessário a total mortificação dos s.: 83, 1 - usar os s. só na medida requerida pelo dever: 89, 2 - mortificação do gosto: 296, 2

- a desordem mesmo leve dos s. enfraquece a vida do espírito: *ib*.

Como recolher os s. na oração: 152, 2.

Silêncio exterior e interior: 17, 1 e 2 - o s. interior torna possível o contacto com Deus: 378, 2.

Ver: RECOLHIMENTO.

Simplicidade no sofrimento: 130, 1 e 2.

— é a exclusão de toda a duplicidade da mente ou da vontade: 229, 2; 285, 1 - a s. perfeita faz viver unicamente de Deus e para Deus: *ib* - a alma simples segue uma única luz, apoia-se numa única força, tende para um único fim, Deus: *ib* - não se preocupa com o juízo e o favor dos outros: 285, 2.

Relações entre s. e prudência: 238, 2; 257, 2.

Sinceridade — A alma sincera reconhece os seus defeitos: 140, 1; 284, 1.

S. para com o próximo: 284, 2 - palavras e acções devem exprimir a verdade amada interiormente: *ib*.

Soberba — tem o triste poder de impedir a obra da misericórdia infinita de Deus: 236, 1; 259, 2 - Deus resiste aos so-

berbos e dá a graça aos humildes: *ib.*

— impede a caridade: 259, 2 - quem é soberbo leva consigo um foco de discórdia: 294, 1 - a s. é obstáculo à fé: 315, 1. Ver: **ORGULHO.**

Sofrimento — Seu valor: 91, 1 e 2; 127, 1 e 2 - tem valor somente se é oferecido com Cristo e por Cristo: 93, 2 - valor do s. permitido por Deus através das circunstâncias da vida: 97, 2; 213, 2 - o s. é amável só em vista de um bem que se pode alcançar por meio dele: 127, 1 - valor e fecundidade dos s. quotidianos: 129, 1 e 2; 194, 2 - fecundidade do s.: 139, 1.

É impossível chegar à glória eterna sem passar através do s.: 105, 1; 161, 1 - os s. de hoje não têm proporção com a glória que nos espera: *ib.*; 217, 1; 310, 2 - enquanto estivermos na terra temos necessidade do s. para provar a Deus o nosso amor: 360, 1 - na terra o s. não pode faltar: 370, 2 - devemos ser generosos no padecer para expiar as nossas culpas: 385, 2.

Qualquer s. pode harmonizar-se com os ideais do cristão: 127, 2 - a caridade torna-nos capazes de abraçar qualquer s. sem ficarmos oprimidos: *ib.* - sofrer por amor de Jesus que sofreu por nosso amor:

128, 1; 291, 2 - os nossos s. são nada em comparação com os de Jesus: 128, 1; 130, 1 - espírito de fé nas ocasiões de s.: 128, 2; 351, 2 - mediante o s. a alma dá glória a Deus e demonstra-Lhe o seu amor: 132, 2 - só Deus pode infundir o amor ao s.: 360, 2.

— é permitido por Deus para a nossa santificação: 128, 2; 129, 2; 291, 1; 351, 1 - quanto mais o Senhor nos faz sofrer, tanto mais nos santifica e nos ama: 132, 2 - Deus permite o s. para o bem dos Seus eleitos: 248, 1 - o dom de ciência faz-nos compreender a bem-aventurança dos s. abraçados por amor de Deus: 310, 2 - quanto é necessário sofrer para chegar à união com Deus: 347, 2; 348, 1 e 2 - Deus escolhe e dispõe os s. da nossa vida para a nossa purificação: 351, 1.

Proveito que a alma tira do s. abraçado por amor de Deus: 128, 2; 129, 2 - cada s. aceite das mãos de Deus é meio de santificação: *ib.* - confiança e abandono em Deus no s.: *ib.*; 130, 1 e 2; 138, 2 - esquecimento de si e simplicidade no s.: 130, 1 - a alma simples é aquela que sabe sofrer com grande coragem: *ib.* - necessidade do s. para a nossa purificação: 132, 1; 248, 1; 351, 1 e 2 - não basta o s. activo, é necessário o passivo: 132, 1 - a pa-

ciência torna-nos capazes de suportar os s. quotidianos sem perder a serenidade: 291, 1 - os santos foram ávidos de ocasiões de s.: 292, 2; 360, 1 - sofrer sem se lamentar: 292, 2. Sofrer as injustiças com serenidade: 279, 2.
Ver: CRUZ; DOR; PROVAS.

Solidão — É necessária para encontrar Deus: 12, 1 - s. interior: 13, 1.

Superiores — Quem obedece aos s. obedece a Deus: 120, 1; 124, 2 - ver Deus nos s.: 123, 1; 125, 1 - mediante as ordens dos s. Deus faz-nos agir segundo a Sua maneira de ver: 124, 1 - as ordens legítimas dos s. são manifestações seguras da vontade de Deus: 124, 2 - nos s. é necessário considerar a autoridade que vem de Deus: 125, 1 e 2.

Deus governa-nos mediante os s. e não obstante os seus erros: 123, 2 - não parar a raciocinar sobre as suas lacunas e defeitos: ib; 125, 1 e 2.

Deveres dos s.: 125, 2.

Ver: OBEDIÊNCIA.

Temor — O t. de Deus que deriva do amor torna a alma diligente: 276, 1 - diferença entre o t. servil e o t. filial: 199, 1 - o t. filial perfeito é fruto do amor perfeito: 299, 2. Dom de temor: inspira o ódio

ao pecado, ofensa de Deus: 299, 1 - aperfeiçoa as virtudes da esperança e da temperança: 299, 2 - infunde reverência filial para com a majestade de Deus: ib - ao d. de t. corresponde a bem-aventurança dos pobres de espírito: 300, 1.

Temperança — Modera o desejo desordenado do gozo sensível: 296, 1; 299, 2 - ajuda a restabelecer a harmonia perdida pelo pecado: 296, 1 e 2 - t. acerca do sentido do gosto; 296, 2.

Tempo — Bom emprego do t.: 35, 1 e 2; 329, 1 - aquilo que não serve para a nossa santificação ou para a dos outros é perda de t.: 61, 1.

O t. é de Deus: 36, 2 - Jesus voltará no fim dos t. para colher os frutos da Sua obra e do Seu Sangue: 364, 2.

Ver: VIDA TERRENA.

Tentações — Conduta a seguir nas t.: 98, 1 e 2 - em cada t. Deus dá-nos sempre graça suficiente para vencê-la: 98, 2; 252, 1 - as t. mais perniciosas são o desânimo e a desconfiança: 295, 1.

Tibieza — Causas e consequências: 101, 1 - a alma tibia não sente a necessidade de Deus: 141, 1 - as infidelida-

des voluntárias podem arrastar para a t. uma alma fervorosa: 153, 1.

Trindade — Sua inabitação na alma em graça: 10, 1 e 2; 11, 1; 16, 1; 152, 1; 183, 2; 222, 1; 223, 1 - vive na alma em graça para a associar à Sua vida: 222, 2 - as Pessoas divinas estão presentes na alma e comunicam-Se-lhe cada uma segundo as próprias características: *ib*; 225, 1 - progressivas efusões da T. na alma do justo: 223, 1 e 2.

Toda a T. concorre para a obra da Incarnação: 26, 2 - todas as obras externas de Deus são comuns às três Pessoas da SS.ma T.: 186, 2; 225, 1 - toda a T. Se dá ao homem para o remir, santificar e introduzir na Sua intimidade: 189, 1; 221, 2; 225, 1 - todo o dom provém da T.: 196, 1; 226, 1 - obra misericordiosa da T. em benefício das nossas almas: 196, 1; 221, 2.

Igualdade das três Pessoas divinas: 27, 1 - vida íntima da T.: 186, 1; 196, 2; 220, 2; 250, 1 e 2 - sublimidade do mistério Trinitário: 196, 2 - incompreensibilidade deste mistério: *ib*; 221, 1 - foi-nos revelado por Jesus: 220, 1 - o mistério Trinitário revela-nos, mais do que qualquer outro, a perfeição da bondade de Deus: 220, 2 - revelando-nos o mistério

da T., Deus desvendou o segredo da Sua vida íntima: 221, 2 - a T. é a raiz e o centro de todos os outros mistérios: 226, 1.

Vida de íntima união com a T.: 58, 2; 61, 2; 116, 2; 183, 2; 225, 1 e 2 - união com a T. alimentada pela Eucaristia: 219, 1 e 2 - a união com a T. torna-se mais profunda na medida em que a caridade e a graça aumentam na alma: 223, 1 - relações particulares com cada uma das Pessoas divinas: 225, 2.

O fim da Incarnação e da Redenção é reconduzir o homem à T.: 116, 2; 219, 1; 222, 1; 225, 2 - o fim da vida cristã é tornar-nos participantes da vida da T.: 116, 2 - tudo é ordenado para a glória da T.: 226, 1 e 2 - viver para a glória da T.: *ib*.

Atitude de humildade e de fé em face da T.: 221, 1.

Unção dos doentes — Aperfeiçoa a purificação da alma para a preparar para o encontro com Deus: 74, 1 - necessidade de a receber com as devidas disposições: 74, 2.

União com Deus — Requer a total conformidade da nossa vontade com a vontade de Deus: 5, 2; 78, 2; 120, 1; 272, 1; 346, 1; 362, 1 - mais que na doçura da oração, realiza-se

no cumprimento da vontade de Deus: 21, 1 - o estado de u. consiste em estar a alma quanto à vontade toda transformada na vontade de Deus: 5, 2; 251, 2; 362, 1 - em tal estado a vontade de Deus torna-se vontade da alma: 7, 1; 362, 1 - a medida da u. com Deus é a medida da conformidade com o Seu querer: 346, 1.

A força que une a alma a Deus é o amor: 4, 2; 100, 1; 250, 1; 345, 1 e 2; 361, 1 e 2 - não é o sentimento do amor que nos une a Deus, mas o acto de amor que procura Deus e a Sua vontade: 255, 2 - em que consiste a u. de amor com Deus: 345, 2 - une-se mais a Deus a alma que está mais avançada no amor: *ib*; 346, 1 - a um maior grau de amor corresponde uma maior união com Deus: 361, 1 e 2.

Quanto mais fé tiver a alma, tanto mais unida estará a Deus: 18, 1 - a alma dispõe-se para a u. com pureza e amor: 78, 2; alcança a u. com D. na proporção da sua humildade: 106, 1 e 2 - o caminho mais curto para chegar à u. com D. é a obediência: 122, 1 - unimo-nos a Deus mediante as virtudes teologais e na medida da sua pureza e intensidade: 248, 1.

— é a condição indispensável

para a eficácia do apostolado: 25, 1 - u. com D. e dependência d'Ele em todas as obras: 61, 2 - a u. com D. e com o próximo é o segredo da vitória sobre o mal: 112, 2 - bem-aventurada a alma que está unida a Deus mediante a observância da Sua palavra: *ib* - a u. com D. exige u. com os irmãos: 271, 2 - quanto mais a alma se une a Deus tanto mais se inflama na Sua caridade e se torna apostólica: 339, 1; tanto mais participa da Sua inesgotável fecundidade: 341, 1. Não pode chegar à u. a alma que conserva ainda qualquer apego e imperfeição: 78, 1 e 2; 79, 1; 80, 1 e 2; 82, 1; 346, 1 e 2; 359, 1 - uma só imperfeição voluntária é impedimento para a u.: 78, 2; 79, 1; 102, 1 - todo o afecto desordenado impede a u.: 80, 2; 81, 1; 349, 1 - quem quer unir-se a Deus não deve deixar prender o coração às criaturas: 227, 2 - as faltas de caridade fraterna impedem a u. com D.: 365, 2.

Necessidade de purificação para chegar à u.: 78, 1 e 2; 132, 1; 237, 2; 316, 1; 346, 1 e 2; 347, 2; 348, 1 e 2 - quando a alma tiver chegado a negar-se em tudo, o próprio Deus lhe porá nas mãos a pérola da u. divina: 82, 1 - nenhum sacrifício é demasiado pesado, nenhuma purificação é dema-

siado penosa para chegar à u. com D.: 347, 2; 348, 2; 356, 1; 366, 2; 368, 1 - o amor divino antes de unir e transformar a alma em Si, purifica-a de todos os acidentes contrários: 348, 1 - quanto é necessário sofrer antes de chegar à u.: 348, 1 e 2 e seg.: - Deus nada mais deseja do que unir a alma a Si e por isso purifica-a de toda a mancha que impediria a perfeita u. com a Sua pureza infinita: 348, 2 - o caminho que conduz à u. com D. consiste em renunciar-se deveras no interior e no exterior, abraçando o sofrimento por Cristo: 349, 1 - para chegar à u. com D. a alma deve ser reduzida a nada: 351, 2; 352, 2 - muitas almas não chegam à u. com D. porque não querem aceitar o trabalho da purificação: 354, 1 - só o caminho da cruz conduz à u. com D.: 354, 1 e 2 - a u. com D. não consiste em gozos e sentimentos, mas numa viva morte de cruz: 354, 2 - enquanto estamos na terra o sofrimento nunca falta mesmo no meio das delícias da u. divi..a: 370, 2.

A u. com D. mediante a caridade é a essência da perfeição cristã: 100, 1 - o fim do homem é a u. com D.: 345, 1 - a alma que ama verdadeiramente a Deus anseia por gozar antecipadamente na ter-

ra a sua u. com Ele: 1b; 347, 2 - a divina semelhança natural e sobrenatural que Deus imprimiu na alma exprime o Seu desejo de a unir a Si e constitui a base desta u.: 358, 1 - o amor torna a alma ousada para aspirar à u. com D. e impaciente por lá chegar: 358, 1 e 2; 359, 2 - apesar da sua fraqueza e miséria a alma espera alcançá-la com o auxílio de Jesus: 1b - Jesus mostrou-nos o caminho da u. e obteve-nos os meios para a conseguirmos: 363, 2 - a u. com D. é a nossa herança porque Jesus no-la mereceu com o Seu Sangue: 364, 1.

Perfeita união da vontade: 361, 1 e 2 - é a essência da santidade e deve preferir-se a todas as graças místicas: 362, 2 - pode alcançá-la toda a alma de boa vontade, contanto que seja generosa: 1b; 363, 1 e 2 - pode obtê-la esforçando-se por submeter a própria vontade à vontade de Deus: 363, 1 - a característica da u. da v. é o sim do seu consentimento que a alma dá inteiramente a Deus: 365, 1 - Deus comunica-Se e dá-Se à alma que se dá inteiramente a Ele: 366, 1 e 2.

União total é uma transformação total em Deus: 367, 1 e 2 - em tal estado a alma possui Deus como seu princípio de vida: 367, 2; está toda empe-

nhada no exercício do amor e mesmo os seus primeiros movimentos são movimentos de amor: 368, 1; torna-se divina e Deus por participação, quanto é possível nesta vida: 369, 1; ama Deus com o mesmo amor com que Ele a ama, porque O ama juntamente com o Espírito Santo: 369, 2; goza uma profunda intimidade com Deus: 370, 1; torna-se espontaneamente apostólica desejando arrastar consigo uma multidão imensa de almas: *ib.*

Ver: MATRIMÓNIO ESPIRITUAL; DESPOSÓRIO ESPIRITUAL; VONTADE DE DEUS.

Verbo (segunda Pessoa da SS.ma Trindade) — em tudo igual ao Pai e ao Espírito Santo: 27, 1.

Incarna por nosso amor: 27, 2; para nos comunicar o ser sobrenatural: 39, 2 - incarnando, esconde a Sua grandeza e divindade: 31, 1.

Ver: JESUS; INCARNAÇÃO.

Verdade — Desculpar as próprias faltas é tornar-se incapaz de ver a v. da própria situação: 118, 1.

Alegria na v.: 140, 1 - a v. deve operar-se na caridade: *ib.*

Ver: SINCERIDADE.

Vida espiritual — Despertar o fervor da v. e.: 1, 2; 77, 1 - renovação da v. e.: 140, 2; 141, 1 - na v. e. é necessário recomeçar todos os dias: 217, 1 e 2 - a falta de unidade profunda torna fraca a v. e.: 228, 2 - mesmo depois de longos anos de v. e. pode recomeçar a luta da carne contra o espírito: 245, 1; 287, 1.

Enquanto não se compreende que Deus é amor infinito, a v. e. permanece em gérmen: 30, 2 - a fome de Deus é indício de uma v. e. eficiente: 141, 1 - a v. e. depende muito da ideia que fazemos de Deus: 211, 2.

Vida interior — É a alma do apostolado: 25, 1; 321, 2; 323, 1 - deve ser orientada para a salvação das almas: 317, 1 - o ideal apostólico impele as almas para uma v. i. mais profunda: 323, 1 - uma v. i. indiferente ao bem das almas é necessariamente uma vida diminuída, pobre, mesquinha: 323, 2 - profunda v. i. necessária aos apóstolos: 330, 1 e 2 - não há v. i. autêntica que não seja coroada pela paternidade ou maternidade espirituais: 341, 2.

Quem vai à procura da estima das criaturas ou quer fazer valer os próprios direitos não pode ter uma profunda v. i.: 114, 2; 117, 2.

— conduz à amizade íntima com Deus: 321, 1 - é a forja secreta onde a alma, ao contacto com Deus, se inflama no Seu amor: 321, 2 - o desenvolvimento da v. i. comporta o duplo atractivo de união com Deus e de apostolado: 342, 2.

Vida terrena — É um contínuo fluir do tempo: 35, 1 - feliz a alma que no fim da v. puder ser logo admitida à união beatífica do céu: 364, 2 - no fim da v. só terá valor o grau de amor alcançado: 384, 1 - morre a v. do corpo, mas permanece a v. do espírito: 385, 2.

— é uma peregrinação para a vida eterna: 161, 1 e 2; 175, 1 - deve ser uma preparação para o encontro com Deus: 182, 1 - é um caminho de regresso a Deus: 345, 1 - enquanto estivermos na terra, devemos desejar Deus e o céu: 179, 1; 182, 1.

A bondade da nossa v. há-de ser comprovada pelo cumprimento da vontade de Deus: 238, 2 - a v. t. é uma luta contínua: 245, 1; 287, 1 - a maior imprudência que se pode cometer no caminho desta v. é seguir o próprio capricho e a própria vontade: 329, 1.

Virtude — Consolida-se nas dificuldades: 63, 1 - as v. heróicas desabrocham no meio

das dificuldades: 128, 1.

Ninguém pode fazer o mínimo acto de v. sem o socorro da graça actual: 107, 2 - embora tendo-se exercitado muito na v. a alma não deve contar com as suas forças: 108, 2 - o maior obstáculo para a aquisição das v. é crer que já as adquiriu: 117, 2.

O exercício intenso das v. é a disposição necessária para receber os dons divinos: 145, 2 - o exercício das v. é indispensável: 197, 1; 298, 1 e 2 - mediante este exercício a alma dispõe-se para receber a ajuda e os dons do Espírito Santo: 197, 1; 298, 2; 302, 2 - as v. infusas são capitais que só rendem se os soubermos empregar com boa vontade: 288, 2 - é preciso não se contentar com pequenos actos de v., mas fazer actos generosos, heróicos: 289, 1 - o essencial para sermos santos é o exercício das v.: 298, 1.

Deus serve-Se de todas as circunstâncias da vida para nos convidar a praticar a v.: 163, 2; 266, 2; 292, 1 - Deus só nos dará as v. se nos aplicarmos a exercitá-las: *ib.*

As v. infusas são princípios sobrenaturais de actividade: 195, 1 - Deus infundiu em nós as v. sem nenhum mérito nosso, mas não as faz crescer sem a nossa colaboração: 298, 1 - não se pode chegar à v.

perfeita sem o auxílio dos dons do Espírito Santo: 298, 2. As v. teológicas são o meio mais adequado e proporcionado para nos unir a Deus: 248, 1 - exercitam-se com a vontade, mas não é necessário ter delas o sentimento: 248, 2 - purificam as três potências da alma: 349, 2.

Vítima — Jesus é a v. que Se imola continuamente por nós: 166, 1.

A alma oferece-se como v. a Deus quando, renunciando à própria vontade, se conforma totalmente com a de Deus: 166, 2; 213, 2 - o conceito de v. reparadora: *ib.* Não armar em v. perante indelicadezas e injustiças: 351, 2.

Vocação ao cristianismo: 75, 1 - à consagração a Deus: *ib.* - privilégio e gratuidade de tal v.: 75, 2 - correspondência à v.: 76 1 e 2; 322, 2; 386, 1 - progressivo chamamento divino: 76, 2 - todos os dias a v. exige uma nova resposta, uma nova adaptação à graça do momento: 322, 2. Infidelidade à v.: 134, 2; 322, 2 - para ser fiel à v. é preciso eliminar todo o apego: 134, 2. A v. claustral é v. apostólica universal: 324, 2.

Ver: CONSAGRAÇÃO A DEUS.

Vontade de Deus — É a nossa

santificação: 2, 1; 247, 1 - dispõe os acontecimentos da vida para a nossa santificação: 36, 2 - é sempre o melhor para nós: 56, 1.

A conformidade com a v. de D. é a essência da santidade: 5, 1 e 2; 6, 2; 362, 2 - quanto mais as almas gozam por fazer a v. de D. mais perfeitas são: 5, 1 - a v. de D. é o único móbil que faz agir a alma perfeita: 5, 2; 7, 1; 362, 1 - a conformidade com a v. de D. deve ser tal que na alma não exista nada contrário à v. divina, mas que em tudo seja movida só pelo querer divino: 5, 2; 60, 2; 78, 1; 193, 2; 251, 1 - só na v. de D. encontraremos a nossa santificação: 36, 2 - a v. de D. deve tornar-se o único móbil das nossas ações: 99, 2.

Manifestação da v. de D.: 6, 1; 120, 1; 276, 2 - conformidade com a v. de D. mediante a obediência: 120, 2 - v. de D. seguramente manifestada nas ordens dos superiores: 123, 1 e 2; 124, 1 e 2.

Para chegar à plena conformidade com a v. de D. é necessário passar através da purificação: 7, 2; 346, 1 - um dos maiores obstáculos à conformidade com a v. de D. é o apego à própria v.: 120, 2 - não se pode abraçar a v. de D. sem negar a própria: 194, 1 - não se pode estar unido

à v. de D. se não se cumpre com diligência o mandamento da caridade fraterna: 365, 2. A conformidade com a v. de D. é fonte de paz: 33, 2; 36, 2; 363, 2; é a melhor preparação para a comunhão: 207, 1 e 2; e reparação do pecado: 213, 2.

Aceitação da v. de D.: 36, 2; 112, 2 - a v. de D. deve ser a regra da nossa conduta: 60, 2 - a uma maior conformidade com a v. de D. corresponde uma graça maior: *ib*; 78, 1 - o grau de pureza da alma corresponde à conformidade com a v. de D.: *ib* - a alma deve pôr a sua satisfação unicamente em cumprir a v. de D.: 81, 1 - Jesus crucificado diz-nos quanto custa o perfeito cumprimento da v. de D.: 193, 2 - o cumprimento da v. de D. deve ser o fruto da vida cristã: 238, 2 - quem caminha na v. de D. em vez de ser guiado pelo espírito próprio é guiado pelo espírito de Deus: 329, 1 - pura adesão à v. de D. nas provas dolorosas da noite do espírito: 354, 2.

O verdadeiro amor consiste em procurar a v. de D. preferindo-a sempre à própria: 255, 2; 256, 1 - o amor conduz a alma à perfeita conformidade da sua v. com a v. de D.: 362, 1 - toda a alma de boa vontade pode chegar

àquele estado: 363, 1 e 2 - o sim perfeito à v. de D.: 365, 1 e 2.

A alma de vida interior deve esforçar-se por se conformar cada vez mais com a v. de D.: 364, 1.

Ver: UNIAO COM DEUS.

Vontade humana — Deve em tudo conformar-se com a v. de Deus: 5, 1 e 2 - a nossa v. indócil e mesquinha é obstáculo à acção do Espírito Santo: 192, 2 - unir a nossa v. inconstante à imutável v. de Deus: 230, 1.

Qualidades da boa v.: 33, 2. Importância da renúncia à própria v.: 120, 2 - o sacrifício da própria v. é o maior e mais meritório: 121, 2 - quem consagrou a Deus a própria v. mediante a promessa ou o voto de obediência deve vigiar para não retomar o que ofereceu: 122, 2 - quem está apegado à própria v. não é pobre de espírito: 300, 2.

Quanto é dissemelhante a nossa v. da de Deus: 346, 2.

Votos — Para corresponder à vocação não basta emitir os v.: 76, 2.

V. de pobreza: 86, 1 e 2; de castidade: 88, 2; de obediência: 121, 2; 122, 1 e 2.

Ver: CASTIDADE; OBEDIÊNCIA; POBREZA.

Zelo — Ver: APOSTOLADO.

ÍNDICE DO VOLUME

APRESENTAÇÃO	pg. 5
PREFACIO	» 10
ABREVIATURAS	» 17

Do I Domingo do Advento ao V depois da Epifania

O ideal: a santidade, a intimidade com Deus, o apostolado —
O mistério da Incarnação — Jesus: a Sua Pessoa, a Sua Obra,
as nossas relações com Ele — A Igreja — Os sacramentos.

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
1. O Senhor vem de longe (I Dom. do Adv.)	21	11. A procura de Deus	59
2. Chamamento à santidade	24	12. Procurar Deus na oração	62
3. A santidade, plenitude de graça	28	13. Procurar Deus nos deveres quotidianos	66
4. A caridade, essência da santidade	32	14. A Virgem da Incarnação	70
5. Santidade e vontade de Deus	36	15. O Senhor está perto (III Dom. do Adv.)	74
6. A santidade e os deveres de estado	40	16. A guarda dos sentidos	77
7. O monte da perfeição	44	17. O silêncio interior	82
8. O Senhor virá depressa (II Dom. do Adv.)	47	18. Procurar Deus na fé	85
9. A Imaculada Conceição (8 de Dezembro)	51	19. Procurar Deus no amor	89
10. Chamamento à intimidade divina	55	20. Procurar Deus nas criaturas	93
		21. Procurar Deus no meio da actividade	96
		22. Eis que vem o Salvador (IV Dom. do Adv.)	100

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
23. Convite ao apostolado	103	41. A Epifania (6 de Janeiro)	169
24. Apostolado interior .	107	42. A Sagrada Família (I Dom. depois da Epif.)	173
25. A acção apostólica .	111	43. Jesus, a verdadeira vida	176
26. O mistério da Encarnação (22 de Dezembro)	115	44. O Corpo místico de Cristo	180
27. O Verbo fez-Se carne (23 de Dezembro) .	118	45. «Eu sou a vida» . .	184
28. Realiza-se o grande mistério (24 de Dezembro)	122	46. A influência de Jesus	188
29. Apareceu o Salvador (25 de Dezembro) .	126	47. O Espírito de Jesus	191
30. Acreditar no amor (26 de Dezembro) .	129	48. Viver em Cristo .	191
31. Corresponder ao amor (27 de Dezembro) .	133	49. O primeiro milagre de Jesus (II Dom. depois da Epif.) . .	198
32. Glória a Deus (28 de Dezembro)	137	50. «Eu sou a verdade» .	201
33. Paz aos homens (29 de Dezembro) . .	140	51. A doutrina de Jesus	205
34. Sinal de contradição (Dom. dentro da Oit. do Nat.)	144	52. Jesus revela-nos o Pai	208
35. Façamos render o tempo (31 de Dezembro)	148	53. Jesus, Mestre de santidade	212
36. Oitava do Natal (1 de Janeiro)	151	54. As exigências da doutrina de Cristo .	216
37. O nome de Jesus (2 de Janeiro)	155	55. O poder do divino Mestre	219
38. Jesus Mediador (3 de Janeiro)	158	56. Jesus acolhe todos (III Dom. depois da Epif.)	222
39. Jesus, primogénito de de todas as criaturas (4 de Janeiro) . .	162	57. «Eu sou o caminho»	226
40. Jesus Rei universal (5 de Janeiro)	166	58. «Eu estou no Pai» .	229
		59. A oração de Jesus .	233
		60. Jesus e a vontade do Pai	237
		61. As obras de Jesus .	240
		62. Jesus e a glória do Pai	244

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
63. A tempestade acal- mada (IV Domingo depois da Epif.) . . .	247	70. ção (V Dom. depois da Epif.)	272
64. Jesus e os homens . . .	251	71. O baptismo	276
65. Viver Cristo	254	72. O crisma	280
66. Jesus é o nosso tudo . . .	257	73. A penitência	284
67. A Igreja	261	74. A unção dos enfer- mos	288
68. O sacerdócio	265	75. A vocação	292
69. Os sacramentos	268	76. Correspondência à vocação	296
70. O vínculo da perfei-			

Do Domingo da Septuagésima ao Sábado Santo

A purificação dos sentidos e o exercício da abnegação. A luta
contra o pecado — A Paixão de Jesus.

77. Novo programa (Dom. da Septuagésima)	303	92. A mortificação cor- poral	359
78. Necessidade da puri- ficação interior	306	93. Em união com Jesus crucificado	363
79. Os apegos voluntários	310	94. As cinzas	366
80. A essência do desa- pego	314	95. A morte	370
81. O caminho do nada	318	96. A prova de amor	374
82. Regras do desaparego	322	97. O espírito de morti- ficação	378
83. A noite dos sentidos	326	98. O grande combate (I Dom. da Quares- ma)	381
84. A semente divina (Dom. da Sexagés.)	330	99. A conversão	385
85. Pobreza evangélica	334	100. O pecado	389
86. A pobreza voluntária	337	101. O pecado venial	392
87. O espírito de pobre- za	341	102. A imperfeição	396
88. A castidade	344	103. O exame de cons- ciência	400
89. A modéstia	348	104. A confissão	404
90. A castidade do co- ração	352	105. A Transfiguração (II Dom. da Quaresma)	408
91. A predição da Paixão (Dom. da Quinquag.)	356	106. A humildade	412

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
107. O nosso lugar . . .	415	125. Dificuldades da obediência	484
108. Humildade e confiança	419	126. Jesus perseguido (I Dom. da Paixão . .	488
109. Humildade nas quedas	423	127. O valor do sofrimento	492
110. As humilhações . .	427	128. A paciência	496
111. A humildade do coração	431	129. A cruz quotidiana .	500
112. O poder de Jesus (III Dom. da Quaresma)	435	130. Sofrimento e abandono	504
113. O último lugar . .	439	131. As sete dores de Maria (Sexta-feira da Paixão)	508
114. A vida escondida .	442	132. O amor à cruz	511
115. Esconder-se a si mesmo	446	133. O triunfo de Jesus (II Dom. da Paixão)	515
116. Esconder-se com Cristo em Deus	450	134. A ceia de Betânia (Segunda-feira Santa)	519
117. A glória verdadeira .	454	135. O manso Cordeiro (Terça-feira Santa)	523
118. Não se desculpar .	458	136. O homem das dores (Quarta-feira Santa)	527
119. A multiplicação dos pães (IV Dom da Quaresma)	462	137. O dom do amor (Quinta-feira Santa)	531
120. O valor da obediência	466	138. O mistério da cruz (Sexta-feira Santa)	535
121. «Vem e segue-me» .	469	139. A vitória da cruz (Sábado Santo) . .	539
122. A livre imolação da liberdade	473		
123. Obediência sobrenatural	477		
124. Obediência cega . .	481		

Do Domingo da Ressurreição à Festa da SS.ma Trindade

A vida de oração: oração vocal e mental, desenvolvimento da oração contemplativa, oração litúrgica — Nossa Senhora: os seus privilégios e as suas virtudes — O Espírito Santo e a Sua acção em nós.

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
140. A Páscoa do Senhor (Dom. da Ressurrei- ção)	547	160. Vida de oração . . .	624
141. Ficai connosco (Se- gunda-feira de Pás- coa)	551	161. Peregrinos de Deus (III Dom. depois da Páscoa)	628
142. «A quem procuras?»	554	162. Exercício da presen- ça de Deus	631
143. A água viva	558	163. Espírito de fé	635
144. Deus convida a todos	562	164. A oração litúrgica . . .	639
145. A nossa preparação . . .	566	165. A Santa Missa	643
146. A oração	570	166. Participação na San- ta Missa	647
147. Frutos pascaes (Dom. in Albis)	573	167. O Ofício divino	651
148. A oração vocal	577	168. A grande promessa (IV Dom. da Páscoa)	654
149. A leitura meditada	581	169. Maria, guia e modelo	658
150. A meditação	585	170. A escrava do Senhor	662
151. O trato intimo com Deus	589	171. A esposa do Espírito Santo	665
152. Oração de recolhi- mento	593	172. A Mãe de Deus	669
153. A aridez	597	173. A nossa Mãe	673
154. O bom Pastor (II Dom. depois da Pás- coa)	601	174. Vida mariana	677
155. Aridez e progresso	604	175. A oração eficaz (V Dom. depois da Pás- coa)	680
156. Decisão enérgica	608	176. A humildade de Ma- ria	684
157. Aridez e contempla- ção	612	177. A fé de Maria	688
158. Atenção amorosa a Deus	616	178. A esperança de Maria	691
159. Conduta prática	620		

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
179. A Ascensão do Senhor (Quinta-feira da V Sem. depois da Páscoa)	695	Pent.)	733
180. O desenvolvimento da caridade em Maria	699	190. A acção do Espírito Santo	737
181. Maria e a caridade fraterna	702	191. As iniciativas do Espírito Santo	741
182. Na expectativa (Dom. depois da Ascensão)	706	192. A nossa colaboração	744
183. A oração de Maria	710	193. O Espírito Santo conforma-nos com Cristo	748
184. O apostolado de Maria	714	194. O Caminho da cruz	752
185. Maria Medianeira	718	195. Os dons do Espírito Santo	756
186. O Espírito Santo	722	196. Festa da SS.ma Trindade (I Dom. depois do Pent.)	760
187. O Espírito de Cristo	726	197. As virtudes e os dons	763
188. Doce Hóspede da alma	729	198. O Espírito Santo e a oração	767
189. A vinda do Espírito Santo (Dom. do		199. O Espírito Santo e a actividade	771

Desde a festa do Corpo de Deus ao IX Domingo depois do Pentecostes

A Eucaristia — O Sagrado Coração de Jesus — A SS.ma Trindade — As perfeições divinas — As virtudes teologais

200. Festa do Corpo de Deus (Quinta-feira depois da Trindade)	777	204. Mistério de esperança	791
201. A presença real	781	205. O mistério de amor	795
202. Mistério de fé	785	206. O sacramento de união	799
203. O convite para o banquete (II Dom. depois do Pent.)	788	207. Disponhamo-nos para a união	803

<i>med.</i>	<i>pg</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
208. Festa do S. Coração de Jesus (Sexta-feira da II sem. d. Pent.)	806	227. As perfeições divinas	877
209. A devoção ao Coração de Jesus . . .	810	228. A essência divina .	881
210. O amor misericordioso (III Dom. depois do Pent.)	813	229. A simplicidade divina	885
211. Corresponder ao amor	817	230. Imutabilidade e eternidade de Deus . .	889
212. A consagração ao Coração de Jesus	821	231. A compaixão de Jesus (IV Dom. depois do Pent.)	892
213. A reparação	824	232. A bondade infinita .	897
214. O Coração de Jesus, nosso modelo . . .	828	233. A bondade infinita difunde-se	901
215. O Coração de Jesus, nosso refúgio	832	234. A sabedoria infinita	904
216. O Sagrado Coração e a Eucaristia	835	235. O amor infinito . .	908
217. Confiança inabalável (IV Dom. depois do Pent.)	839	236. A misericórdia infinita	912
218. Permanecer em Cristo	843	237. A justiça infinita .	916
219. Da Eucaristia à Trindade	846	238. Frutos de vida (VII Dom. dep. do Pent.)	919
220. O mistério trinitário	850	239. A divina providência	923
221. Em presença da Trindade	854	240. A onipotência infinita	927
222. A Trindade em nós .	858	241. A fé	931
223. As efusões da Trindade na alma	862	242. O claro-escuro da fé	934
224. Concórdia fraterna (V Dom. depois do Pent.)	866	243. O poder da fé	939
225. Viver com a Trindade	870	244. Fé vivida	942
226. A glória da SS.ma Trindade	874	245. As nossas riquezas (VIII Dom. depois do Pent.)	946
		246. A esperança	950
		247. O motivo da esperança	954
		248. A prova da esperança	958
		249. Esperança limitada	961

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
250. A caridade	965	253. O preceito da caridade	976
251. Amor de amizade .	969	254. A excelência da caridade	981
252. Correspondência à graça (IX Dom. depois do Pent.) . .	973	255. O acto de amor . .	985
		256. Vida de amor . . .	989

Do X ao XVIII Domingo depois do Pentecostes

A caridade fraterna — As virtudes morais — Os dons do Espírito Santo — As bem-aventuranças.

257. A caridade fraterna .	995	271. Amor do próximo e amor de Deus . . .	1049
258. O motivo da caridade fraterna . . .	998	272. A prudência	1052
259. Caridade e humildade (X Dom. depois do Pent.)	1002	273. O bom samaritano (XII Dom. depois do Pent.)	1056
260. A extensão da caridade fraterna . . .	1006	274. Julgar com prudência	1059
261. A medida da caridade fraterna . . .	1009	275. Prudência e rectidão	1063
262. O mandamento novo	1014	276. A diligência	1067
263. Não julgueis . . .	1018	277. A justiça	1070
264. «Sede misericordiosos»	1021	278. Fome e sede de justiça	1073
265. O manto da caridade	1025	279. A justiça perfeita .	1077
266. A graça do baptismo (XI Dom. depois do Pent.)	1029	280. Os dez leprosos (XIII Dom. dep. do Pent.)	1080
267. Levar os fardos uns dos outros	1033	281. Justiça e religião .	1084
268. A caridade não é egoísta	1037	282. Piedade e devoção .	1088
269. A caridade adapta-se a tudo	1041	283. A gratidão	1092
270. A doçura	1045	284. A sinceridade . . .	1096
		285. A simplicidade . .	1100
		286. A fortaleza	1104
		287. Os dois reinos (XIV Dom. dep. do Pent.)	1107
		288. A coragem	1111

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
289. A magnanimidade	1115	304. O dom de piedade	1170
290. A generosidade	1118	305. Bem-aventuradas os	
291. Fortaleza e paciência	1122	mansos	1174
292. O exercício da paciência	1125	306. O dom de conselho	1178
293. A perseverança	1129	307. Bem-aventurados os	
294. Jesus nossa vida (XV		misericordiosos	1181
Dom. depois do		308. A união fraterna	
Pent.)	1133	(XVII Dom. depois	
295. Perseverança e con-		do Pent.)	1185
fiança	1137	309. O dom de ciência	1189
296. A temperança	1141	310. Bem-aventurados os	
297. A mansidão	1144	que choram	1193
298. O progresso espiri-		311. O dom de entendi-	
tual	1148	mento	1197
299. O dom de temor	1152	312. Bem-aventurados os	
300. Bem-aventurados os		puros de coração	1200
pobres de espírito	1155	313. O dom de sabedoria	1204
301. As características da		314. Bem-aventurados os	
alma cristã (XVI		pacíficos	1208
Dom. dep. do Pent.)	1159	315. O poder e o amor de	
302. O dom de fortaleza	1163	Jesus (XVIII Dom.	
303. Bem-aventurados os		depois do Pent.)	1212
que têm fome	1167	316. Ao encontro do Es-	
		pírito Santo	1215

No XIX ao último Domingo depois do Pentecostes

O apóstolado: dever, formação, preparação, exercício — União com Deus: purificação do espírito; desenvolvimento do amor. união da vontade, união total.

317. O zelo pelas almas	1220	321. A alma do aposto-	
318. O dever do aposto-		lado	1236
lado	1224	322. O convite divino	
319. Colaboradores de		(XIX Dom. depois	
Deus	1228	do Pent.)	1240
320. Sentir com Cristo	1231	323. O ideal apostólico	1244

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
324. As diversas formas de apostolado . . .	1248	apostolado	1327
325. A oração apostólica	1252	345. A união com Deus	1331
326. A imolação apostólica	1256	346. O caminho da união	1335
327. O apostolado do exemplo	1259	347. A noite do espírito .	1339
328. As obras apostólicas	1263	348. O amor purificador	1342
329. Rumo à Pátria (XX Dom. dep. do Pent.)	1267	349. A caminho de uma purificação total .	1346
330. A formação dos Apóstolos	1271	350. Desígnios de paz e amor (XXIII Dom. depois do Pent.) .	1350
331. Santificar-se no apostolado	1275	351. Purificação passiva	1355
332. Pureza de intenção	1279	352. Provas interiores .	1359
333. Esquecimento e negação de si próprio	1283	353. Angústias e trevas	1363
334. Humildade no apostolado	1287	354. Confiança e abandono	1367
335. Virtudes humanas e caridade apostólica .	1291	355. O desenvolvimento do amor	1371
336. O perdão (XXI Dom. depois do Pent) . .	1295	356. Amor estimativo .	1375
337. Valores humanos ao serviço do apostolado	1299	357. O grão de mostarda (XXIV Dom. depois do Pent. - VI depois da Epifania) . .	1379
338. A esperança apostólica	1303	358. Amor intrépido e impaciente	1383
339. Os progressos no apostolado	1308	359. Amor humilde e reverente	1387
340. Maturidade apostólica	1312	360. Amor activo e forte	1391
341. Paternidade e maternidade espirituais .	1315	361. Amor unitivo . . .	1395
342. Marta e Maria . . .	1319	362. A união da vontade .	1399
343. Os nossos deveres (XXII Dom. depois do Pent.)	1323	363. O auxílio divino .	1402
344. O Espírito Santo e o		364. O fim dos tempos (último Dom. depois do Pent.)	1406
		365. O sim perfeito . . .	1410
		366. O dom recíproco .	1414
		367. A união total . . .	1418
		368. O triunfo do amor .	1421
		369. O amor transformante	1425
		370. A intimidade divina	1429

F E S T A S F I X A S

<i>med.</i>	<i>pg.</i>	<i>med.</i>	<i>pg.</i>
9.	A Imaculada Conceição (8 de Dezembro) 51	131.	As sete dores de Maria (15 de Setembro) 508
371.	A Purificação de Maria (2 de Fevereiro) 1437	382.	A Maternidade de Rosário (7 de Outubro) 1475
	Igreja de S. José, Padroeiro da Igreja (19 de Março) 1440	382.	A Maternidade de Maria (11 de Outubro) 1478
	Viagem de fé em S. José 1444	383.	Festa de Cristo Rei (Último Domingo de Outubro) 1482
	A Anunciação de Maria (25 de Março) 1447	384.	Festa de Todos os Santos (1 de Novembro) 1486
375.	Festa de S. Pedro e S. Paulo (29 de Junho) 1452	385.	Comemoração dos fiéis defuntos (2 de Novembro) 1490
376.	O Preciosíssimo Sangue (1 de Julho) 1455	386.	Apresentação de Maria no templo (21 de Novembro) 1494
377.	A Visitação de Maria a Isabel (2 de Julho) 1460		
378.	Nossa Senhora do Carmo (16 de Julho) 1464		
379.	A Assunção de Maria (15 de Agosto) 1467		
380.	A Natividade de Maria (8 de Setembro) 1471		